Revista Cristã
Última Chamada

A PAROUSIA

J. Stuart Russell

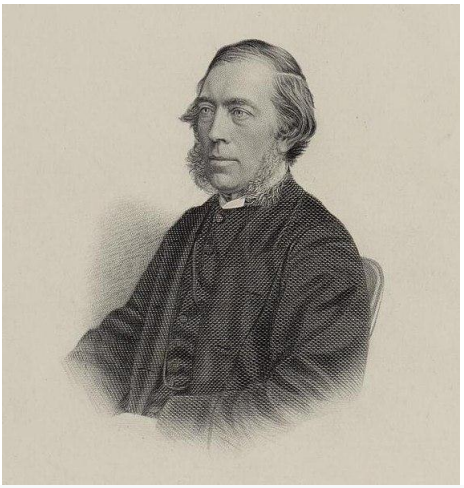
2ª Edição Ampliada

A doutrina do Novo Testamento sobre
a Segunda Vinda do Senhor

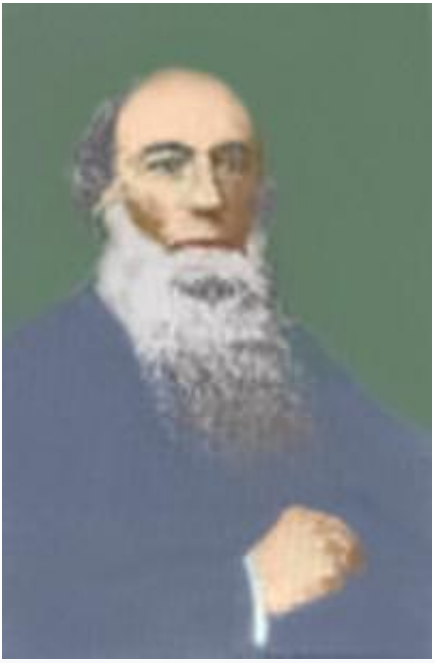
O últimos dias como você nunca ouviu falar!

- Arrebatamento
- Fim do mundo
- Guerras
- Grande Tribulação
- Milênio
- Preterismo
- Pós-milenismo

www.revistacrista.org



Retrato de Russell por John Cochran



James Stuart Russell - Fotografia sem data, colorida por Virgil Vaduva

A PAROUSIA

Um olhar cuidadoso sobre a doutrina do Novo Testamento da Segunda Vinda de Nosso Senhor

---

James Stuart Russell
MA, D. Div. (1816-1895)

2ª Edição Ampliada

Tradução e comentários adicionais
Mateus Fonseca Souza

Revista Cristã
Última Chamada
– Setembro de 2020 –

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal
Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298
Operação: 013
Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br
contato@revistacrista.org

_____

A Parousia
Um olhar cuidadoso da doutrina do Novo Testamento
da Segunda Vinda do Nosso Senhor

Autor: James Stuart Russell (1816-1895)
Tradução e Comentários adicionais: Mateus Fonseca Souza
E-mail do tradutor: mateusfonsecasouza@gmail.com
Site: arquivopreterista.blogspot.com

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem da internet)

Revista Cristã Última Chamada
- 2ª Edição Ampliada - Fevereiro de 2021 –

Sobre o Copyright © desta obra:
Devido ao ano que foi escrito, este livro está em domínio público nos EUA. Esta tradução do livro *The Parousia* é a primeira a ser realizada em língua portuguesa. Esta tradução está protegida pela LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998. De acordo com esta Lei de Direito Autorais, esta tradução é uma obra "inédita - a que não haja sido objeto de publicação;" (Art. 5º, inc. VIII, d); "derivada - a que, constituindo criação intelectual nova, resulta da transformação de obra originária;" (Art. 5º, inc. VIII, g).

_____

Revista Cristã Última Chamada publicada com a devida autorização e com todos os direitos reservados no Escritório de Direitos Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Fevereiro de 2021
Londrina - Paraná

Livro do Ano Congregacional de 1896. O texto foi ligeiramente editado. As referências das escrituras dos algarismos romanos foram convertidas para o árabe.

*** Os comentários em letra azul foram adicionados a fim de enriquecer o material e não fazem parte da obra original.**

CONTEÚDO

Sobre o Tradutor 20
Este e-book não defende o Preterismo Completo 21
Prefácio do Tradutor 23
Sobre a Obra e Autor 26
Alto Elogio para James Stuart Russell 29
Prefácio ao livro 31

INTRODUÇÃO

1. As últimas palavras da profecia no Antigo Testamento 34
O livro de Malaquias 34
O intervalo entre Malaquias e João Batista 39

PARTE I

A Parousia nos Evangelhos 41

1. A Parousia prevista por João Batista 41

2. O ensinamento de Nosso Senhor sobre a Parousia nos Evangelhos sinópticos 44
Previsão da ira que vem naquela geração 45
Alusões adicionais à ira 48
O destino iminente da nação judaica 50
O fim do mundo ou o fim da dispensação judaica? 51
A vinda do Filho do Homem (a Parousia) durante a vida dos apóstolos 55
A Parousia tem lugar durante a vida dos discípulos 58
A vinda do Filho do Homem, segura e pronta 63
A recompensa dos discípulos na era vindoura 66

3. Indicações proféticas da consumação que se aproxima e a vinda do reino de Deus 68
I. Parábola das minas 68
II. A lamentação de Jesus sobre Jerusalém 72
III. A parábola dos lavradores maus 73
IV. Parábola do casamento do filho do rei 77
V. Aflições denunciadas aos escribas e fariseus 79
VI. Lamentação (segunda) de Jesus sobre Jerusalém 82
VII. A profecia do Monte das Oliveiras 86
Sinais e a manifestação do fim do mundo em geral 93
Sinais do fim do mundo em particular 94
O Fim Real do Mundo (versos 24-31) 96

4. Consideração da profecia do Monte das Oliveiras 99
I. Questões dos discípulos 99
- Resposta de Nosso Senhor aos discípulos 101
(a) Eventos que mais remotamente precedem a consumação 101
(b) Mais indicações sobre a condenação próxima de Jerusalém 106
(c) Discípulos advertidos contra os falsos profetas 110
(d) A chegada do "fim" ou a catástrofe de Jerusalém 112
(e) A Parousia deve ocorrer na geração atual 121
(f) Certeza da consumação, mas incerteza de sua data exata 128
(g) A rapidez da Parousia e o chamado para estar vigilante 129
(h) Os discípulos são advertidos sobre a rapidez da Parousia (parábola do mordomo fiel) 134

II. Resposta de Nosso Senhor aos discípulos (continuação) 137
(i) A Parousia, um tempo de julgamento para amigos e inimigos de Cristo (Parábola das virgens prudentes e virgens loucas) 137
(j) A Parousia, um tempo de julgamento (Parábola dos talentos) 140

(k) A Parousia, um tempo de julgamento (Parábola das ovelhas e dos bodes) 142

5. O ensinamento de Nosso Senhor sobre a Parousia nos Evangelhos sinópticos (continuação) 159
Declaração de Nosso Senhor diante do sumo sacerdote 159
Previsão das desgraças que vêm sobre Jerusalém 161
Oração do ladrão arrependido 163
Comissão Apostólica 164

- Leitura Complementar Adicional - Indicações proféticas da consumação que se aproxima 167
- Apêndice Adicional - A Destruição de Jerusalém - George Peter Holford 1805 168

6. A Parousia no Evangelho de João 212
A ressurreição dos mortos 212
A ressurreição, o julgamento e o último dia 216
O julgamento deste mundo e do príncipe deste mundo 219
O retorno de Jesus (a Parousia) em pouco tempo 224
João tem que viver até a Parousia 229
Resumo do ensinamento dos Evangelhos 232

Apêndice da Parte I 234
Nota A: Sobre a teoria da interpretação do duplo sentido 234
(a) A teoria do duplo sentido desestabiliza toda a interpretação 236
(b) Tipologia e duplo sentido da linguagem não devem ser confundidos 237

(c) A plenitude sugestiva da Escritura não é prova de um duplo sentido 238
(d) Nenhuma designação enganosa de tempo na profecia 239
(e) Mil anos como um dia 240
(f) Falácias da teoria da perspectiva profética de Bengel 241
(g) Tantas falácias quanto sentenças 242
(h) Aplicações práticas da profecia podem ser muitas 243
(i) Noções equivocadas da própria Bíblia, causa de falsa exposição 243
Nota B: Sobre o Elemento Profético nos Evangelhos 245

PARTE II

A Parousia nos Atos e nas Epístolas 247

1. Nos Atos dos Apóstolos 247
A vinda do reino de Deus (na Parousia) 247
"Ir" e "Retornar novamente" 251
Os Últimos Dias chegaram 253
A destruição desta geração 255
A Parousia e a restauração de todas as coisas 255
Atitude dos cristãos primitivos em relação à Parousia 259
Cristo em breve julgará o mundo 261
A esperança da ressurreição (na Parousia) 263

2. Na Primeira Epístola aos Tessalonicenses 268
Introdução 268
A Primeira Epístola aos Tessalonicenses 271
O Evangelho é anunciado em todo mundo 272
Expectativa da rápida Vinda de Cristo 273
A Ira contra o povo Judeu 276
A relação entre a Parousia e os discípulos de Cristo 277

Cristo virá com todos os seus santos 278
Eventos que acompanham a Parousia 280
O Dia do Senhor e exortações para a repentina destruição 291
Oração pelos Tessalonicenses para sobreviver até a Vinda de Cristo 293

3. Na Segunda Epístola aos Tessalonicenses 293
A Segunda Epístola aos Tessalonicenses 293
A Parousia, um tempo de julgamento contra os inimigos de Cristo e de libertação do seu povo 294
Eventos que devem preceder a Parousia 296
1. Apostasia 303
2. O homem do pecado 304

4. Na Primeira Epístola aos Coríntios 315
A Primeira Epístola aos Coríntios 315
Atitude dos cristãos de Corinto em relação ao "Dia do Senhor" 316
O caráter judicial do "Dia do Senhor" (1 Co. 3:13) 319
O caráter judicial do "Dia do Senhor" (1 Co. 4:5) 321
O Julgamento do mundo 322
A Ressurreição dos discípulos do Senhor 323
A Proximidade da consumação 324
Alcançando o prêmio na Parousia 326
O fim dos tempos já chegou 327
Os Corintos devem anunciar a morte do Senhor até que ele venha 329
A vinda do estado perfeito na Parousia 335
Eventos que acompanham a Parousia 337
Os vivos (os santos) são transformados na Parousia 346
A Parousia e a "última trombeta" 351

A senha apostólica, "Maran-atha" - O Senhor Vem 352

5. Na segunda Epístola aos Coríntios 353
Antecipações do "fim" e "o dia do Senhor" 354
Os mortos em Cristo serão apresentados junto com os vivos na Parousia 354
Expectativa da futura bem-aventurança na Parousia 356

6. Na Epístola aos Gálatas 359
"A presente Era do Mal" 360
As Duas Jerusalém, a Antiga e a Nova 362

7. Na Epístola aos Romanos 363
O Evangelho é anunciado em todo mundo 363
O Dia da Ira 364
A vivificação dos vivos 365
A Escatologia de São Paulo 366
Israel na Escatologia Paulina 377
Proximidade da salvação vindoura 382
O Tribunal de Cristo 385
Perspectiva de libertação próxima 387

8. Na Epístola aos Colossenses 387
O Evangelho é anunciado em todo mundo 388
A Herança dos santos 389
Os rudimentos do mundo 390
A manifestação aproximada de Cristo 391
A aproximação da ira 392

9. Na Epístola aos Efésios 393

A dispensação da plenitude dos tempos 393
O dia da redenção 398
A gloriosa herança dos santos 399
A era presente e a era vindoura 400
As eras vindouras 401
O estado perfeito e glorioso 401

10. Na Epístola aos Filipenses 402
O dia de Cristo 402
O estado melhor da vida futura 403
A extraordinária ressurreição dentre os mortos 405
O destino dos inimigos de Cristo 407
A expectativa da Parousia 407
A proximidade da Parousia 408

11. Na Primeira Epístola a Timóteo 408
Apostasia dos últimos dias 409
Tabela Escatológica de passagens relacionadas com os últimos tempos 410
Descrição da apostasia 415
Sinopse das passagens relativas a apostasia 416
Conclusão relativa à apostasia 422
Timóteo e a Parousia 423
A Apostasia já se manifesta 426

12. Na Segunda Epístola a Timóteo 426
"Aquele dia", o dia do Senhor 427
A heresia de Himeneu e Fileto 428
Apostasia dos últimos dias é iminente 433
Antecipações do fim que se aproxima 436
A promessa de ser levado em segurança ao reino celestial 437

13. Na Epístola a Tito 438
A atitude dos cristãos primitivos no "presente século" ou Aeon 439
Antecipação da Parousia 439

14. Na Epístola aos Hebreus 440
Os últimos dias já chegaram 441
As eras, idades ou períodos mundiais 442
O mundo vindouro ou a nova ordem 444
O fim, ou seja, da era ou aeon 445
A promessa do repouso de Deus 446
A era vindoura 451
O tempo da Reforma 452
O fim das eras 456
O Julgamento particular 456
Expectativa da Parousia 459
A Parousia é próxima 459
A Parousia é iminente 461
A Parousia e os santos do Antigo Testamento 462
A grande consumação está próxima 473
A Proximidade da consumação da era 475
A expectativa da Parousia 479

15. Na Epístola de Tiago 480
A relação entre a Parousia e os discípulos de Cristo 481
Os últimos dias vieram 481
A proximidade da Parousia 484

16. Na Primeira Epístola de Pedro 487
A salvação prestes a ser revelada no último tempo 488
A revelação de Jesus Cristo é próxima 489
Relação entre a redenção de Cristo e o mundo antediluviano 490
A proximidade do julgamento e o fim de todas as coisas 496
A boa notícia anunciada aos mortos 500
O teste de fogo e a glória vindoura 507

O tempo do julgamento chegou 508
A glória prestes a ser revelada 510

17. Na Segunda Epístola de Pedro 511
Entrando no reino eterno do Senhor 512
A certeza da Parousia 512
Falsos profetas 513
Os escarnecedores nos últimos dias 514
A escatologia de São Pedro 515
Certeza da proximidade da consumação 517
A Parousia será repentina 520
Atitude dos cristãos primitivos em relação à Parousia 520
Os novos céus e nova terra 521
A proximidade da Parousia e a razão da diligência 522
Os crentes não devem ser desencorajados pela aparente demora da Parousia 522
A alusão de Pedro ao ensino de Paulo no tocante a Parousia 523

18. Nas Epístolas de João 525
Na primeira epístola de João 525
O mundo está passando: é a última hora 525
O anticristo veio; uma prova de que é a última hora 527
O anticristo não é uma pessoa, mas um princípio 529
Sinais distintivos do anticristo 531
Antecipação da Parousia 532

19. Na Epístola de Judas 533
A apostasia chegou 534
A Parousia transmitida por Enoque 536

Apêndice da parte II 537
Nota A - O reino dos céus, ou o reino de Deus 537
Nota B - Sobre "Babilônia" de 1 Pedro 5:13 550

Nota C - Sobre o simbolismo da profecia 556
Nota D - Dr. Owen sobre "os novos céus e nova terra" 562
Nota E - Rev. FD Maurice sobre a "última hora" (1 João 2:18) 565
- Apêndice Adicional - O Período de Transição 572

PARTE III

A Parousia no Apocalipse 594

1. O Apocalipse 594
Interpretação do Apocalipse 595
Limitação de tempo no apocalipse 596
Data do Apocalipse 601
Verdadeiro significado do Apocalipse 604
Estrutura e plano do Apocalipse 606
O número sete no apocalipse 609
O Tema do Apocalipse 610
O Prólogo 611

2. A primeira visão 612
As mensagens das sete igrejas 612

3. A segunda visão 615
Os sete Selos 615
Abertura do Primeiro Selo 618
Abertura do Segundo Selo 619
Abertura do Terceiro Selo 620
Abertura do Quarto Selo 623
Abertura do Quinto Selo 625
Abertura do Sexto Selo 628
Episódio do Selamento dos Servos de Deus 633

4. A terceira visão (parte I) 638
As sete trombetas 638
Abertura do sétimo selo 638

As quatro primeiras trombetas 639
A quinta trombeta 642
A sexta trombeta 646

5. A terceira visão (parte II) 649
Episódio do anjo e o livro aberto 649
A Medição do templo 656
Episódio das duas testemunhas 663
A sétima trombeta 678

6. A quarta visão 681
As sete figuras místicas 681
1. A Mulher vestida com o Sol 682
2. O Grande Dragão Vermelho 684
3. O Filho do Sexo Masculino 685
4. A Primeira Besta Selvagem 691
O Número da Besta 697
5. A Segunda Besta Selvagem 700
6. O Cordeiro no Monte Sião 704
7. O Filho do Homem na nuvem 707

7. A quinta visão 710
As sete taças 710

8. A sexta visão (parte I) 718
A cidade prostituta 718

9. A sexta visão (parte II) 734
Mistério da Besta Escarlate 734
Os Sete Reis 736
Os dez chifres da besta 738
(Nota sobre Apocalipse 17) 741

10. A sexta visão (parte III) 743
A Queda da Babilônia 743

O Julgamento da besta e seus poderes confederados 747
O Julgamento do Dragão 751
O Reino dos Santos e Mártires 757
A soltura de Satanás após os mil anos 760
A Catástrofe da Sexta Visão 762

11. A sétima visão 764
A santa cidade, ou a Noiva 764
Prólogo à Visão 765
A Cidade Santa descrita 768
Epílogo 769

12. Resumo e Conclusão 776

Apêndice da parte III 792
Nota A - Reuss sobre o "número da besta" 792
Nota B - Dr. J. M. Macdonald's "Vida e Escritos de João" 797
Nota C - Bispo Warburton sobre a "Profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras" e o "Reino dos Céus" 800
- Apêndice adicional - Robert Morey "Sheol, Hades e Gehenna" 802

13. Pós-Escrito de Russell 831
Prefácio à nova edição 831
Dollinger sobre "O Homem do Pecado" 832
A Babilônia do Apocalipse 833
Jerusalém, uma cidade de sete colinas 834
A questão crucial 835
A verdadeira solução 839

- Crítica de Charles Augustus Briggs e Resposta de Russell 842
- Posfácio R. C. Sproul 850
- Posfácio do Tradutor 854
- Leitura Complementar Adicional 858
- Relações Igreja-Estado no livro do Apocalipse 859

Sobre o Tradutor

Mateus Fonseca nasceu em 5 de novembro de 1993 e é natural da cidade de Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro. É membro da igreja Batista daquela cidade. Estudioso do Preterismo e também colaborador da Revista Cristã Última Chamada, atualmente, mantém o blog Arquivo Preterista que possui materiais de estudos sobre a interpretação preterista da profecia Bíblica.

Email: mateusfonsecasouza@gmail.com
Site: arquivopreterista.blogspot.com

Este e-book não defende o Preterismo Completo

Na página 20 de meu e-book, *Refutando o Preterismo Completo*, escrevi que "até mesmo o estudioso preterista completo, o estudioso J. Stuart Russell, admitiu que Atos 1:9-11 ensina sobre uma vinda literal de Cristo". Chamei Russell de preterista completo porque naquele tempo da escrita desse e-book eu estava seguindo o raciocínio do pastor Brian Schwertley. O que pude notar é que muitos de nós que tivemos contato com a obra *The Parousia* de Russel, não demos muita atenção a alguns pormenores. Por nos concentrarmos demais sobre a ideia de que Russell foi um preterista completo, acabamos ignorando certos pontos bem sutis.

Um pouco mais contextualizado na obra de Russell, o que posso dizer hoje aos meus leitores é que vocês podem discordar de seu livro *The Parousia*; mas não poderão chamá-lo de preterista completo. Apesar de ensinar que a ressurreição e a segunda vinda de Cristo se cumpriu no primeiro século da era cristã, Russell deixa em aberto os acontecimentos restantes de Apocalipse 20 para cumprimento em um futuro indefinido, os quais incluem juízo final e uma ressurreição. Russell também é ortodoxo na questão sobre a natureza da ressurreição e da segunda vinda, algo negado pelo moderno Preterismo Completo.

A obra de Russell é recomendada por teólogos famosos, como R. C. Sproul, Gary DeMar, David Chilton, Kenneth Gentry Jr. e tantos outros estudiosos do Preterismo Parcial. Para quem sabe aproveitar bem uma obra rica como esta, sem ser dogmático agarrando-se a qualquer ideia, mas retendo o que é bom, recomendo a leitura deste e-book.

É com muita satisfação que apresento pela primeira vez no Brasil não somente este e-book em si, mas com acréscimos de comentários adicionais produzidos por Mateus Fonseca, tradutor e escritor do blog Arquivo Preterista.

Boa leitura.

César F. Raymundo
Editor da
Revista Cristã
Última Chamada

PREFÁCIO
- MATEUS FONSECA[1] -

Para os estudantes da profecia e da escatologia bíblica, a palavra "Parousia" é uma palavra familiar, é uma referência à Segunda Vinda de Cristo. J.S. Russell examina todos os textos significativos do Novo Testamento sobre a volta de Cristo, para ver quando isso ocorreria e como seria. Ele chegou a conclusão que a Segunda Vinda ocorreu no primeiro século com a destruição de Jerusalém em 70 dC, e por isso sua visão é conhecida como "Preterista". De acordo com o Dicionário Webster's Unabridged, um Preterista é "um teólogo que acredita que as profecias do Apocalipse já foram cumpridas".

Mas que diferença isso faz? A verdade é que tudo que é crucial para o Cristianismo está em risco. A Deidade de Cristo, a integridade dos apóstolos e profetas e a inspiração do Novo Testamento estão em jogo. Como assim? Jesus e os escritores do NT repetidamente fazem previsões restritas de tempo sobre Seu retorno e os outros eventos do tempo do fim. Eles não apenas sugerem que a Parousia de Cristo pode ocorrer em seu tempo vida (isto é, em sua geração), mas eles afirmam isso inequivocamente. Liberais, céticos e críticos judeus / islâmicos usam essas "declarações de tempo" para desacreditar Jesus e o Novo Testamento. Homens inspirados não podem cometer erros. Uma vez que Jesus e os escritores do NT previram que o retorno de Cristo ocorreria em sua geração, e isso supostamente não aconteceu, eles assumem que Jesus e os escritores do NT estavam enganados. Na verdade, se não podemos confiar em suas declarações proféticas, não podemos confiar em nada mais que eles dizem. O cristianismo ficará totalmente desacreditado se essas previsões falharem em se materializar exatamente como foi profetizado.

Mas quais são esses "textos temporais"? Mateus 16:27-28 é um bom exemplo. Este livro trata de cada um deles. Eles não se enganaram

[1] Esse prefácio foi baseado no prefácio de Ed Estevens a The Parousia.

quando previram o retorno de Cristo em seus dias, realmente ocorreu em 70 dC. Os teólogos que estudam a profecia do tempo do fim consideram o livro de Russell uma defesa clássica da visão preterista. É este livro, mais do que qualquer outro, que moveu tantos em direção ao Preterismo. Muitos na fé reformada (por exemplo, R. C. Sproul, Sr., David Chilton, Gary DeMar, Ken Gentry, Gary North, Jim Jordan, et al) creditam o livro de Russell como tendo um impacto significativo em suas visões escatológicas.

Até este livro aparecer em 1878, o Preterismo tinha pouca sistematização. Este livro iniciou esse processo e continua sendo uma das explicações mais consistentes e abrangentes do Preterismo disponíveis. A visão preterista floresceu na Alemanha e na Grã-Bretanha. Mas a América, ainda se recuperando da guerra civil, deu pouca atenção. Em termos globais, seu impacto ainda é marginal, mas teve um crescimento significativo nos últimos dez anos, e a Internet é um dos grandes fatores que o estimulam. O que a imprensa de Gutenberg fez pela reforma protestante, a Internet fez pela reforma preterista.

A Internet é o lugar perfeito para publicar materiais úteis como este. Um dos primeiros livros a serem postados em sites preteristas foi The Parousia de James Stuart Russell. Este livro está destinado a permanecer um clássico Preterista. Russell fez um trabalho notável de interpretação em comparação com os séculos anteriores. Ele apontou o caminho em uma série de áreas que apenas agora estamos começando a desenvolver ainda mais. Ele dedicou mais de 170 páginas ao livro do Apocalipse. Uma de suas melhores declarações está aí. Ele usa as declarações de "tempo" nos primeiros três versículos do Apocalipse para mostrar o quão crucial é a data de escrita para a interpretação do livro: "Pode-se dizer que a chave está o tempo todo pendurada na porta, claramente visível para cada um que tinha olhos para ver; no entanto, os homens têm tentado arrombar a fechadura, ou forçar a porta, ou escalar de alguma outra maneira, em vez de se valerem de um meio de admissão tão simples e pronto

como usar a chave feita e fornecida para eles". Russell não deixa desculpas para o futurismo. A precisão substancial de suas conclusões pode quase ser presumida do fato de que a profecia do Novo Testamento é encontrada consistente e fácil de interpretação, e o resultado totalmente digno do Evangelho da salvação. Sua pesquisa em todas as referências da "Parousia" (segunda vinda) é um tour na exegese preterista.[2] Este livro foi a primeira onda do que se tornou uma tempestade de livros defendendo o cumprimento da profecia do tempo do fim em 70 dC. Futuristas e preteristas parciais não podem mais se esconder atrás da desculpa de querer "indicadores de tempo" explícitos antes de atribuir um texto a 70 dC. Russell e os preteristas modernos demonstram exaustivamente que todos os textos do tempo do fim do NT têm "relevância de audiência" do primeiro século escrita neles, que funciona como um indicador de tempo implícito. O Novo Testamento não foi escrito para nós originalmente. Estamos lendo o e-mail de outra pessoa. A principal tarefa de um intérprete da Bíblia é descobrir o que o autor original pretendia comunicar ao seu público original, não apenas perguntar o que isso "poderia" significar para nós hoje.

O preterismo conservador é provavelmente o mais exigente de todas as abordagens proféticas. Digo isso porque não é suficiente para um preterista conservador expor apenas em uma determinada passagem; ele também deve mostrar como ela foi realizada na história. Isto é, uma vez que ele tem interpretado uma determinada passagem e harmonizada com o resto da Escritura, um preterista conservador deve, então, conciliar sua interpretação com os fatos da história. Isso nem sempre é fácil, especialmente quando se está a

[2] A segunda edição conta com alteração de algumas notas, um apêndice adicional sobre sheol, hades e gehenna, a crítica de Briggs e réplica do Russell e um tratado sobre a relação igreja e o estado no livro do Apocalipse escrito por Todd Dennis deixando esta maravilhosa obra ainda mais completa.

discutir os eventos que ocorrem no reino espiritual, como os livros de Daniel e Apocalipse costumam fazer (cf. Ap. 12:1-12).

SOBRE A OBRA E AUTOR DE:

The Parousia - Um exame cuidadoso da doutrina do Novo Testamento sobre a Segunda Vinda de nosso Senhor

Interage com: Alford, Bengel, Conybeare/Howson, Jowett, Hengstenberg, Lange, Maurice, Michaelis, Meyer, Reuss, Stier, Stuart, Tholuck, Warburton.

James Stuart Russell (1816-1895) serviu como pastor da Igreja Congregacional em Bayswater, Inglaterra durante 1862 a 1888. Ele obteve seu diploma de M.A. pelo King's College, University of Aberdeen. Depois que este livro foi publicado, eles o homenagearam com diploma de D.D. Duas edições foram publicadas, a primeira em 1878 e a segunda em 1887, ambas em Londres. Esta é a introdução mais popular e a defesa da visão preterista da Profecia da Bíblia impressa hoje.

James Stuart Russell, filho de um escocês piedoso, nasceu em Elgin, Morayshire, em 28 de novembro de 1816. Entrou no King's College, em Aberdeen, aos doze anos de idade e, aos dezoito anos, completou seu mestrado. Sua decisão religiosa data de cerca de seu décimo sexto ano sob a influência de seu irmão mais velho. Por um tempo ele serviu em um escritório de advocacia. Então, para se preparar para um ministério cristão, ele estudou nos salões teológicos de Edimburgo e Glasgow, encontrando seu caminho para o Cheshunt College.

Em junho de 1843, Russell tornou-se ministro assistente na Igreja Congregacionalista em Great Yarmouth, antes de assumir o cargo de ministro. Em 1857, Russell transferido para a Igreja Congregacional

em Tottenham e Edmonton. Mantendo esta posição, Russell visitou Belfast para observar o funcionamento do grande renascimento irlandês e ficou sob sua influência. Em seu retorno, um despertar semelhante ocorreu em sua própria igreja.

Após uma estadia de cinco anos em sua segunda igreja, Russell foi atraído por uma nova igreja no rápido crescimento de Bayswater, cuja capela foi construída em 1866. Aqui ele continuou a servir até que seus anos e problemas de saúde levaram à aposentadoria em 1888.

Russell não era apenas um pregador capaz, mas também um homem de gentileza de comportamento. Ele foi dotado de características pessoais vencedoras, que lhe asseguraram seguidores dedicados. Suas maneiras agradáveis e espírito genial, seu humor nativo e sagacidade genuína, sua leitura extensiva e amplo conhecimento e memória mais retentiva, fez conversações com ele agradável e rentável.

O fervor de Russell se estendia além dos limites de seu próprio pastorado. Ele estava presente, em 1843, na formação da Aliança Evangélica, com cujo objetivo e operações ele permaneceu em simpatia calorosa e ativa até o último. Ele tinha um senso cada vez mais profundo da importância do movimento de temperança, e ele foi o primeiro presidente da Associação Congregacional Total de Abstinência. Tanto a Liga Nacional de Temperança quanto a Aliança do Reino Unido o consideravam entre seus membros. Sua defesa da boa causa estava em demanda frequente por reuniões em Londres e nos subúrbios.

PUBLICANDO THE PAROUSIA

Mas é como autor que Russell é mais amplamente conhecido e será lembrado por muito tempo. Ele havia mantido a doutrina do passado segundo advento (Preterismo) por muitos anos antes de escrever ou

até mesmo falar sobre o assunto. Ele costumava descrever como o assunto lhe chegava como uma espécie de revelação. Ao descobrir a chave do mistério, todo o tema se desdobrou gradualmente. Era para ele uma fonte de deleite constante ver um ponto após o outro em harmonia com o que ele acreditava ser a verdade central. Assim, em 1878, ele publicou anonimamente sua agora célebre, A Parousia, contendo uma elaborada exegese sobre essas linhas do ensino do Novo Testamento sobre a segunda vinda de Jesus Cristo. Outra edição seguiu com o nome do autor em anexo.

Este trabalho, um espécime rara de exposição séria e perspicácia lógica, chamou muita atenção para o assunto em ambos os lados do Atlântico. A Universidade de Aberdeen logo sinalizou sua apreciação do livro conferindo ao autor um diploma bem merecido em divindade, que ele valorizava tanto mais por ser de sua alma mater.

O argumento desta peça consumada de crítica bíblica teve o efeito de levar muitos a crer que o segundo advento de Cristo realmente ocorreu no primeiro século da era cristã. Frequentemente Russell teria alegria da adesão aberta de uma pessoa após a outra às visões estabelecidas em seu trabalho. Sua magistral dissertação deve manter-se como autoridade em seu departamento particular, que todos os que se propõem a explorar o mesmo campo devem consultar. Para sua pena independente, mas reverente, a Igreja em geral é devedora de uma valiosa contribuição para o alcance do estudo das Escrituras e do pensamento sagrado.

VIDA TARDIA

Os últimos anos de Russell foram encobertos por enfermidades corporais e doenças dolorosas. Ele suportou seus sofrimentos, para a admiração de atendentes e consultores médicos, com uma paciência masculina e até alegre, sustentada por sua fé cristã. Repetidas vezes ele repetia as palavras: "Em Cristo, a rocha sólida, estou em pé!"

Além disso, suas provações físicas foram alegremente aliviadas, como as de sua esposa santo, pela solicitude e pela devoção incansável de uma única filha. De seus braços e dos de seu único irmão, o pai passou pacificamente em 5 de outubro de 1895, no 79º ano de sua idade e no quinquagésimo segundo ano de seu ministério. Russell está enterrado no cemitério Kensal Green.

ALTO ELOGIO PARA JAMES STUART RUSSELL

"Acredito que o livro de Russell é um dos trabalhos mais importantes na escatologia bíblica que está disponível para a igreja hoje. As questões levantadas neste volume com respeito às referências de tempo do Novo Testamento à Parousia são de vital importância não apenas para a escatologia, mas para o futuro debate sobre a credibilidade da Sagrada Escritura."

"Esta é atualmente a introdução mais popular da defesa do ponto de vista preterista da profecia bíblica. A maioria dos teólogos na Europa séculos atrás adotou o preterismo, por isso não é surpreendente ouvir alguns dos bem conhecidos contemporâneos de Russell dizer coisas boas sobre este livro: FW Farrar disse que o livro era "cheio de sugestividade" Milton Terry, que escreveu Hermenêutica bíblica, citou amplamente o livro de Russell e apoiou plenamente a abordagem preterista. Charles H. Spurgeon, disse que o livro "lança muita luz sobre partes escuras das Escrituras, e é acompanhada por muitas investigações críticas e raciocínio, portanto, detalhado, não pode ferir ninguém e pode se beneficiar a todos".

- CH Spurgeon sobre "The Parousia

Escritores conhecidos e teólogos conservadores de nossos dias dizem coisas semelhantes sobre Russell e o ponto de vista preterista. Ouça as seguintes declarações de Gary De Mar, do Dr. RC Sproul, do Dr. Kenneth Gentry e de Walt Hibbard.

"Eu nunca poderei ler o Novo Testamento novamente da mesma forma que o li antes de ler The Parousia. Espero que melhores estudiosos do que eu continuem a analisar e avaliar o conteúdo do importante trabalho de J. Stuart Russell."

- Dr. RC Sproul, fundador e presidente do Ministério Ligonier

"Quantas vezes você tem lutado com a interpretação de certos textos bíblicos relacionados ao tempo do retorno de Jesus porque eles não se encaixam com um sistema preconcebido de escatologia? The Parousia de Russell leva a Bíblia a sério quando nos fala da proximidade do retorno de Cristo. Aqueles que afirmam interpretar a Bíblia literalmente frequentemente tropeçam no significado óbvio desses textos de tempo, ao fazerem a Escritura, o oposto do que ela inequivocamente declara. Ler Russell é uma lufada de ar fresco em uma sala cheia de fumaça e hermenêutica espelhada".

- Gary DeMar, autor de Last Days Madness

"Embora eu não concorde com todas as conclusões de The Parousia, de J. Stuart Russell, recomendo vivamente esta bem organizada, cuidadosamente argumentada e convincentemente escrita defesa do preterismo aos estudantes sérios e maduros da Bíblia. É um dos livros mais persuasivos e desafiadores que li sobre escatologia e teve um grande impacto no meu próprio pensamento. O estudo teológico bíblico de Russell sobre a escatologia do Novo Testamento estabelece um padrão de excelência".

- Dr. Kenneth L. Gentry Jr., autor de Before Jerusalem Fell

"Em vista das perspicazes observações do Dr. Russell, nenhum estudante sério de escatologia bíblica deveria tentar construir um esquema sistemático de eventos apocalípticos sem primeiro consultar esta obra do século XIX, The Parousia".

- Walt Hibbard, Great Christian Books

PREFÁCIO AO LIVRO

Nenhum leitor atento do Novo Testamento pode deixar de ser atingido com a proeminência dada pelos evangelistas e pelos apóstolos à PAROUSIA, ou "vinda do Senhor". Esse evento é o grande tema da profecia do Novo Testamento. Não há praticamente um único livro, desde o Evangelho de São Mateus até o Apocalipse de São João, no qual ele não é apresentado como um gloriosa promessa de Deus, uma bendita esperança da igreja. Foi frequentemente e solenemente prevista por nosso Senhor; foi incessantemente mantido diante dos olhos dos primeiros cristãos pelos apóstolos; e foi firmemente acreditada e ansiosamente esperada pelas igrejas da era primitiva.

Não se pode negar que há uma diferença notável entre a atitude dos primeiros cristãos em relação à Parousia e a dos cristãos atualmente. Essa esperança gloriosa, para a qual todos os olhos e corações da era apostólica se voltaram avidamente, quase desapareceu da visão dos crentes modernos. Quaisquer que sejam as opiniões teóricas expressas em símbolos e credos, é preciso admitir com sinceridade que a "segunda vinda de Cristo" quase deixou de ser uma crença viva e prática.

Várias causas podem ser designadas na explicação desse estado de coisas. As vaticinações precipitadas daqueles que se comprometeram com demasiada confiança a serem intérpretes de profecia, e o descrédito resultante do fracasso de suas previsões, sem dúvida dissuadiram homens reverentes e sóbrios de entrar na investigação de "profecia não cumprida". Por outro lado, há razões para pensar que a crítica racionalista gerou dúvidas sobre se as previsões do Novo Testamento pretendiam ter um cumprimento literal ou histórico.

Entre o racionalismo, por um lado, e o irracionalismo, por outro, tem havido um estado amplamente prevalecente de incerteza e

confusão de pensamento em relação à profecia do Novo Testamento, que em certa medida explica, embora possa não justificar, a consignação de todo o sujeito à região de problemas irremediavelmente obscuros e insolúveis.

Isso, no entanto, é apenas uma explicação parcial. Merece consideração se pode não haver uma diferença fundamental entre a relação da igreja da era apostólica com a Parousia prevista e a relação com esse evento sustentado pelas eras subsequentes. Os primeiros cristãos, sem dúvida, acreditavam estar à beira de uma grande catástrofe, e sabemos que intensidade e entusiasmo a expectativa da vinda quase imediata do Senhor inspirou; mas se não for possível demonstrar que agora os cristãos estão em situação semelhante, haveria falta de verdade e realidade ao afetar a antecipação e a esperança da igreja primitiva. O mesmo evento não pode ser iminente em dois períodos diferentes, separados por quase dois mil anos. Portanto, deve haver algum equívoco grave por parte daqueles que sustentam que a igreja cristã de hoje ocupa precisamente a mesma relação e deve manter a mesma atitude, em relação à 'vinda do Senhor' que a igreja nos dias de São Paulo.

O presente volume é uma tentativa, num espírito sincero e reverente, de esclarecer os equívocos modernos, e de averiguar o verdadeiro significado da Palavra de Deus sobre um assunto que ocupa um lugar tão visível nos ensinamentos de nosso Senhor e Seus apóstolos. É o fruto de muitos anos de investigação paciente, e o Autor não poupou esforços para testar ao máximo a validade de suas conclusões. Seu único objetivo era determinar o que diz a Escritura e seu único desejo de ser governado por uma submissão fiel à sua autoridade. O ideal da interpretação bíblica que ele manteve diante dele é tão bem expresso por um teólogo alemão - "Explicação plana não tortuosa, facilidade não violenta, eademque et exegeticce e Chistanae conscientium pariter arridens".[3]

[3] Tratado de Donier, De Oratione Christi Eschatologica , p. 1.

Embora a natureza da investigação necessite de uma referência um tanto frequente ao original do Novo Testamento, e às leis da construção e interpretação gramaticais, tem sido objeto do Autor tornar este trabalho o mais popular possível, e tal como qualquer outro. Um homem de educação e inteligência comuns pode ler com facilidade e interesse. A Bíblia é um livro para todo homem, e o Autor não escreveu apenas para estudiosos e críticos, mas para muitos que estão profundamente interessados na interpretação bíblica, e que pensam, com Locke: "uma busca imparcial do verdadeiro significado do Sagrada Escritura, o melhor emprego de todo o tempo que eles têm".[4] Será uma recompensa suficiente de seu trabalho se ele conseguir elucidar em qualquer grau os ensinamentos da revelação divina que foram obscurecidos por preconceitos tradicionais ou mal interpretados por uma exegese errônea.

[4] Locke, notas sobre Efésios 1:10.

AS ÚLTIMAS PALAVRAS DA PROFECIA DO ANTIGO TESTAMENTO

O LIVRO DE MALAQUIAS

O cânon das Escrituras do Antigo Testamento fecha-se muito diferente do que se poderia esperar após o esplêndido futuro revelado à nação da aliança nas visões de Isaías. Nenhum dos profetas carrega um fardo mais pesado do que o último profeta do Antigo Testamento. Malaquias é o profeta da destruição. Parecia que a nação, através da sua obstinação e desobediência incorrigíveis, havia renunciado ao favor divino e provado ser não apenas indigna, mas incapaz, das glórias prometidas. A partida do espírito profético estava carregada de maus presságios, e parecia indicar que o Senhor estava prestes a deixar a nação. Como resultado, a luz da profecia do Antigo Testamento desaparece em meio a nuvens e escuridão espessa. O livro de Malaquias é uma longa e terrível acusação contra a nação. O próprio Senhor é o acusador, e com evidência cada vez mais clara, sustenta cada uma das acusações contra os culpados. A longa acusação inclui sacrilégio, hipocrisia, desprezo contra Deus, infidelidade conjugal, perjúrio, apostasia, blasfêmia; enquanto, por outro lado, essas pessoas têm a coragem de repudiar a acusação e se declaram "sem culpa" de cada uma das acusações. Essas pessoas parecem ter chegado a essa fase de insensibilidade moral em que os homens chamam o bem de mal e o mal de bem e estão rapidamente se amadurecendo para serem julgados. Como resultado, o julgamento seguinte é "o ônus da palavra do Senhor para Israel através de Malaquias".

Malaquias 3:5: "E chegar-me-ei a vós para juízo; e serei uma testemunha veloz contra os feiticeiros, contra os adúlteros, contra os que juram falsamente, contra os que defraudam o diarista em seu salário, e a viúva, e o órfão, e que pervertem o direito do estrangeiro, e não me temem, diz o Senhor dos Exércitos".

Malaquias 4:1: "Porque eis que aquele dia vem ardendo como fornalha; todos os soberbos, e todos os que cometem impiedade, serão como a palha; e o dia que está para vir os abrasará, diz o SENHOR dos Exércitos, de sorte que lhes não deixará nem raiz nem ramo".

Que esta não é uma ameaça vaga e sem sentido é evidente a partir dos termos claros e definidos com os quais é anunciado. Tudo aponta para uma crise iminente na história da nação, quando Deus administra julgamento sobre o povo rebelde. "aquele dia vem ardendo como fornalha", "o dia grande e terrível do Senhor". Que este "dia" se refere a um certo período e a um evento específico não se admite dúvidas. Já havia sido predito, e precisamente com as mesmas palavras, pelo profeta Joel (2:31): "O grande e terrível dia do Senhor". E encontraremos uma clara referência a ele no discurso do apóstolo Pedro no dia de Pentecostes (Atos 2:20). Mas o período é definido mais precisamente pela declaração notável de Malaquias em 4:5: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor". A declaração explícita de Nosso Senhor de que o Elias predito pelo profeta Malaquias era seu antecessor João Batista (Mateus 11:14), nos permite estabelecer o momento e o evento referido como "o grande e terrível dia do Senhor". O evento não deve ser procurado a uma grande distância de tempo além do período do ministério de João Batista, isto é, a alusão ao julgamento da nação judaica, quando sua cidade e seu templo foram destruídos e toda a estrutura do estado mosaico foi dissolvida.

Merece ser notado que tanto Isaías como Malaquias previram a aparição de João Batista como o precursor de nosso Senhor, mas em termos muito diferentes. Isaías o representa como o herdeiro do Salvador vindouro: "Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus" (Is 40:3). Malaquias representa a João como o precursor do próximo juiz:

"Eis que eu envio o meu mensageiro, que preparará o caminho diante de mim; e de repente virá ao seu templo o Senhor, a quem vós buscais; e o mensageiro da aliança, a quem vós desejais, eis que ele vem, diz o SENHOR dos Exércitos." (Ml 3:1).

Que esta é uma vinda de julgamento está esclarecida pelas palavras que se seguem imediatamente, e que descrevem o alarme e a consternação causados por sua manifestação: "Mas quem suportará o dia da sua vinda? E quem subsistirá, quando ele aparecer?" (Ml 3:2).

Não se pode dizer que esta linguagem seja apropriada para a primeira vinda de Cristo; mas é altamente apropriada para uma segunda vinda. Há uma clara alusão a esta passagem em Apocalipse 6:17, onde "os reis da terra, e os grandes, os ricos, os capitães, etc., são representados como escondidos" da face do que está sentado no trono e da ira do Cordeiro, dizendo: "O grande dia da sua ira chegou, e quem poderá subsistir?" Nada pode ser mais claro de que "o dia da sua vinda" em Malaquias 3:2 é o mesmo "o dia grande e terrível do Senhor" de Malaquias 4:5 e que ambos respondem ao "grande dia de sua ira" em Apocalipse 6:17. Concluímos, portanto, que o profeta Malaquias fala, não do primeiro advento de nosso Senhor, mas do segundo.

Isto ainda é comprovado pelo fato significativo de que, em Malaquias 3:1, o Senhor é retratado como vindo "de repente em seu templo". Afirmar que isso está se referindo à apresentação do filho Salvador no templo por seus pais, ou ele próprio nos tribunais do templo, ou ele próprio entre os compradores e vendedores do templo sagrado é certamente uma explicação inadequada, estas não são ocasiões de terror e consternação, tal como está implícito no segundo verso: "Quem pode ficar de pé quando ele aparecer?" No entanto, a expressão sugere vividamente uma visita final e judicial da casa de seu pai, quando esta ficaria "deserta", de acordo com sua predição, o templo era o centro da vida da nação, o símbolo visível da aliança entre Deus e seu povo, o lugar onde o "julgamento deveria começar"

e que deve ser atingido por "destruição repentina". Então, tendo em conta todos esses detalhes, a "chegada súbita do Senhor ao seu templo", a consternação que acompanha "o dia da sua vinda", a sua vinda como "fogo purificador", a sua vinda "para julgamento", "vem o dia ardente como uma fornalha", "todos os que praticam a maldade serão como palhas", "não os deixará nem raiz nem ramo", e a aparição de João Batista, o segundo Elias, antes da chegada do "grande e terrível dia do Senhor", é impossível resistir à conclusão de que aqui o profeta prediz a grande catástrofe nacional em que o templo, a cidade e a nação caem juntos; e que isso é designado como "o dia da sua vinda".

No entanto, por mais estranho que possa parecer, o fato inegável é que Malaquias não faz alusão à primeira vinda de nosso Senhor. Isto é claramente reconhecido por Hengstenberg, que observa: "Malaquias omite completamente a primeira vinda de Cristo em humilhação e deixa completamente vazio o intervalo entre o precursor *(João Batista)* e o julgamento de Jerusalém".[5] Isso deve ser explicado pelo fato de que o objetivo principal da profecia é prever a destruição nacional e não a libertação nacional.

Ao mesmo tempo, em que o juízo e a ira são os elementos predominantes da profecia, os traços de um personagem diferente não estão completamente ausentes. O dia da ira também é um dia de redenção. Há um restante fiel, mesmo na nação apóstata: há ouro e prata que devem ser refinados e jóias que devem ser reunidas, bem como escória que deve ser rejeitada e restolho que deve ser queimado. Há filhos a serem poupados, bem como inimigos a serem destruídos; e o dia que trouxe consternação e escuridão para os ímpios, faria "o Sol da justiça nascer trazendo a salvação nas suas asas" para os fiéis. Até mesmo Malaquias sugere que a porta da misericórdia ainda não está fechada. Se a nação voltar a Deus, Ele retornará a eles. Se quiserem restituir o que receberam do serviço do

[5] Veja, por Hengstenberg, Nature of Prophecy. Cristologia. Vol. 4, p. 8

templo, Ele os compensará com maiores bênçãos do que poderiam receber. Eles ainda podem ser uma "terra deliciosa", a inveja de todas as nações. Na última hora, se a missão do segundo Elias conseguir ganhar os corações do povo, a catástrofe iminente pode ser removida (Ml 3:3, 16-18; 4:2, 3, 5).

No entanto, há a conclusão inevitável de que avisos e ameaças não ajudarão. As últimas palavras soam como o toque de sinos anunciando destruição. (Malaquias 4:6): "para que eu não venha, e fira a terra com maldição".

É interessante notar aqui o contexto de aliança e o julgamento local e pactual. Deus não estaria julgando e amaldiçoando o planeta terra inteiro por causa de Israel. Ferir a terra com maldição é um julgamento sobre a terra de Israel, é um julgamento nacional, e a terra que seria ferida é a terra onde habitava o povo pactuado.

O significado total desta afirmação ameaçadora não é imediatamente evidente. Para a mente hebraica, essa declaração indicou o destino mais terrível que poderia acontecer em uma cidade ou nação. A "maldição" era o anátema, ou cherem, que indicava que a pessoa ou coisa sobre a qual a maldição caiu foi dada à completa destruição. Nós temos um exemplo do cherem, ou o ban, na maldição pronunciada em Jericó (Josué 6:17) e uma declaração mais detalhada da ruína que significava, no livro de Deuteronômio (13:12-18). A cidade deveria ser ferida com a ponta da espada, todos os seres vivos na cidade tinham que ser executados, o botín não devia ser tocado, tudo foi amaldiçoado e tornado impuro, a cidade deve ser consumida pelo fogo e o lugar dado à desolação perpétua, Hengstenberg observa: "Todas as coisas imagináveis estão incluídas nesta única amecaa"[6] e cita o comentário de Vitringa sobre esta passagem:" Não há dúvida de que Deus quis que ele entregasse com certeza a destruição, tanto os rebeldes teimosos da lei como a sua

[6] Hengstenberg, Christology , vol. 4, p. 227

cidade, e que eles deveriam sofrer a punição extrema de sua justiça, como líderes consagrados a Deus, sem qualquer esperança de obtenção de favor ou perdão".

Terrível era a maldição que estava sobre a terra de Israel, anunciada pelo espírito profético no momento da sua partida, o qual também manteria um silêncio que duraria séculos. É importante notar que tudo isso faz referência clara e específica à terra de Israel. A mensagem do profeta é para Israel; os pecados reprovados são os de Israel; A vinda do Senhor é para o seu templo em Israel; A terra ameaçada com uma maldição era a terra de Israel.[7] Tudo isso aponta manifestamente para uma catástrofe local e nacional específica, da qual a terra de Israel deveria ser o cenário, e seus habitantes culpados são vítimas. A história registra o cumprimento da profecia, em correspondência exata com o tempo, o lugar e as circunstâncias, na ruína que devastou a nação judaica durante o período da destruição de Jerusalém.

O INTERVALO ENTRE MALAQUIAS E JOÃO BATISTA

Os quatro séculos entre a conclusão do Antigo Testamento e o início do Novo estão vazios na história das Escrituras. No entanto, sabemos dos livros dos Macabeus e dos escritos de Josefo que foi um período problemático nos anais judaicos. A Judeia foi, por sua vez, escrava das grandes monarquias, que a cercaram - a Pérsia, a Grécia, o Egito, a Síria e Roma - com um intervalo de independência sob os príncipes macabeus. Mas, embora durante este período a nação sofreu um grande sofrimento e produziu alguns ilustres exemplos de patriotismo e piedade, em vão buscamos algum oráculo divino, ou

[7] O significado desta passagem (Ml. 4:6) é obscurecido pela tradução infeliz da terra em vez da terra. A expressão hebraica como a grego é freqüentemente usada em um sentido restrito. A alusão no texto é claramente para a terra de Israel. Ver Hengstenberg, Christology, vol. 4. p. 224.

algum mensageiro inspirado, para declarar a palavra de Deus. Israel realmente poderia dizer: Já não vemos os nossos sinais, já não há profeta, nem há entre nós alguém que saiba até quando isto durará. (Sl 74: 9) E, no entanto, esses quatro séculos não deixaram de exercer uma influência poderosa sobre o caráter da nação. Durante este período, as sinagogas foram estabelecidas em todo o território, e o conhecimento das Escrituras foi amplamente estendido. As grandes escolas religiosas dos fariseus e dos saduceus surgiram, cujos dois grupos professaram ser expositores e defensores da lei de Moisés. Em grande número, os judeus se estabeleceram nas grandes cidades do Egito, da Ásia Menor, da Grécia e da Itália, carregando com eles em todo o culto da sinagoga e da Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento. Acima de tudo, a nação acariciava no fundo de seus corações a esperança de um libertador vencedor, um herdeiro da casa real de Davi, que devia ser o rei teocrático, o libertador de Israel da dominação dos gentios, cujo reino era tão feliz e glorioso que merecia ser chamado de "reino dos céus". Mas, em sua maior parte, o conceito popular do futuro rei era terreno e carnal. Em quatrocentos anos, não houve melhora na condição moral do povo e, entre o formalismo dos fariseus e o ceticismo dos saduceus, a verdadeira religião tinha atingido seu ponto mais baixo. No entanto, ainda havia um remanescente fiel que tinha os conceitos mais verdadeiros do reino dos céus, e "quem esperava a redenção em Israel". À medida que o tempo se aproximava, havia indícios do retorno do espírito profético e dos presságios que o libertador prometido estava próximo. Simeão foi assegurado que, antes de morrer, ele veria o "ungido do Senhor" (Lc 2:26). Parece que uma indicação semelhante tinha sido feita à velha profetisa Ana. É razoável supor que tais revelações devem ter despertado grande expectativa nos corações de muitos, preparando-os para a proclamação que foi ouvida pouco depois no deserto da Judeia: "Arrependa-se, pois o reino dos céus se aproximou.". Novamente um profeta havia ressuscitado em Israel, e "o Senhor visitou seu povo".

PARTE I

A PAROUSIA NOS EVANGELHOS

A PAROUSIA PREVISTA POR JOÃO BATISTA

Nada é afirmado mais claramente no Novo Testamento do que a identidade de João Batista como Elias, o precursor do messias, previsto através de Isaías e Malaquias. Que a descrição de João se encaixa com a de Elias é evidente à primeira vista. Cada um era austero (de caráter severo) e ascético (aquele que se volta para a vida espiritual) em seu modo de vida; cada um era um reformador ciumento de sua religião; Cada um era um severo acusador do pecado. Os tempos em que viviam eram singularmente semelhantes. Em ambos os períodos, a nação judaica era degenerada e corrupta. Elias teve seu Acabe, João, seu Herodes. Não há objeção a esta identificação de João como Elias, mesmo que o próprio Batista tenha rejeitado o nome quando os sacerdotes e levitas de Jerusalém o perguntaram: "Você é Elias?" (João 1:21) Os judeus aguardavam o reaparecimento do Elias literal, e a resposta de João foi dirigida a essa opinião errada. Mas o seu verdadeiro direito à designação é expressamente indicado no anúncio feito pelo anjo ao seu pai Zacarias: "E ele irá adiante dele com o espírito e o poder de Elias (Lucas 1:17), bem como nas declarações de nosso Senhor: "E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir" (Mateus 11:14) "Mas digo-vos que Elias já veio, e não o conheceram ... Então entenderam os discípulos que lhes falara de João o Batista" (Mt. 17:12-13) João foi o segundo Elias, e cumpriu as previsões de Isaías e Malaquias a respeito dele, portanto, sonhar com um "Elias do futuro" é pôr em causa a expressão clara da palavra de Deus, e uma expectativa sem nenhuma justificativa bíblica.

Já aludimos ao duplo aspecto da missão de João apresentada pelos profetas Isaías e Malaquias. A mesma diversidade é vista nas

descrições do Novo Testamento sobre o segundo Elias. O aspecto benigno de sua missão, apresentado por Isaías, também é reconhecido nas palavras do anjo por meio do qual seu nascimento havia sido anunciado, como já foi citado, e no pronunciamento inspirado de seu pai Zacarias: "E você, filho, profeta do Altíssimo você será chamado, porque você irá perante a presença do Senhor, preparará seus caminhos, dará conhecimento da salvação ao seu povo, para o perdão de seus pecados "(Lucas 1:76, 77). Encontramos o mesmo aspecto da graça nos versículos iniciais do Evangelho de João: "Ele veio como um testemunho, para que ele dê testemunho da luz, para que todos possam crer nele" (João 1:7).

Mas o outro aspecto de sua missão não é reconhecido de forma menos clara nos evangelhos. Ele é representado, não apenas como o precursor do vindouro Salvador, mas como o próximo juiz. De fato, suas próprias declarações registradas falam muito mais de julgamento e ira do que de salvação, e são concebidas mais no espírito de Elias falado em Malaquias do que o Arauto (aquele que, por meio de pregão, tornava pública uma notícia) do deserto em Isaías. Ele adverte os fariseus e os saduceus, e as multidões que vieram ao seu batismo, para "fugir da ira que virá". Ele diz-lhes que "o machado está posto na raiz das árvores". Ele anuncia a vinda de um mais poderoso do que ele, "cujo pá está em sua mão, e ele irá reunir o trigo no celeiro e queimar a palha em um fogo que nunca será apagado" (Mateus 3:12).

É impossível não ficar impressionado com a correspondência entre a linguagem de João Batista e a de Malaquias. Como Hengstenberg observa: "Ao longo do texto, é a profecia de Malaquias que João comenta".[8] Em ambos, a vinda do Senhor é descrita como um dia de ira; ambos falam da sua chegada com fogo que refina e prova, com fogo que queima e consome. Ambos falam de um tempo de discriminação e separação entre justos e ímpios, ouro e escória, trigo

[8] Christol., Vol. 4, p. 232

e palha; e ambos falam da destruição completa da palha ou do restolho. com fogo que não se apaga. Estas não são semelhanças fortuitas (causal, acidental): as duas previsões são a contrapartida entre si, e só podem se referir ao mesmo evento, o mesmo "Dia do Senhor", ao mesmo julgamento vindouro.

Mas o que merece ser observado mais especialmente é a proximidade evidente da crise que João prediz. "A ira vindoura" é uma interpretação muito inadequada do idioma do profeta.[9] Isso deve ser lido como "a ira que está prestes a vir"; isto é, não meramente futuro, mas iminente. "A ira vindoura" pode ser indefinidamente distante, mas "a ira que está prestes a vir" é iminente. Como Alford observa com razão: "João está falando agora no verdadeiro caráter de um profeta que predica a ira que logo será derramada sobre a nação judaica".[10] Este é o caso das outras representações no discurso de João Batista; Tudo indica a rápida aproximação à destruição. "Já está posto o machado à raiz das árvores". A pá estava realmente nas mãos do agricultor; o processo de triagem estava prestes a começar. Estes avisos de João Batista não são as exortações vagas e indefinidas para o arrependimento, dirigida aos homens, em todo momento, mas estas palavras ardentes tiveram relevância específica e presente para aquela geração, os homens que viveram e para quem ele trouxe a mensagem de Deus. Os judeus estavam agora em sua última corrida, o segundo Elias tinha vindo como um precursor do "grande e terrível dia do Senhor", se eles rejeitassem os seus avisos, a destruição profetizada por Malaquias, certamente, e rapidamente viria: "Eu irei, e ferirei a terra com maldição. "Nada pode ser mais óbvio do que a catástrofe a que João alude é específica, nacional, local e iminente, e a história nos diz que, no período da geração que ouviu seu grito de advertência, "a ira veio sobre eles ao máximo".

[9] the mellouse orghe
[10] Testamento grego in loc.

A PAROUSIA NOS EVANGELHOS

O ENSINAMENTO DE NOSSO SENHOR SOBRE A PAROUSIA NOS EVANGELHOS SINÓPTICOS

Como consequência de ter sido preso por Herodes Antipas, o fim do ministério de João Batista marca uma nova orientação no ministério de nosso Senhor. Na verdade, antes desse tempo, ele ensinava as pessoas, realizava milagres, ganhava adeptos e ganhava grande popularidade; Mas, depois desse evento, que pode ser considerado como uma indicação do fracasso da missão de João, nosso Senhor recuou para a Galileia e entrou em uma nova fase de seu ministério público. Somos informados de que "desde então, Jesus começou a pregar e a dizer: Arrependa-se, porque o reino dos céus está próximo" (Mateus 4:17). Estes são os termos precisos com os quais a pregação de João Batista é descrita (Mateus 3:2). Tanto nosso Senhor quanto seu precursor chamaram "a nação ao arrependimento", e anunciaram a aproximação do "reino dos céus". Segue-se que, com a frase "o reino dos céus se aproximou", João não poderia simplesmente significar que o Messias estava prestes a aparecer, porque, quando Cristo realmente apareceu, ele fez o mesmo anúncio: "O reino dos céus está próximo". Da mesma forma, quando os doze discípulos foram enviados em sua primeira missão de evangelização, eles foram mandados a pregar, não que o reino dos céus tivesse chegado, mas se aproximou (Mateus 10:7). Que o reino teocrático não veio no tempo de nosso Senhor, nem no dia de Pentecostes, é evidente pelo fato de que, em seu discurso profético no Monte das Oliveiras, nosso Senhor deu a seus discípulos certos sinais por meio de que poderia saber que o reino dos céus estava próximo (Lucas 21:31).

Portanto, chegamos a certas conclusões claramente dedutíveis dos ensinamentos de nosso Senhor:

1- Que Ele proclamou que uma grande crise, ou consumação, chamada "o reino dos céus", se aproximou.

2- Que esta consumação, embora próxima, não ocorreria durante o curso de sua vida, nem por alguns anos após sua morte.

3- Que seus discípulos, ou pelo menos alguns deles, poderiam esperar testemunhar a chegada dessa consumação.

Mas todo o assunto do "reino dos céus" deve ser reservado para uma discussão mais completa em um período futuro.

PREVISÃO DA IRA QUE VEM NAQUELA GERAÇÃO

Há outro ponto de semelhança entre a pregação de nosso Senhor e a de João Batista. Ambos deram os indícios mais claros da proximidade próxima de um tempo de julgamento que devia cair sobre a geração existente, por causa da rejeição das admoestações e dos convites da misericórdia divina. Assim como João Batista falou da "ira vindoura", também nosso Senhor, com igual clareza, advertiu o povo do "julgamento vindouro". Jesus repreendeu "as cidades em que ele realizou muitos dos seus milagres, porque não se arrependeram", e ele previu que seria um maior infortúnio do que o que havia caído sobre Tiro e Sidom, Sodoma e Gomorra. (Mateus 11:20-24). Que tudo isso aponta para uma catástrofe que não era remota, mas perto, leia Mateus 12:38-46 (compare Lucas 11:16, 24-36):

"Então alguns dos escribas e dos fariseus tomaram a palavra, dizendo: Mestre, quiséramos ver da tua parte algum sinal. Mas ele lhes respondeu, e disse: Uma geração má e adúltera pede um sinal, porém, não se lhe dará outro sinal senão o sinal do profeta Jonas;

Pois, como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra.
Os ninivitas ressurgirão no juízo com esta geração, e a condenarão, porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis que está aqui quem é maior do que Jonas.

A rainha do sul se levantará no dia do juízo com esta geração, e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis que está aqui quem é maior do que Salomão.
E, quando o espírito imundo tem saído do homem, anda por lugares áridos, buscando repouso, e não o encontra.
Então diz: Voltarei para a minha casa, de onde saí. E, voltando, acha-a desocupada, varrida e adornada.
Então vai, e leva consigo outros sete espíritos piores do que ele e, entrando, habitam ali; e são os últimos atos desse homem piores do que os primeiros. Assim acontecerá também a esta geração má.
E, falando ele ainda à multidão, eis que estavam fora sua mãe e seus irmãos, pretendendo falar-lhe".

Esta passagem é de grande importância para estabelecer o verdadeiro significado da frase "esta geração" [genea]. Neste lugar, ele só pode se referir aos povos de Israel que viveram - a geração então atual. Nosso Senhor costumava se referir aos seus contemporâneos quanto a esta geração:

"Mas, a que devo comparar esta geração?" - isto é, os homens daquele dia que não ouviriam nem o seu precursor nem a si mesmo (Mt 11:16, Lc 7:31). Mesmo comentaristas como Stier, que detém a interpretação de "genea" como uma raça ou linhagem em outras passagens, admite que a referência nessas palavras é "para a geração que estava viva naquele momento e naquele momento, o que era o mais importante."[11] Assim, na passagem diante de nós, não pode haver controvérsias quanto à aplicação das palavras exclusivamente à geração que existia então, os contemporâneos de Cristo. Nosso

[11] Reden Jesu, in loc.

Senhor aqui testemunha a iniquidade exacerbada (Agravar-se; tornar-se mais intenso ou forte) e enorme desse período. Jesus acabou de dirigir-se a essa geração com as mesmas palavras de João Batista: "Geração de víboras!". (Mt 12:34) É declarado que sua culpa excede a dos pagãos; Aquela geração é comparada a um endemoninhado, de quem o espírito imundo partiu por um tempo, mas retornou com maior força do que antes, acompanhado por outros sete espíritos pior do que ele, de modo que "o último estado desse homem vem a ser pior do que o primeiro".

Temos no testemunho de Josefo uma confirmação impressionante da descrição de nosso Senhor sobre a condição moral dessa geração. "Como seria impossível relacionar suas enormidades em detalhes, direi brevemente que nenhuma outra cidade já sofreu calamidades semelhantes, e que nunca houve uma geração que fosse mais prolífica no crime". Confessaram que eram escravos - e eram - a escória da sociedade , as monstruosidades falsas e contaminadas da nação".[12] E aqui não posso conter-me, e devo expressar o que meus sentimentos me dizem, sou de opinião que, se os romanos tivessem adiado a punição desses miseráveis, ou a Terra se abriu e a cidade havia engolido ou teria sido varrido por uma inundação ou compartilhado o destino de Sodoma, porque produziu uma raça muito mais selvagem do que aqueles que foram visitados, porque, através da loucura desesperada desses homens, toda a nação viu envolvido na ruína deles.[13] De alguma forma, esse período tornou-se tão prolífico na iniquidade de todos os tipos entre os judeus, que nenhum trabalho maligno foi deixado sem permissão ... tão universal foi o contágio, tanto em público como em particular, e essa emulação para superar uns aos outros em atos de impiedade para com Deus e injustiça para com seus vizinhos".[14]

[12] Guerra judaica, bk vcx sec.5. Tradução de Traill.
[13] Ibid. G. Xiii. seg. 6
[14] Ibid. bk.vii. c. viii. seg. I.

Tal era a terrível condição em que a nação se apressou quando nosso Senhor pronunciou essas palavras proféticas. O clímax ainda não chegou, mas já estava totalmente à vista. O espírito imundo ainda não voltou para sua casa, mas ele estava a caminho. Como Stier observa: "No período entre a ascensão de Cristo e a destruição de Jerusalém, especialmente no final disso, poderíamos dizer que esta nação parece possuída por sete mil demônios".[15] Não é este um cumprimento adequado e completo da previsão do Salvador? Temos a menor justificativa, ou a menor necessidade, dizendo que isso significa algo mais do que isso? Que razão existe para assumir um cumprimento adicional e futuro de suas palavras? Não é um desacredito total da profecia de Jesus buscando algo mais do que o significado óbvio que aponta tão claramente para uma catástrofe iminente que estava prestes a ocorrer nessa geração? Certamente, mostramos a maior reverência pela palavra de Deus quando aceitamos implicitamente seus ensinamentos óbvios e rejeitamos as especulações injustificadas e meramente humanas que os críticos e os teólogos extraíram de sua própria fantasia. Concluímos, então, que, na escandalosa devassidão da época, e as notáveis calamidades que, antes de terminar destruindo o povoado judeu, temos o testemunho histórico do preenchimento completo da profecia.

ALUSÕES ADICIONAIS À IRA

Lucas 13:1-9: "E, Naquele mesmo tempo, estavam presentes ali alguns que lhe falavam dos galileus, cujo sangue Pilatos misturara com os seus sacrifícios.

E, respondendo Jesus, disse-lhes: Cuidais vós que esses galileus foram mais pecadores do que todos os galileus, por terem padecido tais coisas?

Não, vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis.

[15] seg. Reden Jesu; Mat. 12: 43-45.

E aqueles dezoito, sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, cuidais que foram mais culpados do que todos quantos homens habitam em Jerusalém?

Não, vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis.

E dizia esta parábola: Um certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha, e foi procurar nela fruto, não o achando;

E disse ao vinhateiro: Eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira, e não o acho. Corta-a; por que ocupa ainda a terra inutilmente?

E, respondendo ele, disse-lhe: Senhor, deixa-a este ano, até que eu a escave e a esterque;

E, se der fruto, ficará e, se não, depois a mandarás cortar."

Quão vividamente nosso Senhor percebeu as iminentes calamidades da nação, e quão claras e distintas eram suas advertências, pode-se inferir desta passagem. O assassinato de alguns galileus que subiram a Jerusalém para a festa da Páscoa, seja por ordem ou com a conspiração do governador romano, e a súbita destruição de dezoito pessoas pela queda da torre perto do grupo de Siloé foram incidentes que formaram os temas de conversa das pessoas naquela época. Nosso Senhor declara que as vítimas dessas calamidades não eram excepcionalmente impacientes, mas que um destino semelhante alcançaria as mesmas pessoas que agora falavam delas, a não ser que se arrependessem. O ponto de sua observação, muitas vezes negligenciado, reside na semelhança da ameaça de destruição. Ele não disse: "todos vocês irão perecer também", mas "todos vocês vão perecer da mesma maneira"; Que nosso Senhor tinha em vista a ruína que estava prestes a chegar a Jerusalém e a nação dificilmente pode ser duvidado. A analogia entre os casos é real e impressionante". Foi na festa da Páscoa que a população da Judeia se reuniu em Jerusalém, e ali foi preso pelas legiões de Tito, Josefo nos diz como, na última agonia do cerco, o sangue dos sacerdotes que oficiaram foi derramado ao pé do altar sacrificial. Os soldados romanos eram os executores do julgamento divino; e quando o

templo e a torre caíram no chão, eles enterraram em suas ruínas muitas vítimas de impenitência e incredulidade. É gratificante descobrir que Alford e Stier reconhecem a alusão histórica nesta passagem. O primeiro observa a força perdido na versão de nossas Bíblias "da mesma forma", [semelhante], que deveria ser traduzido "da mesma forma" [da mesma maneira], assim como o povo judeu pereceu pela espada dos romanos".[16]

O DESTINO IMINENTE DA NAÇÃO JUDAICA

Parábola da figueira estéril

Lucas 13:6-9: "E dizia esta parábola: Um certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha, e foi procurar nela fruto, não o achando;

E disse ao vinhateiro: Eis que há três anos venho procurar fruto nesta figueira, e não o acho. Corta-a; por que ocupa ainda a terra inutilmente?

E, respondendo ele, disse-lhe: Senhor, deixa-a este ano, até que eu a escave e a esterque;

E, se der fruto, ficará e, se não, depois a mandarás cortar."

O mesmo significado profético é revelado nesta parábola, que é quase a contrapartida da que aparece em Isaías 5, tanto na forma como no sentido. A verdadeira interpretação é tão óbvia que dificilmente é necessária qualquer explicação. Sua aplicação ao povo judeu é tão clara e direta, mais especialmente quando considerada em relação aos avisos anteriores. Israel é a figueira inútil, cultivada há muito tempo, mas sem produzir frutos para seu dono. Agora ele está em seu último teste: o machado, como João Batista declarou, foi colocado na raiz da árvore; mas o golpe fatal foi adiado pela intercessão da misericórdia. Mesmo naquele momento, o Salvador estava ocupado em seu trabalho de graça para alimentá-lo e cultivá-lo;

[16] Testamento grego. in loc.

um pouco mais, e o decreto surgiu: "Corte-o, por que ocuparia ainda a terra inutilmente?".

Não há dúvida de que, nessa como em outras parábolas, existem princípios gerais aplicáveis a todas as nações e a todos os tempos; mas não devemos perder de vista sua referência original e primária ao povo judeu. Stier e Alford parecem perder-se na busca de significados recônditos e místicos nos pequenos detalhes das imagens; Mas Neander dá uma explicação luminosa de sua verdadeira importância: "Como a figueira inútil, que não reconheceu o propósito de sua existência, foi destruída, assim também a nação teocrática, pelo mesmo motivo, depois de ter tido muita paciência, teria que ser alcançada pelos juízos de Deus e cortada de seu reino".[17]

O FIM DO MUNDO OU O FIM DA DISPENSAÇÃO JUDAICA?

Parábola do joio e do trigo

Mateus 13:36-50: "Então, tendo despedido a multidão, foi Jesus para casa. E chegaram ao pé dele os seus discípulos, dizendo:

Explica-nos a parábola do joio do campo.

E ele, respondendo, disse-lhes: O que semeia a boa semente, é o Filho do homem;

O campo é o mundo; e a boa semente são os filhos do reino; e o joio são os filhos do maligno;

O inimigo, que o semeou, é o diabo; e a ceifa é o fim do mundo; e os ceifeiros são os anjos.

Assim como o joio é colhido e queimado no fogo, assim será na consumação deste mundo.

Mandará o Filho do homem os seus anjos, e eles colherão do seu reino tudo o que causa escândalo, e os que cometem iniquidade.

[17] Vida de Cristo, seg. 245

E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes.

Então os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

Também o reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido num campo, que um homem achou e escondeu; e, pelo gozo dele, vai, vende tudo quanto tem, e compra aquele campo. Outrossim o reino dos céus é semelhante ao homem, negociante, que busca boas pérolas;

E, encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha, e comprou-a.

Igualmente o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, e que apanha toda a qualidade de peixes.

E, estando cheia, a puxam para a praia; e, assentando-se, apanham para os cestos os bons; os ruins, porém, lançam fora.

Assim será na consumação dos séculos: virão os anjos, e separarão os maus de entre os justos,

E lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá pranto e ranger de dentes".

Nas passagens citadas aqui, encontramos um exemplo de uma dessas traduções que tem feito muito para confundir e desorientar os leitores comuns de nossas versões bíblicas. É provável que, com a frase "fim do mundo", noventa e nove de cada cem leitores compreendam o fim da história humana e a destruição da Terra material. Eles não imaginariam que o "mundo" em Mt. 13:38 e o "mundo" em Mt. 13:39, 40, são palavras totalmente diferentes, com significados totalmente diferentes. No entanto, esse é o fato. Kosmos em Mt. 13:38 é o mundo corretamente traduzido e refere-se ao mundo dos homens, mas o éon em em Mt. 13:39, 40, refere-se a um período de tempo e deve ser processado por idade ou época. Lange traduz isso como um aion. É de extrema importância compreender corretamente os dois significados desta palavra e da frase "o fim do aion", ou da "era". Aion é, como dissemos, um período de tempo, ou época. É exatamente equivalente à palavra latina aevum , que é

meramente aion com traje latino; e a frase traduzida para a nossa versão, "o fim do mundo", deve ser "o fim desta época". Tittman observa: (grego - sunteleia tou aion) no Novo Testamento, não indica o fim do mundo, mas sim a consumação do aion, que deve ser seguido por uma nova era. Este é o caso em Mateus 13:39, 40, 49; 24:3; é de temer que esta última passagem seja mal interpretada quando aplicada à destruição do mundo.[18] Sempre foi crença dos judeus que o Messias inauguraria um novo aion, ou uma nova era: já este novo aion, ou essa era, é chamado de "reino dos céus". Portanto, o aion existente (a era presente) era a dispensação judaica, que agora se aproximava do fim; e o Senhor mostra nessas parábolas de forma impressionante como isso acabaria. É realmente surpreendente que os ouvintes não tenham reconhecido nestas previsões solenes a reprodução e reiteração das palavras de Malaquias e João Batista. Aqui encontramos a mesma separação final entre os justos e os ímpios; a mesma purificação da terra; o mesmo recolher o trigo no celeiro; o mesmo queima da palha [o joio, o restolho] no fogo. Pode haver alguma dúvida de que este é o mesmo ato de julgamento, no mesmo período de tempo, para o mesmo evento histórico, ao qual Malaquias, João e nosso Senhor se referem?

Mas vimos que João Batista previu um julgamento que era então iminente - uma catástrofe tão próxima que o machado já estava na raiz das árvores - de acordo com a profecia de Malaquias, que "o dia grande e terrível do Senhor" seguiria a chegada do segundo Elias. Chegamos, portanto, à conclusão de que essa discriminação entre os justos e os ímpios, a reunião do trigo no celeiro e queimando o joio no fogo, se refere à mesma catástrofe, isto é, à ira que veio sobre a mesma geração, quando Jerusalém literalmente se tornou uma "fornalha de fogo", e a era do judaísmo terminou no "grande e terrível dia do Senhor".

Esta conclusão é apoiada pelo fato de que existe uma estreita

[18] Sinônimos do Novo Teste. vol. 70; Bib. Cab. N. iii.

relação entre esta grande época judicial e a vinda do "reino dos céus". Nosso Senhor representa a separação entre os justos e os ímpios como característica da grande consumação que se chama "o reino de Deus". Mas havia sido declarado que o reino estava nas portas. Segue-se, portanto, que as parábolas diante de nós se referem, não a um evento remoto ainda no futuro, mas a um que, no tempo de nosso Salvador, estava perto.

Um argumento adicional a favor deste ponto de vista deriva da consideração de que nosso Senhor, em sua explicação da parábola da joio, fala de si mesmo como semeador da boa semente: "Aquele que semeia a boa semente é o Filho do Homem". É para o seu próprio ministério pessoal e resultados que ele se refere e, portanto, devemos considerar a parábola para ter uma relação especial com seus contemporâneos. Isto está em perfeita harmonia com sua solene advertência de Lucas 13:26-28, onde Ele descreve a condenação daqueles que tiveram o privilégio de apreciar sua presença pessoal e ministério, e que fingiram discipulado, mas eram joio e não trigo. "Então começareis a dizer: Temos comido e bebido na tua presença, e tu tens ensinado nas nossas ruas. E ele vos responderá: Digo-vos que não vos conheço nem sei de onde vós sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais a iniquidade. Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, e Isaque, e Jacó, e todos os profetas no reino de Deus, e vós lançados fora". Mesmo que essa linguagem seja aplicável aos homens em geral sob o evangelho, é claro que teve uma aplicação direta e específica aos contemporâneos de nosso Senhor - a geração que testemunhou seus milagres e ouviu suas parábolas; e que tiveram um relacionamento com ele, como não teve com mais ninguém.

Encontramos na conclusão da parábola do joio uma nota bem impressionante, que chama a atenção de uma maneira especial para a instrução contida nela: "Aquele que tem ouvidos para ouvir, que ele ouça". Podemos aproveitar a ocasião para fazer uma observação sobre a imensa importância de ter um conceito verdadeiro do período

em que nosso Senhor e os apóstolos ensinaram. Isso é indispensável para entender corretamente a doutrina do Novo Testamento sobre o "reino de Deus", o "fim dos tempos" e a "era por vir" ou o mundo por vir. Esse período foi perto do fim da dispensação judaica. A economia mosaica - como é chamado - o sistema de leis e instituições dadas à nação pelo próprio Deus, e que existiram por mais de quarenta gerações - estava prestes a ser substituída e desaparecer. Já estava em cena a última geração que possuía a terra - a última e também a pior - a criança e o herdeiro de seus antecessores. O longo período durante o qual o Senhor esgotou todos os métodos que a sabedoria divina e o amor divino poderiam conceber para cultivar e reformar Israel estava prestes a terminar. Isso acabaria desastrosamente. A Ira, por muito tempo contida e reprimida, explodiria e destruiria aquela geração. Esse seria "o grande e terrível Dia do Senhor". Este é "o fim do século" ao qual o Senhor sempre se referiu, e que seus apóstolos constantemente previam. Eles já estavam na penumbra daquela tremenda crise, cada vez mais perto cada dia, e, finalmente, de repente chegaria "como um ladrão na noite". Esta é a verdadeira explicação das constantes exortações para assistir, ser paciente e esperar, que está em abundância nas epístolas apostólicas. Eles viveram esperando uma consumação que viesse em seu próprio tempo, e que eles pudessem testemunhar com seus próprios olhos. Esse fato é evidente nos escritos do Novo Testamento; é a chave para interpretar muito do que de outra forma seria obscuro e ininteligível, e veremos durante esta investigação quão consistente essa visão é realizada ao longo das Escrituras do Novo Testamento.

A VINDA DO FILHO DO HOMEM (A PAROUSIA) DURANTE A VIDA DOS APÓSTOLOS

Mateus 10:23: "Quando vos perseguirem nesta cidade, fujam para o outro; porque em verdade digo-vos que não passarás por todas as cidades de Israel, antes que venha o filho do homem".

Nesta passagem, encontramos a primeira menção clara a esse grande evento que veremos com tanta frequência a respeito de nosso Senhor e seus Apóstolos, ou seja, sua Parousia. Na verdade, pode-se perguntar, como veremos, se esta passagem corretamente pertence a esta parte da história do evangelho.[19]

[19] Existe uma dificuldade real nesta passagem, que não deve ser negligenciada. Parece inexplicável que nosso Senhor, em uma ocasião como esta, quando enviou os doze em uma missão curta, aparentemente dentro de um distrito limitado, do qual eles retornariam em pouco tempo, falou-lhes de sua vinda que só ocorreria até que eles concluíssem seu dever de casa. Parece pouco apropriado para esse período particular, e isso corresponde mais a uma tarefa posterior, isto é, o que está registrado no discurso do Monte das Oliveiras (Mt 26, Mc 13, Lc 21). Na verdade, uma comparação dessas passagens pode satisfazer qualquer mente sincera de que todo o parágrafo (Mateus 10:16-23) foi transposto de sua conexão original e inserido na primeira missão que nosso Senhor confiou aos discípulos. Encontramos as mesmas palavras sobre a perseguição dos apóstolos, que seriam dadas aos conselhos, encurralados nas sinagogas, trazidos perante governadores e reis, etc., que são registrados no décimo capítulo de São Mateus, designado por São Marcos e São Lucas a um período subseqüente, ou seja, o discurso do Monte das Oliveiras. Não há evidências de que os discípulos tenham sofrido tal tratamento durante sua primeira turnê evangelística. Há, portanto, uma evidência forte como o caso permite, que o verso 23 e seu contexto pertence ao discurso do Monte das Oliveiras. Isso eliminaria a dificuldade que a passagem apresenta no relacionamento que encontramos aqui e proporcionaria coerência e consistência ao idioma que, como tal, não é fácil de descobrir. É um fato aceito que nem mesmo os evangelhos sinópticos relacionam todos os eventos exatamente na mesma ordem; portanto, deve haver maior precisão cronológica em um que em outro. Stier diz: "Mateus é descuidado na cronologia dos detalhes" (Reden Jesu, vol iii, p.U.S.). Neander, falando sobre esta mesma comissão, diz: "É evidente que Mateus conecta muitas coisas com as instruções dadas aos apóstolos em vista de sua primeira viagem, que corresponde cronologicamente mais tarde". (Vida de Cristo, 174, nota b); e, novamente, falando da comissão confiada aos setenta, como está registrada em Lucas, diz: "De acordo com Lucas, toda a coerência característica de tudo o que Cristo falou, com as circunstâncias (tão superiores à disposição de Mateus)", etc. . (Vida de Cristo, _204, nota 1). O Dr. Blaike observa: "É geralmente entendido que Mateus organizou sua narração mais para temas e lugares do que cronologicamente" (História da Bíblia, p.372). Portanto, parece haver uma abundante justificativa para atribuir a

Mas, deixando de lado a questão por enquanto, vamos nos perguntar o que realmente é a chegada do qual é falado aqui. Será possível, como sugere Lange, que Jesus seguisse seus mensageiros tão rapidamente no seu circuito evangelístico que iria alcançá-los antes de terminar? Ou devemos aceitar, como Michaelis, o significado claro e óbvio indicado pelas próprias palavras? A interpretação de Lange é certamente inaceitável. Quem pode duvidar que "a vinda do Filho do homem", o que é falada em toda parte, é a fórmula pela qual a Parousia, a segunda vinda de Cristo, é expressa? Esta frase tem um significado definido e constante, bem como a sua crucificação, ou a sua ressurreição, e não admite qualquer outra interpretação. Mas poderia ter uma dupla referência, primeiro, ao julgamento iminente de Jerusalém e, segundo, à destruição final do mundo, sendo o primeiro considerado como sombra do segundo? Alford aceita o duplo significado e é severo com aqueles que hesitam em aceitá-lo. Ele nos diz o que ele acha que Cristo queria dizer; mas, por outro lado, temos que considerar o que Ele disse. Os defensores do duplo sentido têm certeza de que Ele quis dizer mais do que Ele disse? Vamos olhar para as palavras dele. Alguma coisa pode ser mais específica e mais definida em termos de pessoas, lugar, tempo e circunstâncias do que esta previsão de nosso Senhor? É para os doze que ele fala; são as cidades de Israel que devem evangelizar; o tema é a sua chegada inicial; e o tempo é tão próximo que antes do seu trabalho terminar sua vinda acontecerá. Mas se quisermos ser informados de que esse não é o significado, nem mesmo a metade, e que isso inclui outra vinda, a outros evangelistas, a outras eras e outras terras - uma vinda que, depois de dezoito séculos, ainda é futuro, e talvez remoto - então surge a pergunta: o que a Bíblia não pode significar? O significado gramatical das palavras já não é suficiente para a interpretação; A Escritura é um enigma que deve ser adivinhado, um oráculo que pronuncia respostas ambíguas; e ninguém pode ter certeza, sem uma revelação especial, de que ele

---

importante previsão contida em Mt. 10:23 ao discurso pronunciado no Monte das Oliveiras.

entende o que ele lê. Portanto, estamos dispostos a concordar com Meyer que esta dupla referência "não é nada além de uma evasão forçada e antinatural", as palavras significam simplesmente o que dizem - que antes que os apóstolos completassem sua obra de evangelizar a terra de Israel, a vinda do Senhor deveria acontecer.

Esta é a interpretação da passagem tomada pelo Dr. E. Robinson: "A vinda referida é a destruição de Jerusalém e a dispersão da nação judaica, e o significado é que os apóstolos mal teriam tempo, antes da catástrofe, de passar por todas as cidades, alertando as pessoas da destruição de uma geração infeliz, de modo que eles não poderiam se dar ao luxo de atrasar em qualquer lugar depois que seus habitantes tivessem ouvido e rejeitado a mensagem".[20]

A PAROUSIA TEM LUGAR DURANTE A VIDA DOS DISCÍPULOS

Mateus 16:27,28: "Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras. Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui estão, que não provarão a morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino.

Marcos 8:38; 9:1: "Porquanto, qualquer que, entre esta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, com os santos anjos". "Dizia-lhes também: Em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte sem que vejam chegado o reino de Deus com poder" .

Lucas 9:26, 27: "Porque, qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do homem,

[20] Veja a nota na Harmonia dos Quatro Evangelhos.

quando vier na sua glória, e na do Pai e dos santos anjos. E em verdade vos digo que, dos que aqui estão, alguns há que não provarão a morte até que vejam o reino de Deus."

Esta declaração notável é de extrema importância nesta discussão e pode ser considerada como a chave para interpretar corretamente a doutrina da Parousia no Novo Testamento. Embora não se possa dizer que haja alguma dificuldade especial com o texto, ele causou grande perplexidade entre os comentaristas, que estão muito divididos em suas explicações. Certamente, é desnecessário perguntar o que é a vinda do Filho do Homem que está prevista aqui. Supor que se refere meramente à gloriosa manifestação de Jesus no monte da transfiguração, embora esta seja uma hipótese apoiada por grandes nomes,[21] é tão palpável e inadequada como uma interpretação que dificilmente precisa ser refutada. A mesma observação aplica-se aos comentários do Dr. Lange, que assume que esta vinda foi parcialmente cumprida com a ressurreição de Cristo. Esta exegese de Lange é uma ilustração tão curiosa dos arquivos aos quais os defensores de uma teoria de interpretação bi direcional, que merece ser citada, têm que recorrer. "Em nossa opinião", diz ele: "é necessário distinguir entre o advento de Cristo na glória de seu reino dentro do círculo de seus discípulos, e esse mesmo evento se aplica ao mundo em geral e ao julgamento. O último é o que geralmente é entendido pelo segundo advento: o primeiro ocorreu quando o Salvador ressuscitou dentre os mortos e apareceu no meio de seus discípulos. Assim, o significado das palavras de Jesus é: o momento está chegando quando seus corações descansarem na manifestação da minha glória; nem será o destino de todos os que estão aqui para morrer durante o intervalo. O Senhor poderia ter dito que apenas dois desses naquele círculo morreriam até então, a saber, Ele mesmo e Judas. Mas, na sua sabedoria, ele escolheu a expressão: "Alguns daqueles que estão aqui não vão provar da morte", para lhes dar

[21] O Treinamento dos Doze, p. 117

exatamente a medida da esperança e da expectativa ansiosa que eles precisavam."[22]

Basta dizer que tal interpretação das palavras de nosso Salvador nunca poderia ter passado pelas mentes daqueles que as ouviram. É tão implausível, intrincada e artificial, que é desacreditada pela própria ingenuidade. Mas a interpretação também não satisfaz as exigências do texto. Como a ressurreição de Cristo pode ser chamada de sua vinda na glória de seu Pai, com os santos anjos, no Seu reino e julgando cada um segundo suas obras? Ou como podemos supor que Cristo, falando de um evento que aconteceria mais ou menos em vinte meses, diria: "Em verdade, eu digo a você: alguns dos que estão aqui não provarão a morte até que vejam o reino de Deus?" A própria forma da expressão mostra que o evento que está sendo falado não pode ser dentro de alguns meses, mesmo dentro de alguns anos: é uma maneira de falar, que todos os presentes viveriam para testemunhar o evento que está sendo falado; que muitos não estariam; mas alguns outros sim. É exatamente a maneira de falar que caberia em um intervalo de trinta ou quarenta anos, quando a maioria das pessoas presentes ali teriam morrido, mas algumas sobreviveriam e testemunhariam o evento mencionado.

Alford [23] e Stier compreendem mais razoavelmente a passagem como se referindo "a destruição de Jerusalém e a manifestação completa do reino de Cristo através da aniquilação do estado judeu", embora ambos embaraçam e confundam sua interpretação com a hipótese de uma oculta alusão a outra "vinda final", da qual a destruição de Jerusalém teria que ser "tipo e sinal". Deste modo, no entanto, nenhuma sugestão é dada pelo próprio Cristo ou pelos evangelistas. A verdade é que não se pode negar que nosso Senhor às vezes usava linguagem ambígua. Para os judeus, ele disse: "Destrua este templo, e eu o ressuscitarei em três dias" (João 2:19), mas o

[22] Lange, Comm. em St. Mt. in loc.
[23] Alford, teste grego. in loc.

evangelista tem o cuidado de acrescentar: "Mas ele falou do templo de seu corpo". Então, quando Jesus alude à maneira de sua própria morte, dizendo: "E eu, se eu for levado da terra", o evangelista acrescenta: "E dizia isto, significando de que morte havia de morrer" (João 12:33). Portanto, é razoável supor que, se os evangelistas conhecessem um significado mais profundo e mais oculto das previsões de Cristo, teriam dado uma indicação disso; mas eles não dizem nada que nos leve a inferir que seu significado aparente não é seu significado completo e verdadeiro.

Na verdade, não há ambiguidade quanto a vinda do que é aludido na passagem agora em consideração.

Não é uma das várias aventuras possíveis; mas um único e supremo evento, tão frequentemente predito por nosso Senhor, tão constantemente esperado por Seus discípulos. É a Sua vinda em glória; Sua vinda ao julgamento; Sua vinda em Seu reino; a vinda do reino de Deus. Não é um processo, mas um ato. Não é a mesma coisa que "a destruição de Jerusalém" - esse é outro evento relacionado e contemporâneo; mas os dois não devem ser confundidos. O Novo Testamento conhece apenas uma Parousia, uma vinda em glória do Senhor Jesus Cristo. É completamente um abuso de linguagem falar de vários sentidos nos quais se pode dizer que Cristo vem - como em Sua própria ressurreição; no dia de Pentecostes; na destruição de Jerusalém; na morte de um crente; e em várias épocas providenciais. Este não é o uso do Novo Testamento, nem é uma linguagem precisa em nenhum ponto de vista. Somente esta passagem contém tanta verdade importante a respeito da Parousia, que se pode dizer que cobre todo o terreno; e, quando usado corretamente, será considerado a chave para a verdadeira interpretação da doutrina do Novo Testamento sobre esse assunto.

Concluímos então:

1. Que a vinda da qual se fala aqui é a Parousia, a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo.

2. Que essa parousia seria gloriosa - "na sua glória" e"na glória do seu Pai", "com os santos anjos".

3. Que o propósito de sua parousia foi julgar aquela "geração perversa e adúltera" (Marcos 8:38) e "dar a cada um de acordo com suas obras".

4. Que a sua vinda seria a consumação do "reino de Deus"; o fim da era; "a vinda do reino de Deus com poder".

5. Que o nosso Salvador declarou expressamente que esta manifestação estava próxima . Lange observa corretamente que as palavras são "colocadas enfaticamente no início da oração, não é um futuro simples, mas eles significam: o evento é iminente e que em breve Ele virá, está prestes a vir".[24]

6. Que alguns dos que ouviram o nosso Salvador fazer esta predição teriam que viver para testemunhar o evento do qual ele estava falando, isto é, a sua vinda em glória.

Portanto, segue-se que Ele próprio declarou que a Parousia, ocorreria dentro dos limites da geração que existia, uma conclusão que encontraremos na sequência como justificável e em abundância.

[24] Veja Lange in loc .

A VINDA DO FILHO DO HOMEM, SEGURA E PRONTA

Parábola da viúva importunada

Lucas 18:1-8: "E contou-lhes também uma parábola sobre o dever de orar sempre, e nunca desfalecer, dizendo: Havia numa cidade um certo juiz, que nem a Deus temia, nem respeitava o homem.

Havia também, naquela mesma cidade, uma certa viúva, que ia ter com ele, dizendo: Faze-me justiça contra o meu adversário.

E por algum tempo não quis atendê-la; mas depois disse consigo: Ainda que não temo a Deus, nem respeito os homens,

Todavia, como esta viúva me molesta, hei de fazer-lhe justiça, para que enfim não volte, e me importune muito

E disse o Senhor: Ouvi o que diz o injusto juiz.

E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles?

Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?"

O caráter intensamente prático e atual, se podemos chamá-lo assim, dos discursos de nosso Senhor, é uma característica de seus ensinamentos que, embora muitas vezes negligenciados, requer que ele não seja perdido de vista. Ele falou com seu próprio povo, em seu próprio tempo. Ele era o mensageiro de Deus para Israel; e, embora seja muito verdade que suas palavras são para todos os homens em todos os momentos, foram aplicadas principalmente e diretamente à sua própria geração. Por falta de atenção a este fato, muitos expositores fugiram completamente da intenção da parábola diante de nós. Em suas mãos, torna-se uma predição vaga e indefinida de uma reivindicação dos justos, em algum período mais ou menos remoto, mas sem qualquer aplicação especial para o povo e para o tempo do próprio Senhor. Certamente, qualquer aplicação pessoal que essa parábola possa trazer para nós ou para tempos

futuros, teve uma aplicação direta e específica aos discípulos a quem foi originalmente abordada. O Senhor estava prestes a deixar seus discípulos "como ovelhas no meio dos lobos"; eles seriam perseguidos e afligidos, e odiados por todos os homens, pelo amor de seu Mestre; e poderia muito bem acontecer que faltasse coragem e que seus corações desmaiassem. Nesta parábola, o Salvador os encoraja a "orar sempre, e não desanimar", através do exemplo do que a oração perseverante pode fazer, mesmo com os homens. Se a importunidade de uma viúva pobre pudesse restringir um juiz sem princípios para fazer justiça a ela, quanto mais Deus, o único juiz, seria movido pelas orações de seus próprios filhos para que suas queixas fossem reparadas. Sem alegorizar todos os detalhes da parábola, como alguns comentaristas fazem, basta sublinhar a sua grande moral. É esta: Os filhos perseguidos de Deus seriam vingados com segurança e prontamente. Deus os vindicaria e logo. Mas quando? O ponto no tempo não foi deixado indefinido. É "quando o filho do homem vier". A parousia seria a hora da reparação e libertação do povo sofredor de Deus.

A reflexão de nosso Senhor no final do versículo oito merece atenção especial. "Mas quando o Filho do Homem vier, ele encontrará fé na Terra?" Neste ponto, devemos retornar aos fatos acima mencionados sobre o ministério de João Batista. Vimos como o horizonte escuro e ameaçador era o ponto de vista do profeta que pregava arrependimento a Israel. Ele foi o precursor do "grande e terrível dia do Senhor"; Foi o segundo Elias enviado para proclamar a vinda daquele que "feriria a terra com uma maldição". A reflexão de nosso Senhor indica que ele previu que o arrependimento, o único que poderia impedir o desastre da nação, não seria procurado. Não haveria fé em Deus, nem em suas promessas, nem em suas ameaças. Portanto, o dia do Senhor seria o "dia da retribuição" (Lucas 21:22).

Doddridge capturou bem o alcance desta parábola, e parafraseia o versículo da seguinte forma: 'Assim, nosso Senhor discursou com Seus discípulos sobre a aproximação da destruição de Jerusalém pelos

romanos; e incentivá-los tendo em vista as calamidades que poderiam alcança-los, tanto de seus compatriotas como de outros incrédulos; Ele contou uma parábola, para eles, que tinha a intenção de alertar para esta grande verdade, que independente de quão angustiantes as suas circunstâncias poderiam ser, eles deveriam sempre orar com fé e perseverança, e não desmaiar sob suas provações".[25]

A seguir, é a paráfrase de Lucas 18:8: "Sim, eu digo que Ele certamente irá reivindicá-lo, e quando Ele o faz, Ele o fará rapidamente, e essa geração de homens o verá e o sentirá com terror". No entanto, quando o Filho do Homem, tendo entrado em possessão de seu reino glorioso, vindo a aparecer com este importante propósito, encontrará fé na terra de Israel?"[26]

---

[25] Exposições familiares. em Lucas 18:1-8

[26] Doddridge tem a seguinte nota sobre "Será que ele encontrará fé na Terra?" "É evidente que a palavra geralmente significa, não a Terra em geral, mas algum território ou país particular, como em Atos 7:3, 4, 11 e em inúmeros outros lugares, e o contexto aqui o limita ao significado menor. É evidente que os crentes hebreus estavam em maior perigo das perseguições e da angústia. Comp. Hb. 3:12-14; 10:23-39; 12:1-4; Tiago 1:1-4; 2:6. A interpretação dada pelo judicioso Campbell acrescenta confirmação, se necessário, a essa visão da passagem. Há uma conexão íntima em tudo o que nosso Senhor diz sobre qualquer assunto de conversa, que raramente escapa de um leitor atento. Se nisso, como é muito provável, Ele se refere à destruição iminente sobre a nação judaica, como o julgamento do Céu por sua rebelião contra Deus, ao rejeitar e assassinar o Messias. e perseguindo Seus seguidores, (o grego) deve ser entendido como significando "essa crença", ou a crença da verdade particular que Ele vinha inculcando, a saber, que Deus vingará no devido tempo os Seus eleitos e punirá de forma significativa seus opressores; e (o grego) deve significar "a terra", a saber, da Judéia. As palavras podem ser traduzidas de qualquer maneira - terra ou território; mas o último, evidentemente, dá-lhes um significado mais definido, e os une mais de perto com aqueles que o precederam (Campbell on the Gospels, vol. 2: p. 384). O ensino desta parábola instrutiva não está de modo algum esgotado; e vamos encontrá-lo lançar uma luz inesperada em uma passagem muito obscura, em um estágio futuro desta investigação. Enquanto isso, podemos nos referir a 2 Ts. 1:4-10, como fornecendo um comentário surpreendente sobre toda a parábola, e mostrando a conexão entre o Parousia e a vingança dos eleitos.

A RECOMPENSA DOS DISCÍPULOS NA ERA VINDOURA, OU SEJA NA PAROUSIA

Mateus 19:27-29 "Então Pedro, tomando a palavra, disse-lhe: Eis que nós deixamos tudo, e te seguimos; que receberemos? E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor de meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna."

Marcos 10:28-30 "E Pedro começou a dizer-lhe: Eis que nós tudo deixamos, e te seguimos.

E Jesus, respondendo, disse: Em verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou campos, por amor de mim e do evangelho, Que não receba cem vezes tanto, já neste tempo, em casas, e irmãos, e irmãs, e mães, e filhos, e campos, com perseguições; e no século futuro a vida eterna."

Lucas 18:28-30 "E disse Pedro: Eis que nós deixamos tudo e te seguimos.

E ele lhes disse: Na verdade vos digo que ninguém há, que tenha deixado casa, ou pais, ou irmãos, ou mulher, ou filhos, pelo reino de Deus,

Que não haja de receber muito mais neste mundo, e na idade vindoura a vida eterna".

A que período devemos designar o evento ou estado aqui chamado pelo nosso Senhor de "regeneração"? É evidentemente contemporâneo do "Filho do homem sentado no trono da sua glória". Não pode haver qualquer dúvida de que as duas frases: "O Filho do homem vindo em seu reino" e "O Filho do homem sentado

no trono de sua glória", ambas se referem à mesma coisa e ao mesmo tempo. Isto é, é para a Parousia que ambas as expressões apontam.

Temos outra nota de tempo e outro ponto de coincidência entre a "regeneração" e a Parousia, na referência feita por nosso Senhor à "idade ou éon", como o período em que Seus fiéis discípulos receberiam sua recompensa. (Marcos 10:30, Lucas 18:30) Mas a 'idade vindoura' foi, como já vimos, para suceder a era existente ou aeon, isto é, o período da dispensação judaica, o fim do qual nosso Senhor declarou estar próximo. Concluímos, portanto, que a "regeneração", a "idade vindoura" e a "parousia" são virtualmente sinônimos ou, em todo caso, contemporâneas. A vinda do Filho do homem em Seu reino, ou em Sua glória, é distintamente afirmada como uma vinda em julgamento - 'recompensar cada homem de acordo com suas obras; (Mt. 16:27) e o fato de Ele estar sentado no trono de Sua glória, na regeneração, é evidentemente uma sentença de julgamento. Neste julgamento, os apóstolos teriam a honra de serem conselheiros com o Senhor, de acordo com sua declaração (Lucas 22: 29-30). "Eu, portanto, eu te designei um reino, como meu Pai o designou para mim, para que você possa comer e beber em minha mesa no meu reino, e sentar em tronos julgando as doze tribos de Israel". Mas nosso Senhor expressamente afirma que esta vinda gloriosa para julgar ocorreria dentro dos limites da geração que viveu naquele tempo: "Há alguns dos que estão aqui, que não provarão a morte, até que tenham visto o Filho do Homem vindo em seu reino" (Mt 16:28). Não era, portanto, nenhuma esperança longamente adiada e distante que Jesus oferecia aos seus discípulos. Não era uma perspectiva que ainda é vista de longe na obscura perspectiva de um futuro indefinido. Pedro e seus companheiros discípulos estavam plenamente conscientes de que "o reino dos céus" estava próximo. Eles aprenderam isso com seu primeiro professor no deserto; eles tinham sido assegurados por seu Senhor e Mestre; eles haviam passado pela Galileia proclamando a verdade aos seus compatriotas.

Quando o Senhor prometeu, portanto, que nos próximos dias seus

apóstolos deveriam sentar-se em tronos, é concebível que Ele pudesse significar que eras e séculos e até mesmo milênios, tiveram que passar lentamente antes que eles pudessem colher as prometidas honras? A herança da "vida eterna" e o "assentar nos doze tronos" ainda estão entre "as coisas que se esperam, mas não são vistas" pelos discípulos? Certamente tal hipótese se refuta. A promessa teria soado como escárnio aos discípulos se tivessem sido informados de que o cumprimento levaria tanto tempo. Por outro lado, se concebermos a "regeneração" como contemporânea a Parousia, e a Parousia, com o fim da era judaica e a destruição da cidade e do templo de Jerusalém, temos um ponto definido de tempo, não muito distante, mas quase à vista dos homens que viviam, quando o predito julgamento dos inimigos de Cristo e a gloriosa recompensa de seus amigos ocorreriam.

INDICAÇÕES PROFÉTICAS DA CONSUMAÇÃO QUE SE APROXIMA E A VINDA DO REINO DE DEUS

I. Parábola das minas

Lucas 19:11-27: "E, ouvindo eles estas coisas, ele prosseguiu, e contou uma parábola; porquanto estava perto de Jerusalém, e cuidavam que logo se havia de manifestar o reino de Deus.

Disse pois: Certo homem nobre partiu para uma terra remota, a fim de tomar para si um reino e voltar depois.

E, chamando dez servos seus, deu-lhes dez minas, e disse-lhes: Negociai até que eu venha.

Mas os seus concidadãos odiavam-no, e mandaram após ele embaixadores, dizendo: Não queremos que este reine sobre nós.

E aconteceu que, voltando ele, depois de ter tomado o reino, disse que lhe chamassem aqueles servos, a quem tinha dado o dinheiro, para saber o que cada um tinha ganhado, negociando.

E veio o primeiro, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu dez minas.

E ele lhe disse: Bem está, servo bom, porque no mínimo foste fiel, sobre dez cidades terás autoridade.

E veio o segundo, dizendo: Senhor, a tua mina rendeu cinco minas.

E a este disse também: Sê tu também sobre cinco cidades.

E veio outro, dizendo: Senhor, aqui está a tua mina, que guardei num lenço;

Porque tive medo de ti, que és homem rigoroso, que tomas o que não puseste, e segas o que não semeaste.

Porém, ele lhe disse: Mau servo, pela tua boca te julgarei. Sabias que eu sou homem rigoroso, que tomo o que não pus, e sego o que não semeei;

Por que não puseste, pois, o meu dinheiro no banco, para que eu, vindo, o exigisse com os juros?

E disse aos que estavam com ele: Tirai-lhe a mina, e dai-a ao que tem dez minas.

(E disseram-lhe eles: Senhor, ele tem dez minas.)

Pois eu vos digo que a qualquer que tiver ser-lhe-á dado, mas ao que não tiver, até o que tem lhe será tirado.

E quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui, e matai-os diante de mim".

Todos os leitores atentos da história do evangelho podem perceber o quanto os ensinamentos de nosso Senhor, quando Ele se aproximava do fim de Seu ministério, residiam no tema do julgamento vindouro. Quando falou esta parábola, ele estava a caminho de Jerusalém para celebrar a última Páscoa antes de sofrer; e é notável como muitos de seus discursos desde então parecem ser quase completamente absorvidos, não na própria morte que se aproxima, mas na iminente catástrofe da nação. Não só esta parábola das minas, mas o seu lamento por Jerusalém (Lucas 19:41); Sua maldição sobre a figueira (Mt. 21, Mc.11); a parábola dos lavradores maus (Mt. 21, Mc. 12, Lc. 20); a parábola do casamento do filho do rei (Mt. 22); as aflições pronunciadas nessa geração (Mt. 23:29-36); o segundo lamento por Jerusalém (Mt. 23:37-38); e o discurso profético no Monte das Oliveiras, tudo isso lida com esse assunto absorvente.

A consideração dessas indicações proféticas mostrará que a catástrofe antecipada por nosso Senhor não era um evento remoto, distante centenas e milhares de anos no futuro, mas um evento que caiu naquela época e nessa nação; e que as Escrituras não nos autorizam a supor que nada mais, ou qualquer outra coisa além, que não está incluído nas palavras de nosso Salvador.

A parábola das minas foi pronunciada por nosso Senhor para corrigir uma expectativa equivocada por parte de seus discípulos, de que "o reino de Deus" estava prestes a se manifestar imediatamente; não é surpreendente que tenham caído nesse erro. João Batista anunciou: "O reino de Deus se aproximou". O próprio Jesus proclamou o mesmo fato; e encomendou-os para proclamá-lo nas cidades e aldeias da Galileia. Como patriotas israelitas, eles se contorceram sob o jugo de Roma e desejavam as antigas liberdades da nação. Como filhos piedosos de Abraão, eles queriam ver todas as nações abençoadas nele. E havia outros sentimentos menos nobres que tinham um lugar em suas mentes.

Não era seu próprio Mestre o Filho de Davi, o rei que deveria vir ao mundo? O que eles não poderiam esperar, uma vez que eram seus seguidores e seus amigos mais próximos? Isso os fez competir entre eles pelo lugar de honra no reino. Isso fez os filhos de Zebedeu ansiosos para obter a promessa das posições mais honradas, à direita e à esquerda de Jesus, quando ele assumisse a soberania. E agora eles estavam se aproximando de Jerusalém. O grande festival nacional da Páscoa estava se aproximando; Todo Israel foi para a Cidade Santa; e não havia ninguém lá que não desejasse ver Jesus de Nazaré. O que mais do que o entusiasmo popular colocaria seu Mestre no trono de seu pai Davi? O que eles queriam, eles acreditavam; e "eles pensaram que o reino de Deus se manifestaria imediatamente".

Mas o Senhor restringiu suas esperanças entusiasmadas e disse-lhes, em uma parábola, que um certo intervalo deve decorrer antes de suas

expectativas serem cumpridas. Tomando como base para a parábola um incidente bem conhecido da história judaica recente, isto é, a jornada de Arquelau a Roma para obter do imperador a sucessão aos domínios de seu pai, Herodes o Grande, Jesus empregou como uma ilustração apropriada de seu própria partida da terra, e sua posterior manifestação em glória. Enquanto isso, durante o tempo de sua ausência, ele deu a seus servos uma tarefa a cumprir. "Negocie entre tanto até que eu venha". Eles deveriam ser diligentes e fiéis, até que o Senhor retornasse, quando os leais servos seriam aplaudidos e recompensados, e seus inimigos completamente destruídos.

Nada pode ser melhor do que a explicação de Neander sobre esta parábola, embora, de fato, se possa dizer que ela se auto explica. No entanto, pode ser bom inserir suas observações. "Nesta parábola, em vista das circunstâncias em que foi proferida, e da catástrofe que se aproximava, são dadas indícios especiais da partida de Cristo da Terra, sua ascensão, seu retorno para julgar a nação rebelde teocrática, e para consumar seu domínio, ele descreve um grande homem que viaja para o tribunal distante do poderoso imperador para receber autoridade de seus concidadãos e retornar com poder real, de modo que Cristo não foi imediatamente reconhecido em sua posição real, mas primeiro ele teve que deixar a terra, deixar seus agentes para avançar seu reino, ascender ao céu, ser nomeado rei teocrático, e retornar novamente para exercer o poder conquistado".[27]

Tal é o ensinamento da parábola das minas. Mas embora o reino de Deus não devesse aparecer no momento preciso que os discípulos anteciparam, não se sugere que foi adiada desde então e que a consumação esperada não ocorreria por centenas ou milhares de anos. Isso falsificaria as declarações mais expressas de Cristo e seu antecessor. Como eles poderiam ter dito que o reino estava próximo, se ele não apareceria por séculos? Como poderia ser dito que um

[27] Vida de Cristo, seg. 239

evento que estava perto, se na verdade estava mais distante do que todo o período da era judaica de Moisés a Cristo? O reino ainda pode estar próximo, embora não tão perto como os discípulos supunham. Era apropriado que seu Senhor "parta", mas apenas "por um tempo", quando ele voltaria para eles "no seu reino". Esta era a esperança na qual eles viviam, a fé que eles pregavam; e não podemos pensar que sua fé e esperança eram uma ilusão.

II. A Lamentação de Jesus sobre Jerusalém

Lucas 19:41-44: "E, quando ia chegando, vendo a cidade, chorou sobre ela,

Dizendo: Ah! se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos.

Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todos os lados;

E te derrubarão, a ti e aos teus filhos que dentro de ti estiverem, e não deixarão em ti pedra sobre pedra, pois que não conheceste o tempo da tua visitação."

Aqui estamos no terreno que não é discutível. Esta profecia é clara e clara como história. Nenhum defensor da teoria da interpretação de duplo sentido propôs encontrar aqui nada além de Jerusalém e sua desolação que se aproximava. Não é a conflagração da terra, nem a dissolução da criação: é o cerco e a demolição da Cidade Santa, e o massacre de seus cidadãos, como historicamente cumprido em menos de quarenta anos - apenas isto e nada mais. Mas porque? Por que não é o duplo significado possível aqui? A resposta será, sem dúvida: porque aqui tudo é homogêneo e consecutivo; O Salvador está olhando para Jerusalém, e falando com Jerusalém, e prevendo um evento que logo ocorreria. Mas isso também é o que acontece com a profecia de Mateus 24:1-51, onde os expositores encontram, às vezes, Jerusalém e às vezes o mundo; às vezes o término do governo judeu, e às vezes a conclusão da história humana; às vezes o ano 70 d. C., e

às vezes um período de tempo ainda desconhecido. Veremos que a profecia do Monte das Oliveiras não é menos consecutiva, nem menos homogênea, nem menos indivisível, e essa é uma previsão clara e simples da iminente destruição de Jerusalém. Se a teoria do duplo cumprimento, ou dupla referência, fosse usada para algo, seria considerado igualmente aplicável à predição que temos diante de nós. Aqui, no entanto, seus próprios advogados a descartam; pois o senso comum se recusa a ver nessa arrepiante lamentação outra coisa além Jerusalém, e somente Jerusalém.

III. A Parábola dos lavradores maus

Mateus 21:33-46: "Ouvi, ainda, outra parábola: Houve um homem, pai de família, que plantou uma vinha, e circundou-a de um valado, e construiu nela um lagar, e edificou uma torre, e arrendou-a a uns lavradores, e ausentou-se para longe.

E, chegando o tempo dos frutos, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os seus frutos.

E os lavradores, apoderando-se dos servos, feriram um, mataram outro, e apedrejaram outro.

Depois enviou outros servos, em maior número do que os primeiros; e eles fizeram-lhes o mesmo.

E, por último, enviou-lhes seu filho, dizendo: Terão respeito a meu filho.

Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, e apoderemo-nos da sua herança.

E, lançando mão dele, o arrastaram para fora da vinha, e o mataram.

Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores?

Dizem-lhe eles: Dará afrontosa morte aos maus, e arrendará a vinha a outros lavradores, que a seu tempo lhe dêem os frutos.

Diz-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras:A pedra, que os edificadores rejeitaram,essa foi posta por cabeça do ângulo;pelo Senhor foi feito isto,E é maravilhoso aos nossos olhos?

Portanto, eu vos digo que o reino de Deus vos será tirado, e será dado a uma nação que dê os seus frutos.

E, quem cair sobre esta pedra, despedaçar-se-á; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó.

E os príncipes dos sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas palavras, entenderam que falava deles;

E, pretendendo prendê-lo, recearam o povo, porquanto o tinham por profeta."

Marcos 12:1-12: "E começou a falar-lhes por parábolas: Um homem plantou uma vinha, e cercou-a de um valado, e fundou nela um lagar, e edificou uma torre, e arrendou-a a uns lavradores, e partiu para fora da terra.

E, chegado o tempo, mandou um servo aos lavradores para que recebesse, dos lavradores, do fruto da vinha.

Mas estes, apoderando-se dele, o feriram e o mandaram embora vazio.

E tornou a enviar-lhes outro servo; e eles, apedrejando-o, o feriram na cabeça, e o mandaram embora, tendo-o afrontado.

E tornou a enviar-lhes outro, e a este mataram; e a outros muitos, dos quais a uns feriram e a outros mataram.

Tendo ele, pois, ainda um seu filho amado, enviou-o também a estes por derradeiro, dizendo: Ao menos terão respeito ao meu filho.

Mas aqueles lavradores disseram entre si: Este é o herdeiro; vamos, matemo-lo, e a herança será nossa.

E, pegando dele, o mataram, e o lançaram fora da vinha.

Que fará, pois, o senhor da vinha? Virá, e destruirá os lavradores, e dará a vinha a outros.

Ainda não lestes esta Escritura: A pedra, que os edificadores rejeitaram,Esta foi posta por cabeça de esquina;
Isto foi feito pelo Senhor E é coisa maravilhosa aos nossos olhos?

E buscavam prendê-lo, mas temiam a multidão; porque entendiam que contra eles dizia esta parábola; e, deixando-o, foram-se."

Lucas 20:9-19: "E começou a dizer ao povo esta parábola: Certo

homem plantou uma vinha, e arrendou-a a uns lavradores, e partiu para fora da terra por muito tempo;

E no tempo próprio mandou um servo aos lavradores, para que lhe dessem dos frutos da vinha; mas os lavradores, espancando-o, mandaram-no vazio.

E tornou ainda a mandar outro servo; mas eles, espancando também a este, e afrontando-o, mandaram-no vazio.

E tornou ainda a mandar um terceiro; mas eles, ferindo também a este, o expulsaram.

E disse o senhor da vinha: Que farei? Mandarei o meu filho amado; talvez que, vendo, o respeitem.

Mas, vendo-o os lavradores, arrazoaram entre si, dizendo: Este é o herdeiro; vinde, matemo-lo, para que a herança seja nossa.

E, lançando-o fora da vinha, o mataram. Que lhes fará, pois, o senhor da vinha?

Irá, e destruirá estes lavradores, e dará a outros a vinha. E, ouvindo eles isto, disseram: Não seja assim!

Mas ele, olhando para eles, disse: Que é isto, pois, que está escrito? A pedra, que os edificadores reprovaram, Essa foi feita cabeça da esquina.

Qualquer que cair sobre aquela pedra ficará em pedaços, e aquele sobre quem ela cair será feito em pó.

E os principais dos sacerdotes e os escribas procuravam lançar mão dele naquela mesma hora; mas temeram o povo; porque entenderam que contra eles dissera esta parábola."

Esta parábola, registrada em termos quase idênticos pelos sinópticos, dificilmente precisa ser interpretada. Sua referência local, pessoal e nacional é muito clara para ser questionada. A vinha é a terra de Israel; o senhor da vinha é o pai; Seus mensageiros são seus servos, os profetas; Seu único filho amado é o próprio Senhor Jesus; os fazendeiros são judeus rebeldes e perversos; a punição é a catástrofe vindoura na parusia, quando, como Neander expressa bem,

"a relação teocrática é quebrada, e o reino é transferido para outras nações que produzirão frutos correspondentes a ela".[28]

A aplicação desta parábola às pessoas do tempo de nosso Salvador é tão direta e explícita, que se poderia assumir que nenhum crítico teria que procurar um significado oculto ou uma referência adicional posterior. Os principais sacerdotes e os fariseus perceberam que "contra eles dissera esta parábola"; e eles estremeceram e fizeram um gesto de dor sob o chicote. Como podemos ver, está perfeitamente claro e inteligível; mas a exegese de um teólogo pode torná-lo realmente escuro e obscuro. Por exemplo, Lange comenta sobre Mateus 24:41:

"A parousia de Cristo é consumada em sua última vinda, mas ele não é um com ela. Em princípio, começa com a ressurreição (João 16:16); continua como um poder ao longo do período do Novo Testamento (João 14: 3-19); e é consumado no sentido mais estrito no último advento (1 Cor 15:23, Mateus 25:31, 2 Tessalonicenses 2, etc.)".[29]

Aqui não temos uma vinda, nem a vinda de Cristo, mas nada menos do que três vindas, separadas e distintas - uma vinda contínua que já dura quase dois mil anos e pode continuar por mais dois mil, pelo que sabemos. Mas nada disso tem sequer uma pista no texto, ou em qualquer outro lugar. É meramente um adorno humano, sem uma única partícula de autoridade bíblica, inventada em virtude de uma teoria de interpretação de duplo ou triplo sentido.

Muito mais sóbria é a explicação de Alford: "Podemos observar que "quando o Senhor vem" coincide com a destruição de Jerusalém, Assim, esta passagem constitui uma chave importante para as profecias do nosso Senhor, e uma justificativa decisiva para aqueles

[28] Vida de Cristo , seg. 256
[29] Lange sobre Mateus P. 388.

que, como eu, afirmam que a vinda do Senhor, em muitos lugares, deve ser identificada principalmente com essa destruição".[30]

Deve-se lamentar que esta nota sóbria e sensata seja marcada pelas frases "em muitos lugares" e "principalmente", mas é, no entanto, uma admissão importante. Sem dúvida, encontramos aqui "uma chave importante para as profecias de nosso Senhor"; mas a chave mestra é a que já encontramos em Mt. 16:27, 28, e que serve para abrir, não apenas essa, mas muitas outras palavras sombrias nos oráculos proféticos.

IV. Parábola do casamento do filho do rei

Mateus 22:1-14: "Então Jesus, tomando a palavra, tornou a falar-lhes em parábolas, dizendo:

O reino dos céus é semelhante a um certo rei que celebrou as bodas de seu filho;

E enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas, e estes não quiseram vir.

Depois, enviou outros servos, dizendo: Dizei aos convidados: Eis que tenho o meu jantar preparado, os meus bois e cevados já mortos, e tudo já pronto; vinde às bodas.

Eles, porém, não fazendo caso, foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio;

E os outros, apoderando-se dos servos, os ultrajaram e mataram.

E o rei, tendo notícia disto, encolerizou-se e, enviando os seus exércitos, destruiu aqueles homicidas, e incendiou a sua cidade.

Então diz aos servos: As bodas, na verdade, estão preparadas, mas os convidados não eram dignos.

Ide, pois, às saídas dos caminhos, e convidai para as bodas a todos os que encontrardes.

[30] Alford, Testamento grego. in loc.

E os servos, saindo pelos caminhos, ajuntaram todos quantos encontraram, tanto maus como bons; e a festa nupcial foi cheia de convidados.

E o rei, entrando para ver os convidados, viu ali um homem que não estava trajado com veste de núpcias.

E disse-lhe: Amigo, como entraste aqui, não tendo veste nupcial? E ele emudeceu.

Disse, então, o rei aos servos: Amarrai-o de pés e mãos, levai-o, e lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes. Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos."

Esta parábola tem uma forte semelhança com a da "Grande Ceia" de Lucas 14. É possível que as duas parábolas sejam apenas versões diferentes do mesmo original. A questão, no entanto, não afeta a discussão atual, e não pode ser provado que essas parábolas não foram proferidas em diferentes ocasiões. A moral de ambos é a mesma; mas a natureza da parábola registrada por São Mateus é mais claramente escatológica do que a de São Lucas. Ele aponta claramente para a consumação próxima do "reino dos céus". A vingança que o rei promoveu sobre os assassinos de seu filho e contra sua cidade é uma referência a vingança que veio sobre Jerusalém e aos judeus. Os exércitos romanos eram apenas os executores da justiça divina; e Jerusalém pereceu por causa dela e sua rebelião contra o seu rei.

Alford, em suas notas sobre essa parábola, embora reconhecendo uma referência parcial e primária a Israel e Jerusalém, descobre também que ela se estende muito além de seu escopo aparente, e é dividida em dois atos, o primeiro dos quais é passado, e termina com Mt. 22:10; enquanto um novo ato abre com Mt. 22:11, que ainda está no futuro. Isso implica que o julgamento de Israel e Jerusalém não proporciona um cumprimento completo e exaustivo das palavras de nosso Senhor. Por um lado, temos os ensinamentos do próprio Cristo - simples, claros e inequívocos; por outro lado, a especulação conjetural do crítico, sem uma centelha de evidência ou autoridade da

palavra de Deus. Expor a parábola de acordo com sua clara significância histórica será ridicularizado por alguns como superficial, e pouco espiritual, e que devemos tentar encontrar neles significados ocultos, enigmas escuros e profundos, profundidades místicas que ninguém além de teólogos podem explorar, e que isso é uma visão crítica, uma percepção aguda, uma alta espiritualidade! Em nossa opinião, toda essa imitação de hipóteses e sentidos duplos humanos nas previsões de nosso Senhor é totalmente incompatível com a crítica sóbria, ou com verdadeira reverência pela Palavra de Deus; não é crítica, mas misticismo; e obscurece a verdade em vez de esclarecê-la. Então, sob o risco de ser considerado superficial, nos apegaremos aos ensinamentos simples das palavras da Bíblia, entendendo que todas as especulações fantásticas e conjecturadas são de origem meramente humana, independentemente da educação ou dignidade de onde eles vêm.

V. Aflições denunciadas aos escribas e fariseus

Mateus 23:29-36: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que edificais os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos,

E dizeis: Se existíssemos no tempo de nossos pais, nunca nos associaríamos com eles para derramar o sangue dos profetas.

Assim, vós mesmos testificais que sois filhos dos que mataram os profetas.

Enchei vós, pois, a medida de vossos pais.

Serpentes, raça de víboras! como escapareis da condenação do inferno?

Portanto, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas; a uns deles matareis e crucificareis; e a outros deles açoitareis nas vossas sinagogas e os perseguireis de cidade em cidade;

Para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar.

Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração".

Lucas 11:47-51: "Ai de vós que edificais os sepulcros dos profetas, e vossos pais os mataram.
Bem testificais, pois, que consentis nas obras de vossos pais; porque eles os mataram, e vós edificais os seus sepulcros.
Por isso diz também a sabedoria de Deus: Profetas e apóstolos lhes mandarei; e eles matarão uns, e perseguirão outros;
Para que desta geração seja requerido o sangue de todos os profetas que, desde a fundação do mundo, foi derramado;
Desde o sangue de Abel, até ao sangue de Zacarias, que foi morto entre o altar e o templo; assim, vos digo, será requerido desta geração".

Podemos perceber que São Lucas dá esta passagem uma relação diferente, e em uma ocasião diferente, daqueles declarados por São Mateus. Se nosso Senhor pronunciou as mesmas palavras em duas ocasiões diferentes, ou se as palavras foram transpostas por São Lucas de seu relacionamento original, não é fácil estabelecer. A primeira hipótese não parece provável, e não se recomenda à mente crítica. Os apotegios (dito ou palavra memorável) e breves parábolas, como "muitos são chamados, mas poucos são escolhidos", "o último será o primeiro e o primeiro, último", pode ter sido repetido várias vezes; mas dificilmente se pode imaginar que discursos relacionados e detalhados, como o Sermão do Monte, o discurso profético no Monte das Oliveiras e essa acusação contra os escribas e fariseus, foram repetidos palavra a palavra em diferentes ocasiões. Como já vimos, é um erro buscar uma ordem cronológica rigorosa nas narrativas dos evangelistas; geralmente é admitido que, às vezes, colocam fatos em conjunto que tinham um relacionamento natural, independentemente da ordem cronológica em que ocorreram.

Stier diz da cronologia de São Lucas em geral: "Duas coisas são suficientemente claras: primeiro, ele menciona ocorrências individuais

sem considerar estritamente a cronologia, mesmo repetindo e intercalando algumas coisas registradas em outros lugares", etc.

Neander faz a seguinte observação sobre a passagem perante nós: "Da mesma forma que este último discurso narrado por Mateus contém várias passagens narradas por Lucas na conversa da mesa (capítulo 11), assim Lucas insere aí este anúncio profético, cuja posição apropriada é encontrada em Mateus".[31] No entanto, não podemos concordar com a opinião de Neander, que "este discurso, como aparece em Mateus 23, contém muitas passagens faladas em outras ocasiões"[32]. Nós achamos impossível ler o capítulo 23 de São Mateus sem perceber que é um discurso contínuo e relacionado, proferido em uma mesma ocasião, derivando suas diferentes partes e seguindo-se naturalmente. Sua própria estrutura, composta por sete ais e desgraças[33], pronunciado contra os hipócritas que fingiram ser santos mas que era os guias cegos do povo - e a ocasião solene em que foi pronunciada, sendo o discurso público de nosso Senhor - irresistivelmente obriga a conclusão de que é um todo completo, e que São Mateus nos dá a forma original do discurso.

Mas a elucidação desta questão não é essencial para esta investigação. Muito mais importante é observar como nosso Senhor fecha seu ministério público em termos quase idênticos aos que seu antecessor dirigiu à mesma classe de pessoas: "Serpentes, geração de víboras, como você escapará da condenação do inferno?" Isso não é coincidência. Evidentemente, é a adoção deliberada das palavras de João Batista, quando falou da "ira vindoura". Israel também rejeitou o severo apelo ao arrependimento que o segundo Elias havia feito e as ternas admoestações do Cordeiro de Deus. A medida de sua culpa estava quase cheia, e o "dia da ira" estava chegando rapidamente.

---

[31] Vida de Cristo , seg. 253, nota n.
[32] Vida de Cristo , seg. 253, nota m.
[33] Tischendorf rejeita essa visão, que é omitido pelo Codice Sinaitico e Vaticano.

Mas o ponto que merece atenção especial é a aplicação particular deste discurso aos tempos do Salvador. "Em verdade, eu digo a você: Tudo isso acontecerá com esta geração". "Isso será exigido desta geração". Certamente não pode haver reivindicação aqui para uma referência primária e secundária. Nenhum orador negará que essas palavras tenham uma explicação única e exclusiva para a geração do povo judeu que vivia na Terra naquele momento. Até mesmo Dorner, que defende mais arduamente uma grande variedade de significados da palavra genea [geração], admite francamente que só pode se referir aqui aos contemporâneos de nosso Senhor: "Hoc ipsum hominum aevum". [34] Esta é uma admissão da maior importância. Isso nos permite consertar o verdadeiro significado da frase "Esta geração", que desempenha um papel tão importante em várias das previsões de nosso Senhor, e notavelmente na grande profecia proferida no Monte das Oliveiras. Na passagem diante de nós, as palavras são incapazes de qualquer outra aplicação que não seja a geração existente da nação judaica, que é representada por nosso Senhor como herdeiro de todas as gerações anteriores, que herdaram a depravação e e a rebeldia do caráter nacional, e destinado a perecer no dilúvio de ira que se acumulara através dos séculos e estava prestes a sobrepujar a terra culpada.

VI. Lamentação (segunda) de Jesus sobre Jerusalém

Mateus 23:37-39 "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintos debaixo das asas, e tu não quiseste!

Eis que a vossa casa vai ficar-vos deserta;

Porque eu vos digo que desde agora me não vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor".

[34] Veja o tractoe de Dorner, De Oratione Christi Eschatologica, p. 41

Lucas 13:34-35 "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas, e apedrejas os que te são enviados! Quantas vezes quis eu ajuntar os teus filhos, como a galinha os seus pintos debaixo das asas, e não quiseste?

Eis que a vossa casa se vos deixará deserta. E em verdade vos digo que não me vereis até que venha o tempo em que digais: Bendito aquele que vem em nome do Senhor".

Aqui, novamente, temos outro exemplo dessas discrepâncias na história do Evangelho que causa perplexo aos harmonistas. São Lucas registra este apóstrofo em um relacionamento bastante diferente de São Mateus. No entanto, dificilmente podemos assumir que estas palavras foram pronunciados em mais de uma ocasião, ou seja, aqueles especificados por São Mateus. Dorner diz: "Que estas palavras: "Eis que a tua casa se deixará deserta", foram pronunciadas por Cristo, não onde Lucas as coloca, mas onde Mateus as coloca, as próprias palavras mostram-lhes, porque foram faladas quando nosso Senhor partiu de templo para não voltar para ele até que ele tenha sido julgado."[35] Lange diz que a passagem é colocada mais cedo por São Lucas "por razões pragmáticas". Em qualquer caso, podemos considerar corretamente as palavras pronunciadas na ocasião indicada por São Mateus.

Como tal, sua colocação é mais sugestiva. Esta admoestação patética mitiga a gravidade das acusações anteriores e encerra o ministério de nosso Senhor com uma explosão de ternura humana e compaixão divina. Como o Dr. Lange diz: "O Senhor queixa e lamenta a sua própria Jerusalém arruinada... Toda a sua peregrinação na terra foi agitada pela angústia sobre Jerusalém, como a galinha que vê a águia ameaçadora no céu, e ansiosamente tenta reunir seus filhotes sob suas asas. Com tanta angústia, Jesus viu as legiões romanas se aproximando para julgar os filhos de Jerusalém, e tentou

[35] Dorner, Orat. Cristo. Esch. p. 43

salvá-los com as mais fortes solicitações de amor, mas em vão. crianças mortas para a voz do amor materno".[36]

É necessário dizer que aqui está Jerusalém, e somente Jerusalém? Não há ambiguidade, nenhuma referência dupla; nenhuma realização imediata e posterior é concebida aqui. Um pensamento, um sentimento, um propósito encheu o coração de Jesus - Jerusalém, a cidade de Deus, o amado, o culpado, o condenado! Seu destino agora estava menos que selado, e o coração de nosso Salvador foi oprimido de angústia quando ele lhe deu o último adeus.

Mas como devemos entender as palavras finais: "Você não me verá mais, até que você diga:" Bem-aventurado aquele que vem em nome do Senhor"? Esta frase: "Bem-aventurado o que vem em nome do Senhor" é a fórmula reconhecida usada pelos judeus quando se fala da vinda do Messias - a saudação messiânica: equivalente a "Salve, ungido de Deus". Geralmente é suposto ter sido adotado do Salmo 118:26;[37] Portanto, chegaria um momento em que essa saudação seria apropriada. O Senhor que deixou o templo retornaria ao seu templo mais uma vez. Mais do que isso, essa mesma geração testemunharia esse retorno. Isto está claramente implícito na forma da linguagem de nosso Salvador: "Você não me verá novamente até que você diga" etc. - essas palavras ficariam desprovidas de metade do seu significado se as pessoas referidas na primeira parte da frase não fossem as mesmas que as referidas na segunda parte. Nada pode ser mais claro e explícito do que a referência do princípio ao fim ao povo de Jerusalém, os contemporâneos de Cristo. Eles e Ele se encontrariam novamente; e o Messias, o Senhor que eles professavam procurar tão ansiosamente, subitamente veio ao seu templo, de

[36] Comentário sobre Mt. p. 416

[37] Chamado de Canção da Ascensão ou Canção dos Peregrinos. O salmo era cantado aos peregrinos pelos habitantes de Jerusalém, quando os viajantes se aproximaram da cidade de Jerusalém para observar um dos três dias sagrados de festa do calendário judaico, especialmente a festa dos Tabernáculos.

acordo com as palavras do profeta Malaquias. Eles esperavam essa vinda como um evento que fosse recebido com alegria; mas seria de um jeito muito diferente. "E quem pode suportar o tempo de sua vinda, ou quem pode suportar quando se manifestar?" Aquele dia traria a desolação da casa de Deus, a destruição de sua existência nacional, a eclosão da ira contida de Deus sobre Israel. Este foi o retorno, o reencontro, a reunião, à qual o Salvador alude aqui. E esta não é a mesma coisa que Ele havia declarado repetidas vezes? Não disse Ele muito recentemente que "sobre esta geração " viriam as sete aflições que Ele acabara de pronunciar? (Mt. 23:36). Não teria afirmado solenemente que alguns dos que então viviam veriam o Filho do homem vindo em glória, com seus anjos, "para dar a cada um de acordo com suas obras" - isto é, chegando para julgar? É possível adotar a estranha hipótese de alguns comentaristas, que com estas palavras nosso Salvador significa que ele nunca mais seria visto por aqueles a quem ele falou, até que Israel se converta ao cristianismo, em algum tempo muito distante no tempo, preparado para recebê-lo como rei de Israel? Isso seria de fato tomar liberdades injustificáveis com as palavras da Escritura. Nosso Senhor não diz: "Você não vai me ver até que eles digam: ou, até que outra geração diga; mas, "até que [você] diga", etc. De maneira alguma segue-se que, porque a saudação messiânica é citada aqui, as pessoas que deveriam usá-lo estavam qualificadas para entrar em seu verdadeiro significado. Essas mesmas palavras foram gritadas pelas multidões nas ruas de Jerusalém apenas um dia ou dois antes, e ainda assim foram transformadas em "Crucifica-o! crucifica-o!" em um espaço muito breve. Essas palavras simplesmente denotam o fato de sua vinda. Os homens infelizes a quem nosso Salvador falou não podiam adotar a saudação messiânica em seu verdadeiro e mais elevado sentido; eles nunca diriam "Bem-aventurado é ele", etc., mas testemunhariam Sua vinda - a vinda com a qual aquela fórmula estava indissoluvelmente associada, a Parousia.

Nós sustentamos, então, que não somos apenas garantidos, mas obrigados, a chegar à conclusão de que aqui nosso Senhor se refere a

sua vinda para destruir Jerusalém e fechar a era judaica, de acordo com suas declarações expressas, dentro do período da geração. que então existia. A história confirma a profecia. Menos de quarenta anos após o tempo em que essas palavras foram proferidas, a Judeia e seu povo foram subjugados pelo dilúvio de ira profetizado pelo Senhor. Sua terra foi devastada; sua casa ficou deserta; Jerusalém e seus filhos estavam submersos numa ruína comum.

VII. A profecia do Monte das Oliveiras

A vinda do filho do homem [a parousia] antes de passar esta geração

Mateus 24; Marcos 13; Lucas 21

Agora, consideramos o que é de longe o pronunciamento mais completo e explícito de nosso Senhor em relação à sua vinda, e os eventos solenes relacionados a ele. O discurso ou a conversa no Monte das Oliveiras é a grande profecia do Novo Testamento, e não seria errado chamá-lo de o Apocalipse dos Evangelhos. Dependerá da interpretação deste discurso profético para compreendamos corretamente as previsões contidas nos escritos apostólicos; pois quase pode ser dito que não há nada nas Epístolas que não esteja nos Evangelhos. Esta profecia do nosso Salvador é um grande depósito a partir do qual derivam as declarações proféticas dos apóstolos.

A visão comumente aceita da estrutura deste discurso, que é quase certo, tanto pelos expositores quanto pela generalidade dos leitores, é que nosso Senhor, ao responder a pergunta de seus discípulos quanto à destruição do templo, mistura com esse evento a destruição do mundo, o julgamento universal e a consumação final de todas as coisas. Imperceptivelmente, é suposto que a profecia desliza da cidade e do templo de Jerusalém, e seu destino iminente no futuro imediato, para outra catástrofe, infinitamente mais tremenda, no

futuro distante e indefinido. Assim, misturadas, no entanto, estão as alusões - agora para Jerusalém e agora para o mundo em geral; agora para Israel e agora para a raça humana; agora para eventos próximos e agora para eventos indefinidamente remotos; Distinguir e atribuir as várias referências e os vários assuntos é extremamente difícil, se não impossível.

Talvez o modo mais justo de mostrar os pontos de vista daqueles que argumentam em favor de um duplo significado, ou uma divisão de assuntos neste discurso profético é apresentar o esquema ou plano da profecia proposta pelo Dr. Lange e adotado por muitos expositores de maior destaque.

"Em harmonia com o estilo apocalíptico, Jesus exibiu os julgamentos de Sua vinda em uma série de ciclos, cada um representando toda a futuridade, mas de tal maneira, que a cada novo ciclo a cena parece aproximar-se e se assemelhar mais a catástrofe final. Assim, o primeiro ciclo delineia todo o curso do mundo até o fim, em suas características gerais. (Mt. 24:4-14) O segundo dá os sinais da aproximação da destruição de Jerusalém, e pinta essa destruição em si como um sinal e um começo do julgamento do mundo, que a partir daquele dia prossegue em dias silenciosos e reprimidos de julgamento até o último dia. (Mt. 24:15-28) O terceiro descreve o fim repentino do mundo e o julgamento que se segue. (Mt 24:29-44) Segue-se uma série de parábolas e semelhanças, nas quais o Senhor pinta o próprio julgamento, que se desdobra em uma sucessão orgânica de vários atos. No último ato, Cristo revela Sua majestade judicial universal. (Mt. 24:45-51) exibe o julgamento sobre os servos de Cristo ou o clero. (Mateus 25:1-13) (as virgens sábias e tolas) exibe o julgamento sobre a Igreja, ou o povo. Em seguida, segue o julgamento sobre os membros individuais da Igreja. (Mt. 25:14-30) Finalmente, (Mt. 25:31-46) introduz o julgamento universal do mundo".[38]

[38] Lange, Comentário sobre Mateus p. 418

Não é muito diferente o esquema proposto por Stier, que encontra três tipos diferentes de vinda Cristo que se abrangem em perspectiva:

1. A vinda do Senhor para julgar o judaísmo
2. Sua vinda para julgar o cristianismo anti-cristão degenerado
3. Sua vinda para julgar todas as nações pagãs - o julgamento final do mundo, que são todos juntos[39]

Esse é o esquema elaborado e complicado adotado por alguns expositores; mas há objeções óbvias e graves a ela, que, quanto mais forem consideradas, parecerão mais formidáveis, senão fatais.

1. Uma objeção pode ser feita aos princípios envolvidos neste método de interpretação da Escritura. Devemos procurar significados duplos, triplos e por profecias dentro de profecias e mistérios envoltos em mistérios, onde poderíamos razoavelmente esperar uma resposta clara a uma pergunta simples? Alguém pode ter certeza que entende as Escrituras se elas são enigmáticas ou obscuras? É assim que o Salvador ensinou seus discípulos, deixando-os a tatear e investigar o caminho através de intrincados labirintos, que, irresistivelmente, sugerem astronomia ptolemaica - "Ciclo e epiciclo, orbe em órbita"? Certamente, uma revelação tão ambígua e obscura dificilmente pode ser chamada revelação, e mais parece um oráculo de Delphi, ou uma sibila de Cuma, do que o ensino dAquele que o povo comum ouviu com prazer.[40]

2. Dificilmente se pretendia que, se a exposição de Lange e Stier estivesse correta, os discípulos que ouviram as declarações de Jesus no Monte das Oliveiras pudessem ter compreendido ou seguido o desvio de seu discurso. Eles eram sempre lentos em entender as palavras do Mestre; mas seria dar-lhes crédito demais por uma

[39] Stier. Rede. Jes. vol. iii. 251
[40] Veja a Nota A, Parte I., sobre a Teoria da Interpretação de Sentido Duplo.

penetração surpreendente, supor que eles conseguiram abrir caminho através de um labirinto de inúmeros caminhos, estendendo-se através de "uma série de ciclos, cada um dos quais retratando todo o futuro, mas de tal maneira que a cada novo ciclo, a cena parece se aproximar e se assemelhar mais à catástrofe final".

Para o leitor comum, não é fácil seguir esse engenhoso esquema tortuoso; Mas é claro que os discípulos devem ter se sentido irremediavelmente confundidos no meio de uma avalanche de crises e catástrofes desde a queda de Jerusalém até o fim do mundo. Talvez nos seja dito, no entanto, que isso não significa que os discípulos entendessem ou não a resposta de nosso Senhor: não era para eles que Ele estava falando; foi para as eras futuras, para gerações ainda não nascidas, que estavam destinadas, no entanto, a considerar a interpretação da profecia como embaraçosa para eles como era para os ouvintes originais. Não há palavras fortes demais para repudiar tal sugestão. Os discípulos foram ao seu Mestre com uma pergunta simples e sincera, e é incrível supor que Ele os ridicularizou, dando-lhes um enigma ininteligível. Deve ser assumido que o Salvador queria que seus discípulos compreendessem suas palavras, e deve-se assumir que eles as entenderam.[41]

[41] Ainda pode ser objetado que os discípulos muitas vezes estavam confusos sobre os ensinamentos de Jesus. Isso está correto. No entanto, o fato importante, é que em todos os casos em que os discípulos não entenderam o que Jesus disse, os evangelistas claramente nos dizem que eles "não entenderam". A questão é, portanto, onde no Discurso das Oliveiras encontramos algo parecido com tal afirmação? Em vários casos nos Evangelhos, quando os discípulos não entenderam o que Jesus ensinou, nos é informado: "eles não entenderam" (Mc 6:52). Em Mateus 15:17, Jesus perguntou a seus discípulos se eles agora entenderam o que realmente contamina uma pessoa. Em Mateus 16 e paralelos, Jesus repreendeu os discípulos por não terem compreendido seus comentários sobre o "fermento dos fariseus". Mas, nesse mesmo texto, no qual os discípulos não entenderam inicialmente o que foi dito, após a instrução de Jesus, O escritor evangélico nos diz: "Então os discípulos entenderam" (Mateus 16:6-12). Em Marcos 4, depois de contar a parábola dos solos e os discípulos pedem a interpretação, Jesus disse: "Se você não entender essa parábola, como você entenderá

3. A interpretação que estamos considerando parece basear-se na compreensão errônea da pergunta feita a nosso Senhor pelos discípulos, bem como de Sua resposta à pergunta deles.

É geralmente assumido que os discípulos vieram ao nosso Senhor com três perguntas diferentes, relativas a diferentes eventos separados uns dos outros por um longo intervalo de tempo; que a primeira pergunta: "Quando estas coisas estarão?" Tinha referência à destruição que se aproximava do templo; que a segunda e terceira pergunta – "Qual será o sinal da tua vinda e do fim do mundo?"- referiu-se a eventos muito posteriores à destruição de Jerusalém e, de fato, ainda não cumpridos. Supõe-se que a resposta de nosso Senhor se conforma a essa tríplice investigação e que isso dá forma a todo o seu discurso. Agora, deve-se considerar como absolutamente improvável, se não impossível, que os discípulos tinham esse esquema mapeado em suas mentes; As escrituras do antigo testamento não ensinam isso, o Senhor não os ensinou assim. Sabemos que eles haviam ficado chocados com a previsão de seu Mestre da destruição total da gloriosa casa de Deus sobre a qual eles haviam estado tão recentemente contemplando com admiração. Eles ainda não tiveram tempo de se recuperar da surpresa, quando

---

todas as parábolas?" Jesus repreendeu abertamente seus discípulos por não entender o que ele disse em relação à sua morte iminente (Marcos 9:32; Lucas 24: 25, João 14). Na verdade, foram discussões sobre a paixão e a ressurreição de Jesus, que provocaram mais comentários sobre o seu mal-entendido do que qualquer outra ocasião. O argumento é que quando os discípulos não entenderam algo, o Senhor diz ou os escritores do Evangelho, olhando para trás a esses casos, nos falam de sua confusão ou ignorância. Eles até nos dizem como as ações posteriores iluminaram sua compreensão (João 12:16). Em contraste com essas declarações enfáticas sobre a confusão ou a falta de compreensão dos discípulos, nada há em Mateus 24 que se assemelha, de modo algum, que os discípulos não entenderam as palavras de seu Mestre. Não existe uma declaração: "Eles não entendiam". Não há: "Depois de sua glorificação, eles vieram a conhecer". Não há: "Depois que ele foi ressuscitado, os discípulos se lembraram..." (cf. João 2:19-22). Não há uma palavra de Jesus que os persegue por não compreender suas palavras.

chegaram a Jesus com a pergunta: "Quando estas coisas estarão?" etc. Não é razoável supor que apenas um pensamento os possuísse naquele momento - a terrível calamidade que aguardava a magnífica estrutura, glória e beleza de Israel? Esse foi um momento em que suas mentes estariam ocupadas com um futuro distante? Você não deveria concentrar toda a sua alma no destino do templo? E não deveriam estar ansiosos para saber quais sinais seriam dados sobre a abordagem da catástrofe? Se eles conectaram em sua imaginação a destruição do templo com a dissolução da criação e o fechamento da história humana, é impossível dizer; mas podemos concluir seguramente que o pensamento superior em sua mente foi o anúncio que o Senhor acabara de fazer: 'Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada'. Pela linguagem do Salvador, eles devem ter convencido de que a catástrofe era iminente; e sua ansiedade era conhecer o momento e os sinais de sua chegada. São Marcos e São Lucas fazem a pergunta dos discípulos se referirem a apenas um único evento e para se cumprir uma única vez - "Quando estas coisas acontecerão e qual será o sinal quando todas estas coisas forem cumpridas?"

Portanto, não é apenas presumível, mas indubitável, que as questões dos discípulos se referem apenas a aspectos diferentes do mesmo grande evento. Isso harmoniza as declarações de São Mateus com as dos outros evangelistas e é claramente exigido pelas circunstâncias do caso.

4. A interpretação que estamos discutindo repousa também sobre uma concepção errônea e equivocada da frase fim do mundo (era) [sunteleia ton aionos]. Não é surpreendente que os simples leitores de de uma tradução moderna do Novo Testamento assumam que esta frase realmente significa a destruição do mundo material; mas esse erro não deve ser suportado por homens de conhecimento. Já tivemos ocasião de enfatizar que o verdadeiro significado de (aion) não é mundo, mas Época, Era ou dispensação; que, como seu equivalente latino, aevum, se refere a um período de tempo: assim, "o

fim da idade" [tou aion] significa o fim da era ou da era judaica ou dispensação, como o Senhor sempre o indicou. Todas as passagens que falam do "fim dos tempos", referem-se à mesma consumação. Em 1 Cor. 10:11, São Paulo diz: "E estas coisas aconteceram com eles como um exemplo, e estão escritas para admoestar-nos, para aqueles que alcançaram os fins dos tempos", o que implica que ele considerava a si mesmo e seus leitores como vivendo perto da conclusão de um aeon, ou idade.

Da mesma forma, na Epístola aos Hebreus, encontramos a expressão notável: "Mas agora, no final dos séculos (erroneamente traduzido: o fim do mundo), ele apareceu uma vez por todas pelo sacrifício de si mesmo" (Hb. 9:26), mostrando claramente que o escritor considerou a encarnação de Cristo como acontecendo perto do final da era, ou de uma dispensação. Supor que ele quisesse dizer perto do fim do mundo, ou perto da destruição do planeta material, ele estaria escrevendo uma história falsa e com uma gramática ruim. Na verdade, não seria verdade, porque o mundo durou mais tempo desde a encarnação do que a duração de toda a economia mosaica, desde o êxodo até a destruição do templo. É inútil, portanto, dizer que o "fim dos tempos" pode significar um período prolongado, estendendo-se desde a encarnação até nossos dias, e até mesmo muito além deles. Isso seria um aeon, e não o fim de um aeon. O aeon, do qual nosso Senhor estava falando, estava prestes a fechar em uma grande catástrofe; e uma catástrofe não é um processo demorado mas um ato definitivo e culminante. Somos obrigados, portanto, a concluir que o "fim dos tempos" ou [sunteleia ton aionos] refere-se unicamente ao término idade judaica ou dispensação que se aproximava.

5. Pode-se de fato objetar que, mesmo admitindo que os apóstolos tenham sido ocupados exclusivamente com o destino do templo e os eventos de seu próprio tempo, não há razão para que o Senhor não ultrapasse os limites de sua visão, e estenda um olhar profético para um futuro distante. Não há dúvida de que ele poderia fazê-lo; mas,

nesse caso, devemos esperar alguma sugestão desse fato; uma linha bem definida entre o futuro imediato e e o indefinidamente remoto.. Se o Salvador mudou de assunto, de Jerusalém e seu dia de condenação, para o mundo e seu dia de julgamento, seria razoável buscar uma frase como "Depois de muitos dias", ou "Isso acontecerá depois dessas coisas", que marcará a transição. Mas, em vão, buscamos alguma indicação desse tipo. As tentativas dos expositores de traçar linhas de transição nesta profecia são inteiramente insatisfatórias, mostrando onde ele para de falar sobre Jerusalém e Israel e continua falando sobre eventos remotos e de gerações que ainda não nasceram. Nada pode ser mais arbitrário do que as divisões que se destinam a ser estabelecidas; eles não suportam um exame cuidadoso e são incompatíveis com as afirmações expressas da própria profecia.

Acredita-se que alguns expositores encontram uma marca de transição em Mateus 24:29, onde as próprias palavras do Senhor tornam a própria ideia totalmente inadmissível por Sua própria nota do tempo " Imediatamente"! Se, diante de tal autoridade, tão imprudente uma sugestão pode ser proposta, o que pode não ser esperado em casos menos marcados? Mas, na verdade, todas as tentativas de estabelecer divisões e transições imaginárias na profecia falharam de maneira significativa. Que qualquer leitor justo e franco julgue o esquema do Dr. Lange, que pode ser tomado como um representante da escola de expositores de duplo sentido, em sua distribuição deste discurso de nosso Senhor, e diga se é possível discernir qualquer traço de uma divisão natural, onde ele desenha linhas de transição. Sua primeira seção, de Mateus 24:4-14, ele intitula:

"Sinais e a manifestação do fim do mundo em geral"

O que!? É concebível que nosso Senhor, quando está prestes a responder aos corações ansiosos e palpáveis, cheio de ansiedade

sobre as calamidades que Ele lhes disse serem iminentes, deva começar falando do "fim do mundo em geral"? Eles pensaram sobre o templo e o futuro imediato. Jesus falaria do mundo e do tempo indefinidamente remoto? Mas existe alguma coisa nesta primeira seção que não é aplicável aos próprios discípulos e ao seu tempo? Há algo que realmente não aconteceu em seu próprio tempo? "Sim", será dito: "o evangelho do reino ainda não foi pregado ao mundo inteiro como testemunho de todas as nações". Mas temos o mesmo fato atestado por São Paulo (Cl. 1:5, 6): "A verdadeira palavra do evangelho, que veio até você, assim como para o mundo inteiro" e novamente (Cl 1:23): "O evangelho que você ouviu, que é pregado a toda criatura que está sob o céu". Havia, então, no tempo dos apóstolos, a difusão mundial do evangelho para satisfazer as previsões do Salvador: "E este evangelho do reino será pregado no mundo inteiro" (oikemene).

Mas a objeção decisiva a esse esquema é que toda a passagem é evidentemente endereçada aos discípulos, e fala do que eles verão, eles farão, eles sofrerão; o todo cai dentro de sua própria observação, experiência e geração, e não pode ser falado nem para uma audiência invisível em uma era futura longínqua, que ainda não apareceu na Terra. A próxima divisão de Lange, composta por Mateus 24:15-22, é intitulado:

"Sinais do fim do mundo em particular:
(a) A destruição de Jerusalém".

Sem parar para investigar a relação dessas ideias, é satisfatório encontrar Jerusalém finalmente introduzida. Mas quão antinatural a transição do "fim do mundo " para a invasão da Judeia e o cerco de Jerusalém! Poderia um salto tão súbito e imenso ter sido possivelmente feito pelos discípulos? Poderia ser inteligível para eles, ou só é inteligível no momento? Mas marque o ponto de transição, como fixado por Lange, em Mateus 24:15: "Portanto, quando você vê

a abominação da desolação", etc. Isso, certamente, não é transição, mas a continuidade: tudo o que precede leva até este ponto; as guerras, a fome, as pestes, as perseguições e os martírios eram todos preparatórios e introdutórios ao "fim", são os "sinais que antecedem o fim". isto é, para a catástrofe final que deveria vir sobre a cidade, o templo e a nação de Israel. Em seguida segue um parágrafo de Mateus 24:23-28, que Lange chama:

"(b) Intervalo de julgamento parcial e suprimido".

Este título é em si um exemplo de exposição fantasiosa e arbitrária. Há algo de incongruente e autocontraditório nas próprias palavras. Um dia de julgamento implica publicidade e manifestação, não silêncio e supressão. Mas qual pode ser o significado de 'dias de julgamento silenciosos e reprimidos', que vão desde a destruição de Jerusalém até o fim do mundo? Se quer dizer que há um sentido em que Deus está sempre julgando o mundo, isso é um truísmo que pode ser afirmado de qualquer período, antes e depois da destruição de Jerusalém. Mas a parte mais objetável desta exposição é o tratamento violento da palavra "então" [tote]. (Mateus 24:23) Lange diz: "Então (isto é,no tempo entre a destruição de Jerusalém e o fim do mundo)". Certamente, um prodigioso "então"; para Lange, "então" não é mais um ponto do tempo, mas um aeon - um período vasto e indefinido; e durante todo esse tempo as declarações no parágrafo, Mateus 24:23-28 , devem estar em curso de cumprimento. Mas quando nos voltamos para a profecia em si não encontramos nenhuma mudança de assunto, nenhuma quebra na continuidade do discurso, nenhum indício de qualquer transição de uma época para outra. A nota do tempo, "então" [tote], é decisiva contra qualquer interrupção ou transição. Nosso Salvador está colocando os discípulos em guarda contra os enganadores e impostores que infestariam os últimos dias da comunidade judaica; e diz a eles: "Então" (Naquele tempo, na agonia da guerra judaica) "se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo, ou

ali não credes". É Jerusalém, sempre Jerusalém, e somente Jerusalém, que nosso Senhor fala aqui. Finalmente chegamos a:

"O fim Real do Mundo" (versos 24-31).

Tendo feito a transição do "fim do mundo de volta à destruição de Jerusalém, o processo é agora revertido, e há outra transição, desde a destruição de Jerusalém até o" verdadeiro fim do mundo". Este fim real é colocado após a aparição daqueles falsos cristos e falsos profetas contra os quais os discípulos foram avisados. Essa alusão aos "falsos cristos" deveria ter salvado o crítico do erro em que ele caiu e indicar claramente o período a que a previsão se refere. Mas onde há algum sinal de divisão ou transição aqui? Não há vestígio ou sinal de qualquer: pelo contrário, a linguagem expressa de nosso Senhor exclui a ideia de qualquer intervalo; porque Ele diz: "Imediatamente depois da tribulação daqueles dias, etc". Esta nota de tempo é decisiva e proíbe a suposição de qualquer ruptura ou hiato na continuidade de Seu discurso.

Mas fomos longe o suficiente na demonstração do tratamento arbitrário e acrítico que essa profecia recebeu, e fomos traídos na exegese prematura de alguma parte de seu conteúdo. O que argumentamos é a favor da unidade e continuidade de todo o discurso. Desde o início do vigésimo quarto capítulo de São Mateus até o final do vigésimo quinto, é um e indivisível. O tema é a consumação do aeon, ou fim da era judaica, com os eventos concomitantes, os problemas que atingiriam a "geração perversa", que incluiu a invasão dos exércitos romanos, o cerco e a captura de Jerusalém, a destruição total do templo, as terríveis calamidades do povo. Juntamente com isso, encontramos a parousia, ou a chegada do Filho do homem nas nuvens, o derramamento judicial da ira divina sobre os impenitentes e a libertação e recompensa dos fiéis. Do início ao fim, esses dois capítulos formam um discurso contínuo, consecutivo e homogêneo. Assim, deve ter sido considerado pelos

discípulos, a quem foi dirigido; e, portanto, na ausência de qualquer indicação em contrário no registro, nos sentimos ligados a ela.

6. Em conclusão, não podemos deixar de advertir para outra consideração, a qual estamos convencidos ter muito a ver com a interpretação errônea desta profecia, a saber, a apreciação inadequada da importância e grandeza do evento que forma seu fardo - a consumação da era e a revogação da dispensação judaica.

Esse foi um evento que formou uma nova época no governo divino do mundo. A economia mosaica, que havia sido entronizada com tanta pompa e grandeza em meio aos trovões e relâmpagos do Sinai, que existiram por quase dezesseis séculos, que tinha sido o meio divinamente instituído de comunicação entre Deus e o homem, e que pretendia realizar um reino de Deus sobre a terra - revelara um fracasso comparativo por meio da incapacidade moral do povo de Israel, e estava fadado a chegar ao fim em meio à demonstração mais formidável da justiça e da ira de Deus. O templo de Jerusalém, por séculos a glória e a coroa do Monte Sião, - o santuário sagrado, em cujo santo lugar Jeová teve o prazer de morar - a santa e bela casa, que era o paládio da segurança da nação, e mais querida do que a vida a todo filho de Abraão, Estava prestes a ser profanado e destruído, de modo que nem uma pedra deveria ser deixada sobre a outra. O povo escolhido, os filhos de Deus, a nação favorecida, com a qual o Deus de toda a terra se dignou a entrar em uma aliança e ser chamado de Rei, foram esmagados pelas mais terríveis calamidades que alguma vez caiu sobre qualquer nação: deviam ser expatriados, privados de sua nacionalidade, excluídos de sua antiga e peculiar relação com Deus, e expulsos como errantes na face da terra, um sogro e assobio entre todas as nações. Mas, juntamente com tudo isso, haveria mudanças para melhor. Primeiro, e principalmente, o fim do aeon seria a inauguração do reino de Deus. Haveria honra e glória para os verdadeiros e fiéis servos de Deus, que então entraria em plena posse da herança celestial. (Isso será mais amplamente revelado na seqüência de nossa investigação.) Mas também haveria uma mudança

gloriosa neste mundo. O velho abriu caminho para o novo; a lei foi substituída pelo evangelho; Moisés foi substituído por Cristo. O sistema estreito e exclusivo, que abrangia apenas um único povo, foi sucedido por um novo e melhor pacto, que envolveu toda a família humana, e não conhecia nenhuma diferença entre judeus e gentios, circuncidados e incircuncisos. A dispensação de símbolos e cerimônias, adequada à infância da humanidade, foi mesclada em uma ordem de coisas em que a religião se tornou um serviço espiritual, cada lugar um templo, cada adorador um sacerdote e Deus o Pai universal. Esta foi uma revolução muito maior do que qualquer outra que tenha ocorrido na história da humanidade. Ele fez um novo mundo; "mundo por vir", o [oikonmenh mellonsa] de Hebreus 2:5; e a magnitude e importância da mudança é impossível superestimar. É isso que dá tal significado à derrubada do templo e à destruição de Jerusalém: estes são os sinais exteriores e visíveis da revogação da velha ordem e da introdução da nova. A história do cerco e captura da Cidade Santa não é simplesmente um emocionante episódio histórico, como o cerco de Tróia ou a queda de Cartago; não é meramente a cena final nos anais de uma nação antiga; tem um significado sobrenatural e divino; tem uma relação com Deus e a raça humana e marca uma das épocas mais memoráveis do tempo. Esta é a razão pela qual o evento é descrito na Bíblia em termos que parecem exagerados para alguns, ou requerem uma grande catástrofe para justificá-la. Mas se fosse apropriado que a introdução dessa economia fosse sinalizada por presságios e maravilhas, terremotos, relâmpagos, trovões e trombetas - não era menos adequado que se apagasse em meio a fenômenos semelhantes, visões temerosas e grandes sinais. do céu.' Se o verdadeiro significado e grandeza do evento tivessem sido melhor apreendidos pelos expositores, eles não teriam achado a linguagem com o qual nosso Senhor o descreve extravagante ou exagerada.[42]

[42] O fim do aeon judaico no primeiro século e da era romana no quinto e sexto foram narrados pela mesma ocorrência de calamidades, guerras, tumultos, pestilências, terremotos, etc., todos marcando o tempo de julgamento divino.

Estamos agora preparados para entrar no exame mais particular do conteúdo desse discurso profético; que devemos nos esforçar para fazer da forma mais concisa possível.

CONSIDERAÇÃO DA PROFECIA DO MONTE DAS OLIVEIRAS

I. QUESTÕES DOS DISCÍPULOS

Mateus 24:1-3

"E, quando Jesus ia saindo do templo, aproximaram-se dele os seus discípulos para lhe mostrarem a estrutura do templo. Jesus, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada.

E, estando assentado no Monte das Oliveiras, chegaram-se a ele os seus discípulos em particular, dizendo: Dize-nos, quando serão essas coisas, e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?"

Marcos 13:1-4

"E, saindo ele do templo, disse-lhe um dos seus discípulos: Mestre, olha que pedras, e que edifícios!

E, respondendo Jesus, disse-lhe: Vês estes grandes edifícios? Não ficará pedra sobre pedra que não seja derrubada.

E, assentando-se ele no Monte das Oliveiras, defronte do templo, Pedro, e Tiago, e João e André lhe perguntaram em particular: Dize-nos, quando serão essas coisas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para se cumprir."

Lucas 21:5-7

"E, dizendo alguns a respeito do templo, que estava ornado de formosas pedras e dádivas, disse:

Pela mesma crença na conexão física com a convulsão moral, ver Niebuhr, Leben's Nachrichten, 2: p. 672 Dr. Arnold: Veja 'Life by Stanley,' vol. 1: p. 311

Quanto a estas coisas que vedes, dias virão em que não se deixará pedra sobre pedra, que não seja derrubada.

E perguntaram-lhe, dizendo: Mestre, quando serão, pois, estas coisas? E que sinal haverá quando isto estiver para acontecer?"

Podemos conceber a surpresa e consternação sentida pelos discípulos quando Jesus lhes anunciou a completa destruição que estava chegando sobre o templo de Deus, cuja beleza e esplendor excitaram sua admiração. Não é surpreendente que quatro deles, que parecem ter sido admitidos em uma familiaridade mais íntima do que o restante, buscaram informações mais completas sobre um assunto tão intensamente interessante. O único ponto que requer esclarecimentos aqui refere-se à extensão de seu interrogatório. São Marcos e São Lucas representam isso como referente ao tempo da catástrofe prevista e o sinal da iminência de sua realização. São Mateus varia na forma da questão, mas é evidente que tem o mesmo significado: "Conte-nos, quando serão essas coisas, e qual será o sinal de sua vinda e do fim do mundo [aeon]?" Aqui também é o tempo e o sinal o que forma o assunto da questão. Não há nenhuma razão para supor que em suas mentes considerassem a destruição do templo, a vinda do Senhor e o fim da era, como três eventos distintos ou amplamente separados; mas, pelo contrário, é bastante natural supor que todos foram considerados coincidentes e contemporâneos. Que ideias precisas eles entretinham em relação ao fim dos tempos e aos eventos com os quais estão conectados, nós não sabemos exatamente; mas sabemos que eles estavam acostumados a ouvir seu Mestre falar sobre a Sua vinda em Seu reino, em Sua glória durante o tempo que alguns que ali estavam com Ele ainda estariam vivos. Eles também o ouviram falar do "fim dos tempos"; e eles evidentemente conectaram Sua "vinda" com o fim dos tempos.[43] Portanto, os três pontos abordados por sua pergunta,

[43] Nosso Senhor especificamente pergunta se eles entenderam do que Ele estava falando sobre o "fim dos tempos", e eles enfaticamente responderam que "sim" (cf. Mt. 13:51). Sabemos como "o fim dos tempos" foi sempre

como apresentado por São Mateus, foram considerados por eles como contemporâneos; portanto, não encontramos diferença prática nos termos da pergunta dos discípulos, conforme registrado pelos autores dos evangelhos sinópticos.

RESPOSTA DE NOSSO SENHOR AOS DISCÍPULOS

(a) Eventos que mais remotamente precedem a consumação

Mateus 24:4-14

"E Jesus, respondendo, disse-lhes: Acautelai-vos, que ninguém vos engane;

Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos.

E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; olhai, não vos assusteis, porque é mister que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim.

Porquanto se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares.

Mas todas estas coisas são o princípio de dores.

Então vos hão de entregar para serdes atormentados, e matar-vos-ão; e sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome.

Nesse tempo muitos serão escandalizados, e trair-se-ão uns aos outros, e uns aos outros se odiarão.

---

associado na mente judaica com a vinda do Messias e a inauguração da era messiânica; que foram profetizados por Joel, Ageu, Malaquias e outros profetas, e que foi pregado com tanta veemência por João Batista. No livro de Daniel a consumação dos principais eventos escatológicos podem ser encontrados nos capítulos 2, 7, 9 e 12. Daniel tem visões escatológicas sobre os "o tempo do fim", "o fim dos tempos", "os último dias", nessas visões encontramos a desolação do templo, a tribulação, a vinda do Filho do homem e a chegada do reino, associadas ao tempo quando a cidade e o templo devem ser destruídos - ou "quando o poder do povo santo seria completamente destruído", não somos apenas permitidos mas obrigados a concluir que todas estas coisas seriam cumpridas em conjunto (cf. Daniel 7:13-14, 18, 27; 9:24-27; 12:1-7).

E surgirão muitos falsos profetas, e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até ao fim, esse será salvo. E este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim".

Marcos 13:5-13

"E Jesus, respondendo-lhes, começou a dizer: Olhai que ninguém vos engane;

Porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo; e enganarão a muitos.

E, quando ouvirdes de guerras e de rumores de guerras, não vos perturbeis; porque assim deve acontecer; mas ainda não será o fim.

Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá terremotos em diversos lugares, e haverá fomes e tribulações. Estas coisas são os princípios das dores.

Mas olhai por vós mesmos, porque vos entregarão aos concílios e às sinagogas; e sereis açoitados, e sereis apresentados perante presidentes e reis, por amor de mim, para lhes servir de testemunho.

Mas importa que o evangelho seja primeiramente pregado entre todas as nações.

Quando, pois, vos conduzirem e vos entregarem, não estejais solícitos de antemão pelo que haveis de dizer, nem premediteis; mas, o que vos for dado naquela hora, isso falai, porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo.

E o irmão entregará à morte o irmão, e o pai ao filho; e levantar-se-ão os filhos contra os pais, e os farão morrer.

E sereis odiados por todos por amor do meu nome; mas quem perseverar até ao fim, esse será salvo".

Lucas 11:8-19

"Disse então ele: Vede não vos enganem, porque virão muitos em meu nome, dizendo: Sou eu, e o tempo está próximo. Não vades, portanto, após eles.

E, quando ouvirdes de guerras e sedições, não vos assusteis. Porque é necessário que isto aconteça primeiro, mas o fim não será logo.

Então lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino contra reino;

E haverá em vários lugares grandes terremotos, e fomes e pestilências; haverá também coisas espantosas, e grandes sinais do céu.

Mas antes de todas estas coisas lançarão mão de vós, e vos perseguirão, entregando-vos às sinagogas e às prisões, e conduzindo-vos à presença de reis e presidentes, por amor do meu nome.

E vos acontecerá isto para testemunho.

Proponde, pois, em vossos corações não premeditar como haveis de responder;

Porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir nem contradizer todos quantos se vos opuserem.

E até pelos pais, e irmãos, e parentes, e amigos sereis entregues; e matarão alguns de vós.

E de todos sereis odiados por causa do meu nome.

Mas não perecerá um único cabelo da vossa cabeça.

Na vossa paciência possuí as vossas almas."

É impossível ler esta seção sem perceber sua clara referência ao período entre a crucificação de nosso Senhor e a destruição de Jerusalém. Cada uma das palavras foi dirigida aos discípulos, e apenas a eles. Toda palavra é falada aos discípulos e somente a eles. Imaginar que o "você" e "vós" nestas referências se aplique, não aos discípulos a quem Cristo estava falando, mas a algumas pessoas desconhecidas e ainda inexistentes em uma era distante, é uma suposição tão absurda que não merece ser dada uma séria atenção.

Que as palavras de nosso Senhor foram plenamente verificadas durante o intervalo, entre a Sua crucificação e o fim dos tempos, temos o mais amplo testemunho. Falsos Cristos e falsos profetas começaram a aparecer em um período muito inicial da era cristã, e continuaram a infestar a terra até o fim da história judaica. No escrito

do procurador de Pilatos (36 dC), um deles apareceu em Samaria e enganou grandes multidões. Havia outro escrito de Cuspio Fado (45 dC). Josefo nos diz que, durante o governo de Félix (53-60 dC), "o país estava cheio de ladrões, magos, falsos profetas, falsos messias e impostores", que enganou o povo com promessas de grandes eventos.[44] A mesma autoridade nos informa que as comoções civis e as hostilidades internacionais eram abundantes naqueles dias, especialmente entre os judeus e seus vizinhos. Em Alexandria, Seleucia, Síria e Babilônia, houve tumultos violentos entre judeus e gregos, e entre judeus e sírios, que moravam nas mesmas cidades. "Cada cidade foi dividida", diz Josefo, "em dois campos". No reinado de Caligula, houve grande apreensão na Judeia sobre a possibilidade de uma guerra com os romanos, em conseqüência da proposta daquele tirano de colocar sua estátua no templo. Durante o reinado do imperador Claudio (41-54 dC), houve quatro estações de grande escassez. No quarto ano de seu reinado, a fome na Judeia era tão severa que o preço da comida era enorme e um grande número de habitantes pereceram. Terremotos ocorreram em cada um dos reinados de Calígula e Cláudio.[45]

O Senhor orientou aos discípulos que tais calamidades precederiam o "fim". Mas não era seu antecedentes imediatos. Eles eram o "início do fim"; mas "ainda não é o fim".

Neste ponto (Mateus 24:9-13), nosso Senhor passa do geral para o particular; do público ao pessoal; das fortunas das nações e reinos às fortunas dos próprios discípulos. Enquanto esses eventos estavam ocorrendo, os apóstolos se tornariam objetos de suspeita para os poderes dominantes. Deviam ser levados perante conselhos, príncipes e reis, aprisionados, espancados nas sinagogas e odiados por todos os homens por amor a Jesus.

[44] Josefo Antiq. bk. xx.x.xiii, 5, 6.
[45] Conybeare e Howson, Vida e Epist. de São Paulo, c. iv.

Tudo isso foi verificado na experiência pessoal dos discípulos que podemos ler nos Atos dos Apóstolos e nas Epístolas de São Paulo. Mas a promessa divina de proteção na hora do perigo foi cumprida de forma notável. Com a única exceção de "Tiago, o irmão de João", nenhum apóstolo parece ter sido vítima de perseguição maliciosa por seus inimigos até o fim da história apostólica, conforme registrado em Atos (63 dC).

Um outro sinal precederia a consumação. "Este evangelho do reino será pregado em todo o mundo [oikoumene] como um testemunho a todas as nações, e então o fim virá". Nós já advertimos para o cumprimento desta previsão dentro da era apostólica. Nós temos a autoridade de São Paulo para tal difusão universal do evangelho em seus dias, a fim de verificar a palavra de Nosso Senhor. (Veja Cl. 1:6, 23) Se não fosse por este testemunho explícito do apóstolo, seria impossível persuadir alguns oradores de que as palavras de nosso Senhor haviam sido cumpridas em algum sentido antes da destruição de Jerusalém; tal ideia teria sido considerada mera extravagância e capricho. Agora, no entanto, a objeção não pode ser razoavelmente alegada.

Aqui pode ser apropriado lembrar a observação do tempo, dada aos discípulos em uma ocasião anterior como uma indicação da vinda de nosso Senhor: "Em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel sem que venha o Filho do homem". (Mt. 10:23) Comparando essa declaração com a previsão que temos diante de nós (Mt 24:14), podemos ver a consistência perfeita das duas afirmações, e também o "terminus ad quem" em ambos. Em um caso, é a evangelização da terra de Israel; no outro, a evangelização do império romano, que é chamada precursora da Parousia. Ambas as afirmações são verdadeiras. Pode muito bem ocupar o espaço de uma geração para levar as boas novas a todas as cidades da terra de Israel. Mas os apóstolos não teriam muito tempo para sua missão doméstica, porque tinham uma missão muito maior em território estrangeiro.

Obviamente, devemos tomar a linguagem empregada por Paulo, bem como por nosso Senhor em um sentido popular, e seria injusto pressioná-la até o final da carta. A ampla difusão do evangelho na terra de Israel e em todo o império romano é suficiente para justificar a predição de nosso Senhor.

Até agora, temos um discurso contínuo, relacionado a um evento particular, falado de e para pessoas particulares. Encontramos quatro sinais, ou conjuntos de sinais, que pressagiam a abordagem da grande catástrofe.

1. O aparecimento de falsos cristos e falsos profetas.
2. Grandes distúrbios sociais, calamidades e convulsões naturais.
3. Perseguição dos discípulos e apostasia de crentes professos.
4. A publicação geral do evangelho em todo o império romano.

Esse último sinal indicava especialmente a aproximação do "fim".

(b) Mais indicações sobre a condenação próxima de Jerusalém

Mateus 24:15-22

"Quando, pois, virdes que a abominação da desolação, de que falou o profeta Daniel, está no lugar santo; quem lê, entenda;

Então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes;

E quem estiver sobre o telhado não desça a tirar alguma coisa de sua casa; E quem estiver no campo não volte atrás a buscar as suas vestes.

Mas ai das grávidas e das que amamentarem naqueles dias!

E orai para que a vossa fuga não aconteça no inverno nem no sábado;

Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver.

E, se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se

salvaria; mas por causa dos escolhidos serão abreviados aqueles dias".

Marcos 13:14-20

"Ora, quando vós virdes a abominação do assolamento, que foi predita por Daniel o profeta, estar onde não deve estar (quem lê, entenda), então os que estiverem na Judeia fujam para os montes.

E o que estiver sobre o telhado não desça para casa, nem entre a tomar coisa alguma de sua casa;

E o que estiver no campo não volte atrás, para tomar as suas vestes. Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias!

Orai, pois, para que a vossa fuga não suceda no inverno. Porque naqueles dias haverá uma aflição tal, qual nunca houve desde o princípio da criação, que Deus criou, até agora, nem jamais haverá.

E, se o Senhor não abreviasse aqueles dias, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos eleitos que escolheu, abreviou aqueles dias".

Lucas 21:20-24

"Mas, quando virdes Jerusalém cercada de exércitos, sabei então que é chegada a sua desolação. Então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes; os que estiverem no meio da cidade, saiam; e os que nos campos não entrem nela.

Porque dias de vingança são estes, para que se cumpram todas as coisas que estão escritas.

Mas ai das grávidas, e das que criarem naqueles dias! porque haverá grande aperto na terra, e ira sobre este povo.

E cairão ao fio da espada, e para todas as nações serão levados cativos; e Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios se completem".

Nenhum argumento é necessário para provar a referência estrita e exclusiva desta seção a Jerusalém e Judeia. Aqui não podemos detectar qualquer vestígio de duplo significado, de realização primária e posterior, de significados subjacentes e típicos. Tudo é nacional,

local e próximo; "A Terra" é a terra da Judeia; "Este povo" é o povo de Israel, e o tempo é "quando vocês virem" o que significa que os eventos estão para acontecer enquanto alguns ainda estariam vivos.

A maioria dos expositores encontra uma alusão aos padrões das legiões romanas na expressão "abominação da desolação", e a explicação é altamente provável. As águias eram para os soldados objetos de culto religioso; e a passagem paralela em São Lucas é evidência quase conclusiva de que este é o verdadeiro significado (cf. Lc 21:20). Sabemos por Josefo que a tentativa de um general romano (Vitélio) no reinado de Tibério, para marchar suas tropas sobre a Judeia, foi resistida pelas autoridades judaicas, alegando que as imagens idólatras de seus emblemas seriam uma profanação da lei[46]. Quão grande foi a profanação quando esses emblemas idólatras foram exibidos em plena luz no templo e na Cidade Santa! Este seria o último sinal anunciando que chegou a hora da destruição de Jerusalém. Sua aparição seria o último sinal para todos os que estavam na Judeia devessem escapar apara além das montanhas, porque então haveria um período de sofrimento, horror e castigo divino sem paralelo nos anais da história.

Que a "grande tribulação" (Mateus 24:21) faz referência explícita às terríveis calamidades que acompanharam o cerco de Jerusalém, especialmente severas para o sexo feminino, é evidente demais para ser questionada. Que essas calamidades eram literalmente incomparáveis, podem ser facilmente acreditadas por todos os que leram a horripilante narrativa nas páginas de Josefo. É notável que o historiador comece seu relato da guerra judaica com a afirmação de que "na opinião dele, a soma do sofrimento humano do começo do mundo seria leve em comparação com a dos judeus".[47]

A descrição gráfica a seguir apresenta a trágica história da infeliz

[46] Josefo. Antiq. bk. xviii. c. v, 3.
[47] Josefo Traill Guerra Judaica, pref. 4.

mãe, cujo horrível alimento pode ter sido no pensamento de nosso Salvador quando pronunciou as palavras registradas em Mateus 24:19:

"Incalculável era a multidão daqueles que pereceram na fome na cidade, e além da descrição dos sofrimentos que suportaram. Em todas as casas, se em qualquer lugar aparecesse a sombra da comida, seguia-se um conflito; aqueles unidos pelos laços mais ternos lutando ferozmente, e arrebatando uns dos outros os miseráveis apoios da vida. Nem mesmo os moribundos permitiram o crédito de estar em falta; ou melhor, até mesmo aqueles que estavam apenas expirando, os bandidos procurariam, com receio de algum, com comida escondida debaixo de uma dobra de suas vestes, deveriam fingir a morte. Com a fome escancarada, como cães enlouquecidos, eles cambaleavam de um lado para outro e rondavam as portas como homens bêbados, e perplexos entrando na mesma casa duas vezes, ou três vezes em uma hora. Os desejos da natureza os levaram a roer qualquer coisa, e o que seria rejeitado pela criação muito mais imunda ou bruta que eles tinham que colher e comer. Mesmo de seus cintos e sapatos, eles foram incapazes de se conter, e arrancaram e mastigaram o próprio couro de seus escudos. Para alguns, tufos de feno velho serviam como comida; pois as fibras estavam reunidas e as menores quantidades vendidas por quatro peças áticas. 'Mas por que falar da fome como desprezando a restrição no uso do inanimado, quando estou prestes a declarar um exemplo disso a que, na história dos gregos ou dos bárbaros, nenhum paralelo é encontrado, e que é horrível de se relacionar? e é incrível ouvir? De bom grado, de fato, teria omitido mencionar a ocorrência, para que as gerações futuras não pensassem em lidar com o maravilhoso, se eu não tivesse inumeráveis testemunhas entre meus contemporâneos. Eu deveria, além disso, pagar ao meu país, mas um elogio frio, se eu suprimisse a narração dos problemas que ela realmente sofreu".[48]

Que nosso Senhor tenha em mente os horrores que estavam para acontecer aos judeus no cerco, e não quaisquer eventos subsequentes

[48] Josefo Traill Guerra judaica, bk. vi. cv 3.

no "final dos tempos", é perfeitamente claro a partir das palavras finais do versículo 21: "Porque haverá então grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco há de haver".

(c) Discípulos advertidos contra os falsos profetas

Mateus 24:23-28

"Então, se alguém vos disser: Eis que o Cristo está aqui, ou ali, não lhe deis crédito;

Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos.

Eis que eu vo-lo tenho predito.

Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto, não saiais. Eis que ele está no interior da casa; não acrediteis.

Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até ao ocidente, assim será também a vinda do Filho do homem. Pois onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias".

Marcos 13:21-23

"E então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo; ou: Ei-lo ali; não acrediteis.

Porque se levantarão falsos cristos, e falsos profetas, e farão sinais e prodígios, para enganarem, se for possível, até os escolhidos.

Mas vós vede; eis que de antemão vos tenho dito tudo.".

Até o momento, não encontramos nenhuma ruptura na continuidade do discurso; nem a menor indicação de que ocorreu uma transição para algum outro tópico ou algum outro período. A narrativa é perfeitamente homogênea e consecutiva, e flui sem divergir para a mão direita ou para a esquerda.

O mesmo é verdade em relação à seção que agora nos ocupa. A primeira palavra indica continuidade. "Então", e cada uma das

palavras subsequentes é claramente dirigida aos próprios discípulos, por seu aviso e instrução pessoal. É claro que nosso Senhor lhe dá dicas sobre o que aconteceria em breve, ou pelo menos o que eles poderiam viver para testemunhar com seus próprios olhos. É uma representação vívida do que realmente aconteceu nos últimos dias da comunidade judaica. Os judeus e especialmente o povo de Jerusalém foram encorajados com falsas esperanças por falsos impostores que infestavam o país e traziam a ruína aos miseráveis e tolos. Tal foi o engano e paixão produzido pelas pretensões jactanciosas desses impostores que, como aprendemos com Josefo, quando o templo estava em chamas, uma vasta multidão de pessoas iludidas foram enganadas, vítimas de sua credulidade. O historiador judeu declara:

"De tão grande multidão, ninguém escapou. Sua destruição foi causada por um falso profeta, que naquele dia havia proclamado àqueles que permaneceram na cidade, que "Deus ordenou que subissem ao templo para receber os sinais de sua libertação". Havia nessa época muitos profetas subjugados pelos tiranos para iludir o povo, pedindo-lhes que esperassem por ajuda de Deus, a fim de que houvesse menos deserção, e que aqueles que estivessem acima do medo e do controle pudessem ser encorajados pela esperança. Sob calamidades, o homem prontamente cede à persuasão, mas quando o enganador lhe apresenta a libertação dos males urgentes, então o sofrimento é totalmente influenciado pela esperança. Foi assim que os impostores e pretensos mensageiros do céu naquele tempo enganaram o povo miserável".[49]

Nosso Senhor adverte seus discípulos que a sua chegada a essa cena de julgamento seria como ladrão e repentina como o relâmpago, que é revelado e parece estar em todos os lugares ao mesmo tempo, além do fator surpresa. "Porque," ele acrescenta, "onde quer que esteja a cadáver, as águias se juntarão". Ou seja, onde quer que os filhos

[49] Josefo Guerra judaica, bk. vi. cv 2.

culpados de Israel fossem encontrados, eles seriam dominados pelos ministros da ira, as legiões romanas.

(d) A chegada do "fim" ou a catástrofe de Jerusalém

Mateus 24:29-31

"E, logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas.

Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem, vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória.

E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus".

Marcos 13:24-27

"Ora, naqueles dias, depois daquela aflição, o sol se escurecerá, e a lua não dará a sua luz.

E as estrelas cairão do céu, e as forças que estão nos céus serão abaladas.

E então verão vir o Filho do homem nas nuvens, com grande poder e glória.

E ele enviará os seus anjos, e ajuntará os seus escolhidos, desde os quatro ventos, da extremidade da terra até a extremidade do céu".

Lucas 21:25-28

"E haverá sinais no sol e na lua e nas estrelas; e na terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas. Homens desmaiando de terror, na expectação das coisas que sobrevirão ao mundo; porquanto as virtudes do céu serão abaladas.

E então verão vir o Filho do homem numa nuvem, com poder e grande glória.
Ora, quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima".

Aqui também a fraseologia proíbe absolutamente a ideia de qualquer transição do assunto. Não há nada para indicar que a cena tenha mudado, ou que um novo tema tenha sido introduzido. A seção diante de nós se conecta claramente com a "grande tribulação" mencionada em Mateus 24:21, e é inadmissível supor qualquer intervalo de tempo em vista da presença do advérbio "imediatamente". Mas a cena da grande tribulação é inegavelmente sobre Jerusalém e a Judeia (versos 15, 16), nenhuma quebra no assunto do discurso é permitida; não há espaço para qualquer interrupção no tema do discurso. Mais uma vez, em Mateus 24:30, lemos que "todas as tribos da terra lamentarão", evidentemente referindo-se à população do território da Judeia e as tribos judaicas; e nada pode ser mais forçado ou antinatural do que incluir a expressão, como Lange faz, "todas as raças e povos" do globo. O sentido restrito da palavra (ge) [terra] no Novo Testamento é comum; e quando está conectado, como está aqui, com a palavra "tribos"[phule], sua limitação à terra de Israel é óbvia. Esta é a posição adotada pelo Dr. Campbell e Moses Stuart, e realmente se explica. Encontramos uma expressão semelhante em Zacarias 12:12 - "Todas as famílias [tribos] da terra", onde seu senso restrito é óbvio e indiscutível. As duas passagens são, de fato, exatamente paralelas, e nada pode ser mais confuso do que entender a frase como se incluísse "todas as raças do globo".

A estrutura do discurso, portanto, resiste inflexivelmente à suposição de uma mudança de sujeito. Tempo, lugar, circunstâncias continuam todos iguais.[50] É, portanto, com admiração não fingida

[50] Quaisquer que sejam os eventos descritos nesses versículos, diz-se que eles seguem "imediatamente após a tribulação daqueles dias". Essa tribulação

que encontramos Dean Alford comentando da seguinte maneira: "Toda a dificuldade que essa palavra [supostamente "imediatamente"] deveria envolver surgiu de confusão, o cumprimento parcial da profecia com a última. A importante inserção Lucas 21:23, 24 mostra-nos que a "tribulação" inclui (ira contra esse povo), que ainda está sendo infligida, e a pisada de Jerusalém pelos gentios, ainda continua em; e imediatamente depois dessa tribulação, que acontecerá quando o cálice da iniquidade dos gentios estiver cheio, e quando o evangelho tiver sido pregado no mundo inteiro como testemunha e rejeitado pelos gentios, acontecerá a vinda do próprio Senhor... (A expressão

---

é concedida como sendo os sofrimentos sem paralelo mencionados nos versículos 21 e 22 que foram ocasionados pelo cerco de Jerusalém. Josefo observa que, em seu julgamento, os infortúnios de todos os homens desde o início dos tempos eram comparativamente de menor magnitude do que os dos judeus nessa terrível guerra. É notável que um grande número de expositores tenha feito grandes esforços para escapar da força da palavra eutheos, "imediatamente". Alguns tentam explicá-lo como equivalente a de repente, mas isso dificilmente ajuda o caso, assim diz Desprez: "Mateus é levado a dizer: Quando a tribulação dos dias em que Jerusalém será destruída tiver passado, então, depois de um intervalo indefinido, que pode chegar a miríades de anos, de repente a grande consumação cairá como um raio sobre a humanidade". Para isso, a resposta é:

1- que a interpretação não é gramatical e que, se esse for o significado da palavra (eutheos), qualquer palavra pode significar qualquer coisa; São Lucas usa essa mesma palavra grega para dizer que: "E, quando ouvirdes de guerras e sedições, não vos assusteis. Porque é necessário que isto aconteça primeiro, mas o fim não será logo [eutheos]" (Lucas 21:9). Se a palavra eutheos não significa "imediatamente", o apelo do Senhor para que seus discípulos não se assustem com esses eventos quando os vissem, perdem todo o sentido e força; é evidente que o apelo do nosso Senhor foi de que o fim não seria "logo após" os rumores de guerras e sedições, esses são os "princípios das dores", e são apenas os sinais que precedem a consumação;

2- que a passagem paralela em Marcos (13:24) afirma distintamente que os sinais da consumação final serão vistos nos dias que se seguem à tribulação anterior; e

3- que o próprio Jesus é descrito dizendo que tudo deve ser realizado dentro dos limites da a geração existente". Somos levados, então, por princípio sólido da hermenêutica, a concluir que Mt. 24:29-31 deve ser incluído nos prazos do discurso do qual é parte essencial e não pode ser legitimamente aplicado a eventos distantes da catástrofe final do estado judeu".

em Marcos é igualmente indicativa de um intervalo considerável - naqueles dias após essa tribulação.) O fato de Sua vinda e suas circunstâncias correspondentes serem conhecidas por Ele, mas no tempo exato desconhecido, Ele fala sem considerar o intervalo, o que seria seja, empregado na sua espera até que todas as coisas sejam postas aos seus pés" etc.[51]

Pode-se dizer que neste comentário há quase tantos erros quanto palavras. De fato, não é a explicação de uma profecia mas é uma profecia independente do próprio comentarista. Primeiro, há a hipótese infundada de seu duplo sentido, é parcial e uma realização definitiva, para a qual não há fundamento no texto, mas que é uma mera suposição arbitrária e gratuita. Em seguida, temos uma "tribulação", não "encurtada", como o Senhor declara, mas prolongada, de modo que ainda "continua" nos dias atuais. Então a palavra "imediatamente" passa a se referir a um período ainda não chegado, de modo que entre Lucas 21:28-29, onde o olho desassistido não percebe traços de qualquer linha de transição, o crítico intercala um imenso período de dezoito séculos, com a possibilidade de uma duração indefinida além disso. Ainda mais, temos uma contradição implícita à afirmação de São Paulo de que o evangelho foi pregado "em todo o mundo" (Cl. 1:6) e a suposição de que o evangelho deve ser rejeitado pelos gentios. Então, o comentarista descobre que São Marcos sugere um "intervalo considerável", enquanto ele diz expressamente: Naqueles dias mesmo depois dessa "tribulação" - excluindo a possibilidade de qualquer intervalo e, finalmente, temos o que parece ser um pedido de desculpas pela veracidade da previsão, com o argumento de que nosso Senhor, não sabendo o tempo exato em que Sua vinda aconteceria "fala sem em relação ao intervalo" etc.

É óbvio que, se é assim que as Escrituras devem ser interpretadas, as leis comuns da exegese devem ser deixadas de lado como inúteis.

[51] Ver Alford Gr. Test, Mt. 23.29.

Ele é o melhor intérprete e o mais ousado. Existe algum livro antigo que um gramático trataria dessa maneira? Não seria declarado intolerável e acrítico se tais liberdades fossem tomadas com Homero ou Platão? Não seria ridículo propor enigmas aos discípulos como resposta à sua pergunta: "Quando serão essas coisas?".

Como eles poderiam saber de realizações parciais e finais e sentidos duplos? e que efeito poderia ser produzido em suas mentes, senão amarga perplexidade e perplexidade? Não podemos deixar de protestar contra esse tratamento das palavras das Escrituras, não apenas não-acadêmicas e acríticas, mas no mais alto grau presunçoso e irreverente.

Mas, é respondido que o caráter da linguagem de nosso Senhor nesta passagem exige sua aplicação a uma catástrofe grande e terrível que ainda é futura e pode ser entendida adequadamente de nada menos que a dissolução total do tecido do universo, e o fim de todas as coisas. Como alguém pode fingir que é dito que o sol foi escurecido, que a lua retirou sua luz, que as estrelas caíram do céu, que o Filho do homem foi visto entrando nas nuvens do céu com poder e grande poder glória? Esses fenômenos ocorreram na destruição de Jerusalém, ou podem se aplicar a qualquer outra coisa que não a consumação final de todas as coisas?[52]

[52] Mateus 24:29-31, provavelmente foi a principal razão para acreditar que essa profecia deve se referir a outros eventos além da destruição de Jerusalém e o fim da dispensação judaica. Pressionando o sentido literal das palavras, muitos intérpretes perguntaram: "Quando o sol foi escurecido e o céu abalado? Mas, não há motivo válido para presumir antecipadamente que aqui devemos encontrar um descrição literal. Pelo contrário existe na profecia, e especialmente na profecia apocalíptica, a demonstração de grandes catástrofes de julgamento divino preditos com figuras e símbolos. A linguagem de Mt. 24:29, é manifestamente apropriado de tais Escrituras como Joel 2:10, 31; Ez. 32:7 e Is. 13:10. Nosso Senhor fez uso do estilo profético familiar a todo judeu bem letrado, mas o literalismo extremo mantido pelos comentaristas modernos destroem qualquer exposição racional de uma passagem como Is. 34:4, 5: "E todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um livro; e todo o seu exército cairá, como cai a folha

Argumentar desta maneira é perder de vista a própria natureza, genialidade e espírito da profecia. O símbolo e a metáfora pertencem à gramática da profecia, como todos os leitores dos profetas do Antigo Testamento devem conhecer. Não é razoável que a destruição de Jerusalém seja apresentada em linguagem tão animada e retórica como a destruição de Babilônia, ou Edom, ou Tiro? Como, então, o profeta Isaías descreve a queda da Babilônia?

"Eis que vem o dia do Senhor, horrendo, com furor e ira ardente, para pôr a terra em assolação, e dela destruir os pecadores. Porque as estrelas dos céus e as suas constelações não darão a sua luz; o sol se escurecerá ao nascer, e a lua não resplandecerá com a sua luz. Por isso farei estremecer os céus; e a terra se moverá do seu lugar, por causa do furor do Senhor dos Exércitos, e por causa do dia da sua ardente ira." (Isaías 13:9, 10, 13)

Podemos ver que as imagens usadas nesta passagem são quase idênticas às de nosso Senhor. Portanto, se esses símbolos estivessem corretos para representar a queda da Babilônia, por que eles seriam incorretos para descrever uma catástrofe ainda maior, a destruição de Jerusalém?

Considere outro exemplo. O profeta Isaías anuncia a desolação de Edom, com a seguinte linguagem profética:

"E todo o exército dos céus se dissolverá, e os céus se enrolarão como um livro; e todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide e como cai o figo da figueira.

---

da vide e como cai o figo da figueira. Porque a minha espada se embriagou nos céus; eis que sobre Edom descerá, e sobre o povo do meu anátema para exercer juízo". Se o profeta do Antigo Testamento faz uso dessa linguagem para predizer a desolação de Edom, com que razão ou propriedade, podemos insistir na importação literal de passagens como Mt. 24:29 e 2 Pedro 3:10?

Porque a minha espada se embriagou nos céus; eis que sobre Edom descerá, e sobre o povo do meu anátema para exercer juízo." (Isaías 34:4,5)

Aqui temos novamente as mesmas imagens usadas pelo Senhor em seu discurso profético. Se o destino de Edom pode ser descrito corretamente em linguagem tão simbólica, por que deveria ser considerado extravagante usar termos similares ao descrever o destino de Jerusalém?

Em outro exemplo o profeta Miqueias fala de uma "vinda do Senhor" para julgar e punir Samaria e Jerusalém - uma vinda para o julgamento que, sem dúvida, aconteceu muito antes do tempo de nosso Salvador - observe com atenção a linguagem magnífica que esta cena representa!

"Porque eis que o Senhor está para sair do seu lugar, e descerá, e andará sobre as alturas da terra.
E os montes debaixo dele se derreterão, e os vales se fenderão, como a cera diante do fogo, como as águas que se precipitam num abismo." (Miqueias 1:3, 4).

Seria fácil multiplicar exemplos desta característica e qualidade da linguagem profética. A natureza da profecia é a poesia, e representa os acontecimentos, não no estilo prosaico do historiador, mas nas imagens vivas do poeta. Adicione a isso o fato que a Bíblia não fala com a fria correção lógica dos povos ocidentais, mas com o fervor tropical do maravilhoso Oriente. Mas seria errado chamar essa linguagem de extravagante ou sobrecarregada. A grandeza moral dos eventos que esses símbolos representam pode ser mais corretamente descrita como convulsão e cataclismo no mundo natural. Também não é necessário construir uma gramática de simbologias e uma analogia para cada hieróglifo sagrado, através do qual traduzir cada metáfora particular em seu equivalente correto, porque isso transformaria a profecia em uma alegoria. As seguintes observações

sobre a linguagem figurativa das Escrituras são sensíveis. "O que é excelente na natureza é usado para expressar o que é digno e importante entre os homens tais como corpos celestiais, montanhas, árvores majestosas, reinos ou aqueles em cargos de autoridade. As mudanças políticas são representadas por terremotos, eclipses, tempestades, o giro das águas e dos mares em sangue.[53]

A conclusão, então, a que somos levados irresistivelmente, é que as imagens usadas por nosso Senhor em seu discurso profético são apropriadas para descrever a dissolução do estado e do governo judeus, que teve lugar na destruição de Jerusalém. Eles são apropriados porque concordam com o estilo reconhecido dos profetas antigos, e também porque a grandeza moral do evento é tal que justifica o uso de tal linguagem neste caso particular.

Mas podemos ir além disso e afirmar que não é apenas apropriado quando aplicado à destruição de Jerusalém, mas que essa é sua aplicação verdadeira e exclusiva. Não encontramos nenhum vestígio ou indicação de que nosso Senhor tenha em mente qualquer significado posterior ou oculto. Mas nós achamos que dificilmente há uma característica nesta descrição sublime e terrível que Ele próprio ainda não havia antecipado e fixado em sua aplicação a um evento particular e a um tempo particular. Compare cuidadosamente a descrição dada na passagem que nos diz respeito, do "Filho do homem que vem nas nuvens do céu, com poder e grande glória" (Mateus 24:30)[54] com a declaração de nosso Senhor (Mateus 16:27) - "Porque o Filho do homem virá, na glória do seu pai com os seus anjos" - um evento que Ele afirma expressamente seria testemunhado

[53] Manual Bíblico de Angus, p. 20, p. 20, i.

[54] Os fenômenos descritos por nosso Senhor que acompanha a Parousia (v. 29) não pode ser explicado com sinais e prodígios, que de acordo com Josefo, precedeu a captura de Jerusalém (Guerra judaica, bk. Vi.cv 3). Que pelo menos alguns desses sinais realmente apareceram, não parece haver qualquer razão para duvidar disso, e servem para verificar a previsão de Lucas 21:11: "Haverá terror e grandes sinais no céu".

por alguns dos discípulos que ainda estavam vivendo.[55] Novamente, o envio de Seus anjos para reunir Seus eleitos, corresponde exatamente com a representação do que aconteceria na "colheita", no final do aeon, conforme descrito nas parábolas do joio e do trigo (Mateus 12:41-50). "O Filho do Homem enviará seus anjos, e eles juntarão do seu reino todos os que servem de pedra de tropeço, e todos os que praticam iniquidade". "Assim será no fim da era [aeon]: os anjos sairão, e separarão os ímpios dentre os justos, e os lançarão na fornalha de fogo".[56] Aqui a profecia e a parábola representam a mesma cena, no mesmo período: ambos falam do fim da época ou da era, não do fim do mundo ou do universo material; e eles falam da grande época judicial como "à mão". Com clareza São Lucas, em seu registro da profecia do Monte das Oliveiras, representando a grande catástrofe ocorrida durante a vida dos discípulos: "Quando essas coisas começam a acontecer, levante suas cabeças, porque sua

[55] Certamente, é desnecessário perguntar o que é a vinda do Filho do Homem que está prevista aqui. Não há ambiguidade quanto a passagem agora em consideração. É o único e supremo evento, tão frequentemente predito por nosso Senhor, tão constantemente esperado por Seus discípulos. É a Sua vinda em glória; Sua vinda ao julgamento; Sua vinda em Seu reino; a vinda do reino de Deus. Não é um processo, mas um ato. Não é a mesma coisa que "a destruição de Jerusalém" - esse é outro evento relacionado e contemporâneo; mas os dois não devem ser confundidos. O Novo Testamento conhece apenas uma Parousia, uma vinda em glória do Senhor Jesus Cristo.

[56] O envio dos anjos, e a reunião dos eleitos, descrito em Mateus, 24:31, representa necessariamente um procedimento real e experiencial que deveria ocorrer na Parousia, que foi um evento intimamente relacionado com a destruição de Jerusalém. É estranho que haja tanta incredulidade hoje em dia, respeitando o sentido claro das declarações expressas de nosso Senhor sobre esse assunto. Não há ambiguidade ou incerteza em Sua linguagem. Mas todo o assunto da "reunião dos santos" deve ser reservado para uma discussão mais completa em um período futuro. No momento, sem dúvida, a maioria dos leitores se encolherá com a exigência feita sobre sua fé, quando lhes for pedido que acreditem que previsões de nosso Senhor em Mateus 24:29-31 teve uma verdadeira realização no passado. Mas por que deveria ser considerado incrível? Não há motivo válido para negar que qualquer uma das declarações de Mateus 24:29-31 são inconsistentes com os prazos que Jesus positivamente definiu para esta profecia escatológica.

redenção está próxima" (Lucas 21:28) Não foram pronunciadas estas palavras aos discípulos, que ouviram o discurso? Eles não aplicaram a eles mesmo? Há algum lugar, mesmo uma suspeita de que eles estavam se referindo a outra audiência, a milhares de anos de distância, e não ao grupo ansioso que tomou as palavras de Jesus? Certamente, essa hipótese traz sua própria refutação.

Mas, como para impedir até mesmo a possibilidade de equívoco ou erro, nosso Senhor, no próximo parágrafo, traça em torno de Sua profecia uma linha tão clara e palpável, fechando-a totalmente dentro de um limite tão definido e distinto, que deve ser decisivo para a profecia e responde as questões dos discípulos como um todo.

(e) A Parousia deve ocorrer na geração atual

Mateus 24:32-34

"Aprendei, pois, esta parábola da figueira: Quando já os seus ramos se tornam tenros e brotam folhas, sabeis que está próximo o verão.

Igualmente, quando virdes todas estas coisas, sabei que ele está próximo, às portas.

Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas aconteçam".

Marcos 13: 28-30

"Aprendei, pois, a parábola da figueira: Quando já o seu ramo se torna tenro, e brota folhas, bem sabeis que já está próximo o verão.

Assim também vós, quando virdes sucederem estas coisas, sabei que já está perto, às portas.

Na verdade vos digo que não passará esta geração, sem que todas estas coisas aconteçam".

Lucas 21:29-32

"E disse-lhes uma parábola: Olhai para a figueira, e para todas as árvores;

Quando já têm rebentado, vós sabeis por vós mesmos, vendo-as, que perto está já o verão.

Assim também vós, quando virdes acontecer estas coisas, sabei que o reino de Deus está perto.

Em verdade vos digo que não passará esta geração até que tudo aconteça".

As palavras não têm sentido se esta linguagem, pronunciada em uma ocasião tão solene tão precisa e expressa em sua importância, não afirma a proximidade do grande evento que ocupa todo o discurso de nosso Senhor. Primeiro, a parábola da figueira indica que, assim como os galhos macios nas árvores anunciam a aproximação do verão, então os sinais que ele acabou de especificar anunciariam que a consumação prevista estava à mão. Eles, os discípulos a quem Jesus falava, veriam esses sinais e, quando os visem, reconheceriam que o fim estava próximo às portas . Em seguida, nosso Senhor resume com uma afirmação calculada para remover todos os vestígios de dúvida ou incerteza:

"Em verdade vos digo que esta geração não passará, até que todas estas coisas sejam cumpridas".

Alguém poderia supor que, após uma nota de tempo tão clara e expressiva, não haveria espaço para controvérsia. Nosso próprio Senhor respondeu à pergunta. Noventa e nove pessoas a cada cem, sem dúvida, certamente entenderiam suas palavras no sentido de que a catástrofe prevista ocorreria dentro dos limites da geração existente, dentro dos limites do tempo de vida daquela geração. Não que todos provavelmente viveriam para testemunhar isso, mas a maioria ou muitos deles estariam vivos quando o grande evento viesse a ocorrer. Não há dúvida de que esta seria a interpretação que os discípulos dariam às suas palavras. A menos que, portanto, nosso Senhor quisesse mistificar [e confundir] Seus discípulos, Ele os deu claramente para entender que Sua vinda, o julgamento da nação judaica e o fim da era aconteceriam antes que a geração existente

tivesse morrido, e dentro dos limites da sua própria existência. Como já vimos, esta não era uma ideia nova, mas uma ideia que ele próprio havia manifestado antes.[57]

No entanto, longe de aceitar esta declaração do nosso Salvador como a palavra final, os comentaristas resistiram violentamente àquilo que parece ser o sentido natural e de senso comum de Suas palavras. Eles insistiram que, porque os eventos previstos não aconteceram dessa maneira naquela geração, portanto a palavra (genea) não pode significar o que é usualmente entendido como significando, as pessoas daquela era ou período em particular, os contemporâneos de nosso Senhor. Afirmar que essas coisas não aconteceram é suplicar a pergunta e algo mais. Mas nós sugerimos que é da responsabilidade dos gramáticos não ficarem apreensivos de possíveis conseqüências, mas sim estabelecer o verdadeiro significado das palavras. As previsões de nosso Senhor podem ser seguramente deixadas para cuidar de si mesmas; Cabe a nós tentar entender.

Muitos argumentam que, neste lugar, a palavra genea deve ser traduzida como "raça ou" nação", e que as palavras de nosso Senhor apenas significam que a raça ou nação judaica não deve passar ou perecer, até que as previsões que Jesus fez se cumpra. Este é o significado que Lange, Stier, Alford e muitos outros autores atribuem

[57] Os princípios da interpretação histórico-gramatical requerem nossa atenção às limitações de tempo específicas dessa profecia. Todo o discurso parece ter crescido a partir da declaração de Jesus: "Chegará o dia em que não ficará pedra sobre pedra aqui que não será derrubada" (Lucas 21:6; comp. Mt. 24:2; Marcos 13:2). Essas palavras, especialmente, ocasionaram a pergunta dos discípulos: "Quando serão essas coisas?" Toda a profecia pretende ser uma resposta a essa pergunta, e nenhuma afirmação nela é mais enfática do que as palavras: "Em verdade vos digo que esta geração não passará até que todas essas coisas sejam cumpridas" (Mt. 24:34; Marcos 13:30; Lucas 21:32). Em que princípios hermenêuticos válidos, então, pode-se afirmar com clareza que esse discurso de Jesus compreende toda a futilidade? Por que devemos procurar as revelações de eras distantes e milênios da história humana em uma profecia expressamente limitada à geração em que foi proferida?

à palavra, e que é sustentado com uma capacidade notável e uma grande erudição por Dorner em seu tratado "Orae Christi Eschatologica". Não há dúvida que é verdade que a palavra genea, como muitas outras, tem diferentes nuances de significado e que, às vezes, na Septuaginta e autores clássicos, podem se referir a uma nação ou a uma raça. Mas acreditamos que é comprovável, sem sombra de dúvida, que a expressão "esta geração", usada com frequência por nosso Senhor, sempre se refere unicamente e exclusivamente aos seus contemporâneos, o povo judeu de seu próprio tempo. Pode ser deixado sem perigo o julgamento sincero de cada leitor, seja um erudito em grego ou não, para decidir se é ou não o caso. Mas, como o ponto é de grande importância, pode ser desejável aduzir as provas dessa afirmação.

1. No discurso final de nosso Senhor ao povo, entregue no mesmo dia que o discurso sobre o Monte das Oliveiras, ele declarou: "Tudo isso virá sobre esta geração" (Mateus 23:36). Nenhum comentarista já propôs entender isso como se referindo a qualquer outra geração que não seja a geração existente no tempo de Jesus.

2. "Com o que devo comparar esta geração?" (Mateus 11:6) Aqui, Lange e Stier admitem que a palavra se refere a "última geração de Israel então existente" (Lange, in loc , Stier, vol.2, 98).

3. "A geração má e adúltera exige um sinal". "Os homens de Nínive se levantarão no julgamento com esta geração". "A Rainha do Sul se elevará no julgamento com esta geração ". "Assim também será para esta geração perversa " (Mateus 12:39, 41, 42, 45).

Nessas quatro passagens, Dorner tenta estabelecer que nosso Senhor não está falando sobre seus contemporâneos, os homens de seu próprio tempo. "Porque" - ele diz - "os gentios (os habitantes de Nínive e a rainha do Sul) se opõem aos judeus, portanto," esta geração [genea] deve significar a nação ou a raça dos judeus "(Dorner, Orat, Christ, Esch., 81). Seu argumento, no entanto, não é

convincente. Certamente a geração que buscava um sinal era a geração então existente; e pode-se supor que foi contra qualquer outra geração que não aquela que resistiu a pregação como a de João Batista e de Cristo, que os gentios deviam levantar no julgamento? Existe apenas uma interpretação possível da linguagem do nosso Senhor, e é isso que refere as Suas palavras aos seus próprios contemporâneos perversos e incrédulos.

4. "Para que o sangue de todos os profetas seja exigido dessa geração " (Lucas 11:50, 51).

Aqui o próprio Dorner admite que é da geração existente (hoc ipsum hominum avum) do qual estas palavras são faladas (p 41).

5. "Aquele que se envergonhar de mim e das minhas palavras nesta geração adúltera e pecadora..." (Marcos 8:38). "Mas primeiro é necessário que ele sofra muito e seja rejeitado por esta geração" (Lucas 17:25). Basta citar essas passagens para estabelecer que Jesus se refere apenas à geração particular que rejeitou o Messias.

Estes são todos os exemplos em que a expressão "esta geração" ocorre nas palavras do nosso Senhor, e esses exemplos estabelecem, além de todos os questionamentos razoáveis, a referência das palavras na declaração importante que consideramos agora. Mas, suponha que adotássemos a tradução proposta e aceitamos que ela significa raça, que finalidade ou significado teria então a previsão? Alguém pode acreditar na afirmação de que nosso Senhor fez tão solenemente: "Em verdade, eu digo a você", etc. é apenas equivalente a isto: "A raça hebraica não será extinta até que todas essas coisas tenham sido cumpridas"? Imagine um profeta em nosso próprio tempo, prevendo uma grande catástrofe em que Londres seria destruída, a Catedral de São Paulo e as Casas do Parlamento seriam arrasadas, e uma morte terrível dos habitantes seria perpetrada; e quando perguntado: "Quando essas coisas acontecerão?" resposta: "A raça anglo-saxônica não se extinguirá até que todas essas coisas tenham sido cumpridas".

Esta seria uma resposta satisfatória? Não seria uma resposta considerada como depreciativa para o profeta e como uma afronta aos seus ouvintes? Não teriam motivos para dizer: "Não há perigo de profetizar quando o evento é colocado a uma distância infinita"? Mas a simples suposição de tal sentido na previsão de nosso Senhor mostra que é um reductio ad absurdum. Foi por isso que os discípulos esperaram e vigiaram? Foi essa a lição que a figueira em desenvolvimento ensinou? Não foi até que a raça judaica estava prestes a se extinguir que eles deveriam "olhar para cima e levantar suas cabeças"? Tal hipótese é sua própria refutação.

Recorremos, portanto, à única interpretação sustentável e possível, e entendemos nosso Senhor como, o que em tantas palavras Ele diz, que os eventos especificados em Sua previsão certamente aconteceriam antes que a geração existente tivesse passado completamente. Esta é a única interpretação que as palavras suportam; Todas as outras envolvem uma luta de linguagem e uma violência ao entendimento. Além disso, a interpretação está em harmonia com o ensino uniforme de nosso Salvador. Muito tempo antes, ele havia assegurado aos discípulos que alguns deles viveriam para testemunhar sua vinda em glória (Mateus 16:27, 28).

Ele havia dito a eles que, antes de completarem sua missão apostólica nas cidades de Israel, o Filho do homem viria (Mateus 10:23). Ele declarou que todo o sangue derramado na terra, do sangue de Abel ao sangue de Zacarias, seria exigido dessa geração (Mateus 23:35, 36). Foi, portanto, daquela geração que Ele falou. Nunca deve ser esquecido que havia uma especialidade sobre essa geração. Era a última e a pior de todas as gerações de Israel, que herdara a culpa de todos os seus predecessores e estava prestes a ser visitada com julgamentos marcados e incomparáveis. Se a catástrofe prevista ocorreu ou não, é outra questão, que será considerada em seu

devido lugar.[58] Outras interpretações que foram sugeridas, como a da "raça humana", "a geração dos justos" e "a geração dos ímpios", não exigem discussão e não requerem consideração.

Uma ou duas palavras podem ser necessárias, respeitando o período de tempo coberto por uma geração. Certamente, não é uma medida exata do tempo, como uma década ou um século, mas tem uma certa qualidade de indefinição ou elasticidade, mas dentro de certos limites, digamos, trinta ou quarenta anos. No livro de Números, achamos que a geração que fez com que o Senhor o excluísse da terra de Canaã, e que fosse condenada a cair no deserto, morreria no espaço de quarenta anos. No Salmo 95, lemos: "Quarenta anos, eu não estava com vontade com a nação". Na tabela genealógica que São Mateus dá, temos informações para estimar a duração de uma geração. Lá descobrimos que "da deportação para Babilônia para Cristo", havia catorze gerações. (Mateus 1:17). Agora, diz-se que a data do cativeiro, no reino de Zedequias, era aproximadamente o ano 586 a. C., que, dividido em catorze, dá quarenta e um anos e uma fração como a duração média de cada geração. A guerra judaica sob o imperador Nero estourou em 66 dC., e assumindo que nosso Senhor tinha cerca de trinta e três anos quando foi crucificado, isso nos daria um espaço de cerca de trinta e três anos, nos quais os sinais que anunciavam a aproximação do "fim" começaram a "acontecer". A destruição do templo e da cidade de Jerusalém ocorreu em setembro de 70 dC, ou seja, cerca de trinta e sete anos depois da profecia do Monte das Oliveiras, um espaço de tempo que satisfaz amplamente as exigências do caso. Não é tão curto a ponto de tornar inadequado dizer: "Esta geração não passará"

[58] A nota no trabalho de Robinson "Harmonia dos Quatro Evangelhos", parte vii, 128, é excelente. "Esta geração", etc. Essas palavras (genea) não podem ser entendidas (como alguns explicaram) como se referindo à nação judaica ou à raça humana. O significado é que nem todos os homens daquele tempo morreriam (ver Mateus 16:28, no parágrafo 74) antes que a profecia se cumprisse, o que começou a ocorrer trinta e sete anos depois de ter sido proferida, em a destruição de Jerusalém ", etc.

etc. nem tão distante, para além do tempo de vida de muitos que possam ter visto e ouvido o Salvador ou os próprios discípulos. "Essa geração" estaria de fato passando, mas não teria passado completamente.[59]

(f) Certeza da consumação, mas incerteza de sua data exata

Mateus 24:35, 36

"O céu e a terra passarão, mas as minhas palavras não hão de passar.

Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, mas unicamente meu Pai".

Marcos 13:31, 32

"Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão. Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos que estão no céu, nem o Filho, senão o Pai".

---

[59] A afirmação em Lucas 21:24, de que "Jerusalém será pisada pelos gentios até que os tempos dos gentios sejam cumpridos", supõe-se que envolva eventos que não ocorreram naquela geração. Os" tempos dos gentios" são assumidos como os tempos e as oportunidades de graça oferecidas a eles, os gentios sob o evangelho, mas entender as palavras nesse sentido seria, como observa Van Oosterzee, interpolar um pensamento totalmente estranho ao contexto. "Os tempos dos gentios", diz Bengel, "são os tempos atribuídos a os gentios pisarem a cidade"; mas não há nada na passagem ou no contexto que autorize sua observação adicional de que "estes tempos terminarão quando a conversão dos gentios estiver totalmente consumada" e que a pisada pelos romanos, persas, sarracenos, francos e turcos devem ser entendidos aqui. Esses tempos são manifestamente tempos de julgamento sobre Jerusalém, não tempos de salvação para os gentios. O paralelo mais natural e óbvio é Ap. 11:2, onde a quadra externa do templo é "dado aos gentios", por quem a cidade santa será pisada por quarenta e dois meses Este é um período de julgamento particular, em nenhum lugar indica idades e gerações. São três anos e meio - um sete dividido, um período curto e um sinal de aflição. Os "tempos dos gentios", portanto, são três anos e meio durante os quais os exércitos gentios sitiaram e pisotearam Jerusalém.

Lucas 21:33
"Passará o céu e a terra, mas as minhas palavras não hão de passar".

Embora nosso Senhor tenha definido os limites de tempo dentro dos quais a consumação prevista aconteceria, permanece um certo grau de indefinição em relação ao tempo de sua vinda. Ele não especifica a data exata, nem "o tempo, nem o dia", nem mesmo o mês do ano. Isso não significa que toda a questão do tempo tenha sido deixada instável e sem especificação: isso refere-se apenas à data precisa. A consumação ficaria dentro do prazo da geração existente, mas a hora precisa em que o sino da condenação soaria não foi revelada ao homem, nem ao anjo, nem (o que é ainda mais estranho) ao próprio Filho do homem. Foi o segredo que o Pai "colocou no seu único poder". Sem dúvida, houve razões suficientes para esta reserva. Tendo especificado "o dia e a hora" - tendo dito: "No ano trinta e sete, no sexto mês, no oitavo dia do mês, a cidade será tomada e o templo destruído pelo fogo" - não só teria sido inconsistente com a forma de se pronunciar uma profecia, mas teria tirado uma das motivações mais fortes para constante vigilância e oração - a incerteza do momento preciso.

(g) A rapidez da parousia e o chamado para estar vigilante

Mateus 24:37-42
"E, como foi nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do homem.
Porquanto, assim como, nos dias anteriores ao dilúvio, comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca,
E não o perceberam, até que veio o dilúvio, e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem.
Então, estando dois no campo, será levado um, e deixado o outro; Estando duas moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra.

Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor".

Lucas 17:26-37

E, como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do homem.

Comiam, bebiam, casavam, e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e veio o dilúvio, e os consumiu a todos.

Como também da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló: Comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam;

Mas no dia em que Ló saiu de Sodoma choveu do céu fogo e enxofre, e os consumiu a todos.

Assim será no dia em que o Filho do homem se há de manifestar.

Naquele dia, quem estiver no telhado, tendo as suas alfaias em casa, não desça a tomá-las; e, da mesma sorte, o que estiver no campo não volte para trás.

Lembrai-vos da mulher de Ló.

Qualquer que procurar salvar a sua vida, perdê-la-á, e qualquer que a perder, salvá-la-á.

Digo-vos que naquela noite estarão dois numa cama; um será tomado, e outro será deixado.

Duas estarão juntas, moendo; uma será tomada, e outra será deixada.

Dois estarão no campo; um será tomado, e o outro será deixado.

E, respondendo, disseram-lhe: Onde, Senhor? E ele lhes disse: Onde estiver o corpo, aí se ajuntarão as águias".

Mateus 24:42

"Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora há de vir o vosso Senhor".

Marcos 13:33-37

"Olhai, vigiai e orai; porque não sabeis quando chegará o tempo.

É como se um homem, partindo para fora da terra, deixasse a sua

casa, e desse autoridade aos seus servos, e a cada um a sua obra, e mandasse ao porteiro que vigiasse.

Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã,

Para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo. E as coisas que vos digo, digo-as a todos: Vigiai".

Lucas 21:34-36

"E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glutonaria, de embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia.

Porque virá como um laço sobre todos os que habitam na face de toda a terra.

Vigiai, pois, em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão de acontecer, e de estar em pé diante do Filho do homem".

Todas as representações dadas pelo nosso Senhor da catástrofe vindoura e seus eventos concomitantes implicam que pegariam os homens de surpresa. Assim como a inundação veio de repente sobre os antediluvianos, e a tempestade de fogo e de enxofre caiu sobre as cidades da planície, assim seria a catástrofe que alcançaria Jerusalém e Judeia em uma hora inesperada, quando os negócios e os prazeres da vida ocuparam as mãos e os corações dos homens. Em Lucas 17, temos o registro mais completo do discurso de nosso Senhor sobre esse ponto. Se a passagem de São Lucas foi transposta por ele desde sua conexão original, ou se nosso Senhor pronunciou as mesmas palavras em ocasiões separadas, não é um problema que nos interessa particularmente aqui. Neander é de opinião que "Lucas fornece a conexão natural dessas palavras", e em São Mateus "elas são definidas com muitas outras passagens similares que se referem à última crise".[60]

[60] Vida de Cristo. c. xii, 214, nota.

Duvidamos disso; mas, renunciando a essa questão, uma coisa é indubitável, isto é, que São Mateus e São Lucas descrevem a mesma coisa, o mesmo período, a mesma catástrofe. É surpreendente encontrar Alford afirmando, em relação à passagem de São Lucas: "Não há uma única palavra em tudo isso sobre a destruição de Jerusalém". Seria mais correto dizer: "Cada uma das palavras nesta passagem fala da destruição de Jerusalém". Observe a nota do tempo tão claramente marcada por nosso Senhor: "Mas primeiro é necessário que ele sofra muito e seja rejeitado por esta geração (Lucas 17:25) Que outra catástrofe pertence ao período dessa geração, que pode ser corretamente comparado à destruição do mundo antediluviano por meio de um dilúvio de águas e com a destruição de Sodoma e Gomorra por meio de uma inundação de fogo?

Da certeza e do repentino momento da consumação que se aproxima, nosso Senhor tira a lição que Ele imprime em Seus discípulos - a necessidade de vigilância. Aqui ele pronuncia pela primeira vez a admoestação de que, a partir desse momento, nunca deixou de ser o slogan de seus discípulos durante a era apostólica: "Orai e Vigiai!" Descobriremos quão constantemente e com urgência os apóstolos dirigiram esse chamado para os fiéis em seus dias e como é constantemente repetido, até o último momento em que ouvimos o som de uma voz apostólica. Esta vigilância era essencial para a segurança dos seguidores de Jesus, porque, tão súbita seria a catástrofe, que alcançaria os despreparados e os descuidados, como os pássaros que estão presos na rede. "Porque, como laço, virá sobre todos os que habitam sobre a face de toda a terra" - palavras que intimam claramente o caráter local do evento.

Temos um comentário impressionante sobre essa passagem na história de Josefo. Contabilizando os números prodigiosos abatidos no cerco de Jerusalém - um milhão e cem mil -, ele diz: "Destes, a maioria era de sangue judeu, embora não nativos do lugar, tendo se reunido de todas as partes do país para a festa de o pão ázimo foi

subitamente cercado pela guerra, nessa ocasião a nação inteira havia sido trancada, como na prisão, pelo destino, e a guerra encerrou a cidade quando estava superlotada com as pessoas".[61] Uma verificação mais exata da previsão de nosso Senhor (Lucas 21:35) é impossível conceber.

Em tudo isso, observamos a continuação desse discurso pessoal direto que mostra que nosso Senhor falou aos seus discípulos sobre o que os preocupou pessoalmente. Não há a menor sugestão de que havia um significado "subterrâneo" em suas palavras, e que, quando ele disse "Jerusalém" e "esta geração" e "vós", ele quis dizer "o mundo" e "eras distantes" e "discípulos" que ainda não nasceram".

Neste ponto, São Marcos e São Lucas fecham o registro da profecia do Monte das Oliveiras, e não se pode negar que o término é natural e apropriado. No entanto, no Evangelho de São Mateus, temos uma série de parábolas adicionadas ao discurso de nosso Senhor, como as que Ele costumava ensinar às pessoas. Fomos impressionados com o fato de que nosso Senhor falou aos seus discípulos em parábolas, especialmente nesta ocasião; e há pouco a ser dito em favor da opinião de Neander, que "era peculiar que Mateus ao editar em grego tivesse os ditos semelhantes de Jesus juntos, mesmo que tivessem sido pronunciados em ocasiões diferentes e em circunstâncias diferentes. Portanto, não é necessário que nos surpreendamos se acharmos impossível traçar linhas de distinção neste discurso com total precisão, nem é necessário que tal resultado conduza a interpretações forçadas, inconsistentes com a verdade e com o amor da verdade. É mais fácil fazer tais distinções no registro de São Lucas (capítulo 21), embora isso não seja sem dificuldades. Ao comparar São Mateus com São Lucas, no entanto, podemos traçar a origem da maioria dessas dificuldades para misturar diferentes porções, quando os discursos de Cristo foram organizados em coleções".[62]

[61] Josefo Traill, Guerra Judaica, b. -vi. ch. ix, 3, 4.
[62] Vida de Cristo, 254, Nota.

Mas, sem discutir esta questão, é muito evidente que as parábolas registradas por São Mateus em relação a este discurso, embora não tenham sido pronunciadas nesta ocasião particular, estão estritamente relacionadas com o assunto; Considerando que, se este é o seu verdadeiro lugar na narrativa, sua relação com o assunto antes de nós é ainda mais próxima e mais íntima.

Agora, consideramos as parábolas de nosso Senhor, registradas em relação a esta profecia, principalmente por São Mateus.

(h) Os discípulos são advertidos sobre a rapidez da Parousia (Parábola do mordomo fiel)

Mateus 24:43-51

"Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que vigília da noite havia de vir o ladrão, vigiaria e não deixaria minar a sua casa.

Por isso, estai vós apercebidos também; porque o Filho do homem há de vir à hora em que não penseis.

Quem é, pois, o servo fiel e prudente, que o seu senhor constituiu sobre a sua casa, para dar o sustento a seu tempo?

Bem-aventurado aquele servo que o seu senhor, quando vier, achar servindo assim.

Em verdade vos digo que o porá sobre todos os seus bens. Mas se aquele mau servo disser no seu coração: O meu senhor tarde virá;

E começar a espancar os seus conservos, e a comer e a beber com os ébrios,

Virá o senhor daquele servo num dia em que o não espera, e à hora em que ele não sabe,

E separá-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes".

Marcos 13:34-37

"É como se um homem, partindo para fora da terra, deixasse a sua casa, e desse autoridade aos seus servos, e a cada um a sua obra, e mandasse ao porteiro que vigiasse.

Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o senhor da casa; se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã, Para que, vindo de improviso, não vos ache dormindo. E as coisas que vos digo, digo-as a todos: Vigiai".

Lucas 12:39-46

"Sabei, porém, isto: que, se o pai de família soubesse a que hora havia de vir o ladrão, vigiaria, e não deixaria minar a sua casa. Portanto, estai vós também apercebidos; porque virá o Filho do homem à hora que não imaginais.

E disse-lhe Pedro: Senhor, dizes essa parábola a nós, ou também a todos?

E disse o Senhor: Qual é, pois, o mordomo fiel e prudente, a quem o senhor pôs sobre os seus servos, para lhes dar a tempo a ração? Bem-aventurado aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, achar fazendo assim.

Em verdade vos digo que sobre todos os seus bens o porá. Mas, se aquele servo disser em seu coração: O meu senhor tarda em vir; e começar a espancar os criados e criadas, e a comer, e a beber, e a embriagar-se,

Virá o senhor daquele servo no dia em que o não espera, e numa hora que ele não sabe, e separá-lo-á, e lhe dará a sua parte com os infiéis".

Podemos ver que esta parábola de nosso Senhor está registrada em diferentes conexões por São Mateus e São Lucas. A semelhança verbal, no entanto, é muito exata para tornar provável que tenha sido falada em duas ocasiões diferentes. A menor atenção irá satisfazer o leitor que o relatório de São Lucas é o mais completo e circunstancial, e ele atribui a sua verdadeira posição cronológica. Isto é visto pelo fato de que a pergunta de São Pedro, registrada somente por São Lucas, deu origem a observações conclusivas de nosso Senhor, as

quais, dadas por São Mateus sem esse elo de ligação, parecem um tanto incoerentes e abruptas. Além disso, dificilmente podemos supor que São Pedro, conversando em privado com apenas outros três discípulos em companhia do Senhor, pergunta a si mesmo: "Você nos diz esta palavra, ou a todos nós?" - uma questão que era mais natural quando, como São Lucas nos diz, Jesus falou com seus discípulos na presença de uma grande multidão (Lucas 12:1). Vale ressaltar também que em Marcos 13:34-37, onde podemos detectar vestígios desta parábola, a pergunta de São Pedro é respondida com clareza: "O que eu digo a você, eu digo a todos: vigiai", uma declaração que seria fora de lugar quando nosso Senhor falou com quatro pessoas, mas bastante apropriado ao falar com uma multidão.

Portanto, não há impropriedade ao assumir que São Mateus, percebendo as palavras de Jesus, falado em outra ocasião, e que ilustra admiravelmente a necessidade de vigiar os sinais que precedem a vinda do Senhor, insira-os neste discurso escatológico. Stier sugere que São Marcos apresenta um breve resumo de Mateus 24:43, com as duas parábolas do servo, Mateus 24:45-51, 25:14 e ainda com um leve eco da parábola das virgens.[63] Não temos mais motivos para esperar um arranjo rigorosamente cronológico nos evangelistas do que estritamente na letra: nem o mesmo nem o outro entraram em seus planos.

Mas o que é principalmente importante para nós é a relação desta parábola, se é que se pode chamar isso, entre o mordomo da casa que vigia o ladrão da meia-noite e o discurso anterior de nosso Senhor. Nada pode ser mais evidente que essa relação está entrelaçada no próprio tecido desse discurso. Nenhum assunto novo é introduzido no versículo quarenta e três do capítulo vigésimo quarto de São Mateus (Mateus 24:43): nenhuma transição para outra catástrofe, nenhuma outra vinda, diferente do que Ele havia falado desde o início. Não há hiato, nem interrupção ou quebra, na continuidade do

[63] Reden Jesu, vol. iii, p. 304

discurso; nenhuma indicação de ir do grande evento que absorveu os pensamentos dos discípulos para outro em um futuro muito distante. Parece incrível que qualquer julgamento crítico escolha Mateus 24:43 como o início de um novo tópico do discurso. E, no entanto, é o que o Dr. Ed. Robinson faz, o que diz: "Aqui o Senhor faz uma transição, e passa a falar da sua última vinda no dia do julgamento". Isto é visto pelo fato de que a matéria dessas seções é adicionada por Mateus depois que Marcos e Lucas concluíram seus relatórios paralelos sobre a catástrofe judaica, e aqui Mateus começa, com o versículo 43, o discurso que Lucas apresentou em outra ocasião, Lucas 12:39 , etc."[64] Mas não há a menor sombra de qualquer transição. O instrumento mais fino não consegue desenhar qualquer linha divisória entre as partes do discurso e atribuir uma porção ao julgamento da nação judaica e outra porção ao julgamento da raça humana. Não há transição, mas continuação, no verso 43. Nada pode ser mais consecutivo e concatenado. "Vigiai, então", diz o nosso Senhor aos discípulos no verso 42, "por que você não sabe a que horas seu Senhor vem". "Portanto, você também deve está preparado", ele diz no verso 44, "pois o Filho do Homem virá na hora em que você não pensa". A sugestão de que um novo tema, que se refere a um evento totalmente diferente, em um momento muito distante no tempo, introduzido aqui, é completamente arbitrário e sem fundamento.

II. RESPOSTA DE NOSSO SENHOR AOS DISCÍPULOS (continuação)

(i) A Parousia, um tempo de julgamento para amigos e inimigos de Cristo (Parábola das virgens sábias e das virgens tolas)

Mateus 25:1-13 Então o reino dos céus será semelhante a dez

[64] Harmonia dos Quatro Evangelhos, 129.

virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram ao encontro do esposo.

E cinco delas eram prudentes, e cinco loucas.

As loucas, tomando as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo.

Mas as prudentes levaram azeite em suas vasilhas, com as suas lâmpadas.

E, tardando o esposo, tosquenejaram todas, e adormeceram.

Mas à meia-noite ouviu-se um clamor: Aí vem o esposo, saí-lhe ao encontro.

Então todas aquelas virgens se levantaram, e prepararam as suas lâmpadas.

E as loucas disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas se apagam.

Mas as prudentes responderam, dizendo: Não seja caso que nos falte a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai-o para vós.

E, tendo elas ido comprá-lo, chegou o esposo, e as que estavam preparadas entraram com ele para as bodas, e fechou-se a porta.

E depois chegaram também as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos.

E ele, respondendo, disse: Em verdade vos digo que vos não conheço.

Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há de vir".

Quase todos os expositores supõem que agora Jerusalém e Israel desaparecem inteiramente da cena, e que nosso Senhor se refere exclusivamente à consumação final de todas as coisas e ao julgamento da raça humana. Esta suposta transição é sugerida e facilitada para o leitor de uma bíblia moderna através de um novo capítulo que começa neste ponto.

Mas nosso Senhor realmente abandonou o assunto com o qual Ele e Seus discípulos estiveram ocupados até agora? Passou de um tempo próximo e iminente a uma era distante, separado de seu próprio tempo por centenas e milhares de anos? Se assim fosse, certamente

poderíamos esperar uma indicação muito clara de mudança de assunto. Mas não há absolutamente nenhuma. Pelo contrário, a suposição de que um novo tema é introduzido por esta parábola é completamente impedida pelos termos expressos com os quais a parábola começa e termina. Comece com uma nota de tempo muito explícita: "Tote", então, naquele momento. Não há absolutamente nenhum hiato entre o final do capítulo 24 e o início do capítulo 25. O link de conexão "então" (tote), leva adiante o discurso e liga-o intimamente no que diz respeito ao tema, ao tempo e às pessoas a quem se dirige. Isto é confirmado, além disso, pelo fato de que a moral da parábola das dez virgens é exatamente a mesma que a parábola do mordomo fiel no capítulo anterior, isto é, a necessidade de vigilância. As palavras finais: "Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem há de vir", é tão evidentemente dirigido aos discípulos, e esses são os mesmos que o Senhor já pronunciou em Mateus 24:42; de modo que em ambas as passagens a referência deve ser para o mesmo evento.

Não está dentro dos nossos propósitos fazer uma exposição detalhada desta parábola. Há teólogos que encontram um mistério em cada palavra; no número dez, na virgindade, nas lâmpadas, no óleo, etc. (Veja Lange in loc) Como Calvino observa sarcasticamente: "Multum se quidam, em lucernis, em vasis, em oleo". Basta observar aqui a grande lição da parábola. É a necessidade de estar constantemente preparado e vigilante, esperando o retorno repentino e em breve do Filho do homem. Não estar vigilante e não estar preparado, levaria ao castigo que caiu sobre as virgens tolas, isto é, a exclusão da ceia de casamento do Cordeiro.

Encontramos, então, nesta parábola uma conexão orgânica com todo o discurso anterior de nosso Senhor. Ainda é o grande assunto do qual ele está falando - a consumação que aconteceria dentro dos limites da geração que existia - e em relação à qual os discípulos expressavam uma ansiedade natural.

(j) A Parousia, um tempo de julgamento (Parábola dos talentos)

Mateus 25:14-30: "Porque isto é também como um homem que, partindo para fora da terra, chamou os seus servos, e entregou-lhes os seus bens.

E a um deu cinco talentos, e a outro dois, e a outro um, a cada um segundo a sua capacidade, e ausentou-se logo para longe.

E, tendo ele partido, o que recebera cinco talentos negociou com eles, e granjeou outros cinco talentos.

Da mesma sorte, o que recebera dois, granjeou também outros dois.

Mas o que recebera um, foi e cavou na terra e escondeu o dinheiro do seu senhor.

E muito tempo depois veio o senhor daqueles servos, e fez contas com eles.

Então aproximou-se o que recebera cinco talentos, e trouxe-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, entregaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que granjeei com eles.

E o seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.

E, chegando também o que tinha recebido dois talentos, disse: Senhor, entregaste-me dois talentos; eis que com eles granjeei outros dois talentos.

Disse-lhe o seu senhor: Bem está, bom e fiel servo. Sobre o pouco foste fiel, sobre muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor.

Mas, chegando também o que recebera um talento, disse: Senhor, eu conhecia-te, que és um homem duro, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste;

E, atemorizado, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu.

Respondendo, porém, o seu senhor, disse-lhe: Mau e negligente servo; sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei?

Devias então ter dado o meu dinheiro aos banqueiros e, quando eu viesse, receberia o meu com os juros.
Tirai-lhe pois o talento, e dai-o ao que tem os dez talentos.
Porque a qualquer que tiver será dado, e terá em abundância; mas ao que não tiver até o que tem ser-lhe-á tirado.
Lançai, pois, o servo inútil nas trevas exteriores; ali haverá pranto e ranger de dentes".

Nesta parábola encontramos uma continuação evidente do mesmo tema, embora apresentado em um aspecto um pouco diferente. A moral da parábola anterior foi a vigilância; a do presente é diligência. Dificilmente se pode dizer que um novo elemento é introduzido nesta parábola, pois a representação da vinda de Cristo como tempo de julgamento perpassa todo o discurso profético de nosso Senhor. É este fato que dá propósito e urgência à chamada, muitas vezes reiterada, para estar vigilante. Não só seria um tempo de julgamento para Jerusalém e Israel, mas mesmo para os próprios discípulos de Cristo. Eles também tiveram que "ficar diante do Filho do homem". Havia o perigo de que "aquele dia" viesse sobre eles sem que eles estivessem preparados e fossem descuidados. Esta associação de julgamento com a Parousia aparece na parábola do mordomo, e ainda mais na dos servos bons e maus. É expressa ainda mais vividamente na parábola das virgens prudentes e nas virgens tolas, e é ainda mais proeminente na parábola dos talentos; mas atinge o clímax na parábola final, se pode ser dito, das ovelhas e dos bodes.

Não é necessário entrar nos detalhes da parábola dos talentos. Suas principais características são simples e óbvias. Contém uma solene admoestação para que os servos de Cristo sejam fiéis e diligentes na ausência de seu Senhor. A parábola aponta para um dia em que Ele retornaria e faz contas com eles. Estabelece a abundante recompensa do bem e dos fiéis, e o castigo do servo infiel.

No entanto, o ponto que nos preocupa principalmente nesta investigação é a relação desta parábola com o discurso anterior. O

que pode ser mais claro do que a conexão íntima entre um e outro? A partícula conjuntiva "porque" no versículo 14 claramente marca a continuação do discurso. O tema é o mesmo "por que isto é também como", o tempo é o mesmo, a catástrofe é a mesma. Até este ponto, então, não encontramos interrupção, nenhuma mudança, nenhuma introdução a um assunto diferente; tudo é contínuo, homogêneo, um. Nunca, por um momento, o discurso se desviou do grande e absorvente tema - a condenação que se aproximava da culpada cidade e nação, com os eventos solenes correspondentes, tudo para acontecer no período daquela geração, e que os discípulos, ou alguns deles, viveriam para testemunhar.

(k) A Parousia, um tempo de julgamento (Parábola das ovelhas e dos bodes)

Mateus 25:31-46 "E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória;

E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas;

E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo;

Porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era estrangeiro, e hospedastes-me;

Estava nu, e vestistes-me; adoeci, e visitastes-me; estive na prisão, e foste me ver.

Então os justos lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber?

E quando te vimos estrangeiro, e te hospedamos? ou nu, e te vestimos?

E quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos ver-te?

E, respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que quando

o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.
Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos;
Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber
Sendo estrangeiro, não me recolhestes; estando nu, não me vestistes; e enfermo, e na prisão, não me visitastes.
Então eles também lhe responderão, dizendo: Senhor, quando te vimos com fome, ou com sede, ou estrangeiro, ou nu, ou enfermo, ou na prisão, e não te servimos?
Então lhes responderá, dizendo: Em verdade vos digo que, quando a um destes pequeninos o não fizestes, não o fizestes a mim.
E irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna."

Até este ponto, descobrimos que o discurso de Jesus sobre o Monte das Oliveiras é uma profecia conectada e contínua, que se refere à grande catástrofe que sobreveio a nação judaica, e isso aconteceria, de acordo com a previsão de nosso Senhor, antes da geração que existia naquele momento passasse. Agora, no entanto, encontramos uma passagem que, na opinião de quase todos os comentaristas, não pode ser entendida como se referindo a Jerusalém ou a Israel, mas a toda a raça humana e ao fim de todas as coisas. Se o consenso dos expositores pode estabelecer uma interpretação, esta passagem, sem dúvida, deve ser considerada como se afastando completamente do assunto das questões dos discípulos e descrevendo a última cena de todos na história do mundo.

Pode admitir-se livremente que esta parábola, ou descrição parabólica, tem muitos pontos de diferença com a parte anterior do discurso de nosso Senhor. Parece ser separado e diferente do resto, os elos de conexão que encontramos em outras seções. Além disso, parece ter um alcance maior do que Jerusalém e Israel; parece o julgamento, não de uma nação, mas de todas as nações; não de uma

cidade ou de um país, mas do mundo inteiro; não uma crise passageira, mas a consumação final.

É, portanto, com um profundo senso da dificuldade da tarefa que nos atrevemos a desafiar a interpretação de tantos homens sábios e bons e argumentar que a passagem não é apenas uma parte integral da profecia, mas também pertence inteiramente ao assunto do discurso de nosso Senhor - o julgamento de Israel e o fim da era [judaica].

1. Esta parábola, embora em nossas bíblias modernas sejam separadas e desconectadas do contexto, está realmente conectada por um elo muito suficiente com o que acontece antes. Isso é evidente no grego, onde encontramos a partícula "e quando", cuja força consiste em indicar transição e conexão - transição para uma nova ilustração e conexão com o contexto anterior. Alford, em seu Novo Testamento revisto, retém a partícula de continuidade: "Mas o Filho do homem virá em sua glória", etc. Com a mesma propriedade, poderia ter sido traduzida - "E quando", etc.

2. Esta "vinda do Filho do homem" já foi anunciada por nosso Senhor (Mateus 24:30 e passagens paralelas), e o tempo expressamente definido, sendo incluído na declaração abrangente: "Realmente eu digo a você: não passará esta geração, sem que tudo aconteça" (Mateus 24:34).

3. Merece ser observado em particular que a descrição da vinda do Filho do homem na sua glória, que é feita nesta parábola, se encaixa em todos os pontos de àquela em Mateus. 16:27, 28 , da qual é expressamente afirmado que ela seria testemunhada por alguns então presentes quando a predição foi feita.

Pode ser bom comparar as duas descrições.

Mateus 16: 27.28

"Pois o Filho do Homem virá na glória de seu Pai com seus anjos, e então ele retribuirá cada um de acordo com suas obras. Em verdade, eu digo a você que há alguns daqueles que estão aqui, que não provarão a morte, até terem visto o Filho do Homem chegar em seu reino"

Mateus 25:31-33

"Quando o Filho do Homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, ele se assentará no seu trono da glória, e todas as nações serão reunidas diante dele", etc.

Aqui, o leitor notará que:

a) Em ambas as passagens, o assunto a que se referem é o mesmo, isto é, a vinda do Filho do homem - a parousia.

b) Em ambas as passagens, ele é descrito como vindo em glória.

c) Em ambos, ele é acompanhado pelos santos anjos.

d) Em ambos, Ele vem como um rei. "Vindo em seu reino" "Ele se assentará no seu trono"; "Então o rei" etc.

e) Em ambos, ele vem para o julgamento.

f) Em ambos, o julgamento é representado em certo sentido como universal. "Ele recompensará todo homem" "Em frente todas as nações serão reunidas".

g) Em Mateus 16:28, é expressamente afirmado que Jesus virá em glória, etc., e que ocorreria durante a vida de alguns estariam vivos. Isso delimita a ocorrência da parousia dentro dos limites de uma vida humana, estando assim em perfeita concordância com o período definido por nosso Senhor em seu discurso profético. "Esta geração não vai passar", etc.

Estamos plenamente garantidos, portanto, em relação à vinda do Filho do homem em Mateus 25 como idêntico ao referido em Mateus 16, que alguns dos discípulos deveriam viver para testemunhar.

Assim, quaisquer que sejam os eventos descritos nesses versículos em Mateus 25:32, somos levados à conclusão de que não é a "consumação final de todas as coisas" da qual é falada, mas está conectada ao julgamento de Israel no fim do era [judaica].

4. Mas ainda será objetado que permanece uma dificuldade formidável na expressão "todas as nações". No entanto, a dificuldade é mais aparente do que real; porque:

1- Não é incomum encontrar nas Escrituras proposições universais que devem ser entendidas em um sentido qualificado ou restrito.

Há um caso em questão neste mesmo discurso de nosso Senhor. Em Mt. 24:22, falando da "grande tribulação", ele diz: 'Se esses dias não forem abreviados , não se salvará carne'. Agora, é evidente que essa "grande tribulação" estava limitada a Jerusalém, ou, de qualquer forma, à Judeia e as terras em sua vizinhança imediata, e ainda assim temos uma expressão usada em relação aos habitantes de uma cidade ou país que é ampla o suficiente para incluir todo o ser humano. raça, nesse sentido Lange e Alford realmente a entendem.[65]

2- Há grande probabilidade na opinião de que a frase "todas as nações" seja equivalente a "todas as tribos da terra". (Mt. 24:30) Não há impropriedade em designar as tribos como nações . A promessa

[65] O uso do artigo definido aponta para certas nações em particular, e provavelmente essas para as quais os discípulos deveriam ir pregando o Evangelho em nome de Cristo e representando ele em suas pessoas individuais.

de Deus a Abraão era que ele deveria ser o pai de muitas nações. (Gn. 17:5, Rm. 4:17, 18)

No tempo de nosso Senhor, era comum falar dos habitantes da Palestina como constituídos por várias nações. Josefo fala da "nação dos samaritanos", "da nação dos bataneanos", "da nação dos galileus" - usando a própria palavra (etnos) que encontramos na passagem diante de nós. A Judéia era uma nação distinta, geralmente com um rei próprio; Samaria também; e assim também com Idumea, Galiléia, Paraea, Batanea, Traquonite, Ituraea, Abilene - que em tempos diferentes tinham príncipes com o título de Ethnarch , um nome que significa o governante de uma nação . Não está fazendo violência, então, a linguagem de entender (panta ta eynh) como referência, a "todas as nações" da Palestina, ou "todas as tribos da terra".[66]

3- Essa visão recebe forte confirmação do fato de que a mesma frase na comissão apostólica (Mt. 28:19) "Vá e ensina todas as nações", parece não ter sido entendido pelos discípulos como se referindo a toda a população do globo ou a qualquer nação além da Palestina. A princípio, Cristo havia proibido os doze de pregar aos gentios: "Não vá em qualquer maneira aos Gentios, e não entre em nenhuma cidade dos samaritanos: antes vá as ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt. 10:5-6). Para a mulher de Canaã ele disse: "Eu não fui enviado senão para as ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt. 15:24). E então, depois da ressurreição Ele lhes ordenou pregar o Evangelho a toda criatura (Mc. 16:15) e fazer discípulos de todos as nações (Mt. 28:19). Supõe-se geralmente que os apóstolos sabiam que haviam recebido uma carga de evangelizar o mundo. Se eles sabiam disso, eram culpados por não agir de acordo. Mas é presumível que as palavras de nosso Senhor não tenham transmitido nenhuma dessas

[66] O equivalente da palavra hebraica, got - plural, gotitn – é usada repetidamente no Antigo Testamento para as tribos expulsas de Canaã pelos israelitas (Josué 23:3).

idéias à mente deles.[67] O culto professor Burton observa: "Não foi até catorze anos após a ascensão de nosso Senhor que São Paulo viajou pela primeira vez e pregou o evangelho aos gentios. Também não há evidências de que, durante esse período, os outros apóstolos tenham ultrapassado os limites da Judeia."[68]

O fato parece ser que a linguagem da comissão apostólica não transmitiu às mentes dos apóstolos nenhuma dessas ideias ecumênicas. Nada mais os surpreendeu do que a descoberta que "Deus havia concedido aos gentios também se arrependia para a vida". (Atos 11:18) Quando São Pedro foi desafiado por ir "aos homens incircuncisos e comer com eles", não parece que ele justificou sua conduta com um apelo aos termos da comissão apostólica. Se a frase "todas as nações" tivesse sido entendida pelos discípulos em seu sentido literal e mais abrangente, é difícil imaginar como eles poderiam ter falhado em reconhecê-la uma vez que o caráter universal do evangelho e sua comissão de pregá-lo da mesma forma para judeus e gentios. Exigia uma revelação distinta do céu para superar os preconceitos judaicos dos apóstolos e dar a conhecer a eles o mistério "de que os gentios deveriam ser co-herdeiros, e do mesmo corpo, e participantes da promessa em Cristo pelo evangelho" (Ef. 3:6)

Em vista dessas considerações, consideramos razoável e garantido atribuir à frase "todas as nações" um significado restrito e limitá-la às nações da Palestina. Nesse sentido, ela se harmoniza bem com as palavras de nosso Senhor: "Não passareis sobre as cidades de Israel até que o Filho do homem venha". (Mt. 10:23)

[67] Observe que mesmo após a ressurreição de Jesus, os pensamentos dos discípulos ainda se moviam dentro do estreito círculo de esperanças nacionais. (cf. Atos 1:6)
[68] Bampton Lecture, do professor Burton, p. 20

5. Mais uma vez, o teste peculiar de caráter aplicado pelo juiz nesta descrição parabólica se opõe fortemente à ideia de que esta cena representa o julgamento final de toda a raça humana. Será observado que o destino dos justos e dos ímpios é feito para girar em torno do tratamento que eles ofereceram respectivamente aos discípulos que sofrem. Todas as qualidades morais, toda conduta virtuosa, toda fé verdadeira, aparentemente não são úteis, e apenas os atos de caridade e beneficência para com os discípulos aflitos são levados em consideração. Não é surpreendente que essa circunstância tenha causado grande perplexidade tanto aos teólogos como aos leitores em geral. Essa é a doutrina de Paulo? Esta é a base para a justificação diante de Deus estabelecida no Novo Testamento? Devemos concluir que o destino eterno de toda a raça humana, desde Adão até o último homem, finalmente se voltará para sua caridade e simpatia para com os discípulos perseguidos e sofredores de Cristo?

A dificuldade é séria, na suposição de que temos aqui uma descrição do "julgamento geral no último dia", e não deve ser negligenciado, como é comum. Como as nações que existiam antes do tempo de Cristo podem ser julgadas por esse modelo? Como poderiam as nações que nunca ouviram falar de Cristo - ou aquelas que floresceram nos tempos em que o cristianismo era próspero e poderoso, e onde os seguidores de Cristo não sofreram fome, sede, nudez, doença e prisão por conta dele, e onde, consequentemente, eles poderiam não ser aliviados dos efeitos de perseguição severa - serão julgadas por tal padrão? É manifestamente inadequado e inaplicável. Mas a dificuldade é fácil e completamente resolvida se considerarmos essa parábola descrevendo o julgamento da geração que está passando pelo período de transação judicial como o julgamento de Israel no final da era judaica. É o rejeitado rei de Israel que é o juiz: é a geração hostil e incrédula, a última e a pior da nação, que é denunciada antes de seu tribunal. Seu tratamento de seus discípulos, especialmente de Seus apóstolos, poderia ser o mais adequado e justamente o critério de caráter para "discernir entre o justo e o ímpio". Um teste como este seria muito apropriado numa

época em que o cristianismo era uma fé perseguida, e é evidente que isso é assumido pelos próprios termos das palavras do rei: "Eu estava com fome e sede, eu era estrangeiro, estava nu, doente, e na prisão". As pessoas designadas como "estes meus irmãos", e que são tomados como representantes do próprio Cristo, são evidentemente os apóstolos de nosso Senhor, em quem tinha fome e sede, estava nu, doente e na prisão, tudo isso está em perfeita harmonia com as palavras de Cristo aos seus discípulos, quando os mandou pregar: "Aquele que o recebe me recebe; e aquele que me recebe recebe aquele que me enviou. Aquele que recebe um profeta porque é profeta, receberá a recompensa de um profeta; e quem recebe um homem justo porque ele é justo, receberá uma recompensa justa. E quem dá a um desses pequenos um copo de água fria, porque ele é um discípulo, eu digo a verdade, ele não perderá sua recompensa" (Mateus 10:40-42).

Chegamos assim à conclusão, a única que em todos os aspectos está em conformidade com o teor de todo o discurso; temos aqui, não o julgamento final de toda a raça humana, mas a da nação culpada, que rejeitou o seu rei, maltratado e matou os seus mensageiros (Mateus 22:1-14) e cujo dia de destruição estava agora próximo.

Sendo assim, podemos ver que toda a profecia do Monte das Oliveiras é um todo homogêneo e conectado: "simplex duntaxat et unum". Não é mais uma mistura confusa e ininteligível, o que frustra toda a interpretação, que parece falar com duas vozes e que aponta em direções diferentes ao mesmo tempo. É uma representação clara, consecutiva e historicamente verdadeira iniciada com julgamento da nação teocrática no final da era judaica ou da dispensação judaica. A teoria da interpretação que considera este discurso como apenas típico do julgamento final da raça humana e de uma catástrofe mundial que acompanha esse evento, na verdade não consegue nenhum suporte na própria predição, ao mesmo tempo em que implica perplexidade e confusão inextricáveis. Se, por um lado, pudesse demonstrar-se que a profecia, como um todo, é igualmente

aplicável em cada uma das suas partes a dois eventos diferentes e amplamente separados; ou, por outro lado, que em um certo ponto se separa de um tema e lida com o outro, então o duplo significado, ou a dupla referência, estaria sobre alguma base inteligível. Mas não encontramos nenhuma linha divisória na profecia entre o próximo e o remoto, e todas as tentativas de traçar tal linha são insatisfatórias e arbitrárias ao extremo. Ainda mais insustentável é a hipótese de um duplo sentido que perpassa o todo; uma hipótese que supõe uma "faculdade de verificação" no expositor ou leitor, e dá um poder discricionário tão grande ao crítico engenhoso que parece totalmente incompatível com a reverência devida à Palavra de Deus.

A perplexidade que a teoria do duplo significado envolve é colocada em luz forte pela confissão de Dean Alford, que, no final de seus comentários sobre esta profecia, expressa honestamente sua insatisfação com os pontos de vista que ele propôs. "Eu acho que é correto", diz ele, "expressar nesta terceira edição que, tendo entrado em um estudo mais aprofundado sobre as partes proféticas do Novo Testamento, não sinto de nenhuma maneira a confiança total que tive em exegese, sobre a interpretação profética, que é dada aqui das três partes deste capítulo 25. Mas eu não tenho outro sistema com o qual substituí-lo, e alguns dos pontos discutidos aqui me parecem tão pesados como sempre. Pergunto-me muito se o estudo exaustivo da profecia das Escrituras me deixará cada vez mais desconfiado de toda sistematização humana e menos disposto a correr o risco de fazer uma forte afirmação sobre qualquer parte do assunto "(julho de 1855). Na quarta edição, Alford acrescenta: "Endossado, outubro de 1858". Esta é uma sinceridade altamente honrosa para o crítico, mas sugere essa reflexão: se, com toda a luz e experiência de dezoito séculos, a profecia no Monte das Oliveiras ainda permanece um enigma não resolvido, como poderia ter sido inteligível para os discípulos que o escutaram avidamente quando este caiu dos lábios do Mestre? Podemos supor que, naquele momento, ele falasse com eles em enigmas ininteligíveis? Que, quando lhe pedissem pão, ele lhes daria uma pedra? Impossível! Não há razão para acreditar que os

discípulos eram incapazes de entender as palavras de Jesus e, se essas palavras foram mal interpretadas nos tempos posteriores, é porque um método de interpretação falso e não natural obscureceu e desfigurou o que em si o que era claro e simples. É surpreendente que os alguns comentaristas tenham mostrado tanta indiferença quanto às limitações expressas do tempo estabelecido pelo Senhor; que significados forçados e não naturais foram dados a palavras como aion, genea e etc. que as linhas de divisão foram desenhadas no discurso onde não existe - e, em geral, que foi submetido à profecia a um tratamento que não seria tolerado na crítica de qualquer clássico grego ou latino. Deixe que apenas a linguagem da Escritura seja tratado com justiça comum e interpretado pelos princípios da gramática e do senso comum, e grande parte da escuridão e mal-entendidos serão eliminados, e a forma e substância virão à luz da verdade.[69]

[69] O seguinte extrato foi tirado de um excelente artigo no primeiro volume da Biblioteca Sacra (1843), do Dr. E. Robinson, intitulado "A vinda de Cristo". Até o ver. 42 do cap. 24 de Mateus, o Dr. Robinson mantém a referência exclusiva da previsão a Jerusalém e, por essa razão, menciona as interpretações que se referem a ela como o "fim do mundo":

"Agora surge a questão de saber se, sob essas limitações de tempo, uma referência da linguagem de nosso Senhor ao dia do julgamento e ao fim do mundo em nosso sentido desses termos é possível." Aqueles que sustentam essa visão tentam de várias maneiras. livrar-se das dificuldades que surgem dessas limitações. Alguns atribuem à palavra (imediatamente) o significado de repente, como a Septuaginta usa em Jó ver 3 para hebraico. Mas, mesmo nesta passagem, o objetivo do escritor está simplesmente marcando uma sequência imediata - indicando que outro evento em sequência ocorre imediatamente, e nada seria ganho mesmo que a palavra estivesse disponível, contanto que eles permaneçam a limitação posterior a "esta geração". Outros tentaram se referir genea à raça dos judeus, ou para os discípulos de Cristo, não apenas sem o menor fundamento, mas contrário a todo uso e toda analogia. Todas essas tentativas de aplicar força ao significado da linguagem são em vão, e agora elas foram abandonadas pela maioria dos comentaristas de notas".

Depois de uma exposição tão luminosa, é decepcionante descobrir que o Dr. Robinson não consegue consistentemente levar até o fim os princípios com os quais começou. Intrigado com a rápida conclusão de que "o Dia do Julgamento" e "Fim do Mundo" são, de alguma parte da profecia, e incapaz de

Antes de deixar de lado essa profecia profundamente interessante, pode ser apropriado referir-se ao maravilhoso cumprimento minucioso que recebeu, como testemunhado por uma testemunha inatingível - o historiador judeu Josefo. É um fato de singular interesse e importância que um registro completo e autêntico dos tempos e das transações a que se faz referência na profecia de nosso Senhor será preservado para a posteridade; e que esse registro deve ser da pena de um estadista judeu, soldado, sacerdote e homem de letras, não apenas tendo acesso às melhores fontes de informação, mas ele mesmo uma testemunha ocular de muitos dos eventos que ele relaciona. Dá peso adicional a este testemunho de que não vem de um cristão, que poderia ter sido suspeito de partidarismo, mas de um judeu, indiferente, se não hostil, à causa de Jesus.

Tão marcante é a coincidência entre a profecia e a história que a velha objeção de Porfírio contra o Livro de Daniel, que deve ter sido escrita após o evento, poderia ser plausivelmente alegada, se houvesse o menor pretexto para tal insinuação.

---

ver onde a questão de Jerusalém termina e a outra começa e tema principal da catástrofe global , adote o seguinte método. Começando com o pressuposto de que a parábola das ovelhas e as cabras deve descrever o último evento, tateia seu caminho de volta para a parábola anterior dos talentos, que é o mesmo assunto, a doutrina do pagamento final . Indo ainda mais longe, à parábola das dez virgens, descubra que o objetivo dessa parábola é inculcar a mesma verdade importante. Ele conclui que o vigésimo quinto capítulo de São Mateus deve, portanto, referir-se inteiramente às transações do último grande dia.

"Mas", continua ele, "a última parte do capítulo 24, isto é, do verso 43 ao 51, está intimamente ligada à parábola inicial de 25", o que parece fornecer base suficiente para considerar essa passagem. Também se refere ao julgamento futuro. No verso. 43 de Mt. 24, portanto, Dr. Robinson acredita que nosso Senhor abandona completamente o tema de Jerusalém e entra em um novo tema, o julgamento do mundo.

Imediatamente é evidente que a totalidade de seu raciocínio está viciada pela falsa premissa com a qual ele começa, isto é, a suposição de que a parábola das ovelhas e dos bodes se refere ao julgamento da raça humana. Já mostramos que não há novo começo em Mt. 24:48.

Embora o povo judeu sempre se sentisse desconfortável sob o jugo de Roma, não havia sintomas urgentes de descontentamento no momento em que nosso Senhor fez esta profecia da quase destruição do templo, da cidade e da nação. As classes mais elevadas abundavam em manifestações de lealdade ao governo imperial. "Nós não temos rei senão César!" Exclamaram eles. Era política de Roma conceder o livre exercício de sua própria religião às províncias sujeitas. Por conseguinte, não havia razão aparente para que o novo e esplêndido templo de Jerusalém não permanecesse em pé durante séculos e que a Judeia não pudesse desfrutar de uma maior tranquilidade e prosperidade sob a proteção de César do que conhecia sob os príncipes nativos. Contudo, antes que a geração que rejeitou e crucificou o Filho de Davi tivesse morrido completamente, a nacionalidade judaica se extinguiu: Jerusalém era uma desolação; 'a santa e bela casa' no Monte Sião foi arrasada; e as pessoas tolas, que não conheciam o tempo de sua visita, ficaram sobrecarregadas por calamidades incomparáveis que estão registradas nos anais do mundo.

Tudo isso é inegável; e ainda assim seria demais, esperar que isso fosse considerado como uma satisfação adequada das palavras de nosso Salvador por muitos a quem o preconceito ou interpretações tradicionais os ensinaram a ver mais em profecia do que nunca inspirado. A linguagem é muito magnifica, as transações são demais para serem satisfeitas por um evento tão inadequado quanto o julgamento de Israel e a destruição de Jerusalém. Nós já tentamos apontar o verdadeiro significado e a verdadeira grandeza desse evento. Mas a única resposta suficiente para todas essas objeções é a declaração expressa de nosso Senhor, que cobre todo o escopo deste discurso profético. "Em verdade, eu digo para você, esta geração não vai passar sem que tudo isso aconteça". Não há dúvida de que há algumas partes dessa previsão que são capazes de verificação por testemunho humano. Alguém espera que Tácito, Suetônio, ou Josefo, ou qualquer outro historiador, relate que “o Filho do homem foi visto vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória; que

convocou as nações ao seu tribunal, e recompensou todo homem segundo as suas obras?

Há uma região na qual as testemunhas e repórteres não podem entrar; os mistérios do [reino] espiritual ou do imaterial.[70] Mas há também uma grande parte da profecia que pode ser verificada, e isso pode ser amplamente verificado; são metáforas proféticas do oriente antigo que descrevem a cena de um julgamento nacional. Mesmo um incrédulo que ataca o cristianismo, e que desafia o conhecimento sobrenatural de Cristo, é forçado a admitir que "a porção relativa à destruição da cidade é singularmente definida, e corresponde muito de perto ao evento real".[71] O cumprimento pontual da parte da profecia que entra no campo da observação humana garante a verdade do resto, que não se enquadra nessa esfera. Após a discussão, descobriremos que os eventos que agora parecem incríveis para muitos foram a expectativa e a esperança confiantes da era apostólica, e que os primeiros cristãos estavam plenamente persuadidos de sua realidade e sua proximidade. Somos colocados, portanto, nesse dilema - ou as palavras de Jesus falharam e as esperanças de Seus discípulos foram falsificadas; ou então essas palavras e esperanças foram cumpridas, e a profecia em todas as suas partes foi totalmente cumprida. Uma coisa é certa. A veracidade de nosso Senhor está comprometida com a afirmação de que a totalidade e cada uma das partes dos eventos contidos nesta profecia ocorreria antes do fim da geração existente. Se qualquer idioma pode reivindicar ser preciso e definido, é o que nosso Senhor emprega para marcar os limites do tempo em que todas as Suas palavras deveriam ser cumpridas. Quaisquer que sejam as outras catástrofes, de outras nações, em outras eras, com relação a elas, nosso Senhor está em silêncio. Ele fala de sua própria nação culpada e de seu processo judicial no final da era, como Malaquias, João Batista e o próprio Jesus haviam

[70] O termo "imaterial", provavelmente não é o mais adequado para descrever a natureza do reino espiritual.
[71] Contemporary Review , novembro de 1876. Ver Nota B, Parte I.

predito com frequência e clareza.[72] Por isso, Suas palavras devem ser consideradas responsáveis; mas além disso tudo é mera especulação humana, a hipótese dos teólogos, baseada em nenhuma garantia das Escrituras.

Assim, esforçamo-nos em resgatar esta grande profecia do método de interpretação impreciso e acrítico pelo qual ficou tão obscurecido e confuso; esta profecia deve ter o mesmo significado distinto e definido para nós, como teve para os discípulos. A reverência para a Palavra de Deus, e a devida consideração pelos princípios da interpretação, nos proíbem de impor construções não naturais e de duplo cumprimento que, de fato, "acrescentariam as palavras desta profecia". Não nos atrevemos a lidar de forma irresponsável com as afirmações expressas e precisas de Cristo. Encontramos até agora apenas uma Parousia; um fim da era; uma catástrofe iminente; um terminus ad quem; uma "esta geração". Protestamos contra a exegese que maneja a Palavra de Deus de maneira arbitrária que se recomenda a muitos: "O Senhor", diz-se, "está sempre vindo para aqueles que procuram por Seu aparecimento". "Vemos sua chegada em larga escala em todas as crises da grande história humana. Nas revoluções, nas reformas e nas crises da nossa história individual. Para cada um de nós, há um advento do Senhor, sempre que novos e maiores aspectos da verdade nos sejam apresentados, ou somos chamados a entrar em novos e talvez mais trabalhosos e empolgantes deveres".[73] Desta maneira, pode ser mais difícil dizer o que não é "uma vinda do Senhor". Mas, transformando-o em tudo e qualquer coisa, não o transformamos em nada. Está vazio de toda precisão e realidade. Não há razão para que a encarnação, a crucificação e a ressurreição não possam, de modo semelhante, tornar-se comuns e

[72] Referindo-se à destruição de Jerusalém, diz Jonathan Edwards: "Então, houve um fim definitivo do mundo do Antigo Testamento: Tudo foi concluído com uma espécie de dia do julgamento em que o povo de Deus foram salvos, e seus inimigos destruídos de uma maneira terrível ". História da Redenção , vol. i, p. 445

[73] Evang. Meg. Fevereiro de 1877, p. 69

transações diárias, bem como a Parousia. Uma coisa é dizer que os princípios do governo divino são eternos e imutáveis, que o juízo de cristo ocorre entre as nações,[74] e que, portanto, o que Deus faz a um povo, ou a um tempo, ele fará em circunstâncias semelhantes a outras nações e outras vezes;[75] outra coisa é dizer que esta profecia tem dois

[74] A aparente dificuldade de conectar este quadro de julgamento e destino eterno com a ruína de Jerusalém é desfeita com uma atenção mais cuidadosa às escrituras sobre doutrina da administração judicial divina. Nós perdemos toda a ideia de julgamento quando a concebemos como confinado a um dia final, em que os indivíduos de todas as nações e eras serão reunidas simultaneamente. Esta concepção envolve a ideia fundamental e verdadeira de que cada indivíduo será levado a julgamento diante de Deus, e que a questão de tal julgamento será de acordo com o caráter e ações, e é garantido não só por numerosos textos particulares, mas também por toda a deriva do ensino das Escrituras sobre o caráter de Deus e sua relação governamental com os homens. Os princípios do governo divino são eternos e imutáveis, e o juízo de Cristo que ocorre entre as nações pode culminar apropriadamente em um ato final, ou um terminus ad quem "juízo final", e esta é a crença comum da Igreja. Mas nada poderia ser mais antibíblico do que a noção de que a administração judicial de Cristo é limitado a um dia final na história humana. É um processo de atos judiciais correndo através da "era vindoura", e uma parte necessária da administração do rei dos reis. As nações estão continuamente passando por julgamento, e os destinos eternos dos indivíduos estão sendo determinados todos os dias. O dia do julgamento para qualquer nação, cidade ou indivíduo perverso é o tempo em que a visitação penal vem; e o julgamento dos santos de Deus é manifesto em todo evento de sinal que magnifica a bondade e condena a iniquidade. E isso é essencialmente a ordem do reinado de Cristo. Uma das notáveis características do Messias é que o Pai comete todo o julgamento ao Filho (João v. 22); ele "deu-lhe autoridade para executar julgamento, porque ele é o Filho do homem "(v. 27). Ou seja, ele é o Filho do homem descrito nas visões de Daniel que veio com as nuvens do céu e recebeu do Ancião de dias um reino e domínio sobre todas as nações (Dn. 7:9-14). Seu escritório real e autoridade constituem ele juiz e governante de todos.

[75] Não precisamos assumir o quão longe e de que maneira Cristo executa seus atos de julgamentos. Aquele que "faz das nuvens o seu carro, que caminha sobre as asas do vento, fazendo os seus anjos ventarem, e os seus ministros, uma chama de fogo" (Salmo 104:3; comp. Hb 1:7), está presente em todas as grandes crises da história deste mundo, e ele faz com que seus anjos ministrem para servir aos santos (Hb 1:14). O Rei da glória está julgando, mediando e reinando entre as nações..

significados: um para Jerusalém e Israel, e um para o mundo e a consumação final de todas as coisas. Nós defendemos, como Neander, que "as palavras de Cristo, como suas obras, contêm em si o germe de um desenvolvimento infinito, reservado para futuras épocas que estão a se revelar".[76] [77] Mas isso não implica que essa profecia seja qualquer coisa que possa conceber uma fantasia engenhosa, ou que tenha sentidos escondidos ou ulteriores que estejam subjacentes ao significado aparente e natural da linguagem. O dever do intérprete e aluno da Escritura não é tentar o que a Escritura possa dizer a ele, mas submeter a sua compreensão sobre "as verdadeiras palavras de Deus", que geralmente são tão simples quanto profundas.[78]

---

[76] Vida de Cristo, 165

[77] Consequentemente, enquanto a maioria das coisas enumeradas no discurso precedente teve cumprimento na queda do judaísmo e no começo do cristianismo, outras coisas, de sua própria natureza, são tais que devem ser de ocorrência progressiva ou contínua. Tal é especialmente a execução do julgamento e governo de Cristo entre as nações, uma função de todo rei reinante; Esta é a doutrina da Epístola aos Hebreus: "o trono do Filho de Deus é para todo o sempre" (Hb. 1:8); "ele é o mediador de uma aliança melhor", o sacerdócio do Filho de Deus "permanece continuamente" (Hb. 8:3); Cristo "obteve agora um ministério mais excelente, por quanto ele também é o mediador de um convênio melhor" (Hb 8: 6). Daí a força e a propriedade das palavras: "Quando vier o Filho do homem em sua glória e todos os anjos com ele, então se assentará no trono de sua glória". Há um ponto no tempo que é constantemente indicado no Novo Testamento como a vinda do reino de Deus. Nosso Senhor declarou que, entre seus discípulos, havia alguns que viveriam para vê-lo chegando em seu reino. Naturalmente, esta vinda do Rei é sinônimo da vinda do reino, e limita a ocorrência deste evento à geração que então existiu. Seu começo foi como a pequena semente de mostarda, ou como a pedra cortada da montanha sem as mãos, mas cresce, como fermento que leveda a massa, e aumentará até torna-se uma grande montanha e preencherá toda a terra. Sua história e triunfos ainda estão principalmente no futuro, e séculos e séculos devem decorrer antes que atinja a plenitude do desenvolvimento. Não precisamos de outro testemunho do que o registro da própria história para provar que existe um rei entronizado sobre os homens, regendo as nações com uma vara de ferro. (cf. notas em Atos 17:31).

[78] Ver nota A, parte I

O ENSINAMENTO DE NOSSO SENHOR SOBRE A PAROUSIA NOS EVANGELHOS SINÓPTICOS (Continuação)

DECLARAÇÃO DE NOSSO SENHOR DIANTE DO SUMO SACERDOTE

Mateus 26:64
"Disse-lhe Jesus: Tu o disseste; digo-vos, porém, que vereis em breve o Filho do homem assentado à direita do Poder, e vindo sobre as nuvens do céu".

Marcos 14:62
"E Jesus disse-lhe: Eu o sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do poder de Deus, e vindo sobre as nuvens do céu".

Lucas 22:69
"Desde agora o Filho do homem se assentará à direita do poder de Deus".

A resposta do nosso Salvador à solene ordem do sumo sacerdote de declarar sob juramento é a repetição, quase palavra por palavra, do que Jesus declarou aos discípulos no Monte das Oliveiras: "E verão o Filho do Homem vir nas nuvens do céu com poder e grande glória" (Mt 24:30). Eles são, evidentemente, o mesmo evento e o mesmo período para o qual é feita referência. A linguagem implica que as pessoas a quem Jesus aborda, ou algumas delas, testemunhariam o evento previsto. A linguagem implica que as pessoas endereçadas, ou algumas delas, testemunhariam o evento previsto. A expressão " Vereis " não seria apropriada se falada se nenhum dos ouvintes vivesse para testemunhar, e que não ocorreria por milhares de anos. Nosso Senhor, então, disse a seus juízes que eles, ou alguns deles, viveriam para testemunhar seu juízo em seu reino.

Esta declaração está em harmonia com o que nosso Salvador disse aos seus discípulos: "O Filho do Homem virá na glória de seu Pai com seus anjos ... Em verdade, eu digo a você que há alguns dos que estão aqui, que não gostariam morte, até que tenham visto o filho do homem chegar no seu reino "(Mateus 16:27, 28). Alguns de seus discípulos e alguns de seus juízes viveriam o tempo suficiente para testemunhar essa grande consumação, menos de quarenta anos depois, quando o Filho do Homem viria em seu reino para executar os julgamentos de Deus sobre a nação culpada. Isto é precisamente o que a profecia do Monte das Oliveiras afirma: "Esta geração não passará", etc. Aqui, mais uma vez, não temos nem obscuridade nem ambiguidade. Mas pode-se dizer o mesmo da interpretação que faz com que as palavras de nosso Senhor se refiram a um tempo ainda futuro e a um evento que ainda não ocorreu? Pode-se dizer que quanto à interpretação que encontra nesta cena, que os Judeus no sinédrio deveriam testemunhar, não evento distinto e particular, mas um processo prolongado e contínuo, que começou na ressurreição de Cristo, ainda está em andamento, e vai continuar até o fim do mundo?

Essa estranha interpretação, que é a de Lange e Alford, baseia-se em parte no pressuposto de que a previsão de nosso Senhor ainda não foi cumprida e em parte na palavra "desde agora", que é usada para indicar um processo contínuo.[79] Mas tal explicação é credível ou até concebível? É verdade que o sumo sacerdote e o Sinédrio começaram a partir desse momento a ver o Filho do homem vindo nas nuvens do céu? etc. Como essa aparição poderia ser um processo contínuo?

[79] (arti) em grego posterior veio a significar 'logo' 'atualmente:' veja Liddell e Scott; e, assim, nossos tradutores, corretamente, 'Here-after', o que deixa o tempo real do evento futuro, mas não necessariamente imediato. - Critical English Test. vol. iii. P. 860, nota.

Claramente, as palavras só podem se referir a um evento definido e específico; e não podemos perder para determinar o que é esse evento. Não pode ser outro senão o Parousia, tantas vezes previsto antes. Esse não foi um processo prolongado, mas um ato sumário - repentino, rápido, visível como o raio.

O significado é bem expresso pelos editores "Critical English Testament": O significado não pode ser que ele viesse e eles o viriam imediatamente após o momento de sua resposta, mas sim que ele agora se afastaria deles, e que a próxima vez que o viessem, depois de sua rejeição por eles, seria na sua chegada em glória, conforme previsto pelo profeta Daniel".[80]

Nesta declaração de nosso Senhor, encontramos, então, uma confirmação adicional de suas afirmações anteriores de que sua vinda em julgamento aconteceria durante a geração existente. Alguns de seus juízes, bem como alguns de seus discípulos, deveriam testemunhar isso; E essa declaração não teria sentido se não implicasse que eles a testemunhassem com seus próprios olhos e "em carne".

PREVISÃO DAS DESGRAÇAS QUE VÊM SOBRE JERUSALÉM

Lucas 23:27-31 "E seguia-o grande multidão de povo e de mulheres, as quais batiam nos peitos, e o lamentavam. Jesus, porém, voltando-se para elas, disse: Filhas de Jerusalém, não choreis por mim; chorai antes por vós mesmas, e por vossos filhos. Porque eis que hão de vir dias em que dirão: Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não geraram, e os peitos que não amamentaram!

[80] Testamento Crítico Inglês. vol. iii. p. 860, nota.

Então começarão a dizer aos montes: Caí sobre nós, e aos outeiros: Cobri-nos.

Porque, se ao madeiro verde fazem isto, que se fará ao seco?"

Aqui temos uma declaração tão clara, assim definida em cada ponto que você pode fixar sua referência - tempo, lugar, pessoas, circunstâncias - que não há espaço para a incerteza. Isso aponta para um tempo que não era muito distante, mas as portas - "dias virão" - um tempo em que as pessoas a quem eles falaram e seus filhos viveriam para testemunhar; um tempo de grande tribulação, que cairá com particular severidade em mulheres e crianças; uma época em que, na agonia de seu terror, multidões desesperadas clamavam às montanhas e colinas para cair sobre elas e cobri-las.

Verifica-se que esses detalhes memoráveis serão extremamente valiosos na elucidação da profecia bíblica no estágio subseqüente desta investigação. Enquanto isso, é claro que esta descrição patética só pode se referir à catástrofe de Jerusalém nos últimos dias de sua história. Nós apenas temos que ir às páginas de Josefo para encontrar os fatos que ilustram e confirmam a profecia do nosso Salvador. Os horrores dessa trágica história culminaram no episódio de María de Pêraea, cuja festa da província de Toledo horrorizou até os bandidos implacáveis que vagavam por lobos famintos através da cidade. É à luz de incidentes como este que vemos o significado completo das palavras: "Bem-aventuradas as estéreis, e os ventres que não geraram".

É com um sentimento de algo parecido impaciência que ouvimos Stier, seduzido pela farsa do *ignis fatuus* de um duplo sentido, insistindo em um significado oculto nas palavras de nosso Salvador: "Ele falou expressamente e primariamente do julgamento de Jerusalém e Israel, ainda Ele contemplou e se refere àquilo que foi obscurecido neste tipo histórico - o julgamento de todos os impenitentes e de todos os incrédulos em comum, até o

último. [81] Assim também Alford, seguindo Stier. É apenas na imaginação do expositor, no entanto, que existe essa referência ulterior: não há sugestão no texto; e é com espanto que encontramos um crítico acadêmico que vai tão longe em esquecer sua verdadeira vocação que ele declara que a "realização histórica, real e específica" é "a menor coisa: o significado da palavra alcança muito mais". Se alguma vez houve um caso em que não se pensasse em dois significados e realizações típicas, certamente está aqui. Em tal hora de angústia, só poderia haver um pensamento presente no coração de Jesus. Ele viu a crescente tempestade de ira em que a devotada cidade logo seria envolvida, e que explodiria com tanta violência sobre a terna e delicada, as crianças e as mães de Jerusalém. e Ele retribuiu a piedade que Ele recebeu daqueles corações compassivos - mais tocados naquele momento por suas aflições antecipadas, do que pelos seus próprios. Qual é a necessidade de ir além dessa catástrofe trágica e procurar outra sobre a qual o contexto é totalmente silencioso?

A ORAÇÃO DO LADRÃO ARREPENDIDO

Lucas 23:42. "E ele disse a Jesus:" Lembre-se de mim quando você entrar em seu reino".

O único ponto que nos preocupa neste incidente memorável é a referência feita pelo malfeitor à vinda do nosso Senhor em seu reino. Não sabemos o jeito que ele tinha adquirido esse conhecimento, pois o reconheceu como Profeta e sabia que estava ao lado do rei de Israel, o Filho de Deus. Ele acreditava que, apesar de sua rejeição e crucificação por parte de Israel, um dia ele voltaria em seu reino. Quanta fé em um homem como este e em um momento como este! Se o ladrão na cruz ouviu o testemunho de Jesus diante do sumo sacerdote, ou se eu soubesse o que Jesus disse a seus discípulos que: "alguns deles não veria a morte até que tinha visto o Filho do homem no seu reino", poderíamos explicar melhor a sua fé e oração. De

[81] Reden Jesu, vol. vii. p. 426

qualquer forma, não poderia ter havido mais inteligência e precisão na linguagem de um discípulo do que nas palavras dessa "marca arrancada do fogo". Que noção o malfeitor considerou a respeito daquela época, se ele a concebesse próxima ou distante, não teríamos como saber; mas é presumível que ele considerou isso como iminente. Um moribundo dificilmente oraria para que ele fosse lembrado em algum momento distante, muito menos depois de séculos e milênios se retorcerem. Em tal crise, só poderia ser o iminente, ou o imediato, que poderia estar em seus pensamentos. Uma coisa parece certa: a mais implausível de todas as interpretações é aquela que representaria sua oração ainda não respondida e a "vinda" da qual ele falou ainda entre os eventos de um futuro incógnito.

COMISSÃO APOSTÓLICA

Mateus 28:19,20

"Ide, pois, e ensina a todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a observar tudo o que eu lhe ordenei; e eis que estou sempre contigo. , até o fim do mundo, Amém ".

Marcos 16:15,20

"E disse-lhes: Ide em todo o mundo, e prega o evangelho a toda criatura".
"E eles, saindo, pregavam em todos os lugares, ajudando o Senhor e confirmando a palavra com os sinais que a seguiam, Amém".

Lucas 24:47

"E aquele arrependimento e perdão dos pecados seja pregado em seu nome em todas as nações, começando a partir de Jerusalém".

É comum considerar esta comissão como se fosse dirigida a toda a Igreja Cristã em todas as eras. Sem dúvida, é possível inferir dessas

palavras a obrigação perpétua que repousa sobre todos os cristãos em todos os tempos, para propagar o Evangelho entre todas as nações; mas é importante considerar as palavras em sua referência correta e original. É a comissão de Cristo para Seus mensageiros escolhidos, designando-os para o seu trabalho evangelístico, e assegurando-lhes a Sua constante presença e proteção. Tem uma aplicação especial para os apóstolos que não pode ter para outros. Nós já anunciamos o fato de que os discípulos, a quem essa comissão foi dada, parecem não ter entendido como direcionando-os a estender seus trabalhos evangelísticos além dos limites da Palestina, ou a pregar o Evangelho a judeus e gentios indiscriminadamente. É certo que eles não agiram imediatamente, nem ainda por anos, sobre essa comissão em seu sentido mais amplo; nem parece provável que eles o teriam feito sem uma revelação expressa. Como o Dr. Burton mostrou, não menos de quinze anos se passaram entre a conversão de São Paulo e sua primeira jornada apostólica para pregar entre os gentios. "Também não há evidências de que, durante esse período, os outros apóstolos tenham ultrapassado os limites da Judeia".[82] Há, portanto, muita probabilidade na opinião de que a linguagem da comissão apostólica não transmitisse à mente a mesma ideia que nos transmite, e que, como já vimos, a frase "todas as nações" é realmente equivalente a "todas as tribos da terra".

Mas o que especialmente merece atenção é a notável limitação do tempo, o "terminus ad quem", aqui especificado por nosso Salvador. "eu estarei com vocês sempre [todos os dias], até o fim do mundo" [sunteleias tou aionos]. Nada pode ser mais enganoso para o leitor de uma Bíblia moderna do que a expressão "o fim do mundo"; que inevitavelmente sugere o fim da história humana, o fim dos tempos e a destruição da Terra - um significado que as palavras não suportarão. Lange, embora longe de apreender o verdadeiro significado da frase, corretamente dá o sentido, "a consumação do seculo, ou o período de tempo que termina com a parousia". O que pode ser mais evidente

[82] Palestra de Bampton de Burton p. 20

do que a promessa de Cristo de estar com Seus discípulos até o final da era; isso não implica que eles deveriam viver até o fim da era? Essa grande consumação não estava longe; o Senhor freqüentemente falara sobre isso e sempre como um evento que se aproximava e que alguns deles viveriam para ver. Foi o encerramento da dispensação mosaica; o fim da longa provação da nação teocrática; quando todo o quadro e tecido da comunidade judaica foi varrido, e "o reino de Deus veio com poder". Este grande evento, que o nosso Senhor havia declarado, deveria acontecer dentro dos limite da existente geração. O "fim da era" coincidiu com a Parousia, e o sinal exterior e visível pelo qual se distingue é a destruição de Jerusalém. Este é o término pelo qual no Novo Testamento o campo é limitado. Para Israel, era "o fim", "o fim de todas as coisas", a passagem do céu e da terra, a revogação da velha ordem, a inauguração do novo. Desta grande época providencial, a história nos diz muito, mas profetiza mais. A história nos mostra os sinais previstos que estariam para acontecer; os sintomas premonitórios da catástrofe que se aproximava - os falsos cristos, as guerras e rumores de guerras, as insurreições e comoções, os terremotos, fomes e pestilências; as perseguições e tribulações; as legiões invasoras de Roma; a cidade sitiada e capturada; o templo em chamas; as miríades abatidas; a nação extinta. Mas a história não pode erguer o véu que pairava sobre o mundo espiritual; Ela nos leva até a fronteira e nos convida a adivinhar o resto. Mas temos uma palavra de profecia mais segura que, em vez de conjetura, nos dá segurança. Revela "o Filho do homem vindo em sua glória"; o rei sentado no trono; o tribunal e os livros abertos. Revela as ovelhas e as cabras separadas uma da outra; a sentença dos justos para vida eterna; e dos ímpios para o castigo eterno. Se não temos a verificação histórica do invisível e espiritual, como temos dos elementos visíveis e materiais dessa consumação, é porque eles não estão na natureza das coisas igualmente cognoscíveis pelos sentidos. Mas nós os aceitamos com base na fé em Sua palavra que declarou: "Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração"; e novamente: "Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que todas estas coisas se cumpram". "O céu e a terra passarão, mas minhas palavras

não passarão." O cumprimento literal de tudo o que se enquadra na esfera da observação humana é o comprovante para a credibilidade do restante, que pertence ao reino do invisível e do espiritual.

LEITURA COMPLEMENTAR ADICIONAL

A maioria das pessoas não percebe que muitas, se não a maioria das parábolas de Jesus, não pretendiam ser contos de moralidade geral, mas como pronunciamentos específicos de julgamento e mudança vindouros. Jesus estava alertando Jerusalém para se arrepender e aceitar seu novo Rei (Jesus), ou então cairia na condenação final de Deus.

Na verdade, muito do ensino de Jesus nos Evangelhos diz respeito principalmente àquela multidão anterior ao ano 70 dC e, sem lê-lo sob esta luz, o entendemos mal. E quando entendemos mal, aplicamos mal. Por isso recomendamos a leitura das "Indicações Proféticas da consumação que se aproxima" no blog: https://arquivopreterista.blogspot.com/2020/08/indicacoes-profeticas-da-consumacao-que.html

As parábolas que Jesus conta durante Sua jornada final para Jerusalém (Lucas 9:51-20:26 e além) quase todas dizem respeito à rebelião, falta de fé, julgamento e destruição vindoura de Jerusalém e a salvação de um pequeno remanescente de Seus eleitos pessoas.

APÊNDICE ADICIONAL

A DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM,
Uma prova Absoluta e Irresistível
da origem do Cristianismo

Por George Peter Holford
(escrito em 1805)

"Eu considero absolutamente irresistível a profecia relativa à destruição da nação judaica como se nada mais houvesse para apoiar o Cristianismo".[83]

Neste apêndice, compartilharei com o leitor trechos de um pequeno livro escrito por George Peter Holford em 1805 sobre a destruição de Jerusalém.

PREFÁCIO[84]

A história registra poucos eventos de maior interesse geral do que a destruição de Jerusalém e a subversão do estado judeu pelas armas dos romanos. – A conexão íntima dos judeus com a dissolução da economia levítica e o estabelecimento do Cristianismo no mundo; a chocante verificação que oferecem de tantas profecias, tanto do Antigo como do Novo Testamento, e os poderosos argumentos da autoridade divina das Escrituras que daí derivam; as solenes advertências e admoestações que dirigem a todas as nações, mas especialmente àquelas favorecidas com a luz e as bênçãos da Revelação; junto com a grandeza impressionante e terrível dos próprios eventos - são circunstâncias que sempre asseguram ao leitor

[83] (Discurso do Sr. Erskine, no Julgamento de Williams, pela publicação de Age of Reason, de Paine).
[84] Prefácio de GH LONDON, 1805.

das páginas seguintes mais do que graus normais de interesse e importância. Muitos homens eminentes e eruditos empregaram suas penas para ilustrá-las; mas os frutos de seu trabalho estão, em sua maior parte, contidos em obras grandes e caras, fora do alcance de muitos, para quem a discussão pode ser igualmente interessante e aprimoradora. Para seu uso e gratificação, o presente tratado, de uma forma mais acessível e familiar, é timidamente oferecido ao público. Para que possa ser mais bem adaptado ao leitor em geral, questionamentos críticos e detalhes tediosos são igualmente evitados. Mas, o escritor cuidou de não omitir nenhum fato ou argumento importante que, em sua opinião, elucidasse o assunto. Apoiado pelo exemplo de muitos nomes respeitáveis, ele se aventurou a apresentar os extraordinários prodígios, que, segundo Josefo, precederam a destruição da Cidade Santa. Ele também acrescentou algumas frases em sua defesa, mas não expressou sua admissão irrestrita de sua autenticidade.

Mediante a assinatura do tratado, geralmente, o público determinará. A utilidade é o objetivo principal do escritor; e se uma leitura dela contribuir, sob a benção divina, para confirmar a fé vacilante de apenas um cristão ou para abalar a vã confiança de um único descrente, seu trabalho será abundantemente recompensado.

A Destruição de Jerusalém

A bondade de Deus marca todos os seus procedimentos. Tem Lhe agradado não só comunicar à humanidade uma revelação, que, para a mente piedosa, traz em sua textura interna sua própria evidência e recomendação, mas também acompanhá-la com tais provas externas de uma origem sagrada, como parecem calculadas para atingir, com irresistível convicção, mesmo aqueles que estão menos dispostos a admitir a verdade das Sagradas Escrituras. Para evidenciar sua autenticidade divina, Deus fez tudo o que o homem poderia ter

exigido. [85] Pois, supondo que foi referido que a humanidade prescreveu para sua própria satisfação, e de sua prosperidade, as credenciais que Seus mensageiros deveriam trazer consigo, a fim de autenticar a divindade de sua missão, poderiam os mais sábios e céticos entre os homens propor, para este fim, qualquer coisa mais conclusiva do que:

1- Demonstrações de poder, superando todos os efeitos possíveis da habilidade e esforço humanos; e

2- Inteligência relativa aos eventos e circunstâncias futuras de nações e indivíduos, que nenhuma sagacidade humana jamais fingiria prever?

Se tais fossem as evidências exigidas, que acréscimo a elas poderia ter sido sugerido? Está na mente humana imaginar quaisquer testes de autoridade divina mais bem adaptados, mais cedo ou mais tarde, para expor os artifícios e frustrar os projetos de um impostor? Em vão a política mais profunda tentará descobrir os meios mais adequados para este propósito e, com respeito à recepção da própria revelação, mais perfeitamente adequados para banir todas as dúvidas razoáveis, por um lado, e invalidar a acusação de credulidade no de outros. Ora, essas, precisamente, são as credenciais com as quais agradou a Deus sancionar o testemunho de seus mensageiros inspirados, conforme registrado nas Escrituras do Antigo e do Novo Testamento. Eles fizeram milagres e previram eventos futuros. Assim, tudo o que o próprio homem poderia exigir foi dado, e os objetores não têm desculpa.

Jesus Cristo, o principal desses mensageiros, como seus tipos

[85] Esta afirmação é suficiente para o propósito do escritor. - O fato, porém, é que o Todo-Poderoso, neste aspecto, como em qualquer outro, fez pelo homem "muito mais do que "ele" pode pedir ou pensar". - O esquema daquela evidência que demonstra a autoridade divina da Bíblia só poderia ter sido construído por Aquele "que conhece todas as coisas" e que vê o fim desde o princípio.

ilustres e predecessores (p.ex., Moisés e Elias), proclamou e atestou sua missão divina ao mesmo tempo por atos milagrosos e por declarações proféticas. Seus milagres foram numerosos, diversificados e realizados em várias partes de seu país natal; não eram truques frívolos, calculados apenas para despertar admiração e gratificar a curiosidade, mas atos de substancial utilidade e benevolência. Eles eram públicos, mas não de forma ostensiva, exibicionista. Na presença não apenas de amigos, mas também de inimigos. Os inimigos ficavam exasperados com maldade contra Ele, porque censurou seus vícios e expôs suas hipocrisias. Eles atuaram por todo motivo que um espírito de vingança pudesse sugerir a um preconceito incurável, para induzi-los a detectar a imposição de seus milagres, se falso, e para negar e desacreditá-los, se verdadeiro. Eles se esforçaram para afundá-Lo em descrédito. Eles atribuíram os milagres ao arbítrio de Satanás; assim representando-o, "que foi um mentiroso desde o início", mas contribuíram ainda mais para a difusão da verdade - "o espírito que opera nos filhos da desobediência" foi como um promotor da causa da santidade como cooperando na derrubada de seu próprio reino, pois Ele "se manifestou para destruir as obras do Diabo".

As profecias de nosso Senhor, assim como seus milagres, foram muitas e de grande variedade. Não foram entregues com pompa e desfile, mas surgiram fora das ocasiões e parecem ter resultado, na maior parte, de sua solicitude afetuosa por aqueles que então eram, ou poderiam vir a se tornar, seus discípulos. Enquanto o cumprimento de algumas dessas predições se limitou ao prazo de Sua missão e aos limites de Seu país, o cumprimento de outras se estendeu a todas as nações e a todas as idades futuras do mundo.

Das profecias que já foram cumpridas, poucas, talvez, são tão interessantes em si mesmas, ou tão marcantes em seu cumprimento, como aquelas que se relacionam com a destruição de Jerusalém e seu Templo, e as calamidades marcantes que ocorreram em todos os lugares da nação judaica. As principais previsões de nosso Senhor,

relativas a esses eventos, estão contidas em Mateus 24, Marcos 13, Lucas 19:41-44, 23:27-30 e 21. Podemos com confiança apelar aos fatos que os verificam como provas conclusivas e incontestáveis da divindade de Sua missão.

No segundo dia da semana, imediatamente anterior à Sua crucificação, nosso bendito Salvador fez Sua entrada pública e triunfal em Jerusalém, em meio às aclamações de uma grande multidão de Seus discípulos, que o saudaram REI DE SIÃO, e com ramos de palmeira, os emblemas da vitória, em suas mãos, alegraram-se e deram louvores a DEUS por todas as obras poderosas que tinham visto, cantando: "Hosana! bendito seja o REI que vem em nome do Senhor! Paz nos céus e glória nas alturas!" Mas, enquanto o povo exultava e felicitava triunfantemente o MESSIAS, Ele lutando com as mais profundas emoções de piedade e compaixão por Jerusalém, contemplou a cidade e chorou por ela, dizendo: "Se tu soubesses, tu mesmo, pelo menos neste teu dia, as coisas que pertencem à tua paz! Mas, agora, eles estão escondidos de teus olhos; porque dias virão sobre ti em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te cercarão, e te manterão por dentro; 'E te derrubarás, e teus filhos dentro de ti, e eles não deixarão em ti pedra sobre pedra; porque não conheceste o tempo da tua visitação".[86] Quatro dias depois, faltando apenas dois dias para sua morte, Ele foi pela última vez ao templo para ensinar o povo: enquanto estava assim empregado, os sumos sacerdotes e os anciãos, os herodianos, os saduceus e os fariseus, sucessivamente, vinham a Ele e O questionavam sutilmente, desejosos de "enredá-lo em Sua conversa"; a quem, com Sua costumeira dignidade e sabedoria, Ele retornou respostas que carregavam convicção em seus corações, e ao mesmo tempo silenciou e espantou eles. Então, voltando-se para Seus discípulos e toda a multidão, dirigiu-lhes um discurso de energia muito incomum, no qual, com a mais requintada acuidade de reprovação, Ele expôs e condenou a crueldade e o orgulho, a

[86] Lucas 19:42-44

hipocrisia e a sensualidade dos "fariseus e escribas" da então geração existente, adicionando aquela apóstrofe inimitavelmente tenra e patética a esta cidade devotada: "Ó Jerusalém, Jerusalém, tu que matas os profetas e apedrejas os que te são enviados, quantas vezes eu teria reunido teus filhos juntos, assim como uma galinha ajunta seus pintinhos sob as asas, e vós não quisestes! Eis vossa CASA ficará deserta; porque vos digo que de agora em diante não me vereis mais, até que digais: Bendito o que vem em nome do Senhor!"[87] Tendo dito isso, Ele saiu do templo e, ao partir, Seus discípulos chamaram sua atenção para a magnitude e esplendor do edifício. Eles falaram: "Como era adornado com belas pedras e presentes"; e disseram-Lhe: "Mestre Veja! que tipo de pedras e edifícios existem aqui! E, Jesus disse-lhes: Não vedes todas estas coisas? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derrubada". Quando consideramos a antiguidade e santidade do templo, sua estupenda estrutura, sua solidez e a incomum magnitude das pedras de que foi composta, podemos, em certa medida, conceber o espanto que esta declaração de nosso Senhor deve ter suscitado na mente de seus discípulos. No entanto, esta notável predição (como veremos a seguir) foi literalmente cumprida, e, como nosso Senhor havia predito, seria durante a existência da geração à qual Ele se dirigiu.

Nosso Senhor retirou-se agora para o Monte das Oliveiras, para onde os discípulos O seguiram, a fim de fazer perguntas mais específicas sobre o tempo em que os eventos calamitosos por Ele preditos aconteceriam. O Monte das Oliveiras comandava uma visão completa de Jerusalém e do templo. Nenhuma situação, portanto, poderia ter sido melhor adaptada para dar energia a uma previsão que se relacionava principalmente com sua total ruína e demolição. Supormos (e a suposição é altamente provável) que nosso Senhor, enquanto no ato de falar, apontou para os edifícios majestosos e estupendos, cuja destruição Ele predisse, cada palavra que proferiu deve ter sido revestida de sublimidade inexprimível, e deriva das

[87] Mateus 23:37-39

circunstâncias da paisagem circundante, uma força e um efeito que não é possível conceber adequadamente.

"Diga-nos, quando serão essas coisas? e qual será o sinal de quando todas essas coisas se cumprirem?" Tais foram as perguntas dos discípulos, em resposta às quais nosso Senhor condescendeu em dar-lhes um relato particular dos vários eventos importantes que viriam antes, bem como dos prognósticos que anunciariam as desolações que se aproximam; incluindo orientações adequadas para a regulamentação de sua conduta sob as várias provações a que deveriam ser expostos. Ele começa com uma advertência: "Preste atenção", "que ninguém vos engane; porque muitos virão em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos". A necessidade deste aviso amigável logo apareceu; pois dentro de um ano após a ascensão de nosso Senhor, levantou-se Dositeu, o Samaritano, que teve a ousadia de afirmar que ele era o Messias, de quem Moisés profetizou; enquanto seu discípulo Simão Magus iludiu multidões na crença de que ele próprio era o "Grande Poder de Deus". Cerca de três anos depois, outro impostor samaritano apareceu e declarou que mostraria ao povo os utensílios sagrados, que teriam sido depositados por Moisés, no monte Gerizim. Induzido pela ideia de que o Messias, seu grande libertador, havia chegado, uma multidão armada reuniram-se sob seu comando, mas Pilatos os derrotou rapidamente e matou seu chefe. Enquanto Cuspius Fadus era procurador na Judeia, surgiu outro enganador, cujo nome era Teudas.[88] Este homem realmente conseguiu persuadir uma grande multidão a pegar seus pertences e segui-lo até o Jordão, garantindo-lhes que o rio se dividiria sob seu comando. Fadus, entretanto, perseguiu-os com uma tropa de cavalos e matou muitos deles, e, entre os outros, o próprio impostor, cuja cabeça foi decepada e transportada para Jerusalém. Sob o governo de Félix, enganadores se levantaram diariamente na Judeia e persuadiram o povo a segui-los para o deserto, assegurando-lhes que deveriam ver sinais e maravilhas

[88] Este não é o Theudas mencionado em Atos v. 36.

realizadas pelo Todo-Poderoso. Destes, Félix, de vez em quando, prendia muitos e os matava. Sobre este período (55 dC), surgiu o célebre impostor egípcio, que reuniu trinta mil seguidores e os persuadiu a acompanhá-lo ao Monte das Oliveiras, dizendo-lhes que dali deveriam ver as muralhas de Jerusalém caírem em seu comando, como um prelúdio para a captura da guarnição romana, e para a obtenção da soberania da cidade. O governador romano, no entanto, apreendeu este no início da revolta, imediatamente os atacou, matou quatrocentos deles e dispersou o resto; mas o egípcio escapou. Na época de Porcius Festus (60 dC), outro distinto impostor seduziu o povo, prometendo-lhes a libertação do jugo romano, se eles o seguissem no deserto; mas Festus enviou uma força armada que rapidamente destruiu o enganador e seus seguidores. Em suma, os impostores, a uma comissão divina, contínua e fatalmente enganaram o povo, e imediatamente justificaram a cautela e cumpriram a predição de nosso Senhor.

Se for objetado que nenhum desses impostores, exceto Dositeu, assumiu o nome de Messias, respondemos, que as expectativas humilhantes dos judeus eram dirigidas a um Messias que deveria meramente libertá-los do jugo romano e "restaurar o reino para Jerusalém"; e tais eram as pretensões desses enganadores. Essa expectativa, de fato, é a única solução verdadeira para essas estranhas e reputadas insurreições; o que naturalmente lembrará o leitor das seguintes expressões proféticas de nosso Senhor: "Eu vim em nome de meu Pai, e não me aceitais; se outro vier em seu próprio nome, a esse recebereis". "Se eles vos disserem: "Eis que ele está no deserto!" não vá em frente. Eles vão mostrar (ou fingir mostrar) grandes sinais e maravilhas".[89] Nosso Salvador assim procedeu: "E ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede que não sejais perturbados: porque todas estas coisas devem acontecer, mas o fim ainda não é,

[89] A palavra original significa que, na linguagem das Escrituras, há uma distinção clara entre dar um sinal e o próprio sinal , é suficientemente provado por Deuteronômio 13:1,2

porque nação se levantará contra nação e reino contra reino, e grandes terremotos ocorrerão em vários lugares, e fomes e pestes: tudo isso é o começo das dores" (Mt 24.7-8).

Lucas 21:11: "Guerras e rumores de guerras".

Essas comoções, como trovões distantes, que pressagiam a tempestade que se aproxima, foram tão frequentes, desde a morte de nosso Senhor até a destruição de Jerusalém, que todo aquele intervalo poderia, com propriedade, apelar para a ilustração desta profecia. Cento e cinquenta das copiosas páginas de Josefo, que contêm a história deste período, estão em todos os lugares manchadas de sangue. Para particularizar em alguns casos: Cerca de três anos após a morte de Cristo, eclodiu uma guerra entre Herodes e Aretas, rei da Arábia Petraea, na qual o exército do primeiro foi eliminado. Este era um reino se levantando contra reino. As guerras são geralmente precedidas de rumores. Pode, portanto, parecer absurdo tentar uma elucidação distinta desta parte da profecia; no entanto, não se deve omitir que, nessa época, o imperador Calígula, tendo ordenado que sua estátua fosse colocada no templo de Jerusalém, e os judeus tendo insistido em recusá-la, toda a nação ficou muito alarmada, pela mera apreensão de guerra, que negligenciaram até mesmo o cultivo de suas terras! A tempestade, entretanto, passou.

Sobre este período, um grande número de judeus, por causa de uma pestilência que assolou a Babilônia, mudou-se daquela cidade para Selêucia, onde os gregos e sírios se levantaram contra eles, e destruíram deste povo devoto mais de cinco miríades! "A extensão desta matança (diz Josefo) não teve paralelo em nenhum período anterior de sua história". Novamente, cerca de cinco anos depois deste massacre terrível, aconteceu uma disputa severa entre os judeus na Pereia e os Filadélfia, respeitando os limites de uma cidade chamada Mia, na qual muitos dos primeiros foram mortos. Esta era uma nação se levantando contra outra. Quatro anos depois, sob Cumano, indignidade foi oferecida aos judeus dentro do recinto do

templo, por um soldado romano, do qual eles se ressentiram violentamente; mas, com a aproximação dos romanos com grande força, o terror foi tão excessivo, e tão desordenado e precipitado em sua fuga, que não menos de dez mil judeus foram pisoteados até a morte nas ruas. Isso, novamente, era nação se levantando contra nação. Quatro anos mais não se passaram, antes que os judeus fizessem guerra contra os samaritanos e devastassem seu país. O povo de Samaria havia assassinado um galileu que estava subindo a Jerusalém para celebrar a Páscoa, e os judeus o vingaram. Em Cesaréia, tendo os judeus uma contenda acirrada com os sírios pelo governo da cidade, um apelo foi feito a quem o decretou aos sírios. Este evento lançou as bases de uma disputa mais cruel e sanguinária entre as duas nações. Os judeus, mortificados pelo desapontamento e inflamados pelo ciúme, se levantaram contra os sírios, que os repeliram com sucesso. Somente na cidade de Cesaréia, mais de vinte mil judeus foram mortos. A chama, no entanto, não foi apagada; espalhou sua fúria destrutiva onde quer que judeus e sírios vivessem juntos no mesmo lugar: por toda cidade e vila, a animosidade mútua e massacre prevaleciam. Em Damasco, Tiro, Ascalon, Gadara e Citópolis, a carnificina foi terrível. Na primeira dessas cidades, dez mil judeus foram mortos em uma hora, e em Citópolis treze mil traiçoeiramente em uma noite. Em Alexandria, os judeus, ofendidos pela opressão dos romanos, se levantaram contra eles; mas os romanos, ganhando ascendência, mataram daquela nação cinquenta mil pessoas, não poupando crianças nem idosos. E depois disso, no cerco de Jopata, não menos de quarenta mil judeus pereceram. Enquanto essas disputas destrutivas prevaleciam no Oriente, as partes ocidentais do Império Romano foram dilaceradas pelos ferozes contenciosos: Galba, Otho e Vitélio. Os três imperadores, é notável que todos eles, junto com Nero, seu predecessor imediato, morreram de uma morte violenta, no curto espaço de dezoito meses. Finalmente, toda a nação dos judeus pegou em armas contra os romanos, o rei Agripa, e provocou aquela guerra terrível que, em poucos anos, inundou a Judeia em sangue, e deixou sua capital em ruínas.

Se for aqui contestado, que, porque as guerras são eventos de ocorrência frequente, seria impróprio referir-se à previsão sobrenatural uma previsão bem-sucedida a respeito deles, responde-se que muito dessa objeção será removida, considerando a incompetência dos próprios estadistas em prever a condição, apenas por alguns anos, da própria nação cujos negócios eles administram. É um fato bem conhecido que o atual ministro da Grã-Bretanha, nas vésperas da última longa e destrutiva guerra com a República Francesa, mostrou a este país uma imagem de quinze anos sucessivos de paz e de fato, os bons pontos dos quais a paz e a guerra dos dez dependem, confundem todos os cálculos dos aspectos presentes; e um boato de guerra, então alto e tão alarmante, que até mesmo suspendeu as operações de lavoura, pode terminar, como acabamos de ver, em nada além de rumores. Mais adiante, consideremos, que as guerras às quais esta parte da profecia de nosso Senhor se refere, deveriam ser de dois tipos, e que o evento correspondeu de acordo; que ocorreram dentro do período para o qual ele os designou; que eles caíram com a mais destrutiva severidade sobre os judeus, aos quais a profecia em geral se relacionava principalmente, e que a pessoa que os previu não estava na condição de um estadista, mas na de filho de um Carpinteiro! Sobre esse assunto falaremos mais em outro lugar.

"E grandes terremotos ocorrerão em diversos lugares".

Destes emblemas significativos de comoções políticas, ocorreram vários no cenário desta profecia e, como nosso SALVADOR previu, em diversos lugares. No reinado de Cláudio houve um em Roma, e outro em Apamea na Síria, onde residiam muitos dos judeus. O terremoto neste último lugar foi tão destrutivo, que o imperador, a fim de aliviar o sofrimento dos habitantes, remeteu seu tributo por cinco anos. Ambos os terremotos são registrados por Tácito. Houve um também, no mesmo reinado em Creta. Isso é mencionado por Filóstrato, em sua "Vida de Apolônio", que diz que "havia outros em

Esmirna, Mileto, Quios e Samos; em todos os lugares que os judeus haviam se estabelecido". No reinado de Nero, houve um terremoto em Laodicéia. Tácito também registra isso. É igualmente mencionado por Eusébio e Orósio, que acrescentam que Hierópolis e Colose, bem como Laodicéia, foram derrubados por um terremoto. Houve também um na Campânia neste reinado (deste fato tanto Tácito quanto Sêneca registraram) e outro em Roma no reinado de Galba, registrado por Suetônio; a todos os que podem ser acrescentados aqueles que aconteceram naquela noite terrível quando os idumeus foram excluídos de Jerusalém, pouco tempo antes do cerco começar. "Uma forte tempestade (diz Josefo) estourou sobre eles durante a noite, ventos violentos surgiram, acompanhados das chuvas mais excessivas, com relâmpagos constantes, trovões tremendos, e com rugidos terríveis de terremotos. Parecia (continua ele) como se o sistema do mundo tinha sido confundido pela destruição da humanidade; e pode-se muito bem conjeturar que esses eram sinais de eventos não comuns".

Nosso Senhor previu "fomes".

Destes, o principal foi o que Ágabo predisse que aconteceria nos dias de Cláudio, conforme relatado nos Atos dos Apóstolos. Começou no quarto ano de seu reinado e teve longa duração. Estendeu-se pela Grécia e até pela Itália, mas foi sentido mais severamente na Judeia e especialmente em Jerusalém, onde muitos morreram por falta de pão. Esta fome é registrada por Josefo também, que relata que "um assaron de milho foi vendido por cinco dracmas", Também é notado por Eusébio e Orósio. Para aliviar esta terrível calamidade, Helena, rainha de Adiabena, que estava naquela época em Jerusalém, ordenou que grandes suprimentos de grãos fossem enviados de Alexandria; e Izates, seu filho, consignou vastas somas aos governadores de Jerusalém, para serem aplicadas ao alívio dos sofredores mais indigentes. Os convertidos cristãos gentios que residiam em países estrangeiros, também enviaram, por iniciativa de São Paulo, contribuições liberais, para aliviar as aflições de seus

irmãos judeus. (1 Co. 16.3) Dion Cassius relata que havia fome no primeiro ano de Cláudio, que prevaleceu em Roma, e em outras partes da Itália; e, no décimo primeiro ano do mesmo imperador, houve outro, mencionado por Eusébio. A estes podem ser adicionados aqueles que afligiram os habitantes de várias das cidades da Galileia e da Judeia, que foram sitiadas e levadas, antes da investida de Jerusalém, onde o clímax da miséria nacional, decorrente desta e de todas as outras causas, foi assim terrivelmente concluído.

Nosso Senhor adiciona "pestilências" da mesma forma. A pestilência segue os passos da fome, pode-se, portanto, razoavelmente presumir, que esse terrível flagelo acompanhou as fomes que acabamos de enumerar. A história, entretanto, distingue particularmente dois exemplos dessa calamidade, que ocorreu antes do início da guerra judaica. A primeira ocorreu na Babilônia por volta de 40 dC e foi tão alarmante que grandes multidões de judeus fugiram daquela cidade para Selêucia em busca de segurança. O outro aconteceu em Roma, em 65 dC, e levou consigo multidões prodigiosas. Tanto Tácito quanto Suetônio também registram que calamidades semelhantes prevaleceram, durante este período, em várias partes do Império Romano. Depois que Jerusalém foi cercada pelo exército de Tito, doenças pestilenciais logo apareceram ali para agravar as misérias e aprofundar os horrores do cerco. Eles foram ocasionados em parte pelas imensas multidões que se aglomeravam na cidade, em parte pelos eflúvios pútridos que surgiam dos mortos não enterrados e em parte pela propagação da fome.

Nosso Senhor prosseguiu: "E terríveis visões e grandes sinais virão do céu".[90]

Josefo reuniu o principal desses presságios e apresenta seu relato por meio de uma reflexão sobre a estranheza desses eventos que poderiam induzir seus conterrâneos a dar crédito a impostores e

[90] Lucas 21:11.

relatos infundados, enquanto eles desconsideravam as admoestações divinas confirmados como ele afirma que foram pelos seguintes sinais extraordinários:

1- "Um meteoro, semelhantemente extraordinário,[91] pairou sobre Jerusalém durante um ano inteiro". Não podia ser um cometa, pois era estacionário e era visível por doze meses consecutivos. Uma espada também é um emblema mais adequado para a destruição.

2- "No oitavo dia do mês de Zanthicus (antes da festa dos pães ázimos), na hora nona da noite, brilhava ao redor do altar e dos edifícios circunjacentes do templo uma luz igual ao brilho do dia que continuou pelo espaço de meia hora". Não podia ser efeito de um raio, nem de uma vívida aurora boreal, pois estava confinada a um despojo particular e a luz brilhava ininterruptamente por trinta minutos.

3- "Enquanto o sumo sacerdote conduzia uma novilha ao altar para ser sacrificada, ela deu à luz um cordeiro, no meio do templo". Tal é o estranho relato do historiador. Alguns podem considerá-lo uma "fábula grega", enquanto outros podem pensar que discernem neste prodígio uma repreensão milagrosa da infidelidade e impiedade judaica, por rejeitar o Cordeiro ANTITÍPICO, que se ofereceu como expiação, "de uma vez por todas" e que, cumprindo assim completamente seu desígnio, tinha virtualmente revogado os sacrifícios levíticos. Seja como for, as circunstâncias do prodígio são notáveis. Não ocorreu em uma parte obscura da cidade, mas no templo; não em uma hora normal, mas na Páscoa, a temporada da crucificação do nosso Senhor, na presença, não do vulgar apenas, mas dos altos sacerdotes e seus assistentes, e quando eles estavam levando o sacrifício ao altar.

4- "Por volta da hora sexta da noite, o portão oriental do templo foi

[91] 1 Cronicas 21:16.

visto abrir sem ajuda humana". Quando os guardas informaram o Curador deste acontecimento, este enviou homens para os ajudar a fechá-lo, que com grande dificuldade conseguiram. Este portão, como já foi observado, "era de latão maciço e exigia que vinte homens o fechassem todas as noites". Não poderia ter sido aberto por uma "forte rajada de vento" ou um ligeiro terremoto; pois Josefo diz que "era seguro por parafusos e barras de ferro, que foram baixados em um grande limiar; consistindo de uma pedra inteira".[92]

5- "Logo após a festa da Páscoa, em várias partes do país, antes do pôr do sol, carros e homens armados foram vistos no ar, passando ao redor de Jerusalém". Não poderia este espectáculo portentoso ser ocasionado pelo aurora boreal, pois ocorreu antes do pôr do sol; ou nem apenas a fantasia de alguns aldeões, olhando para o céu, pois foi vista em várias partes do país.

6- "Na subsequente festa de Pentecostes, enquanto os sacerdotes iam, à noite, para o interior do templo para realizar suas ministrações habituais, eles primeiro sentiram, como disseram, um tremor, acompanhado por um murmúrio indistinto, e depois vozes como de uma multidão, dizendo, de uma maneira distinta e sincera: "DEIXE-NOS PARTIR DAQUI". Esta gradação lembrará o leitor daquela terrível transação em que, na festa de Pentecostes, instituiu-se principalmente para se comemorar. Primeiro, um tremor foi ouvido; isso induziria naturalmente os sacerdotes a ouvir um murmúrio ininteligível bem-sucedido; isso prenderia mais poderosamente a atenção deles, e enquanto era assim despertado e fixo, eles ouviram, diz Josefo, as vozes como de uma multidão, distintamente pronunciando as palavras: "DEIXE-NOS PARTIR DAQUI". E, portanto, antes que o período para celebrar esta festa voltasse, a guerra judaica havia começado, e no espaço de três anos depois, Jerusalém foi cercada pelo exército romano, o templo convertido em

[92] A conclusão que os judeus tiraram. a partir deste evento foi, que a segurança do templo se foi.

uma cidadela, e seus tribunais sagrados fluindo com o sangue de vítimas humanas.

7- Como último e mais terrível presságio, Josefo relata que um certo Jesus, o filho de Ananus, um rústico da classe baixa, durante a Festa dos Tabernáculos, repentinamente exclamou no templo: "Uma voz do leste, uma voz do oeste - uma voz dos quatro ventos - uma voz contra Jerusalém e o templo - uma voz contra noivos e noivas - uma voz contra todo o povo!" Essas palavras, ele proclamou incessantemente em voz alta dia e noite, por todas as ruas de Jerusalém, por sete anos e cinco meses, começando em um momento (62 dC) quando a cidade estava em um estado de paz e transbordando de prosperidade, e terminando em meio aos horrores do cerco. Este perturbador, tendo despertado a atenção da magistratura, foi levado perante Albinus, o governador romano, que ordenou que ele fosse açoitado. Mas, as mais severas listras não arrancaram dele lágrimas nem súplicas. Como nunca agradeceu aos que o socorreram, também não se queixou da injustiça dos que o golpearam. E, nenhuma outra resposta poderia o governador obter aos seus interrogatórios, mas sua denúncia usual de "Ai, ai de Jerusalém!" que ele ainda continuou a proclamar pela cidade, mas especialmente durante os festivais, quando suas maneiras se tornaram mais sérias e o tom de sua voz mais alto. Por fim, no início do cerco, ele subiu as muralhas e, com uma voz mais poderosa do que nunca, exclamou: "Ai, ai desta cidade, deste templo e deste povo!" E então, com uma apresentação de sua própria morte, acrescentou: "Ai, ai de mim mesmo". Ele mal havia pronunciado essas palavras quando uma pedra de uma das máquinas romanas o matou no local.

Tais são os prodígios relatados por Josefo que, exceto o primeiro, encontra-se no ano imediatamente anterior à guerra judaica. Vários deles são registrados também por Tácito. No entanto, deve-se observar que eles são recebidos pelos escritores cristãos com cautela e com vários graus de crédito. Aqueles, entretanto, que são mais céticos, e que os resolvem em causas naturais, permitem que a

"superintendência de DEUS desperte seu povo por alguns desses meios". Qualquer que seja o fato, a este respeito, pode ser, é claro, que eles correspondem à predição de nosso Senhor de "visões terríveis e grandes sinais do céu"; e deve ser considerada uma resposta suficiente para o objetor, que exige se tais aparições são registradas de forma respeitável.

A próxima predição de nosso Senhor relacionava-se com as perseguições de seus discípulos: "Imporão as mãos sobre vocês (disse ele), e os perseguirão, entregando-os nas sinagogas e nas prisões, sendo apresentados a reis e governantes por causa do meu nome" (Lucas 21.12). "E eles vos entregarão aos conselhos, e nas sinagogas sereis espancados" (Marcos 13.9). "Vocês serão traídos até por pais, irmãos, parentes e amigos, e eles entregarão alguns de vocês à morte" (Lucas 21.16). Na própria infância da igreja cristã, essas crueldades não merecidas e não provocadas começaram a ser infligidas. Nosso Senhor, e seu precursor João Batista, já havia sido submetido a morte; os apóstolos Pedro e João foram presos primeiro, e então, junto com os outros apóstolos, foram açoitados perante o conselho judaico; Estevão, após pregar a Palavra de Deus no Sinédrio com sua eloquência irresistível, foi apedrejado até a morte; Herodes Agripa "estendeu as mãos para irritar certos da igreja", decapitou Tiago, o irmão de João, e novamente prendeu Pedro, planejando matá-lo também; São Paulo suplicou perante o conselho Judaico em Jerusalém, e diante de Félix, o governador romano, que tremia na cadeira de juiz, enquanto o intrépido prisioneiro "raciocinava sobre a justiça, a temperança e o julgamento vindouro!" Dois anos depois, ele foi levado perante o tribunal de Festo (que sucedera Félix no governo), estando presente o rei Agripa, o mais jovem, que, enquanto o governador zombava, ingenuamente reconheceu a força da eloquência do Apóstolo, e, meio convencido, exclamou: "Quase me persuades a ser um cristão". Por último, ele implorou perante o imperador Nero em Roma; ele também foi levado com Silas perante os governantes de Filipos, onde ambos foram açoitados e presos. Paulo foi igualmente preso dois anos na Judeia, e depois duas vezes

em Roma, cada uma pelo espaço de dois anos. Ele "foi açoitado pelos judeus cinco vezes, três vezes espancado com varas e foi apedrejado; ele mesmo, antes de sua conversão, era um instrumento de cumprimento das predições". São Lucas relata que "ele destruiu a igreja, entrando em todas as casas, e odiando homens e mulheres, os condenou à prisão; quando foram condenados à morte, ele deu sua voz contra eles; puniu-os frequentemente em todas as sinagogas e perseguiu-os até mesmo em cidades estranhas e com isso concordam suas próprias declarações (At 26.10-11; Gl 1.23). Por fim, cerca de dois anos antes da guerra judaica, a primeira perseguição geral começou por instigação do imperador Nero, "que", diz Tácito, "infligiu os cristãos com castigos extremamente dolorosos"; multidões sofreram um cruel martírio, em meio a zombarias e insultos, e entre os outros os veneráveis apóstolos São Pedro e São Paulo.

Nosso Senhor continua: "E sereis odiados de todas as nações por causa do meu nome". (Mateus 24.9) O ódio do qual as perseguições acima citadas surgiram, não foi provocado por parte dos cristãos por uma resistência contumaz à autoridade estabelecida, ou por quaisquer violações da lei, mas foi a consequência inevitável deles sustentarem o nome e imitarem o personagem de "seu MESTRE". "Foi uma guerra", diz Tertuliano, "ser cristão já era crime suficiente". E, no mesmo sentido é aquela expressão de Plínio em sua carta a Trajano: "Eu perguntei se eles eram cristãos; se eles confessassem, eu perguntei a eles uma segunda e terceira vez, ameaçando-os com punição, e aos que perseverassem, ordenei que fossem conduzidos à morte". É acrescentado: "De todas as nações". Qualquer animosidade ou dissensão que pudesse subsistir entre os gentios e os judeus em todo lugar, desaparecia, pois os romanos estavam sempre prontos para se unir e cooperar na perseguição dos humildes seguidores dEle, que vieram a ser uma LUZ para os primeiros e a GLÓRIA dos segundos.

"E então muitos ficarão ofendidos e trairão uns aos outros". (Mateus 24.10)

Sobre este fato, o seguinte testemunho decisivo de Tácito pode ser suficiente. Falando das perseguições aos cristãos sob Nero, às quais acabamos de aludir, ele acrescenta: "vários foram apreendidos ao confessar, e, pela descoberta de uma grande multidão de outros, foram condenados e executados barbaramente".

"E este Evangelho do reino será pregado em todo o mundo,[93] em testemunho a todas as nações, e então virá o fim (isto é, da dispensação judaica)". (Mateus 24.14)

O cumprimento desta predição pode ser encontrado nas Epístolas de São Paulo, dirigida aos cristãos de Roma, Corinto, Galácia, Éfeso, Filipos, Colossos, Tessalônica; e os de Pedro aos que residiam em Ponto, Capadócia e Bitínia, antes da destruição de Jerusalém pois nenhum desses apóstolos estava vivo quando a guerra judaica começou. São Paulo, em sua Epístola aos Romanos, informa-os que "a fé foi falada em todo o mundo"; e nisso, aos Colossenses, ele observa que o "Evangelho foi pregado a toda criatura debaixo do céu". Clemente, que era colaborador do apóstolo, relata a respeito dele que "ele ensinou a justiça a todo o mundo, viajando do leste para o oeste até as fronteiras do oceano". Eusébio diz que "os Apóstolos pregaram o Evangelho em todo o mundo, e que alguns deles passaram além dos limites do oceano, e visitaram as ilhas Britânicas".

Além disso, "parece", diz o Bispo Newton, "pelos escritores da história da igreja, que antes da destruição de Jerusalém, o Evangelho

[93] Admite-se que a frase "a todo o mundo", "toda criatura", etc. são hiperbólicos, mas então, tomados em sua conexão, eles evidentemente descrevem a universalidade da pregação e difusão do Evangelho, antes da destruição de Jerusalém, que é o ponto a ser provado.

não foi apenas pregado na Ásia Menor, Grécia e Itália, os grandes teatros atuantes no mundo, mas foi igualmente propagado como fax para o norte como Cítia, tanto para o sul como a Etiópia, tanto para o leste como Pártia e Índia, até o oeste como Espanha e Grã-Bretanha". E, Tácito afirma que "a religião cristã, que surgiu na Judeia, se espalhou por muitas partes do mundo, e se estendeu até a própria Roma, onde os professores dela, já no tempo de Nero, somavam uma vasta multidão", de tal forma que seus números despertavam a inveja do governo.

Cumpriu-se assim completamente uma predição contrária a toda conclusão que pudesse ser fundada na probabilidade moral, e à qual se opunha incessantemente todo tipo de impedimento. O suposto filho de um carpinteiro instrui alguns pescadores simples sobre umas "boas novas" desprovidas de incentivos mundanos, mas cheia de abnegação, sacrifícios e sofrimentos, e os informa que em cerca de quarenta anos ela deveria se espalhar por todo o mundo. Ele se espalha de acordo, e, em desafio ao fanatismo exasperado dos judeus, e de toda autoridade, poder e oposição ativa dos gentios, é estabelecido, dentro desse período, em todos os países em que penetra. Alguém pode duvidar que a predição e seu cumprimento foram igualmente divinos?

Tal é, resumidamente, o relato que a história dá dos vários eventos e sinais, que nosso Senhor havia predito que precederiam a destruição da Cidade Santa. Em pouco tempo suas previsões estavam se realizando, e mais do que uma paixão inexplicável se apoderou de toda a nação judaica; de modo que eles não apenas provocaram, mas pareciam até precipitar-se no meio daquelas calamidades sem paralelo, que por fim os oprimiram totalmente. Em um ensaio desse tipo, é impossível entrar em detalhes minuciosos sobre a origem e o progresso desses males; mas os detalhes que ilustram o cumprimento da parte restante da profecia e justificam a linguagem forte em que ela é expressa, devem ser apresentados ao leitor.

Desde a conquista de seu país por Pompeu, por volta de 60 aC, os judeus haviam, em várias ocasiões, manifestado um espírito refratário; mas depois que Judas, o gaulonita, e Sadduc, o fariseu, pregaram que a submissão às avaliações romanas abriria o caminho para um estado de escravidão abjeta, esse temperamento se manifestou com crescente malignidade e violência. Tumultos e insurreições rebeldes tornaram-se comuns e tornaram-se mais frequentes e alarmantes; e para eles as exações mercenárias de Floro, o governador romano, não contribuíram nem um pouco. Por fim, Eleazar, filho do Sumo Sacerdote, persuadiu aqueles que oficiavam no templo a rejeitar os sacrifícios de estrangeiros e não mais a oferecer orações por eles. Assim, um insulto foi lançado a César, seu sacrifício rejeitado e a fundação da guerra romana foi estabelecida. Os distúrbios entre os judeus continuava, Céstio Galo, presidente da Síria, marchou com um exército para a Judeia, a fim de sufocá-los, e sua carreira foi marcada por sangue e desolação em todos os lugares. Enquanto ele prosseguia, ele saqueou e queimou a bela cidade de Zebulom, Jope, e todas as aldeias que estavam em seu caminho. Em Jope ele matou oito mil e quatrocentos habitantes. Ele devastou o distrito de Narbatene e, enviando um exército para a Galileia, matou dois mil judeus rebeldes. Ele, então, queimou a cidade de Lida; e depois de ter repelido os judeus, que fizeram uma investida desesperada contra ele, acamparam, por fim, a uma distância de cerca de uma milha de Jerusalém. No quarto dia, entraram em seu portão e queimaram três divisões da cidade, e por fim, sua captura, pôs fim à guerra; mas por meio das persuasões traiçoeiras de seus oficiais, ele inexplicavelmente levantou o cerco e fugiu da cidade com a maior precipitação. Os judeus, no entanto, perseguiram-no até Antipatris e, com pouca perda para eles, mataram seu exército quase seis mil homens. Depois que esse desastre se abateu sobre Céstio, o mais opulento dos judeus (diz Josefo) abandonou Jerusalém como os homens fazem com um navio que afunda. E, é com razão que se supõe que nesta ocasião muitos dos cristãos, ou judeus convertidos, que ali residiam, lembrando-se das advertências ou de seu divino Mestre, retiraram-se para Pella, um

lugar além do Jordão, situado em um país montanhoso,[94] para onde (de acordo com Eusébio, que residia perto do local) eles vieram de Jerusalém e se estabeleceram, antes que a guerra (sob Vespasiano) começasse. Outras oportunidades providenciais para escapar depois ocorreram, das quais, é provável, aqueles que ficaram para trás se aproveitaram; pois é um ato notável, e tal que não pode ser contemplado pela mente piedosa sem sentimentos de devota admiração, que a história não registra que mesmo um CRISTÃO pereceu no cerco de Jerusalém. Perseverando até o fim, fiéis ao seu bendito MESTRE, eles deram crédito às suas previsões e escaparam da calamidade. Assim foram cumpridas as palavras de nosso Senhor, conforme Mateus 24.13: "Aquele que perseverar até o fim (isto é, da cena desta profecia) será salvo".

Nero, tendo sido informado da derrota de Céstio, imediatamente nomeou Vespasiano, um homem de valor provado, para iniciar a guerra contra os judeus, que, auxiliado por seu filho Tito, logo se reuniram em Ptolemais um exército de sessenta mil homens. A partir daí, na primavera de 67 dC marchou para a Judeia, espalhando a mais cruel destruição por todos os lados; os soldados romanos, em várias ocasiões, não pouparam crianças nem idosos. Durante quinze meses Vespasiano prosseguiu nesta carreira sanguinária, período durante o qual reduziu todas as cidades fortes da Galileia e a principal das da Judeia, destruindo pelo menos cento e cinquenta mil habitantes. Entre as terríveis calamidades que nessa época aconteceram aos judeus, as que se abateram sobre eles em Jope, que havia sido reconstruída, merecem atenção especial. Suas frequentes piratarias provocaram a ira de Vespasiano. Os judeus fugiram antes deles alcançarem seus navios; mas uma tempestade imediatamente se levantou e perseguiu os que estavam no mar e os ultrapassou, enquanto os demais foram lançados navio contra navio e contra as rochas, da maneira mais tremenda. Nessa perplexidade, muitos

[94] al foi a admoestação de nosso Senhor ...: "Os que estão na Judeia fujam para as montanhas", Mt. 16:22.

foram afogados, alguns foram esmagados pelos navios quebrados, outros se mataram e os que alcançaram a costa foram mortos pelos impiedosos romanos. O mar por um longo espaço estava manchado de sangue; quatro mil e duzentos cadáveres foram espalhados ao longo da costa e, é terrível de relatar, nenhum indivíduo sobreviveu para relatar essa grande calamidade em Jerusalém. Tais eventos foram preditos por nosso Senhor, quando disse: "Haverá angústia das nações em perplexidade; o mar e as ondas rugem" (Lucas 21.25).

Vespasiano, depois de prosseguir até Jericó, voltou a Cesareia, a fim de se preparar para seu grande atentado contra Jerusalém. Enquanto estava assim empregado, recebeu informações sobre a morte de Nero; então, não sabendo qual seria a vontade do futuro imperador, ele prudentemente resolveu suspender, por enquanto, a execução de seu projeto. Assim, o Todo-Poderoso deu aos judeus uma segunda trégua, que continuou por quase dois anos; mas eles não se arrependeram de seus crimes, nem foram em nenhum grau graciosos, mas sim procederam em atos de enormidade ainda pior. A chama da dissensão civil explodiu novamente e com fúria mais terrível. No coração de Jerusalém, duas facções, disputando a soberania, lutaram uma contra a outra com animosidade rancorosa e destrutiva. Uma divisão de uma dessas facções tendo sido excluída da cidade, entrou à força durante a noite. Ansiosos por sangue e inflamados pela vingança, eles não pouparam idade, sexo ou infância; e, pela manhã, foram vistos oito mil e quinhentos cadáveres nas ruas da cidade sagrada. Eles saquearam todas as casas e, tendo encontrado os principais sacerdotes Ananus e Jesus, não apenas os mataram, mas, insultando seus corpos, os expulsaram sem sepultura. Eles massacraram as pessoas comuns tão insensivelmente como se fossem um rebanho das bestas mais vis. Os nobres, eles primeiro aprisionaram, depois açoitaram, e quando não puderam por esses meios anexá-los ao seu partido, concederam a morte a eles como um favor. Das classes mais altas, doze mil morreram dessa maneira; nem ninguém se atreveu a derramar uma lágrima ou gemer, abertamente, por medo de um destino semelhante. A morte, de fato, era a pena das

acusações mais leves e pesadas, e ninguém escapou pela mesquinhez de seu nascimento ou pobreza. Aqueles que fugiram foram interceptados e mortos.

Enquanto Jerusalém era presa dessas facções ferozes e devoradoras, todas as partes da Judeia foram açoitadas e devastadas por bandos de ladrões e assassinos, que saquearam as cidades; e, em caso de resistência, matava os habitantes, não poupando mulheres nem crianças. Simão, filho de Gioras, comandante de uma desses bandos, à frente de quarenta mil bandidos, tendo entrado com alguma dificuldade em Jerusalém, deu à luz uma terceira facção, e a chama da discórdia civil acendeu-se novamente, com ainda mais destruição e fúria. As três facções, tornadas frenéticas pela embriaguez, raiva e desespero, pisoteando uns montes de mortos, lutaram entre si com selvageria brutal e loucura. Mesmo aqueles que trouxeram sacrifícios ao templo foram assassinados. Os cadáveres de sacerdotes e fiéis, tanto nativos quanto estrangeiros, foram amontoados, e um lago de sangue estagnou nas cortes sagradas. João de Gischala, que chefiava uma das facções, queimou depósitos cheios de provisões; e Simão, seu grande antagonista, que chefiava outro deles, logo depois seguiu seu exemplo. Assim, eles cortaram os próprios tendões de sua própria força. Somado a essa conjuntura crítica e alarmante, chegou a notícia de que um exército romano estava se aproximando da cidade. Os judeus ficaram petrificados de espanto e medo; não havia tempo para conselho, nenhuma esperança de pacificação, nenhum meio de fuga. Tudo era desordem selvageria e perplexidade. Nada se ouvia senão "o barulho confuso dos guerreiros". Nada se via a não ser "roupas sujas de sangue". Nada a ser esperado dos romanos, a não ser um sinal e vingança exemplar. Um grito incessante de combatentes foi ouvido dia e noite, no entanto, as lamentações dos enlutados eram ainda mais terríveis. A consternação e terror que agora prevaleciam induziram muitos habitantes a desejar que um inimigo estrangeiro viesse e efetuasse sua libertação. Tal era a terrível condição do lugar quando Tito e seu exército se apresentaram e acamparam diante de Jerusalém; mas, infelizmente não para livrá-lo de suas misérias, mas para cumprir

a predição e justificar a benevolente advertência de nosso Senhor: "Quando vós vedes (disse ele aos Seus discípulos) a abominação da desolação, falada pelo profeta Daniel, de pé no lugar santo,[95] e Jerusalém rodeada por exércitos (ou acampamentos). Então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes; os que estiverem dentro da cidade, saiam; e os que estiverem nos campos não entrem nela" (Mateus 24.15,21; Lucas 21:20-21).

Estes exércitos, nós não hesitamos em afirmar que foram os romanos, que agora investiam a cidade. Desde o tempo do cativeiro babilônico, a idolatria foi considerada uma abominação pelos judeus. Essa aversão nacional se manifestou até mesmo contra as imagens de seus deuses e imperadores, que os exércitos romanos carregavam em seus estandartes; de modo que, em tempos de paz, Pilatos e depois Vitélio, a pedido de alguns judeus eminentes, por conta disso evitaram marchar suas forças pela Judeia. Da disposição desoladora que agora governava o exército romano, a história da guerra judaica, e especialmente da demolição final da cidade santa, apresenta um exemplo terrível e notável. Jerusalém não foi meramente capturada, mas, com seu célebre templo, ficou em ruínas. Para que, no entanto, o exército de Tito não fosse apenas designado por esta expressão, nosso Senhor acrescenta: "Onde estiver a carcaça, aí estarão as águias reunidas" (Mt 24.28). O estado judeu, de fato, neste tempo, foi apropriadamente comparado a uma carcaça. O cetro de Judá, isto é, sua autoridade civil e política, a sua religião, e a glória de seu templo se foi. Estava, em suma, moral e judicialmente morta. A águia, cujo instinto dominante é rapinar e assassinar, adequadamente representava o temperamento feroz e sanguinário dos romanos e, talvez, pudesse ser intencional para se referir também à figura principal em suas insígnias, que, embora detestáveis para os judeus,

[95] Não era apenas o templo e a montanha em que ele se erguia considerados sagrados, mas também toda a cidade de Jerusalém e vários estádios de terra ao redor dela. Neemias 11; Isaías 53; Daniel 9:24; e Mateus 27:53.

foram finalmente plantadas no meio da cidade sagrada e, finalmente, no próprio templo.

O dia em que Tito cercou Jerusalém era a festa da Páscoa; e é merecedor da atenção muito particular do leitor que este foi o aniversário daquele período memorável em que os judeus crucificaram seu Messias! Nesta época, multidões subiram de toda a região circundante e de partes distantes para celebrar o festival. Quão adequada e gentil, então, foi a admoestação profética de nosso Senhor, e quão claramente Ele se dirigiu ao futuro quando disse: "e os que estiverem nos campos não entrem nela (na cidade)" (Lucas 21.21).

Não obstante, a cidade estava nesta época apinhada de estrangeiros judeus, e estrangeiros de todas as partes, de modo que toda a nação pode ser considerada como tendo sido encarcerada em uma prisão, preparatória para a execução da vingança divina; e, de acordo com Josefo, este evento ocorreu repentinamente; assim, não apenas cumprindo as predições de nosso Senhor, que essas calamidades viriam, como o relâmpago veloz "que vem do oriente e se ilumina até o ocidente" e "como uma armadilha para todos eles (os judeus) que habitam sobre a face de toda a terra (de Israel)" (Mt 24.27; Lucas 21.35), mas justificando, também, sua direção amigável, que aqueles que fugiram deveriam usar a maior expedição possível.

Com o aparecimento do exército romano, os judeus facciosos se uniram e, correndo furiosamente para fora da cidade, repeliram a décima legião, mas com dificuldade. Esse evento causou uma breve suspensão das hostilidades e, ao abrir os portões, deu oportunidade aos que estavam dispostos a escapar; que antes disso eles não poderiam ter tentado sem interrupção, desde a suspeita de que desejavam se revoltar aos romanos. Esse sucesso inspirou confiança aos judeus, e eles resolveram defender sua cidade ao máximo; mas não impediu a renovação de seus grilhões civis. A facção sob Eleazar tendo se dispersado e se organizado sob os outros dois líderes João e

Simão, seguiu-se uma cena da mais terrível contenda, pilhagem e conflagração: o espaço central da cidade sendo queimado e os miseráveis habitantes eram como prêmio das partes em conflito. Os romanos finalmente obtiveram a posse de duas das três muralhas que defendiam a cidade, e o medo mais uma vez uniu as facções. Essa pausa, porém, mal havia começado quando a fome fez seu terrível aparecimento no exército judeu. Já fazia algum tempo que se aproximava silenciosamente, e muitos dos pacíficos e pobres já haviam morrido por falta de suprimentos. Com esta nova calamidade, estranha de relatar, a loucura das facções voltou novamente, e a cidade apresentou um novo quadro de "miséria". Impelidos pela fome, arrancaram a vida uns dos outros, e muitos devoraram os grãos ainda despreparados. Torturas foram infligidas para a descoberta de um punhado de comida; mulheres forçavam por comida a seus maridos, e filhos a seus pais, e até mães de seus bebês, enquanto as crianças de peito definhavam em seus braços, não hesitavam em tirar as gotas vitais que os sustentavam! Assim, com justiça, nosso Senhor pronunciou uma desgraça sobre "as que amamentavam naqueles dias" (Mt. 24.19).

Este terrível flagelo finalmente levou multidões de judeus para fora da cidade, para o campo do inimigo, onde os romanos os crucificaram em tal número que, como relata Josefo, faltava espaço para as cruzes, e cruzes para os cativos; e tendo sido descoberto que alguns deles haviam engolido ouro, os árabes e sírios, que foram incorporados ao exército romano, impelidos pela avareza, com crueldade sem precedentes rasgaram dois mil desertores em uma noite; Tito, tocado por essas calamidades, implorou pessoalmente aos judeus que se rendessem, mas eles responderam com injúrias. Exasperado por sua obstinação e insolência, ele agora resolveu cercar a cidade por uma circunvalação (uma trincheira de 39 estádios em circuito e reforçada com 13 torres) que com espantosa atividade foi efetuada pelos soldados em três dias. Assim foi cumprida outra das predições de nosso Senhor, pois ele havia dito, ao se dirigir a esta cidade dedicada: "Porque dias virão sobre ti, em que os teus inimigos

te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te estreitarão de todos os lados" (Lucas 19.43). Como nenhum suprimento podia agora entrar pelas paredes, a fome se estendeu rapidamente e, aumentando o horror, devorou famílias inteiras. Os topos das casas e os recessos da cidade estavam cobertos com carcaças de mulheres, crianças e homens idosos. Os jovens apareceram como espectros nos recantos públicos e caíram sem vida nas ruas. Os mortos eram numerosos demais para serem enterrados, e muitos expiraram no desempenho deste ofício. A calamidade pública foi grande demais para lamentação. Silêncio e, por assim dizer, uma noite negra e mortal, espalhou-se pela cidade. Mas, mesmo tal cena não poderia assustar os ladrões; eles abriam os túmulos e despojavam os mortos de suas roupas de sepultura, com uma risada insensível e selvagem. Eles passavam o gume de suas espadas em suas carcaças, e mesmo em algumas que ainda respiravam; enquanto Simon Goras escolheu este período melancólico e terrível para manifestar a profunda Malignidade e crueldade de sua natureza na execução do Sumo Sacerdote Matias, e seus três filhos, a quem ele fez com que fossem condenados como favores aos Romanos. O pai, em consideração por ter aberto os portões da cidade para Simão, implorou que ele pudesse ser executado antes de seus filhos; mas o insensível tirano deu ordens para que ele fosse despachado em último lugar, e em seus momentos de expiração perguntou-lhe insultuosamente se os romanos poderiam, então, substituí-lo.

Enquanto a cidade estava nesta situação sombria, um judeu chamado Mannaeus fugiu para Tito, e o informou, desde o início do cerco até o 7º mês. Em seguida, cento e quinze mil oitocentos e oitenta cadáveres foram carregados por apenas um portão, que ele havia guardado. Este homem tinha sido nomeado para pagar o subsídio público para transportar os corpos para fora, e, portanto, foi obrigado a registrá-los. Logo depois, vários indivíduos respeitáveis desertaram para os romanos e asseguraram a Tito que o número total de pobres que haviam sido expulsos pelos diferentes portões não era inferior a seiscentos mil. O relato dessas calamidades despertou

piedade nos romanos e de uma maneira particular afetou Tito, que, enquanto examinava o imenso número de cadáveres empilhados, ergueu as mãos para o céu e, apelando ao Todo-Poderoso, protestou solenemente que não havia sido a causa dessas calamidades deploráveis; que, de fato, os judeus, por sua inigualável rebelião perversa e obstinação, derrubaram sobre suas próprias cabeças.

Depois disso, Josefo, em nome de Tito, exortou sinceramente João e seus adeptos a se renderem; mas o rebelde insolente não retornou nada além de censuras e imprecações, declarando sua firme persuasão de que Jerusalém, como era a cidade de DEUS, nunca poderia ser tomada: cumprindo assim literalmente a declaração de Miquéias, de que os judeus, em sua extremidade, não obstante seus crimes, presunçosamente "se apoiaria no SENHOR e diria: Não está o SENHOR entre nós? nenhum mal pode sobrevir sobre nós" (Miquéias 3.11).

Enquanto isso, os horrores da fome se tornaram ainda mais melancólicos e aflitivos. Os judeus, por causa da falta de comida, foram finalmente compelidos a comer seus cintos, suas sandálias, as peles de seus escudos, grama seca e até mesmo excrementos de bois. Nas profundezas ou nesta extremidade horrível, uma judia de família nobre incitada pelos desejos intoleráveis da fome, matou seu filho pequeno e o preparou para refeição; e tinha realmente comido metade dela, quando os soldados, atraídos pelo cheiro de comida, a ameaçaram de morte instantânea se ela se recusasse a dizer onde estava. Intimidada por esta ameaça, ela imediatamente revelou onde estava os restos mortais de seu filho, que os petrificou de horror. Ao recitar esta ocorrência melancólica e comovente, toda a cidade ficou horrorizada, e derramaram suas felicitações àqueles que a morte os poupou de tais cenas de partir o coração. Na verdade, a humanidade ao mesmo tempo estremece e adoece com a narração, nem pode qualquer pessoa com a menor sensibilidade refletir sobre a condição lamentável a que a parte feminina dos habitantes de Jerusalém sofreram neste momento, sem experimentar as mais ternas emoções

de simpatia, ou abster-se de lágrimas enquanto ele lê o discurso de nosso Salvador às mulheres que "lamentaram" quando ele foi levado ao Calvário, onde Ele evidentemente se refere a essas mesmas calamidades: "Filhas de Jerusalém, não chorem por mim, mas por vocês mesmas e pelos vossos filhos; porque eis que vêm os dias em que dirão: "Bem-aventuradas as estéreis e os ventres que nunca deram à luz e os seios que nunca amamentaram" (Lucas 23.29).

O fato melancólico acima também foi literalmente predito por Moisés: "E quanto à mulher mais mimosa e delicada no meio de ti, que de mimo e delicadeza nunca tentou pôr a planta de seu pé sobre a terra, será maligno o seu olho contra o homem de seu regaço, e contra seu filho, e contra sua filha; e isto por causa de suas páreas, que saírem dentre os seus pés, e para com os seus filhos que tiver, porque os comerá às escondidas pela falta de tudo, no cerco e no aperto, com que o teu inimigo te apertará nas tuas portas" (Deuteronômio 28:56-57). Esta previsão foi parcialmente cumprida, quando Samaria, a capital das tribos revoltadas, foi sitiada por Ben-Hadade; e depois em Jerusalém, antes de sua captura por Nabucodonosor; mas sua realização exata e literal em relação a uma senhora de posição, delicada e voluptuosamente educada, foi reservada para o período de que estamos falando. E, merece consideração particular, como uma circunstância que aumenta muito a importância desta profecia, de que a história do mundo não registra que um exemplo paralelo de barbárie não natural tenha ocorrido durante o cerco de qualquer outro lugar, em qualquer outra época ou nação. De fato, o próprio Josefo declara que, se não houvesse muitas testemunhas credíveis do fato, ele não o teria registrado, "porque", como ele observa, "uma violação tão chocante nunca foi perpetuada por nenhum grego ou bárbaro", a inserção disso poderia ter diminuído a credibilidade de sua história.

Enquanto a fome continuava a espalhar sua fúria destrutiva pela cidade, os romanos, depois de muitas tentativas ineficazes, finalmente conseguiram demolir parte da muralha interna, possuíram a grande

torre de Antônia e avançaram em direção ao Templo, e Tito, em um conselho de guerra havia determinado preservar [o templo] como um ornamento para o império e como um monumento de seu sucesso; mas o Todo-Poderoso havia determinado o contrário; pois agora, na revolução das eras, chegou aquele dia fatal, enfaticamente chamado de "um dia de vingança" (Lucas 21.21), no qual o Templo havia sido anteriormente destruído pelo rei da Babilônia. Um soldado romano, impelido, como ele declarou, por um impulso divino, independentemente da ordem de Tito, subiu nos ombros de outro e jogou uma marca em chamas na janela dourada do Templo, que instantaneamente incendiou o prédio. Os judeus, ansiosos acima de tudo por salvar aquele edifício sagrado, no qual confiavam supersticiosamente, com um clamor terrível, precipitaram-se para apagar as chamas. Tito também, apressou-se para o local em sua carruagem, acompanhado por seus principais oficiais e legiões; mas em vão ele acenou com a mão e ergueu a voz, ordenando aos seus soldados que apagassem o fogo; tão grande foi o alvoroço e confusão, que nenhuma atenção foi dada mesmo a ele. Os romanos, deliberadamente surdos em vez de extinguir as chamas, espalharam-nas cada vez mais. Movidos pelos impulsos mais violentos de rancor e vingança contra os judeus, eles avançaram furiosamente sobre eles, matando alguns com a espada, pisoteando outros sob seus pés ou esmagando-os até a morte contra as paredes. Muitos, caindo entre as ruínas fumegantes das varandas e galerias, foram sufocados. Os pobres desarmados, e até mesmo os doentes, eram massacrados sem misericórdia. Dessas pessoas infelizes, muitos foram deixados banhados em seu sangue. Multidões de mortos e moribundos amontoavam-se ao redor do altar, para o qual haviam fugido em busca de proteção, enquanto os degraus que conduziam ao átrio externo foram literalmente inundados com sangue.

Achando impossível conter a impetuosidade e crueldade de seus soldados, o comandante chefe procedeu, com alguns de seus oficiais superiores, a fazer um levantamento das partes do edifício que ainda não foram alcançadas pelo incêndio. Não tinha, neste momento,

alcançado o templo interno, que Tito entrou e viu em silenciosa admiração. Impressionado com a magnificência de sua arquitetura e a beleza de suas decorações, que até superou o relato de fama a respeito deles; e percebendo que o santuário ainda não havia pegado fogo, ele redobrou seus esforços para impedir o avanço das chamas. Ele condescendeu até mesmo em suplicar aos seus soldados que exercessem todas as suas forças e atividades para este propósito, e designou um centurião dos guardas para puni-los se eles novamente o desconsiderassem: mas tudo foi em vão. A fúria delirante dos soldados não conhecia limites. Ansiosos por saques e massacres, eles igualmente desprezavam as solicitações e ameaças de seu General. Mesmo enquanto ele estava assim empenhado na preservação do santuário, um dos soldados estava realmente empenhado em atear fogo às ombreiras das portas, o que fez com que o incêndio se generalizasse. Tito e seus oficiais foram agora obrigados a se retirar, e ninguém permaneceu para conter a fúria dos soldados ou as chamas. Os romanos, exasperados ao extremo contra os judeus, agarraram todas as pessoas que puderam encontrar e, sem a menor preocupação com sexo, idade ou qualidade, primeiro saquearam e depois os mataram. Os velhos e os jovens, as pessoas comuns e os sacerdotes, os que se renderam e os que resistiram, estiveram igualmente envolvidos nesta carnificina horrível e indiscriminada. Enquanto isso, o Templo continuou queimando, até que por fim, vasto como era seu tamanho, as chamas envolveram completamente o edifício inteiro; o que, pela extensão da conflagração, impressionou o espectador distante com a ideia de que a cidade inteira estava agora em chamas. O tumulto e a desordem que se seguiram a este evento, é impossível (diz Josefo) para a linguagem descrever. As legiões romanas deram os gritos mais horríveis; os rebeldes, encontrando-se expostos à fúria do fogo e da espada, gritaram terrivelmente; enquanto as pessoas infelizes que se encontravam encerradas entre o inimigo e as chamas, deploravam a sua situação nas mais lamentáveis queixas. Os que estavam na colina e os da cidade pareciam retribuir mutuamente os gemidos um do outro. Os que estavam morrendo de fome, foram revividos por esta cena horrível e pareciam adquirir novos espíritos

para deplorar seus infortúnios. As lamentações da cidade ressoaram nas montanhas adjacentes e em lugares além do Jordão. As chamas que envolveram o Templo eram tão violentas e impetuosas, que a colina elevada, no qual se erguia parecia, mesmo diante de suas profundas fundações, como um grande corpo de fogo. O sangue dos sofredores fluía em proporção a raiva desse elemento destrutivo; e o número do mortos excedeu qualquer possibilidade de cálculo. O chão não podia ser visto por causa dos cadáveres, sobre os quais os romanos pisotearam em busca dos fugitivos; enquanto o ruído crepitante das chamas devoradoras se misturavam ao clamor das armas, os gemidos dos moribundos e os gritos de desespero aumentavam o tremendo horror de uma cena, à qual as páginas da história não podem fornecer paralelo.

Entre os acontecimentos trágicos que ocorreram nesta época, o seguinte é mais particularmente digno de nota: um falso profeta, fingindo uma comissão divina, afirmou que, se o povo se dirigisse ao Templo, eles deveriam ver sinais de sua rápida libertação. Assim, cerca de seis mil pessoas, principalmente mulheres e crianças, reunidas em uma galeria, que ainda estava de pé, do lado de fora do edifício. Enquanto esperavam ansiosamente pelo milagre prometido, os romanos com a mais desenfreada barbárie, atearam fogo à galeria; da qual, multidões, frenéticos por sua situação horrível, precipitaram-se nas ruínas abaixo e foram mortos pela queda; enquanto, horrível de relatar, o resto, sem uma única exceção, pereceu nas chamas. Tão necessária foi a segunda premonição de nosso Senhor de não dá crédito aos "falsos profetas", que fingiriam "apresentar grandes sinais e maravilhas". Neste último cuidado, como demonstra a conexão da profecia, Ele evidentemente se refere ao período do cerco, mas no primeiro Ele se refere ao intervalo imediatamente anterior à guerra judaica (Mateus 24.5,23-26).

O Templo agora apresentava pouco mais do que um monte de ruínas; e o exército romano, em triunfo sobre o evento, veio e ergueu suas insígnias sobre um fragmento do portão oriental e, com

sacrifícios de ação de graças, proclamou majestade imperial a Tito, com todas as demonstrações de alegria possíveis.

Assim terminou a glória e a existência deste edifício sagrado e venerável, que por seu tamanho estupendo, sua solidez maciça e força surpreendente, parecia formado para resistir às mais violentas operações da força humana e permanecer, como as pirâmides, em meio aos choques de idades sucessivas, até a dissolução final do globo.[96]

Durante cinco dias após a destruição do Templo, os sacerdotes que haviam escapado sentaram-se, morrendo de fome, no topo de uma de suas paredes quebradas; por fim, eles desceram e humildemente pediram o perdão de Tito, que, no entanto, se recusou a conceder-lhes, dizendo que, "como o Templo, pelo qual ele os teria poupado, foi destruído, seus sacerdotes deveriam ser destruídos também". Então, ele ordenou que fossem condenados à morte.

Os líderes das facções, agora pressionados por todos os lados, imploraram uma conferência com Tito, que se ofereceu para poupar

[96] Desde sua primeira fundação pelo rei Salomão, até sua destruição, foram mil e trinta anos, sete meses e quinze dias; e de sua reedição por Ageu, até o mesmo período, seiscentos e trinta e nove anos e quarenta e cinco dias. Já foi sugerido que, por uma coincidência muito singular, foi agora reduzido a cinzas no mesmo mês e no mesmo dia do mês em que havia sido anteriormente queimado pelos babilônios. Essas duas eras são distinguidas também por outra coincidência extraordinária, que Josefo, em um de seus discursos aos judeus, apontou para eles como um dos sinais que pressagiaram a destruição de sua cidade.

"As fontes", disse ele, "fluem copiosamente para Tito, que para você se secaram; pois, antes que ele viesse, você sabe que tanto Siloé secou, como todas as fontes fora da cidade, de modo que a água foi comprada pela ânfora [um vaso contendo cerca de sete galões;] mas agora eles são tão abundantes para seus inimigos, que bastam, não apenas para eles e seu gado, mas também para seus jardins. Esta maravilha você também experimentou anteriormente quando o rei dos babilônios colocou cerco à sua cidade".

suas vidas, desde que deponham as armas. Essa condição razoável, entretanto, eles se recusaram a cumprir; e após isso Tito, exasperado por sua obstinação, resolveu que dali em diante não concederia perdão aos insurgentes, e ordenou que uma proclamação fosse feita para esse efeito. Os romanos agora tinham plena licença para devastar e destruir. Na manhã seguinte, eles incendiaram o castelo, o cartório, a câmara do conselho e o palácio da rainha Helena; e então se espalharam por toda a cidade, massacrando onde quer que fossem, e queimando os corpos que estavam espalhados por todas as ruas e no chão de quase todas as casas. No palácio real, onde tesouros imensos foram depositados, os judeus sediciosos assassinaram oito mil e quatrocentos membros de sua própria nação, e depois saquearam suas propriedades. Um número prodigioso de desertores, também, que escaparam dos tiranos e fugiram para o acampamento inimigo, foram mortos. Os soldados, entretanto, finalmente, cansados de matar e fartos do sangue que haviam derramado, empunharam suas espadas e procuraram satisfazer a avareza. Com esse propósito, eles pegaram os judeus, junto com suas esposas e famílias, e os venderam publicamente, como gado no mercado, mas em muitas multidões foram expostos à venda, enquanto os compradores eram poucos em número. Então, foram cumpridas as palavras de Moisés: "e sereis vendidos como escravos e escravas aos vossos inimigos; mas não haverá quem vos compre" (Deuteronômio 28.68).

Os romanos, tendo se tornado senhores da cidade baixa, incendiaram-na. Os judeus, então, fugiram para a cidade alta, de onde, com seu orgulho e insolência ainda inabaláveis, continuaram a exasperar seus inimigos e até pareceram ver o incêndio da cidade baixa como sinais de prazer. Em pouco tempo, porém, as paredes da cidade alta foram demolidas pelas máquinas romanas e os judeus, ultimamente tão arrogantes e presunçosos agora, tremendo e em pânico, caíram em seus rostos e deploraram seu próprio entusiasmo. Os que estavam nas torres, considerados inexpugnáveis à força humana, além da medida assustados, estranhamente os abandonaram e buscaram refúgio em cavernas e passagens subterrâneas; em que

não menos que dois mil cadáveres foram encontrados posteriormente. Assim, como nosso Senhor havia predito, essas criaturas miseráveis, de fato, disseram para as montanhas, "Caí sobre nós"; e para as rochas, "Cubra-nos" (Lucas 23:20) Estando as muralhas da cidade agora completamente de posse dos romanos, eles içaram suas cores nas torres e irromperam nas mais triunfantes aclamações. Depois disso, todo o aborrecimento dos judeus chegou ao fim, os soldados deram uma licença desenfreada à sua fúria contra os habitantes. Eles primeiro saquearam e depois incendiaram as casas. Eles percorreram as ruas com espadas desembainhadas nas mãos, assassinando todos os judeus que encontravam, sem distinção; até que por fim, os corpos dos mortos obstruíram todos os becos e passagens estreitas enquanto seu sangue literalmente corria pelos canais da cidade em riachos. Ao cair da noite, os soldados trocaram a espada pela tocha e, em meio à escuridão desta noite terrível, atearam fogo às restantes divisões do local. O frasco da ira divina, que há tanto tempo estava enchendo sobre esta cidade devotada, estava agora sendo derramada, e JERUSALÉM, outrora "um louvor em toda a terra", e objeto de mil profecias, privado do "cajado da vida", envolto em chamas, e sangrando por todos os lados, mergulhado em total ruína e desolação. Este cerco memorável terminou no oitavo dia do nono mês, em 70 dC: Sua duração foi de quase cinco meses, os romanos tendo investido a cidade no décimo quarto dia do quarto mês anterior.

Antes de sua demolição final, no entanto, Tito fez um levantamento da cidade e suas fortificações; e, enquanto contemplava sua força inexpugnável, não podia deixar de atribuir seu sucesso à peculiar interposição do próprio Todo Poderoso. "Se o próprio Deus (exclamou) não tivesse ajudado nas operações e expulsado os judeus de suas fortalezas, teria sido absolutamente impossível tomá-los; pois o que os homens e a força das máquinas poderiam ter feito contra torres como essas?" Depois disso, ele ordenou que a cidade fosse arrasada até os alicerces, com exceção apenas das três torres elevadas - Hipocos, Phasael e Mariamne - que ele permitiu que

permanecessem como evidências de sua força e como troféus de sua vitória. Ficou de pé, também, uma pequena parte da parede oeste; como uma muralha para uma guarnição, para manter a região circundante sob submissão. Tito, então, deu ordens para que apenas os judeus que resistissem fossem mortos; mas os soldados, igualmente desprovidos de piedade e remorso, mataram até os enfermos e os idosos. Os ladrões e os sediciosos foram todos punidos com a morte: os mais altos e belos jovens, junto com vários dos nobres judeus, foram reservados por Tito para agraciar sua entrada triunfal em Roma. Após essa seleção, todos com mais de dezessete anos foram enviados acorrentados ao Egito, para serem empregados lá como escravos ou distribuídos por todo o império para serem sacrificados como gladiadores nos anfiteatros; enquanto os menores de idade foram expostos à venda.

Durante o tempo em que essas coisas foram negociadas, onze mil judeus, guardados por um dos generais, chamado Fronto, morreram de fome literalmente. Esta ocorrência melancólica aconteceu em parte devido à escassez de provisões e em parte devido à sua própria obstinação e negligência dos romanos.

Dos judeus destruídos durante o cerco, Josefo calcula não menos de UM MILHÃO E CEM MIL, aos quais devem ser adicionados, mais de DUZENTOS E TRINTA E SETE MIL que morreram em outros lugares, e inúmeras multidões que foram varridas pela fome, e peste, e dos quais nenhum cálculo poderia ser feito. Não menos de dois mil impuseram violência contra si próprios. Dos cativos, o todo era cerca de NOVENTA E SETE MIL. Dos dois grandes líderes dos judeus, que haviam sido feitos prisioneiros, João foi condenado a uma masmorra pelo resto da vida; enquanto Simão em triunfo a Roma foi açoitado e condenado à morte como um malfeitor.

Ao executar o comando de Tito, relativo à demolição de Jerusalém, os soldados romanos não só derrubaram os prédios, mas até mesmo cavaram seus alicerces, e arrasaram de tal forma todo o circuito da

cidade, que um estranho mal saberia que um dia foi habitada por seres humanos. Assim esta grande cidade, que apenas cinco meses antes, tinha sido apinhada com quase dois milhões de pessoas, que se gloriavam em sua força inexpugnável, estava totalmente despovoada e nivelada ao solo. E assim, foi a predição de nosso Senhor, que seus inimigos deveriam "derrubá-la no chão" e "não deveriam deixar nela pedra sobre pedra" (Lucas 19.44) impressionante e totalmente cumprida. Este fato é confirmado por Eusébio, que afirma ter visto a cidade em ruínas; e Josefo apresenta Eleazar exclamando: "Onde está nossa grande cidade, que, acreditava-se, que DEUS habitava? Ela está totalmente arraigada e arrancada de seus alicerces; e o único monumento que resta, é o acampamento de seus destruidores montado no meio de suas relíquias!".

A respeito do Templo, nosso Senhor predisse, particularmente, que, não obstante suas dimensões maravilhosas, não deveria "ser deixada pedra sobre pedra que não deva ser derrubada"; e, consequentemente, é registrado, no Talmud, e por Maimonides, que Terentius Rufus, capitão do exército de Tito, arou absolutamente as fundações do Templo com uma relha de arado. Assim, foi literalmente cumprida aquela profecia de Miquéias: "Portanto, Sião, por vossa causa (isto é, por vossa maldade), será arada como um campo, e Jerusalém se tornará em montões, e o monte da casa do Senhor como os lugares altos da floresta" (Miquéias 3.12).

Assim, foram terrivelmente completas, além do exemplo, as calamidades que se abateram sobre a nação judaica, e especialmente a cidade de Jerusalém. Com verdade, então, nosso Senhor declarou, que deveria haver "grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo, nem nunca haverá!" (Mateus 24.21). Tal era a predição: a linguagem com que Josefo declara seu cumprimento é uma contraparte exata a ele: "Se as desgraças", diz ele, "de todas as nações, desde o início do mundo, fossem comparados com aqueles que aconteceram aos judeus, eles pareceriam muito menos em comparação"; e novamente, "Nenhuma outra cidade jamais sofreu tal

coisa, como nenhuma outra geração, desde o princípio do mundo, foi mais fecunda em iniquidade". Estes foram, de fato, "os dias da vingança, para que todas as coisas que estão escritas (especialmente por Moisés, Joel e Daniel) pudessem ser realizadas" (Lucas 21.22). Nem mesmo agora as calamidades desta nação malfadada terminaram; pois ainda havia outros lugares para subjugar; e nosso SENHOR havia assim predito: "Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão as águias" (Mateus 24.28). Após a destruição de Jerusalém, mil e setecentos judeus que se renderam em Macherus foram mortos, e de fugitivos não inferior a três mil no bosque dos Jardes. Tendo Tito marchado com seu exército para Cesaréia, ele lá, com grande esplendor, celebrou o dia do nascimento de seu irmão Domiciano; e de acordo com a maneira bárbara daquela época, puniu muitos judeus em sua homenagem. O número dos que foram queimados e que caíram lutando com feras e em combates mútuos ultrapassou dois mil e quinhentos. No cerco de Massada, Eleazar, o comandante, instigou a guarnição a queimar suas provisões e a destruir primeiro as mulheres, crianças e depois a si mesmos. Por mais terrível que seja de se relacionar, esse design horrível foi executado. Estavam em número de novecentos e sessenta. Dez foram escolhidos para realizar o trabalho sangrento: o resto sentou-se "no chão", e abraçando suas esposas e filhos esticou o pescoço para receber o golpe da espada: um foi posteriormente designado para destruir os nove restantes e, então, ele mesmo. O sobrevivente, quando olhou em volta para ver que todos estavam mortos, ateou fogo ao lugar e colocou a espada em seu próprio peito. No entanto, duas mulheres e cinco crianças se esconderam com sucesso e testemunharam toda a transação. Quando os romanos avançaram para o ataque pela manhã, uma das mulheres deu-lhes um relato distinto deste caso melancólico e os surpreendeu com o espanto desprezo pela morte que havia sido demonstrado pelos judeus. Após este evento, se não fosse a insurreição transitória dos sicários, sob Jônatas, cessaria toda a oposição por parte dos judeus em todos os lugares. Foi a submissão da impotência e do desespero. A paz que se seguiu foi o efeito da mais terrível necessidade. O rico território da Judeia foi convertido em um deserto

desolado. Em todos os lugares, ruína e desolação se apresentavam ao passageiro solitário, e um silêncio melancólico e mortal reinava sobre toda a região.

A condição triste e desolada da Judeia, neste momento, é exatamente descrita pelo profeta Isaías, em sua seguinte profecia: "Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, e as casas sem moradores, e a terra seja de todo assolada. E, o Senhor afaste dela os homens, e no meio da terra seja grande o desamparo" (Isaías 6.11-12).

A catástrofe que agora foi revista não pode deixar de ser considerada uma das mais extraordinárias que aconteceram desde a fundação do mundo; e como agradou ao Todo-Poderoso torná-lo o assunto de uma grande proporção das profecias tanto das Escrituras Judaicas como das Cristãs, Ele ordenou que os eventos particulares que as realizaram fossem registrados, com precisão notável e por um homem singularmente preservado, qualificado e dotado de condições para esse propósito.[97] Mas, com respeito a este último ponto, ele falará por si mesmo: "No início", diz Josefo, "lutei contra os romanos, mas depois fui forçado a estar presente no acampamento romano. Na época, eu me rendi, Vespasiano e Tito me manteve preso para atendê-los continuamente. Posteriormente, fui posto em liberdade e acompanhei Tito quando veio de Alexandria para o cerco de Jerusalém. Durante esse tempo, nada foi feito que escapasse ao meu conhecimento. O que aconteceu no acampamento romano, eu vi e anotei cuidadosamente. Quanto às informações que os desertores traziam da cidade, eu era o único homem que as entendia. Depois, tive lazer em Roma; e quando todos os meus materiais foram preparados, procurei a ajuda de alguém para escrever em grego. Assim, compus a história dessas transações e apelei tanto a Tito

[97] Três vezes sua vida foi preservada como por um milagre.

quanto a Vespasiano para saber a verdade; ao qual também Júlio Arquelau, Herodes e o rei Agripa deram seu testemunho". Todas as observações aqui são desnecessárias; mas não deve ser esquecido, que Josefo era um judeu, obstinadamente apegado à sua religião; e que, embora ele tenha circunstancialmente relacionado todos os eventos notáveis daquele período, ele parece ter cuidadosamente evitado aqueles que fizeram qualquer referência a JESUS CRISTO, cuja história, e mesmo a autenticidade disso é contestada, ele resume em cerca de doze linhas. Ninguém, portanto, pode razoavelmente entreter a suspeita de que o serviço que ele prestou ao Cristianismo, por sua narrativa das transações da guerra judaica, foi em absoluto efeito de desígnio. A fidelidade de Josefo, como historiador, é, de fato, universalmente admitida; e Scaliger até mesmo afirma que, não apenas nos assuntos dos judeus, mas também nos de nações estrangeiras, ele merece mais crédito do que todos os escritores gregos e romanos juntos.

Nem é o caráter peculiar de Tito, o comandante-chefe desta guerra, indigno de nossa consideração particular. Vespasiano, seu pai, havia saído da obscuridade e foi eleito imperador, ao contrário de sua inclinação declarada, sobre o início do conflito; e assim o comando principal recaiu sobre Tito, o homem mais improvável de todos os exércitos romanos para se tornar um flagelo para Jerusalém. Ele se distinguiu eminentemente por sua grande ternura e humanidade, que exibiu em uma variedade de instâncias durante o cerco. Ele repetidamente fez aberturas pacíficas aos judeus e lamentou profundamente sua obstinação. Em suma, ele fez tudo o que um comandante militar poderia fazer para poupá-los e preservar sua cidade e templo, mas sem efeito. Assim, foi a vontade de Deus realizada pela agência, embora contrária ao desejo, de Tito; e sua predita interposição, para punir seu povo rebelde e apóstata, desta forma tornada mais conspicuamente evidente.

A história dos judeus, posteriormente ao tempo de Josefo, ainda corrobora a verdade das profecias de nosso Salvador a respeito

daquele povo oprimido e perseguido. Nessa investigação, entretanto, os limites do presente ensaio não nos permitirão entrar em particular. Nosso Senhor predisse, geralmente, que eles deveriam "cair ao fio da espada e ser levados cativos para todas as nações" (Lucas 21.24).

Passaremos agora a responder a duas ou três objeções que podem ser temerariamente opostas ao argumento inexpugnável que o relato precedente fornece em defesa de nossa religião.

1- Pode-se alegar que as profecias, cujo cumprimento foi demonstrado, não foram escritas até depois dos eventos a que se referem. A asserção não é prova; e mesmo uma conjectura nesse sentido, em face do testemunho histórico e do sentimento geral, seria ridículo. Com base na fé, então, de toda a antiguidade, afirmamos que os livros das Escrituras, contendo essas predições, foram escritos antes da destruição de Jerusalém, e confirmamos essa afirmação por meio de provas particulares.

2- Se for objetado, que, embora as narrativas possam ser escritas e publicadas antes da destruição de Jerusalém, as predições relativas a esse evento podem ser interpolações subsequentes; respondemos que isso não pode deixar de ser considerado uma suposição absurda, porque essas previsões não se limitam aos capítulos particulares aos quais nos referimos, mas estão intimamente e inseparavelmente entrelaçadas com a textura geral da história - devido ao caráter do estilo, que é uniforme - porque não há alusão, em conformidade com a prática dos historiadores sagrados, ao cumprimento dessas profecias (Atos 11.28). E por último, porque "nenhum incrédulo dos tempos primitivos, seja judeu ou gentio, quando pressionado, como ambos frequentemente eram, por esta profecia, parece ter recorrido à acusação de falsificação ou interpolação". Pode-se acrescentar também que, nos tempos modernos, nenhum descrente ilustre (nem mesmo os infiéis Voltaire e Gibbon) teve a temeridade de insinuar uma acusação dessa natureza.

3- Pode ser alegado, que a realização de previsões de nosso Senhor em relação à destruição de Jerusalém, não deve ser considerado sobrenatural, na medida em que as angústias de todas as grandes cidades, durante um cerco, são semelhantes, e porque é provável que, vez ou outra, tal deveria ser o destino de cada cidade nesta magnitude; e que, visto que a obstinação dos judeus era grande e suas fortificações potentes, quando a guerra viesse, era mais provável que Jerusalém sofresse sob essa forma mais do que qualquer outra.

Em resposta a esta objeção, observamos que não foi apenas predito que Jerusalém seria destruída, mas que seria destruída pelos romanos: e assim foi. Mas, foi um evento provável? Quando nosso Senhor deu suas predições, a Judeia já estava completamente em suas mãos. Era provável que fosse desolado por seus próprios mestres? Mais uma vez, era provável que esta pequena província fosse provocar a ira e desafiar o poder do império universal? Ou seria de se supor que a dona do mundo, irresistível a todas as nações, em vez de controlar, deveria considerar totalmente digno dela exterminar um estado comparativamente tão insignificante? Ou, estava de acordo com a disposição ou costume dos romanos, como os godos, demolir edifícios famosos por sua antiguidade e magnificência? Em vez disso, não era de se esperar que os preservassem, para manter a fama e a glória de seu império? Não obstante, como vimos, eles os destruíram, e até mesmo o ilustre Templo de Jerusalém, o principal ornamento da Ásia e a maravilha do mundo. Mas, foi predito que "assim deve ser"; e portanto o próprio Tito, com toda a sua autoridade e esforços, não conseguiu preservá-lo.

4- Se esta profecia fosse atribuída à sagacidade política, perguntaríamos, na suposição do incrédulo, como aconteceu que o Filho de um Carpinteiro, vivendo quase a totalidade de sua vida em privacidade, associado aos pobres, sem acesso aos conselhos dos príncipes ou a sociedade dos grandes, deveria possuir um grau de discernimento político que nenhum estadista consideraria menos do

que tolice reivindicar? Além disso, como ele pode prever a ruína de seu próprio país, e por isso mesmo, quando todos os seus compatriotas voltaram os olhos para um Libertador, que deveria restaurar a soberania, consolidar seu poder e estender seus limites e sua fama ? E por fim, como ele chegou a conceber, muito mais estimar, tal ideia, diametralmente contrária a todos os seus preconceitos teimosos e arraigados como um judeu?

Assim, percebemos que as próprias objeções que os incrédulos propõem ao nosso argumento, em vez de invalidá-lo, tendem apenas a ilustrá-lo e confirmá-lo mais plenamente.

Vamos, então, se realmente somos cristãos, oferecer nossos agradecimentos ao Todo Poderoso, que estabeleceu um fundamento tão firme para a nossa fé. Exultemos na certeza inviolável da Palavra Sagrada, viz. CRISTO (João 1), e asseguremo-nos de que suas promessas são tão infalíveis quanto suas predições: Para "testemunho" dentro de nós (1 João 5.10) e para um conhecimento da excelência interior do evangelho, trabalhemos para adicionar um conhecimento mais perfeito da evidência histórica e moral que o defende; para que assim possamos estar mais bem qualificados para convencer os contestadores.

Se somos cristãos apenas no nome, recebamos uma advertência salutar daquela vingança exemplar que foi infligida pelo TODO-PODEROSO a toda a nação judaica; que, enquanto "eles professavam que eles conheciam a Deus, em obras negou-Lhe"; e enquanto eles se gabavam de ser seu povo peculiar, permaneceram "estranhos ao pacto da promessa". Vamos também refletir seriamente, que ser judeu não era aquele que era apenas "exteriormente", "apenas na letra", e de quem louvor era de homens - então agora, da mesma maneira, só é um cristão quem o é "interiormente", cuja religião está assentada no coração; "no espírito e não na letra"; cujo louvor não vem dos homens, mas de Deus" (Rm 2:28-29).

Que o descrente, ou o professo deísta, para cujo benefício, principalmente, essas páginas foram escritas, pondere seriamente seu conteúdo. Pode ser apropriado afirmar que a fé que desejamos que ele possua não é meramente uma admissão sobre a evidência de que "toda a Escritura é dada por inspiração de Deus" (que, sozinha, não tem valor mais alto do que a fé) mas como um PRINCÍPIO VITAL, ATIVO, UMA FÉ que purificará o coração; "que" atua por amor que o capacitará a "lutar o bom combate", "vencer o mundo" e obter "uma coroa de vida", e uma "herança corruptível no céu".

A PAROUSIA NO EVANGELHO DE JOÃO

Nos Evangelhos Sinópticos, fomos capazes de comparar as alusões à Parousia registradas pelos evangelistas entre si; Não é fácil, contudo, entrelaçar o quarto evangelho com os sinópticos, e é frequentemente notável que não há nem uma única alusão direta à parousia no quarto evangelho. Portanto, é preferível, por todas as razões, considerar o Evangelho de São João por si só, e descobriremos que as referências ao assunto de nossa pesquisa, embora não numerosas em número, são muito importantes e cheias de interesse.

A RESSURREIÇÃO DOS MORTOS

João 5:24-29

"Na verdade, na verdade vos digo que quem ouve a minha palavra, e crê naquele que me enviou, tem a vida eterna, e não entrará em condenação, mas passou da morte para a vida.

Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão.

Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo;

E deu-lhe o poder de exercer o juízo, porque é o Filho do homem.
Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz.
E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação".

Nas referências à consumação que se aproximava, que encontramos nos Evangelhos Sinóticos, é impossível não ficar impressionados com a associação constante da parousia com o ato de julgamento sobre Jerusalém e seus habitantes. Desde o primeiro aviso deste grande evento até o último, a ideia de julgamento é apresentada de forma destacada. João Batista adverte a nação da "ira vindoura". Os homens de Nínive e a rainha do sul devem aparecer no julgamento com esta geração. Na colheita, no final da era, o joio seria queimado e o trigo recolhido no celeiro. O Filho do homem deveria vir em Sua glória para recompensar todos os homens de acordo com suas obras. O julgamento de Cafarnaum e Corazin era mais pesado que o de Tiro e Sidom. As parábolas finais no ministério de nosso Senhor são quase todas declaratórias do julgamento vindouro - as minas, os lavradores maus, o casamento do filho do rei, as dez virgens, os talentos, as ovelhas e as cabras. A grande profecia do Monte das Oliveiras lida inteiramente com o mesmo assunto.

É notável que a primeira alusão que São João faça a esse evento reconheça seu caráter judicial . Mas agora encontramos um novo elemento introduzido na descrição da consumação que se aproxima. Está relacionado com a ressurreição dos mortos; de "todos que estão nos túmulos". "Está chegando a hora em que todos os que estão nas sepulturas ouvirão a sua voz e sairão" etc.

Não pode haver dúvida de que a passagem citada (João 5:28, 29) se refere à ressurreição literal dos mortos. Também pode ser admitido que o verso precedente (João 5:25-26) refere-se à comunicação da

vida espiritual aos espiritualmente mortos.[98] O tempo para este processo vivificante já havia começado. Os mortos em delitos e pecados estavam prestes a serem vivificados pelo poder vivificador do Espírito divino agindo sobre as almas dos homens na pregação do evangelho de Cristo. Este poder vitalício pertencia por nomeação divina ao Filho de Deus, a quem também fora confiado, em virtude de sua humanidade, o ofício de juiz supremo. (João 5:27)

Antecipando que essa afirmação de ser o Juiz da humanidade iria fascinar Seus ouvintes, nosso Senhor prossegue para fortalecer Sua afirmação e aumentar sua admiração, declarando que, por sua voz, e em pouco tempo, os mortos sairiam de suas sepulturas para permanecer diante do Seu trono de julgamento.[99]

---

[98] Alguns intérpretes preferem entender "os mortos" no verso 25 como tendo referência a casos como a filha de Jairo, o filho da viúva de Naim, e Lázaro de Betânia, pessoas literalmente ressuscitadas e restauradas à vida por nosso Senhor. Eles entendem que o argumento de nosso Senhor é algo assim: "Você está espantado com a obra maravilhosa que eu realizei sobre esse homem impotente, mas você ainda verá maravilhas muito maiores. O momento chegou quando vou levantar até mesmo os mortos para a vida; e se isso parecer incrível para você, um trabalho ainda mais poderoso será um dia realizado por meu poder: pois virá a hora em que todos os que estão no sepulcro sairão diante de meu chamado". Esta explicação tem a vantagem da consistência, ao dar o mesmo sentido da palavra "morto" ao longo de toda a passagem; mas parece impossível admitir que nosso Senhor no versículo 24 esteja falando de morte literal. Dizer que o crente já "passou da morte para a vida" obviamente é a mesma coisa que dizer que ele passou da condenação à justificação. Sentimo-nos compelidos, portanto, a adotar a interpretação geralmente recebida, que considera os versículos 24 e 25 como referentes aos mortos espiritualmente, e os versículos 28 e 29 aos mortos corporais. Sentimo-nos obrigados, portanto, a adotar a interpretação geralmente aceita em relação aos versículos 24, no sentido de que se referem ao espiritualmente mortos, e em relação aos versículos 25 a 29, no sentido de que referem-se aos mortos corpóreos.

[99] Será evidente para quem estuda de perto essa passagem que existem duas ressurreições aqui mencionadas. A primeira está nos versículos 24-27, e é chamado de "passar da morte para a vida". Aqui a ressurreição é espiritual, experimentada por todos aqueles que "ouvem" a palavra de Cristo e "crêem" naquele que o enviou. É uma condição ou um "status", e não uma questão de

O leitor notará particularmente as indicações de tempo especificadas por nosso Senhor nessas passagens importantes. Primeiro, temos "a hora está chegando, e agora é": isto sugere que a ação mencionada, a comunicação da vida aos mortos já começou a entrar em vigor. Em seguida, temos "a hora está chegando", sem a adição das palavras "e agora é:" sugerindo que o evento especificado, a saber, a ressurreição dos mortos de suas sepulturas, está a uma distância maior do tempo, embora ainda não muito longe. A fórmula "a hora está chegando" sempre indica que o evento referido não está muito distante. Na verdade, ele não define o tempo, mas o coloca dentro de um período comparativamente breve. Encontramos essas duas expressões. "a hora está chegando" e "a hora está chegando, e agora está", usada por nosso Senhor em sua conversa com a esposa de Samaria (João 4: 21,23), e seu uso aqui pode nos ajudar a estabelecer sua força na passagem que temos diante de nós. Quando nosso Senhor diz: "vem a hora, e agora é, quando os verdadeiros

---

apreensão ocular. Ele ordenou a filha do príncipe da sinagoga, "levante-se;" então ele ordenou ao filho da viúva, "Jovem, levante-se"; então ele ordenou Lázaro, "vem adiante"; e todos estes ouviram a voz do Filho de Deus e viveram. Estas foram ressurreições físicas ocorrendo na esfera visível e claramente percebida por todos; pois fazia parte da obra especial de Cristo, do qual ele deveria realizar diante dos homens para que sua divindade pudesse ser perfeitamente provada, ou a sua vinda do Pai evidenciada aos discípulos de João Batista e outros. Nos versos 28-29 chegamos a segunda ressurreição que é mencionada neste capítulo, "de todos os que estão nos túmulos". Destes, é dito que devem ouvir a sua voz e sair (ekporeuomai). Nós acreditamos que esta palavra foi usada com cuidado e sabedoria especiais com o objetivo de dar uma ideia diferente para o ouvinte e leitor sobre o modo da ressurreição aqui mencionado; Todos que estavam nas sepulturas deveriam sair para a ressurreição da vida ou para a ressurreição do julgamento; indicando que este deveria ser um processo da sepultura a uma condição de gozo ou punição, ao invés de sair da sepultura à vista dos homens para que possam continuar nesta vida terrena. A frase usada por Cristo "os que estão nos túmulos" não precisa nos incomodar; embora todos os que estão mortos não estejam em sepulturas ou enterrados na terra; todavia, como a maior parte está em sepulturas, essa palavra é escolhida para expressar a universalidade da ressurreição dos mortos.

adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade", ele sugere que o tempo já estava presente, pois ele não havia começado a coletar a adoração daquela igreja espiritual dos verdadeiros adoradores dos quais ele falou? Quando, porém, Ele diz: "Mulher, acredite em mim, chega a hora em que você não deve adorar o Pai nesta montanha, nem ainda em Jerusalém", Ele fala de um tempo que, embora não distante, ainda não havia chegado. Ele previu o período em que falou, quando o culto ao templo cessaria - quando o monte Sião fosse "arado como um campo", e o monte Gerizirn também ficaria desolado com o dilúvio da ira que viria. Mas a revogação do local e do material foi necessária para a inauguração do universal e do espiritual; e, portanto, o templo com seu ritual deveria ser varrido para dar lugar ao culto mais nobre "em espírito e em verdade".

Certamente, não se pode provar absolutamente que a frase "a hora está chegando" se refira exatamente ao mesmo ponto do tempo nesses dois casos, embora a presunção seja forte. Basta, neste estágio, observar o fato de que nosso Senhor aqui fala da ressurreição dos mortos e do julgamento como eventos que não eram distantes, mas estava tão próximo que se poderia dizer adequadamente: "A hora está chegando". etc.

A RESSURREIÇÃO, O JULGAMENTO E O ÚLTIMO DIA

João 6:39. "E a vontade do Pai que me enviou é esta: Que nenhum de todos aqueles que me deu se perca, mas que o ressuscite no último dia".

João 6:40: "Porquanto a vontade daquele que me enviou é esta: Que todo aquele que vê o Filho, e crê nele, tenha a vida eterna; e eu o ressuscitarei no último dia".

João 6:44: "Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou o não trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia".

João 6:54: "Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia".

João 11:24: "Disse-lhe Marta: Eu sei que há de ressuscitar na ressurreição do último dia".

João 12:48: "A palavra que falei, ela o julgará no último dia".

Temos nessas passagens outra nova frase em conexão com a consumação que se aproxima, que é peculiar ao Quarto Evangelho. Nunca encontramos nos sinópticos a expressão "o último dia", embora encontremos seus equivalentes "naquele dia" e "o dia do julgamento". Não se pode duvidar que essas expressões sejam sinônimos e se refiram ao mesmo período.[100] Mas já vimos que o julgamento é contemporâneo do "fim dos tempos" (sunteleia tou aionos) e inferimos que "o último dia" é apenas outra forma da expressão "o fim dos tempos ou Aeon". A Parousia também é constantemente representada como coincidente no tempo com "o fim dos tempos", de modo que todos esses grandes eventos, a Parousia, a ressurreição dos mortos, o julgamento e o último dia, são contemporâneos. Desde então, o fim dos tempos não é, como geralmente se imagina, o fim do mundo, ou a destruição total da terra, mas o fim da economia judaica; e como o próprio Senhor, de maneira distinta e frequente, coloca esse evento dentro dos limites da geração existente, concluímos que a Parousia, a ressurreição, o

[100] É evidente que as expressões: "vem a hora em que todos os que estão nos túmulos ressuscitarão" e a ressurreição do último dia referem-se ao mesmo evento e período.

julgamento e o último dia pertencem ao período da destruição de Jerusalém.[101]

Por mais surpreendente ou surpreendente que essa conclusão possa parecer à primeira vista, é com isso que os ensinamentos do Novo Testamento estão absolutamente comprometidos e, à medida que avançamos nesta investigação, encontraremos as evidências que a sustentam, acumulando-se a um grau que ser irresistível. Nos encontraremos com expressões como "os últimos tempos", "os últimos dias" e "a última hora", denotando evidentemente o mesmo período que "o último dia" - mencionado não como estando longe,

[101] De Daniel 12:2, lemos que "no tempo do fim", quando haverá um tempo de grande tribulação, "muitos daqueles que dormem no pó da terra acordarão, alguns para a vida eterna e outros para vergonha e desprezo eterno". Daniel é informado que ele iria descansar, e ao fim dos dias seria levantado para receber sua herança (Dn.12:13). Que ideias particulares Daniel entretinha sobre a ressurreição é impossível determinar, pois ele não dá nenhuma declaração sobre esse ponto; mas é claro que é uma linguagem que seria usada apropriadamente para alguém que acreditava na doutrina da ressurreição dos mortos e que pretendia direcionar sua mente para as cenas longínquas e gloriosas quando "muitos" dos mortos ressuscitariam. De Mateus 12:41-42 lemos que "no dia do juízo" a rainha do sul e os Ninivitas ressurgirão com "esta geração", e o significado é que eles ressuscitarão dos mortos e serão uma testemunha contra aquela geração no dia do julgamento (cujo tempo no Novo Testamento é incontestavelmente contemporâneo à destruição de Jerusalém). Mas, uma pequena consideração nos mostrará que essas passagens não descrevem necessariamente uma ressurreição visível aos olhos mortais (pelo menos não na medida em que os cristãos estão preocupados) dos corpos mortais que foram colocados nos túmulos, mas uma ressurreição daquelas almas desencarnadas para vestirem seus novos corpos, para permanecer diante do Seu trono de julgamento (um evento que ocorre inteiramente no reino invisível. cf. Ap. 20:4, 13). E assim vemos que quando Jesus diz tão frequentemente daquele que crê nele "Eu o ressuscitarei no último dia", ele está falando do último dia daquele aeon (ou dispensação) que estava passando, o tempo em que ele ressuscitou todos os crentes que viveram durante aquela era, e os trouxe para desfrutar de sua glória eterna nos lugares celestiais. Esta não foi uma ressurreição visível aos olhos mortais, pois foi realizada inteiramente na esfera invisível. Chegamos assim à mesma conclusão por outras vias independentes, fortalecendo assim imensamente a força da demonstração.

mas até como presente. Enquanto isso, podemos apenas pedir ao leitor que reserve seu julgamento, e com calma e imparcialidade, para pesar as evidências derivadas não da autoridade humana, mas da própria palavra de inspiração.

O JULGAMENTO DESTE MUNDO E DO PRÍNCIPE DESTE MUNDO

João 12:31 "Agora é o juízo deste mundo; agora será expulso o príncipe deste mundo".

João 16:11 "E do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado".

É comum explicar estas palavras como significando que uma grande crise na história espiritual do mundo estava agora à mão: que a morte de Cristo na cruz foi o ponto de viragem, por assim dizer, do grande conflito entre o bem e o o mal, entre o Deus vivo e verdadeiro e o falso deus usurpador deste mundo - que o resultado da morte de Cristo seria a derradeira derrota do poder de Satanás e o estabelecimento final do reino da verdade e justiça nas ruínas do império de Satanás.

Sem dúvida há muita verdade importante nesta explicação, mas ela não satisfaz todos os requisitos da linguagem muito distinta e enfática de nosso Senhor com relação à proximidade e completude do evento ao qual Ele se refere: "Agora é o julgamento de este mundo; agora o príncipe deste mundo será lançado fora". Não é suficiente dizer que, para a previsão profética de nosso Salvador, o futuro distante era como se fosse o presente; nem que, pela proximidade de sua morte, o julgamento do mundo e a expulsão de Satanás seriam virtualmente assegurados, e que, portanto, poderiam ser considerados como "agora". Nem é suficiente dizer que a partir do momento em que o grande sacrifício da cruz foi realizado, o poder e influência de Satanás

começou a diminuir, e têm a diminuir constantemente, até que ele finalmente seja aniquilada. A linguagem de nosso Senhor aponta manifestamente para uma grande e final transação judicial, que em breve aconteceria. Mas o julgamento é um ato que dificilmente pode ser concebido como se estendendo por um período indefinido, e especialmente quando é restringido pela palavra agora, a um ponto distinto e iminente do tempo. A frase "expulso" também é evidentemente uma alusão à expulsão de um demônio de um corpo possuído por um espírito imundo. Mas isso sugere um ato repentino, violento e quase instantâneo, e não um processo gradual e prolongado. Nenhuma figura poderia ser menos apropriada para descrever o lento refluxo e a exaustão final do poder satânico do que a expulsão de um demônio. Somos obrigados, portanto, a deixar de lado a explicação que faz as palavras de nosso Senhor se referirem a um julgamento que, após o lapso de muitas eras, ainda está em andamento; ou a uma expulsão de Satanás que ainda não foi efetuada. Ele não falaria de um julgamento que não aconteceria há milhares de anos como "agora", nem de uma "expulsão" iminente de Satanás, que seria o resultado de um processo lento e prolongado.

Concluímos, então, que quando nosso Senhor disse: "Agora é o julgamento deste mundo", etc., Ele se referiu a um evento que estava próximo, e em certo sentido imediato: isto é, Ele tinha em vista a grande catástrofe que não parece ter estado ausente dos Seus pensamentos - a solene transação judicial em que "o Filho do homem se assentaria no trono da sua glória" - a grande "colheita" no fim dos tempos, quando o anjo os ceifeiros deveriam "reunir de seu reino todas as coisas que ofendem, e os que cometem iniquidade". Se for objetado a isso que a palavra kosmos (mundo) seja muito abrangente para ser restrita a uma terra ou uma nação, pode-se responder que kosmos é empregado aqui, como em algumas outras passagens, especialmente nos escritos de São João, mais no sentido ético do que como expressão geográfica. (Ver João 7:7, 8:23, 1 João 2:15, 5:14).

Mas pode-se dizer, como este julgamento de Israel pode ser dito

como "agora", mais do que um julgamento que ainda está no futuro? Quarenta anos daqui não é mais do que quatro mil anos. A isto pode ser respondido, Que o evento era agora iminente que mais do que qualquer outro e precipitaria o dia da desgraça para Israel. A crucificação de Cristo foi o clímax do crime - o ato culminante de apostasia e culpa que encheu o cálice da ira e selou o destino da "geração perversa". O intervalo entre a crucificação de Cristo e a destruição de Jerusalém foi apenas o curto espaço entre o pronunciamento da sentença e a execução do criminoso; e da mesma forma, nosso Senhor, quando ele deixou o templo pela última vez, exclamou: "Eis que a vossa casa fica desolada!", embora sua desolação só tenha acontecido quase quarenta anos depois, para que Ele pudesse dizer: "Agora é o julgamento deste mundo - embora um espaço similar de tempo possa decorrer entre o enunciado e a realização de Suas palavras.

De maneira semelhante, a "expulsão do príncipe deste mundo" é representada como coincidente com "o julgamento deste mundo", e ambos são manifestamente o resultado da morte de Cristo. Mas como se pode dizer que Satanás foi expulso no período mencionado, o julgamento no final da era? Esse evento marcou uma grande época na administração divina. Foi a inauguração de uma nova ordem de coisas: a "vinda do reino de Deus" em um sentido elevado e especial quando a relação especial entre Jeová e Israel foi dissolvido, e ele veio a ser conhecido como Deus e Pai de toda raça humana. A partir de então, Satanás não seria mais o deus deste mundo, mas o Altíssimo levaria o reino para si. Esta revolução foi efetuada pela morte expiatória de Cristo na cruz, que é declarado "a reconciliação de todas as coisas nele mesmo, tanto os da terra como os do céu" (Cl. 1:20). Mas a inauguração formal da nova ordem é descrito como tendo lugar no "fim dos tempos", o período em que "o reino de Deus vem com poder" e o Filho do homem se assenta como um juiz "no trono de sua glória". Isso explica por que o Novo Testamento retrata Satanás ainda ativo e na Terra no tempo entre a ascensão e entronização de Cristo e a parousia (Efésios 2:2; 6:11; 16; Tiago 4:7; 1

Pedro 5: 8; 1 Tessalonicenses 2:18; 1 João 5:19). Embora Jesus tenha recebido toda autoridade "no céu e na terra" na cruz (Mateus 28:18), Satanás ainda era o "deus" daquela "mundo" (2 Coríntios 4:4; cf. Rm. 16:20). O que poderia ser mais apropriado, então, do que a "expulsão" do príncipe deste mundo no período em que seu reino, "este mundo", foi julgado?

Pode-se objetar que, se algum evento como a expulsão de Satanás ocorrer, deve ser marcado por uma diminuição muito palpável do poder do diabo sobre os homens. A objeção é razoável, e pode ser satisfeita pela afirmação de que tal evidência do abatimento da influência satânica no mundo existe. A história dos tempos do nosso próprio Salvador fornece provas abundantes do exercício de um poder sobre as almas e corpos de homens então possuídos por Satanás, que felizmente é desconhecido em nossos dias. A misteriosa influência chamada "possessão demoníaca" é sempre atribuída na Escritura à agência satânica; e foi uma das credenciais da comissão divina de nosso Senhor que Ele, 'pelo dedo de Deus, expulsou demônios'. Em que período a sujeição dos homens ao poder demoníaco deixou de se manifestar? Era comum nos dias de nosso Senhor: ela continuou durante a era dos apóstolos, pois temos muitas alusões à expulsão de espíritos imundos; mas não temos evidência de que ela continuou a existir nas eras pós-apostólicas. O fenômeno desapareceu tão completamente que, para muitos, sua existência anterior é incrível, e eles o transformam em uma superstição popular ou, na teoria não científica da doença mental, uma explicação totalmente incompatível com as representações do Novo Testamento".[102]

É digno de nota que nosso Senhor, em uma ocasião anterior, fez

[102] Não é fácil nos colocarmos no lugar dessas primeiras gerações. Não podemos sentir como a verdadeira ação satânica era para eles; nem mesmo imaginar que formas diabólicas ele tomou. Nós sabemos, no entanto, que aquela geração vivia "a hora e o poder das trevas" e o Aeon onde "o mundo está no maligno" (1 Jo. 5:19).

uma declaração muito semelhante à que estamos considerando agora. Quando os setenta discípulos voltaram de sua missão evangélica, eles relataram com alegria o seu sucesso expulsando demônios em nome de seu Mestre: "Senhor, até os demônios estão sujeitos a nós em teu nome" (Lucas 10:17). Em resposta, Jesus disse a eles, "Eu vi Satanás cair do céu como um relâmpago", uma expressão que é quase equivalente às palavras: "Agora o príncipe deste mundo será expulso", e sobre a qual Neander faz o seguinte observações sugestivas:

"Assim como Jesus já havia designado a cura, por si mesmo, de demonizados como um sinal de que o reino de Deus tinha vindo à terra, por isso é considerado agora o que os discípulos relataram como um sinal do poder conquistador desse reino, diante do qual toda coisa má teve que voltar atrás: 'Eu vi Satanás cair do céu como um relâmpago', isto é, do pináculo do poder que ele tinha até então mantido entre os homens. Antes que o olhar intuitivo de Seu espírito se abrisse os resultados que fluiriam de Sua obra redentora após Sua ascensão ao céu, Ele viu, em espírito, o reino de Deus avançando em triunfo sobre o reino de Satanás. Ele não diz "vejo agora", mas "eu vi". Ele viu isso antes dos discípulos trazerem seu relato de suas maravilhas realizadas. Enquanto faziam essas obras isoladas, ele viu a única grande obra, da qual os seus eram apenas sinais particulares e individuais - a vitória sobre o poderoso poder do mal que havia governado a humanidade por completo.[103]

Ao comparar estas duas afirmações notáveis de nosso Senhor, há três pontos que merecem atenção especial:

1. Ambos são pronunciados em ocasiões em que o triunfo de sua causa se aproximava vividamente diante dele.

[103] Vida de Cristo, cap. 12, p. 205

2. Em ambos, a expulsão de Satanás é representada como um fato consumado.

3. Em ambos, é considerado como um ato rápido e sumário, não como um processo lento e prolongado: em um caso, Satanás cai "do céu como relâmpago"; no outro, ele é "expulso" de um demoníaco como um espírito impuro.

Neander, portanto, perdeu um pouco o verdadeiro sentido da expressão, em suas observações admiráveis. Pensamos que as palavras apontam claramente para uma grande transação judicial, ocorrendo em um ponto particular do tempo, aquele tempo muito próximo, e como conseqüência e resultado da morte do Salvador na cruz. Tal transação e tal período só podemos encontrar na grande catástrofe retratada tão vividamente por nosso Senhor em Seu discurso profético, e, portanto, não podemos hesitar em compreender Suas palavras para nos referirmos a esse evento memorável.

Nenhuma outra explicação satisfaz os requisitos da declaração: "Agora é o julgamento deste mundo; agora o príncipe deste mundo será expulso".

O RETORNO DE JESUS (A PAROUSIA) EM POUCO TEMPO

João 14:3: "E quando eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também".

João 14:18: "Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós".

João 14:28: "Ouvistes que eu vos disse: Vou, e venho para vós. Se

me amásseis, certamente exultaríeis porque eu disse: Vou para o Pai; porque meu Pai é maior do que eu".

João 16:16: "Um pouco, e não me vereis; e outra vez um pouco, e ver-me-eis; porquanto vou para o Pai".

João 16:22: "Assim também vós agora, na verdade, tendes tristeza; mas outra vez vos verei, e o vosso coração se alegrará, e a vossa alegria ninguém vo-la tirará".

Por mais simples que essas palavras possam parecer, elas causaram grande perplexidade aos comentaristas. Sua própria simplicidade talvez seja a principal causa de sua dificuldade: pois é tão difícil acreditar que eles querem dizer o que parecem dizer. Supõe-se que nosso Senhor se refira, em algumas dessas passagens, à partida da terra que se aproxima e ao seu retorno final no "fim de todas as coisas", à consumação da história humana; e que nos outros Ele se refere à Sua ausência temporária de Seus discípulos durante o intervalo entre Sua crucificação e Sua ressurreição.

Um exame cuidadoso das alusões de nosso Senhor a Sua partida e Sua vinda novamente satisfará todo leitor inteligente que Sua "vinda" ou "vinda novamente" sempre se refere a um evento em particular e a um período em particular. Nenhum evento é mais distintamente marcado no Novo Testamento do que a Parousia, a "segunda vinda" do Senhor. É sempre mencionado como um ato, e não como um processo; um grande e auspicioso evento; uma "esperança abençoada", ansiosamente esperada por Seus discípulos que acreditavam estar à mão. Os apóstolos e os primeiros crentes não sabiam nada de uma Parousia contínua por um período vasto e indefinido de tempo; nem de várias "vindas", todas distintas e separadas umas das outras; mas de apenas uma Parousia, "a gloriosa aparição do grande Deus, nosso Salvador Jesus Cristo". (Tito 2:13) Se algo está claramente escrito nas Escrituras, é isso. Portanto, é com

espanto que lemos os comentários de Dean Alford sobre as palavras de nosso Senhor em João 14:3 –

"A vinda novamente do Senhor não é um único ato, como Sua ressurreição, ou a descida do Espírito, ou Seu segundo advento pessoal, ou a vinda final ao julgamento, mas o grande complexo de tudo isso, cujo resultado será seja Ele levando Seu povo para Si Mesmo, onde Ele está. Este ercomai é iniciado (João 14:18) em Sua ressurreição; continuou (João 14:23) na vida espiritual, preparando-os para o lugar preparado; mais avançado quando cada um pela morte é buscado para estar com ele; (Filipenses 1:23) completamente completo na Sua vinda em glória, quando eles estiverem com Ele (1 Ts. 4:17) no estado aperfeiçoado da ressurreição".[104]

Tudo isso evoluiu da palavra erchomai! Mas se erchomai tem uma variedade e complexidade de significado, por que não npayw e porenomai? Por que o "ir embora" não deve ter tantas partes e processos quanto o "voltar"? Pode-se perguntar da mesma forma: Como os discípulos poderiam ter entendido a linguagem de nosso Senhor, se tivesse um "grande complexo" de significado? Ou como se pode esperar que homens comuns cheguem à apreensão das Escrituras, se as expressões mais simples são tão complexas e desconcertantes?

Esse comentário não é concebido no espírito do lúcido senso comum, mas no jargão místico de Lange e Stier. O que pode ser mais claro do que o fato de que "voltar novamente" é um ato tão definido quanto o "ir embora", e só pode se referir à aquela que é a grande profecia e promessa do Novo Testamento, a Parousia? Que este evento não deve ser adiado por muito tempo é evidente no idioma em que é anunciado: Erchomai - "Estou vindo". Todo o teor do discurso de nosso Senhor supõe que a separação entre Seus discípulos e Ele mesmo deve ser breve, e sua reunião rápida e

[104] Greek Testament, in loc.

perpétua. Por que Ele vai embora? Para preparar um lugar para eles. Ainda não está preparado? Ele ainda não os recebeu para si mesmo? Eles ainda não estão onde Ele está? Se a Parousia ainda estiver no futuro, essas esperanças ainda não foram cumpridas.

Que esse retorno antecipado e reunião não foi um evento distante, muitos séculos distante, mas que estava próximo, é mostrado nas referências subsequentes feitas a ele por nosso Senhor. "Um pouco, e não me vereis; e outra vez, um pouco, e me vereis, porque eu vou ao Pai". (João 16:16) Ele logo os abandonaria; mas não foi para sempre, nem por muito tempo - daqui a pouco - alguns anos, e sua tristeza e separação chegariam ao fim; pois "eu te verei novamente, e seu coração se alegrará, e sua alegria que ninguém tira de você". (João 16:22) Observa-se que nosso Senhor não diz que a morte os reunirá, mas sim a Sua vinda a eles. Essa vinda, portanto, não poderia estar distante.[105]

Que é a esse intervalo entre Sua partida e a Parousia que nosso Senhor se refere quando fala de "um pouco de tempo" é evidente a partir de duas considerações: Primeiro, porque ele distintamente afirma que vai ao Pai, o que mostra que Sua ausência refere-se ao período subseqüente à ascensão; e, segundo, porque na Epístola aos Hebreus neste mesmo período, viz. o intervalo entre a partida de

[105] Temos outra garantia definitiva para este efeito: "Ainda um pouco, e o mundo não me verá mais, mas vós me vereis; porque eu vivo, e vós vivereis". (Jo. 14:19) Com toda a justiça, este "pouco" deve ser referir-se ao tempo entre a sua própria ascensão e o tempo quando eles devem "viver" e "contemplá-lo". Que os discípulos entenderam assim, parece evidente a partir da pergunta de Judas: "O que aconteceu que tu queres em breve (gr. Mello) se manifestar a nós e não ao mundo?" (Jo. 14:22). Esta manifestação não é um mero sentimento subjetivo, mas um sentimento aberto e uma experiência pessoal. A mesma garantia encorajadora é repetida: "Um pouco e não me vereis mais, e novamente um pouco mais e me vereis". (Jo. 16:16) Nosso Senhor só pode se referir em ambos os casos à visão de Sua pessoa; o primeiro "pouco" deve cobrir o período até Sua ascensão, a partir do qual ponto Ele não é mais visto, e o próximo "pouco" deve estar relacionado com a o período entre Sua ascensão e o encontro dos discípulos com seu Senhor.

nosso Senhor e Sua vinda novamente, é expressamente chamado de "um pouco de tempo". "Ainda por um pouco de tempo, e o que virá virá e não tardará". (Hebreus 10:37)

Aqui, novamente, somos obrigados a protestar contra a interpretação forçada e não natural dessa passagem (João 16:16) pelo Dr. Alford:

"O modo de expressão", observa ele, "é propositadamente enigmático; o yewreite e oqesye não estão sendo coordenados: o primeiro referindo-se ao físico, o segundo também à visão espiritual. O oqesye (vereis) começou a ser cumprido na ressurreição; depois recebeu sua principal realização no dia de Pentecostes; e terá sua conclusão final no grande retorno do Senhor a seguir. Lembre-se, novamente, que em todas essas profecias, temos uma perspectiva de realizações contínuas que nos são apresentadas.[106]

Conceba um ato de visão, "vereis", dividido em três operações distintas, cada uma separada da outra por um longo intervalo, e a última ainda incompleta após o lapso de dezoito séculos, e isso em face da expressão enfática de nosso Senhor. declaração de que seria "daqui a pouco". Isso não é crítica, mas misticismo. Uma explicação tão artificial e intrincada nunca poderia ter ocorrido aos discípulos, e é surpreendente que isso tenha ocorrido a qualquer intérprete sóbrio das Escrituras. Mas mesmo os discípulos, embora inicialmente perplexos com o "pouco tempo", logo compreenderam completamente nosso Senhor quando Ele disse:

"Saí do Pai e vim ao mundo: novamente deixo o mundo e vou para o Pai". (João 16:28)

Complemente isso com outras três palavras de Jesus, e temos a substância de Seus ensinamentos a respeito da Parousia:

[106] Alford, Greek Testament, in loc.

"Eu virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo; para que onde eu estou lá, você também esteja". (João 14:3)

"Eu não vos deixarei órfãos; Eu irei até você". (João 14:18)

"Um pouco, e vós não me vereis; e novamente, daqui a pouco, e você me verá". (João 16:16)

A linguagem é incapaz de transmitir o pensamento com precisão se essas palavras não afirmarem que o retorno de nosso Salvador a Seus discípulos seria em pouco tempo.

JOÃO TEM QUE VIVER ATÉ A PAROUSIA

João 21:22 "Disse-lhe Jesus: Se eu quero que ele fique até que eu venha, que te importa a ti? Segue-me tu."

Seria inútil especificar e discutir as várias interpretações dessa passagem que os homens instruídos conjeturaram. Se tivesse sido um enigma da Esfinge, não poderia ter causado mais perplexidade e sido mais desconcertante. Aqueles que desejam ver algumas das muitas opiniões que foram levantadas sobre o assunto irão encontrá-los nas referências de Lange.[107]

As próprias palavras são bastante simples. Toda a obscuridade e dificuldade lhes foram importadas pela relutância dos intérpretes em reconhecer na "vinda" de Cristo um ponto de tempo distinto e definido dentro do espaço da geração existente. Freqüentemente, como nosso Senhor reitera a certeza de que ele viria em Seu reino, viria em glória, julgaria Seus inimigos e recompensaria Seus amigos, antes que a geração que então vivia na Terra tivesse passado completamente, parece haver uma repugnância quase invencível da parte. dos teólogos a aceitar Suas palavras em seu sentido claro e

[107] Comentário de São João.

óbvio. Eles insistem em supor que Ele deve ter significado outra coisa ou algo mais. Uma vez admitido, o que é inegável, que o próprio Senhor declarou que Sua vinda aconteceria na vida de alguns de seus discípulos (Mt 16:27, 28) toda a dificuldade desaparece. Ele acabara de revelar a Simão Pedro com que morte ele deveria glorificar a Deus, e Pedro, com impulsividade característica, presumiu perguntar qual deveria ser o destino do discípulo amado, que naquele momento chamou sua atenção. Nosso Senhor não deu uma resposta explícita a essa pergunta, que saboreava um pouco de intrusão, mas sua resposta foi entendida pelos discípulos como significando que João viveria para ver o retorno do Senhor. "Se eu quiser, ele ficará até eu vir." Essa linguagem é muito significativa. Parte do pressuposto possível de que João possa viver até a vinda do Senhor. Faz mais, sugere-o como provável, embora não o afirme como certo. Os discípulos colocaram a interpretação de que João não deveria morrer. O próprio evangelista não afirma nem nega a exatidão dessa interpretação, mas se contenta em repetir as palavras reais do Senhor: "Se eu quiser que ele se fique até que eu venha." É, contudo, uma circunstância de maior interesse sabermos como as palavras de Cristo eram geralmente entendidas na época na irmandade dos discípulos. Eles evidentemente concluíram que João viveria para testemunhar a vinda do Senhor; e eles inferiram que, nesse caso, ele não morreria. É essa última inferência que João evita que se comprometa. Que ele viveria até a vinda do Senhor, ele parece admitir sem questionar. Se isso implicava que ele não morreria, era um ponto duvidoso que as palavras de Jesus não decidiram.

E essa inferência dos "irmãos" não era tão incrível ou tão irracional quanto possa parecer para muitos. Viver até a vinda do Senhor era, de acordo com a crença e os ensinamentos apostólicos, o equivalente a gozar de isenção da morte. São Paulo ensinou aos coríntios: "Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados" (1 Co. 15:51). Ele falou aos tessalonicenses da possibilidade de estarem vivos na vinda do Senhor: "Nós os que ficarmos vivos até a vinda do Senhor". (1 Ts 4:15) Ele expressou sua preferência pessoal: "não estar despido

[da vestimenta corporal], mas estar vestido" [com a vestimenta espiritual] - em outras palavras, não morrer, mas ser mudado. (2 Cor. 5: 4) Os discípulos podem ser justificados nessa crença pelas palavras de Jesus na noite da ceia pascal: "Eu voltarei e te receberei para mim." Como eles poderiam supor que isso significava morte ? Ou eles podem ter se lembrado de Sua declaração no Monte das Oliveiras: 'O Filho do homem enviará seus anjos com um grande som de trombeta, e eles reunirão seus eleitos' etc. (Mateus 24:31) Ele assegurara que esses eventos aconteceriam antes que a geração existente falecesse. Eles não estavam, portanto, totalmente despreparados para receber um anúncio que nosso Senhor fez a respeito de São João.[108]

Portanto, podemos legitimamente tirar as seguintes inferências dessa importante passagem:

1- Que não havia nada de incrível ou absurdo na suposição de que João pudesse viver até a vinda do Senhor.
2- Que as palavras de nosso Senhor sugerem a probabilidade de que ele realmente o faça.
3- Que os discípulos entenderam a resposta de nosso Senhor como implicando, além disso, que João não iria morrer.
4- Que o próprio São João não dá sinal de que havia algo incrível ou impossível na inferência, embora ele não se comprometa com isso.
5- Que tal opinião se harmonizasse com o ensino expresso de nosso Senhor, respeitando a proximidade e coincidência de Sua própria vinda, a destruição de Jerusalém, o julgamento de Israel e o fim do aeon ou era.

[108] É quase desnecessário ressaltar que, na hipótese de que a "vinda" de Cristo deve ocorrer no "fim do mundo", na aceitação popular da frase, a resposta de nosso Senhor envolveria uma extravagância, se não um absurdo (Se Cristo não veio, então em algum lugar deste planeta há um homem muito velho e frágil que ainda espera pela vinda do Senhor). Teria sido equivalente a dizer: 'Suponha que eu queira que ele viva mil anos ou mais, o que é isso para você? 'Mas é evidente que os discípulos levaram a resposta a sério.

6- Que todos esses eventos, de acordo com as declarações de Cristo, estão dentro do período da geração existente.

Depois de ter percorrido os quatro evangelhos e examinado todas as passagens relacionadas à Parousia, ou à vinda do Senhor, pode ser útil recapitular e colocar em uma vista o ensino geral desses registros inspirados sobre esse importante assunto.

RESUMO DO ENSINAMENTO DOS EVANGELHOS

1- Temos o elo entre a profecia do Antigo e do Novo Testamento no anúncio de João Batista (Elias de Malaquias) sobre a aproximação da ira vindoura ou o julgamento da nação teocrática.

2- O arauto é seguido de perto pelo rei, que anuncia que o reino de Deus está próximo e pede à nação que se arrependa.

3- As cidades que foram favorecidas com a presença, mas rejeitaram a mensagem, de Cristo estão ameaçadas com um destino mais intolerável do que o de Sodoma e Gomorra.

4- Nosso Senhor assegura expressamente a Seus discípulos que Sua vinda aconteceria antes que eles completassem a evangelização das cidades de Israel.

5- Ele prevê um julgamento no "fim dos tempos " ou aeon [sunteleia ton aiwnov], uma frase que não significa a destruição da terra, mas a consumação da era, ou seja, a dispensação judaica.
6- Nosso Senhor declara expressamente que Ele viria rapidamente [mellei ercesyai] em glória, em Seu reino, com Seus anjos, e que alguns dentre Seus discípulos não morreriam até que Sua vinda acontecesse.

7- Em várias parábolas e discursos, nosso Senhor prediz a destruição

iminente sobre Israel no período de Sua vinda. (Ver Lucas 18, parábola da viúva importuna. Lucas 19, parábola das libras. Mateus 21, parábola dos lavradores maus. Mateus 22, parábola do banquete do casamento).

8- Nosso Senhor frequentemente denuncia a maldade da geração à qual pregou e declara que os crimes das eras anteriores e o sangue dos profetas seriam exigidos por suas mãos.

9- A ressurreição dos mortos, o julgamento do mundo e a expulsão de Satanás são representados como coincidentes com a Parusia, e quase à mão.

10- Nosso Senhor garantiu a Seus discípulos que Ele voltaria a eles, e que Sua vinda seria "em pouco tempo".

11- A profecia no Monte das Oliveiras é um discurso conectado e contínuo, com referência exclusiva à destruição de Jerusalém e Israel que estava próxima, de acordo com a declaração expressa de nosso Senhor (Mateus 24:34; Marcos 13:30; Lucas 21:32).

12- As parábolas das dez virgens, os talentos, as ovelhas e as cabras pertencem a esse mesmo evento, e são cumpridas no julgamento de Israel.

13- Os discípulos são exortados a vigiar e orar, e a viver na expectativa contínua da Parousia, porque isso seria repentino e rápido.

14- Após a ressurreição, nosso Senhor deu a São João motivos para esperar que ele vivesse para testemunhar Sua vinda.

APÊNDICE DA PARTE I

NOTA A: SOBRE A TEORIA DA INTERPRETAÇÃO DO DUPLO SENTIDO

Os trechos a seguir, de teólogos de diferentes idades, países e igrejas, exibem um poderoso consenso de autoridades em oposição ao método de interpretação solto e arbitrário adotado por muitos comentaristas alemães e ingleses:

Melanethon
("Um significado definido e simples de [Escritura] é em todos os casos a ser buscado".)

Maresius
(Longe de nós fazer Deus falar em duas línguas, ou anexar uma variedade de sentidos à Sua Palavra, na qual devemos preferir contemplar a simplicidade de seu divino autor refletido como em um claro espelho (Sl. 12:6, 19:8). Apenas um significado da Escritura, portanto, é admissível: isto é, o gramatical, em quaisquer termos, seja apropriado ou tropical e figurativo, pode ser expresso.

A observação do Dr. Owen é cheia de bom senso - "Se a Escritura tem mais de um significado, ela não tem nenhum significado:" e é tão aplicável às profecias quanto a qualquer outra porção da Escritura. John Brown, Sofrimentos e Glórias do Messias, p. 5, nota.

As consequências de admitir tal princípio devem ser bem ponderadas.

Que livro na terra tem um duplo sentido, a menos que seja um livro de enigmas projetados? E até isso tem apenas um significado real. Os oráculos pagãos poderiam dizer: "Aio te, Pyrrhe, Romanos vincere posse"; mas pode tal equivoque ser admissível nos oráculos do Deus

vivo? E se um sentido literal e um sentido oculto podem, ao mesmo tempo, e pelas mesmas palavras, ser transmitido, quem é que não é inspirado nos dirá o que é o sentido oculto? Por quais leis de interpretação é para ser julgado? Por ninguém que pertença à linguagem humana; Quaisquer outros livros não tem um duplo sentido a eles.

Por essas e outras razões, o esquema de atribuir um duplo sentido às Escrituras é inadmissível. Ele coloca à tona todos os princípios fundamentais de interpretação pelos quais chegamos à convicção e à certeza estabelecidas e nos lança no oceano ilimitado da imaginação e da conjectura, sem leme ou bússola. "- Stuart on the Hebrews, Excurs. xx.

"Primeiro, pode ser estabelecido que a Escritura tem um significado, o significado que tinha para a mente do profeta ou evangelista que primeiro proferiu ou escreveu para os ouvintes ou leitores que primeiro a receberam".

"A Escritura, como outros livros, tem um significado, que deve ser colhido de si mesmo, sem referência às adaptações dos pais ou dos sacerdotes, e sem levar em conta as noções a priori sobre sua natureza e origem".

"O ofício do intérprete não é adicionar outra [interpretação], mas para recuperar a original: o significado, isto é, das palavras quando elas batem nos ouvidos ou piscam diante dos olhos daqueles que primeiro as ouviram e leram." - Professor Jowett, Ensaio sobre a interpretação das Escrituras, sec. I. 3, 4.

"Sustento que as palavras da Escritura tinham a intenção de ter um sentido definido, e que nosso primeiro objetivo deveria ser descobrir esse sentido e aderir rigidamente a ele. Acredito que, como regra geral, as palavras da Escritura destinam-se a ter, como todas as outras línguas, um significado claro e definido, e dizer que palavras

significam uma coisa simplesmente porque podem ser torturadas em significado, é uma a maneira mais desonrosa e perigosa de lidar com as Escrituras". - Canon Ryle, Pensamentos Expositivos em St. Luke, vol. I. P. 383.

(a) A teoria do duplo sentido desestabiliza toda a interpretação

Os princípios hermenêuticos que estabelecemos agora necessariamente excluem a doutrina de que as profecias das Escrituras contêm um sentido oculto ou duplo. Tem sido alegado por alguns que, como esses oráculos são celestiais e divinos, devemos esperar encontrar neles múltiplos significados. Eles devem ser diferentes de outros livros. Daí surgiu não apenas a doutrina de um duplo sentido, mas de um sentido triplo e quádruplo, e os rabis chegaram a ponto de insistir em que existem "montanhas de sentido em cada palavra da Escritura". Podemos admitir prontamente que as Escrituras são capazes de múltiplas aplicações práticas; caso contrário, não seriam tão úteis para a doutrina, correção e instrução em retidão (2 Tm. 3:16).

Mas no momento em que admitimos o princípio de que partes da Escritura contêm um sentido oculto ou duplo, introduzimos um elemento de incerteza na escritura sagrada e desestabilizamos toda a interpretação científica. "Se a Escritura tem mais de um significado", diz o Dr. Owen, "não tem nenhum significado". "Eu sustento", diz Ryle, "que as palavras da Escritura tinham a intenção de ter um sentido definido, e que nosso primeiro objetivo deveria ser descobrir esse sentido, e aderir rigidamente a ele... Dizer que palavras significam uma coisa meramente porque eles podem ser torturadas nesse significado é uma maneira desonrosa e perigosa de lidar com as Escrituras". [109] "Este esquema de interpretação", diz Stuart, "abandona e deixa de lado as leis comuns da linguagem. A Bíblia contém livro, tratado, epístola, discurso, ou conversação, alguma vez

[109] Reflexões Expositivas sobre São Lucas, vol. i, p. 383.

escrito, publicado ou endereçado por qualquer homem a seus semelhantes (a menos que seja por esporte, ou com a intenção de enganar), contem linguagens obscuras. Na verdade, charadas, enigmas, frases com dupla entente e o semelhante, existe em todas as línguas; tem havido abundância de oráculos pagãos que eram suscetíveis de duas interpretações; mas mesmo entre todos estes nunca houve, um design que deveria haver, mas de um sentido ou significado na realidade.

A ambiguidade da linguagem pode ser e tem sido recordada fim de enganar o leitor ou ouvinte, ou a fim de esconder a ignorância dos adivinhos, ou para fornecer seu crédito em meio exigências futuras; mas isso é muito estranho para uma questão séria e de fé. Não podemos por um momento, sem violar a dignidade e a sacralidade das escrituras, supor que os escritores inspirados sejam comparados aos autores de enigmas, charadas, frases e oráculos pagãos ambíguos.[110]

(b) Tipologia e duplo sentido da linguagem não devem ser confundidos

Alguns escritores confundiram esse assunto conectando-o com a doutrina do tipo e do antítipo. Como muitas pessoas e eventos do Antigo Testamento eram tipos de coisas maiores por vir, também a linguagem que os respeita deve ser capaz de um duplo sentido. O segundo Salmo supostamente se refere tanto a Davi como a Cristo; Isaías 7:14-16 se refere para uma criança nascida de uma virgem que viveu no tempo do profeta, e também para o Messias. Os Salmos 45 e 72 devem ter uma dupla referência a Salomão e a Cristo.[111] Mas deve ser visto que, no caso dos tipos, a linguagem das Escrituras não tem duplo sentido.

---

[110] Dicas sobre a interpretação da profecia, p. 11. Andover, 1842.

[111] Ver Hermeneutics de Davidson, pp. 49, 50. Woodhouse no Apocalipse, pp. 172-174. Home, Introdução, vol. ii, pp. 404-408.

Os próprios tipos são assim porque prefiguram as coisas por vir, e esse fato deve ser mantido distinto da questão do sentido da linguagem usada em qualquer passagem em particular. A linguagem de Salmos 2 não é aplicável a Davi ou Salomão, ou a qualquer outro governante terreno. O mesmo talvez se diga dos Salmos 45 e 72. Isaías 7:14 foi cumprido no nascimento de Jesus Cristo (Mateus 1:22), e nenhum expositor jamais conseguiu provar uma realização anterior.[112] O oráculo contra Edom (Isaías 34:5-10), como aquela contra Babilônia (Is. 12), está vestida na linguagem altamente elaborada da profecia apocalíptica, e não dá garantia à teoria de um duplo sentido. O vigésimo quarto capítulo de Mateus, tão comumente usado para sustentar essa teoria, já demonstrou não fornecer evidência válida de um oculto ou de um duplo sentido.

(c) A plenitude sugestiva da Escritura não é prova de um duplo sentido

Alguma plausibilidade é dada à teoria por aduzir a sugestiva plenitude de algumas partes das Escrituras proféticas, o "sensus plenior". Tal plenitude é prontamente admitida e sempre louvada. A primeira profecia é um bom exemplo. A inimizade entre a semente da mulher e a da serpente (Gênesis 3:15) foi exibida em mil formas. As preciosas palavras de promessa ao povo de Deus encontram mais ou menos satisfação em cada experiência individual. Mas esses fatos não sustentam a teoria de um duplo sentido. O sentido em todos os casos é direto e simples; as aplicações e ilustrações são muitas. Tais fatos não nos dão autoridade para entrar em profecias apocalípticas com a expectativa de encontrar dois ou mais significados em cada declaração específica, e então declarar: Este

[112] Não é impossível, contudo, que tal evento tenha ocorrido nos dias de Acaz, e servido, à sua maneira, como um tipo do nascimento de Jesus da Virgem Maria. Mas com base nessa suposição, a linguagem da passagem não teria duplo sentido, e seu cumprimento no nascimento de Jesus seria como o cumprimento de Oséias xi, 1 no retorno do menino Jesus do Egito.

verso refere-se a um evento passado, isto a algo ainda futuro; isso teve um cumprimento parcial na ruína da Babilônia, ou Edom, mas aguarda um maior cumprimento no futuro. O julgamento de Babilônia, ou Nínive, ou Jerusalém, pode, de fato, ser um tipo de qualquer outro julgamento similar, e é um aviso a todas as nações e tempos; mas isso é muito diferente de dizer que a linguagem na qual esse julgamento foi predito foi cumprida apenas parcialmente quando Babilônia, ou Nínive, ou Jerusalém caíram, e ainda está aguardando seu completo cumprimento.

Já vimos que a Bíblia tem seus enigmas, frases e ditos sombrios, mas sempre que recebem o contexto nos advertem claramente do fato. Assumir, na ausência de qualquer sugestão, que temos um enigma, e em face de declarações explícitas, que qualquer profecia específica tem um duplo sentido, um significado primário e secundário, um cumprimento próximo e remoto, deve necessariamente introduzir um elemento de incerteza e confusão em interpretação bíblica.

(d) Nenhuma designação enganosa de tempo na profecia

O mesmo pode ser dito sobre designações explícitas de tempo. Quando um escritor diz que um evento acontecerá em breve e rapidamente, ou está prestes a acontecer, é contrário a toda propriedade declarar que suas declarações nos permitem acreditar que o evento está em um futuro distante. É um abuso repreensível da linguagem dizer que as palavras imediatamente, ou próximas, significam as idades distantes, ou depois de muito tempo. Tal tratamento da linguagem das Escrituras é ainda pior do que a teoria de um duplo sentido. E, no entanto, os intérpretes apelaram a 2 Pedro 3:8 como fornecendo autoridade inspirada para desconsiderar as designações de tempo na profecia. "Que essa coisa não seja escondida de você, amado, que um dia com o Senhor é como mil anos e mil anos como um dia." Essa afirmação é feita com referência direta ao tempo da vinda do Senhor, e ilustra a aritmética de Deus, na

qual termos breves, rápidos e similares podem denotar eras. Uma cuidadosa atenção a essa passagem, no entanto, mostrará que ela não ensina uma doutrina tão estranha como essa.

(e) Mil anos como um dia

A linguagem em questão é uma citação poética de Salmos 90:4, e é apresentado para mostrar que o lapso de tempo não invalida as promessas de Deus. Tudo o que ele prometeu vai acontecer, no entanto os homens podem pensar ou falar sobre seu atraso. Dias e anos e idades não o afetam. De eternidade a eternidade, ele é Deus (Salmos, 90:2). Mas isso é muito diferente de dizer que quando o Deus eterno promete algo em breve, e declara que está próximo, pode significar que são mil anos no futuro.

Tudo o que ele prometeu indefinidamente, ele pode levar mil anos ou mais para cumprir; mas o que ele afirma estar à porta não deixa ninguém declarar estar longe. "É certamente desnecessário", diz um escritor recente, "repudiar da maneira mais forte um método não-natural de interpretar a linguagem das Escrituras. É pior que não gramatical e irracional, é imoral. É sugerir que Deus tem dois pesos e duas medidas em suas relações com os homens, e que em seu modo de calcular existe uma ambiguidade e variabilidade que torna impossível dizer que tipo de tempo o Espírito de Cristo nos profetas pode significar.

Parece implicar que um dia não pode significar um dia, nem mil anos mil anos, mas isso pode significar o outro. E se assim foi, não poderia haver interpretação da profecia possível; seria privado de toda precisão e até mesmo de toda credibilidade; pois é evidente que, se pudesse haver tal ambiguidade e incerteza a respeito do tempo, não poderia haver menos ambiguidade e certeza em relação a tudo o mais? A fidelidade é um dos atributos mais frequentemente atribuídos ao pacto, e a fidelidade divina é aquela que o apóstolo nesta mesma passagem afirma: À zombaria dos escarnecedores que impugnam a

fidelidade de Deus, e perguntam: 'Onde está a promessa de sua vinda?' ele responde: 'o Senhor não é negligente em relação às suas promessas, pois alguns homens consideram a negligência'. Longo ou curto, um dia ou uma idade, não afeta sua fidelidade. Ele guarda a verdade para sempre. Mas o apóstolo não diz que, quando o Senhor promete uma coisa por hoje, pode não cumprir sua promessa por mil anos: isso seria negligência; isso seria uma quebra de promessa. Ele não diz que, porque Deus é infinito e eterno, portanto ele calcula com uma aritmética diferente da nossa, ou fala conosco em um duplo sentido, ou usa dois pesos e medidas diferentes em suas relações com a humanidade. O reverso é a verdade.

(f) Falácias da teoria da perspectiva profética de Bengel

Como uma ilustração da teoria falaciosa e confusa de um duplo sentido, especialmente quando aplicada a profecias proféticas de tempo, testemunhe o seguinte comentário de Bengel:

"Imediatamente após a tribulação daqueles dias", em Mt. 24:29, ele diz: "Você vai dizer, é um grande salto da destruição de Jerusalém para o fim do mundo, que é representado como vindo rapidamente depois disso. Eu respondo - Uma profecia se assemelha a uma pintura de paisagem, que marca distintamente as casas, caminhos e pontes no primeiro plano, mas reúne, em um espaço estreito, os vales e montanhas distantes, embora estejam muito distantes. Assim, aqueles que estudam uma profecia devem olhar para o futuro ao qual a profecia se refere. E os olhos dos discípulos, que combinaram em sua pergunta o fim do templo e do mundo, ficam um pouco velados (pois ainda não era a hora de conhecer; veja Mateus 24:36), da qual causa, imitando linguagem do nosso Senhor, eles com o consentimento universal declararam que o fim estava próximo. Em seu progresso, no entanto, tanto a profecia quanto a contemplação mais e mais explicar as coisas mais distantes. De que maneira também devemos interpretar o que é obscuro pelo que é claro, não o que é claro pelo que é obscuro, e venerar em seus ditos obscuros a

sabedoria Divina que sempre vê todas as coisas, mas não revela todas as coisas de uma vez. Depois disso, foi revelado que o Anticristo deveria vir antes do fim do mundo; e de novo Paulo juntou-se a estes dois quase juntos, até que o Apocalipse também colocou um intervalo de mil anos entre eles... Em tais passagens repousa, como Santo Antônio costumava chamá-lo, um cloudlet profético. Ainda não era tempo de revelar toda a série de eventos futuros, desde a destruição de Jerusalém até o fim do mundo".[113]

(g) Tantas falácias quanto sentenças

Aqui, podemos dizer, são quase tantas falácias, ou declarações enganosas, quanto sentenças. A figura de uma pintura de paisagem com seus princípios de perspectiva é uma ilustração favorita daqueles expositores que defendem a teoria de um duplo sentido, e alguns, que rejeitam tal teoria, empregam essa figura para ilustrar a incerteza das designações proféticas do tempo. Mas é um grande erro aplicar esta ilustração a designações específicas de tempo. Onde nenhum tempo particular é indicado, ou onde as limitações de tempo são mantidas fora de vista, a figura pode ser permitida, e é, de fato, uma boa ilustração. Mas quando o Senhor diz que certos eventos devem acontecer imediatamente após certos outros eventos, que nenhum intérprete presuma dizer que milênios podem se interpelar. Isso não é "interpretar o obscuro com clareza", mas obscurecer o claro por uma fantasia enganosa. Para dizer que "os olhos dos discípulos foram deixados no escuro", e que depois, "imitando a linguagem do Senhor, declarou que o fim estava próximo", é praticamente equivalente a dizer que Jesus os enganou, e que eles se adiantaram e perpetuaram o erro! A noção de que qualquer porção da Escritura "revela toda a série de eventos, desde a destruição de Jerusalém até o fim do mundo", é uma fantasia de intérpretes modernos, que todos fariam bem, como o piedoso Bengel, de confessar que o método forçado de

[113] Gnomon of the New Testament, in loco. Lewis and Vincent's translation. Philadelphia, 1860.

explicar as declarações de Cristo e dos apóstolos ali realmente repousa em uma obscurecida "nuvem profética".

(h) Aplicações práticas da profecia podem ser muitas

Existem, de fato, múltiplas aplicações de certas profecias que podem ser chamadas genéricas, e alguns eventos da história moderna podem ilustrá-los e, num sentido amplo, cumpri-los tão verdadeiramente quanto os eventos aos quais eles tinham referência original. Nos dias de João, muitos anticristos apareceram (1 João 2:18; comp. Mateus, 24:5, 24), e os atributos demoníacos do "homem do pecado" de Paulo (2 Ts. 2:3-8) podem aparecer de novo e de novo em homens impiedosos. Antíoco, Nero são ilustrações típicas nas quais grandes profecias foram especificamente cumpridas, mas outras imitações semelhantes da iniquidade também podem ser revelados como a besta do abismo, depois de desaparecer por um tempo, aparecer de novo, e então novamente em perdição (Ap. 17:8). Mas tais aplicações admissíveis da profecia não devem ser confundidas com interpretações gramaticais históricas.

(i) Noções equivocadas da própria Bíblia, causa de falsa exposição

Pode-se dizer, na verdade, que uma grande proporção da confusão e dos erros dos expositores bíblicos surgiu de noções errôneas da própria Bíblia.[114] Nenhuma confusão e diversidade de pontos de vista aparecem na interpretação de outros livros. Uma teoria tensa e antinatural da inspiração divina, sem dúvida, levou muitos ao hábito de assumir que de alguma forma as Escrituras devem ser explicadas diferentemente de outras composições. Daí também a suposição de que nas revelações proféticas Deus nos forneceu um esboço histórico detalhado de ocorrências particulares que avança com antecedência, para que possamos esperar encontrar eventos como o surgimento do

[114] Esse pensamento se destaca na valiosa obra de Hofman, Biblische Hermeneutik. Nordlingen, 1880.

Islã, as Guerras das Rosas e a Revolução Francesa registrados nos livros proféticos. Esta suposição é frequentemente encontrada anexando-se à teoria de um sentido duplo ou triplo. A interpretação do Apocalipse de João sofreu especialmente com este erro singular. Há um tal charme na fantasia de que temos uma profecia do Novo Testamento sobre os eventos de todos os tempos vindouros - um esboço gráfico da história da Igreja e do mundo até o julgamento final - que não poucos cederam à ilusão de que podemos razoavelmente pesquisar este livro místico por qualquer personagem ou evento que consideremos importante na história da civilização humana.[115]

Devemos deixar de lado essas falsas suposições que torcem a própria Bíblia e o caráter e propósito de suas profecias. Uma investigação racional do alcance e das analogias das grandes profecias não dá apoio a fantasias extravagantes como a de que "todo o Apocalipse de João, do capítulo 4 até o fim, é apenas um desenvolvimento do tempo imperfeito de Daniel".[116] As Sagradas Escrituras têm lições para todos os tempos. A revelação específica de Deus para um indivíduo, idade ou nação terá valor prático para todos os homens. Não precisamos de previsões específicas de Napoleão, ou dos valdenses, ou do martírio de John Huss, ou do massacre de São Bartolomeu para confirmar a fé da Igreja, ou para convencer os infiéis; sem dúvida, deveríamos tê-los em uma forma capaz de produzir convicção. Não se pode mostrar que tais previsões teriam

[115] Um amigo do escritor certa vez observou: Sempre me pareceu estranho que Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma e Estados europeus devessem ser notados nas profecias e, no entanto, nenhuma menção aos Estados Unidos da América. Ele, consequentemente, colocou-se a trabalhar para encontrar algo sobre o assunto, e por e descobriu a grande república norte-americana no quinto reino de Daniel - a pedra cortada da montanha sem mãos. Pesquisas posteriores na mesma linha logo permitiram que ele visse que a "guerra no céu" entre Miguel e o dragão (Apoc. Xii, 7) era uma profecia específica da guerra civil tardia entre os estados do norte e do sul, que resultou na abolição da escravidão americana.

[116] Ensaios Pré-Milenares da Conferência Profética, p. 326. Nova York, 1879.

cumprido qualquer propósito digno que ainda não tivesse sido cumprido por profecias cumpridas com suas lições práticas de aplicação universal.

NOTA B: SOBRE O ELEMENTO PROFÉTICO NOS EVANGELHOS

Vamos prosseguir com as previsões da destruição de Jerusalém. Como é sabido, essas previsões, em todas as narrativas do evangelho (que, aliás, ocorrem singularmente por consentimento, implicando que todos os evangelistas bebiam de uma única tradição estabelecida) são inextricavelmente misturadas com as profecias da segunda vinda. de Cristo e do fim do mundo, uma confusão que Hutton admite livremente. A parte relativa à destruição da cidade é definida de forma única e corresponde muito ao evento real. A outra parte, por outro lado, é vaga e bombástica, e refere-se principalmente a fenômenos naturais e catástrofes. Pela precisão de uma porção, a maioria dos críticos deduz que os Evangelhos foram compilados durante o cerco e conquista de Jerusalém (ou mesmo depois). Da confusão das duas partes Hutton faz a inferência oposta, a saber, que a previsão existia na sua forma original registrada nos evangelhos antes desse evento. "É improvável ao mais alto grau", ele argumenta, "que se Jerusalém tivesse caído, e os outros sinais da vinda de Cristo não mostrassem nenhuma indicação de segui-los, os escritores não reconheceriam e desvendariam a confusão e corrigiriam seus registros para colocá-los em harmonia com o que estava começando a ser visto, ou o que poderia ser o verdadeiro significado das palavras de Cristo ou a verdade real da história.

Mas aqui está a verdadeira perplexidade. A previsão, como a temos, faz com que Cristo afirme claramente que sua segunda vinda se seguirá - "imediatamente", "naqueles dias" - após a destruição de Jerusalém, e que "esta geração" (a geração que ele estava se dirigindo) não passaria até que "todas essas coisas fossem cumpridas". Hutton

acredita que essas últimas palavras que Cristo pretendia aplicar apenas à destruição da Cidade Santa. Hutton acredita que essas últimas palavras foram destinadas por Cristo a serem aplicadas apenas à destruição da Cidade Santa. Ele tem direito à sua opinião; e por si só não é uma solução improvável. Mas é, nessas circunstâncias, uma construção um tanto forçada, pois deve-se lembrar, primeiro, que ela é necessária apenas pela suposição de que Hutton está sustentando - ou seja, que os poderes proféticos de Jesus não poderiam falhar; segundo, pressupõe ou implica que as narrativas do evangelho das declarações de Jesus são confiáveis, mesmo que nessas predições especiais ele admita que elas sejam essencialmente confusas e, em terceiro lugar (o que achamos que ele não deveria ter esquecido), a frase que cita não é não é de forma alguma a única que indica que o próprio Jesus teve a convicção, que sem dúvida comunicou aos seus seguidores que sua segunda vinda para julgar o mundo aconteceria muito cedo. Não somente deveria ocorrer "imediatamente" após a destruição da cidade (Mateus 24:29), mas seria testemunhado por muitos daqueles que O ouviram. E essas previsões não se confundem com as da destruição de Jerusalém: "Há alguns aqui que não provarão a morte até que vejam o Filho do homem vindo em seu reino"; (Mt. 16:28) "Em verdade vos digo que não passareis sobre as cidades de Israel até que o Filho do homem venha;" (Mt. 10:23) Se eu quiser que ele fique até eu chegar, o que é isso para você? (João 21:23) e as passagens correspondentes nos outros sinópticos.

Se, portanto, Jesus não disse essas coisas, os evangelhos devem ser estranhamente imprecisos. Se Ele disse, Sua faculdade profética não pode ter sido o que Hutton acredita. Que todos os Seus discípulos alimentavam com confiança essa expectativa errônea e a alimentavam sob a suposta autoridade de seu Mestre, não há dúvida. (Ver 1 Co. 10:11, 15:51 Fp. 4:5, 1 Ts. 4:15. Tiago 5:8, 1 Pe. 4:7, 1 João 2:18, Ap. 1:13, 22: 7, 10, 12) De fato, Hutton reconhece isso pelo menos com a franqueza e plenitude como dissemos. - WR Greg, em Contemporary Review, novembro de 1876.

Para aqueles que sustentam que nosso Senhor previu o fim do mundo antes do falecimento daquela geração, as objeções dos céticos apresentam uma dificuldade formidável - intransponível, de fato, sem recorrer a evasões forçadas e não naturais ou admissões fatais à autoridade e inspiração das narrativas evangélicas. Pelo contrário, reconhecemos plenamente a construção de senso comum colocada por Hutton sobre a linguagem de Jesus e a aceitação não menos óbvia desse significado pelos apóstolos. Mas chegamos a uma conclusão diretamente contrária à do crítico, e apelamos à profecia no Monte das Oliveiras como um exemplo e demonstração da previsão sobrenatural de nosso Senhor.

PARTE II

A PAROUSIA NOS ATOS E NAS EPÍSTOLAS

NOS ATOS DOS APÓSTOLOS

A VINDA DO REINO DE DEUS (NA PAROUSIA)

Atos 1:6-7: "Aqueles, pois, que se haviam reunido perguntaram-lhe, dizendo: Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel? E disse-lhes: Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder".

A vinda do reino de Deus é o tema central dos santos profetas e objeto de grande expectativa; o fim e propósito da relação entre de Deus e Israel. Quarenta dias o Senhor ressuscitado havia instruído os apóstolos "das coisas pertencentes ao reino de Deus". Os discípulos de Jesus esperavam que "fosse ele o que remisse Israel", ate que veio o aparente fracasso dessas esperanças (Lc. 24:21). No entanto, embora a Sua morte tenha abalado suas expectativas e parecesse

frustrar seus planos, Seu retorno à vida os animou novamente. Eles o viram, eles estavam certos de que era o mesmo Salvador; eles perceberam agora que seus inimigos não tinham poder sobre Ele; eles não podiam duvidar que um ser que pudesse ressuscitar dos mortos poderia facilmente realizar todos os seus planos e conhecer todos os mistérios.

É comum afirmar que a questão dos discípulos revelou que eles tinham um conceito equivocado sobre a natureza do reino. Barnes diz corretamente que: "Os discípulos haviam recebido as opiniões comuns dos judeus sobre o domínio temporal do Messias que os libertaria da escravidão dos romanos". (Barnes, Albert. "Comentário sobre Atos 1:6) Clarke, embora compartilhando da mesma opinião, erra ao afirmar que: "Nessa opinião, eles continuaram menos ou mais até o dia de pentecostes". (Clarke, Adam. "Comentário sobre Atos 1:6) Que idéias precisas eles entretinham, nós não sabemos exatamente; mas sabemos que a morte e ressurreição do Nosso Senhor, foi o único meio que poderia efetivamente mudar suas opiniões sobre esse assunto. Em seguida verificamos que o Mestre abriu os olhos dos seus discípulos para entender as escrituras (Lc. 24:45), e passou quarenta dias os instruindo e direcionando suas mentes efetivamente para a natureza espiritual do reino de Deus (Atos 1:3). Mark Dunagan citando McGuiggan observa que: "[ele] tem uma inclinação interessante sobre essa questão. Ele nega que os apóstolos ainda estivessem operando sob o equívoco de que o reino de Deus seria um reino terreno e político. Pois ele argumenta que eles haviam sido ensinados sobre a natureza do reino (Lucas; 45; Atos 1:3). Ele argumenta que o único equívoco sob o qual os apóstolos estavam operando - e continuariam a operar até o capítulo 10 de Atos - é que o reino pertencia exclusivamente a "Israel" ou que a salvação dos gentios estava inerentemente ligada a eles, tornando-se judeus. Ele ressalta que muitas passagens do AT haviam vinculado a salvação das "nações" aos judeus (Zacarias 8:23; Gênesis 12:3; Isaías 2:2; Amós 9:11-12) E que esses homens pensaram, até que Deus lhes dissesse diferente, que entrar no reino de Deus era para os

circuncidados. Que eles não haviam antecipado que o reino de Deus poderia ser ingressado pelos pagãos incircuncisos. Portanto, o único equívoco na pergunta acima é a ênfase na palavra "Israel". (Dunagan, Mark. "Comentário sobre Atos 1:6")

Somos então não apenas permitidos, mas obrigados a rejeitar a opinião comum de que os discípulos nesse momento ainda entretinham expectativas de um reino temporal e político a ser estabelecido por Jesus. Somos igualmente obrigados a aceitar a opinião que eles ainda tinham um conceito nacionalista do Reino e de supremacia judaica; e foi necessária uma revelação especial posterior para mudar essa opinião; foi para São Pedro que a inclusão e a igualdade dos gentios foi revelada pela primeira vez (cf. Atos 10-11).

O objetivo da pergunta parece ter sido este: obter informações de seu Mestre onisciente, quando seria o tempo exato da vinda do reino na Parousia, quando Israel seria restaurado e as promessas das escrituras então seriam cumpridas. Eles não perguntaram se ele faria isso, ou se eles tinham uma visão correta do assunto; mas, quando era o momento que ele faria isso. A resposta do Salvador, refere-se ao ponto de sua investigação, e tudo o que ele diz é: "Não é para você saber os tempos e a estação". É razoavelmente claro que neste versículo os discípulos fizeram uma pergunta semelhante aquela feita no sermão das oliveiras: "quando essas coisas devem acontecer?". Naquela ocasião Ele havia declarado claramente que esses eventos ocorreriam naquela geração, mas o dia em particular, a estação específica em que isso aconteceria, Ele afirma que ninguém, exceto o Pai, sabe o dia ou a hora em que essas coisas acontecerão. A vinda do reino, na Parousia, deveria ser precedida por um tempo de provação que deveria "chegar ao mundo inteiro, para experimentar os que habitam na terra" (Ap. 3:10). Seria um período de julgamento e seleção. Por todo esse discurso, corre o pensamento de que deveria haver um certo número de pessoas eleitas para serem salvas dos terríveis problemas a serem sofridos em alguns anos. Pelo bem dos "eleitos", os dias deveriam ser abreviados; se possível, o "eleito"

seria enganado; os "eleitos" deveriam ser reunidos dos quatro ventos. A preparação dessas pessoas deveria ser o critério de sua aptidão para a salvação, e isso deve ser testado por uma vinda repentina: "Para que de repente ele não encontre você dormindo" (Mc. 13:36). Para que essa vinda seja inesperada e em uma hora impensada era necessário que fosse cuidadosamente escondida. Pelo menos essa é uma das razões pelas quais podemos supor para esconder o dia exato e hora desses acontecimentos. Que o reino viria em algum momento, era claro; o Senhor não nega essa implicação. A culpa deles foi, uma investigação curiosa demais sobre um ponto reservado entre os arcanos de Deus.

A questão dos discípulos prova inequivocamente que o reino esperado ainda não havia chegado; pois, se tivesse, é inconcebível que esses homens, que eram seus diretores-executivos na Terra, nada soubessem do fato; e é igualmente inconcebível que, se tivesse sido, Jesus não teria prontamente corrigido um erro tão notório da parte de seus discípulos. Robert A. Jones comenta que:

"A resposta de Jesus mostra que ainda não aconteceu na Páscoa nem no Pentecostes. Se o reino estivesse para vir no Pentecostes e ser restaurado ao povo, Jesus teria respondido à pergunta deles com algo semelhante. "Sim, o dia tão esperado está quase aqui, e em apenas alguns dias depois de eu retornar ao céu, derramarei o Espírito Santo e o reino virá". Observe a resposta de Jesus. "Não vos compete saber os tempos ou épocas que o Pai estabeleceu pela sua própria autoridade" (Atos 1:7). Ele passa a dizer-lhes que em breve receberão o Espírito Santo. Depois que Jesus ascender ao céu, os anjos dizem aos discípulos que verão Jesus voltar, como acabaram de vê-lo ser retirado deles. Essa data, conhecida apenas pelo Pai, será o tempo em que Jesus retornará com o reino e o restaurará ao Seu povo..." (Robert A. Jones - Bringing Heaven to Earth Because He Has Returned).

Mas o que especialmente merece atenção é que a resposta de

Jesus prova que a vinda do reino ou a Parousia não haviam sofrido adiamento, Sua morte não mudou Seus planos. Tudo estava no horário. Tudo foi como Deus originalmente planejou. Essa grande consumação não estava longe; o Senhor frequentemente falara sobre isso e sempre como um evento que se aproximava e que alguns deles viveriam para ver. Foi o encerramento da dispensação mosaica e a inauguração da nova; quando a nação judaica fosse varrida, e "o reino de Deus viesse com poder". Este grande evento, nosso Senhor havia declarado que deveria acontecer dentro dos limites da geração existente. O "fim da era", a vinda do reino de Deus, coincidiu com a Parousia, e o sinal exterior e visível pelo qual se distingue é a destruição de Jerusalém. Este é o término pelo qual no Novo Testamento o campo é limitado.

"IR" E "RETORNAR NOVAMENTE"

Atos 1:9-11: E, quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. E, estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois homens vestidos de branco. Os quais lhes disseram: Homens galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir [da mesma maneira] como para o céu o vistes ir.

A última conversa de Jesus com Seus discípulos antes de Sua crucificação foi sobre Sua vinda a eles novamente, e a última palavra que lhes restou em Sua ascensão foi a promessa de Sua vinda novamente.[117]

[117] A ascensão de Jesus aos céus é um acontecimento histórico e real como a sua ressurreição. Este evento marca o fim do tempo em que Jesus estaria presente corporalmente com os seus seguidores. Significa que Jesus deixaria este cenário terreno e entraria na glória celestial; tudo é muito literal. Jesus, o homem, estava verdadeiramente "no mundo" como um homem. Ele andou pela terra em um corpo humano. Ele era um ser humano. Os teólogos distinguiram a presença de Jesus em termos do Logos, que, como

A expressão "da mesma maneira" não deve ser pressionada demais.[118] Existem pontos óbvios de diferença entre a maneira da Ascensão e a Parousia. Ele partiu sozinho e sem esplendor visível; Ele deveria voltar em glória com Seus anjos. As palavras, no entanto, implicam que Sua vinda seria visível e pessoal, o que excluiria a interpretação que a considera providencial ou espiritual.[119] A visibilidade da Parousia é sustentada pelo ensino uniforme dos apóstolos e pela crença dos primeiros cristãos: "Todo olho o verá". (Ap. 1:7)[120]

Segunda Pessoa da Divindade, é onipresente, de sua presença corporal que está "no Céu". Esta ascensão visível e corporal de Jesus ao céu indica que Jesus mantém um corpo humano, mas, mais do que isso, ele continua como um homem (1 Timóteo 2:5). Isso é conhecido como a doutrina da "Encarnação contínua" e é derivado de vários textos com questões bíblicas. "Pois nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Cl. 2:9). Este é um texto bastante explícito. 1 João 4:2 afirma: "Nisto reconheceis o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus...". O que é digno de nota é que o verbo grego para "veio" está no tempo perfeito. Isso significa que não só Ele veio em carne, mas Ele permanece na carne.

[118] A afirmação comum é simplesmente que, assim como Cristo partiu, assim também da mesma maneira ele voltaria.

[119] Quando ele diz "providencial", ele está se referindo àqueles que acreditam que a Parousia seria apenas visto através do trabalho destrutivo dos exércitos romanos, um representante do julgamento chegando, não uma vinda experiencial visível e real do Cristo glorioso. Quando ele diz "espiritual", ele quer dizer aqueles que acreditam que a Parousia foi uma vinda invisível que ocorreu totalmente dentro do reino espiritual, invisível e inexperiente para qualquer ser humano vivo na terra.

[120] Pressionar a importância literal das palavras "todo olho o verá" e insistir que, na parousia, Cristo deve literalmente aparecer em uma nuvem e ser visível a todas as pessoas no globo habitável, envolve absurdos manifestos. A declaração dos anjos em Atos 1:11, é que o Senhor voltaria novamente da mesma maneira que os discípulos o viam entrando no céu; mas essa ascensão, como a aparição dos anjos, era visível apenas a alguns escolhidos. Que ele voltou pessoalmente naquela geração e foi visto por multidões e por aqueles que eram culpados de seu sangue, aceitamos o testemunho das Escrituras. Mas nenhuma pessoa ou fenômeno nas nuvens do céu poderia ser visível, ao mesmo tempo, para todos os habitantes da terra; e ninguém sugeriria que o Filho do homem deve atravessar as nuvens e fazer um circuito

Não há indicação de tempo nesta promessa de despedida, mas é razoável supor que os discípulos a considerariam endereçada a eles, e que acalentaram a esperança de logo vê-Lo novamente, de acordo com o próprio ditado: "daqui a pouco, e me vereis". Essa crença os enviou de volta a Jerusalém com grande alegria. É credível que eles pudessem sentir essa alegria se tivessem concebido que Sua vinda não aconteceria por dezoito séculos? Ou podemos supor que a alegria deles repousava sobre uma ilusão? Não há conclusão possível senão aquela que sustenta a crença dos discípulos como bem fundamentada, e a Parousia como próxima.[121]

OS ÚLTIMOS DIAS CHEGARAM

Atos 2:16-20: "Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, Que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; E os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, Os vossos jovens terão visões, E os vossos velhos sonharão sonhos;

E também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e as minhas servas naqueles dias, e profetizarão;

E farei aparecer prodígios em cima, no céu; E sinais em baixo na terra, Sangue, fogo e vapor de fumo.

O sol se converterá em trevas, E a lua em sangue, Antes de chegar o grande e glorioso dia do Senhor".

Nas palavras de São Pedro, a primeira instrução apostólica feita no poder de inspiração divina do Pentecostes, temos uma interpretação

---

no globo de modo a aparecer literalmente a todos os olhos. As palavras de Apocalipse 1:7 devem, portanto, ser entendidas em harmonia geral com as limitações temporais e geográficas da profecia.

[121] Quais outras vindas que o Senhor possa realizar, com relação a elas, os anjos estão em silêncio; uma manifestação final, em outra época, as palavras não impedem, mas é deixado pelos escritores sagrados em muito mistério para afirmarmos definitivamente qualquer coisa.

autoritativa da profecia que ele cita de Joel. Pedro identifica expressamente o tempo e o evento predito pelo profeta com o tempo e o evento que estavam presentes no dia de Pentecostes. Os "últimos dias" de Joel são estes dias de São Pedro. A antiga previsão foi parcialmente cumprida; estava recebendo sua realização diante de seus olhos na copiosa efusão do Espírito Santo.

Esse derramamento do Espírito foi introdutório a outros eventos, que de maneira semelhante aconteceriam. O dia do julgamento para a nação teocrática estava próximo, e em breve os presságios do "grande e notável dia do Senhor" seriam manifestados.

É impossível não reconhecer a correspondência entre os fenômenos que precedem o dia do Senhor como Joel previu, e os fenômenos descritos por nosso Senhor como precedendo Sua vinda e o juízo de Israel (Mt. 24:29). As palavras de Joel só pode se referir aos últimos dias da era judaica ou o aion judaico, que também foi o tema da profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras. Da mesma forma, as palavras de Malaquias evidentemente se referem ao mesmo evento no mesmo ponto no tempo - "o dia da sua vinda", "o dia ardente como um forno", "o grande e terrível dia do Senhor" (Ml 3:2; 4:1-5).

Temos aqui um consenso de testemunhos que nada pode ser concebido mais autoritário e decisivo - Joel, Malaquias, São Pedro e o próprio grande Profeta da nova aliança. Todos falam do mesmo evento e do mesmo período, o grande dia do Senhor, a Parousia, e falam deles como perto. Por que impedir e desconcertar uma previsão tão clara com suposições, referências duplas e outras realizações? Nada mais se ajustará a essa profecia, exceto àquele evento ao qual ela se refere, e com o qual corresponde a impressão com o selo e a fechadura com a chave. A catástrofe de Israel e Jerusalém estava próxima, fora planejada por um longo tempo, tinha sido frequentemente prevista e era agora iminente. A mesma geração que viu, rejeitou e crucificou o rei, testemunharia o cumprimento de

Suas advertências quando Jerusalém pereceu em "sangue e fogo, e vapor de fumaça".

A DESTRUIÇÃO DESTA GERAÇÃO

Atos 2:40: "E com muitas outras palavras isto testificava, e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa".

Este versículo fixa a referência do discurso do apóstolo. Foi a geração existente cuja destruição vindoura ele previu, e foi da participação em seu destino que ele pediu que seus ouvintes escapassem. Foi apenas o eco do grito de João batista: "Fuja da ira vindoura".

Aqui, novamente, não pode haver dúvida sobre o significado de "genea"; foi esta "geração perversa", que estava preenchendo a medida de seu antecessor; a nação perversa e incorrigível sobre a qual o julgamento estava por vir.

Antes de deixar este discurso de Pedro, podemos apontar outro exemplo de uma proposição universal que deve ser tomada em um sentido restrito. "Derramarei o meu Espírito sobre toda a carne". O derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes não foi literalmente universal, mas indiscriminado e geral em comparação com ocasiões anteriores. O uso necessariamente limitado de uma frase tão longa mostra como uma limitação semelhante pode ser justificada em expressões como "todas as nações", "todas as criaturas" e "o mundo inteiro".

A PAROUSIA E A RESTAURAÇÃO DE TODAS AS COISAS

Atos 3:19-21: "Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham assim os tempos do refrigério pela presença do Senhor,

E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado. O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio".

Dificilmente é possível duvidar que, neste discurso, o apóstolo fale daquilo que ele concebeu que seus ouvintes poderiam e experimentariam, se eles obedecessem à sua exortação a se arrepender e crer. De fato, qualquer outra suposição seria absurda. Nem o apóstolo nem seu auditório poderiam pensar em 'tempos de renovação' e 'tempos de restauração' em épocas remotas do mundo; bênçãos que estavam a uma distância de séculos e milênios dificilmente seriam motivos poderosos para o arrependimento imediato. Portanto, devemos conceber os tempos de renovação e restauração como, na visão do apóstolo, próximos e ao alcance dessa geração.

Mas, se sim, o que devemos entender pelos "tempos de renovação e restauração"? Eles são os mesmos, ou são coisas diferentes? Sem dúvida, praticamente o mesmo; e uma frase nos ajudará a entender a outra. Diz-se que a restituição, ou melhor, a restauração [apokatastasiv] de todas as coisas, é o tema de toda profecia; então só pode se referir ao que as Escrituras designam "o reino de Deus", o fim e o propósito de todos os tratos de Deus com Israel. Era uma frase bem compreendida pelos judeus daquele período, que esperavam os dias do Messias, o reino de Deus, como o cumprimento de todas as suas esperanças e aspirações. Era a era vindoura ou aeon, quando todos os erros deviam ser corrigidos, e a verdade e a justiça deveriam reinar. A nação inteira estava permeada pela crença de que essa era feliz estava prestes a amanhecer. Qual era a doutrina de nosso Senhor sobre esse assunto? Ele disse aos discípulos: "Elias realmente vem primeiro e restaura todas as coisas". (Marcos 9:12) Ou seja, o segundo Elias, João Batista, já havia iniciado a restauração que Ele próprio deveria concluir; havia lançado as bases do reino que Ele deveria consumar e coroar. Pois a missão de João

foi, em um aspecto, restauradora, isto é, na intenção, embora não em efeito. Ele veio para recordar a nação à sua lealdade, para renovar sua relação de aliança com Deus: foi perante o Senhor, "no espírito e poder de Elias, para transformar o coração dos pais nos filhos e os desobedientes à sabedoria. dos justos; preparar um povo preparado para o Senhor". (Lucas 1:17) O que é tudo isso, se não a descrição dos "tempos de renovação da presença do Senhor" e "dos tempos de restauração de todas as coisas", que foram apresentados como presentes de Deus a Israel? (cf. Atos 1:6-8)

Mas temos alguma indicação clara do período em que essas bênçãos oferecidas podem ser esperadas? Eles estavam em um futuro distante, ou estavam à mão? A nota do tempo está claramente marcada no versículo 20. A vinda de Cristo é especificada como o período em que essas perspectivas gloriosas devem ser realizadas. Nada pode ser mais claro do que a conexão e coincidência desses eventos, a vinda de Cristo, os tempos de renovação e os tempos de restauração de todas as coisas. Isso está em harmonia com a representação uniforme dada na escatologia do Novo Testamento: a Parousia, o fim dos tempos, a consumação do reino de Deus, a destruição de Jerusalém, o julgamento de Israel, tudo sincronizado. Encontrar a data de um é fixar a data de todos. Já vimos como definitivamente foi fixado o tempo para a realização de alguns desses eventos. O Filho do homem deveria entrar em Seu reino antes da morte de alguns dos discípulos. A catástrofe de Jerusalém aconteceria antes que a geração viva tivesse passado. O grande e notável dia do Senhor é representado por São Pedro no capítulo anterior como ultrapassando a "geração perversa". E agora, na passagem diante de nós, ele sugere claramente que a chegada dos tempos de renovação e de restauração de todas as coisas era contemporânea ao "envio de Jesus Cristo" do céu.

Mas pode-se dizer: como uma catástrofe tão terrível como a destruição de Jerusalém pode ser associada a tempos de renovação ou restauração? Havia dois lados na medalha: havia o inverso e o anverso. A descrença e a impenitência mudariam "os tempos de

renovação" para "os dias da vingança". Se eles "desprezassem as riquezas da bondade, tolerância e longanimidade de Deus", então, em vez de restauração, haveria destruição; e em vez do dia da salvação, haveria "o dia da ira e a revelação do justo julgamento de Deus". (Rm. 2:4, 5)

Nós sabemos a escolha fatal que Israel fez; como "a ira veio sobre eles ao máximo"; e sabemos como tudo aconteceu no período designado e previsto, no "fim dos tempos", dentro dos limites daquela geração. Estamos, assim, habilitados e capacitados a definir o período ao qual o apóstolo faz alusão nessa passagem, e concluímos que ela coincide com a parousia.

Somos conduzidos à mesma conclusão por outro caminho. Em Mateus 19:20 nosso Senhor declara aos seus discípulos, "Em verdade vos digo que vós que me seguistes, na regeneração, quando o Filho do homem se assentar no trono da sua glória," etc. Nós já comentamos essa passagem, mas pode ser apropriado novamente notar que a "regeneração" [paliggenesia] de Mateus é o equivalente exato da "restauração" [apokatastasiv] dos Atos. O que se entende por regeneração é o mesmo que se entende para restauração, porque é a hora em que "o Filho do homem se assentará no trono de sua glória". Mas este é o período em que Ele vem para julgar a nação culpada. (Mt. 25:31) Não há possibilidade de confundir a hora; nenhuma dificuldade em identificar o evento: é o fim dos tempos e o julgamento de Israel.

Chegamos assim à mesma conclusão por outra via independente, fortalecendo assim imensamente a força da demonstração.

ATITUDE DOS CRISTÃOS PRIMITIVOS EM RELAÇÃO À PAROUSIA

Atos 4:34: "Não havia, pois, entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido, e o depositavam aos pés dos apóstolos".

Seria estranho se não houvesse nenhuma evidência de que os cristãos na judeia tivessem conhecimento sobre a grande catástrofe nacional em que o templo, a cidade e a nação cairiam juntas. Se um grande corpo de profecias bíblicas tivesse a intenção de se relacionar com aquela geração específica e sua capital religiosa, então o Espírito Santo teria se movido de tal maneira que aqueles crentes teriam alcançado tal entendimento. Às vezes, pequenos detalhes significam muito, quando vemos um pouco mais do que eles realmente querem dizer. O que de outra forma poderia parecer um fato histórico sem importância, tem, na realidade, um mundo de significado teológico para ele. Então, qual é a grande questão? O que é tão importante sobre os cristãos em Jerusalém vendendo suas casas e terras? Transações imobiliárias são um evento comum, não são? Bem, não em Israel, e não da maneira descrita em Atos!

Essa atitude dos cristãos em Jerusalém só pode ser um exemplo poderoso da transformação que o Espírito Santo efetuou neles, pois o fato de venderem suas propriedades é algo em si extraordinário pelo fato de que de acordo com a mentalidade dos judeus antigos, a terra era de muita importância. Eles consideravam a terra como herança deles vinda do próprio Deus. Em Levítico 25:23 Deus disse que "a terra não poderá ser vendida definitivamente, porque ela é minha, e vocês são apenas estrangeiros e imigrantes". Embora houvesse uma permissão de venda temporária das suas terras, os judeus tinham que, de acordo com as leis do jubileu, fazer com que a propriedade da terra voltasse ao proprietário original. Pelo que

parece, os cristãos que vendiam suas terras não pretendiam resgatar a terra futuramente (ver Jeremias 32).

Os textos de Atos nos leva a crer que os primitivos cristãos de origem judaica estavam permanentemente vendendo suas propriedades. Aqueles cristãos primitivos sabiam que as propriedades em Jerusalém não teriam nenhum valor; de que me serviria terras e casas em uma cidade que a qualquer momento ficaria "desolada" (Lc 21:20)? Afinal, isso explica muito bem porque as outras igrejas, fora de Jerusalém, não tinham a mesma atitude. Esses cristãos de Jerusalém chegaram, posteriormente, a um ponto em que não podiam manter-se, e as outras igrejas lhe fizeram uma coleta (cf. Gl. 2:10; 1 Co. 16:1-3; 2 Co. 8-9; Rm 15:25-27). É impossível resistir à conclusão de que eles tinham em vista a grande catástrofe que não parece ter estado ausente dos seus pensamentos, essa profecia continuou a ser anunciada pela Igreja de Jerusalém e essa era a base das acusações dos judeus contra Estevão: "Nós o temos ouvido dizer que esse Jesus, o nazareno, há de destruir este lugar…" (At. 6:14) Alguns tentam negar a força desta passagem dizendo que as testemunhas eram testemunhas falsas. A única razão pela qual eles eram testemunhas falsas é porque eles acusaram Estevão de blasfêmia! Ele não era culpado de blasfêmia, ele disse a verdade! Os discípulos podem ser justificados por essa crença nas palavras de Jesus. O Senhor não disse que o templo seria destruído? Não os ensinou que Ele viria em julgamento naquela geração; que alguns deles viveriam para ver tal evento. Seria realmente estranho se eles tivessem esquecido ou perdido de vista a esperança inspiradora da breve reunião com o Senhor. Eles certamente expressam frequentemente a expectativa da Sua vinda. Eles sentiram que, a qualquer momento, sua esperança poderia se tornar realidade. Eles esperaram, procuraram, ansiaram por isso e exortaram uns aos outros a vigiar e orar. Foi isso que o Senhor lhes havia ordenado e foi o que eles fizeram. Eles poderiam estar errados? É possível que eles tenham tido ilusões sobre esse assunto? Eles poderiam ter entendido mal os ensinamentos do Senhor? Se isso fosse possível, abalaria as fundações da nossa fé.

CRISTO EM BREVE JULGARÁ O MUNDO

Atos 17:31: "Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do homem que destinou...".

Já vimos que o Senhor Jesus Cristo é constituído e declarado como o juiz dos homens. (João 5:22, 27) Como é claramente declarado, o tempo do julgamento é a Parousia. Com igual distinção, somos ensinados que a Parousia deveria cair dentro dos limites temporais da geração então viva. O julgamento foi, portanto, visto por Paulo como estando próximo. Temos na passagem agora diante de nós uma confirmação incidental, mas despercebida, desse fato. As palavras "ele vai julgar" não expressam um futuro simples, mas um futuro próximo, mellei krinein, Ele está prestes a julgar, ou julgará em breve. Essa sombra de significado não é preservada em nossa versão, mas não é sem importância.[122]

---

[122] Se esta palavra, krinein deve ser tomada no sentido estritamente judicial ou como ato de governar, se esse é apenas o julgamento daquela geração ou se inclui o juízo de Cristo que a partir de então deve ocorrer entre as nações, não é declarado aqui. A administração Messiânica abraça ambas as idéias. E o apóstolo aqui garante a seu público que esse período de administração judicial estava prestes a iniciar. A mesma verdade é repetidamente afirmada em suas epístolas, a primeira das quais - 1 Tessalonicenses - deveria lido em conexão com Atos 17:1-10, como mostra as circunstâncias que assistem à fundação da Igreja da Tessalônica. O grande tema de sua pregação lá tinha sido a breve vinda de Cristo para estabelecer seu reino entre os homens. Isto é evidente a partir da denúncia feita por seus inimigos para as autoridades romanas, que ele e seus seguidores estavam virando o mundo de cabeça para baixo - dizendo que há outro rei, Jesus. Com isto concorda sua própria declaração: "Porque por vós soou a palavra do Senhor, não somente na macedônia e Acaia, mas também em todos os lugares a vossa fé para com Deus se espalhou, de tal maneira que já dela não temos necessidade de falar coisa alguma; Porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco, e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro, E esperar dos céus o seu Filho..." (1 Ts. 1:8, 10). Eles tomaram as próprias palavras de Cristo e sua pregação, e como ele diz, estava no poder e no Espírito Santo, e com muita segurança. (1 Ts. 1:6). Da semente plantada naquele ministério, em três semanas surgiu uma igreja cuja

Aqui, então, somos novamente confrontados pela associação frequente da Parousia e do Julgamento, ambos evidentemente considerados pelo apóstolo como próximos.[123]

---

fé e zelo ganhou dele elogio honroso, e foram, como ele garante, conhecidos e certificados em todo mundo. Alguns afirmam que Paulo, em suas cartas a Timóteo e outras epístolas posteriores, muda suas antigas expressões de alegria esperança; mas isso certamente é um erro, pois ele aqui insiste positivamente que a vinda de Cristo para julgamento é um evento próximo; embora ele vê que sua própria vida está prestes a ser cortada e que ele provavelmente não viverá para ver o Senhor aparecer, ele fala com certeza para Timóteo que o Senhor está vindo como juiz e que o julgamento estava próximo. Em Atos 24:25, onde Paulo se dirige a Felix, as palavras "um julgamento por vir" deve ser traduzida como "um julgamento prestes a vir" onde sua consciência foi despertada, acusou-o da injustiça e da incontinência de que fora culpado; e sua mente se encheu de horror ao pensar no terrível julgamento que ele não podia escapar. (Ver também 1 Co. 4:5 e 2 Tm. 4:8)

[123] Há obviamente o ensinamento no Novo Testamento que chegaria um certo ponto no tempo quando o reino de Deus e o julgamento seriam introduzidos, ou começariam, como São Pedro diz em sua primeira epístola. Isso é confirmado por todos os termos que implicam uma prontidão por parte do Juiz para aparecer em seu poder de julgamento, e pelas afirmações que ele está prestes a iniciar uma ação judicial. Mas isso de modo algum nos obriga a concluir que o processo será limitado a um único dia. O Professor Owen diz: "O julgamento não deve ser comprimido a um imprevisível período de tempo como o nosso dia de vinte e quatro horas, mas na própria natureza das coisas deve ser referido a um período indefinidamente prolongado, cuja duração é conhecida apenas por Deus". Ao longo dos séculos o julgamento de nações, comunidades e indivíduos estão ocorrendo. João Batista profetizou que o machado foi colocado na raiz das árvores, e que a pá estava nas mãos de um mais poderoso que ele - "e ele limpará bem a sua eira; e ele vai reunir seu trigo no celeiro, mas a palha ele vai queimar com fogo inextinguível. Logo após essa previsão, o processo de julgamento começou em relação à terra de Israel, e foi como um mar de sangue, enquanto a capital foi apagada da Terra. Então a própria Roma, usada por Deus como um instrumento de destruição contra Jerusalém, soberbamente exaltada, se tornou perseguidora dos amados de Cristo, e ela entrou em juízo e desceu ao castigo sob o dilúvio de hordas bárbaras do norte. Os imperadores que se colocaram contra Deus; reis empenhados em frustrar seus projetos; governos tirânicos e opressores; todos sentiram a mão judicial e castigadora do Senhor na reversão de seus planos e na condenação dos seus propósitos. Mesmo enquanto essas linhas estão sendo escritas, nações estão sendo usadas por Deus, aparentemente, para

A ESPERANÇA DA RESSURREIÇÃO (NA PAROUSIA)

Atos 23:6: "E Paulo, sabendo que uma parte era de saduceus e outra de fariseus, clamou no conselho: Homens irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu; no tocante à esperança e ressurreição dos mortos sou julgado".

Atos 24:15: "Tendo esperança em Deus, como estes mesmos também esperam, de que há de haver ressurreição de mortos, assim dos justos como dos injustos".

Atos 26:6, 7: "E agora pela esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais estou aqui e sou julgado. À qual as nossas doze tribos esperam chegar, servindo a Deus continuamente, noite e dia. Por esta esperança, ó rei Agripa, eu sou acusado pelos judeus".

Não pode haver dúvida de que quando, após a ascensão de nosso Senhor, os apóstolos saíram para pregar o evangelho e batizar em seu nome, o anúncio da ressurreição dos mortos fosse parte integrante da pregação dos apóstolos. Eles falavam sobre isso com naturalidade e frequência, tanto para o povo simples como para a elite. Lucas registra que Pedro e João foram presos porque "ensinavam ao povo que Jesus havia ressuscitado" e que por meio dele os mortos vão ressuscitar (At. 4:1-2). Também registra que os filósofos de Atenas, "quando ouviram Paulo falar a respeito da ressurreição, alguns zombaram dele, mas outros disseram: Em outra ocasião queremos

---

castigar outra nação - arrogante, obstinada e tirânica; para administrar a punição bem merecida por séculos de opressão e crueldade, e trazer à tona para a luz da liberdade e verdadeira religião à multidões de pessoas oprimidas e obcecadas que há muito tempo viveram nas profundidades da ignorância e superstição, e afastadas da civilização. Precisamos apenas olhar a história das nações da terra nos tempos medievais e nos tempos modernos, para aprender que Cristo está governando com vara de ferro, e freqüentemente quebrando em pedaços como um vaso de oleiro, governos perversos e tirânicos. "Que uma história do mundo é um julgamento contínuo do mundo é reconhecido por todos que atentamente e observá-lo com credibilidade" (Van Oosterzee).

ouvir você falar sobre este assunto" (At. 17:32). A doutrina da ressurreição dos mortos não era acreditada por nenhum dos gregos; parecia incrível; e eles consideravam isso tão absurdo a ponto de não admitir um argumento. Mas para alguns dos estóicos, a doutrina de um estado futuro não era negada; e o fato, afirmado por Paulo, de que alguém havia sido ressuscitado dos mortos, pareceria mais plausível para eles, e poderia ser uma questão que valesse a pena averiguar se o fato alegado não fornecia um novo argumento para seus pontos de vista. Eles, portanto, propuseram examinar isso em algum momento futuro.

Toda esta declaração indica que o relato de Lucas é um resumo preciso do que o ensino de Paulo era que Deus "estabeleceu um dia no qual ele [em breve] julgará o mundo pelo homem que ele designou", e aponta para a ressurreição dos mortos como o evento que estabeleceu quem é esse homem.

Ao fazer sua defesa diante do conselho (Atos 23:6-8) É fundamental notar que a primeira coisa que Paulo afirma ser sua fidelidade à esperança de Israel, "Com respeito a esperança e a ressurreição dos mortos que estou em julgamento" (At. 23:6) Paulo apresenta-se como um fiel defensor da doutrina dos fariseus, embora seja preciso questionar se eles concordariam com a expectativa precisa do apóstolo. Os saduceus rejeitavam o ensino bíblico sobre a ressurreição, os anjos e os espíritos (v. 8). Parece claro pela intensidade da controvérsia que surgiu no julgamento de Paulo, que Ananias estava do lado saduceu da disputa contra Paulo, enquanto os fariseus defenderam o lado de Paulo no debate em relação a uma futura ressurreição dos mortos. Paulo procurou dividir o conselho primeiro apelando para sua filiação e, em seguida, para uma doutrina importante que ele mantinha em comum com os fariseus.

Quando lembramos que Paulo era "fariseu e filho de fariseus" e que ele tinha família morando bem ali em Jerusalém (sua irmã e seu filho), fica claro por que Paulo teria suscitado esse debate, sabendo que ele

tinha família e amigos dentro do grupo fariseu que estariam dispostos a defender sua posição sobre a ressurreição. Não é surpreendente, então, ver o sobrinho de Paulo vir à prisão e alertá-lo sobre a trama dos saduceus para matá-lo. Quando Paulo mencionou "a ressurreição dos mortos" em seu julgamento, os fariseus imediatamente se reuniram em sua defesa (Atos 23:6-9). Essa defesa de Paulo pelos fariseus levanta um ponto interessante. É certo que os fariseus não teriam defendido Paulo se soubessem que ele estava ensinando um conceito de ressurreição radicalmente diferente do que eles. Mas Paulo se identificou deliberadamente com os fariseus, o que necessariamente implica que ele concordava com o conceito deles de "uma ressurreição tanto dos justos quanto dos ímpios" (Atos 24:15). Se Paulo tinha um conceito radicalmente diferente de ressurreição do que os fariseus, então Paulo tem que ser acusado de engano deliberado ao fazer os fariseus pensarem que ele estava ensinando o mesmo tipo de ressurreição em que eles acreditavam.

Não temos simpatia por aqueles que pensam que os apóstolos estavam errados ou mentiram; nenhum com aqueles que impõem uma construção forçada sobre as palavras inspiradas, em acomodação a uma teoria filosófica. A própria Bíblia é profundamente filosófica. Não estamos satisfeitos com qualquer interpretação que não torne a Bíblia consistente consigo mesma. E quando comentaristas como Locke, Jonathan Edwards, Barnes, Olshausen, Arnold e outros pensam que os Apóstolos erraram em alguns dos pontos que escreveram no Volume Sagrado, paramos de seguir com confiança sua interpretação. Buscamos uma exegese da linguagem inspirada que a faça se harmonizar consigo mesma e com toda a verdade.

Ao defender-se diante de Félix, Paulo declarou, enquanto estava em julgamento sob juramento, que estava sendo julgado por sua crença que "haverá ressurreição dos justos como dos injustos" que era a esperança de Israel, encontrada em Moisés e nos profetas (Atos 24:14-15). Na mesma ocasião e no mesmo lugar, Paulo repetiu: "Hoje estou sendo julgado por vocês porque creio que os mortos vão

ressuscitar" (At 24.21), e enquanto ele falava sobre a justiça, temperança e o julgamento vindouro, Félix tremeu (v. 25).
O leitor notará particularmente as indicações de tempo especificadas por nosso Paulo nessa passagem importante. As palavras "haverá ressurreição" não expressam um futuro simples, mas um futuro próximo: "Ele está prestes a ressuscitar, ou ressuscitará em breve". Isso se assemelha muito à pregação de Paulo aos atenienses oito anos antes, sobre Deus ter "estabelecido um dia em que há [mello] de julgar o mundo" (Atos 17:31). Não foi esse o ensino do Nosso Senhor? "vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação"(cf. João 5:28-29), "Agora é o juízo deste mundo" (João 12:31, 16:11)

Essas declarações são interessantes por vários motivos, não apenas por causa de suas afirmações de iminência, mas ainda mais no que diz respeito à julgamento de ambos os justos e ímpios como a esperança de Israel que foi o tema de sua defesa diante de Agripa (Atos 26:5-7).

No que concerne à sua forma e conteúdo, temos aqui o ponto mais alto atingido pelos discursos de Atos. Lucas descreve-o como "defendendo-se", embora não estivesse agora sob julgamento formal. Na verdade, o próprio Paulo emprega essa terminologia, e declara que estava venturoso em poder defender-se perante o rei, que estava bem familiarizado com todos os costumes e questões que há entre os judeus. Vivera como fariseu, e os judeus o conhecem desde o princípio; era a mais severa seita da religião judaica (At. 26:5). Seu propósito ao mencionar esses fatos era apresentar suas credenciais de judeu (as quais eram impecáveis) e, a seguir, sugerir que não havia descontinuidade entre sua educação judaica e sua crença atual. A esperança que a crença judaica lhe havia dado cumpriu-se na crença cristã. Estranha ironia, pois, que Paulo estivesse agora sob julgamento - a referência paulina abrange todo o processo legal em que se via envolvido - por causa tão somente da esperança que ele partilhava com todos os judeus (At. 26:6).

A esperança de Israel do qual Paulo falava era a esperança da ressurreição, pois esta parece ser a implicação de sua referência às doze tribos, que faz concentrar os pensamentos na reunião dos santos de todas as tribos no reino do reino de Deus. Este é um fato digno de ser ponderado. Até aquele momento, de acordo com Paulo, os santos do Antigo Testamento estavam esperando, e aguardavam ainda, pelo cumprimento da grande promessa de Deus feita a Abraão e sua semente. Ele diz com efeito: "A razão pela qual estou sendo julgado é que o que está para vir sobre nós, a atual geração de cristãos, é nada menos do que aquela esperança do qual todo o corpo do povo de Deus têm aguardado desde a queda de Adão; será um clímax, uma ocasião incrível e está chegando em nossa geração".

Paulo estava os conduzindo a saber que Jesus Cristo, embora houvesse sido crucificado, tornara-se "o primeiro da ressurreição dos mortos" (At. 26:23), e assim havia demonstrado ser o Messias, o que haveria de cumprir todas as esperanças de Israel (cf. Romanos 1:4). Foi o ministério de Paulo aos gentios, e o fato de o apóstolo dar a eles o mesmo tratamento dado aos judeus, que provocou a ira destes, pois havia um distância tremenda entre gentios e judeus, no pensamento judaico, por isso é que o agarraram no templo e tentaram matá-lo: "Mas, alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permaneço dando testemunho tanto a pequenos como a grandes, não dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer, Isto é, que o Cristo devia padecer, e sendo o primeiro da ressurreição dentre os mortos, devia anunciar a luz a este povo e aos gentios." (Atos 26:22, 23)

Por esta razão, a saber, eles ainda eram seu povo, Paulo pediu para ver os judeus romanos a fim de dizer-lhes o que havia acontecido: "Por esta causa vos chamei, para vos ver e falar; porque pela esperança de Israel estou com esta cadeia". (Atos 28:20) Em suma, ele suportava algemas romanas não por causa de alguma deslealdade contra seu povo, mas por lealdade à esperança que haviam

compartilhado. É como se Paulo tivesse dito: "Isto, e somente isto, é a causa de eu ser entregue nas mãos dos romanos; Eu proclamei Jesus como o Messias; mantive que embora ele tenha sido crucificado pelos judeus, ele ressuscitou dos mortos; e, através dele, eu tenho pregado a ressurreição dos mortos: isso tudo é o que Israel professa esperar; e, no entanto, é por causa disso que os judeus me perseguem". É certo que, embora os fariseus acreditassem na ressurreição dos mortos, ainda assim eles não a creditaram da maneira como Paulo a pregou; ele lançou os fundamentos da ressurreição dos mortos por meio da ressurreição de Cristo: "Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda" (1 Coríntios 15:23).

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

INTRODUÇÃO

Vimos como a Parousia, ou a vinda de Cristo, permeia os Evangelhos do começo ao fim. Nós achamos isso claramente anunciado por João Batista no início de seu ministério, e é a última expressão de Jesus registrada por São João. Entre esses dois pontos, encontramos referências contínuas ao evento de várias formas e em várias ocasiões. Vimos também que a Parousia está geralmente associada ao julgamento, ou seja, o julgamento de Israel e a destruição do templo e da cidade de Jerusalém. A razão dessa associação da vinda de Cristo com o julgamento de Israel é muito aparente. A Parousia foi o evento culminante do que pode ser chamado de história messiânica, ou o governo teocrático do povo judeu. A encarnação e a missão do Filho de Deus, embora tivessem um relacionamento geral com toda a raça humana, tinham ao mesmo tempo um relacionamento especial e peculiar com a nação da aliança, os filhos de Abraão. Cristo era realmente o "segundo Adão", o novo chefe e o novo representante da raça humana, mas, antes disso, ele

era o filho de Davi e o rei de Israel. Sua visão declarada de sua missão era que era, antes de tudo, especial para o povo escolhido: "Eu não fui enviado, mas para as ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15:24). O próprio título que Ele reivindicou, "Cristo", o Messias, ou Ungido, era indicativo de Sua relação com o Judaísmo e a Teocracia, pois o reconheceu como o Rei legítimo, veio na plenitude do tempo 'por Sua conta'. tomar posse do trono de seu pai Davi. Esse caráter judaico especial da missão do Senhor Jesus é constantemente reconhecido no Novo Testamento, embora seja frequentemente ignorado pelos teólogos e quase esquecido pelos cristãos em geral. São Paulo coloca grande ênfase nisso.

"Agora digo que Jesus Cristo era um ministro da circuncisão, para confirmar as promessas feitas aos pais"; (Rm. 15:8) e podemos acrescentar: "para cumprir as ameaças" também. A frase "o reino de Deus" é distintamente uma ideia messiânica e teocrática e tem uma referência especial e única a Israel, sobre quem o Senhor era rei em um sentido peculiar apenas àquela nação. (Dt. 7:6 Amós 3:2) Veremos que "o reino de Deus" é representado como chegando à sua consumação no período da destruição de Jerusalém.

Esse evento marca o desenlace do grande esquema da providência divina, ou economia, como é chamada, que começou com o chamado de Abraão e durou dois mil anos. Podemos considerar esse esquema, a dispensação judaica, não apenas como um fator importante na educação do mundo, mas também como um experimento, em larga escala e sob as circunstâncias mais favoráveis, se era possível formar um povo para o serviço, temor e amor a Deus; uma nação modelo, cuja influência moral pode abençoar o mundo. Em alguns aspectos, sem dúvida, foi um fracasso e seu fim foi trágico e terrível; mas o que é importante notarmos, em conexão com essa investigação, é que a relação de Cristo, o Filho de Davi e o Rei de Israel, com a nação judaica explica o destaque dado nos Evangelhos à Parousia e os eventos que acompanhou-o, como tendo uma influência especial sobre esse povo. A falta de atenção a isso enganou muitos teólogos e

comentaristas: - eles leram "o planeta terra" onde apenas "o território" era destinado; "A raça humana", quando apenas "Israel" foi planejado; "O fim do mundo", quando "o fim dos tempos, ou a dispensação" foi mencionado. Ao mesmo tempo, seria um erro grave subestimar a importância e a magnitude do evento que ocorreu na Parousia. Foi uma grande era no governo divino do mundo: o fim de uma economia que durou dois mil anos; o término de um aeon e o início de outro; a revogação da "ordem antiga" e a inauguração da nova. É, no entanto, sua relação especial com o judaísmo que confere à Parousia seu principal significado e importância.

Passando dos Evangelhos às Epístolas, descobrimos que a Parousia ocupa um lugar conspícuo nos ensinamentos e escritos dos apóstolos. É natural e razoável que assim seja. Se o Mestre deles os ensinou durante Seu ministério que Ele voltaria em breve; que alguns deles viveriam para vê-lo retornar; se em sua conversa de despedida com eles na ceia pascal, ele afirmou que o intervalo de sua ausência seria por "um pouco de tempo"; e se em sua ascensão os mensageiros divinos lhes garantiram que voltaria assim como o viram partir; seria realmente estranho se eles tivessem esquecido ou perdido de vista a esperança inspiradora de uma rápida reunião com o Senhor. Eles certamente expressam frequentemente a expectativa de Sua vinda. Essa esperança foi a estrela do dia e o amanhecer que os animou na noite sombria da tribulação pela qual eles tiveram que passar: eles se consolaram com a conhecida palavra de ordem: "O Senhor está próximo". Eles sentiram que a qualquer momento sua esperança poderia se tornar realidade. Eles esperavam, procuravam, ansiavam e exortavam-se à vigilância e à oração. Como o Senhor os havia ordenado, eles o fizeram. Eles poderiam estar enganados? É possível que eles nutrissem ilusões sobre esse assunto? Eles poderiam ter entendido mal os ensinamentos do Senhor? Se isso fosse possível, abalaria os fundamentos de nossa fé. Se os apóstolos pudessem estar errados sobre um fato sobre o qual tinham os mais amplos meios de informação, e sobre os quais eles professavam falar com autoridade como órgãos de inspiração divina, que confiança poderiam ter em

relação a outros assuntos, que por natureza eram obscuros, abstrusos e misteriosos? Ninguém que tenha fé na certeza que o Salvador deu a Seus discípulos de que Ele enviaria o Espírito Santo para "guiá-los em toda a verdade", "ensinar-lhes todas as coisas" e "trazer todas as coisas para sua lembrança de que ele lhes dissera", pode duvidar que a autoridade com a qual os apóstolos falam sobre a Parousia seja igual à do próprio Senhor. A hipótese de que possa ser feita uma distinção entre o que eles acreditavam e ensinavam sobre esse assunto e o que eles acreditavam e ensinavam sobre outros assuntos, não suporta o menor exame. Todo o ensino deles repousa sobre o mesmo fundamento, e esse fundamento sobre o qual repousa a doutrina do próprio Cristo.

Passamos agora a examinar as referências à Parousia contidas nas Epístolas de São Paulo - tomando-as em sua ordem cronológica, tanto quanto se possa dizer que isso seja verificado.

A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

Acredita-se geralmente que esta é a primeira de todas as epístolas apostólicas, e sua data é atribuída cerca do ano 52 d.C., dezesseis anos após a conversão de Paulo[124] e vinte e dois anos após a crucificação de nosso Senhor.[125] É evidente, portanto, que quaisquer sugestões de "inexperiência" ou "entusiasmo de recém-nascido", visíveis nesta epístola, depois atenuadas pelo julgamento mais rigoroso dos anos subsequentes, estão completamente equivocadas. Não podemos detectar nenhuma diferença na fé e na esperança de "Paulo, o idoso", e no do escritor "pesado e poderoso" desta epístola. Portanto, é muito instrutivo observar os sentimentos e crenças que eram

[124] Conybeare e Howson.

[125] O contexto histórico das epístolas de Paulo aos Tessalonicenses é encontrado em Atos 17:1–10. Esta narrativa descreve o trabalho de Paulo na cidade de Tessalônica durante sua segunda jornada missionária

manifestamente atuais e predominantes nas mentes dos primeiros cristãos.

Bengel observa: "Os tessalonicenses estavam cheios da expectativa do advento de Cristo. Tão louvável era a posição deles, tão livre e sem vergonha era a regra do cristianismo entre eles, que eles podiam esperar a cada hora a vinda do Senhor Jesus". [126] Esse é um raciocínio estranho. É verdade que os tessalonicenses estavam cheios da expectativa da rápida vinda de Cristo, mas se nessa expectativa foram enganados, onde está a louvabilidade de trabalhar sob uma ilusão? Se era uma fraqueza amável, "sancta simplicitas", esperar a breve vinda de Cristo, parece uma admiração pobre elogiar sua credulidade às custas de seu entendimento equivocado.

Descobriremos, no entanto, que os cristãos de Tessalônica não precisam de nenhum pedido de desculpas por sua fé.

O EVANGELHO É ANUNCIADO EM TODO MUNDO

1 Tessalonicenses 1:8: "Porque por vós soou a palavra do Senhor, não somente na macedônia e Acaia, mas também em todos os lugares a vossa fé para com Deus se espalhou, de tal maneira que já dela não temos necessidade de falar coisa alguma".

Como sinal que precederia a consumação "O evangelho do reino será pregado em todo o mundo para testemunho a todas as nações e então virá o fim" (Mt. 24:14). As palavras de Paulo diante de nós revelam o cumprimento dessa predição na era apostólica; temos a autoridade de São Paulo para uma difusão universal do evangelho em seus dias, a fim de verificar as palavras de Nosso Senhor. (Ver Cl. 1:6, 23) Obviamente, devemos tomar a linguagem empregada por Paulo,

[126] Gnomon, in loc.

bem como por nosso Senhor em um sentido popular, e seria injusto pressioná-la até o final. A ampla difusão do evangelho na terra de Israel e em todo o império romano é suficiente para justificar a predição de nosso Senhor. Cada nação recebeu o seu testemunho. Isto foi necessário não apenas para os gentios, mas principalmente para os os judeus, que estavam espalhados entre as nações, para que tivessem a oportunidade de receber ou rejeitar a pregação de Cristo". Tal testemunho encontra eco nos escritos de Lucas acerca dos atos apostólicos. A começar pelo dia de Pentecostes. Lucas nos informa que naquele dia, "em Jerusalém estavam habitando judeus, homens religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu" (At. 2:5). Todos eles tiveram que ouvir o testemunho dos discípulos acerca do Reino de Deus, e isto, em suas línguas nativas. Quando acabou a festa de Pentecostes, muitos deles retornaram às suas nações de origem, e levaram consigo o testemunho do Evangelho. Lucas também nos informa que em apenas dois anos "todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus" (At. 19:10). Não foi em vão que os judeus de Tessalônica exclamaram acerca dos discípulos: "Estes que têm alvoroçado o mundo, chegaram também aqui" (At. 17:6). Como o último sinal que precederia a consumação estava cumprido, os cristãos primitivos estão justificados em manter suas expectativas na breve vinda de Cristo.

A EXPECTATIVA DA RÁPIDA VINDA DE CRISTO

1 Tessalonicenses 1:9,10 "Porque eles mesmos anunciam de nós qual a entrada que tivemos para convosco, e como dos ídolos vos convertestes a Deus, para servir o Deus vivo e verdadeiro, E esperar dos céus o seu Filho, a quem ressuscitou dentre os mortos, a saber, Jesus, que nos livra da ira futura".

Esta passagem é interessante, pois mostra muito claramente o lugar que a esperada vinda de Cristo mantinha na crença das igrejas

apostólicas. Estava na primeira fila; foi uma das principais verdades do evangelho. São Paulo descreve a nova atitude desses convertidos tessalonicenses quando "se afastam de seus ídolos para servir ao Deus vivo e verdadeiro"; era a atitude de "esperar por seu filho". É muito significativo que essa verdade em particular seja selecionada dentre todas as grandes doutrinas do Evangelho, e se torne a característica proeminente que distinguia os cristãos convertidos de Tessalônica. Aparentemente, toda a vida cristã é resumida sob duas perspectivas, uma geral e outra particular: a primeira, o serviço do Deus vivo; o último, a expectativa da vinda de Cristo. É impossível resistir à inferência:

1- Que esta última doutrina constituiu parte integrante do ensino apostólico.

2- Que a expectativa do rápido retorno de Cristo era a fé dos cristãos primitivos.[127]

[127] "É sabido a todos os leitores das Escrituras que a Primeira Epístola aos Tessalonicenses fala da vinda de Cristo em termos que indicam uma expectativa de Sua rápida aparição: "Por isso dizemos a você pela palavra do Senhor que nós" etc. 1 Ts. 4:15-17, 5:4 Qualquer outra construção que esses textos possam ter,a ideia que eles deixam na mente de um leitor comum é a do autor da epístola que procura que o dia do julgamento ocorra em seu próprio tempo ou próximo a ele". - Horae Paulinae, de Paley, cap. ix. Se nos pedissem a característica distintiva dos primeiros cristãos de Tessalônica, deveríamos apontar para a sensação avassaladora da proximidade da parousia, acompanhada de pensamentos melancólicos sobre aqueles que poderiam morrer antes desse evento, e com visões sombrias e não práticas da falta de vida e a vaidade do mundo. Cada capítulo da Primeira Epístola aos Tessalonicenses termina com uma alusão a esse assunto; e era evidentemente o tema de conversas frequentes quando o apóstolo estava na Macedônia. Mas São Paulo nunca falou ou escreveu sobre o futuro como se o presente fosse esquecido. Quando os tessalonicenses foram advertidos da parousia de Cristo, ele também falou de outros eventos futuros, cheios de avisos práticos para todas as idades, embora, aos nossos olhos, eles ainda estejam envoltos em mistério - da "queda" e do "homem" do pecado. "Essas terríveis revelações", disse ele, "devem preceder a revelação do Filho de Deus. Você não lembra", acrescenta ele, com ênfase, em sua carta "que,

Mas, como eles esperariam? Certamente não em seus túmulos; não no céu; nem no Hades; É claro que enquanto eles estavam vivos na terra. A forma da expressão "esperar pelo teu Filho dos céus" não nos permite inferir outra coisa se não que, enquanto estavam na terra, estavam esperando a vinda de Cristo do céu. Alford observa que o aspecto especial da fé dos tessalonicenses era a esperança; esperança do retorno do Filho de Deus do céu; e ele acrescenta esse comentário singular: "Essa esperança foi evidentemente alimentada por eles como um evento mais imediato do que a igreja subsequentemente acreditou que fosse. Certamente, essas palavras lhes dariam uma ideia da proximidade da vinda de Cristo; e talvez o mal-entendido deles possa ter contribuído para a noção que o apóstolo corrige, 2 Ts. 2:1". Esta é uma sugestão de que os tessalonicenses estavam enganados ao esperar a vinda do Salvador em seus próprios dias. Mas de onde eles derivaram essa expectativa? Não era do próprio apóstolo? No devido tempo, veremos que os tessalonicenses erraram, não na expectativa da Parousia, nem na própria época que ela ocorreria, mas na suposição de que já havia chegado a hora.

A última cláusula do verso não é menos importante: "Jesus, que nos livra da ira futura". Essas palavras nos levam de volta à proclamação de João Batista: "Fuja da ira vindoura". Seria um erro supor que Paulo aqui se refere à retribuição que aguarda toda alma pecaminosa em um estado futuro; era uma catástrofe específica e prevista que ele

---

quando eu ainda estava com você, muitas vezes lhe disse isso! Você sabe, portanto, o obstáculo por que ele não é revelado, como será em sua própria estação". Ele disse a eles, segundo as palavras do próprio Cristo, que "os tempos e as estações das revelações vindouras eram conhecidos apenas por Deus"; e ele os advertiu, como os primeiros discípulos haviam sido avisados em Judas, que "o grande dia chegaria repentinamente sobre homens despreparados, .. como as dores de parto, cujo tempo está completo", e "como ladrão durante a noite"; e ele mostrou a ambos, por preceito e exemplo, que, embora seja verdade que a vida é curta e o mundo é vaidade, ainda assim a obra de Deus deve ser realizada diligentemente e até o fim"- Conybeare e Howson, Life and Epistles of St. Paulo, cap. ix.

tinha em vista. "A ira vindoura" desta passagem é idêntica à "ira vindoura" do segundo Elias; é idêntico aos "dias de retribuição" e "ira sobre este povo" preditos por nosso Senhor, Lucas 21:23. É "o dia da ira e revelação do justo julgamento de Deus", do qual Paulo fala em Rm. 2:5. Essa vinda "morre irae" sempre se destacam distinta e visível em todo o Novo Testamento. Agora não estava muito longe e, embora a Judeia pudesse ser o centro da tempestade, o ciclone do julgamento varreria outras regiões e afetaria multidões que, poderiam ter pensado que estavam além de seu alcance. Sabemos por Josefo como o início da guerra judaica foi o sinal de massacre e extermínio em todas as cidades onde os habitantes judeus haviam se estabelecido. Foi a essa onipresença da "ira vindoura" que nosso Senhor se referiu quando disse: "Onde quer que o corpo esteja, ali as águias serão reunidas". (Lucas 17:37) Aqui, novamente, como tantas vezes tivemos ocasião de comentar, a Parousia está associada ao julgamento.

A IRA CONTRA O POVO JUDEU

1 Tessalonicenses 2:16: "E nos impedem de pregar aos gentios as palavras da salvação, a fim de encherem sempre a medida de seus pecados; mas a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim".

Aqui o apóstolo representa a "ira vindoura" como se ele já tivesse vindo. Agora, é verdade que o julgamento de Israel, isto é, a destruição de Jerusalém e a extinção da nacionalidade judaica, ainda não havia ocorrido. Bengel sugere que o apóstolo alude a um terrível massacre de judeus que tinha acontecido em Jerusalém, onde "uma imensa multidão de pessoas (alguns dizem que mais de trinta mil) foram mortos".[128] A explicação de Alford é: "ele olha para o fato nos conselhos divinos como algo do passado, foi designado para vir"; mas ainda não "chegou". Jonathan Edwards, em seu sermão sobre este texto, refere-se à destruição que se aproximava de Jerusalém. "A ira

[128] Gnomon, in loc.

chegou, está à mão; está à porta: como provou em relação a essa nação: a terrível destruição deles pelos romanos foi logo depois que o apóstolo escreveu essa epístola".[129] Ou a suposição de Bengel está correta, ou a catástrofe final foi, na visão do apóstolo, tão próxima e tão certa que ele falou disso como um fato consumado.

Podemos traçar uma alusão muito distinta na linguagem do apóstolo em (1 Ts. 2:15, 16) às denúncias de nosso Senhor sobre "aquela geração perversa". (Mt. 23:31, 32, 36)[130]

A RELAÇÃO ENTRE A PAROUSIA E OS DISCÍPULOS DE CRISTO

1 Tessalonicenses 2:19-20: "Porque, qual é a nossa esperança, ou gozo, ou coroa de glória? Porventura não o sois vós também diante de nosso Senhor Jesus Cristo em sua vinda?
Na verdade vós sois a nossa glória e gozo".

O ensino uniforme, do Novo Testamento, é que o evento que seria tão fatal para os inimigos de Cristo seria auspicioso para Seus amigos. Em toda parte, os opositores e perseguidores mais malignos do cristianismo eram os judeus; a aniquilação da nacionalidade judaica, portanto, removeu o antagonista mais formidável do Evangelho e trouxe descanso e alívio aos cristãos sofredores. Nosso Senhor havia dito aos discípulos, ao falar dessa catástrofe que se aproximava:

[129] Obras, vol. iv., p. 281

[130] Aqui, novamente, temos uma referência clara a um dos propósitos da Parousia de Cristo. Seria uma vingança e ira contra aqueles que estavam perseguindo a Igreja e que rejeitaram totalmente Jesus Cristo. Muito claramente, Paulo nos diz que é a antiga nação judaica que estaria recebendo essa ira de Deus. Estas foram as pessoas que “mataram o Senhor” e que “desagradam a Deus”. Eles estavam causando sofrimento aos irmãos na Judeia e estavam sendo hostis a todos os cristãos e estavam tentando impedir que os gentios fossem levados a Cristo. Por meio dessas ações de perseguição ao povo de Cristo, Paulo diz que os judeus "acumulam seus pecados até o limite".

"Quando essas coisas começarem a acontecer, olhe para cima e levante a cabeça, pois sua redenção se aproxima". (Lc. 21:28) Mas essa explicação está longe de esgotar todo o significado de tais passagens. Não se pode duvidar que a Parousia esteja em toda parte representada como o dia de coroação das esperanças e aspirações cristãs; quando "herdariam o reino" e "entrariam na alegria de seu Senhor". Esse é o ensino claro de Cristo e de Seus apóstolos, e achamos claramente expresso nas palavras de Paulo agora diante de nós. A Parousia deveria ser a consumação de glória e felicidade para os fiéis, e o apóstolo procurou "sua coroa" na "vinda" do Senhor.

CRISTO VIRÁ COM TODOS OS SEUS SANTOS

1 Tessalonicenses 3:13: "Para confirmar os vossos corações, para que sejais irrepreensíveis em santidade diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo com todos os seus santos".

Esta passagem fornece outra prova de que o apóstolo considerou o período da vinda de nosso Senhor como a consumação da bem-aventurança de Seu povo. Ele aqui a representa como uma época judicial em que a condição moral e o caráter dos homens seriam examinados e revelados. Isso está de acordo com 1 Co. 4:5: "Não julgue nada antes do tempo, até que o Senhor venha, que ambos trará à luz as coisas ocultas das trevas e tornarão manifestos os conselhos dos corações: e então todo homem terá louvor a Deus". Em Cl. 1:22, encontramos uma expressão quase idêntica: "Apresentar-lhe santo, e irrepreensível e irreprovável aos seus olhos", palavras que só podem ser entendidas como referindo-se a uma investigação e aprovação judicial.

Que essa perspectiva não estava distante, mas, pelo contrário, muito próxima, todo o teor da linguagem do apóstolo implica. Paulo ainda está sem sua coroa de regozijo? Seus convertidos tessalonicenses ainda estão esperando o Filho de Deus do céu? Eles

ainda não estão "estabelecidos em santidade diante de Deus"? ainda não foram apresentados santos, e irrepreensíveis aos seus olhos? Pois essa seria a felicidade deles "na vinda do Senhor Jesus", e não antes. Se esse evento, portanto, nunca ocorreu, o que acontece com a expectativa e a esperança deles? Se eles pudessem saber que centenas e milhares de anos deviam primeiro seguir seu curso lentamente, poderiam Paulo e seus filhos na fé estarem assim cheios de esperança fixados com o pensamento da glória vindoura? Mas supondo que a Parousia estivesse próxima; em que todos esperavam testemunhar sua chegada, então quão natural e inteligível se tornam toda essa expectativa e esperança ansiosas. Que tanto o apóstolo como os tessalonicenses acreditavam que "a vinda do Senhor estava chegando", é tão evidente que dificilmente requer qualquer argumento para provar isso. A única questão é: eles estavam enganados ou não?

Uma observação pode ser adicionada à palavra final da passagem. "Agioi", santo, pode se referir a anjos, ou homens, ou a ambos. Não há nada no texto para determinar a referência. É verdade que em 1 Ts. 4:14 nos é dito que aqueles que dormem em Jesus, Deus os trará com ele, mas isso parece se referir mais ao levantamento dos santos adormecidos de suas sepulturas, do que à vinda do céu com Ele. Portanto, somos impedidos de nos referir novamente aos mortos em Cristo. Tanto mais que Cristo em Sua vinda é sempre representado como assistido por Seus anjos.

"Ele virá com seus anjos"; (Mateus 16:27) "com os santos anjos"; (Marcos 8:38) "com seus poderosos anjos"; (2 Ts. 1:7) "todos os seus santos anjos com ele". (Mt. 25:31) Isso também está de acordo com o uso do Antigo Testamento. O estado real de Jeová quando Ele veio dar a lei no Monte Sinai é assim descrito: "Ele veio com dez mil" , isto é , de santos, anjos. (Dt. 33:2) "Os carros de Deus são vinte mil, sim milhares de anjos; o Senhor está entre eles como no Sinai". (Sl. 68:17) "Vós recebestes a lei pela disposição [na liminar - Alford] dos

anjos". (Atos 7:53) Podemos, portanto, considerar provável que a referência nesta passagem seja aos anjos.[131]

EVENTOS QUE ACOMPANHAM A PAROUSIA

1 Tessalonicenses 4:13-18: "Não quero, porém, irmãos, que sejais ignorantes acerca dos que já dormem, para que não vos entristeçais, como os demais, que não têm esperança.

Porque, se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele.

Dizemo-vos, pois, isto, pela palavra do Senhor: que nós, os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem.

Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro.

Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor.

Portanto, consolai-vos uns aos outros com estas palavras".

Evidentemente, essas explicações de Paulo atendem a um estado de coisas que começaram a se manifestar entre os cristãos de Tessalônica e que Timóteo lhe havia relatado. Aguardando ansiosamente a vinda de Cristo, lamentaram a morte de seus companheiros cristãos por excluí-los da participação no triunfo e na bênção da Parousia. "Eles temiam que esses cristãos que partiriam perderiam a felicidade de testemunhar a segunda vinda de seu Senhor, que esperavam em breve contemplar". [132] - A corrigir este equívoco o apóstolo faz as explicações contidas nesta passagem.

---

[131] O profeta Zacarias também previu a vinda do Senhor com todos os seus santos (Zc. 14:5). E ele colocou esse evento em associação direta com o cerco de Jerusalém (Zc. 14:1-2)

[132] Conybeare e Howson, cap. XI.

Primeiro, ele lhes assegura que não tinham motivos para lamentar a partida de seus amigos em Cristo, como se tivessem sofrido alguma desvantagem ao morrer antes da vinda do Senhor; pois como Deus havia ressuscitado Jesus dentre os mortos, assim Ele ressuscitaria Seus discípulos adormecidos de suas sepulturas, no Seu retorno em glória.

Em segundo lugar, ele os informa, sob a autoridade do Senhor Jesus, que aqueles que viveram para ver Sua vinda não teriam precedência ou vantagem sobre os fiéis que haviam morrido antes daquele evento.

Em terceiro lugar, ele descreve a ordem dos eventos presentes na Parousia:

- A descida do Senhor do céu com um grito, com a voz do arcanjo, e a trombeta de Deus.
- A ressurreição dos mortos que partiram no Senhor.
- O arrebatamento simultâneo dos santos vivos, junto com os mortos ressuscitados, na região do ar, para encontrar seu Senhor vindouro.
- A eterna reunião de Cristo e Seu povo no céu.

A inferência legítima das palavras de Paulo no versículo 15, "nós que estamos vivos e permanecemos até a vinda do Senhor", é que ele previu que fosse possível e até provável que seus leitores e ele próprio estivessem vivos na vinda do Senhor.[133] Essa é a interpretação natural

[133] Que essas palavras implicam em "expectativa" é a afirmação de muitos dos melhores intérpretes, e, talvez, pode-se dizer que, não fosse por certas posses dogmáticas, ninguém jamais teria formado uma opinião contrária. "A partir da construção dessas palavras", diz Lunemann, "segue-se, sem dúvida, que Paulo se considerou com aqueles que sobreviveriam até o início do advento, pois de fato a mesma expectativa também é expressa em 1 Coríntios 15:51". Diz o Professor Stuart, Tholuck e a maioria dos os comentaristas falecidos na

e óbvia de sua linguagem.[134] Dean Alford observa, com muita força e sinceridade: "Então, além de qualquer dúvida, ele próprio esperava

---

Alemanha supõem que "os apóstolos esperavam o rápido advento sobre a terra em um tempo breve".
"O Reino Messiânico começa por meio da segunda vinda de Cristo que Paulo considerava como próximo". (Meyer Rm. 13:11)
"Todos os escritores do Novo Testamento consideram o [segundo] advento de Cristo como próximo; de fato, toda a doutrina não teria o menor significado prático a menos que o desejo da segunda vinda de Cristo estivesse vivo a cada momento e, portanto, continuamente considerado como possível". (Olshausen 1 Ts. 4: 15)
"Que São João, como os outros apóstolos, esperavam a vinda de Cristo como próxima é verdadeiro". (Ebrard, em 1 João)
"Todas as exortações apostólicas e consolações estão tão claramente ligadas à perspectiva do retorno pessoal do Senhor, e quem quer que contradiga esse fato, assim tira o telhado e a estrutura da teologia da igreja apostólica". (Van Oosterzee. Hist. II. p. 581)
"Certamente todos os apóstolos expressam com frequência suficiente a expectativa da vinda o mais próximo possível, com esperança viva e expectativa ansiosa". (Auberlen in Lange's Com. 1 Ts. 4:17)

[134] Uma das expressões mais cautelosas e capazes da opinião oposta é a de Ellicott: "A dedução dessas palavras, de que o próprio Paulo esperava estar vivo, deve ser pronunciada mais do que duvidosa. "nós", ou "aqueles que permanecerem", deve ser entendido como se classificando com aqueles que estão sendo deixados na terra (comp. Atos 2:47), sem ser concebido a sugerir que ele tinha expectativas exatas ou definidas quanto ao seu próprio caso. No momento em que escrevia essas palavras, ele era um dos vivos e remanescentes e, como tal, distingue a si mesmo e a eles, e naturalmente identifica-se com a classe à qual ele pertenceu. Não parece impróprio admitir que, na ignorância do dia do Senhor (Marcos 13:32), os apóstolos possam ter imaginado que aquele que viria chegaria rapidamente, mas parece precipitado atribuir expectativas definidas a homens inspirados, uma vez que provou ser infundado, quando o contexto, ponderado com calma e interpretado com precisão, não fornece certos elementos para deduções tão extremas". Essas explicações podem ser tomadas como uma amostra das melhores que podem ser ditas em ambos os lados da questão. É digno de nota que os comentaristas de uma classe exibem uma garantia firme de seguir a mais óbvia importação da linguagem do apóstolo, enquanto os da classe oposta manifestamente sentem que a linguagem não favorece sua opinião e, portanto,

alegam a ignorância do apóstolo, ou então dão às suas palavras um significado não natural. As palavras implicam a expectativa de uma iminente vinda do Senhor, e deixando de lado todo preconceito dogmático, fica claro que a linguagem do apóstolo implica em uma expectativa de que muitos de sua geração permanecerão vivos até a vinda do Senhor. Ninguém pode afirmar, de maneira justa, que a linguagem de Paulo implica que ele e todos aqueles a quem ele escreveu estariam vivendo naquela hora, pois o que ele diz sobre aqueles que "estão adormecendo" (v. 13) implica o contrário. Assim também suas palavras em 1 Coríntios 15:51, "nem todos dormiremos" são praticamente equivalentes a "alguns de nós dormiremos". Ele vê a possibilidade de que ele próprio poderia morrer (1 Co. 15:31, 32) e, mais tarde, essa possibilidade se tornou uma convicção positiva (2 Tm. 4:6-8). Mas esses fatos e considerações não militam contra a opinião de que sua linguagem na passagem em questão implica claramente a doutrina da iminente vinda do Senhor, e que muitos, se não a maioria, de seus contemporâneos viveriam até esse evento glorioso. Ellicott está certo ao dizer que essas palavras não implicam necessariamente que "o próprio Paulo esperava estar vivo", e Lunemann e Alford são muito positivos em suas explicações nesse ponto. É necessário salientar que Paulo aqui não expressa quaisquer "expectativas definidas" sobre si mesmo, pessoalmente (ou de qualquer outro indivíduo), como se ele não pudesse adormecer antes da Parousia. "Ele era um dos vivos e remanescentes", como Ellicott diz", e naturalmente se identifica com a classe à qual ele pertenceu", mas quando alguém argumenta que sua linguagem não implica que nenhuma dessas classes permaneceria vivo até a vinda do Senhor, ele provavelmente terá o julgamento imparcial dos melhores críticos contra ele. Isso é virtualmente confessado pelo próprio Ellicott, quando acrescenta: "Não parece impróprio admitir que, na ignorância deles do dia de o Senhor (Marcos 13:32) os apóstolos poderiam ter imaginado que aquele que viria, viria rapidamente". Como, então, devemos entender a linguagem do apóstolo? Devemos colocar em suas palavras uma construção antinatural, ou dizer, como poucos expositores eminentes afirmam, que Paulo estava enganado em suas expectativas? Aqui está um dilema, e foi assumido que estamos fechados à uma ou à outra dessas duas posições. Calvino e Cornélio a Lapide, embora assumindo que o apóstolo sabia que o dia do Senhor estava no futuro distante, sustentam que ele o representou como iminente, a fim de promover a vigilância nos crentes. Poucos, no entanto, aceitarão tal teoria, pois virtualmente torna o apóstolo culpado de uma fraude piedosa. Tampouco

estar vivo, juntamente com a maioria daqueles a quem estava escrevendo, na vinda do Senhor. Pois não podemos por um momento aceitar a evasão de Theodoret (cf. também Crisóstomo e a maioria dos comentaristas antigos, até Bengel, e até alguns dos melhores da moderna, distorcidos por suas subjetividades): que o apóstolo não fala de si mesmo pessoalmente, mas daqueles que deveriam viver naquele período; nem a interpretação não gramatical de Turretin e Pelt, "nós, se vivermos e permanecermos"; nem a ideia de OEcumenius, de que os vivos são as almas, os que dormem nos corpos; mas devemos tomar as palavras em suas palavras único significado gramatical claro de que "nós que estamos vivos e permanecemos" é uma classe que se distingue dos 'que dormem' por ainda estarem na carne quando Cristo vier, em que classe prefixando "nós" ele inclui seus leitores e ele próprio. Que essa era sua expectativa, sabemos de outras passagens, especialmente de 2 Coríntios 5".[135]

Mas, embora admitindo que o apóstolo mantinha essa expectativa, Alford a considera equivocada, pois continua dizendo:

"Nem é necessário que nenhum cristão surpreenda que os apóstolos, nesta questão de detalhes, considerem sua expectativa pessoal suscetível de decepção em relação a um dia do qual se diz tão

---

é consistente com visões sólidas da inspiração divina acreditar que os escritores inspirados estavam enganados em suas expectativas de um evento tão importante na doutrina cristã como este. O apelo tantas vezes formulado, que eles reconhecem a incerteza do dia e da hora da parousia, é inútil, na medida em que tudo o que eles dizem sobre esse ponto é perfeitamente consistente com a iminente vinda daquele dia. Tampouco podemos aceitar a outra alternativa do dilema, mencionada acima, e interpretar a linguagem de Paulo de modo a harmonizá-la com a suposição de que ele não esperava que ele mesmo ou nenhum de seus contemporâneos permanecessem vivos até a vinda do Senhor.

[135] Testamento grego, in loc.

solenemente que ninguém sabe o seu tempo determinado, nem os anjos no céu, nem os anjos do céu. Filho, mas apenas o Pai". (Marcos 13:32)

Da mesma maneira, encontramos as seguintes observações em Conybeare e Howson (cap. 11):

"A igreja primitiva, e até os próprios apóstolos, esperavam que seu Senhor voltasse naquela mesma geração. O próprio Paulo compartilhou essa expectativa, mas, estando sob a orientação do Espírito da verdade, não deduziu daí nenhuma conclusão prática errônea".

Mas a questão é: os apóstolos tinham motivos suficientes para suas expectativas? Eles não estavam totalmente justificados em acreditar como criam? O Senhor não havia previsto expressamente Sua vinda dentro dos limites da geração existente? Ele não o conectou com a derrubada do templo e a subversão da política nacional de Israel? Ele não assegurou a Seus discípulos que em pouco tempo eles deveriam vê-lo de novo? Ele não declarou que alguns deles deveriam viver para testemunhar Sua volta? E depois de tudo isso, é necessário encontrar desculpas para Paulo e os primeiros cristãos, como se eles tivessem trabalhado sob uma ilusão? Se o fizeram, não foram eles os culpados, mas seu Mestre. Seria realmente estranho se, depois de todas as exortações que receberam para estar em alerta, vigiar, viver na expectativa contínua da Parousia, os apóstolos não tivessem acreditado confiantemente em Sua vinda rápida e tivessem ensinado outros a fazerem o mesmo. Mas parece que São Paulo repousa suas explicações para os tessalonicenses na autoridade de uma comunicação divina especial feita para si mesmo: "Isto vos digo: pela palavra do Senhor", etc. Isso dificilmente pode significar que o Senhor havia predito isso em Seu discurso profético no Monte das Oliveiras, pois nenhuma afirmação é registrada; portanto, deve se referir a uma revelação que ele próprio havia recebido. Como, então, ele poderia estar errado em suas expectativas? É estranho que haja

tanta incredulidade hoje em dia, respeitando o sentido claro das declarações expressas de nosso Senhor sobre esse assunto. Cumprido ou não realizado, certo ou errado, não há ambiguidade ou incerteza em Sua linguagem. Pode-se dizer que não temos provas de que tais fatos tenham ocorrido como aqui descritos - o Senhor desce do céu com um grito, o som da trombeta, a ressurreição dos mortos adormecidos, o arrebatamento dos santos vivos. É verdade; mas é certo que esses fatos são cognoscíveis pelos sentidos? é o seu lugar na região do material e do visível? Como já dissemos, sabemos e temos certeza de que uma grande parte dos eventos previstos por nosso Senhor, e esperados por seus apóstolos, realmente aconteceu naquela mesma crise chamada "o fim dos tempos". Não há diferença de opinião sobre a destruição do templo, a derrubada da cidade, o massacre incomparável do povo, a extinção da nacionalidade, o fim da dispensa legal. Mas a Parousia está inseparavelmente ligada à destruição de Jerusalém; e, da mesma maneira, a ressurreição dos mortos e o julgamento da "geração perversa" com a Parousia. São partes diferentes de uma grande catástrofe; cenas diferentes em um grande drama. Aceitamos os fatos verificados pelo historiador na palavra do homem; é para os cristãos hesitarem em aceitar os fatos confirmados pela palavra do Senhor?

A questão crucial[136]

Sem dúvida, a maioria dos leitores se encolherá com a exigência feita sobre sua fé, quando lhes for pedido que acreditem que previsões de nosso Senhor em Mateus 24, e a profecia de São Paulo em 1 Tessalonicenses 4, teve uma verdadeira realização no passado. Muitos o consideram uma extravagância que se refuta. Considerem se essa demanda não é feita pelas afirmações mais expressas da escritura inspirada. Essas previsões são delimitadas por certos limites de tempo. O tempo desses eventos são explicitamente declarados para ocorrer dentro do período da geração então existente. Nenhum

[136] texto retirado do pós-escrito de Russell no final deste livro.

artifício da lógica, nenhuma violência da interpretação pode escapar ou contornar esse fato inegável. Credível ou incrível, razoável ou irracional, a autoridade das Escrituras está comprometida com essa afirmação. E por que deveria ser considerado incrível? A resposta será: "Porque não há evidência histórica do fato". Isso, no entanto, é uma suposição. Merece consideração verificar se não temos todas as evidências que a natureza do caso admite. Que evidência, por exemplo, pode ser razoavelmente necessária para que o evento mais aparentemente incrível previsto em Mateus 24:31, e em 1 Tessalonicenses 4:17, comumente denominado "o arrebatamento dos santos", realmente aconteceu? A parte principal, se não a única, que parece estar dentro do conhecimento do sentido humano, é a remoção de uma grande multidão de discípulos de Cristo dessa cena terrena. Podemos esperar, portanto, que haja algum vestígio na história desse súbito desaparecimento de um grupo tão vasto de crentes. Certamente deve ter deixado um espaço em branco na história; uma falha, pelo menos, na continuidade dos registros do cristianismo. Se for admitido que as previsões não exigem uma remoção absoluta e universal de todo o corpo dos fiéis (pois é manifesto que existe uma clara distinção entre vigilante e não-vigilante, pronto e não-pronto, e que muitos podem ser excluídos do reino como aqueles que entraram), ainda assim a linguagem da profecia certamente implica a remoção repentina e simultânea de um número muito grande de fiéis. Existe, então, algum vestígio na história desse espaço em branco? Certamente existe, e apenas uma indicação como poderíamos esperar. Um silêncio que é expressivo. Silêncio onde, um momento antes, tudo era vida e atividade. O historiador eclesiástico lhe dirá que a luz de repente falha com ele. A Igreja Cristã de Jerusalém, da qual um apóstolo poderia dizer: "Vês, irmão, quantas miríades existem entre os judeus que creram", de repente diminui em duas seitas miseráveis de ebionitas e nazarenos. Onde estão as muitas miríades de São Tiago? Onde estão os cento e quarenta e quatro mil que São João viu, com o selo de Deus na testa e em pé com o Cordeiro no monte Sião? Eles pereceram no cerco de Jerusalém? Certamente não; pois é universalmente aceito que,

advertidos pelo seu Divino Mestre, eles se retiraram da cidade condenada para um local seguro. No entanto, eles parecem desaparecer e não deixam vestígios para trás. Peça ao historiador eclesiástico que coloque o dedo no local onde os registros do cristianismo primitivo são mais obscuros, e ele indicará sem hesitação o período em que os Atos dos Apóstolos terminam. Desse período, o célebre Neander diz que "não temos informações, mas a total falta de fontes para esta parte da história da Igreja não deve ser de modo algum surpreendente". E, novamente, ele fala da "era imediatamente seguinte ao Apostólico", de que infelizmente temos tão poucos memoriais autênticos ("Plantio e treinamento", capítulos, v. e x.). Hiudekoper, um teólogo holandês, em seu trabalho intitulado "Descida de Cristo ao mundo subterrâneo", observa que: "Ao deixar a era apostólica, quase perdemos de vista os cristãos em um abismo histórico de sessenta ou oitenta anos".

O arquidiácono Farrar enfatiza mais enfaticamente o fato e a provável causa desse eclipse inexplicável –

"Embora estejamos tão familiarizados com os pensamentos e sentimentos dos primeiros cristãos, os fatos de sua história corporativa e até os detalhes finais nas biografias de seus maiores professores estão mergulhados em muita incerteza. Quando, com a última palavra nos Atos dos Apóstolos, perdemos a orientação gráfica e fiel de São Lucas, a tocha da história cristã se apaga abruptamente por um tempo. Ficamos, por assim dizer, tateando entre os enrolamentos das catacumbas. Até os trabalhos finais da vida de São Paulo são conhecidos até agora, como podemos inferir vagamente das alusões casuais das epístolas pastorais. Para os detalhes de muitos anos na vida de São Pedro, não temos nada em que confiar, exceto alusões leves e vagas, rumores flutuantes e impressões falsas, criadas pelas ficções deliberadas do romance herético".

"É provável que esse silêncio seja em si o resultado das terríveis cenas em que os apóstolos pereceram. Era indispensável para a

segurança de toda a comunidade que os livros dos cristãos, quando abandonados pela infeliz fraqueza dos "tradutores" ou descobertos pela aguda malignidade dos informantes, não devessem conter nenhum assunto comprometedor. Mas como teria sido possível para São Lucas escrever de outra maneira que não comprometesse, se ele tivesse detalhado os horrores da perseguição neroniana? É uma conjectura razoável que o súbito fechamento dos Atos dos Apóstolos possa ter sido devido à impossibilidade de falar sem indignação e aversão ao Imperador e ao Governo, que, entre 64 e 68 dC, sancionou a inflição a homens e mulheres inocentes, de atrocidades que excitaram a pena dos próprios pagãos. Os judeus e os cristãos que entraram em tais temas só puderam fazê-lo sob o disfarce criptografado, escondendo seu significado de todos, exceto dos poucos iniciados, em símbolos proféticos como os do Apocalipse. Somente nesse livro, somos capazes de ouvir o grito de horror que as crueldades brutais de Nero arrancavam dos corações dos cristãos" (Os Primeiros Dias do Cristianismo, vol. Ii. Pp. 82, 83).

Ainda mais vividamente e à força, se possível, do caso apresentado pelo revisor competente da São Paulo nas páginas da The Edinburgh Review, abril de 1870 -

"Este volume ["A Vida de São Paulo"] leva-nos ao longo de todo o período do que podemos chamar de ministério do grande apóstolo, abrangendo aqueles quinze ou dezesseis anos importantes (45-61 dC), durante em que suas três viagens missionárias foram realizadas, e a Igreja infantil, com quatro passos ousados, avançou de Jerusalém a Antioquia, de Antioquia a Éfeso, de Éfeso a Corinto e de Corinto a Roma. Chegando lá, uma vez plantada com segurança naquela posição central e dominante, é estranho dizer que a Igreja, com toda sua dramatis persoae, desaparece subitamente de nossa vista. As nuvens mais densas da obscuridade se reúnem imediatamente em volta de sua história, que nossa curiosa e ansiosa tentativa vã não consegue penetrar. Ele se foi, em meio a uma coroa de fumaça, tão completamente quanto quando um trem mergulha em um túnel. Nas

palavras de M. Renan - "A chegada de São Paulo a Roma, devido à decisão tomada pelo autor dos "Atos" de encerrar sua narrativa naquele ponto, marca para a história da origem do cristianismo o início de uma noite profunda, iluminada apenas pelo fogo lúgubre das horríveis festividades de Nero e pelo relâmpago do Apocalipse". As causas deste desaparecimento repentino e confuso ainda não foram investigadas até hoje... A história da vida de São Paulo e a história da era apostólica terminam abruptamente. Escuridão negra cai sobre a cena; e um silêncio sombrio e pensativo - como o silêncio da tempestade iminente - mantém uma expectativa abafada, do "dia do Senhor", a igreja assombrada e ofegante. Não há mais livros escritos, não há mais mensageiros enviados, a própria voz da tradição ainda é apenas uma voz, no meio do silêncio e do pavor, estridente no ouvido; é o grito de vingança apocalíptico de Patmos: "Babilônia, a grande, caiu, caiu! Regozija-se com ela, céu! E vós, santos apóstolos e profetas! Porque Deus vos vingou: ela será totalmente queimada pelo fogo, porque forte é o Senhor Deus que a julga". (Ap. 18:20)

A verdadeira solução[137]

Resta ao leitor considerar se as causas sugeridas nas citações anteriores fornecem uma explicação adequada desse fenômeno singular; ou se a solução do problema não pode ser encontrada na ocorrência real dos eventos previstos por nosso Senhor e Seus apóstolos. A doutrina de nosso Senhor, como a traçamos nos Evangelhos, não nos garante acreditar que todos esses eventos sublimes ocorreram naquela momentosa crise dos tempos? Ali, no registro escrito inspirado, estão as palavras inefáveis que predizem o rápido retorno do Filho do Homem para julgar a nação culpada e vingar Seus próprios eleitos. Sua vinda foi indissoluvelmente ligada à mesma geração. As circunstâncias que acompanham Sua vinda são estabelecidas com uma precisão acentuada. Tudo aponta para uma catástrofe repentina, rápida e de longo alcance, análoga à que ocorreu

[137] texto retirado do pós-escrito de Russell no final deste livro.

"nos dias de Noé, quando o dilúvio chegou e os levou embora", ou nos dias de Ló, quando a tempestade de ira tomou conta de Sodoma e Gomorra. Estas são as mesmas imagens usadas por nosso Senhor para descrever a repentina e rapidez de Sua aparição. Não é à toa que deve haver um "espaço em branco total" na história contemporânea; onde deveria haver continuidade nos registros da Igreja Cristã; que a pena de São Marcos seja presa no meio de uma sentença inacabada; que São Lucas interrompa abruptamente sua narrativa da vida e do trabalho de São Paulo. Conceda que não há falha nas previsões de Cristo; que Suas palavras tiveram uma verdadeira realização; e tudo está explicado. Existe uma causa adequada para o hiato inexplicável que ocorre na história cristã da época, e para o total obscurecimento da Igreja e todos os seus maiores luminares. Não é razoável pedir que as declarações mais claras do próprio Senhor e de suas testemunhas inspiradas obtenham uma audiência sincera e uma crença cordial de todos os que O possuem como Senhor e Mestre? Certamente que a fé robusta não está totalmente extinta, o que uma vez poderia dizer: "Que Deus seja verdadeiro, e todo homem um mentiroso".

O DIA DO SENHOR E EXORTAÇÕES PARA A REPENTINA DESTRUIÇÃO

1 Tessalonicenses 5:1-10: "Mas, irmãos, acerca dos tempos e das estações, não necessitais de que se vos escreva;

Porque vós mesmos sabeis muito bem que o dia do Senhor virá como o ladrão de noite;

Pois que, quando disserem: Há paz e segurança, então lhes sobrevirá repentina destruição, como as dores de parto àquela que está grávida, e de modo nenhum escaparão.

Mas vós, irmãos, já não estais em trevas, para que aquele dia vos surpreenda como um ladrão;

Porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas.

Não durmamos, pois, como os demais, mas vigiemos, e sejamos sóbrios;

Porque os que dormem, dormem de noite, e os que se embebedam, embebedam-se de noite.

Mas nós, que somos do dia, sejamos sóbrios, vestindo-nos da couraça da fé e do amor, e tendo por capacete a esperança da salvação;

Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para a aquisição da salvação, por nosso Senhor Jesus Cristo,

Que morreu por nós, para que, quer vigiemos, quer durmamos, vivamos juntamente com ele".

É manifesto que não haveria sentido nesses apelos urgentes à vigilância, a menos que o apóstolo acreditasse na proximidade da crise vindoura. Foi para os tessalonicenses, ou para alguma geração não nascida em um futuro distante, que São Paulo estava escrevendo essas linhas? Por que instar os homens em 52 dC a assistir e estar alerta, a uma catástrofe que não ocorreria por centenas e milhares de anos? Toda palavra dessa exortação supõe que a crise seja próxima e iminente.

Dizer que o apóstolo escreve não para uma geração, nem para nenhuma pessoa em particular, é lançar um ar de irrealidade em suas exortações, das quais revoltam críticas reverentes. Ele certamente quis dizer as mesmas pessoas para quem ele escreveu e que leram esta epístola, e ele não pensou em mais ninguém. Não podemos aceitar a sugestão de Bengel de que o "nós os que ficarmos vivos" são apenas personagens imaginários, como os nomes Caio e Tito (John Doe e Richard Roe); pois ninguém pode ler essa epístola sem estar consciente do apego pessoal e da afeição pessoal a indivíduos que respiram em todas as linhas. Concluímos, portanto, que o todo tinha uma relação direta e presente com a posição e as perspectivas reais das pessoas a quem a epístola é dirigida.

ORAÇÃO PELOS TESSALONICENSES PARA SOBREVIVER ATÉ A VINDA DE CRISTO

1 Tessalonicenses 5:23: "E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo".[138]

Se ainda restasse alguma dúvida sobre a questão de saber se São Paulo acreditava e ensinava a incidência da Parousia em seus dias, essa passagem a dissiparia. Nenhuma palavra pode implicar mais claramente essa crença do que esta oração de que nem todos os cristãos tessalonicenses deveriam morrer antes do aparecimento de Cristo. A morte é a dissolução da união entre corpo, alma e espírito, e a oração do apóstolo é que espírito, alma e corpo possam "todos juntos" [oloklhron] serem preservados em santidade até a vinda do Senhor. Isso implica a continuidade de sua vida corporal até esse evento.

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS TESSALONICENSES

A Segunda Epístola aos Tessalonicenses parece ter sido escrita logo após o Primeiro, para corrigir a má compreensão em que alguns haviam caído a respeito do tempo da Parousia, seja por meio de uma interpretação errônea da antiga carta do apóstolo, ou em conseqüência de alguma comunicação pretensa. circulou entre eles pretendendo ser dele. Aprendemos com esta epístola a natureza exata

[138] [No original é usada a] Tradução de Conybeare e Howson. [Aqui foi usada a versão ACF]

do erro que alguns dos tessalonicenses haviam cometido. Foi achar que realmente chegou a hora da Parousia. Em conseqüência dessa opinião, alguns começaram a negligenciar seus empregos seculares e a subsistir da caridade de outros. Para verificar os males que podem surgir, ou que surgiram, de tais impressões errôneas, São Paulo escreveu essa segunda epístola, lembrando-lhes que certos eventos, que ainda não haviam ocorrido, devem preceder o "dia do Senhor". No entanto, não há nada na epístola que indique que a parousia era um evento distante, o que encontramos é exatamente o oposto.

A PAROUSIA, UM TEMPO DE JULGAMENTO CONTRA OS INIMIGOS DE CRISTO E DE LIBERTAÇÃO DO SEU POVO

2 Tessalonicenses 1:7-10: "E a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu com os anjos do seu poder,

Com labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo;

Os quais, por castigo, padecerão eterna perdição, longe da face do Senhor e da glória do seu poder,

Quando vier para ser glorificado nos seus santos, e para se fazer admirável naquele dia em todos os que creem".

É óbvio pelas alusões no início dessa epístola que os tessalonicenses estavam sofrendo severamente com a malícia de seus perseguidores judeus e com aqueles "companheiros lascivos do tipo mais baixo", que estavam ligados a eles. (Atos 17:5) O apóstolo conforta-os com a perspectiva de libertação na aparição do Senhor Jesus, que traria descanso a eles e vingança a seus inimigos. Isso está em perfeita concordância com as representações constantemente feitas com relação à Parousia - que seria o tempo de julgamento para os iníquos e a recompensa para os justos. O apóstolo parece não

antecipar o "descanso" de que fala até a Parousia, "quando o Senhor Jesus for revelado do céu" etc. Segue-se que o restante foi concebido por São Paulo como muito próximo; pois, se a revelação do Senhor Jesus ainda é um evento futuro, devemos concluir que nem o apóstolo nem os cristãos sofredores ainda entraram nesse descanso. Observa-se que não se diz que a morte traria o descanso, mas o apocalipse [revelação] do Senhor Jesus do céu: uma prova clara de que o apóstolo não considerou esse apocalipse como um evento distante.

Que esse "apocalipse" que se aproxima, ou revelação do Senhor Jesus do céu, seja idêntico à Parousia prevista por nosso Salvador, é tão evidente que não precisa de prova. É "o dia do Senhor"; (Lucas 17:24) "o dia em que o Filho do homem é revelado"; (Lucas 17:30) "o dia que será revelado em fogo"; (1 Cor. 3:13) "o dia que queimará como uma fornalha"; (Ml. 4:1) "o grande e terrível dia do Senhor". (Ml. 4:5) É o dia em que "o Filho do homem virá na glória de seu Pai com seus anjos, para recompensar todos os homens de acordo com suas obras". (Mateus 16:27) E mais uma vez, é o dia em que nosso Senhor declarou: "Em verdade vos digo que aqui há alguns que não provarão a morte até que vejam o Filho do homem vindo em seu reino". (Mateus 16:28)

Assim, somos trazidos de volta à mesma verdade que em todos os lugares nos encontramos no Novo Testamento, que a Parousia, o dia do julgamento de Israel e o fim da dispensação judaica, não era um evento distante, mas dentro do limite de tempo da geração que rejeitou o Messias.

A objeção será feita: O que isso tinha a ver com Tessalônica e os cristãos de lá? Como a destruição de Jerusalém, a extinção da nacionalidade judaica ou o fim da economia mosaica afetaram pessoas a uma distância tão grande da Judeia quanto Tessalônica? Mesmo que fosse impossível dar uma resposta satisfatória a essa objeção, ela não alteraria o significado claro e natural das palavras,

nem nos incumbiria de forçar uma interpretação sobre elas que elas não suportariam. As Escrituras devem ter permissão para falar por si mesmas - uma liberdade que muitos não concederão. Mas no que diz respeito à influência da Parousia sobre os cristãos em Tessalônica ou fora da Judeia em geral, não se pode negar que a linguagem dessa passagem, como muitas outras, sugere que foi um evento em que todos tiveram um profundo interesse pessoal. Nem é suficiente dizer que os antagonistas mais amargos do Evangelho em Tessalônica eram judeus, e que a revolta judaica foi o sinal do massacre dos habitantes judeus em quase todas as cidades do Império. Isso pode ser verdade, mas não é toda a verdade, de acordo com o ensino apostólico. Ele deveria "vir para ser glorificado em seus santos e se maravilhar em todos os que creram", eles deveriam receber suas coroas; eles deveriam entrar em uma glória eterna e ininterrupta reinando com Cristo e brilhando como o sol no reino de seu Pai (Mateus 13:43). Devemos admitir, portanto, que, à medida que o esquema escatológico do Novo Testamento se desdobra, torna-se evidente que a Parousia e seus eventos complementares não se relacionavam exclusivamente à Judeia, mas tinham um aspecto ecumênico ou mundial, de modo que os cristãos em todos os lugares a pode procurar e desejar, e saudar sua chegada como o dia do triunfo e da glória. À medida que prosseguimos, encontraremos ampla evidência desse aspecto mais amplo do "dia de Cristo", como uma grande época na administração divina do mundo.

EVENTOS QUE DEVEM PRECEDER A PAROUSIA

1. A apostasia
2. A revelação do homem do pecado

2 Tessalonicenses 2:1-12: "Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e pela nossa reunião com ele, Que não vos movais facilmente do vosso entendimento, nem vos perturbeis, quer por espírito, quer por palavra, quer por epístola,

como de nós, como se o dia de Cristo estivesse já perto.

Ninguém de maneira alguma vos engane; porque não será assim sem que antes venha a apostasia, e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição,

O qual se opõe, e se levanta contra tudo o que se chama Deus, ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus.

Não vos lembrais de que estas coisas vos dizia quando ainda estava convosco?

E agora vós sabeis o que o detém, para que a seu próprio tempo seja manifestado.

Porque já o mistério da injustiça opera; somente há um que agora o retém até que do meio seja tirado;

E então será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda;

A esse cuja vinda é segundo a eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira,

E com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem.

E por isso Deus lhes enviará a operação do erro, para que creiam a mentira;

Para que sejam julgados todos os que não creram a verdade, antes tiveram prazer na iniquidade".[139]

Poucas passagens têm mais comentadores exercitados e confusos, ou são consideradas até hoje como envolvidas em uma obscuridade mais profunda do que a que está diante de nós. Não há razão, contudo, para supor que isso seja ininteligível para os tessalonicenses, pois se refere a assuntos que formaram o tópico de conversas freqüentes entre eles e o apóstolo, e possivelmente a obscuridade de que os expositores se queixam vem do fato de que, para os

[139] [No origirnal a tradução é] Segundo Alford, Conybeare e Howson e Tischendorff. [Aqui foi usada ACF]

tessalonicenses, era necessário apenas dar sugestões, em vez de explicações completas.

O apóstolo começa declarando os assuntos sobre os quais ele deseja corrigir os tessalonicenses. Eles são:

1- "a vinda de Cristo" e
2- "nosso encontro com ele"[140]

Estes são evidentemente considerados pelo apóstolo como simultâneos ou, em todo o caso, intimamente relacionados. O que devemos entender por esse "ajuntamento em Cristo" na Parousia? Não há dúvida de uma referência aqui às próprias palavras de nosso Senhor, Mateus 24:31: "Ele enviará seus anjos com um grande som de trombeta, e eles reunirão seus eleitos dos quatro ventos" etc. O episunago [reunião] no evangelho, é evidentemente o mesmo episunago [reunião] da epístola; e temos outra referência ao mesmo evento e ao mesmo período em 1 Tessalonicenses 4:16, 17: "Pois o próprio Senhor descerá do céu com um grito, com a voz do arcanjo e com a trombeta de Deus", "Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares" etc. Isso não pode ser outra coisa senão a convocação dos vivos e dos mortos para os tribunal de Cristo.

Aquela grande e solene "reunião" que os tessalonicenses haviam sido ensinados a "esperar"; mas parece que eles estavam envolvidos em uma má compreensão a respeito da hora de sua chegada. Alguns deles formaram a opinião de que "o dia de Cristo" havia realmente chegado [enesthken]. É importante observar que nossa versão não fornece a tradução correta dessa palavra. O apóstolo não diz, "como se o dia de Cristo estivesse próximo", mas "como o dia de Cristo está

[140] Nossa versão em inglês transmite uma impressão errônea ao traduzir uper por, como se fosse uma forma de ajustamento, “pela vinda”, etc. O significado é simplesmente “com relação a” ou “concernente”.

presente ou, na verdade, chegou", o ensino constante de São Paulo era que o dia de Cristo estava à mão e teria sido contraditório dizer aos cristãos de Tessalônica que aquele dia não era à mão. No entanto, nada é mais comum do que encontrar alguns de nossos estudiosos e críticos mais respeitáveis, negando que os apóstolos e os primeiros cristãos esperassem a Parousia em seus dias, com a força da tradução errônea dessa palavra enesthken. Mesmo uma autoridade tão eminente como Moses Stuart diz, em resposta a Tholuck:

"Esta interpretação (a saber, o rápido advento de Cristo) foi formal e vigorosamente corrigida em 2 Ts. 2. Não é suficiente que Paulo tenha explicado suas próprias palavras? Quem pode se aventurar com segurança a dar-lhes um significado diferente do que ele dá?[141]

Albert Barnes também:

"Se aqui Paulo se refere à sua antiga epístola, que pode ser facilmente entendida como ensinando que o fim do mundo está próximo, temos a autoridade do próprio apóstolo que ele pretendia não ensinar.[142]

O mais singular de tudo é a explicação do Dr. Lange:

"A primeira epístola [aos tessalonicenses] é permeada pelo pensamento fundamental: "o Senhor virá rapidamente": a segunda, pelo pensamento, "o Senhor ainda não virá rapidamente". Ambos estão de acordo com a verdade; porque, na primeira parte, a questão é relativa à vinda do Senhor em Seu domínio dinâmico, em sentido religioso; e, na segunda parte, a respeito da vinda do Senhor em um sentido histórico e cronológico definido".[143]

[141] Stuart em Rm. 8:11
[142] Notas de Barnes 2 Ts. 2
[143] Lange, Introd. para Comentário em Romanos. p. 23

O que pode ser mais arbitrário e extravagante do que essa distinção? O que é mais empírico do que esse tratamento da Escritura, pelo qual ela é feita para dizer Sim e Não; afirmar e negar; declarar que um evento está próximo e distante, na mesma respiração? Quem presumiria interpretar as Escrituras se elas falassem em linguagem tão ambígua como essa?

Mantemos o "sentido histórico e cronológico definido" da Parousia, e de nenhuma outra forma. É o único sentido que respeita a Palavra de Deus e é satisfatório para críticas sóbrias. O apóstolo não se corrige, nem se refere a duas "vindas" diferentes, mas corrige o erro dos tessalonicenses, que afirmavam que o dia de Cristo havia realmente chegado [enesthken]. Em todo caso em que a palavra ocorre no Novo Testamento, refere-se ao que está presente, e não ao que é futuro. Para os estudiosos gregos, é desnecessário apontar isso, mas para os leitores pode ser satisfatório recorrer às autoridades competentes.

O Dr. Manton, comparando a força das palavras enesthken e hggiken [se aproxima], (Tiago 5:8, 1 Pedro 4:17) observa:

"Há alguma diferença nas palavras, pois hggiken significa que ele se aproxima, enesthken que já está iniciado".[144]

Bengel diz: -

"Proximidade extrema é significada por esta palavra; pois todo mundo está presente".

Whiston, o tradutor de Josefo, tem a seguinte nota:

"enesthkotwn está aqui, e em muitos outros lugares de Josefo,

[144] Works, vol. iii. p. 15

imediatamente à mão; e é para ser tão exposto 2 Ts. 2:2 , onde alguns falsamente fingiram que São Paulo havia dito, de boca em boca ou por uma epístola, ou por ambos, "que o dia de Cristo estava imediatamente próximo"; pois São Paulo ainda pensava claramente naquele dia, não em muitos anos futuros.[145]

Dr. Paley observa:

"Deveria parecer que os tessalonicenses, ou alguns entre eles, tinham dessa passagem (1 Ts. 4:15-17) concebido uma opinião (de maneira não natural) de que a vinda de Cristo ocorreria instantaneamente: e essa persuasão produziu, como bem poderia, muita agitação na igreja".[146]

Conybeare e Howson traduzem, -

"Que o dia do Senhor chegou"; adicionando a seguinte nota: - Literalmente, "está presente".

Dean Alford comenta assim: -

"O dia do Senhor está presente (não "está à mão"), ocorre seis vezes além no Novo Testamento, e sempre no sentido de estar presente. Além disso, São Paulo não poderia ter escrito assim, nem o Espírito poderia ter dito isso por ele. O ensino dos apóstolos foi, e do Espírito Santo em todas as épocas, que o dia do Senhor está próximo. Mas esses tessalonicenses imaginaram que já havia chegado e, portanto, estavam abandonando suas atividades na vida e caindo em outras irregularidades, como se o dia da graça estivesse encerrado".[147]

[145] Whiston Josephus, Ant. bk. xviii. c. ix. seg. 2
[146] Horae Paulinae cx no. 3
[147] Greek Testament, vol. iii. p. 274

O equívoco geral que prevalece, respeitando o significado deste versículo, o torna da maior importância que deve ser corretamente apreendido.

É fácil entender como a opinião errônea dos tessalonicenses deveria "perturbar e abalar" suas mentes. Foi calculado para produzir pânico e desordem. A história nos diz que uma crença geral prevaleceu na Europa, no final do século X, de que o ano 1000 testemunharia a vinda de Cristo, o dia do julgamento e o fim do mundo. À medida que o tempo se aproximava, um pânico geral tomou conta da mente dos homens. Muitos abandonaram suas casas e suas famílias e foram para a Terra Santa; outros doaram suas terras para a Igreja, ou permitiram que não fossem cultivados, e todo o curso da vida comum foi violentamente perturbado.[148] Uma ilusão semelhante, embora em menor escala, prevaleceu em algumas partes dos Estados Unidos no ano de 1843, causando grande consternação entre multidões e expulsando muitas pessoas de seus sentidos.[149] Fatos como esses mostram a sabedoria que "escondia o dia e a hora" da vinda do Filho do homem, de modo que, embora todos possam ser vigilantes, ninguém deve ser jogado em agitação.

No terceiro verso, o apóstolo sugere que "o dia de Cristo" deve ser precedido por dois eventos:

1- a vinda da "apostasia" e
2- a manifestação (apokalnqiv) do "homem do pecado".

Se pudéssemos nos colocar na situação e nas circunstâncias dos cristãos de Tessalônica quando esta epístola foi escrita; se pudéssemos despertar as esperanças e medos, as expectativas e

[148] Ver Eccl de Mosheim. Hist. bk. iii. cx seg. 53. Igreja de Waddington Hist. c. xv. p. 261
[149] Notas de Barnes sobre 2 Ts.

apreensões, as agitações sociais e políticas desse período, poderíamos ser mais capazes de entrar nas explicações de São Paulo. Sem dúvida, os tessalonicenses o entendiam perfeitamente. Como Paley observa justamente: "Nenhum homem escreve de maneira ininteligível de propósito", e não podemos supor que ele os atormentaria com enigmas que só poderiam deixá-los confusos e perplexos mais do que nunca.

Quando pensamos sobre essa passagem da perspectiva de seus leitores, não faz nenhum sentido Paulo ter escrito uma passagem misteriosa que não seria de nenhum valor para seus leitores originais. O "poder secreto da iniquidade" já estava em operação no primeiro século.

A primeira pergunta que se apresenta é: a "apostasia" e o "homem do pecado" são idênticos? Ambos apontam para a mesma coisa? É a opinião de muitos, talvez da maioria dos expositores, que eles são virtualmente um e o mesmo. Mas, evidentemente, são coisas distintas e separadas. A apostasia representa uma multidão, o homem do pecado, um indivíduo; a apostasia é um sistema, o homem do pecado é uma pessoa; para que, embora em alguns aspectos estejam conectados, eles não devem ser confundidos ; eles podem existir contemporaneamente, mas não são idênticos.

1. APOSTASIA

Neste momento, Paulo não se debruça sobre "a apostasia", mas, simplesmente nomeando-a como futura, passa à descrição do "homem do pecado". No entanto, podemos nos referir aqui ao fato de que a "apostasia" não era uma ideia nova para os discípulos de Cristo. O Salvador havia previsto isso expressamente em seu discurso profético, Mt. 24:10,12, e em outros lugares, Paulo dá uma descrição da apostasia tão completa quanto é dada aqui pelo homem do pecado. (Veja 1 Tm 4:1-3, 2 Tm 3:1-9). Só pode se referir àquela

deserção de fé tão claramente predita por nosso Senhor e descrita pelos apóstolos como uma indicação dos "últimos dias". Mas este tópico será considerado em seu devido lugar. Entretanto essa não é a unica interpretação possível.

2. O HOMEM DO PECADO

É de extrema importância, ao entrar neste campo de investigação, encontrar algum princípio que possa nos guiar e governar na investigação. Encontramos esse princípio na consideração muito simples e óbvia de que o apóstolo está aqui se referindo a circunstâncias que estão dentro do conhecimento dos próprios tessalonicenses. Se a própria Parousia, à qual o desenvolvimento da apostasia e o aparecimento do homem do pecado eram antecedentes, foi declarada pela palavra do Senhor como estando dentro do período da geração existente, segue-se que "a apostasia" e "o homem do pecado" estava mais perto deles do que a Parousia. Além disso, se supusermos que "a apostasia" e "o homem do pecado" estejam muito além dos tempos dos tessalonicenses, qual seria a utilidade de dar-lhes explicações e informações sobre assuntos que não eram de todo urgentes e que, de fato, não os preocupavam? Não é óbvio que quem quer que seja o homem do pecado, ele deve ser alguém com quem o apóstolo e seus leitores tiveram que lidar? Ele não está escrevendo para os homens vivos sobre assuntos nos quais eles estão intensamente interessados? Por que ele deveria delinear os traços desse misterioso personagem para os tessalonicenses se ele era alguém com quem os tessalonicenses não tinham nada a ver, de quem não tinham nada a temer e quem não seria revelado por muito tempo? É claro que ele fala de alguém cuja influência já estava começando a ser sentida e cuja fúria descontrolada e sem lei estouraria em pouco tempo. Tudo isso está na superfície, óbvio e inquestionável. Mas isto não é tudo. Parece certo que os tessalonicenses não ignoravam qual pessoa era pretendida pelo homem do pecado. Não foi a primeira vez que o apóstolo falou com

eles sobre o assunto. Ele diz: "Não vos lembrais de que estas coisas vos dizia quando ainda estava convosco? E agora vós sabeis o que o detém, para que a seu próprio tempo seja manifestado". Essa linguagem indica claramente que o apóstolo e seus leitores estavam bem familiarizados com o nome "homem do pecado" e sabiam quem foi designado por ele. Nesse caso, e parece inquestionável, a área de investigação torna-se bastante contraída e as probabilidades de descoberta aumentam proporcionalmente. O que os tessalonicenses "falaram", "lembraram" e "sabiam" deve ter sido algo de interesse vivo e presente; em suma, deve ter pertencido à história contemporânea.

Mas por que o apóstolo não fala francamente? Por que essa reserva e reticência em sugerir sombriamente o que ele não nomeia? Não foi por ignorância; não poderia ser pela afetação do mistério. Deve ter havido uma forte razão para essa extrema cautela. Sem dúvida; mas de que natureza? Por que ele deveria ter o hábito, como ele diz, de falar tão livremente sobre o assunto em particular e depois escrever tão obscuramente em sua epístola? Obviamente, porque não era seguro ser mais explícito. Por um lado, bastava uma dica, pois todos podiam entender o significado dele; por outro, mais do que uma sugestão era perigosa, pois o nome da pessoa poderia ter comprometido a si mesma e a ela.

De que quarto, então, o perigo deveria ser apreendido por uma liberdade de expressão muito grande? Havia apenas dois quartos dos quais os cristãos da era apostólica tinham apenas motivo de apreensão: fanatismo judeu e ciúme romano. Até então, o evangelho havia sofrido mais com o primeiro: os judeus estavam por toda parte os instigadores a "incitar os gentios contra os irmãos". Mas o poder de Roma era ciumento, e os judeus sabiam bem como despertar esse ciúme; na própria Tessalônica, eles ouviram o clamor: "Tudo isso contraria os decretos de César". Quais dessas causas, então, podem ter selado os lábios do apóstolo? Não o medo dos judeus, pois nada do que ele pudesse dizer provavelmente tornaria sua hostilidade mais

amarga; nem os judeus tinham qualquer autoridade civil direta pela qual pudessem infligir danos à causa cristã. Concluímos, portanto, que foi do poder romano que o apóstolo apreendeu o perigo e que sua reticência foi ocasionada pelo desejo de não envolver os tessalonicenses na suspeita de descontentamento e sedição.

Vamos agora voltar à descrição do 'homem do pecado' dada pelo apóstolo e procurar descobrir, se possível, se havia algum indivíduo no Império Romano, a quem ele se aplicaria.

- A descrição requer que procuremos, não um sistema ou abstração, mas um indivíduo, um "homem".
- Evidentemente, ele não é um indivíduo, mas uma pessoa pública. Os poderes com os quais ele é investido implicam isso.
- Ele é um personagem que detém a mais alta patente e autoridade no Estado.
- Ele é pagão, e não judeu.
- Ele reivindica nomes divinos, prerrogativas e adoração.
- Ele finge exercer poder milagroso.
- Ele é caracterizado por uma enorme maldade. Ele é "o homem do pecado", isto é, a encarnação e personificação do mal.
- Ele é distinguido pela ilegalidade como governante.
- Ele ainda não havia chegado à plenitude de seu poder quando o apóstolo escreveu; existia algum obstáculo ou controle para o pleno desenvolvimento de sua influência.
- O obstáculo era uma pessoa; era conhecido pelos tessalonicenses; e logo seria retirado do caminho.
- O "sem lei", o "homem do pecado", estava condenado à destruição. Ele é "o filho da perdição", a quem o Senhor matará.
- Seu pleno desenvolvimento, ou "manifestação", e sua destruição devem preceder imediatamente a Parousia. O Senhor o destruirá com o brilho de sua vinda.

Com essas marcas descritivas em nossas mãos, pode haver alguma dificuldade em identificar a pessoa em quem todas elas são

encontradas? Havia três homens no Império Romano que responderam a essa descrição? Havia dois? Certamente que não. Mas havia um, e apenas um. Quando o apóstolo escreveu, ele estava nos degraus do trono imperial - um pouco mais e ele se assentou no trono do mundo. É NERO, o primeiro dos imperadores perseguidores; o violador de todas as leis, humanas e divinas; o monstro cuja crueldade e crimes o conferem o nome de "homem do pecado".

Ficará claro para todos os leitores que todos os recursos desse retrato hediondo pertencem ao Nero; mas é notável o quão exata é a correspondência, especialmente nos detalhes mais recônditos e obscuros. Ele é um indivíduo - uma pessoa pública - detentora da mais alta patente no Estado; pagão e não judeu; um monstro de maldade, atropelando toda a lei. Mas quão impressionantes são as indicações que apontam para Nero no ano em que essa epístola foi escrita, digamos 52 ou 53 d.C. Naquela época, Nero ainda não estava "manifestado"; seu verdadeiro caráter não foi descoberto; ele ainda não havia conseguido o império. Cláudio, seu padrasto, viveu e ficou no caminho do filho de Agripina. Mas esse obstáculo foi logo removido. Em menos de um ano, provavelmente, depois que essa epístola foi recebida pelos tessalonicenses, Cláudio foi "retirado do caminho", vítima da prática mortal da infame Agripina; seu filho também, segundo Suetônio, sendo acessório da ação. Mas "o mistério da ilegalidade já estava funcionando", a influência de Nero deve ter sido poderosa nos últimos dias do miserável Cláudio; provavelmente estavam sendo tramadas as tramas que abriram o caminho para a adesão do filho da assassina. Mais alguns meses testemunhariam o advento ao trono do mundo de um infeliz cujo nome é inflamado na infâmia eterna como o mais brutal dos tiranos e o mais vil dos homens.

As notas restantes da descrição não são menos fiéis ao original. A reivindicação de honras divinas; o opor-se e exaltar-se acima de tudo o que se chama Deus, ou objeto de culto; seu assento no templo de

Deus, mostrando-se um deus; todos são distintivos de Nero.

A assunção de prerrogativas divinas, de fato, era comum a todos os imperadores romanos. "Divus" , deus, estava inscrito em suas moedas e estátuas. Pode-se dizer que o imperador 'exalta-se acima de tudo o que se chama Deus, ou objeto de adoração', monopolizando para si mesmo toda a adoração. Este fato é colocado sob uma luz impressionante nas seguintes observações de Dean Howson:

"A imagem do imperador era, naquela época, objeto de reverência religiosa; ele era uma divindade na terra; e a adoração prestada a ele era uma adoração real. É um pensamento surpreendente que, naqueles tempos (deixando de lado as formas obsoletas de religião), os dois únicos cultos genuínos no mundo civilizado eram o culto a Tibério ou a Nero, por um lado, e o culto a Cristo, por outro".[150]

A tentativa de Calígula de montar sua estátua no templo de Deus em Jerusalém levou os judeus à beira da rebelião, e é possível que esse fato tenha dado sua forma peculiar à descrição do apóstolo. Certamente, sugeriu a Grotius que Calígula deve ser a pessoa que pretende ser retratada; mas a data da epístola torna essa opinião insustentável. Nero, no entanto, não ficou atrás de nenhum de seus antecessores na suposição ímpia de prerrogativas divinas. Dio Cassius nos informa que, quando voltou vitorioso dos jogos gregos, entrou em Roma em triunfo e foi aclamado com tais aclamações como estas: "Nero, o Hércules! Nero, o Apolo! Tu agosto, agosto! Voz sagrada! Eterno".[151] Em tudo isso, vemos evidências suficientes da assunção de honras divinas por Nero.

O mesmo vale para outra nota neste delineamento: a pretensão a poderes milagrosos. "Cuja vinda é após a operação de Satanás com todo poder, sinais e maravilhas mentirosas" (ver. 9). Essa pretensão

[150] Conybeare e Howson, Vida e Epístolas de São Paulo, cap. I. Nota.
[151] Citado pelo professor Stuart, Comm. sobre Apocalipse, cap. xiii. 1

segue quase que naturalmente a suposição das prerrogativas da divindade.

Supõe-se que o Divus Imperial seja creditado com a posse de poderes sobrenaturais; e encontramos uma luz lateral muito notável lançada sobre esse assunto em Ap 13:13-15 . Nesse estágio da investigação, no entanto, não seria desejável entrar naquela região simbólica, embora nos valamos plenamente de sua ajuda no momento oportuno.

Além disso, "o homem do pecado" está condenado a perecer. Ele é "o filho da perdição", um nome que ele tem em comum com Judas e indicativo da certeza e integridade de sua destruição. "O Senhor deve matá-lo com o sopro da boca e destruí-lo com a aparência de sua vinda". Nesta expressão significativa, temos uma nota do tempo quando o homem do pecado está destinado a perecer, marcado com exatidão singular. É a vinda do Senhor, a Parousia, que deve ser o sinal de sua destruição; contudo, nem todo o esplendor desse evento, nem a primeira aparição ou o surgimento dele. Alford (depois de Bengel) indica muito apropriadamente que o "brilho da sua vinda" deve ser "a aparência da sua vinda", e ele cita a expressão sublime de Milton: "longe da Sua vinda brilhou". Bengel, com discreta discriminação, observa: "Aqui a aparência de Sua vinda, ou, de qualquer forma, os primeiros vislumbres de Sua vinda, são anteriores à própria vinda". Evidentemente, isso implica que o homem do pecado estava destinado a perecer, não em plena labareda da Parousia, mas em seu primeiro amanhecer ou começo. Agora, o que realmente encontramos? Lembrando como a Parousia está relacionada à destruição de Jerusalém, descobrimos que a morte de Nero precedeu o evento. Aconteceu em junho de 68 dC, no meio da guerra judaica que terminou na captura e destruição da cidade e do templo. Portanto, pode-se dizer com razão que "o aparecimento, ou

o amanhecer, da Parousia" [epifaneia thv parousia] foi o sinal para a destruição do tirano.[152]

Não se segue que a morte de Nero fosse provocada por ação sobrenatural imediata, porque se diz que "o Senhor o matará com o sopro da boca" etc. Herodes Agripa foi ferido pelo anjo do Senhor, mas isso não exclui a operação de causas naturais: "ele foi comido por vermes e morreu". (Atos 12:23) Então Nero foi dominado pelo julgamento divino, embora tenha recebido o golpe da morte da espada do assassino, ou de sua própria mão.

Por fim, dificilmente é necessário corrigir o título de Nero para a denominação "o homem do pecado". Observar-se-á que é o desleixo de seu caráter pessoal que o carimba com esse epíteto distinto, como se ele fosse a própria personificação do vício. Na verdade, era Nero, cujo nome se tornou sinônimo de tudo o que é básico, cruel e vil; o mais alto no ranking e o mais baixo no caráter no mundo romano: um monstro de maldade, mesmo entre os pagãos, que não eram delicados com a moralidade e estavam familiarizados com a sociedade

[152] Alguns podem insistir que o homem da iniquidade deve perecer na Parousia e não antes, e assim afirmar que existe algum anacronismo aqui. A morte de Nero precedeu a destruição de Jerusalém por dois anos ou mais. Há, no entanto, uma resposta à essa acusação de anacronismo. Merece consideração se toda essa cena do Senhor matando o homem da iniquidade com sopro de sua boca pode ser adequadamente concebida como ocorrendo no reino espiritual? Ou seja, se pode ser a representação de transações no estado invisível; o julgamento dos mortos, e não dos vivos; a segunda morte, e não a morte física, pois se diz que "o Senhor deve matá-lo com o sopro da boca", "os quais, por castigo, padecerão eterna perdição, longe da face do Senhor e da glória do seu poder, Quando vier para ser glorificado nos seus santos". Ainda mais e se a considerarmos como a representação do julgamento e condenação dos inimigos do Cordeiro no mundo espiritual - um vislumbre da grande cena judicial descrita em Mt. 25, "quando o Filho do homem vier em sua glória, e diante dele reunir todas as nações", isso aliviaria a visão de qualquer anacronismo e satisfaria abundantemente todos os requisitos do caso.

mais corrupta da face da terra. A seguinte delineação gráfica do caráter de Nero é retirada de Conybeare e Howson:

"Sobre esse distinto banco de juízes presidia o representante da monarquia mais poderosa que já existiu: o governante absoluto de todo o mundo civilizado. Mas a reverência reverente que sua posição sugeria naturalmente foi transformada em desprezo e repulsa pelo caráter do soberano que agora presidia aquele tribunal supremo. Nero era um homem que nem mesmo o terrível atributo de "poder igual aos deuses" poderia torna-lo augusto, exceto no título. O medo e o horror, excitados por sua onipotência e crueldade, foram misturados com desprezo por sua ignóbil luxúria e por sua vergonha licenciosidade. Ele ainda não havia mergulhado na extravagância da tirania que, posteriormente, esgotou a paciência de seus súditos e o levou à destruição. Até agora, suas medidas públicas foram guiadas por conselheiros sábios, e sua crueldade havia ferido sua própria família, e não o Estado. Mas já, aos vinte e cinco anos, ele havia assassinado sua esposa inocente e seu irmão adotivo, e tingido as mãos no sangue de sua mãe. No entanto, mesmo essas enormidades parecem ter enojado menos os romanos do que a prostituição imperial por se apresentar publicamente como músico no palco e cocheiro no circo. Sua degradante falta de dignidade e apetite insaciável por aplausos vulgares arrancou lágrimas dos conselheiros e servos de sua casa, que podiam vê-lo massacrar seus parentes mais próximos sem reclamar".[153]

Mas provavelmente existe outra razão pela qual o Nero está marcado com esse epíteto. O nome "homem do pecado" não era desconhecido na história hebraica. Já havia sido dado a alguém que não era apenas um monstro de crueldade e maldade, mas também um inimigo amargo e perseguidor do povo judeu. Não teria sido possível pronunciar um nome mais odioso para os ouvidos judeus do que o nome de Antíoco Epifanes. Ele era o Nero de sua época, o inimigo

[153] Vida e Epístolas de São Paulo, cap. xxvii.

inveterado de Israel, o profanador do templo, o perseguidor sanguinário do povo de Deus. No primeiro livro de Macabeus, encontramos o nome "o homem pecador" [anhr amartwlov] dado a Antíoco (1Ma 2:48, 62), e parece altamente provável que o personagem é destinado a um desfecho semelhante ao de Antíoco, o incansável tirano e perseguidor que se tornou um monumento da ira de Deus.

O paralelo entre "o homem do pecado" e Antíoco Epífanes é particularmente notado por Bengel, que ressalta que a descrição do primeiro (v. 4) é emprestado da descrição deste último em Dn. 11:36. O comentário de Bengel é bem digno de citação:

"É, então, o que Paulo diz: O dia de Cristo não chega, a menos que se cumpra (no homem do pecado) o que Daniel predisse a Antíoco; a previsão é mais adequada ao homem do pecado, que corresponde a Antíoco, e é pior do que ele".[154]

Descobriremos na sequência que essa não é a única passagem na qual Antíoco Epífanes é referido como o protótipo de Nero.

Mas a pergunta pode ser feita: por que a revelação de Nero em seu verdadeiro caráter deve ser motivo de tanta preocupação para o apóstolo e os cristãos de Tessalônica? A resposta não está longe de procurar. Foi a ferocidade desse monstro sem lei que primeiro liberou todo o poder de Roma para esmagar e destruir o nome cristão. Foi por ele que torrentes de sangue inocente deveriam ser derramadas e as torturas mais requintadas infligidas a cristãos sem ofender. Foi diante de seu tribunal sanguinário que São Paulo ainda estava de pé e implorava por sua vida, e pelos seus lábios que a sentença estava por vir que o condenou a uma morte violenta. Mais do que isso, porém, foi sob Nero e por suas ordens que a guerra judaica final foi iniciada, e foi aberto o capítulo mais sombrio dos anais de Israel, que terminou

[154] Gnomon, 2 Ts. 2.

no cerco e captura de Jerusalém, a destruição do templo e a extinção da política nacional. Esta foi a consumação prevista por nosso Senhor como o "fim dos tempos" [sunteleia tou aiwnov] e a "vinda do seu reino". A revelação do homem do pecado, portanto, como antecedente da Parousia, foi um assunto que preocupou profundamente todos os discípulos cristãos.

Agora podemos entender por que o apóstolo deve ter tanta cautela ao escrever sobre um assunto como este. Não era por afeto da obscuridade oracular, mas por motivos prudenciais do tipo mais inteligível. Havia muitos olhos curiosos e línguas caluniosas em Tessalônica, que apenas esperavam uma oportunidade de denunciar os cristãos como homens descontentes e sediciosos, conspiradores secretos contra a autoridade de César. Escrever abertamente sobre tais assuntos seria no mais alto grau indiscreto e perigoso. Nem era necessário; pois eles haviam discutido esses assuntos antes em muitas conversas particulares. "Você não lembra", ele pergunta: "que quando eu estava com você muitas vezes contando[155] essas coisas?" Mais do que sugestões eram desnecessárias para os tessalonicenses, pois eles tinham uma chave para o seu significado que os leitores subsequentes não tinham. Também não é de admirar-se se a obscuridade se reuniu em torno do ensino do apóstolo sobre esse assunto. Eventos que para os contemporâneos estão cheios de intenso interesse geralmente se tornam não apenas desinteressantes, mas ininteligíveis para a posteridade. No entanto, é um tanto estranho que a referência muito óbvia à história contemporânea e a Nero tenha sido tão geralmente ignorada. Esta é a interpretação mais antiga da passagem relativa ao homem do pecado. Crisóstomo, comentando o mistério da iniquidade , diz: "Ele (São Paulo) fala aqui de Nero como sendo o tipo do anticristo; pois ele também queria ser considerado um deus. Esta opinião também é referida por Agostinho, Theodoret e outros. [156] Bengel, referindo-se ao obstáculo à manifestação do

[155] "O verbo está no tempo imperfeito". - Conybeare e Howson, 2 Ts. 2:5.
[156] Ver Alford, Greek Testament, Proleg, 2 Ts.

homem do pecado, diz: "Os antigos pensavam que Cláudio era esse controle: daí parece que eles consideravam Nero, o sucessor de Cláudio, o homem do pecado.[157] Moses Stuart reuniu um grande número de autoridades para a identificação de Nero com o homem do pecado. Ele observa: "A ideia de que Nero era o homem do pecado mencionado por Paulo e pelo Anticristo de que tantas vezes falamos nas epístolas de São João, prevaleceu extensivamente e por muito tempo na igreja primitiva". E novamente: Agostinho diz: "O que significa a declaração de que o mistério da iniquidade já funciona? ... Alguns supõem que isso seja falado pelo imperador romano, e, portanto, Paulo não falou em palavras simples, porque ele não incorreria no acusação de calúnia por ter falado mal do imperador romano: embora ele sempre esperasse que o que ele dissesse fosse entendido como aplicável a Nero".[158]

Consideramos um fato de importância peculiar que uma conclusão que chegue a bases bastante independentes deva ser sancionada por alguns dos maiores nomes da antiguidade. No entanto, não estamos dispostos a repousar essa interpretação sobre a autoridade externa; somos inclinados a pensar que a evidência interna em favor da identificação de Nero como o homem do pecado equivale quase, se não completamente, a demonstração. Mas ainda temos que lidar com a confirmação desse fato fornecida pelo Apocalipse, que presumimos pensar que produzirá convicção em toda mente sincera.

Seria impróprio passar da consideração desta passagem profundamente interessante sem algum aviso do que pode ser chamado de interpretação protestante popular, que encontra aqui a ascensão e o desenvolvimento do papado e identifica o papa como o homem do pecado. A interpretação é, em muitos aspectos, tão plausível e os pontos de correspondência tão numerosos, que não é de surpreender que ela deva ter encontrado favor com talvez a

[157] Gnomon, in loc.
[158] Stuart no Apocalipse, Excurs. iii.

maioria dos comentaristas. Existe uma certa semelhança familiar entre todos os sistemas de superstição e tirania, o que torna provável que algumas das características que o distinguem possam ser encontradas em todos. Mas poucos expositores de qualquer nota ou peso agora sustentam que todas as notas descritivas do homem do pecado podem ser encontradas no Papa. Dean Alford justamente observa:

"Na característica de v. 4, o papa não cumpre e nunca cumpriu a profecia. Permitindo todas as impressionantes coincidências com a última parte do verso que foram tão abundantemente aduzidas, nunca se pode mostrar que ele cumpre a parte anterior; até agora ele está longe disso, que a abjeta adoração e submissão a legomenoi yeoi e sebasmata já foi uma de suas peculiaridades mais notáveis. A segunda objeção, de caráter externo e histórico, é ainda mais decisiva. Se o papado é o Anticristo, então a manifestação foi feita e durou agora por quase mil e quinhentos anos, e ainda não chegou o dia do Senhor que, pelos termos de nossa profecia, tais manifestações devem preceder imediatamente".[159]

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

A PRIMEIRA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

Acredita-se que as duas epístolas da igreja em Corinto tenham sido escritas no mesmo ano (57 dC). O conteúdo é mais variado do que o das epístolas aos tessalonicenses, mas encontramos muitas alusões à vinda antecipada do Senhor. Essa foi a consumação para a qual, na visão de São Paulo, todas as coisas estavam apressando-se e aquilo que todos os cristãos estavam olhando ansiosamente. É representado

[159] Alford, Testament grego, Proleg. 2 Ts. vi. seg. v.

como o dia decisivo em que todas as dúvidas e dificuldades do presente seriam resolvidas e todos os seus erros corrigidos. Que este grande evento foi considerado pelo apóstolo como estando à mão está implícito em toda alusão ao assunto, enquanto em várias passagens é expressamente afirmado em tantas palavras.

ATITUDE DOS CRISTÃOS DE CORINTO EM RELAÇÃO AO "DIA DO SENHOR"

1 Coríntios 1:7,8: "De maneira que nenhum dom vos falta, esperando a manifestação de nosso Senhor Jesus Cristo, O qual vos confirmará também até ao fim, para serdes irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo".

A atitude de expectativa em que os coríntios se encontravam é aqui claramente indicada, embora seja fracamente expressa pela expressão "espera". A frase usada pelo apóstolo é a mesma de Rm. 8:19, onde toda a criação é representada como "gemendo e sofrendo, aguardando a revelação dos filhos de Deus" [apekdecomenoi]. Conybeare e Howson traduzem: "olhando seriamente para o tempo em que nosso Senhor Jesus Cristo for revelado à vista". Essa atitude implica claramente que o objeto esperado foi entendido como próximo; pois é óbvio que, se fosse grande engano, a aparência e o desejo sinceros terminariam apenas em amarga decepção. Pode-se dizer: Os santos do Antigo Testamento não esperaram o dia de Cristo? Abraão não se alegrava em ver Seu dia, e isso não era uma perspectiva distante? Verdade; mas os santos do Antigo Testamento não foram dadas em lugar algum expectativas de que a primeira vinda de Cristo ocorreria em seus próprios dias, ou dentro dos limites de sua própria geração, nem foram requisitados e exortados a estar continuamente vigiando, esperando e procurando Sua vinda. Não temos nenhuma razão para supor que suas mentes estivessem constantemente tensas e seus olhos ansiosamente aflitos pela expectativa do advento, como foi o caso dos cristãos da era

apostólica. O caso do idoso Simeão é o paralelo apropriado aos primeiros cristãos. Foi-lhe revelado que ele não veria a morte até ter visto o ungido do Senhor; portanto, esperou "pela consolação de Israel". Da mesma maneira, foi revelado aos cristãos da era apostólica que a Parousia ocorreria em seus dias; o Senhor repetidamente havia assegurado distintamente a Seus discípulos esse fato; eles, portanto, acalentavam a esperança de viver para ver o anseio desse dia, e ainda mais por causa dos sofrimentos e perseguições a que estavam expostos. Como os tessalonicenses, eles consideravam a morte uma calamidade, porque parecia decepcionar a esperança de ver o Senhor "vindo em seu reino". Eles queriam estar "vivos e permanecer até a vinda do Senhor". Lange observa que: "Pode-se perguntar: "Os coríntios estavam procurando o segundo advento de Cristo como um evento que provavelmente ocorreria em seus dias, e que alguns deles poderiam testemunhar? Essa pergunta deve ser respondida afirmativamente". Billroth também observa: "O apokaluqiv [revelação] refere-se ao visível advento de Cristo, um evento que Paulo e os crentes daqueles dias imaginaram que aconteceriam dentro do prazo de uma vida comum, onde muitos deles estivessem vivos. Paulo aqui elogia os coríntios por aguardar ou esperar por isso".[160] O crítico evidentemente considera a opinião uma ilusão. Mas de onde os primeiros cristãos derivaram suas expectativas?[161] Não era do ensino

[160] Testamento grego, in loc.

[161] Gibbon, cujo testemunho como historiador sobre esse ponto não precisa ser questionado, diz: "Na igreja primitiva, acreditava-se universalmente que o fim do mundo e o reino dos céus estavam próximos. A aproximação desse maravilhoso evento foi predito pelos apóstolos; a tradição dela havia sido preservada por seus primeiros discípulos, e aqueles que entendiam em seu sentido literal os discursos do próprio Cristo eram obrigados a esperar a segunda e gloriosa vinda do Filho do homem nas nuvens antes que aquela geração foi totalmente extinta, [essa geração] que contemplara sua humilde condição na terra e que ainda poderia ser testemunha das calamidades dos judeus sob Vespasiano ou Adriano". Como essa opinião universal obteve tal aceitação se, de fato, não fora ensinada por Cristo e pelos apóstolos? O erro pode, de fato, ter surgido aqui e ali de várias maneiras, mas de onde vem essa crença universal? Alega-se frequentemente que São Paulo escreveu a segunda epístola aos tessalonicenses para corrigir essa opinião e declarar

dos apóstolos e das palavras de Cristo? Dizer que era uma opinião equivocada é dar um golpe na autoridade dos apóstolos como repórteres confiáveis das palavras de Cristo e competentes expositores de Sua doutrina. Se eles pudessem ser tão flagrantemente enganados quanto a uma simples questão de fato, que confiança pode ser depositada em seus ensinamentos sobre as questões mais difíceis de doutrina e dever?

A confiança manifestada pelo apóstolo de que os cristãos de Corinto seriam confirmados até o fim para que fossem irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo, recorda sua oração pelos tessalonicenses: "Para que ele estabeleça seus corações irrepreensíveis em santidade na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo".(1 Ts. 3:13) As duas passagens são exatamente paralelas em significado, e se referem ao mesmo ponto do tempo, "o fim", a "Parousia". Obviamente, pelo "fim" o apóstolo não significa o "fim da vida"; não é um sentimento geral como expressamos quando falamos em ser "fiéis até aos últimos"; tem um significado definido e refere-se a um tempo específico. É "o fim" [telos] mencionado por nosso Senhor em Seu discurso profético no Monte das Oliveiras. (Mt. 24:6, 13, 14) É "o fim dos tempos" [sunteleia tou aionos] de Mt. 13:40, 49. É "o fim" [então chega o fim] de 1 Co. 15:24. (Ver também Hb. 3:6, 14, 6:11, 9:26, 1 Pe. 4:7) Todas essas formas de expressão [para telov ta telh h

---

com autoridade que a Parousia não ocorreria em breve. Se sim, por que a correção não se mostrou eficaz, tanto entre os tessalonicenses quanto em outros lugares? - pois, desde a data mais antiga, essa epístola foi recebida como inspiração indubitável em todas as igrejas. Por que ele próprio sempre repetiu em todas as suas epístolas as mesmas declarações para que, apesar da suposta "correção", a doutrina se sustentasse nos fundamentos mais firmes do cristianismo? Certamente um homem honesto não persistiria em afirmar e reafirmar, em todas as formas de expressão, negando o que ele havia escrito em uma epístola inteira. E quando descobrimos que em todos os lugares, entre todos os que haviam recebido suas epístolas, prevaleceu a crença na proximidade da Parousia, pode-se duvidar que fosse porque assim foram ensinados? Não se poderia levar toda a igreja cristã a receber como um de seus artigos fundamentais de fé uma doutrina que não lhes chegara da própria fonte de toda autoridade.

sunteleia] se referem à mesma época - ou seja, o fim da era ou era judaica, isto é, a dispensação mosaica. Isso é apontado por Alford em sua nota sobre a passagem diante de nós: "Até o fim", isto é, para a sunteleia tou aionos, não apenas "para o fim de suas vidas". Refere-se, portanto, não à morte, que vem para indivíduos diferentes em um momento diferente, mas para um evento específico, não muito distante, a Parousia, ou a vinda do Senhor Jesus Cristo.

Não menos definida é a frase "o dia de nosso Senhor" etc. As alusões a esse período nos escritos apostólicos são muito frequentes e todas apontam para uma grande crise que se aproximava rapidamente: o dia da redenção e da recompensa ao sofredor povo de Deus, o dia de vingança e ira contra seus inimigos e perseguidores.

O CARÁTER JUDICIAL DO "DIA DO SENHOR"

1 Coríntios 3:13: "A obra de cada um se manifestará; na verdade o dia a declarará, porque pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a obra de cada um".

Nesta passagem, novamente, há uma alusão distinta ao "dia do Senhor" como um dia de discriminação entre o bem e o mal, entre o precioso e o vil. O apóstolo compara a si e a seus colegas de trabalho no serviço de Deus aos trabalhadores empregados na construção de um grande edifício. Aquele edifício é a igreja de Deus, cujo único fundamento é Jesus Cristo, o fundamento que ele (o apóstolo) havia estabelecido em Corinto. Ele então adverte todos os obreiros a olharem bem para que tipo de material ele construiu sobre esse único fundamento: ou seja, que tipo de personagem ele introduziu na comunhão da igreja de Deus. Estava chegando um dia que testaria a qualidade da obra de todo homem deveria passar por uma provação ardente; e nesse exame abrasador o frágil e inútil deve perecer, enquanto o bem e o verdadeiro permanecem sem danos.

Não há dúvida de que dia aqui referido é o dia de Cristo, a Parousia.[162] Diz-se que isso é revelado "com fogo " e surge a pergunta: a expressão é literal ou metafórica? Percebe-se que toda a passagem é figurativa: o edifício, os construtores, os materiais; portanto, podemos concluir que o fogo também é figurativo. As qualidades morais não são testadas da mesma maneira que as substâncias materiais. O apóstolo ensina que um exame judicial da vida do obreiro cristão está próximo. Aquele que "tem os olhos semelhantes a uma chama de fogo" vem "vasculhar as rédeas e os corações, e dar a cada um segundo a sua obra". (Ap. 2:18, 23) Quão claramente essas representações do "dia do Senhor" se conectam às palavras proféticas de Malaquias: "Quem pode permanecer no dia da sua vinda? Pois ele é como o fogo de um refinador". "Pois eis que vem o dia que arderá como fornalha, e todos os orgulhosos, sim, e todos os que praticam maldade serão como restolho". (Ml. 3:2, 3, 4:1) Da mesma maneira, João Batista representa o dia da vinda de Cristo como "revelado com fogo", "Ele queimará a palha com fogo inextinguível". (Mt. 3:12) Ver também 2 Ts. 1:7, 8 etc.

No entanto, se alguém puder ser disposto a sustentar que o incêndio aqui não é totalmente metafórico, um caso improvável pode ser facilmente entendido. No ponto central em que essa revelação ocorreu, a cidade e o templo de Jerusalém, a Parousia foi acompanhada de um fogo muito literal. Na fornalha brilhante em que pereceu tudo o que era mais venerável e sagrado no judaísmo, os homens podiam muito bem ver o cumprimento das palavras do apóstolo: "esse dia será revelado em fogo".

Visto que, então, a Parousia coincide no ponto do tempo com a destruição de Jerusalém, segue-se que o período de peneiração e julgamento aqui mencionado - o dia que será revelado no fogo - também é contemporâneo desse evento. Caso contrário, na hipótese

[162] Plin. Nat. Hist. ii. 7

de que esse dia ainda não chegou, somos levados a conclusões de que "a prova da obra de todo homem" ainda não ocorreu (ver Mt 16:27-28); que nenhum julgamento foi pronunciado sobre a obra de Apolo ou Cefas, ou Paulo, ou seus colegas de trabalho; ainda precisa ser verificado com que tipo de material todo homem construiu o templo de Deus; que os trabalhadores ainda não receberam sua recompensa. Pois ainda não chegou o grande dia da prova, e o fogo ainda não provou a obra de todos os homens. Mas isso é uma reductio ad absurdum, e mostra que tal hipótese é insustentável.

O CARÁTER JUDICIAL DO "DIA DO SENHOR"

1 Coríntios 4:5: "Portanto, nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá de Deus o louvor".

1 Coríntios 5:5: "Seja, este tal, entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus".

Em ambas as passagens, a Parousia é representada como um tempo de investigação e decisão judicial. É o momento em que personagens e motivos devem ser revelados, e todo homem recebe seu mérito apropriado de louvor ou culpa. O apóstolo desaprova julgamentos precipitados e mal informados, aparentemente não sem razão pessoal, e exorta-os a esperar "até a vinda do Senhor" etc. Isso não implica manifestamente que ele pensava que não teriam muito tempo para esperar? Onde estaria a razoabilidade de sua exortação se não houvesse perspectiva de vingança ou retribuição próxima? É a própria consideração de que o dia está próximo que constitui a razão da paciência e tolerância agora.

Do mesmo modo, o caso do membro ofensor da igreja de Corinto aponta para um tempo de retribuição que se aproxima rapidamente.

São Paulo argumenta que o efeito da disciplina atual exercida pela igreja pode provar a salvação do ofensor "no dia do Senhor Jesus". Nesse dia, portanto, é o período em que a condenação ou salvação dos homens é decidida. Mas, supondo que o dia do Senhor Jesus ainda não chegou, segue-se que o dia da salvação não chegou nem para o próprio apóstolo nem para os cristãos de Corinto, nem para o ofensor a quem ele chama a igreja a censurar-lo. Tudo isso mostra claramente que o apóstolo creu e ensinou a rápida vinda do dia do Senhor.

O JULGAMENTO DO MUNDO

1 Coríntios 6:2-3: "Não sabeis vós que os santos hão de julgar o mundo?... Não sabeis vós que havemos de julgar os anjos?".

A igreja de Corinto não era apenas atormentada por problemas de imoralidade, os membros da igreja estavam arrastando suas queixas uns contra os outros perante os tribunais pagãos (1 Co. 6:1–11). A Parousia se torna a base para sua crítica a essa prática. Ele não especifica exatamente como os santos participarão no julgamento do mundo, mas deixa claro que, como de fato o farão, é absurdo que eles tomem assuntos menores perante os tribunais pagãos. Ele conclui essa seção advertindo os coríntios de que "os injustos não herdarão o reino de Deus" (v. 9).

Nas referências a Parousia que encontramos nessa epístola, nada pode ser mais evidente do que a afirmação que o apóstolo faz aqui da participação dos santos no julgamento do mundo. São Paulo usou três expressões: "os santos" - significando os santos em geral; "vós" - significando os cristãos coríntios; e "nós" - significando talvez Paulo e os coríntios. São Paulo sabia que alguns dos coríntios sem dúvida morreriam antes da Parousia, (seja por perseguições ou doenças, etc.), e ainda assim ele ensinou que na Parousia de Cristo todos os santos - vivos ou falecidos na época da Parousia de Cristo - estariam juntos

envolvidos nesta atividade incrível; eles reinariam com Cristo e julgariam o mundo e os anjos.

Este é apenas outro aspecto desse grande tema que São Paulo esperava para os crentes na Parousia, um tema que constantemente percorre suas epístolas, baseado nos ensino do Senhor. Pode ser bom considerar as palavras de Jesus a respeito dos discípulos julgando com ele na sua vinda: "Em verdade vos digo que, na regeneração, quando o Filho do Homem estiver no trono de Sua glória, você que me seguiu também se sentará em doze tronos, julgando as doze tribos. de Israel" (Mateus 19:28). Nesta passagem os apóstolos deveriam ter a honra de serem assessores do Senhor, de acordo com Sua declaração (Lucas 22:29, 30) "Eu te designo um reino, como meu Pai me designou; para que coma e beba à minha mesa no meu reino, e se assente em tronos julgando as doze tribos de Israel". Certamente a conclusão natural deste ensino é que todos os santos, vivos e mortos, serão reunidos com Cristo em seu trono em sua Parousia e com ele assessorando o julgando o mundo. Os santos ainda vivos na Parousia devem ser reunidos no reino do Senhor (Mt. 24:31, 1 Ts. 4:17, 2 Ts. 2:1), que está além dos olhos mortais, onde eles teriam o mesmo lugar com Jesus em seu trono e o mesmo poder glorioso que os santos falecidos teriam, para que todos os santos juntos pudessem realizar essa maravilhosa obra.

A RESSURREIÇÃO DOS DISCÍPULOS DO SENHOR

1 Coríntios 6:14: "Ora, Deus, que também ressuscitou o Senhor, nos ressuscitará a nós pelo seu poder".

Parece que alguns dos irmãos coríntios estavam assumindo que sua liberdade em Cristo significava que eles podem ser negligentes em relação à alimentação e ao estilo de vida sexual. Em 1 Coríntios 6:12-20, São Paulo corrige essa ideia licenciosa. Em particular, ele aponta a necessidade de "glorificar a Deus em seu corpo e em seu espírito, que

são de Deus" (v. 20). O ponto principal do ensino de São Paulo nesta passagem é que o corpo é de particular importância para o Senhor. O corpo do crente é para o Senhor, para Sua glória, para Seu serviço. E o Senhor é para o corpo, ou seja, Ele vai governar, capacitar, proteger, vai transforma-lo (no caso dos que ainda estão vivos na Parousia) de corrupção em incorrupção (cf. 1 Co. 15:49-53, e 2 Co. 5:1-4, e Fp. 3:20-21), e por meio do novo corpo espiritual e celestial dos santos, ele exibirá sua glória. É por isso que o corpo não pode ser usado para propósitos imorais. (cf. 2 Co. 5:10) O propósito do Senhor é que seus filhos tenham um corpo no qual suas alma habitaria, e por meio da qual a vida de Cristo seria manifestada.

Aqui ele fala como se estivesse "dormindo" quando Cristo vier; em outro lugar, ele fala de estar possivelmente vivo (1 Ts. 4:17). Elicott acertadamente diz que não devemos sugerir que o apóstolo tinha "expectativas exatas ou definidas quanto ao seu próprio caso".

Embora em comum com a Igreja primitiva esperasse o advento de Cristo, ele não faz afirmações definitivas sobre seu destino pessoal. Ele, designa aqui o destino dos santos em geral, deixando fora de vista nesta expressão geral sua própria esperança pessoal de que ele pudesse sobreviver até a Parousia. Assim também suas palavras em 1 Coríntios 15:51, "nem todos dormiremos" são praticamente equivalentes a "alguns de nós dormiremos". Ele vê a possibilidade de que ele próprio e alguns dos seus leitores possam "dormir" antes da Parousia. Mas esses fatos e considerações não militam contra a doutrina da iminente vinda do Senhor, e que muitos, se não a maioria, de seus contemporâneos viveriam até esse evento glorioso.

A PROXIMIDADE DA CONSUMAÇÃO

1 Coríntios 7:29-31: "Isto, porém, vos digo, irmãos, que o tempo se abrevia [o tempo que resta é curto]; o que resta é que também os que têm mulheres sejam como se não as tivessem;
E os que choram, como se não chorassem; e os que folgam, como se

não folgassem; e os que compram, como se não possuíssem; E os que usam deste mundo, como se dele não abusassem, porque a aparência deste mundo passa [está passando]".

Nenhuma palavra poderia mostrar mais claramente a profunda impressão na mente do apóstolo de que uma grande crise estava próxima, o que afetaria poderosamente todas as relações da vida e todas as posses deste mundo. Há um significado nessa linguagem, como é falado naquele momento, muito diferente do que ela tem atualmente. Essas não são as banalidades comuns sobre a brevidade do tempo e a vaidade do mundo, os lugares comuns de ações dos moralistas dos teólogos. O tempo é sempre curto e o mundo sempre é vaidoso; mas há uma ênfase e uma urgência na declaração do apóstolo que implicam uma especialidade no tempo então presente: ele sabia que eles estavam à beira de uma grande catástrofe, e que todos os interesses e posses terrestres eram mantidos incerta e temporariamente (ver com. Atos 4:34). Não é necessário perguntar o que era essa catástrofe esperada.[163] Foi a vinda do dia do Senhor já aludida, e a aproximação da consumação está implícita em todas as suas exortações. Alford expressa corretamente a força da expressão: "o tempo é reduzido daqui para a frente, ou seja, o intervalo entre agora e a vinda do Senhor chegou a um período extremamente contraído".[164] Mas, infelizmente, ele continua tratando a opinião de

[163] Ver nota A, parte II. "O Reino de Deus".

[164] O argumento extraído da prática de batizar pelos mortos evidentemente deriva toda a sua força da crença que implicava na ressurreição dos mortos. Que tal prática existisse, as próprias palavras provam. O fato de ter se originado em circunstâncias peculiares e temporárias, toda a sua ausência de registros eclesiásticos e seu desaparecimento total do uso eclesiástico tornam quase certa. É muito provável que tenha sido relacionado a tempos de perseguição e que expressasse, primeiro, o arrependimento de um cristão morrer antes da Parousia; e, segundo, o desejo de manter um representante dos mortos que vivem na terra quando o Senhor vier. Se o batismo vicário era o substituto de um santo martirizado ou de alguém que morreu antes do batismo, o costume também expressava fé na vida futura e na ressurreição dos mortos. Se não houvesse ressurreição dos mortos, esse batismo vicário

São Paulo como errada: "Desde que ele escreveu, o desenrolar da providência de Deus nos ensinou mais sobre o intervalo antes da vinda do Senhor do que o apóstolo inspirado pudesse ver". Qual era a opinião particular de São Paulo a respeito da data da Parousia, ou o que aconteceria quando ela chegasse, não sabemos, e seria inútil especular; mas temos o direito de concluir que, em seus ensinamentos oficiais (exceto quando ele expressamente expressa sua opinião pessoal), ele era o instrumento de uma inteligência superior à sua. Realmente não somos competentes para dizer até que ponto o choque da tremenda convulsão que ocorreu no "fim dos tempos" pode ter se estendido, mas todos podem ver que as exortações do apóstolo seriam particularmente apropriadas dentro dos limites da Palestina. À medida que prosseguimos com essa investigação, a área afetada pela Parousia parece crescer e se expandir: é mais do que nacional, torna-se uma crise ecumênica. Certamente, devemos deduzir da representação dos apóstolos, bem como das declarações do Mestre, que a Parousia tinha um significado para os cristãos em toda parte, dentro ou fora dos limites da Judeia. É mais correto investigar a verdadeira importância da doutrina dos apóstolos sobre esse assunto do que supor que eles estavam enganados e inventar desculpas por seu erro. Se for um erro, é comum a todo o ensino do Novo Testamento e nós a encontraremos nos escritos de São Pedro e São João, pois eles, não menos que São Paulo, declaram que "o fim de tudo está próximo" e que "o mundo está passando e a sua luxúria" (1 Pe. 4:7, 1 Jo. 2:17).

ALCANÇANDO O PRÊMIO NA PAROUSIA

1 Coríntios 9:24,25 Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis.

---

teria sido inútil e sem sentido. Era um argumentum ad hominem que seria sentido por aqueles que estavam familiarizados com a prática.

E todo aquele que luta de tudo se abstém; eles o fazem para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, uma incorruptível.

É suficientemente evidente que o apóstolo alude aos exercícios atléticos nos jogos que eram celebrados na cidade de corinto. Sobre essa referência Alford diz: "A alusão é principalmente sem dúvida aos jogos istmianos (celebrados à sombra da imensa cidadela coríntia); mas isso não deve ser pressionado muito de perto: a corrida a pé era um elemento muito comum nas competições atléticas, pois qualquer conhecimento exato de sua predominância em algumas e sua insignificância em outras nos jogos gregos deveriam estar aqui. Menos ainda, deve-se imaginar que esses jogos seriam celebrados no ano em que a Epístola fosse escrita. O máximo que se pode dizer com certeza é que ele faz alusão a um concurso que era bem conhecido por seus leitores".

O ensino uniforme, do Novo Testamento, revela o fato de que era a esperança universal da igreja primitiva que, na tão esperada Parousia, todos os crentes em Cristo que existiam até aquele momento, tanto os vivos quanto os mortos, receberiam sua recompensa prometida do juiz, o Senhor Jesus. Uma coroa de vitória no final de sua carreira cristã e sua luta de fé pelo nome de Cristo. Todas as evidências dessa epístola mostram que a experiência dos crentes vivos nessas realidades abençoadas na Parousia seria tão reais, experimentais e consumadoras quanto seria para os crentes falecidos.

O FIM DOS TEMPOS JÁ CHEGOU

1 Coríntios 10:11: "Ora, tudo isto lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos.

A frase "o fim dos tempos" [tatelh twn aiwnwn] é equivalente a "o

fim dos tempos" [sunteleia ton aiwnov] e "o fim" [ao telov]. Todos eles se referem ao mesmo período, viz. o fim da era judaica, ou dispensação, que estava agora à mão. Observe-se que neste capítulo São Paulo reúne alguns dos grandes incidentes históricos que ocorreram no início dessa dispensação, como aviso para aqueles que viviam perto de seu fim. Evidentemente, ele considera a história inicial da dispensação, especialmente na medida em que era sobrenatural, como tendo um caráter típico e educacional. "Essas coisas lhes aconteceram como exemplo; e eles foram escritos para nossa advertência, para quem chegaram os fins dos tempos". Isso não apenas afirma o caráter típico da economia judaica, mas mostra que o apóstolo considerou que ela estava prestes a expirar.

Conybeare e Howson têm a seguinte nota sobre esta passagem: "A vinda de Cristo foi o fim dos tempos, isto é, o início de um novo período da existência do mundo. É quase a mesma frase é usada Hb. 9:26. Uma expressão semelhante ocorre cinco vezes em São Mateus, significando a vinda de Cristo para julgamento".[165] Esta nota não distingue com precisão que vinda de Cristo foi o fim dos tempos. É a Parousia, a segunda vinda, que é sempre representada. Portanto, acreditava-se que esse evento estava próximo quando o fim dos tempos foi declarado como tendo chegado.

Diz-se às vezes que todo o período entre a encarnação e o "fim do mundo" (fim do mundo material) é considerado no Novo Testamento como "o fim dos tempos".[166] Mas isso tem uma incongruência manifesta em seu próprio termo. Como poderia o fim de um período ser de duração prolongada? Especialmente como poderia ser mais longo do que o próprio período? Já se passou mais tempo desde a encarnação do que desde a concessão da lei até a primeira vinda de Cristo: de modo que, nessa hipótese, o fim dos tempos seja muito mais longo do que a própria era (ou dispensação

[165] Vida e epístolas de São Paulo, cap. xv.
[166] Lange, Alford, etc.

judaica). Em tais paradoxos, os intérpretes são guiados por uma teoria falsa. Mas, como em uma verdadeira teoria científica, todos os fatos se encaixam facilmente em seu lugar e apoiam todo o resto; assim, em uma verdadeira teoria da interpretação, toda passagem encontra uma solução fácil e contribui com sua cota para apoiar a correção do princípio geral.

OS CORINTOS DEVEM ANUNCIAR A MORTE DO SENHOR ATÉ QUE ELE VENHA

1 Coríntios 11:26: "Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha".

É comum considerar essa comissão como se fosse dirigida a toda a Igreja Cristã. Não há dúvida de que é permissível inferir dessas palavras a obrigação perpétua, que repousa sobre todos os cristãos em todos os tempos, que através do memorial da ceia, devemos lembrar e anunciar a morte do Senhor; mas é importante considerar as palavras em sua referência correta e original. Tem uma aplicação especial para os cristãos primitivos que não pode ter para mais ninguém. Ao contrário crentes em geral que, raciocinando por analogia, podem corretamente celebrar a Ceia do Senhor até a morte terminar sua provação terrena, e os apresentar no reino e "entrar na alegria de seu Senhor", esses cristãos primitivos deveriam observa-la não até a morte, mas "até que Ele venha" para inaugurar esse reino.

Sobre essa passagem Alford diz: "A exibição é dirigida diretamente aos coríntios, não a todos os cristãos que se sucedem; o apóstolo fala a respeito da vinda do Senhor o mais próximo possível, em seu próprio tempo".

Albert Barnes diz que isso significa "até que ele retorne para julgar o mundo", ele também afirma que "era a crença constante da igreja primitiva que o Senhor Jesus retornaria para julgar o mundo".

E também Ellicot: "Nas palavras patéticas "até que Ele venha", podemos encontrar uma expressão da crença, talvez em grande parte devido à esperança, de que o Segundo Advento não estivesse muito distante".

Não se pode fingir que a passagem não prova que a vinda do Senhor estava próxima; antes, baseia-se, como vemos, no próprio fato de que tal proximidade era esperada. Não há nada nos escritos de São Paulo que insista com mais iteração e ênfase nessa mesma verdade do que essa epístola. Dirigindo-se aos membros da igreja de Corinto, então existente, o apóstolo implica distintamente que alguns deles permaneceriam vivo na terra até a Parousia: "Nem dormiremos todos, mas todos seremos mudados" (15:51). Qualquer objeção então está contra o próprio apóstolo, e não contra a teoria que estamos tentando defender.

A passagem diante de nós é apenas uma das muitas em que o apóstolo exortou os coríntios que amam os prazeres mundanos. Eles eram carnais, sectários, contenciosos, censuravam todos, exceto seu professor favorito, gostavam de ações judiciais, sempre viciadas em sensualidade, tanto na vida comum quanto nas relações mais sagradas da igreja. O único incentivo que, além de qualquer outro, ele usou para curá-los desses pecados foi o aviso: "Maranata!" - o Senhor está chegando! Sua oração mais sincera foi que eles fossem irrepreensíveis nos dias de nosso Senhor Jesus Cristo (1:8). Ele ordenou que eles renunciassem a suas disputas sobre os professores até o dia do Senhor, tão cedo à mão, quando o trabalho desses professores seria provado com fogo (3:13). O homem incestuoso deve ser entregue a Satanás, para que seu espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus. Os que foram a juízo perante os injustos foram lembrados de que os santos logo julgariam o mundo (6:2). Mesmo nas relações comuns da vida, eles deveriam viver atentos a esse fato. O tempo foi curto; os que tinham esposas deveriam ser como os que não tinham; os que choraram como os que não choraram; os que se alegraram como os

que não se alegraram; os que compraram como os que não possuíam; aqueles que usaram este mundo como não abusando dele, para a moda deste mundo estava passando (7:29-31) Assim, a ceia do Senhor; não era um banquete carnal para a gratificação do orgulho e do apetite, mas um memorial sagrado do Salvador, no qual eles deveriam lembrar sua morte diante dos gentios pagãos a seu redor até que ele viesse. Este foi o único evento pelo qual, e sob as impressões solenes, eles deveriam fazer todas as coisas. Os olhos de São Paulo estavam nos pecados atuais e em como curá-los. Toda a sua solicitude era prepará-los, em arrependimento e reforma, para essa vinda.

Pode ser argumentado que essa visão da Parousia é inconsistente com a perpetuidade da Ceia do Senhor, que era para ser observado "até que ele viesse". Mas, na verdade, a alegada inconsistência não existe. A frase "até", enquanto especifica um tempo para o qual algo é continuado, de modo algum implica que sua continuidade então cesse. Atos 7:18: "O povo cresceu e se multiplicou no Egito até que outro rei se levantou que não conhecia Jesus". Eles também não cresceram depois disso? Atos 27:33: "Enquanto o dia estava chegando" (mais exatamente, até o início do dia), "Paulo pediu a todos que comessem carne". Ele deixou de aconselhar isso assim que o dia amanheceu? Rm. 5:13: "Até que a lei estivesse no mundo." Também não estava aqui depois que o lei foi dado? 1 Cor. 15: 25. "Porque ele deve reinar até que tudo esteja bem; ele colocou todos os inimigos debaixo de seus pés". Então ele não reinará mais? Gálatas 4:19. "De quem eu trabalho de novo até que Cristo seja formado em você". São Paulo cessaria sua solicitude afetuosa por seus filhos espirituais depois disso? Ap. 2:25. "Mas o que tendes, retende-o até que eu venha". Aqui está um caso exatamente em questão - exatamente a mesma frase. Cristo ordena aos crentes em Tiatira, a quem ele reprovou severamente por certos pecados, apegue-se ao bem que eles tiveram até que ele viesse. Ele quis dizer que depois disso eles não seriam mais fiéis? Por que, então, deve-se inferir que 1 Coríntios 11:26 - "anunciais a morte do Senhor até que ele venha" - ensina que depois disso não devem mais fazê-lo? A evidencia mostra

o contrário, pois o próprio senhor os garantiu que eles tomariam a ceia novamente com Seu mestre no reino celestial: "Pois eu vos digo que nunca mais a comerei até que seja cumprida no reino de Deus" (Lc. 22:16), "Mas eu vos digo que, a partir de agora, não irei beber deste fruto da videira até aquele dia em que eu o beber novo com você no reino de meu Pai" (Mt. 26:29; Marcos 14:25; Lucas 22:16-18).

O que também falta à maioria dos intérpretes é que, quando Jesus veio com o Reino Ele cumpriu toda a tipologia da Páscoa. Portanto, a Ceia do Senhor não cessou quando Ele veio, mas ele começou a comer novamente com eles de uma nova maneira. Durante o período de transição após Sua ascensão, eles comeram a Ceia em Sua memória ("em memória de Mim") e na Sua ausência. Mas depois que Ele veio, eles começaram a comê-lo novamente, na Sua Presença, em Sua mesa, em Seu Reino, de uma nova maneira realizada - como uma celebração alegre, e não como um memorial.

Somos assim obrigados a concluir que essa retomada da observância com os apóstolos foi realizada no reino celestial depois que foram apanhados na Parousia. Mas isso não requer a cessação da observância na terra. Mas de onde, então, podemos perguntar, deriva a obrigação de continuar a observância da ceia na terra como um memorial? Em outras palavras, de onde derivamos? Eu respondo, Primeiro: da fonte original de onde veio a todas as igrejas, o mandamento do próprio Cristo: "Tomai, comei, isto é o meu corpo... Bebei dele todos". (Mateus 26:26, 27). "Isto é o meu sangue, o sangue do novo testamento, que por muitos é derramado" (Marcos 14:24). "fazei isto em memória de mim" (Lucas 22:19). Esse mandamento é absoluto; não se limita a tempo, lugar ou pessoa. Segundo: Dos benefícios permanentes da instituição a todos os crentes em todos os tempos. Foi dado ao seu povo aqui na carne, enquanto não estiver mais corporalmente com ele, como memorial do Senhor e um monumento do cristianismo para a instrução da Igreja e do mundo, pois, como ele não está presente conosco de forma visível, é necessário que tenhamos algum símbolo

de sua presença, pelo qual nossas mentes possam se exercitar, até que cheguemos a desfrutar de sua presença pessoal no estado glorificado, onde estão comendo juntos em Sua presença. Terceiro: pelo princípio da equidade geral.

As promessas de supervisão e cuidado divinos, as esperanças e bem aventuranças feita aos santos da antiguidade, e todas as exortações à vigilância e oração, podem ter múltiplas aplicações práticas para os cristãos de todas as épocas. O mesmo pode ser dito de todas as advertências e apelos para escapar da ira vindoura de Deus, que tinha uma referência primária a julgamentos iminentes. O descuido e a desobediência daqueles que viveram nos dias de Noé são uma exortação e advertência viva a todos os homens de todas as épocas que seguem apenas as coisas do mundo e não se importam com seu destino eterno. Todas as advertências do Novo Testamento de vigiar e estar em constante disponibilidade para a vinda do Senhor são capazes de uma aplicação prática mais legítima aos crentes agora, em referência à incerteza da hora da morte. Dizer, como muitos que essa aplicação das advertências para se preparar a Parousia é uma perversão do ensino das Escrituras, é muito inútil. A vinda do Senhor a um crente na morte, a fim de transportar seu espírito redimido para o paraíso, não é, com certeza, a parousia que Jesus declarou que aconteceria dentro de uma geração a partir de seu tempo. Mas como o afastamento desta vida põe fim à provação e "na medida em que é designado ao homem uma vez morrer, e depois disso - julgamento" (Hb. 9:27), todo motivo que deveria ter levado os homens a se prepararem e observarem para que o julgamento do dilúvio e toda exortação para os contemporâneos de Jesus e Paulo observem e estejam prontos para a parousia, sirvam sempre para advertir e exortar a nós e a todas as gerações a estarem preparados para aquele dia e hora em que devemos passar para o julgamento eterno.

Quão mais sensata e forçada é essa exortação prática, cujo ponto e propriedade todos os homens devem sentir, do que os apelos visionários daqueles expositores que nos fazem acreditar que

devemos agora, a qualquer dia e hora, esperar o que Jesus disse que deveria acontecer dentro de sua própria geração!

Brown, de fato, admite (Segunda Vinda de Cristo, p. 20) que "a morte de qualquer indivíduo é, para todos os efeitos práticos, a vinda de Cristo a essa alma. É sua convocação aparecer diante do tribunal de Cristo. É é para ele o fim dos tempos e a abertura de uma eternidade imutável, tão verdadeiramente quanto o segundo advento será para a humanidade em geral". "Existe uma analogia perfeita", acrescenta ele, "entre as duas classes de eventos ... Ainda assim, é apenas no modo de analogia que textos expressivos podem ou devem ser aplicados ao outro... muitas vezes é perigoso fazer com que a interpretação primária e apropriada de uma passagem seja apenas uma secundária, embora possa ser uma aplicação muito legítima e até irresistível dela". Tudo isso está muito correto. Todos esses avisos e exortações tiveram, como mostramos acima, aplicação imediata e primária e referência ao fim da era (aeon) judaica, que ocorreu na queda do templo e seu culto, e a interpretação correta encontra seu referência primária e apenas direta a esse evento. Mas, por analogia manifesta, e em uso prático e homilético, eles têm uma lição pertinente e impressionante para todas as gerações de homens. E isso diminui a força e a utilidade desses textos para importar para eles um significado imaginário que eles nunca deveriam ter.

A menos que a Parousia o o fim da era tenha ocorrido durante a vida de alguns dos coríntios aos quais esta carta foi escrita, a previsão de São Paulo foi falsificada, pois eles não anunciaram a morte do Senhor até que Ele viesse. De qualquer forma, uma vez que só é possível que uma geração de homens esteja viva no momento da parousia, e todos os outros cristãos devem observar a ordenança até a morte, é razoável e fácil de acreditar que os primeiros cristãos celebraram a ceia do Senhor até que Ele veio, e que o resto da Igreja deve observá-la até a morte. Todos os comentaristas devem observar e concordar que a grande massa da Igreja celebrou a ordenança até a morte e que uma pequena minoria - aqueles que "os que ficarmos

vivos para vinda do Senhor" - são a única geração capaz de cumprir literalmente as palavras do apóstolo "anunciais a morte do Senhor até que Ele venha".

A VINDA DO ESTADO PERFEITO NA PAROUSIA

1 Coríntios 13:10-12: "Mas, quando vier o que é perfeito, então o que o é em parte será aniquilado"... "Porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face".

Não há dúvidas que, quando São Paulo se refere à vinda do "perfeito", ele está se referindo ao "estado de coisas provocado pela Parousia"; o tempo da restauração de todas as coisas (At. 3:19-21), o "reino de Deus" e o estado perfeito onde "Deus é tudo em todos" (15:28). O apóstolo esperava como possível que muitos cristãos, incluindo ele, experimentariam essa salvação e perfeição em todos os seus aspectos, na vinda de Jesus, sem passar pela dissolução da morte. Nesse estado perfeito eles estariam completos naquele "reino e glória" aos quais Deus os havia chamado através do Senhor Jesus (1 Ts 2:12); eles teriam cumprido sua esperança de "obter a glória de nosso Senhor Jesus Cristo", ao qual Deus os havia chamado (2 Ts 2:14) e receberiam sua coroa.

São Paulo mostra nos a preeminência do amor, declarando o fato de que todos os dons, conhecimentos e ministérios são temporários e de pouca relevância comparada à relevância eterna do amor (v. 8-13). Elementos como conhecimento, milagres etc., que estavam sendo vivenciados pelos cristãos pertencem apenas e são adequados apenas para a fase "parcial" de uma vida cristã, enquanto, por outro lado, o amor é de suprema importância, operando também na fase perfeita.

São Paulo leciona sobre a fase parcial passando para a fase perfeita em duas ilustrações, da "infância à idade adulta" e da "obscuridade à clareza da visão"; como se ele dissesse: "eu sei imperfeitamente, parcialmente, de uma maneira limitada, de uma maneira obscura (o

que pode ser chamado de grau espiritual infantil) e em comparação com o que está por vir; mas então, quando o estado consumado das coisas chegar, eu conhecerei de maneira completa e ilimitada, as coisas de Deus e o próprio Deus: saberei com clareza celestial (o que pode ser chamado grau espiritual adulto)". Isto é, com uma compreensão e apreciação espiritual e celestial que excede em muito o que é possível ao homem mortal nesta vida terrena, pois como se diz "então estaremos familiarizados com a realidade última, da qual no presente, temos apenas concepções espirituais e mentais vagas" pois "veremos face a face" e "conhecerei como também sou conhecido" (13:12). A fase parcial e imperfeita da vida terrena seria substituída por um estado consumado de bem-aventurança na Parousia. Mas pode-se perguntar: se o estado perfeito chegou onde ele está? Mas a resposta para isso é, deve ser desfrutado no estado terreno das coisas? Agora pergunte a si mesmo, para quem Paulo estava dizendo essas coisas? Obviamente, foi para os santos vivos lá em Corinto, em 57 dC, quando ele escreveu sua primeira epístola para eles. Ele estava dizendo àqueles santos vivos o que eles podiam espere ver, ouvir e experimentar na Parousia quando o Perfeito chegar. Como os santos vivos experimentaram essas coisas? Não pode haver dúvidas de que eles experimentaram isso da maneira cognitiva; São Paulo disse que o conhecimento parcial seria substituído pelo pleno conhecimento. Eles experimentaram essas coisas? É evidente que se a Parousia é contemporânea a destruição de Jerusalém, o estado Perfeito chegou e esses santos devem ter experimentado as coisas que Paulo disse que eles experimentariam, ou então o Apóstolo deve ser rotulado como um falso profeta por lhes dar falsas expectativas que nunca se materializaram. Mas não há nenhuma evidência de que aqueles os santos experimentaram essas coisas na terra. Então isso traz nossa terceira pergunta: Onde esses santos vivos experimentaram essas coisas, na terra ou no céu? Eles obviamente não experimentariam essas coisas na terra; mas temos as palavras do apóstolo de que aqueles santos vivos teriam seus corpos mudados de corruptível para incorruptível, de imperfeito para perfeito (1 Co. 15:50), para estar com Cristo no céu. Obviamente, o

céu é o único lugar onde a perfeição pôde ser desfrutada. Até a Parousia, a perfeição celestial não estava disponível para os santos depois que eles morreram. A Parousia traria a perfeição e a tornaria disponível para os santos no céu. Mas, Se essa esperança ainda não foi cumprida, os santos ainda não foram reunidos com o Senhor, suas coroas ainda não foram recebidas, e eles ainda não veem (o Senhor) face a face (ver 2 Co. 3:18; João 14:3, 18, 28; 16:16, 22; 1 Jo. 3:2).

EVENTOS QUE ACOMPANHAM A PAROUSIA

A ressurreição dos mortos; a mudança dos vivos; a entrega do reino.

Ao entrar nesta porção grande e solene da Palavra de Deus, desejamos fazê-lo com profunda reverência e humildade de espírito, temendo correr onde os anjos temem pisar; e ansiosamente solícito "extrair das palavras inspiradas o que realmente está nelas, e não colocar nelas nada que não esteja realmente lá".

Também nos aventuramos a apelar para a sinceridade judicial do leitor. Pode-se fazer uma exigência por sua paciência, que mal pode estar preparado para atender. Tradições antigas e opiniões preconcebidas não são tolerantes com contradições, e mesmo a verdade pode estar em risco de ser desprezada como loucura, simplesmente porque é nova. Que ele tenha certeza de que toda palavra é dita com toda honestidade, depois que todo esforço para descobrir o verdadeiro significado do texto se esgota, e no espírito de lealdade e submissão à suprema autoridade das Escrituras. Não é parte do negócio de um intérprete reivindicar os ditos de inspiração; todo o seu cuidado deve ser descobrir quais são essas palavras.

1 Coríntios 15:22-28: "Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. Mas cada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na sua vinda.

Depois virá o fim, quando tiver entregado o reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo o império, e toda a potestade e força.
Porque convém que reine até que haja posto a todos os inimigos debaixo de seus pés.

Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte. Porque todas as coisas sujeitou debaixo de seus pés. Mas, quando diz que todas as coisas lhe estão sujeitas, claro está que se excetua aquele que lhe sujeitou todas as coisas.

E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos".

Embora não se enquadre no escopo desta investigação entrar em nenhuma exposição detalhada de passagens que não afetem diretamente a questão da Parousia, parece necessário fazer referência ao estado de opinião na igreja de Corinto que deu ocasião a o argumento e as críticas de São Paulo.

A ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos é um dos grandes comprovantes da verdade do próprio cristianismo. Se isso é verdade, tudo é verdade; se isso for falso, toda a estrutura cai no chão. No breve resumo das verdades fundamentais do Evangelho, dadas pelo apóstolo no início deste capítulo, é dada ênfase especial ao fato da ressurreição de Cristo e às evidências nas quais ele se apóia. Foi "de acordo com as escrituras". Foi atestado pelo testemunho positivo das testemunhas oculares: "Ele foi visto por Cefas, depois pelos doze: depois disso, foi visto por mais de quinhentos irmãos de uma vez", a maioria dos quais ainda vivia nos dias do escrito do apóstolo. Depois disso, ele foi visto por Tiago; então por todos os apóstolos. "Por último, apareceu também a mim". A ênfase colocada nas palavras "ele foi visto" não pode deixar de ser comentada. A evidência é irresistível; é uma demonstração ocular, testemunhada não por uma

ou duas, mas por uma multidão de testemunhas, homens que não mentem e que não podem estar enganados.

Contudo, ao que parece, houve alguns entre os coríntios que disseram "que não há ressurreição de mortos". Parece-nos incompreensível como essa negação deve ser compatível com o discipulado cristão. Não se diz, no entanto, que eles questionam o fato da ressurreição de Cristo, embora o apóstolo mostre que seus princípios levaram a essa conclusão. Seu argumento com eles é um reductio ad absurdum. Ele os coloca em um estado de negação absoluta, no qual não há Cristo, nem cristianismo, nem veracidade apostólica, nem vida futura, nem salvação, nem esperança. Eles cortaram o chão sobre seus próprios pés e ficaram sem Salvador na escuridão e no desespero.

Mas, como dissemos, eles não parecem ter negado o fato da ressurreição de Cristo; pelo contrário, esse é o argumento pelo qual o apóstolo os convence de absurdo. Se não tivessem admitido isso, o argumento do apóstolo não teria força, nem poderiam ter sido considerados como crentes cristãos.

Alguma luz, no entanto, é lançada sobre esse estranho ceticismo pelas epístolas aos tessalonicenses. Uma opinião não muito diferente parece ter prevalecido em Tessalônica. Portanto, pelo menos é o que podemos deduzir de 1 Ts. 4:13, etc. Eles haviam se entregado ao desespero por causa da morte de alguns de seus amigos antes da vinda do Senhor. Eles parecem ter considerado isso como uma calamidade que excluiu os que partiram de uma participação na bem-aventurança que eles esperavam na revelação de Jesus Cristo. O apóstolo acalma seus medos e corrige seus erros, declarando que os santos que partiram não sofreriam nenhuma desvantagem, mas seriam ressuscitados na vinda de Cristo e entrariam junto com os vivos na presença e alegria do Senhor.

Isso mostra que houve dúvidas sobre a ressurreição dos mortos na igreja de Tessalônica e Corinto; e é altamente provável que eles tenham a mesma natureza em ambas. O desejo ansioso de todos os cristãos era estar vivo na vinda do Senhor. A morte, portanto, era considerada uma calamidade. Mas não teria sido uma calamidade se eles tivessem consciência de que haveria uma ressurreição dos mortos. Essa era a verdade que eles não sabiam ou não acreditavam. São Paulo trata a dúvida em Tessalônica como ignorância, em Corinto como erro; e é altamente provável que, entre um povo tão vaidoso e pragmático como os coríntios, a opinião assuma uma forma mais decidida e perigosa. Pode-se observar, também, que o apóstolo trata o caso dos tessalonicenses com o mesmo raciocínio que o dos coríntios, viz. por um apelo ao fato da ressurreição de Cristo: "Se crermos que Jesus morreu e ressuscitou", etc. (1 Ts 4:14) Os dois casos são, portanto, muito semelhantes, se não precisamente paralelos. Podemos facilmente imaginar que, para os primeiros cristãos, muitas vezes sofrendo uma amarga perseguição, e aguardando ansiosamente a aguardada vinda do Senhor, deve ter sido uma decepção grave ser levado pela morte antes do cumprimento de suas esperanças. Acrescente a isso a dificuldade que a ideia da ressurreição dos mortos apresentaria naturalmente aos gentios. (1 Cor. 15:35) Era uma doutrina na qual os filósofos de Atenas zombavam; o que fez Festo exclamar: "Paulo, você é louco" e que os homens científicos da época declararam ser absurda, uma coisa "impossível até para Deus".[167]

Tanto pela natureza provável e origem desse erro dos coríntios. O apóstolo ao combatê-lo atribui o benefício glorioso da ressurreição à interposição mediadora de Cristo. Faz parte dos benefícios decorrentes de Sua obra redentora. Como o primeiro Adão trouxe a morte, o segundo Adão traz a vida; e, como penhor da ressurreição

[167] Locke conjetura que o apóstolo tinha "uma previsão profética das perseguições que se aproximavam sob Nero"; mas essa não é toda a verdade.

de Seu povo, Ele próprio ressuscitou dentre os mortos e se tornou o primeiro fruto da grande colheita da sepultura.

Mas há uma devida ordem e sucessão nesta nova vida futura. Assim como as primícias precedem e predizem a colheita, a ressurreição de Cristo precede e garante a ressurreição de Seu povo: "Cristo as primícias, depois as que são de Cristo por Sua Vinda".

Essa é uma afirmação muito importante, e afirma inequivocamente, o que é de fato o ensino uniforme do Novo Testamento, de que a Parousia deveria ser imediatamente seguida pela ressurreição dos mortos adormecidos. Ele vem "para que possa acordá-los do sono". A Primeira Epístola aos Tessalonicenses fornece o hiato que o apóstolo deixa aqui: "Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor" (1 Ts 4:16, 17).

Na passagem diante de nós, o apóstolo não entra nesses detalhes; ele está argumentando a favor da ressurreição, e ele para brevemente para o presente naquele ponto, acrescentando apenas as palavras significativas: "Então o fim" [eita to telos], tanto quanto dizer: "Esse é o fim"; "Agora está feito"; "O mistério de Deus está consumado".

Mas podemos nos aventurar a perguntar: o que é esse "fim"; Não é um termo novo, mas uma frase familiar que já conhecemos antes e que muitas vezes nos encontraremos novamente. Se nos voltarmos para o discurso profético de nosso Senhor, encontramos quase as mesmas palavras significativas: "Então virá o fim" [tote hxei to telos] (Mateus 24:14) e eles nos fornecem a chave do significado deles aqui. Respondendo à pergunta dos discípulos: "Diga-nos, quando serão essas coisas; e qual será o sinal da tua vinda e do fim dos tempos?" nosso Senhor especifica certos sinais, como a perseguição e o

martírio de alguns dos próprios discípulos; a deserção e apostasia de muitos; o aparecimento de falsos profetas e enganadores; e, finalmente, a proclamação geral do Evangelho em todas as nações do Império Romano; e '"então", declara, "chegará o fim". Pode haver a menor dúvida de que o telos da profecia é o telos da epístola? Ou pode haver alguma dúvida de que ambos são idênticos aos sunteleia tou aionos dos discípulos? (Mt. 24:3) Mas vimos que a última frase se refere não ao "fim do mundo" ou à destruição da terra material, mas ao fim dos tempos, ou dispensação, prestes a expirar. Concluímos, portanto, que "o fim" de que São Paulo fala em 1 Coríntios 15:24 é o mesmo fim da era, tão contínua e proeminentemente vista tanto nos evangelhos quanto nas epístolas, quando toda a sociedade civil e eclesiástica de Israel, com sua cidade, templo, nacionalidade e lei, foi varrida da existência por uma tremenda onda de julgamento.

Essa visão do "fim", como tendo referência ao fim da economia ou idade judaica, parece fornecer uma solução satisfatória de um problema que deixou perplexos os comentaristas. Cristo está entregando o reino.[168] É declarado duas vezes pelo apóstolo, como um dos grandes eventos presentes na Parousia, que o Filho, depois de impor toda regra e toda autoridade e poder, "entregará o reino a Deus, o Pai" (1 Coríntios 15:24, 28). Que reino?[169] Sem dúvida, o

[168] Testamento grego, in loc.

[169] Há um reinado de Cristo que deve ser eterno. Daniel fala desse reinado: "Vi nas visões noturnas e eis que vieram com as nuvens do céu uma semelhante a um filho do homem, e ele veio até até a antiguidade de dias, e eles o aproximaram diante dele. E lhe foi dado domínio, e glória, e um reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem: seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e seu reino, que não será destruído" (Dn. 7:13, 14). Também profetizado pelo anjo da anunciação: "E do seu reino não haverá fim" (Lucas 1:33). Pedro fala disso como "o reino eterno de nosso Senhor" e Salvador Jesus Cristo "(2 Pedro 1:11). Lembrando que Cristo é representado nos lugares celestiais como um cordeiro recém-morto, e que a última visão que temos dele no Apocalipse é como o Cordeiro no trono, com o Pai reinando conjuntamente com ele (Ap. 5:6; 22:1), acreditamos que aplicamos adequadamente a este reino o título "reino de Deus", e que nossa argumentação é justamente quando afirmamos que esse reino continua para

reino que o Cristo, o Ungido Rei comprometeu-se a administrar como representante e vice-líder de Seu Pai: ou seja, o reino teocrático, com a soberania da qual ele foi investido solenemente, de acordo com a afirmação no segundo Salmo: "Eu, porém, ungi o meu Rei sobre o meu santo monte de Sião. Proclamarei o decreto: o Senhor me disse: Tu és meu Filho, eu hoje te gerei". (Sl. 2:6, 7) Esta soberania messiânica, ou Teocracia, necessariamente chegou ao seu término quando o povo a qual era sujeito deixou de ser a nação da aliança; quando a aliança foi de fato dissolvida, e toda a estrutura e o aparato da administração teocrática foram abolidos.[170] O que é mais razoável do que o Filho então "entregar o reino", tendo cumprido os propósitos de sua instituição e seu caráter limitado, local e nacional sendo substituído por um sistema maior e universal, na "era vindoura" ou uma nova ordem de "melhor aliança".

Essa entrega do reino ao Pai na Parousia - no fim dos tempos - é representada como conseqüência da subjugação de todas as coisas a Cristo, o Rei Teocrático. Isso não pode se referir às conquistas gentis

---

sempre, e que, portanto, não pode ser esse reino que Cristo entrega ao Pai depois de ter subjugado todos os seus inimigos.

[170] Não há nada nisso que seja depreciativo para a dignidade do Filho. Pelo contrário, "Ele é o mediador de uma aliança melhor". A mediação de Cristo entre o Pai e os eleitos continuará após o fim do Aeon, e ele reinará como a Pessoa intermediaria entre o Pai e eles por toda a eternidade. Deve-se lembrar, também, que o ofício de Cristo como sacerdote é expressamente declarado como eterno. Nada pode estar mais certo de que esse cargo pertence a ele como mediador de uma nova aliança, e seu exercício é uma das funções de sua mediação. Isso implica que sua administração se baseia no grande sacrifício oferecido por ele pelo pecado, a apresentação desse sacrifício perante o trono de seu Pai em favor de seu povo e o ato soberano de justificação concedido a eles por causa de sua aceitação pela fé. Mas esses ofícios sacerdotais do Redentor nunca cessam. Ele é "um sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque". Ele "vive sempre para fazer intercessão por eles". "O Filho que é consagrado para sempre", etc. Hb. 5:6; 7:17, 21, 25, 28. E na própria Nova Jerusalém, "o rio das águas da vida", o emblema da bênção eterna dos santos, "procede do trono de Deus e do Cordeiro" - um reconhecimento do caráter sacerdotal do Redentor como a fonte eterna de vida e salvação para os homens.

e pacíficas do Evangelho, à reconciliação de todas as coisas para Ele: a linguagem implica uma conquista violenta e vitoriosa afetada por poderes hostis: "Ele deve reinar até que coloque todos os inimigos em seus pés". Quem são esses inimigos podem ser inferidos a partir da história final da Teocracia. Inquestionavelmente, a oposição mais formidável ao rei e ao reino foi encontrada no coração da nação teocrática, os principais sacerdotes e governantes do povo. As mais altas autoridades e poderes da nação eram os inimigos mais amargos do Messias. Foi um antagonismo doméstico, e não estrangeiro - inimizade judaica e não gentia - que rejeitou e crucificou o rei de Israel. O procurador romano era apenas o instrumento relutante nas mãos do Sahedrin. Era o domínio judaico, a autoridade judaica, o poder judaico que perseguia incessantemente e sistematicamente a seita dos nazarenos com a malignidade persistente, e este era "o domínio, a autoridade e o poder" que, pela destruição de Jerusalém e pela extinção do Estado judeu, foram "derrubados" e aniquilados. As cenas terríveis da guerra final, e especialmente do cerco e captura de Jerusalém, mostram-nos o que essa subjugação dos inimigos de Cristo implica. "E quanto àqueles meus inimigos que não quiseram que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui, e matai-os diante de mim" (Lucas 19:27).

Mas o que diremos da destruição do "último inimigo", a morte? Não é fatal para essa interpretação exigir que a abolição o domínio da morte e a ressurreição esteja no passado e não no futuro? Isso não contradiz o fato e o senso comum e, consequentemente, expõe a falácia de toda a explicação? Certamente, se a linguagem do apóstolo pode apenas significar que, na Parousia, o domínio da morte sobre todos os homens em todo lugar para sempre é terminado, segue-se que ou ele estava errado ao fazer tal afirmação, ou que a interpretação que o faz dizer é errônea. O fato dele afirmar que na Parousia (cujo tempo no Novo Testamento é incontestavelmente contemporâneo à destruição de Jerusalém) a morte será destruída, é o que ninguém pode negar com justiça; mas não se segue que devemos entender essa expressão em um sentido absolutamente ilimitado e universal. A raça

humana não deixou de existir em suas atuais condições terrenas na destruição de Jerusalém; o mundo não chegou ao fim; os homens continuaram a nascer e a morrer de acordo com a lei da natureza. O que, então, aconteceu? Devemos conceber esse período como o fim de um aeon, ou era; o fim de uma grande era; o encerramento de uma dispensação e o julgamento daqueles que foram colocados sob essa dispensação. De acordo com a representação de Cristo e de seus apóstolos, todos os súditos dessa dispensação, tanto os vivos como os mortos, seriam convocados perante o rei teocrático sentado no trono de Sua glória. Esse foi o período previsto e designado para aquela grande transação judicial que nos foi apresentada na descrição parabólica das ovelhas e das cabras (Mateus 25:31, ver 16:27) cujos sinais externos e visíveis estavam indelevelmente estampados nos anais da história pela terrível catástrofe que apagou Israel de seu lugar entre as nações da terra. É verdade que os acompanhamentos espirituais e invisíveis desse julgamento não são registrados pelo historiador, pois não eram tais que os sentidos humanos pudessem apreender ou verificar; no entanto, o cristão pode hesitar em acreditar que, contemporaneamente com o julgamento externo e visível, havia um julgamento correspondente no reino invisível? Essa é, pelo menos, a inferência bastante deduzível dos ensinamentos do Novo Testamento. Que na grande época da Parousia, tanto os mortos quanto os vivos - não de toda a raça humana, mas dos súditos do reino teocrático - deveriam ser reunidos perante o tribunal de julgamento, é claramente afirmado nas Escrituras; os mortos sendo ressuscitados e os vivos passando por uma mudança instantânea. Nesta ressurreição dos mortos para a vida - a ressuscitação daqueles que durante toda a duração do reino teocrático haviam se tornado vítimas e cativos da morte - concebemos a "destruição" da morte mencionada por São Paulo. Sobre eles, a morte perdeu seu domínio; "Os espíritos em prisão" foram libertados da custódia de seu tirano sombrio; e eles, ressuscitando dentre os mortos, "não podiam mais morrer"; "a morte não tinha mais domínio sobre eles". Isso está em perfeita harmonia com o ensino das Escrituras sobre esse assunto misterioso e, de fato, explica como nenhuma outra hipótese pode

explicar, aparecerá mais completamente na sequência. Enquanto isso, pode-se observar que muitas expressões como a "destruição" ou "abolição" da morte nem sempre implicam o término total e final de seu poder. Lemos que "Jesus Cristo aboliu a morte". (2 Tm. 1:10) O próprio Cristo declarou: "Em verdade, em verdade vos digo que, se alguém guardar a minha palavra, nunca verá a morte"; (João 8:51) "Todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá". (João 11:26) Devemos interpretar as Escrituras de acordo com a analogia das Escrituras. Toda justificativa que temos em afirmar a respeito da "destruição da morte" na passagem diante de nós é que ela é co-extensiva com todos aqueles que na Parousia foram ressuscitados dentre os mortos. Isso parece ser referido na resposta de nosso Senhor aos saduceus: "Os que serão considerados dignos de atingir esse período [a era vindoura], e a ressurreição dentre os mortos, nem se casam nem são dados em casamento; pois também não podem mais morrer: pois são iguais aos anjos"etc. (Lucas 20:35, 36) Para eles a morte é destruída; para eles a morte é tragada pela vitória. Então, o argumento do apóstolo em 1 Coríntios 15:26, 54, e os versículos seguintes realmente não afirmam mais do que isso: - Para os que ressuscitam dentre os mortos, não há mais risco de morte; a libertação deles da escravidão dele está completa; seu aguilhão é retirado; seu poder está no fim; eles podem gritar, ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó sepultura, onde está a tua vitória? Assim como "Cristo, ressuscitando dentre os mortos, não morre mais, a morte não tem mais domínio sobre ele", assim, na Parousia, Seu povo foi emancipado para sempre da prisão do túmulo: "o último inimigo, a morte para eles foi destruída".[171]

OS VIVOS (OS SANTOS) SÃO TRANSFORMADOS NA PAROUSIA

1 Co. 15:51, 52: "Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados;

[171] Nota em Conybeare e Howson, in loc.

Num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados".

Esta declaração fornece o que faltava na declaração feita no ver. 24, e coloca o todo em conformidade com 1 Ts. 4:17. A linguagem de São Paulo implica que ele estava comunicando uma revelação nova e, presumivelmente, feita para si mesmo. Não se pode dizer que é derivado de qualquer enunciado registrado do Salvador, nem encontramos nenhuma declaração correspondente em nenhum outro texto apostólico. Mas a pergunta para nós é: a quem o apóstolo se refere quando diz: "Não dormiremos todos" etc.? É para algumas pessoas hipotéticas que vivem em uma época distante, ou é para ele e os coríntios que ele está pensando? Por que ele deveria pensar no futuro distante, quando é certo que considerava a Parousia iminente? Por que ele não deveria se referir a si mesmo e aos coríntios quando a esperança e expectativa comum era que eles vivessem para testemunhar a Parousia? Não há razão concebível, então, por que devemos nos afastar da força gramatical apropriada da linguagem. Quando o apóstolo diz "nós", ele sem dúvida significa os cristãos de Corinto e ele próprio. Esta conclusão Alford endossa totalmente: "Nós que estamos vivos e permanecemos até a vinda do Senhor, em que número o apóstolo acreditava firmemente que ele próprio deveria presenciar." (Ver 2 Co. 5:1 e notas)[172]

A revelação, então, que o apóstolo aqui comunica, o segredo a respeito de seu destino futuro, é o seguinte: que nem todos teriam que passar pela provação da morte, mas que aqueles que tiveram o privilégio de viver até que a Parousia sofresse uma mudança pela qual eles seriam qualificados para entrar no reino de Deus, sem experimentar as dores da dissolução. Ele havia explicado pouco antes (v. 50) que corpos materiais e corruptíveis de carne e sangue não podiam, na natureza das coisas, ser adequados para um estado de

[172] Gabinete Bíblico, vol. xxi. 41, 42.

existência espiritual e celestial: "Carne e sangue não podem herdar o reino de Deus". Daí a necessidade de uma transformação do material e do corruptível naquilo que é imaterial[173] e incorruptível. Aqui é importante observar a representação da verdadeira natureza do "reino de Deus". Não é o evangelho; nem a dispensação cristã; nem qualquer estado terrestre das coisas, mas um estado celestial, no qual a carne e o sangue são incapazes de entrar.

A soma de tudo é que, evidentemente, o apóstolo contempla o evento de que está falando como próximo: deve acontecer em seu próprio dia, antes que o prazo natural da vida expire. E não é exatamente isso que encontramos em todas as referências do Novo Testamento à época da Parousia? Esse evento nunca é mencionado como distante, mas sempre como iminente. É procurado, vigiado, esperado. Alguns chegaram à conclusão de que "chegou", mas sua precipitação é verificada pelo apóstolo, que mostra que certos antecedentes devem ocorrer primeiro. Concluímos, portanto, que quando São Paulo disse: "Não dormiremos todos", ele se referiu a si mesmo e aos cristãos de Corinto, que, quando receberam esta carta e leram essas palavras, poderiam colocar apenas uma construção sobre eles, viz. que muitos, talvez a maioria, possivelmente todos, viveriam para testemunhar a consumação que ele previu.

Mas a objeção se repetirá: como tudo isso poderia ocorrer sem aviso prévio ou registro? Primeiro, no que diz respeito à ressurreição dos mortos, deve-se considerar o quão pouco sabemos sobre suas condições e características. Deve vir com observação? Deve ser percebido pelos órgãos materiais? "É ressuscitado um corpo espiritual". Um corpo espiritual pode ser visto, tocado, manuseado? Não temos certeza de que o olho possa ver o espiritual, ou a mão

[173] O termo "imaterial", provavelmente não é o mais adequado para descrever a natureza do corpo espiritual. A seguinte sugestão então é dada: "carne e sangue não podem herdar o reino de Deus. Daí a necessidade de uma transformação do terreno e do corruptível naquilo que é celestial e incorruptível".

possa tocar o imaterial. [174] Pelo contrário, a presunção e a probabilidade são de que não podem. Toda essa ressurreição dos mortos e transmutação dos vivos ocorre na região espiritual, na qual os espectadores e repórteres terrestres não entram, e nada podiam ver se o fizessem.[175] Pode ser necessário um milagre de capacitação para o "olho" ver o invisível. (cf. 2 Reis 6:17) O primeiro mártir cristão, cheio do Espírito Santo, "viu a glória de Deus e Jesus em pé à direita de Deus", mas ninguém na multidão que o cercava viu a visão. (Atos 7:56) Saulo de Tarso, a caminho de Damasco, viu o Senhor, mas seus companheiros de viagem não viram. (Atos 9:7) Não é improvável que as concepções tradicionais e materialistas da ressurreição - sepulturas abertas e corpos emergentes possam influenciar a imaginação sobre esse assunto, e nos fazer ignorar o fato de que nossos órgãos materiais podem apreender apenas objetos materiais.[176]

---

[174] O termo "imaterial", provavelmente não é o mais adequado para descrever a natureza do corpo espiritual. A seguinte sugestão então é dada: "Deve vir com observação? Deve ser percebido pelos órgãos materiais? "É ressuscitado um corpo espiritual [no reino celestial]". O reino celestial pode ser visto, tocado, manuseado? Não temos certeza de que o olho possa ver o reino espiritual, ou a mão possa tocar o que está no reino celestial. Pelo contrário, a presunção e a probabilidade são de que não podem".

[175] As almas desencarnadas dos santos vestiram seus novos corpos imortais e foram para o céu. Indicando que este deveria ser um processo desencarnação a uma condição de gozo, ao invés de sair da sepultura à vista dos homens para que possam continuar nesta vida terrena. Isso explica por que esse evento não pôde ser registrado pelos homens. Eles nunca voltaram ao reino visível na terra.

[176] A doutrina da ressurreição se tornou envolvida em dúvida e confusão por tentativas excessivamente sábias de dizer como os mortos são ressuscitados e com que corpo eles surgem! O Apóstolo emprega ilustrações sugestivas, e pela figura do grão de trigo mostra que o corpo que é semeado "não é o corpo que há de ser" (1 Coríntios 15:37). Ele chama a atenção para as variedades de carne, como de homens, feras, pássaros e peixes, e para a grande diferença entre a glória dos corpos celestes e terrestres, e então diz que o corpo humano é semeado em corrupção, desonra e fraqueza, mas ressuscitado em incorrupção, glória e poder (versículos 39-45). "É semeado um corpo natural; é ressuscitado um corpo espiritual". Os interesses da verdade divina não foram

Em segundo lugar, no que diz respeito à mudança dos santos vivos, da qual o apóstolo fala instantaneamente, "num momento, num piscar de olhos", é difícil entender o quão rápida uma transição poderia ser objeto de observação. A única coisa que sabemos da mudança é sua rapidez inconcebível. Não sabemos nada sobre o resíduo que deixa para trás; que dissipação ou resolução da substância material. Pelo que sabemos, pode perceber a fantasia do poeta: "Oh, a hora em que este material desaparecerá como uma nuvem".

Tudo o que sabemos é que "em um momento, num piscar de olhos", a mudança está concluída; "o corruptível se reveste em incorrupção, o mortal se reveste de imortalidade e a morte é tragada pela vitória". O que, então, dificulta a conclusão de que tais eventos poderiam ter ocorrido sem observação e sem registro? Não há nada não filosófico, irracional ou impossível na suposição. Mas antes de tudo, há algo não bíblico? e é sobre isso que precisamos nos preocupar. "O que diz a Escritura?" A linguagem de São Paulo afirma claramente ou implica que tudo isso está prestes a acontecer, durante a vida de si mesmo e daqueles a quem ele está escrevendo? Nenhuma mente justa e desapaixonada negará que seja assim. Certo ou errado, o apóstolo está comprometido com essa representação da vinda de Cristo, da ressurreição dos mortos e da transmutação dos santos vivos, durante o tempo de vida natural dos coríntios e de si mesmo. Somos colocados, portanto, neste dilema, -

1- Ou o apóstolo foi guiado pelo Espírito de Deus, e os eventos que ele predisse aconteceram; ou,

2- O apóstolo estava enganado em sua crença, e essas coisas nunca aconteceram.[177]

---

ajudados por ensaios dogmáticos para ir além do que apóstolo diz na explicação ou ilustração deste mistério.

[177] Se tomarmos a segunda opção do dilema, e acreditar que os apóstolos estavam enganados, o que necessariamente se segue? 1- Que eram falsas

A PAROUSIA E A "ÚLTIMA TROMBETA"

Ainda existe uma circunstância nessa descrição que requer aviso prévio, relacionada à questão do tempo. A mudança que se diz passar sobre "nós que estamos vivos e permanecemos até a vinda do Senhor" segue imediatamente o sinal da "última trombeta". É notável a existência de outras duas passagens que conectam o grande evento da Parousia e suas transações concomitantes ao som de uma trombeta. "Ele enviará seus anjos com um grande som de trombeta, e eles reunirão seus eleitos" etc. (Mateus 24:31) Assim também São Paulo em 1 Ts. 4:16; "O próprio Senhor descerá do céu com um grito, com a voz do arcanjo e com a trombeta de Deus" etc. Mas surge a pergunta: por que a última trombeta? Esse epíteto sugere necessariamente outras trombetas ou sinais anteriores, e somos irresistivelmente lembrados da visão apocalíptica, na qual sete anjos são representados como soando trombetas, cada uma das quais é o

---

testemunhas de Deus, como Paulo diz de si e de seus companheiros apóstolos em 1 Coríntios. 15:15; pois eles testemunharam que Deus estava prestes a enviar seu Filho de céu para julgar o mundo em retidão, a quem ele não enviou pois a parousia supostamente não aconteceu como eles afirmaram. 2- Que os apóstolos estavam errados a respeito de uma questão de fato sobre a qual tinham os mais amplos meios de informação e sobre a qual professavam falar com autoridade como arautos de uma inspiração divina. 3- Se eles estavam errados em relação a essa questão de fato, não podemos confiar neles em outros assuntos, especialmente aqueles que, por sua natureza, podem ser obscuros, sobrenaturais e misteriosos. 4- Que eles certamente não estavam sob a orientação do Espírito Santo, que o Salvador prometeu que os guiaria a toda a verdade, ensinando-os todas as coisas e trazendo à lembrança tudo o que ele lhes disse. 5- Que, conseqüentemente, suas promessas a esse respeito não foram cumpridas e inúteis. 6- Que, não havendo distinção entre o que eles ensinaram e acreditaram sobre esse assunto e o que eles ensinaram e acreditaram em outros assuntos, todos os seus ensinamentos estão viciados, inautênticos e são ilegítimos. 7- Que somos, assim, levados a uma rejeição de todas as doutrinas apostólicas como verdade divina.

sinal para o derramamento de julgamentos e problemas na terra. É claro que a sétima trombeta é a última, e torna-se uma questão interessante que relação pode haver entre a revelação na Epístola e a visão no Apocalipse. Alford (em oposição a Olshausen) considera que o uso da palavra última identificá-o com a sétima trombeta do Apocalipse; mas sua própria sugestão, de que é a última "em um sentido amplo e popular", parece muito menos satisfatória. Evitamos, nesta fase, entrar em qualquer discussão sobre os símbolos apocalípticos, mas nos contentamos com a observação única de que o som da sétima trombeta no Apocalipse está realmente conectado ao tempo do julgamento dos mortos. (Ap. 11:18) O assunto todo virá diante de nós em um estágio subsequente da investigação, e agora prosseguimos, apenas tomando nota do fato de que aqui encontramos um elo indubitável de conexão entre o elemento profético nas Epístolas e o Apocalipse.

A SENHA APOSTÓLICA, "MARAN-ATHA" - O SENHOR VEM

1 Co. 16:22: "Maran-atha". [O Senhor vem]

Todo o argumento para a aproximação antecipada da Parousia é apertada pela última palavra do apóstolo, que vem com o maior peso, como está escrito com sua própria mão, e transmite em uma palavra a essência concentrada de sua exortação, "Maran- atha". O Senhor está vindo. Esta única expressão fala volumes. É a palavra de ordem que o apóstolo passa ao longo da linha do exército cristão; o grito de guerra que inspirou coragem e esperança em todos os corações. "O Senhor está vindo!" Não teria sentido se o evento a que se refere fosse distante ou duvidoso; toda a sua força reside na sua certeza e proximidade. "Uma palavra de ordem pesada", diz Alford, "tendendo a recordar a eles a proximidade de Sua vinda e o dever de ser

encontrado pronto para isso".[178] Hengstenberg vê nela uma alusão óbvia a Ml. 3:1: "O Senhor, a quem buscais, subitamente chegará ao seu templo ... eis que ele virá, diz o Senhor dos exércitos". A palavra Maran-atha, que é tão marcante em uma epístola escrita em grego e para os gregos, é em si uma indicação suficiente de uma fundação do Antigo Testamento. A retenção da forma arameana só pode ser explicada com a suposição de que era uma espécie de palavra de ordem comum a todos os crentes em Israel; e nenhuma expressão poderia ser tão bem usada se não tivesse sido retirada das Escrituras. Dificilmente pode haver alguma dúvida de que foi tirada de Ml. 3:1.[179] Podemos acrescentar que a ocorrência dessa palavra aramaica em uma epístola grega sugere a existência de um forte elemento judaico na igreja de Corinto. Provavelmente isso era verdade para todas as igrejas gentias: a sinagoga era o núcleo da congregação cristã, e sabemos que em Corinto era especialmente assim: Crispo e Sóstenes pertenciam à sinagoga antes de pertencerem à igreja; e esse fato explica o que de outra forma poderia parecer uma dificuldade - o interesse direto da igreja de Corinto na grande catástrofe cuja sede e centro era a Judeia.

A SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

A PAROUSIA NA SEGUNDA EPÍSTOLA AOS CORÍNTIOS

Acredita-se que as duas epístolas da igreja em Corinto tenham sido escritas no mesmo ano (57 dC). O conteúdo é mais variado do que o das epístolas aos tessalonicenses, mas encontramos muitas alusões à vinda antecipada do Senhor. Essa foi a consumação para a qual, na visão de São Paulo, todas as coisas estavam apressando-se e aquilo que todos os cristãos estavam olhando ansiosamente. É representado

[178] Testamento grego in loc.
[179] Christology, vol. 256, 257.

como o dia decisivo em que todas as dúvidas e dificuldades do presente seriam resolvidas e todos os seus erros corrigidos. Que este grande evento foi considerado pelo apóstolo como estando à mão está implícito em toda alusão ao assunto, enquanto em várias passagens é expressamente afirmado em tantas palavras.

ANTECIPAÇÕES DO "FIM" E "O DIA DO SENHOR"

2 Coríntios 1:13,14: "Até o fim"... "o dia do Senhor Jesus".

"O fim", no verso 13, não significa necessariamente "o fim da minha vida", como diz Alford. É a grande consumação que o apóstolo sempre mantém em vista, o Telos tem uma significação definida e reconhecida no Novo Testamento, como pode ser visto por referência a passagens como Mt. 24:6, 14; 1 Co. 15:24; Hb. 3:16, 6:11, etc.

No ver. 14 encontramos São Paulo antecipando a vinda do Senhor como um tempo de alegre recompensa para os fiéis servos de Deus, e que estava tão próximo que, como ele lhes dissera em sua antiga epístola, julgamentos e censuras humanos poderiam muito bem ser adiados até a sua chegada. (1 Co. 4:5) Quando esse dia chegasse, o apóstolo e seus conversos se regozijariam. (ver. 1 Ts 2:19-20) Pode-se supor que ele pudesse pensar naquele dia como algo diferente de muito próximo? Essas alegrias mútuas ainda não começaram? Pois, se o dia do Senhor ainda é futuro, também deve ser o gozo.

OS MORTOS EM CRISTO SERÃO APRESENTADOS JUNTO COM OS VIVOS NA PAROUSIA

2 Coríntios 4:14: "Sabendo que o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará também por Jesus, e nos apresentará convosco".

Entramos agora em uma declaração muito importante, que merece

atenção especial. Talvez seu verdadeiro significado tenha sido um pouco obscurecido ao considerá-lo uma proposição geral, em vez de algo pessoal para o próprio apóstolo. Conybeare e Howson observam:

"Muitas confusões são causadas em muitas passagens por não traduzir, de acordo com seu verdadeiro significado, na primeira pessoa do singular; pois assim acontece frequentemente com o que São Paulo falou de si mesmo individualmente, parece-nos como se fosse destinado a uma verdade geral; exemplos disso ocorrerão repetidamente na Epístola aos Coríntios, especialmente na Segunda. Propomos, portanto, mudar os pronomes que "nós" nesta passagem por "eu".[180]

Já vimos (1 Ts. 4:15 e 1 Co. 15:51) que o apóstolo acalentava a esperança de que ele próprio estaria entre aqueles "que estariam vivos e permanecerão até a vinda do Senhor". Nesta epístola, no entanto, parece que essa esperança em relação a si mesmo foi abalada. Sua experiência no intervalo entre a Primeira Epístola e a Segunda foi de tal ordem que o levou a apreender a morte iminente. (Ver 2 Cor. 1:8, etc.) Seu "problema na Ásia" o deixara desesperado com a vida, e ele provavelmente achava que não conseguiria escapar da hostilidade maligna de seus inimigos por muito mais tempo. Ele tinha agora "a sentença de morte em si mesmo"; ele carregava sobre "seu corpo a morte do Senhor Jesus" e sentia que estava "sempre entregue à morte por causa de Jesus".

Mas essa antecipação não diminuiu a confiança com a qual ele ansiava pelo futuro; pois, mesmo que ele morresse antes da Parousia, por esse motivo não perderia sua parte nos triunfos e glórias daquele dia. Ele estava certo de que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também o ressuscitaria por Jesus, e iria apresentá-lo juntamente com os santos vivos que poderiam sobreviver a esse período. Ele não

[180] Vida e Epístolas de São Paulo, cap. XI.

estaria ausente do grande episódio ocorrido na vinda do Senhor (2 Ts. 2:1), mas seria "apresentado", juntamente com seus amigos em Corinto e em outros lugares, "diante da presença de sua glória". De fato, o apóstolo agora se conforta com as mesmas palavras com as quais confortara os enlutados em Tessalônica. Ele parece ter renunciado à esperança de que ele próprio viveria para testemunhar a gloriosa aparição do Senhor; mas não menos ainda, ele foi convencido de que não sofreria perdas por ter que morrer; pois, como ele havia ensinado aos tessalonicenses, "os que dormem em Jesus Deus trariam com ele"; e os santos vivos naquele dia não teriam vantagem sobre os que dormiam. (1 Ts. 4:14, 15)[181]

EXPECTATIVA DA FUTURA BEM-AVENTURANÇA NA PAROUSIA

2 Coríntios 5:1-10: "Porque sabemos que, se a nossa casa terrestre deste tabernáculo se desfizer, temos de Deus um edifício, uma casa não feita por mãos, eterna, nos céus.

E por isso também gememos, desejando ser revestidos da nossa habitação, que é do céu;

Se, todavia, estando vestidos, não formos achados nus. Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida.

Ora, quem para isto mesmo nos preparou foi Deus, o qual nos deu também o penhor do Espírito.

Por isso estamos sempre de bom ânimo, sabendo que, enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor (Porque andamos por fé, e não por vista).

Mas temos confiança e desejamos antes deixar este corpo, para habitar com o Senhor.

[181] "A totalidade desta passagem (cap. Iv. 7 a cap. V. 10) mostra que São Paulo estava sofrendo de doença corporal quando escreveu". - Conybeare e Howson, cap. xvii. Nota.

Pois que muito desejamos também ser-lhe agradáveis, quer presentes, quer ausentes.

Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal".

Este é o relato mais completo que possuímos da misteriosa transição que o espírito humano experimenta quando deixa o seu estado terrestre e entra no novo organismo preparado para sua recepção no mundo eterno. Chega-nos atestado pela mais alta autoridade, é a profissão de fé feita por um apóstolo inspirado, alguém que poderia dizer "eu sei". É a declaração dessa esperança que sustentou São Paulo, e sem dúvida também a fé comum de toda a igreja cristã. No entanto, a passagem deve ser estudada do ponto de vista do apóstolo, como sua expectativa e esperança pessoal.

Observe a forma da afirmação - é mais hipotética do que afirmativa: "Se meu tabernáculo terrestre for dissolvido" etc. etc. Não é assim que um cristão agora fala a respeito da perspectiva de morrer; não há um "se" em sua expressão, pois o que é mais certo que a morte? Ele diria: "Quando este tabernáculo terrestre for derrubado"; não, "se assim for" etc. Mas não é assim o apóstolo; para ele, a morte era um evento problemático; ele acreditava que muitos, talvez a maioria, dos fiéis de sua época nunca sofreriam a dissolução da morte; não seria despido, sem corpo, mas "estaria vivo e permaneceria até a vinda do Senhor". Talvez naquele momento ele tivesse começado a ter receios sobre sua própria sobrevivência; mas o que então? Mesmo que a ocupação terrena de seu corpo fosse dissolvida, ele sabia que lhe havia sido providenciada uma habitação divinamente preparada, ou veículo da alma; uma mansão indestrutível e celestial, não feita com as mãos; não material, mas um corpo espiritual. Em sua atual residência no corpo de carne e sangue, ele encontrou muitas dores e sofrimentos, sob o fardo de que muitas vezes gemia, e pela libertação da qual ansiava, desejando sinceramente ser dotado da vestimenta celestial que o aguardava (v. 2). A

concepção pagã de um espírito sem corpo, um fantasma nu e trêmulo, era estranha às idéias de São Paulo; sua esperança e desejo eram que ele fosse encontrado "vestido, e não nu"; "não estar despido, mas vestido". Entre todos os comentaristas, Conybeare e Howson captaram melhor e expressaram a ideia do apóstolo: "Se, de fato, ainda me encontrarem vestidos com minhas roupas carnais".[182] Não foi a morte, mas a vida, que o apóstolo antecipou e desejou; não ser despojado do corpo, mas investido de um organismo mais excelente e dotado de uma vida mais nobre. Há uma alusão inconfundível em sua linguagem à esperança que ele acalentava de escapar da desgraça da mortalidade, "gememos... não porque queremos ser despidos", "mas revestidos",ou seja, "não que eu deseje morrer" mas para fundir o mortal no imortal, para que "a mortalidade possa ser engolida pela vida".

O seguinte comentário de Dean Alford transmite bem o sentimento desta importante passagem:

"O sentimento expresso nesses versículos era o mais natural para aqueles que, como os apóstolos, consideravam a vinda do Senhor próxima, e concebiam a possibilidade de em seu tempo de vida contemplá-la. Não houve terror da morte quanto às suas consequências, mas uma relutância natural em sofrer o mero ato da morte como tal, quando foi escrita a possibilidade de que esse corpo mortal pudesse ser substituído pelo imortal, sem ele [a morte].[183]

Nos versículos seguintes, o apóstolo sugere sua total confiança de

[182] Literalmente: "Se, de fato, for achado vestido, e sem as minhas roupas;" ie "Se, na vinda do Senhor, ainda serei encontrado vivo na carne". Sabemos por outras passagens que era uma questão de incerteza com São Paulo se ele deveria sobreviver para contemplar a segunda vinda de Cristo. (Compare 1 Ts. 4:15 e 1 Co. 15:51) Assim, no próximo versículo, ele expressa seu desejo de que seu corpo carnal seja transformado em um corpo espiritual, sem ser despido pela morte. '- Life and Epístolas de São Paulo, cap. xvii.

[183] Testamento grego in loc.

que, em qualquer alternativa, vivo ou "dormindo", tudo estava bem. "Estar presente no corpo era estar ausente do Senhor; estar ausente do corpo era estar presente com o Senhor". Em qualquer um dos casos, presente ou ausente, sua grande preocupação seria finalmente ser aceito pelo Senhor; "Pois", ele acrescenta, "todos devemos ser manifestados diante do tribunal de Cristo; para que cada um receba as coisas feitas no corpo, de acordo com o que fez, sejam boas ou más" (2 Co. 5:6-10 ver Mt. 16:27).

Assim, o apóstolo leva toda a questão a uma encruzilhada pessoal e prática. Todos estão a caminho do Tribunal de Cristo, e todos ali finalmente se encontrarão. Alguns podem morrer antes da vinda do Senhor, e outros podem viver para testemunhar esse evento; mas ali, no tribunal, todos serão reunidos; e para ser aceito e aprovado, havia, afinal, um assunto maior do que viver ou morrer, "adormecer no Senhor" ou ser "mudado" sem passar pelas dores da dissolução. O tribunal do julgamento era o cômpito diante de todos, e vimos o quão próximo e iminente se acreditava que essa aparição solene estava. A este fato testemunhou todos os apóstolos de nosso Senhor. Paulo disse, nas palavras já citadas (Atos 17:31, 24:25), que Deus estava prestes a julgar o mundo por Jesus Cristo. Afirmar que toda essa fé e esperança sincera, estimada e ensinada pelos apóstolos inspirados de Cristo, foi afinal uma mera falácia e ilusão, parece uma suposição intolerável, fatal para o crédito e a autoridade da doutrina apostólica.

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA EPÍSTOLA AOS GÁLATAS

Nós não encontramos qualquer alusão direta à Parousia na Epístola

aos Gálatas.[184] Ela contribui, no entanto, para esclarecer a questão, fornecendo uma ilustração do primeiro aparecimento e crescimento rápido da deserção de fé prevista por nosso Senhor e designado por Paulo como "apostasia" ou "arrefecimento", que foi um precursor sinal da Parousia. (Veja Mt 24:12, 2 Ts 2:3, 1 Tm 4, 2 Tm 3, 4:3, 4). A praga irrompeu nas igrejas da Galácia, e nesta epístola, vemos como o apóstolos fervorosamente tentou parar o seu progresso, protestando veementemente contra esta perversão do evangelho e denunciando seus autores e propagandistas como inimigos da cruz de Cristo. O mal surgiu das artes dos mestres judaizantes, que estavam por toda parte em opositores inveterados de Paulo, e quem parece ter o mesmo espírito de proselitismo que distinguia os fariseus, que "cercavam o mar e a terra para fazer prosélitos". Nesta manifestação da apostasia prevista, temos uma indicação marcada da abordagem dos "últimos tempos" ou do "fim dos tempos".

"A PRESENTE ERA DO MAL"

Gálatas 1:4: "O qual se deu a si mesmo por nossos pecados, para nos livrar do presente século mau, segundo a vontade de Deus nosso Pai".

O apóstolo fala aqui do estado atual das coisas como mal e do Senhor Jesus Cristo como aquele que nos liberta dele. A palavra século [ou aeon] não se refere, é claro, ao mundo material, a terra, mas ao mundo moral, ou época moral.[185] É equivalente à frase que

[184] São Paulo provavelmente escreveu sua epístola aos Gálatas enquanto viajava pela Macedônia durante sua terceira viagem missionária, por volta de 57 d.C.

[185] Sobre o "fim da era", Terry diz: "O fim dos tempos, o encerramento da época ou idade, ou seja, a era judaica ou dispensação da lei falam a respeito desse fim que se aproximava sobre as ruínas do templo como nosso Senhor frequentemente intimou a sua geração. Todas essas passagens que falam de "final", "fim dos tempos", ou "o fim dos séculos", se referem à mesma consumação, e sempre como perto. O escritor considera o ministério de Cristo como tendo lugar perto do fim do “aion”, ou período da dispensação judaica.

ocorre com frequência nos evangelhos, "esta geração perversa" (Mateus 2:45, etc.). A atual era do mal' é considerada como falecendo e prestes a ser sucedida por uma nova ordem, a nascida ou amadurecida. (Hebreus 2:5)[186]

Supor que ele quis dizer que era o fim do planeta terra, ou a destruição do mundo material, seria fazê-lo escrever uma história falsa, bem como uma má e grotesca gramática. Não seria verdadeiro o o fim dos tempos (aion) durar tanto tempo, pois a encarnação do verbo era o fim dos tempos da dispensação mosaica, desde o êxodo para a destruição do templo. Com isso, portanto, é inútil dizer que os "últimos dias" pudesse significar um período prolongado, que se estendesse desde a encarnação do verbo até o nosso tempo, e até mesmo muito além desse tempo. Isso seria uma eternidade, e não o encerramento de um "aion". O "aion" do qual nosso Senhor estava falando era de um fim [de uma dispensação] por meio de uma grande catástrofe! E uma catástrofe não é um processo demorado, mas um ato definitivo e culminado". (Milton S. Terry, Biblical Hermeneutics)

[186] Locke tem a seguinte nota sobre esta passagem: - "Para que Ele possa nos tirar deste presente mundo mau, ou era, assim significam as palavras gregas. Portanto, não se pode pensar que São Paulo quis dizer que os cristãos deveriam ser imediatamente removidos para o outro mundo. Portanto, enestwv aiwn deve significar algo mais do que mundo presente no sentido comum dessas palavras em inglês. Aiwn outov, 1 Co. 2:6, 8, e em outros lugares, significa claramente a nação judaica sob a constituição mosaica; e se encaixa muito bem com o desígnio do apóstolo nesta epístola que o faça aqui. Deus tem neste mundo apenas um reino e um povo. A nação dos judeus era o reino e povo de Deus enquanto a lei existia. E este reino de Deus sob a constituição mosaica era chamado aiwn outov, esta era, ou, como é comumente traduzido, este mundo, para o qual aiwn enestwv, o mundo atual, ou era, aqui responde. Mas o reino de Deus que deveria estar sob o Messias, no qual a economia e constituição da Igreja Judaica, e a própria nação, que em oposição a Cristo aderiu a ela, deveria ser posta de lado, está no Novo Testamento chamado aiwn mellwn, o mundo, ou idade, por vir; de modo que Cristo, ao tirá-los do mundo presente, pode, sem qualquer violência às palavras, ser entendida como significando que Ele os libertou da constituição mosaica".- Paráfrase e Notas sobre Gálatas. Essa explicação, embora chegue perto da verdade, dificilmente dá o significado completo da frase.

AS DUAS JERUSALÉM, A ANTIGA E A NOVA

Gálatas 4:25,26: "Ora, esta Agar é Sinai, um monte da Arábia, que corresponde à Jerusalém que agora existe, pois é escrava com seus filhos.
Mas a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é mãe de todos nós."

Atualmente, não é nossa intenção fazer mais do que simplesmente observar esse notável contraste entre as duas cidades, a nova e a velha Jerusalém. Nós, propositadamente, evitamos, nesta fase, inserir símbolos e seu significado, até que todo o assunto venha à nossa frente no Livro do Apocalipse.

Enquanto isso, o leitor deve observar bem os contrastes aqui apresentados. A Jerusalém que agora é e a Jerusalém que deve ser; a Jerusalém terrestre e a Jerusalém celestial; a Jerusalém que está em servidão e a Jerusalém que é livre; a Jerusalém que está embaixo e a Jerusalém que está em cima, a Jerusalém que é a mãe dos escravos; e a Jerusalém que é nossa mãe. Ainda acharemos esse contraste de pouca utilidade na determinação do significado de alguns dos símbolos do Apocalipse.[187]

[187] É fundamental honrar o fato de que nos livros proféticos do AT, há o que pode ser chamado de doutrina de duas Jerusalém. O que isso significa é que, em alguns textos, há um enigma aparente. Por um lado, Jerusalém é destruída, e ainda nos mesmos textos, Jerusalém é libertada! Esta dificuldade aparente é resolvida ao entender que a Antiga Jerusalém perece, enquanto a Nova Jerusalém é preservada. Esta sugestão explica bem a situação em Zacarias. A Antiga Jerusalém certamente seria desolada, no derramamento da ira. No entanto, a Jerusalém que está acima, a verdadeira Jerusalém, seria livrada, e a fonte para o perdão do pecado seria aberta para a salvação (Zacarias 12-14).

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA EPÍSTOLA AOS ROMANOS

As alusões à vinda do Senhor nesta epístola não são muitas em número, mas são muito importantes e instrutivas. A vinda é mencionada como algo que, com toda a certeza, era acreditado e ansiosamente aguardado pelos cristãos da era apostólica; e o fato de sua proximidade é implícito ou afirmado em cada alusão ao evento.[188]

O EVANGELHO É ANUNCIADO EM TODO MUNDO

Romanos 1:8: "Primeiramente dou graças ao meu Deus por Jesus Cristo, acerca de vós todos, porque em todo o mundo é anunciada a vossa fé".

Romanos 10:18: "Mas digo: Porventura não ouviram? Sim, por certo, pois Por toda a terra saiu a voz deles, E as suas palavras até aos confins do mundo".

Romanos 15:19: "Pelo poder dos sinais e prodígios, e pela virtude do Espírito de Deus; de maneira que desde Jerusalém, e arredores, até ao Ilírico, tenho pregado o evangelho de Jesus Cristo".

Romanos 16:25,26 "Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar

[188] Temos uma indicação da época em que foi escrita no capítulo 15, onde o apóstolo revela que está prestes a viajar à Palestina, levando "a coleta para os pobres", quando então espera estar desimpedido para visitar Roma e, depois, a Espanha. São Paulo seguiu para Jerusalém (Atos 20:16), perto do fim de sua terceira jornada missionária. Depois de escrever o livro de Romanos de Corinto durante o inverno de 58 dC, São Paulo partiu em sua viagem de volta a Jerusalém para estar lá a tempo do Pentecostes.

segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério que desde tempos eternos esteve oculto,
Mas que se manifestou agora, e se notificou pelas Escrituras dos profetas, segundo o mandamento do Deus eterno, a todas as nações para obediência da fé".

Um simples filho de um carpinteiro instrui alguns simples pescadores, sem incentivos terrenos, mas cheia de autonegações, sacrifícios e sofrimentos e os informa que ainda em sua geração, a mensagem do reino se espalharia pelo mundo inteiro como sinal que precederia e inauguraria a consumação.(Mt 24:14, 34). E se espalha desafiando a intolerância dos judeus e das autoridades, poderes e oposições dos gentios, e é estabelecida, dentro desse período, em todos os países em que penetra. Dá para alguém duvidar que tanto a predição como o seu cumprimento foram igualmente divinos? Temos aqui autoridade de São Paulo para uma difusão universal do evangelho em seus dias, a fim de verificar as palavras de Nosso Senhor. (veja Col. 1:5-6, 23, 1 Tm 3:16). Obviamente, devemos tomar a linguagem empregada por São Paulo, bem como por nosso Senhor em um sentido popular, e seria injusto pressioná-la até o final. A ampla difusão do evangelho na terra de Israel e em todo o império romano é suficiente para justificar a predição de nosso Senhor.

O DIA DA IRA

Romanos 2:5-8: "Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus;

O qual recompensará cada um segundo as suas obras; a saber: A vida eterna aos que, com perseverança em fazer bem, procuram glória, honra e incorrupção;

Mas a indignação e a ira aos que são contenciosos, desobedientes à verdade e obedientes à iniquidade".

Romanos 2:12, 16: "Porque todos os que sem lei pecaram, sem lei também perecerão; e todos os que sob a lei pecaram, pela lei serão julgados... No dia em que Deus há de julgar os segredos dos homens, por Jesus Cristo, segundo o meu evangelho".

Não há dúvida sobre esse "dia da ira" e "revelação do justo julgamento de Deus". É o mesmo predito por Malaquias como "o grande e terrível dia do Senhor"; (Ml. 4:5) de João Batista como "a ira vindoura"; (Mt. 3:7) e pelo Senhor Jesus Cristo como "o dia do julgamento". (Mt. 11:22, 24) Foi o ato de encerramento do aeon, a sunteleia tou aiouon . Dificilmente é necessário repetir que esse "fim" é declarado dentro do período da geração existente, quando o Filho do homem, o juiz designado, julgaria "a cada homem de acordo com suas ações". (Mateus 16:27)[189]

A VIVIFICAÇÃO DOS VIVOS

Romanos 8:11, 17: "E, se o Espírito daquele que dentre os mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, aquele que dentre os mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que em vós habita... para que também com ele sejamos glorificados".

Aqui a Parousia é representada como o tempo em os santos são vivificados "pelo Espirito que em vós habita", para que juntamente com o Senhor "sejamos glorificados". Essas palavras implicam que a vivificação é uma experiência na vida santos sobre os seus "corpos mortais". É evidente que os mortos não estavam em seus "corpos

[189] Duas passagens que são paralelas em mais de um aspecto com Romanos 2.16, são 1 Co 3:13 e 1 Co 4:5. Nestas passagens, "o dia" é representado como o dia do Grande Inquérito Judicial. É a hora em que as intenções e motivos serão revelados, e cada um receberá sua medida apropriada de elogio ou culpa (cf. 2 Co. 5:10; Rm. 14:10-12).

mortais" (porque haviam morrido), mas os santos vivos ainda estavam em "suas casas terrestres", "não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal" (Romanos 6:12), "aguardando que para que a vida de Jesus se manifeste também na nossa carne mortal" (2 Co. 4:11), "Porque também nós, os que estamos neste tabernáculo, gememos carregados; não porque queremos ser despidos, mas revestidos, para que o mortal seja absorvido pela vida". (2 Co. 5:4) Já aludimos ao ensino de São Paulo que na Parousia de Cristo, os santos vivos seriam mudados de seu estado mortal e corruptível a um estado incorruptível e imortal, e assim "glorificado junto com Cristo", o que significava uma glorificação com ele no céu. Em outros lugares, Paulo diz que foram chamados pelo evangelho "com o objetivo de obter a glória de nosso Senhor Jesus Cristo" (2 Ts 2:14). Tal pensamento está além da imaginação humana! Não admira que Paulo diga que seria uma glória incomparável (v. 18). Juntamente com Cristo em sua glória, os crentes entrariam em um estado de glória - "a glória dos filhos de Deus" (v. 21).

A ESCATOLOGIA DE SÃO PAULO

Romanos 8:18-23: "Porque para mim tenho por certo que as aflições deste tempo presente não são para comparar com a glória que em nós há de ser revelada [que está prestes a ser revelada].

Porque a ardente expectação da criatura [ktisis] espera [está aguardando ansiosamente] a manifestação dos filhos de Deus.

Porque a criação [ktisis] ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou,

Na esperança de que também a mesma criatura [ktisis] será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus.

Porque sabemos que toda a criação [ktisis] geme e está juntamente com dores de parto até agora.

E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo".

Há algumas coisas nesta passagem que são, e provavelmente devem permanecer, obscuras da natureza do sujeito; mas também há muita coisa clara e objetiva. Não podemos confundir a antecipação exultante expressa por São Paulo de um próximo dia de libertação dos sofrimentos e misérias do presente; uma libertação que estava à mão e não muito longe. Houve um dia de redenção que traria liberdade e glória aos filhos de Deus, nos benefícios dos quais toda a criação participaria. A chegada que esperava a consumação era ansiosamente esperada e desejada, não apenas por aqueles que gostam do próprio apóstolo, que tinham a perspectiva de uma herança infinita e gloriosa acima, mas pela criação carregada e gemida em geral, por quem eles estavam cercados. Tão emocionante era a perspectiva da emancipação vindoura que, na visão dela, o apóstolo poderia dizer: "Acho que os sofrimentos do tempo presente não são dignos de serem comparados com a glória que está para ser revelada em nós"; ou, como em uma passagem semelhante, "nossa aflição leve, que é apenas por um momento, trabalha para nós um peso de glória muito mais excedente e eterno" (2 Co. 4:17).

Passamos agora a examinar toda a passagem mais particularmente.

O primeiro ponto que exige atenção é a indicação distinta da proximidade dessa glória vindoura. Isso é totalmente esquecido em nossa Versão Autorizada; e foi igualmente ignorado por quase todos os comentaristas. Até Alford, que geralmente é tão cuidadoso em sua atenção aos tempos, passa por esse exemplo flagrante sem comentários, embora nada possa ser mais enfático gramaticalmente do que a indicação da proximidade da revelação esperada. Tholuck nota que o apóstolo fala do tempo como próximo: "Em alegre exultação, o apóstolo concebe seu início", mas o considera

equivocado e levado por seus sentimentos.[190] Conybeare e Howson dão a força apropriada da linguagem - a glória que está prestes a ser revelado, que será revelado em breve. [191] [thv mellousan doxan apokalufyhnai]. "A glória vindoura" é a contrapartida ou antítese da "ira vindoura"; aspectos diferentes do mesmo grande evento; pois a Parousia, que era a revelação da glória aos filhos de Deus, era a revelação do dia da ira a Seus inimigos. (Rm. 2:5, 7)

Assim, será percebido que não é para a morte que o apóstolo olha como o período de libertação dos males atuais; ainda menos para uma época distante no futuro. De fato, teria sido um consolo frio para os homens que se contorciam sob a angústia de seus sofrimentos contar-lhes sobre um período em uma era futura que lhes traria compensação por sua aflição atual. O apóstolo não zomba deles com uma esperança adiada. O dia da libertação estava próximo; a glória estava prestes a ser revelada; e tão próximo e tão grande era esse "peso da glória" que reduziu à insignificância as inconveniências passageiras da hora presente.

O próximo ponto que merece atenção é a afirmação que o apóstolo passa a fazer respeitando o interesse sentido naquela consumação que se aproxima além dos limites do povo sofredor de Deus. Esses de fato seriam os principais participantes da redenção próxima, mas seus benefícios estendiam-se muito além deles.

Este é um tópico mais importante e interessante e requer uma consideração muito cuidadosa.

"Pois a expectativa fervorosa [apokaradokia] da criatura [ktiseos] aguarda a manifestação dos filhos de Deus".

Qualquer que seja o significado que atribuímos à palavra "criatura" [ktisis], não fará diferença para a atitude ansiosa e expectante em que

[190] Tholuck em Romanos, in loc.
[191] Vida e Epístolas de São Paulo, cap. xix. Nota.

é representada como aguardando a consumação vindoura. Lange observa que, como a palavra karadokein significa esperar com a cabeça erguida , karadokeia implica intensa expectativa e apokaradokia intenso desejo, esperando satisfação. [192] Mas essa mesma atitude implica a proximidade, ou a persuasão da proximidade, da libertação desejada. Tomando, então, essas duas afirmações juntas, primeiro, que a glória "será revelada em breve"; segundo, que o ktisis está "esperando com intenso desejo por sua manifestação", temos uma demonstração tão forte quanto possível de conceber que o evento em questão seja representado pelo apóstolo o mais próximo possível.

Mas o que se entende por criatura ou criação [ktisis]? Alguns comentaristas consideram que ela abrange todo o universo, ou a criação material, animada e inanimada, racional e irracional - todo o quadro da natureza. Eles falam do terremoto, da tempestade e do vulcão como sintomas da dor de cólera do mundo natural. Mas isso parece muito vago e geral para o argumento do apóstolo. É evidente que o ktisis só pode se referir a seres conscientes, voluntários, racionais e morais. Tem "anseios intensos"; tem "vontade própria"; tem "esperança"; é capaz de ser "sujeito à vaidade"; de ser "libertado da corrupção"; de participar da "glória dos filhos de Deus". Essas características excluem a criação inanimada e irracional, e inclui a raça humana em sua totalidade. Além disso, a antítese no versículo 23 entre o ktisis como um todo, e "nós mesmos que temos as primícias do Espírito", seriam muito antinaturais e imperfeitos se não diferenciassem os cristãos, não de animais e plantas, mas de outros homens. O verdadeiro contraste está entre aqueles que têm as primícias do Espírito e aqueles que não têm as primícias do Espírito; e seria manifestamente incongruente falar da criação irracional e inanimada como "não tendo o Espírito". Fazer com que o apóstolo se refira aqui à natureza universal pode ser admissível talvez como poesia, mas estaria fora de lugar em um argumento sóbrio e sério.

[192] Lange, Rm. 8:19 .

Entendemos, então, por - ktisis a raça humana, a humanidade em geral; o significado que a palavra tem em passagens como Marcos 14:15 , "Pregue o evangelho a toda criatura [pash th ktisei]; Cl. 1:23 , "O qual foi pregado a toda criatura que está debaixo do céu" [en pash th ktisei].[193]

Isso nos leva à questão: pode-se dizer que a raça humana está nessa atitude ansiosa e expectante, gemendo e sofrendo dores, esperando e desejando libertação e liberdade? Indubitavelmente pode; e nada mais verdadeiro do que no mesmo período em que o apóstolo escreveu. Foi uma época de mais profunda corrupção e degradação social; pode-se dizer que a humanidade geme sob o peso de sua miséria e escravidão; e ainda havia um sentimento estranho e misterioso na mente dos homens que, de alguma forma e em algum lugar, a libertação estava próxima. Com que precisão a descrição do apóstolo se adequa à condição moral e social dos judeus povo nesse período não precisa de prova. Eles gemeram sob o jugo da escravidão romana. Eles estavam ansiosamente aguardando pelo libertador prometido. O caso dos gregos e os romanos não foi muito diferente, como provam as passagens seguintes de Conybeare e Howson; de fato, eles poderiam ter sido escritos como um comentário sobre a passagem diante de nós:

"A condição social dos gregos estava caindo, durante esse período, na menor corrupção;... mas a própria difusão e desenvolvimento dessa corrupção estava preparando o caminho, porque mostrava a necessidade, para a interposição de um evangelho. A própria doença parecia exigir um curandeiro.

É o suficiente para o estado dos gregos: a condição do mundo romano é assim descrita:

[193] Veja o argumento capaz e conclusivo sobre este ponto do Professor Moses Stuart, Comentário em romanos, in loc. Também a nota de Locke sobre ktisis em Paraphrase e Notas sobre a Epístola aos Romanos em Rm. 8:19.

Seria uma ilusão imaginar que, quando o mundo fosse reduzido a um cetro, qualquer princípio real de unidade mantivesse suas diferentes partes unidas. O imperador foi deificado porque os homens foram escravizados. Não havia paz verdadeira quando Augusto fechou o templo de Janus. O Império era apenas a ordem do governo externo, com um caos interno de opiniões e moral. Os escritos de Tácito e Juvenal permanecem para atestar a corrupção que se inflamava em todas as fileiras, tanto no Senado quanto na família. A velha soberania de maneiras e a antiga fé na maior parte da religião romana se foram. Os credos e práticas licenciosas da Grécia e do Oriente inundaram a Itália e o Ocidente, e o Panteão era apenas o monumento de um compromisso entre uma multidão de superstições eficientes. É verdade que uma tolerância notável foi produzida por esse estado de coisas, e é provável que por algum tempo o próprio cristianismo tenha compartilhado a vantagem disso. Mas, ainda assim, o temperamento da época era essencialmente cruel e profano, e os apóstolos logo foram expostos à sua amarga perseguição. O Império Romano estava destituído daquela unidade que o Evangelho dá à humanidade. Era um reino deste mundo, e a raça humana estava gemendo pela melhor paz de um "reino não deste mundo". "Assim, nas próprias condições do Império Romano e no estado miserável de sua população mista, nós podemos reconhecer uma preparação negativa para o evangelho de Cristo. Essa tirania e opressão exigiam um consolador, assim como a doença moral dos gregos exigia um curador. Um Messias era necessário por todo o Império, tanto quanto pelos judeus, embora não fosse procurado com a mesma expectativa consciente. Mas não temos dificuldade em ir muito além disso, e não podemos hesitar em descobrir nas circunstâncias do mundo neste período traços significativos de uma preparação positiva para o Evangelho".[194]

[194] Vida e Epístolas de São Paulo, cap. I.

É certamente notável que uma descrição da condição social e moral do mundo na era apostólica, escrita aparentemente sem nenhuma visão da ilustração da passagem agora diante de nós, adote inconscientemente não apenas o espírito, mas em grande parte as mesmas palavras, nas quais São Paulo expõe a miséria, a escravidão, os gemidos e o desejo de libertação da criação, como parecia à sua apreensão. Mas, pode-se dizer: havia algo no futuro imediato para responder e satisfazer esse desejo ansioso e gemido do mundo escravizado? O que é esse "terminus ad quem"? esta revelação dos filhos de Deus? E em que sentido poderia, ou fez, trazer libertação e consolo à humanidade oprimida?

A resposta a esta pergunta é encontrada em quase todas as páginas dos escritos do apóstolo. Para ele, um grande evento estava bem próximo; o Senhor estava prestes a vir, de acordo com Sua promessa, exercer Seu poder real, dar recompensa e salvação ao Seu povo, e pisar Seus inimigos sob Seus pés. Mas a Parousia deveria trazer mais do que isso. Marcou uma grande época no governo divino do homem. Terminou o período de privilégio exclusivo para Israel. Dissolveu o vínculo da aliança entre Jeová e o povo judeu e abriu caminho para uma nova e melhor aliança que abarcava toda a humanidade. O cristianismo é a proclamação da paternidade universal de Deus, mas a nova era não foi totalmente inaugurada até que o estreito e local reino teocrático fosse substituído, e o rei teocrático renunciou à sua jurisdição nas mãos do pai. Então a relação nacional e exclusiva entre Deus e um único povo foi dissolvida ou fundida no sistema abrangente e mundial no qual "não há judeu nem grego, circuncidado nem incircunciso, bárbaro, cita, vínculo ou livre, mas apenas homem". Cristo fez de todos os homens um, "que Deus seja tudo em todos".

Certamente, essa foi uma resposta adequada aos gemidos e às dores do sofrimento e à humanidade oprimida; a perspectiva de tal consumação pode muito bem ser representada como o início de um dia de redenção. Era nada menos do que abrir os portões da

misericórdia para a humanidade; foi a emancipação da raça humana do desespero sem esperança que os esmagava em corrupção e degradação cada vez mais profundas; estava introduzindo-os "na gloriosa liberdade dos filhos de Deus;" investindo gentios, "estrangeiros da comunidade de Israel e estrangeiros dos convênios da promessa", com os privilégios de "companheiros de cidadania dos santos e membros da família de Deus".

É essa admissão de toda a raça humana na uioyesia [adoção de filhos] que até então era privilégio exclusivo do povo escolhido, do qual o apóstolo fala em linguagem tão brilhante em Rm. 8:19-21. Era um tema sobre o qual ele nunca se cansava de expatriar, e que enchia toda a alma de admiração e ação de graças. Ele fala disso como "o mistério que se escondeu dos séculos e das gerações - a sabedoria múltipla de Deus". (Ef 3:10 Cl. 1:26) Os três primeiros capítulos da Epístola aos Efésios estão ocupados com uma descrição animada da revolução provocada pela obra redentora de Cristo na relação entre Deus e os não-convencionados Gentios. "A dispensação da plenitude dos tempos" chegara, na qual Deus pretendia "reunir em uma só coisa em Cristo, fazendo-o cabeça sobre todas as coisas", derrubando as barreiras da separação entre judeus e gentios, tornando ambos um; abolir a lei cerimonial, fundir os elementos heterogêneos em um todo homogêneo, reconciliar a antipatia mútua e unir os dois como uma família aos pés do Pai comum.

Mas pode-se dizer: Tudo isso já não fora realizado pela morte expiatória da cruz? E não é uma revelação de uma glória futura e próxima, à qual o apóstolo alude aqui? Sem dúvida é assim. No entanto, o Novo Testamento sempre fala do trabalho de redenção incompleto até a Parousia. Observar-se-á que o apóstolo, no vigésimo terceiro verso, representa a si mesmo e a seus irmãos como ainda aguardando a adoção [uioyesia]. Os filhos de Deus haviam recebido apenas os frutos sinceros e primitivos, e não a colheita completa de sua filiação. Isso não deveria ser completamente deles até a vinda do Senhor, quando "os santos que estavam vivos e permaneceram",

trocariam o atual corpo mortal e corruptível por uma casa não feita por mãos, eterna nos céus. A Parousia era a proclamação pública e formal de que a dispensação messiânica ou teocrática havia chegado ao fim; e que a nova ordem, na qual Deus era tudo em todos, foi inaugurada. Até o julgamento de Israel ter acontecido, todas as coisas não foram submetidas a Cristo, o rei teocrático; Seus inimigos ainda não haviam sido colocados sobre os seus pés. Até aquele momento, a adoção [uioyesia] ainda poderia ser dita "pertencer a Israel". Quando o apóstolo escreveu esta epístola, Cristo estava "esperando que seus inimigos fossem colocados debaixo dos seus pés". Ainda havia uma incompletude em Sua obra até o todo o tecido visível e a estrutura do judaísmo fossem varridos. Este fato é claramente destacado na Epístola aos Hebreus. O escritor afirma que "o caminho para o lugar santo ainda não foi manifestado, desde que o primeiro tabernáculo, ou exterior, ainda esteja de pé". Ele diz que esse tabernáculo é "uma figura ou parábola para o tempo presente" - servia a um propósito temporário - "até um tempo de reforma", isto é, a introdução de uma nova ordem. (Hb. 9:8, 9) Esta passagem é de grande importância em conexão com esta discussão, e as seguintes observações de Conybeare e Howson estabelecem seu significado muito claramente:

"Pode-se perguntar: como poderia ser dito, após a ascensão de Cristo, que o caminho para o lugar santo não foi totalmente manifestado? A explicação é que, embora a adoração no templo, com sua exclusão de todos, exceto o sumo sacerdote do santo dos santos, ainda existisse, o caminho da salvação não seria totalmente manifesto para aqueles que aderissem às observâncias externas e típicas, em vez disso. de ser assim levado ao antítipo". - Life and Epistles of St. Paul, cap. xxviii.

Havia uma adequação e plenitude de tempo em que a antiga aliança seria substituída pela nova; o velho e o novo podiam subsistir por um tempo juntos; a bondade e tolerância de Deus atrasando o golpe final do julgamento. Embora, portanto, as grandes barreiras à introdução de todos os homens, sem distinção, nos privilégios dos filhos de

Deus tenham sido virtualmente removidas pela morte de Cristo na cruz, ainda assim a demonstração formal e final de que "o caminho para o mais santo de tudo" não foi aberto a toda a humanidade, não foi feito até que toda a estrutura da economia mosaica, com seu ritual, templo e cidade e povo, fosse repudiada publicamente e solenemente; e o judaísmo, com tudo o que lhe pertencia, fosse varrido para sempre.

Ainda existe uma parte dessa passagem profundamente interessante sobre a qual repousa muita obscuridade. No vigésimo verso, o apóstolo declara que "a criatura foi sujeita à vaidade, não por vontade própria, mas por causa do que a sujeitou", etc. A interpretação comum colocada sobre essas palavras é que "a criação visível foi colocada sob a sentença de decadência e dissolução, não por sua própria escolha, mas pelo ato de Deus, que, no entanto, não a deixou sem esperança".

Isso sem dúvida dá um bom sentido à passagem, embora nos aventuremos a pensar não exatamente o sentido que o apóstolo pretendia. Ele falha em apreender a natureza do mal ao qual a "criação" foi sujeita; e consequentemente a natureza da libertação daquele mal que se espera.

Entendendo por ktisis [criatura] a raça humana, pelas razões já especificadas, observamos que se diz que ela foi sujeita à vaidade [mataiotes]. O que é essa vaidade? A palavra é muito significativa, especialmente nos lábios de um judeu. Para quem "vaidade" era sinônimo de idolatria. É a palavra que a Septuaginta emprega para denotar a loucura da adoração de ídolos. Ídolos são "vaidades mentirosas"; (Sl. 31: 6 Jonas 2:8) "o ídolo é uma doutrina de vaidades"; os ídolos são "vaidade e obra de erros". (Jr. 10:8, 15) "Todos os que fazem uma imagem esculpida são todos vaidosos". (Is. 44:9) A palavra está quase reservada para esse uso especial. O mesmo pode ser dito do uso do Novo Testamento. Em Lystra, São Paulo pediu ao povo que se afastasse daquelas vaidades [mataia], isto é,

adoração idólatra, para servir ao Deus vivo. (Atos 14:15) Nesta mesma epístola (Rm. 1:21), temos um exemplo notável do uso da palavra, onde São Paulo, explica a apostasia da raça humana de Deus, ele explica isso pelo fato de que que "eles se tornaram vaidosos" em suas imaginações [emataiwyhsan]; uma passagem na qual Alford, com Bengel, Locke e muitos outros, reconhece a alusão à adoração idólatra. É necessário apenas olhar para a passagem para ver sua influência na origem e prevalência da idolatria (ver também Ef. 4:17). Mataiotes aqui olha para trás sobre emataiwyhsan no cap. 1:21, e assim nos fornece a chave para a verdadeira interpretação. A idolatria era a "vaidade" à qual a raça humana estava sujeita; idolatria, a religião dos gentios, a degradação do homem, a desonra de Deus.

Mas pode-se dizer que o homem foi sujeito a esse mal pelo ato de Deus - ("por causa daquele que sujeitou")? Sem dúvida, essa afirmação estaria em harmonia com a Palavra de Deus. No primeiro capítulo da Epístola aos Romanos, o fato significativo é três vezes declarado: "Deus os abandonou", em referência a essa mesma apostasia. (Rm. 1:24, 26, 28) Esse abandono só pode ser considerado um ato judicial. Encontramos uma expressão ainda mais forte em Rm. 11:32 "Deus encerrou [sunekleisen] todos eles na incredulidade"; que Alford faz equivalente a "submetido". (6) De fato, a doutrina que Deus entrega sobre os contumazes e rebeldes às conseqüências fatais de seus pecados permeia as Escrituras. Assim, pode-se dizer que a sujeição da raça humana ao mal da idolatria não era simplesmente a vontade do próprio homem, mas o ato judicial da justiça divina.

No entanto, não foi um decreto sem esperança. A preservação de uma nação da apostasia universal tinha nela um germe de esperança para a humanidade. Na plenitude da época, o propósito de Deus de misericórdia e redenção para a raça humana se manifestou, e "a adoção de filhos", que era o privilégio exclusivo de um povo, foi declarada aberta a todos sem distinção. Por esse alto privilégio, a raça é representada como aguardando com expectativa, e agora o Evangelho, que era o meio divinamente designado de resgatar os

homens da corrupção moral e degradação do paganismo, proclamava libertação e salvação para "gentios e judeus, bárbaros, citas, escravos e livres".

Em que sentido esta proclamação da nova era pode ser feita da maneira mais pública e formal na Parousia já foi demonstrada.

ISRAEL NA ESCATOLOGIA PAULINA

Romanos 11:26: "E assim todo o Israel será salvo, como está escrito: De Sião virá o Libertador, E desviará de Jacó as impiedades".

Talvez não se possa dizer que a passagem acima citada se enquadre no escopo desta discussão, pois parece não ter relação direta com o tempo da Parousia; e sua extrema dificuldade pode ser uma boa razão para evitar completamente seu exame. No entanto, como pertence manifestamente à escatologia do Novo Testamento, e como não temos o direito de considerá-lo irremediavelmente insolúvel, parece melhor não passá-lo em silêncio.

Não há um tópico ou tema que seja mais intensamente escatológico do que a restauração e ou a salvação de Israel. São Paulo disse que ele não pregou nada além da esperança de Israel (Romanos 9:1-3) - e que essa esperança não foi encontrada em nenhum outro lugar a não ser em Moisés, na Lei e nos Profetas. No entanto ele negou que os judeus tivessem sua salvação garantida com base em seus distintos privilégios enquanto descendentes físicos de Abraão (capítulos 1-8). A fé era a chave, não a etnia ou qualquer tipo de obras. São Paulo argumentou que apenas os Judeus que creem em Jesus é quem são verdadeiros filhos de Abraão. Ele também argumentou que nenhuma das promessas de Deus falharia. Tudo isso levantaria sérias questões na mente dos seus leitores. O que dizer da nação de Israel? O que fazer com as promessas que Deus lhe fez, à luz de sua rejeição do Messias? Será que a incredulidade de Israel anulou as promessas de

Deus? Será que Israel foi deserdado? Será que o plano de Deus revelado ao longo do Antigo Testamento foi arruinado ou descartado? O Apóstolo dos gentios responde essas questões em nos capítulos 9-11.

São Paulo começa com um lamento por Israel – seus "compatriotas, segundo a carne" (Romanos 9:3). Ele relembra todos os privilégios que ainda pertencem a Israel – incluindo a adoção, as alianças e as promessas (v. 4-5). El defende a proposição que a promessa de Deus não falhou (v. 6-29); que a eleição de Israel nunca significou a salvação de cada descendente biológico de Abraão, pois "nem todos os de Israel são, de fato, israelitas" (v. 6). A afirmação de São Paulo é que a salvação nunca foi um direito de nascimento baseado na descendência biológica (v. 14-23). O capítulo 11 é o clímax dessa exposição doutrinária. O Apóstolo alcança o pico dessa montanha e quase sem fôlego desabotoa sua alma num grito de exaltação a Deus. Ele olhou para o passado em Romanos 9 e falou acerca da eleição da graça. A eleição é filha da graça, e não herdeira dos méritos humanos; Ele olha para o presente em Romanos 10 e diz que e seu desejo por Israel é "para sua salvação" (10:1), ele vê a rejeição de Israel pois "não se sujeitaram à justiça de Deus" (10:3) e para Israel, Deus diz: "Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente" (10:21). No capítulo 11, o Apóstolo vislumbra a salvação de Israel e como Deus estava cumprindo suas promessas. O capítulo 11 revela que a rejeição de Israel não é nem completa nem final: "Pergunto, pois: terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo? De modo nenhum!" (11:1). Esse é o tema básico do capítulo 11 e para fundamentar sua resposta, São Paulo se utiliza de alguns argumentos:

Em primeiro lugar, ele responde a essa pergunta usando seu próprio exemplo "porque eu também sou israelita da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim" (11:1). A salvação de Paulo, um judeu descendente de Abraão e membro de uma de suas tribos mais ilustres, era prova cabal e irrefutável de que Deus não havia rejeitado

seu povo. O próprio Paulo era um contra-argumento vivo sua aceitação por Deus e nos prova que Deus não abandonou completamente Israel. A rejeição de Israel era apenas parcial ou "em parte", uma vez que existia um remanescente fiel. Há um remanescente dentro do Israel étnico, um grupo de Israel que crê e um grupo de Israel que não crê. Dentro de um círculo composto de todos os judeus, havia um círculo menor, composto pelo remanescente, que segundo o Apóstolo eram os judeus convertidos a Cristo.

Em segundo lugar, para confirmar a assertiva de que Deus não havia rejeitado o seu povo, São Paulo usa um argumento bíblico citando o profeta Elias. Mesmo num tempo de generalizada apostasia, Deus reservara para si sete mil que não dobraram os joelhos a Baal. Assim Deus levava avante sua causa com Israel, mesmo durante um grande período de apostasia. Mesmo que a maioria seja rebelde (10:21), os eleitos ouvem a Palavra de Deus e se convertem a Cristo. Essa é a doutrina do remanescente que é ensinada em todas as Escrituras. No tempo de Noé, muitos pereceram, poucos foram salvos (Gn 6:1-8). O mesmo sucedeu nos dias de Ló (Gn 1:29). Elias também estava familiarizado com a ideia de que apenas o remanescente é salvo. Não nos surpreende que "também agora neste tempo ficou um remanescente, segundo a eleição da graça" (11:5), ou seja, na própria época do Apóstolo, houvia um remanescente, e São Paulo pertence a ele. Assim ele demonstra que Deus não rejeitou Israel ao distinguir entre o "remanescente" e os "endurecidos", desenvolvendo o que já havia dito em 9:6-13 e 9:27. Em contraste com o remanescente (v. 5), estão "os demais", a nação de Israel como um todo, a qual foi "endurecida" (v. 7) "até o dia de hoje" (v. 8), isto é no tempo do Apóstolo. Deus entorpeceu os sentidos espirituais de Israel e eles tropeçaram (v. 9-10).

São Paulo então pergunta: "Porventura, tropeçaram para que caíssem?" (v. 11). Qual é a sua resposta? "De modo nenhum!"; Mas se for perguntado, "qual foi o propósito disso?" temos a resposta das

mãos do próprio Apóstolo de que isso aconteceu como um meio para trazer os gentios para o reino, pois "pela sua transgressão, veio a salvação aos gentios, para pô-los em ciúmes". O endurecimento de Israel está servindo ao propósito de Deus. A transgressão deles serviu como ocasião para a outorga da salvação aos gentios, pois "se a transgressão deles redundou em riqueza para o mundo, e o seu abatimento, em riqueza para os gentios, quanto mais a sua plenitude!" (v. 12). O leitor será capaz de compreender o ministério de São Paulo, lendo todo o livro de Atos, Romanos e Efésios, prestando muita atenção ao o que ele diz sobre seu ministério aos gentios; a salvação dos gentios era "mistério que esteve oculto desde todos os séculos, e em todas as gerações" (Cl. 1:26) isto é, os gentios seriam companheiros e herdeiros juntamente com os israelitas. Deus teve que revelar esse mistério para São Pedro primeiro (Atos 10) e depois usou São Paulo para concluir essa missão. São Lucas, o historiador da igreja, registra quatro ocasiões em que a rejeição dos judeus resultou no oferecimento do evangelho aos gentios: em Antioquia da Pisídia (At. 13:46), em Corinto (At. 18:6), em Éfeso (At. 19:8.) e em Roma (At. 28:28). Um dos propósitos da evangelização dos gentios era despertar nos judeus um santo ciúme, a fim de levá-los à emulação e despertar neles o desejo de usufruir as mesmas bênçãos da salvação.

São Paulo menciona três eventos: a transgressão (ou “fracasso”) de Israel, a salvação dos gentios e a re-inclusão de Israel (v. 11-12). O primeiro deles conduz ao segundo e o segundo é contemporâneo ao terceiro. A transgressão de Israel, em outras palavras, iniciou um processo que, em última instância, conduz à restauração de Israel. A condição presente de Israel é descrita como de "fracasso" e "rejeição" mas também em termos de "plenitude" e "restabelecimento". Israel está simultaneamente na condição de "fracasso" e "plenitude" de "rejeição" e "restabelecimento".

O Apóstolo antecipa um problema em potencial; os crentes gentios, por haverem aprendido que eles eram agora o povo de Deus, poderiam facilmente se confundir e achar que isso era motivo para se

vangloriarem contra os judeus (v. 13-24). Nesses versículos, São Paulo os adverte contra tal arrogância; ele explica o desenvolvimento da história redentiva e o lugar de Israel nele por meio da analogia da oliveira (v. 16-24). Aqui, novamente, São Paulo aponta para três estágios na história redentiva: "ramos naturais quebrados", "ramos da oliveira brava enxertados", "ramos naturais enxertados de volta".

A tese do Apóstolo nos versículos seguintes é que a rejeição não é final. Ambas as considerações — não completa, mas parcial; não final, mas temporária - sustentam a proposição de que Deus não rejeitou seu povo. Os versículos 25-27 tem estado no centro do debate a respeito da correta interpretação do papel da nação de Israel na escatologia Paulina. Ele deseja que eles (os gentios) compreendam um "mistério", que "o endurecimento veio em parte sobre Israel", até que a plenitude dos gentios haja entrado" (Rm. 11:25). Em outras palavras, eles entrariam em sua "plenitude" quando o número suficiente de gentios fossem enxertados na Igreja para causar ciúmes nos judeus e os provocasse a considerem seriamente Jesus como o Messias deles. Quando gentios superaram os judeus na igreja, esse foi o sinal de que a "plenitude" dos gentios chegou. Isso provavelmente se tornou realidade na época em que Paulo foi preso em Jerusalém em 58 dC no final de sua terceira jornada missionária. Seu ministério entre os gentios deram tantos frutos que os gentios finalmente superaram os judeus crentes, e os judeus não crentes ficaram com ciúmes quando viram os gentios serem abençoados por Deus com os dons milagrosos. Os judeus foram forçados a decidir entre a morte da lei ou a vida abundante de Cristo. A controvérsia dos judaizantes foi intensa em todo o período de transição e não foi resolvido até a nação e o templo a cidade foram destruídas em 70 dC. Essa destruição basicamente provou que não havia mais lugar para locais e tipológicos, mas, em vez disso, trouxera um Reino universal e eterno que os tipos do Antigo Testamento haviam meramente apontado.

A igreja primitiva presenciou o período transição da concepção de um reino racial e nacionalista para um reino espiritual e universal de

Reino que incluiria TODAS as raças, nacionalidades e grupos étnicos. Os judeus (e até os cristãos judeus a princípio) não compreenderam que esse era o tipo de reino que o Messias deveria criar. Então levou uma geração inteira para que essa transição ocorresse. Quando os gentios que entram na igreja passaram a desfrutar dos benefícios do reino messiânico e superaram os judeus crentes na igreja em quantidades, os judeus não-cristãos ficaram com ciúmes e decidiram se tornar cristãos também. O ministério de São Paulo aos gentios era para esse fim (Rm. 11:11-15). Ao trazer os gentios para dentro da oliveira, o restante dos judeus que estavam destinados a acreditar foram movidos pelo ciúme aceitar a Cristo como Senhor e Rei e foram enxertados de volta em sua própria oliveira. Este foi o "endurecimento" parcial ou temporário desses judeus ocorreu até que os gentios tivessem sido completamente incorporados à igreja e começado a desfrutar de suas bênçãos. Quando esses judeus enciumados acreditaram, eles foram enxertados de volta a própria oliveira nativa. Isso preencheu o número total de israelitas espirituais verdadeiros, de modo que "TODO ISRAEL" (isto é, o verdadeiro Israel espiritual composto por judeus e gentios) foi salvo na Parousia (Rm. 11:26).

PROXIMIDADE DA SALVAÇÃO VINDOURA

Romanos 13:11,12: "E isto digo, conhecendo o tempo, que já é hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé. A noite é passada, e o dia é chegado. Rejeitemos, pois, as obras das trevas, e vistamo-nos das armas da luz".

Não é possível que as palavras expressem mais claramente a convicção do apóstolo de que a grande libertação estava próxima. Seria absurdo considerar essa linguagem, com Moses Stuart, como se referindo à aproximação próxima da morte e da eternidade. Nesse caso, o apóstolo teria dito: "O dia está longe, a noite está próxima".

Mas essa não é a maneira do Novo Testamento; nunca é a morte e a sepultura, mas a Parousia, a "bendita esperança e a gloriosa aparição de Jesus Cristo", para a qual os apóstolos esperam. O professor Jowett observa justamente que "no Novo Testamento não encontramos exortação fundamentada na falta de vida. Parece que o fim da vida não teve importância prática para os primeiros crentes, porque certamente seria antecipado no dia do Senhor".[195] Isto é sem dúvida verdade; mas o que então? Ou o apóstolo estava errado, ou nossa confiança deve ser escondida dele como um expositor autoritário da verdade divina; ou então ele estava sob a orientação do espírito de Deus, e o que ele ensinou foi uma verdade infalível. A esse dilema estão calados os expositores que não conseguem imaginar a possibilidade de a Parousia acontecer de acordo com os ensinamentos de São Paulo. É curioso ver as mudanças a que recorrem para encontrar uma maneira de escapar da conclusão inevitável.

Tholuck admite francamente a expectativa do apóstolo, mas com o sacrifício de sua autoridade:

"Desde o dia em que os fiéis se reuniram pela primeira vez em torno de seu Messias até a data dessa epístola, uma série de anos se passou; o amanhecer completo, como Paulo julgava, já estava próximo. Encontramos aqui corroborado, o que também é evidente em várias outras passagens, que o apóstolo esperava o rápido advento do Senhor. A razão disso está, em parte na lei geral de que o homem gosta de imaginar o objeto de sua esperança em mãos, em parte na circunstância de o Salvador ter proferido muitas vezes a advertência de que todo momento está preparado para a crise em questão e também, de acordo com o usus loquendi dos profetas, descreveu o período como se aproximando rapidamente".[196]

[195] Jowett em Rm. 13:11.
[196] Comentário em Romanos, in loc.

Stuart protesta contra a rendição de Tholuck da correção do julgamento do apóstolo, mas adota a posição insustentável de que São Paulo está falando aqui:

"A salvação espiritual que os crentes devem experimentar quando transferidos para o mundo da vida e glória eternas".[197]

Alford, por outro lado, admite que:

"Uma exegese justa dessa passagem dificilmente pode deixar de reconhecer o fato de que o apóstolo aqui e em outros lugares (1 Ts. 4:17 1 Co. 15:51) fala da vinda do Senhor se aproximando rapidamente. Argumentar, como Stuart faz, que, porque Paulo corrige os tessalonicenses o erro de imaginá-lo imediatamente à mão (ou até mesmo que chegou), ele próprio não esperava isso logo, certamente está fora de propósito".[198]

O editor americano do Comentário de Lange sobre os romanos tem a seguinte nota:

"Dr. Hodge objeta por algum tempo a referência à segunda vinda de Cristo. Por outro lado, os comentaristas alemães mais modernos defendem essa referência. Olshaousen, Deut. Wette, Philippi, Meyer e outros, não pensam em nenhuma outra opinião no menor grau possível; e o Dr. Lange, apesar de cuidadoso em se proteger contra teorias extremas sobre esse ponto, nega a referência à bênção eterna e admite que a Parousia intencionada aqui. Essa opinião ganha terreno entre os exegetas anglo-saxões".[199]

Existem alguns intérpretes que fogem da dificuldade negando que

[197] Stuart's Comentário em Romanos, in loc.
[198] Testamento grego, in loc.
[199] Lange, Comentário em Romanos, in loc. (Nova York, 1873)

termos tão próximos e distantes tenha qualquer referência ao tempo. Por exemplo, nos dizem que - "Isso está na linha de todos os ensinamentos de nosso Senhor, que representa o dia decisivo do segundo aparecimento de Cristo como próximo, para manter os crentes sempre na atitude de expectativa vigilante, mas sem referência à proximidade cronológica ou distância desse evento".[200]

Este é um método de interpretação não natural, que simplesmente evacua palavras de todo significado. Existe apenas uma saída para a dificuldade, e é acreditar que o apóstolo diz o que ele quer dizer, e quer dizer o que ele diz. Ele foi o apóstolo e embaixador inspirado de Cristo, e o Senhor não deixou nenhuma de suas palavras cair no chão. Sua palavra de ordem contínua e o grito de advertência para as igrejas da era primitiva era: "O Senhor está próximo". Ele creu nisto; ele ensinou isso; e foi a fé e a esperança de toda a igreja.

Ele estava enganado? Toda a igreja primitiva viveu e morreu na crença de uma mentira? Não aconteceu nada correspondente à expectativa deles? Onde fica o templo de Deus? Onde fica a cidade de Jerusalém? Onde está a lei de Moisés? Onde está a nacionalidade judaica? Mas todas essas coisas pereceram no mesmo momento; e tudo isso foi previsto para falecer na Parousia. A realização desses outros eventos na região do espiritual e do invisível que estavam indissoluvelmente ligados a ele, mas dos quais, na natureza das coisas, não pode haver registro nas páginas da história humana.

O TRIBUNAL DE CRISTO

Romanos 14:10, 12: "Mas tu, por que julgas teu irmão? Ou tu, também, por que desprezas teu irmão? Pois todos havemos de comparecer ante o tribunal de Cristo... De maneira que cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus".

[200] Comentário em Romanos pelo Dr. D. Brown.

A maneira melancólica da pergunta de São Paulo mostra não apenas desaprovação, mas admiração e incredulidade, de que as pessoas possam ser tão alheias à sua própria necessidade de misericórdia no julgamento iminente. O apóstolo deprecia julgamentos precipitados e mal informados, e sugere sua total confiança de que, em qualquer alternativa, vivendo ou morrendo, todos "somos do Senhor". Em qualquer um dos casos, sua grande preocupação seria finalmente ser aceito pelo Senhor; Pois, "todos devemos ser manifestados diante do tribunal de Cristo; para que cada um receba as coisas feitas no corpo, de acordo com o que fez, sejam boas ou más" (2 Co. 5:6-10 ver Mt. 16:27).

Assim, o apóstolo leva toda a questão a uma encruzilhada pessoal e prática. Todos estão a caminho do Tribunal de Cristo, e todos ali finalmente se encontrarão. Alguns podem morrer antes da vinda do Senhor, e outros podem viver para testemunhar esse evento; mas ali, no tribunal, todos serão reunidos; e para ser aceito e aprovado, havia, afinal, um assunto maior do que viver ou morrer, "adormecer no Senhor" ou ser "mudado" sem passar pelas dores da dissolução. O tribunal do julgamento era o cômpito diante de todos, e vimos o quão próximo e iminente se acreditava que essa aparição solene estava. A este fato testemunhou todos os apóstolos de nosso Senhor. Paulo disse, nas palavras já citadas (Atos 17:31, 24:25), que Deus estava prestes a julgar o mundo por Jesus Cristo. Afirmar que toda essa fé e esperança sincera, estimada e ensinada pelos apóstolos inspirados de Cristo, foi afinal uma mera falácia e ilusão, parece uma suposição intolerável, fatal para o crédito e a autoridade da doutrina apostólica.

PERSPECTIVA DE LIBERTAÇÃO PRÓXIMA

Romanos 16:20: "E o Deus de paz esmagará em breve Satanás debaixo dos vossos pés. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco. Amém".

Temos aqui outra referência inconfundível da proximidade do dia da libertação. O golpe na cabeça da serpente é a vitória de Cristo, e essa vitória estava prestes a ser conquistada.[201] Entre os inimigos que deveriam ser colocados sobre o escabelo de seus pés estava a morte, e aquele que tinha o poder da morte, isto é, o diabo.

Na perspectiva de Sua crucificação, o Senhor declarou: "Agora é o julgamento deste mundo, agora será expulso o príncipe deste mundo", e já nos esforçamos para mostrar em que sentido e quão verdadeiramente essa previsão foi cumprida. Do mesmo modo, aproximava-se o dia em que os cristãos sofredores e perseguidos seriam libertados, pela Parousia, dos inimigos por quem eles estavam cercados, e quando o instigador maligno e encorajador de toda aquela inimizade jazia prostrado sob seus pés.

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA EPÍSTOLA AOS COLOSSENSES

Em nenhuma das epístolas de São Paulo encontramos uma menção menos direta à Parousia, e, no entanto, pode-se dizer que não há nenhuma que seja mais permeada pela ideia desse evento. O

[201] A frase "em breve" só pode sugerir que o acontecimento se dará ainda nos tempos da igreja primitiva. Não há como sugerir que Paulo quer dizer que uma geração futura e distante é quando Cristo vai esmagar Satanás; pior é a sugestão de que Paulo apenas tinha expectativa e possivelmente estava equivocado. Obviamente, Paulo era inspirado pelo Espírito Santo. Sua inspiração pelo Espírito Santo torna sua afirmação indiscutível, imutável e inerrante.

pensamento disso subjaz a quase todas as expressões do apóstolo; está implícito na "esperança que está prevista para você no céu"; "a herança dos santos na luz"; "o reino de seu querido Filho"; "a reconciliação de todas as coisas com Deus"; "a apresentação de seu povo santo, irrepreensível e irreprovável aos seus olhos".[202]

Mas há pelo menos uma alusão muito distinta à Parousia na qual o apóstolo fala da consumação esperada.

O EVANGELHO É ANUNCIADO EM TODO MUNDO

Colossenses 1:5,6: "Por causa da esperança que vos está reservada nos céus, da qual já antes ouvistes pela palavra da verdade do evangelho,
Que já chegou a vós, como também está em todo o mundo; e já vai frutificando, como também entre vós, desde o dia em que ouvistes e conhecestes a graça de Deus em verdade".

Colossenses 1:23: "Se, na verdade, permanecerdes fundados e firmes na fé, e não vos moverdes da esperança do evangelho que tendes ouvido, o qual foi pregado a toda criatura que há debaixo do céu, e do qual eu, Paulo, estou feito ministro".

Esses textos nos mostram como o evangelho deveria ser, se não aceito, mas pelo menos ouvido, em todo o mundo então conhecido, antes da destruição de Jerusalém (Mt. 24:14); Quarenta anos depois da morte de Cristo, os evangelho foi levado aos confins da terra (Rm. 10:18). São Paulo pregou completamente o evangelho em Jerusalém e ao redor da Ilíria; e os outros apóstolos não estavam ociosos. A perseguição dos santos em Jerusalém ajudou a dispersá-los, para que

[202] A Epístola aos Colossenses é a primeira das epístolas (Colossenses e Filemon, Efésios e Filipenses) escrita por Paulo em Roma durante a sua primeira prisão domiciliar entre 58-63 dC (Atos 28:16, 30).

eles foi a todo lugar, pregando a palavra (At. 8:1-4). E quando as boas novas do Redentor forem enviadas por todas as partes do mundo, "então chegará o fim do estado judeu" (Mt. 24:15).

A HERANÇA DOS SANTOS

Colossenses 1:12: "Dando graças ao Pai que nos fez idôneos para participar da herança dos santos na luz".

Colossenses 1:21,22: "..."agora contudo vos reconciliou... No corpo da sua carne, pela morte, para perante ele vos apresentar santos, e irrepreensíveis, e inculpáveis".

Colossenses 1:28: "A quem anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo".

Colossenses 3:24: "Sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança".

São Paulo contrasta a grande mudança entre o antigo estado de alienação do homem, por causa de sua conduta caracteristicamente maligna, com o fato de que os crentes agora foram reconciliados com o Senhor por Cristo, mediante sua morte, e têm a esperança de ser apresentados em perfeição moral e física diante de Deus no Céu (cf. 1 Co. 13:10). Embora os detalhes relativos à herança não sejam claros, a Parousia está em toda parte representada como o dia herança gloriosa e benção futura no céu. Esse é o ensino claro de Cristo e de Seus apóstolos, e achamos claramente expresso nas palavras de São Paulo agora diante de nós. A Parousia deveria ser a consumação de glória e felicidade para os fiéis, e o apóstolo procurou "sua herança" na "vinda" do Senhor (Cl. 3:4).

OS RUDIMENTOS DO MUNDO

Colossenses 2:8: "Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo".

Colossenses 2:20 "Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivêsseis no mundo".

Nesses versos, temos outra nota de contraste que Paulo viu entre as eras passadas e a era vindoura de Cristo. Evidentemente, essas explicações de São Paulo atendem a um estado de coisas que começaram a se manifestar entre os cristãos de Colosso. Esses cristãos deveriam resistir à tentação voltar aos "rudimentos [stoicheia] do mundo". Mas o que se entende por elementos do mundo? Devemos considerar que ela abrange todo o universo, ou o tecido da criação material, todo o quadro da natureza? A resposta a esta pergunta é encontrada em quase todas as páginas dos escritos do apóstolo. A palavra stoicheia é sempre usada pelo apóstolo em um significado ético e moral; eram os "elementos" fundacionais de um sistema religioso que estava condenado a desaparecer num julgamento de fogo e não os elementos do mundo material.

São Paulo usou esse termo em sua repreensão cortante aos cristãos gálatas que estavam tentados a abandonar a liberdade do Novo Pacto por um legalismo ao estilo do Antigo Pacto. Descrevendo os rituais e cerimônias do Antigo Pacto, ele diz que "assim também nós, quando éramos meninos, estávamos reduzidos à servidão debaixo dos primeiros rudimentos (stoicheia) do mundo… Mas agora, conhecendo a Deus, ou, antes, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos (stoicheia) fracos e pobres, aos quais de novo quereis servir? Guardais dias, e meses, e tempos, e anos…" (Gl. 4:3, 9-10). Na passagem diante de nós ele adverte aos

colossenses: "Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos [stoicheia] do mundo, e não segundo Cristo… Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos [stoicheia] do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivêsseis no mundo, tais como: Não toques, não proves, não manuseies?" (Cl. 2:8, 20-21). O escritor aos hebreus reprovou-os: "Porque, devendo já ser mestres pelo tempo, ainda necessitais de que se vos torne a ensinar quais sejam os primeiros rudimentos [stoicheia] das palavras de Deus; e vos haveis feito tais que necessitais de leite, e não de sólido mantimento" (Hb. 5:12).

Esse era o pecado da apostasia que, por sua própria natureza era irremediável, pois (como eles já haviam reconhecido) não havia outro nome no mundo, mas o nome de Jesus em que a salvação poderia ser encontrada. Os judeus que eram atraídos para o evangelho, mas depois de saber que ele não eram obrigação de manter as cerimoniais da antiga aliança, acabaram por o rejeitar (Hb 6:4-8). A apostasia não era uma ideia nova para os discípulos de Cristo. O Salvador havia previsto expressamente em Seu discurso profético, Mt. 24:10, 12 e São Paulo em outros lugares dá um delineamento mais completo da apostasia (Ver 1 Tm. 4:1-3, 2 Tm. 3:1-9).

As fantasias religiosas elementares do mundo, incorporadas nos pensamentos judaicos e pagãos, agora são coisas obsoletas e sem valor para São Paulo, em comparação com a plenitude da sabedoria encontrada em Cristo. A sentença divina logo seria passada sobre esses elementos religiosos frutíferos apenas na promoção da "idolatria" (Cl. 3:6).

A MANIFESTAÇÃO APROXIMADA DE CRISTO

Colossenses 3:4: "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então também vós vos manifestareis com ele em glória".

Encontramos aqui uma alusão distinta ao mesmo evento e ao mesmo período que em Rm. 8:19, viz. "a manifestação dos filhos de Deus". Em ambas as passagens, é evidentemente concebido para estar próximo. Em Rm. 8:19, de fato, é expressamente afirmado que é assim; a glória está "prestes a ser revelada"; enquanto aqui os discípulos colossenses são representados como "mortos", e aguardam a vida e a glória que lhes seriam trazidas na revelação de Jesus Cristo, ou seja, na Parousia. É inconcebível que o apóstolo possa falar nesses termos de um evento distante; sua proximidade é evidentemente um dos elementos em sua exortação de que eles deveriam "colocar seu coração nas coisas de cima, e não nas coisas da terra". Devemos supor que eles ainda estão em estado de morte - que suas vidas ainda estão ocultas? No entanto, sua vida e glória são representadas como dependentes da "manifestação de Jesus Cristo".

A APROXIMAÇÃO DA IRA

Colossenses 3:6: "Pelas quais coisas [idolatria] a ira de Deus está chegando".

A conclusão anterior (respeitando a proximidade da glória vindoura) é confirmada pela referência do apóstolo à proximidade da ira vindoura. A cláusula "sobre os filhos da desobediência" não é encontrada em alguns dos MSS mais antigos e é omitido por Alford. Provavelmente foi adicionado a partir de Efésios 5:6. Tomando a passagem assim lida, há algo muito sugestivo e enfático em sua declaração: "A ira de Deus está chegando". Há um contraste inconfundível entre "a glória vindoura do povo de Deus" e "a ira vindoura" sobre Seus inimigos. Não menos distinta é a alusão à "ira vindoura" prevista por João Batista, e tão frequentemente referida por nosso Senhor e Seus apóstolos. Tanto a glória como a ira estão "prestes a ser revelados"; eles eram coincidentes com a Parousia de Cristo; e da rápida manifestação de ambas as igrejas apostólicas estavam em constante expectativa.

PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA EPÍSTOLA AOS EFÉSIOS

Já foi comentado que as Epístolas da Prisão (Colossenses e Filemon, Efésios e Filipenses) foram escritas de Roma, durante o primeiro encarceramento de São Paulo (58-63 d.C). O Espírito lhe revelou, mais claramente que nunca, a administração divina da história do mundo, os altos propósitos de Deus e o destino glorioso da Igreja. Tais pensamentos e revelações haviam de ser expressos; e no tempo vazio de sua longa espera pelo processo (At. 28:30), e com a oportunidade de enviar a carta, providenciada pela viagem de Tíquico, Paulo escreve esta nobre obra.

A DISPENSAÇÃO DA PLENITUDE DOS TEMPOS

Efésios 1:9,10: "Descobrindo-nos o mistério da sua vontade, segundo o seu beneplácito, que propusera em si mesmo, De tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação [oikonomian] da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra".

Embora essa passagem não afirme nada que respeite diretamente a proximidade da Parousia, ela tem uma influência muito distinta sobre o próprio evento. O campo de investigação que ele abre é de fato amplo demais para ser explorado agora, mas não podemos ignorá-lo por completo. O tema é sobre o qual o apóstolo adora, e em nenhum lugar ele se concentra nele com mais entusiasmo do que nesta epístola. Pode-se presumir, portanto, que, por mais obscuro que pareça para nós em alguns aspectos, não era ininteligível para os cristãos de Éfeso, ou para aqueles a quem essa epístola foi enviada, pois, como Paley bem observa, ninguém escreve de maneira ininteligível de propósito . Também podemos esperar encontrar

alusões ao mesmo assunto em outras partes dos escritos do apóstolo, o que pode servir para elucidar ditos obscuros nisso.

Há duas perguntas que são levantadas pela passagem diante de nós:

1- O que se entende por "a congregar em Cristo todas as coisas?"
2- Qual é o período designado "a dispensação da plenitude dos tempos", em que esse "encontro em um" deve ocorrer?

1. No que diz respeito ao primeiro ponto, somos grandemente auxiliados na determinação pela expressão que o apóstolo emprega em relação a ele, viz. "o mistério de sua vontade". Esta é a palavra favorita de São Paulo ao falar daquela nova e maravilhosa descoberta que nunca deixou de encher sua alma com gratidão e louvor adoráveis - a admissão dos gentios em todos os privilégios da nação da aliança. É difícil para nós formar uma concepção do choque de surpresa e incredulidade que o anúncio de tal revolução na administração divina despertou na mente judaica. Sabemos que até os próprios apóstolos estavam despreparados para isso, e que foi com algo como hesitação e suspeita que eles finalmente renderam à evidência avassaladora dos fatos: "até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida". (Atos 11:18) Mas para o apóstolo dos gentios essa era a carta gloriosa da emancipação universal. De todos os homens, ele viu sua beleza e glória divinas, seu mistério e maravilha transcendente, mais claramente. Ele viu as barreiras da separação entre judeus e gentios, as antipatias das raças, "o muro da divisão que estava no meio", derrubadas por Cristo, e uma grande família de irmandades formada de todas as nações, parentes, povos e línguas, sob o poder unificador e reconciliador do sangue expiatório. Não podemos nos enganar, então, ao entender esse mistério de "congregar em Cristo todas as coisas" como o mesmo que é explicado mais detalhadamente no cap. 3:5, 6, o mistério que em outras épocas não foi divulgado aos filhos dos homens, como agora é revelado a seus santos apóstolos e profetas pelo Espírito; que os gentios devem ser co-herdeiros, e do mesmo corpo, e participantes de sua promessa em Cristo pelo evangelho. "Esta é a unificação, "o

resumo" ou consumação (anakefaliwsiv), à qual o apóstolo faz tal referência freqüente nesta epístola: "ambos os povos fez um", "para criar em si mesmo dos dois um novo homem", "reconciliando ambos a Deus em um corpo". (Ef 2:14, 15, 16) Esse era o grande segredo de Deus, que havia sido escondido das gerações passadas, mas agora foi revelado para a admiração e gratidão do céu e da terra.

Mas pode-se dizer: como a recepção dos gentios nos privilégios de Israel pode ser chamada de congregar todas as coisas, tanto no céu como na terra ?

Alguns críticos muito capazes supuseram que as palavras céu e terra nisto, e em várias outras passagens, devem ser entendidas em um sentido limitado e, por assim dizer, técnico. Para a mente judaica, a nação da aliança, o povo peculiar de Deus poderia ser adequadamente denominado "celestial", enquanto os gentios degradados e sem compromisso pertenciam a uma condição inferior, terrena. Esta é a opinião de Locke em sua nota sobre esta passagem:

"Que São Paulo usa céu e terra para judeus e gentios não será considerado tão estranho se considerarmos que o próprio Daniel expressa a nação dos judeus pelo nome de céu (Dn. 8:10) Ele também tem um exemplo disso em nosso próprio Salvador, que (Lucas 21:26) por "poderes do céu" significa claramente os grandes homens da nação judaica. Nem é este o único lugar nesta epístola de São Paulo aos efésios que suportará essa interpretação do céu e da terra. Basta ler os primeiros quinze versículos Ef. 3:1-15".[203]

É a favor dessa interpretação do "céu e terra" que essas expressões aparentemente devem ser tomadas em um sentido restrito semelhante em outras passagens em que ocorrem. Por exemplo, "Até que o céu e a terra passem"; (Mt. 5:18) "Céu e terra passarão". (Lucas 21:33) Na primeira dessas passagens, o contexto mostra que não é possível se

[203] Locke sobre Efésios, in loc.

referir à dissolução final da criação material, pois isso afirmaria a perpetuidade de cada anotação daquilo que há muito tempo foi revogado e anulado. Devemos, portanto, entender a "passagem do céu e da terra" em um sentido tropical. Um expositor criterioso faz as seguintes observações sobre esta passagem:

"Uma pessoa completamente familiarizada com a fraseologia do Antigo Testamento sabe que a dissolução da economia mosaica e o estabelecimento do cristianismo são frequentemente entendidos como o desaparecimento da antiga terra e dos antigos céus, e a criação de uma nova terra e novos céus (ver Isaías 65:17; 66:22). O período de terminação de uma dispensação e o começo da outra é descrito como "os últimos dias" e "o fim do mundo", e tal comoção da terra e do céu que levaria à remoção das coisas que foram sacudidas". (Ageu 2:6; Hb 14:26, 27)[204]

Parece, portanto, haver garantia das Escrituras para entender "coisas no céu e coisas na terra" no sentido indicado por Locke, como significando judeus e gentios. É possível, no entanto, que as palavras apontem para uma compreensão ainda mais ampla e uma consumação mais gloriosa. Eles podem sugerir que a raça humana, separada de Deus e de todos os seres santos, e dividida por inimizade e alienação mútuas, foi destinada pelo propósito gracioso de Deus de ser recuperada, restaurada e reunida sob uma única cabeça comum, o Senhor Jesus Cristo, ao Deus único e Pai da humanidade, e a todos os seres santos e felizes no céu. Todo o universo inteligente, de acordo com essa visão, deveria ser colocado sob um domínio, o domínio de Deus Pai, por meio de Seu Filho Jesus Cristo. Esta é a grande consumação apresentada a nós de muitas formas no Novo Testamento. É a "regeneração" [paliggenesia] de Mt. 19:28; os "tempos de refrescamento" [kairoi anaquxewv]; e os "tempos de restauração de todas as coisas" [cronoi apokatastasewv] de Atos 3:19,

[204] Discursos e Provérbios do Dr. John Brown, Nosso Senhor, vol. ip 200.

21;[205] a "sujeição de todas as coisas a Cristo" de 1 Co. 15:28; a "reconciliação de todas as coisas com Deus" [apokatallagh] de Cl. 1:20; o "tempo da reforma" [kairov diorywsewv] de Hb. 9:10; o "aiwn o mellwn" - "a nova era" - de Ef. 1:21. Todas essas são apenas formas e expressões diferentes da mesma coisa, e todas apontam para a mesma grande era vindoura; e a essa categoria podemos atribuir sem hesitar a frase "economia da plenitude dos tempos" e "a reunião de todas as coisas em Cristo".

Antes que esse domínio universal do Pai pudesse ser publicamente assumido e proclamado, era necessário que a relação exclusiva e limitada de Deus com uma única nação fosse substituída e abolida. A Teocracia teve, portanto, de ser deixada de lado, a fim de abrir caminho para a paternidade universal de Deus: "para que Deus seja tudo em todos".

2. A próxima questão que devemos considerar é: Temos alguma indicação do período em que essa consumação deveria ocorrer?

Temos as declarações mais explícitas sobre esse ponto; pois quase todas essas designações equivalentes do evento nos permitem fixar o tempo. A regeneração é "quando o Filho do homem se sentar no trono da sua glória"; os tempos de "restituição de todas as coisas" são quando "Deus envia Jesus Cristo"; a "sujeição de todas as coisas a Cristo" é "na sua vinda" e "no fim". Em outras palavras, todos esses eventos coincidem com a Parousia; e este é, portanto, o período da "reunião de todas as coisas" sob Cristo.

Chegamos à mesma conclusão com a consideração da frase "dispensação da plenitude dos tempos". Uma economia é um arranjo ou ordem de coisas e parece ser equivalente à frase diayhkh ou convênio. A dispensação ou economia mosaica é designada como "antiga aliança" (2 Co. 3:14) em contraste com a "nova aliança" ou a

[205] E a "vinda do que é perfeito" de 1 Co. 13:10

"dispensação do Evangelho". A "antiga aliança" ou economia é representada como "decadente, envelhecendo e pronto para desaparecer", isto é, a dispensação mosaica estava prestes a ser abolida e a ser substituída pela dispensação cristã. (Hb. 8:13) Às vezes, a economia antiga, ou judaica, é mencionada como este aeon, o atual aeon [o aiwn outov o nun aiwn]; e a dispensação cristã, ou evangélica, como "o aeon vindouro" e o "mundo vindouro" [aiwn mellwn h oikouhenh h mellousa]. (Ef 1:21 Hb. 2:5) O fim da era ou economia judaica é chamado de "fim dos tempos" [h sunteleia tou aiwnov], e é razoável concluir que o fim dos tempos antigos é o início do novo. Segue-se, portanto, que a economia da plenitude dos tempos é o estado ou ordem das coisas que imediatamente sucede e substitui a antiga economia judaica. A economia da plenitude dos tempos é a dispensação final e coroadora; o "reino que não pode ser movido"; "o melhor pacto, estabelecido com melhores promessas". Como, então, a velha economia foi finalmente deixada de lado e revogada com a destruição de Jerusalém, concluímos que o novo aeon, ou "economia de a plenitude dos tempos", recebeu sua solene e pública inauguração no mesmo período, que coincide com a Parousia.

O DIA DA REDENÇÃO

Efésios 1:13: "Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa".

Efésios 4:30: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção".

Essas duas passagens obviamente apontam para o mesmo ato e o mesmo período. A que se refere o resgate aqui - o resgate da posse comprada? O antigo Israel é chamado de herança do Senhor; (Deut. 32:9) e diz-se que o povo de Deus é sua herança. (Ef 1:11, tradução de Alford) Aqui, no entanto, não é a herança de Deus, mas a nossa

herança, a que se refere; e que a herança ainda não está em posse, mas em perspectiva; o penhor ou o selo de posse (a saber, o Espírito Santo) foi recebido. Somos, portanto, compelidos a entender pela herança a futura glória e felicidade que aguardam o cristão no céu. Esta é, portanto, a herança e também a posse adquirida, pois ambos se referem à mesma coisa. Obviamente, é algo futuro, mas não distante, pois já foi comprado, embora ainda não possuído. Permaneceu na mesma relação com os cristãos efésios que a terra de Canaã com os antigos israelitas no deserto. Era o descanso prometido, no qual eles esperavam viver para entrar. O dia em que o Senhor Jesus deveria ser revelado do céu era o dia da redenção para o qual as igrejas apostólicas estavam ansiosas. Nosso Senhor havia predito os símbolos da abordagem daquele dia. "Quando essas coisas começarem a acontecer, olhe para cima e levante a cabeça, pois sua redenção está próxima". Ele também declarou que a geração existente não deveria morrer até que tudo estivesse cumprido. (Lucas 21:28, 32) O dia da redenção, portanto, estava próximo deles.

Da mesma maneira, São Paulo, escrevendo para os cristãos em Roma, fala do desejo ansioso com o qual eles estavam "esperando pela adoção ou redenção de seu corpo da escravidão da corrupção". (Rm. 8:23) Essa passagem é precisamente paralela a Ef. 1:14 e 4:30. Existe a mesma herança, a mesma seriedade, a mesma redenção total em perspectiva. A mudança do corpo material e mortal em um corpo incorruptível e espiritual foi uma parte importante da herança. Era o que o apóstolo e seus convertidos esperavam na Parousia. O dia da redenção, portanto, é coincidente com a Parousia.

A GLORIOSA HERANÇA DOS SANTOS

Efésios 1:18: "Tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos".

Efésios 6:8: "Sabendo que cada um receberá do Senhor todo o bem que fizer, seja servo, seja livre".

A Parousia está em toda parte representada como o dia herança gloriosa e benção futura no céu (cf. Cl. 1:12, 21, 22, 28; 3:24) Esse é o ensino claro de Cristo e de Seus apóstolos, e achamos claramente expresso nas palavras de São Paulo agora diante de nós. A Parousia deveria ser a consumação de glória e felicidade para os fiéis. Ao contemplar a recompensa final da Igreja no Céu, os patrões são motivados a tratar seus empregados com brandura.

A ERA PRESENTE E A ERA VINDOURA

Efésios 1:20, 21: "Que manifestou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, Acima de todo o principado, e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro".

Muitas vezes tivemos ocasião de comentar sobre o verdadeiro sentido da palavra, tantas vezes mal traduzido 'mundo', Locke observa: "Pode valer a pena considerar se não há uma significação mais natural do Novo Testamento, defendendo um considerável tempo, passando por uma dispensação notável".[206] Na opinião do apóstolo, havia pelo menos dois grandes períodos ou eras: o presente, mas chegando ao fim; o outro futuro e prestes a abrir. A primeira era a ordem atual das coisas sob a lei mosaica; a última era a nova e gloriosa época que seria inaugurada pela Parousia.

[206] Notas sobre 1 Co. 10:11.

AS ERAS VINDOURAS

Efésios 2:7: "Para mostrar nos séculos vindouros as abundantes riquezas da sua graça pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus".

Nesta passagem, a seguinte observação é feita por Conybeare e Howson:

"Nas eras que estão chegando; viz. o tempo do perfeito triunfo de Cristo sobre o mal, sempre contemplado no Novo Testamento tão próximo".[207]

Seria talvez mais apropriado dizer que se refere à salvação que se aproxima desses crentes gentios e à sua glorificação com Cristo; pois esta é a consumação sempre contemplada no Novo Testamento tão próxima. (Rm. 13:11)

O ESTADO PERFEITO E GLORIOSO

Efésios 5:27: "Para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível".

Claramente, a visão de João da Nova Jerusalém como noiva representa a realidade espiritual da comunidade do verdadeiro povo de Deus, formalmente entrando em consumação da união espiritual e comunhão com o Senhor na Parousia. A Noiva representando o povo de Deus, vem adornada com glória por estar com o marido. As aflições terrenas anteriores são agora substituídas pelo "incomparável peso da glória". Essa é a ocasião climática procurada por todos os primeiros cristãos: viz. que na Parousia de Jesus seriam apresentados "sem defeito, diante da presença de Sua glória com grande alegria"

[207] Vida e Epístolas de São Paulo, in loc.

(Judas 24, cf. 1 Ts. 3:13, 5:23; 1 Co. 1:8). Nós, propositadamente, evitamos, nesta fase, inserir símbolos e seu significado, até que todo o assunto venha à nossa frente no Livro do Apocalipse.

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA EPÍSTOLA AOS FILIPENSES

Esta é, juntamente com Colossenses e Filemon, uma das cartas da prisão que parece ter sido escrita em Roma (At 28,16.30-31) entre 58-63 dC. Embora a epístola de São Paulo aos filipenses não faça uma referência direta a Parousia, a expectativa desse evento pode ser encontrada em toda a epístola, com referências ao arrebatamento, à ressurreição, aos corpos gloriosos dos santos ressurretos ou trasladados e à destruição dos ímpios.

O DIA DE CRISTO

Filipenses 1:6: "Tendo por certo isto mesmo, que aquele que em vós começou a boa obra a aperfeiçoará até ao dia de Jesus Cristo".

Filipenses 1:10: "Para que aproveis as coisas excelentes, para que sejais sinceros, e sem escândalo algum até ao dia de Cristo".

Filipenses 2:16: "Retendo a palavra da vida, para que no dia de Cristo possa gloriar-me de não ter corrido nem trabalhado em vão".

O dia de Cristo é evidentemente considerado pelo apóstolo como a consumação da disciplina moral e da provação dos crentes. Não há dúvida de que ele tem em vista o dia da vinda do Senhor, quando "julgaria a todos segundo as suas obras". Na suposição de que o dia de Cristo ainda é futuro, segue-se que a disciplina moral dos filipenses ainda não está completa; que sua provação não está terminada; e que o bom trabalho iniciado neles ainda não está aperfeiçoado.

A nota de Alford sobre essa passagem (Fp. 1:6) merece atenção. "O acriv hmerav cristou Ihs assume a proximidade da vinda do Senhor. Aqui, como em outros lugares, os comentaristas têm se esforçado para escapar dessa inferência", etc.[208] Isso é justo; mas a própria inferência de Alford, de que São Paulo estava enganado, é igualmente insustentável.

O ESTADO MELHOR DA VIDA FUTURA

Filipenses 1:21-23: "Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é ganho... Mas de ambos os lados estou em aperto, tendo desejo de partir, e estar com Cristo, porque isto é ainda muito melhor".

Nos aproximamos dos últimos dias do apóstolo, e com o maior interesse, podemos examinar esta carta para ver se os anos fizeram alguma mudança em seus pontos de vista. Muito em breve, encontramos uma referência significativa ao "dia de Jesus Cristo" (Fp. 1:6). Então nos deparamos com outro (Fp. 1:10) e ainda outro (Fp. 2:16). Existem duas características significativas nessas referências:

1- Os filipenses vão viver para ver esse dia; e,
2- É um dia de manifestação ou julgamento.

Já vimos que esse é um acompanhamento inseparável da Segunda Vinda. Cristo julga os mortos em Sua descida do céu; e a tribulação que testa a fé de Sua Igreja na terra, separa o joio do trigo e elogia ou condena o professor cristão, cuja obra é posta à prova. Que este dia de Cristo está muito próximo na convicção do apóstolo é colocado sem qualquer dúvida por sua declaração enfática (Fp. 4:5), "o Senhor está próximo".

[208] Testamento grego, in loc.

Mas o que devemos fazer com a sua declaração sincera (Fp. 1:21) de que "morrer é ganho" e que sua própria preferência é despir da carne? Por que, "partir" ou morrer é "melhor", se é que os vivos são arrebatados estar com Cristo ao mesmo tempo que os mortos? A resposta pode ser satisfeita na hipótese de que "os mortos estão mais perto de Cristo do que os vivos". Sem dúvida há muita verdade importante nesta explicação, mas ela pode não satisfazer todos os requisitos do caso.

O que dizer então de sua expectativa e desejo de que, em vez de morrer ele será transfigurado vivo? Onde agora está o seu desejo sincero de ser "revestidos da nossa habitação do céu"? (2 Co. 5:2) Já comentamos que sua experiência no intervalo entre a Primeira e a Segunda Epístola aos Coríntios foi de tal ordem que o levou a apreender a morte iminente. (Ver 2 Co. 1:8, etc.) Seu "problema na Ásia" o deixara desesperado com a vida, e ele provavelmente achava que não conseguiria escapar da hostilidade maligna de seus inimigos por muito mais tempo. Ele tinha agora "a sentença de morte em si mesmo"; ele carregava sobre "seu corpo a morte do Senhor Jesus" e sentia que estava "sempre entregue à morte por causa de Jesus".

Mas essa antecipação não diminuiu a confiança com a qual ele ansiava pelo futuro; pois, mesmo que ele morresse antes da Parousia, por esse motivo não perderia sua parte nos triunfos e glórias daquele dia. Ele estava certo de que aquele que ressuscitou o Senhor Jesus também o ressuscitaria por Jesus, e iria apresentá-lo juntamente com os santos vivos que poderiam sobreviver a esse período. Ele não estaria ausente do grande episódio ocorrido na vinda do Senhor (2 Ts. 2:1), mas seria "apresentado", juntamente com seus amigos em Corinto e em outros lugares, "diante da presença de sua glória". De fato, o apóstolo agora se conforta com as mesmas palavras com as quais confortara os enlutados em Tessalônica. Ele parece ter renunciado à esperança de que ele próprio viveria para testemunhar a gloriosa aparição do Senhor; mas não menos ainda, ele foi convencido de que não sofreria perdas por ter que morrer; pois,

como ele havia ensinado aos tessalonicenses, "os que dormem em Jesus Deus trariam com ele"; e os santos vivos naquele dia não teriam vantagem sobre os que dormiam. (1 Ts. 4:14, 15)

A EXTRAORDINÁRIA RESSURREIÇÃO DENTRE OS MORTOS

Filipenses 3:10-11: "Para conhecê-lo, e o poder da sua ressurreição... para ver se de alguma maneira posso chegar à ressurreição dentre os mortos".

Nenhuma objeção séria precisa ser levantada ao ponto de vista de que São Paulo quer dizer a ressurreição dos mortos na Parousia de Cristo. Aqui ele fala na possibilidade de ser encontrado na sepultura quando Cristo vier. Ele fala de sua ambição e desejo de conhecer a Cristo, "e o poder de sua ressurreição e a comunhão de seus sofrimentos [pesada perseguição], tornando-se conformado com sua morte [martírio], se por algum meio eu puder alcançar a ressurreição dentre os mortos". Mas por que São Paulo deveria expressar tanta ansiedade para alcançar o que era inevitável? Se todos os mortos, devem ser ressuscitados, em algum momento próximo, essa linguagem é manifestamente inadequada; mas se existe uma diferença entre aqueles que "ressuscitam para vida" e aqueles que "ressuscitam para condenação", as palavras têm uma pertinência e força que todos devem sentir.

Quando verificamos o grego neste texto, encontramos uma escolha de palavras muito interessante e incomum aqui pelo apóstolo (ek-anastasis). Esta palavra é composta por três partes (ex-ana-stasis). As duas últimas partes da palavra (ana-stasis) significa "se levantar" ou "permanecer". Quando usado em relação aos que morreram, o significado exato da palavra seria, "uma retomada da vida, permitindo que alguém se levante ou se levante do lugar da morte". Mas a preposição (ek) prefixada a anastasis adiciona uma nova dimensão

fazendo com que exanastasis signifique "ressurreição extraordinária". Todos os mortos ressuscitariam na Parousia, mas não há dúvidas que apenas os santos estão aptos a experimentar esta "ressurreição extraordinária".

O mesmo pensamento é sugerido nas palavras de Jesus, em Lucas 20:35: "Aqueles que são considerados dignos de atingir (comp. Hb. 11:35) a era vindoura, e a ressurreição dos mortos, não se casam nem são dados a casamento". Estes, é dito no versículo 36, "sendo filhos da ressurreição, são filhos de Deus". Meyer comenta que: "O contexto mostra que Jesus tem em vista apenas aqueles que serão ressuscitados, com exceção daqueles que ainda estão vivendo aqui, na parousia". Godet da mesma maneira diz: "A ressurreição dos mortos é muito evidentemente, neste lugar, não a ressurreição dos mortos em geral. O que se refere é um privilégio especial concedido apenas aos fiéis que devem ser considerados dignos" (comp. Lc. 14:14, e Fp 3:11).

Mas a que ele se refere quando imediatamente ele acrescenta - "Não que eu já tenha atingido, ou que já esteja perfeito"? Meyer diz, "para a bem-aventurança do Reino do Messias". São Paulo estava se esforçando para fazer o que fosse necessário para alcançar a "ressurreição extraordinária". Ele não se sentia digno disso ainda, ele não está preparado para dizer ou dar como certo que este estado foi atingido (ele não tinha certeza se havia sofrido perseguição o suficiente para ser digno dela); mas estava avançando para a plenitude do auto-sacrifício com a meta de estar entre o grupo de santos do primeiro século que seriam considerados dignos de obterem o "prêmio da alta vocação" e a "sua herança" na "ressurreição dos justos", na Parousia.

O DESTINO DOS INIMIGOS DE CRISTO

Filipenses 3.18,19: "Porque muitos há, dos quais muitas vezes vos disse, e agora também digo, chorando, que são inimigos da cruz de Cristo,
Cujo fim é a perdição; cujo Deus é o ventre, e cuja glória é para confusão deles, que só pensam nas coisas terrenas".

Embora São Paulo sempre enfatizasse em suas cartas o destino glorioso dos crentes, também abordava o destino dos ímpios. A "glória vindoura" é a contrapartida ou antítese da "ira vindoura"; aspectos diferentes do mesmo grande evento; pois a Parousia, que era a revelação da glória aos filhos de Deus, era a revelação do dia da ira contra os inimigos da Cruz (cf. Rm. 2:5, 7).

A EXPECTATIVA DA PAROUSIA

Filipenses 3:20-21: "Mas a nossa cidade está nos céus, de onde também esperamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, Que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo glorioso".

Essas palavras dão testemunho decisivo da expectativa estimada pelo apóstolo e pelos cristãos de seu tempo da rápida vinda do Senhor. Não era a morte que eles procuravam e esperavam, como nós; mas aquilo que engoliria a morte na vitória: a mudança que substituiria a necessidade de morrer. As anotações de Alford sobre esta passagem são as seguintes:

"As palavras assumem, como São Paulo sempre faz quando fala incidentalmente, sua sobrevivência para testemunhar a vinda do Senhor. A mudança do pó da morte na ressurreição, por mais que

possamos acomodar sua expressão, não foi contemplada originalmente por ela".[209]

A PROXIMIDADE DA PAROUSIA

Filipenses 4:5: "Seja a vossa equidade notória a todos os homens. Perto está o Senhor".

Aqui o apóstolo repete a conhecida palavra de ordem da igreja primitiva, "O Senhor está próximo": - equivalente ao "Maranatha" de 1 Coríntios 16:22. Duvidar de sua plena convicção da proximidade da vinda de Cristo é incompatível com o devido respeito pelo claro significado das palavras; definir essa convicção como um erro é incompatível com o devido respeito por sua autoridade e inspiração apostólica.[210]

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA PRIMEIRA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

1 Timóteo provavelmente foi escrito enquanto São Paulo estava em Filipos. São Paulo escreveu a Timóteo (a primeira carta) quando estava em Éfeso (63-64 dC). São Paulo não estava na prisão no momento, mas ele não diz onde estava quando o escreveu (provavelmente por razões de segurança). A tribulação já estava em andamento e esquentando, portanto, não é surpreendente ver Paulo dar tão poucos detalhes sobre sua localização e planos de viagem. As epístolas pastorais a Timóteo não contêm muitas referências a Parousia, pois lidam com os problemas que Timóteo enfrentava em

[209] Testamento grego, in loc.

[210] As considerações finais do capítulo quatro, as exortações a Evódia e Síntique para resolver suas diferenças e o mandamento para a tolerância estão fundamentadas na proximidade da parousia. A Parousia também estava à vista em Efésios e Colossenses, ambas escritas durante o mesmo período.

outras áreas bíblicas. Quando a Parousia é mencionada, no entanto, está em harmonia com outras porções das Escrituras.

A APOSTASIA DOS ÚLTIMOS DIAS

1 Timóteo 4:1-3: "Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios;
Pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência;
Proibindo o casamento, e ordenando a abstinência dos alimentos que Deus criou para os fiéis, e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graças".

Um dos sinais que nosso Senhor predisse como um dos precursores da grande catástrofe que deveria dominar a sociedade e o povo judaico foi uma deserção generalizada e portentosa da fé, manifestando-se entre os professos discípulos de Cristo. A referência de nosso Senhor a essa deserção, embora distinta e pontuada, não é tão minuciosa e detalhada quanto a descrição que encontramos nas Epístolas de São Paulo; portanto, inferimos, como também sugere a linguagem do primeiro versículo deste capítulo, que revelações subsequentes de sua natureza e características foram feitas aos apóstolos. É designado por São Paulo, em 2 Ts. 2:3 , "a apostasia", - mas ele não fica para delinear seus traços característicos, apressando-se em retratar as linhagens do "homem do pecado". Já apontamos a distinção entre "a apostasia" e "o homem do pecado", para confundir o que tem sido um erro comum, mas flagrante. Na sequência, descobriremos que a descrição de São Paulo da apostasia é tão minuciosa quanto a do "homem do pecado", de modo a permitir-nos identificar uma tão prontamente quanto a outra.

O primeiro ponto que será bom determinar é o período da apostasia; ou seja, o momento em que deveria se declarar. Diz-se que é "nos últimos tempos" [en usteroiv kairoiv], uma expressão que,

por si só, pode parecer um pouco indefinida, mas, quando comparada com outras frases semelhantes, sem dúvida será considerada um período específico e definido, bem entendido por Timóteo e todas as igrejas apostólicas. Será conveniente reunir em uma única visão todas as passagens que se referem a essa época importante e crítica, que é a meta e o término para o qual, mostrando o Novo Testamento, todas as coisas estavam rapidamente se apressando.

TABELA ESCATOLÓGICA DE PASSAGENS RELACIONADAS COM OS ÚLTIMOS TEMPOS

O fim dos tempos
[h sunteleia tou aiwnov]

Mt. 13:39 - "A colheita é o fim dos tempos".

Mt. 13:40 - "Assim será no fim desta era".

Mt. 13:49 - "Assim será no fim dos tempos".

Mt. 24:3 - "Qual será o sinal da tua vinda [parousia] e do fim dos tempos?".

Mt. 28:20 - "Estou convosco todos os dias, até o fim dos tempos".

Hb. 9:26 - "Mas agora uma vez no fim dos tempos" [twn aiwnwn]

O Fim
[to telov ta telh]

Mt. 10:22 - "Aquele que perseverar até o fim será salvo".

Mt. 24: 6 - "Mas ainda não é o fim". (Marcos 13: 9, Lucas 21:9)

Mt. 24:13 - "Mas quem perseverar até o fim , esse será salvo". (Marcos 13:13)

Mt. 24:14 - "Então virá o fim".

1 Co. 1:8 - "O qual vos confirmará até o fim".

1 Co. 10:11 - "A quem chegaram os fins dos tempos".

1 Co. 15:24 - "Então chega o fim".

Hb. 3: 6 - "Firme até o fim".

Hb. 3:14 - "Pronto para o fim".

Hb. 6:11 - "Dignidade até o fim".

1 Pe. 4:7 - "O fim de todas as coisas está próximo".

Ap 2:26 - "Aquele que guarda as minhas obras até o fim".

Os Últimos Tempos, Dias, etc.

1 Tm. 4:1 - "Nos últimos tempos, alguns apostatarão" [en usteroiv kairoiv].

2 Tm. 3:1 - "Nos últimos dias virão tempos perigosos" [en escataiv hmeraiv].

Hb. 1:2 - "Nos últimos dias [Deus] falou conosco" [ep escatou twn hmerwn toutwn].

Tiago 5:3 - "Vocês acumularam tesouros nos últimos dias" [en escataiv hmeraiv].

1 Pe. 1:5 - "Salvação, pronta para ser revelada na último tempo" [en kairq escatq].

1 Pe. 1:20 - "Que se manifestou nestes últimos tempos" [ep escatou twn cronwn].

2 Pe. 3:3 - "Haverá nos últimos dias escarnecedores" [ep escatou twn hmerwn].

1 João 2:18 - "É a última hora" [escath wra].

Judas 1:18 - "nos últimos tempos haveria escarnecedores" [en escatq cronq].

FRASES EQUIVALENTES REFERENTES AO MESMO PERÍODO

O dia.

Mt. 25:13 - "Não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem vem".

Lc. 17:30 - "O dia em que o Filho do homem é revelado".

Rm. 2:16 - "No dia em que Deus julgará os segredos dos homens".

1 Co. 3:13 - "O dia a declarará".

Hb. 10:25 - "Vê o dia se aproximando".

Aquele dia.

Mt. 7:22 - "Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor".

Mt. 24:36 - "Mas naquele dia e naquela hora ninguém conhece".

Lc. 10:12 - "Será mais tolerável naquele dia para Sodoma".

Lc. 21:34 - "E que esse dia venha sobre você de surpresa".

1 Ts. 5:4 - "Para que esse dia o domine como ladrão".

2 Ts. 2:3 - "Esse dia não chegará, antes que venha a apostasia".

2 Tm. 1:12 - "Que lhe cometi contra esse dia".

2 Tm. 1:18 - "Para que ele encontre misericórdia do Senhor naquele dia".

2 Tm. 4:8 - "Uma coroa ... que o Senhor ... me dará naquele dia".

O dia do Senhor.

1 Co. 1:8 - "Para que sejais irrepreensíveis no dia de nosso Senhor Jesus Cristo".

1 Co. 5:5 - "Para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus".

2 Co. 1:14 - "Vocês são nossos no dia do Senhor Jesus".

Fp. 2:16 - "Para que eu possa me alegrar no dia de Cristo".

1 Ts. 5: 2 - "O dia do Senhor vem como um ladrão durante a noite".

O dia de Deus.

2 Pe. 3:12 - "Procurando e apressando-se para a vinda do dia de Deus".

O grande dia.

Atos 2:20 - "Grande e notável dia do Senhor".

Judas 1:6 - "O julgamento do grande dia".

Ap. 6:17 - "Chegou o grande dia de sua ira".

Ap. 16:14 - "A batalha do grande dia".

O dia da ira.

Rm. 2:5 - "Entesouras ira no dia da ira".

Ap. 6:17 - "Chegou o grande dia de sua ira".

O dia do julgamento.

Mt. 10:15 - "Será mais tolerável no dia do julgamento". (Marcos 6:11)

Mt. 11:22 - "Será mais tolerável ... no dia do julgamento".

Mt. 11:24 - "Será mais tolerável ... no dia do julgamento".

Mt. 12:36 - "Eles darão conta disso no dia do julgamento".

2 Pe. 2:9 - "Reservar o injusto até o dia do julgamento".

2 Pe. 3:7 - "O dia do julgamento e perdição dos homens ímpios".

1 João 4:17 - "Para que tenhamos ousadia no dia do julgamento".

O dia da redenção.

Ef. 4:30 - "Selado até o dia da redenção".

O último dia.

João 6:39 - "Eu o ressuscitarei no último dia".

João 6:40 - "Eu o ressuscitarei no último dia".

João 6:44 - "E eu o ressuscitarei no último dia".

João 6:54 - "E eu o ressuscitarei no último dia".

João 11:24 - "Ele ressuscitará na ressurreição no último dia".

A partir da comparação dessas passagens, aparecerá:

- Que todos eles se referem a um e o mesmo período - um certo tempo definido e específico.
- Que todos eles assumem ou afirmam que o período em questão não está muito distante.
- O limite além do qual não é permitido ir na determinação do período chamado "os últimos tempos" é indicado nas escrituras do Novo Testamento, viz. a vida da geração que rejeitou a Cristo.

Isso nos leva ao período da destruição de Jerusalém, marcando como "o fim dos tempos", "o dia do Senhor", "o fim". Ou seja, a vinda do Senhor, ou a Parousia.

DESCRIÇÃO DA APOSTASIA

Tendo assim trazido as passagens que falam do período da apostasia, será apropriado seguir um método semelhante com relação

às passagens que descrevem as características e o caráter da própria apostasia. Essa deserção fatal lança sua sombra escura sobre todo o campo da história do Novo Testamento, desde o discurso profético de nosso Senhor no Monte das Oliveiras, e ainda mais cedo, até o Apocalipse de São João. É instrutivo observar como, à medida que o tempo de seu desenvolvimento e manifestação se aproxima, a sombra se torna cada vez mais escura, até atingir sua mais profunda melancolia na revelação do Anticristo.

SINOPSE DAS PASSAGENS RELATIVAS A APOSTASIA

1. A apostasia, predita pelo nosso Senhor		
Falsos profetas	Mateus 7:15	"Cuidado com os falsos profetas, que vêm a você em pele de ovelha, mas por dentro são lobos vorazes."
Idem	Mateus 7:22	"Muitos dirão a mim naquele dia: Senhor, Senhor, nós não profetizamos em seu nome?", Etc.
Cristos Falsos	Mateus 24:5	"Muitos virão em meu nome e enganarão a muitos ."
Falsos profetas	Mateus 24:11	"E muitos falsos profetas se levantarão e enganarão a muitos".
Falsos Cristos e falsos profetas	Mateus 24:24	"Falso cristos e falsos profetas surgirão e farão grandes sinais e maravilhas."
Apostasia Geral	Mateus 24:10	"Muitos tropeçarão e se entregarão uns aos outros, e uns aos outros se odiarão".
Idem	Mateus 24:12	"Porque o mal se multiplicará, o amor de muitos esfriará."

2. A apostasia, predita por Paulo		
Professores Falsos	At. 20:29,30	"Eu sei que depois da minha partida, lobos vorazes entrarão no meio de vocês, que não perdoarão o rebanho, e de vocês mesmos se levantarão homens que falarão coisas perversas para arrastar os discípulos atrás deles."
A apostasia	2 Ts. 2: 3	"Não virá a menos que a apostasia venha primeiro."
Falsos apóstolos	2 Co. 11:13, 14	"Estes são falsos apóstolos, trabalhadores fraudulentos que se disfarçam como apóstolos de Cristo, e não é de admirar, porque o próprio Satanás se disfarça de anjo de luz."
Professores Falsos	Gl. 1:7	"Há alguns que te incomodam e querem perverter o evangelho de Cristo."
Irmãos falsos	Gl. 2:4	"Falso irmãos introduzidos em segredo".
Enganos e cismáticos	Rm. 16:17,18	"Olhe para aqueles que causam divisões e tropeçam contra a doutrina que você aprendeu, e se afaste deles." Tais pessoas não servem ao nosso Senhor Jesus Cristo, mas seus próprios ventres, e com palavras gentis e bajulação, enganam os corações dos ingênuos.
Professores Falsos	Cl. 2:8	"Veja que ninguém te engane com filosofias e sutilezas sutis."
Idem	Cl. 2:18	"Ninguém te priva de sua recompensa, alegando humildade e a adoração dos anjos."
Mestres Judaizantes	Fp. 3:2	"Cuidado com os cães, cuidado com os trabalhadores do mal, cuidado com os

		mutiladores do corpo."
Inimigos da cruz	Fp. 3:18	"Há muitos lá fora, de quem eu te disse muitas vezes ... que eles são inimigos da cruz de Cristo."
Sensualistas	Fp. 3:19	"O fim do qual será perdição, cujo deus é a barriga."
Professores Falsos	1 Tm. 1:3,4	"Comande alguns que não ensinam doutrinas diferentes, nem prestem atenção a fábulas e genealogias intermináveis."
Judaizantes	1 Tm. 1:6,7	"Algumas pessoas se desviaram e saíram para palavras vãs, querendo ser doutores da lei", etc.
Apóstatas	1 Tm.1:19	"Alguns rejeitaram e não guardaram a fé e a boa consciência, e naufragaram."
Mentirosos e hipócritas	1 Tm. 4:1,2	"Mas o Espírito diz claramente que nos últimos tempos alguns apostatarão da fé, ouvindo espíritos enganadores e doutrinas de demônios, pela hipocrisia de mentirosos que têm sua consciência queimada."
Professores Falsos	1 Tm. 4:3	"Eles proibirão casar-se e ordenarão abster-se de alimentos que Deus criou ..."
Idem	1 Tm. 6:20, 21	"Evite as conversas profanas sobre coisas vãs, e os argumentos da ciência falsamente nomeada, que alguns professam, se desviaram da fé".
Idem	2 Tm 2:16-18	"Mas evite palavras de cumulação profanas e vãs, porque eles levarão mais e mais a impiedade." E sua palavra

		corroerá como gangrena, dos quais Himeneu e Fileto, que se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição já aconteceu, e derrubaram a fé de alguns ".
Imoralidade da apostasia	2 Tm. 3:1-6, 8	"Também deves saber isto, que nos últimos dias virão tempos perigosos: pois haverá homens que se amam, avarentos, vaidosos, orgulhosos, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem afeição natural, implacáveis, caluniadores, intemperantes, cruéis, odiadores do bem, traidores, impetuosos, apaixonados, mais do que prazeres de Deus, que terão a aparência de piedade, mas negarão a eficácia disso ... Por causa destes são os que entram em casas e carregam cativar as pequenas mulheres carregadas de pecados "etc. "Homens corruptos de entendimento, reprovados sobre a fé."
Professores Falsos	2 Tm. 3:13	"Os homens maus e os enganadores vão de mal a pior, enganando e sendo enganados."
Idem	2 Tm. 4:3, 4	"Porque chegará o tempo em que eles não suportarão a sã doutrina, mas, tendo comichão nos ouvidos, esses professores serão amontoados de acordo com suas próprias concupiscências, e eles desviarão os ouvidos da verdade e se converterão em fábulas."
Mestres	Tt. 1:10	"Pois ainda há muitos obstinados,

Judaizantes		falantes de vaidades e enganadores, especialmente os da circuncisão."
Idem	Tt. 1:14	"Não atendendo às fábulas judaicas, nem aos mandamentos de homens que se afastam da verdade."
Imoral	Tt. 1:16	"Eles professam conhecer a Deus, mas com os fatos eles negam, sendo abomináveis e rebeldes, reprovados quanto a toda boa obra."

3. A apostasia, predita por Pedro		
Professores Falsos	2 Pe. 2:1	"Mas também houve falsos profetas entre o povo, como haverá falsos mestres no meio de vós, que introduzirão secretamente heresias destrutivas e até mesmo negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si a repentina destruição."
Imoralidade da apostasia	2 Pe. 2:10, 13, 14	"Aqueles que, seguindo a carne, andam na luxúria e sujeira, e desprezam o senhorio." Ousados e teimosos, eles não têm medo de falar mal dos poderes superiores... Estes são sujeira e manchas, que, mesmo enquanto comem com você, se recriam em seus erros ", etc.
Escarnecedores	2 Pe. 3:3	"Sabendo isto primeiro, que nos últimos dias os escarnecedores virão, andando de acordo com suas próprias luxúrias."

4. A apostasia, prevista por Judas		
Professores Falsos	Judas 4, 8, 10-19	Veja 2 Pd 2

5. A apostasia, predita por João		
O anticristo, os apóstatas	1 Jo 2:18, 19	"Filhinhos, esta é a última hora, e como vocês ouviram que o anticristo está chegando, agora muitos anticristos surgiram, por isso sabemos que é a última hora, eles saíram de nós, mas eles não eram de nós".
O anticristo	1 Jo 2: 22	"Quem é o mentiroso, mas quem diz que Jesus é o Cristo?" Este é o anticristo, aquele que nega o Pai e o Filho.
Professores Falsos	1 Jo 2: 26	"Eu escrevi isso para você sobre aqueles que te enganam."
Falsos profetas	1 Jo 4:1	"Muitos falsos profetas saíram ao mundo."
O anticristo	1 Jo 4:3	"Todo espírito que confessa que não confessa que Jesus Cristo veio em carne, não é de Deus, e este é o espírito do anticristo, o qual você ouviu que está chegando, e que está agora no mundo."
Os enganadores e o anticristo	2 Jo. 1:7	"Porque muitos enganadores saíram ao mundo, que não confessam que Jesus Cristo veio em carne, quem faz isto é o enganador e o anticristo."

CONCLUSÃO RELATIVA À APOSTASIA

Para uma consideração e uma comparação dessas passagens, é visto que:

- Todos se referem à mesma grande defecção da fé, designada por Paulo como "a apostasia".
- Esta apostasia seria geral e generalizada.
- Seria marcado pela extrema depravação moral, particularmente pelos pecados da carne.
- Seria acompanhado de pretensões e de poder miraculoso.
- Seria principalmente, se não principalmente, judeu em sua natureza.
- Rejeita a encarnação e a divindade do Senhor Jesus Cristo; é digamos, seria o anticristo previsto.
- Ela alcançaria seu pleno desenvolvimento nos "últimos tempos", e seria o precursor da parousia.

Tendo, assim, feito uma pesquisa geral da doutrina do Novo Testamento sobre a apostasia, resta apenas observar algumas objeções que podem ser feitas às conclusões anteriores.

1. Pode-se perguntar: Que evidência temos de que tais erros e heresias prevaleceram nos tempos apostólicos? A resposta é: o próprio Novo Testamento fornece a prova. Os males que são descritos por São Paulo como futuro, são representados por São Pedro e São João como realmente presentes. As características da apostasia estabelecidas por uma são precisamente aquelas que são descritas pelas outras. O ascetismo e a imoralidade são evidentes nos delineamentos proféticos da apostasia de São Paulo, e encontramos as mesmas características nas descrições históricas de São Pedro e São João.[211]

[211] É mostrado por Conybeare e Howson que ambas essas tendências aparentemente opostas infestaram a igreja primitiva. (Vida e epístolas de São Paulo, cap. Xiii.)

2. Pode-se objetar que o período chamado "os últimos tempos" ou "os últimos dias' não seja estritamente definido e possa, pelo que sabemos, ainda ser futuro.

Mas, em primeiro lugar, as injunções dadas por São Paulo a Timóteo implicam claramente que não era um distante, mas um presente ou, de qualquer forma, um mal iminente do qual ele estava falando. É manifesto que os sintomas da apostasia já haviam começado a aparecer, e todo o teor da exortação do apóstolo implica que os males especificados ficariam sob a observação de Timóteo. (1 Tm. 6:20, 21)

Nada pode ser mais certo do que os apóstolos se consideravam vivendo "nos últimos tempos". Na sequência, teremos ocasião de ver isso claramente provado. Enquanto isso, pode-se observar que as passagens organizadas sob o título "Os Últimos Tempos" em nossa Tabela Escatológica, todas se referem à mesma grande crise. Era "o fim dos tempos" [sunteleia tou aiwnov], sobre o qual nosso Senhor falava tantas vezes. A apostasia foi o precursor previsto para esse fim.

TIMÓTEO E A PAROUSIA

1 Timóteo 6:14,15: "[Eu te ordeno] que guardes este mandamento sem mácula e repreensão, até à aparição de nosso Senhor Jesus Cristo;
A qual a seu tempo mostrará o bem-aventurado, e único poderoso Senhor, Rei dos reis e Senhor dos senhores".

Isso implica que Timóteo pode esperar viver até que esse evento ocorra. O apóstolo não diz: "Guarde este mandamento enquanto você viver"; nem "mantenha-a até a morte"; mas "até o aparecimento de Jesus Cristo". Essas expressões não são equivalentes. A "aparição"

[epifaneia] é idêntica à Parousia, um evento que São Paulo e Timóteo acreditavam estar à mão.

A nota de Alford neste versículo é eminentemente insatisfatória. A nota de Alford neste versículo é eminentemente insatisfatória. Depois de citar a observação de Bengel "de que os fiéis na era apostólica estavam acostumados a esperar que o dia de Cristo se aproximasse; considerando que estamos acostumados a esperar o dia da morte da mesma maneira", ele continua observando:

"Podemos dizer com razão que qualquer que seja a impressão traída pelas palavras de que a vinda do Senhor seria na vida de Timóteo, é castigada e corrigida pelo kairoiv idiiviv (seu próprio tempo) do próximo verso".[212]

Em outras palavras, a opinião errônea de uma frase é corrigida pela imprecisão cautelosa da próxima! É possível aceitar tal afirmação? Existe algo no kairoiv idiiv para justificar esse comentário? Ou tal estimativa da linguagem do apóstolo é compatível com a crença em sua inspiração? Não foi "impressão" que o apóstolo "traiu", mas uma convicção e uma garantia fundamentadas nas promessas expressas de Cristo e nas revelações de Seu Espírito.

Não menos excepcional é a reflexão final:

"A partir de passagens como essa, vemos que a era apostólica sustentava a que deveria ser a atitude de todas as épocas - expectativa constante da volta do Senhor".

Mas se essa expectativa não passou de uma falsa impressão, a atitude deles não é mais uma cautela do que um exemplo? Vemos agora (supondo que a Parousia nunca tenha ocorrido) que eles acalentavam uma esperança vã e viviam na crença de uma ilusão. E se

[212] Testamento grego, in loc.

eles se enganaram nisso, a mais confiante e estimada de suas convicções, como podemos confiar em suas outras opiniões? Considerar os apóstolos e os cristãos primitivos como todos envolvidos em uma ilusão flagrante sobre um assunto que ocupava um lugar de destaque em sua fé e esperança, é dar um golpe fatal na inspiração e autoridade do Novo Testamento. Quando São Paulo declarou, repetidas vezes, "O Senhor está próximo", ele não proferiu sua opinião pessoal, mas falou com autoridade como um órgão do Espírito Santo.

As observações de Dean Alford podem ser melhor respondidas nas palavras de sua réplica ao professor Jowett:

"O apóstolo estava ou não estava escrevendo no poder de um espírito superior ao seu? Temos, de alguma forma, Deus falando na Bíblia, ou não? Se temos, então, de todas as passagens, é nessas que tratam tão confiantemente da futuridade que devemos reconhecer Sua voz: se não a temos nessas passagens, então onde devemos ouvir tudo isso?".[213]

Encontramos o mesmo tom de desculpas nos comentários do Dr. Ellicott nesta passagem:

"Pode-se admitir que os escritores sagrados usaram a linguagem em referência à volta do Senhor, o que parece mostrar que os anseios de esperança quase se tornaram convicções de crença".

Estranho que as afirmações mais claras, mais fortes e mais repetidas de sua fé e esperança de São Paulo produzam na mente de um leitor uma impressão tão fraca de suas convicções como essa. Mas não há vacilação na declaração do apóstolo; não é porventura que ele profira; é com um tom firme e confiante que ele solta o grito exultante: "O Senhor está próximo". Ele não expressa suas próprias suposições,

[213] Proleg do Testamento Grego. para 2 Tes. p. 64

esperanças ou anseios, mas transmite a mensagem pela qual foi determinado e, como uma testemunha fiel de Cristo, em todos os lugares proclama a rápida vinda do Senhor.

A APOSTASIA JÁ SE MANIFESTA

1 Timóteo 6:20,21: "Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado, tendo horror aos clamores vãos e profanos e às oposições da falsamente chamada ciência,
A qual professando-a alguns, se desviaram da fé. A graça seja contigo. Amém".

É importante notar que, a partir de várias sugestões nesta epístola, parece que a deserção da fé que deveria caracterizar os últimos dias já havia se instaurado. São Paulo alerta Timóteo contra "falsos mestres", com suas "fábulas e infinitas genealogias", "- contra aqueles que, com respeito à fé, haviam naufragado"; contra outros "que adoravam perguntas e discussões de palavras - homens de mentes corruptas e destituídos da verdade". Esses "lobos em pele de cordeiro" já devoravam o rebanho. Colocar a apostasia, portanto, em uma era pós-apostólica é ignorar o ensino óbvio da epístola. Era um mal presente e não distante que o apóstolo depreciava: a praga começara no acampamento.

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA SEGUNDA EPÍSTOLA A TIMÓTEO

As epístolas pastorais a Timóteo não contêm muitas referência a Parousia, pois lidam com os problemas que Timóteo enfrentava em outras áreas bíblicas. Quando Parousia é mencionada, no entanto, está em harmonia com outras porções das Escrituras. O contexto histórico da segunda epístola de Paulo a Timóteo é diferente daquele da primeira epístola. Paulo está na prisão (2 Tim. 1:16–17; 2:

9; 4:16–17). Este não é o aprisionamento romano narrado no últimos capítulos de Atos. Naquela prisão, Marcos e Timóteo estavam com Paulo. Neste aprisionamento, somente Lucas está com Paulo, enquanto Marcos e Timóteo não estão (4:11). O consenso geral é que após ficar preso pela primeira vez em Roma (cf. Atos 28:16,30- 31) Paulo foi solto e foi permitido que viajasse por vários anos antes de ser preso novamente. Foi durante a segunda vez que ficou preso que Paulo escreveu esta epístola de Roma (cf. 1:16-17), quando era prisioneiro ali e corria risco de vida. As seguintes palavras deixam isso claro: "Porque eu já estou sendo oferecido por aspersão de sacrifício, e o tempo da minha partida está próximo" (2 Timóteo. 4.6). Esta epístola foi a última das epístolas de Paulo a ser escrita cerca de 63 d.C.

"AQUELE DIA", O DIA DO SENHOR

2 Timóteo 1:12: "estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia".

2 Timóteo 1:18: "O Senhor lhe conceda que naquele dia ache misericórdia diante do Senhor. E, quanto me ajudou em Éfeso, melhor o sabes tu".

2 Timóteo 4:8 :"Desde agora, a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, justo juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amarem a sua vinda".

A alusão em todas essas passagens é ao "dia do Senhor"; o dia por excelência; o dia do seu aparecimento; a Parousia.

Todo o teor dessas passagens indica que São Paulo considerava "aquele dia" como agora muito próximo. Antecipando isso, ele irrompe em uma explosão de exultação triunfante, como se estivesse prestes a receber a coroa da vitória: - Lutei contra a boa luta; Eu terminei meu curso; Eu tenho mantido a fé. Doravante, me é

estendida a coroa da justiça, que o Senhor, o justo Juiz, me dará naquele dia; e não apenas para mim, mas para todos os que amam sua vinda. Como é evidente que todos esses eventos - sua própria partida, sua coroa "naquele dia" e a aparição do Senhor - estão previstos como próximos! Vamos dizer que suas antecipações eram otimistas demais? Que o dia ainda não chegou? Que sua coroa ainda está "arrumada"? que Onesíforo ainda não encontrou misericórdia? A suposição é incrível.

A HERESIA DE HIMENEU E FILETO

2 Timóteo 2:17-18: "E a palavra desses roerá como gangrena; entre os quais são Himeneu e Fileto;
Os quais se desviaram da verdade, dizendo que a ressurreição era já feita, e perverteram a fé de alguns".

A passagem diante de nós, pode exigir alguma atenção; pois pode ser usado por muitos como uma refutação completa da interpretação preterista da segunda vinda de nosso Senhor. Mas, não é fatal para nossa interpretação exigir que a ressurreição esteja no passado e não no futuro como fizeram Himeneu e Fileto? A objeção, no entanto, é mais aparente do que real.

Observaremos que eles estavam errado em duas coisas: a natureza da ressurreição e o tempo da ressurreição.

São Paulo condenaria Himeneu e Fileto de maneira tão severa (1 Tm. 1:19-20, 2 Tm. 2:16-18) se o seu único erro fosse o momento da ressurreição? Os "irmãos" de Corinto foram rotulados como "tolos" por aceitar a visão grega da "imortalidade da alma" e dos desencarnados depois vida sem necessidade de ressurreição, mas eles não foram condenados como hereges por isso. Os tessalonicenses ficaram confusos sobre o momento do "dia do Senhor" (2 Ts. 2:1-2) dizendo que já havia chegado, mas não foram condenados como

hereges por isso. Se Himeneu e Fileto eram culpados de confusão sobre o tempo da ressurreição, São Paulo certamente o teria corrigido, como ele fez com os tessalonicenses (2 Ts. 2), mas ele não os teriam condenado tão fortemente. Parece portanto, que Himeneu e Fileto eram culpados de algo muito mais sério, provavelmente em relação à natureza da ressurreição, e não apenas o momento.

Alguns sugeriram que Himeneu e Fileto poderiam estar cientes dos "muitos santos" que ressuscitaram na época da ressurreição de Jesus e apareceram a muitos em Jerusalém (Mateus 27:52), e que talvez essa era a "ressurreição que já era passada". Mas, uma vez que essa ideia tem substância histórica e bíblica, parece impróprio que São Paulo tivesse reagido tão fortemente contra eles como ele faz aqui. Ele teria meramente corrigido a aplicação incorreta temporal da ressurreição sem condená-lo por subverter a fé. Algo mais sério parece estar envolvido aqui.

A opinião geral é que Himeneu e Fileto tinha um conceito "apenas espiritual" (não físico e não corporal) da ressurreição, isso justifica o porquê eles foram capazes de acreditar que já era passado. Mc-Clintock observa que:

"A opinião mais geral, e talvez mais bem fundamentada, é que eles entenderam a ressurreição em sentido figurado da grande mudança produzida pela dispensação do Evangelho... Agora, como se descobriu que a doutrina da ressurreição do corpo envolvia imensas dificuldades mesmo naqueles primeiros dias (Atos 17:32; 1 Cor. 15:35), enquanto, por outro lado, havia uma predisposição tão grande na filosofia então atual (nem mesmo extinta agora) para ampliar a excelência da alma acima da de seu tabernáculo terrestre, era ao mesmo tempo o curso mais fácil e mais atraente para insistir e argumentar a partir da força daquelas passagens da Sagrada Escritura que aumentam sobre as glórias da vida espiritual que agora é, sob Cristo, e deixar passar ou explicar alegoricamente tudo o que se refere a um estado futuro em conexão com a ressurreição do corpo". (Mc-Clintock e Strong, art. Himeneus)

Epifânio de Salamina (320 a 403 d.C.) foi um bispo de Salamina, Chipre. Ele ganhou uma reputação como um forte defensor da ortodoxia. Ele é mais conhecido por compor o chamado Panarion, um compêndio muito grande das heresias até o seu próprio tempo, cheio de citações que muitas vezes são os únicos fragmentos sobreviventes desses textos. Ele também foi um crítico inicial contra os usos contemporâneos da iconografia na Igreja. Em Panarion, Epifânio fornece algumas informações úteis sobre como a Igreja primitiva via a heresia de Himeneu como uma forma de gnosticismo docético. A seita Docética abraçou a pseudo-espiritualidade, negando qualquer coisa boa no mundo material e sustentava que Cristo teve um nascimento, morte e ressurreição apenas na aparência, e não real. Não podemos repetir os elementos desse erro gnóstico docético - pelo menos da maneira como Epifânio registrou os pontos do Himeneanismo [que é uma referência a Himeneu 2 Timóteo 2:16-17]:

"E novamente, para sugerir que haverá uma ressurreição dos mortos, o Filho de Deus disse: "Destrua este templo, e em três dias eu o levantarei". Mas por "templo" Ele quis dizer Seu próprio corpo, que seria "destruído" pelas mãos dos homens - isto é, morto. Mas algo que não era um corpo, mas uma aparição - como dizem essas pessoas - não poderia ter caído nas mãos de alguém e ter ressuscitado no terceiro dia, como prometera. Por tal provisão está claramente provado que a ressurreição dos mortos é inegável, e a alma não precisa de um discurso de defesa para dar diante de cada autoridade - isso também é uma invenção deles, como já dissemos -, mas precisa do ato de bondade do Senhor, sustentado por obras e fé. Assim diz São Paulo, escrevendo a Timóteo com estas palavras: "Para que saibas como deves te comportar na casa do Senhor, a qual é a igreja do Deus vivo, a coluna e a base da verdade, que os que desertaram tornaram-se fábulas e palavras de insensatez, não entendendo nem o que dizem nem o que afirmam, dos quais são Figelo e Hermógenes". Em sua segunda epístola, além disso, ele diz que Himeneu e Fileto se enganaram sobre a verdade. Eles eram

seguidores dessa seita, proclamando outro deus e genealogias sem fim, implantando novos erros nos homens, dizendo que o mundo não foi feito por Deus, mas pelos principados e autoridades, e que a ressurreição já ocorreu nas crianças que são geradas por Deus em cada um de seus pais, mas que não haverá ressurreição dos mortos. E veja o caráter da verdade, irmãos, e a refutação de sua desordem!". (Epiphanius of Salamis, Panarion 8,1-6)

Observe os seguintes pontos no resumo da Epifânio:

1. Jesus foi corporalmente ressuscitado dentre os mortos. Embora este fosse Seu corpo glorificado, Ele não era um fantasma ou uma aparição.

2. Da mesma forma, a futura ressurreição corporal dos mortos é inegável (1 Coríntios 15:12-58).

3. Os proto-gnósticos, como Figelo e Hermógenes, aparentemente ensinaram que as almas dos que partiram precisam ascender através de uma série de Aeons, dando uma defesa de suas obras e fé diante de cada autoridade. Os seguidores dessa seita se afastaram da Igreja como hereges. Eles se afastaram do verdadeiro Evangelho que ensina que as almas dos mortos precisam apenas da obra consumada da graça, que foi "sustentada por" (ou confirmada por) suas boas obras e fé (Tiago 2:14-26).

4. Himeneu e Fileto também faziam parte dessa seita proto-gnóstica. Eles ensinaram "genealogias sem fim" (1 Timóteo 1:4) significando essa corrente de autoridade composta de "deuses menores", ou Éons, que ascendem no reino espiritual.

5. Como os gnósticos posteriores, Himeneu e Fileto proclamaram outro deus que era o Pai de muitos deuses menores, e que o próprio mundo sendo uma matéria má não foi criado por Deus, mas sim por esses principados e autoridades.

6. Himeneu e Fileto ensinaram que a ressurreição dos mortos era um evento passado e que os filhos nascidos de pais crentes receberam esta ressurreição espiritual. Portanto, não haverá futura ressurreição corporal dos mortos.

Podemos concluir que o erro fundamental que São Paulo condenou foi o conceito de ressurreição de Himeneu e Fileto e como eles a estavam usando para subverter a fé de muitos de Éfeso, e não apenas o momento da ressurreição. O erro de tempo surgiu do erro conceitual. Se isso for verdade, esse texto não poderá ser usado contra nossa interpretação, a menos que um de nós compartilhemos o mesmo conceito de "ressurreição" daqueles apóstatas. A fé que foi pervertida foi sem dúvida a fé em uma ressurreição corporal na vida futura. Isso nossa interpretação não interfere, mas sustenta com todas as forças de acordo com os ensinamentos claros e incontestáveis das Escrituras Sagradas.

A repreensão de São Paulo mostra que nenhuma ressurreição dos justos ocorreu antes dele escrever esta epístola. Este versículo também confirma que a ressurreição de santos de seus túmulos, discutida em Mateus 27:52-53, foi apenas uma ressuscitação temporária e não deve ser considerada uma ressurreição dos santos. Além disso, usando o raciocínio abdutivo, o falso ensino de Himeneu e Fileto revela algumas percepções importantes sobre a ressurreição:

1. Para os primeiros cristãos acreditarem falsamente que a ressurreição, já ocorreu, eles devem ter acreditado que a ressurreição não seria visível para eles e, portanto, não estaria sujeito a confirmação por qualquer evidência física e ou histórica.

2. Os primeiros cristãos devem ter acreditado que a vida na terra não sofreria nenhuma mudança material e perceptível após a Parousia.

3. Se o ensino apostólico fosse a instrução de que a ressurreição dos mortos não ocorreria até séculos e séculos no futuro se passase, então este ensino de Himeneu e Fileto não teria ganhado força. A força do falso ensino de Himeneu e Fileto residia no fato de que no ensino apostólico, a Parousia e a ressurreição dos mortos ocorreriam em breve, ainda naquela geração.

A APOSTASIA DOS ÚLTIMOS DIAS É IMINENTE

2 Timóteo 3:1-8: "Sabe, porém, isto: que nos últimos dias sobrevirão tempos trabalhosos.

Porque haverá homens amantes de si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a pais e mães, ingratos, profanos,

Sem afeto natural, irreconciliáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, sem amor para com os bons,

Traidores, obstinados, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus,

Tendo aparência de piedade, mas negando a eficácia dela. Destes afasta-te.

Porque deste número são os que se introduzem pelas casas, e levam cativas mulheres néscias carregadas de pecados, levadas de várias concupiscências;

Que aprendem sempre, e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade.

E, como Janes e Jambres resistiram a Moisés, assim também estes resistem à verdade, sendo homens corruptos de entendimento e réprobos quanto à fé".

Evidentemente, "os últimos dias" desta passagem são idênticos aos "últimos tempos" de 1 Tim. 4:1 Isso é tão óbvio que você não precisa de nenhuma prova. A tentativa de distinguir entre os "últimos" tempos de uma passagem e a outra, que Bengel parece sancionar, é, portanto, inútil. Não é necessário acrescentar que "os últimos dias"

foram os dias do próprio apóstolo, o tempo então presente. Ele está falando, não de um futuro distante, mas de um tempo que já havia começado; porque é claro que ele traça a imagem dos personagens descritos da vida. As indicações da apostasia vinda já eram evidentes. "Estes são os", etc. Timóteo deve se encontrar contemporâneo naqueles tempos, e com aqueles homens ímpios do qual ele é exortado a se afastar. A seguinte nota de Conybeare e Howson é muito próxima da verdade, embora não alcance a verdade total:

"Esta frase (escataiv hmeraiv , usada sem o artigo, como tendo se tornado uma expressão familiar) geralmente denota o término da dispensação mosaica. (Ver Atos 2:17 , 1 Pe. 1:5, 20, Hb. 1:2) Assim, a expressão geralmente denota (na era apostólica) o tempo presente; mas aqui aponta para um futuro imediatamente à mão, que é, no entanto, misturado com o presente (ver versos 6, 8), e foi de fato o fim da era apostólica. (Compare 1 João 2:18, "É a última hora".) A longa duração deste último período do desenvolvimento do mundo não foi revelado aos apóstolos: eles esperavam que o retorno de seu Senhor ocorresse, em sua própria geração; e assim Suas palavras foram cumpridas, para que ninguém preveja o tempo de Sua vinda".[214]

Essa explicação final é o que ninguém que acredita que os apóstolos falaram e escreveram pelo poder do Espírito Santo pode admitir; e, apesar da opinião quase unânime de seus críticos de que eles certamente estavam enganados, defendemos os apóstolos e não os críticos.

O comentário de Alford sobre essa passagem é dolorosamente auto contraditório e mostra a que turnos os homens instruídos são reduzidos, a fim de economizar o crédito dos apóstolos quando eles não conseguem acreditar em suas declarações claras. Ele diz:

[214] Vida e Epístolas de São Paulo, in loc.

"O apóstolo, na maior parte das vezes, escreveu e falou sobre isso (a vinda do Senhor) como o mais próximo possível, mas sem muitas e suficientes sugestões, fornecidas pelo Espírito, de um intervalo, que não era curto, a decorrer primeiro".[215]

Mas como poderia um evento "acontecer em breve" e ainda assim um longo período de tempo estava a decorrer? Ou devemos supor que o Espírito Santo ensinou uma coisa enquanto os apóstolos escreviam e falavam outra? Se eles disseram o que fizeram respeitando a proximidade da Parousia quando realmente não tinham conhecimento nem revelação sobre o assunto, excederam claramente sua comissão e comprometeram o que a Palavra de Deus pronuncia sobre os pecados mais presunçosos - acrescentando aos oráculos da profecia que eles foram comissionados para transmitir. Rejeitamos a explicação in toto. Não é apenas uma interpretação não natural, mas totalmente inconsistente com qualquer teoria de inspiração da palavra de Deus.

A passagem diante de nós é mais importante do que delinear o caráter da "apostasia". A temida aparição já havia começado a se revelar, e o apóstolo evidentemente a descreve a partir de observação real. Figelo e Hermógenes, que abandonaram o apóstolo; Himeneu e Fileto, com sua tagarelice profana e vaidosa; os enganadores bajuladores, que faziam prosélitos de mulheres de mente fraca; os homens de mentes corruptas, reprovam a fé, que resistiram à verdade; estas eram a vanguarda do exército de gafanhotos e apóstatas que estava chegando para espalhar e devastar a face justa do início do cristianismo. A aparência deles indicava que "os últimos tempos" haviam chegado e que a Parousia estava à mão. Podemos, a princípio, supor que o hediondo catálogo de réprobos contido nos versículos iniciais do capítulo 3 descreve a corrupção geral da sociedade fora da igreja cristã, mas é evidente que o apóstolo está

[215] Testamento grego, in loc.

fazendo alusão a homens que professaram a fé em Cristo. Eles tinham "uma forma de piedade"; eles haviam "destruído a fé", eles eram realmente "apóstatas".

O fato de que esse "afastamento" da verdade já se manifestou é evidente pelas exortações e advertências reiteradas que o apóstolo dirige a Timóteo. Por que ele deveria falar com tanta seriedade se o mal não aparecesse por vinte ou quarenta séculos? É absurdo dizer que São Paulo estava escrevendo para o benefício das eras futuras. Ele era verdadeiramente um homem que vive em sua próprio tempo e escreve para um homem de seu próprio tempo sobre assuntos de interesse atual e pessoal para ambos, como qualquer um de nós que agora despeja nossos pensamentos em uma carta a um amigo ausente. Existe uma irrealidade absoluta em qualquer outra visão das epístolas apostólicas. É impossível lê-los sem sentir as batidas do coração que batem em todas as linhas; Tudo é vívido, intenso, vivo. Não é um perigo distante, visto através da névoa de séculos, mas instantâneo e urgente: o inimigo estava no portão e o guerreiro veterano, prestes a afundar no campo de conflito, aplaudindo o jovem soldado pela fidelidade e resistência até o fim.

ANTECIPAÇÕES DO FIM QUE SE APROXIMA

2 Timóteo 4:1,2: "Conjuro-te, pois, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino,

Que pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina".

Encontramos associados nesta passagem como eventos contemporâneos a Parousia, o julgamento e o reino de Cristo. Todos estão conectados e relacionados em sua natureza e no tempo de sua ocorrência. Encontramos a mesma colocação de eventos em Matt. 25:31, "Quando o Filho do homem vier em sua glória, ele se

assentará no trono de sua glória, e diante dele reunirão todas as nações" etc.

A proximidade dessa consumação é claramente afirmada. Não é, como em nossa Versão Autorizada, "que deve julgar", mas "que está prestes a julgar" [tou mellontov krinein]. Uma afirmação como essa pode ser suficiente para resolver a questão, tanto quanto ao fato quanto à crença do apóstolo, de que o tempo da Parousia estava próximo. Mas, em vez de uma única afirmação, temos o teor constante e uniforme de toda a doutrina do Novo Testamento sobre o assunto. Aqueles que dizem que os apóstolos estavam errados nesse ponto devem ter "uma faculdade verificadora" para distinguir entre suas frases inspiradas e não inspiradas. Se São Paulo foi inspirado a escrever krinein, ele não foi igualmente inspirado a escrever mellontov ?

Essa iminência da Parousia explica o fervor com que o apóstolo exorta Timóteo a envidar todos os esforços no cumprimento dos deveres de seu ofício: "Pregue a palavra; seja instantâneo na estação, fora de estação; repreenda, repreenda, exorte com toda a longanimidade e doutrina". Essas injunções às vezes são empregadas para estabelecer a intensidade e a urgência normais com as quais a função pastoral deve ser cumprida (e não condenamos o pedido); mas é claro que São Paulo não está falando de tempos e esforços comuns. É a agonia de uma tremenda crise; o tempo é curto; é agora, ou nunca; vitória ou morte. Essas não são as frases comuns sobre o diligente cumprimento do dever, mas o alarme do sentinela que vê o inimigo nos portões e toca a trombeta para avisar a cidade.

A PROMESSA DE SER LEVADO EM SEGURANÇA AO REINO CELESTIAL

2 Timóteo 4:18: "E o Senhor me livrará de toda a má obra, e guardar-me-á para o seu reino celestial".

Após a exortação a Timóteo e sua avaliação de alguns que não partilhavam de sua devoção a Deus, Paulo afirmou com convicção que, se ele permanecesse vivo até a Parousia ou morresse antes da Parousia, ele apareceria no trono do julgamento de Cristo, e que no tribunal de Cristo, na Parousia, as recompensas para todos os santos, mortos e vivos, seriam dadas de acordo com o que eles haviam feito no corpo, e os santos entrariam completamente no reino celestial, participando com corpos glorificados, transformados, ressuscitados, espirituais, celestiais na presença imediata do Senhor Jesus.

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA EPÍSTOLA A TITO

A epístola de São Paulo a Tito ocupa-se principalmente com conselhos e exortações pastorais, desde que este discípulo era um dos companheiros de trabalho do apóstolo. Provavelmente foi escrito na primavera ou no início do verão de 63 dC, pouco depois de Paulo ter deixado Tito em Creta. Parece ter sido escrito antes ou quase ao mesmo tempo que a carta de 1 Timóteo. As epístolas pastorais nos dão as últimas convicções do apóstolo sobre o assunto da Parousia. Podemos não encontrar nessas cartas declarações tão claras e definidas como em algumas das epístolas anteriores, mas não temos a liberdade de concluir que o interesse do apóstolo no assunto é diminuído, muito menos que ele tenha alterado suas expectativas, ou mesmo resolver algo além do que a doutrina é, a essa altura, tão bem compreendida por seus correspondentes que não requer que nada "seja escrito em explicação ou defesa".

A ATITUDE DOS CRISTÃOS PRIMITIVOS NO "PRESENTE SÉCULO" OU AEON

Tito 2:12: "Ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, e justa, e piamente".

Este versículo temos uma frase dignas de nota: a "presente era" (não "mundo"), pelo qual ele quer dizer, como em Gálatas, "presente era do mal", sobre a qual Satanás é deus. A antítese do apóstolo não é, como diz o bispo Lightfoot, entre "este mundo transitório e o outro mundo da eternidade". O mundo eterno não pode muito bem ser chamado de "a era vindoura" ou, como em Hebreus 6.5, "a era por vir" - embora dois dos Padres Apostólicos o entendam nesse sentido. Se o Bispo estivesse certo, deveríamos concluir que a missão de Cristo é salvar os cristãos deste mundo para a eternidade e deixar este mundo atual sob o domínio de Satanás, como era nos tempos apostólicos. O contraste reside, antes, entre a era sem Deus e a idólatra, que seguiu seu curso, e a era cristã que se seguiu, na qual o nome Divino seria novamente restabelecido em sua justa autoridade. Isso era entendido em Israel como uma das funções do Messias, "o Pai da era futura", e é constantemente referido no Novo Testamento como o presente do Evangelho à raça humana - a promessa da vida que agora é tão bom quanto a vida futura.

ANTECIPAÇÃO DA PAROUSIA

Tito 2:13: "Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo".

Mais uma vez, encontramos aqui o que há muito reconhecemos, a atitude habitual dos cristãos da era apostólica, a expectativa da vinda

do Senhor.[216] Ele é inculcado como um dos principais deveres cristãos, e tem uma vida sóbria, justa e piedosa. Isso implica que o evento foi considerado próximo, pois como um motivo poderoso de vigilância pode ser derivada de uma contingência remota e desconhecida no futuro distante? Ou como poderia ser o dever dos cristãos "procurar" o que não aconteceria por centenas e milhares de anos? O apóstolo evidentemente considera o presente aeon, ton nun aiwna, aproximando-se do fim, e exorta os cristãos a viverem na atitude de expectativa da Parousia, que deveria introduzir a nova ordem, "o aiwn mellwn".[217]

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA EPÍSTOLA AOS HEBREUS

Não se enquadra no escopo desta investigação discutir a questão da autoria da Epístola aos Hebreus.[218] Mesmo que não provenha da mesma caneta que escreveu a Epístola aos Romanos, e poucos familiarizados com o estilo de São Paulo afirmarão que sim, mas seu espírito e ensino são essencialmente paulinos, e podemos considerar justamente como um dos mais preciosos legados da era apostólica. Seu valor como chave do significado da economia levítica e como

---

[216] O que devemos notar aqui é decididamente a forma pessoal em que o apóstolo descreve a Parousia. É impossível não notar em cada intimação do Advento uma aparência estritamente visível da pessoa do Salvador. Ele deveria voltar em glória com Seus anjos. Sua vinda seria visível e pessoal, o que excluiria a interpretação que a considera providencial ou espiritual. A visibilidade da Parousia é sustentada pelo ensino uniforme dos apóstolos e pela crença dos primeiros cristãos: "Todo olho o verá". (Ap. 1:7), Mas o Cristo visível e pessoal é o prêmio peculiar daqueles que passaram dentro do véu.

[217] Em suma, essa epifania inicia a era do evangelho como uma dispensação mundial, exaltando a glória de Deus como o único soberano, e a glória de Cristo como o único Salvador do mundo.

[218] Quanto à data desta epístola, é comumente suposto ter sido escrita no final de 62 dC ou no início de 63 dC, na época em que Paulo foi libertado de sua primeira prisão em Roma.

contribuição à doutrina e à vida cristãs é inestimável; e se atribuímos sua autoria a Barnabé ou Apolo, ou a qualquer outro colaborador de São Paulo, podemos aceitá-lo sem hesitar "não como a palavra do homem, mas, como é na verdade, a palavra de Deus".

Agora entramos ainda mais profundamente na sombra escura da apostasia prevista. Foi para combater esse formidável antagonista do Evangelho que essa epístola foi escrita; e o caráter judaico do movimento anticristão é aparente a partir da linha de argumentação que o autor adota. Nos encontramos de uma só vez nos últimos dias.

OS ÚLTIMOS DIAS JÁ CHEGARAM

Hebreus 1:1: "Havendo Deus antigamente falado muitas vezes, e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos nestes últimos dias pelo Filho".

A frase "nestes últimos dias" ou "nestes últimos dias" mostra que o escritor considerou o tempo da encarnação e do ministério de Cristo como o período final de uma dispensação ou Aeon. Encontramos uma expressão um pouco semelhante em Hb. 9:26: "Agora, na consumação dos séculos", em que a referência é à encarnação e ao sacrifício expiatório de Cristo. Um Aeon antigo, chamado Mosaico, Judaica ou Antigo Testamento, estava terminando agora; muitas coisas que pareciam imutáveis e eternas estavam prestes a desaparecer; e "o fim do século" ou "os últimos tempos" chegaram.[219]

[219] O escritor desta epístola de Hebreus está, portanto, dizendo os últimos dias da antiga aliança estava sobre eles. O Messias foi referido como o que virá. Ele era esperado nos últimos dias do Aeon da lei, ou, mais precisamente, sua vinda ao seu povo seria um sinal de que os últimos dias da era da lei estava sobre eles. Os profetas do Antigo Testamento profetizaram sobre um tempo vindouro, chamado de últimos dias, quando não apenas o Messias viria, mas também, e mais importante, por meio do Messias uma nova aliança seria estabelecida. A vinda do Messias Jesus ao mundo, pregando aos judeus dizendo que o reino de Deus estava próximo, sinalizou o fato de que os

AS ERAS, IDADES OU PERÍODOS MUNDIAIS

Hebreus 1:2: "A quem constituiu herdeiro de tudo, por quem fez também o mundo" [aeons].

Muita confusão surgiu do uso indiscriminado da palavra "mundo" como uma tradução das diferentes palavras gregas aion, kosmos, oikoumene e ge. O leitor desaprendido que encontra a frase "o fim do mundo" pensa inevitavelmente na destruição do mundo material, enquanto que se ele lesse "fim dos tempos", ele naturalmente pensará na conclusão de um certo período de tempo do mundo, que é seu significado correto. Já tivemos ocasião de observar que o aeon é corretamente uma designação de tempo, idade ou era; e é duvidoso que tenha algum outro significado no Novo Testamento. Seu equivalente em latim é aevum, que na verdade é a palavra grega aeon em roupas latinas. A palavra correta para a terra, ou mundo, é kosmos, que é usada para designar o mundo material e moral; oikoumene é corretamente o mundo habitado, "o habitável", e no Novo Testamento é frequentemente referido ao Império Romano, às vezes tão pequeno quanto a Palestina. Ge, embora às vezes signifique a terra de maneira geral, nos Evangelhos ela se refere mais frequentemente à terra de Israel. Uma compreensão correta dessas palavras lança muita luz sobre muitas passagens.

É certo que, na época de nosso Salvador, os judeus estavam acostumados a dividir o tempo em dois grandes períodos ou eras, a era atual [o nun aiwn, o aiwn outov] e a era vindoura [oo aiwn mellwn]. A era vindoura era do Messias, ou "o reino de Deus". A mesma divisão é reconhecida no Novo Testamento, e já vimos que, de acordo com o ponto de vista do escritor da epístola, o fim da era atual estava se aproximando. (Veja o comentário de Suart sobre

---

últimos dias da economia judaica estava sobre eles, que agora havia chegado o tempo em que as palavras dos profetas estavam sendo realizadas.

Hebreus in loc., o Testamento Grego de Alford, o Léxico de Wahl, v. Aion). [220]

"Pode-se dizer, no entanto, que, embora a palavra signifique primariamente uma época, ainda assim, nesse sentido, o sentido da passagem exige obviamente que traduzamos mundos aiwnav. Deve-se reconhecer que parece rude para nossos ouvidos dizer: "Deus fez as eras por Jesus Cristo" e muito simples e natural dizer: "Ele fez o mundo"; contudo, quando consideramos que o autor dessa epístola havia nenhuma concepção de mundos no sentido em que usamos agora essa expressão, talvez ela possa modificar nossa opinião. Estamos muito aptos a creditar ao autor nossas ideias astronômicas, e suponhamos que ele esteja se referindo ao sol, à lua e às estrelas como tantos mundos. Mas não temos motivos para acreditar que ele tenha essa noção. Os corpos celestes eram para ele luzes, mas não mundos. Com as eras, no entanto, o autor dessa epístola, como um homem de letras, deve ter sido perfeitamente familiar. O que, então, ele quis dizer com Deus fazendo os aeons? Essas foram as grandes eras, ou épocas do tempo, que a Suprema Sabedoria havia ordenado e organizado; períodos mundiais, como podemos chamá-los, que constituíam atos no grande drama da Providência. Parece haver uma alusão a essa ordem das idades, ou períodos do mundo, em Atos 17:26: "Tendo determinado os tempos antes de nomeados" [orisav prostetagmenouv kairouv]; como também em Ef. 1:10: "A dispensação da plenitude dos tempos". É fortemente a favor dessa visão que é substancialmente a que é adotada pelos Pais Gregos".[221]

---

[220] O escritor se refere às "idades" que se passaram desde a criação do mundo (9:26). Haviam muitas idades através da história bíblica desde a fundação do mundo - muitos períodos caracterizados por várias obras de Deus. Em todas essas eras passadas, Deus estava desenvolvendo seu programa para o mundo; preparando o palco para a vinda do Messias e sua obra expiatória da nova aliança. A era da economia Mosaica do Sacerdócio Aarônico e sacrifícios de animais e templo terrestre tiveram seu valor preparatório único, enquanto apontava para a realidade ou "substância" que ela prenunciava.

[221] O ilustre filósofo John Locke, cujo poderoso senso comum é tão grande em teologia quanto em filosofia, tem as seguintes observações sobre um aliado: -

O MUNDO VINDOURO OU A NOVA ORDEM

Hebreus 2:5: "Porque não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos".

Esta passagem esclarece ainda mais o assunto. Aqui temos um dos aeons - o mundo vindouro - isto é, não um mundo material, mas um sistema ou ordem de coisas análoga à dispensação mosaica.[222] Há uma clara comparação ou contraste entre a economia mosaica e a nova economia ou a economia cristã (Era Cristã). O primeiro foi colocado sob a administração de anjos; era "a palavra falada pelos anjos"; "pela disposição dos anjos" (Atos 7:53); foi "ordenado por anjos nas mãos de um mediador" (Gálatas 3:19). Mas o novo aeon, o reino dos céus, foi administrado por alguém maior que os anjos, o próprio Filho de Deus; uma prova da superioridade da dispensação cristã sobre a dispensação judaica.[223]

"Pode valer a pena considerar se o que existe não tem normalmente uma significação mais natural no Novo Testamento, permanecendo por um período considerável de tempo, passando por uma dispensação notável. - Notas sobre 1 Co. 10:11. Novamente: "tudo pode ser observado no Novo Testamento para significar o estado duradouro e a constituição das coisas nas grandes tribos ou coleções de homens, consideradas em referência ao reino de Deus: das quais havia duas mais eminentes e principalmente pretendidas, se Não confundo, pela palavra aiwuev, quando isso é usado sozinho, e isto é o que é hoje, este mundo presente, que é levado para o estado do mundo em que os filhos de Israel eram Seu povo e constituíram Seu reino na terra; os gentios, isto é, todas as outras nações do mundo, estando em um estado de apostasia e revolta contra Ele, e aiwn mellwn, no mundo por vir, isto é, o tempo do Evangelho, onde Deus, por Cristo, quebrou a parede divisória entre judeus e gentios, e abriu um caminho para reconciliar o resto da humanidade e tomando o gentios novamente em Seu reino sob Jesus Cristo, sob cujo governo Ele o colocou".- Notas sobre Ef. 2:2.

[222] Alford, Greek Testament, in loc.

[223] Para o entendimento judaico, a economia mosaica foi introduzida por anjos do céu no Sinai. Quando os judeus olharam para o chamado líder da nova "seita" cristã, tudo o que puderam ver foi um homem, Jesus, fraco e crucificado. Quem era ele, alegando trazer um novo tipo de religião, em comparação com os anjos celestiais com sua comissão divina? Certamente,

Certamente é algo único que encontramos a palavra oikoumene aqui, onde deveríamos ter esperado encontrar aion. Se fosse oikonomian, como em Ef. 1:10, estaria mais de acordo com nossas idéias de verdadeiro significado; mas não há justificativa para supor que uma palavra tenha sido substituída pela outra.[224] Que a alusão é ao sistema ou ordem das coisas inauguradas por Cristo, não há dúvida, e a frase é equivalente ao "reino dos céus". Pode-se acrescentar que se diz estar "chegando", mellousa, uma palavra que implica proximidade, como "a ira vindoura", "a glória vindoura", "a era vindoura".

O FIM, OU SEJA, DA ERA OU AEON

Hebreus 3:6: "Mas Cristo, como Filho, sobre a sua própria casa; a qual casa somos nós, se tão somente conservarmos firme a confiança e a glória da esperança até ao fim".

Hebreus 3:14: "Porque nos tornamos participantes de Cristo, se retivermos firmemente o princípio da nossa confiança até ao fim".

---

eles raciocinaram, a economia mosaica era superior a qualquer coisa que os cristãos pudessem reivindicar foi apresentada pelo homem Jesus. A humanidade sofredora de Jesus foi uma pedra de tropeço para os judeus considerá-lo o Messias. Em Hebreus 1 o escritor mostrou pela Escritura que o Filho de Deus, o Senhor Jesus, é superior aos anjos quanto à sua pessoa. O tema da seção, Hb 2: 5-18, é que foi a própria humanidade de Jesus que o qualificou para realizar uma obra que nenhum anjo poderia realizar - a salvação da humanidade pecadora. Ele se tornou por um pouco menos do que os anjos, em sua vida na terra, a fim de se tornar o Salvador perfeito por meio dos sofrimentos, após os quais ele foi coroado, mais alto do que os anjos, com glória e honra eterna.

[224] A verdadeira explicação do uso de oijkoumenh aqui parece ser a seguinte: - A dispensação judaica teve seu oijkoumenh - sua terra de Canaã, o descanso prometido, com seu monte Sião, sua Jerusalém e seu templo; assim, o próprio amanhecer também teve seu oijkoumenh - o repouso de Deus, a Jerusalém celestial, o reino que não pode ser movido. Nesta visão, oijkoumenh é mais "terra" do que "mundo".

Hebreus 6:11: "Mas desejamos que cada um de vós mostre o mesmo cuidado até ao fim, para completa certeza da esperança".

Já tivemos ocasião de comentar sobre a frase significativa "o fim", como é usada no Novo Testamento.[225] Não significa para o final ou para o fim da vida; mas até o fim do aeon. Alford observa corretamente:

"O fim pensado não é a morte de cada indivíduo, mas a vinda do Senhor, que é constantemente chamada por esse termo".[226]

A PROMESSA DO REPOUSO DE DEUS

Hebreus 4:1-11: "Temamos, pois, que, porventura, deixada a promessa de entrar no seu repouso, pareça que algum de vós fica para trás.

Porque também a nós foram pregadas as boas novas, como a eles, mas a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé naqueles que a ouviram.

Porque nós, os que temos crido, entramos no repouso, tal como disse:Assim jurei na minha ira Que não entrarão no meu repouso; embora as suas obras estivessem acabadas desde a fundação do mundo.

Porque em certo lugar disse assim do dia sétimo: E repousou Deus de todas as suas obras no sétimo dia.

E outra vez neste lugar: Não entrarão no meu repouso.

Visto, pois, que resta que alguns entrem nele, e que aqueles a quem

[225] É evidente, a partir de um estudo das exortações aos hebreus, que o escritor da epístola estava advertindo e encorajando homens que ele acreditava que, enquanto vivessem, veriam esse "fim" do qual ele fala e que ele conectasse esse "fim" com a vinda do Senhor Jesus Cristo.

[226] Testamento Grego, Hb. 3:14 .

primeiro foram pregadas as boas novas não entraram por causa da desobediência,

Determina outra vez um certo dia, Hoje, dizendo por Davi, muito tempo depois, como está dito: Hoje, se ouvirdes a sua voz, Não endureçais os vossos corações.

Porque, se Josué lhes houvesse dado repouso, não falaria depois disso de outro dia.

Portanto, resta ainda um repouso para o povo de Deus.

Porque aquele que entrou no seu repouso, ele próprio repousou de suas obras, como Deus das suas.

Procuremos, pois, entrar naquele repouso, para que ninguém caia no mesmo exemplo de desobediência".

Esta é uma passagem extremamente importante e interessante, não sem suas obscuridades e dificuldades, que ocasionaram muita diversidade de interpretação. Alguns encontraram nele um argumento pela perpetuidade do Quarto Mandamento, e a observância do primeiro dia da semana como o sábado cristão. Outros interpretaram todo o argumento em um sentido ético e subjetivo, como se o escritor exortasse à obtenção de um certo estado de espírito chamado resto da fé : um cessar da dúvida e da auto-dependência e obter um repouso perfeito da mente por plena confiança em Deus. Tais interpretações, no entanto, perdem completamente o objetivo da argumentação e são glórias engenhosas do que deduções legítimas.

Qual é a tendência do argumento? É muito evidente que o objetivo do escritor é advertir os cristãos hebreus contra a descrença e a desobediência, colocando diante deles, por um lado, a recompensa da obediência e, por outro, a penalidade da desobediência. Havia na mão dele um exemplo de sinal, memorável para todos os israelitas, viz. o confisco da terra Canaã por seus pais em conseqüência de sua incredulidade. Eles haviam provocado o Senhor a jurar em Sua ira: "Eles não entrarão no meu descanso".

Na opinião do escritor, havia uma correspondência notável entre a

situação dos israelitas que se aproximavam da terra da promessa e a situação dos cristãos que esperavam o cumprimento de sua esperança, a promessa de descanso. Para tornar essa correspondência mais clara, ele mostra que o repouso prometido ao antigo Israel, e o prometido ao povo de Deus agora, era realmente a mesma coisa. A entrada na terra de Canaã não era de modo algum o todo, nem mesmo a parte principal, do prometido descanso de Deus. Isso ele prova mostrando que, muito depois da colonização dos israelitas em Canaã, o Senhor, pela boca de Davi, no Sl. 95, repete virtualmente a promessa feita aos israelitas no deserto e diz ao povo: "Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações". A repetição da ordem implica a repetição da promessa e também da ameaça; como se Deus estivesse dizendo: "Creia, e entrareis no meu descanso. Não acrediteis, e não entrareis no meu descanso". Daí resulta que há um descanso além e além do descanso de Canaã.

Em seguida, segue a explicação do descanso referido, viz. o "repouso de Deus", aquilo que Ele chama de "meu descanso". Certamente esse nome nunca foi dado à terra de Canaã, nem pode ser aplicado a qualquer outro que não seja aquele "descanso" que lemos no relato da criação, quando Deus descansou de toda "sua obra que ele havia feito". (Gênesis 2:2, 3) Este foi o sábado de Deus, o repouso que Ele santificou e chamou de seu. Portanto, deve ser a esse descanso - o repouso sagrado, sabático e celestial - que a promessa se refere principalmente. Desse repouso de Deus, Canaã era sem dúvida o tipo, pois esse era o descanso dos israelitas depois dos perigos e fadigas do deserto; mas a posse de Canaã estava longe de esgotar o pleno significado da promessa e, portanto, ainda permaneceu, e foi mantida em reserva para o povo de Deus. "Portanto, resta um descanso ao povo de Deus".

O escritor da Epístola aos Hebreus evidentemente considerava o "repouso de Deus" como uma consumação não muito distante. Ele diz: "Nós que cremos estamos entrando nesse descanso". Isso não significa "ir para o céu na morte", mas a expectativa do reino

vindouro de Deus, a esperança tão fortemente acalentada pelos primeiros cristãos. (Rm. 8:18-25) Considerar essas exortações e apelos como comuns do ensino religioso, é privá-los da metade de seu significado. É verdade que há um sentido no qual eles podem ser aplicáveis a todos os tempos, mas eles tinham um significado e uma força naquele momento específico que é difícil para nós agora compreender. Os cristãos daquela época estavam, por assim dizer, na fronteira entre o antigo e o novo, entre o aeon que estava fechando e o que estava abrindo. Eles acreditavam que o dia do Senhor estava próximo - que Cristo retornaria em breve e que eles entrariam junto com Ele no reino dos céus, o repouso de Deus. Daí o dever de "exortar um ao outro; e tanto quanto eles viram o dia se aproximando"; de manter firme o princípio de sua fé até o fim; de "tentar entrar nesse descanso, para que muitos não caiam", ou "pareçam".

O escritor desta epístola, em Hb. 4:9, 10 deste capítulo, mostra a conveniência de chamar esse descanso prometido de "sabbatismo" ou descanso sabático. Portanto, permanece um sabbatismo para o povo de Deus. "Pois quem entrou em descanso, também descansou de suas próprias obras, como Deus fez das suas". Há uma ambiguidade nessa linguagem, tanto no grego quanto em nossa língua. Pode significar que todos os fiéis que partiram deixaram de trabalhar na terra e agora desfrutam do repouso e da recompensa do céu. Este é o sentido geralmente associado às palavras. (Veja o comentário de Stuart sobre Hebreus, in loc .; Conybeare e Howson, etc.) Deve-se confessar, no entanto, que a relevância dessa linguagem assim interpretada para o assunto em questão não é muito aparente e que a construção gramatical dificilmente justificará tal explicação. O argumento afirma, não que os cristãos entraram nesse descanso, mas justamente o contrário. O escritor declara, como Conybeare e Howson mostram muito bem, "que o povo de Deus nunca desfrutou desse descanso perfeito, portanto seu gozo ainda é futuro". Quem, então, é "quem entrou"? Evidentemente, é Cristo, o Precursor, que entrou em nosso nome dentro do véu; nosso grande Sumo Sacerdote,

que passou pelos céus; o Novo Testamento Josué, o capitão de nossa salvação, que "descansou", cessou de Sua obra de redenção, assim como seu Pai fez de Sua própria obra de criação. Isso mostra que a aptidão do céu é chamada de "sabbatismo", "descanso de Deus", pois ali o Pai e o Filho mantêm o sábado eterno. Pode-se acrescentar que essa interpretação nos livra do sentimento de incongruência que se sente ao comparar a cessação de um cristão de seus trabalhos com a cessação de Deus da obra da criação; também é perfeitamente relevante para o argumento no contexto.

Não apenas palavras apoiam esse sentido, mas elas não apoiam nenhuma outra, como Alford demonstra muito bem. (Ver Testamento Grego, in loc.) Agora podemos ver a força do argumento como um todo. O escritor mostra as consequências fatais da descrença e desobediência pelo exemplo dos antigos israelitas. (Hb. 3:7-19) Eles tinham uma grande promessa de entrar no repouso de Deus, que perderam por sua incredulidade. (Hb. 3:7-19) Mas essa promessa de descanso ainda é oferecida e ainda pode ser perdida. Foi oferecido a Israel novamente no tempo e pela boca de Davi; não foi, portanto, esgotado pela entrada dos israelitas em Canaã. (Hebreus 4:4-8) A promessa, então, referia-se ao estado celestial, o repouso do próprio Deus, quando guardava o sábado após a obra da criação (Hb 4:3-5). Mas Cristo também guarda o sábado, tendo cessado a obra da redenção, como fez o Pai o da criação. (Hb. 4:10) Ainda resta, portanto, um sábado ou descanso celestial para o povo de Deus (Hb. 4:9). Esforçemo-nos, portanto, a entrar no resto de Cristo e de Deus, advertidos contra a descrença e a desobediência pelo exemplo do antigo Israel. (Hb. 4:11)

Na sequência, encontraremos muita luz lançada sobre todo esse assunto de entrada no estado celestial e a relação em que os santos se encontram, tanto antes como depois da vinda de Cristo.

A ERA VINDOURA

Hebreus 6:5: "provaram a boa palavra de Deus, e as virtudes do século futuro".

Hebreus 9:11: "Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação".

Hebreus 10:1 Porque tendo a lei a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas, nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem cada ano, pode aperfeiçoar os que a eles se chegam.

Albert Barnes diz bem:

"A era vindoura era uma frase de uso comum entre os hebreus, para denotar a futura dispensação, os tempos do Messias. A mesma ideia foi expressa pelas frases "os últimos tempos", "o fim do mundo", etc. que são de ocorrência tão frequente nas Escrituras. Todos eles denotaram uma era que viria a suceder à velha dispensação; o tempo do Messias; ou o período em que os negócios do mundo seriam encerrados; veja as notas em Isaías 2: 2. Aqui, evidentemente, se refere a esse período, e o significado é que eles participaram das bênçãos especiais esperadas naquela dispensação - a saber, nas visões claras do caminho da salvação e nas influências do Espírito Santo sobre o alma".[227]

O escritor de Hebreus, diz que essas promessas estavam "agora" sendo "provadas": o prometido Messias veio, trazendo com ele as "coisas boas" da "era vindoura" - coisas que aqueles cristãos já estão experimentando, como a remissão completa de pecados e uma

[227] Barnes, Albert. "Comentário sobre Hebreus 6:5". "Notas de Barnes sobre a Bíblia inteira".

consciência limpa por meio do sangue de Cristo, justificação e justiça diante de Deus, e vida da nova criação e capacidade de servir e adorar a Deus no Espírito Santo. Essas coisas prometidas eram conhecidas pelos judeus como "coisas boas que virão", que "Aquele que há de vir" (o Messias) introduziria na nova era messiânica a "era por vir".

"Boas coisas que virão" é uma denominação descritiva daquela economia da qual Jesus Cristo é Altíssimo Sacerdote, e da qual a lei... era uma "sombra". Ele recebe esta denominação como um sistema salutar, um sistema de bênçãos, nem tanto, se tanto, porque suas melhores bênçãos são bênçãos futuras - bênçãos para ser desfrutado em um mundo futuro, mas, em conformidade com o modo judaico de falar sobre este assunto, em qual o estado de coisas sob o Messias foi denominado "o mundo vindouro", os benefícios peculiares desse estado são denominados "as coisas boas vindouras". A frase descreve que economia da qual os dois grandes personagens são verdade e graça, e que "veio por Jesus Cristo" - a "Coisas boas que estão por vir". [John Brown]

O TEMPO DA REFORMA

Hebreus 9:8-10: "Dando nisto a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do santuário não estava descoberto enquanto se conservava em pé o primeiro tabernáculo,
Que é uma alegoria para o tempo presente, em que se oferecem dons e sacrifícios que, quanto à consciência, não podem aperfeiçoar aquele que faz o serviço;
Consistindo somente em comidas, e bebidas, e várias abluções e justificações da carne, impostas até ao tempo da reforma".

Dificilmente é possível duvidar que, neste discurso, o autor de Hebreus fale do sistema levítico vigente por meio do templo como "uma alegoria para o tempo presente". De fato, qualquer outra suposição seria absurda. Não obstante, o velho sistema da antiga

aliança ainda estava funcionando, continuando em rejeição de Jesus como o Messias. Foi a aparente continuação do sistema da antiga aliança, após a ascensão de Jesus, que tentou os primeiros cristãos a se afastarem do Caminho; eles foram pressionados e perseguidos pelos muitos judeus ao redor, que os advertiram para não abandonar o sistema Mosaico. O escritor de Hebreus opõe-se a essa tentação, mostrando vigorosamente que o Messias com seu ministério da nova aliança havia chegado e estava reinando no céu e que ele era o cumprimento, a "substância" dos tipos e profecias do Antigo Testamento; portanto, eles não devem cair na armadilha de retornar às formas típicas e sombrias da velha aliança. Ele deixou claro para eles que o desgastado e obsoleto sistema do sacerdócio Aarônico e dos sacrifícios de animais logo desapareceria (Hb 8:13) sendo "impostas até ao tempo da reforma". Portanto, havia este estado incomum de coisas naqueles anos pré-Parousia; A nova aliança estava presente e provou ser uma verdadeira bênção na vida dos cristãos, coexistindo ao lado de um judaísmo corrupto da velha aliança que logo seria oficialmente demolido.

Nem o autor nem seus remetentes poderiam pensar em "tempo da reforma" em épocas remotas do mundo; bênçãos que estavam a uma distância de séculos e milênios dificilmente seriam motivos poderosos para o arrependimento imediato. Portanto, devemos conceber o tempo de reforma como próximos.

Mas, o que devemos entender pelos "tempo de reforma"? Diz-se que a reforma, ou melhor, a restauração de todas as coisas, é o tema de toda profecia; então só pode se referir ao que as Escrituras designam "o reino de Deus", o fim e o propósito de todos os tratos de Deus com Israel. Era uma frase bem compreendida pelos judeus daquele período, que esperavam os dias do Messias, o reino de Deus, como o cumprimento de todas as suas esperanças e aspirações. Era a era vindoura ou aeon, quando todos os erros deviam ser corrigidos, e a verdade e a justiça deveriam reinar. A nação inteira estava permeada pela crença de que essa era feliz estava prestes a amanhecer. Qual era

a doutrina de nosso Senhor sobre esse assunto? Ele disse aos discípulos: "Elias realmente vem primeiro e restaura todas as coisas". (Marcos 9:12) Ou seja, o segundo Elias, João Batista, já havia iniciado a restauração que Ele próprio deveria concluir; havia lançado as bases do reino que Ele deveria consumar e coroar. Pois a missão de João foi, em um aspecto, restauradora, isto é, na intenção, embora não em efeito. Ele veio para recordar a nação à sua lealdade, para renovar sua relação de aliança com Deus: foi perante o Senhor, "no espírito e poder de Elias, para transformar o coração dos pais nos filhos e os desobedientes à sabedoria. dos justos; preparar um povo preparado para o Senhor". (Lucas 1:17) O que é tudo isso, se não a descrição dos "tempo de reforma" e o "tempo de restauração de todas as coisas", que foram apresentados como presentes de Deus a Israel?

Não pode haver dúvida em relação à identidade da cena aqui descrita: O "tempo da reforma" é o tempo em que "as coisas boas da era vindoura", a "herança", "o repouso de Deus", são consumadas. Mas temos alguma indicação clara do período em que essas bênçãos oferecidas podem ser esperadas? Eles estavam em um futuro distante, ou estavam à mão? A nota do tempo está claramente marcada em toda a epístola: "Não são todos eles espíritos ministradores, enviados para prestar serviço por causa daqueles que estão prestes [mello] a herdar a salvação?" (Hb. 1:14), "Ora, o que foi tornado velho, e se envelhece, perto está de acabar" (Hb. 8:13), "Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação" (Hb. 9:28), "quanto vedes que se vai aproximando aquele dia" (Hb. 10:25), "Porque ainda um pouquinho de tempo, E o que há de vir virá, e não tardará" (Hb. 10:37), "Porque aqui não temos cidade duradoura, mas buscamos a que está para vir" (Hb. 13:14). A Parousia é especificada como o período em que essas perspectivas gloriosas devem ser realizadas. Nada pode ser mais claro do que a conexão e coincidência desses eventos, a Parousia e o tempo da reforma. Isso está em harmonia com a representação uniforme dada na escatologia do Novo Testamento: a Parousia, o fim dos

tempos, a vinda do reino de Deus, a destruição de Jerusalém, o julgamento de Israel, tudo sincronizado. Encontrar a data de um é fixar a data de todos.

Mas pode-se dizer: como uma catástrofe tão terrível como a destruição de Jerusalém pode ser associada a tempos de reforma ou restauração? Havia dois lados na medalha: havia o inverso e o anverso. A descrença e a impenitência mudariam "os tempos de renovação" para "os dias da vingança". Se eles "desprezassem as riquezas da bondade, tolerância e longanimidade de Deus", então, em vez de restauração, haveria destruição; e em vez do dia da salvação, haveria "o dia da ira e a revelação do justo julgamento de Deus". (Rm. 2:4, 5)

Nós sabemos a escolha fatal que Israel fez; como "a ira veio sobre eles ao máximo"; e sabemos como tudo aconteceu no período designado e previsto, no "fim dos tempos", dentro dos limites daquela geração. Estamos, assim, habilitados e capacitados a definir o período ao qual o autor faz alusão nessa passagem, e concluímos que ela coincide com a Parousia.

Uma pequena consideração adicional pode ser feita neste momento. A vinda de Cristo foi a ocasião em que os primeiros cristãos entraram e experimentaram a bem-aventurança consumada desta restauração. A "reforma" almejada por Deus foi em primeiro lugar experimentada em restauração, justificação e reconciliação dos homens com Deus e sua santificação nesta vida, com adoração em espírito e verdade que o Pai desejou a seu povo; e então na Parousia de Cristo, a reforma ocorreria pela glorificação do povo de Deus em corpos espirituais incorruptíveis e sem pecado no céu em união com seu Senhor. Só então o povo de Deus estaria totalmente recuperado de sua queda da glória de Deus (Rm. 3:23) herdada do primeiro homem.

O FIM DAS ERAS

Hebreus 9:26: "De outra maneira, necessário lhe fora padecer muitas vezes desde a fundação do mundo [kosmos]. Mas agora na consumação dos séculos [aion] uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo".

Neste versículo, temos um exemplo impressionante da confusão resultante da tradução das duas palavras diferentes kosmos e aion criada pela mesma palavra "mundo".

A expressão sunteleia twn aiwnwn tem exatamente o mesmo significado que sunteleia tou aiwnov e refere-se à era judaica que estava prestes a fechar. Moses Stuart apresenta a passagem assim: "Mas agora, no final da dispensação [judaica], Ele apareceu de uma vez por todas" etc. Esta é outra prova decisiva de que "o fim dos tempos" era visto pelas igrejas apostólicas como à mão.

O JULGAMENTO PARTICULAR

Hebreus 9:27: "... aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo".

Este é mais um relato que possuímos da misteriosa transição que o espírito humano experimenta quando deixa o seu estado terrestre para ter seu destino eterno determinado. Chega-nos atestado pela mais alta autoridade - é a profissão de fé feita por um autor inspirado - alguém que poderia dizer "eu sei". Não há ambiguidade quanto ao que é aludido na passagem agora em consideração; Ocorre no tribunal de Cristo; onde foi designado para cada homem "ser julgado segundo suas obras" e onde é determinada as recompensas e punições eternas (ver Hb. 6:2). William Burkitt acertadamente observa que: "A palavra depois significa a ordem do tempo; pois a

morte vem antes, e o julgamento a segue";[228] opinião semelhante a de Albert Barnes quando diz: "O apóstolo não diz "quanto tempo" depois da morte isso vai acontecer", embora ele prossiga dizendo que "nem é possível para nós sabermos";[229] Robert Jamieson expressou melhor o ponto no tempo quando o julgamento ocorre: "a saber, no aparecimento de Cristo, ao qual, em Hebreus 9:28, o "julgamento" neste versículo é paralelo";[230] nós achamos repetidamente afirmado nas Escrituras que no dia do julgamento, no fim do Aeon, os homens seriam julgados no tribunal de Cristo: "Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor" (Mt. 7:22, 23), "Será mais tolerável naquele dia para Sodoma" (Lc. 10:12, cf. Mt. 10:15 Mt. 11:22-24), "Mas eu vos digo que de toda a palavra ociosa que os homens disserem hão de dar conta no dia do juízo" (Mt. 12:36); . "A colheita é o fim dos tempos" (Mt. 13:39), "Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras" (Mt. 16:27), "E quando o Filho do homem vier em sua glória, e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros" (Mt. 25:31,32), "Não vos maravilheis disto; porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal para a ressurreição da condenação" (Jo. 5:28,29), "Porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo" (Atos 17:31), "[em breve] haverá ressurreição de mortos, assim dos justos como dos injustos" (Atos 24:15) "No dia em que Deus julgará os segredos dos homens" (Rm. 2:16), "Porque todos devemos comparecer ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal" (2 Co. 5:10, Rm. 14:10), "Para que sejais irrepreensíveis no dia de nosso

[228] Burkitt, William. "Comentário sobre Hebreus 9:27". Notas Expositivas com Observações Práticas sobre o Novo Testamento.
[229] Barnes, Albert. "Comentário sobre Hebreus 9:27". "Notas de Barnes sobre a Bíblia inteira".
[230] Jamieson, Robert, DD; Fausset, AR; Brown, David. "Comentário sobre Hebreus 9:27".

Senhor Jesus Cristo" (1 Co. 1:8) "O dia a declarará [as obras de cada um]" (1 Co. 3:13), "Para que o espírito seja salvo no dia do Senhor Jesus". (1 Co. 5:5), "Para que ele encontre misericórdia do Senhor naquele dia" (2 Tm. 1:18), "Uma coroa ... que o Senhor ... me dará naquele dia" (2 Tm. 4:8), "Conjuro-te, pois, diante de Deus, e do Senhor Jesus Cristo, que há de julgar os vivos e os mortos, na sua vinda e no seu reino" (2 Tm. 4:1), "Reservar o injusto até o dia do julgamento" (2 Pe. 2:9), "O dia do julgamento e perdição dos homens ímpios" (2 Pe. 3:7), "O julgamento do grande dia" (Judas 1:6), "Para que tenhamos ousadia no dia do julgamento" (1 João 4:17)

Pode ser necessário lembrar que concebemos esse período como o fim de um aeon, ou era; o fim de uma grande era; o encerramento de uma dispensação e o julgamento daqueles que foram colocados sob essa dispensação. De acordo com a representação de Cristo e de seus apóstolos, tanto os mortos quanto os vivos - não de toda a raça humana, mas dos súditos do reino teocrático - deveriam ser reunidos perante o tribunal de julgamento. Esse foi o período previsto e designado para aquela grande transação judicial que nos foi apresentada na descrição parabólica das ovelhas e das cabras (Mateus 25:31-46) cujos sinais externos e visíveis estavam indelevelmente estampados nos anais da história pela terrível catástrofe que apagou Israel de seu lugar entre as nações da terra.

Uma pequena consideração adicional pode ser feita neste ponto sobre o julgamento. Uma nova ordem de procedimento entra em operação após a Parousia; doravante "os que morrem no Senhor" (cf. Ap. 14:13) não esperam mais, em um estado intermediário, um dia futuro e distante, para serem julgados, mas são imediatamente levados ao Tribunal de Julgamento; cada um em particular é entregue, na morte, ao tribunal de Deus, o grande Juiz, e assim é despachado por sua sentença a seu estado particular e lugar com seu respectivo povo, recebendo suas recompensas e entrando no repouso de Deus..

O juízo vindouro para todos os homens em qualquer tempo deixa extremamente clara a necessidade de entrar pela fé na esfera da graça de Deus, que é suprida pela morte de Cristo. Embora o julgamento seja certo, os que entraram na esfera da graça nesta vida descobrirão, ao serem julgados, que seu juízo será gracioso e consistirá, para o crente, em uma avaliação de sua vida e serviço como base para o galardão (cf. 2 Co. 5:10).

EXPECTATIVA DA PAROUSIA

Hebreus 9:28: "Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para salvação".

A atitude de expectativa mantida pelos cristãos da era apostólica é aqui mostrada incidentalmente. Eles esperaram com esperança e confiança pelo cumprimento da promessa de Sua vinda.[231] Supor que eles esperassem por um evento que não acontecesse é imputar a eles e a seus professores uma quantidade de ignorância e erro incompatível com suas crenças em qualquer outro assunto.

A PAROUSIA É PRÓXIMA

Hebreus 10:25: "Não deixando a nossa congregação, como é

[231] Essa passagem é o único lugar na Bíblia onde a palavra "segundo" é usada em referência a uma aparição de Cristo, mas vamos observar o que esse fraseado implica logicamente. Ele só poderia aparecer uma segunda vez para aqueles que haviam testemunhado pela primeira vez. É uma segunda "vinda" àqueles apóstolos e discípulos que estiveram em sua presença física. É também chamada de “segunda” vinda porque é contrastada com a primeira, isto é, Seu nascimento físico no ventre de Maria. A expressão "aos que o esperam para salvação" só pode ser uma referência a salvação aguardada pelos cristãos primitivos, de entrar no "repouso de Deus" e o "estado celestial" que estava para vir pela Parousia.

costume de alguns, antes admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais, quanto vedes que se vai aproximando aquele dia".

"O dia" significa, é claro, "o dia do Senhor", o tempo de Seu aparecimento - a Parousia. Agora estava à mão; eles podiam vê- lo se aproximando. Sem dúvida, as indicações de sua abordagem prevista por nosso Senhor eram aparentes, e Seus discípulos as reconheceram, lembrando de Suas palavras: "Quando virdes acontecer essas coisas, saibam que está perto, às portas". (Marcos 13:29) Não é justo falar com essas palavras em sentido não natural ou duplo e dizer com Alford:

"Esse dia, em seu grande e final sentido, está sempre próximo, sempre pronto para irromper sobre a igreja; mas esses hebreus viviam na verdade muito próximos de um desses grandes tipos e predições, a destruição da Cidade Santa".[232]

Para o mesmo efeito é sua nota sobre Hb. 9:26 :

"Os primeiros cristãos falaram universalmente da segunda vinda do Senhor tão próxima, e de fato já foi e é".

Os cristãos hebreus viviam perto da Parousia real que nosso Senhor havia previsto, e Sua igreja esperava antes da morte daquela geração. Não é verdade que a Parousia "esteja sempre próxima e sempre pronta para irromper sobre a igreja", assim como o nascimento de Cristo, Sua crucificação ou ressurreição, está sempre pronto para irromper. A Parousia era tão distintamente um evento específico, com seu devido lugar no tempo, como a encarnação ou a crucificação; e é evacuar a palavra de todo significado para torná-la uma forma fantasma, aparecendo e desaparecendo, sempre chegando e nunca chegando, distante e próxima, passado e futuro. Acreditamos que Cristo em seu discurso profético teve um evento real completo

[232] Testamento grego, in loc.

em sua opinião; um evento com um lugar na história e cronologia; um evento cujo período ele próprio indicou distintamente, - nem mesmo a hora, nem o dia, nem o ano exato, mas dentro de limites bem definidos - o período da geração existente. Tal era manifestamente a crença do escritor dessa epístola. Para ele, a Parousia foi um evento muito definido, e cuja abordagem ele pôde ver; nem qualquer vestígio pode ser detectado em sua linguagem, ou na linguagem de qualquer das epístolas, de um duplo sentido, ou de uma Parousia parcial e preliminar e de uma grande e final.

O comentário de Conybeare e Howson é muito mais satisfatório:

"O dia da vinda de Cristo foi visto chegando neste momento pelo prelúdio ameaçador da grande guerra judaica, na qual Ele veio para julgar aquela nação".[233]

A PAROUSIA É IMINENTE

Hebreus 10:37: "Porque ainda um pouquinho de tempo, E o que há de vir virá, e não tardará".

Esta declaração parece na mesma direção que a anterior. A frase "aquele que virá" [o ercomenov] é a designação habitual do Messias - "o que virá". Essa vinda estava agora próxima. A linguagem nesse sentido é muito mais expressiva da proximidade do tempo no grego do que em nossa língua: "Ainda muito, muito pouco tempo", ou, como Tregelles a traduz, "Um pouco, quão pouco, quão pouco!" A reduplicação do pensamento no final do versículo - "chegará e não tardará" também é indicativa da certeza e velocidade do evento que se aproxima. O comentário de Moses Stuart sobre esta passagem é:

[233] Vida e Epístolas de São Paulo, cap. xxviii.

"O Messias chegará rapidamente e, destruindo o poder judaico, acabará com os sofrimentos que seus perseguidores lhe infligem".[234]

Isso é apenas parte da verdade; a Parousia trouxe muito mais do que isso ao povo de Deus, se quisermos acreditar nas garantias dos apóstolos inspirados de Cristo.

A PAROUSIA E OS SANTOS DO ANTIGO TESTAMENTO

Hebreus 11:39,40: "E todos estes, tendo tido testemunho pela fé, não alcançaram a promessa,
Provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós não fossem aperfeiçoados".

O argumento aqui levado a uma conclusão é de grande importância e merece uma consideração muito cuidadosa. Verificou-se que empresta um poderoso apoio indireto às visões propostas nesta investigação, que de fato fornecem a verdadeira chave para sua explicação.

Tendo neste décimo primeiro capítulo ilustrado sua posição principal - que a fé em Deus era a característica distintiva dos dignos cujos nomes adornam os anais do Antigo Testamento, o escritor chama a atenção para o fato de que Abraão, Isaque e Jacó nunca foram realmente colocados de posse da herança que lhes fora prometida. Eles não obtiveram a terra de Canaã; eles nunca viram a Jerusalém terrena: "Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas". (Hb. 11:13) Ele então afirma que esses pais de Israel estavam cientes de um significado mais profundo na promessa de Deus do que uma mera herança temporal e terrena. Abraão, enquanto

[234] Comentário sobre Hebreus, in loc.

morava como estrangeiro e peregrino na terra da promessa, olhou além da "cidade que tem os fundamentos, cujo construtor e criador é Deus". (Hb. 11:10) É evidente que isso não pode se referir à Jerusalém terrestre, e ainda assim o idioma parece apontar para uma cidade bem conhecida assim descrita. Mas para qual outra cidade pode ser a alusão à cidade descrita no Apocalipse como "tendo doze fundamentos", "a cidade do Deus vivo", a Jerusalém celestial? A correspondência não pode ser acidental e oferece mais do que uma suposição de que quem escreveu a Epístola aos Hebreus havia lido a descrição da Nova Jerusalém no Apocalipse. Não é uma cidade, mas a cidade; não quaisquer fundações, mas "as fundações"; uma cidade particular e conhecida.

Mas retornando. A confissão dos pais de que eles eram estrangeiros e peregrinos na terra era uma declaração de fé na existência de um "país melhor", "pois aqueles que dizem tais coisas declaram claramente que procuram um país", de fato nenhum país terrestre, mas "um melhor , isto é, um celestial". (Hb. 11:14, 16) Essa fé em uma herança futura e celestial, que eles viram apenas "de longe", era verdadeira não apenas para Abraão, Isaque e Jacó, mas para toda a companhia dos antigos crentes. (Hb. 11:39) Nenhum deles recebeu o cumprimento da promessa divina que sua fé havia abraçado: "todos estes, sendo testemunhados pela fé, não receberam a promessa" (Hb. 11:39).

Este é um fato digno de ser ponderado. Até aquele momento, de acordo com o autor desta epístola, os santos do Antigo Testamento estavam esperando, e aguardavam ainda, pelo cumprimento da grande promessa de Deus feita a Abraão e sua semente, e ainda não haviam recebido a herança, nem entraram no país melhor, nem viram a cidade construída por Deus com as fundações. Como foi isso? Qual poderia ser a causa do longo atraso? Que obstáculo impedia sua entrada no pleno gozo da herança? A pergunta foi antecipada e respondida. "O caminho para o lugar santo ainda não foi manifestado", como foi significado pela existência contínua do

templo e de seus serviços. (Hb. 9:8) O acesso ao lugar de santidade e privilégio não era permitido até que o caminho fosse aberto pelo sacrifício expiatório de Cristo, o grande Sumo Sacerdote, o Mediador da nova aliança; não poderia dar um título perfeito a seus súditos, pelo qual eles poderiam ser admitidos a entrar na posse da herança. (Hb. 9:9) O Mero ritual não podia remover as barreiras que o pecado criara entre Deus e o homem; e, portanto, não havia admissão nem mesmo para os fiéis sob a antiga aliança nos plenos privilégios de santidade e filiação. Mas essa barreira foi removida pelo sacrifício perfeito do grande Sumo Sacerdote. "O Mediador da nova aliança", pela oferta de si mesmo a Deus, redimiu as transgressões cometidas sob a antiga aliança, ou economia mosaica, liberando assim os sujeitos dessa aliança de suas deficiências e tornando-a competente para os escolhidos "receber a promessa da herança eterna" (Hb. 9:11-15).

O argumento da epístola, portanto, exige que suponhamos que até que o sacrifício expiatório da cruz fosse oferecido, a bênção dos santos do Antigo Testamento estivesse incompleta. Nesse sentido, eles estavam em desvantagem em comparação com os crentes sob a nova aliança. Estes foram imediatamente colocados em posse daquilo pelo qual os primeiros tiveram que esperar muito tempo. A superioridade dos crentes agora, sob a dispensação cristã, sobre os crentes sob a dispensação anterior, é um ponto forte no argumento. Nós, diz o escritor, não temos um período prolongado de atraso interposto entre nós e a herança prometida - estamos perto disso; "chegamos a ele"; "estamos entrando nele". "Deus nos proporcionou algo melhor para que eles sem nós não sejam aperfeiçoados" (Hb. 11:40). Ou seja, os crentes antigos não apenas não tiveram precedência no gozo da herança prometida sobre os cristãos, mas tiveram que esperar muito tempo até que a plenitude do tempo chegasse, quando Cristo, abrindo o caminho para o mais santo de todos, eles podem entrar, juntamente conosco, na posse da herança prometida.

Dificilmente é necessário perguntar: Qual é a herança prometida da qual se fala tanto aqui e com a qual os santos do Antigo Testamento aguardavam com fé? Inquestionavelmente, é o que Deus prometeu a Abraão, Isaque e Jacó; (Hb. 11:9) aquilo que os patriarcas viram de longe; (Hb. 11:13) naquilo que seus ilustres sucessores acreditavam, mas nunca obtiveram. (Hb. 11:19) É "a promessa da herança eterna"; (Hb. 9:15) "a esperança que temos diante de nós"; (Hb. 6:18) "a cidade que tem fundamentos"; (Hb. 11:10) "um país melhor, um país celestial"; (Hb. 11:16) "um reino que não pode ser movido". (Hb. 12:28) É, de fato, a verdadeira Canaã; a terra prometida; o "descanso de Deus", "o sábado que permanece para o povo de Deus". (Hb. 4:9) É uma coisa da qual o escritor fala o tempo todo. Deixe o leitor levar seus pensamentos de volta ao quarto capítulo, onde começa a discussão a respeito do descanso prometido. Evidentemente que "descanso prometido" é idêntico à "terra prometida" e a "terra prometida" é idêntico à "herança prometida"; e todas essas designações diferentes - cidade, país, reino, herança, promessa - todas significam a mesma coisa. A Canaã terrestre não era o todo, não era a realidade, mas apenas o símbolo da herança que Deus deu por promessa a Abraão e sua semente. Essa promessa, longe de ter sido exaustivamente cumprida pela posse da terra sob Josué, ainda era mantida em reserva para o povo de Deus. Mas agora chegara o momento em que a herança estava prestes a ser realmente inserida e desfrutada, e os crentes da antiga aliança, com os da nova aliança, deveriam entrar de uma vez e juntos no descanso prometido.

Há uma correspondência notável entre o argumento contido nesta passagem e as declarações de São Paulo em suas epístolas aos Gálatas e aos romanos, servindo não apenas para lançar luz adicional sobre todo o assunto, mas também para provar o quão inteiramente paulino é o argumento. em Hebreus. Selecionamos alguns dos principais pensamentos em Gálatas 3 a título ilustrativo:

Gálatas 3:16 - "Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não diz: E às descendências, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua descendência, que é Cristo".

Gálatas 3:18 - "Porque, se a herança provém da lei, já não provém da promessa; mas Deus pela promessa a deu gratuitamente a Abraão".

Gálatas 3:19 - "Logo, para que é a lei? Foi ordenada por causa das transgressões, até que viesse a posteridade a quem a promessa tinha sido feita... etc".

Gálatas 3:22 - "Mas a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado, para que a promessa pela fé em Jesus Cristo fosse dada aos crentes".

Gálatas 3:23 - "Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei, e encerrados para aquela fé que se havia de manifestar".

Gálatas 3:29 - "E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa".

Agora, levando em consideração a diferença no objeto que São Paulo tem em vista ao escrever para os Gálatas, será visto como notavelmente suas declarações apoiam as da Epístola de Hebreus.

- Em ambos encontramos o mesmo assunto - a herança prometida.
- Em ambos, é admitido que a herança não foi realmente possuída e desfrutada por aqueles a quem foi prometida pela primeira vez.
- Em ambos, é mostrado que o cumprimento da promessa foi suspenso até a vinda de Cristo.
- Em ambos, é mostrado que esse evento (a vinda de Cristo) produziu uma mudança na situação daqueles que esperavam essa herança.
- Em ambos, argumenta-se que a fé é a condição de herdar a promessa.

- Em ambos, afirma-se que chegou o tempo em que a posse real da herança está prestes a ser realizada.

Muito semelhante é o escopo do argumento na Epístola aos Romanos:

Romanos 4:13 - "Porque a promessa de que havia de ser herdeiro do mundo não foi feita pela lei a Abraão, ou à sua posteridade, mas pela justiça da fé".

Romanos 4:16 - "Portanto, é pela fé, para que seja segundo a graça, a fim de que a promessa seja firme a toda a posteridade, não somente à que é da lei, mas também à que é da fé que teve Abraão, o qual é pai de todos nós".

Romanos 5:1, 2 - "Tendo sido, pois, justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo; Pelo qual também temos entrada pela fé a esta graça, na qual estamos firmes, e nos gloriamos na esperança da glória de Deus".

Nestes versículos, encontramos:

- A mesma herança prometida. (Rm. 4:13)
- A mesma condição de sua posse, viz. a fé. (Rm. 5:2)
- A suspensão do cumprimento da promessa durante o período da lei. (Rm. 4:14, 16)
- A entrada dos crentes sob a dispensação cristã no estado de privilégio e herança. (Rm. 5:2)
- A expectativa da plena posse da herança: "Alegramo-nos na esperança da glória de Deus". (Rm. 5:1)

Tomando todas essas passagens juntas, podemos deduzir delas as seguintes conclusões:

- Que o grande objetivo da fé e da esperança tão constantemente

exposto nas Escrituras como a consumação da felicidade dos crentes, tanto no Antigo Testamento como no Novo, é um e o mesmo; e, seja chamado pelo nome de "terra prometida", "herança prometida", "reino de Deus", "a glória a ser revelada", "o repouso de Deus", "a esperança que se coloca diante de nós", - todos eles significam a mesma coisa e apontam para uma recompensa celestial, e não terrena.
- Que esse era o verdadeiro significado da promessa feita a Abraão.
- Que o cumprimento desta promessa não poderia ocorrer até que a verdadeira "semente" de Abraão aparecesse e o sacrifício da cruz fosse oferecido.
- Que os santos do Antigo Testamento tiveram que esperar até então antes de poderem receber a herança prometida - isto é, entrar em plena posse e gozo do estado celestial.
- Que os santos do Novo Testamento tinham essa vantagem sobre seus predecessores - que não precisavam esperar pela realização de sua esperança.
- Que os santos do Antigo Testamento, e os crentes sob o Novo Testamento, deveriam entrar no mesmo período na posse da herança; não "eles sem nós", nem "nós sem eles", mas simultaneamente. (Hebreus 11:40)

É evidente, no entanto, que o escritor da Epístola aos Hebreus ainda não considerou que os santos do Antigo Testamento ou do Novo Testamento haviam realmente entrado na posse da herança. O próprio propósito e objetivo de todas as suas exortações e apelos aos crentes hebreus é adverti-los contra o perigo de perder a herança pela apostasia e incentivá-los à firmeza e perseverança, para que possam receber a promessa. "Visto que nos foi deixada a promessa de entrarmos no descanso de Deus, temamos que algum de vocês pense que tenha falhado"; (Hb. 4:1) "Você precisa de paciência para receber a promessa". (Hb. 10:36) Ainda não era deles, de fato; mas todo o teor do argumento implica que ele estava muito próximo, tão próximo que quase se poderia dizer que estava ao seu alcance. "Nós que cremos estamos entrando no repouso"; (Hb. 4:3) "Ainda muito, muito pouco, e o que virá virá, e não tardará" (Hb. 10:37) Isso indica

claramente o período da entrada esperada na herança: é a Parousia; "a vinda do Senhor"; o longo dia procurado; a plenitude do tempo, quando os santos da antiga aliança e os da nova aliança entrariam simultaneamente na posse da herança prometida; a terra do descanso; a cidade com as fundações; o país melhor, isto é, o celestial; o reino que não pode ser movido; "a herança incorruptível, imaculada e infindável, pronta para ser revelada na última hora".

Mas pode-se objetar: se a semente chegou "a quem a promessa foi feita"; se o sacrifício do Calvário foi oferecido; se o grande Sumo Sacerdote rasgou o véu e removeu a barreira; se o caminho para o mais santo foi assim aberto - não se segue que a posse da herança seria imediatamente concedida aos crentes do Antigo Testamento, e que eles entrariam imediatamente, juntamente com o ressuscitado e triunfante Redentor, o repouso prometido?

Esta é a visão que muitos teólogos adotaram, que fixam a ressurreição de Cristo como o período de avanço e glória para os santos do Antigo Testamento. Mas é claro que a doutrina apostólica fixa esse período na Parousia, e isso pela razão dada na Epístola aos Hebreus. (Hb. 10:12, 13) Embora o grande Sumo Sacerdote tivesse oferecido Seu único sacrifício pelo pecado; apesar de ter assentado à direita de Deus; todavia, Seu triunfo ainda não havia chegado completamente. Ele estava "daqui em diante esperando até que seus inimigos fossem apoiados nos pés". Para o mesmo efeito é a declaração de São Paulo em 1 Coríntios 15:22. A consumação é alcançada por etapas sucessivas; primeiro, a ressurreição de Cristo; depois, aqueles que são de Cristo na Sua vinda; então "o fim". O edifício não foi coroado até a Parousia, quando o Filho do homem entrou em Seu reino, e Seus inimigos foram postos sob Seus pés. Essa foi a consumação, o fim, quando o governo delegado messiânico cessaria; o cerimonial, local e temporário a ser fundido no espiritual, universal e eterno; quando Deus deveria ser revelado como Pai, não de uma nação, mas do homem; quando todas as distinções

nacionais e seccionais deveriam ser abolidas e "Deus deveria ser tudo em todos".

Enquanto isso, quando essa epístola foi escrita, o sistema mosaico parecia intacto; "o tabernáculo externo" ainda estava de pé; O judaísmo, embora um tronco oco, do qual o coração tivesse se deteriorado completamente, ainda tinha uma aparência de vigor; mas estava chegando a hora em que toda a economia deveria ser varrida. Um dilúvio de ira estava prestes a estourar na terra e inundar a cidade, o templo e a nação; o julgamento do povo impenitente e apóstata aconteceria, e os santos do Antigo Testamento, juntamente com os crentes em Cristo, juntos "entrariam em descanso" e "herdariam o reino preparado para eles desde a fundação do mundo".

Quando lembramos que esta epístola foi escrita, segundo alguns expositores, à beira da grande guerra judaica que terminou na destruição de Jerusalém; ou, de acordo com outros, após seu surto real, podemos conceber que expectativa intensa que uma crise tão próxima deve ter produzido nos corações cristãos. A consumação há muito procurada não era agora uma questão de anos, mas de meses ou dias.

Antes de abandonar esta passagem muito interessante, pode ser apropriado divulgar as opiniões de alguns dos mais eminentes expositores a respeito.

O professor Stuart erra completamente o caminho. Ele pronuncia Heb. 11:40 "um verso extremamente difícil, sobre o significado do qual houve uma multiplicidade de conjecturas"; e expressa sua opinião de que "a melhor coisa" reservada aos cristãos não é uma recompensa no céu; pois tal recompensa também foi oferecida aos santos antigos.

"Devo, portanto", acrescenta ele, "adotar outra exegese de toda a passagem, que se refere epaggeliana [a promessa] à bênção prometida

do Messias. Eu interpreto toda a passagem, então, desta maneira: Os antigos dignos perseveraram em sua fé, embora o Messias lhes fosse conhecido apenas por promessa . Estamos sob obrigações maiores do que elas perseveram; pois Deus cumpriu Sua promessa respeitando o Messias, e assim nos colocou em uma condição mais adaptada à perseverança do que a deles. Tanto é nossa condição preferível à deles que podemos até dizer, sem a bênção de que desfrutamos sua felicidade não poderia ser completada. Em outras palavras, a vinda do Messias foi essencial para a consumação de sua felicidade na glória, ou seja ,era necessário para o seu teleiwsiv".[235]

Veremos que Stuart confunde inteiramente o significado do escritor. A epaggelia não é o Messias, mas a herança, a promessa de entrar no resto. Ele também falha em apreender o rumo do assunto no tempo então presente, e que toda a força do argumento está no fato de que o momento estava próximo quando a grande promessa de Deus deveria ser cumprida.

O Dr. Alford apreende o argumento com muito mais clareza, mas falha em compreender o sentido preciso do todo. O quanto ele se aproxima da verdadeira solução da dificuldade pode ser visto na seguinte nota:

"O escritor implica, como de fato Hb. 10:14 parece testemunhar que o advento e a obra de Cristo transformaram o estado dos pais e santos do Antigo Testamento em bem-aventurança maior e mais perfeita, uma inferência que nos é imposta por muitos outros lugares das Escrituras. Para que a perfeição deles dependesse da nossa perfeição: a deles e a nossa perfeição foram trazidas ao mesmo tempo, quando Cristo "por uma oferta aperfeiçoou para sempre os que são santificados". De modo que o resultado deles é que seus espíritos, desde o momento em que Cristo desceu ao Hades e subiu ao céu, desfrutam da benção celestial e aguardam, com todos os que

[235] Stuart em Hb. 11:40.

seguiram seu glorificado Sumo Sacerdote no véu, para a ressurreição de seus corpos, a regeneração, a renovação de todas as coisas".[236]

Essa explicação, embora em alguns aspectos não muito longe da verdade, é inconsistente com as declarações da epístola, pois supõe que os santos do Antigo Testamento ainda estejam esperando por sua felicidade completa, e reduz até os crentes do Novo Testamento à mesma condição de esperar por uma consumação ainda futura. O que acontece, então, com o kreitton ti, a "coisa melhor" que Deus (segundo o escritor) havia providenciado para os cristãos? A vantagem de que ele fala tanto desaparece. E se a Parousia nunca ocorreu, os crentes do Novo Testamento não têm vantagem alguma sobre os santos antigos.

Dr. Tholuck tem as seguintes observações sobre o estado dos santos que partiram antes do advento de Cristo:

"Os santos do Antigo Testamento foram reunidos com os pais, e talvez parcialmente traduzidos para uma esfera superior de vida; mas como a salvação completa só deve ser alcançada através da união com Cristo, cujo Espírito habitante também deve vivificar nossos corpos recém-glorificados, os pais reunidos em Deus tiveram que esperar pelo advento de Cristo, como disse sobre o próprio Abraão, que ele se alegrou ao ver o seu dia".[237]

É curioso encontrar opiniões muito semelhantes, expressas pelo Dr. Owen, em seu tratado sobre Hebreus (vol. V p. 311):

"Penso que os pais que morreram sob o Antigo Testamento tiveram uma admissão mais próxima da presença de Deus na ascensão de Cristo do que tinham desfrutado antes. Eles estavam no céu diante do santuário de Deus, mas não foram admitidos dentro do

[236] Testamento Grego, Hb. 11:40.
[237] Comentário sobre os Salmos, p. 86

véu, no lugar mais santo, onde todos os conselhos de Deus são exibidos e representados".

Muito do que é verdade está aqui misturado com algo errado. Todas essas opiniões concordam na conclusão de que a obra redentora de Cristo teve uma poderosa influência sobre o estado dos crentes do Antigo Testamento; mas nenhum deles compreende o fato, tão legivelmente escrito na face desta epístola, que até que a estrutura externa do judaísmo tivesse sido varrida e Cristo tivesse entrado em Seu reino, o caminho para a herança prometida também não estava aberto para os Crentes do Velho ou do Novo Testamento, e que a Parousia era o tempo designado para que ambos entrassem juntos na posse do "repouso de Deus".

A GRANDE CONSUMAÇÃO ESTÁ PRÓXIMA

Contraste entre a situação dos cristãos hebreus e a dos israelitas no Sinai

Hebreus 12:18-24: "Porque não chegastes ao monte palpável, aceso em fogo, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade,
E ao sonido da trombeta, e à voz das palavras, a qual os que a ouviram pediram que se lhes não falasse mais;
Porque não podiam suportar o que se lhes mandava: Se até um animal tocar o monte será apedrejado ou passado com um dardo.
E tão terrível era a visão, que Moisés disse: Estou todo assombrado, e tremendo.
Mas chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos;
À universal assembléia e igreja dos primogênitos, que estão inscritos nos céus, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados;
E a Jesus, o Mediador de uma nova aliança, e ao sangue da aspersão, que fala melhor do que o de Abel".

Temos nesta passagem uma poderosa exortação à firmeza na fé, imposta por um paralelo vívido, ou melhor, pelo contraste entre a situação de seus ancestrais hebreus quando eles tremiam diante do Monte Sinai e a posição ocupada por eles mesmos em pé, por assim dizer, em plena vista do Monte Sião e todas as glórias da herança prometida. Há, de fato, nessa representação um paralelo e um contraste. A semelhança está na proximidade do objeto - o encontro com Deus. Como os israelitas no Monte Sinai, os cristãos hebreus se aproximaram [proselhluyate] do monte Sião; como seus pais, ficaram cara a cara com Deus. Mas em outros aspectos, houve um contraste marcante em suas circunstâncias. No monte Sinai, tudo era terrível e horrível; no monte Sião, tudo era convidativo e atraente. E essa era a perspectiva agora completa em sua opinião. Mais alguns passos e eles estariam no meio dessas cenas de glória e alegria, a salvo na terra prometida. Não pode haver dúvida em relação à identidade da cena aqui descrita: é uma visão próxima da "herança", "o repouso de Deus", tão constantemente apresentada nesta epístola quanto o ultimato do crente - de longe, por patriarcas, profetas e santos dos tempos antigos, mas agora visíveis a todos e dentro de alguns dias - a cidade com as fundações, o "país melhor, que é o celestial".

Aqui uma questão interessante se apresenta. De que fonte o escritor tirou essa descrição brilhante da herança celestial? É claro que é fácil dizer: é uma expressão original e independente do Espírito que falou pelos profetas. Mas o autor da epístola evidentemente escreve como se os cristãos hebreus soubessem e estivessem familiarizados com as coisas das quais ele fala. A imagem do Monte Sinai e suas circunstâncias correspondentes são evidentemente derivadas do livro de Êxodo; e se encontrarmos os materiais da imagem do Monte Sião disponíveis em nossas mãos em qualquer livro específico do Novo Testamento, não seria injusto presumir que a descrição é emprestada daí. Agora, na verdade, encontramos todos os elementos dessa descrição no livro do Apocalipse; e quando o leitor comparar todas as características da cena retratada na epístola com sua contraparte no

Apocalipse, será fácil para ele julgar se a correspondência pode ser não designada ou não, e qual é a imagem original:

- Monte de Sião Ap. 14:1
- A cidade do Deus vivo Ap. 3:12; 21:10
- A Jerusalém celestial Ap. 3:12; 21:10
- A inumerável companhia de anjos Ap. 5:11; 7:11
- A assembléia geral e a igreja dos primogênitos, etc. Ap. 3:12; 7:4; 14:1-4
- Deus, o juiz de todos Ap. 20:11,12
- Os espíritos justos aperfeiçoados Ap. 14:5
- Jesus, o mediador da nova aliança Ap. 5:6-9
- O sangue da aspersão Ap. 5:9

Olhando para a exata correspondência entre as representações da epístola e as do Apocalipse, parece impossível resistir à conclusão de que o escritor desta epístola tinha em mente as descrições do Apocalipse; e sua linguagem pressupõe o conhecimento desse livro por parte dos cristãos hebreus. Esta conclusão implica a inferência de que o Apocalipse foi escrito antes da Epístola aos Hebreus e, conseqüentemente, antes da destruição de Jerusalém. Voltaremos a encontrar o tema quando considerarmos o livro do Apocalipse; Enquanto isso, basta observar que, tanto nesta Epístola como no Apocalipse, os eventos narrados são considerados tão próximos a ponto de descrevê-los como realmente reais; Na epístola, a igreja militante parece que já alcançou, e no Apocalipse as coisas que devem acontecer em breve são vistas como fatos consumados.

A PROXIMIDADE DA CONSUMAÇÃO DA ERA

Hebreus 12:25-29: "Vede que não rejeiteis ao que fala; porque, se não escaparam aqueles que rejeitaram o que na terra os advertia, muito menos nós, se nos desviarmos daquele que é dos céus;
A voz do qual moveu então a terra, mas agora anunciou, dizendo:

Ainda uma vez comoverei, não só a terra, senão também o céu.
E esta palavra: Ainda uma vez, mostra a mudança das coisas móveis, como coisas feitas, para que as imóveis permaneçam.
Por isso, tendo recebido um reino que não pode ser abalado, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus agradavelmente, com reverência e piedade;
Porque o nosso Deus é um fogo consumidor".

O paralelo, ou antes o contraste, entre a situação dos antigos israelitas que se aproximaram de Deus no Sinai e o dos cristãos hebreus que esperavam a parusia é levado ainda mais adiante com o propósito de incitar os últimos a apoiar e perseverar. Se era perigoso rejeitar as palavras ditas do monte Sinai - a voz de Deus através da boca de Moisés -, quanto mais perigoso é afastar-se dAquele que fala do céu, a voz de Deus através do seu Filho. A voz do Sinai abalou a terra (Êx 19:18, Sl 68: 8); mas uma convulsão mais terrível estava próxima, por meio da qual, não apenas a terra, mas também os céus seriam removidos para sempre.

Mas o que é isto significa? "movendo e agitando a terra e o céu"? De acordo com Alford:

"É claramente errado entender, com alguns intérpretes, essa comoção como o mero colapso do judaísmo antes do evangelho, ou de qualquer outra coisa que será cumprida durante a economia cristã, exceto seu fim glorioso e seu cumprimento glorioso".

Ao mesmo tempo, ele admite que:

"O período que passa [antes que este tremor aconteça] será apenas um, sem admitir que será dividido em muitos, e esse [tempo] é curto".

Mas, se assim for, certamente a catástrofe deve ter sido imediata porque, no pressuposto de que ela pertence ao futuro distante, o

intervalo deve ser por necessidade muito longa e divisível em muitos períodos, como anos, décadas, séculos e até milênios.

O comentário de Moses Stuart é muito mais direto ao ponto:

"Que a passagem respeita as mudanças que seriam introduzidas pela vinda do Messias, e a nova dispensação que Ele iniciaria, é evidente a partir da leitura de Ageu 2:7-9. Essa linguagem figurativa é predominante nas Escrituras, e denota grandes mudanças. Isso é o que o apóstolo explica, no mesmo verso (Compare Isaias 13:13, Ageu 2:21, 22, Joel 3:16, Mateus 24:29-37)".[238]

A chave para a interpretação desta passagem é encontrada na profecia de Ageu. Comparando os símbolos proféticos nesse livro, será visto que o "tremor do céu e da terra" é evidentemente emblemático e sinônimo de "derrubar tronos, destruir reinos" e revoluções sociais e políticas e afins (Ag 2:21,22). Tais tropos e metáforas são os mesmos elementos da descrição profética, e seria absurdo insistir no cumprimento literal de tais figuras. Prodígios e convulsões são constantemente usados para expressar grandes revoluções sociais ou morais. Que aqueles que acham difícil acreditar que a revogação da dispensação mosaica possa ser prefigurada em linguagem de tal tremenda sublimidade, considerem a magnificência da linguagem usada pelos profetas e salmistas para descrever sua introdução. (Veja Salmos 68:7,8,16,17; 114:1-8; Habacuque 3:1-6).

Então, qual é a grande catástrofe representada simbolicamente como sacudindo os céus e a terra? Sem dúvida é a derrubada e a abolição da dispensação mosaica ou da antiga aliança; a destruição da assembleia e do Estado judaico, juntamente com todas as suas instituições e ordenanças. Havia "coisas celestiais" que pertenciam àquela dispensação: as leis, e estatutos, e ordenanças, que eram divinas em sua origem, e que poderiam ser apropriadamente

[238] Stuart sobre Hebreus, in loc.

chamadas de "a bagagem espiritual" do judaísmo - estes eram os céus, que deveriam ser comovidos e removidos. Havia também as "coisas terrenas": a literal Jerusalém, o templo material, a terra de Canaã - estas eram a terra , que da mesma forma deveria ser comovida e removida. Na realidade, esses símbolos são equivalentes aos usados por nosso Senhor quando ele previu o destino de Israel. "Imediatamente após a tribulação daqueles dias [os horrores do cerco de Jerusalém], o sol será escurecido, e a lua não dará a sua luz, e os poderes dos céus serão abalados" (Mateus 24:29). Ambas as passagens referem-se à mesma catástrofe e empregam números muito semelhantes; além do qual temos a autoridade de nosso Senhor para consertar o evento e o período do qual Ele fala dentro dos limites da geração que então existiu; isto é, as referências só podem ser feitas ao julgamento da nação judaica e à revogação da economia mosaica na parousia.

Esse grande evento deve preparar o caminho para uma nova e maior ordem de coisas. Um reino que não pode ser tocado teria substituído as instituições materiais e mutáveis que eram imperfeitas em sua natureza e temporárias em sua duração; o material daria lugar ao espiritual; o temporal para o eterno; e o terrestre ao celestial. Esta foi de longe a maior revolução que o mundo já havia testemunhado. Transcendeu com grande importância e grandeza até a entrega da lei no Monte Sinai; e, como ela, era acompanhada por terríveis sinais e maravilhas, convulsões físicas e fenômenos portentosos. Era apropriado que prodígios semelhantes e ainda mais terríveis acompanhassem sua revogação e a abertura de uma nova era. Que tais portentos realmente precederam a destruição de Jerusalém, não temos dificuldade em acreditar; primeiro, baseado na analogia; segundo, pelo testemunho de Josefo; e, acima de tudo, pela autoridade do discurso profético de nosso Senhor.

Mas não é tanto para qualquer nova era aqui na terra como para o glorioso descanso e recompensa do povo de Deus no estado celestial, que o autor da epístola direciona a esperança dos cristãos hebreus.

Nesse reino eterno, os servos fiéis de Cristo acreditavam que estavam prestes a entrar, e nenhuma consideração foi mais calculada para fortalecer os fracos e confirmar os que hesitavam. "Visto que, portanto, estamos recebendo um reino que não pode ser abalado, nos enchemos de gratidão, por meio da qual podemos oferecer adoração aceitável a Deus com reverente medo: porque nosso Deus é um fogo consumidor".

A EXPECTATIVA DA PAROUSIA

Hebreus 13:14: "Porque não temos aqui cidade permanente, mas buscamos a futura" [mello].

Alford diz bem:

"Este versículo vem com um tom solene para o leitor, considerando o tempo em que a menousa poliv [cidade permanente] realmente permaneceu, e quão rapidamente a destruição de Jerusalém pôs fim à sociedade judaica, que deveria ser duradoura".[239]

Isso é excepcional e podemos dizer: "O si sic omnia!" O comentarista vê claramente neste caso a relação da linguagem do escritor com as circunstâncias reais dos hebreus. Esse princípio teria sido um guia seguro em outros casos em que ele nos parece ter ignorado completamente o argumento. Os cristãos para os quais a epístola foi escrita chegaram à cena final da política judaica; a catástrofe final estava à mão. Eles ouviram o chamado: "Sai dela, povo meu, para que não sejas participante das suas pragas". Jerusalém, a cidade santa, com seu templo sagrado, suas torres e palácios, suas muralhas e baluartes, não era mais "uma cidade contínua"; estava na véspera de ser "sacudido e removido". Mas o santo hebreu podia ver através de suas lágrimas outra Jerusalém, a cidade do Deus vivo; um lar duradouro e celestial, aproximando-se

[239] Testamento grego, in loc.

muito e "descendo", como se fosse "do céu". Esta foi a cidade próxima [thn mellousan = a cidade que virá em breve] à qual o escritor alude e que ele acreditava que eles estavam prestes a receber. (Hb. 12:28)

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA EPÍSTOLA DE TIAGO

Há um interesse especial associado a esta epístola, na medida em que ela pertence manifestamente aos "últimos dias", o período de encerramento da dispensação.[240] É uma voz para o Israel de Deus disperso de dentro da cidade condenada cuja catástrofe estava agora à mão. É o último testemunho de uma testemunha fiel à nação, dentro e fora dos limites da Palestina. Embora endereçado a crentes em Hebreus, contém evidências da degeneração na igreja cristã e da extrema corrupção da nação. A iniquidade é abundante, e o amor de muitos esfriou. Mas Tiago de Jerusalém, como um dos antigos profetas de Israel, presta seu testemunho da verdade e da justiça com uma fidelidade infalível, até ganhar a coroa do martírio. As alusões diretas à Parousia nesta epístola são poucas em número, mas de caráter distinto e decisivo; e é claro que toda a epístola está escrita sob a profunda impressão da consumação que se aproxima.

[240] A Epístola de Tiago (irmão do Senhor) provavelmente foi escrita entre 62 e 69 d.C. Um dado para isto é que o autor desta epístola ignora a destruição de Jerusalém, no ano 70 dC. Se tivesse escrito depois desta data, sem dúvida que teria comentado isto em seu escrito. Esse argumento serve para todas epístolas do Novo Testamento.

A RELAÇÃO ENTRE A PAROUSIA E OS DISCÍPULOS DE CRISTO

Tiago 1:12: "Bem-aventurado o homem que sofre a tentação; porque, quando for provado, receberá a coroa da vida, a qual o Senhor tem prometido aos que o amam".

Sem dúvida esta bem aventurança é dirigida a toda a igreja cristã em todas as épocas; Os que confiam no Senhor em períodos de provação são especialmente abençoados e são recompensados no Céu por sua fidelidade ao Senhor. Com frequência, essas recompensas caracterizam-se como coroas (1 Co. 9.25; Fp. 4.1; 1 Ts. 2.19; 2 Tm. 4.8; 1 Pe. 5.4; Ap 2.10; 3.11; 4.4,10); mas é importante considerar as palavras em sua referência apropriada e original. Em toda parte, os opositores e perseguidores mais malignos do cristianismo eram os judeus; a aniquilação da nacionalidade judaica, portanto, removeu o antagonista mais formidável do Evangelho e trouxe descanso e alívio aos cristãos sofredores. Nosso Senhor havia dito aos discípulos, ao falar dessa catástrofe que se aproximava: "Quando essas coisas começarem a acontecer, olhe para cima e levante a cabeça, pois sua redenção se aproxima". (Lucas 21:28) Mas essa explicação está longe de esgotar todo o significado de tais passagens. Não se pode duvidar que a Parousia esteja em toda parte representada como o dia de coroação das esperanças e aspirações cristãs; quando "herdariam o reino" e "entrariam na alegria de seu Senhor". Esse é o ensino claro de Cristo e de Seus apóstolos, e achamos claramente expresso nas palavras de São Tiago agora diante de nós.

OS ÚLTIMOS DIAS VIERAM

Tiago 5:1-3: "Eia, pois, agora vós, ricos, chorai e pranteai, por vossas misérias, que sobre vós hão de vir... Estocaram tesouros nos últimos dias".

Essa ousada denúncia dos poderosos opressores e ladrões dos pobres nos últimos dias do Estado judeu recorda em nossa mente as advertências do profeta Malaquias: "Estarei perto de você para julgamento e serei uma testemunha rápida contra os feiticeiros, e contra os adúlteros, e contra falsos juradores, e contra os que oprimem os mercenários em seus salários, a viúva e os órfãos; e os que desviam o estrangeiro da sua direita, e não temam a mim, diz o Senhor dos exércitos". (Ml. 3:5) Esse julgamento estava agora chegando, e "o juiz estava à porta".

Nada pode ser mais franco do que o reconhecimento que Alford dá do significado histórico dessa cominação e sua referência expressa aos tempos do apóstolo. Contabilizando a ausência de qualquer exortação direta à penitência nesta denúncia, ele diz:

"Que tal não aparece aqui deve-se principalmente à proximidade do julgamento que o escritor tem diante dele". Novamente, ele observa: "Uivo" [ololuxein] é uma palavra no Antigo Testamento confinada aos profetas, e usada, como aqui, com referência à abordagem próxima dos julgamentos de Deus. ' Novamente: 'Essas misérias não devem ser pensadas como o fim natural e determinado de todas as riquezas do mundo, mas são os julgamentos relacionados à vinda do Senhor: (cf. Tiago 5:8), "a vinda do Senhor se aproxima". Pode ser que essa perspectiva ainda estivesse intimamente ligada à destruição da cidade e da política judaica, pois é preciso lembrar que são judeus aqui são aqueles a quem essas palavras são dirigidas".

A única desvantagem dessa explicação é o infeliz "pode ser" na última frase. Como uma aventura poderia ser pensada em um caso tão claro? Nossa preocupação é com o que estava na mente do apóstolo, e certamente nenhuma palavra pode transmitir um

testemunho mais forte de sua convicção de que "os últimos dias" e "o fim" estavam quase chegando.[241]

Em sua nota sobre (Tiago 5:3), Alford dá o significado do apóstolo com perfeita precisão:

---

[241] Sobre esse versículo, Adam Clark comenta: "Tiago parece se referir aqui, no espírito de profecia, à destruição que estava vindo sobre os judeus, não apenas na Judeia, mas em todas as províncias onde eles moraram. Ele parece aqui assumir o próprio ar e caráter de um profeta; e na linguagem mais digna e em imagens peculiarmente expressivas e energéticas, prediz as desolações que estavam chegando a essas pessoas más". Novamente, a desvantagem dessa explicação é o uso infeliz da frase "parece se referir". O comentário de Coffman é mais preciso: "Este capítulo tem uma denúncia dramática da classe abastada que assassinou o Messias, isto é, a rica aristocracia de saduceus em Jerusalém que matou "o Justo" (Tiago 5:1-6, Atos 28:25-28), e cuja condenação se aproximava profeticamente anunciada nesta denúncia. Este parágrafo é paralelo àquelas passagens nos evangelhos que Jesus Cristo pronunciou contra Jerusalém [Mt 23], e o pronunciamento similar do apóstolo Paulo em Atos 28:25-28. Calvino provavelmente estava certo em não encontrar aqui nenhum chamado ao arrependimento. Já passou da hora disso. A hora se aproximava quando a ira de Deus seria derramada sobre Israel para sua rejeição final; e Tiago adotou a linguagem severa dos profetas do Antigo Testamento para pronunciar sua condenação. Como Gibson disse: "Este parágrafo pode ser quase uma folha arrancada do Antigo Testamento". Apesar da aplicação original destes versos, no entanto, permanece um aviso eloquente para todos os homens que podem ser tentados a acumular sua riqueza através do egoísmo e da exploração. Se os cristãos estão nesta classe ímpia, o aviso também é para eles. Como Lenski disse: "Apenas carregar o nome do cristão não os exime". Tiago, mais do que qualquer outro escritor do Novo Testamento, identificou a verdadeira razão pela qual "o justo" foi morto. Isso resultou diretamente do ódio egoísta da hierarquia religiosa judaica em Jerusalém, um ódio que foi inspirado pelo fato de Jesus ter limpado duas vezes o templo e desafiado seu roubo impiedoso do povo. Foi a conduta deles no templo que figurou proeminentemente nos ensinamentos de Jesus; mas neste parágrafo inspirado, Tiago dá uma visão um pouco mais ampla de suas "operações", na perversa defraudação de trabalhadores rurais, e suas vidas egoístas de luxo. O parágrafo seguinte (Tiago 5:7-12) tem uma admoestação dirigida aos irmãos com um pedido para que sejam pacientes e esperem até que o próprio Senhor vingue seus erros e execute julgamento sobre seus opressores. Há mais aqui do que meramente uma injustiça social. "Os ricos" em foco aqui eram também os perseguidores dos cristãos (Tiago 2:6,7)".

"Os últimos dias (ou seja, nestes, os últimos dias antes da vinda do Senhor), etc".

É interessante encontrar o Dr. Manton, um teólogo que viveu dias em que a exegese rigorosa não era muito praticada e a exposição das Escrituras era o que quer que as Escrituras quisessem significar, com grande perspicácia discerniu o significado histórico desta e de outras alusões de São Tiago para a Parousia. Por exemplo, na cláusula: "A ferrugem deles comerá a sua carne como se fosse fogo", diz Monton:

"Possivelmente pode haver aqui uma alusão latente à maneira da ruína de Jerusalém, na qual muitos milhares morreram pelo fogo". Mais uma vez, na cláusula "Você acumulou tesouros juntos nos últimos dias", ele observa: "Não há nenhuma razão convincente pela qual devemos interpretar isso em sentido metafórico, especialmente porque, com uma boa saída do contexto, o escopo do apóstolo e o estado desses tempos, o literal pode ser retido. Portanto, eu deveria simplesmente entender as palavras como uma intimação de seus julgamentos que se aproximavam; e assim o apóstolo me parece taxar sua vaidade em acumular e acumular riquezas quando aqueles dias dispersos e fatais para a comunidade judaica estavam prontos para alcança-los".[242]

A PROXIMIDADE DA PAROUSIA

Tiago 5:7: "Portanto, irmãos, sejam pacientes, até a vinda do Senhor".

Tiago 5:8: "A vinda do Senhor está próxima".

Tiago 5:9: "Eis que o juiz está diante da porta".

[242] Manton em Tiago 5:2, 3.

Três declarações distintas, curtas, nítidas, surpreendentes, todas significativas da chegada iminente do "dia do Senhor".

"O que se entende aqui? (Tiago 5:7) Alguma vinda particular de Cristo ou Sua vinda solene ao julgamento geral? Eu respondo: Ambos podem ser intencionais; os cristãos primitivos pensavam que ambos iriam se desentender. 1- Pode significar a vinda particular de Cristo para julgar esses homens maus. Esta epístola foi escrita cerca de trinta anos após a morte de Cristo, e houve pouco tempo entre isso e a última de Jerusalém, de modo que até a vinda do Senhor é até a esmagadora queda de Jerusalém, que também é expressa em outra parte pela vinda, se pudermos crer em Crisóstomo e Oecumenius em João 21:22: "Se eu quiser que ele se demore até a minha chegada", isto é, dizem eles, venham à destruição de Jerusalém".

Ele passa a dar um significado alternativo, de acordo com o uso de expositores de duplo sentido. No oitavo verso, "Porque a vinda do Senhor está próxima", Manton observa:

"Primeiro, a eles por um julgamento particular; pois havia apenas alguns anos, e então tudo estava perdido; e provavelmente é isso que os apóstolos querem dizer quando falam tantas vezes da proximidade da vinda de Cristo. Mas você dirá: Como isso pode ser proposto como um argumento de paciência para os piedosos hebreus de que Cristo viria e destruiria o templo e a cidade? Eu respondo: 1- O tempo do solene processo judiciário de Cristo contra os judeus foi o tempo em que Ele Se absolveu com honra a Seus adversários, e o escândalo e a reprovação de Sua morte foram eliminados. 2- A abordagem de Seu julgamento geral encerrou a perseguição; e quando os piedosos foram providenciados em Pella, os incrédulos pereceram pela espada romana, etc".

Em (Tiago 5:9) "Eis que o juiz está diante da porta", Manton

descarta inteiramente o duplo sentido e dá a seguinte explicação inesperada:

"Ele já havia dito: "A vinda do Senhor está próxima". agora ele acrescenta que "ele está à porta", uma frase que implica não apenas a segurança, mas a repentina do julgamento. Veja Mt. 24:33: "Saiba que está próximo, mesmo à porta"; para que esta frase pretenda também a rapidez da ruína judaica".[243]

É fácil ver que a ansiedade perdoável de encontrar um uso didático e edificante presente em todas as Escrituras está no fundamento de grande parte da exposição de teólogos como Manton, e os inclina a adotar significados e acomodações alternativas, que uma exegese estrita não pode Admiter. Mas a linguagem do apóstolo, neste caso, não precisa de elucidação, ela fala por si. Mostra a atitude de expectativa e esperança em que as igrejas apostólicas aguardavam a manifestação de seu retorno do Senhor. Uma igreja perseguida precisava de paciência diante dos erros infligidos por seus opressores. O grito deles foi: "Senhor, quanto tempo?" Eles foram consolados com a certeza de que o dia da libertação estava próximo; "o juiz", o vingador de seus erros já estava "à porta"; "ainda assim, muito pouco tempo, e quem está vindo virá, e não se demorará". Como é possível conciliar essa expectativa confiante de libertação quase imediata com uma consumação ainda futura depois de dezoito séculos terem passado? Há apenas duas alternativas possíveis: ou São Tiago e seus companheiros apóstolos foram grosseiramente enganados na expectativa da Parousia, ou esse evento aconteceu, de acordo com a expectativa deles e com a previsão do Senhor, no final do aeon, ou idade judaica. Se adotarmos a última alternativa, a única compatível com a fé cristã, devemos aceitar a inferência de que Parousia foi a aparição gloriosa do Senhor Jesus Cristo para abolir a dispensação mosaica, executar julgamento sobre a nação culpada e receber Seu povo fiel em Seu reino celestial e glória.

[243] Manton em Tiago 5:7-9.

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE PEDRO

É evidente que essa epístola, como a de São Tiago, pertence ao período chamado "os últimos tempos". Como seu colega testemunha e irmão apóstolo Tiago, São Pedro dirige suas exortações aos cristãos hebreus da dispersão; pois esta é a única interpretação natural do título que lhes é dada no primeiro verso. O conteúdo demonstra suficientemente que a epístola foi escrita em um tempo de sofrimento por causa de Cristo. Os discípulos estavam "pesados devido a múltiplas tentações"; mas estava chegando um tempo muito mais severo de provação, e para isso eles são exortados a se preparar: "Amados, pensem que não é estranho com relação à provação ardente que é para experimentá-lo, como se algo estranho lhe acontecesse" (1 Pedro 4:12) Além disso, são confortados com a perspectiva de libertação final e rápida.[244]

É necessário ler esta epístola à luz das circunstâncias reais da época em que e das pessoas para quem ela foi escrita. Quaisquer que sejam seus usos e lições para outros tempos e pessoas, sua influência primária e especial sobre os judeus da dispersão na era apostólica não deve ser perdida de vista.

[244] A primeira epístola de Pedro foi escrita enquanto Pedro estava em Jerusalém, numa época em que Jerusalém já era conhecida pelo codinome "Babilônia" (1 Pedro 5:13). Visto que isso implica um provável conhecimento do livro do Apocalipse, podemos colocar Primeira Pedro no final de 63 dC, depois que João escreveu o Apocalipse (provavelmente no final de 62 dC) e antes do início da perseguição nerônica em 64 dC.

A SALVAÇÃO PRESTES A SER REVELADA NO ÚLTIMO TEMPO

1 Pedro 1:5: "Que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo".

Cada palavra neste discurso de abertura é cheia de significado e implica a abordagem próxima de uma grande e decisiva crise. Em (1 Pedro 1:4), temos uma alusão muito distinta à "herança", que é o tema de uma porção tão grande da Epístola aos Hebreus, ou seja, a verdadeira Canaã, "o repouso que permanece para o povo de Deus". Em linguagem muito semelhante, São Pedro denomina "a herança reservada no céu" e representa a entrada nela pelos crentes como agora muito próxima. A salvação está "pronta para ser revelada". O que esta "salvação" significa é muito evidente; não é a glorificação pessoal de almas individuais na morte, mas uma libertação grande e coletiva, na qual o povo de Deus geralmente deve participar: uma salvação como Deus operou por Israel nas margens do Mar Vermelho. Do mesmo modo, São Paulo usa a mesma palavra com referência a essa mesma consumação que se aproxima: "Agora nossa salvação está mais próxima do que quando cremos". (Rm. 13:11)

Essa grande libertação geral não era um evento distante , estava agora "pronto para ser revelado", na véspera de ser manifestado. Como observa Alford, a palavra etoimhn [pronto] é mais forte que mellousan. Entender isso como referindo-se aos crentes individuais entrando no céu um a um na hora da morte, ou como uma admissão em um estado celestial que ainda não foi concedido, é totalmente repugnante ao sentido claro das palavras.

A salvação está pronta para ser revelada na "última hora", ou seja, "agora", no tempo então presente. Já tivemos ocasião de notar que os apóstolos chamam seu tempo de "a última hora". Eles creram e ensinaram que estavam vivendo nos últimos tempos, e isso deve ser

reconciliado como fato, se o seu crédito como testemunha fiel e autorizada de Cristo for mantido. Eles eram justificados em sua crença: eles estavam vivendo nos últimos tempos, no período de fechamento da era ou idade judaica. No vigésimo verso deste capítulo, encontramos a mesma designação dada ao tempo da encarnação de Cristo: "Quem se manifestou nestes últimos tempos [no último dos tempos] para você". Dizer que o apóstolo considera todo o período desde o início da dispensação do Novo Testamento até a vinda de Cristo em glória, em alguma era futura e possivelmente ainda distante, como um curto período de tempo chamado de últimos dias, é uma interpretação muito antinatural e forçada. O apóstolo está evidentemente falando de um período de crise, e fazer com que uma crise se estenda por milhares de anos é fazer violência não apenas ao sentido gramatical das palavras, mas também à natureza das coisas.

Correndo o risco de repetição, podemos observar aqui que, de acordo com o uso do Novo Testamento, devemos conceber o período entre a encarnação de Cristo e a destruição de Jerusalém como o fim de uma época ou aeon. Foi no fim dos tempos [epi suntelia twn aiwnwn = próximo ao fim dos tempos] que "Cristo apareceu para remover o pecado do meio, pelo sacrifício de si mesmo" (Hb 9:26). Todo esse período de cerca de setenta anos é considerado como "a última hora", mas é natural que a frase tivesse uma acentuação mais forte quando a guerra dos judeus, o começo do fim, estava prestes a explodir.

A REVELAÇÃO DE JESUS CRISTO É PRÓXIMA

1 Pedro 1:7: "Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória, na revelação de Jesus Cristo".

1 Pedro 1:13: "Portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios, e esperai inteiramente na graça que se vos está sendo trazida na revelação de Jesus Cristo".

Tudo na exortação do apóstolo transmite a ideia de expectativa e preparação. A salvação está pronta para ser revelada; os crentes provados e perseguidos devem "cingir os lombos de sua mente"; o benefício esperado, a graça, está a caminho - está sendo trazido a eles. Alford observa corretamente que a palavra feromenhn [sendo trazida] significa "a quase iminência do evento mencionado; que está agora caindo sobre você.[245] Isso não prova claramente que São Pedro entendeu e desejou que seus leitores entendessem que esse apocalipse de Jesus Cristo estava próximo? Seria zombaria dizer ao sofrimento e aos homens perseguidos que se preparassem para receber uma salvação que não viria ainda por centenas e milhares de anos.

RELAÇÃO ENTRE A REDENÇÃO DE CRISTO E O MUNDO ANTEDILUVIANO

1 Pedro 3:18-20: "Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito;
No qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão;
Os quais noutro tempo foram rebeldes, quando a longanimidade de Deus esperava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca; na qual poucas (isto é, oito) almas se salvaram pela água".

A interpretação comum dessa difícil passagem dada pela maioria dos expositores protestantes é que Cristo, de fato, pregou aos antediluvianos por Seu Espírito Santo através do ministério de Noé. Isso sem dúvida afirma uma verdade e tem além da vantagem de manter-se dentro das linhas de fatos históricos conhecidos e evitar o

[245] Testamento grego, in loc.

que parece especulação sombria e duvidosa. No entanto, como uma questão de gramática, essa interpretação é totalmente insustentável. Primeiro, é razoável esperar uma sequência cronológica nas várias partes da declaração do apóstolo, descrevendo o que Cristo fez depois de "ser morto em carne". O que seria mais duro e abrupto do que a repentina transição da narrativa do que Cristo fez e sofreu na carne para o que Ele havia feito, em certo sentido, alguns milhares de anos antes, nos dias de Noé? Além disso, a tradução "sendo vivificada pelo Espírito" e "pela qual também" implica que o Espírito Santo foi o agente por quem Cristo foi feito vivo, e por quem Ele pregou etc. está claramente errado. Deveria ser: "Ser morto em sua carne, mas vivificado em seu espírito" - a carne é Seu corpo e o Espírito Sua alma. Então o apóstolo acrescenta, "no qual também", viz. em sua alma, ou espírito humano. Além disso, como Ellicott apontou, poreuyeiv [tendo ido] "sugere uma descida literal e local".[246]

Parece, portanto, não haver escapatória, de acordo com o verdadeiro e natural sentido das palavras, da interpretação - que nosso Senhor, após Sua morte na cruz, entrou em Seu estado desencarnado no Hades, o lugar dos espíritos que partiram, e ali proclamou [pregando] aos espíritos na prisão, viz. os antediluvianos, que nos dias de Noé não acreditavam nas advertências do profeta e pereceram no dilúvio. Essa, que é a interpretação mais antiga, agora é geralmente concedida pelos mais eminentes críticos. É aquilo que está incorporado no Credo do Apóstolo; tem a sanção de Lutero e Calvino; e parece ser apoiado por outras passagens nas Escrituras que estão em harmonia com esta explicação. No sermão de São Pedro no dia de Pentecostes (Atos 2: 27-31) há uma alusão distinta à alma de Cristo que esteve no Hades; também em Efésios 4:9: "Agora que ele ascendeu, o que é isso, senão que ele também desceu primeiro às partes mais baixas da terra?" É difícil supor que o enterro do corpo seja o significado dEle descendo para as partes mais baixas da terra.

[246] Ensaio de Ellicott em Aids to Faith.

A questão mais importante permanece: Qual foi o objetivo da descida de nosso Senhor ao Hades? Dificilmente se pode duvidar que foi gracioso. O apóstolo diz: "Ele pregou [ekhruxen] para os espíritos na prisão" - e o que ele poderia pregar senão boas novas? Esse fato confere um significado novo e maior aos termos da comissão de nosso Senhor: "Ele me enviou para proclamar liberdade aos cativos e a abertura da prisão aos que estão presos". (Is. 61:1) A hipótese do bispo Horsley e outros de que esses espíritos na prisão eram de fato santos, ou pelo menos penitentes, aguardando o período de sua salvação completa, dificilmente requer refutação. Se algo está claro diante da questão, é que eles eram os espíritos daqueles que pereceram por sua desobediência e em sua desobediência. Como observa o bispo Ellicott, apeiyhsasin significa, não "que foram desobedientes", mas "na medida em que foram desobedientes".[247]

Mas pode-se dizer: Por que os antediluvianos desobedientes deveriam ter sido selecionados como objetos de uma missão graciosa? Não havia outras almas perdidas no Hades, e por que elas deveriam encontrar graça além de outras? [248] O bispo Horsley considera que essa é uma dificuldade e a maior pela qual sua interpretação é embaraçada. Alford encontra uma razão, se nós corretamente o apreendermos, na maneira de sua morte. "A razão de

[247] Ensaio de Ellicott em Aids to Faith.

[248] Daniel Heinsius, a fim de elucidar essas expressões, aduziu algumas passagens do livro apócrifo de Enoque, no qual os gigantes ímpios antes do dilúvio e, nos dias de Noé, a progênie dos filhos de Deus e as filhas dos homens - pneumata ponhra, espíritos malignos - são declarados presos e lançados na prisão, para serem reservados para o julgamento do último dia: "Amarre-os, diz o Ser Supremo ao anjo Miguel, por setenta gerações, nos lugares mais baixos da Terra, até o dia do seu julgamento, até o dia da conclusão, quando o julgamento da eternidade será consumado". - Vide. Rosenmuller, Schol. in lor. '- (Bíblico: notas, por JJ Gurney, pp. 211, 212). Esta é uma passagem curiosa de um livro curioso, cujo problema ainda não foi resolvido. Setenta gerações, calculando trinta e cinco anos a uma geração, seriam 2450 anos, o que corresponderia ao período entre o dilúvio e a destruição de Jerusalém, de acordo com a cronologia recebida.

mencionar aqui esses pecadores acima de outros pecadores, parece ser a conexão deles com o tipo de batismo que se segue";[249] mas certamente isso é atribuir uma eficácia a essa instituição além das mais ousadas teorias da regeneração batismal. Arriscamo-nos a sugerir que a verdadeira razão reside na natureza daquele grande ato judicial que ocorreu no dilúvio. Isso foi o fim de uma era ou aeon e terminou em uma catástrofe, pois o aeon então em andamento estava prestes a terminar. Os dois casos foram análogos. Como o dilúvio foi o fim e a consumação de um antigo aeon, ou período mundial, a destruição de Jerusalém e a revogação da economia judaica estavam prestes a fechar o período ou aeon mundial existente. O que é mais natural às vésperas de uma catástrofe como o apóstolo previa, do que anunciar a catástrofe de um ex-aeon? O que é mais pertinente do que observar o fato de que a "salvação vindoura" teve um efeito retrospectivo sobre as eras passadas? Não é difícil ver a conexão das idéias na linha de pensamento do apóstolo. O dilúvio foi o sunteleia tou aiwnov do tempo de Noé; outra sunteleia estava à mão. O "mundo antigo que era então" pereceu nas águas batismais do dilúvio; o "mundo que agora é" - a ordem mosaica, a comunidade judaica e o povo - estava prestes a ser submerso em um batismo de fogo. (Ml. 4:1, Mt. 3:11, 12, 1 Co. 3:13, 2 Ts. 1:7-10) Não era apropriado mostrar que a obra redentora de Cristo se uniu, e de fato cobriu, a ambos esses aeons, e olhou para trás para o passado e para o futuro?

Não obstante, então, o mistério e a obscuridade que confessadamente dominam o assunto, somos levados à conclusão de que o apóstolo nesta passagem ensina claramente que nosso abençoado Senhor, após Sua morte na cruz, desceu ao Hades, como um espírito sem corpo, o lugar dos espíritos que partiram, e ali proclamou as boas novas de Sua redenção realizada às multidões dos perdidos que pereceram na catástrofe ou no julgamento final do antigo aeon; e embora não tenhamos, na presente passagem, nenhuma afirmação expressa de que aqueles que ouviram o anúncio

[249] Testamento grego, in loc.

feito por nosso Salvador foram libertados de sua prisão e introduzidos na "gloriosa liberdade dos filhos de Deus", no entanto, não parece incrível, é até presumível, que essa emancipação tenha sido objeto e resultado da interposição de Cristo. Já nos referimos a Ef. 4:9 como apoio a essa visão. "Agora que ele ascendeu, o que é isso, senão que ele também desceu primeiro às partes inferiores da terra?" O bispo Hersley mostra que a frase "as partes inferiores da terra" é designada apropriadamente e costumeiramente como Hades.[250]

Na mesma passagem, o apóstolo fala da ascensão triunfante de Cristo nas seguintes palavras: "Quando ele subiu ao alto, ele levou o cativo o cativeiro e deu dons aos homens". Os ensinamentos de São Pedro, com referência aos "espíritos na prisão", não lançam luz sobre essa "condução do cativo em cativeiro"? Não sugere que o Salvador que retornou, tendo travado a luta e conquistado a vitória, desfrutou também do triunfo - que Ele trouxe consigo para o céu uma grande multidão a quem havia resgatado do cativeiro; os espíritos na prisão a quem Ele carregava as boas novas de redenção alcançadas; e quem, sendo retirado da prisão, acompanhou o conquistador que voltava à casa de Seu Pai, ao mesmo tempo resgatado pelo Seu sangue e pelos troféus do Seu poder?

Antes de abandonar este assunto, pode ser bom citar algumas opiniões dos críticos bíblicos em referência a ele.

Steiger, que trata toda a passagem da maneira mais sincera e acadêmica possível, diz:

"O sentido claro e literal das palavras neste versículo (1 Pedro 3:19), visto em conexão com o seguinte, nos obriga a adotar a opinião de que Cristo se manifestou entre os mortos incrédulos". "Devemos admitir que o discurso aqui é de uma proclamação do Evangelho

[250] Sermões de Horseley em 1 Pedro 3:18-20

entre aqueles que morreram na incredulidade, mas não sabemos se encontrou uma entrada em muitos ou poucos". "A expressão en fulakh (que o siríaco produz por Sheol; os pais a usam como sinônimo de Hades) mostra que o discurso só pode respeitar os incrédulos". "Aquele que jazia morto, entrou no império dos mortos como conquistador, proclamando liberdade aos seus súditos presos".[251]

A opinião de Dean Alford é muito decidida: -

"De tudo o que foi dito, deduzir-se-á que, com a grande maioria dos comentaristas, antigos e modernos, entendo estas palavras para dizer que nosso Senhor, em seu estado desencarnado, foi para o local de detenção dos espíritos que partiram e anunciaram Sua obra de redenção, pregam a salvação, de fato, aos espíritos desencarnados daqueles que se recusavam a obedecer à voz de Deus quando o julgamento do dilúvio pairava sobre eles. Por que essas pessoas, e não outras, são mencionadas - seja apenas como uma amostra de um trabalho gracioso com os outros ou por algum motivo especial inimaginável por nós -, não podemos dizer".[252]

Em um discurso interessante sobre "O Estado Intermediário", do Rev. J. Stratten, ocorrem as seguintes observações:

"Se essa passagem significa apenas que o Espírito Santo ajudou Noé a pregar aos antediluvianos, é uma maneira mais obscura, emaranhada e irresponsável de expressar um princípio mais claro e simples. Algum de nós empregaria esse idioma, ou algum parecido, para expressar esse sentimento? Acho que não, e parece ser apenas o refúgio de uma mente que não entende o apóstolo, ou procura interpretá-lo mal".

[251] Comentário de Stieger sobre 1 Pedro, Gabinete Bíblico, No. xiv. in loc.
[252] Testamento Grego, Notas, in loc.

Podemos aqui, de passagem, notar que tal libertação do Hades serve vivamente para ilustrar o ditado de São Paulo em 1 Coríntios 15:26: "O último inimigo, a morte, será destruído".

A PROXIMIDADE DO JULGAMENTO E O FIM DE TODAS AS COISAS

1 Pedro 4:5-7: "Quem prestará contas àquele que estiver pronto para julgar os vivos e os mortos... Mas o fim de todas as coisas está próximo; portanto, fique sóbrios e vigiem em oração".

Nessas passagens, encontramos novamente, o que tantas vezes encontramos antes, a clara apreensão do julgamento e do fim, quase à mão.

Em (1 Pedro 4:5), o apóstolo sugere que Deus estava prestes a julgar os vivos e os mortos. Isso não pode se referir àquele ato de julgamento em particular que, como acreditamos, está sempre perto de todo homem, no mesmo sentido em que a morte e a eternidade estão sempre próximas. É obviamente um julgamento solene, público e geral, no qual os vivos e os mortos estavam juntos para responder por si mesmos perante o tribunal de Deus. Essa abordagem de julgamento segue o curso da abordagem da Parousia, que é tão distintamente sugerida em (1 Pedro 1:5). Tudo o que foi afirmado em relação a essa passagem se aplica com igual força a isso; etoimwv econti = tê-lo pronto para julgar é uma expressão mais forte do que mellonti e não pode se referir a nada além de um evento quase imediato.

Não menos decisiva é a afirmação em (1 Pedro 4:7): "O fim de todas as coisas está próximo". Qualquer que seja esse fim, é certo que o apóstolo o concebe como próximo, pois ele o recomenda como motivo de vigilância e oração. Para compreender toda a força da

exortação, devemos nos colocar na situação desses cristãos apostólicos. À medida que ano após ano diminuía a distância para o falecimento da geração que via e rejeitava o Filho do homem, a antecipação da chegada da grande consumação prevista deve ter se tornado cada vez mais vívida nas mentes dos crentes cristãos. Quais eram suas concepções quanto à natureza e extensão dessa consumação; se eles imaginaram que isso envolvia a dissolução de toda a estrutura e tecido do mundo material ou não, não cabe a nós determinar. O que temos em mãos não são as opiniões particulares dos apóstolos, mas suas declarações públicas. Mas que a consumação designada por nosso Senhor "o fim" e "o fim dos tempos" estava se aproximando rapidamente, não é uma questão em aberto, mas um ponto de fé envolvendo a verdade de todas as Suas reivindicações. Não há dúvida de que, no sentido judaico ou religioso, isto é, no que diz respeito à política nacional e ao sistema eclesiástico do judaísmo, "o fim de todas as coisas estava próximo". Tudo o que estava sob os olhos de nosso Senhor, quando Ele estava sentado na monte das Oliveiras, era à destruição que se aproximava. Essa é a chave do significado de São Pedro nesta passagem e fornece a única explicação defensável e bíblica.

Citamos, com plena satisfação e aprovação, as observações de um orador criterioso sobre a passagem diante de nós:

"Depois de alguma deliberação, decidi adotar a opinião daqueles que defendem que 'o fim de todas as coisas' aqui é o fim completo e final da economia judaica na destruição da cidade e do templo de Jerusalém, e a dispersão do povo santo, que estava perto, porque esta epístola parece ter sido escrita muito pouco antes desses eventos acontecerem, e não é improvável que fosse depois do início das "guerras e rumores de guerras" de que nosso Senhor falou Este ponto de vista não parecerá estranho para qualquer um que tenha cuidadosamente ponderado os termos com os quais nosso Senhor havia predito esses eventos, e a estreita relação entre o cumprimento

dessas predições e os interesses e deveres dos cristãos, seja na Judeia ou nos países gentios ".

"Está bem claro que, nas previsões de nosso Senhor, as expressões "o fim" e, provavelmente, "o fim do mundo", são usadas com referência à total dissolução da economia judaica. Os eventos desse período foram previstos muito meticulosamente, e nosso Senhor declarou claramente que a geração existente não passaria antes que todas as coisas fossem cumpridas com respeito a "este fim". Este era para ser um período de sofrimento para todos, de julgamento, julgamento severo, para os seguidores de Cristo, de terríveis juízos sobre seus oponentes judeus, e de glorioso triunfo para a religião de Jesus. Para este período, repetidas referências são feitas nas epístolas apostólicas: 'Sabendo da época', diz o apóstolo Paulo, 'que é hora de acorda do sono, porque agora a nossa salvação está mais perto do que quando cremos. A noite está avançada, o dia está chegando. "Seja paciente", diz o Apóstolo Tiago,"e permaneça firme em seus corações: que a vinda do Senhor está chegando". "O juiz está na frente da porta". As previsões de nosso Senhor devem ter soado familiares aos ouvidos dos cristãos na época em que isso foi escrito. Com uma mistura de espanto e alegria, medo e esperança, eles devem ter esperado pelo seu cumprimento: "esperando pelas coisas que viriam sobre a terra"; e era peculiarmente natural que Pedro se referisse a esses eventos, e se referisse a eles com palavras semelhantes àquelas usadas por nosso Senhor, pois ele tinha sido um dos discípulos que, sentado com seu Senhor e tendo em vista a cidade e no templo, eles o ouviram fazer essas previsões".

"Os cristãos que viviam na Judeia tinham um interesse peculiar nessas previsões e seu cumprimento, mas todos os cristãos tinham um profundo interesse neles". Os cristãos das regiões em que aqueles que Pedro escreveu eram principalmente judeus convertidos. Cristãos, eles tinham motivo para se alegrar na esperança de cumprir as previsões, pois eles confirmaram a verdade do cristianismo e eliminaram alguns dos maiores obstáculos ao seu progresso, como a

perseguição por parte dos judeus, e confundindo o cristianismo. com o judaísmo da parte dos gentios, que estavam acostumados a considerar os cristãos professos como uma seita judaica, mas, enquanto se regozijam, eles o fazem "com tremor", pois seu Senhor havia claramente indicado que seria um período de severo julgamento para seus amigos, bem como vingança terrível para seus inimigos. "O fim de todas as coisas", que foi perto, parece ser o mesmo que o julgamento dos vivos e dos mortos, em que o Senhor estava prestes a iniciar - um julgamento, o tempo pelo qual ele tinha vindo, que deveria começar pela casa de Deus, os judeus incrédulos, em que os justos dificilmente seriam salvos, e os iníquos e os ímpios seriam terrivelmente punidos".

"A contemplação de tais eventos como muito próximos era bem adequada para funcionar como motivação para a sobriedade e vigilância com a oração. Estes eram exatamente os temperamentos e exercícios peculiarmente requeridos em tais circunstâncias, e exatamente os arranjos e ocupações requeridos por nossa Senhor, quando ele falou daqueles dias de provação e raiva: "Veja também por si mesmos, para que seu coração não seja sobrecarregado com glutonaria e embriaguez e os cuidados desta vida, e venha sobre você de repente: para como um laço venha sobre você todos os que habitam na face da terra, ora, em todos os momentos, orem para que sejais considerados dignos de escapar de todas estas coisas que estão por vir, e para estar diante do Filho do Homem". (Lucas 21: 34-36) É difícil acreditar que o apóstolo não tenha essas mesmas palavras em mente quando escreveu a passagem diante de nós". Discursos Expositivos sobre 1 Pedro, do Dr. John Brown, Edimburgo, vol. ii, pp. 292-294.

A BOA NOTÍCIA ANUNCIADA AOS MORTOS

1 Pedro 4:6: "Porque por isto foi pregado o evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito".

Talvez não se possa dizer que a passagem acima citada se enquadre no escopo desta discussão, pois parece não ter relação direta com o tempo da Parousia; e sua extrema dificuldade pode ser uma boa razão para evitar completamente seu exame. No entanto, como pertence manifestamente à escatologia do Novo Testamento, e como não temos o direito de considerá-lo irremediavelmente insolúvel, parece melhor não passá-lo em silêncio.

Há pouca dúvida de que o presente texto seja de uma classe de passagens difíceis que, embora obscuras para nós, era inteligíveis e fáceis para os leitores originais das epístolas. (Ver 1 Co. 11:10, 15:29) Uma alusão passageira pode trazer toda uma linha de pensamento em suas mentes, para que eles compreendam facilmente o que irremediavelmente nos embaraça. Paley, em sua Horae Paulinae, cap. x. número 1, anuncia essa dificuldade em uma correspondência real que está nas mãos de terceiros.

O escopo geral do argumento é suficientemente claro. O apóstolo começa o capítulo exortando os discípulos sofredores e perseguidos a imitar o exemplo do seu Senhor, que antes sofria, mas agora vitorioso: "Arme-se com a mesma resolução", isto é, sofra como Ele sofreu, até a morte, se necessário. Nos versículos seguintes, ele faz alusão à sua antiga vida sem Deus e sensual, e à ofensa que a mudança para a pureza de um comportamento cristão deu aos seus vizinhos pagãos. (1 Pe. 4:2, 3, 4) Esse protesto silencioso, mas vivo, contra a imoralidade do paganismo parece ter sido uma causa da antipatia geral do Evangelho, que encontrou vazamentos em imputações difamatórias contra os cristãos que não ofendem,

"falando mal de você" (blasfhmountev). Mas esses caluniadores e perseguidores logo seriam chamados a prestar contas por Aquele que estava prestes a julgar os vivos e os mortos. (1 Pe. 4:5)

Será considerado muito importante ter em mente essa abertura do argumento do apóstolo, que antecedeu a afirmação em (1 Pedro 4:6).

Vamos agora olhar para essa afirmação. "Porque, por essa causa, o evangelho também foi pregado aos mortos, para que fossem julgados segundo os homens em carne, mas vivessem segundo Deus em espírito".

Pode-se dizer verdadeiramente que existem aqui tantas dificuldades quanto palavras. Quando, onde e por quem o Evangelho foi pregado aos mortos? Quem foram os mortos a quem o Evangelho foi pregado? Por que foi pregado a eles? Como os mortos poderiam ser julgados segundo os homens em carne? Como eles poderiam viver de acordo com Deus no espírito? E como a pregação do Evangelho aos mortos produziu esse resultado: "para que vivessem segundo Deus em espírito"?

Seria inútil revisar a multiplicidade de explicações dessa passagem obscura proposta por diferentes comentaristas. Vamos basta olhar para um ou dois dos mais plausíveis.

À pergunta: quem foram os mortos a quem se diz que o Evangelho foi pregado? alguns acham que é uma resposta suficiente responder: são aqueles que agora estão mortos que estavam vivos na carne quando o Evangelho lhes foi pregado. Essa seria uma solução fácil se fosse permitido interpretar as palavras do apóstolo; mas é uma objeção fatal a essa explicação que faz do apóstolo um fato muito simples e óbvio, de uma maneira inexplicavelmente obscura e ambígua. As próprias palavras rejeitam tal explicação. Alford não fala muito alto quando diz:

"Se kai nekroiv euhggelisyh pode significar "o evangelho foi pregado a alguns durante a vida que agora estão mortos" a exegese não tem mais nenhuma regra fixa e as Escrituras podem ser feitas para provar qualquer coisa".

Outros supõem que pelos "mortos" em (1 Pedro 4:6) devem ser entendidos os espiritualmente mortos; mas para isso existem duas objeções intransponíveis: primeiro, isso não discrimina uma classe específica, pois todos os homens estão espiritualmente mortos quando o Evangelho lhes é pregado pela primeira vez; e, em segundo lugar, atribui à palavra nekroi [os mortos] em (1 Pedro 4:6) um significado diferente da mesma palavra em (1 Pedro 4:5) - "os vivos e os mortos". De acordo com essa interpretação, a palavra "morto" é usada literalmente em (1 Pedro 4:5), e em sentido ético em (1 Pedro 4:6). Mas, como Alford diz justamente:

"Todas as interpretações devem ser falsas que não deem nekroiv em (1 Pedro 4:6) o mesmo significado que nekrouv em (1 Pedro 4:5), ou seja, o de homens mortos, literal e simplesmente assim chamado; homens que morreram e estão nos seus túmulos".

Mas provavelmente a opinião mais comum é que o apóstolo aqui alude novamente à pregação de Cristo aos espíritos na prisão mencionados em (1 Pedro 3:19, 20); e, a princípio, essa parece a explicação mais natural. Essa foi, sem dúvida, uma pregação do Evangelho aos mortos, e também a uma classe particular de mortos, os antediluvianos que antes eram desobedientes nos dias de Noé e que foram vencidos pelo julgamento de Deus.

Porém, quando chegamos a examinar mais de perto a declaração do apóstolo, descobrimos que essa aplicação de suas palavras não é de modo algum adequada às pessoas designadas "os espíritos na prisão". Como se pode dizer que os antediluvianos são "julgados segundo os homens em carne e osso"? Eles pereceram pela visita de Deus, e não

pelo julgamento ou ato do homem; e parece evidente que a seguinte cláusula - "para que eles possam viver segundo Deus no espírito" - implica a reversão da condenação humana que foi passada aos mortos enquanto ainda no corpo.

Portanto, nenhuma das explicações comuns parece atender aos requisitos do caso. Esses requisitos são: encontrar uma classe de mortos a quem o Evangelho foi pregado após a morte deles; que foram condenados à morte quando na carne pelo julgamento dos homens, mas que estão destinados a viver no espírito, de acordo com o julgamento de Deus, e isso é consequência do Evangelho ser pregado a eles após a morte.

Somos levados a concluir que essa classe em particular, julgada ou condenada pelo julgamento humano, deve se referir a discípulos perseguidos de Cristo. É para tal e de tal forma que o apóstolo está falando, como é evidente nos versículos iniciais do capítulo. Seria bastante apropriado dizer que, embora (injustamente) condenados pelo homem, eles seriam vindicados por Deus. Também é apropriado dizer isso (especialmente, os mártires da fé) que eles "sofreram na carne" - foram mortos pelo julgamento humano, mas foram vivificados em espírito, ou em seus espíritos, e isso de acordo com Deus, ou pelo julgamento divino. Mas ainda permanece a dificuldade formidável apresentada pelas palavras "o evangelho foi pregado aos que estão mortos". Não temos nenhuma explicação no Novo Testamento de tais pregações para mártires cristãos após sua morte. Mas somos necessariamente obrigados a dar esse sentido à palavra euhggelisyh? É aqui, acreditamos, que a chave para a verdadeira explicação dessa passagem será encontrada; e é a interpretação errada dessa palavra que enganou os comentaristas. Embora seja muito comumente usado no sentido técnico da pregação do Evangelho, esse não é de modo algum seu uso invariável no Novo Testamento. É empregado para significar o anúncio de qualquer boa notícia, e não exclusivamente as boas novas do Evangelho. Assim, em (Hb. 4:2), impropriamente prestado em nossa Versão Autorizada "para nós foi

pregado o evangelho, assim como para eles", não há alusão à pregação do Evangelho no sentido técnico da frase, mas simplesmente ao fato de que "para nós, assim como para os antigos israelitas, boas notícias foram trazidas" [esmen enhggelismenoi], as boas novas em ambos os casos são a promessa de entrar no descanso de Deus. Portanto, em um sentido ainda mais geral, a palavra é usada para denotar qualquer mensagem agradável, como em (1 Ts. 3:6): "Quando Timóteo nos trouxe boas novas de sua fé" etc [euaggelisamenou hmin]. O mesmo ocorre em Ap. 10:7: "Como anunciou [euhggelisen = fez uma declaração consoladora] a seus servos, os profetas". (Veja também Gl. 3:8).

Mas a pergunta ainda se repete: onde temos no Novo Testamento qualquer alusão a essas boas notícias, inteligência agradável ou declarações consoladoras, feitas a qualquer confessor ou mártir cristão após sua morte? O apóstolo parece falar de algum fato conhecido pelas pessoas a quem ele escreveu, e às quais ele apenas se referia para que reconhecessem de imediato o seu significado. Agora, na verdade, temos uma representação histórica no Novo Testamento, na qual encontramos todas essas circunstâncias presentes. Temos uma cena retratada em que os mártires cristãos, que haviam sido condenados e mortos na carne pelo julgamento do homem, apelam à justiça de Deus contra seus perseguidores, e uma declaração consoladora é trazida a eles, após sua morte, dando-lhes a garantia de rápida vindicação e de uma gloriosa recompensa celestial.

Aludimos, é claro, à impressionante representação dada no Apocalipse das almas martirizadas sob o altar, apelando a Deus pela reivindicação de sua causa contra seus perseguidores e assassinos - "os que habitam na terra" - e que é assim descrita em (Ap. 6:9-11):

"Quando ele abriu o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos pela palavra de Deus e pelo testemunho que eles tinham; e clamaram em alta voz, dizendo: Até quando, Senhor, santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue sobre os que

habitam na terra [a terra]? E uma túnica branca foi dada a cada um deles; e foi dito a eles [erreyh = euhggelisyh] que deveriam descansar ainda por um pouco de tempo, até que também seus companheiros e seus irmãos, que deveriam ser mortos como fossem cumpridos".

Isso parece exatamente atender a todos os requisitos do caso. Aqui encontramos os nekroi, os cristãos mortos; foram julgados ou condenados em carne, pelo julgamento do homem, ou "segundo os homens"; foram mortos "pela palavra de Deus e pelo testemunho que mantinham". Encontramos uma declaração reconfortante feita a eles em seu estado desencarnado, e temos a lacuna na epístola preenchida na visão apocalíptica, pois somos informados do que levou a essa euaggelion; estão certos de que daqui a pouco sua causa deve ser justificada, de acordo com sua oração; enquanto isso "uma túnica branca", o símbolo de pureza e vitória é dada a cada um deles", o que certamente é equivalente ao fato de serem justificados pelo julgamento divino.

Mas essa correspondência, por mais impressionante que seja, não é o todo; a declaração do apóstolo não é apenas elucidada pelo Apocalipse, por um lado, mas pelo evangelho, por outro. A maioria dos comentaristas notou a relação óbvia entre a cena das almas dos mártires sob o altar na visão apocalíptica e a notável parábola de nosso Senhor em (Lucas 18); mas até onde vimos, nenhum deles apreendeu a verdadeira analogia entre a parábola e a visão. No sétimo e oitavo versos desse capítulo, encontramos a moral da parábola: "E Deus não vingará seus próprios eleitos, que clamam dia e noite para ele, embora ele tenha muito tempo com eles? Eu lhe digo que ele os vingará rapidamente. Todavia, quando vier o Filho do homem, encontrará fé na terra [na terra]?" A parábola e a visão são, de fato, contrapartidas uma da outra, e ambas servem para explicar a passagem nesta epístola de São Pedro. Como no Apocalipse, e na parábola, encontramos todos os elementos da declaração na epístola. Temos discípulos cristãos sofrendo injustamente; condenado na carne pelo julgamento do homem; apelando a Deus para julgar sua

causa; temos a garantia de sua rápida vindicação por Deus, e encontramos no evangelho um recurso adicional que o leva a uma correspondência mais perfeita com a afirmação na epístola; pois é evidente que é sugerido que essa vindicação ocorra na Parousia, "quando o Filho do homem vier".[253]

Por fim, podemos apontar a conexão íntima entre a afirmação do apóstolo como assim interpretada e o argumento que ele continua. Era apropriado garantir aos crentes perseguidos que sua causa estava segura nas mãos de Deus; que, mesmo se chamado a sofrer pelo sangue e pela morte pela injusta sentença dos homens, Deus os justificaria rapidamente, pois estava prestes a convocar seus perseguidores perante Seu tribunal. Essa foi a lição da parábola da viúva importuna, e talvez ainda mais da visão das almas dos mártires embaixo do altar, à qual a linguagem do apóstolo parece aludir mais particularmente: "Pois, para esse fim, foi trazida uma declaração consoladora até aos mortos, de que, embora tivessem sido condenados em carne pelo julgamento injusto dos homens, ainda assim, em seu espírito, deveriam gozar a vida eterna, de acordo com o justo julgamento de Deus".

Esta interpretação assume que o Apocalipse foi escrito e amplamente divulgado antes da destruição de Jerusalém. É uma

[253] Talvez possa ser sugerido como uma objeção que, se a declaração do apóstolo tivesse referência à parábola em Lucas 18 ouu à visão em Ap. 6., Deveríamos esperar encontrá-lo dizendo: "Por essa causa, a consoladora declaração foi feita para os mortos, que embora condenados em carne e osso pelo julgamento do homem, etc". Isso é sem dúvida justo; mas Steiger ressalta que essa é precisamente a força da construção como está. Esse gramático agudo, sem nenhuma referência à interpretação que avançamos, tem esta observação: - 'Toda a construção deve ser tomada como se tivesse sido' ira kriyentev men [isto é, 'que, porém, eles foram condenados, 'etc.] Novamente, ele observa, com discreta discriminação', kriywsimarca o julgamento como passado, e os vivos como presente e contínuo. Essa mudança do particípio em um verbo finito apenas coloca os dois atos mais separados, enquanto empresta ao primeiro uma maior substancialidade. (Steiger em 1 Pedro, vol. Ii.p. 260, Gabinete Bíblico, No. xiv.)

reflexão sobre a perspicácia crítica de muitos eminentes comentaristas ingleses que eles deveriam ter se apoiado tanto tempo no junco quebrado da tradição em relação à data do Apocalipse. A evidência interna desse livro deveria ter impedido a possibilidade de serem enganados pela autoridade de Irineu. Mas devemos reservar mais comentários sobre este assunto até chegarmos à consideração do Apocalipse.

O TESTE DE FOGO E A GLÓRIA VINDOURA

1 Pedro 4:12, 13: "Amados, não estranheis a ardente prova que vem sobre vós para vos tentar, como se coisa estranha vos acontecesse; Mas alegrai-vos no fato de serdes participantes das aflições de Cristo, para que também na revelação da sua glória vos regozijeis e alegreis".

Essas palavras indicam claramente que os cristãos de todos os lugares estavam passando por uma peneira e testes severos - "uma provação ardente". E não apenas um julgamento ardente, mas o julgamento, há muito previsto e esperado, viz. a grande tribulação que precederia a Parousia. Os apóstolos advertiram os discípulos de que eles "devem, através de muitas tribulações, entrar no reino de Deus". (Atos 14:22) Eles mesmos haviam sido ensinados pelo próprio Senhor, especialmente em Seu discurso profético.

A tribulação prevista evidentemente se instalara; eles estavam realmente passando pelo fogo. É impossível aqui não ser lembrado das palavras de São Paulo: "Será revelado pelo fogo; e o fogo provará a obra de todo homem, de que tipo é". (1 Co. 3:13)[254] É altamente provável que a feroz perseguição sob Nero estava estava furiosa neste

[254] Há uma semelhança marcante na linguagem do apóstolo com as palavras do profeta Malaquias, ao descrever a vinda do Senhor ao Seu templo. "Ele é como o fogo refinador e como o sabão mais cheio; e ele deve sentar-se como refinador e. purificador de prata" etc. (Ml. 3:2, 3) A palavra purwsiv em 1 Pedro 4:12 refere-se ao processo de fundição ou refino de metais. (Veja Alford, Greek Testament, in loc .; Dr. John Brown, em 1 Pedro, vol. Ii. P. 333.)

momento, e temos boa autoridade para acreditar que ela estendeu-se além de Roma até as províncias do Império.

Outra indicação de tempo é encontrada em (1 Pedro 4:13): "Que quando a sua glória for revelada". A Parousia é sempre representada como trazendo alívio da perseguição e recompensa ao povo sofredor de Deus. Já vimos que a glória estava "pronta para ser revelada" e encontraremos a mesma certeza repetida em (1 Pedro 5:1).

O TEMPO DO JULGAMENTO CHEGOU

1 Pedro 4:17-19: "Porque já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus; e, se primeiro começa por nós, qual será o fim daqueles que são desobedientes ao evangelho de Deus?
E, se o justo apenas se salva, onde aparecerá o ímpio e o pecador? Portanto também os que padecem segundo a vontade de Deus encomendem-lhe as suas almas, como ao fiel Criador, fazendo o bem".

É digno de nota o quão diferente é o tom de São Pedro ao falar do dia do Senhor, de São Paulo na Segunda Epístola aos Tessalonicenses. Aquele dia em que São Paulo fala como ainda não presente, e como não é possível até a primeira apostasia aparecer, é declarado por São Pedro como sendo chegado. A catástrofe era agora iminente. "Deus estava pronto para julgar os vivos e os mortos"; chegou a hora de começar o julgamento. O significado dessas palavras será aparente se considerarmos que essa epístola foi escrita logo após o início da guerra judaica, se não depois de seu início real.

Que este é "o julgamento que deve começar na casa de Deus" dificilmente pode haver uma dúvida. Há uma alusão manifesta na linguagem do apóstolo à visão vista pelo profeta. (Ezequiel 9) O profeta vê um bando de homens comissionados para atravessar a cidade (Jerusalém) e matar todos, velhos ou jovens, que não tinham o

selo de Deus em suas testas. Os ministros da vingança são ordenados a iniciar o trabalho de julgamento na casa de Deus: "Comece no meu santuário". O apóstolo vê essa visão como prestes a ser cumprida na realidade. O julgamento deve começar na Casa de Deus, e chegou a hora. Pode ser uma pergunta se, pela "casa de Deus", o apóstolo pretende o templo de Jerusalém, como sugeriria a profecia em Ezequiel, ou a casa espiritual de Deus, a igreja cristã. Pode ser que ambas as idéias estivessem presentes em sua mente, assim como poderiam, pois ambas estavam sendo verificadas no momento. A perseguição à igreja de Cristo já havia começado, como testemunha a epístola, e o círculo de sangue e fogo se estreitava em torno da cidade e do templo condenado de Jerusalém.

É perfeitamente claro que tudo isso é falado com referência a um evento particular e iminente, uma catástrofe que estava às vésperas de ocorrer; e não há outra explicação possível além daquela visível e palpável na página da história, o julgamento da nação da aliança culpada, com a destruição da casa de Deus e a dissolução da economia judaica.

As seguintes observações do Dr. John Brown expressam bem o sentido desta passagem:

"Parece aqui uma referência a um julgamento ou julgamento particular, que os cristãos primitivos tinham motivos para esperar. Quando consideramos que essa epístola foi escrita pouco tempo depois do início daquela terrível cena de julgamento que terminou na destruição da política eclesiástica e civil dos judeus, e que nosso Senhor havia previsto tão minuciosamente, mal podemos duvidar de a referência da expressão do apóstolo. Depois de especificar guerras e rumores de guerras, fomes, pestilências e terremotos, como sintomas do "começo das dores", nosso Senhor acrescenta: "Então eles vos entregarão para serem afligidos e os matarão; e vocês serão odiados de todas as nações por causa do meu nome". "Eles vos entregarão a concílios e sinagogas, e sereis açoitados", etc". (Mateus 24:9-13, 22)

"Este é o julgamento que, embora caísse mais fortemente na Terra Santa, claramente se estendia a onde quer que judeus e cristãos fossem encontrados, "pois onde estava a carcaça, havia as águias a serem reunidas"; que deveria começar na casa de Deus e que seria tão severo que "os justos dificilmente", ou seja,não sem dificuldade, "seriam salvos". Somente aqueles que resistiram ao julgamento deveriam ser salvos, e muitos não o suportariam. Todos os verdadeiramente justos devem ser salvos; mas muitos que pareciam justos não perdurariam até o fim e, portanto, não deveriam ser salvos etc. Alguns supuseram que a referência fosse a perseguição neroniana, que por alguns anos precedeu as calamidades relacionadas às guerras judaicas e à destruição de Jerusalém". John Brown em 1 Pedro, vol. ii. p. 357.

A GLÓRIA PRESTES A SER REVELADA

1 Pedro 5:1:"Aos presbíteros, que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar".

1 Pedro 5:4: "E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa da glória".

Tudo neste capítulo é indicativo da proximidade da consumação. Esse é o motivo de todo dever, de fidelidade, humildade, vigilância e perseverança. A glória será revelada em breve [thv melloushv apokaluptesyai doxhv]; a coroa imbatível deve ser recebida pelos fiéis pastores quando o pastor principal se manifestar; os sofrimentos da igreja perseguida devem continuar apenas "um pouco". (1 Pe. 5:10) Tudo sugere uma grande e feliz consumação que está na véspera de sua chegada. O apóstolo falaria de uma coroa de glória esperada como um motivo para apresentar fidelidade se dependesse de um evento incerto e possivelmente distante? No entanto, se o pastor

principal ainda não foi manifestado, a coroa da glória ainda não foi recebida. É bastante claro que, na visão do apóstolo, a revelação da glória, a manifestação do pastor principal, a recepção da coroa imbatível, o fim do sofrimento, estavam todas no futuro imediato. Se ele se enganou nisso, ele é confiável em alguma coisa?

Nesta passagem (1 Pedro 5:11) Alford observa:

"Não ficaria claro apenas nesta passagem se São Pedro considerava provável a vinda do Senhor na vida desses leitores, ou não; mas, como interpretado pela analogia de suas outras expressões sobre o mesmo assunto, parece que ele o fez".[255]

Sem dúvida ele fez; e São Paulo, e Tiago, e João, e toda a igreja apostólica; e eles creram na mais alta autoridade, a palavra de seu divino Mestre e Senhor.[256]

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA SEGUNDA EPÍSTOLA DE PEDRO

Não faz parte do nosso plano discutir as questões difíceis e não resolvidas sobre se a Segunda Epístola de Pedro é genuína e autêntica ou não. Em vista das dificuldades que apresenta em seu ensino escatológico, talvez pudéssemos recusar a aceitação de sua autoridade, mas aceitá-la como ela é, acreditando honestamente que ela contém evidência interna indubitável de sua origem apostólica. Parece ter sido escrito não muito depois da primeira epístola e muito

[255] Testamento grego, in loc.
[256] Para a discussão da pergunta "O que é a Babilônia de 1 Pedro 5:13 ?" ver nota 137.

pouco antes da morte do apóstolo (capítulo 1:14). Alford dá a data, de forma conjectural, como o ano 68 d.C.[257]

ENTRANDO NO REINO ETERNO DO SENHOR

2 Pedro 1:11: "Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo".

Aqui encontramos novamente o que tantas vezes descobrimos antes - a expectativa de que, na vinda de Cristo, os santos vivos (juntamente com os santos falecidos) entrariam completamente em sua herança celestial com Cristo, onde não há corrupção, mas tudo é de qualidade celestial. Observe as outras bênçãos finais que são expressas nas cartas de Pedro como a esperança futura dos cristãos, para serem deles na vinda de Cristo: - uma herança eterna (1 Pe. 1:3-4); uma salvação pronta para ser revelada (1 Pe. 1:5,9); a graça sendo trazida na revelação de Jesus Cristo (1 Pe 1:13); a coroa de glória no aparecimento do Pastor Principal (1 Pe. 5:1,4); uma entrada no reino eterno do Senhor Jesus (2 Pedro 1:11); o amanhecer do dia, (2 Pe. 1:19). Por todas essas bênçãos futuras, os leitores cristãos de Pedro estavam olhando e esperando ansiosamente. Todas essas bênçãos eram esperadas como bênçãos finais e consumadas em breve, na vinda do Senhor Jesus.

A CERTEZA DA PAROUSIA

2 Pedro 1:16-21: "Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente

[257] A Segunda epístola de Pedro foi definitivamente escrita após a carta de Paulo aos hebreus (março de 63 dC e antes do início da guerra em agosto de 66 dC). Pedro estava ciente do que Paulo disse sobre os "novos céus e nova terra" no livro de Hebreus (compare Hebreus 12:18-29 e 2 Pe. 3:13-16). E parece que a menção de Pedro sobre Paulo aqui em 2 Pe. 3 está in memoriam (ou seja, depois que Paulo foi executado em Roma no final de 63 dC ou início de 64 dC).

compostas; mas nós mesmos vimos a sua majestade.
Porquanto ele recebeu de Deus Pai honra e glória, quando da magnífica glória lhe foi dirigida a seguinte voz: Este é o meu Filho amado, em quem me tenho comprazido.
E ouvimos esta voz dirigida do céu, estando nós com ele no monte santo;
E temos, mui firme, a palavra dos profetas, à qual bem fazeis em estar atentos, como a uma luz que alumia em lugar escuro, até que o dia amanheça, e a estrela da alva apareça em vossos corações.
Sabendo primeiramente isto: que nenhuma profecia da Escritura é de particular interpretação.
Porque a profecia nunca foi produzida por vontade de homem algum, mas os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo".

A primeira objeção aparentemente levantado pelos falsos mestres é que o ensino escatológico de São Pedro concernente à vinda de Cristo e do julgamento é meramente um mito (v. 16-18), no capítulo 3 podemos ver mais claramente que esses falsos mestres escarnecedores zombavam do ensinamento apostólico dizendo: "Onde está a promessa da sua vinda?". São Pedro assegura a seus leitores que os apóstolos não seguiram mitos planejados, mas foram testemunhas oculares da majestade de Cristo. Na transfiguração de Jesus, eles eram foram testemunhas de um antegosto da glória a ser revelada no segundo advento (versos 17-18). São Pedro também argumenta que a doutrina escatológica dos apóstolos é baseado nos escritos dos profetas do Antigo Testamento (v. 19), homens que falaram a própria palavra de Deus (versos 20-21). Se ele se enganou nisso, ele não é confiável em mais nada.

FALSOS PROFETAS

2 Pedro 2:1-3: "E também houve entre o povo falsos profetas, como entre vós haverá também falsos doutores, que introduzirão

encobertamente heresias de perdição, e negarão o Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina perdição. E muitos seguirão as suas dissoluções, pelos quais será blasfemado o caminho da verdade.

E por avareza farão de vós negócio com palavras fingidas; sobre os quais já de largo tempo não será tardia a sentença, e a sua perdição não dormita".

Um dos sinais que nosso Senhor previu como um dos precursores da grande catástrofe que deveria subjugar a sociedade e o povo judaico foi uma deserção generalizada e portentosa da fé, manifestando-se entre os professos discípulos de Cristo. É importante notar que, a partir de várias sugestões nesta epístola, parece que a deserção da fé que caracterizaria os últimos dias já havia se instaurado. São Pedro adverte contra "falsos profetas", com suas "heresias de perdição"; esses falsos mestres eram culpados até de renegar "o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si repentina perdição", "sobre os quais já de largo tempo não será tardia a sentença, e a sua perdição não dormita".

A condenação dos falsos mestres foi vista à luz do juízo de Deus contra os anjos caídos, dos contemporâneos de Noé que pereceram no dilúvio e das cidades de Sodoma e Gomorra, que foram reduzidas a cinzas. Por outro lado, Deus protegeu Noé e sua família e livrou Ló. Assim, o Senhor pouparia os justos, mas castigaria os ímpios no julgamento que estava próximo.

OS ESCARNECEDORES NOS ÚLTIMOS DIAS

2 Pedro 3:3,4: "Sabendo primeiro isto, que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências, E dizendo: Onde está a promessa da sua vinda? porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação".

Os escarnecedores mencionados nesta passagem são sem dúvida as mesmas pessoas cujo caráter é descrito no capítulo anterior. A descrença nas promessas e ameaças de Deus, e especialmente em Seu julgamento vindouro, é a característica desses homens maus dos "últimos tempos". Somos lembrados por essa descrição desses incrédulos, da previsão de nosso Senhor com referência ao mesmo período: - "No entanto, quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?" (Lucas 18:8) É digno de nota também que o apóstolo, ao responder ao argumento derivado da estabilidade da criação, se refere à catástrofe do dilúvio como uma ilustração do poder de Deus para destruir os iníquos: a mesma ilustração empregada por nosso Senhor ao se referir ao estado das coisas na Parousia (Mateus 24:37-39)

Não se deve esquecer que São Pedro está falando, não de uma catástrofe distante, mas iminente. Os "últimos dias" eram os dias então presentes (1 Pe. 1:5 , 20) e os zombadores são mencionados como realmente existentes, - (2 Pe. 3:5) "Isso eles de boa vontade ignoram" e etc.

A ESCATOLOGIA DE SÃO PEDRO

2 Pedro 3:7-10: "Mas os céus e a terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios. Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia.

O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para conosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se.

Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão".

As imagens aqui empregadas pelo apóstolo naturalmente sugerem a ideia da dissolução total pelo fogo de toda a substância e tecido da criação material, não apenas a Terra, mas o sistema ao qual ela pertence; e isso sem dúvida é a noção popular da consumação final que se espera que encerre a ordem atual das coisas. Um pouco de reflexão, no entanto, e um melhor conhecimento da linguagem simbólica da profecia, será suficiente para modificar tal conclusão e levar a uma interpretação mais de acordo com a analogia de descrições semelhantes nos escritos proféticos. Em primeiro lugar, é evidente na face da questão que esta conflagração universal, como pode ser chamado, foi considerado pelo apóstolo como às vésperas da ocorrência, -"o fim de todas as coisas está próximo". (1 Pe. 4:7) A consumação estava tão próxima que é descrita como um evento a ser "procurado e apressado" (1 Pe. 4:12) Segue-se, portanto, que não poderia ser a destruição ou dissolução literal do globo e o universo criado sobre o qual o espírito de profecia aqui fala. Mas houve no momento em que essa epístola foi escrita uma catástrofe terrível e quase imediata e iminente; que o dia do Senhor previsto estava realmente próximo; que está chegando o dia, rápida e repentinamente; que vem "como ladrão durante a noite"; como um dilúvio ardente de ira e julgamento dominou a terra e a nação culpadas de Israel, destruindo e dissolvendo suas coisas terrenas e celestiais, isto é, suas instituições temporais e espirituais - é um fato indelevelmente impresso nos anais da história. Chegou a hora do cumprimento dessas previsões e, quando o apóstolo escreveu, declarava que era a "última hora", e as próprias provocações dos escarnecedores estavam verificando o fato. Somos, portanto, levados à inevitável conclusão de que foi a catástrofe final da Judeia e Jerusalém, predita por nosso Senhor em Sua profecia no Monte das Oliveiras e tão frequentemente mencionada pelos apóstolos, a que São Pedro faz alusão à imagem simbólica. o que parece implicar a dissolução do universo material.

Em segundo lugar, devemos interpretar esses símbolos de acordo

com a analogia das Escrituras. A linguagem da profecia é a linguagem da poesia, e não deve ser tomada em sentido estritamente literal. Felizmente, não faltam descrições paralelas nos profetas antigos, e quase não há uma figura aqui usada por São Pedro da qual não possamos encontrar exemplos no Antigo Testamento e, portanto, seja fornecida com uma chave para o significado de símbolos semelhantes no novo.[258]

CERTEZA DA PROXIMIDADE DA CONSUMAÇÃO

2 Pedro 3:8,9: "Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda a sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para conosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se".

Poucas passagens sofreram mais com erros de construção do que essa, que foi feito a falar uma linguagem inconsistente com sua intenção óbvia e até incompatível com uma estrita consideração à veracidade.

Provavelmente há aqui uma alusão às palavras do salmista, nas quais ele contrasta a brevidade da vida humana com a eternidade da existência divina: "Mil anos à sua vista são apenas como ontem quando já passou". (Sl. 90:4) É um pensamento grandioso e impressionante, e bastante uníssono com o sentimento do apóstolo: "Um dia é com o Senhor mil anos". Mas certamente seria o cúmulo do absurdo considerar essa imagem poética sublime como um cálculo para a medida divina do tempo, ou como uma justificativa para desconsiderar totalmente as definições de tempo nas predições e promessas de Deus.

No entanto, não é incomum citar essas palavras como argumento

[258] Ver nota "Sobre o simbolismo da profecia" em apêndice da parte II.

ou desculpa para a total desconsideração do elemento do tempo nos escritos proféticos. Mesmo nos casos em que um determinado tempo é especificado na previsão, ou quando são expressas limitações como "em breve" , "rapidamente" ou "à mão", a apelação a nós é solicitada como justificativa para um tratamento arbitrário de tal notas de tempo, de modo que em breve possa significar tarde, e próximo pode significar distante, e curto pode significar longo e vice-versa. Quando se salienta que certas previsões devem, de acordo com seus próprios termos, ser cumpridas dentro de um tempo limitado, a resposta é: "Um dia está com o Senhor mil anos e mil anos como um dia". Assim, encontramos um crítico eminente comprometendo-se com uma afirmação como a seguinte: "O apóstolo, na maior parte das vezes, escreveu e falou sobre isso (a vinda do Senhor) como o mais próximo possível, mas sem muitas e suficientes sugestões, fornecidas pelo Espírito, de um intervalo, que não era curto, a decorrer primeiro". Outro, aludindo à previsão de São Paulo em (2 Ts. 2) observa que "nos diz que, embora a vinda do Senhor estivesse próxima, também era remota". Estes são exemplos do que passa pela exegese em alguns poucos comentaristas de alta reputação.

É certamente desnecessário repudiar da maneira mais forte um método não-natural de interpretar a linguagem das Escrituras. É pior do que não gramatical e irracional, é imoral. É sugerir que Deus tem dois pesos e duas medidas em suas relações com os homens, e que, em seu modo de calcular, há uma ambiguidade e variabilidade que tornam impossível dizer "em que tempo o Espírito de Cristo nos profetas pode significar". Parece implicar que um dia pode não significar um dia, nem mil anos por mil anos, mas que pode ser o outro. Se assim fosse, não haveria interpretação possível da profecia; seria privado de toda precisão e até de toda credibilidade; pois é manifesto que, se houvesse tanta ambiguidade e incerteza em relação ao tempo, pode haver menos ambiguidade e incerteza em relação a todo o resto.

As próprias Escrituras, no entanto, não dão importância a esse

método de interpretação. A fidelidade é um dos atributos mais frequentemente atribuídos ao "Deus que guarda os convênios" e à fidelidade divina é o que o apóstolo nesta mesma passagem afirma. Zombando dos escarnecedores que impugnam a fidelidade de Deus e perguntam: "Onde está a promessa da Sua vinda", ele responde: "O Senhor não retarda à sua promessa, embora alguns homens a tem por tardia"; não há inconstância nem esquecimento nele; o lapso de tempo não invalida Sua palavra; Sua promessa é certa, seja para o próximo ou para o distante, para o dia de hoje ou amanhã ou para os próximos mil anos. Para Ele, um dia e mil anos são semelhantes: ou seja, a promessa que vence em um dia será realizada pontualmente, e a promessa que vencerá em mil anos será realizada com igual pontualidade. A duração do tempo não faz diferença para ele. Ele não falsificará a promessa que tem apenas um dia para ser cumprida, nem esquecerá a promessa que se refere a mil anos depois. Longo ou curto, um dia ou uma idade, não afeta Sua fidelidade. "O Senhor não retarda a sua promessa"; Ele "mantém a verdade para sempre". Mas o apóstolo não diz que quando o Senhor promete algo para hoje Ele pode não cumprir Sua promessa por mil anos: isso seria negligência; isso seria uma quebra de promessa. Ele não diz isso porque Deus é infinito e eterno, portanto, considera uma aritmética diferente da nossa, ou fala conosco em um duplo sentido, ou usa dois pesos e medidas diferentes em suas relações com a humanidade. O contrário é a verdade. Como Hengstenberg observa com justiça: "Quem fala com homens deve falar de acordo com as concepções humanas, ou então afirma que não o fez".[259]

É evidente que o objetivo do apóstolo nesta passagem é dar a seus leitores a garantia mais forte de que a catástrofe iminente dos últimos dias estava às véspera da realização. A veracidade e fidelidade de Deus eram as garantias para o cumprimento pontual da promessa. Ter insinuado que o tempo era uma quantidade variável na promessa de Deus teria sido ocultar seu argumento e neutralizar seu próprio

[259] Christology, vol. iii. p. 270

ensinamento, que era o de que "o Senhor não é indiferente à sua promessa".

A PAROUSIA SERÁ REPENTINA

2 Pedro 3:10: "Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão".

Esta declaração fixa com precisão o evento a que o apóstolo se refere como "o dia do Senhor". É familiar para nós pelas frequentes alusões feitas a ele em outras partes do Novo Testamento. Nosso Senhor havia declarado: "Em uma hora em que pensais que o Filho do homem não vem". Ele havia advertido Seus discípulos a vigiar, dizendo: "Se o homem da casa soubesse em que hora o ladrão viria, ele teria vigiado"; implicando que Sua própria vinda seria furtiva e inesperada como um ladrão na noite. (Mt. 24:43) São Paulo havia dito aos tessalonicenses: "Vocês sabem perfeitamente que o dia do Senhor vem como ladrão à noite" (1 Ts. 5:2) E novamente São João, no Apocalipse, escrevera: "Eis que venho como ladrão". (Ap. 16:15) Como, então, as alusões nessas passagens se referem indubitavelmente à catástrofe iminente da Judeia e de Jerusalém, concluímos que esse também é o evento mencionado na passagem diante de nós.

ATITUDE DOS CRISTÃOS PRIMITIVOS EM RELAÇÃO À PAROUSIA

2 Pedro 3:12: "Aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão?".

Que "o dia de Deus", "o dia de Cristo" e "o dia do Senhor", são expressões sinônimas, fazendo referência ao mesmo evento, é óbvio

demais para exigir prova. Aqui encontramos novamente o que tantas vezes descobrimos antes - a atitude de expectativa e a sensação da iminente proximidade da Parousia, tão característica da era apostólica. É incrível que tudo isso tenha sido baseado em uma mera ilusão, e que toda a igreja cristã, com os apóstolos e o divino Fundador do próprio Cristianismo, esteja envolvida em um erro comum. Palavras não têm sentido se uma afirmação como essa pode se referir a algum evento ainda futuro, e talvez distante, que não pode ser "procurado" porque não está à vista, nem "apressado", porque é indefinidamente remoto.

OS NOVOS CÉUS E NOVA TERRA[260]

2 Pedro 3:13: "Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça".

A catástrofe que estava prestes a ocorrer era para ser seguida por uma nova criação. As dores da morte dos velhos são as dores de parto dos novos. A antiga Jerusalém deveria dar lugar à nova Jerusalém; o reino deste mundo para o reino de nosso Senhor e de Seu Cristo. Pode se fazer uma pergunta se, pelos novos céus e uma nova terra, o apóstolo significa uma nova ordem de coisas aqui entre os homens ou um estado celestial santo e perfeito? Também pode ser perguntado: A que promessa o apóstolo se refere quando diz: "De acordo com sua promessa"? Alford sugere (Isaías 65:17) "Pois eis que eu crio novos céus e uma nova terra" etc., e isso pode estar correto. Mas estamos bastante dispostos a pensar que o apóstolo tem em mente "o novo céu e a nova terra" do Apocalipse, onde encontramos a justiça estabelecida como a característica distintiva do novo aeon. A nova Jerusalém é a cidade santa , na qual "de maneira alguma entrará algo que contamine, nem tudo que pratique abominação, nem faça

[260] Ver nota do Dr. Owen sobre "os novos céus e nova terra" em apêndice da parte II.

mentira". Não é mais improvável que São Pedro se refira mais aos escritos do apóstolo João do que aos do apóstolo Paulo.

A PROXIMIDADE DA PAROUSIA E A RAZÃO DA DILIGÊNCIA

2 Pedro 3:14: "Por isso, amados, aguardando estas coisas, procurai que dele sejais achados imaculados e irrepreensíveis em paz".

Essa exortação indica claramente a expectativa da Parousia à mão. Sua proximidade é um motivo para diligência, preparação para encontrar o Senhor. Não é a morte que está prevista aqui, mas para ser encontrada pelo Senhor observando, "com seus lombos cingidos e suas lâmpadas acesas".

OS CRENTES NÃO DEVEM SER DESENCORAJADOS PELA APARENTE DEMORA DA PAROUSIA

2 Pedro 3:15: "E tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor; como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada".

A aparente demora da vinda do Senhor, ansiosamente procurada, deve ter sido inquietante para os cristãos perseguidos que desejam a hora prevista de alívio e vindicação. O clamor deles subiu ao céu: "Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro?" No entanto, esse mesmo atraso teve um aspecto gracioso; foi "longânimo", makroyumia; não "negligência", mas "falta de vontade de que alguém pereça". Exatamente de acordo com isso, é a parábola de nosso Senhor da viúva importuna, que tem relação com esse mesmo caso. Houve o mesmo atraso na execução do julgamento através da longanimidade [makroyumia] de Deus; a conseqüente prova da fé e paciência dos santos; seu apelo ao julgamento de Deus por

vindicação; e a exortação à diligência: "Os homens devem sempre orar e não desmaiar". (Lucas 18:1-8)

A ALUSÃO DE PEDRO AO ENSINO DE PAULO NO TOCANTE A PAROUSIA

2 Pedro 3:15-16: "...como também o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada;

Falando disto, como em todas as suas epístolas, entre as quais há pontos difíceis de entender, que os indoutos e inconstantes torcem, e igualmente as outras Escrituras, para sua própria perdição".

Essa alusão às epístolas de São Paulo sugere várias inferências importantes.

- Prova a existência e a circulação geral de muitas epístolas escritas por São Paulo.
- Reconhece sua inspiração e coordena a autoridade com as escrituras do Antigo Testamento.
- Isso se deve ao fato de que São Paulo, em todas as suas epístolas, fala da vinda do Senhor.
- Especifica uma epístola em particular na qual é feita uma alusão distinta ao sujeito.
- Ele reconhece certas dificuldades relacionadas à escatologia do Novo Testamento e à perversão do ensino apostólico por algumas pessoas ignorantes e volúveis.

Podemos considerar brevemente uma ou duas perguntas, -

1. A que epístola de São Paulo é feita referência aqui como tendo especial relevância o assunto da Parousia? (2 Pedro 3:15)

Estamos dispostos a concordar com o Dr. Alford na opinião de que a referência é às epístolas aos tessalonicenses. A única dificuldade

está na afirmação "vos escrevi", pois não há razão para pensar que São Pedro tenha dirigido essa epístola aos tessalonicenses. Mas talvez a expressão não signifique mais do que que todas as epístolas de São Paulo eram propriedade comum da igreja em geral; caso contrário, as epístolas aos tessalonicenses respondem bem a essa descrição de seu conteúdo por São Pedro. Encontramos neles alusões à vinda do Senhor; para a repentina Sua vinda; à proximidade de Sua vinda; à libertação e descanso que Sua vinda traria aos discípulos sofredores de Cristo; e ao dever de diligência e vigilância na perspectiva do evento.

2. Quais são as "coisas difíceis de entender", nas epístolas ou nos assuntos agora em consideração?

Muitas vezes tem sido apontado que o antecedente adequado ao qual, na segunda cláusula do décimo sexto verso, não são "epístolas", mas "coisas"; por isso, concordamos, não com epistoluv, mas com o dia de hoje. Agora, no entanto, parece, desde a descoberta de Tischendorf do Codex Sinaiticus, que a leitura dos três MSS mais antigos. é aiv e não oiv, tornando as epístolas o antecedente adequado para "qual". No entanto, não afeta muito o sentido de qual das duas leituras podemos adotar. É bem claro que as dificuldades mencionadas por São Pedro estavam naquelas porções das epístolas de São Paulo que tratavam da Parousia. Sabemos o quanto o assunto foi mal compreendido pelos próprios tessalonicenses; e temos uma experiência abundante desde então para provar o quanto toda a escatologia do Novo Testamento foi "difícil de entender" e "foi distorcida" por muitos até hoje. Não é de admirar, portanto, que os cristãos primitivos tenham sentido muita dificuldade quanto à verdadeira interpretação de muitas das declarações proféticas a respeito da vinda do Senhor, do fim dos tempos, da mudança de vida, da ressurreição dos mortos, o fim de todas as coisas, etc. Que alguns distorcem e pervertam o ensino apostólico sobre tais assuntos era muito provável, e sabemos de fato que sim. Era necessário, portanto,

exortar os crentes a tomarem cuidado para não serem "levados embora com o erro dos ímpios".

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NAS EPÍSTOLAS DE JOÃO

NA PRIMEIRA EPÍSTOLA DE JOÃO

Os comentaristas estão muito divididos nas perguntas: Quando, onde, por quem e para quem essa epístola foi escrita. Não há evidências sobre o assunto, exceto as que podem ser encontradas na própria epístola, e isso dá amplo espaço para diferenças de opinião. Lange, que duvida da autenticidade da epístola, diz que "parece bastante ter sido composta antes da destruição de Jerusalém"; e Lucke, que mantém sua autenticidade, também é da opinião de que pode ter sido escrito pouco antes desse evento. Pensamos que qualquer mente sincera ficará satisfeita, depois de um cuidadoso estudo das evidências internas, primeiro, de que a epístola é uma produção genuína de São João; e, segundo, que foi escrito na véspera da destruição de Jerusalém. É impossível ignorar o fato, que em toda parte nesta epístola, o escritor acredita estar à beira de uma crise solene, cuja chegada ele pede que seus leitores estejam preparados. Isto está em harmonia com todas as epístolas apostólicas, e prova incontestavelmente que todos os seus autores compartilhavam da crença da aproximação da grande consumação.[261]

O MUNDO ESTÁ PASSANDO: É A ÚLTIMA HORA

1 João 2:17, 18: "E o mundo passa e seus desejos... Meus filhos, esta é a última hora".

[261] A Epístolas de João foram escritas entre 61-63 dC, e duas datas possíveis são: 1- Escrito de Jerusalém antes de ser exilado em Patmos (61 dC), ou 2- Escrito de Éfeso depois que ele foi libertado de Patmos (63 dC).

Frequentemente, no decorrer desta investigação, tivemos a oportunidade de observar como os escritores do Novo Testamento falam do "fim" como uma aproximação iminente. Também vimos a que essa expressão se refere. Não até o fim da história humana, nem a dissolução final da criação material; mas o fim do aeon ou dispensação judaica e a abolição e remoção da ordem das coisas instituídas e ordenadas pela sabedoria divina sob essa economia. Essa grande consumação é frequentemente mencionada na linguagem que pode parecer implicar a destruição total da criação visível. Notavelmente é o caso da Segunda Epístola de São Pedro; e o mesmo pode ser dito da linguagem profética de nosso Senhor em (Mateus 24:28).

Encontramos a mesma forma simbólica de fala na passagem agora diante de nós: "o mundo passa" [o kosmov paragetai]. Para a apreensão do apóstolo, já estava "passando"; a própria expressão usada por São Paulo em (1 Co. 7:31), com referência ao mesmo evento [paragei gar to schma tou kosmou toutou] "a moda deste mundo está passando".[262]

A impressão do apóstolo João da proximidade do "fim" parece, se possível, mais vívida do que os outros apóstolos. Talvez quando ele escreveu ele ainda estivesse mais perto da crise do que eles. Nesta visão, é digno de nota que há uma acentuada gradação na linguagem das diferentes epístolas. Os últimos tempos se tornam os últimos dias, e agora os últimos dias se tornam a última hora [escath wra esti]. O período de expectativa e atraso estava encerrado e o momento decisivo estava muito próximo.

[262] Ver nota do Rev. FD Maurice sobre a "última hora" (1 João 2:18) no apêndice da parte II.

O ANTICRISTO VEIO; UMA PROVA DE QUE É A ÚLTIMA HORA

1 João 2:18: "Como vocês ouviram que o anticristo está chegando, muitos anticristos agora surgiram, por isso sabemos que esta é a última hora".

Nesta passagem, pela primeira vez, "o temido nome" do anticristo se ergue diante de nós. Esse fato em si é suficiente para provar a data comparativamente tardia da epístola. Aquilo que aparece nas epístolas de São Paulo como uma abstração sombria agora assumiu uma forma concreta e parece personificado como pessoa - o anticristo.

É certamente notável, considerando o lugar que esse nome ocupou na literatura teológica e eclesiástica, quão pequeno é o espaço que ocupa no Novo Testamento. Exceto nas epístolas de São João, o nome anticristo nunca ocorre nos escritos apostólicos. Mas, embora o nome esteja ausente, a coisa não é desconhecida. São João evidentemente fala do "anticristo" como uma ideia familiar para seus leitores - um poder cuja vinda era antecipada e cuja presença era uma indicação de que "a última hora" havia chegado. "Ouvistes que o anticristo vem; mesmo agora existem muitos anticristos; pelo qual sabemos que é a última hora".

Esperamos, então, encontrar traços dessa expectativa - previsões do anticristo vindouro - em outras partes do Novo Testamento. E não estamos decepcionados. É natural procurar, em primeiro lugar, o discurso escatológico de nosso Senhor no Monte das Oliveiras em busca de alguma indicação desse perigo que se aproxima e do tempo de seu aparecimento. Encontramos observações nesse discurso de "falsos cristos e falsos profetas" (Mateus 24:5, 11, 24) e estamos prontos para concluir que estes devem significar o mesmo poder maligno designado por São João, o anticristo. A semelhança do nome

favorece essa suposição; e o período de sua aparição - às vésperas da catástrofe final, parece aumentar a probabilidade quase com certeza.

Há, no entanto, uma objeção formidável a esta conclusão, viz. que os falsos cristos e falsos profetas mencionados por nosso Senhor parecem ser meros impostores judeus, negociando com a credulidade de seus enganadores ignorantes ou entusiastas fanáticos, a origem daquele aquecedor de frenesi religioso e político que Jerusalém se tornou em seu último dias. Encontramos os homens reais vividamente retratados nas passagens de Josefo, e não podemos reconhecer neles os traços do anticristo, conforme traçados por São João. Eles foram o produto do judaísmo em sua corrupção, e não do cristianismo. Mas o anticristo de São João é manifestamente de origem cristã. Isso é certo no testemunho do próprio apóstolo: "Eles saíram de nós, mas não eram de nós" etc. (1 João 2:19) Isso prova que os oponentes anticristãos do Evangelho devem, em algum momento, fazer uma profissão do cristianismo e depois se tornar apóstatas da fé.

De fato, não se pode dizer que seja impossível que os falsos cristos e falsos profetas dos últimos dias de Jerusalém possam ter sido apóstatas do cristianismo; mas não há evidência para mostrar isso nem na profecia de nosso Senhor nem na história da época.

Por outro lado, nos avisos apostólicos da apostasia prevista, esse aspecto de sua origem é distintamente marcado. Já vimos como São Paulo, São Pedro e São João concordam em sua descrição da "queda" dos últimos dias. (Ver Conspectus de passagens relacionadas à Apostasia, tópico 91). Tampouco pode haver dúvida razoável de que os apóstatas dos dois apóstolos são idênticos ao anticristo dos últimos. Eles são parecidos em caráter, em origem e no momento em que aparecem. Eles são os inimigos amargos do Evangelho; eles são apóstatas da fé; eles pertencem aos últimos dias Essas são marcas de identidade muito numerosas e impressionantes para serem acidentais;

e, portanto, somos justificados ao concluir que o anticristo de São João é idêntico à apostasia prevista por São Paulo e São Pedro.

O ANTICRISTO NÃO É UMA PESSOA, MAS UM PRINCÍPIO

1 João 2:18: "Muitos anticristos agora emergiram".

Na opinião de alguns comentaristas, o nome "o anticristo" deve designar um indivíduo em particular, a encarnação e personificação da inimizade ao Senhor Jesus Cristo; e como nenhuma pessoa até agora apareceu na história, eles concluíram que sua manifestação ainda é futura, mas que o anticristo pessoal pode ser esperado imediatamente antes do "fim do mundo". Esta parece ter sido a opinião do Dr. Alford, que diz:

"De acordo com essa visão, ainda procuramos o homem do pecado, na plenitude do sentido profético, para aparecer, e isso imediatamente antes da vinda do Senhor".[263]

Existe aqui, no entanto, uma estranha confusão de coisas que são inteiramente diferentes: "o homem do pecado" e "a apostasia"; o primeiro, sem dúvida, uma pessoa, como já vimos; este último, um princípio, ou heresia, manifestando-se em uma multidão de pessoas. É impossível, com esta declaração de São João diante de nós: "Até agora existem muitos anticristos",- considerar o anticristo como um único indivíduo. É verdade que em todo indivíduo que cometeu o erro anticristo, pode-se dizer que o anticristo é personificado; mas isso é muito diferente de dizer que o erro é encarnado e incorporado em uma persona em particular como chefe e representante. A expressão "muitos anticristos" prova que o nome não é a designação exclusiva de nenhum indivíduo.

[263] Proleg. para 2 Ts. p. 67

Mas a interpretação mais comum e popular é aquela que faz o nome anticristo se referir ao papado. Desde a época da Reforma, essa tem sido a hipótese favorita dos comentaristas protestantes; nem é difícil entender por que deveria ter sido assim. Existe uma forte semelhança familiar entre todos os sistemas de superstição e religião corrupta; e sem dúvida muito do sistema papal pode ser designado anticristo; mas é uma coisa muito diferente dizer que o anticristo de São João se destina a descrever o papa ou o sistema papal. Alford rejeita decididamente esta hipótese:

"Não pode ser disfarçado", observa ele, tratando exatamente deste ponto, "que em vários aspectos importantes os requisitos proféticos estão muito longe de serem cumpridos. Mencionarei apenas dois - um subjetivo, o outro objetivo. Na característica de (2 Ts. 2:4) ("quem se opõe e se exalta acima de tudo o que se chama Deus" etc.), o papa não cumpre e nunca cumpriu a profecia. Permitindo todas as impressionantes coincidências com a última parte do verso que foram tão abundantemente aduzidas, nunca se pode demonstrar que ele cumpre a parte anterior - pelo contrário, até agora está longe disso, que a abjeta adoração e submissão a legomenoi yeoi e sebasmata (tudo o que é chamado Deus e adorado) já foi uma de suas peculiaridades mais notáveis. A segunda objeção, de caráter externo e histórico, é ainda mais decisiva. Se o papado é anticristo, então a manifestação foi feita e durou agora por quase 1500 anos, e ainda não chegou o dia do Senhor que, pelos termos de nossa profecia, essa manifestação deve preceder imediatamente". [264]

Mas a linguagem do próprio apóstolo é decisiva contra tal aplicação do nome anticristo. De fato, é difícil entender como essa interpretação poderia ter se enraizado em face de suas próprias declarações expressas. O anticristo de São João não é uma pessoa, nem uma sucessão de pessoas, mas uma doutrina ou heresia,

[264] Testamento Grego, Proleg. para 2 Ts. p. 66

claramente notada e descrita. Mais do que isso, é declarado que já existe e se manifesta nos dias do próprio apóstolo: "Até agora, existem muitos anticristos"; "este é o espírito do anticristo, do qual ouvistes que ele deveria vir; e mesmo agora já está no mundo". (1 João 2:18, 4:3) Isso deve ser decisivo para todos os que se curvam à autoridade da Palavra de Deus. A hipótese de um anticristo corporificado em um indivíduo ainda por vir não tem base nas Escrituras; é uma ficção da imaginação, e não uma doutrina da Palavra de Deus.

SINAIS DISTINTIVOS DO ANTICRISTO

1 João 2:19: "Saíram de nós, mas não eram de nós; porque, se fossem de nós, ficariam conosco; mas isto é para que se manifestasse que não são todos de nós".

1 João 2:22: "Quem é o mentiroso, senão aquele que nega que Jesus é o Cristo? É o anticristo esse mesmo que nega o Pai e o Filho".

1 João 4:1: "Amados, não creiais a todo o espírito, mas provai se os espíritos são de Deus, porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo".

1 João 4:3: "E todo o espírito que não confessa que Jesus Cristo veio em carne não é de Deus; mas este é o espírito do anticristo, do qual já ouvistes que há de vir, e eis que já agora está no mundo".

2 João 1:7: "Porque já muitos enganadores entraram no mundo, os quais não confessam que Jesus Cristo veio em carne. Este tal é o enganador e o anticristo".

Aqui podemos dizer que temos um retrato completo do anticristo, ou, como deveríamos dizer, a heresia ou apostasia anticristo. A partir dessa descrição, aparece claramente:

- Que o anticristo não era um indivíduo, ou uma pessoa, mas um princípio ou heresia, manifestando-se em muitos indivíduos.
- Que o anticristo ou anticristo eram apóstatas da fé de Cristo. (1 João 2:19)
- Que o erro característico deles consistia na negação do Messias, a divindade e a encarnação do Filho de Deus.
- Que os apóstatas anticristãos descritos por São João possam ser os mesmos que os denominados por nosso Senhor "falsos cristos e falsos profetas" (Mateus 24:5, 11, 24), mas certamente respondem aos mencionados por São Paulo , São Pedro e São Judas.
- Todas as alusões à apostasia anticristã estão associadas à "Parousia" e aos "últimos dias" ou ao final do aeon ou da dispensação judaica. Ou seja, é considerado próximo e quase já presente.

Sem dúvida, se possuíssemos informações históricas mais completas sobre esse período, poderíamos verificar melhor as previsões e alusões que encontramos no Novo Testamento; mas temos evidências suficientes para justificar a conclusão de que tudo aconteceu de acordo com as Escrituras. Se os falsos profetas mencionados por Josefo como infestando as últimas agonias da comunidade judaica são idênticos aos falsos profetas da previsão de nosso Senhor e do anticristo de São João, não é fácil determinar. Mas o testemunho do próprio apóstolo é decisivo na questão do anticristo. Aqui ele está ao mesmo tempo profeta e historiador, pois registra o fato de que "mesmo agora existem muitos anticristos"; "muitos falsos profetas entraram no mundo".

ANTECIPAÇÃO DA PAROUSIA

1 João 2:28: "E agora, filhinhos, permanecei nele; para que, quando ele se manifestar, tenhamos confiança, e não sejamos confundidos por ele na sua vinda".

1 João 3:2: "Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos".

1 João 4:17: "...para que no dia do juízo tenhamos confiança".

Nessas exortações e conselhos, São João está em perfeito acordo com os outros apóstolos, cujas advertências constantes às igrejas cristãs de seu tempo exigiam a expectativa habitual da Parousia e, portanto, fidelidade e constância em meio a perigos e sofrimentos. A linguagem de São João prova:

- Que os cristãos apostólicos foram exortados a viver na constante expectativa da vinda do Senhor.
- Que esse evento foi considerado por eles como o tempo da revelação de Cristo em Sua glória e a beatificação de seus fiéis discípulos.
- Que a Parousia também foi o período do "dia do julgamento".

A PAROUSIA NAS EPÍSTOLAS APOSTÓLICAS

NA EPÍSTOLA DE JUDAS

Nas questões relacionadas à genuinidade e autenticidade desta epístola, ela não depende de nós para entrar. Temos que considerar isso apenas em relação à Parousia. Evidências internas mostram que ele pertence aos "últimos dias".[265] A fé e o amor da igreja primitiva

[265] Uma vez que existem várias semelhanças entre Judas e 2 Pedro, parece provável que esses dois livros foram escritos na mesma época (entre 62-66 dC), com Judas sendo escrito primeiro, e em seguida, Pedro mostrando que aprovava usando algumas das mesmas informações que Judas havia usado.

haviam declinado, e o erro, a divisão e a corrupção haviam entrado como um dilúvio, de modo que era necessário que o apóstolo exortasse os irmãos a "lutar sinceramente pela fé que uma vez foi entregue aos santos".

A APOSTASIA CHEGOU

Judas 1:4: "Porque se introduziram alguns, que já antes estavam escritos para este mesmo juízo, homens ímpios, que convertem em dissolução a graça de Deus, e negam a Deus, único dominador e Senhor nosso, Jesus Cristo".

Judas 1:8: "E, contudo, também estes, semelhantemente adormecidos, contaminam a sua carne, e rejeitam a dominação, e vituperam as dignidades".

Judas 1:10: "Estes, porém, dizem mal do que não sabem; e, naquilo que naturalmente conhecem, como animais irracionais se corrompem".

Judas 1:12,13: "Estes são manchas em vossas festas de amor, banqueteando-se convosco, e apascentando-se a si mesmos sem temor; são nuvens sem água, levadas pelos ventos de uma para outra parte; são como árvores murchas, infrutíferas, duas vezes mortas, desarraigadas;
Ondas impetuosas do mar, que escumam as suas mesmas abominações; estrelas errantes, para os quais está eternamente reservada a negrura das trevas".

Judas 1:16: "Estes são murmuradores, queixosos da sua sorte, andando segundo as suas concupiscências, e cuja boca diz coisas mui arrogantes, admirando as pessoas por causa do interesse".

Judas 1:18: "Os quais vos diziam que nos últimos tempos haveria escarnecedores que andariam segundo as suas ímpias concupiscências".

Como em (2 Pedro 2), Também temos nesta breve epístola uma fotografia dos heresiarcas denominados por São João "o anticristo" e por São Paulo "a apostasia". A semelhança não pode ser equivocada.

- Eles eram apóstatas da fé. (2 Pedro 2: 4)
- O erro deles consiste na negação de Deus e de Cristo.
- Eles são marcados pelas seguintes características: -

Ímpia, sensualidade, negação de Deus e de Cristo, animalismo, ilegalidade e insubordinação, hipocrisia, murmuração, vanglória, zombaria, separação cismática, destituição do Espírito Santo.

É bastante evidente que essa descrição, que corresponde tão intimamente à de (2 Pedro 2) deve ter sido derivado da mesma fonte comum. Mas o fato triste é evidente e palpável, de que uma terrível degeneração e corrupção da moral haviam infectado a vida social dos "últimos dias". É mais sugestivo comparar o estado moral do povo escolhido neste período final de sua história nacional com o descrito nas palavras do último dos profetas do Antigo Testamento. A nação estava agora nas mesmas condições que são declaradas prontas para julgamento. O segundo Elias havia falhado em transformar o povo em justiça, e agora o Senhor, o Mensageiro da Aliança, estava prestes a vir subitamente ao Seu templo; o grande e terrível dia do Senhor estava próximo; e Deus estava prestes a ferir a terra com a maldição.

A PAROUSIA TRANSMITIDA POR ENOQUE

Judas 1:6: "E aos anjos que não guardaram o seu principado, mas deixaram a sua própria habitação, reservou na escuridão e em prisões eternas até ao juízo daquele grande dia".

Judas 1:14,15: "E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos;
Para fazer juízo contra todos e condenar dentre eles todos os ímpios, por todas as suas obras de impiedade, que impiamente cometeram, e por todas as duras palavras que ímpios pecadores disseram contra ele".

A urgência e a iminência de Judas à Parousia e ao Julgamento simplesmente não podem ser ignoradas por um estudante honesto das escrituras. Toda a sua mensagem é que a apostasia que havia sido anunciado pelo Senhor agora estava ocorrendo. O tempo estava portanto as portas, quando o Senhor virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e então dará a cada um segundo as suas obras" (Mt. 16:27), "na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo com todos os seus santos" (1 Ts 3:13, cf; Ap. 19:14). Mas por causa da semelhança entre esta passagem e o que é conhecido como o "Livro de Enoque", um dos livros apócrifos que não foi incluído nas Escrituras, levanta-se a questão sobre se a citação é do próprio Enoque ou desse texto, o qual não foi inspirado. A despeito de sua fonte, esta citação neste livro bíblico foi nele registrada como verdadeira, sob a inspiração do Espírito Santo. Assim, quer esta passagem seja uma revelação dada a Enoque, semelhante ao registrado no livro que leva seu nome, quer Judas tenha citado o livro apócrifo de Enoque, isso não afeta a verdade ou exatidão desta profecia.

Aos anjos "que não guardaram seu principado" são declarados presos e lançados na prisão, para serem reservados para o julgamento

do último dia: "Amarre-os, diz o Ser Supremo ao anjo Miguel, por setenta gerações, nos lugares mais baixos do mundo. Terra, até o dia do seu julgamento, até o dia da conclusão, quando o julgamento da eternidade será consumado.[266]

APÊNDICE DA PARTE II

NOTA A - O REINO DOS CÉUS, OU O REINO DE DEUS

Não há frase que ocorra com mais frequência no Novo Testamento do que "o reino dos céus" ou "o reino de Deus". Nós a encontramos em todos os lugares; no começo, no meio e no final. É a primeira coisa em Mateus, a última em Apocalipse. O evangelho em si é chamado de "o evangelho do reino"; os discípulos são os "herdeiros do reino"; o grande objetivo da esperança e da expectativa é "a vinda do reino". É isso que o próprio Cristo deriva de seu título de "rei". O reino de Deus, então, é o cerne do Novo Testamento.

Mas, embora difundida no Novo Testamento, a ideia do reino de Deus não é peculiar dele; pertence ao antigo. Encontramos vestígios disso em todos os profetas, de Isaías a Malaquias; é o tema de alguns dos salmos mais exaltados de Davi; subjaz os anais do antigo Israel; suas raízes remontam ao período mais antigo da existência nacional judaica; na verdade, é a razão de ser daquela cidade; porque Israel foi constituído e mantido em existência como uma nacionalidade distinta para incorporar e desenvolver esta concepção do reino de Deus.

Voltando ao germe primordial do povo judeu, encontramos a

[266] Vide. Rosenmuller, Schol. in Ior. - (Bíblico: notas, por JJ Gurney, pp. 211, 212). Esta é uma passagem curiosa de um livro curioso, cujo problema ainda não foi resolvido. Setenta gerações, calculando trinta e cinco anos a uma geração, seriam 2450 anos, o que corresponderia ao período entre o dilúvio e a destruição de Jerusalém, de acordo com a cronologia recebida.

primeira indicação do propósito de Deus de "fazer um povo para si mesmo" na promessa original feita ao seu grande pai, Abraão: "Eu farei de você uma grande nação, e Eu te abençoarei e engrandecerei o teu nome, e serás uma bênção, abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem, e todas as nações da terra serão abençoadas em ti"(Gn 12:2-3). Essa promessa foi solenemente renovada pouco tempo depois no pacto que Deus fez com Abraão: "Naquele dia o Senhor fez um pacto com Abrão, dizendo: A tua semente darei esta terra, desde o rio do Egito até o grande rio, o rio Eufrates". (Gênesis 15:18) Este relacionamento de aliança entre Deus e a semente de Israel é renovado e desenvolvido mais plenamente na declaração que foi feita a Abraão: "E eu estabelecerei o meu pacto entre mim e você, e seus descendentes depois de você em suas gerações, por convênio perpétuo, para ser o teu Deus e o teu descendente depois de ti, e eu te darei, e os teus descendentes depois de ti, a terra onde vives, toda a terra de Canaã como herança perpétua, e eu serei o seu Deus"(Gn 17:7,8). Como sinal deste pacto, o rito da circuncisão foi imposto a Abraão e sua posteridade, pelo qual todo varão daquela raça foi marcado e designado como um sujeito do Deus de Abraão (Gn 17:9-14).

Mais de quatro séculos após esta adoção dos filhos de Abraão como o povo da aliança de Deus, nós os encontramos em estado de vassalagem no Egito, gemendo sob a cruel escravidão a que foram submetidos. É-nos dito que Deus "ouviu seus gemidos e lembrou-se de seu pacto com Abraão, com Isaque e com Jacó". Ele levantou um líder na pessoa de Moisés, e disse-lhe para dizer aos filhos de Israel: "Eu sou o Senhor, e eu vou tirá-lo de debaixo das pesadas tarefas do Egito... e eu vou levá-lo para o meu povo e eu serei seu Deus" (Ex 6:6, 7). Depois da miraculosa redenção no Egito, a relação de aliança entre Jeová e os filhos de Israel foi ratificada, pública e solenemente, no monte Sinai. Nós lemos que "no terceiro mês da partida dos filhos de Israel da terra do Egito... Israel acampou diante do monte. E Moisés subiu a Deus, e Jeová o chamou do monte, dizendo: Assim dirás à casa de Jacó, e dirás aos filhos de Israel: Vós tendes visto o

que fiz aos egípcios, e como te levei nas asas de uma águia, e te trouxe a mim; agora, pois, se der ouvidos à minha voz, e guardareis o meu pacto e sereis o meu tesouro especial sobre todos os povos, porque toda a terra é minha; e vós sereis para mim reino de sacerdotes e nação santa" (Êxodo 19:3-6).

É nesse período que podemos considerar o reino teocrático como formalmente inaugurado. Uma horda de escravos libertos foi constituída como nação; eles receberam uma lei divina para seu governo, e todo o arcabouço de seu sistema civil e eclesiástico foi organizado e construído pela autoridade divina. Cada passo do processo pelo qual um velho sem filhos se tornou uma nação revela um propósito divino e um plano divino. Nenhuma nacionalidade foi formada dessa maneira; nenhuma nação jamais existiu para tal propósito; ninguém jamais teve tal relacionamento com Deus; ninguém jamais possuiu uma história tão milagrosa; ninguém foi exaltado a tal privilégio glorioso; ninguém jamais caiu em um destino tão tremendo.

Não há dúvida de que a nação de Israel foi designada como depositária e conservadora do conhecimento do Deus vivo e verdadeiro na terra. Para esse fim, a nação foi constituída e levada a uma relação única com o Altíssimo, como nunca foi sustentada por outras pessoas. Para garantir esse propósito, o próprio Senhor se tornou seu Rei, e eles se tornaram Seus súditos; enquanto todas as instituições e leis que lhes foram impostas faziam referência a Deus, não apenas como o Criador de todas as coisas, mas como o Soberano da nação. Expressar e realizar essa ideia da realeza de Deus sobre Israel é o objetivo manifesto do aparato cerimonial de culto estabelecido no deserto: "Jeová fez com que uma tenda real fosse erguida no centro do acampamento (onde os pavilhões de todos os reis e chefes eram geralmente erigidos) e equipados com todo o esplendor da realeza, como um palácio móvel. Foi dividido em três apartamentos, no interior dos quais estava o trono real, apoiado por querubins dourados; e o escabelo do trono, uma arca dourada

contendo as tábuas da lei, a Carta Magna da igreja e do estado. Na antecâmara, uma mesa dourada foi estendida com pão e vinho, como a mesa real; e incenso precioso foi queimado. A sala ou a quadra externa poderia ser considerada o apartamento da culinária real, e lá havia música, como a música nas mesas festivas dos monarcas orientais. Deus escolheu os levitas para seus cortesões, oficiais do estado e guardas do palácio; e de Arão para o chefe do tribunal e primeiro ministro de estado. Para a manutenção desses oficiais, Ele designou um dos dízimos que os hebreus deveriam pagar como aluguel pelo uso da terra. Finalmente, ele exigiu que todos os homens hebreus de uma idade adequada viessem ao Seu palácio todos os anos, nos três grandes festivais anuais, com presentes, para prestar homenagem ao rei; e como esses dias de renovação de suas homenagens deviam ser celebrados com festividade e alegria, o segundo dízimo foi gasto no fornecimento dos entretenimentos necessários para essas ocasiões. Em suma, todo dever religioso foi feito questão de obrigação política; e todos os regulamentos civis, mesmo os mais minuciosos, eram tão fundamentados na relação do povo com Deus, e tão entrelaçados com seus deveres religiosos, que o hebreu não podia separar seu Deus e seu rei, e em todas as leis era lembrado igualmente de ambos. Consequentemente, a nação, desde que tivesse uma existência nacional, não poderia perder inteiramente o conhecimento ou interromper sua adoração ao verdadeiro Deus".[267]

Esse foi o governo instituído por Jeová entre os filhos de Israel - uma verdadeira teocracia; a única teocracia real que já existiu na terra. Seu caráter nacional intenso e exclusivo merece atenção especial. Era o privilégio distintivo dos filhos de Abraão, e somente deles: "O Senhor teu Deus te escolheu para ser um povo especial para si mesmo, acima de todas as pessoas que estão sobre a face da terra". (Dt. 7:6) "De todas as famílias da terra só a vós vos tenho conhecido". (Amós 3:2) "Não fez assim a nenhuma outra nação". (Sl. 147:20) O Altíssimo era o Senhor de toda a terra, mas Ele era o rei de

[267] Comunidade Hebraica de Jahn, cap. Ii. seção 9

Israel em um sentido completamente peculiar. Ele era seu Governante convencionado; eles eram Seu povo convencionado. Eles assumiram as mais sagradas e solenes obrigações de serem súditos leais ao seu Soberano invisível, de adorá-Lo somente e de serem fiéis à Sua lei. (Dt. 26:16-18) Como recompensa da obediência, eles tinham a promessa de prosperidade ilimitada e grandeza nacional; eles deveriam estar "acima de todas as nações em louvor, nome e honra"; (Dt. 26:19) enquanto, por outro lado, as penas de deslealdade e infidelidade eram correspondentemente terríveis; a maldição da aliança quebrada os alcançaria em um sinal e uma terrível retribuição, à qual não deveria haver paralelo na história da humanidade, no passado ou no futuro. (Dt. 28)

É razoável supor que essa experiência maravilhosa de um governo teocrático tenha visado algo digno de seu autor divino. Esse objeto era moral e não material; a glória de Deus e o bem dos homens, mais do que o progresso político ou temporal de uma tribo ou nação. Sem dúvida, foi, em primeiro lugar, um registro para manter vivo o conhecimento e a adoração do único Deus verdadeiro na terra, que de outra forma poderia ter sido inteiramente perdido; e em segundo lugar, apesar de seu intenso e exclusivo espírito de nacionalismo, o sistema teocrático carregava em si o germe de uma religião universal, e era, portanto, um grande e importante estágio na educação da raça humana.

É instrutivo acompanhar o crescimento e o desenvolvimento progressivo da ideia teocrática na história do povo judeu, e observar como, ao perder sua importância política, ela se torna mais e mais moral e espiritual em caráter.

As pessoas a quem este privilégio incomparável foi conferido provaram ser indignas dele. Sua inconstância e infidelidade neutralizavam a cada momento o favor de seu soberano invisível. Sua exigência de ter um rei, para ser "como todas as nações", foi quase uma rejeição de seu soberano celestial. (1 Sm 8:7, 19, 20). No entanto,

seu pedido foi concedido, tendo feito provisão para tal contingência no quadro original da teocracia. O rei humano era considerado vice-rei do rei divino, tornando-se assim um tipo do soberano real, embora invisível, a quem o rei, assim como a nação, devia fidelidade.

É nesse ponto que percebemos o aparecimento de uma nova fase no sistema teocrático. Se considerarmos Davi como o autor do segundo salmo, foi nessa época que um anúncio profético foi feito a respeito de um Rei, o Ungido de Jeová, o Filho de Deus, contra quem os reis da terra e os príncipes se levantariam, mas a quem o Altíssimo daria os pagãos por herança e as partes mais distantes da terra por posse. A partir desse período começa a ser indicado mais claramente o caráter mediador da teocracia; é feita uma distinção entre Jeová e o seu Ungido, entre o Pai e o Filho. Encontramos os títulos do Messias, Filho de Deus, Filho de Davi, Rei de Sião, aplicados àquele a quem pertence o reino e que está destinado a triunfar e reinar. Os chamados salmos messiânicos, especialmente os 72 e 110, são suficientes para provar que, nos dias de Davi, houve claros anúncios proféticos de um rei vindouro, cujo governo seria benéfico e glorioso; em quem todas as nações seriam abençoadas; que uniria em si a dupla posição de Sacerdote e Rei; quem é declarado senhor de Davi; e que ele é representado como sentado à direita de Deus "até que seus inimigos sejam colocados como escabelo de seus pés".

A partir de agora, através de todas as profecias do Antigo Testamento, encontramos o caráter e a pessoa do rei teocrático esboçado cada vez mais completamente, embora na descrição se misturem elementos diversos e aparentemente inconsistentes. Às vezes, o rei que está chegando e seu reino são representados com as cores mais atraentes e resplandecentes: "Uma vara sairá do tronco de Jessé, e um ramo jovem brotará de suas raízes", e sob a direção deste herdeiro da casa de Davi, todo o mal desaparecerá e toda a bondade triunfará. "O lobo habitará com o cordeiro e o leopardo se deitará com o cabrito... eles não se machucarão nem destruirão em todo o meu santo monte, porque a terra se encherá do conhecimento do

Senhor, como as águas cobrem o mar" (Is. 11:1-9). Os mais altos nomes de honra e dignidade são atribuídos ao próximo Príncipe; ele é o "Maravilhoso, Conselheiro, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz, a expansão de seu império e a paz não terá limite". Ele se assentará no trono de Davi e governará seu reino com juízo e justiça para sempre. (Is. 9:6, 7)

Mas, ao lado deste futuro brilhante, há cenas sombrias e de tristeza e sofrimento, de julgamento e raiva. Diz-se do rei que vem que ele é como "uma raiz de terra seca"; "desprezado e rejeitado"; "homem de dores, experimentado na tristeza"; "ferido foi por nossas rebeliões, e feridos por nossas iniquidades"; "como um cordeiro foi levado para o matadouro"; "como uma ovelha diante de seus tosquiadores, ele ficou em silêncio e não abriu a boca"; "Ele foi cortado da terra dos viventes" (Is. 53). Ele é descrito como entrando em Jerusalém "humilde e montado num jumento, num jumentinho, filho de um jumento" (Zc. 9:9); "O Messias será tirado, mas não para si mesmo" (Dn. 9:26); e entre os últimos pronunciamentos proféticos estão alguns dos mais sinistros e sombrios de todos. O Senhor, o Mensageiro da Aliança, o Rei esperado, vem: "Quem pode suportar o tempo da sua vinda? O dia está chegando, queimando como uma fornalha, o grande e terrível dia do Senhor" (Malaquias 3:1-2, 4:1, 5).

Este aparente paradoxo é explicado no Novo Testamento. Havia realmente esse aspecto duplo do rei e do reino: "O rei da glória" era "homem de dores"; "o ano aceitável do Senhor" também foi "o dia da retribuição de nosso Deus".

As antigas profecias tinham dado motivos abundantes para a expectativa de que o Rei Teocrático invisível fosse um dia revelado e vivesse com os homens na terra; que viria, no interesse da teocracia, estabelecer seu reino na nação e reunir seu povo ao redor do trono. Os capítulos iniciais do Evangelho de Lucas indicam o que os piedosos israelitas acreditavam sobre o reino vindouro do Messias. Eles entenderam que esse reino teria um relacionamento especial com

Israel. "Este será chamado grande", disse o anjo da Anunciação, "e ele será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai, e reinará sobre a casa de Jacó para sempre, e seu reino não terá fim ". "Rabi", exclamou o fiel Natanael, quando Deus de repente se revelou a ele através da aparência do jovem camponês galileu, "tu és o Filho de Deus, tu és o Rei de Israel" (João 1:49). Não é menos verdade que sua vinda foi então considerada como próxima, e era ansiosamente aguardada por homens santos como Simeão, que "esperava a consolação de Israel", e a quem fora revelado que ele não "veria a morte antes de ver o Ungido do Senhor" (Lucas 2:25,26). A verdade é que havia uma crença generalizada, não só na Judeia, mas em todo o Império Romano, de que um grande príncipe ou monarca estava prestes a aparecer na Terra, o que inauguraria uma nova era. A partir dessa expectativa, temos evidências nos Anais de Tácito e na Polio de Virgílio. Sem dúvida, a esperança acalentada de Israel havia se difundido, de uma forma mais ou menos vaga e distorcida, pelas terras vizinhas.

Mas quando, na plenitude dos tempos, o rei teocrático apareceu no meio da nação da aliança, não estava na forma que esperavam e desejavam. O rei não cumpriu suas esperanças de poder político e preeminência nacional. O reino de Deus que Jesus proclamou era algo muito diferente daquele com o qual eles haviam sonhado. Justiça e verdade, pureza e bondade, eram apenas palavras vazias para aqueles que cobiçavam as honras e prazeres deste mundo. No entanto, embora rejeitado pela nação em geral, o rei teocrático não parou de anunciar sua presença e suas reivindicações. Foi precedido por um arauto, o predito Elias, João Batista, a quem o povo deveria reconhecer como verdadeiro profeta de Deus. O segundo Elias anunciou o reino de Deus como tendo se aproximado e convocou a nação a se arrepender e receber seu rei. Então, suas próprias obras milagrosas, sem paralelos, mesmo na história do povo escolhido em termos de número e esplendor, forneceram provas conclusivas de sua missão divina; unido ao qual, a excelência transcendente de sua doutrina e a pureza imaculada de sua vida silenciaram, e

envergonharam, a inimizade dos ímpios. Por mais de três anos, esse apelo ao coração e à consciência da nação foi apresentado incessantemente de todas as formas possíveis, mas sem sucesso; até que, finalmente, os diretores da igreja e do Estado judaicos, ferozmente hostis às pretensões de Jesus, acusaram-no diante do governador romano da acusação de se tornar rei. Com seu persistente e maligno clamor, eles procuraram sua condenação. Ele foi entregue para ser crucificado, e o título em sua cruz trazia esta inscrição: "ESTE É O REI DOS JUDEUS".

Este trágico evento marca a ruptura final entre o povo da aliança e o rei teocrático. O pacto tinha sido quebrado muitas vezes antes, mas agora foi publicamente repudiado e quebrado em pedaços. Poderia ter sido pensado que a teocracia terminaria agora; e quase o fez, mas sua dissolução formal foi suspensa por um curto período de tempo, de modo que a dupla consumação do reino [teocrático], que envolvia a salvação dos fiéis e a destruição dos incrédulos, pudesse acontecer na hora marcada. Esse duplo aspecto do reino teocrático é visível em cada uma das partes de sua história. Foi sucesso e fracasso; vitória e derrota; trouxe salvação para alguns e destruição para outros. Esse duplo caráter havia sido claramente estabelecido nas antigas profecias, como no notável oráculo de Isaías 49. O Messias lamenta: "Eu trabalhei demais, usei minha força em vão e sem lucro", etc. A resposta divina é: "E agora diz o Senhor, que me formou desde o ventre para ser seu servo, para que torne a trazer Jacó; porém Israel não se deixará ajuntar; contudo aos olhos do Senhor serei glorificado, e o meu Deus será a minha força. Disse mais: Pouco é que sejas o meu servo, para restaurares as tribos de Jacó, e tornares a trazer os preservados de Israel; também te dei para luz dos gentios, para seres a minha salvação até à extremidade da terra". Para colocar apenas outro exemplo: no livro de Malaquias, encontramos este aspecto duplo do reino vindouro, porque, embora "o dia esteja vindo como fornalha", e "todos os que praticam o mal sejam restolho", "para aqueles que temem meu nome" o sol da justiça surgirá e em suas asas trará a salvação" (Ml. 4:1, 2). Apesar, contudo, da rejeição do rei e da perda

do reino pela massa do povo, ainda haveria uma gloriosa consumação da teocracia, trazendo honra e felicidade a todos que possuíssem a autoridade do Messias e se mostrassem obedientes e leais ao seu rei.

Temos algum dado para determinar o período dessa consumação? A que horas se diz que o reino de Deus chegou completamente? Não na encarnação, pois a proclamação de Jesus era: "O reino de Deus está próximo". Não na crucificação, pois a petição do ladrão moribundo era: "Senhor, lembre-se de mim quando vier ao seu reino". Não na ressurreição, pois depois que o Senhor ressuscitou, os discípulos estavam procurando a restauração do reino em Israel. Não na ascensão, nem no dia de Pentecostes, por muito tempo depois desses eventos, na Epístola aos Hebreus, somos informados de que Cristo, "havendo oferecido para sempre um único sacrifício pelos pecados, está assentado à destra de Deus, Daqui em diante esperando até que os seus inimigos sejam postos por escabelo de seus pés". (Hb. 10:12, 13) A vinda do reino, portanto, não é coincidente com a ascensão, nem com o dia de Pentecostes. É verdade que o rei teocrático estava sentado no trono, "à direita da Majestade nas alturas", mas ainda não havia "tomado seu grande poder". Seus inimigos ainda não estavam abatidos, e não se poderia dizer que o pleno desenvolvimento e inauguração de Seu reino chegassem até que, por um ato judicial solene e público, o Messias vindicasse as leis de Seu reino e esmagasse sob Seus pés os apóstatas e rebeldes.

Há um ponto no tempo que é constantemente indicado no Novo Testamento como a vinda do reino de Deus. Nosso Senhor declarou que, entre seus discípulos, havia alguns que viveriam para vê-lo chegando em seu reino. Naturalmente, esta vinda do Rei é sinônimo da vinda do reino, e limita a ocorrência deste evento à geração que então existiu. Isto é, a vinda do reino está sincronizada com a consumação do reino teocrático de Israel e a destruição de Jerusalém, sendo todos parte de uma grande catástrofe. Foi nesse período que o Filho do homem viria na glória de seu Pai e se sentaria no trono de sua glória; para recompensar seus servos e punir seus inimigos

(Mateus 25:31). Encontramos esses eventos uniformemente associados no Novo Testamento, a vinda do Rei, o julgamento dos justos e dos ímpios, a vinda do reino, o fim dos tempos. É por isso que Paulo diz em 2 Tm. 4:1: "Apresento-te diante de Deus e do Senhor Jesus Cristo, o qual julgará os vivos e os mortos em sua manifestação e em seu reino". A vinda, o julgamento, o reino, são todos coincidentes e contemporâneos, e não apenas isso, mas também estão à mão; pois o apóstolo diz: "Quem está prestes a julgar; ... que em breve julgará" [mellontov krinein].

É perfeitamente claro, então, de acordo com o Novo Testamento, que a consumação ou conclusão do reino teocrático ocorreu no período da destruição de Jerusalém e do julgamento de Israel. A Teocracia havia cumprido seu propósito; o experimento foi realizado para verificar se a nação da aliança seria ou não leal ao rei. Isso falhou; Israel havia rejeitado seu rei; e permaneceu apenas até que as penalidades do pacto violado deveriam ser aplicadas. Vemos o resultado na ruína do templo, na destruição da cidade, na eliminação da nação e na revogação da lei de Moisés, acompanhada de cenas de horror e sofrimento sem paralelo na história do mundo. Essa grande catástrofe, portanto, marca a conclusão do reino teocrático. Foi desde o início de um caráter estritamente nacional - era o reinado divino sobre Israel. Terminou necessariamente, portanto, com o término da existência nacional de Israel, quando os símbolos externos e visíveis da Presença e Soberania divina desapareceram; quando a casa de Deus, a cidade de Deus e o povo de Deus foram apagados da existência por uma catástrofe desoladora e final.

Isso nos permite compreender a linguagem de São Paulo quando, falando da vinda de Cristo, ele representa esse evento como o que marca "o fim" [to telov = h sunteleia tou aiwnov], "quando ele entregar o reino a Deus, o Pai". (1 Co. 15:24) Isso causou muita perplexidade a muitos teólogos e comentaristas, que pareciam considerá-lo depreciativo para a divindade do Filho de Deus que ele renunciasse às suas funções mediadoras e seu caráter real e sujeitar-se,

por assim dizer, a posição de uma pessoa particular, tornando-se sujeito em vez de um soberano. Mas o constrangimento surgiu por negligenciar a natureza do reino que o Filho havia administrado, e que Ele finalmente entregou. Era o reino messiânico: o reino sobre Israel: aquele governo peculiar e único exercido sobre a nação da aliança e administrado pela mediação do Filho de Deus por tantas eras. Essa relação estava agora dissolvida, pois a nação havia sido julgada, o templo destruído e todos os símbolos da soberania divina removidos. Por que o reino teocrático deve continuar por mais tempo? Não havia nada para administrar. Não havia mais uma nação da aliança, a aliança foi quebrada e Israel deixou de existir como uma nação distinta. O que é mais natural e apropriado, portanto, do que em tal momento o Mediador renunciar Suas funções mediadoras e entregar as insígnias do governo nas mãos das quais Ele as recebeu? Antes desse período, o Pai havia investido o Filho nas funções vice-legais da Teocracia. Foi proclamado: "Coloquei o meu rei no meu monte santo de Sião: declararei o decreto; o Senhor me disse: Tu és meu Filho, hoje te gerei". (Sl. 2:6, 7) Os propósitos pelos quais o Filho havia assumido a administração do governo teocrático haviam sido realizadas. A aliança foi dissolvida, sua violação vingada, os inimigos de Cristo e de Deus foram destruídos; os servos verdadeiros e fiéis foram recompensados, e a Teocracia chegou ao fim. Este foi certamente o momento oportuno para o Mediador renunciar Sua carga nas mãos do Pai, ou seja, "entregar o reino".

Mas não há nada nisso que seja depreciativo para a dignidade do Filho. Pelo contrário, "Ele é o mediador de uma aliança melhor". O término do reino teocrático foi a inauguração de uma nova ordem, em escala mais ampla e de natureza mais duradoura. Esta é a doutrina da Epístola aos Hebreus: "o trono do Filho de Deus é para todo o sempre". (Hb. 1:8) O sacerdócio do Filho de Deus "permanece continuamente" (Hb. 8:3); Cristo "obteve agora um ministério mais excelente, por quanto ele também é o mediador de um pacto melhor"(Hb. 8:6). A Teocracia, como vimos, era limitada, exclusiva e nacional; no entanto, trazia consigo o germe de uma religião

universal. O que Israel perdeu foi ganho pelo mundo. Enquanto a Teocracia subsistia, havia uma nação favorecida, e os gentios, isto é, todo o mundo menos os judeus, estavam fora do reino, mantendo uma posição de inferioridade e, como cães, permitiam, por uma questão de graça, comer o migalhas que caíram da mesa do mestre. A primeira vinda de Cristo não eliminou totalmente esse estado de coisas; até o evangelho da graça de Deus fluiu primeiro no antigo canal estreito. São Paulo reconhece o fato de que "Jesus Cristo era um ministro da circuncisão", e o próprio Senhor declarou: "Eu não fui enviado, mas às ovelhas perdidas da casa de Israel". Durante anos, depois que os apóstolos receberam sua comissão eles não entenderam que estava enviando-os para os gentios; nem a princípio consideravam os convertidos pagãos admissíveis na igreja, exceto como prosélitos judeus. É verdade que após a conversão de Cornélio, o centurião, os apóstolos se convenceram dos limites mais amplos do Evangelho, e São Paulo em todos os lugares proclamou o rompimento das barreiras entre os judeus e os gentios; mas é fácil ver que, enquanto a nação teocrática existisse, e o templo, com seu sacerdócio, sacrifícios e rituais, permanecesse, e a lei mosaica continuasse, ou parecesse continuar, em vigor, a distinção entre judeus e gentios poderia não ser obliterado. Mas a barreira foi efetivamente derrubada quando lei, templo, cidade e nação foram varridas, e a Teocracia foi visivelmente levada a uma consumação final.

Esse evento foi, por assim dizer, a declaração formal e pública de que Deus não era mais apenas o Deus dos judeus, mas que agora era o Pai comum de todos os homens; que não havia mais uma nação favorecida e um povo peculiar, mas que a graça de Deus "que traz salvação a todos os homens se tornava manifestada"; (Tito 2:11) que o local e o limitado haviam se expandido para o ecumênico e universal, e que em Cristo Jesus 'todos são um'. (Gál. 3:29) É isso que São Paulo declara ser o significado da rendição do reino pelo Filho de Deus nas mãos do Pai: a partir de então as relações exclusivas de Deus com uma única nação cessam, e Ele torna-se o pai

comum de toda a família humana, "para que Deus seja tudo em todos" (1 Co. 15:28).

NOTA B - SOBRE "BABILÔNIA" DE 1 PEDRO 5:13

"Aquela [igreja] que está em Babilônia, também eleita, envia-lhes saudações, e também Marcos, meu filho." (NVI)

Não é fácil transmitir em tantas palavras em inglês a força precisa do original. Sua extrema brevidade causa obscuridade. Literalmente, lê-se assim: "Ela na Babilônia, co-eleita, te saúda; e Marcus, meu filho".

A interpretação comum do pronome refere-se a "a igreja que está na Babilônia"; embora muitos comentaristas eminentes - Bengel, Mill, Wahl, Alford e outros - entendam que se refere a uma pessoa, presumivelmente a esposa do apóstolo. "É pouco provável", observa Alford, "que uma abstração, da qual se fala enigmaticamente, e um homem (Marcos, meu filho), pelo nome, ocorresse em conjunto na mesma mensagem de saudação". O peso da autoridade se apoia no lado da igreja; o peso da gramática, do lado da esposa.

Mas a questão mais importante está relacionada à identidade do lugar aqui chamado Babilônia. À primeira vista, é natural concluir que não pode ser outra senão a bem conhecida e antiga metrópole da Caldéia, ou o que restou dela e que existia nos dias do apóstolo. Estamos prontos para considerar muito provável que Pedro, em suas jornadas apostólicas, rivalizasse com o apóstolo dos gentios, e fosse por toda parte pregando o evangelho aos judeus, como Paulo fez aos gentios.

Parece, no entanto, haver objeções formidáveis a essa visão, por mais natural e simples que pareça. Sem mencionar a improbabilidade de que São Pedro, na velhice, e acompanhado por sua esposa (se

aceitarmos a opinião de que ela é citada na saudação), deve ser encontrado em uma região tão distante da Judeia, há o importante consideração que Babilônia não era naquele tempo a morada de uma população judaica. Josefo afirma que, muito antes do reinado de Calígula (37-41 dC), os judeus haviam sido expulsos da Babilônia, e que havia ocorrido um massacre geral, pelo qual quase foram exterminados.[268] É verdade que esta afirmação de Josefo se refere mais a toda a região chamada Babilônia do que à cidade de Babilônia, e que, pela razão suficiente que, no tempo de Josefo, Babilônia era um lugar tão desabitado quanto é agora. Rosenmuller, em sua Geografia bíblica, afirma que no tempo de Strabo (isto é, no reinado de Augusto) Babilônia estava tão deserta que se aplica a essa cidade o que um poeta antigo havia dito sobre Megalópole em Arcádia. que era "um vasto deserto".[269] Basnage, também, em sua História dos judeus, diz: "Babilônia estava declinando nos dias de Estrabão,[270] e Plínio a representa no reinado de Vespasiano como uma vasta solidão ininterrupta".[271]

Outras cidades têm sido sugeridas como a Babilônia a que a epístola se refere: um forte desse nome no Egito, mencionado por Estrabão; Tesifón, no Tigre; Seleucia, a nova cidade que esvaziou seus habitantes para a antiga Babilônia. Mas estas são meras conjecturas, para as quais ela não possui sequer uma partícula de evidência.

A improbabilidade de que a antiga capital da Caldéia era o lugar de referência pode explicar em grande parte o consentimento geral que

[268] Antiguidades, bk. xviii, c. ix. Sec. 8, 9.
[269] Gabinete Bíblico, nº xvii. p. 16
[270] História dos judeus, c. ix. Sec. 10)
[271] As palavras de Plínio são: - "Babylon Chaldaicarum gentium caput diu summam claritatem obtinuit to orbe, propter quam reliqua pars mesopotamiae Assyriaeque Babylonia appellata est .... Durat adhuc ibi Jovis Bell templum. Inventa hic fuit sideralis scientia. Caetero ad solitudinem rediit, exhausta vicinitate Seleucia". - História Natural, bk. vi. c. xxx.

desde os primeiros tempos atribuiu uma interpretação simbólica ou espiritual ao nome de Babilônia. Se a questão fosse decidida pela autoridade de grandes nomes, Roma seria, sem dúvida, declarada a Babilônia mística designada assim pelo apóstolo. Mas isso envolve a questão incômoda de que Pedro já visitou Roma, uma discussão em que não podemos entrar aqui. A história do evangelho mantém completo silêncio sobre o assunto, e a tradição, inquestionavelmente muito antiga, do episcopado de Pedro ali, e de seu martírio sob o reinado de Nero, está tão sobrecarregada que é certamente fabuloso, que nos sentimos justificados em fazer tudo isso de lado como uma lenda ou como um mito. Há um argumento a priori contra a probabilidade da visita de Pedro a Roma, que consideramos intransponível, na ausência de qualquer argumento em contrário. Pedro foi o apóstolo da circuncisão; sua missão era para os judeus, sua própria nação; não podemos conceber a possibilidade de que ele abandonasse sua esfera de trabalho designada e "entrasse nos negócios de outro homem" e "construísse a base de outra pessoa". Paulo estava em Roma nos dias de Nero, e nada poderia ser mais improvável que Pedro, o apóstolo da circuncisão, e "sabendo que ele estava prestes a deixar seu tabernáculo terrestre", empreendeu uma viagem a Roma em sua extrema velhice, sem qualquer chamado especial, e sem deixar vestígios de um evento tão notável na história dos Atos dos Apóstolos.

Mas, se Roma não é a Babilônia simbólica de referência, e se a Babilônia literal é inadmissível, qual outro lugar pode ser sugerido com alguma probabilidade? Não há outra cidade, além de Roma, que possa ser chamada com a mesma propriedade da Babilônia mística? Nenhum outro que não tenha nomes simbólicos, tanto no Antigo Testamento como no Novo? Parece inexplicável que a mesma cidade com a qual a vida e os atos de Pedro estejam mais associados do que com qualquer outra cidade tenha sido completamente ignorada nessa discussão. Por que a cidade chamada Sodoma e Gomorra não poderia ser chamada, com a mesma razão, Babilônia? Agora, Jerusalém tem esses nomes místicos associados a ela nas Escrituras, e nenhuma

cidade tinha mais direito de reivindicar o caráter que eles implicam. Sem dúvida, Jerusalém também parece ter sido a residência fixa do apóstolo; Jerusalém, então, é o lugar do qual poderíamos encontrá-lo escrevendo e datando suas epístolas endereçadas às igrejas.

Qualquer que seja a cidade que o apóstolo denomine Babilônia, deve ter sido a morada estabelecida da pessoa ou da igreja associada a si e a Marcos na saudação. Isso é comprovado pela forma das expressões h en babulwni , que, como mostra Steiger, significa "uma morada fixa pela qual alguém pode ser designado".[272] Se decidirmos que a referência é a uma pessoa, seguir-se-á que Babilônia era o local onde ela estava domiciliada, seu local de residência estabelecido, e isso, no caso da esposa de Pedro, só poderia ser Jerusalém. A história apostólica, na medida em que pode ser extraída da evidência documental no Novo Testamento, mostra claramente que São Pedro habitava habitualmente em Jerusalém. Nada mais é do que uma falácia popular supor que todos os apóstolos eram evangelistas como São Paulo, viajando por países estrangeiros e pregando o Evangelho a todas as nações. O professor Burton mostrou que "não foi até catorze anos após a ascensão de nosso Senhor que São Paulo viajou pela primeira vez e pregou o evangelho aos gentios. Também não há evidências de que, durante esse período, os outros apóstolos tenham ultrapassado os limites da Judeia".[273] Mas o que defendemos é que a morada habitual ou habitada de São Pedro estava em Jerusalém. Isso aparecerá a partir de uma variedade de provas circunstanciais.

1. Quando a igreja de Jerusalém se dispersou após a perseguição que irrompeu na época do martírio de Estêvão, Pedro e o restante dos apóstolos permaneceram em Jerusalém. (Atos 8: 1).

2. São Pedro estava em Jerusalém quando Herodes Agripa I o prendeu e o aprisionou. (Atos 12:3)

[272] Steiger em 1 Pedro. Gabinete Bíblico, vol. ii. p. 315
[273] Bampton Lecture do professor Burton, p. 20

3. Quando São Paulo, três anos depois de sua conversão, sobe a Jerusalém, sua missão é "ver Pedro" ; e acrescenta: "Fiquei com ele quinze dias" (Gl 1:18). Isso implica que a residência habitual de Pedro era Jerusalém.

4. Quatorze anos depois desta visita a Jerusalém, São Paulo visitou novamente aquela cidade na companhia de Barnabé e Tito; e nesta ocasião, também encontramos Pedro lá. (Gl 2:1-9) (50 dC - Conybeare e Howson).

5. Vale a pena notar que foi a presença em Antioquia de certas pessoas que vieram de Jerusalém que tanto intimidaram São Pedro que o levaram a assumir uma linha errada de conduta e incorrer na censura de São Paulo. (Gl 2:11) Por que Pedro deveria intimidar a presença de judeus de Jerusalém? Presumivelmente porque, ao retornarem a Jerusalém, eles pediriam um relato: indicando que Jerusalém era a residência habitual deles.

6. Se assumirmos, o que é mais provável, que Marcos, mencionado nesta saudação, é João Marcos, filho da irmã de Barnabé, sabemos que ele também viveu em Jerusalém (Atos 12:12).

7. Para Silvano, ou Silas, o escritor ou portador desta epístola, nós o conhecemos como um membro proeminente da igreja de Jerusalém: "o principal entre os irmãos" (Atos 15:22-32).
Descobrimos que todas as pessoas nomeadas na porção final da epístola são residentes habituais de Jerusalém.

Assim, encontramos todas as pessoas nomeadas na parte final da epístola residentes habituais em Jerusalém.

Finalmente, inferimos, a partir de uma expressão incidental em (1 Pedro 4:17), que São Pedro estava em Jerusalém quando escreveu esta epístola. Ele diz que é hora de o julgamento começar com a "casa

de Deus"; isto é, como vimos, o santuário, o templo; e ele acrescenta: "Se primeiro começa com a gente", etc. Agora, ele teria se expressado assim se na época ele escrevesse que estivera em Roma, ou na Babilônia, no Eufrates, ou em qualquer outra cidade que não fosse Jerusalém? Certamente parece mais natural supor que, se o julgamento começar com o santuário, e também para nós, tanto o lugar quanto o povo devem estar juntos. A visão de Ezequiel, que dá o protótipo da cena do julgamento, fixa o local onde o assassinato deve começar, e parece muito provável que o futuro próximo da cidade e do templo, bem como as aflições que se abateriam sobre o local e os discípulos de Cristo, estavam na mente do apóstolo. Wiesinger observa: "É quase impossível que a destruição de Jerusalém tenha acontecido quando estas palavras foram escritas, se assim fosse, dificilmente teria sido dito, ou kairoz tou arxasyai".[274] Não; não foi passado, mas o começo do fim já estava presente; o julgamento parece ter começado, como o Senhor disse que aconteceria com os discípulos; e este foi o prelúdio certo para a ira que veio sobre os iníquos "ao máximo".

Mas pode ser objetado: se Pedro quis dizer Jerusalém, por que ele não disse isso sem ambiguidade? Pode ter havido, e indubitavelmente, razões prudenciais para essa reserva no momento em que Pedro produziu seus escritos, como havia quando Paulo escreveu aos tessalonicenses. Mas, provavelmente, não havia ambiguidade para seus leitores, como existe para nós. E se Jerusalém já fosse conhecida e reconhecida entre os crentes como Babilônia mística? Assumindo, como temos o direito de assumir, que o Apocalipse já era familiar às igrejas apostólicas, nós consideramos altamente provável que eles identificassem a "grande cidade", cuja queda é descrita naquele livro, "Babilônia, a Grande", como a mesma cuja queda é mencionado na profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras.

Isso, no entanto, pertence a outro assunto, cuja discussão ocorrerá

[274] Alford, Greek Testament, in loc.

na hora certa - a identidade da Babilônia do Apocalipse. É suficiente para o momento ter apresentado argumentos para uma causa provável, em bases completamente independentes, em favor dos quais a Babilônia da primeira Epístola de Pedro não é outra senão Jerusalém.

NOTA C - SOBRE O SIMBOLISMO DA PROFECIA

A menor atenção à linguagem profética do Antigo Testamento deve convencer qualquer pessoa de mente sóbria de que ele não deve entendê-la pelo valor aparente. Primeiro, os pronunciamentos dos profetas são poesia; segundo, eles são poesia oriental. Eles podem ser chamados de gravuras hieroglíficas representando eventos históricos através de imagens altamente metafóricas. É inevitável, então, que a hipérbole, ou o que nos parece hipérbole, entre as descrições dos profetas. Para a imaginação fria e prosaica do Ocidente, o estilo vivo e vívido dos profetas orientais pode parecer pomposo e extravagante; mas há sempre um substrato da realidade que subjaz às figuras e símbolos, que, quanto mais eles são estudados, mais eles são recomendados para o julgamento do leitor.

Revoluções sociais e políticas, mudanças morais e espirituais são prefiguradas por convulsões e catástrofes físicas; e se esses fenômenos naturais afetam a imaginação ainda mais poderosamente, eles não são figuras inadequadas quando a verdadeira importância dos eventos que eles representam é compreendida. A terra convulsionada por terremotos, montanhas ardentes que são atiradas ao mar, estrelas que caem como folhas, os céus incendiados, o sol coberto de aniagem, a lua transformada em sangue, são imagens de grandeza assustadora, mas não são necessariamente representações impróprias de grandes Comores civis - o colapso de tronos e dinastias, as desolações da guerra, a abolição de sistemas antigos e grandes revoluções morais e espirituais. Na profecia, como na poesia, o material é considerado um tipo do espiritual, e as paixões e emoções

da humanidade encontram expressão nos sinais e sintomas correspondentes na criação inanimada. O profeta traz boas novas? Chame as montanhas e as colinas para explodir em música, e as árvores da floresta para bater as palmas das mãos. É sua mensagem de lamentação e desgraça? Os céus estão de luto e o sol escurece quando se põe. Não importa o quão ansioso você esteja por ficar com a única letra da palavra, ninguém pensaria em insistir que tais metáforas deveriam ser interpretadas literalmente, nem deveriam ser literalmente cumpridas. O máximo que temos o direito de pedir é que haja eventos históricos que correspondam e estejam no auge de tais fenômenos; grandes movimentos morais e sociais capazes de produzir emoções como esses fenômenos físicos parecem implicar.

Pode ser útil escolher alguns dos mais notáveis símbolos proféticos encontrados no Antigo Testamento, para que possamos observar as ocasiões em que foram usados e descobrir o sentido em que devem ser compreendidos.

Em Isaías 13, temos uma previsão muito notável da destruição da antiga Babilônia. É concebido no mais alto estilo poético. Jeová dos exércitos revê as tropas para a batalha; há um estrondo do barulho dos reinos, das nações reunidas; é proclamado que o dia do Senhor está próximo; as estrelas dos céus e as suas estrelas não darão a sua luz; o sol escurecerá no nascimento, a lua não dará seu esplendor; os céus tremerão e a terra sairá de seu lugar. Será notado que todas essas imagens, cujo cumprimento literal envolveria a destruição de toda a criação material, são usadas para descrever a destruição da Babilônia pelos medos.

Mais uma vez, em Isaías 24, temos uma previsão de julgamentos prestes a cair na terra de Israel; e entre outras representações dos infortúnios iminentes, encontramos o seguinte: "As janelas dos céus estão abertas, os alicerces da terra tremem, a terra será completamente esvaziada e completamente saqueada, a terra será destruída, caída, a terra será ele tropeçará como um bêbado, e será

removido como a cabana de um fazendeiro, ele cairá e não se levantará novamente "etc. Tudo isso simboliza a agitação civil e social que estava prestes a ocorrer na terra de Israel.

Em Isaías 34, o profeta anuncia julgamentos contra os inimigos de Israel, particularmente Edom, ou Idumeia. As imagens que ele usa são da descrição mais sublime e terrível: "As montanhas serão dissolvidas pelo sangue dos cadáveres, todo o exército dos céus se enrola como um livro, e todo o seu exército cairá à medida que a folha cair. videira, e como a figueira cai ". "Suas correntes se transformarão em piche, e sua poeira em enxofre, e sua terra em piche ardente. Não será apagada à noite ou durante o dia, sua fumaça subirá perpetuamente, de geração em geração será desolada, nunca alguém passará por ela".

Não é necessário perguntar: estas previsões foram cumpridas? Nós sabemos que sim; e seu cumprimento permanece na história como um monumento perpétuo à verdade da Revelação. Para Babilônia, Edom, Tiro, os opressores ou inimigos do povo de Deus, eles foram obrigados a beber do cálice da indignação de Deus. O Senhor não decepcionou nenhuma das palavras de seus servos, os profetas. Mas ninguém vai fingir que os símbolos e figuras que descreveram esses deslizamentos foram verificados literalmente. Estes emblemas são a vestimenta da descrição e são usados simplesmente para aumentar o efeito e trazer vivacidade e grandeza à cena.

Da mesma forma, o profeta Ezequiel usa imagens de um tipo muito semelhante para prever as calamidades que viriam sobre o Egito: "E quando eu tiver extinto você, vou cobrir os céus, e vou escurecer suas estrelas, o sol vai cobrir de nuvens e a lua não vai ele fará brilhar a sua luz, tornarei todas as estrelas brilhantes do céu negras para ti, diz o Senhor Deus" (Ez. 32:7,8).

Da mesma forma, os profetas Miqueias, Naum, Joel e Habacuque descrevem a presença e a intervenção do Altíssimo nos assuntos das

nações, presença e intervenção que são acompanhadas por grandes fenômenos naturais: "Pois eis que Jeová sai do seu lugar e descerá e trilhará as alturas da terra; e os montes se fundirão, e os vales se fenderão, como a cera diante do fogo, como as águas que escorrem precipícios" (Miqueias 1:3, 4).

"Jeová anda na tempestade e no redemoinho, e as nuvens são o pó de seus pés, ele ameaça o mar e o seca, e drena todos os rios." As montanhas tremem diante dele, e as colinas se derretem; a terra é movida em sua presença, e o mundo, e todos os que nela habitam, sua ira é derramada como fogo, e as rochas são limpas por ele" (Naum 1:3-6).

Esses exemplos podem bastar para mostrar o que é realmente evidente, que na linguagem profética os fenômenos naturais mais sublimes e terríveis são usados para representar convulsões e revoluções nacionais e sociais. As imagens, que se cumpridas, resultariam na total dissolução da estrutura do globo e na destruição do universo material, não podem realmente significar outra coisa senão a queda de uma dinastia, a tomada de uma cidade, ou o colapso de uma dinastia ou uma nação.

O que se segue é o ponto de vista de Sir Isaac Newton sobre este assunto, uma posição que é substancialmente justa, embora talvez tenha sido um pouco exagerada, assumindo que há, de fato, um equivalente para cada figura empregada na profecia:

"A linguagem figurada dos profetas é tirada da analogia entre o mundo natural e um império considerado como uma potência mundial. Como consequência, o mundo natural, consistindo de céu e terra, significa todo o mundo político, composto de tronos e os povos, ou tanto quanto é considerado na profecia, e coisas nesse mundo significam coisas análogas neste, porque os céus e as coisas que existem neles significam tronos e dignitários, e aqueles que os desfrutam, e a terra , com as coisas que estão nele, as pessoas

inferiores, e as partes mais baixas da terra, chamadas Hades ou inferno, a parte mais baixa e miserável delas, Grandes terremotos, e o tremor do céu e da terra, representam o terror dos reinos, para confundi-los e derrubá-los, a criação de um novo céu e uma nova terra, o desaparecimento dos antigos, o começo e o fim do mundo significam o surgimento e a ruína do corpo político em questão. todas as espécies e raças de homens nos reinos do mundo político; a lua significa o corpo das pessoas comuns, considerado como a esposa do rei; as estrelas, os príncipes e grandes homens subordinados; ou os bispos e governantes do povo de Deus, quando o sol é Cristo. O pôr do sol, a lua e as estrelas; o escurecimento do sol, a lua tornando-se sangue e a queda das estrelas, a cessação de um reino".[275]

Como acréscimo, apenas citaremos as excelentes observações de um falante sábio, Dr. John Brown, de Edimburgo:

"Entendido literalmente, "o céu e a terra passarão", é a dissolução do sistema atual do universo, e o período em que isso deve acontecer é chamado de 'o fim do mundo'. Mas uma pessoa bem familiarizada com a fraseologia das Escrituras O Antigo Testamento sabe que a dissolução da economia mosaica e o estabelecimento da economia cristã são frequentemente descritos como o desaparecimento da antiga terra e dos antigos céus, e a criação de uma nova terra e um novo céu. Criarei novos céus e uma nova terra, e desde o princípio não haverá lembrança, não mais chegará o pensamento. "Porque, assim como os novos céus e a nova terra que eu faço permanecerão diante de mim, diz Jeová, assim farão a vossa posteridade e o vosso nome". (Is 65:17; 66:22)' Diz-se que o período do término de uma dispensação e o começo da outra são "os últimos dias" e "o fim do mundo", e são descritos como tal um tremor do céu e a terra que levaria à eliminação das coisas que haviam tremido (Ag. 2:6; Hb. 14:26, 27)".[276]

[275] Sir Isaac Newton, Observações sobre as Profecias, Parte i. Is. ii.
[276] Discursos e Provérbios de nosso Senhor, vol. I. 199, 200.

Parece, então, que se as Escrituras são o melhor intérprete das Escrituras, temos no Antigo Testamento uma chave para a interpretação das profecias no Novo. O mesmo simbolismo é encontrado em ambos, e as imagens de Isaías, Ezequiel e outros profetas nos ajudam a entender as imagens de São Mateus, São Pedro e São João. Como a dissolução do mundo material não é necessária para o cumprimento da profecia do Antigo Testamento, também não é necessário para o cumprimento das previsões do Novo Testamento. Mas, embora os símbolos sejam expressões metafóricas, eles não são irrelevantes. Não é necessário alegorizá-los e encontrar um equivalente correspondente para todo tropo; é suficiente considerar a imagem como empregada para aumentar a sublimidade da previsão e revesti-la de impressionante e grandeza. Há, ao mesmo tempo, uma verdadeira propriedade e uma realidade subjacente nos símbolos da profecia. Os fatos morais e espirituais que eles representam, as mudanças sociais e ecumênicas que eles tipificam, não poderiam ser adequadamente apresentados por uma linguagem menos majestosa e sublime. Há razões para acreditar que uma apreensão inadequada da verdadeira grandeza e importância de eventos como a destruição de Jerusalém e a revogação da economia judaica está na raiz desse sistema de interpretação que sustenta que nada que atenda aos símbolos do Novo Testamento profecia já aconteceu. Daí as invenções acríticas e anti-bíblicas dos sentidos duplos e dos cumprimentos duplos, triplos e múltiplos da profecia. Que distúrbios físicos na natureza e fenômenos extraordinários nos céus e na terra podem ter acompanhado os problemas da dispensação judaica que não estamos preparados para negar. Parece-nos altamente provável que tais coisas fossem. Mas o cumprimento literal dos símbolos não é essencial para a verificação da profecia, que é amplamente comprovada como verdadeira pelos fatos registrados da história.

NOTA D - DR. OWEN SOBRE "OS NOVOS CÉUS E NOVA TERRA" 2 PEDRO 3:13

"O apóstolo distribui o mundo entre o céu e a terra e diz que foram destruídos pela água e pereceram. Sabemos que nem a composição nem a substância de um ou de outro foram destruídas, mas apenas os homens que viviam na terra; e o apóstolo fala conosco (verso 7) do céu e da terra que era então, e que foram destruídos pela água , diferente dos céus e da terra que havia agora, e que deveriam ser consumidos pelo fogo ; entretanto, quanto à estrutura visível do céu e da terra, eles eram os mesmos tanto antes do Dilúvio quanto no tempo do apóstolo, e permanecem até hoje; quando ainda é verdade que os céus e a terra, de que ele falou, seriam destruídos e consumidos pelo fogo naquela geração. Para esclarecer nosso fundamento, devemos considerar o que o apóstolo quer dizer com os céus e a terra nesses dois lugares".

1. É certo que o que o apóstolo pretende pelo mundo, com seu céu e terra (2 Pedro 3:5, 6) que foi destruído; o mesmo, ou algo assim, que ele pretende que os céus e a terra sejam consumidos e destruídos pelo fogo; (2 Pe. 3:7) caso contrário, não haveria coerência no discurso do apóstolo, nem qualquer tipo de argumento, mas uma mera falácia de palavras.

2. É certo que pelo dilúvio, o mundo ou o tecido do céu e da terra não foram destruídos, mas apenas os habitantes do mundo; e, portanto, a destruição sugerida para ser bem-sucedida pelo fogo não é da substância dos céus e da terra, que não será consumida até o último dia, mas de pessoas ou homens que vivem no mundo.

3. Então devemos considerar em que sentido os homens que vivem no mundo são considerados o mundo, e os céus e a terra dele. Insistirei apenas em uma instância para esse fim dentre muitas que podem ser produzidas: (Is. 51:15, 16) O tempo em que o trabalho

aqui mencionado, de plantar os céus e estabelecer os fundamentos da terra, foi realizado por Deus, foi quando Ele dividiu o mar (Is. 51:15) e deu a lei (Is. 51:16) e disse a Sião: Tu és o meu povo; isto é, quando Ele tirou os filhos de Israel do Egito, e os formou no deserto em igreja e estado; então Ele plantou os céus e lançou os alicerces da terra; isto é, gerou ordem, governo e beleza da confusão em que antes eles estavam. Este é o plantio dos céus e a fundação da terra no mundo. E como é que quando é feita menção à destruição de um estado e governo, é nessa linguagem que parece estabelecer o fim do mundo. Assim, (Is. 34:4) que ainda é apenas a destruição do estado de Edom. O mesmo também é afirmado pelo Império Romano (Ap. 6:14), que os judeus afirmam constantemente que Edom pretendia.nos profetas. E na predição de nosso Salvador, Cristo, da destruição de Jerusalém (Mt. 24), ele a expõe por expressões da mesma importância. É evidente, então, que no idioma profético e na maneira de falar, pelos céus e pela terra, o estado civil e religioso e a combinação de homens no mundo, e os homens deles, eram freqüentemente entendidos. Assim como os céus e a terra naquele mundo que foi destruído pelo dilúvio.

4. Sobre este fundamento, afirmo que os céus e a terra aqui pretendidos nesta profecia de Pedro, a vinda do Senhor, o dia do julgamento e perdição de homens ímpios, mencionados na destruição daquele céu e terra, todos eles se relacionam, não ao juízo final e final do mundo, mas àquela total desolação e destruição que deveria ser feita à igreja e ao estado judaico; pelas quais apresentarei essas duas razões, dentre muitas que podem ser insistidas no texto:

(1) Porque tudo o que é mencionado aqui deve ter sua influência peculiar sobre os homens daquela geração. Ele fala daquilo em que tanto os zombadores profanos quanto os que zombavam estavam preocupados, e que, como judeus , alguns deles crendo, outros oponentes, a fé. Agora não havia preocupação particular daquela geração, nem naquele pecado, nem naquele escárnio, quanto ao dia do julgamento em geral; mas havia um alívio peculiar para um e um

medo peculiar para o outro em questão, na destruição da nação judaica; e, além disso, um amplo testemunho, tanto para um como para o outro, do poder e domínio do Senhor Jesus Cristo, que era a coisa em questão entre eles.

(2) Pedro lhes diz que, após a destruição e o julgamento de que fala, (2 Pedro 3: 7-13) "De acordo com sua promessa, procuramos novos céus e nova terra" etc. Eles tinham essa expectativa. Mas qual é essa promessa? Onde podemos encontrá-lo? Ora, nós temos isso nas próprias palavras e letras (Isaías 65:17). Agora, quando será que Deus criará esses novos céus e nova terra, onde habita a justiça? Diz Pedro: "Será depois da vinda do Senhor, depois daquele julgamento e destruição de homens ímpios, que não obedecem ao evangelho, que eu predito". Mas agora é evidente a partir deste lugar de Isaías, com (Is. 66:21, 22) que esta é uma profecia apenas dos tempos do evangelho; e que o plantio desses novos céus não passa de criação das ordenanças do evangelho para durar para sempre. A mesma coisa é assim expressa. (Hebreus 12:26-28)

"Sendo este o design do local, não insistirei mais no contexto, mas abrirei brevemente as palavras propostas e fixei-me na verdade contida nelas".

"Primeiro, não é a base de inferência e exortação do apóstolo, [toutwn oun pantwn luomenwn] vendo que todas essas coisas, embora precioso que parecem, ou o valor soever qualquer posto sobre eles, serão dissolvidos, isto é, destruídos; e que daquela maneira terrível e terrível antes mencionada, em um dia de julgamento, ira e vingança, por fogo e espada; que outros zombem das ameaças da vinda de Cristo: Ele virá - Ele não tardará; e então os céus e a terra que o próprio Deus plantou - o sol, a lua e as estrelas da política e da igreja judaicas - todo o velho mundo de adoração e adoradores que se destacam em sua obstinação contra o Senhor Cristo, devem ser dissolvido e destruído: isto sabemos que será o fim dessas coisas, e que será em breve".

"Não existe constituição externa nem estrutura de coisas no governo ou nas nações, mas está sujeita a uma dissolução, e pode recebê-la, e isso como forma de julgamento. Se alguém poderia pedir isenção, que, em muitos relatos, do qual o apóstolo estava discursando em termos proféticos (pois ainda não era hora de falar isso abertamente a todos), poderia interpor sua parte".[277]

NOTA E - REV. FD MAURICE SOBRE A "ÚLTIMA HORA" (1 JOÃO 2:18)

"Como poderia João dizer que era última hora? O mundo não durou quase mil e oitocentos anos desde que ele o deixou? Ainda não pode durar muitos anos?".

"Muitos lhe dirão que não apenas João, mas também Paulo e todos os apóstolos agiram sob o engano de que o fim de todas as coisas estava se aproximando em seu tempo." Aqueles que falam assim não estão geralmente dispostos a subestimar a autoridade destes. Para alguns homens, alguns adotam essa opinião praticamente, embora possam não expressá-la em palavras, e sustentam que os escritores bíblicos nunca foram autorizados a cometer erros mesmo nas coisas mais insignificantes. eles descobrem que eles foram confundidos em nomes ou pontos cronológicos, mas, se ele supôs que eles mesmos tinham sido levados ao erro, e levaram a errar seus próprios discípulos, em um assunto tão importante quanto este de Cristo vindo em julgamento, e de Nos últimos dias, ficaria muito perplexo, Pois é um assunto a que eles estão constantemente se referindo. É uma parte de sua fé mais profunda. Mistura-se com todas as suas exortações práticas. Se eles estavam errados aqui, não consigo ver onde eles podem estar certos".

[277] Sermão do Dr. Owen em 2 Pe. 3:11 . Obras, folha, 1721.

"Descobri que a sua linguagem sobre este assunto tem sido muito útil para explicar o método da Bíblia, o curso do governo de Deus sobre as nações e os indivíduos, a vida do mundo antes do tempo dos apóstolos, durante a sua tempo, e em todos os séculos desde então, se lhes dermos a justiça que devemos a todos os escritores, inspirados e sem inspiração, se permitirmos que eles se interpretem, em vez de impor nossas interpretações neles, acho que entenderemos um pouco mais do seu trabalho e do nosso se tomarmos as suas palavras de maneira simples e literal no que diz respeito ao julgamento e ao fim que esperavam no seu dia, saberemos qual a posição que ocupavam em relação aos seus antepassados e a nós. Muito vago, fraco e artificial do julgamento que devemos esperar, vamos aprender quais são as nossas necessidades através deles, como Deus vai cumprir todas as suas palavras para nós pela maneira que Ele cumpriu Suas palavras para eles".

"Não é uma ideia nova, mas muito antiga e comum, que a história do mundo é dividida em certos grandes períodos." Em nossos dias, os homens pensantes têm imposto a convicção de que há uma grande distinção entre a história Antiga e moderna, M. Guizot é especialmente espaçado na unidade e universalidade da história moderna, em contraste com a divisão da história antiga em uma série de nações que mal tinham simpatias comuns. A questão é onde encontrar a fronteira entre estes dois períodos, os alunos têm especulado muito sobre estes, a maioria dessas especulações foram plausíveis e sugerem verdades, alguns são muito confusos, nenhum, penso eu, satisfatório, um dos mais populares, que assume que a história moderna começou quando as tribos bárbaras se estabeleceram na Europa, seria bastante fatal para a doutrina de M. Guizot, porque esse estabelecimento, embora fosse um evento muito importante Indispensável para a civilização moderna, rompeu temporariamente a unidade que existira antes. Foi como o reaparecimento dessa separação de tribos e raças, que ele supõe ter sido a característica especial do mundo anterior".

"Agora, podemos esperar alguma luz sobre esse assunto na Bíblia? Eu não acho que cumpriria suas pretensões se não pudéssemos. Ele professa estabelecer os caminhos de Deus para as nações e para a humanidade. Podemos estar bem contentes de que isso nos conte muito pouco sobre leis físicas; podemos estar contentes por não falar sobre os cursos dos planetas e a lei da gravitação. Deus pode ter outras maneiras de tornar esses segredos conhecidos por Suas criaturas. Mas o que diz respeito à ordem moral do mundo e ao progresso espiritual dos seres humanos cai diretamente na província da Bíblia. Ninguém poderia ficar satisfeito com isso se fosse estúpido respeitá-los. E, consequentemente, todos os que supõem que seja estúpido aqui, por mais importante que possam atribuir ao que chamam de caráter religioso, - por mais que suponham que seus interesses mais altos dependam da crença em seus oráculos, são obrigados a tratá-lo como algo muito volume fragmentado desconexo. Eles oferecem a melhor desculpa para aqueles que dizem que não é um livro inteiro, como pensamos, mas uma coleção de ditos e opiniões de certos autores, em diferentes idades, não muito consistentes entre si. Por outro lado, tem havido a mais forte convicção na mente dos leitores comuns, bem como dos estudantes, de que o livro nos diz como as eras passadas e as vindouras se preocupam com a revelação dos mistérios de Deus, - que parte um país e outro desempenhou em Seu grande drama - até que ponto todas as linhas de Sua providência estão convergindo. O imenso interesse que foi tomado na profecia - um interesse não destruído, nem enfraquecido pelas numerosas decepções que as teorias dos homens tiveram que encontrar - é uma prova de quão profunda e amplamente difundida é essa convicção. Os divino esforça-se em vão para recordar leitores simples e fervorosos do estudo das profecias, pedindo que não tenham tempo para tal busca e que devam se ocupar com o que é mais prático. Se suas consciências lhes dizem que há algum motivo para o aviso, eles ainda sentem que não podem atendê-lo por completo. Eles têm certeza de que têm interesse nos destinos de sua raça, bem como em seu próprio destino individual.

Eles não podem separar um do outro; eles devem acreditar que há luz em algum lugar sobre ambos. Não ouso desencorajar essa garantia. Se o mantivermos fortemente, pode ser um grande instrumento para nos tirar do egoísmo. Eu só tenho medo de não perdê-la, como certamente o faremos se tivermos o hábito de considerar a Bíblia como um livro de quebra-cabeças e enigmas, e de procurar, incansavelmente, que certos eventos externos ocorram em determinadas datas em que fixamos como aqueles que os profetas e apóstolos estabeleceram. A cura para essas loucuras, que são realmente muito sérias, não reside na negligência da profecia, mas em uma meditação mais sincera sobre ela; lembrando que a profecia não é um conjunto de previsões frouxas, como as palavras do adivinho, mas um desdobramento dAquele cujas saídas são eternas; quem é o mesmo ontem, hoje e para sempre; cujos atos em uma geração são determinados pelas mesmas leis que Seus atos em outra".

"Se eu falasse com você sobre o Apocalipse de João, eu iria elaborar muito mais sobre este assunto. Mas o que é dito é introduzir a observação de que a Bíblia trata a queda do sistema judaico como o fim de um grande período na história humana e o início de outro. João Batista anuncia a presença de Um "em cuja mão está a pá; e ele reunirá seu trigo no celeiro e queimará a palha em um fogo que nunca se apaga. "Os evangelistas dizem que essas palavras significam que Jesus de Nazaré desceu às águas do Jordão e que, ao deixá-las, foi declarado Filho de Deus, do qual o Espírito desceu em forma corporal".

"Nós temos o hábito de separar Jesus o Salvador de Jesus, o Rei e Juiz, eles não nos dizem desde o princípio que ele veio pregando o reino dos céus, eles nos dizem que ele realizou ações de julgamento, como também atos de liberação. Eles nos informam sobre as tremendas palavras que ele dirigiu aos fariseus e escribas, bem como o evangelho que ele pregou aos publicanos e pecadores, e antes do final de seu ministério, quando seus discípulos perguntaram sobre os edifícios do templo, ele falou: claramente para um julgamento que

Ele, o Filho do homem, executaria antes daquela geração terminar, e para deixar claro que Ele queria que o entendêssemos estrita e literalmente, Ele acrescentou: "O céu e a terra passarão, mas minhas palavras não passarão". Esse discurso, que é cuidadosamente relatado a nós por São Mateus, São Marcos e São Lucas, não se afasta do resto de seus discursos e parábolas, nem do resto de seus atos. Todos eles contêm o mesmo aviso. Eles são graciosos e misericordiosos - muito mais graciosos e misericordiosos do que imaginávamos; são testemunhas de um ser gracioso e misericordioso; mas são testemunhas de que aqueles que não gostaram desse Ser apenas porque esse era o Seu caráter - que buscavam outro ser como eles, ou seja, um ser impiedoso e impiedoso - deixariam suas casas desoladas".

"Quando, então, após a ascensão de nosso Senhor, os apóstolos saíram para pregar o evangelho e batizar em seu nome, seu primeiro dever foi anunciar que Jesus, a quem os líderes de Jerusalém haviam crucificado, era Senhor e Cristo, seu segundo dever era pregar a remissão de pecados e o dom do Espírito Santo em seu nome, seu terceiro dever era predizer a vinda de um grande e terrível dia do Senhor e dizer a todos que quisessem ouvir: "Salvem-se desta geração miserável". a linguagem que Pedro usou no dia de Pentecostes foi adotada, com as variantes exigidas pelas circunstâncias dos ouvintes, por todos aqueles a quem a mensagem do evangelho foi confiada a eles. Sem dúvida, era peculiarmente aplicável aos judeus. Eles haviam sido criados mordomos dos dons de Deus para o mundo, eles tinham desperdiçado os bens de seu Mestre, e eles não mais seriam mordomos, mas nós não vemos os apóstolos limitando sua língua a Judeus que falam em Atenas - com palavras especialmente apropriadas para uma cidade pagã culta e filosófica - Paulo declara que Deus "estabeleceu um dia no qual ele julgará o mundo pelo homem que ele designou", e aponta para a ressurreição dos mortos como o evento que estabeleceu quem é esse homem. Por que isso foi assim? Porque os apóstolos acreditavam que a rejeição do povo judeu era a manifestação do Filho do Homem; uma testemunha para todas as nações de quem era seu rei; um chamado a todas as nações para

que se livrem de seus ídolos e confessem a Ele. O Evangelho era para explicar o significado da grande crise que estava prestes a ocorrer; contar aos gentios e aos judeus o que isso implicaria; anunciá-lo como nada menos que o início de uma nova era na história do mundo, quando o Homem crucificado reivindicaria um império universal, e lutaria com o César Romano, bem como com todos os outros tiranos da terra que deveriam estabelecer sua reivindicações contra as Suas".

"Esta visão bíblica da ordenação dos tempos e estações harmoniza completamente com a conclusão alcançada por M. Guizot através da observação dos fatos. O nascimento de nosso Senhor quase coincidiu com o estabelecimento do Império Romano no Augusto César, esse império pretendia esmagar as nações e estabelecer uma grande supremacia mundial. A nação judaica havia sido uma testemunha contra todas essas experiências no mundo antigo. Tinha caído sob a tirania babilônica, mas havia surgido novamente. que seguiu seu cativeiro foi o grande momento do despertar da vida nacional na Europa - época em que as repúblicas gregas floresceram - época em que a República Romana iniciou sua grande carreira.

"A nação judaica havia sido esmagada pelos exércitos da República Romana, ainda mantendo os antigos sinais de sua nacionalidade, sua lei, seu sacerdócio, seu templo, que parecia ridículo e insignificante para os imperadores romanos, até mesmo para os governadores romanos que eles administravam a pequena província da Judeia, ou a província maior da Síria, na qual freqüentemente era incluída, mas eles acharam os judeus muito problemáticos, seu nacionalismo era de um tipo peculiar e de uma força inutilizável. Eles começaram inúmeras rebeliões, na esperança de recuperar o que tinham perdido, e estabelecer o reino universal que eles acreditavam que estava destinado a eles, não para Roma. A pregação de nosso Senhor declarou a eles que havia um reino tão universal - que Ele O Filho de Davi veio para estabelecê-lo na terra; os judeus sonhavam com outro tipo de reino, com outro tipo de rei que iria pisotear as nações, assim como o Império Romano estava pisando nelas; eles queriam um rei

judeu que era basicamente como o romano César. Era um conceito assustador, horrível e odioso; combinava tudo o mais estreito na forma mais degradante de nacionalismo, com toda a vida moral e moral mais cruel e destrutiva na pior forma de imperialismo. Ele reuniu em si tudo o que era pior na história do passado. Ele lançou a sombra do que seria pior no tempo por vir. Os apóstolos anunciaram que a amaldiçoada ambição dos judeus seria completamente frustrada. Eles disseram que uma nova era estava se aproximando - a era universal, a era do Filho do homem, que seria precedida por uma grande crise que abalaria não apenas a terra, mas também os céus; não apenas o que pertencia ao tempo, mas também tudo que pertencia ao mundo espiritual e às relações do homem com ele. Disseram que esse tremor seria para que se pudesse ver o que havia que não podia ser abalado - o que devia permanecer".

"Tentei, assim, mostrar o que São João quis dizer pela última hora, se ele falava a mesma língua que nosso Senhor falava e como os outros apóstolos falavam. Não sei dizer quais mudanças físicas ele ou eles podem ter procurado. Fenômenos físicos são notados naquele tempo - famílias, pragas, terremotos. Se eles, ou qualquer um deles, supunham que isso indicava mais alterações na superfície ou na substância da terra do que indicavam, não sei dizer; esses não são os pontos sobre os quais procuro informações, se elas fornecerem. Que eles não anteciparam a morte da terra, - o que chamamos de destruição da terra - fica claro a partir disso, que o novo reino de que falaram era para ser um reino na terra, bem como um reino dos céus. Mas a crença deles de que esse reino havia sido estabelecido e faria sentir seu poder assim que a velha nação se dispersasse, creio que foi abundantemente verificada pelo fato. Não vejo como podemos entender a história moderna adequadamente até que aceitemos essa crença".[278]

[278] As Epístolas de São João, por FD Maurice, MA, Lect. ix.

APÊNDICE ADICIONAL

O PERÍODO DE TRANSIÇÃO

(Do Reino Judaico para o Reino Universal)[279]

Este é um estudo do que é chamado de Período de Transição, cobrindo o trabalho dos apóstolos enviados por Jesus para chamar os judeus e todas as nações para o Seu Reino. Este não é apenas um estudo histórico bruto. Não estamos interessados apenas em saber o que aconteceu. Queremos ficar por trás dos eventos para saber por que aconteceu do jeito que aconteceu e como transferiu o Reino dos judeus para o mundo inteiro. É um estudo histórico-redentor, um estudo histórico-cultural, um estudo histórico-teológico e um estudo histórico-filosófico, todos agrupados em um. Isso é chamado reconstrução histórica.

É um estudo contextualizado, porque estamos usando o contexto histórico ver como Cristo realmente estabeleceu Seu Reino na história. São quarenta anos de história em um contexto cultural judeu e romano que revela o plano divino em ação. Não aprendemos muito sobre o valor de um estudo histórico que se divorcia de sua cultura, seu contexto redentor-teológico e de sua visão de mundo. Queremos estudar o passado, e aprender com ele, para que possamos remodelar nossa vida presente e futura no Reino. Mas não podemos fazer as aplicações apropriadas para nossas vidas hoje até que saibamos o que significou para o público original .Queremos ver como Cristo realizou todo o seu trabalho redentor e teológico na história. Veremos como Cristo usou a cultura dos judeus e dos gentios para fornecer o contexto para o Seu trabalho de mudança do mundo e a construção de um Reino universal. Foi uma conquista transformar um reino teocrático na terra de uma nação em um reino global. Ele

[279] Texto original de Ed Stevens (1 de março de 2012)

levou apenas um pouco mais de três anos para treinar Seus doze discípulos para uma missão de quarenta anos, que eles conseguiram realizar.

Precisamos ver todos esses eventos como parte de um processo de transferência do Reino em quarenta anos, que Jesus guiou sobrenaturalmente do começo ao fim. O Messias e o Reino não eram apenas sobre aliança, embora a aliança fosse certamente uma parte do reino. O Reino também não é meramente sobre a circuncisão e a lei, como alguns dos judeus pensavam. Era sobre salvar um povo para Sua própria possessão e transformá-los em um reino universal. Nesta lição, queremos ver como Jesus estabeleceu o fundamento para essa transição em seu curto ministério de ensinar e treinar doze discípulos judeus. Para nos preparar para um estudo do trabalho dos apóstolos no período de transição, precisamos primeiro, observar o ensino de Cristo a respeito do Reino e como ele se relaciona com a Lei, com os Judeus, os romanos e outros gentios, com helenistas, herodianos, saduceus, fariseus,Fanáticos, essênios , etc. Precisamos ver essa história primeiro através dos olhos de Jesus, antes de olharmos através dos olhos de seus apóstolos.Todas essas relações que Jesus teve com esses diferentes grupos culturais revelam algo sobre o Reino de Deus que Ele veio construir. É nossa vantagem olhar atentamente para o que ele diz, e por que ele disse isso, em vista do impacto que teria na cultura dos judeus, dos romanos e todos os cristãos depois.

Jesus manteve perfeitamente a verdadeira lei de Moisés, mas rejeitou algumas das tradições que haviam se construído em torno da lei (como uma cerca para impedir a violação da lei real). Jesus ensinou a seus discípulos judeus que eles precisavam manter a lei até a conclusão dessa transição: Não cuideis que vim destruir a lei ou os profetas: não vim abrogar, mas cumprir. Porque em verdade vos digo que, até que o céu e a terra passem, nem um jota ou um til jamais passará da lei, sem que tudo seja cumprido. Qualquer, pois, que violar um destes mandamentos, por menor que seja, e assim ensinar aos homens, será chamado o menor no reino dos céus; aquele, porém,

que os cumprir e ensinar será chamado grande no reino dos céus. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder a dos escribas e fariseus, de modo nenhum entrareis no reino dos céus. (Mateus 5:17-20)

Este ensino não foi dado aos judeus em geral, nem aos gentios. Nem foi dirigido a toda a Igreja Cristã em todas as eras. Foi dado especificamente a Seus discípulos judeus para ajudá-los em seu trabalho missionário somente naquela primeira geração. Os judeus tinham o direito e privilégio de ouvir o Evangelho primeiro, mas eles nunca ouviriam o evangelho vindo da boca dos infratores da lei ou Gentios. Jesus sabia que o Evangelho só poderia alcançar Seu povo judeu dentro do contexto da lei. É por isso que seus discípulos judeus foram ordenados a continuar guardando a Lei (todo jota e til até que tudo se cumprisse e o céu e a terra passassem). Todo o plano e como tudo se desenvolveria dentro da história não foi revelado no começando. No livro de Atos, vemos que o plano de um Reino universal foi revelado gradualmente peça por peça. Os judeus tiveram a primeira chance no evangelho. Uma vez estabelecido firmemente dentro do contexto cultural judaico, foi expandido para o mundo samaritano e gentio. Foi para Pedro que a missão gentia foi revelada pela primeira vez (Atos 10 - Cornélio). Mas Paulo já havia sido convertido e estava em processo de preparação para o alcance dos gentios. Paulo sabia que os gentios nunca aceitariam o Evangelho se tivessem que se submeter a circuncisão e ao cumprimento da lei. Então ele defendeu a liberdade dos gentios com todas as suas forças. Ele sabia que o sistema do templo estava prestes a terminar. Não fazia sentido forçar esse sistema sobre os gentios por apenas uma geração. Por que colocá-los sob escravidão da circuncisão, ao templo e ao sistema sacrificial que os judeus achavam difícil de suportar e que estava destinado a falecerem breve de qualquer maneira? Assim, os gentios foram mantidos livres da lei. Mas os cristãos judeus tiveram que continuar mantendo cada jota e til da Lei, melhor do que os escribas e fariseus (como Tiago, o irmão do Senhor o fez), para que não houvesse desculpa (sem impedimentos, sem barreiras, sem

tropeços) para os judeus a rejeitarem. Eles ouviam o evangelho vindo de pessoas que guardavam a Lei melhor do que eles fizeram. Eles viram e ouviriam isso. Portanto, podemos ver que Jesus teve todo o período de transição previamente traçado em mente. A prova disso está nas palavras dele aqui em Mt. 5:17-20. Existem outros incidentes na vida de Jesus que mostram que Ele tinha um plano para salvar não apenas o povo judeu, mas também todas as nações. Vejamos alguns deles.

Ao examinarmos esses textos, tente imaginar o que Jesus tinha em mente quando Ele disse e fez essas coisas, e como explica os eventos posteriores que vemos acontecendo durante o período de transição.

Simeão e Ana sobre Jesus:

Lucas 2:29-38: "Agora, Senhor, despedes em paz o teu servo, Segundo a tua palavra;
Pois já os meus olhos viram a tua salvação,
A qual tu preparaste perante a face de todos os povos;
Luz para iluminar as nações, E para glória de teu povo Israel.
E José, e sua mãe, se maravilharam das coisas que dele se diziam.
E Simeão os abençoou, e disse a Maria, sua mãe: Eis que este é posto para queda e elevação de muitos em Israel, e para sinal que é contraditado (E uma espada traspassará também a tua própria alma); para que se manifestem os pensamentos de muitos corações.
E estava ali a profetisa Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser. Esta era já avançada em idade, e tinha vivido com o marido sete anos, desde a sua virgindade;
E era viúva, de quase oitenta e quatro anos, e não se afastava do templo, servindo a Deus em jejuns e orações, de noite e de dia.
E sobrevindo na mesma hora, ela dava graças a Deus, e falava dele a todos os que esperavam a redenção em Jerusalém".

Veio buscar e salvar as ovelhas perdidas da Casa de Israel:

Mt. 10:6: "Mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel". Mt. 15:24: "E ele, respondendo, disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel". [veja o contexto acima]

A salvação é dos judeus:

João 4:22: "Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus".

A Comissão Limitada:

Mt. 10:5-6: "Jesus enviou estes doze, e lhes ordenou, dizendo: Não ireis pelo caminho dos gentios, nem entrareis em cidade de samaritanos; Mas ide antes às ovelhas perdidas da casa de Israel". O que Jesus estava tentando apontar para os judeus aqui? (eles não eram melhores que os Gentios e talvez piores em alguns aspectos)

Mt. 23:2-5: "Dizendo: Na cadeira de Moisés estão assentados os escribas e fariseus.
Todas as coisas, pois, que vos disserem que observeis, observai-as e fazei-as; mas não procedais em conformidade com as suas obras, porque dizem e não fazem;
Pois atam fardos pesados e difíceis de suportar, e os põem aos ombros dos homens; eles, porém, nem com seu dedo querem movê-los;
E fazem todas as obras a fim de serem vistos pelos homens; pois trazem largos filactérios, e alargam as franjas das suas vestes".

Mt. 23:11-15: "O maior dentre vós será vosso servo.
E o que a si mesmo se exaltar será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado.
Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que fechais aos homens o reino dos céus; e nem vós entrais nem deixais entrar aos que estão entrando.

Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que devorais as casas das viúvas, sob pretexto de prolongadas orações; por isso sofrereis mais rigoroso juízo.
Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que percorreis o mar e a terra para fazer um prosélito; e, depois de o terdes feito, o fazeis filho do inferno duas vezes mais do que vós".

Mt. 23:23-28: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que dizimais a hortelã, o endro e o cominho, e desprezais o mais importante da lei, o juízo, a misericórdia e a fé; deveis, porém, fazer estas coisas, e não omitir aquelas. [cf. Miquéias 6:8 abaixo; Lc. 11:42]
Condutores cegos! que coais um mosquito e engulis um camelo.
Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que limpais o exterior do copo e do prato, mas o interior está cheio de rapina e de intemperança.
Fariseu cego! limpa primeiro o interior do copo e do prato, para que também o exterior fique limpo.
Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! pois que sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda a imundícia.
Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas interiormente estais cheios de hipocrisia e de iniquidade".

Miquéias 6:8: "Ele te declarou, ó homem, o que é bom; e que é o que o Senhor pede de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a benignidade, e andes humildemente com o teu Deus?".

Jesus estava ajudando os judeus a perceberem que o reino é muito mais do que apenas ser circuncidado e manter alguns rituais externos. Ele condenou a mera manutenção externa da lei (sem justiça interior). E Ele mostrou que a verdadeira base da justificação e salvação era os assuntos mais pesados (exatamente como o profeta Miqueias havia apontado).

A salvação dos samaritanos:

João 4:20-26: "Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar.
Disse-lhe Jesus: Mulher, crê-me que a hora vem, em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai.
Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus.
Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem.
Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.
A mulher disse-lhe: Eu sei que o Messias (que se chama o Cristo) vem; quando ele vier, nos anunciará tudo.
Jesus disse-lhe: Eu o sou, eu que falo contigo".

A Parábola do Bom Samaritano também lança alguma luz sobre o plano do Reino de Cristo. Sua cura dos gentios sugeriu seu plano final para salvar os gentios (curar as nações):

Mateus 15:21-28: "E, partindo Jesus dali, foi para as partes de Tiro e de Sidom.
E eis que uma mulher cananéia, que saíra daquelas cercanias, clamou, dizendo: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoninhada.
Mas ele não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, chegando ao pé dele, rogaram-lhe, dizendo: Despede-a, que vem gritando atrás de nós.
E ele, respondendo, disse: Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel.
Então chegou ela, e adorou-o, dizendo: Senhor, socorre-me!
Ele, porém, respondendo, disse: Não é bom pegar no pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos.

E ela disse: Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores. Então respondeu Jesus, e disse-lhe: Ó mulher, grande é a tua fé! Seja isso feito para contigo como tu desejas. E desde aquela hora a sua filha ficou sã".

Jesus sugeriu algumas vezes a salvação dos gentios, mas os apóstolos evidentemente assumiram que seria apenas através da circuncisão e cumprimento da lei (os gentios prosélitos da lei):

João 10:16: "Ainda tenho outras ovelhas que não são deste aprisco; também me convém agregar estas, e elas ouvirão a minha voz, e haverá um rebanho e um Pastor".

Esta afirmação de Jesus pode ter estado na mente de Paulo quando ele escreveu Ef. 4 sobre judeus e gentios em unidade no reino sob um Salvador ("um Senhor, uma fé", etc.).Todas essas passagens nos ajudam a vislumbrar o plano do Reino de Jesus. Desde o início da Igreja em Atos 2 até o início dos anos 60, a grande controvérsia dentro da igreja acontecia entre judeus e gentios. A controvérsia judaizante. A exigência de circuncisão e cumprimento da lei. Isso se tornou uma questão irrelevante, depois que o templo foi destruído. Mas durante a fase de transição do Reino, foi um grande problema que precisava ser tratado com cuidado. Esse é o principal motivo cultural que devemos lembrar constantemente ao examinar a história no livro de Atos. Essa luta estava envolvida em quase todos os grandes eventos do período, e não foi total e finalmente resolvido até que o templo e o sistema sacrificial foram totalmente removidos em 70 dC.

Os apóstolos começaram o período de transição assumindo que os gentios deveriam ser circuncidados e obrigados a guardar a lei para ganhar a vida eterna. Entre Atos 1-9, o pensamento de que os gentios poderiam ser salvos sem circuncisão e cumprimento da lei nunca

parece ocorrer. Parece também que eles ainda tinham um conceito muito nacionalista do Reino (supremacia judaica) em Atos 1.

Primeiros gentios convertidos (37-38 dC)

Pedro viajou por "todas essas regiões" (Judeia, Galileia e Samaria) para visitar os grupos dispersos de cristãos e estabelece-los mais firmemente na fé e comunicar dons espirituais para eles, como ele fez em Samaria. Atos 9:32-43 menciona sua visita a alguns "santos" em Lida, onde ele curou o paralítico Enéias. Essa cura converteu mais pessoas ao Cristianismo, não apenas em Lida, mas nas proximidades da cidade de Sarona. Quando os "discípulos" na cidade vizinha de Jope, ouviram falar dessa cura. Eles enviaram dois homens para pedir a Pedro que viesse para Jope a fim de ressuscitar um dos santos que acabaram de adoecer e morrer (Tabita, ou Dorcas). Isso causou um rebuliço em Jope, e Pedro ficou muitos dias lá com um curtidor chamado Simão.

Evidentemente foi quando Pedro estava em Jope que o romano gentio um centurião chamado Cornélio viu um anjo de Deus em uma visão (Atos 10, 38 dC). Todo esse incidente dos primeiros gentios que entram na fé sem circuncisão e sem cumprimento da lei são fascinantes. Foi necessária uma revelação especial não apenas aos gentios, mas também aos apóstolos, para isso acontecer. O fato de que este foi o primeiro gentio a se tornar cristão sem se tornar um judeu convertido primeiro, nos dizem que durante os primeiros oito anos a igreja era totalmente composta por Judeus. Evidentemente, não havia um único gentio incircunciso na Igreja até aquele momento. Também sabemos que os judeus foram proibidos (sob pena de morte) de forçar a circuncisão sobre gregos ou romanos. Além disso, um soldado romano como Cornélio arriscava expulsão das forças armadas se submetido à circuncisão. Eles sabiam que não podiam circuncidar Cornélio, mas eles não viram como admiti-lo na Fé sem ela. Foi necessária revelação especial para que todos pudessem compreender. Este foi o teste final para Pedro e os

apóstolos. Se eles achavam difícil admitir Samaritanos circuncisos na Igreja, deve ter parecido totalmente impossível admitir gentios incircuncisos. Foram necessárias três repetições da visão antes de Pedro finalmente entender. Pedro levou seis testemunhas judias com ele para ir a Cesareia. Ele sabia que iria precisar deles quando ele retornou aos outros apóstolos em Jerusalém. Ele sabia que seria desafiado nisso. É fascinante ver como Deus trabalhou sobrenaturalmente para derrubar a parede divisória e unir judeus e gentios em um corpo de crentes. Isso criou oportunidade para os apóstolos e professores em Jerusalém visitarem esta igreja gentia e edificar eles em sua nova fé. Ogden coloca esse evento cinco anos após a conversão de Paulo. Uma das razões pelas quais essa data anterior é necessária, é porque o imperador Calígula ordenou aos soldados romanos na Palestina a montar sua estátua no templo em Jerusalém. Isso provocou instantaneamente a revolta dos judeus e os colocou em desacordo com os soldados romanos (como Cornélio). Cornélio teria sido forçado a se afastar de todas as associações e relacionamentos com os judeus. Como esse obviamente não era o caso dele em sua conversão aqui em Atos 10, sabemos que sua conversão deve ter ocorrido antes de 39 dC. É incrível ver como Deus trouxe os gentios para a igreja sem circuncisão pouco antes deste incidente com o imperador Calígula. A conversão de Cornélio começou o processo de ajudar os romanos e todos os gentios a ver que o cristianismo não era apenas uma coisa judaica. A transição de um reino puramente judeu para um reino universal de todas as nações estava começando a acontecer. Este foi início da incorporação dos gentios no Novo Israel (a nova nação, o Verdadeiro Israel Espiritual que herdaria todo o reino e as promessas que foram feitas aos israelitas e ao rei Davi em particular). Esse seria um ótimo lugar para lembrar de nossos estudos nas declarações de Romanos 9 a 11 sobre "todo Israel sendo salvo" quando os gentios foram totalmente enxertados no verdadeiro Israel espiritual. Efésios 4 amarra tudo aqui muito bem também.

Atos 15 - Controvérsia dos judaizantes e o Concílio em Jerusalém (49 dC)

Observamos acima como a dissensão e o debate em torno da controvérsia judaizante em Antioquia forçou Paulo e Barnabé a irem a Jerusalém para obter uma decisão autorizada de Pedro e os outros apóstolos. Precisamos lembrar por que isso era necessário. Jesus dera a Pedro as chaves do reino e autoridade para abrir e fechar na terra (Mt. 16:19; mas veja também Mt 18:18). Podemos ver, no livro de Atos, Pedro usando essas chaves para abrir a porta da fé não apenas para judeus, mas também para os samaritanos e gentios. Portanto, qualquer disputa que não pudesse ser estabelecidos pelas igrejas precisariam ser levados a Pedro e aos apóstolos em Jerusalém para uma decisão autorizada (canônica) de "abrir e fechar".

49 dC - Os judaizantes chegaram a Antioquia

A controvérsia entre judeus e gentios (Atos 15:5-35; cf. Gl. 2:1-10, 11). Agora pense no que aconteceu na primeira jornada missionária de Paulo e Barnabé. Onde quer que fossem, eles pregavam primeiro aos judeus e lhes davam o primeiro direito de aceitar ou recusar, antes de irem para os gentios. Foram os judeus que resistiram, e despertaram perseguição contra eles. Os gentios foram muito receptivos ao evangelho. Isso deve ter causado um grande impacto em Paulo e Barnabé, ao ver seus próprios irmãos judeus relutantes em aceitar a verdade, enquanto os gentios estavam completamente abertos a ela. Eles tinham visto o Espirito Santo confirmando seu trabalho entre os gentios por sinais e maravilhas. Paulo e Barnabé estavam absolutamente convencidos por suas experiências naquela viagem missionária, que Deus estava salvando os gentios sem circuncisão e cumprimento da lei. Não havia dúvida em suas mentes. Agora aqui estavam eles, de volta a Antioquia, depois de voltar daquela viagem missionária, e "alguns que tinham descido da Judéia ensinavam assim os irmãos: Se não vos circuncidardes conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos". (Atos 15:1). Lucas disse que

Paulo e Barnabé "não pequena discussão e contenda contra eles". Suspeito que isso seja um eufemismo (Atos 15:2). Essa controvérsia não pôde ser resolvida lá em Antioquia. Evidentemente os judaizantes não aceitaram como autoritária a evidência milagrosa que Paulo e Barnabé apresentaram para eles, então a questão teria que ser resolvida pelos apóstolos e anciãos na igreja mãe em Jerusalém, cuja decisão os judaizantes aceitariam. Os judaizantes foram apelando para um tribunal superior, de fato, o Supremo Tribunal de toda a igreja naquele dia, que era a igreja de Jerusalém supervisionada por Pedro e outros apóstolos e anciãos. Desde que os judaizantes alegavam estar seguindo os ensinamentos de Tiago e dos outros líderes em Jerusalém, Paulo e Barnabé precisariam ir a Jerusalém para se encontrar com os apóstolos e Anciãos a respeito deste assunto, para confirmar ou refutar as reivindicações dos judaizantes. Eles levou "alguns outros" com eles como testemunhas do processo. É interessante que judeus não-cristãos tiveram que ir de Jerusalém à corte romana em Antioquia para resolver suas disputas políticas. Mas aqui vemos os cristãos saindo de Antioquia a Jerusalém para resolver sua disputa. Apenas a direção oposta. A caminho de Jerusalém Paulo e Barnabé passaram pela Fenícia e Samaria descrevendo em detalhes a conversão dos gentios em sua recente jornada missionária, que trouxe muita alegria a todos os irmãos nas igrejas da Fenícia e Samaria (Atos 15:1-3). Nada é dito sobre o efeito dessas notícias sobre as igrejas na Judeia, mas pelo menos os cristãos gentios na Fenícia e Samaria foram encorajadas por ela. Este seria o primeiro Concílio eclesiástico na história da igreja, e não poderia ter sido sobre uma questão mais crítica para o futuro da igreja. Se o conselho tivesse decidido a favor dos judaizantes, não haveria futuro para a igreja depois do ano 70 dC. Mas a evidência que Paulo e Barnabé apresentaram, sobre como o Espírito Santo havia trabalhado com eles em suas pregações entre os gentios, foi decisivo. É maravilhoso ver como Deus providencialmente trabalhou em todos esses eventos para garantir um status igual para os gentios na Igreja.

49 dC - Decretos do Conselho de Jerusalém (Atos 15)

Parece bastante claro que os judaizantes esperavam que Tiago, Pedro e os outros líderes em Jerusalém dariam um parecer favorável ao seu lado na disputa , caso contrário eles não teriam viajado de Antioquia para Jerusalém. Mas eles estavam sob uma forte ilusão. Pedro e Tiago pousaram firmemente no lado da liberdade gentia. É incrível para mim que a circuncisão e a manutenção da lei para os gentios ainda era um problema aqui em 49 dC, onze anos após os primeiros gentios (Cornélio) terem sido convertidos (38 dC). Onde esses judaizantes estiveram esse tempo todo? Como eles perderam o ponto que Cornélio e sua família não precisam ser circuncidados? Essa era a sua culpa por não prestar atenção, ou foi culpa dos apóstolos e anciãos em Jerusalém por não está ensinando isso? Talvez eles fossem cristãos relativamente novos e não tivessem ouvido falar sobre Cornélio e os outros cristãos gentios? Isso me surpreende absolutamente que onze anos após a conversão de Cornélio em Atos 10, há alguns cristãos judeus em Jerusalém que ainda não entenderam.

Entretanto, precisamos lembrar que existe uma diferença entre a maneira como os judeus cristãos praticavam sua fé, e a maneira como os gentios faziam. Em seu Sermão da Montanha (Mt. 5:17-20), Jesus havia instruído seus discípulos judeus a guardar cada jota e til da Lei até que tudo fosse cumprido, e o sistema do templo viesse a falecer. Eles estavam simplesmente seguindo os mandamentos de Jesus em manter cada jota e til da Lei melhor do que os escribas e fariseus (a fim de ser um bom testemunho cumpridor da lei a seus irmãos judeus). Evidentemente, os judaizantes não perceberam que esse comando era dado apenas aos judeus Cristãos, e não aos gentios. Mas a evidência que Paulo e Barnabé apresentaram, sobre como o Espírito Santo havia trabalhado com eles na pregação entre os gentios, foi claro e decisivo. Pedro e Tiago e os outros apóstolos em Jerusalém aterrissaram firmemente ao lado da liberdade gentia, baseado no precedente que já havia sido estabelecido onze anos antes, quando Cornélio se converteu. O apóstolo Pedro mais uma vez usou as chaves do Reino para destrancar as portas dos Gentios. Ele e

os outros apóstolos estabeleceram outro precedente que vincularia a igreja inteira por todo o futuro. Estava escrito em pedra, não era para ser contestado pelos judaizantes. Eles finalmente decidiram, tomaram uma decisão vinculativa e publicaram.

É maravilhoso ver como Deus providencialmente trabalhou através de todos esses eventos para garantir status igual para os gentios na Igreja, sem circuncisão e cumprimento da lei. Isso não parou completamente todos os desafios futuros dos judaizantes, mas estabeleceu um precedente claro, que poderia ser invocado para derrubar quaisquer tentativas dos judaizantes de ganhar uma posição. Hoje, nós, gentios, simplesmente não temos ideia do quanto essa questão foi importante para a primeira igreja do século e para o seu futuro. Mas para eles, ambos judeus e cristãos gentios, era uma questão crítica. O futuro da igreja dependia dessa controvérsia sendo resolvida corretamente. Este foi o primeiro Concílio da Igreja, e não poderia ter sido mais crítica. Se o conselho tivesse decidido a favor dos Judaizantes, tudo o que Paulo e Barnabé haviam realizado seria desperdiçado. Todos os gentios, que foram convertidos sob o princípio da liberdade da circuncisão e cumprimento da lei, teria saltado do navio instantaneamente, e o resto da igreja teria sido reverida a nada mais do que uma pequena seita perseguida, e acabaria desaparecendo (como as seitas ebionitas e nazarenas em Pella). Não haveria futuro para a igreja após 70 dC. A circuncisão e todos os jotas e tils da lei cerimonial não podiam ser realizadas depois de 70 dC. A igreja teria perecido com o templo e o sistema de sacrificial com o qual estava conectado. Mesmo que Pedro já tivesse convertido os primeiros gentios (Cornélio em Atos 10) sem tê-los circuncidado, alguns dos cristãos judeus em Jerusalém evidentemente ainda acreditavam que a circuncisão era necessária para os convertidos gentios. Eles olhavam para os gentios como uma espécie de cidadão de segunda classe. Deus operou sinais e maravilhas através de Paulo e Barnabé entre os gentios, semelhante ao que Pedro havia feito. Pedro lembrou aos judeus Cristãos em Jerusalém sobre isso, e Tiago (aquele a quem os judaizantes procuravam apoio) concordou com Pedro que

eles não deveriam incomodar os gentios com circuncisão e manutenção da lei.

O CONSELHO DE JERUSALÉM (Atos 15)

A controvérsia da circuncisão judaizante foi o grande problema enfrentado pela igreja do primeiro século. hoje é um acéfalo para nós, mas foi uma questão crítica para eles. Foi crítico para o futuro da igreja para ser mais claro. Por isso, era necessário que Paulo e Barnabé fossem a Jerusalém e realizassem um conselho sobre esse assunto com os apóstolos e presbíteros de lá. Os judaizantes (que estavam evidentemente associados com os fariseus) tiveram que ir à reunião também, ou eles teriam amigos fariseus em Jerusalém, representando-os na reunião (ver Atos 15: 5).

49 dC - O Concílio de Jerusalém, uma virada crucial para o cristianismo.

Se esse conselho não tivesse decidido em favor da liberdade dos gentios sobre a circuncisão e cumprimento da lei, não haveria uma história grande ou longa da igreja depois de 70 dC. Paulo e Barnabé não realizariam mais viagens missionárias para converter os gentios. Os gentios rejeitariam o evangelho por causa de sua exigência de ser circuncidado e cumprir a lei. O cristianismo teria permanecido apenas como mais uma seita dos judeus e desaparecido da história depois do segundo século (como os ebionitas e os nazarenos em Pella). Os ebionitas e seitas nazarenas negaram a Deidade de Cristo e exigiram circuncisão e cumprimento da lei. Eles eram judaizantes e unitaristas. Eles estavam ensinando "outro evangelho" que era "diferente" do único evangelho verdadeiro de Cristo, e Paulo no livro de Gálatas diz que qualquer um que ensinou outro evangelho foi amaldiçoado e separado de Cristo. Não é surpresa que aqueles judaizantes que foram a Pella não duraram muito. E foi isso que teria acontecido com toda a igreja, a menos que o conselho em Jerusalém tivesse descido a favor da liberdade gentílica. Como os ebionitas e os nazarenos não eram

cristãos verdadeiros, também explica por que ainda havia alguns supostos "cristãos" em Pella depois do ano 70 dC, que não haviam sido arrebatados dali. Eles não eram cristãos verdadeiros e, portanto, não foram "mudados" e arrebatados junto com os mortos ressuscitados para estar com Cristo.

Os decretos –

Quero falar mais sobre o documento de decreto que os apóstolos compuseram para circulação entre todas as igrejas fora de Jerusalém, e como o apóstolo Paulo modificou aplicação disso aos gentios posteriormente. Observe o que Paulo faz com esse problema em 1 Corintios 8:

1 Co. 8:1: "Ora, no tocante às coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que todos temos ciência. A ciência incha, mas o amor edifica".

1 Co. 8:4: "Assim que, quanto ao comer das coisas sacrificadas aos ídolos, sabemos que o ídolo nada é no mundo, e que não há outro Deus, senão um só".

1 Co. 8:7: "Mas nem em todos há conhecimento; porque alguns até agora comem, com consciência do ídolo, coisas sacrificadas ao ídolo; e a sua consciência, sendo fraca, fica contaminada".

1 Co. 8:10: "Porque, se alguém te vir a ti, que tens ciência, sentado à mesa no templo dos ídolos, não será a consciência do que é fraco induzida a comer das coisas sacrificadas aos ídolos?".

1 Co. 10:19: "Mas que digo? Que o ídolo é alguma coisa? Ou que o sacrificado ao ídolo é alguma coisa?".

1 Co. 10:28: Mas, se alguém vos disser: Isto foi sacrificado aos ídolos, não comais, por causa daquele que vos advertiu e por causa da consciência...".

Paulo fala sobre o "conhecimento" que os coríntios tinham que supostamente permitia eles comem carne sacrificada a ídolos sem violar sua própria consciência. No entanto, eles violaram a consciência de seus irmãos mais fracos, e, portanto, Paulo diz que isso não deve ser feito quando os irmãos mais fracos os veriam ou soubessem disso. Por seu superior "conhecimento" eles estavam destruindo a fé de seus irmãos mais fracos. Nós somos nossos irmãos mantenedores, e temos a responsabilidade de cuidar de nossos irmãos mais fracos, e não sermos obstáculos em seu caminho. Tiago e os cristãos judeus em Jerusalém eram evidentemente "fraco" a esse respeito, uma vez que proibiam o consumo de qualquer coisa que tivesse sido sacrificada para ídolos. Paulo moderou permitindo o consumo de alimentos oferecidos aos ídolos, desde que a pessoa que come não esteja prejudicando sua própria fé, nem colocando uma pedra de tropeço no caminho de outro irmão. Tiago sugeriu que escrevessem um documento que explicasse a decisão do Conselho de Jerusalém. Esse decreto escrito (gr. "Dogmata" em Atos 16:4) pode ter sido o primeiro documento oficial escrito dos apóstolos a entrar em circulação universal entre todos as igrejas. Foi enviado pelos apóstolos em Jerusalém, por isso foi inspirado e autoritário. Este documento é citado em Atos 15:22-29. Evidentemente, foi um dos "livros e pergaminhos" que Paulo carregava com ele em suas viagens missionárias (já que Lucas a tinha disponível quando escreveu Atos) e, portanto, provavelmente foi lido para todas as igrejas onde quer que Paulo fosse, e copiados por eles para manter-se à mão para referência futura, caso a controvérsia dos judaizantes jamais surgisse naquela congregação. A redação deste documento pelos apóstolos e anciãos da Igreja de Jerusalém abriu a porta para o início do processo de escrita canônica (se ainda não o tinham feito). Outros documentos podem ter sido escritos logo depois (possivelmente Mateus e Marcos). Os decretos abriu a porta para os apóstolos para enviar seus "ensinamentos" (por exemplo, o Didaquê) para as Igrejas da diáspora (talvez para os crentes judeus nessas igrejas gentias), e Barnabé parece ter usado o material desses decretos em sua Epístola e suas "Duas

Maneiras". Isso não deveria surpreender, já que Barnabé era um dos principais homens que subiu ao conselho de Antioquia. Na viagem de volta de Jerusalém, dois líderes da igreja em Jerusalém (Judas Barsabás e Silas) acompanhou Paulo e Barnabé de volta a Antioquia para entregar os decretos. Depois que os decretos foram lidos à igreja em Antioquia, Judas voltou para Jerusalém, enquanto Silas permaneceu lá. A Epístola de Barnabé foi escrita por Barnabé depois que ele deixou Antioquia e voltou para sua ilha natal de Chipre. Barnabé passou a maior parte do tempo em Chipre depois disso, com a exceção de uma viagem a Corinto (e Roma?) em algum momento antes de 57 dC. Paulo menciona Barnabé em 1 Cor 9:6 como outro missionário viajante que evidentemente foi enviado pelas igrejas em Chipre para fazer o trabalho missionário (porque Paulo implica aqui que Barnabé estava fazendo trabalho missionário sem estar ao seu lado). Desde que a Epístola de Barnabé parece familiarizado com os ensinamentos de Paulo, especialmente em Gálatas, parece certo que foi composto depois que Gálatas foi escrito. Não é um livro muito "amigo dos judeus" e provavelmente provocou perseguição contra ele e os outros apóstolos. Parece que o livro de Hebreus foi escrito para corrigir seus ensinamentos anti-judaicos. Silas era um representante da Igreja de Jerusalém, e sua viagem com Paulo em sua segunda jornada missionária implica que ele estava representando os interesses da Igreja em Jerusalém para garantir que os decretos foram realmente entregues a todos os cristãos gentios entre as igrejas da diáspora. Isso também implica alguma distribuição de escritos canônicos (os documento e decretos enviados pela liderança de Jerusalém). Podemos presumir que as igrejas onde quer que Paulo e Silas fossem, fizeram cópias desse decreto para uso próprio.

Voltando quando o cristianismo estava principalmente centrado na Palestina, a uma curta distância para os apóstolos, havia pouca necessidade de evangelhos escritos. No entanto, quando o cristianismo começou a se espalhar por toda a Síria, Egito, Turquia, Grécia e Roma, eles não tiveram acesso frequente aos apóstolos na Palestina. Esta foi a situação que pressionou os apóstolos para

começar a produzir os primeiros evangelhos escritos, que poderiam então circular entre as novas igrejas da diáspora fora da Palestina. De acordo com várias fortes e precoces tradições, Mateus foi o primeiro evangelho a ser composto, evidentemente no momento em que ele ainda estava em Jerusalém, e antes que o evangelho começasse a ser levado aos samaritanos e gentios.Isso significaria que o evangelho de Mateus foi escrito antes de 38 dC, com o evangelho de Marcos escritos alguns anos depois (41-44 dC). A necessidade de escritos cristãos certamente começou, quando Paulo iniciou Suas jornadas missionárias e estabeleceu muitas novas igrejas no mundo gentio fora da Judeia. Vemos pelo menos um desses exemplos de documentos inspirados e autoritários (canônico) acompanhando Paulo em sua segunda jornada missionária, quando entregou o decreto do Conselho de Jerusalém a todas as igrejas por onde viajaram. Paulo e Silas liam a carta de decreto, e então os escribas nas igrejas fariam uma cópia para ficar lá depois que Paulo e Silas foram embora. Este decreto, ou esta carta teria sido útil se algum judaizante aparecesse e tentasse vincular a circuncisão e cumprimento da lei sobre os gentios. Foi o que aconteceu na Galácia, evidentemente, e Paulo escreveu uma epístola a eles para lembrá-los das decisões do Conselho de Jerusalém. Pense sobre as implicações de tudo isso para a formação do cânon do Novo Testamento. É incrível ver como Deus trabalhou em todas essas jornadas missionárias e conselhos para produzir e distribuir uma coleção de literatura inspirada e autorizada que serviria a igreja a partir daquele momento e "por todas as gerações" (Ef 3:21).

Este foi o começo do processo de canonização apostólica. Então, há muita coisa acontecendo aqui no livro de Atos. Mostra como eles fizeram a transição de uma igreja estritamente judaica para uma igreja universal composta por todas as nações. Cristo veio como a semente de Abraão, que seria uma bênção para todas as nações, não apenas para os descendentes de sangue de Abraão. O livro de Atos nos dá uma janela para esse processo de transição, para que possamos ver como o Novo Testamento foi escrito e circulado e preservado para as gerações futuras. Lucas está mostrando como eles resolveram o

problema mais crítico que ameaçava matar a missão gentia antes que a igreja fosse estabelecida no mundo gentio. Os apóstolos deram aos judeus o primeiro acesso ao evangelho, antes de ir para os gentios, então os judeus teriam a chance de serem salvos da ira que estava prestes a ser derramada em sua nação em 70 dC. As grandes mudanças e transições estavam ocorrendo, o que levaria uma geração inteira para implementar. E essa transição nunca poderia ter acontecido sem o Espírito Santo que guiou todo processo.

A controvérsia dos judaizantes foi um enorme teste de caráter para a igreja primitiva. Isso foi provavelmente a crise mais séria que eles enfrentaram. A transição do reino judaico para um reino universal nunca teria acontecido se a liberdade gentia não tivesse sido estabelecida decisivamente antes que o templo fosse destruído em 70 dC. É por isso que esse concílio em Jerusalém em 49 dC foi tão crucial. Se esse conselho não tivesse decidido a favor da liberdade dos gentios de circuncisão e cumprimento da lei, não haveria futuro para a igreja depois do ano 70 dC. O cristianismo teria se espalhado apenas entre os judeus, enquanto os gentios teriam rejeitado o evangelho por causa de sua exigência de ser circuncidado e cumprir a Lei. O cristianismo permaneceriam apenas como mais uma seita dos judeus e teriam desaparecido da história após o segundo século (como os ebionitas e os nazarenos).

A prisão, detenção e viagem de Paulo a Roma (Atos 21-23) Maio - 58 dC

Paulo voltou para Jerusalém (At 20:16) no final de sua terceiro viagem missionária para a Festa de Pentecostes em junho de 58 dC. Ele levou as contribuições das Igrejas gentias de volta a Jerusalém para serem distribuídas por lá. Ao aceitar este presente do gentios, os cristãos judeus em Jerusalém estavam mostrando que aceitavam os gentios como companheiros e herdeiros do reino (sem circuncisão e cumprimento da lei).

Junho - 58 dC –

Paulo se encontrou com Tiago e todos os anciãos em Jerusalém. Paulo relatou todas as coisas maravilhosas que Deus havia feito entre os gentios através de seu ministério. Então os anciãos da igreja de Jerusalém disse a Paulo que ele havia sido acusado de ensinar judeus na diáspora a abandonar Moisés e não circuncidar seus filhos, nem andar segundo os costumes dos judeus; assim anciãos sugeriram uma maneira de provar que não havia substância para essas acusações, mas que ele próprio também andava em ordem, mantendo a lei, exatamente como seus acusadores. Eles pediram a Paulo que levasse consigo quatro homens da Igreja de Jerusalém que estavam fazendo um voto, e pagar suas despesas para que todos os cinco pudessem ter a cabeça raspada e serem purificados de acordo com a lei. Eles entraram no templo notificando a conclusão dos dias de purificação até o sacrifício ser oferecido a cada um deles. (Atos 21:17-26) Então aqui em 58 dC temos Paulo e a Igreja de Jerusalém ainda mantendo a Lei e ainda sacrificando no templo. Como isso pode ser apropriado? Observe qual foi a acusação contra Paulo: que ele estava ensinando judeus (não gentios) na diáspora (não em Israel) a abandonar Moisés, não circuncide seus filhos (judeus), e não andar de acordo com os costumes (dos judeus). Eles não o acusavam de ensinar os gentios a abandonar Moisés. Os gentios nunca entraram na lei mosaica, de modo que não puderam abandoná-la.Os cristãos judeus em Jerusalém estavam preocupados com o que Paulo estava ensinando a seus companheiros judeus na diáspora. Eles pensaram que Paulo estava ensinando aos judeus na diáspora a não manterem a lei, nem circuncidar seus filhos nem criá-los nos costumes judaicos. Os cristãos judeus sabiam que Jesus os havia instruído a guardar todos os detalhes da Lei melhor do que os escribas e fariseus (Mt 5:17-20), então eles não teriam comunhão com Paulo se ele estava ensinando judeus (que se tornaram cristãos) a abandonar Moisés. Paulo não era culpado disso. Ele próprio manteve a lei e ensinou judeus na diáspora

(que se tornaram cristãos) a continuar cumprindo a Lei (todos os detalhes até que tudo viesse a falecer em 70 dC).

Outra prova disso foi Timóteo. Porque ele veio de uma mãe e avó judia, ele era judeu, mas nunca havia sido circuncidado antes de se tornar cristão. Paulo o circuncidou. Mas Paulo não circuncidou Tito, porque ele era um gentio e Paulo recusou-se a vincular a circuncisão aos gentios. Paulo não queria trazer os gentios a escravidão de algo que estava prestes a falecer. Mas os judeus precisavam continuar mantendo cada jota e til melhor do que os fariseus para que não houvesse impedimento para o evangelho ir aos judeus. Os judeus nunca ouviriam o evangelho vindo dos lábios de judeus infratores da lei, e especialmente de gentios não circuncidados. Mas se veio de um judeu que manteve a lei melhor do que eles, eles ficariam curiosos em ouvir o que é que torna os judeus cristãos melhores guardadores da lei do que eles eram. Isso deixaria os judeus com ciúmes e curiosidade. Eles escutariam. Até o templo ser destruído e a Antiga Aliança varrida, os judeus cristãos deveriam manter a Lei como um bom testemunho para seus companheiros judeus incrédulos, para que os judeus não tivessem desculpa para rejeitar o evangelho.

Junho 58 dC –

Paulo foi preso no templo enquanto se purificava com os outros quatro Judeus cristãos da Igreja de Jerusalém. Alguns judeus não-cristãos da Turquia que viram gregos viajando com Paulo (Trofim, o Efésio), assumiram que Paulo havia trazido aqueles gentios com ele no templo e, assim, contaminaram o templo. (Atos 21-23) Isso agitou a multidão que arrastaram Paulo para fora do templo para matá-lo. Mas o comandante da coorte romana derrubou e resgatou Paulo deles. O comandante romano permitiu que Paulo falasse com o povo em aramaico.

No dia seguinte, Paulo foi julgado perante o Sinédrio com Ananias

b. Nebedeus como o Sumo Sacerdote oficiante. À noite após o julgamento, o Senhor Jesus ficou ao lado de Paulo e disse que ele também daria testemunho de Cristo em Roma. Foi quando Paulo descobriu que ele definitivamente iria a Roma pregar o evangelho, mesmo que seu plano original de fazer uma quarta jornada missionária, havia sido cancelado por sua prisão. No julgamento, Ananias ordenou ilegalmente que Paulo fosse golpeado na boca. Paulo disse: "Deus te ferirá [em breve Gr.mello], parede branqueada". (Atos 23:3) Com certeza, Ananias fou "golpeado" pelo líder zelote Menahem apenas oito anos depois, no início da guerra com Roma (66 dC), exatamente como Paulo previu.

PARTE III

A PAROUSIA NO APOCALIPSE

O APOCALIPSE

"O livro do Apocalipse provavelmente nunca agora admitirá uma exposição totalmente luminosa, em consequência das histórias que temos dos tempos a que se refere, não correspondendo à escala ampliada de suas profecias. Mas a direção na qual é mais sábio procurar uma solução para seus enigmas é do ponto de vista que considera que foi escrito antes da destruição de Jerusalém, para encorajar aqueles cujo coração os estava desapontando por medo daquilo que vinham rapidamente sobre a terra; isto é, abordado principalmente e principalmente com eventos com os quais apenas seus primeiros leitores estavam imediatamente interessados; que exibe uma série de gravuras duvidosamente cronológicas e, em parte, contemporâneas, de eventos que estão prestes a acontecer". - Pensamentos Católicos sobre a Bíblia e a Teologia, cap. xxxv. p. 361

INTERPRETAÇÃO DO APOCALIPSE

Chegamos agora à consideração da parte mais difícil e obscura da Revelação divina, e podemos parar no limiar de uma região tão envolta em mistério e escuridão. As falhas conspícuas dos homens sábios e instruídos que professaram com muita confiança decifrar o pergaminho místico do vidente apocalíptico nos advertem contra a presunção. Podemos até nos sentir justificados em recusar completamente uma tarefa que confundiu muitos dos melhores e hábeis intérpretes da Palavra de Deus. Mas, por outro lado, honramos o livro recusando-se a abri-lo e declarando-o irremediavelmente obscuro? Estamos justificados ao tratar qualquer parte da Revelação que Deus nos deu? O livro deve ser virtualmente entregue aos adivinhos e charlatães, para ser o esporte de suas especulações fantásticas? Não; não podemos deixar passar. O livro nos segura, se queremos ou não, e insiste em ser ouvido. Afinal, ele deve ter um significado e somos obrigados a fazer o possível para entender esse significado. Livro maravilhoso! que, após séculos de má interpretação e perversão, ainda tem o poder de chamar a atenção e fascinar o interesse de todo leitor. Recusa-se a ser motivo de chacota de impostura e loucura; não pode ser degradado nem pela ignorância e presunção de fanáticos e adivinhos; nunca pode ser diferente da Palavra de Deus e, portanto, deve ser mantida em reverência por nós.

Mas é inteligível? A resposta para isso é: foi escrito para ser entendido? Um livro que foi enviado por um apóstolo às igrejas da Ásia Menor, com uma bênção para seus leitores, seria um mero jargão ininteligível, um enigma inexplicável para eles? Isso dificilmente pode ser verdade. No entanto, se o livro pretendia desvendar os segredos de tempos distantes, não seria necessariamente ininteligível para seus primeiros leitores - e não apenas ininteligível, mas também irrelevante e inútil. Se ele falasse, como alguns acreditam, de hunos, godos e sarracenos, de imperadores e papas medievais, da reforma protestante e da revolução francesa, que

interesse ou significado possível poderia ter para as igrejas cristãs de Éfeso e Esmirna? e Filadélfia e Laodicéia? Especialmente quando consideramos as circunstâncias reais desses primeiros cristãos - muitos deles sofrendo aflições cruéis e perseguições terríveis, e todos procurando ansiosamente pela hora da libertação que se aproximava agora - que objetivo poderia ter respondido ao enviar-lhes um documento que eles deveriam ler e ponderar , que ainda estava ocupado principalmente com eventos históricos tão distantes que estavam além do alcance de suas simpatias e tão obscuros que até hoje os críticos mais perspicazes dificilmente concordam em um único ponto? É concebível que um apóstolo zombasse dos sofrimentos e perseguisse os cristãos de seu tempo com parábolas sombrias sobre eras distantes? Se este livro realmente pretendia ministrar fé e consolo às próprias pessoas para as quais foi enviado, ele deve, inquestionavelmente, lidar com assuntos nos quais eles têm interesse pessoal e prático. E essa consideração muito óbvia não sugere a verdadeira chave do Apocalipse? Se não for necessário, deve se referir a questões da história contemporânea? A única hipótese sustentável, a única razoável, é que ela deveria ser entendida por seus leitores originais; mas isso é o mesmo que dizer que deve ser ocupado com os eventos e transações de seu próprio dia, e estes compreendem dentro de um espaço de tempo comparativamente curto.

LIMITAÇÃO DE TEMPO NO APOCALIPSE

Esta não é uma mera conjectura, é certificada pelas declarações expressas do livro. Se há algo que mais do que qualquer outro explícita e repetidamente afirmado no Apocalipse, é a proximidade dos eventos que ele prevê. Isto é afirmado e reiterado repetidamente, no começo, no meio e no fim. Somos avisados de que "o tempo está próximo"; "Essas coisas devem acontecer em breve", "Eis que venho rapidamente;" "Certamente venho rapidamente". No entanto, em face dessas declarações expressas e muitas vezes repetidas, a maioria

dos intérpretes sentiu a liberdade de ignorar completamente as limitações do tempo e de vagar à vontade por séculos e séculos, considerando o livro como um currículo da história da igreja, um almanaque de eventos político-eclesiásticos de toda a cristandade até o fim dos tempos. Este foi um erro fatal e indesculpável. Negligenciar a definição óbvia e clara do tempo tão constantemente colocado na atenção do leitor pelo próprio livro é tropeçar no limiar. Consequentemente, essa desatenção viciou de longe o maior número de interpretações apocalípticas. Pode-se dizer verdadeiramente que a chave está pendurada durante todo o tempo na porta, claramente visível a todos que têm olhos para ver; todavia, os homens tentaram arrombar a fechadura, forçar a porta ou subir por outro caminho, em vez de se beneficiarem de um modo de admissão tão simples e pronto a ponto de usar a chave feita e fornecida.

Como esse é um ponto de maior importância e indispensável à correta interpretação do Apocalipse, é adequado apresentar a prova de que os eventos descritos no livro são compreendidos dentro de um período muito curto de tempo.

A frase de abertura, contendo o que pode ser chamado de título do livro, é por si só decisiva para a proximidade dos eventos aos quais se relaciona:

Ap. 1:1: "A Revelação de Jesus Cristo, que Deus lhe deu, para mostrar a seus servos o que em breve deve acontecer".

E caso se possa supor que essa limitação não se estenda a toda a profecia, mas possa se referir apenas à parte introdutória, ou a alguma outra parte, a mesma afirmação se repete, nas mesmas palavras, na conclusão do livro. (Ver Ap. 22:6)

Ap. 1:3: "Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; porque o tempo está próximo".

O leitor não deixará de notar a semelhança significativa entre esta nota de tempo e a palavra de ordem dos primeiros cristãos. Dizer oo kairov egguv (o tempo está próximo) foi de fato a mesma coisa que dizer o kuriov egguv (o Senhor está próximo) (Filipenses 4:5). Nenhuma palavra poderia afirmar mais claramente a proximidade dos eventos contidos na profecia.

Ap. 1:7: "Eis que vem com as nuvens; e todo olho o verá, e também os que o traspassaram; e todas as tribos da terra lamentarão por causa dele. Mesmo assim, amém.

"Eis que ele vem" [Idou ercetai], corresponde a "Eis que estou voltando rapidamente" [Idou ercomai tacu], em (Ap 22:7). Isso pode ser chamado de nota-chave do Apocalipse; é a tese ou o texto do todo.[280] Para aqueles que conseguem se convencer de que não há indicação de tempo em uma declaração como "Eis que ele está vindo" ou que é tão indefinido que se aplica igualmente a um ano, século ou milênio, esta passagem pode não ser convincente; mas para todo julgamento sincero será uma prova decisiva de que o evento mencionado é iminente. É a palavra de ordem apostólica, "Maran-atha!" "o Senhor está vindo". (1 Co. 16:22) Há uma alusão distinta também às palavras de nosso Senhor em (Mt. 24:30), "Todas as tribos da terra lamentarão", etc., mostrando claramente que ambas as passagens se referem ao mesmo período e ao mesmo evento.

Ap. 1:19: "Escreva as coisas que você viu, e as coisas que são e as coisas que serão a seguir".

[280] "Esta é a primeira voz e a nota principal do todo. As epístolas das sete igrejas assumem o tom desse pensamento e são a voz de um Senhor que "virá rapidamente". As visões seguem para o mesmo fim, e as últimas vozes do livro respondem à primeira e atestam seu assunto e seu objetivo. "Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente eu venho rapidamente. Amém. Mesmo assim, venha o Senhor Jesus". D. Bernard, Bampton Lectures for 1864, p. 193

A última cláusula não expressa adequadamente o sentido do original; devem ser "as coisas que estão prestes a acontecer depois delas" [a mellei genesyai meta tauta].

Ap. 3:10: "Eu te guardarei da hora da tentação [prova], que há de vir sobre o mundo inteiro, para tentar os que habitam na terra".

Indicativo da aproximação iminente de uma temporada de perseguição violenta, pouco antes da ruptura da qual o Apocalipse deve ter sido escrito.

Ap. 3:11: "Eis que venho rapidamente".

Esta nota de aviso é repetida várias vezes ao longo do Apocalipse. Seu significado é muito evidente para exigir explicação.

Ap. 16:15: "Eis que venho como ladrão".

Essa figura já é conhecida por nós em conexão com a Parousia. São Pedro declarou que "o dia do Senhor virá como ladrão" [durante a noite]. (2 Pedro 3:10) São Paulo escreveu aos tessalonicenses: "Vocês sabem perfeitamente que o dia do Senhor vem como ladrão à noite". (1 Ts 5: 2) E essas duas passagens olham para trás às próprias palavras de nosso Senhor (Mt. 24:42-44), nas quais Ele inculcou vigilância pela parábola do "ladrão que vem à noite". Aqui, novamente, o tempo e o evento mencionados são os mesmos em todas as passagens, e foram declarados por nosso Senhor como estando dentro dos limites da geração então existente.

Ap. 21:5, 6: "E o que estava sentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas ... E ele me disse: Está feito".

Essas expressões são evidentemente indicativas de eventos que se apressam rapidamente em sua realização; não haveria um longo intervalo entre a profecia e seu cumprimento.

Ap. 22:10: "E ele disse para mim: Não sele as palavras da profecia deste livro: pois o tempo está próximo'.

Esta é apenas a repetição em outra forma da declaração na declaração anterior. Como é possível atribuir um sentido não natural à linguagem tão expressa e decisiva?

Ap. 22:6: "E ele me disse: Estas palavras são fiéis e verdadeiras; e o Senhor Deus dos santos profetas enviou seu anjo para mostrar a seus servos o que em breve deve ser feito".

Essa passagem, que repete a declaração feita no início da profecia (Ap 1:1), cobre todo o campo do Apocalipse e estabelece conclusivamente o fato de que ela alude a eventos que ocorreriam quase imediatamente.

Ap. 22:7: "Eis que venho rapidamente".

Ap. 22:12: "Eis que venho rapidamente".

Ap. 22:20: "Com certeza venho rapidamente".

Esta tríplice reiteração da rápida vinda do Senhor, que é o tema de toda a profecia, mostra claramente que esse evento foi declarado autoritariamente como próximo.

Assim, temos um acúmulo de evidências do tipo mais direto e positivo de que todo o Apocalipse seria realizado dentro de um período muito breve. Esse é o seu próprio testemunho, e a essa limitação estamos absolutamente calados, se é admitido permitir que o livro fale por si.

DATA DO APOCALIPSE

Se as conclusões anteriores forem fundamentadas, elas praticamente decidem as questões muito debatidas a respeito da data do Apocalipse. Talvez se admita que o peso da autoridade, como é, inclina-se para o lado da data tardia: isto é, que foi escrito após a destruição de Jerusalém; mas a evidência interna nos parece esmagadora ao lado de sua data inicial. Que o Apocalipse contemple a Parousia como iminente é certamente uma proposição incontestável. Que a Parousia seja sempre representada como coincidente com o julgamento da cidade e nação culpadas não é menos inegável. Aqueles que não conseguem encontrar a Parousia, a destruição de Jerusalém, o julgamento de Israel e o fim dos tempos [sunteleia tou aiwnov] no Apocalipse, como em todo o restante do Novo Testamento, e os consideram também eventos iminentes, deve ser realmente cegos. Que outra tremenda crise estava se aproximando naquele período a que o Apocalipse poderia se referir? Ou que evento poderia ser mais digno de ser descrito nas imagens sublimes e terríveis do Apocalipse do que na catástrofe final da dispensação judaica e nas desgraças incomparáveis pelas quais foi acompanhada?

1. Que o Apocalipse foi escrito antes da destruição de Jerusalém seguirá, naturalmente, se for possível demonstrar que esse evento forma em grande medida o assunto de suas previsões. Acreditamos que isso pode ser feito para satisfazer qualquer mente razoável. Apelamos a (Ap. 1:7): "Eis que ele vem com nuvens; e todo olho o verá, e também os que o traspassaram; e todas as tribos da terra lamentarão por causa dele". "As tribos da terra" só podem significar o povo de Israel, como é provado pela profecia original em (Zc. 12:10-14), e ainda mais pela linguagem de nosso Salvador em (Mt 24:30) Não pode haver sombra de dúvida de que a "vinda" referida é a Parousia, o precursor do julgamento, terrível para aqueles que "o traspassaram" e sempre declarada por nosso Senhor como estando dentro dos limites da geração existente.

2. Após a consideração mais completa da expressão notável th kuriakh hmera [o dia do Senhor], em (1:10), estamos convencidos de que ele não pode se referir ao primeiro dia da semana, estamos com aqueles intérpretes que entendem que se refere ao período chamado em outro lugar "o dia do Senhor". Não há exemplo no Novo Testamento do primeiro dia da semana [domingo] sendo chamado de "o dia do Senhor" ou "dia do Senhor"; mas a última frase é apropriada e restrita pelo uso ao grande período judicial que é constantemente representado nas Escrituras como associado à Parousia. Não há diferença alguma entre h hmera kuriakh e h hmera tou kuriou. Nada poderia ser mais violento do que se referir a uma frase para um período ou dia, e a outra para uma totalmente diferente. Não há evidências de que a frase, "o dia do Senhor",[281] tinha um significado fixo e definido nas igrejas apostólicas. (Ver 1 Co. 1:8, 5:5, 2 Co. 1:14, 2 Ts. 2:2, 1 Ts. 5:2, 2 Pe. 3:10) Não obstante a objeção de Alford quanto à gramática, sustentamos que não há nada de gramatical na construção que diga respeito às kuriakh hmera como "o (grande) dia do Senhor". Pelo contrário, preferimos a construção, segundo a gramática: "Eu estava em espírito no dia do Senhor". Ou seja, a Parousia é o ponto de vista do Vidente no Apocalipse: um fato amplamente confirmado pelo conteúdo.[282]

[281] "Espiritualmente, ele se viu no "dia do Senhor ". O teor do livro exige que entendamos com isso o dia da vinda do Senhor. Orígenes usa o mesmo termo no sentido acima indicado. Ele diz: "Toda a casa de Israel será levantada no grande kuriakh, dia do Senhor". (Orígenes em Joana. X. 20.) "- Huidekoper, judaísmo em Roma, p. 262

[282] Não há livro do Novo Testamento tão independente das leis da gramática quanto o Apocalipse, de modo que é estranho que Alford seja tão exigente no presente caso. No Dicionário da Bíblia de Smith (art. "Apocalipse"), encontramos esta nota, que é importante: "Em um lugar onde tanto o dia do julgamento quanto, como um prenúncio dele, o dia da vingança sobre Jerusalém parecem ser mencionados. para, diz o próprio Senhor, o que há de melhor neste estado em que ela se encontra (assim também será o Filho do homem nos seus dias)". Lucas 17:24

3. Em (Ap. 3:10) somos informados de que uma temporada de severas provações era então iminente, viz. uma amarga perseguição daqueles que usavam o nome cristão, estendendo-se por todo o mundo [oikoumenh - ou o Império Romano]. Agora, a primeira perseguição geral aos cristãos foi a que ocorreu sob Nero, 64 dC. Inferimos que essa era a perseguição então iminente e, portanto, que o Apocalipse foi escrito antes dessa data. [283]

4. Que o livro foi escrito antes da destruição de Jerusalém aparece do fato de que a cidade e o templo são mencionados como ainda existentes. (Ver Ap. 11:1, 2, 8) É pouco provável que, se Jerusalém tivesse sido um monte de ruínas, o apóstolo tivesse recebido uma ordem para medir o templo; deve representar a Cidade Santa como sendo pisada pelos gentios; ou que ele deveria ver as testemunhas desenterradas em suas ruas.

5. Mas, na verdade, o próprio Apocalipse é o grande argumento por ter sido escrito antes da destruição de Jerusalém. Suponha seu caráter profético e faça com que ela tenha a mesma relação com a grande consumação chamada no Novo Testamento de "o fim dos tempos" que a Ilíada leva ao cerco de Troia. Pode-se afirmar com segurança que, sob essa hipótese, é incapaz de interpretar: deve continuar a ser o que há tanto tempo foi o material para especulações arbitrárias e fantasiosas; sempre mudando com o aspecto mutável do mundo político e eclesiástico. Mas nos aventuramos a pensar que, se as visões defendidas neste volume estiverem corretas, a interpretação do Apocalipse se tornará possível e que essa interpretação trará consigo suas próprias evidências, elogiando-se por sua consistência e adequação a todo julgamento justo e sincero. Uma verdadeira

[283] Meu melhor palpite é que o Apocalipse foi escrito no final de 62 dC, logo depois que João chegou a Patmos (verão de 62 dC), nove meses antes de Paulo ser libertado de sua primeira prisão (primavera de 63 dC). Isso explicaria como Pedro e Paulo estavam aparentemente familiarizados com o conteúdo do Apocalipse quando escreveram suas epístolas (1 Pedro e Hebreus) no final de 62 dC ou início de 63 dC.

interpretação fala por si; e como a chave certa se encaixa na fechadura e demonstra sua adaptação, uma interpretação verdadeira provará sua correção, mostrando satisfatoriamente a correspondência entre o fato histórico e o símbolo profético.

O VERDADEIRO SIGNIFICADO DO APOCALIPSE

Agora estamos mais bem preparados para lidar com a pergunta: qual é o verdadeiro significado do apocalipse? O fato de que, por sua própria exibição, a ação do livro deve necessariamente ser compreendida dentro de um espaço de tempo muito curto, e o conhecimento (aproximadamente) da data de sua composição, são auxílios importantes para uma correta apreensão de seu objeto e escopo. Considerá-lo uma revelação do futuro distante, quando declarado expressamente que trata de coisas que em breve devem acontecer; e procurar seu cumprimento na história medieval ou moderna, quando afirma que o tempo está próximo, é ignorar seu ensino mais claro e garantir conceitos errôneos e fracassados. Estamos absolutamente calados pelo próprio livro em relação à história contemporânea do período, e isso também dentro de limites muito estreitos.

E aqui encontramos uma explicação do que deve ter considerado extremamente singular aos leitores mais atenciosos da história evangélica, a saber, a total ausência no Quarto Evangelho daquilo que ocupa um lugar tão conspícuo nos Evangelhos Sinópticos - a grande profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras. O silêncio de São João em seu evangelho é o mais notável uma vez que ele foi um dos quatro discípulos favoritos que ouviram esse discurso; todavia, em seu evangelho, não encontramos nenhum vestígio disso. Como isso deve ser explicado? Pode-se dizer que os relatórios completos dessa profecia pelos outros evangelistas tornaram desnecessária qualquer alusão a São João; contudo, lembrando o intenso interesse do sujeito por todo coração judeu, e sua influência sobre as igrejas apostólicas

em geral, parece inexplicável que nenhum dos seus auditores originais tenha prestado atenção a uma previsão tão importante que deixou um registro dos discursos de Cristo. Mas a dificuldade é explicada se for encontrado que o Apocalipse nada mais é do que uma forma transfigurada da profecia no Monte das Oliveiras. E isso acreditamos ser o fato. O Apocalipse contém a grande profecia de nosso Senhor expandida, alegorizada e, se assim podemos dizer, dramatizada. Os mesmos fatos e eventos previstos nos Evangelhos são mostrados no Apocalipse, vestidos apenas de maneira mais figurativa e simbólica. Eles passam diante de nós como cenas exibidas pela lanterna mágica, ampliadas e iluminadas, mas não por esse motivo, menos reais e verdadeiras. Nesta visão, o Apocalipse se torna o complemento do evangelho e dá completude ao registro do evangelista.

Isso pode parecer à primeira vista uma hipótese gratuita e fantasiosa, mas quanto mais é considerado, mais provável será encontrado. Assinamos cordialmente as seguintes palavras do Dr. Alford:

"A estreita conexão entre o discurso profético de nosso Senhor no Monte das Oliveiras e a linha de profecia apocalíptica não pode deixar de ter atingido todos os estudantes das Escrituras. Se for sugerido que essa conexão possa ser meramente aparente, e a sujeitarmos à prova de um exame mais preciso, penso que nossa primeira impressão se tornará continuamente mais forte do que as duas (sendo revelações do mesmo Senhor sobre as coisas que estão por vir, e essas coisas, como me parece, vinculadas pelo quadruplicado epcou, que introduz os selos, à mesma referência à vinda de Cristo) devem, corresponder como fazem em ordem e significado, responder-se mutuamente em detalhes; e assim o discurso em (Mt 24) se torna, como Mark. Isaac Williams realmente o nomeou como "a âncora da interpretação apocalíptica" e, devo acrescentar, a pedra de toque dos sistemas apocalípticos".[284]

[284] Testamento Grego, Prolegômenos ao Apocalipse, p. 249

Mesmo uma pequena comparação dos dois documentos, a profecia [Mt. 24, Mc.13, Lc. 21] e o Apocalipse, será suficiente para mostrar a correspondência entre eles. O dramatis personae, se assim podemos chamá-los - os símbolos que entram na composição de ambos - são os mesmos. O que encontramos na profecia de nosso Senhor? Primeiro e principalmente a Parousia; depois guerras, fomes, pestilências, terremotos; falsos profetas e enganadores; sinais e maravilhas; o escurecimento do sol e da lua; as estrelas caindo do céu; anjos e trombetas, águias e carcaças, grande tribulação e aflição; convulsões da natureza; a pisada de Jerusalém; o Filho do homem vindo nas nuvens do céu; a reunião dos eleitos; a recompensa dos fiéis; o julgamento dos ímpios. E não são precisamente esses os elementos que compõem o Apocalipse? Isso não pode ser semelhança acidental - é coincidente, é identidade. A diferença existe no tratamento do assunto é decorrente da diferença no método da revelação. A profecia é dirigida ao ouvido e o apocalipse aos olhos: um é um discurso proferido em dia amplo, em meio às realidades da vida real - o outro é uma visão, contemplada em um estado de êxtase, revestida de belas imagens, com um ar de irrealidade como nos objetos vistos em um sonho; exigindo que ela seja traduzida de volta para a linguagem da vida cotidiana antes que possa ser inteligível como fato real.

ESTRUTURA E PLANO DO APOCALIPSE

Como geralmente interpretado, nada pode ser mais solto e desconectado do que o arranjo do Apocalipse. Parece um labirinto complexo, sem nenhum plano inteligível, variando no tempo e no espaço e formando um caos de idades, nações e incidentes heterogêneos. Na realidade, não existe uma composição literária mais regular em sua estrutura, mais metódica em seu arranjo, mais artística em seu design. Nenhuma tragédia grega é composta com maior arte ou mais atenção estrita às leis dramáticas. Não é exagero dizer com o

erudito Henry More: "Nunca houve nenhum livro escrito com esse artifício como o do Apocalipse, como se todas as palavras fossem pesadas em uma balança antes de serem colocadas". No entanto, o plano de sua construção é simples e quase auto-evidente. O número sete governa por toda parte. O leitor mais observador não pode deixar de notar quatro de suas grandes divisões que se distinguem por esse número místico - as sete igrejas, os sete selos, as sete trombetas e os sete frascos. Como toda divisão tem certas características marcadas pelas quais seu começo e seu fim são indicados de maneira distinta, não é difícil traçar as linhas entre as várias divisões. Além dos quatro já especificados, encontramos outras três visões, viz. a visão da mulher vestida de sol, a visão da grande prostituta e a visão da noiva. Eles completam o número místico sete e formam o arranjo claro e bem definido no qual o conteúdo do Apocalipse se encaixa naturalmente. Seria realmente difícil inventar outro. Há também um prefácio, ou prólogo, no início do livro, e um epílogo, na conclusão; para que todo o arranjo fique da seguinte maneira:

Prólogo (Ap. 1:1-8)
Visão das Sete Igrejas. (Ap. 1, Ap. 2, Ap. 3)
Visão dos Sete Selos. (Ap. 4, Ap. 5, Ap. 6, Ap. 7)
Visão das Sete Trombetas. (Ap. 8, Ap. 9, Ap. 10, Ap. 11)
Visão da mulher vestida de sol. (Ap. 12, Ap. 13, Ap. 14)
Visão dos Sete Frascos. (Ap. 15, Ap. 16)
Visão da grande prostituta. (Ap. 17, Ap. 18, Ap. 19, Ap. 20)
Visão da Noiva (Ap. 21, 22:1-5)
Epílogo (Ap. 22:8-21)

Tal é o auto-arranjo natural do livro, no que diz respeito às suas grandes divisões principais; também existem várias divisões subordinadas, ou episódios como podem ser chamados, que se enquadram em uma ou outra das grandes divisões. Descobriremos que nas diferentes visões existe uma semelhança estrutural comum e que, mais particularmente, cada divisão termina com um final ou

catástrofe, representando um ato de julgamento ou um cenário de vitória e triunfo.

Mas a característica mais notável do Apocalipse, no que diz respeito à sua estrutura, continua a ser notada. É que as várias visões podem ser descritas como apenas representações variadas dos mesmos fatos ou eventos; rearranjos e novas combinações dos mesmos elementos constituintes. Obviamente, este é o caso de duas das grandes divisões, viz. a visão das sete trombetas e a dos sete frascos. Estes são quase homólogos um do outro; e embora a semelhança entre as outras visões não seja tão acentuada, ainda será constatado que todos são aspectos diferentes do mesmo grande evento. Se nos aventurarmos a usar tal ilustração, deveríamos dizer que as visões não são telescópicas, olhando para o distante; mas caleidoscópico - toda vez que o instrumento produz uma nova combinação de imagens, requintadamente bela e deslumbrante, enquanto os elementos que compõem a imagem permanecem substancialmente os mesmos. Como o sonho de Faraó era um, embora visto sob duas formas diferentes, as visões do Apocalipse são uma , embora apresentadas em sete aspectos diferentes. O motivo da repetição é provavelmente nos dois casos o mesmo. "Por que o sonho foi duplicado para Faraó duas vezes, é porque a coisa é estabelecida por Deus, e Deus logo a realizará". (Gênesis 41:32) Na mesma maneira os eventos prenunciado no Apocalipse são declarados por sua repetição sete vezes para ser certo e próximo.[285]

[285] Poucos, se houver algum intérprete, apreenderam mais corretamente esse recurso na estrutura do Apocalipse do que o Dr. Wordsworth, como mostram as seguintes observações: - "O Apocalipse não é uma história progressiva, fluindo em um fluxo contínuo de seqüência histórica. O desenho do escritor parece ser o seguinte: ele traça um rápido esboço profético, que o leva desde a própria idade até a era da consumação de todas as coisas. Apressando-se para a conclusão, ele toca levemente ou omite totalmente muitas coisas que depois atrairão sua atenção. Ele então retorna ao ponto em que havia iniciado; ele expande o que tinha antes de contratar; ele preenche o que desenhou; ele trata o mesmo período em uma nova relação; ele se afasta da faixa principal em digressões e episódios; ele volta desses caminhos para a estrada principal

O NÚMERO SETE NO APOCALIPSE

Todo leitor do Apocalipse deve se impressionar com a maneira como certos números são empregados, não tanto no sentido aritmético quanto no simbólico. Os números três, quatro, sete, dez e doze, a metade de sete e o quadrado de doze são usados dessa maneira significativa. De todos esses números místicos, como podem ser chamados, sete é o dominante, que achamos continuamente recorrente do começo ao fim do livro. Que é invariavelmente usado em um sentido simbólico, e nunca literal e aritmético, não ousaremos afirmar, mas que é frequentemente, se não geralmente, tão empregado, deve ser aparente para todo leitor atencioso. Era o número de dignidade entre os judeus, o símbolo da totalidade ou perfeição e significa tudo da espécie, ou o tipo mais alto da espécie, a que se refere. Não é necessário que esse número ocorra para exigir que a história completa das unidades seja inventada; simplesmente significa perfeição ou excelência. Assim, temos sete igrejas, sete selos, sete trombetas, sete frascos, sete espíritos, sete lâmpadas, sete chifres, sete olhos, sete estrelas, sete montanhas, sete reis. Seria absurdo exigir o valor aritmético exato em todas essas instâncias, embora fosse precipitado afirmar que em cada uma delas o número é simbólico. Ainda assim, mesmo no caso que a princípio parece o mais manifestamente literal, viz. Nas sete igrejas que são particularmente enumeradas, é possível que exista um simbolismo subjacente.

Dificilmente se pode supor que houvesse apenas sete igrejas em toda a Ásia Menor; pode ter havido sete vezes sete; mas sem dúvida esses sete permanecem como representantes de todo o número, não apenas na Ásia, mas em todo o resto. O que o Espírito disse a eles, Ele disse a todos. Será de pouca importância para a correta

---

e segue novamente em frente; e dessa maneira ele chega no mesmo ponto que alcançara em sua primeira jornada." - Wordsworth on the Apocalypse, p. 93

interpretação do Apocalipse ter em mente o caráter simbólico que pertence aos números mais frequentemente empregados nele.

O TEMA DO APOCALIPSE

Nós já nos esforçamos para mostrar que o Apocalipse é essencialmente um com a profecia no Monte das Oliveiras; isto é, o assunto de ambos é a mesma grande catástrofe, viz. a Parousia e os eventos que a acompanham. O Apocalipse anuncia seu grande tema na sentença de abertura do livro, após o prefácio ou prólogo. Essa frase de abertura é o sétimo versículo do primeiro capítulo (Ap 1:7):

"Eis que ele vem com nuvens; e todo olho o verá, e também os que o traspassaram; e todas as tribos da terra lamentarão por causa dele. Mesmo assim, amém".

Esta é a tese de todo o discurso; a primeira expressão profética do livro, e também a última; a chave de toda a revelação.

Veremos que essas palavras são o eco da predição de nosso Senhor em (Mateus 24:30):

"Então aparecerá o sinal do Filho do homem no céu: e então todas as tribos da terra se lamentarão, e verão o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória".

Não há possibilidade de confundir a referência nessas palavras; não há ambiguidade ou incerteza quanto a quem virá ou a que vinda se destina. O tempo e a maneira da vinda são claramente indicados: está próximo: "Eis que ele vem". É em glória: "Ele vem com nuvens". As duas previsões são de fato idênticas. O tempo de seu cumprimento estava chegando, pois o ponto de vista do Vidente estava no "dia do Senhor". Aquilo que nosso Salvador declarou estar dentro dos limites da geração então existente estava agora, no final de uns trinta ou

quarenta anos, na véspera da realização. O som da destruição estava prestes a soar: "Eis que ele está vindo".

Não menos claramente indicado é o cenário da próxima catástrofe. É a terra de Israel. Isso fica claro na declaração expressa de ambas as passagens, no Apocalipse e no evangelho: "Todas as tribos da terra" [pasai ai fulai thv ghv]. A maneira frouxa pela qual essa frase é às vezes tomada como se referindo a todas as nações do globo não pode ser suficientemente criticada. A fonte original da expressão (Zc. 12:12) "as famílias da terra" mostra que a terra de Israel, e especialmente a cidade de Jerusalém são pretendidos; e uma limitação semelhante é necessária nas citações, tanto no evangelho quanto no Apocalipse. A alusão à crucificação confirma fortemente essa conclusão - "até aqueles que o transpassaram". Os crucificadores do Senhor da glória são especialmente "particularizados entre a massa que vê com pavor os sinais de um vingador que se aproxima".[286]

É oportuno afirmar desde o início que não é nossa intenção entrar nos mínimos detalhes da exposição apocalíptica, o que exigiria um volume separado. Aqui só podemos fazer um esboço das várias visões, deixando os detalhes a serem preenchidos em outro momento ou por outras mãos. Basta que possamos colocar o leitor em posse da chave mestra, por meio da qual ele poderá encontrar seu caminho em todos os arcanos da profecia. Portanto, passamos de leve sobre tudo no livro que não exige imperativamente nossa consideração, tendo em vista o objeto específico de nossa investigação.

O PRÓLOGO

É evidente que a primeira visão começa estritamente com o décimo verso, em que o Vidente está extasiado e a "palavra do Senhor" vem a ele. A parte anterior a isso é introdutória, autenticando a origem e

[286] Stuart sobre o Apocalipse, cap. 1:7.

autoridade divina da Revelação; (Ap. 1:1) afirmando expressamente o cumprimento iminente de seu conteúdo; (Ap. 1:1-3) dirigindo o livro às "sete igrejas" da Ásia proconsular; (Ap. 1:4) e declarando as circunstâncias em que o Vidente foi colocado quando as visões do Senhor foram vistas por ele. (Ap. 1:9) Já direcionamos a atenção do leitor para o sétimo verso, como enunciando o tema de todo o livro. É a vinda do Senhor; Sua vinda rapidamente [Idou ercetai]; Sua vinda em glória; Sua vinda para as tribos da terra; Sua vinda ao julgamento. Tudo neste prefácio indica realidade, urgência, interesse pessoal e presente. A brevidade de tempo tornava a preocupação de todo homem compreensível ao dar atenção às advertências proféticas. (Ap. 1:3)

A PRIMEIRA VISÃO

AS MENSAGENS DAS SETE IGREJAS
(Ap. 1:10-20 - Ap. 2 - Ap. 3.)

Não obstante o que foi dito respeitando as imagens e o simbolismo do Apocalipse, não se deve esquecer que, subjacente a esses símbolos, existe em todo lugar um substrato de fato e realidade. Temos apenas que ler as mensagens para as sete igrejas para descobrir que estamos em uma região de fato real e intensa realidade. Há tanta individualidade de caráter nos delineamentos gráficos do estado espiritual das várias igrejas, que não podemos duvidar de que sejam retratos precisos e verdadeiros das comunidades cristãs que eles descrevem. De fato, há uma estranha mistura de figura e fato; mas não há dificuldade em discriminar entre um e outro; ou melhor, misturam e harmonizam tão admiravelmente que cada um empresta vivacidade e força ao outro. A explicação, também, dos símbolos (Ap 1:20) os converte em existências reais: "As sete estrelas são os anjos das sete igrejas; e os sete castiçais que viste são as sete igrejas".

Dificilmente é necessário dizer que não há o menor fundamento para a teoria absurda que representa esses delineamentos da condição espiritual das sete igrejas como típicos de estados ou fases sucessivas da igreja cristã em tantas eras futuras do tempo. Tal hipótese é incompatível com as limitações expressas de tempo estabelecidas no contexto, bem como inconsistente com a individualidade distintiva das várias igrejas abordadas. Tudo mostra que é do presente e do futuro imediato que o Apocalipse trata. Os primeiros leitores dessas epístolas devem ter sentido que vieram expressamente para eles, e não para outras pessoas, em outros tempos. É sem dúvida verdade que essas epístolas descrevem tipos de caráter que podem ser repetidos e repetidos continuamente, em gerações sucessivas; mas isso não altera o fato de que eles tinham uma aplicação direta e pessoal às igrejas especificadas, o que nunca poderiam ter a nenhuma outra.

Esforcemo-nos, então, a nos colocar na situação dessas igrejas primitivas em Éfeso, Esmirna, Pérgamo, Tiatira, Sardes, Filadélfia e Laodicéia. Vamos chamar as características e atores proeminentes da época e considerar as esperanças e medos, os perigos e dificuldades que ocuparam e agitaram suas mentes. Não é óbvio que essas coisas necessariamente constituam os elementos que compõem o livro inteiro? Caso contrário, não é fácil ver que interesse ou preocupação especial poderia ter para seus leitores originais, cuja bênção foi declarada como sendo a de ler, ouvir ou guardar e manter suas palavras. O que, então, encontramos naqueles primeiros dias? Cristãos sofredores e perseguidos; judeus malignos e blasfemadores; magistrados romanos severos; um tirano brutal e caprichoso no trono imperial; entre si falsos mestres, apóstatas da fé; degeneração e deserção generalizada. Além de tudo isso, encontramos uma expectativa geral de uma grande crise; a convicção de que finalmente chegara a hora em que todos os cristãos haviam sido ensinados a esperar e esperar; a hora da libertação dos fiéis perseguidos; o dia de vingança e julgamento para o inimigo e o opressor. A palavra de ordem foi passada de homem para homem, de igreja em igreja:

"Maranatha! O Senhor está próximo. Eis que ele vem. Ele não vai demorar". Certamente sabemos que esse pensamento ardeu nos corações dos primeiros cristãos, pois haviam sido ensinados a apreciá-lo pelas instruções dos apóstolos e pela promessa do Mestre. A esperança deles não era a esperança dos cristãos agora: viver na Terra o maior tempo possível, morrer na boa velhice e depois ir para o céu, e lá aguardar uma glorificação total e final em algum período distante. A esperança deles não era morrer, mas viver para apreciar o retorno do Senhor, para se vestir com suas vestes celestiais; ser arrebatado pelas nuvens para encontrar o Senhor nos ares; e assim estar para sempre com o Senhor.

Tais eram inquestionavelmente as circunstâncias, expectativas e atitudes do povo cristão que recebeu essas mensagens da Libertação próxima de Seu servo João. Será óbvio como exatamente o conteúdo dessas epístolas corresponde às circunstâncias das igrejas. Há uma impressionante semelhança comum na estrutura das epístolas, como se moldada no mesmo molde ou formada no mesmo plano. Todos são naturalmente divisíveis em sete partes:

- A cabeçalho.
- O estilo ou título do escritor.
- Uma declaração judicial do estado ou caráter da igreja abordada.
- Uma expressão de elogio ou censura.
- Uma exortação à penitência ou à perseverança.
- Uma promessa especial para "aquele que vence".
- Uma proclamação a todos para ouvir o que o Espírito disse a cada um.

O ponto principal, no entanto, que nos preocupa nessas epístolas às igrejas é que encontramos em cada uma delas uma alusão distinta a uma grande e iminente crise, quando recompensa ou punição devem ser atribuídas a cada uma de acordo com sua obra. Ninguém pode deixar de ser atingido com as indicações de que uma catástrofe esperada está próxima. Para Éfeso é dito: "Eu virei a ti rapidamente";

(Ap 2:5) para Esmirna: "Terás tribulação dez dias"; (Ap. 2:10) a Pérgamo: "Eu virei a ti rapidamente"; (Ap. 2:16) para Tiatira: "Mantenha-se firme até que eu venha"; (Ap 2:25) para Sardes: "Eu irei sobre ti como um ladrão"; (Ap. 3:3) à Filadélfia: "Eis que venho rapidamente"; (Ap. 3:11) para Laodicéia: "Eis que estou à porta e bato". (Ap. 3:20) É impossível conceber que esses avisos urgentes não tenham um significado especial para aqueles a quem foram endereçados; que eles não significavam mais para eles do que para nós; que eles se referem a uma consumação que nunca ocorreu. Isso seria privar as palavras de todo significado. O que pode ser mais evidente do que isso nessas declarações breves, curtas e epigramáticas, tudo é intensamente urgente, premente, veemente, como se não houvesse um momento a perder, e a negligência ou atraso pode ser fatal? Mas como essa urgência apaixonada pode ser consistente com uma consumação distante, que pode ocorrer em algum período distante, Que depois de mil e oitocentos anos ainda está no futuro? Por que recorrer a uma explicação tão antinatural e insatisfatória quando sabemos que havia uma consumação prevista e esperada que deveria ocorrer nos dias em que essas igrejas floresceram? Concluímos, portanto, que o período de recompensa e vingança referido em todas essas epístolas às igrejas foi o "dia do Senhor" que se aproximava - a Parousia, que o Salvador declarou que aconteceria antes da morte da geração que testemunhou Seus milagres e rejeitou Sua mensagem.

A SEGUNDA VISÃO

OS SETE SELOS

(Ap. 4 - Ap. 5 - Ap. 6 - Ap. 7 - Ap. 8:1)

Introdução à visão
Ap. 4 - Ap. 5.

As reais dificuldades da exposição apocalíptica agora começam.

Parece que passamos para uma região diferente, onde tudo é visionário e simbólico. O profeta é convocado pela voz da trombeta, que já havia falado com ele, para subir ao céu, para que sejam mostradas "as coisas que devem acontecer daqui em diante" [depois delas]. (Ap. 4:1)

Há uma referência manifesta nessas palavras à direção dada ao Vidente em Ap 1:19 : "Escreva as coisas que você viu e o que elas significam, e as coisas que estão prestes a acontecer depois delas". São estes os últimos que o profeta deve agora revelar a ele; a frase "as coisas que devem acontecer depois delas" [a dei genesyai], é evidentemente sinônimo de "as coisas que estão prestes a acontecer" [a mellei genesyai], e a última expressão indica claramente que o tempo de sua realização está próximo à mão.
Devemos passar pela descrição magnífica da majestade celestial, na qual somos lembrados das visões sublimes de Isaías e Ezequiel, e chegar à cena em que o profeta contempla "na mão direita daquele que estava no trono, um livro, ou rolo, escrito por dentro e por fora, e selado com sete selos. um anjo forte proclama com grande voz: "Quem é digno de abrir o livro e perder os selos dele?" Quando ninguém é encontrado capaz de realizar a tarefa, e o Vidente está sobrecarregado de tristeza porque a rolagem mística deve permanecer fechada, ele é consolado pelo anúncio feito a ele por um dos anciãos, de que "o Leão da tribo de Judá, a Raiz de Davi, prevaleceu para abrir o livro e perder os sete selos". Assim, em meio à adoração das hostes celestiais e de todo o universo criado, o Cordeiro-Leão avança para o trono, pega o livro da mão direita dAquele que estava assentado sobre ele e passa a quebrar sucessivamente os selos pelos quais é fechado.

Nada pode ser mais vívido e dramático do que as cenas que são exibidas sucessivamente quando o Cordeiro abre os selos. Os quatro querubins que guardam o trono, um após o outro, anunciam a quebra dos quatro primeiros selos, com um grito alto de "Vem!" E quando cada um é aberto, o Vidente vê uma figura visionária atravessar o

campo de visão, e o conteúdo emblemático daquela parte do pergaminho que é desenrolada. Observa-se que há uma gradação manifesta no caráter dessas representações emblemáticas, que crescem em intensidade e terror do primeiro ao último.

O que, então, esses símbolos representam? É preciso apenas um olhar para ver sua natureza e caráter gerais. Em toda parte está a GUERRA e os concomitantes da guerra - sangue, fome e morte, todos levando e terminando em um pavor e uma catástrofe final, na qual os elementos da natureza parecem estar dissolvidos em ruína universal - "o grande dia de ira". (Ap. 6)

De quais eventos o profeta fala? Alguns nos fazem acreditar que este é um compêndio da história universal; que temos aqui as conquistas da Roma Imperial por trezentos anos, até o estabelecimento do cristianismo como religião do Império por Constantino. Somos enviados aos volumes de Gibbon para vagar pelas eras em busca de eventos para corresponder a esses símbolos. Mas é exatamente isso que as sete igrejas da Ásia não tinham poder para fazer. Não seria ridículo convidá-los a estudar e compreender tais visões que, mesmo com a ajuda de Gibbon, não são luminosas para nós? Certamente, os intérpretes que propõem tais soluções devem ter fechado os olhos contra os ensinamentos expressos do próprio livro. Somos impedidos pelos termos da profecia de todas essas excursões vagas na história geral; estamos calados ao próximo, o iminente, o imediato; às coisas que em breve devem acontecer; a eventos que preocupam intensamente os leitores originais do Apocalipse: "pois o tempo está próximo".Com esta luz em nossas mãos, tudo se torna claro. Temos apenas de nos colocar no tempo e nas circunstâncias dessas igrejas primitivas, e esses símbolos visionários se moldam em fatos históricos diante de nossos olhos. O Vidente está à beira da tão ansiada e esperada crise, cuja chegada o Salvador tinha antes de Sua partida preparado Seus discípulos. Como a profecia que Ele proferiu no Monte das Oliveiras começa com guerras e rumores de guerras, e

continua a falar de "Jerusalém cercada de exércitos" e "a abominação da desolação... no lugar santo", até culminar em os aparentes destroços da natureza universal e "a vinda do Filho do homem nas nuvens do céu", de modo que a profecia no Apocalipse prossegue no mesmo método.

Aqui, então, a visão é representativa da destruição de Jerusalém que se aproxima e do julgamento da terra culpada. É a "última hora"; e o discípulo amado, que ouve a profecia no Monte, agora vê sua realização em visão. Seu coração está cheio de pensamentos, seus olhos nas cenas. A tempestade de vingança está se acumulando sobre sua própria terra; sua própria nação - a cidade e o templo de Deus. Os exércitos estão reunidos para o conflito; e, quando selo após selo é quebrado, ele vê as sucessivas ondas daquele tremendo dilúvio de ira que estava prestes a dominar a terra devotada de Israel. Acreditamos que este seja o significado da visão simbólica dos sete selos. É apenas outra forma da mesma catástrofe predita por nosso Salvador a Seus discípulos; mas agora chegou a hora; o fim do aeon está próximo, e os ministros da ira divina são libertados sobre a nação culpada.

ABERTURA DO PRIMEIRO SELO

Ap. 6:1, 2: "E, havendo o Cordeiro aberto um dos selos, olhei, e ouvi um dos quatro animais, que dizia como em voz de trovão: Vem, e vê.[287]

E olhei, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele tinha um arco; e foi-lhe dada uma coroa, e saiu vitorioso, e para vencer".

[287] As palavras "e veja", acrescentadas em nossa Versão Autorizada a "vem", agora são geralmente rejeitadas como falsas. Venha, está no número singular, "Venha tu", e pode ser considerado como falado à figura visionária, que depois aparece em cena; ou, mais provavelmente, é a invocação do "próximo" [uu ercomenov]. É a mesma expressão com a qual o Apocalipse conclui, "Ercou Kurie".

Veremos que consideramos essa visão emblemática da guerra judaica, que foi introdutória ao grande evento final da Parousia. Após a abertura do primeiro selo, contemplamos o primeiro ato no drama trágico. É anunciado por um dos quatro seres místicos, representados como guardando o trono de Deus, exclamando, com uma voz de trovão, 'Venha!' e eis que um guerreiro armado, sentado em um cavalo branco, e segurando na mão um arco, passa pelo campo de visão. Uma coroa é concedida ao guerreiro, que sai conquistando e conquistando.

Esta é uma representação mais vívida da primeira cena do drama trágico da guerra judaica que começou no reinado de Nero, 66 dC, sob a conduta de Vespasiano. Na primeira cena, vemos o invasor romano avançando para o combate. Até agora a guerra ainda não começou; o guerreiro monta em um cavalo branco; ele segura um arco, uma arma usada à distância. É fantástico ver na coroa dada ao cavaleiro um presságio de que o diadema deveria ser colocado sobre a cabeça de Vespasiano, ou é apenas o sinal da vitória? Seja como for, Alford observa que toda a imagem fala de vitória: "Ele saiu conquistando e conquistando".

ABERTURA DO SEGUNDO SELO

Ap. 6:3, 4: "E, havendo aberto o segundo selo, ouvi o segundo animal, dizendo: Vem, e vê.

E saiu outro cavalo, vermelho; e ao que estava assentado sobre ele foi dado que tirasse a paz da terra [terra], e que se matassem uns aos outros; e foi-lhe dada uma grande espada".

Este símbolo também fala por si. As hostilidades começaram agora; o cavalo branco é sucedido pelo vermelho - a cor do sangue. O arco dá lugar à espada. É uma grande espada, pois a carnificina deve ser

terrível. A paz voa da terra: tudo é luta e derramamento de sangue. É uma guerra civil e também estrangeira : "eles se matam".

Tudo isso representa adequadamente o fato histórico. A guerra judaica, sob Vespasiano, começou na maior distância de Jerusalém na Galileia, e gradualmente se aproximou cada vez mais da cidade condenada. Os romanos não foram os únicos agentes no trabalho de matança que despovoaram a terra; facções hostis entre os próprios judeus voltaram os braços um para o outro, para que se pudesse dizer que "a mão de todo homem estava contra seu irmão". A troca do arco pela espada indica que os combates encerraram agora e lutaram lado a lado: é outro ato da mesma tragédia.

É digno de nota que a linguagem do quarto versículo (Apocalipse 6:4) não indica obscuramente a cena da guerra. A paz é retirada da terra [ek thv ghv]. Stuart interpretou com precisão essa circunstância: "Aqui, não toda a terra, mas a terra da Palestina é especialmente indicada".[288]

A ABERTURA DO TERCEIRO SELO

Ap. 6:5, 6: "E, havendo aberto o terceiro selo, ouvi dizer o terceiro animal: Vem, e vê. E olhei, e eis um cavalo preto e o que sobre ele estava assentado tinha uma balança em sua mão.
E ouvi uma voz no meio dos quatro animais, que dizia: Uma medida de trigo por um dinheiro, e três medidas de cevada por um dinheiro; e não danifiques [lidar injustamente] o azeite e o vinho".

Este símbolo também não é difícil de interpretar. Significa os horrores cada vez maiores da guerra. A fome segue os passos da guerra e do massacre. Atualmente, a comida é escassa na Judea, especialmente nas cidades sitiadas, e principalmente em Jerusalém,

[288] Comentário sobre o Apocalipse, in loc.

após o investimento de Tito. O trigo e a cevada estão a preços de fome, pois o salário diário de um trabalhador (um denário) é suficiente para comprar apenas uma única medida de trigo (uma choenix ou menos de um quarto) e três vezes a quantidade de grãos inferiores.[289] Isso é uma terrível privação entre as multidões na cidade sitiada.

Passando da profecia para a história, as páginas de Josefo nos fornecem um terrível comentário sobre essa passagem. Ele está falando da escassez de comida em Jerusalém durante o período do cerco:

"Muitos trocavam privadamente tudo o que valiam por uma única medida de trigo, se fossem ricos; de cevada, se eles eram pobres. Então, trancando-se nos recantos mais aposentados de suas casas, alguns, de extrema fome, comeriam o grão despreparado; outros a cozinhavam de acordo com a necessidade e o medo ditados. Uma mesa não estava em lugar nenhum, mas, arrancando a massa do forno pela metade, rasgou-a em pedaços".[290]

Mas o que significa injunção: "Não danifiques o azeite e o vinho"? Isso deixou muitos comentaristas perplexos, pois esse comando parece não estar de acordo com a prevalência da fome. Se não estivermos enganados, Josefo nos permitirá reconciliar essa aparente incongruência.

Depois de afirmar que João de Gischala, um dos líderes partidários que tiranizou o povo miserável nos últimos dias de Jerusalém, apreendeu e confiscou os vasos sagrados do templo, Josefo continua

[289] Bloomfield diz: "A choenix era nosso quartel e era considerada uma porção suficiente para o apoio de um homem por um dia. O preço subordinado (que provou ser enorme, ou seja, vinte vezes o preço habitual) pretende íntima a escassez excessiva e a preciosidade do artigo". - Greek Testament, in loc. Ver também Palestras de Wordsworth sobre o Apocalipse, pp. 109, 110.
[290] Josephus de Traill, Guerra Judaica, bk. v. cap. x, Sect. 2

relatando outro ato de sacrilégio cometido pelo mesmo chefe, que parece ter despertado a mais profunda indignação e horror na mente do historiador:

"Assim, desenhando o vinho e o óleo sagrados, que os sacerdotes guardavam para derramar sobre os holocaustos e que eram depositados no templo interior, ele os distribuiu entre seus seguidores, que consumiram sem horror mais do que um him na unção de si mesmos e bebendo. E aqui não posso deixar de expressar o que meus sentimentos sugerem. Sou de opinião que se os romanos adiassem o castigo desses desgraçados, ou a terra teria se aberto e engolido a cidade, ou teria sido varrida por um dilúvio ou compartilhado o raio da terra de Sodoma. Pois produziu uma geração muito mais ímpia do que aqueles que foram assim visitados; pois através da loucura desesperada desses homens, toda a nação estava envolvida em sua ruína".[291]

Isso serve para explicar o uso da palavra adikhshv [lidar injustamente] nesta injunção: "não lida injustamente com o azeite e o vinho". Mark. Elliott, em oposição a Dean Alford, defende o sentido "não cometa injustiça em relação ao azeite" etc. Rinck, como citado por Alford, faz com que "não desperdice" etc. O incidente relatado por Josefo mostra como a palavra adikhshv combina com todas as variedades de renderização. O ato de João foi adikia no sentido de um sacrílego; também era asikia no sentido de desperdício.[292]

---

[291] Ibid. bk. v. cap. xiii. seg. 6

[292] Com o propósito dessas palavras: "Veja, não machuque", etc., os comentaristas não concordam se há aqui um comando para não ferir o óleo e o vinho, ou uma ordem para não fazer nada errado em relação a eles. . Se o primeiro for adotado, adik. será = blapt. tantas vezes neste livro. (Veja também Josefo e os escritores clássicos.) Se este último, podemos supor mh adik. quer dizer: "Veja que você não adultera" (literalmente, "brinque com ele"). Assim, são anunciados os quatro artigos nos quais (de acordo com a simplicidade de viver no Oriente) formam o principal suporte da vida". Testamento grego de Bloomfield, in loc.

ABERTURA DO QUARTO SELO

Ap. 6:7, 8: "E, havendo aberto o quarto selo, ouvi a voz do quarto animal, que dizia: Vem, e vê.

E olhei, e eis um cavalo amarelo, e o que estava assentado sobre ele tinha por nome Morte; e o inferno o seguia; e foi-lhes dado poder para matar a quarta parte da terra, com espada, e com fome, e com peste, e com as feras da terra".

A cena aqui é evidentemente a mesma, apenas com todos os horrores e misérias da guerra intensificados. Os espectros medonhos da Morte e do Hades agora seguem o trem da fome e da guerra. Os "quatro julgamentos dolorosos de Deus", que Ezequiel viu incumbidos de destruir a terra de Israel, "a espada, a fome, a besta barulhenta e a pestilência" são novamente libertados sobre a terra, e por eles a quarta parte de sua população está fadada a perecer. Nunca houve um excesso de mortalidade como na guerra que terminou no cerco e captura de Jerusalém. O melhor comentário sobre esta passagem pode ser encontrado nos registros de Josefo, como a seguinte descrição mostrará:

"Toda saída sendo interceptada agora, toda esperança de segurança para os judeus foi totalmente cortada; e a fome, com mandíbulas distendidas, devorava o povo por casas e famílias. Os telhados estavam cheios de mulheres e bebês no último estágio; as ruas com velhos já mortos. Crianças e jovens, inchados, se amontoavam como espectros nos mercados e caíam onde quer que as dores da morte os dominassem. Para interpor suas relações, aqueles que foram afetados não tinham força; e os que ainda estavam em saúde e vigor foram dissuadidos pela multidão de mortos e pela incerteza que pairava sobre si mesmos. Pois muitos expiraram enquanto enterravam outros, e muitos foram para os cemitérios antes da hora fatal.

Em meio a essas calamidades, não havia lamentações nem

lamentos: a fome dominava os afetos. Com olhos secos e bocas abertas, os que morriam lentamente contemplavam aqueles que haviam descansado antes deles. Um profundo silêncio reinou na cidade, e uma noite cheia de mortes, e os bandidos ainda mais terríveis que estes. Pois, abrindo as casas como se fossem um sepulcro, saquearam os mortos e, arrancando as cobertas dos corpos, partiram com gargalhadas. Eles até tentaram apontar suas espadas nas carcaças, e provar que o temperamento de suas lâminas os atravessaria por alguns daqueles que estavam esticados ainda respirando no chão; outros, que imploraram que lhes emprestassem mão e espada, abandonaram desdenhosamente a fome. Todos eles expiraram com os olhos fixos no templo, evitando-os dos insurgentes que deixaram vivos. Estes, a princípio, achando o fedor dos corpos insuportável, ordenaram que fossem enterrados às custas do público; mas depois, quando desiguais, os jogaram das paredes para as ravinas abaixo.

"Mas por que eu preciso entrar em detalhes parciais de suas calamidades, quando Mannoeus, filho de Lázaro, que nesse período se refugiou em Tito, declarou que, a partir do décimo quarto dia do mês de Xanto, o dia em que os romanos acamparam antes as paredes, até a nova lua de Panemus, eram transportadas por aquele portão que lhe fora confiado, cento e quinze mil oitocentos e oitenta cadáveres. Essa multidão era toda da classe mais pobre; nem ele próprio assumiu a acusação, mas, tendo sido encarregado da distribuição do fundo público, foi obrigado a manter a conta. O restante foi enterrado por suas relações. O enterro, no entanto, consistia apenas em trazê-los adiante e expulsá-los da cidade.

Depois dele, muitos dos escalões mais altos escaparam; e eles informaram que seiscentos mil das classes mais humildes haviam sido jogadas pelos portões. Dos outros, era impossível determinar o número. Afirmaram, além disso, que, quando não tinham mais forças para levar os pobres, empilharam as carcaças nas casas maiores e as trancaram; e que uma quantidade de trigo havia sido vendida por um

talento; e que ainda mais tarde, quando não era mais possível colher ervas, a cidade sendo cercada por muros, algumas foram reduzidas a tanta angústia que vasculharam os esgotos e a velha deterioração do gado e comeram o lixo; e o que eles anteriormente teriam se afastado com nojo se transformou em comida." - Josephus de Traill, Guerra Judaica, bk. v. cap. xii. seita. 3; indivíduo. xiii. seita. 7.

ABERTURA DO QUINTO SELO

Ap. 6:9-11: "E, havendo aberto o quinto selo, vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram.

E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra [terra]?

E foram dadas a cada um compridas vestes brancas e foi-lhes dito que repousassem ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos, que haviam de ser mortos como eles foram".

Esta passagem pode ser considerada como um teste crucial de qualquer interpretação do Apocalipse. Pode-se dizer verdadeiramente que algo mais insatisfatório, incerto e conjetural do que a explicação dada pelos intérpretes que encontram no Apocalipse um currículo da história eclesiástica dificilmente pode ser imaginado. Mas se nosso princípio orientador estiver correto, ele nos levará a uma interpretação que demonstrará por sua auto-evidência de que é a verdadeira.

A cena agora muda do campo de batalha, e as cenas de carnificina e sangue na cidade sitiada e faminta, para o templo de Deus. Mas ainda é Jerusalém. Os mártires cristãos que Jerusalém matou são representados como clamando em voz alta debaixo do altar, e apelando à justiça de Deus para não atrasar mais a justificação de sua

causa e a vingança de seu sangue "sobre os que habitam na terra". Esta é uma cena nova e importante no drama trágico, mas que está em perfeita sintonia com os ensinamentos do Novo Testamento. Nosso Senhor avisou aos judeus que "Para que sobre vós caia todo o sangue justo, que foi derramado sobre a terra, desde o sangue de Abel, o justo, até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre esta geração". (Mt. 23:35, 36) Da mesma maneira, ele advertiu Seus discípulos de que alguns deles seriam vítimas da inimizade judaica: "Então eles te entregarão para ser afligidos e os matarão". (Mt. 24:9) Tudo isso precedeu o "fim". (Mt. 24:13) Nosso Senhor também declarou que Jerusalém tinha maior culpa de derramar sangue inocente: ela era a assassina dos profetas; e sobre ela o castigo mais pesado iria cair. (Mt. 23:31-39)

Aqui, então, temos os principais elementos da cena diante de nós. Mas isto não é tudo. É impossível não ficar impressionado com a notável semelhança entre a visão do quinto selo e a parábola de nosso Senhor do juiz injusto: (Lucas 18:1-8) "E Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele de dia e de noite, ainda que tardio para com eles? Digo-vos que depressa lhes fará justiça. Quando porém vier o Filho do homem, porventura achará fé na terra?". Isso é mais do que semelhança: é identidade. Em ambos encontramos os mesmos queixosos - os eleitos de Deus; eles apelam a Ele por reparação; em ambos encontramos a resposta ao apelo: "Ele os vingará rapidamente"; em ambos, encontramos a cena de seus sofrimentos no mesmo lugar - "na terra" - isto é, na terra da Judeia. A visão e a parábola também se complementam mutuamente. A visão nos diz a causa do pedido de vingança, e quem são os recorrentes, viz. os discípulos martirizados de Jesus que selaram seu testemunho com o sangue. A parábola sugere o tempo em que a retribuição chegaria: "quando o Filho do homem vier"; e igualmente o triste fato de que, quando a Parousia ocorresse, encontraria Israel ainda impenitente e ainda incrédulo.

A visão do quinto selo elucida igualmente uma passagem obscura que até agora frustrou todas as tentativas de resolver seu significado. Em 1 Pe. 4:6, encontramos a seguinte declaração: "Porque por isto foi pregado o evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito". Voltando o leitor às observações feitas sobre esta passagem etc. (veja o comentário), basta aqui recapitular a conclusão alcançada. A afirmação é realmente: "Pois, por essa causa, uma mensagem consoladora foi levada até aos mortos, que eles, embora condenados em carne e osso pelo julgamento do homem, deveriam viver no espírito pelo julgamento de Deus". Isso evidentemente aponta para o vindicação daqueles que pelo julgamento injusto dos homens sofreram a morte pela verdade de Deus; declara que eles foram consolados após a morte pelas notícias de que deveriam, pelo julgamento divino, gozar a vida eterna. Não há nenhuma alusão nas Escrituras a qualquer transação, exceto na passagem diante de nós - a visão do quinto selo. Isso, no entanto, atende exatamente a todos os requisitos do caso. Aqui encontramos "os mortos" - os mártires cristãos que morreram pela fé; eles foram condenados em carne pelo julgamento injusto do homem. Está manifestamente implícito que eles apelaram para o justo julgamento de Deus. Em resposta ao seu apelo, uma mensagem reconfortante [euaggelion] lhes foi comunicada; eles são instruídos a descansar um pouco até que seus irmãos e companheiros que serão mortos como eles se juntem a eles; enquanto "vestes brancas", símbolo de inocência e emblema de vitória, são dados a eles. Pensamos que deve ser óbvio que essa cena sob o quinto selo corresponde exatamente à alusão de São Pedro e à parábola de nosso Senhor. É importante também observar o lugar que essa cena ocupa no drama trágico. É após o surto, mas antes da conclusão, da guerra judaica; precede em pouco tempo a catástrofe final do sexto selo. É o clamor impaciente dos santos martirizados: "Quanto tempo, ó Senhor, quanto tempo?" Exige justamente uma retribuição aos que derramaram seu sangue; e especifica claramente quem eles são, descrevendo-os como "aqueles que habitam na terra".

E tudo isso é imediatamente antecedente à catástrofe final sob o próximo selo, que descreve a ira de Deus que vem sobre a terra culpada "ao máximo". Aqui, então, temos um conjunto de evidências tão variadas, tão minuciosas e tão cumulativas que podemos ousar chamar isso de demonstração.[293]

ABERTURA DO SEXTO SELO

Ap. 6:12-17:" E, havendo aberto o sexto selo, olhei, e eis que houve um grande tremor de terra; e o sol tornou-se negro como saco de cilício, e a lua tornou-se como sangue;

E as estrelas do céu caíram sobre a terra, como quando a figueira lança de si os seus figos verdes, abalada por um vento forte.

E o céu retirou-se como um livro que se enrola; e todos os montes e ilhas foram removidos dos seus lugares.

E os reis da terra, e os grandes, e os ricos, e os tribunos, e os poderosos, e todo o servo, e todo o livre, se esconderam nas cavernas e nas rochas das montanhas;

E diziam aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós, e escondei-nos do rosto daquele que está assentado sobre o trono, e da ira do Cordeiro;

Porque é vindo o grande dia da sua ira; e quem poderá subsistir?".

Chegamos agora ao último ato dessa terrível tragédia: a catástrofe que encerra a segunda visão. Pode ser surpresa que a catástrofe ocorra sob o sexto selo, e não sob o sétimo, como poderíamos esperar. Mas no sétimo selo é feito o elo de conexão entre a segunda e a terceira visões, e é o mais artisticamente empregado para introduzir a próxima série de sete, viz. a visão das sete trombetas. Podemos observar aqui que cada uma das visões culmina em uma catástrofe, ou sinaliza um ato de julgamento divino, trazendo destruição para os ímpios e salvação para os justos.

[293] Para corroboração adicional desta exposição, veja as observações em Ap. 10:7 .

Ninguém pode deixar de observar que quase todas as características desta cena horrível ocorrem na profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras, com referência aos julgamentos vindouros sobre a cidade e nação de Israel. Portanto, não há espaço para um momento de incerteza quanto ao significado da visão do sexto selo; mas quanto mais de perto todos os símbolos forem estudados, mais claramente será vista sua relação com a grande catástrofe. Este é o "dies irae" - o hmera kuriakh - "o grande e terrível dia do Senhor" previsto por Malaquias,[294] pelo qual a igreja apostólica estava vigiando e esperando - o dia do julgamento da nação culpada e, como veremos atualmente, o dia da redenção e recompensa para o povo de Deus.

Será apropriado, primeiro, observar a correspondência entre os símbolos na visão e os do discurso profético de nosso Senhor:

O SEXTO SELO	A PROFECIA DAS OLIVEIRAS
"E eis que houve um grande terremoto."	"E haverá grandes terremotos, e em diferentes lugares fomes e pestilências; e haverá terror e grandes sinais do céu" (Lucas 21:11; Mateus 24:7).
"E o sol ficou preto como pano de saco."	"Imediatamente após a tribulação daqueles dias, o sol vai escurecer."
"E a lua ficou toda como sangue."	"E a lua não dará sua luz"
"E as estrelas do céu caíram na terra."	"E as estrelas vão cair do céu."
"E o céu desapareceu como um rolo sendo enrolado."	"E os poderes do céu serão abalados" (Mateus 24:29).

[294] É impossível ignorar a conexão entre o décimo sétimo versículo Ap. 6:17 e a linguagem de Ml. 3:2: "Mas quem pode permanecer no dia da sua vinda?".

"E os reis, etc., se esconderam ... e disseram às montanhas e às rochas: Caiam sobre nós e nos escondam", etc.	"Então eles começarão a dizer às montanhas: Caia sobre nós; e às colinas: cubra-nos" (Lucas 23:30).

A comparação dessas passagens paralelas deve satisfazer toda mente razoável de que ambas se referem a um e ao mesmo evento. Quando é esse evento, nosso Senhor estabelece decisivamente "Em verdade vos digo que esta geração não passará até que todas essas coisas sejam cumpridas". (Mt. 24:34) A única passagem que não se enquadra no discurso do Monte das Oliveiras é aquela dirigida às mulheres que seguiram nosso Senhor a caminho do Calvário, mas mesmo aqui, a limitação do tempo é claramente indicada: "Filhas de Jerusalém, não chorem por mim, mas por vocês mesmos e por seus filhos". implicando que as calamidades que Ele predisse viriam na vida de si e de seus filhos. A mesma proximidade do tempo é marcada pela frase "Eis que os dias estão chegando". (Lucas 23:29)

Sem dúvida, parecerá uma objeção a essa explicação que a destruição de Jerusalém, por mais terrível que pareça, parece inadequada como o antítipo das imagens do sexto selo. O objeto se aplica igualmente à profecia de nosso Senhor, onde Sua própria autoridade determina a aplicação dos sinais. De fato, isso se aplica a toda profecia: pois profecia é poesia, e poesia oriental, na qual imagens simbólicas deslumbrantes são a vestimenta do pensamento.[295] Além disso, a objeção se baseia em uma estimativa inadequada do real significado e importância da destruição de Jerusalém. Esse evento não é simplesmente um incidente histórico trágico; não deve ser encarado como na mesma categoria com o cerco de Tróia ou a destruição de Tiro ou de Cartago. Foi uma

[295] Ver Nota Sobre o Simbolismo da Profecia no apêndice da parte II.

grande época providencial; o fim de um aeon; a conclusão de um grande período no governo divino do mundo. A catástrofe material foi apenas o sinal externo e visível de uma poderosa crise no reino do invisível e do espiritual.

Ao mesmo tempo, deve-se observar que os fatos históricos subjacentes a esses símbolos são suficientemente reais e tangíveis. A consternação e o terror aqui descritos como se apossando dos "reis da terra, dos grandes homens" etc. estão em perfeita harmonia com as cenas dos últimos dias de Jerusalém, como descrito por Josefo. Pressupondo que "os reis da terra" [basileiv thv ghv] significam os governantes da Judeia,como poderemos mostrar, encontramos a descrição profética maravilhosamente correspondente aos fatos históricos. Primeiro, a cena na visão é evidentemente apresentada em um país repleto de cavernas e esconderijos rochosos, que, como é sabido, são característicos da Judeia. As colinas de calcário daquele país estão literalmente alvejadas de cavernas, que têm sido as covas de ladrões e abrigo de fugitivos desde tempos imemoriais. Ewald reconhece "que existe aqui uma referência especial às peculiaridades da Palestina quanto às suas rochas e cavernas, que abrigam lugares de abrigo para fugitivos". (Citado por Stuart, Apocalypse, in loc.) Essas duas notas, a terra e seu caráter geológico, fixam a localidade da cena. Em segundo lugar, é um fato atestado por Josefo que os últimos esconderijos dos cidadãos de Jerusalém foram as cavernas rochosas e as passagens subterrâneas para as quais fugiram em busca de refúgio após a captura da cidade:

"A última esperança", diz Josefo, "que sustentava os tiranos e seus bandos estava nas escavações subterrâneas, nas quais, caso se refugiassem, esperavam que nenhuma busca fosse feita por eles, e propusessem, após a final derrubada da cidade, quando os romanos deveriam ter se retirado, para sair e buscar segurança em fuga. Mas,

afinal, isso era um mero sonho, pois eles foram incapazes de se esconder da observação de Deus ou dos romanos".[296]

Ainda mais impressionante, se possível, é o fato mencionado por Josefo, que Simão, um dos chefes da rebelião, se ocultou após a captura da cidade em um desses esconderijos subterrâneos. O incidente é assim relatado pelo historiador judeu

"Este Simão, durante o cerco de Jerusalém, havia ocupado a cidade alta; mas quando o exército romano entrou dentro dos muros e estava devastando toda a cidade, acompanhado pelos mais fiéis de seus amigos, e alguns pedreiros com as ferramentas de ferro exigidas por eles em seus ofícios, e com provisões suficientes por muitos dias, ele desceu com todo o seu grupo em uma das cavernas secretas e avançou por ela até onde as escavações antigas permitiam. Aqui, encontrando-se em terreno firme, eles a minavam, na esperança de poder avançar mais e, emergindo em um local seguro, efetuando assim sua fuga. Mas o resultado das operações provou a esperança falaciosa. Os mineiros avançam devagar e com dificuldade, e as provisões, embora casadas, estão prestes a falhar".

"Nesse momento, Simão, pensando que poderia enganar os romanos pelo efeito do terror, se vestindo de túnicas brancas e abotoando uma capa roxa sobre eles, levantou-se da terra no mesmo local onde anteriormente estava o templo. A princípio, de fato, os espectadores foram apreendidos com espanto e permaneceram fixos no local; mas depois, aproximando-se, exigiram quem ele era. Este Simão recusou-se a contar a eles, mas os ordenou a chamar o general; em que eles correram rapidamente para Terêncio Rufus, que havia sido deixado no comando do exército. Ele veio de acordo e, depois de ouvir de Simão toda a verdade, manteve-o em ferros e familiarizou César com os detalhes de sua captura... Sua ascensão fora do solo, no

[296] Josephus de Traill, bk. vi. 7

entanto, levou naquele período à descoberta, em outras cavernas, de uma vasta multidão de outros insurgentes".[297]

Assim, com todo o símbolo e imagem, temos ao mesmo tempo uma base da realidade histórica e do fato literal como abundante para verificar o cumprimento da visão profética.

EPISÓDIO DO SELAMENTO DOS SERVOS DE DEUS

Ap. 7:1-17: "E depois destas coisas vi quatro anjos que estavam sobre os quatro cantos da terra, retendo os quatro ventos da terra, para que nenhum vento soprasse sobre a terra, nem sobre o mar, nem contra árvore alguma.

E vi outro anjo subir do lado do sol nascente, e que tinha o selo do Deus vivo; e clamou com grande voz aos quatro anjos, a quem fora dado o poder de danificar a terra e o mar,

Dizendo: Não danifiqueis a terra, nem o mar, nem as árvores, até que hajamos selado nas suas testas os servos do nosso Deus. E ouvi o número dos selados, e eram cento e quarenta e quatro mil selados, de todas as tribos dos filhos de Israel... etc".

Na própria crise da catástrofe, a ação é subitamente suspensa até que a segurança dos servos de Deus seja assegurada. Os quatro anjos destruidores que são comissionados a liberar os elementos da ira sobre a terra culpada recebem ordem de suspender a execução da sentença até que "os servos de nosso Deus tenham sido selados em suas testas". Assim, um anjo, tendo "o selo do Deus vivo", marca os fiéis, cuja nacionalidade e número são claramente declarados, "cento e quarenta e quatro mil de cada tribo dos filhos de Israel". Além desses, uma multidão inumerável, "de todas as nações, e tribos, e povos e línguas" são vistos em pé diante do trono, vestidos com vestes

[297] Josephus de Traill, Guerra Judaica, bk. vii. cap. ii. sect. 2

brancas e com palmas de vitória nas mãos, atribuindo louvor e glória a Deus em meio à felicidade e esplendor do céu.

Essa representação é geralmente considerada como um episódio ou digressão da ação principal da peça. Sem dúvida é assim; mas, ao mesmo tempo, é essencial para a integralidade da catástrofe e, de fato, parte integrante dela.

Veremos que em toda catástrofe neste livro de visões - e toda visão termina em uma catástrofe -, existem duas partes, viz. o julgamento infligido aos inimigos de Cristo e a bênção conferida a Seus servos.

Agora, sob o sexto selo, onde a catástrofe da visão é colocada, já vimos a primeira parte descrita, viz. o julgamento dos inimigos de Deus; mas a outra parte, a libertação do povo de Deus, está representada no capítulo diante de nós. O progresso do julgamento é detido até que a segurança dos servos de Cristo seja garantida.

Qual é, então, o significado deste episódio?

Nas previsões relativas ao "fim dos tempos", invariavelmente, encontramos uma promessa de segurança e bênção para os discípulos de Cristo, juntamente com declarações de ira iminente sobre seus inimigos. Para dar dois ou três exemplos de muitos: na profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras, da qual o Apocalipse é o eco e a expansão, Ele adverte Seus discípulos a fugir da Judeia quando virem "Jerusalém cercada de exércitos". (Lucas 21:20) "e a abominação da desolação no lugar santo". (Mt. 24:15) Ele assegura que "não deve perecer um fio de cabelo da cabeça deles"; que quando os sinais de Sua vinda começaram a aparecer, eles "deveriam olhar para cima e levantar a cabeça, porque sua redenção estava chegando". (Lucas 21:18-28) Que o Filho do homem enviaria Seus anjos com um grande som de trombeta, e "reuniria Seus eleitos dos quatro ventos, de um extremo ao outro do céu". (Mt. 24:31) Para que, no grande dia do julgamento, que se seguisse à destruição de Jerusalém, os iníquos

"fossem entregues para o castigo eterno, mas os justos para a vida eterna". (Mt. 25:46)

Em harmonia com essas declarações, encontramos os apóstolos ensinando às igrejas que, quando "chegasse o dia do Senhor", a destruição repentina dominaria os inimigos de Deus, enquanto os cristãos obteriam a salvação"; (1 Ts. 5:2, 3, 9) que quando o Senhor Jesus fosse "revelado do céu com seus poderosos anjos, em fogo flamejante, para se vingar daqueles que não conhecem a Deus", seu povo fiel entraria em "descanso", e seriam considerados "dignos do reino de Deus". (2 Ts 1:5-9)

É esta libertação e salvação prometida aos discípulos de Cristo que é simbolicamente sombreada no episódio até o sexto selo. A imagem pela qual é descrita é evidentemente tirada da cena contemplada em visão pelo profeta (Ez. 9), onde "os homens que suspiram e clamam por todas as abominações de Jerusalém" têm "uma marca em suas mãos e testas", que era para garantir sua segurança quando os carrascos da justiça divina saíam para matar os habitantes da cidade.

É digno de nota que Jerusalém é cenário de julgamento na profecia de Ezequiel e no Apocalipse; e a alusão de São Pedro a essa mesma transação na visão de Ezequiel, que está prestes a ser repetida na Jerusalém de seus dias, é muito significativa. (1 Pe. 4:17)

Mas a mais completa luz é lançada sobre este episódio pelas palavras de nosso Senhor: "O Filho do homem enviará seus anjos com um grande som de trombeta, e reunirá seus eleitos dos quatro ventos, de um extremo do céu ao outro". (Mt. 24:31) Este episódio é a representação do cumprimento dessa promessa. Enquanto a ira "ao máximo" está sendo derramada sobre a terra; enquanto as tribos da terra estão de luto; enquanto os inimigos de Deus fogem para se esconder nas covas e cavernas; naquela hora terrível, a trombeta do anjo convoca o remanescente fiel do povo de Deus, "para que sejam escondidos no dia da ira do Senhor". A hora estava cheia agora; por

tudo isso, deve-se lembrar, era para ser testemunhado pelos próprios apóstolos, ou pelo menos por alguns deles; pois a geração de nosso Senhor não passaria até que todas essas coisas fossem cumpridas.

Por conseguinte, era a esperança acalentada dos cristãos da era apostólica que eles escapassem da desgraça geral e entrassem na posse da imortalidade pela mudança instantânea que deveria surgir sobre eles na aparição do Senhor. São Paulo tranquilizou os cristãos de Tessalônica, dizendo-lhes que aqueles que estivessem vivos e permanecessem até a vinda do Senhor, não deveriam ter precedência sobre os que haviam partido na fé antes da vinda do Senhor. Ele declara a eles, pela palavra do Senhor, que "o próprio Senhor descerá do céu com um grito, com a voz do arcanjo e com a trombeta de Deus: e, primeiro, os mortos em Cristo ressuscitarão; então nós, os vivos, que permanecemos para trás, seremos arrebatados junto com eles, nas nuvens, para encontrar o Senhor no ar". (1 Ts. 4:15-17) Ele alude novamente a essa mesma expectativa confiante em 2 Ts. 2:1 , onde ele diz: "Agora vos imploramos, irmãos, pela vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, e nosssa reunião com ele", etc. Essa expressão peculiar, "nossa reunião" [episunagwgh], seria dificilmente inteligível, exceto pela luz lançada sobre ela em Mt. 24:31 e em Ap. 7. O mesmo período, a mesma transação, são mencionadas na profecia de nosso Senhor, na epístola de São Paulo e no episódio diante de nós. Aqui está a grande consumação e a garantia da segurança do povo de Deus quando a destruição alcança os impenitentes e os incrédulos. Tudo isso pertence à grande crise no final do aeon, isto é, no final da dispensação judaica. O dedo do Senhor definiu os limites dos quais podemos determinar o período dessa transação: "Em verdade vos digo que esta geração não passará até que todas essas coisas sejam cumpridas". Qualquer que seja a nossa opinião quanto à extensão ou à maneira do cumprimento da previsão, proferida de maneira semelhante por nosso Senhor, por São Paulo e por São João, não pode haver dúvida que: as Escrituras são irrevogavelmente comprometidas à afirmação do fato.

Será observado que existem duas classes, ou divisões, do "povo de Deus" que são especificadas neste episódio. A primeira classe pertence a uma nação específica: os cento e quarenta e quatro mil de cada tribo dos filhos de Israel. Estes devem necessariamente representar a igreja cristã judaica do período apostólico. Mas, além desses, há uma multidão que ninguém poderia contar, pertencente a todas as nacionalidades; isto é, não israelitas, mas gentios. Essa classe, portanto, deve necessariamente representar a igreja gentia do período apostólico; a "incircuncisão", que foi admitida nos privilégios do povo da aliança, chamados de "companheiros herdeiros e do mesmo corpo e participantes da promessa de Deus em Cristo pelo evangelho", juntamente com os crentes judeus. Essa representação implica que o perigo e a libertação simbolizados pelo selamento dos servos de Deus não estavam confinados à Judeia e a Jerusalém. A religião de Jesus de Nazaré era uma fé proscrita e perseguida por todo o Império Romano antes do início da guerra judaica e da revogação da economia judaica. Por conseguinte, diz-se que os remidos na visão, a "multidão vestida de branco", provém de uma grande tribulação: uma expressão que nos dá uma pista para a determinação do tempo e das pessoas aqui referidas. Nosso Senhor, ao prever a época de aflições sem paralelo que precederia a catástrofe de Jerusalém e de Judá, diz: "Então haverá grande tribulação [yliqiv megalh], como nunca foi desde o começo do mundo" etc. (Mt 24:21) Agora, na declaração do episódio: "Estes são os que saíram da grande tribulação", há uma alusão inquestionável às palavras de nosso Senhor. A tradução apropriada, como Alford aponta, é: "Estes são os que saíram da grande tribulação" [ek thv yliqewv thv megalhv], o artigo definido sendo mais enfático e a tribulação claramente em alusão à previsão em Mt. 24:21.

Assim, somos levados, pela orientação da própria palavra de Deus, a uma e mesma conclusão; e é impossível não ficar impressionado com a concordância de tantas linhas diferentes de argumento que levam a um resultado. Somos justificados, portanto, ao concluir que o

episódio do selamento dos servos de Deus representa a segurança e a libertação dos fiéis no tempo terrível de julgamento que, na Parousia, alcançou a cidade e a terra culpadas de Israel.

A TERCEIRA VISÃO (PARTE I)

AS SETE TROMBETAS
(Ap. 8 - Ap. 9 - Ap. 10 - Ap. 11.)

Chegamos agora ao fim da segunda visão, e pode-se supor que a catástrofe pela qual foi concluída é tão completa e exaustiva que não poderia haver espaço para mais desenvolvimentos. Mas não é assim. E aqui temos novamente que chamar a atenção para uma das principais características da estrutura do Apocalipse. Não é uma sequência contínua e progressiva de eventos, mas uma representação continuamente recorrente de substancialmente a mesma história trágica em novas formas e novas fases. O Dr. Wordsworth, quase sozinho entre os intérpretes deste livro, compreendeu essa característica de sua estrutura. Ao mesmo tempo, toda nova visão amplia a esfera de nossa observação e aumenta o interesse pela introdução de novos incidentes e atores.

ABERTURA DO SÉTIMO SELO

Ap. 8:1 "E, havendo aberto o sétimo selo, fez-se silêncio no céu quase por meia hora".

O sétimo selo, estritamente falando, pertence à visão anterior; mas será observado que a catástrofe dessa visão ocorre sob o sexto selo, e que o sétimo se torna simplesmente o elo de conexão entre a segunda visão e a terceira - entre os selos e as trombetas. Isso sem dúvida sugere a estreita relação que existe entre eles. Não podemos conceber os eventos denotados pelas sete trombetas como subsequentes no ponto do tempo aos eventos representados como ocorrendo na

abertura do sexto selo, pois isso envolveria confusão e incongruência inextricáveis. Parece a suposição mais razoável que temos aqui, na visão das sete trombetas, um novo desdobramento dos julgamentos desoladores que estavam prestes a dominar a terra condenada da Judeia. O Dr. Wordsworth observa: "As sete trombetas não diferem em tempo dos sete selos, mas sim sincronize com eles". [298] Duvidamos se esta é a maneira correta de afirmar o sincronismo. Pensamos que toda a visão das trombetas faz parte da catástrofe sob o sexto selo.

AS QUATRO PRIMEIRAS TROMBETAS

Ap. 8:7-12: "E o primeiro anjo tocou a sua trombeta, e houve saraiva e fogo misturado com sangue, e foram lançados na terra" [terra], etc.

A visão se abre com um proem, ou introdução, de acordo com a estrutura usual das visões apocalípticas. O ponto de vista do Vidente ainda é o paraíso, embora a cena em que a principal ação da peça esteja realizada na terra, ou melhor, a terra [da judeia]. Não se pode descuidar em mente que é Israel - Judeia, Jerusalém -, sobre a qual o profeta está olhando. Vaguear pela largura de toda a terra e colocar em questão o tempo todo e todas as nações, não é apenas desconcertar o leitor em um labirinto de perplexidades, mas também perder totalmente o objetivo e o significado do livro. "A desgraça de Israel; ou, os Últimos Dias de Jerusalém", não seria um título inadequado para o Apocalipse. A ação da peça também é compreendida dentro de um espaço muito curto de tempo - pois essas coisas estavam "prestes a acontecer".

Voltando à visão. Após uma terrível pausa na abertura do sétimo selo, significativa do caráter solene e triste dos eventos que estão

[298] Palestra sobre o Apocalipse, p. 129

prestes a ocorrer, sete anjos, ou melhor, os sete anjos que estão diante de Deus, recebem sete trombetas, as quais são comissionadas sucessivamente para soar. Antes de começarem, no entanto, um anjo apresenta a Deus as orações dos santos, junto com a fumaça de muito incenso de um incensário de ouro, no altar de ouro que estava diante do trono. Isto é geralmente considerado como simbólico da aceitabilidade do culto cristão através da intercessão e advocacia do Mediador. Mas observe os efeitos das orações. O anjo pega o incensário que havia perfumado as orações dos santos, enche-o de fogo do altar e lança-o sobre ele a terra: imediatamente vozes, trovões, relâmpagos e terremotos se seguem. Respostas estranhas à oração. Mas se considerarmos essas orações dos santos como os apelos do povo sofredor e perseguido de Deus, a quem vimos representado nas visões anteriores, gritando em voz alta: "Até quando, Senhor, por quanto tempo?" tudo fica claro. O Senhor vingará o sangue de Seus servos; Sua ira está acesa; retribuição rápida está à mão. O incensário que censurou as orações se torna o veículo do julgamento e é lançado sobre a terra, cheio da fúria do Senhor - o fogo do altar diante do trono.

Agora, os sete anjos prepararam-se para tocar, e cada explosão é o sinal para um ato de julgamento. Observe-se que as quatro primeiras trombetas, como as quatro primeiras taças, diferem das três restantes. Eles têm uma certa indefinição, e os símbolos, embora sublimes e terríveis, não parecem suscetíveis a uma verificação histórica específica. Provavelmente eles correspondem àquelas perturbações fenomenais da natureza às quais nosso Senhor alude em Sua profecia no Monte das Oliveiras como precedendo a Parousia: "Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; e sobre a terra [terra] angústia das nações, com perplexidade: o mar e as ondas rugindo". (Lucas 21:25) Estes são os objetos afetados pelas quatro primeiras trombetas, viz. a terra, o mar, o sol, a lua, as estrelas. Sem se esforçar, então, para encontrar uma explicação específica desses presságios, basta considerá-los como os sinais externos e visíveis do desagrado divino manifestado em relação aos impenitentes e incrédulos; sintomas de que o mundo

natural estava agitado e convulsionado por causa da maldade da época; emblemas da deslocação geral e desorganização da sociedade que precederam e anunciaram a catástrofe final do povo judeu.

As três últimas trombetas, no entanto, têm um caráter muito diferente das quatro primeiras. Eles são de fato simbólicos, como os outros, mas os símbolos são menos indefinidos e parecem mais capazes de uma interpretação histórica. Os julgamentos sob as quatro primeiras trombetas são marcados pelo que podemos chamar de caráter artificial; eles afetam a terceira parte de tudo - a terceira parte das árvores, a terceira parte da grama, a terceira parte do mar, a terceira parte dos peixes, a terceira parte dos navios, a terceira parte dos rios, a terceira parte do sol, a terceira parte da lua, a terceira parte das estrelas, a terceira parte do dia, a terceira parte da noite. Seria absurdo exigir uma verificação histórica de tais símbolos. Mas as trombetas restantes parecem entrar mais no domínio da realidade e da história; e, portanto, encontraremos grande luz lançada sobre eles pelas Escrituras e pela história contemporânea. Que é dada uma importância especial a essas últimas trombetas é evidente pelo fato de serem introduzidas por uma nota de aviso:

Ap. 8:13: "E olhei, e ouvi um anjo [águia] voar pelo meio do céu, dizendo com grande voz: Ai! ai! ai! dos que habitam sobre a terra! por causa das outras vozes das trombetas dos três anjos que hão de ainda tocar".

Esta nota introdutória às três trombetas exige algumas observações.

Primeiro, o leitor perceberá que a verdadeira leitura do texto é águia, não anjo. "Ouvi uma águia voando no meio do céu." Este é o símbolo da guerra e da rapina. Há um paralelo impressionante a essa representação em Oseias 8:1: "Coloque a trombeta na boca. Ele virá como uma águia contra a casa do Senhor, porque eles transgrediram a minha aliança". No Apocalipse, a águia vem na mesma missão, anunciando sofrimento, guerra e julgamento.

Em segundo lugar, o leitor observará as pessoas em quem os problemas previstos devem cair - os habitantes da terra. Como em Apocalipse 6:10 , aqui também, ge deve ser tomado em um sentido restrito, como se referindo à terra de Israel. A tradução de ge por planeta terra, em vez de terra, e de aion por mundo, em vez de idade, foram fontes mais frutíferas de erro e confusão na interpretação do Novo Testamento. Com inconsistência singular, nossos tradutores traduziam ge às vezes planeta terra, às vezes apenas terra, em versos quase consecutivos, obscurecendo bastante o sentido. Assim, em Lucas 21:23, eles traduzem ge por terra: "haverá grande angústia na terra (em inglês Land)" [epi thvghv] , sendo compelidos a restringir o significado pela próxima cláusula: "E ira sobre este povo". Mas no versículo seguinte, mas um, onde a mesma frase se repete - afligir epi thv ghv , - eles a traduzem "na terra" (em inglês Earth). Na passagem agora diante de nós, as aflições devem ser entendidas como denunciadas, não sobre os habitantes do globo, mas sobre a terra, isto é, da Judeia.

A QUINTA TROMBETA

Ap. 9:1-12: "E o quinto anjo tocou a sua trombeta, e vi uma estrela que do céu caiu na terra; e foi-lhe dada a chave do poço do abismo. E abriu o poço do abismo, e subiu fumaça do poço, como a fumaça de uma grande fornalha, e com a fumaça do poço escureceu-se o sol e o ar... e foi-lhes dado poder, como o poder que têm os escorpiões da terra... E tinham sobre si rei, o anjo do abismo; em hebreu era o seu nome Abadom, e em grego Apoliom... Passado é já um ai; eis que depois disso vêm ainda dois ais".

Nessa representação simbólica, Alford observa bem: "Existe uma interminável Babel de interpretação alegórica e histórica desses gafanhotos do poço"; mas, ao mesmo tempo que limpa o terreno da

especulação romântica pela qual ela foi sobrecarregada, ele se abstém de colocar algo melhor em seu lugar.

Sem supor ter mais discernimento do que outros expositores, não podemos deixar de sentir que o princípio da interpretação sobre o qual procedemos, e que é tão obviamente estabelecido pelo próprio Apocalipse, oferece uma grande vantagem na busca e descoberta do verdadeiro significado. Com nossa atenção fixada em um único ponto da Terra e absolutamente calada por um espaço muito curto de tempo, é relativamente fácil ler os símbolos e ainda mais satisfatório marcar sua correspondência perfeita com os fatos.

Qualquer que seja a obscuridade que possa haver nessa representação extraordinária, parece bastante claro que ela não pode se referir a nenhum exército humano. Pelo contrário, tudo aponta para o que é infernal e demoníaco. Considerando a origem, a natureza e o líder desse misterioso exército, é impossível considerá-lo sob qualquer outra luz que não seja um símbolo da irrupção de um poder demoníaco maléfico. É exatamente como está representado, o exército do inferno que sobrevoa a terra de Israel, atingida pela maldição.Temos diante de nós uma imagem hedionda de uma realidade histórica, a condição totalmente desmoralizada e, por assim dizer, possuída por demônios da nação judaica, perto do trágico fim de sua história agitada. Temos alguma razão para acreditar que a última geração do povo judeu foi realmente pior do que qualquer dos seus antecessores? É razoável supor que essa degeneração tenha alguma conexão com a influência satânica? Para ambas as perguntas, respondemos: Sim. Temos uma declaração muito notável de nosso Senhor sobre esses dois pontos, os quais, ousamos afirmar, dão a chave para a verdadeira interpretação dos símbolos diante de nós. No décimo segundo capítulo de São Mateus (Mateus 12) Ele compara a nação, ou melhor, a geração então existente, a um homem de quem um espírito imundo havia sido expulso. Houve uma reforma moral temporária realizada na nação pela pregação do segundo Elias e pelos

trabalhos de nosso Senhor. Mas a antiga incredulidade e impenitência inveterada logo retornou, e retornou em sete vezes:

"Quando o espírito imundo sai do homem, ele caminha por lugares secos em busca de descanso, e não encontra. Então ele disse: Voltarei para minha casa de onde saí; e quando ele chega, o encontra vazio, varrido e decorado. Então ele vai, e leva consigo outros sete espíritos mais perversos que ele, e depois entra e habita ali: e o último estado daquele homem é pior que o primeiro. Mesmo assim será para esta geração perversa". (Mateus 12:43-45)

A frase final é cheia de significado. A nação culpada e rebelde, que havia rejeitado e crucificado seu rei, deveria, em seu último estágio de impenitência e obstinação, ser entregue ao domínio irrestrito do mal. O demônio exorcizado finalmente retornou reforçado por uma legião.[299]

Temos evidências abundantes nas páginas de Josefo da verdade dessa representação. Repetidas vezes ele declara que a nação havia se tornado totalmente corrupta e degradada. "Nenhuma geração", diz ele, "já existiu mais prolífico no crime".[300]

"Sou de opinião", diz ele novamente, "que se os romanos tivessem adiado o castigo desses desgraçados, ou a terra teria se aberto e engolido a cidade, ou teria sido varrida por um dilúvio ou teria compartilhado os raios da terra de Sodoma. Pois produziu uma raça muito mais ímpia do que aqueles que foram assim visitados. '- Josephus, bk. v. cap. xiii.

Vejamos agora os símbolos da quinta trombeta à luz dessas

[299] Stier observa: "No período entre a ascensão de Cristo e a destruição de Jerusalém, esta nação se mostra, pode-se dizer, como possuída por sete mil demônios". - Reden Jesu, vol. ii. p. 187

[300] Josefo, Guerras Judaicas, bk. v. cap. x.

observações. Não pode haver dúvida quanto à identidade da "estrela caída do céu, a quem é dada a chave do abismo". Só pode se referir a Satanás, a quem nosso Senhor viu "como raios caem do céu"; (Lucas 10:18) "Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da manhã!" (Is. 14:12) A nuvem de gafanhotos que sai da cova do abismo - gafanhotos comissionados não para destruir a vegetação, mas para atormentar os homens - aponta não obscuramente para espíritos malignos, os emissários de Satanás. O lugar de onde eles procedem, o abismo, é mencionado nos evangelhos como a morada dos demônios. A legião expulsa do endemoninhado de Gadara implorou a nosso Senhor "que ele não lhes ordenasse que fossem ao abismo". (Lucas 8:31) Os gafanhotos da visão são representados como infligindo tormentos graves aos corpos dos homens; e isso está de acordo com as declarações do Novo Testamento que respeitam o efeito físico da possessão demoníaca - "gravemente irritado com o diabo". (Mateus 15:22) Não é preciso causar nenhuma dificuldade que espíritos impuros sejam simbolizados por gafanhotos, visto que eles também são comparados aos sapos, Ap. 16:13. Quanto à aparência extraordinária dos gafanhotos, e seu poder limitado à duração de cinco meses, os melhores críticos concordam que essas características são emprestadas dos hábitos e aparência do gafanhoto natural, cujos estragos, segundo se diz, estão confinados a cinco meses do ano e cuja aparência se assemelha em algum grau a cavalos. (Ver Alford, Stuart, Deut. Wette, Ewald, etc.) É suficiente, no entanto, considerar essas minúcias mais como imagens poéticas do que características simbólicas. Finalmente, o rei deles, "o anjo do abismo", cujo nome é Abaddon, e Apollyon, o Destruidor, não pode ser outro senão "o governante das trevas deste mundo"; "o príncipe do poder do ar"; "o espírito que opera nos filhos da desobediência". O domínio maligno e infernal de Satanás sobre a nação condenada estava agora estabelecido. No entanto, seu tempo foi curto, pois "o príncipe deste mundo" logo seria "expulso". Enquanto isso, seus emissários não tinham poder para ferir os verdadeiros servos de Deus, "mas apenas aqueles homens que não tinham o selo de Deus na testa".

Tal é a invasão desse hospedeiro infernal; todo o inferno, por assim dizer, soltou-se sobre a terra consagrada, transformando Jerusalém em um pandemônio, uma habitação de demônios, o domínio de todo espírito imundo e uma gaiola de todo pássaro imundo e odioso. (Ap. 18:2)[301]

A SEXTA TROMBETA

Ap. 9:13-21: "E tocou o sexto anjo a sua trombeta, e ouvi uma voz que vinha das quatro pontas do altar de ouro, que estava diante de Deus,

A qual dizia ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos, que estão presos junto ao grande rio Eufrates.

E foram soltos os quatro anjos, que estavam preparados para a hora, e dia, e mês, e ano, a fim de matarem a terça parte dos homens.

E o número dos exércitos dos cavaleiros era de duzentos milhões; e ouvi o número deles", etc.

A sexta trombeta é introduzida pelo anúncio: "A primeira angústia já passou, eis que ainda há duas angústias depois dessas coisas;" - indicando que a chegada delas está próxima: elas estão a caminho - "eles estão chegando" [ercetai].

Há uma certa semelhança entre a visão aqui retratada e a anterior. Ambos se referem a uma grande e numerosa hoste solta para punir homens; em ambos, o hospedeiro é diferente de qualquer ser real na rerum natura, e ainda assim, em alguns pontos, ambos parecem estar dentro da região da realidade e suscetíveis, pelo menos em parte, a

[301] Alguns críticos eminentes, Eichhorn, Herder, Heinrichs e outros, consideram esse símbolo de gafanhoto emblemático dos zelotes e sicários, os malfeitores que infestaram a Judeia e Jerusalém nos últimos dias da Comunidade Judaica. É uma conjectura astuta, com uma aparência muito plausível de verossimilhança; mas em plena consideração, será considerado insustentável. Os símbolos requerem um análogo sobrenatural.

uma verificação histórica. O primeiro incidente após o som da sexta trombeta é o comando para "soltar os quatro anjos que estão presos no grande rio Eufrates". Sobre essa passagem, Alford diz: "Toda a imagem aqui tem sido um ponto crucial sobre quem são esses anjos e o que é indicado pela localidade aqui descrita". É nesses casos cruciais, que desafiam a destreza da mão mais astuta para abrir a fechadura, que provamos o poder da nossa chave mestra. Vamos nos fixar primeiro no que parece mais literal na visão: "o grande rio Eufrates". Isso, pelo menos, dificilmente pode ser simbólico. Dizem que há quatro anjos amarrados, não dentro do rio, mas junto ao rio [epi tw potamw]. A soltura desses quatro anjos liberta uma vasta horda de cavaleiros armados, com as características estranhas e não naturais descritas na visão. Qual é o real e o real que podemos coletar dessas imagens altamente elaboradas? Como é que esses cavaleiros vêm da região do Eufrates?[302] Como é que quatro anjos estão presos junto ao grande rio? Agora será lembrado que a invasão de gafanhotos veio do abismo do inferno; esse exército invasor vem do Eufrates. Esse fato serve para desvendar o mistério. O exército invasor que seguiu Tito até o cerco e a captura de Jerusalém foi, na verdade, extraído em grande medida da região do Eufrates. Esse rio formou a fronteira oriental do Império Romano, e sabemos de fato que ele era mantido por quatro legiões, que estavam regularmente estacionadas lá. [303] Essas quatro legiões que concebemos são simbolizadas pelos quatro anjos presos junto ao rio. A "soltura dos anjos" é equivalente à mobilização das legiões, e não podemos deixar de pensar no símbolo como poético, pois é historicamente verdadeiro. Mas, será dito, as legiões romanas não consistiam em cavalaria. Verdade; mas sabemos que, junto com os legionários do Eufrates, chegaram às forças auxiliares da guerra judaica retiradas da mesma região. Antíoco de Commagene, que, como Tácito nos diz, era o mais rico de todos os reis que se submeteram à autoridade de

[302] Josephus, Wars, bk. v. cap. i.
[303] Conybeare e Howson, cap. xxii.

Roma, [304] enviou um contingente para a guerra. Seus domínios estavam no Eufrates. Sohemus, também, outro rei poderoso, cujos territórios estavam na mesma região, enviou uma força para cooperar com o exército romano sob Tito. Agora, as tropas desses reis orientais eram, como seus vizinhos partos, principalmente cavaleiros; e é totalmente consistente com a natureza da representação alegórica ou simbólica que, em um livro como o Apocalipse, essas ferozes hordas estrangeiras de cavaleiros bárbaros deveriam assumir a aparência apresentada na visão. Eles são numerosos, monstruosos, respiram fogo, mortais; e assim, sem dúvida, eles pareciam aos miseráveis "habitantes da terra" que eles foram incumbidos de destruir. A invasão pode ser descrita adequadamente na linguagem análoga do profeta Isaías: "O Senhor dos exércitos reúne o exército da batalha. Eles vêm de um país longínquo, do fim do céu, até o Senhor, e as armas de sua indignação, para destruir toda a terra". (Is. 13:4, 5)

É a favor dessa interpretação que há uma manifestação de congruência na invasão da terra consagrada, primeiro por um hospedeiro demoníaco maligno e depois por um poderoso exército terrestre. Cada fato é confirmado por evidências históricas decisivas. Tira a visão de sua cortina, e há um núcleo sólido de fato substancial. As unidades dramáticas de tempo, lugar e ação também são preservadas, e somos gradualmente conduzidos cada vez mais perto da catástrofe sob a sétima trombeta. Mas isso antecipar.

Uma objeção pode ser levada a essa explicação da visão da sexta trombeta, por causa das hordas do Eufrates sendo comissionadas para destruir os idólatras. Sem dúvida, a idolatria grosseira descrita no versículo vinte não era o pecado nacional de Israel naquele período, embora tivesse sido em épocas anteriores. Mas há muitas razões para acreditar que muitos judeus se conformavam às práticas pagãs tanto nos dias de Herodes, o Grande, quanto seus descendentes. Pensamos,

[304] Tácito, História, bk. ii. sect. 1

no entanto, que na sequência será provado satisfatoriamente que no Apocalipse o pecado da idolatria é imputado àqueles que, embora não sejam culpados do culto literal aos ídolos, eram os inimigos obstinados e impenitentes de Cristo. (Ver exposição do cap. 17, Tópico 175)[305]

Finalmente, a verdadeira tradução de Ap. 9:15 remove uma obscuridade que foi motivo de muita perplexidade e equívoco. Os quatro anjos presos no Eufrates, e soltos pelo anjo da sexta trombeta, são declarados preparados - não por uma hora e um dia, e um mês e um ano, mas para uma hora e um dia, e mês e ano: isto é, destinados pela vontade de Deus para uma obra especial, em um momento específico; e no tempo determinado, foram soltos para cumprir sua missão providencial. "A terceira parte dos homens" não significa que a terceira parte da raça humana, mas a terceira parte dos "habitantes da terra" (Ap. 8:13) em quem as desgraças estão prestes a cair.

A TERCEIRA VISÃO (PARTE II)

EPISÓDIO DO ANJO E DO LIVRO ABERTO

I - Poderíamos esperar que agora a sétima trombeta soasse; mas, como na visão dos sete selos, também aqui a ação é interrompida para a introdução de episódios que oferecem espaço para matéria nova que não entra estritamente na corrente principal da narrativa.

Ap. 10:1-11: "E vi outro anjo forte, que descia do céu, vestido de uma nuvem; e por cima da sua cabeça estava o arco celeste, e o seu rosto era como o sol, e os seus pés como colunas de fogo;

[305] "Que os judeus do período imediatamente anterior à destruição de Jerusalém eram perversos e ímpios, quase além do exemplo, e que essa perversidade e impiedade são caracterizados pelo versículo 20, parece ser uma solução suficiente da linguagem empregada". - Stuart no Apocalipse, in loc.

E tinha na sua mão um livrinho aberto. E pôs o seu pé direito sobre o mar, e o esquerdo sobre a terra;

E clamou com grande voz, como quando ruge um leão; e, havendo clamado, os sete trovões emitiram as suas vozes" etc.

1. É natural que, em primeiro lugar, estejamos dispostos a considerar esse anjo poderoso, que aparece como o interlocutor neste e no episódio seguinte, como um dos "espíritos ministradores" que cumprem as ordens do Altíssimo. Mas uma consideração mais completa exclui essa suposição. Os atributos com os quais esse anjo é investido se parecem muito com os atribuídos a nosso Senhor no primeiro capítulo, que a maioria dos intérpretes concorda na opinião de que não é outro senão o próprio Salvador que se destina aqui. A nuvem de glória com a qual ele está vestido é um símbolo habitual da presença divina; o " arco-íris sobre a cabeça" correspondente ao arco-íris em volta do trono; (Ap 4:3) "o rosto como se fosse o sol"; "os pés como colunas de fogo"; sua 'voz como quando um leão ruge"; tudo isso se assemelha tão exatamente à descrição em Ap. 1:10-16 que dificilmente é possível chegar a qualquer outra conclusão além de que essa é uma manifestação do próprio Senhor.

2. Mas aqui está uma correspondência ainda mais notável entre a aparência e a ação desse "anjo poderoso" e a descrição de São Paulo do arcanjo em 1 Ts. 4:16: "Porque o próprio Senhor descerá do céu com um brado, com a voz do arcanjo e com a trombeta de Deus". Certamente há aqui uma coincidência muito singular.

1- O anjo glorioso do Apocalipse parece, sem dúvida, ser "o próprio Senhor".

2- Dizem que ambos "descem do céu".

3- Em cada caso, ele é representado como descendente com um "grito".

4- Em cada caso, é a voz do "arcanjo".

5- Em cada caso, a aparência do anjo, ou Salvador, está associada a uma trombeta.

6- O tempo também dessa aparição parece ser o mesmo: no Apocalipse, é na véspera do som da última trombeta, quando "o mistério de Deus será consumado"; enquanto na epístola está na véspera da "grande consumação", ou "o dia do Senhor" (1 Ts. 5:2)

3. Pode-se objetar que o título "anjo" ou mesmo "arcanjo" seja incompatível com a suprema dignidade do Filho de Deus. Mas não há dúvida de que o nome anjo é dado no Antigo Testamento ao Messias, Is. 63:9 , Ml. 3:1. O nome arcanjo é equivalente a "príncipe dos anjos", a própria frase pela qual a versão siríaca traduz a palavra em 1 Ts. 4:16; de fato, seria mais razoável opor-se ao título de "arcanjo" sendo dado a alguém que não seja uma pessoa divina. Está em harmonia com outros nomes confessadamente pertencentes a Cristo, como Arch, Íris,Archgov, Arciereuv, Arcipoimhn para que haja uma forte presunção de que o título Arcaggelov também pertence a Cristo.

4. Hengstenberg sustenta, e com muita probabilidade, que existe apenas um arcanjo e que ele possui uma natureza divina. Este arcanjo é chamado "Miguel" em Judas 1:9 ; mas no livro de Daniel Miguel é expressamente identificado com o Messias. (Dn. 12:1) Portanto, arcanjo é um título adequado de Cristo.[306]

5. É digno de nota que São Paulo fala, não da voz de um arcanjo, mas o arcanjo, como se ele estivesse se referindo ao que era bem conhecido e familiar para as pessoas a quem ele estava escrevendo. Mas onde nas Escrituras encontramos alguma alusão à "voz do

[306] Hengstenberg, Christology, vol. iv. pp. 300-305.

arcanjo e à trombeta de Deus"? Em nenhum lugar, exceto nesta passagem do Apocalipse. Inferimos que o Apocalipse era conhecido pelos tessalonicenses e que São Paulo aludia a essa mesma descrição.

6. Novamente, nas Epístolas aos Tessalonicenses, a voz do arcanjo é representada como despertando os santos adormecidos. Mas de quem é a voz que chama os mortos de suas sepulturas? A voz do Filho de Deus. "Está chegando a hora em que os que estão nas sepulturas ouvirão a sua voz e sairão". (João 5: 25-29) A voz do arcanjo, portanto, é a voz do Filho de Deus. Também será observado que o som da sétima trombeta é considerado "o tempo dos mortos, para que eles sejam julgados". (Ap. 11:18)

7. Por último, que o poderoso anjo de Apocalipse 10:1 é uma pessoa divina, e nenhum outro senão o Senhor Jesus Cristo, parece decididamente provado por Apocalipse 11:3: "Eu lhe dará poder para as minhas duas testemunhas", etc., onde o orador é evidentemente uma pessoa divina, e o mesmo "anjo poderoso" que o profeta viu descer do céu.

Concluímos, portanto, que o "anjo poderoso" do Apocalipse é idêntico ao "arcanjo" de 1 Tessalonicenses (1 Ts. 4:16) e não é outro senão "o próprio Senhor".

II - Chegamos a seguir para considerar a pronunciação do poderoso anjo.

A princípio, podemos supor que o que o anjo proferiu foi mantido em segredo. Dizem-nos que em seu grito sete trovões pronunciaram suas vozes; mas quando o Vidente começou a escrever seu significado, ele foi proibido de fazer: "Sele as coisas que os sete trovões proferiram, e não as escreva" (Ap 10:4).

O profeta, no entanto, continua registrando o que o anjo fez e disse. De pé, com o pé direito no mar e o pé esquerdo em terra, ele

levanta a mão para o céu e jura por Ele que vive para todo o sempre que não haverá mais tempo ou descanso. Ou seja, "Chegou o fim; o sofrimento de Deus não pode mais esperar; o dia da graça está prestes a terminar; e não haverá mais trégua".

Que este é o significado da declaração é evidente pelo que se segue, Ap. 10:7:

"Mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando tocar a sua trombeta, se cumprirá o segredo de Deus, como anunciou aos profetas, seus servos".

Em outras palavras, a sétima e última trombeta, que está prestes a soar, trará a grande consumação prevista. Essa conexão íntima entre a aparência do arcanjo e o som da sétima trombeta (que introduz a consumação) é altamente sugestiva e confirma fortemente tudo o que foi avançado em relação à correspondência entre a cena diante de nós e a descrição de 1 Ts. 4:16.

Mas este sétimo versículo também confirma de uma maneira única e muito satisfatória os pontos de vista que já foram expressos sobre o que foi erroneamente chamado de "a pregação do evangelho aos mortos" (1 Pe. 4:6). O leitor lembrará que, na passagem mencionada, a expressão usada é "nekroiz euhggelisqh" (literalmente evangelizada aos mortos, isto é, um anúncio reconfortante foi feito aos mortos).

Na passagem diante de nós (cap. 10:7), descobrimos a fonte original dessa expressão peculiar "evangelizar" [enhggelisen] e, examinando mais de perto, encontramos uma alusão clara e distinta àquela mesma comunicação feita para os mortos, aos quais Pedro se refere. O anjo da visão jura:

"não haverá demora, mas nos dias da voz do sétimo anjo, quando ele começar a tocar a trombeta, o mistério de Deus será consumado, como ele anunciou aos seus servos, os profetas".

Em outras palavras, "como ele anunciou em um anúncio consolador aos seus servos, os profetas".

Aqui a questão surge sozinha: quando foi feito esse anúncio reconfortante? Alford responde a essa pergunta corretamente. Em sua nota sobre este versículo, ele diz:

"esse tempo não deve demorar, ou seja, não deve mais intervir; em alusão à resposta dada ao clamor das almas dos mártires, Ap. 6:11 , kai erreyh autoiv ina anapauswntai eti cronon mikron. Toda essa série de julgamentos de trombeta tem sido uma resposta às orações dos santos, e agora a vingança está prestes a receber todo o seu cumprimento; cronov ouketi estai: o atraso designado está no fim. Que esse é o significado é mostrado por todos os en taiv hmeraiv etc., que se segue.[307]

Em seguida, a quem foi feito esse anúncio reconfortante? A resposta é: "para seus servos, os profetas". Isso se refere claramente aos que, em Ap 6:9 , são representados como "as almas dos que foram mortos pela palavra de Deus e pelo testemunho que prestavam". Pois qual é a função de um profeta? Não é declarar a palavra do Senhor, e prestar testemunho da verdade? No Ap. 6 eles são descritos como "tendo sido mortos", o destino que Jesus predisse para Seus servos. Portanto, eis que vos envio profetas; e alguns deles matareis e crucificaremos. (Mateus 23:34) Jerusalém era notoriamente assassina de profetas. "Jerusalém, Jerusalém, você mata os profetas!"(Mateus 23:37). "Não é possível para que um profeta morra fora de Jerusalém" (Lucas 13:33). Era o sangue desses mártires que era exigido dessa "geração", e agora chegara a hora.

Por fim, observe o período indicado neste anúncio reconfortante [euaggelion]. É "nos dias da voz do sétimo anjo que o mistério de

[307] Testamento grego, in loc.

Deus será consumado". Veja Apocalipse 11:18 , que descreve o resultado do som da sétima trombeta, e o que encontramos? É declarado ali: "Chegou a tua ira, e a hora dos mortos, para que sejam julgados e que recompensas os profetas por teus servos". Quão perfeitamente isso coincide com as afirmações em 1 Pedro 4:6, e quão obviamente eles se referem ao mesmo período e ao mesmo evento, dificilmente precisa ser destacado. Aumenta a probabilidade da certeza e demonstra a verdade da explicação já dada, por uma correspondência sutil e recôndita que suportará a inspeção mais minuciosa e crítica.

III - O livro aberto na mão do anjo (Ap 10:8-11). O poderoso anjo é representado como segurando na mão um livrinho aberto. De seu conteúdo, não somos informados, mas somos grandemente auxiliados na interpretação do símbolo pela correspondência manifesta entre a cena no Apocalipse e a descrita em Ez. 2 e Ez. . De fato, eles parecem homólogos um do outro. O livro de Ezequiel corresponde ao "livrinho". Na profecia, é "o Senhor" quem segura na mão o rolo e o entrega ao profeta; uma confirmação adicional do argumento de que é o Senhor que, em Apocalipse, segura o livrinho na mão. Tanto na profecia quanto no Apocalipse, o livro ou rolo está aberto. Em ambos, o rolo ou livro é comido pelos profetas; em ambos está na boca "doce como mel". Somente o Apocalipse afirma que depois foi amargo ao ventre; mas podemos inferir que a mesma característica se aplica igualmente ao pergaminho de Ezequiel. Todas essas correspondências notáveis provam suficientemente que a cena na profecia de Ezequiel é o protótipo da visão no Apocalipse. Mas o principal ponto a ser notado é o do livrinho, e isso podemos determinar por seu paralelo na profecia. O rolo que Ezequiel viu "foi escrito por dentro e por fora; e nele havia lamentações, lamentações e aflições". (Ezequiel 2:10) Deduzimos, então, que em ambos o conteúdo era amargo, porque João, como Ezequiel, era o mensageiro de desgraças que viria para Israel, e essa mesma visão pertence às trombetas de desgraças que tocaram o sinal do julgamento.

A MEDIÇÃO DO TEMPLO

Ap. 11:1, 2: "E foi-me dada uma cana semelhante a uma vara; e chegou o anjo, e disse: Levanta-te, e mede o templo de Deus, e o altar, e os que nele adoram.

E deixa o átrio que está fora do templo, e não o meças; porque foi dado às nações, e pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses".

Se alguma coisa quisesse provar que nessas visões apocalípticas estamos lidando com a história contemporânea, com fatos e coisas existentes nos dias de São João, isso seria suprido pela passagem diante de nós. Aqui temos evidências distintas e decisivas em relação ao tempo e ao local. A visão fala da cidade e do templo de Jerusalém; a cidade literal e o templo literal. Eles estavam, portanto, existindo quando o Apocalipse foi escrito, pois a visão diante de nós prediz sua destruição.

O que pode ser mais forçado e antinatural, o que é mais crítico e infundado do que interpretar uma afirmação como essa como simbólica da Reforma Protestante e da Igreja de Roma? Tais interpretações são de fato uma prova humilhante da extravagância e credulidade de alguns homens bons; mas eles causam danos incalculáveis, dando um exemplo de manipulação precipitada da Palavra de Deus e transmitindo as especulações fantásticas dos homens para as verdadeiras palavras de Deus. Não temos o direito de supor que algo mais ou além seja pretendido aqui do que a cidade literal de Jerusalém e o templo literal de Deus.

O interlocutor nessa visão ainda é o mesmo "anjo poderoso" cuja identidade com "o arcanjo", "o próprio Senhor", tentamos estabelecer. O Vidente recebe uma vara ou bastão de medição e é ordenado a medir o templo de Deus, o altar e os adoradores. Nós naturalmente voltamos à cena em Ez. 40 onde o profeta vê um anjo com uma linha de linho e uma palheta medindo

as dimensões do templo que estava para ser construído. Mas é claro que, nessa visão apocalíptica, não é a construção que se pretende com o símbolo, mas a demolição e a destruição.

É importante sempre ter em mente que toda a ação do Apocalipse está se apressando em uma grande catástrofe, agora não muito distante. Israel e Jerusalém nunca estão por um momento fora de vista. Duas trombetas [das três últimas] já soaram a desgraça da nação apóstata, e a consumação final aguarda apenas a explosão da terceira. O arcanjo já declarou que "não haverá mais demora", e o Vidente provou a amargura da "difamação"- o livrinho que contém a acusação e a punição daquela geração perversa.

Em tais circunstâncias, nada além da destruição iminente pode ser o tema. Que a vara ou linha de medição seja empregada nas Escrituras como um emblema de destruição é indiscutível, mais frequentemente do que de construção. Algumas instâncias devem ser suficientes. Em Lamentações 2:7, 8, encontramos uma passagem que pode muito bem ser a interpretação desta visão apocalíptica: "O Senhor rejeitou o seu altar; ele abominou o seu santuário; entregou nas mãos do inimigo as paredes dos seus palácios. O Senhor pretendeu destruir o muro da filha de Sião: estendeu uma linha; ele não retirou a mão da destruição". Novamente, na profecia de Isaías a respeito da destruição de Babilônia (Isaías 34:11) lemos: "O cormorão e a amargura o possuirão; e ele estenderá sobre ela a linha da confusão e as pedras do vazio". O profeta Amós também usa o mesmo emblema: (Amós 7:6-9) "Assim ele me mostrou: e eis que o Senhor estava junto a um muro feito por um prumo, com um prumo na mão. E o Senhor me disse: Amós, o que vês? E eu disse: Um prumo. Então disse o Senhor: Eis que porei um prumo no meio do meu povo Israel; não voltarei a passar por eles; e os altos de Isaque serão desolados, e os santuários de Israel serão assolados". etc. Outro passagem muito sugestivo ocorre em 2 Reis 21:12, 13 "Eis que estou trazendo sobre Jerusalém e Judá tanto mal que, se alguém ouvir sobre isso, seus ouvidos estremecerão. E estenderei sobre Jerusalém a linha

de Samaria e o prumo da casa de Acabe". (Veja também Sl. 60:6 ; Is. 28:17)

Mas não é apenas a corda ou o bastão de medição usado como símbolo da destruição de lugares, mas também o que é mais exclusivo das pessoas. Há uma passagem curiosa em 2 Samuel 8:2 que ilustra esse fato: E Davi "também derrotou os de Moabe, e os mediu com barbante, colocando-os no chão; e mediu duas cordas para fazê-las morrer e uma corda inteira para preservá-las a vida". Há alguma obscuridade na passagem, mas o significado parece ser que os cativos sendo ordenados a se deitar, uma certa porção foi medida, igual a dois terços do total, que foram condenados à morte, enquanto o terço restante foi poupado.[308] Isso explica o que de outra forma seria quase ininteligível: por que tanto os adoradores quanto o templo e o altar são medidos na visão. Pensamos ser claro, então, que a ordem de medir "o templo, o altar e aqueles que nele adoram" é significativa da destruição iminente que estava prestes a dominar os lugares mais sagrados do Judaísmo e as próprias pessoas infelizes.

Deve-se notar que uma parte dos arredores do templo, "o pátio fora do templo" é excluída da medição, e que, por essa razão, é designada - "foi dada aos gentios". A passagem diz assim: "E deixa o átrio que está fora do templo, e não o meças", etc. Há alguma escuridão nesta declaração. Sabemos que havia uma parte dos arredores do templo chamada "a corte dos gentios", mas dificilmente pode ser a aludida aqui, pois seria estranho dizer que o pátio dos gentios seria dado aos gentios. Também é evidente que esse abandono da quadra externa para os gentios é considerado um tanto sacrílego, algo associado à declaração: "E eles pisarão a cidade santa por quarenta e dois meses". O motivo, portanto, da isenção da quadra externa da medição pode ser provavelmente o fato de o local já ter sido profanado; foi, portanto, "deixado de fora", rejeitado,

[308] Ver nota na Bíblia pictórica, in loc.

como não sendo mais um lugar sagrado; era profano e impuro, estando nas mãos e até debaixo dos pés dos gentios.

Existe algo na história dos últimos dias de Jerusalém que responda a esses fatos? Porque esse é o verdadeiro problema que temos que resolver. Aqui, o historiador judeu lança uma luz vívida sobre todo o cenário descrito na visão. Josefo nos conta como, quando a guerra judaica estourou, o templo se tornou uma cidadela e fortaleza para os insurgentes; como as diferentes facções lutaram pela posse dessa posição vantajosa; e como Juan, um dos chefes rebeldes, defendeu o templo com seu grupo de bandidos chamados zelotes, enquanto Simón, outro líder e rival, ocupava a cidade. Josefo nos conta como a força idumeana, que pode ser corretamente descrita como pertencente aos gentios, entrou na cidade protegida pela escuridão da noite, durante uma distração causada por uma tempestade aterradora, e foi admitido pelos zelotes, seus confederados, nos recintos sagrados do templo. Ao longo do período de cerco, ao que parece, as cortes da cidade e do templo estavam de posse desses homens selvagens e sem lei de Edom, que carregavam consigo a presa e o derramamento de sangue para onde quer que fossem. Foram eles que assassinaram vilmente Ananias e Josué, dois dos sumos sacerdotes mais eminentes e veneráveis, um crime ao qual Josefo atribui a captura subsequente de Jerusalém e o colapso da comunidade judaica. (Ver Josephus de Traill, bk. Iv. Cap. V. Sec. 2)[309]

Não temos aqui todas as condições do problema totalmente satisfeitas? A invasão violenta e sacrílega do templo pelos zelotes e idumeanos, e a magistral ocupação da cidade por esses bandidos, que a pisaram durante o período do cerco, nos parece precisamente

[309] É notável que as palavras do sumo sacerdote Josué, em seu discurso aos idumeanos, conforme relatado por Josefo, correspondem quase exatamente à linguagem de nosso Senhor em Lucas 21:24: "Esse lugar, reverenciado pelo mundo e homenageado até os confins da terra por alienígenas, a quem é conhecido apenas por relatos, é pisoteado por animais selvagens, gerados no local".- Josephus de Traill, Guerra Judaica, bk. iv. cap. iv. sect. 3.

atender aos requisitos da descrição. Certamente não se dirá que os idumeus não eram gentios? É importante observar que esta frase os gentios, ou as nações [ta eynh],[310] que ocorrem com tanta frequência no Novo Testamento, geralmente se refere aos vizinhos imediatos dos judeus, muitos deles morando com eles ou ao lado deles, em a terra da Palestina. Samaria era uma etnia. Idumea, Batanaea, Galiléia, Tyrians e Sidonians; e a frase "todas as nações" ou "todos os gentios" é frequentemente empregada neste sentido limitado como se referindo às nacionalidades palestinas. Quando nosso Senhor enviou os doze em sua primeira excursão missionária, e os ordenou que não seguissem o caminho dos gentios, nem entrassem em nenhuma cidade dos samaritanos, mas antes as ovelhas perdidas da casa de Israel, Ele não quis dizer com os gentios os gregos e romanos, os egípcios e os persas, mas os gentios do lar, como podemos chamá-los, que os discípulos poderiam encontrar sem ultrapassar os limites da Palestina. Às vezes, corremos o risco de sermos enganados pela aplicação de nossas modernas idéias geográficas e etnológicas ao pensamento e à fala do tempo de nosso Senhor. As idéias dos judeus eram mais provinciais do que ecumênicas: seu mundo era a Palestina, e para eles "as nações" ou "os gentios", muitas vezes significava não mais que seus vizinhos mais próximos, habitando nas fronteiras e, às vezes, dentro das fronteiras, de sua própria terra.

A passagem que estamos considerando agora lança luz também sobre a previsão de nosso Senhor em Lucas 21:24: "E Jerusalém será pisada pelos gentios, até que os tempos dos gentios sejam cumpridos". Nosso Senhor, deve-se observar, está aqui falando do cerco e captura de Jerusalém, o próprio tema da visão apocalíptica.

[310] Stuart afirma que a frase gentios, ou etnos, é usada em sentido moral, para descrever homens maus e abandonados de Israel. "Não é raro, diz ele, chamar os israelitas de wn e owg, às vezes em um sentido bom, principalmente em um sentido ruim; pois eles são chamados pagãos (como entre nós) quando agem como pagãos. Veja e compare nos dois aspectos Gênesis 35:11; Gênesis 12; Sl. 33:12; Is. 1:4, 9:2, 26:2, 49:7".- Comentário sobre o Apocalipse, cap. 11:16-18.

Não se pode questionar que a referência de nosso Senhor a Jerusalém sendo pisada pelos gentios tenha significado idêntico ao idioma da visão: "A cidade santa eles [os gentios] pisarão ao pé". Ambas as passagens devem se referir ao mesmo ato e ao mesmo tempo: tudo o que se quer dizer com uma é entendido pela outra. Visto que, então, a alusão no Apocalipse é à ocupação violenta e sacrílega de Jerusalém e do templo pelas hordas de zelotes e edomitas, concluímos que nosso Senhor, em Sua previsão, alude ao mesmo fato histórico.

Mas, se sim, o que devemos entender pelos "tempos dos gentios" na previsão de nosso Salvador? Geralmente, supõe-se que essa expressão se refira a algum período místico de duração desconhecida, estendendo-se, por séculos e eras, e ainda rolando em seu curso incompleto. Mas se essa interpretação não natural das palavras deve ser aplicada às Escrituras, é difícil ver que utilidade existe na especificação de quaisquer períodos de tempo. Certamente, é muito mais respeitoso com a Palavra de Deus entender sua linguagem como tendo algum significado definido. O que, então, se "quarenta e dois meses" realmente significasse isso e nada mais? Os tempos dos gentios só podem significar o tempo durante o qual Jerusalém está em sua ocupação. Esse tempo é claramente especificado no Apocalipse como quarenta e dois meses. Agora, este é um período mencionado repetidamente neste livro sob diferentes designações. São os "mil duzentos e sessenta dias" do versículo seguinte, e o "tempo, tempos e meio tempo" de Ap 12:14, ou seja, três anos e meio. Agora, é evidente que esse espaço de tempo na história das nações seria um ponto insignificante; mas para uma multidão tumultuada e sem lei dominar uma grande cidade por esse período seria algo portentoso e terrível. A ocupação dessa cidade por uma multidão armada provavelmente não continuará ao longo de séculos e séculos: é um estado anormal de coisas que deve terminar rapidamente. Agora, foi exatamente isso que aconteceu nos últimos dias de Jerusalém. Durante os três anos e meio que representam com precisão suficiente a duração da guerra judaica, Jerusalém estava realmente nas mãos e sob os pés de uma horda de rufiões, que seu

compatriota descreve como "escravos, e os próprios resíduos de sociedade, os monstros espúrios e contaminados da nação". Pode-se dizer que a última luta fatal começou quando Vespasiano foi enviado por Nero, à frente de sessenta mil homens, para derrubar a rebelião. Isso foi no início do ano 67 dC, e em agosto de 70 dC, a cidade e o templo eram uma pilha de cinzas fumegantes.

Dificilmente é possível conceber uma correspondência mais completa e impressionante entre profecia e história do que isso, que não precisa de manipulação hábil nem interpretação não natural, mas a simples observação de fatos registrados nos anais da época.[311]

As seguintes observações do professor Moses Stuart sobre essa passagem são mais importantes:

"A paciência de Deus em adiar por tanto tempo a destruição dos perseguidores é demonstrada nisso, e especialmente em sua misericórdia, em continuar a adverti-los e censurá-los. Esse é um método de interpretação natural, simples e fácil, para dizer o mínimo, um método que me sinto obrigado a adotar, embora não seja difícil levantar objeções contra ele".

[311] É gratificante encontrar um crítico tão eminente como Meyer, em seus comentários sobre Lucas 21:24, adotando substancialmente a interpretação dada acima. Não vimos o original, mas apenas a referência no Testamento Grego de Alford, in loc. O último fica chocado com a interpretação de Meyer: "Meyer sustenta que tudo isso (Lucas 21:24-28) deveria ser consumado durante a vida dos ouvintes, por causa do anakuqate, Lucas 21:28. Que opiniões dos discursos de nosso Senhor esse expositor deve ter!" Deveríamos dizer, o mais razoável, acadêmico e bíblico. Ele leva nosso Senhor a dizer o que diz e interpreta Sua língua de acordo com a boa gramática e bom senso. O próprio Alford, em seus comentários sobre Kairoi Eynwn[os tempos dos gentios], não interpreta, mas profetiza. Comentário de Stuart sobre o Apocalipse, in loc.

EPISÓDIO DAS DUAS TESTEMUNHAS

Ap. 11:3-13: "E darei poder às minhas duas testemunhas, e profetizarão por mil duzentos e sessenta dias, vestidas de saco. Estas são as duas oliveiras e os dois castiçais que estão diante do Deus da terra.

E, se alguém lhes quiser fazer mal, fogo sairá da sua boca, e devorará os seus inimigos; e, se alguém lhes quiser fazer mal, importa que assim seja morto.

Estes têm poder para fechar o céu, para que não chova, nos dias da sua profecia; e têm poder sobre as águas para convertê-las em sangue, e para ferir a terra com toda a sorte de pragas, todas quantas vezes quiserem.

E, quando acabarem o seu testemunho, a besta que sobe do abismo lhes fará guerra, e os vencerá, e os matará.

E jazerão os seus corpos mortos na praça da grande cidade que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde o nosso Senhor também foi crucificado.

E homens de vários povos, e tribos, e línguas, e nações verão seus corpos mortos por três dias e meio, e não permitirão que os seus corpos mortos sejam postos em sepulcros.

E os que habitam na terra se regozijarão sobre eles, e se alegrarão, e mandarão presentes uns aos outros; porquanto estes dois profetas tinham atormentado os que habitam sobre a terra.

E depois daqueles três dias e meio o espírito de vida, vindo de Deus, entrou neles; e puseram-se sobre seus pés, e caiu grande temor sobre os que os viram.

E ouviram uma grande voz do céu, que lhes dizia: Subi para aqui. E subiram ao céu em uma nuvem; e os seus inimigos os viram.

E naquela mesma hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade, e no terremoto foram mortos sete mil homens; e os demais ficaram muito atemorizados, e deram glória ao Deus do céu".

Iniciamos agora a investigação de um dos problemas mais difíceis contidos nas Escrituras, e um que tenha exercido, podemos até dizer perplexo, a pesquisa e engenhosidade de críticos e comentaristas até a presente hora. Quem são as duas testemunhas? São pessoas míticas ou históricas? Eles são símbolos ou realidades reais? Eles representam princípios ou indivíduos? As conjecturas, pois nada mais são, que foram propostas sobre esse assunto, constituem um dos capítulos mais curiosos da história da interpretação bíblica. Tão completa é a perplexidade e tão insatisfatória a explicação, que muitos consideram o problema insolúvel ou concluem que as testemunhas nunca apareceram, mas pertencem ao futuro desconhecido.

É um dos testes de uma verdadeira teoria da interpretação que deve ser uma boa hipótese de trabalho. Quando a chave direita do Apocalipse for encontrada, ela abrirá todos os cadeados. Se essa visão profética é, como acreditamos ser, a reprodução e expansão da profecia no Monte das Oliveiras; e se procurarmos o dramatis personae que aparece em suas cenas dentro dos limites do período em que essa profecia se estende, a área de investigação se torna muito restrita e as probabilidades de descoberta aumentam proporcionalmente. No inquérito a respeito da identidade das duas testemunhas, ficamos calados quase a um ponto do tempo. Alguns dos dados são precisos o suficiente. Veremos que o períodoA profecia deles é antecedente ao som da sétima trombeta, isto é, pouco antes da catástrofe de Jerusalém. A cena de profetizar também não é obscuramente indicada: é "a grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado". Não obstante as objeções de Alford, que parecem realmente não ter peso, não há dúvida razoável de que Jerusalém é o local pretendido, de acordo com o consentimento geral de quase todos os comentaristas e os requisitos óbvios da passagem. A pergunta então é: Quais são as duas pessoas que vivem nos últimos dias da comunidade judaica e na cidade de Jerusalém para responder à descrição das duas testemunhas, conforme apresentado na visão?

Essa descrição é tão acentuada e minuciosa que sua identificação não deve ser difícil. Existem sete características principais:

1. Eles são testemunhas de Cristo.
2. Eles são dois em número.
3. Eles estão imbuídos de poderes milagrosos.
4. Eles são representados simbolicamente pelas duas oliveiras e os dois castiçais vistos na visão de Zacarias. (Zc. 4).
5. Eles profetizam usando pano de saco, ou seja, sua mensagem é de aflição.
6. Sofrem morte violenta na cidade e seus corpos são tratados com ignomínia.
7. Após três dias e meio, eles ressuscitam dos mortos e são levados para o céu.

Antes de prosseguir na investigação, pode ser bom observar as seguintes observações do Dr. Alford sobre o assunto, com as quais concordamos cordialmente:

"As duas testemunhas, etc. Nenhuma solução foi dada a essa parte da profecia. Ou as duas testemunhas são literais - dois homens individuais - ou são simbólicos - dois indivíduos tomados como concentração de princípios e características, e isso em si mesmos ou como representando homens que incorporaram esses princípios e características. O artigo a seguir parece como se as duas testemunhas fossem bem conhecidas e distintas em sua individualidade. O dusin é essencial à profecia e não deve ser explicado. Nenhuma interpretação pode estar certa, o que não retém, nem em indivíduos, ou em linhas características de testemunho, esse dualismo".

Sobre a declaração "vestida de saco" (em sinal da necessidade de arrependimento e de julgamento aproximado), Alford diz:

"Esta parte da descrição profética certamente favorece fortemente a interpretação individual. Pois, primeiro, é difícil conceber como

corpos inteiros de homens e igrejas podem ser descritos; e, segundo, os principais intérpretes de símbolos deixaram de fora esse detalhe importante ou passaram bem acima dele. Não se vê como se pode dizer que os corpos de homens que viveram como outros homens (sendo vítimas de perseguição em outro assunto) profetizaram vestidos de pano de saco".

Novamente, no quinto verso:

"Toda essa descrição é extremamente difícil de aplicar à interpretação alegórica; como seria de esperar, os alegoristas param, extremamente perplexos. O anúncio duplo aqui parece colocar o selo no sentido literal, e o ei tiz e dei autun apoktankhnai são decisivos contra qualquer mera aplicação nacional das palavras. A individualidade não poderia ter sido mais vigorosamente indicada".

E, novamente, sobre os poderes milagrosos atribuídos às testemunhas:

"Tudo isso aponta para o espírito e poder de Moisés, combinado com o de Elias. E sem dúvida, é nessas duas direções que temos que procurar as duas testemunhas, ou fileiras de testemunhas. Uma personifica a lei, a outra os profetas. Aquele nos lembra o profeta a quem Deus levantaria como Moisés, o outro de Elias, o profeta, que viria antes do grande e terrível dia do Senhor".[312]

Concordando completamente com essas observações, que expressam o problema de maneira justa e deixam de lado qualquer interpretação alegórica como incompatível com os requisitos claros do caso, passamos agora a procurar as duas testemunhas de Cristo, que testemunharam por seu Senhor e selaram o testemunho com seu sangue, em Jerusalém, nos últimos dias da comunidade judaica, e não

[312] Ver Testamento Grego, in loc.

hesitamos em nomear São Tiago e São Pedro como as pessoas indicadas.

1. São Tiago

Sabemos, de fato e de história, que nos últimos dias de Jerusalém havia vivido naquela cidade um professor cristão eminente por sua santidade, uma fiel testemunha de Cristo, dotado de dons de profecia e milagres, que profetizavam de saco, e quem selou seu testemunho com seu sangue, sendo assassinado nas ruas de Jerusalém no final dos dias da comunidade judaica. Este foi "Tiago, servo de Deus e do Senhor Jesus Cristo".[313]

[313] Temos dois relatos da morte de São Tiago - um dado por Josefo e outro por Hegesipo, escritor cristão do segundo século. O aviso de Josefo é o seguinte: - "Ananus [o sumo sacerdote], julgando ter encontrado uma oportunidade adequada, em conseqüência da morte de Festo, ainda que Aladin (seu sucessor) ainda estivesse a caminho, convocou uma assembléia de juízes; e levando diante deles o irmão de Jesus que se chamava Cristo, Tiago pelo nome, e alguns outros, acusou-os como violadores da lei e os entregou para serem apedrejados até a morte". - Antiguidades, xx. 9, 1. Damos a narrativa de Hegesipo dos Prolegômenos de Alford à Epístola de Tiago (Testamento Grego, vol. Iv. Pp. 97, 98): - "Maiores detalhes de sua morte nos são dados por Hegesipo, por Eusébio ii.23), mas eles não parecem concordar com o relato acima em Josefo. Segundo Hegesipo, cuja narrativa é cheia de expressões estranhas e saboreia em grande parte o fabuloso, algumas das sete seitas do povo perguntaram a Tiago: "Qual é a porta de Jesus?" E, pregando a eles Jesus como o Cristo, muitos deles creram Nele, e muitos dos governantes também acreditavam, houve um tumulto dos judeus e dos escribas e fariseus, dizendo que todo o povo estava em perigo esperando [a vinda de] Jesus, o Cristo. Sobre isso, convidaram Tiago a impedir que as pessoas fossem enganadas, permanecendo na ala do templo na Páscoa, para que ele pudesse ser visto e ouvido por todos. Mas, a história prossegue, quando ele foi colocado lá, e apelou "por eles para enganar o povo, ele respondeu em voz alta: Por que você me pergunta sobre Jesus, o Filho do homem? pois Ele está sentado no céu à direita do Poder Todo-Poderoso, e logo virá nas nuvens do céu". Sobre isso, muitos foram confirmados em sua crença, e glorificaram a Deus por seu testemunho e clamaram Hosana ao Filho de Davi. Onde os escribas e fariseus disseram um ao outro: Fizemos mal ao prestar esse testemunho a Jesus; mas subamos e o jogemos no chão, para que possam ser impedidos pelo medo de crer nele. Então eles gritaram, dizendo: Oh! ah! o

Vamos ver como esse nome atende aos requisitos do problema. É impossível conceber uma representação mais adequada dos antigos profetas e da lei de Moisés do que o apóstolo Tiago. Que ele era uma testemunha fiel de Cristo em Jerusalém é inquestionável. Sua residência habitual, se não sua residência fixa, estava lá: sua relação com a igreja de Jerusalém torna isso quase certo. Nenhum homem

---

único enlouqueceu. Então eles subiram, e o jogaram no chão, e disseram um ao outro: Apedrejemos Tiago, o justo. E começaram a apedrejá-lo, já que ele não foi morto pela queda, mas, virando-se, ajoelhou-se, dizendo: Peço-te, ó Senhor Deus Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem. E enquanto eles estavam apedrejando-o, um sacerdote, um dos filhos de Recabe, clamou: O que fazeis? O justo está orando por você! E um certo homem entre eles, agarrando o martelo, com o qual as roupas são pressionadas, derrubou-o na cabeça do Justo: e assim ele sofreu o martírio. E eles o enterraram no local; e seu monumento ainda está de pé perto do templo". Esta última frase parece totalmente inexplicável, considerando que muito antes de ser escrita, a cidade e o templo foram destruídos. E, mais ainda, como Hegesipo passa a dizer que imediatamente após o martírio de São Tiago, Vespasiano formou o cerco da cidade. Ele acrescenta: "Tão maravilhoso homem era Tiago, e tão louvado por sua justiça acima de todos os outros, que homens sensatos, mesmo entre os próprios judeus, consideraram que essa era a causa do cerco de Jerusalém, que ocorreu imediatamente após seu martírio e que nada lhes foi trazido senão por causa do crime cometido contra ele. E ele cita Josefo: "Essas coisas aconteceram com os judeus para vingar Tiago, o justo, que era o irmão de Jesus chamado Cristo, na medida em que os judeus mataram aquele homem mais justo"; mas nenhuma passagem é encontrada agora em Josefo. No geral, somos inclinados a pensar que a história de Hegesipo não é fabulosa nem incrível. Pode haver pequenas imprecisões, como a declaração sobre o pilar ou monumento do mártir; mas tem um ar de veracidade e circunstancialidade que o recomenda a respeitar. A expressão sobre "a porta de Jesus", que causou tanta perplexidade, é, arriscamo-nos a pensar, suscetível de uma explicação fácil. Na sua epístola, São Tiago escreveu: "Eis que o juiz está às porta". Os judeus, talvez com escárnio, exigiram: "Qual é a porta de Jesus? e, de que maneira Ele entrará?" Isso deu ao apóstolo a ocasião de prestar seu testemunho, o que ele fez com os resultados descritos. Não podemos deixar de pensar em Hegesipo mais preciso do que Josefo neste caso, para o tempo em que este último coloca o assassinato de Tiago, viz. com a morte de Festo, dificilmente será possível. A Epístola de Tiago está evidentemente escrita perto do cerco de Jerusalém; e podemos facilmente supor que o aparecimento esperado do Filho do homem seria o tema geral em Jerusalém.

daquele dia tinha um título melhor para ser chamado de Elias. Não era nenhum cortesão de seda, nenhum profetizador de coisas suaves, mas ascético em seus hábitos, severo e ousado em sua denúncia de pecado - um homem cujos joelhos eram insensíveis, como os de um camelo, com muita oração; cuja integridade inabalável e santidade primitiva conquistaram para ele, mesmo naquela cidade perversa, a denominação de: O justo. Não foi assim que um homem que "atormentou os que habitam na terra" e respondeu à descrição de uma testemunha de Cristo se comportou? Ainda podemos ouvir o eco daquelas severas repreensões que envergonharam os orgulhosos e avarentos homens que "oprimiam os mercenários em seu salário" e que previam a ira vindoura que agora estava tão perto: "Vá, homens ricos, chore e uive pelas tuas misérias que estão chegando. Você acumulou tesouros nos últimos dias". Quem pode com maior probabilidade ser nomeado como uma das duas testemunhas de profeta dos últimos dias que Tiago de Jerusalém, "irmão do Senhor"?

Quanto ao tempo e à maneira exata do martírio desse testemunho, pode haver alguma dúvida, mas o fato em si e o fato de ter ocorrido na cidade de Jerusalém não podem existir. Até agora, em todo o caso, São Tiago, na maneira de sua vida e de sua morte, responde com notável aptidão à descrição das testemunhas dadas no Apocalipse.

As seguintes observações do Dr. Schaff colocam sob uma luz impressionante a vida e a obra de São Tiago de Jerusalém, e são eminentemente apropriadas ao assunto em discussão:

"Havia uma necessidade para o ministério de Tiago. Se alguém poderia conquistar o povo da antiga aliança, era ele. Foi um prazer para Deus dar um exemplo tão alto da piedade do Antigo Testamento em sua forma mais pura entre os judeus, para fazer a conversão ao Evangelho, mesmo na décima primeira hora, o mais fácil possível para eles. Mas quando eles não ouviram a voz desse último mensageiro da paz, então a medida da paciência divina se esgotou e o julgamento temeroso e ameaçado surgiu. E assim foi

cumprida a missão de Tiago. Ele não deveria sobreviver à destruição da Cidade Santa e do templo. Segundo Hegesipo, ele foi martirizado no ano anterior àquele evento, viz. 69 d.C.".[314]

2. São Pedro

Mas quem é a outra testemunha? Aqui parece que somos deixados totalmente no escuro. Stuart de fato sugere que podemos considerar o número dois como meramente simbólico; mas isso parece uma suposição injustificável. Além disso, como os protótipos das testemunhas do Antigo Testamento, "os dois ungidos" da visão de Zacarias, eram duas pessoas, Zorobabel e Josué, é apenas congruente que as testemunhas do Apocalipse sejam duas pessoas. Sem dúvida, a segunda testemunha, como a primeira, deve ser procurada entre os apóstolos. Eles eram preeminentemente testemunhas de Cristo, e possuíam no mais alto grau as investiduras milagrosas atribuídas às testemunhas no Apocalipse.[315]

Agora, que outro apóstolo além de São Tiago tinha uma conexão reconhecida com a igreja de Jerusalém; habitava imponente naquela cidade; viveu até a véspera da dissolução da comunidade judaica; morreu como um mártir; e sofreu em Jerusalém? Para alguns, parece uma conjetura selvagem sugerir o nome de São Pedro, como ousamos fazer; mas não é de forma alguma um palpite aleatório, e solicitamos uma consideração franca dos argumentos a favor da sugestão.

Se parecer que a residência habitual ou fixa de São Pedro estava em

[314] História da Igreja Apostólica de Schaff, vol. i p. 314.

[315] Há uma coincidência notável entre a descrição das testemunhas em Ap. 11:3 e a linguagem de nosso Senhor a respeito dos apóstolos em Atos 1:8 - "E recebereis poder, depois que o Espírito Santo vier sobre você: e vós serão testemunhas para mim tanto em Jerusalém", etc. Ap. 11:3 - "E darei poder às minhas duas testemunhas, e elas profetizarão mil duzentos e sessenta e sete dias, vestidas de saco".

Jerusalém; que havia uma conexão íntima, se não oficial, entre ele e a igreja daquela cidade; e que São Pedro estava em Jerusalém às vésperas da revolta judaica: todas essas circunstâncias dariam grande probabilidade à suposição de que São Pedro era a outra testemunha associada a São Tiago.

Então, quais são os fatos, como mostrado no Novo Testamento?

1. Encontramos Pedro como a pessoa mais proeminente no fundamento original da igreja de Jerusalém no dia de Pentecostes.

2. Encontramos Pedro citado perante o Sinédrio como representante dos cristãos em Jerusalém (Atos 4:8; 5:29).

3. Quando a igreja em Jerusalém foi dispersa após a morte de Estevão, Pedro, juntamente com os outros apóstolos, continuou em Jerusalém (Atos 8:1).

4. Pedro foi delegado, juntamente com João, para visitar os samaritanos convertidos pela pregação de Filipe. Depois de completar sua missão, eles retornaram a Jerusalém (Atos 8:25).

5. Quando Pedro foi chamado por revelação divina a Cesareia para pregar o evangelho a Cornélio, descobrimos que ele voltou de Cesareia para Jerusalém (Atos 11:2).

6. Foi em Jerusalém que Pedro foi preso e preso por Herodes Agripa I após o martírio de Tiago, "o irmão de João" (Atos 12:3).

7. Sobre a conversão de Paulo, somos informados: "Eu não subi a Jerusalém para os que eram apóstolos diante de mim" (Gálatas 1:17). O que implica que havia apóstolos residindo naquela cidade.

8. Três anos após sua conversão, Paulo sobe para Jerusalém. Para que finalidade? "Ver Pedro", acrescenta: "Fiquei com ele por quinze dias",

implicando que a residência declarada de Pedro era Jerusalém. Nesta ocasião, Paulo viu apenas um outro apóstolo, ou seja, "Tiago, o irmão do Senhor" (Gl 1:18, 19).

9. Quatorze anos depois, Paulo visita Jerusalém novamente. Quem ele encontra lá? A "Tiago, Cefas e João, que eram considerados colunas" (Gálatas 2:1,9).

10. Quando Paulo e Barnabé foram delegados pela igreja de Antioquia a irem a Jerusalém para consultar os apóstolos e anciãos sobre a imposição do ritual judaico aos convertidos gentios, que apóstolos eles encontraram em Jerusalém naquela ocasião? São Pedro e São Tiago. (Atos 15:2, 7, 13).

11. Encontramos São Pedro e São Tiago desempenhando um papel de liderança na discussão da questão a eles apresentada pela igreja de Antioquia; nenhum outro apóstolo foi nomeado como presente. (Atos 15:6-22).

12. Que São Pedro e São Tiago tinham um relacionamento oficial e reconhecido com a igreja de Jerusalém é presumido pelos termos da carta endereçada às igrejas gentias em Antioquia, etc. O documento é intitulado "os decretos dos apóstolos e anciãos que estão em Jerusalém" [twn em Ierosolumoiz], implicando sua residência fixa lá. (Veja Steiger sobre 1 Pedro 5:31).

13. Judas e Silas, tendo entregado a epístola à igreja em Antioquia, retornaram a Jerusalém "aos apóstolos" (Atos 15:33).

14. Deduzimos que Pedro estava associado a Tiago na igreja de Jerusalém pelo fato de Pedro, quando milagrosamente libertado da prisão, enviou uma mensagem especial a Tiago e aos irmãos: "Que Tiago e os irmãos saibam disso" (Atos 12:17).

15. São Pedro (em 1 Pedro 5:13) envia uma saudação a "seu filho

Marcos". Se isso significa que João apelidou Marcos, como é mais provável, sabemos que sua residência era em Jerusalém, onde sua mãe tinha uma casa. (Atos 12:12).

16. Se for visto (como esperamos mostrar) que a Babilônia de 1 Pedro 5: 13 é realmente Jerusalém, será uma prova decisiva de que o local de residência habitual de Pedro estava naquela cidade. No entanto, a evidência completa da identidade de Babilônia com Jerusalém deve ser mantida em reserva até chegarmos à consideração de Ap. 16 e Ap. 17.

17. Uma comparação entre as epístolas de Tiago e Pedro mostra que ambas foram dirigidas à mesma classe de pessoas, ou seja, aos judeus da dispersão. (Tiago 1:1; 1 Pedro 1:1). É muito sugestivo, em conexão com essa investigação, encontrar esses dois apóstolos morando na mesma cidade, oficialmente conectados à mesma igreja, associados ao mesmo trabalho, dirigindo-se a crentes judeus em terras estrangeiras e testemunhando as mesmas grandes verdades em idade avançada, quase no fim de suas vidas, e às vésperas da grande catástrofe que enterrou a cidade, o templo e a nação em uma ruína comum.

18. Finalmente, pode-se afirmar que, quer essas probabilidades sejam demonstradas ou não, nenhum homem poderia ser nomeado mais responsável pelo caráter de uma testemunha de Cristo nos últimos dias de Jerusalém do que São Pedro. Naturalmente, rejeitamos como não-históricas e incríveis as lendas mentirosas da tradição que lhe atribuem um bispado e um martírio em Roma. A impostura recebeu tratamento muito respeitoso nas mãos de críticos e comentaristas. É mais do que tempo que ele deve ser relegado ao limbo da fábula, com outras fraudes piedosas do mesmo caráter. Acreditamos que tenha sido comprovado que a residência declarada de Pedro foi Jerusalém. O fato de ele ter vivido à beira da revolta judaica e da guerra é evidente em suas epístolas. Que ele morreu como um mártir, sabemos pela previsão de nosso Senhor; e, no caso dele, podemos dizer que o provérbio seria bom: "Não pode ser que um profeta

pereça fora de Jerusalém". Ao lermos suas epístolas, e as vemos como o testemunho de uma das duas testemunhas apostólicas de Cristo na cidade condenada, uma nova ênfase é dada ao seu enunciado misterioso que antecipa o destino dele e de seu país: "Chegou a hora em que o julgamento deve começar na casa de Deus: e se começar primeiro em nos!" Quão terrível é a descrição dos tempos maus e dos homens maus, como ele os viu nos últimos dias, com seus próprios olhos, em Jerusalém! Embora o último capítulo possa ser o testemunho final do profeta testemunha da terra e cidade culpadas; o último grito de advertência antes da explosão da vingança ardente: "O dia do Senhor virá como um ladrão durante a noite" etc. (2 Pedro 3:10)

Vamos agora ver até que ponto os requisitos da descrição apocalíptica são atendidos por essa identificação das duas testemunhas como São Tiago e São Pedro.

São dois em número: "Homens individuais, bem conhecidos e distintos em sua individualidade", como Alford realmente diz que deve ser. Eles são mais do que isso - são companheiros e irmãos em Cristo, associados à mesma obra, à mesma igreja, à mesma cidade. O dualismo, que Alford diz ser essencial para a interpretação correta, é perfeito. Ainda mais que isso: "Um personifica a lei, o outro, os profetas". Quem poderia ser um representante melhor da lei do que São Tiago? embora ele não menos personifique os profetas. São Tiago realmente nos lembra Elias, que poderia ter sido seu modelo; o asceta severo, cujas grandes realizações em oração ele comemora em sua epístola. São Pedro também, que pode ser chamado de fundador da igreja cristã judaica, nos lembra Moisés, o fundador da igreja judaica antiga. O que os profetas antigos foram para Israel, São Tiago e São Pedro foram para sua própria geração, e especialmente para Jerusalém, a principal cena de suas vidas e labores. O período de sua profecia também é notável; é pelo espaço de mil duzentos e sessenta dias, ou três anos e meio, representando a duração da guerra judaica. Eles profetizam de saco: isto é, a mensagem deles é de julgamento

próximo; a denúncia da ira de Deus. Eles são comparados às duas oliveiras e aos dois castiçais vistos na visão de Zacarias: ou seja, são 'os dois ungidos' sobre os quais foi derramada a unção do Espírito, os alimentadores e as luzes da igreja cristã. , como Zorobabel e Josué eram os alimentadores e as luzes de Israel em seus dias. Eles são dotados de poderes miraculosos, uma característica que não deve ser explicada e que será aplicada apenas às testemunhas apostólicas. Eles devem selar seu testemunho com o sangue e, até agora, descobrimos que São Tiago e São Pedro cumprem perfeitamente as condições do problema. Temos certeza de que ambos eram mártires de Cristo, e isso também nos últimos dias da comunidade judaica. No que diz respeito ao local onde o sangue de São Tiago foi derramado, temos evidências históricas confiáveis de que ele estava em Jerusalém. Mas aqui a luz nos falha e, a partir de então, somos compelidos a tatear e sentir o nosso caminho. Da morte de São Pedro, não possuímos registro; mas o próprio silêncio é sugestivo. Que as duas principais pessoas da igreja de Jerusalém sejam vítimas de um governo suspeito, ou da fúria popular, no momento em que a revolução estava prestes a estourar, ou já estourou, é muito provável; o fato de seus corpos estarem desenterrados está de acordo com o que realmente ocorreu em muitos casos durante aquele período de barbárie sem lei que precedeu a queda de Jerusalém: mas, embora possamos ir tão longe, não podemos ir além. Eles martirizaram testemunhas e ressuscitaram após três dias e meio; eles se levantam, para consternação de seus inimigos e assassinos; eles ascendem ao céu em uma nuvem, em vista daqueles que exultaram sobre seus corpos mortos. Se nos perguntarem, esse milagre aconteceu com respeito às testemunhas martirizadas de Cristo, São Tiago e São Pedro? só podemos responder, não sabemos. Não há evidências de uma maneira ou de outra. Sabemos apenas que era uma promessa distinta de Cristo que, na Sua vinda, os santos vivos fossem ar.

Se algo assim pode ocorrer em grande escala de dezenas de milhares e centenas de milhares, não há dificuldade em supor que isso possa ocorrer no caso de dois indivíduos. Se a ascensão do próprio Cristo é um fato credível, não é fácil ver por que a ascensão de Suas duas

testemunhas também pode não ser um fato literal. Mas não dogmatizamos sobre o assunto: os fatos estão diante de nós e devem ser deixados para causar sua própria impressão na mente do leitor. Não parece possível resolver o todo em alegoria. Onde já descobrimos tanto fato substancial e história credível, parece inconsistente e irracional sublimar a conclusão em mera metáfora e símbolo. Portanto, encerramos o assunto com esta observação: pelo menos quatro quintos da descrição no Apocalipse se encaixam na história conhecida de São Tiago e São Pedro, e ninguém pode alegar que o restante pode não ser igualmente apropriado.

Resta, no entanto, uma circunstância a que não anunciamos, a saber. o inimigo por quem as testemunhas são mortas. Lemos em Ap. 11:7 "E quando tiverem terminado seu testemunho, a besta que surge do abismo fará guerra contra eles, e os vencerá e os matará". Essa é a primeira menção feita a um ser que ocupa um grande espaço na parte subsequente do livro do Apocalipse - "a besta do abismo". Aqui, ele é apresentado de forma proléptica, isto é, por antecipação. Teremos muito a dizer a respeito desse ser portentoso na sequência, e agora só aludimos ao assunto para observar o fato de que, seja qual for o símbolo, significa que ele aponta para um antagonista poderoso e mortal de Cristo e Seu povo; e que à agência desse monstro a morte das duas testemunhas é atribuída.

A ascensão das testemunhas martirizadas ao céu é imediatamente seguida por um ato de julgamento infligido à cidade culpada em que seu sangue foi derramado:

Ap. 11:13: "E naquela mesma hora houve um grande terremoto, e caiu a décima parte da cidade, e no terremoto foram mortos sete mil homens; e os demais ficaram muito atemorizados, e deram glória ao Deus do céu".

É difícil ver como isso pode ser considerado meramente simbólico. É um fato notável que encontramos em Josefo um relato de um

incidente ocorrido durante a guerra judaica que, em muitos aspectos, tem uma semelhança impressionante com os eventos descritos nesta passagem. Naquela ocasião fatal, quando a força idumeana foi admitida com traição na cidade pelos zelotes, ocorreu um terremoto terrível e, na mesma noite, um grande massacre dos habitantes da cidade foi perpetrado por esses bandidos. A declaração de Josefo é a seguinte:

"Durante a noite, uma tempestade terrível surgiu; o vento soprava com violência tempestuosa e a chuva caía em torrentes; os relâmpagos relampejavam sem interrupção, acompanhados de trovões terríveis, e a terra trêmula ressoava com berros poderosos. O universo, convulsionado até sua própria base, parecia repleto de destruição da humanidade, e era fácil conjeturar que esses eram presságios de um calamidade não tão trivial.[316]

Aproveitando o pânico causado pelo terremoto, os idumeanos, que estavam em aliança com os zelotes, que ocupavam o templo, conseguiram entrar na cidade, quando ocorreu um massacre terrível. "A quadra externa do templo", diz Josefo, "foi inundada com sangue, e o dia amanheceu com oito mil e quinhentos mortos".[317]

Não citamos isso como a realização da cena na visão, embora possa ser; mas para mostrar o quanto os símbolos se assemelham a fatos históricos reais.

Assim termina a visão do sexto selo com estas palavras impressionantes: "O segundo ai já passou; eis que o terceiro ai vem depressa".

[316] Josephus de Traill, bk. iv. cap. iv. sect.
[317] Guerra Judaica, bk. iv. cap. v.

A SÉTIMA TROMBETA

A catástrofe da visão das trombetas

Ap. 11:15-19: "E o sétimo anjo tocou a sua trombeta, e houve no céu grandes vozes, que diziam: Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre.

E os vinte e quatro anciãos, que estão assentados em seus tronos diante de Deus, prostraram-se sobre seus rostos e adoraram a Deus,

Dizendo: Graças te damos, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és, e que eras, e que hás de vir, que tomaste o teu grande poder, e reinaste.

E iraram-se as nações, e veio a tua ira, e o tempo dos mortos, para que sejam julgados, e o tempo de dares o galardão aos profetas, teus servos, e aos santos, e aos que temem o teu nome, a pequenos e a grandes, e o tempo de destruíres os que destroem a terra.

E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca da sua aliança foi vista no seu templo; e houve relâmpagos, e vozes, e trovões, e terremotos e grande saraiva".

Chegamos agora à última das visões das trombetas e, como em todos os outros casos, descobrimos que a visão culmina em uma catástrofe - um ato de julgamento infligido aos inimigos de Deus; e, por outro lado, o triunfo e a felicidade de Seu povo. Temos grande prazer em citar aqui as observações de Dean Alford, que corretamente apreende o plano e a estrutura das visões sucessivas:

"Tudo isso", diz ele, "forma um forte terreno para inferir que as três séries de visões - selos, trombetas e frascos - não são contínuas, mas retomadas; não de fato percorrendo o mesmo terreno, seja de tempo ou de ocorrência, mas cada um evoluindo algo que não estava no anterior e colocando o curso da Providência de Deus sob uma luz diferente. É verdade que os selos envolvem as trombetas, as

trombetas os frascos; mas não está na mera sucessão temporal: a involução e inclusão são muito mais profundas", etc.[318]

Essa é uma admissão importante e, se o crítico erudito tivesse levado o mesmo princípio de retomada a todas as visões, isso daria dez vezes mais valor à sua exposição apocalíptica. O princípio em si é tão legível e estampado no livro que é incrível como alguém pode parar de vê-lo.

Quanto aos símbolos da sétima visão da trombeta, eles são extremamente claros e quase evidentes. Observe, é "a última trombeta" que agora soa, e os eventos que se seguem são os que podemos esperar com uma consumação grandiosa.

O primeiro resultado é a proclamação do reino de Deus. Este é o grande final para o qual, de uma forma ou de outra, toda a ação de toda visão tende. É o tema de toda profecia; o término ad quem dos evangelhos, das epístolas e do apocalipse. O período da vinda do reino é mais claramente marcado em todo o Novo Testamento; está sempre associado ao "fim dos tempos" ou ao fim da dispensação judaica [sunteleia tou aiwnov], da ressurreição e do julgamento. A sétima trombeta é o sinal de que "o fim" está chegando e que "o mistério de Deus" está terminado; é, portanto, o momento da proclamação de que o reino de Deus chegou. O Messias reina; Ele colocou todos os inimigos debaixo de seus pés.

Podemos aqui observar a singular consistência e harmonia entre representações tão desconectadas e amplamente diferentes quanto possam parecer, como os ensinamentos de São Paulo e as visões do Apocalipse. No décimo quinto capítulo da Primeira Epístola aos Coríntios, São Paulo, falando deste mesmo período, "o fim" e o som da "última trombeta", sugere que é a hora em que o reino de Deus virá, e quando Cristo "entregará o reino a Deus, o Pai". Essa parece

[318] Testamento grego, in loc.

ser a própria transação representada na cena diante de nós. O Messias venceu; Ele derrubou toda regra, toda autoridade e todo poder, viz. o antagonismo judeu hostil e maligno que tem sido o amargo inimigo de Sua causa. Mas Ele conquistou o reino para que Seu Pai seja supremo. Conseqüentemente, o coro dos anciãos diante do trono celebra a retomada do reino pelo Pai, dizendo: "Graças te damos graças, Senhor Deus Todo-Poderoso, que és e perdeste, porque tomaste a tua grande força e reinaste". É uma coincidência tão sutil e, se assim podemos dizer, tão sincera, que dá a força da demonstração aos pontos de vista que foram propostos.

O próximo resultado da última trombeta é a declaração de que chegou o tempo do julgamento dos mortos, trazendo recompensa ao povo de Deus e retribuição aos Seus inimigos. (Ap. 11:18)

Aqui, resumimos em poucas frases a essência da escatologia do Novo Testamento. A ira que tantas vezes foi declarada prestes a vir agora chegou. É a hora do julgamento dos mortos: que supõe sua ressurreição; é a hora da vindicação dos mártires de Cristo, cuja exposição foi ouvida em Ap 6:9, e da recompensa de todos os fiéis, pequenos e grandes; e é o tempo de retribuição aos inimigos de Cristo, os destruidores da terra. De fato, toda a catástrofe representa um tempo e um ato de julgamento, e a cena desse julgamento é a terra culpada de Israel, e o tempo é "o fim dos tempos", o fim da economia judaica.

O versículo que acabamos de considerar está em notável correspondência com o Salmo 2. "O motim das nações" é uma alusão a "Por que as nações enfurecem [eqnh]?". Eles são retratados como revoltados contra o rei de Sião, e são exortados a se submeter, para que ele não se irrite, e pereçam na sua ira. Na visão, Sua ira chegou, e os destruidores da terra perecem nessa ira. Quão precisamente tudo isso representa o julgamento dos governantes culpados e do povo de Israel, seria supérfluo apontar. A cena é definitivamente localizada pela expressão thn ghn - ou seja, "a terra de Israel".

A representação simbólica no último versículo (Ap. 11:19) parece suscetível de uma explicação satisfatória. No exato momento da destruição de Jerusalém, quando a cidade e o templo perecem juntos - quando todas as cerimônias e rituais dos terrestres e transitórios são varridos, o templo de Deus no céu é aberto e a arca de Sua aliança é vista no templo. É como dizer que o local e o temporal passam, mas são sucedidos pelo celestial e pelo eterno; o terreno e o figurativo são substituídos pelo espiritual e pelo verdadeiro. Temos nesta representação um belo comentário sobre as palavras da Epístola aos Hebreus: "O caminho para o mais santo de todos ainda não havia sido manifestado, enquanto o primeiro tabernáculo ainda estava de pé". Mas assim que o "primeiro tabernáculo" é varrido, abre-se o templo no céu, e até a arca sagrada da aliança, o santuário da Presença e Glória divinas, é revelado aos olhos dos homens. O acesso ao mais santo de todos não é mais proibido, e "somos livres para entrar no Santo dos Santos pelo sangue de Jesus Cristo".

Assim, em meio a manifestações portentosas de ira e julgamento dos ímpios - relâmpagos, trovões, terremotos e granizo - são reconhecidos os concomitantes no Antigo Testamento da presença e poder divinos - a visão das sete trombetas se fecha.

A QUARTA VISÃO

AS SETE FIGURAS MÍSTICAS
(Ap. 12 - Ap. 13 - Ap. 14)

A catástrofe da visão da trombeta nos leva à mesma crise que a catástrofe dos sete selos. Ambas são representações diferentes do mesmo grande evento. Mas ainda há espaço para novas representações; e a próxima visão introduz um conjunto de símbolos completamente diferente, embora pertencendo ao mesmo período e relacionado aos mesmos eventos. Seu lugar, entre as sete trombetas e

os sete frascos, permite-nos definir muito distintamente seus limites; e fecha, como as outras visões, com uma catástrofe muito acentuada. Difere deles, no entanto, por não ser tão expressamente caracterizado pelo número sete, embora não seja difícil ver que ele realmente consiste nesse número de figuras ou personagens principais, todos eles sendo representações simbólicas. Esses são, -

1. A mulher vestida de sol;
2. O grande dragão vermelho;
3. O filho varão;
4. A besta do mar;
5. O animal da terra;
6. O cordeiro no monte Sião;
7. O Filho do homem na nuvem.

Chamamos essa visão, portanto, a visão das sete figuras místicas. Ele ocupa os próximos três capítulos - Ap. 12, Ap. 13, Ap. 14. É da maior consequência para a correta interpretação dessas visões apocalípticas que tenhamos firmemente em mente os limites da área à qual somos restringidos pelos termos do Livro. É apenas um ponto no tempo histórico e no espaço geográfico - a consumação da era judaica. O teatro de ação e o maior número de dramatis personae, deve sempre ser procurado no ponto central, onde está o foco do interesse - Jerusalém e Judeia. Raramente precisamos viajar além dessa região, embora, ocasionalmente, sejam introduzidos elementos mais remotos, quando eles têm uma relação especial com o tema principal.

1. A MULHER VESTIDA COM O SOL

Ap. 12:1, 2: "E viu-se um grande sinal no céu: uma mulher vestida do sol, tendo a lua debaixo dos seus pés, e uma coroa de doze estrelas sobre a sua cabeça.

E estava grávida, e com dores de parto, e gritava com ânsias de dar à luz".

Ap. 12:5: "E deu à luz um filho homem que há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono".

Não é de surpreender que esta representação da mulher que dá à luz um filho homem destinado a governar todas as nações, arrebatada por Deus e pelo seu trono, etc., deva, à primeira vista, sugerir a Virgem Mãe e seu Filho, que nasceu assim que foi perseguido pelo ciúme assassino de Herodes, "que procurou a criança para destruí-lo"; e que subiram ao trono de Deus. No entanto, tal interpretação se quebra imediatamente, sendo totalmente incompatível com as representações subsequentes na visão. Não há nada na história de Maria que corresponda à perseguição da mulher pelo dragão; a sua fuga para o deserto após a ascensão de seu Filho; ao dilúvio de água lançado pela serpente para destruí-la; e à guerra contra "o remanescente de sua semente".

Há outra objeção que é fatal para essa interpretação. É fora dos limites que o próprio Apocalipse desenha expressamente em torno de sua cena e tempo de ação. Não está entre as coisas "que em breve devem acontecer". Se fôssemos levados de volta a olhar para representações simbólicas do nascimento de Cristo, não deveríamos estar em terreno apocalíptico. Sair desse terreno é viajar fora do registro, abandonar a terra firme dos fatos históricos e lançar-se em um mar de conjecturas sem costa, sem uma bússola ou uma estrela guia.

Não temos dificuldade, portanto, em aceitar a opinião comum de que a mulher vestida com o sol é representativa da igreja cristã. Mas só ele é uma afirmação muito vaga. É a igreja perseguida, a igreja apostólica, a igreja da Judeia, que é aqui simbolizada. Ou seja, é a igreja cristã hebraica nos últimos dias da era judaica.

Os emblemas com os quais a mulher é enfeitada não parecerão

incongruentes ou extravagantes quando lembramos a linguagem elevada na qual o profeta Isaías se dirige a Israel: "Levanta-te, resplandece, pois vem a tua luz, e a glória do Senhor se eleva sobre ti," etc. (Is. 60) Que a igreja apostólica seja resplandecente como o sol, que a lua esteja debaixo de seus pés, está de acordo com tudo o que é falado no Novo Testamento da dignidade e glória da noiva de Cristo.

Mas o que identifica a mulher na visão como igreja hebraica-cristã é a coroa de doze estrelas em sua cabeça. Que isso seja emblemático das doze tribos dos filhos de Israel parece indiscutível; e, portanto, fixa a referência da visão à igreja da Judeia.

2. O GRANDE DRAGÃO VERMELHO

Ap. 12:3, 4: "E viu-se outro sinal no céu; e eis que era um grande dragão vermelho, que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete diademas.

E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu, e lançou-as sobre a terra; e o dragão parou diante da mulher que havia de dar à luz, para que, dando ela à luz, lhe tragasse o filho".

Não há possibilidade de dúvida a respeito da identidade deste símbolo. O dragão é "aquela velha serpente, chamada Diabo e Satanás" - o inimigo antigo e inveterado de Deus e de Seu povo. Ele é representado como possuindo vasta autoridade e poder; "tendo sete cabeças e dez chifres, e sete diademas sobre suas cabeças"; pois ele é "o deus deste mundo", "o príncipe do poder do ar"; "acusador dos irmãos"; "o enganador do mundo inteiro". Este inimigo maligno da causa de Cristo está pronto para devorar o filho que a mulher está prestes a dar à luz.

3. O FILHO DO SEXO MASCULINO

Ap. 12:5: "E deu à luz um filho homem que há de reger todas as nações com vara de ferro; e o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono".

Alford afirma que "o filho varão é o Senhor Jesus Cristo, e nenhum outro". Ele ainda diz que "as exigências desta passagem exigem que o nascimento seja entendido literal e historicamente daquele nascimento que todos os cristãos conhecem".[319] E, no entanto, ele afirma que a mãe é "a igreja"; que "a Santíssima Virgem não pode ser pretendida". Essas duas suposições são incompatíveis e mutuamente destrutivas. Parece de fato natural, à primeira vista, supor que Cristo deve ser pretendido, mas uma análise mais aprofundada mostrará que não pode ser assim. Nunca se diz que a igreja é a mãe de Cristo, nem que Cristo é o Filho da igreja. A igreja é a noiva, a esposa, o corpo, a casa de Cristo, mas nunca a mãe. Cristo é o rei, a cabeça, o marido da igreja, mas nunca o filho ou criança. Ele é o Filho de Deus e o Filho do homem; mas nunca o Filho da igreja. Haveria uma incongruência e impropriedade em tal figura da qual o senso de aptidão se revolta.

Acreditamos que a chave desse símbolo está em Isaías 66, que é a fonte original da qual as figuras são derivadas. Jerusalém é representada aqui como uma mulher com dores de parto, que dá à luz um filho do sexo masculino (Ap 12:7, 8) "Antes que ela estivesse em trabalho de parto, ela deu à luz; antes que a dor viesse, ela deu à luz um filho. Quem ouviu tal coisa? A terra conceberá em um dia? Nascerá uma nação de uma só vez? Assim que Sião estava em trabalho de parto, ela deu à luz seus filhos". É impossível acreditar que a semelhança entre essas passagens é meramente casual; e, portanto, somos grandemente assistidos na interpretação da visão pelas representações análogas na profecia. Como o filho varão, ou os filhos de Sião, na profecia, significam os fiéis na terra, ou em

[319] Testamento grego, in loc.

Jerusalém, o filho varão nascido da mulher perseguida no Apocalipse denota os fiéis discípulos de Cristo na Judeia, ou mesmo na Própria Jerusalém. Essa explicação harmoniza as aparentes incongruências da passagem e dá um sentido inteligível e razoável a toda a representação. A igreja hebraica-cristã é personificada como a mãe perseguida de uma prole perseguida; ela dá à luz um filho varão, mas um filho do sexo masculino também é uma nação, de acordo com as palavras do profeta. Este filho homem está destinado a "governar as nações com uma barra de ferro, e é arrebatado a Deus e ao seu trono". Estas são afirmações que parecem a muitos aplicáveis apenas ao próprio Filho de Deus; mas eles são na verdade afirmados no Apocalipse como privilégio e recompensa de todo discípulo fiel: "Àquele que vencer, darei poder sobre as nações, e ele as governará com uma barra de ferro"; (Ap. 2:26, 27) "A quem vencer, concederei sentar-me comigo no meu trono". (Ap. 3:21) Portanto, não é injustificável aplicar essas expressões, por mais elevadas que sejam, aos fiéis discípulos de Cristo.

Tendo assim garantido a segurança de seus filhos, Deus providencia a proteção da mãe perseguida.

Ap. 12:6: "E a mulher fugiu para o deserto, onde já tinha lugar preparado por Deus, para que ali fosse alimentada durante mil duzentos e sessenta dias".

Esta é uma antecipação da declaração mais completa em Apocalipse 12:13-16, onde nos dizem que "a mulher recebeu as duas asas da grande águia, para voar de diante da serpente para o deserto, ao seu lugar, onde é sustentado por um tempo, tempos e meio tempo".

Essa alusão ao período de tempo durante o qual a mulher é preservada fornece uma pista para a interpretação dessa parte da visão. Veremos que é o mesmo espaço de tempo durante o qual Jerusalém é pisada pelos gentios e durante o qual as duas testemunhas

proferem sua profecia. Ou seja, essas diferentes designações de tempo - quarenta e dois meses, mil duzentos e sessenta dias - e tempo, tempos e metade de tempo são equivalentes a três anos e meio, o que é conhecido por ter sido a duração da guerra judaica. É razoável concluir, portanto, que esses diferentes eventos coincidem com o período da guerra judaica e abrangem a mesma duração, sendo eventos contemporâneos. Existe então, pode-se perguntar, qualquer fato histórico correspondente aos símbolos da visão, a saber, a mulher perseguida, a mãe do filho varão, fugindo para o deserto da face do dragão e ali preservada em segurança durante um espaço de tempo igual a três anos e meio? Nós pensamos que existe; e nos esforçaremos para apresentar os verdadeiros fatos que, como acreditamos, respondem à representação simbólica.

Nosso Senhor claramente avisou Seus discípulos que, quando viam certos sinais específicos da catástrofe que se aproximava, especialmente quando vissem "Jerusalém cercada por exércitos" e "a abominação da desolação no lugar santo", deveriam, sem perda de tempo, fugir da cidade condenada e "fugir para as montanhas". Tão apressada seria a fuga que eles até desconsideraram suas propriedades e apenas cuidaram da preservação pessoal. (Mt. 24:15-18) Temos também o testemunho de Josefo que muitos dos judeus no início das hostilidades com Roma abandonaram Jerusalém como se fossem um navio afundando. É presumível que a população cristã, que havia sido tão expressamente avisada do que estava por vir, deixaria a cidade; e parece não haver razão para duvidar do fato de que, como um corpo, eles se retiraram e buscaram refúgio em Peréia, além do Jordão, um distrito do qual Josefo nos informa que é geralmente desolado e, portanto, poderia , descrito corretamente como "o deserto".[320]

É assim que os símbolos se formam na história. A igreja de Jerusalém, a igreja mãe, como bem pode ser chamada, e a mãe frutífera de uma multidão de filhos espirituais, está sujeita a severa e

[320] Guerras judaicas, bk. iii. cap. iii. sect. 3.

dolorosa perseguição, incitada por Satanás, o maligno adversário de Cristo e de Seu povo. Se o filho varão arrebatado a Deus e ao Seu trono simboliza os filhos martirizados da igreja mencionados em Ap. 12:11, que, "embora condenados por homens em carne, foram justificados e coroados por Deus com a vida eterna em seus espírito", (1 Pedro 4:6) não decidiremos, apesar de acharmos provável. A igreja mãe, no entanto, embora privada de seu primogênito, ainda é perseguida pelo dragão. Nunca a perseguição foi mais quente do que quando o período da revolta judaica chegou e o exército de Roma apareceu diante dos portões de Jerusalém. Avisada por Deus, a igreja de Jerusalém abandonou a cidade e fugiu como nas asas de uma águia para o deserto além do Jordão, onde foi encontrado um refúgio seguro durante o período da guerra e do cerco. Frustrado em sua tentativa de esmagar a causa de Cristo em Jerusalém, o dragão libera sua raiva desencadeando uma avalanche de fúria maligna sobre os cristãos fugitivos - que, no entanto, não os prejudicam - e depois volta a importunar e perseguir "o resto de seus filhos", ou seja, os discípulos em outras partes da terra.

Se se disser que há uma incongruência em representar os cristãos perseguidos da igreja de Jerusalém pela dupla figura da mulher e do filho varão, um dos quais é arrebatado ao céu, enquanto o outro voa em busca de refúgio no deserto, respondemos que é uma incongruência inseparável do uso de tais símbolos. Sião e seus filhos na profecia de Isaías são praticamente idênticos; e o mesmo se aplica à mulher e ao filho varão. Falamos da Inglaterra e de seu povo quando realmente queremos dizer a mesma coisa com ambas as expressões; e seria uma crítica excessivamente exigente que se oporia a essa linguagem, que, se não for logicamente correta, aumenta muito o efeito dramático e poético da descrição.

Alford, embora se sinta bastante perplexo com a interpretação da visão como um todo, dá sua opinião a favor da nossa explicação de uma parte muito importante dos símbolos. Suas palavras são:

"Penso que, considerando as analogias e a linguagem usada, estou muito mais disposto a interpretar a perseguição da mulher pelo dragão às várias perseguições dos judeus que se seguiram à ascensão, e sua fuga para o deserto da retirada gradual de a igreja e de seus seguidores em Jerusalém e na Judeia, finalmente consumadas pela fuga para a montanha no cerco que se aproximava, comandada pelo próprio Senhor".[321]

Estranho que, tendo encontrado um fato histórico que correspondesse tão bem ao símbolo, o crítico não olhasse mais na mesma direção, o que sem dúvida resultaria em uma exposição luminosa do todo; mas ele é levado pelo ignis fatuus de um plano de estudos da história universal da igreja no Apocalipse, ignorando inexplicavelmente as declarações expressas do próprio livro com referência ao período muito restrito no qual suas visões devem ser cumpridas.

Chegamos ao lado do conflito entre o dragão e o campeão que aparece em defesa da mulher perseguida:

Ap. 12:7-9: "E houve batalha no céu; Miguel e os seus anjos batalhavam contra o dragão, e batalhavam o dragão e os seus anjos;
Mas não prevaleceram, nem mais o seu lugar se achou nos céus.
E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o Diabo, e Satanás, que engana todo o mundo; ele foi precipitado na terra, e os seus anjos foram lançados com ele".

Não parece que essa transação - o conflito entre Miguel e o dragão - tenha sido representada ao Vidente em visão. Não é introduzido pela fórmula usual em tais casos: "E eu vi e eis que" [eidon kai idou], mas relacionado mais ao estilo de um historiador. Também não somos informados do momento ou ocasião particular do conflito que

[321] Notas do Testamento Grego em Ap. 12:14.

está sendo travado. De fato, toda a transação é misteriosa e está fora do alcance das coisas terrenas; a cena é "no céu"; os combatentes são seres espirituais, "os principados e poderes nos lugares celestiais"; embora seja razoável supor que o evento tenha uma relação íntima com a história do período apocalíptico que é o assunto da visão. É evidentemente introduzido para explicar a intensa hostilidade do dragão contra a igreja de Cristo; e essa circunstância parece implicar que a expulsão de Satanás aqui mencionada ocorreu pouco antes do início da perseguição contra os cristãos. É importante lembrar que "Miguel" tem toda a probabilidade de ser identificado com o Filho de Deus. O leitor é referido à prova satisfatória dessa identidade apresentada por Hengstenberg.[322]

Não devemos conceber esse conflito como uma força física, como as batalhas de Milton em "Paraíso perdido", mas antes como uma vitória moral e espiritual obtida pela verdade sobre o erro, pela luz sobre as trevas, pelo Evangelho sobre o pecado e a incredulidade. Provavelmente, existe uma conexão íntima entre a expulsão de Satanás aqui mencionada e as palavras de nosso Senhor aos Seus discípulos quando eles trouxeram de volta o relato de sua missão bem-sucedida como evangelistas: "Eu vi Satanás, como raio, cair do céu"; (Lucas 10:18) e, novamente: "Agora é o julgamento deste mundo, agora será expulso o príncipe deste mundo"; (João 12:31) e, novamente, "Para esse propósito, o Filho de Deus foi manifestado, a fim de destruir as obras do diabo". (1 João 3:8) Traduzindo os símbolos em linguagem comum, eles parecem significar que o progresso do cristianismo na terra despertou a hostilidade de Satanás e seus emissários e levou a uma perseguição mais ativa aos discípulos de Cristo.

[322] Ver Cristologia do Antigo Testamento, vol. iv. 301-306. Também Comentário sobre o Apocalipse, in loc.

A vitória que Miguel e seus anjos são comemorados por uma proclamação triunfante no céu, que está dentro do alcance da visão.

Ap. 12:10,11: "E ouvi uma grande voz no céu, que dizia: Agora é chegada a salvação, e a força, e o reino do nosso Deus, e o poder do seu Cristo; porque já o acusador de nossos irmãos é derrubado, o qual diante do nosso Deus os acusava de dia e de noite. E eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho; e não amaram as suas vidas até à morte".

Em tudo isso, temos a expressão da verdade geral de que, no longo e mortal conflito com a inimizade judaica, intensificado pela malícia satânica, Cristo lutou por seus discípulos perseguidos e frustrou os ataques de seus adversários. Quão distintamente São Paulo reconheceu a presença e a atividade de um poder infernal na hostilidade maligna que se opunha ao Evangelho pode ser visto em suas notáveis palavras: "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas, sim, contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais". (Ef. 6:12) Despojada de sua imagem simbólica, a visão mostra que os esforços de Satanás para esmagar a verdade de Deus foram frustrados e derrotados, e só levaram ao triunfo mais sinal e decisivo do reino de Cristo.

Satanás, frustrado com sua presa e sabendo que "ele tem um pouco de tempo", pois a consumação está agora muito próxima, parte, como vimos, para fazer guerra com o remanescente da semente da mulher "os que guardam os mandamentos de Deus, e tem o testemunho de Jesus". (Ap. 12:17)

4. A PRIMEIRA BESTA SELVAGEM

Ap. 13:1-10: "E ele permaneceu na areia do mar, e vi subir do mar

uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas, e sobre as suas cabeças um nome de blasfêmia.

E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio.

E vi uma das suas cabeças como ferida de morte, e a sua chaga mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou após a besta. E adoraram o dragão que deu à besta o seu poder; e adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? Quem poderá batalhar contra ela?

E foi-lhe dada uma boca, para proferir grandes coisas e blasfêmias; e deu-se-lhe poder para agir por quarenta e dois meses. E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do seu nome, e do seu tabernáculo, e dos que habitam no céu.

E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação.

E adoraram-na todos os que habitam sobre a terra, esses cujos nomes não estão escritos no livro da vida do Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo.

Se alguém tem ouvidos, ouça.

Se alguém leva em cativeiro, em cativeiro irá; se alguém matar à espada, necessário é que à espada seja morto. Aqui está a paciência e a fé dos santos".

Agora entramos em uma investigação cheia de interesse, mas também cheia de dificuldades; embora essa dificuldade seja grandemente atenuada pelos limites conhecidos da área em que estamos restritos, e onde devemos procurar a personagem agora introduzida na cena e que desempenha um papel tão importante na sequência.

A verdadeira leitura do primeiro versículo é agora admitida como sendo estayh [ele estava], a saber, o dragão. Isso não é sem importância. O dragão, frustrado em sua tentativa de destruir a

mulher e sua semente, se posiciona nas areias do mar, procurando um auxiliar poderoso alistado em seu serviço.

Nem ele está demorando a aparecer. Um monstro portentoso é visto saindo do mar - ele é designado yhrion [um animal selvagem], já nomeado por antecipação em Ap. 11:7. A descrição desse monstro é muito minuciosa, de modo que sua identificação deve ser fácil. Observemos os detalhes da descrição:

1. O animal sai do mar.
2. Tem sete cabeças, dez chifres e dez diademas em seus chifres.
3. Em seus chifres, tem nomes blasfemos.
4. Reúna as características de todas as bestas vistas por Daniel (cap. 7).
5. O dragão delega poder a ele.
6. Uma de suas cabeças está mortalmente ferida; mas a ferida mortal é curada.
7. Recebe a homenagem do mundo inteiro.
8. Honras divinas são pagas a ele.
9. Blasfema contra Deus e faz guerra contra os santos.
10. A duração de seu poder é limitada a quarenta e dois meses.
11. O número dele é "número do homem", ou seja, seiscentos e sessenta seis". (No cap. 17 são adicionados outros detalhes, que completam a descrição da besta, embora deva-se admitir que eles não tendem a facilitar a descoberta de sua identidade).
12. Era e não é e será (cap. 17:8)
13. Ele ascende do abismo e vai para a perdição (cap. 17:8)
14. Ele é um rei: um dos sete, e também o oitavo (cap. 17:11).

Seria estranho se esse número de características marcadas e peculiares pudesse ser aplicável a mais de um indivíduo, ou se esse indivíduo pudesse ser tão obscuro a ponto de não ser imediatamente reconhecido. Ele deve ser procurado entre os maiores da terra; ele deve ser o principal de seus dias, o observado de todos os observadores; ele deve ocupar o trono mais alto e governar o império

mais poderoso. Seu período também é fixo: é nos últimos dias da comunidade judaica, próximo à catástrofe final. O mistério permanece revelado até por sua própria auto-solução. Este animal selvagem portentoso, este potentado do mundo, este plenipotenciário de Satanás, não pode ser outro que o mestre do mundo, o Imperador de Roma, "o homem do pecado" – NERO

1. Ninguém contestará o título de "besta". Se algum homem já mereceu esse nome, foi o monstro brutal que a humanidade ingrata com suas crueldades e crimes notórios. Paulo aplica uma designação semelhante a ele: "Fui libertado da boca do leão " (2 Tm. 4:17).[323]

2. A expressão "surge do mar" provavelmente significa que a besta é uma potência estrangeira . Devemos considerar isso do ponto de vista judaico; e na Judeia, Nero seria, é claro, um soberano do além-mar.

3. As sete cabeças e os dez chifres coroados da besta são os símbolos de seu poder plenário e domínio universal.

4. Os nomes de blasfêmia inscritos em suas cabeças significam a suposição das prerrogativas da divindade.

5. A união das características das quatro bestas na visão de Daniel indica que o domínio da besta abrange os reinos representados nessa visão.

6. A posse do poder delegado pelo dragão implica a submissão da besta aos interesses de Satanás. Ela é a delegada do dragão.

7. O fato de uma de suas cabeças ter sido mortalmente ferida implica o fim violento do indivíduo simbolizado pela besta.

[323] Ver Josefo, Antiguidades, bk. xviii. cap. vi. 10. e Nota de Whiston.

8. É do peso dele que o imperador romano receberia a homenagem de todo o mundo, e que a adoração idólatra lhe seria prestada.

9. A história nos diz que Nero foi o primeiro dos imperadores a perseguir os cristãos.

10. A duração dessa primeira e amarga perseguição concorda com o período de quarenta e dois meses ou três anos e meio mencionados na visão. (Se adotássemos a leitura do Codex Sinaiticus, "Ele recebeu sua vontade por quarenta e dois meses", isso obviamente implicaria que sua política cruel de perseguição seria limitada a esse período. Agora, em termos práticos, a perseguição por Nero começou em Novembro de 64 dC, e terminou com sua morte em junho de 68 dC, ou seja, com a maior aproximação possível, três anos e meio).[324]

Adiando por um momento a consideração da próxima e crucial questão - "o número da besta" -, podemos fazer uma pausa para observar como exatamente tudo isso coincide com o caráter de Nero. Podemos, a princípio, estar dispostos a pensar, com Bossuet, que a besta visionária significa "o Império Romano, ou mais propriamente a própria Roma, a senhora do mundo - Roma pagã e perseguidora dos santos". Mas, à medida que prosseguimos, estamos convencidos de que não é uma abstração, mas uma pessoa real, aqui descrita, ou, pelo menos, o poder imperial incorporado no mais feroz e brutal de seus representantes, o imperador Nero. Cada ponto da descrição identifica o criminoso. Foi esse tirano execrável que primeiro soltou os cães infernais da perseguição contra os cristãos ofensivos de Roma. Mais como um animal selvagem do que um homem, ele encheu suas propensões sanguinárias com o assassinato de seu irmão, sua mãe e sua esposa. O incendiário de sua própria capital, ele falsamente imputou seu crime aos cristãos inocentes, a quem ele matou em grande número e com barbaridades inéditas. Segurando o

[324] Veja o comentário de Stuart sobre o apocalipse, cap. xiii. 5.

poder mais poderoso da terra, ele o usou para a indulgência dos vícios mais baixos e se tornou escravo das paixões mais brutais. Ele arrogou para si mesmo as prerrogativas da divindade e reivindicou e recebeu o culto devido a Deus. Sua vaidade desordenada o fez ganancioso de admiração; levou-o a atuar como ator no palco, a dirigir como cocheiro no circo, a disputar os Jogos Olímpicos. "Toda a terra ficou maravilhada com a besta". Dizem-nos que ele recebeu nada menos que mil e oitocentas coroas por suas vitórias. Dio Cassius relata que ele entrou em Roma em triunfo, e foi aclamado pelo Senado e pelo povo, que lhe ofereceu a mais abjeta adulação. Ele foi recebido com gritos de "Vitórias Olímpicas! Vitórias Pythian! Tu agosto! Tu agosto! Nero, o Hércules! Nero, o Apolo! Voz sagrada! Eterno! [Eiv ap aiwnov]".[325]

Muito mais obscura é a declaração aparentemente paradoxal a respeito da ferida mortal da besta que foi curada. Obviamente, se foi curado, não foi mortal; e se fosse mortal, não poderia realmente ser curado. Exigir o cumprimento literal de uma impossibilidade seria manifestamente irracional, mas a explicação deve reconciliar a aparente contradição. Agora, é um fato curioso que uma explicação plausível do paradoxo tenha sido dada. Nero sofreu uma morte violenta - morta por uma ferida de uma espada, infligida por sua própria mão ou pela de um assassino. É desnecessário dizer que a ferida foi mortal; mas, sem dúvida, havia uma crença muito geral na época de que ele não morreu, mas estava em algum lugar oculto, e logo reapareceria e recuperaria seu poder anterior. Tácito alude à crença popular (História, indivíduo. ii. 8), como também Suetônio (Nero, cap. Lvii.). Não há nada improvável na suposição de que tal nota de identidade, incorporando a crença geral, possa ser empregada como na visão; de qualquer forma, nenhuma outra explicação fornece uma solução tão razoável e satisfatória para o problema.[326]

[325] Dio Cassius, citado por Stuart, Commentary on the Apocalypse, in loc.

[326] É notável que essa crença na recuperação e no retorno de Nero se manteve na igreja cristã por séculos. Sulpicius Severus, em sua Historia

O NÚMERO DA BESTA

Agora chegamos à questão que exerceu a ingenuidade de críticos e comentaristas quase desde o dia em que foi proposta, e que, mesmo assim, dificilmente se pode dizer que está resolvido, a saber, o nome ou número da besta. Sem perder tempo com as várias respostas que foram dadas, pode ser suficiente fazer uma ou duas observações preliminares sobre as condições do problema.

1. Claramente, o autor considerou que estava fornecendo informações suficientes para identificar a pessoa em discussão. Também é presumivelmente que ele não queria confundir seus leitores, mas esclarecê-los.

2. É igualmente evidente que a explicação não está na superfície. É necessário sabedoria para entender suas palavras: somente o homem "que tem entendimento" é competente para resolver o problema.

3. É claro que o que ele pretende transmitir aos seus leitores é o nome da pessoa simbolizada pela besta. O nome dele expressa um certo número ; Ou, as letras que compõem seu nome, quando somadas, adicionam um determinado valor numérico.

4. O nome ou número é o de um homem ; isto é, não é uma besta, nem um espírito maligno, nem uma abstração, mas uma pessoa, um homem que está vivo.

Sacra, escreve: "Nero, o mais baixo de todos os homens, e até de monstros, era digno de ser o primeiro perseguidor. Não sei se ele pode ser o último, pois é a opinião atual de muitos que ele ainda está por vir como Anticristo". - Historia Sacra, ii. 28. Novamente: "É incerto se ele [Nero] se destruiu .... de onde se acredita que, embora possa ter se perfurado com uma espada, ele foi salvo pela cura de sua ferida, de acordo com o que está escrito (em Ap 13:3) E sua ferida mortal foi curada". "Esse testemunho é importante, pois prova que durante os três primeiros séculos o animal apocalíptico foi entendido como significando Nero".

5. O número que expressa o nome é, em caracteres gregos, cc e v, em valores numéricos, seiscentos e sessenta e seis.

Em bases completamente independentes, já concluímos que o animal apocalíptico deve significar o imperador reinante, Nero. É seu nome, portanto, que deve ser atendido, não obviamente, sem alguma investigação, mas de maneira satisfatória e conclusiva, todas as condições do problema. O nome do imperador seria escrito de três maneiras, como foi expresso em uma ou outra das três línguas, latim, grego ou hebraico: em latim, Nero César ; no grego Neron Kaisar ; em hebraico, *rsq nwrn*.

São João não estava escrevendo para romanos, nem na língua latina, de modo que a primeira forma pode ser anulada imediatamente. Ele estava escrevendo, porém, em grego, e para leitores bem familiarizados com o grego, embora a maioria deles provavelmente fosse de sangue judeu. É provável que a maioria deles pronunciasse ao mesmo tempo e instintivamente o nome temido. Nesse caso, eles se sentiriam perdidos, pois as letras gregas Neron Kaisar não compunham os números necessários.

Mas se isso fosse tudo o que era necessário, o nome teria ficado na superfície, patente e palpável até a mais insatisfatória apreensão. Não seria necessário sabedoria nem entendimento para ler o enigma. O leitor deve tentar outro método. São João era hebreu e, embora ele escrevesse em caracteres gregos, seus pensamentos eram hebraicos, e a forma hebraica do nome e título imperial era familiar para ele e para seus amigos hebraico-cristãos, tanto na Ásia Menor quanto na Judeia. Pode ocorrer naturalmente ao leitor atento calcular o valor das letras que expressam o nome do imperador em hebraico. E o segredo seria revelado:

O valor numérico de Nero Caesar em hebraico

N= 50	Q = 100	
R = 200	S = 60	
W = 6	R = 200	
N = 50		
306	+360	= 666 [327]

Então aqui está um número que expressa um nome; o nome de um homem, do homem que, entre todos os que viviam na época, merecia ser chamado de animal: a cabeça do império, o mestre do mundo; que ele reivindicou para si o título de deus, que recebeu honras divinas, que perseguiu os santos do Altíssimo; em resumo, respondeu em todos os detalhes à descrição da visão apocalíptica. Se você se perguntasse: Por que o profeta envolveria seu significado em enigmas? Por que você não mencionaria expressamente a pessoa a que se refere? Primeiro, o Apocalipse é um livro de símbolos: tudo nele é expresso em imagens, que precisam ser traduzidas para o idioma comum. Mas segundo, não seria seguro falar com mais clareza. Expresse abertamente o nome do tirano, depois de descrevê-lo e designá-lo da maneira expressa em Apocalipse, teria sido apressado e imprudente ao extremo. Como Paulo, quando descreveu o "homem do pecado", João esconde seu significado sob um disfarce, que os pagãos gregos ou romanos não discerniriam, mas que os estudiosos cristãos da Judeia ou da Ásia Menor logo entenderiam.

É uma forte confirmação da precisão dessa interpretação que temos outra descrição enigmática da mesma personagem da mão de São

[327] O nome de Nero, conforme mencionado acima, ocorre no Talmude e em outros escritos rabínicos. Pode ser apropriado acrescentar, para informação do leitor em geral, que tanto no idioma hebraico quanto no grego as letras do alfabeto são usadas como figuras ou numerais, e as letras da forma hebraica das palavras "Nero Caesar" tem o valor de 666. Para uma investigação mais completa sobre esse assunto, veja Stuart no Apocalipse, Excursus iv. "Sobre o número da besta".

Paulo. Já vimos a prova de que "o homem do pecado" foi delineado em 1 Ts. 2 não é outro senão Nero, e a comparação dos dois retratos mostra quão impressionante é a semelhança entre si e com o original. Essa correspondência não pode ser apenas uma curiosa coincidência; isso só pode ser explicado pela suposição de que ambos os apóstolos tinham o mesmo indivíduo em vista.[328]

5. A SEGUNDA BESTA SELVAGEM

Ap. 13:11-17: "E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como o dragão.

E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada.

E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens.

E engana os que habitam na terra com sinais que lhe foi permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia.

E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.

E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas,

Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome".

Se nossas conclusões sobre a identidade do primeiro animal estão corretas, não deve ser difícil descobrir quem está sendo aludido pelo segundo animal. Observa-se que, em muitos aspectos, há uma forte semelhança entre eles: eles são da mesma natureza, embora um seja

[328] Ver Nota A, Parte iii. Reuss sobre o número da besta.

supremo e o outro subordinado; mas também há pontos de diferença. Será correto, no entanto, também neste caso, considerar em conjunto as várias características particulares que ajudam a identificar o indivíduo em mente.

1. O segundo animal surge da terra.
2. Ele tem apenas dois chifres e são como os de um cordeiro.
3. Fale como um dragão.
4. É investido da autoridade delegada pela primeira besta.
5. Força os homens a prestar homenagem ou adoração à besta.
6. Visa exercer poderes milagrosos.
7. Ele governa com força tirânica e crueldade.
8. Exclui dos direitos civis todos aqueles que se recusam a entregar submissão abjeta à besta.

Ao examinar essas características, fica perfeitamente claro que precisamos procurar o antítipo dessa figura simbólica em um homem de caráter semelhante ao do mesmo monstro Nero. Obviamente, ele é o alter ego do imperador, embora suas proporções ocorram em menor escala.

1. O fato de surgir da terra, enquanto o primeiro animal surge do mar, denota que o segundo animal é uma autoridade local, que governa a Judeia, enquanto o outro é uma potência estrangeira.

2. O fato de ter dois chifres como os de um cordeiro, enquanto o primeiro animal tem dez, denota que sua esfera de governo é pequena e que seu poder é limitado em comparação com o outro.

3. O fato de ele falar como um dragão, ou como uma cobra, denota seu caráter astuto e enganoso.

4. O fato de ele estar investido da autoridade da primeira besta indica que ele é o representante oficial de Nero e delegado na Judeia.

Nesse ponto, o indivíduo é revelado para nós. Não pode ser outro senão o procurador romano ou o governador da Judeia sob Nero, e o governador em particular deve ser procurado no início ou perto do início da guerra judaica; E aqui a história da época lança muita luz sobre a pesquisa.

Existem dois nomes que podem competir entre si pela má preeminência do original desta descrição da segunda besta - Albino e Gessio Floro. Cada um deles era um monstro de tirania e crueldade, mas o último era mais que o primeiro. Antes de Gesio Floro chegar ao posto, os judeus consideravam Albino o pior governador que já os pisoteara com sua opressão. Depois que Gesio Floro chegou, Albino foi considerado um homem quase virtuoso em comparação. Floro era um vilão digno de estar ao lado de Nero: um escravo digno de um mestre assim.

O leitor encontrará nas páginas de Josefo a história do enorme e incrível desleixo, fraude, traição e tirania deste último e pior de todos os governadores que representavam a autoridade imperial na Judeia, e verá como o historiador segue a história. desvie deste infame homem a ruína que caiu sobre a nação. Foi a sua opressão intolerável e dracônica que levou os infelizes judeus à rebelião, e foi a causa imediata da guerra que terminou com a derrocada total de Jerusalém e seu povo. Josefo, de fato, não preservou todos os fatos, que, se os tivéssemos, sem dúvida ilustrariam vividamente todos os detalhes no retrato apocalíptico do segundo animal. Mas mal precisamos deles. Força, fraude, crueldade, impostura, tirania, são atributos que certamente podem ser atribuídos a um procurador como Floro. Talvez os traços mais difíceis de verificar sejam aqueles que se relacionam com a imposição obrigatória de homenagem à estátua do imperador e a suposição de pretensões milagrosas. No entanto, mesmo aqui tudo o que sabemos é a favor da descrição ser fiel à letra. Dean Milman observa:

"A imagem da besta é claramente a estátua do imperador",

acrescenta: "Os mártires de teste foram submetidos a adorar o imperador, oferecendo incenso à sua estátua e chamando os deuses". (Ver Revisão do desenvolvimento da doutrina cristã de Newman).

Os comentários de Dean Alford também merecem destaque:

"O Vidente está agora descrevendo fatos que a história nos substancia em seu cumprimento literal. A imagem de César, que os homens foram forçados a adorar, estava em toda parte: foi antes que os mártires cristãos foram postos à prova, e executado se recusassem o ato de adoração...".

"Se for dito, como uma objeção a isso, que não é uma imagem do imperador, mas da própria besta de que se fala, a resposta é muito simples: o próprio vidente, em Ap. 17:11, não hesita em identificar um dos "sete reis" com a própria besta, para que possamos assumir corretamente que a imagem da besta, no momento, seria a imagem do imperador reinante".[329]

Para o mesmo efeito, estão as seguintes observações de Dean Howson, que são ainda mais notáveis pelo fato de terem sido escritas sem nenhuma referência à passagem diante de nós:

"A imagem do imperador naquela época [sob o Império] era objeto de reverência religiosa: ele era uma divindade na terra ("Das aequa potestas" - Juv. Iv. 71), e o culto a ele pago era real adoração. É um pensamento impressionante que naqueles tempos (deixando de lado formas eficientes de religião) as duas únicas adorações genuínas no mundo civilizado eram a adoração de Tibério ou Nero, por um lado, e a adoração a Cristo, por outro".[330]

[329] Testamento grego, in loc.
[330] Vida e Epístolas de São Paulo, cap. i. Nota.

Estamos agora em posição de pedir o veredicto de toda mente sincera e judicial sobre a questão da identidade que foi discutida, bem como a completa congruência e correspondência em todos os pontos entre os símbolos na visão e os personagens históricos que, em nossa opinião, eles representam. A hora, o local, a cena, as circunstâncias e o dramatis personae estão todos de acordo com os requisitos do Apocalipse. É a véspera da grande catástrofe, a ruína final da política judaica. A perseguição prevista do povo de Deus, que deveria começar o fim, eclodiu. Um terrível triunvirato do mal conspirou contra Cristo e Sua causa. O dragão, a besta do mar e a besta da terra - Satanás, o imperador e o procurador romano, estão em hostilidade ativa contra "a mulher e o remanescente de sua semente". O tempo deles, no entanto, é curto; a hora da retribuição está próxima; e a cena seguinte descobre o campeão e o vingador dos fiéis e mostra a segurança e a bem-aventurança de Seu povo.

6. O CORDEIRO NO MONTE SIÃO

Ap. 14:1-13: "E vi, e eis que o Cordeiro estava no monte Sião, e com ele cento e quarenta e quatro mil, tendo o seu nome e o nome de seu Pai, escritos na testa deles..." etc.

Essa parte da visão dificilmente precisa de um intérprete; fala por si. Há um contraste marcante entre a fera que governa como vice-líder do dragão e o Cordeiro que governa em nome de seu pai. Não há dúvida de que os cento e quarenta e quatro mil, com o nome de Cristo e o Pai inscrito na testa, são idênticos aos cento e quarenta e quatro mil de todas as tribos dos filhos de Israel, que têm o selo de Deus na testa, que é mencionado no Ap. 7. Eles são a igreja hebraica-cristã eleita da Judeia, possivelmente de Jerusalém, e são representados como estando de pé com o Cordeiro no Monte Sião, redimidos, triunfantes, glorificados; não mais expostos ao perigo e à morte, mas reunido no rebanho do Grande Pastor. É claro que a representação é pró-séptica - uma antecipação do que agora era

iminente; de fato, uma repetição da cena gloriosa descrita em Ap 7 9-17. É possível acreditar que o escritor da Epístola aos Hebreus não tinha essa visão em seus pensamentos quando escreveu essa passagem nobre: "Vós chegastes ao monte Sião, a cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial" etc. ? Os pontos de semelhança são tão marcantes e numerosos que não podem ser acidentais. A cena é a mesma: O monte Sião; o dramatis personae são os mesmos, - "a assembléia geral e a igreja dos primogênitos, que estão escritas no céu", correspondendo aos cento e quarenta e quatro mil que levam o selo de Deus. Na epístola eles são chamados "a igreja do primogênito"; a visão explica o título - eles são os primeiros frutos a Deus e ao Cordeiro; os primeiros se converterem à fé de Cristo na terra da Judeia. Na epístola eles são designados "os espíritos dos justos aperfeiçoados"; na visão, são "virgens imaculadas, em cuja boca não foi encontrada dolo; porque eles são sem culpa perante o trono de Deus". Tanto na visão quanto na epístola, encontramos "a inumerável companhia de anjos" e "o Cordeiro", por quem a redenção foi alcançada. Em resumo, é colocado além de toda dúvida razoável que, como não se pode supor que o autor do Apocalipse tenha extraído sua descrição da epístola, o escritor da epístola deve ter derivado suas idéias e imagens do Apocalipse.

Os eventos estão agora apressando-se rapidamente em direção à consumação. O Vidente vê três anjos voarem em sucessão pelo campo de visão, cada um com um anúncio profético da catástrofe que se aproxima. O primeiro, encarregado da proclamação do evangelho eterno, em primeiro lugar aos que habitam na terra, e depois para toda nação, e tribo, e língua e povo, exclama com uma voz alta: "Temai a Deus e dai-lhe glória; porque chegou a hora de seu julgamento". (Ap. 14:7) Há uma alusão manifesta aqui ao fato previsto por nosso Senhor de que, antes da chegada do "fim", o Evangelho do reino seria primeiro pregado em todo o mundo [oikonmenh] "como testemunho para todas as nações". (Mt. 24:14) Este símbolo, portanto, indica a aproximação da catástrofe de Jerusalém - a chegada da hora do julgamento de Israel.

Um segundo anjo segue rapidamente, e proclama a queda de Babilônia, como se ela já tivesse ocorrido, dizendo: "Babilônia, a grande, caiu, caiu, o que fez todas as nações beberem do vinho da ira de sua fornicação". Esta é claramente outra declaração da mesma catástrofe iminente, apenas mais claramente indicando a destruição da cidade culpada - o grande criminoso prestes a ser julgado. Atualmente, teremos ocasião de discutir a identidade da grande cidade aqui e em outros lugares designada como Babilônia.

Um terceiro mensageiro sucede, que denuncia, em linguagem horrível, a ira de Deus sobre todos os adoradores de ídolos:

Ap. 14:9-11: "Se alguém adorar a besta e sua imagem, ou receber sua marca na testa ou na mão, o mesmo beberá do vinho da ira de Deus, que é derramado sem mistura no copo da sua indignação, e ele será atormentado com fogo e enxofre na presença dos santos anjos e na presença do Cordeiro" etc.

Em flagrante contraste, está a mensagem que uma voz celestial traz aos fiéis discípulos de Cristo "que guardam os mandamentos de Deus e a fé de Jesus".

Ap. 14:13: "E ouvi uma voz do céu, que me dizia: Escreve: Bem-aventurados os mortos que desde agora morrem no Senhor. Sim, diz o Espírito, para que descansem dos seus trabalhos, e as suas obras os seguem".

Tudo isso é claramente indicativo da estreita aproximação da catástrofe final. Há uma expressão, no entanto, na última citação que exige explicação, viz. o anúncio a respeitando da bem-aventurança dos mortos que morrem no Senhor dali em diante. Este "doravante" [ap arti] é a palavra enfática na frase e deve ter um significado importante. Não é simplesmente que os mortos em Cristo estejam seguros ou felizes, mas que, a partir de e após um determinado

período especificado, uma bem-aventurança peculiar pertence a todos os que, a partir de então, morrerem no Senhor.

Não é irracional por si só, e parece, além disso, ser o ensino claro das Sagradas Escrituras, que a grande consumação que encerrou a era judaica teve uma influência importante na condição de todos os que posteriormente a esse período "morrem no Senhor". Vimos (Observações em Hebreus 11:40) que anteriormente à obra redentora de Cristo o estado dos mortos piedosos não era perfeito. Eles tiveram que aguardar a realização daquele grande evento que constituiu o fundamento de sua felicidade eterna. Os santos da antiga dispensação "não obtiveram a promessa". Eles morreram na fé, mas não possuíam a herança. "Deus providenciou algo melhor para nós, que eles sem nós não fossem aperfeiçoados". Assim escreveu o autor da Epístola aos Hebreus à beira da grande consumação. O significado claro disso é que a Parousia marcou a introdução de uma nova época na condição dos santos que partiram e as perspectivas de todos os que depois dessa época começaram a morrer no Senhor. "Bem-aventurados são tais" a partir de agora. Ou seja, eles não deveriam ter que esperar, como seus antecessores, pela chegada do período em que a promessa deveria ser cumprida. Eles devem entrar de uma só vez no "repouso que resta para o povo de Deus". O caminho para o lugar santo foi agora manifestado; há descanso e recompensa imediatos para os fiéis que partiram; "descansam de seus trabalhos; pois suas obras os seguem".

Esta passagem importante seria totalmente inexplicável, exceto pela luz lançada sobre ela por Hb. 4:1-11, 11:9, 10, 13, 39, 40.

7. O FILHO DO HOMEM NA NUVEM

Ap. 14:14-20: "E olhei, e eis uma nuvem branca, e assentado sobre a nuvem um semelhante ao Filho do homem, que tinha sobre a sua cabeça uma coroa de ouro, e na sua mão uma foice aguda.

E outro anjo saiu do templo, clamando com grande voz ao que estava assentado sobre a nuvem: Lança a tua foice, e sega; a hora de segar te é vinda, porque já a seara da terra está madura.

E aquele que estava assentado sobre a nuvem meteu a sua foice à terra, e a terra foi segada.

E saiu do templo, que está no céu, outro anjo, o qual também tinha uma foice aguda.

E saiu do altar outro anjo, que tinha poder sobre o fogo, e clamou com grande voz ao que tinha a foice aguda, dizendo: Lança a tua foice aguda, e vindima os cachos da vinha da terra, porque já as suas uvas estão maduras.

E o anjo lançou a sua foice à terra e vindimou as uvas da vinha da terra, e atirou-as no grande lagar da ira de Deus.

E o lagar foi pisado fora da cidade, e saiu sangue do lagar até aos freios dos cavalos, pelo espaço de mil e seiscentos estádios".

Chegamos agora à sétima e última das figuras místicas das quais consiste esta quarta visão, e ao desenlace, onde podemos esperar encontrar a catástrofe do todo. Também não estamos decepcionados; pois nada pode ser mais distintamente marcado do que a catástrofe sob esse símbolo, sendo a interpretação tão evidente que dificilmente pode ser mal interpretada.

A cena começa com a aparição de "alguém como o Filho do homem sentado em uma nuvem branca", usando uma coroa de ouro na cabeça e segurando uma foice afiada na mão. A arma que ele segura é o emblema da transação que está prestes a ocorrer. É a hora da colheita, pois "a colheita da terra está madura; e aquele que estava sentado na nuvem lançou sua foice na terra; e a terra foi ceifada".

Não pode haver mal-entendido nesse ato. Temos o rascunho original da gravura na parábola de nosso Senhor sobre o trigo e o joio. "No tempo da colheita [no fim dos tempos, sunteleia tou aiwnov], direi aos ceifeiros: Reúna o joio primeiro e prenda-os em feixes para queimá-los; mas colha o trigo no meu celeiro". (Mt. 13:30)

A parábola do joio e do trigo também é seguida na visão da separação dessa transação judicial final em duas partes - a colheita do trigo e a safra, exceto apenas na transposição da ordem dos eventos. A colheita corresponde à colheita do trigo e sua colheita segura no celeiro; em outras palavras, é o cumprimento da previsão: "O Filho do homem enviará seus anjos, e eles reunirão seus eleitos dos quatro ventos" (Mt. 24:31-34), um evento que deveria ocorrer antes da morte [dos homens] dessa geração. A destruição do joio corresponde à "colheita da terra". Observar-se-á que a safra é totalmente de caráter destrutivo. Assim como a "colheita da terra" denota a salvação do povo fiel de Deus, também a "colheita da terra" denota a destruição de seus inimigos. É digno de nota que, enquanto o Filho do homem é representado como ceifador, o anjo na visão é o agente no corte da videira. Dificilmente é necessário apontar a adequação peculiar das imagens empregadas na última cena impressionante. "A videira da terra" é Israel, de acordo com o emblema bem conhecido no Sl. 80:8, "Trouxeste uma videira do Egito" etc. Chegou a vindima, pois "suas uvas estão totalmente maduras"; isto é, a nação está pronta para o julgamento. O anjo encarregado de destruir não reúne os cachos, mas corta a própria videira e a lança completamente na "grande prensa de vinho da ira de Deus". A prensa de vinho é pisada; e isso é representado como ocorrendo fora da cidade, como a oferta pelo pecado foi queimada fora do acampamento, e como o criminoso foi executado fora do portão, sendo amaldiçoado. (Hb. 13:11-13) O sangue sai da prensa de vinho e em tais torrentes que é como um rio inundado, subindo aos freios a cavalo e alcançando uma distância de mil e seiscentos estádios".

Isso é terrível em símbolo, mas quase literal em sua verdade histórica. Foi um povo que foi assim "pisado" na fúria da ira divina. Onde houve um mar de sangue derramado na guerra exterminadora de Vespasiano e de Tito? A carnificina, como relatada por Josefo, excede tudo o que é registrado nos anais sanguinários da guerra. Jerusalém e seus filhos dentro dela foram pisados na grande prensa

de vinho da ira de Deus. Então foram cumpridas as palavras do profeta Jeremias: "O Senhor pisou a virgem, filha de Judá, como num lagar". (Lm. 1:15) Há fatos e figuras na cena horripilante que representam a cavalaria invasora nadando em sangue até os pedaços dos cavalos; e provavelmente há uma alusão à extensão geográfica da Palestina nos "mil e seiscentos estádio", para que possamos considerar a descrição simbólica como equivalente à afirmação de que de um extremo ao outro a terra estava inundada de sangue.

Em tudo isso, a profecia e a história se encaixam como fechadura e chave; e se não tivéssemos o testemunho de uma testemunha ocular, que certamente não teria interesse em exagerar a ruína de seu povo ou difamar seu caráter, dificilmente alguém poderia acreditar que esses símbolos não estavam sobrecarregados. Mas ninguém pode ler essa história trágica sem reconhecer ali as transações que estão aqui escritas em símbolo e que atestam amplamente a realidade e a verdade da profecia.

Tal é a catástrofe distintamente marcada da visão das sete figuras místicas. Como as outras catástrofes, é um ato de julgamento, apresentando a grande consumação em um aspecto diferente. Se alguma dúvida ainda deve ser sentida quanto ao princípio subjacente a todo o nosso sistema de interpretação, viz. que o Apocalipse é uma representação sete vezes do mesmo grande drama providencial, ele deve ser dissipado pela próxima série de visões, que demonstra conclusivamente essa característica do livro.

A QUINTA VISÃO

AS SETE TAÇAS

Ap. 15:1: "E vi outro grande e admirável sinal no céu: sete anjos, que tinham as sete últimas pragas; porque nelas é consumada a ira de Deus." etc.

Essa visão abre, como a primeira, a segunda e a terceira, com um prólogo ou preâmbulo. A cena é colocada no céu, onde o Vidente contempla sete anjos, encarregados de infligir sete pragas, que são chamadas de as últimas, como sendo a conclusão da ira divina sobre a nação culpada. As imagens nesta cena introdutória são concebidas no estilo da mais alta sublimidade. Os sete ministros da vingança recebem de um dos seres vivos ou querubins, sete frascos de ouro cheios da ira de Deus, e são comissionados para começar imediatamente a execução de sua missão, ou seja, derramar seus frascos na terra [thn ghn].

Ver-se-á imediatamente que há uma correspondência acentuada entre a visão dos sete frascos e a das sete trombetas. Os frascos, na verdade, são simplesmente uma repetição e abreviação das trombetas, seguindo a mesma ordem e assumindo substancialmente a mesma forma. É verdade que existem circunstâncias adicionais introduzidas na visão dos sete frascos, mas ainda assim a semelhança entre as duas visões é tão impressionante que força a convicção na mente de que ambas se referem aos mesmos eventos históricos.

O paralelo subordinado mostrará a correspondência entre as duas visões mais distintamente:

AS TROMBETAS	AS TAÇAS
1. Pragas são derramadas sobre a terra.	1. Pragas são derramadas sobre a terra.
2. Afeta o mar, que se torna como sangue.	2. Afeta o mar, que se torna como sangue.
3. Afeta rios e fontes de água.	3. Afeta rios e fontes de água.
4. Afeta o sol, a lua e as estrelas.	4. Afeta o sol.
5. O abismo (a sede da besta) é	5. Derramou no trono da besta

aberto. Homens são atormentados.	(o abismo). Homens são atormentados.
6. Anjos são soltos no grande rio Eufrates. Agrupamento de hordas de cavalaria.	6. Derramado no grande rio Eufrates. Os anfitriões se reúnem para a batalha do grande dia.
7. Catástrofe, julgamento; o reino é proclamado. Fenômenos naturais terríveis - vozes, trovões e terremotos.	7. Catástrofe; proclamação do fim. Fenômenos naturais terríveis - vozes, trovões e terremotos.

Isso não pode ser mera coincidência casual: é identidade e sugere a investigação: por que razão a visão é assim repetida? Não pode ser meramente por uma questão de simetria, completar o plano sétimo da construção, pois a riqueza maravilhosa do livro faz com que a sugestão de pobreza de invenção ou repetição, por uma questão de preenchimento, seja totalmente absurda. Mais provável é a explicação de que a visão dos frascos é introduzida não apenas para reafirmar os julgamentos que estão por vir sobre a terra, mas especialmente para preparar o caminho para apresentar o grande criminoso, cuja hora do julgamento chegou. A última das sete taças representa Babilônia, a grande como uma lembrança diante de Deus; contudo, na catástrofe da visão, seu julgamento é suspenso, porque é para formar o material de uma visão separada, viz. a sexta.

Agora será apropriado revisar brevemente os frascos sucessivos dos sete anjos.

As primeiras quatro taças (Ap. 16:2-9), como as quatro primeiras trombetas, afetam o mundo natural: a terra, o mar, os rios, o sol. Todos eles são perturbados e atacados por pragas - a estrutura da natureza está fora de comum e a criação inanimada adoece e geme por causa da maldade dos homens. Pode-se dizer que isso é uma

figura de linguagem, embora haja bastante nas Escrituras; até que ponto ele expressa quaisquer fatos históricos, é impossível dizer, mas é notável que a linguagem de nosso Senhor ao falar desse mesmo período chegue muito perto dos símbolos do Apocalipse: "Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; e na terra a angústia do povo, confusa por causa do rugido do mar e das ondas, homens desmaiando de medo e expectativa das coisas que virão à terra; porque os poderes do céu serão movidos" (Lucas 21: 25,26). Se quisermos confiar no testemunho de Josefo, a destruição de Jerusalém foi precedida por presságios do tipo mais alarmante.[331] Deve-se observar que a área afetada por essas pragas é "a terra", ou seja, a Judeia, o cenário da tragédia. O caráter local e nacional das transações representadas na visão é destacado em Ap. 16:6. Quando o terceiro anjo transforma os rios em sangue, o anjo das águas é ouvido reconhecendo a justiça retributiva dessa praga: "Porque eles derramaram o sangue dos santos e dos profetas, você também os deu para beber sangue; porque eles merecem". Esse "assassinato dos profetas" foi o próprio pecado de Israel e de Jerusalém, nem há outra cidade ou nação contra a qual esse crime em particular possa ser alegado como sua característica peculiar. Esse impeachment fixa decisivamente a alusão na visão ao povo judeu e àquele período de medo em sua história em que se pode realmente dizer que seus rios corriam com sangue.

A quinta taça (Ap. 16:10, 11) corresponde à quinta trombeta. Ela é derramada no assento ou no trono da besta, que parece ser idêntico ao "abismo" da visão da trombeta. O abismo é a região da qual se diz que o animal ascende; (Ap. 11:7) e que esse era o nome dado à morada dos espíritos malignos aparece do fato de que os demônios expulsos do possuído Gadareno imploravam a Jesus "que ele não lhes ordenasse que fossem embora para o abismo". (Lucas 8:31) A sede da besta, portanto, é o mesmo abismo - o reino do poder das trevas. Que fatos históricos são significados pelos símbolos de terror e

[331] Guerras judaicas, bk. vi. cap. v. sect. 3, 4.

miséria aqui empregados é impossível dizer, embora não apontem obscuramente as agonias de angústia e sofrimento que precederam e anunciaram a consumação final.

A sexta taça, como a sexta trombeta, atuam no grande rio Eufrates (Ap. 16:12) cuja água é seca, para que "seja preparado o caminho dos reis do leste". Agora nos aproximamos da catástrofe. Na visão da sexta trombeta, vemos um exército inumerável reunido para a grande batalha; na visão do sexto frasco, vemos "três espíritos imundos como sapos que saem da boca do dragão e da boca da besta e da boca do falso profeta"; os emissários dos poderes das trevas saem para reunir os exércitos dos "reis do mundo inteiro", para reuni-los na grande guerra do "grande dia de Deus Todo-Poderoso". Traduzido em termos históricos, este símbolo representa a mobilização das forças do Império e dos reis das nações vizinhas para a guerra judaica. A secagem do Eufrates parece claramente significar que está sendo atravessada com facilidade e rapidez; e isto, tomada em conexão com o símbolo correspondente sob a sexta trombeta, viz. a soltura dos quatro anjos amarrados no Eufrates, aponta para o desenho de tropas daquele bairro para a invasão da Judeia. Sabemos que isso é um fato histórico. Não apenas as legiões romanas na fronteira do Eufrates, mas também os reis auxiliares cujos domínios estavam naquela região, como Antíoco de Comages e Soemo de Sofena, mais apropriadamente designados "reis do leste", seguiram as águias de Roma para o cerco a Roma. Jerusalém.[332] O nome dado ao conflito que se aproxima determina decisivamente o evento a que é feita referência: - é "a batalha" ou "guerra daquele grande dia de Deus Todo-Poderoso" - uma expressão equivalente ao "grande e terrível dia do Senhor". O fato de que este dia estava próximo é claramente sugerido pelo aviso em Ap. 16:15: "Eis que venho como ladrão". A cena do conflito também, "Armageddon" - um nome associado a um dos dias mais sombrios e desastrosos da história de Israel, o campo de Megido, o emblema da derrota e do massacre, fica no território

[332] Ver Josephus, Guerras Judaicas, bk. iii. cap. iv. sect. 2; bk. v. cap. i. sect. 6.

judaico. Esse nome de mau presságio foi dado para ser o tipo daquele campo final de sangue no qual Israel como nação estava condenado a perecer.

A sétima taça, como a sétima trombeta, traz a catástrofe da visão, acompanhada pelos mesmos presságios de "vozes, trovões, relâmpagos, e um terremoto e grande granizo". Uma voz do templo, uma voz do próprio trono, proclama a consumação: "Está feito! Tegonen ! Actum est! Tudo está acabado!" Ou seja, a catástrofe da visão, e aquilo que ela simboliza, chegou; pois será observado que toda catástrofe nos leva a praticamente a mesma conclusão. Um terremoto de violência incomparável destrói "as cidades das nações'"e divide "a grande cidade" em três partes, ela mesma, a cidade que é preeminentemente o tema dessas visões. "Babilônia, a grande" (que é claramente o nome da cidade que acabamos de mencionar) "foi lembrada diante de Deus, para lhe dar o cálice do vinho da ferocidade de sua ira"; seus pecados clamam por vingança, e agora chegou o seu julgamento, e o cálice da feroz ira de Deus está cheio para ela beber.

Que tudo isso se refira indubitavelmente e exclusivamente a Jerusalém é certamente evidente, e é capaz da demonstração mais clara que a sequência mostrará.

Um incidente nesta grande e terrível catástrofe merece atenção especial. Em ambas as visões, a sétima trombeta e a sétima taça, é feita uma menção particular ao grande granizo que cai sobre os homens. Na sétima taça, o granizo é mais amplamente valorizado, e diz-se que cada pedra tem o peso de um talento. Há algo tão extraordinário, e ainda assim tão específico, nessa afirmação que prende a atenção e sugere a investigação: isso é completamente simbólico ou, de certa forma, é um fato? Certamente, não podemos conceber granizo literal do qual toda pedra deva ter o peso de um talento; no entanto, a linguagem é tão precisa e definida que somos quase obrigados a supor que não é mera hipérbole. Agora, é um fato notável que em Josefo parecemos obter a explicação desse símbolo

aparentemente ininteligível. Ele nos informa que, no cerco de Jerusalém, a décima legião construiu balistas de enorme magnitude e poder, que lançaram vastas pedras na cidade.

"Por mais admiráveis que fossem as máquinas construídas por todas as legiões, as do décimo eram de excelência peculiar. Seus escorpiões eram de maior poder e suas catapultas de maior tamanho, e com eles mantidos afastados não apenas os contra-atacantes, mas também para as muralhas. As pedras lançadas eram do peso de um talento e tinham um alcance de quatrocentos metros ou mais. O impacto, não apenas naqueles que as encontraram pela primeira vez, mas também naqueles que estavam esmagando além Essa distância era irresistível, no entanto, no início, os judeus podiam se proteger das pedras, pois sua abordagem era indicada, não apenas pela audição devido ao apito ouvido, mas também pela visão, pela cor, pois eram brancas e brancas. Consequentemente, os judeus tinham sentinelas estacionados nas torres, que avisavam quando a máquina era disparada e a pedra lançada, gritando em sua língua nativa: "O filho está chegando", para o qual aqueles a quem essas palavras foram endereçadas. Eles foram separados e jogados no chão antes que as pedras os alcançassem. Por isso, devido a essas precauções, a pedra caiu inofensivamente. Ocorreu aos romanos escurecer as pedras; Visando com mais cuidado, eles abateram muitos judeus com uma única descarga, pois as pedras não eram mais facilmente distinguíveis quando se aproximavam". (Josephus, Jewish Wars, bk. v. cap. vi. 3)

Isso é apenas uma coincidência fantasiosa, ou é um exemplo de sinal do cumprimento exato da profecia? Confessamos que nos inclinamos para a última alternativa, pois é perfeitamente congruente representar um modo de ataque como uma tempestade ou granizo de projéteis, enquanto a alusão específica ao enorme peso de cada pedra parece trazer a afirmação para o domínio de fato e história.[333]

[333] Há outra circunstância curiosa relacionada a esta passagem em Josefo. Whiston tem a seguinte nota:

"Qual deveria ser o significado desse sinal ou slogan "O filho está chegando", quando a sentinela viu uma pedra vinda de uma máquina de guerra chegar, ou que erro ocorre ao interpretar esse sinal, eu não sei. Todos os manuscritos, o grego e o latim concordam com essa interpretação; e não posso aprovar nenhuma alteração conjectural e infundada do texto de nioz para ioz, no sentido de que nem o filho nem a pedra vieram, mas uma flecha ou dardo, como as alterações feitas pelo Dr. Hudson e que não foram corrigidas pelo Havercamp. Se Josefo ainda havia escrito sua primeira edição desses livros de guerra em hebraico puro, ou se os judeus haviam usado hebraico puro em Jerusalém - a palavra hebraica para filho é tão semelhante à palavra para pedra, Ben e Eben-tal a correção teria sido mais facilmente aceita. Josefo, porém, escreveu sua primeira edição para ser usada por judeus que viviam além do Eufrates e no idioma caldeu, ao preparar esta segunda edição no idioma grego; e Bar era a palavra caldeu para filho, em vez da palavra hebraica Ben, e era usada não apenas na Caldeia, mas também na Judeia, como o Novo Testamento nos informa. Dio também nos informa que os mesmos romanos de Roma pronunciaram o nome de Simão, filho de Gioras, como Bar-Poras, em vez de Bar-Gioras, como nos diz Hifilino, p. 217. Reland observa que "muitos procurarão um mistério aqui, como se o significado fosse que agora o Filho de Deus veio se vingar dos pecados da nação judaica", que certamente é a verdade dos fatos, mas dificilmente o que os judeus agora queriam dizer, a menos que, possivelmente, eles quisessem zombar de Cristo", ameaçando com tanta frequência que ele chegaria ao chefe do exército romano para destruí-los. Mas mesmo essa interpretação tem apenas um ligeiro grau de probabilidade. Se eu fizesse uma emenda por mera conjectura, eu leria petroz, em vez de nioz, embora a semelhança não seja tão grande quanto com ioz, porque essa é a palavra que Josefo acabou de usar, como já foi observado nessa mesma ocasião; enquanto ioz, uma flecha ou dardo, é apenas uma palavra poética, e nunca é usada por Josefo em nenhum outro lugar, e não é realmente adequado para a ocasião, uma vez que esta máquina de guerra não lança flechas ou dardos, mas grandes pedras desta vez". - Josephus, de Whiston, livro 5, cap. 6, parágrafo 3, Nota.
O Dr. Trail faz a seguinte observação sobre esta passagem:
"O filho está vindo." O nioz é o que aparece escrito em todos os manuscritos e na obra de Rufino; e não é fácil conceber como tal palavra poderia ser encontrada em todas elas, se não fosse a verdadeira. As alterações propostas também não são satisfatórias. Ou ioz produziria a "flecha", não a "pedra". Ou liqoz não tem autoridade. Cardwell propõe outoz, "aqui vem". A explicação de Reland provavelmente não está longe da verdade; isto é, que o grito foi wba ab = "a pedra está chegando", mas que alguns, enganados pela semelhança do som, interpretaram wbh ab = "o filho está chegando". De um erro como esse, ou de alguma outra causa, o termo "filho" poderia ter sido aplicado como apelido". De Traill, Josefo, Notas críticas. P. 160

A SEXTA VISÃO (PARTE I)

A SEXTA VISÃO
(Ap. 17 - Ap. 18 - Ap. 19 - Ap. 20)

A CIDADE PROSTITUTA

Agora, abordamos uma parte de nossa investigação na qual estamos prestes a fazer grandes exigências à sinceridade e imparcialidade do leitor, e devemos pedir uma ponderação paciente e imparcial das evidências que serão apresentadas a ele. Possivelmente, podemos contrariar muitas posses, mas se a sede do julgamento for ocupada por um amor imparcial à verdade, não teremos medo de uma decisão adversa.

Pode ser conveniente, desde o início, ter uma visão geral dessa visão como um todo, ocupando um espaço maior do que qualquer outro no livro e, assim, indicando a importância preeminente de seu conteúdo.

É introduzido por um prefácio ou prólogo curto. (Ap. 17:1, 2) Um dos anjos das taças convida o Vidente a vir e contemplar o julgamento da "grande prostituta que está sentada em muitas águas". A visão ocorre no "deserto". O profeta vê uma mulher sentada em uma fera de cor escarlate, cheia de nomes de blasfêmia e com sete

---

Estamos preparados para acreditar que nenhuma dessas sugestões fornece uma explicação satisfatória, embora algumas delas estejam próximas da verdade. Só podia ser sabido pelos judeus que a grande esperança e fé dos cristãos era a breve vinda do Filho. Segundo Hegesipo, foi nessa mesma época que São Tiago, o irmão de nosso Senhor, testemunhou publicamente no templo que "o Filho do homem estava prestes a vir nas nuvens do céu" e depois selou seu testemunho com seu sangue. Parece muito provável que os judeus, em sua blasfêmia desafiadora e desesperada, ao verem a massa branca voando pelo ar, exclamaram obscenamente: "O Filho está chegando", para zombar da esperança cristã da parousia, com a qual eles poderiam estabelecer uma ridícula semelhança na aparência estranha do projétil.

cabeças e dez chifres. A mulher está maravilhosamente vestida com uma túnica de púrpura e escarlate, e adornada com ouro e pedras preciosas, e segura na mão um cálice de ouro "cheio de abominações e imundície de sua fornicação". Na testa dessa figura visionária está uma inscrição: "Mistério, Babilônia, a grande, mãe de prostitutas e abominações da terra". Além disso, é dito que ela está "bêbada com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus". O anjo intérprete passa a divulgar ao profeta o significado da aparição. Ele identifica o animal selvagem nessa visão com o primeiro animal descrito em Ap. 13, cujo número é seiscentos e sessenta e seis, acrescentando detalhes adicionais à descrição, alguns deles de caráter muito obscuro. A mulher, ou prostituta, ele declara ser "aquela grande cidade que reina sobre os reis da terra". No próximo capítulo (Ap. 18), a queda de Babilônia, a grande, ou a cidade prostituta, é descrita em linguagem de grande poder e beleza. Isto é seguido em Ap. 19 pela celebração no céu do triunfo sobre Babilônia, que dá ocasião para introduzir antecipadamente as núpcias do Cordeiro que se aproxima; após uma descrição da vitória do divino Campeão, cujo nome é a Palavra de Deus, sobre "a besta, o falso profeta e os reis da terra". Em Ap. 20 o dragão, o chefe da grande confederação contra a causa da verdade e de Deus, é amarrado e trancado no abismo por um período de mil anos. A visão então se encerra em uma grande catástrofe, um ato solene de julgamento, no qual os mortos, pequenos e grandes, estão diante de Deus e são julgados de acordo com suas obras. Esse é um esboço rápido dos contornos dessa visão magnífica.

A questão de maior importância e dificuldade que temos aqui para lidar é: Qual cidade é significada pela mulher sentada na besta escarlate e designada "Babilônia, a Grande"?

Pela grande maioria dos intérpretes, foi e é recebida como uma proposição indubitável e quase auto-evidente de que a Babilônia do Apocalipse é, e pode ser, além de Roma, a imperatriz do mundo nos dias de São João, e desde seu tempo a sede e o centro da forma mais

corrupta do cristianismo e do despotismo espiritual mais ofuscante que o mundo já viu. Que há muito a favor dessa opinião pode ser deduzido do fato de sua aceitação geral. Pode até ser pensado para ser colocado fora de questão pela aparente identificação da prostituta na visão, como a "cidade das sete colinas" e "a grande cidade que reina sobre os reis da terra".

Parece presunçoso e arriscado contestar uma decisão que foi pronunciada por tal autoridade e que governou por tanto tempo entre teólogos e comentaristas protestantes, e quem se arrisca a fazê-lo entra em uma grande desvantagem. No entanto, no interesse da verdade, e com toda reverência e lealdade ao ensino da Palavra divina, pode ser permitido, além de ser imperativo, mostrar a causa da razão pela qual a interpretação popular desse símbolo deve ser rejeitada como insustentável e falso.

1. Existe uma presunção a priori do tipo mais forte contra Roma, sendo a Babilônia do Apocalipse. A improbabilidade é grande em relação a Roma pagã, mas muito maior em relação Roma papal. O próprio design do livro exclui a possibilidade de Roma ser representada como uma de suas dramatis personae. A ideia fundamental do Apocalipse, como tentamos provar, é a Parousia que se aproxima e o julgamento que acompanha a nação culpada. Roma, pagã ou cristã, está completamente fora do campo de visão apocalíptica, que se restringe a "coisas que devem acontecer em breve". Perambular por todas as idades e países na interpretação dessas visões é absolutamente proibido pelas limitações expressas e fundamentais estabelecidas no próprio livro.

2. Por outro lado, é esperado a priori que grande destaque seja dado no Apocalipse a Jerusalém. Isso é fato, se nossa visão do design e do assunto do livro estiver correta, deve ser a figura central das visões. Se o Apocalipse é apenas a reprodução e expansão da profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras, que é principalmente ocupada com o julgamento que se aproxima de Israel e de Jerusalém, podemos

esperar encontrar a mesma coisa no Apocalipse; e é tão irracional procurar Roma no Apocalipse como seria procurá-la na profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras.

3. Merece especial atenção que no Apocalipse existem duas cidades, e apenas duas, que são destacadas e pelo nome à vista pela representação simbólica. Cada uma é a antítese da outra. Uma é a personificação de tudo que é bom e santo, a outra é a personificação de tudo que é mau e amaldiçoado. Conhecer um dos dois é conhecer o outro. Essas duas cidades contrastantes são a nova Jerusalém e a Babilônia, a grande.

Não pode haver dúvida quanto ao significado da nova Jerusalém: é a cidade de Deus, a habitação celestial, a herança dos santos da luz. Mas qual é, então, a antítese apropriada para a nova Jerusalém? Certamente, não pode ser outro senão a velha Jerusalém. De fato, essa antítese entre a antiga Jerusalém e a nova é traçada para nós tão distintamente por São Paulo na Epístola aos Gálatas, que ele coloca em nossas mãos uma chave para a interpretação desse símbolo no Apocalipse. O apóstolo contrasta a Jerusalém "que agora é" com a Jerusalém que deveria ser: a Jerusalém que está em cativeiro com a Jerusalém que é livre: a Jerusalém que está embaixo com a Jerusalém que está acima. (Gl. 4:25, 26) Temos na epístola uma antítese semelhante aos hebreus, onde "a cidade que tem fundamentos" é contrastada com a cidade que não continua; a cidade "cujo construtor é Deus" com a cidade da criação humana; "a cidade do Deus vivo", ou a "Jerusalém celeste", com a Jerusalém terrestre. (Hb. 11:10, 16, 12:22) Da mesma maneira, temos a antítese entre essas duas cidades, que nos é apresentada de maneira distinta e ampla no Apocalipse, uma sendo a prostituta, a outra a noiva, a esposa do Cordeiro.

Esses paralelos ou contrastes só precisam ser apresentados aos olhos para falar por si:

A nova Jerusalém	A velha Jerusalém
Jerusalém celestial	Jerusalém terrestre
A cidade que tem fundações	A cidade sem continuidade
A cidade cujo construtor é Deus	A cidade cujo construtor é homem
A Jerusalém por vir	A Jerusalém que agora existe
A Jerusalém acima	A Jerusalém abaixo
A Jerusalém que é livre	A Jerusalém que está em escravidão
A cidade santa	A cidade ímpia
A noiva	A prostituta

A antítese real e apropriada, portanto, da nova Jerusalém é a antiga Jerusalém: e como a cidade contrastada com a nova Jerusalém também é designada Babilônia, concluímos que Babilônia é o nome simbólico da cidade perversa e condenada, a antiga Jerusalém, cujo julgamento é aqui previsto.

4. Se for contestado que outros nomes simbólicos já foram apropriados pela antiga Jerusalém - que ela é designada "Sodoma e Egito" -, não é por isso que ela também não pode ser chamada de Babilônia. Se ela passa sob um pseudônimo, por que não sob outro, desde que seja descritivo de seu caráter? Todos esses nomes, Sodoma, Egito, Babilônia, são igualmente sugestivos do mal e da impiedade, e designações apropriadas da cidade ímpia cujo destino deveria ser como o deles.

5. Vale a pena notar que em Apocalipse há um título que se aplica a uma cidade específica por excelência. É o título "a grande cidade" [h poliv h megalh]. É claro que é sempre a mesma cidade assim designada, a menos que outra seja expressamente especificada. Agora,

a cidade em que as testemunhas são mortas é expressamente chamada por esse título, "aquela grande cidade"; e os nomes Sodoma e Egito são aplicados a ele; além disso, é particularmente identificada como a cidade "onde também nosso Senhor foi crucificado". (Ap. 11:8) Não há dúvida razoável de que isso se refere à antiga Jerusalém. Se, então, "a grande cidade" de Ap 11:8 significa Jerusalém antiga, segue-se que "a grande cidade" de Ap 14:8, denominado também Babilônia, e "a grande cidade" de Ap 16:19, deve igualmente significar Jerusalém. Por paridade de raciocínio, "aquela grande cidade" [h poliv h megalh] em Ap. 17:18, e em outros lugares, deve se referir também a Jerusalém. É uma mera suposição dizer, como diz Dean Alford, que Jerusalém nunca é chamada por esse nome. Não há inaptidão, mas o contrário, em um título tão distinto sendo aplicado a Jerusalém: Para um israelita, era a cidade real, de longe a cidade mais importante do mundo, a única cidade que poderia ser corretamente designado; E nunca se deve esquecer que as visões do Apocalipse devem ser consideradas do ponto de vista judaico.

6. Na catástrofe da quarta visão (a das sete figuras místicas), o julgamento de Israel é simbolizado pela pisada da prensa de vinho. Dizem-nos também que "a prensa de vinho foi pisada fora da cidade". (Ap. 14:20) Visto que a videira da terra representa Israel, como sem dúvida, segue-se que "a cidade", onde "fora da cidade" as uvas são pisadas deve ser Jerusalém. A única cidade mencionada no mesmo capítulo é Babilônia, a grande (Ap 14:8), que deve, portanto, representar Jerusalém. É inconcebível que a videira da Judeia seja pisada fora da cidade de Roma.

7. Em Ap. 16:19, afirma-se que "a grande cidade" foi dividida em três partes pelo terremoto sem precedentes mencionado em Ap. 16:18. Que grande cidade? Evidentemente, a grande Babilônia, que é lembrada diante de Deus. Possivelmente a divisão da cidade pode não ter um significado especial além da ilustração do efeito desastroso do terremoto; mas, mais provavelmente, é uma alusão à figura empregada pelo profeta Ezequiel na descrição do cerco de Jerusalém.

(Ez. 5:1-5) É ordenado ao profeta que arranque os cabelos da cabeça e da barba e, dividindo-os em três partes, queime uma parte com fogo, corte outra com uma faca e espalhe a terceira aos quatro ventos, desenhando um espada atrás deles; enquanto apenas alguns cabelos deviam ser preservados e amarrados na saia de sua roupa". Em seguida, segue a declaração enfática: "Assim diz o Senhor Deus: Esta é Jerusalém". É apropriado que, em uma profecia tão cheia de símbolos como a de Ezequiel, deveríamos procurar luz sobre os símbolos do Apocalipse. Não é preciso dizer com que intensidade essa divisão tripartida da cidade representa o destino de Jerusalém no cerco de Tito. Dificilmente é possível imaginar uma descrição mais verdadeira do fato histórico real do que o que está resumido no décimo segundo verso do mesmo capítulo: - "Uma terceira parte de ti morrerá pela pestilência e com fome será consumida no meio de ti; e uma terceira parte cairá à espada em volta de ti; e espalharei uma terceira parte em todos os ventos, e eu desembainharei a espada atrás deles".

Mas, seja essa a alusão na visão ou não, a linguagem é totalmente ininteligível se aplicada a qualquer outra cidade além de Jerusalém. Em que sentido razoável Roma poderia ser dividida em três partes? É Roma que entra em lembrança diante de Deus? É para Roma que é dado o cálice do vinho da ferocidade da ira de Deus? Esta última figura deveria ter sugerido aos comentaristas a verdadeira interpretação. É um símbolo apropriado para Jerusalém. "Desperta, desperta, levanta-te, ó Jerusalém, que bebeste da mão do Senhor o cálice do seu furor; bebeste e sorveste os sedimentos do cálice do atordoamento". (Is. 51:17)

8. Mas um argumento mais ponderado, e que pode ser considerado decisivo contra Roma ser a Babilônia do Apocalipse, e no momento provar a identidade entre Jerusalém e Babilônia, é o que deriva do nome e caráter da mulher na visão. Vimos que a mulher representa uma cidade; uma cidade denominada "a grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também nosso

Senhor foi crucificado". (Ap. 11:8) Essa mulher ou cidade também é chamada de prostituta,"aquela grande prostituta", "a mãe das prostitutas e das abominações da terra". Agora, essa é uma denominação familiar e bem conhecida no Antigo Testamento, e totalmente inapropriada e inaplicável a Roma. Roma era uma cidade pagã e, consequentemente, incapaz desse grande e condenável pecado que era possível e, infelizmente, real para Jerusalém. Roma não era capaz de violar a aliança de seu Deus, de ser falsa ao seu divino marido, pois ela nunca foi a esposa casada de Jeová. Esta foi a culpa última de Jerusalém, somente dela, entre todas as nações da terra, e é o pecado pelo qual ela é acusada e condenada ao longo de toda a sua história. É impossível ler a descrição gráfica da grande prostituta no Apocalipse sem ser lembrado instantaneamente do original dos profetas do Antigo Testamento. Em todo o seu testemunho, isso é pecado, este é o nome que eles lançam contra Jerusalém. Ouvimos Isaías exclamando: "Como a cidade fiel se tornou uma prostituta!" (Is. 1:21) "Você se descobriu para outro que não eu, e subiu; alargaste a tua cama e fizeste aliança com eles". (Is. 57:8) Ainda mais enfaticamente, o profeta Jeremias estigmatiza Jerusalém com este epíteto reprovador: "Vai, e clama aos ouvidos de Jerusalém, dizendo: Assim diz o Senhor: Lembro-me de ti, da bondade da tua mocidade, do amor dos teus esposos"; - mas, "sobre toda colina alta e debaixo de toda árvore verde que você vagueia, brincando de prostituta". (Jr. 2:2, 20) "Você brincou de prostituta com muitos amantes"; "poluíste a terra com as tuas prostituições e com a tua maldade"; "você teve a testa de uma prostituta, recusou-se a ter vergonha". "Ela subiu a todas as montanhas altas e debaixo de todas as árvores verdes, e lá se prostitui". "Volta, ó filhos rebeldes, diz o Senhor; porque eu sou casado com você". "como a esposa infiel abandona o seu parceiro, assim você prevaleceu contra mim; Tu transgrediste contra mim, ó casa de Israel, diz o Senhor". (Jr. 3:1, 2, 3, 6, 14, 20) "Mesmo que se vista de vermelho, se se adorna com ornamentos de ouro, se pinta os olhos com antimônio, em vão você se veste; Seus amantes o desprezarão, buscarão sua vida". (Jr. 4:30) "Que direito meu amado tem em minha casa, tendo feito muitas abominações?" (Jr. 11:15) "Vi

seus adultérios, seus relinchos, a maldade de sua fornicação nas colinas; no campo vi suas abominações. Ai de você, Jerusalém! Você não ficará finalmente limpo? Quanto tempo levará para você se purificar?" (Jr. 13:27)

Ignorando os outros profetas, é em Ezequiel que encontramos a figura elaborada em toda a extensão. No décimo sexto capítulo, toda a história de Israel, personificada por Jerusalém, é relatada em um estilo alegórico e poético, e será suficiente aqui citar o índice desse capítulo nas palavras prefixadas por nossos tradutores.

Ezequiel 16 – Conteúdo

v.1 Sob a semelhança de uma criança miserável, é mostrado o estado natural de Jerusalém.
v.6 O extraordinário amor de Deus por ela.
v.15 Sua monstruosa prostituição.
v.35 Seu julgamento grave.
v.44 Seu pecado, que combina com sua mãe e excede suas irmãs, Sodoma e Gomorra, exige julgamento.
v.60 A misericórdia é prometida a ela no final.

Acreditamos que dificilmente é possível a uma mente honesta e inteligente comparar as alegorias de Ezequiel nos capítulos dezesseis, vinte e dois e vinte e três com a descrição da prostituta de Apocalipse, sem estar convencido de que encontramos no profecia o original e o protótipo da visão, e que ambos retratam o mesmo indivíduo, viz. Jerusalém.

Temos, assim, evidências decisivas de que a culpa característica de Jerusalém era o pecado que é conhecido nas Escrituras como adultério espiritual; uma ofensa que não poderia ser imputada a Roma, porque não tinha a mesma relação com Deus que Jerusalém. É para Jerusalém, e somente para Jerusalém, que o epíteto vergonhoso

é, com uniformidade melancólica, aplicado, como peculiar e preeminentemente "a cidade prostituta".

9. É claro que será sugerido como uma objeção a essa identificação de Jerusalém como a Babilônia apocalíptica, que a descrição topográfica da "grande cidade" seja tão exatamente aplicável a Roma que é impossível que qualquer outra cidade seja entendida. Por exemplo, o nono versículo declara: "Aqui está a mente que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está sentada". Isso deve ser Roma e não pode ser outro; pois ela é notoriamente a "urbs septicollis", a cidade de sete colinas.

No entanto, o opositor poderia supor que, se a identidade da cidade fosse tão evidente, dificilmente seria apropriado prefaciar a explicação com as palavras significativas: "Aqui está a mente que tem sabedoria"; isto é, requer sabedoria para entender a interpretação da visão. Essa explicação é superficial demais para ser correta.

Na interpretação de um livro simbólico, uma literalidade excessiva pode ser uma fonte de erro. Especialmente o número simbólico sete é, no mínimo, um sentido estritamente aritmético. Existem muitos exemplos no Apocalipse do uso desse número simbólico, nos quais nenhum intérprete com senso comum sonharia em contar as unidades. Temos sete cabeças, sete olhos, sete lâmpadas, sete estrelas, sete trovões, sete espíritos. Seria um absurdo manifesto insistir na história numérica completa de tais objetos; por que, então, sete deveriam ser entendidos aritmeticamente quando predicados de montanhas? Não é muito mais congruente com a natureza de tal símbolo que deveria ter uma moral, ou política,ao invés de um sentido topográfico, indicando a preeminência da cidade no poder ou no privilégio? Como Cafarnaum, Jerusalém foi "exaltada para o céu" e como ela deveria ser "levada ao inferno".

Mas admitindo que a expressão "sentado em sete montanhas" tenha um significado topográfico, esse recurso está adequadamente

representado na situação de Jerusalém. Era realmente muito mais uma cidade montanhosa do que a própria Roma. "O seu fundamento está nas montanhas sagradas"; (Sl. 87:1) "Deus deve ser grandemente louvado na cidade de nosso Deus, nos montes de sua santidade". (Sl. 48:1, 2) Jerusalém era "uma cidade na colina". Ainda hoje, o viajante é chamado de peculiaridade de sua localização.

"A cidade em si está soberbamente localizada, como uma rainha nas montanhas, com vales profundos e montanhas ao redor para protegê-la".[334]

No entanto, se o literalista ainda exigir que a Babilônia mística tenha o número total de colinas, Jerusalém tem uma reivindicação tão boa quanto Roma de se sentar em sete montanhas. Além das conhecidas colinas de Sião, Moria, Accra, Bezeta e Ofel, o castelo de Antônia estava situado em outra altura, e havia outro destaque ou cume rochoso no qual Herodes, o Grande, construíra as torres dos cavaleiros, Fasalo, e Mariamne.[335] (Ver Zuellig em The Revelation, Stud. Und Krit., Para 1842.) É possível, portanto, encontrar sete colinas em Jerusalém; embora deva-se admitir que Josefo fala apenas de quatro, ou no máximo cinco.[336] Consideramos, no entanto, que o

[334] Lar na Terra Santa, p. 124.

[335] Hippicus, Phasaelus e Mariamne foram erguidos em uma eminência representada por Josefo com 45 pés de altura. Estas três torres estavam sobre uma eminência isolada que se elevava acima da elevação geral desta parte da colina. (Lewin, cerco de Jerusalém, pp. 348, 350.) Antonia foi construída sobre uma rocha de 75 pés de altura, que era precipitada em toda a volta. (Ibidem, p. 437).

[336] A cidade foi construída sobre quatro colinas. Destes, o oeste, ou a antiga Sião, era o mais alto, erguendo-se cerca de 60 metros acima de Moriá. Ao norte e ao leste, em frente a Sião, e dividido a partir dela pelo vale tiropeano, estava o crescente em forma de Acra, e Moriah, o último com Ofel, o subúrbio dos sacerdotes, como seu predador ao sul. Finalmente, a quarta colina, Bezetha, a nova cidade, erguia-se ao norte do monte do templo e de Acra, e era separada deles por um vale artificial ... Fortes destacados guardavam as várias colinas nas quais se erguia a cidade de azulejos, como Millo, Ophel e outros. Destas, a mais alta e mais forte era a torre de Antonia, que alcançou

símbolo se refere à situação elevada da cidade ou à sua preeminência política. Outra objeção, ainda mais formidável, será alegada na declaração de Apocalipse 17:18 : "A mulher que viste é a grande cidade que reina sobre os reis da terra". Isto, será dito, não pode se aplicar a Jerusalém, e pode se aplicar apenas a Roma. Jerusalém nunca foi uma cidade imperial, com nações vassalas e reis tributários sujeitos à sua autoridade; enquanto Roma era a amante e monarca do mundo.

No que diz respeito ao título "a grande cidade" [h poliv h megalh], mostramos que ele é realmente aplicado a Jerusalém em várias passagens do Apocalipse. (Ap. 11:8, 13, 14:8, 20, 16:19) Para os judeus era uma grande cidade, e por boas razões. Há uma passagem notável em Josefo, onde ele faz um relato do discurso de Eleazar, o bravo defensor da fortaleza de Massada, incitando seus homens a se destruírem com suas esposas e filhos, em vez de se renderem aos romanos:

"Onde, então", disse ele, "é aquela grande cidade, a metrópole de toda a nação dos judeus, protegida por tantas muralhas circundantes, protegida por tantas fortalezas e pela enormidade de suas torres, que com dificuldade poderia contém seus equipamentos de guerra e cujas guarnições consistiam em tantas miríades de defensores? O que aconteceu com essa cidade que acreditamos ser habitada pelo próprio Deus? Arrancada de suas fundações, foi varrida, deixando apenas uma lembrança dela e sendo o campo de seus destróieres ainda plantou em suas ruínas".[337]

Tal passagem descarta imediatamente a objeção de que o título de "aquela grande cidade" não é aplicável a Jerusalém.

---

uma altura de 105 pés, sendo ela própria erguida sobre uma rocha de 75 pés de altura. - Edersheim, The Temple, pp. 11, 13. Aqui temos sete colinas enumeradas , enquanto apenas quatro são reivindicados como tais, viz. Sião, Moriá, Acra, Ofel, Bezeta, Milo e a rocha da torre de Antônia.

[337] Josephus de Traill, bk. vii. cap. rift. sect. 7.

No que diz respeito à frase "que reina sobre os reis da terra" - a falácia que enganou muitos são os erros de tradução "reis da terra" [basileiv thv ghv]. Uma fonte muito proveitosa de confusão e erro na interpretação do Novo Testamento é a maneira caprichosa e incerta pela qual o "ge" é traduzido em nossa Versão Autorizada. Às vezes, embora raramente, tenha seu significado apropriado, a terra [land]; mas com mais frequência é traduzida para a terra [earth], e nossos tradutores nunca parecem ter se dado ao trabalho de perguntar se a palavra deveria ser tomada em seu sentido mais amplo ou restrito. Com incrível descuido, eles tornam pasai ai fulai thv ghv "todos os habitantes da terra", em vez de "todas as tribos da terra"; e h ampelov thv ghv , "a videira da terra [earth]", em vez de "a videira da terra [land]". assim, na passagem diante de nós (Apocalipse 17:18), os "reis da terra" devem ser "reis da terra [land]", ou seja, Judeia ou Palestina. Essa mesma frase é usada no Novo Testamento no sentido restrito dos "governantes da terra", por São Pedro em Atos 4:26, 27."De verdade contra o teu santo filho Jesus, a quem ungiste, Herodes e Pôncio Pilatos, com os gentios e o povo de Israel estavam reunidos nesta cidade" etc., e ele reconhece esse fato como o cumprimento de a previsão no segundo Salmo: "Por que as nações se enfureceram e os povos imaginam coisas vãs?" Os reis da terra [oi basileiv thv ghv] se levantaram, e os governantes foram reunidos contra o Senhor e contra o seu ungido". Os "reis da terra", portanto, são identificados pelo apóstolo Pedro como os governantes confederados que matam o Filho de Deus na cidade de Jerusalém. Assim também em Ap 6:15, onde "os reis da terra" [oi basileiv thv ghv] são representados como se escondendo da face dAquele que está assentado no trono, no grande dia de Sua ira. A frase, portanto, é equivalente a "autoridades dominantes na terra da Judeia" ou da Palestina.

Já indicamos a correspondência entre a passagem mencionada (Ap 6:15, 16) e esboço original da cena, conforme descrito na profecia de Isaías. (Is. 2:10-22, 3:1-3) Portanto, é desnecessário fazer mais do que

chamar a atenção para a correspondência óbvia entre "os reis da terra'"na visão e "os homens poderosos, e os homens de guerra", etc., na profecia. Portanto, não somos meramente garantidos, mas somos obrigados a considerar a frase "reis da terra" como equivalente a "governantes da terra".

Assim interpretada, a descrição de Babilônia, a grande, como "reinando sobre os governantes da terra" torna-se perfeitamente apropriada para Jerusalém. Isso aparece no idioma em que as Escrituras e outros escritos hebraicos falam da autoridade e preeminência de que a cidade desfruta. Por exemplo, o profeta Jeremias descreve Jerusalém como "aquela que era grande entre as nações e princesa das províncias", (Lm. 1:1) idioma totalmente equivalente a "aquela grande cidade que domina os governantes da terra". Novamente, se uma cidade tão pequena como Belém pudesse ser chamada de "De modo nenhum és a menor entre as capitais de Judá" (Mateus 2:6) certamente a cidade metropolitana poderia, sem impropriedade, dizer "reinar sobre os príncipes ou governantes da terra". Mas a linguagem que Josefo emprega sobre esse assunto é uma justificativa completa da descrição apocalíptica de Jerusalém.

"Judeia", ele nos diz, "estende-se do rio Jordão até Jope. Em seu centro, fica a cidade de Jerusalém; por esse motivo, alguns, de maneira não inoportuna, denominaram aquela cidade de "o umbigo" do país. Ela [Judeia] é dividida em onze lotes (toparquias), dos quais Jerusalém, como sede da realeza, é suprema, exaltada em toda a região adjacente, como a cabeça sobre o corpo".[338]

Esta é a linguagem que equivale à expressão "aquela grande cidade que reina sobre os reis ou governantes da terra".

Pode-se considerar que é uma dificuldade que a Jerusalém da era apostólica não possa, com propriedade, ser denominada "a cidade

[338] Josephus de Traill, Guerras Judaicas, bk. iii. c. 3, sect. 5.

prostituta", já que esse nome implica idolatria, isto é, adultério espiritual; enquanto que os judeus daquele período eram intensamente monoteístas e realmente ameaçavam se rebelar, em vez de permitir que o templo fosse profanado pela introdução da estátua do imperador. Isto é indubitavelmente verdade na carta; todavia, como sugere São Paulo (Rm. 2:22), os judeus de seu tempo, embora odiassem os ídolos, eram culpados de sacrilégio. Foi bem dito pelo Dr. Hodge:

"A essência da idolatria era a profanação de Deus: disso, os judeus eram em alto grau culpados. Eles fizeram de sua casa um covil de ladrões".[339]

Eles haviam apostado verdadeiramente em Deus como se tivessem estabelecido o culto a Baal ou a Júpiter. Ao rejeitar o Messias, eles haviam quebrado definitivamente a aliança de seu Deus. Nosso Senhor declarou expressamente que aquela geração resumia em si os crimes e a culpa de todos os seus antecessores. Ela era filha e herdeira de todas as gerações malignas que existiam antes, e ela havia preenchido a medida de seus antepassados:

"Para que todo o sangue justo que foi derramado na Terra possa cair sobre você", etc. "Em verdade vos digo que tudo isso acontecerá sobre esta geração" (Mt. 23:35,36).

Mais um argumento para a identidade de Jerusalém com a Babilônia apocalíptica, é um que consideramos conclusivo, pode ser encontrado no personagem atribuído à cidade como perseguidor e assassino dos profetas e santos: "Vi a mulher bêbada com a sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus"; (Ap. 17:6) "E nela foi achado o sangue dos profetas, e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra"; (Ap 18:24) "Alegrai-vos sobre ela, ó céu, e santos apóstolos e profetas, porque Deus vos vingou". (Ap. 18:20) Quem pode deixar de

[339] Hodge, comentário sobre Rm. 2:22.

reconhecer nesta descrição as características distintivas da Jerusalém dessa "geração"? Quem é que mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados? Jerusalém. Qual é a cidade da qual não é possível que um profeta pereça - que goza de um infame monopólio de assassinar os mensageiros de Deus? Jerusalém. O sangue dos santos e dos profetas é a mancha imemorial de Jerusalém; a marca do assassino estampada em sua testa; e a geração que crucificou a Cristo é descrita por Ele como "os filhos daqueles que mataram os profetas" e, portanto, "encheram a medida de seus pais". (Mateus 23:30-32)

É impossível confundir o portador dessa acusação conspícua e distintiva inscrita na frente de Jerusalém, muito antes estigmatizada pelo profeta Ezequiel como "a cidade sangrenta". (Ezequiel 22:2, 24:6-9)

Não é sem motivo, portanto, que os apóstolos e profetas são convidados a se alegrar com a queda de seu implacável perseguidor e assassino. As almas debaixo do altar há muito clamavam: "Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, não julgas e vingas o nosso sangue sobre os que habitam na terra?" Eles foram consolados com a mensagem "de que deveriam descansar por um pouco de tempo, até que seus companheiros e irmãos, que deveriam ser mortos como estavam, fossem cumpridos", então "Deus vingaria rapidamente seus próprios eleitos". E agora chegou o dia da vingança, o ano dos Seus remidos.

Pode alguma prova ser mais conclusiva de que é Jerusalém, a assassina dos profetas, aqui descrita - que Jerusalém é a Babilônia do Apocalipse? (7) Quão exata é a correspondência entre a predição de nosso Senhor em Lucas 11:49-51 e seu cumprimento em Ap 18:24:

Lucas 11: 49-51	Apocalipse 18:24
"É por isso que a sabedoria de Deus	"E nela foi encontrado

também disse: Eu enviarei profetas e apóstolos; e alguns deles matarão e outros perseguirão, para que o sangue de todos os profetas que foi derramado desde a fundação do mundo possa ser exigido desta geração" .	o sangue dos profetas e dos santos, e de todos os que foram mortos na terra."

Tendo assim procurado identificar as mulheres na visão, prosseguimos em seguida para investigar o mistério da besta sobre a qual ela está sentada.

SEXTA VISÃO (PARTE II)

O MISTÉRIO DA BESTA ESCARLATE

Ap. 17:3, 7-11: "e vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e tinha sete cabeças e dez chifres... Eu te direi o mistério da mulher, e da besta que a traz, a qual tem sete cabeças e dez chifres.

A besta que viste foi e já não é, e há de subir do abismo, e irá à perdição; e os que habitam na terra (cujos nomes não estão escritos no livro da vida, desde a fundação do mundo) se admirarão, vendo a besta que era e já não é, ainda que é.

Aqui o sentido, que tem sabedoria. As sete cabeças são sete montes, sobre os quais a mulher está assentada.

E são também sete reis; cinco já caíram, e um existe; outro ainda não é vindo; e, quando vier, convém que dure um pouco de tempo. E a besta que era e já não é, é ela também o oitavo, e é dos sete, e vai à perdição".

Não há dúvida razoável de que a besta [yhrion] aqui descrita é

idêntica à do Ap. 13. O nome, a descrição e os atributos do monstro apontam claramente para o mesmo indivíduo. Há, no entanto, detalhes adicionais nessa segunda descrição que, a princípio, parecem mais obscuros do que esclarecer o significado. A cor escarlate , de fato, pode ser facilmente reconhecida como o símbolo da dignidade imperial; mas o que se pode dizer dos aparentes paradoxos: "ele era e não é, e voltará"? e "ele é o oitavo rei, e é dos sete, e está indo para a perdição"?

Já fomos levados à conclusão de que o animal selvagem (Ap. 13) significa Nero. O paradoxo ou enigma que o representa como "a besta que era, e não é e deve aparecer" é um quebra-cabeça que, à primeira vista, parece inexplicável. É evidentemente uma contradição em termos, e só pode ser verdade em algum sentido peculiar. Que de fato seja verdade, em qualquer sentido de Nero, é um dos fatos mais extraordinários da história e traz para ele essa descrição simbólica com toda a força da demonstração. Parece estabelecido pela evidência mais clara de que, com a morte de Nero, havia uma crença popular e generalizada de que o tirano ainda estava vivo e que logo reapareceria. Temos o testemunho expresso de Tácito, Suetônio e outros historiadores da existência de tal persuasão. Tem sido objetado que essa explicação do paradoxo praticamente imputa equívocos às Escrituras. O que pode ser mais frívolo do que esse argumento? Qualquer explicação do que é uma contradição em termos deve ser, em certo grau, antinatural e ambígua; mas é absurdo ao lidar com um livro de símbolos exigir verdade literal. Deve ser mostrado que Nero tinha dez chifres?

Certamente era competente para o profeta vidente indicar uma pessoa, a quem ele não ousava nomear, por qualquer representação simbólica que levasse ao seu reconhecimento. O que poderia ser mais distintivo da pessoa em particular do que esse fato de seu esperado reaparecimento após a morte? De quantas pessoas no mundo essa opinião pode ser recebida? Que seja historicamente verdade que tal ilusão popular prevaleceu em relação a Nero, consideramos uma

prova singular e conclusiva de que ele é o indivíduo indicado pelo símbolo.

OS SETE REIS

É mais difícil decifrar o enigma dos sete reis, dos quais o animal é um, e ainda o oitavo. As sete cabeças do monstro parecem ser emblemáticas, não apenas das sete colinas sobre as quais a mulher se senta, mas também de sete reis que têm uma dupla relação, a saber. para a mulher e a besta. O antítipo do símbolo deve, portanto, sustentar essa dupla relação, embora se esperasse, por ser conatural com o monstro, que a relação deles com ele fosse a mais íntima. Desses sete reis, "cinco", afirma-se, "caíram, e um é, e o outro ainda não chegou; e quando ele vier, ele deve continuar um curto espaço; e a besta que era, e é agora, é o oitavo, e é dos sete, e entra em perdição".

Já vimos que, em geral, o número sete, sendo um número simbólico, não deve ser encarado como representando tantas unidades, mas como indicando perfeição ou totalidade. Há ocasiões, no entanto, quando parece necessário tomá-lo em um sentido aritmético, como, por exemplo, quando está em estreita conexão com outros números. No exemplo diante de nós, onde lemos sobre sete reis, cinco dos quais caíram e um é, e o sétimo ainda não chegou, enquanto um misterioso oitavo é sugerido, é difícil entender o número sete em qualquer outro do que o sentido numérico literal.

Onde, então, devemos procurar esses sete reis ou cabeças? É presumível que eles também estejam onde estão as montanhas, no local onde a cena é montada. Se a prostituta significa Jerusalém, devemos esperar encontrar também os reis lá. Onde, então, estão sete reis, e um misterioso oitavo, em Jerusalém? Os reis da linha Herodiana foram sugeridos, viz. 1. Herodes, o Grande; 2. Arquelau; 3. Philip; 4. Herodes Antipas; 5. Agripa I .; 6. Herodes de Chalcis; 7. Agripa II. Essa é a sugestão do Dr. Zuellig e merece o louvor da

engenhosidade; mas há duas objeções fatais: primeiro, nem todos podem ser considerados reis ou governantes em Jerusalém, ou mesmo na Judeia; e, em segundo lugar, nem todos pertencem ao período apocalíptico, ao fim da era judaica ou aos últimos dias de Jerusalém, que é uma condição indispensável.

Nos aventuramos a propor outra solução, que achamos que será respondida em todos os requisitos do problema. Tendo em mente o que já foi provado, que o título "reis" é frequentemente usado como sinônimo de governantes ou governadores, afirmamos que o basileiv aqui mencionado não é outro senão os procuradores romanos da Judeia sob Cláudio e Nero. Foi no reinado de Cláudio que a Judeia se tornou pela segunda vez uma província romana. Esse fato é expressamente declarado por Josefo e também é a razão da mudança. Com a morte de Herodes Agripa I, a quem Calígula havia conferido soberania sobre todo o reino, seu filho Agripa II foi considerado por Cláudio como jovem demais para ocupar o trono de seu pai. A Judeia foi, portanto, reduzida à forma de uma província.[340] Cuspio Fado foi enviado à Judeia como o primeiro desta segunda série de procuradores.

Esses procuradores eram realmente vice-reis e respondem bem ao título basileiv na visão.[341] O número deles também corresponde exatamente ao dado no Apocalipse. Desde a nomeação de Cuspio Fado até a eclosão da guerra judaica, havia sete governadores de pleno direito em Jerusalém e na Judeia. São eles:

1. Cuspio Fado;

2. Tiberio Alejandro;

[340] Ver Josephus, Antiquities, bk. xix. cap. ix. sect. 2; Guerras, bk. ii. cap. XI. sect. 4; Tácito, Hist. bk. v. cap. 9.

[341] Tácito diz, com referência a Felix, um desses procuradores: "Jus regium servilio ingenio exercuit". (Ele exerceu a autoridade de um rei com o espírito de um escravo).

3. Ventidio Cumano;

4. Antonio Felix;

5. Porcio Festo;

6. Albino;

7. Gessio Floro.

Aqui, então, temos um período bem definido, caindo dentro dos limites apocalípticos quanto ao tempo, ocupando terreno apocalíptico quanto ao local e correspondendo ao símbolo apocalíptico quanto ao número, caráter e título. Esses vice-reis sustentam a dupla relação exigida pelo símbolo; eles estavam relacionados à besta como romanos e como deputados; e eles estão relacionados à mulher como poderes de governo.

Agora é fácil ver como o próprio Nero, o animal do mar, ou tirano estrangeiro, pode ser considerado o oitavo, e ainda dos sete. Ele era o chefe supremo, e esses procuradores eram seus substitutos, os representantes do imperador na Judeia e em Jerusalém. Assim, pode-se dizer que eles são deles, e ainda assim distintos deles - o oitavo, e ainda dos sete. Isso dá uma propriedade natural e adequada à linguagem aparentemente enigmática e paradoxal da representação simbólica e resolve o enigma sem tortura violenta ou manipulação hábil.

OS DEZ CHIFRES DA BESTA

Há muita obscuridade também no próximo símbolo em Apocalipse 17:12:

"E os dez chifres que você viu são dez reis, que ainda não receberam um reino; mas por uma hora [ou uma hora,

contemporaneamente] eles receberão autoridade como reis junto com a besta".

Observará que esses "dez reis" possuem as seguintes características:

1. São satélites ou tributários da besta, isto é, estão sujeitos a Roma.

2. Eles são aliados da besta contra Jerusalém.

3. Eles são hostis ao cristianismo.

4. Eles são hostis à prostituta e agentes ativos em sua destruição.

5. Quando o apóstolo escreveu, esses reis ainda não haviam sido capacitados.

6. Seu poder seria contemporâneo do da besta.

No geral, concluímos que este símbolo significa os príncipes e chefes auxiliares que eram aliados de Roma e receberam comandos no exército romano durante a guerra judaica. Sabemos por Tácito e Josefo que vários reis das nações vizinhas seguiram Vespasiano e Tito à guerra. Já foi feita alusão a alguns desses auxiliares: Antíoco, Soemo, Agripa e Malco. Não havia dúvida de outros, mas não cabe produzir o número exato de dez, que, como sete, parece ser um número místico ou simbólico. Eles são representados como animados por uma amarga hostilidade a Jerusalém, a cidade prostituta: "Estes odiarão a prostituta, e a tornarão desolada e nua, e comerão sua carne e a queimarão com fogo. Pois Deus colocou em seus corações o cumprimento de Sua vontade, e concordou, e deu seu reino à besta, até que as palavras de Deus fossem cumpridas". (Ap. 17:16, 17) Tácito fala da amarga animosidade com que os auxiliares árabes de Tito estavam cheios contra os judeus,[342] e temos uma terrível prova do intenso ódio que as nações vizinhas sentiram aos judeus pelos

[342] História, bk. v. sect. 1.

massacres generalizados de pessoas infelizes perpetradas em grandes cidades, pouco antes do início da guerra. Toda a população judaica de Cesareia foi massacrada em um dia. Na Síria, todas as cidades foram divididas em dois campos, judeus e sírios. Em Cytopolis, mais de treze mil judeus foram massacrados; Atrocidades semelhantes ocorreram em Ashkelon, Tolemaica e Tire. Mas em Alexandria a carnificina dos habitantes judeus excedeu todos os outros massacres. Todo o bairro judeu estava inundado de sangue e cinquenta mil cadáveres jaziam em montes horrendos nas ruas. [343] Este é um comentário terrível sobre as palavras do anjo-intérprete: "Os dez chifres que viste sobre a besta, estes odiarão a prostituta" etc.

Resta apenas notar um outro recurso na visão. A mulher é representada como "sentada em muitas águas" e, em Apocalipse 17:15, diz-se que essas águas significam "povos, multidões, nações e línguas". Diz-se que a mística Babilônia, como seu protótipo, a literal Babilônia, "assenta-se em muitas águas". O profeta Jeremias fala assim da antiga Babilônia: "Ó tu que habitas em muitas águas" (Jr. 51:13) e esta descrição parece ser igualmente apropriada para Jerusalém.

A influência exercida pela raça judaica em todas as partes do Império Romano anterior à destruição de Jerusalém foi imensa; suas sinagogas eram encontradas em todas as cidades e suas colônias se enraizaram em todas as terras. Vemos em Atos 2 as maravilhosas ramificações da raça hebraica em países estrangeiros, a partir da enumeração das diferentes nações que estavam representadas em Jerusalém no dia de Pentecostes: "Habitavam em Jerusalém judeus, homens devotos, de todas as nações que estão debaixo do céu,... Partos, medos, elamitas, aqueles que viviam na Mesopotâmia, Judeia, Capadócia, Ponto e Ásia, Frígia e Panfília, Egito e nas regiões da África além de Cirene, e romanos lá, ambos Judeus como prosélitos, cretenses e árabes ". Pode-se dizer que Jerusalém

[343] Josefo, guerras judaicas, bk. ii. cap. xviii.

realmente "se assenta sobre muitas águas", ou seja, exerce uma poderosa influência sobre "povos, multidões, nações e línguas".

Essa é a visão da "cidade prostituta", cujo destino é o grande tema da profecia de nosso Senhor sobre o Monte das Oliveiras, bem como sobre o Apocalipse. Que é Jerusalém, e somente Jerusalém, que aqui é retratada deve, pensamos ser abundantemente claro para toda mente imparcial e sincera; e qualquer outro assunto seria totalmente estranho a todo o propósito e fim do Apocalipse.

(NOTA SOBRE APOCALIPSE 17)

A IDENTIDADE DA BESTA DO APOCALIPSE COM O HOMEM DO PECADO

Antes de encerrar este capítulo, será apropriado apontar a notável correspondência entre o 'homem do pecado' delineado por São Paulo em 2 Ts. 2 é a fera descrita por São João em Ap 13 e Ap 17. Observará que nenhum dos nomes dos apóstolos o personagem formidável para quem ele aponta; e sem dúvida pela mesma razão. Somente esta circunstância pode ser suficiente para sugerir quem se destina. Poderia haver muito poucas pessoas cujo nome não seria seguro pronunciar, provavelmente não mais do que uma, e essa a mais poderosa da terra. Não podemos supor que o nome seja suprimido apenas por uma questão de mistificação: deve ter havido um motivo adequado; esse motivo deve ter sido prudencial; e se prudencial, então, sem dúvida, político, viz. para evitar incorrer em suspeita de descontentamento com o governo.

Além disso, há uma correspondência tão minuciosa e tão múltipla entre 'o homem do pecado' de São Paulo e 'a besta' de São João, a ponto de tornar tudo quase certo que ambos se referem ao mesmo indivíduo. Já, por motivos independentes e tratando cada assunto separadamente, chegamos à conclusão de que o Imperador Nero é

pretendido por ambos os apóstolos, e quando chegamos ao local dos dois retratos lado a lado, esta conclusão é decisivamente estabelecida. Só é necessário olhar para as descrições paralelas para se convencer de que elas representam o mesmo indivíduo, e esse indivíduo o monstro Nero:

O Homem do Pecado, 2 Ts. 2	**A Besta, Ap. 13, 17**
"O homem do pecado" (v. 3).	"Um nome blasfemo sobre suas cabeças" (13:1). "Cheio de nomes blasfemos" (17:3).
"O filho da perdição" (v. 3).	"A besta é... ir para perdição" (17: 8). "E ele está indo para a perdição" (17:11).
"Aquele perverso" (v. 8).	"Ele recebeu autoridade para agir" (13:5).
"Quem se opõe e se levanta contra tudo o que é chamado Deus ou é objeto de adoração" (v.4).	"Ele recebeu uma boca falando grandes coisas e blasfêmias. Ele abriu sua boca em blasfêmias contra Deus" (13:5, 6).
"Ele se senta no templo de Deus como Deus, posando como Deus" (v. 4).	"E eles adoraram a besta, dizendo: Quem é como a besta?... E todos os habitantes da terra [do território] a adoraram" (13:5, 6).
"Quem o Senhor matará com o espírito da sua boca, e ele destruirá com o brilho da sua vinda" (v. 8).	"Eles lutarão contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá" (17:14)". E a besta foi apanhada, e com ela o falso profeta ... Esses dois foram jogados vivos em um lago de fogo que arde com enxofre" (19:20).
"Cujo advento é obra de Satanás" (v. 9).	"E o dragão lhe deu seu poder" (13:2).
"Com grande poder, sinais e	"Ele também faz grandes sinais, de

maravilhas mentirosas" (v. 9).	tal maneira que até faz descer fogo do céu à terra diante dos homens" (13:13).
"Com todo engano da iniquidade para os que perecem" (v. 10)."Por essa razão, Deus lhes envia um poder enganoso, para que creiam na mentira". (v. 11).	"Ele engana os habitantes da terra com os sinais que lhe foram permitidos na presença da besta" (13:14).
"Para que todos os que não creram na verdade possam ser condenados" (ver. 12).	"Se alguém adora a besta e a sua imagem... também beberá do vinho da ira de Deus" (14:9, 10).

A PAROUSIA NO APOCALIPSE

A SEXTA VISÃO (PARTE III)

A QUEDA DA BABILÔNIA

A próxima cena da visão representa o destino da cidade prostituta, que ocupa todo Apocalipse 17. Primeiro, um anjo poderoso, cuja glória ilumina a terra, proclama com grande voz, quase nas mesmas palavras que em Ap 14:8, "Babilônia, a grande, caiu, caiu". Sua desgraça é a consequência de seu pecado e, neste momento supremo, sua degradação moral são mais enfaticamente declaradas: "Ele se tornou uma habitação de demônios e um covil de todo espírito imundo, e um abrigo para todo pássaro imundo e abominável", etc. Quão verdadeira é essa descrição de Jerusalém em sua decadência as páginas de Josefo testificam:

"Aquele período", ele nos diz, "tinha sido tão prolífico em iniquidades de todos os tipos entre os judeus, que nenhuma obra má permaneceu imperceptível... tão universal era o contágio, público e

privado, e tal foi o esforço de superar um ao outro em atos de impiedade para com Deus e injustiça para com o próximo".[344]

"Nenhuma geração jamais existiu mais prolífica no crime".[345]

"Penso que se os romanos tivessem adiado o castigo desses desgraçados, a terra seria aberta e a cidade seria engolida, seria varrida por uma inundação ou participaria dos relâmpagos da terra de Sodoma".[346]

Em seguida, uma voz é ouvida do céu, chamando o povo de Deus a sair da cidade condenada: "Saia dela, meu povo, para que não sejas participante dos seus pecados e que não receba as suas pragas". Observamos aqui como a catástrofe final é mantida suspensa - novamente parece que o fim realmente chegou, e então encontramos novas circunstâncias interpostas, e o golpe aparentemente foi detido no exato momento em que ele estava prestes a cair. Esse recurso do Apocalipse aumenta muito o efeito dramático e estimula poderosamente o interesse pela ação. Poderia-se supor que todos os fiéis haviam muito antes disso abandonar a cidade condenada; mas não devemos procurar a mesma consistência e sequência estritas em uma descrição poética e figurativa que em uma narrativa histórica. Além disso, as imagens são parcialmente derivadas da descrição profética da queda da antiga Babilônia, conforme apresentada por Jeremias (Jr. 51), onde encontramos esse chamado para "sair dela". (Jr. 51:45)

Depois disso, segue-se um canção solene e patética, se assim podemos chamar, sobre a cidade caída, cuja última hora chegou. Os reis ou governantes da terra, os comerciantes e os marinheiros que a conheciam na abundância de seu poder e glória, agora lamentam sua

[344] Josephus de Traill, Wars, bk. vii. CH. viii. sect. 1.
[345] Ibid. bk. v. cap. x. sect. 5.
[346] Ibid. bk. v. cap. xiii. sect. 1.

queda. A cidade real, o mercado de comércio e riqueza, está envolta em chamas, e os marinheiros e comerciantes que foram enriqueceram com o tráfego estão à distância, contemplando a fumaça do fogo e chorando: "Que cidade é semelhante a esta grande cidade?" A descrição dada neste capítulo da riqueza e do luxo da mística Babilônia pode parecer pouco apropriada para Jerusalém, se não tivermos em Josefo ampla evidência de que não há exagero nem mesmo nessa representação altamente elaborada. Mais de uma vez o historiador judeu fala da magnificência e da vasta riqueza de Jerusalém.[347]

Não menos impressionante é a descrição dada por Josefo dos despojos da cidade capturada, que foram levados em procissão pelas ruas de Roma no triunfo de Vespasiano e Tito, e que justificam plenamente o quadro de profusão e magnificência desenhadas no Apocalipse.[348]

A última cena da tragédia da cidade prostituta segue. Um anjo poderoso pega uma pedra, como uma grande pedra de moinho, e a lança no mar, dizendo: "Assim, com violência, será derrubada a grande cidade Babilônia, e nunca mais será encontrada". (Jr. 51:21) Sua desolação agora está completa: sua glória se foi; ela é deixada em silêncio e solidão, pois "em uma hora seu julgamento chegou", "em uma hora ela é desolada".

Pode-se dizer que isso é poesia, e sem dúvida é; mas também é história. A destruição de Jerusalém foi tão total que Josefo disse que "não havia nada a levar aqueles que visitaram o local a acreditar que ele já havia sido habitado".[349]

Já comentamos as palavras finais do capítulo, que fornecem

[347] Josephus, Wars, bk. vi. CH. viii. sect. 3.
[348] Ibid. bk. vii. cap. v. sect. 5.
[349] Guerras judaicas, bk. vii. CH. I. sect. 1.

evidências decisivas da identidade da cidade prostituta: "Nela foi encontrado o sangue dos profetas, dos santos e de todos os que foram mortos na terra". (Ap. 18:24) A nenhuma outra cidade além de Jerusalém essas palavras se aplicarão e demonstram conclusivamente que ela é o assunto de toda a representação visionária. Ela era eminentemente a "assassina dos profetas", e dela o sangue deles seria exigido, de acordo com a previsão de nosso Senhor: "Para que possa vir todo o sangue justo derramado na terra". (Mt. 23:35)

Podemos supor que tivéssemos chegado à catástrofe da visão, uma vez que o julgamento da grande prostituta está completo e ela desaparece de cena; mas o tema ainda continua nos próximos dois capítulos, que são principalmente ocupados com atos de julgamento sobre os outros inimigos de Cristo e de Sua igreja.

Primeiro, porém, temos uma canção de triunfo no céu sobre o criminoso caído e condenado cujo julgamento temeroso foi consumado. (Ap. 19:1-5) É um coro aleluia de uma grande multidão, cuja voz é como a voz de muitas águas e como a voz de trovões poderosos, atribuindo glória a Deus pela justiça executada na cidade prostituta e pela vingança do sangue de Seus criados na mão dela. Agora é cumprida a promessa de Deus de que Ele vingaria rapidamente Seus eleitos, que clamavam a Ele dia e noite. Agora também chegou o reino de Deus: a consumação há muito ansiosamente esperada, pela qual as orações dos santos subiram incessantemente ao céu - "Venha o reino". A grande vitória do Messias é conquistada; Seu reino alcançou seu pleno desenvolvimento; Ele entrega Sua autoridade delegada ao Pai; e uma explosão de aclamação ressoa por todo o céu: "Aleluia! porque o Senhor Deus onipotente reina".

Mas a vinda do reino está associada a outros eventos, um dos principais é o "casamento do Cordeiro", para o qual agora é dada a nota de preparação, embora os detalhes do evento sejam reservados para a sétimo e última visão. As núpcias do Cordeiro são

evidentemente anunciadas de forma proléptica, de acordo com o uso frequente do Apocalipse. Essa união pública e solene de Cristo e Sua igreja é o que aparece nas parábolas da festa do casamento (Mt. 22) e das dez virgens. (Mt. 25) É a ceia das bodas do grande rei, à qual os primeiros convidados se recusaram a comparecer, e vergonhosamente maltrataram e mataram os mensageiros do rei. Agora o julgamento os dominou: "O rei enviou seus exércitos, destruiu aqueles assassinos e incendiou a cidade". (Mateus 22:7)

Mas antes que essa feliz consumação aconteça, atos de julgamento precisam ser executados. A Babilônia mística foi julgada, mas os outros inimigos do rei - a besta, seu delegado, o falso profeta e o dragão - ainda não receberam punição condigna.

O JULGAMENTO DA BESTA E SEUS PODERES CONFEDERADOS

Ap. 19:11-21: "E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e o que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça.

E os seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão ele mesmo.

E estava vestido de veste tingida em sangue; e o nome pelo qual se chama é A Palavra de Deus.

E seguiam-no os exércitos no céu em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro.

E da sua boca saía uma aguda espada, para ferir com ela as nações; e ele as regerá com vara de ferro; e ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-Poderoso.

E no manto e na sua coxa tem escrito este nome: Rei dos reis, e Senhor dos senhores.

E vi um anjo que estava no sol, e clamou com grande voz, dizendo a todas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde, e ajuntai-vos à

ceia do grande Deus;Para que comais a carne dos reis, e a carne dos tribunos, e a carne dos fortes, e a carne dos cavalos e dos que sobre eles se assentam; e a carne de todos os homens, livres e servos, pequenos e grandes.

E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao seu exército.

E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre.

E os demais foram mortos com a espada que saía da boca do que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes".

Esta passagem magnífica é descritiva do grande evento que ocupa um lugar tão proeminente na profecia do Novo Testamento, a Parousia, ou a vinda em glória do Senhor Jesus Cristo. Ele vem do céu; Ele vem em Seu reino; "na cabeça há muitas coroas"; ele vem com seus santos anjos; "os exércitos do céu o seguem"; Ele vem para julgar Seus inimigos; Ele vem em glória. Pode-se dizer: Por que a Parousia é colocada após o julgamento da cidade prostituta, e não antes? É preciso lembrar que é um poema e não uma história que estamos lendo agora; um drama, e não um diário de transações, e que não há livro em que o efeito poético e dramático seja mais estudado do que no Apocalipse. Essas visões episódicas são freqüentemente retiradas de sua estrita ordem cronológica, para que possam ser exibidas com mais detalhes e causar uma impressão adequada na mente do leitor. Ao mesmo tempo, não admitimos que exista um anacronismo no lugar que a Parousia ocupa. Se examinarmos o discurso profético no Monte das Oliveiras, encontraremos a mesma ordem de eventos. É imediatamente depois da grande tribulação de que o sinal do Filho do homem aparece no céu, e eles "veem o Filho do homem vindo nas nuvens do céu com poder e grande glória". (Mt. 24:29, 30) A cena representada nesta visão é exatamente esse evento.

O Senhor Jesus é "revelado do céu com seus poderosos anjos, em fogo flamejante, vingando-se daqueles que não conhecem a Deus e que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo". (2 Ts 1:7, 8)

A sequência do capítulo relaciona a vitória do Cordeiro sobre os inimigos de Sua causa. Um anjo em pé no sol convoca todas as aves do céu para atacar as carcaças dos mortos no conflito vindouro. Os exércitos da besta e seus poderes confederados são organizados para fazer guerra contra o Messias. Os dois exércitos se envolvem e os inimigos de Cristo são derrotados. A besta é feita prisioneira, e com ele seu falso profeta que governava em seu nome. "Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre", enquanto os seus seguidores perecem, "mortos com a espada daquele que está sentado no cavalo, cuja espada sai da sua boca".

Se for perguntado, o que esses símbolos representam? A resposta é: certamente nenhum conflito literal com armas carnais. Não é em nenhum campo de batalha literal no terreno terrestre que o Redentor glorificado e Suas legiões celestes confrontam as hostes em faixas da terra e do inferno. Não podemos ir às páginas de Josefo ou Tácito, ou de qualquer outro historiador, em busca dos eventos que correspondem a esses símbolos. Neles lemos duas grandes verdades: Cristo deve vencer; seus inimigos devem perecer. No entanto, há uma parte do fato histórico nesse simbolismo. Assim como na representação simbólica da grande prostituta, encontramos o fato histórico da destruição de Jerusalém, nesta captura e execução da besta e de seus semelhantes, encontramos o fato histórico da destruição de Nero e seu tenente, ou delegado, na Judeia. Este é o núcleo do fato histórico no centro da visão. Jerusalém, a cidade prostituta, pereceu em fogo e sangue. Tanto Nero, o rei animal, o sangrento perseguidor dos cristãos, como Gessio Floro, o tirano que incitou a rebelião aos judeus infelizes, morreram violentamente.[350]

[350] Ver Huidekoper, Judism in Rome, p. 244.

Esses eventos eram, na realidade, julgamentos divinos, previstos e previstos muito antes de ocorrerem, e escritos com detalhes misteriosos nas páginas da história, visíveis e legíveis para sempre. Estes são os fatos históricos apresentados em toda a pompa e esplendor das imagens simbólicas em Apocalipse. Os símbolos eram dignos dos fatos, e os fatos são dignos dos símbolos. Não há dúvida de que existe algum anacronismo aqui. Na visão, a morte de Nero é colocada após o julgamento de Jerusalém, embora tenha precedido esse evento por dois anos ou mais. Como observamos antes, algo deve ser concedido à licença poética. Em um épico, drama ou visão, não é razoável exigir uma sequência cronológica estrita. Agora o Apocalipse é composto por arte consumada. Como Henry More observou há muito tempo: "Nenhum livro foi escrito com arte como a de Apocalipse, como se cada palavra tivesse sido pesada na balança antes de ser escrita". O efeito dramático é certamente bastante aumentado pelo fato de ter colocado onde estão a captura e a punição da besta. O primeiro e mais proeminente lugar é naturalmente atribuído à cidade prostituta e ao vidente, tendo começado com o o julgamento dela leva à sua consumação final, Ele então retorna à besta e descreve seu destino; e, finalmente, no vigésimo capítulo, passa a descrever a punição infligida ao terceiro poder hostil, o dragão".

Há, no entanto, outra resposta à acusação de anacronismo. Merece consideração se toda essa cena da grande batalha e vitória de Cristo Rei, e do castigo da besta e de seus exércitos, pode não ser adequadamente concebida como ocorrendo no espírito, não na carne? Ou seja, se pode não ser a representação de transações no estado invisível; o julgamento dos mortos, e não dos vivos. Uma transação terrena certamente não é; e se a considerarmos como a representação simbólica do julgamento e condenação dos inimigos do Cordeiro no mundo espiritual - um vislumbre da grande cena judicial descrita em Mt. 25, "quando o Filho do homem vier em sua glória, e diante dele reunir todas as nações", isso aliviaria a visão de qualquer anacronismo e satisfaria abundantemente todos os requisitos do caso.

A probabilidade dessa visão é fortemente confirmada pelo fato de que esse castigo da besta e de seus exércitos segue a alusão à ceia das bodas do Cordeiro, um evento que certamente deve ocorrer no estado espiritual e eterno.

O JULGAMENTO DO DRAGÃO

Ap. 20:1-3: "E vi descer do céu um anjo, que tinha a chave do abismo, e uma grande cadeia na sua mão.

Ele prendeu o dragão, a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás, e amarrou-o por mil anos.

E lançou-o no abismo, e ali o encerrou, e pôs selo sobre ele, para que não mais engane as nações, até que os mil anos se acabem. E depois importa que seja solto por um pouco de tempo".

Abordamos agora uma parte do Apocalipse envolvida em muita obscuridade e que, pela própria natureza do caso, ultrapassa os limites que, pelas declarações expressas do escritor, repetidas e repetidas vezes, circunscrevem o restante da profecia de este livro.

O fato de um período prolongado de mil anos ser adotado nas visões do Apocalipse é considerado por muitos uma prova incontestável de que o cumprimento das previsões que ele contém não deve ser restrito a um breve período. Dean Alford, por exemplo, diz:

"O en tacei [em breve] contém confessadamente, entre outros períodos, um período de mil anos. Em que princípio devemos afirmar que ele não abrange um período imensamente maior que esse em todo o seu conteúdo?". [351]

Aquilo que parece tão insuperável uma objeção aos olhos de Dean Alford é considerado nenhum por Moses Stuart, que diz:

[351] Testamento Grego, Prolegômenos ao Apocalipse, cap. viii, sect. iv 10.

"A parte do livro que contém isso [a referência a um período distante] é tão pequena, e a parte do livro que foi rapidamente cumprida é tão grande que não pode ser feita nenhuma dificuldade razoável em relação à declaração que temos diante de nós. "En tacei", ou seja, rapidamente, as coisas, pelas quais o livro foi principalmente escrito, realmente ocorreram".[352]

Alguns intérpretes realmente tentam superar a dificuldade supondo que os mil anos, sendo um número simbólico, possam representar um período de duração muito curto e, assim, colocar o todo dentro dos limites apocalípticos prescritos; mas esse método de interpretação nos parece tão violento e antinatural que não podemos hesitar em rejeitá-lo. O ato de amarrar e calar o dragão de fato está dentro do "breve" da declaração apocalíptica, pois é coincidente, ou quase isso, com o julgamento da prostituta e da besta; mas o termo da prisão do dragão é distintamente declarado por mil anos e, portanto, deve necessariamente passar inteiramente além do campo de visão, tão estrita e constantemente limitado pelo próprio livro. Acreditamos, no entanto, que este é o exemplo solitário que o livro inteiro contém dessa excursão além dos limites de "em breve"; e concordamos com Stuart que nenhuma dificuldade razoável pode ser feita devido a essa única exceção à regra. Também descobriremos, à medida que prosseguirmos, que os eventos referidos como ocorrendo após o término dos mil anos são previstos como em uma profecia, e não representados como em uma visão. De fato a passagem, Apocalipse 20:5-10 parece evidentemente apresentado entre parênteses, interrompendo a continuidade da narrativa, que é novamente retomada, como veremos, em Apocalipse 20:11.

A derrubada e a punição dos inimigos de Cristo evidentemente seriam incompletas sem um ato semelhante de julgamento sobre o principal instigador e chefe da confederação, o dragão ou Satanás.

[352] Comentário de Stuart sobre o Apocalipse, cap. i. verso 1.

Consequentemente, chegou sua hora: ele é capturado, acorrentado e lançado no abismo, que está selado sobre ele, e ele é condenado a ser preso lá por um período chamado de "mil anos".

Esse ato de apreender, encadear e lançar no abismo é representado como tendo lugar sob os olhos do vidente, sendo introduzido pela fórmula usual: "E eu vi". É um ato contemporâneo, ou quase isso, com os julgamentos executados sobre os outros criminosos, a prostituta e a besta. Essa parte da visão, portanto, cai dentro dos limites adequados da visão apocalíptica e é parte integrante da série de grandes eventos relacionados à Parousia.

Devemos, então, supor que qualquer coisa equivalente a este símbolo, a ligação e prisão de Satanás, realmente aconteceu, e ocorreu no tempo indicado, viz. o fim da dispensação judaica? Não hesitamos em responder afirmativamente e achamos que há uma justificação mais clara, tanto nas Escrituras quanto na história, para essa conclusão.

1. Ninguém sustentará que os símbolos na visão requerem um encadeamento literal ou físico do dragão. O senso comum ensinará que tudo o que se entende é a repressão e restrição do poder satânico durante o período indicado. Agora, parece que não há razão para duvidar que, antes e durante a encarnação de nosso Salvador, existisse uma energia e uma atividade de maldade moral na Terra que excediam em muito o que agora é conhecido entre os homens. Não é irracional supor que o período da vida terrena de nosso Senhor foi um período de intensa e incomparável atividade entre os poderes das trevas. Se eles soubessem que o campeão de Deus, o Redentor da humanidade, havia chegado a fim de "destruir as obras do diabo", havia motivo para o alarme deles; e as tentações de nosso Senhor no deserto, e a oposição maligna a Cristo e Sua causa, em todos os lugares atribuídas a Satanás no Novo Testamento, revelam o conhecimento do adversário a respeito da missão do Salvador e seus incessantes esforços para combatê-la. Além disso, a notável

prevalência do misterioso fenômeno da possessão demoníaca no tempo de Cristo é uma prova decisiva da presença e atividade de uma influência espiritual maléfica, em uma forma e grau que para nós é desconhecido e para muitos até inacreditável. A menos que estejamos preparados para abandonar a realidade dessa influência misteriosa e transformá-la em mera ignorância ou ilusão popular, devemos admitir que houve uma verificação marcante e decisiva do poder de Satanás sobre os homens desde o tempo de Cristo. O mesmo pode ser dito a respeito da prevalência do mal moral naquela época do mundo. Que alguém considere o que Roma era nos dias de Nero e o que Jerusalém era no período final da comunidade judaica, e ele concederá ao mesmo tempo o fato inegável de um desenvolvimento anormal e portentoso de maldade, tal como para nós, parece incrível. Juvenal e Tácito darão testemunho de Roma e Josefo de Jerusalém; e não é contrário à razão, embora totalmente agradável ao Apocalipse, inferir que esse vício enorme e colossal trai a operação de uma influência satânica.

2. Além disso, merece ser considerado que o pecado da idolatria, com toda a sua imitação de poder sobrenatural e divino, - um sistema que as Escrituras reconhecem como preeminentemente a obra do diabo - estava no tempo de nosso Salvador em posse total e imperturbável de quase todo o mundo. Quando lembramos o que era a Grécia, e o que Roma era, em relação à religião nacional, na era apostólica; a autoridade, a antiguidade e a popularidade de seus deuses, e a maneira pela qual sua adoração se entrelaçava em torno de todos os atos da vida pública e privada, parece surpreendente que um sistema tão honrado e inveterado pelo tempo deva ter desaparecido completamente. desapareceu da face da terra. Ninguém pode se dar ao luxo de explicar essa mudança notável: isso se deve inteiramente à influência do cristianismo e se não fosse esse novo elemento da civilização, não há razão para pensar que as antigas superstições do paganismo teriam morrido ou levado a algo melhor.

3. Não é menos certo que esta maravilhosa revolução deve ser datada

a partir do momento em que o Evangelho começou a ser pregado na era apostólica. Temos as provas mais convincentes de que a mudança não deve ser explicada pelo avanço do conhecimento, da ciência ou da filosofia, nem pelo progresso natural da sociedade humana, mas que foi prevista e esperada desde o nascimento do cristianismo como o efeito da obra redentora de Cristo. Nada pode ser mais explícito do que as declarações de nosso Senhor sobre esse assunto. Quando os setenta discípulos voltaram com alegria para relatar como até os demônios estavam sujeitos a eles pelo nome de seu Mestre, Jesus disse-lhes: "Vi Satanás como um raio que cai do céu". (Lucas 10:18) É absurdo explicar isso como uma alusão à expulsão original de Satanás do céu, antes da criação do mundo; é evidentemente uma declaração figurativa que, no sucesso de Seus mensageiros, nosso Senhor reconheceu e previu a derrocada vindoura do poder de Satanás:

"Diante do olhar intuitivo de Seu espírito, estavam abertos os resultados que deviam fluir de Sua obra redentora após Sua ascensão ao céu. Ele viu, em espírito, o reino de Deus avançando em triunfo sobre o reino de Satanás".[353]

No mesmo sentido, está o dizer de nosso Senhor: "Agora é o julgamento deste mundo: agora será expulso o príncipe deste mundo". (João 12:31) Que significado pode ser atribuído a essas palavras significativas, se elas não implicam que uma verificação poderosa esteja prestes a ser dada à influência de Satanás sobre a mente dos homens; um cheque decorrente totalmente da morte de Cristo na cruz?

Mas é nessa visão apocalíptica que vemos a representação real dessa restrição do poder de Satanás. É aqui evidentemente definido quanto ao tempo de seu início e associado à queda de Jerusalém e à conseqüente revogação da dispensação judaica. Também não há absurdo em aceitar esta data. A abolição do judaísmo foi a remoção

[353] Neander, Vida de Cristo, bk. v. cap. xii. sect. 205.

do obstáculo mais formidável ao progresso do cristianismo; mas, além disso, temos a garantia mais expressa no Novo Testamento de que este foi o período da consumação do reino messiânico e de Cristo derrubando todo governo, autoridade e poder hostis. (1 Coríntios 15:24)

Concluímos, portanto, que, no "fim dos tempos", foi dado um controle marcante e decisivo ao poder de Satanás; qual teste é representado simbolicamente no Apocalipse pelo encadeamento e aprisionamento do dragão no abismo. Não se segue disso que o erro e o mal foram banidos da terra. Basta mostrar que isso foi, como diz Schlegel, "a crise decisiva entre os tempos antigos e modernos"; e que a introdução do cristianismo "mudou e regenerou não apenas governo e ciência, mas todo o sistema da vida humana".[354]

Houve uma hora em que a maré da maldade humana começou a mudar: foi no mesmo período em que a maré estava inundada; desde então, o tempo está diminuindo e não temos dificuldade em reconhecer a primeira redução do poder do mal como correspondendo a tempo com o evento aqui designado como a ligação de Satanás e sua prisão no abismo.

A respeito da duração dessa restrição do poder satânico, não é fácil determinar; mas parece, em geral, mais em consonância com o caráter simbólico do Apocalipse, entender os mil anos como significativos de um período longo, mas indefinido. Quando temos números altos declarados no Apocalipse, eles geralmente são, se não invariavelmente, entendidos indefinidamente. Por exemplo, não se deve supor que cento e quarenta e quatro mil dos selados signifiquem esse número, e nem mais nem menos. Seria absurdo dizer que havia exatamente doze mil homens salvos de cada uma das doze tribos dos filhos de Israel. A concepção é apropriada em uma visão, mas incrível em uma declaração histórica. Do mesmo modo, o exército dos

[354] Filosofia da História, p. 276.

cavaleiros em Ap 9:16.é estabelecido como duzentos milhões; mas nenhum comentarista sensato jamais se aventurou a atribuir a isso uma significação precisa e literal. Seguindo essas analogias, estamos prontos para considerar os mil anos como um período de duração indefinida, em vez de um período de duração definida, que sem dúvida cobre mais que o dobro desse espaço de tempo, mas quanto mais, ninguém pode dizer.[355]

O REINO DOS SANTOS E MÁRTIRES

Ap. 20:4-6: "E vi tronos; e assentaram-se sobre eles, e foi-lhes dado o poder de julgar; e vi as almas daqueles que foram degolados pelo testemunho de Jesus, e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta, nem a sua imagem, e não receberam o sinal em suas testas nem em suas mãos; e viveram, e reinaram com Cristo durante mil anos.

Mas os outros mortos não reviveram, até que os mil anos se acabaram. Esta é a primeira ressurreição.

Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte; mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com ele mil anos".

Abordamos com a maior desconfiança essa passagem misteriosa, evitando cuidadosamente suposições e explicações conjecturais, bem como qualquer tentativa de forçar de alguma maneira a significação natural das palavras.

A primeira coisa que notamos é que a visão agora descrita se enquadra no período apocalíptico. É introduzido pela fórmula "E eu vi", que marca o que está sob a observação pessoal do Vidente.

Em seguida, deve-se observar que há uma antítese evidente entre essa cena e o ato de julgamento executado sobre a besta e seus seguidores.

[355] Veja o Comentário de Stuart sobre o Apocalipse, in loc.

É o método usual do Apocalipse, portanto, colocar em flagrante contraste a recompensa dos justos e a retribuição dos iníquos.

Observamos ainda que há uma alusão manifesta nesta passagem à promessa de nosso Senhor aos seus discípulos: "Em verdade vos digo que vós que me seguis na regeneração quando o Filho do homem se sentar no trono de sua glória, vós também sentareis sobre doze tronos, julgando as doze tribos de Israel". (Mt. 19:28) Esse período chegou agora. A paliggenésia, ou regeneração,quando o reino do Messias estava por vir, agora é considerado presente, e os discípulos são glorificados com seu Mestre glorificado: "julgamento é dado a eles"; eles "sentam-se em tronos julgando as doze tribos de Israel". Devemos conceber a multidão dos remidos da terra - cento e quarenta e quatro mil de todas as tribos dos filhos de Israel - como formadores do reino, ou súditos, colocados sob o governo espiritual da irmandade apostólica. [cf. 1 Co. 6:2]

Além disso, o Vidente contempla "as almas daqueles que foram decapitados para o testemunho de Jesus e para a palavra de Deus" e também (pois a palavra oitinev parece indicar que essa é outra classe especificada) "aqueles que não haviam adorado a besta ou sua imagem"; estes também "vivem e reinam com Cristo", uma expressão que implica que eles também tinham "tronos" e que foram dados para "julgar". É impossível não reconhecer nas "almas daqueles que foram decapitados" os mesmos santos martirizados que o Vidente viu, na visão do sexto selo, deitado debaixo do altar e chorando por vingança sobre seus assassinos. eles foram consolados com a mensagem de que, em pouco tempo, quando se juntaram a seus companheiros que estavam prestes a sofrer como eles, suas orações seriam respondidas. Agora chegou a hora; seus inimigos pereceram, e eles vivem e reinam com Cristo.

Essa visão também lembra a passagem notável em 1 Pedro 4:6. Esses mártires são os mortos a quem a mensagem consoladora veio [euhggelisyh]. Eles foram condenados pelo julgamento dos homens

enquanto estavam na carne, mas agora vivem em seu espírito pelo julgamento de Deus, que os justificou e os coroou. Que nova luz é lançada sobre as palavras de São Pedro, vwsin de kata yeon pneumati, pela linguagem do Apocalipse, evhsan kai ebasileusan. Essa é uma daquelas coincidências sutis que são frequentemente os testes mais seguros de uma verdadeira interpretação.

Essas almas testemunhas e sofredoras são representadas como desfrutando de um privilégio e uma distinção não concedida a outros: "Eles viveram e reinam com Cristo mil anos: enquanto o resto dos mortos não vive novamente até que os mil anos terminem". Este é o cerne da passagem e apresenta uma dificuldade muito formidável. O único caminho em que podemos discernir qualquer raio de luz está na direção da investigação: quem são "o resto dos mortos"? Eles são o resto dos mortos piedosos, ou os mortos iníquos, ou os justos e os iníquos? O bom senso revolta-se contra a ideia de que eles são os mortos piedosos. Se eles deveriam ser excluídos da participação na bem-aventurança do céu por um vasto período, como se poderia dizer: "Bem-aventurados os mortos que morrerão no Senhor dali em diante"? Somos compelidos, portanto, a imaginar a possibilidade de outra alternativa, e que a passagem fala dos mortos iníquos, embora tal suposição não ocorra sem suas dificuldades. neste caso "a primeira ressurreição" inclui apenas os mortos em Cristo; e esta pode ser a verdadeira interpretação, pois o próximo versículo certamente sugere que todos os que participam da "primeira ressurreição" são abençoados e santos, e desfrutam do alto privilégio e honra de "reinar com Cristo".[356]

[356] De Daniel 12:2: "Muitos dos que dormem no pó da terra ressuscitarão, alguns para a vida eterna e outros para vergonha e desprezo eterno", temos motivos para crer que a ressurreição dos ímpios ocorreu ao mesmo tempo que a ressurreição dos santos registrada em Ap 20:4. Essa interpretação é confirmada pela compreensão de que que Apocalipse 20:4 e 20:11-15 (desenho de Daniel 7:9-10) na verdade, mostram apenas uma cena ocorrendo no início do milênio, não duas cenas (uma no início do milênio e uma no final). Ao fazer isso, entramos em harmonia com todos os outros ensinamentos das

Mais uma coisa a ser observada, e isto é, que não se diz que o reino dos santos sofredores e testemunhas, e de todos os que participam da primeira ressurreição, esteja na terra. Eles vivem e reinam "com Cristo"; eles estão "com ele onde ele está, contemplando sua glória".

Até agora, nos esforçamos para seguir o caminho em uma região "escura com excesso de brilho", mas não pretendemos sentir nenhuma confiança na última parte de nossa exegese.

A SOLTURA DE SATANÁS APÓS OS MIL ANOS

Ap. 20:7-10: "[E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão,

E sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, para as ajuntar em batalha.

E subiram sobre a largura da terra, e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; e de Deus desceu fogo, do céu, e os devorou.

Escrituras sobre o julgamento. Em todos os lugares o julgamento é ao mesmo tempo dos justos e dos ímpios. Se, por exemplo, pegarmos a passagem clássica da parábola do joio e do trigo (Mt. 13:30) dos quais Cristo declarou que a colheita aconteceria no final dos tempos, isto é, no fim da dispensação judaica, seu significado parece tão claro que é inconfundível; é o julgamento "de cada um segundo suas obras" (Mt. 16:27), o julgamento das ovelhas e cabras (Mt. 25:31-32); a ressurreição e julgamento dos justos e injustos (Jo. 5:28-29, Atos 17:31, Atos 24:15, Ap. 11:18); chegamos assim à mesma conclusão por outras vias independentes, fortalecendo assim imensamente a força da demonstração. Mas, pode parecer que a afirmação de Ap. 20:5 aparentemente contradiz essa conclusão. Mas, esse versículo apenas ensina que restante dos ímpios (os que não ressuscitaram na Parousia, e os que morreram a partir daquele ponto no tempo) não tem participação na ressurreição até que o período excessivamente longo, expresso pelo termo "mil anos", termine. No momento, o líder do mal está sob total contenção e os santos no céu estão reinando com Cristo. Nenhum dos eventos descritos no Apocalipse após a declaração distinta desse longo intervalo de tempo pode ser incluído no termo "em breve", pelo qual todos os outros conteúdos do livro são expressamente limitados.

E o diabo, que os enganava, foi lançado no lago de fogo e enxofre, onde estão a besta e o falso profeta; e de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre]".

O mistério e a obscuridade que pairam sobre uma parte do contexto anterior tornam-se ainda mais profundos, se possível, aqui. Existem, no entanto, certos pontos que parecem determináveis.

1. É evidente que esta passagem é profecia direta, e não uma representação visionária que ocorre diante dos olhos do Vidente. Não é introduzido pela fórmula usual em tais casos, "E eu vi", mas no estilo da previsão profética.

2. É evidente que a previsão do que acontecerá no final de mil anos não se enquadra no que ousamos chamar de "limites apocalípticos". Esses limites, como somos repetidamente advertidos no próprio livro, estão rigidamente confinados dentro de uma bússola muito estreita; as coisas mostradas são "em breve". Teria sido um abuso de linguagem dizer que os eventos à distância de mil anos aconteceriam em breve; somos, portanto, compelidos a considerar essa previsão como estando fora dos limites apocalípticos.

3. Devemos, consequentemente, considerar esta previsão da soltura de Satanás e os eventos que se seguem, como ainda futuros e, portanto, não realizados. Não sabemos nada registrado na história que possa ser aduzido como um provável cumprimento dessa profecia. Westein arriscou a hipótese de que possivelmente simbolizasse a revolta judaica sob Barcochebas, no reinado de Adriano; mas a sugestão é extravagante demais para ser acolhida por um momento.

4. Existe uma conexão evidente entre essa profecia e a visão em Ezequiel sobre Gogue e Magogue (Ez. 38 Ez. 39), que é igualmente misteriosa e obscura. Em ambos, a cena do conflito é colocada no

mesmo lugar, a terra de Israel; e em ambos os inimigos de Deus encontram um sinal e uma queda desastrosa.

5. O resultado do todo é que devemos considerar a passagem que trata dos mil anos, de Ap 20:5-10 como uma intercalação ou parêntese. O Vidente, tendo começado a relatar o julgamento do dragão, ele deixa, em Apocalipse 20:7, os limites apocalípticos para concluir o que ele tinha a dizer sobre o castigo final da "velha serpente" e o destino que o esperava no o fim de um período prolongado chamado "mil anos". Acreditamos que este é o único exemplo em todo o livro de uma excursão para o futuro distante; e estamos dispostos a considerar todo o parêntese como relacionado a assuntos ainda futuros e não realizados. A continuação da narração interrompida é continuada novamente em Ap. 20:11, onde o Vidente retoma a narrativa do que viu na visão, introduzindo-a pela fórmula familiar "E eu vi".

A CATÁSTROFE DA SEXTA VISÃO

Ap. 20:11-15: "E vi um grande trono branco, e o que estava assentado sobre ele, de cuja presença fugiu a terra e o céu; e não se achou lugar para eles.

E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante de Deus, e abriram-se os livros; e abriu-se outro livro, que é o da vida. E os mortos foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros, segundo as suas obras.

E deu o mar os mortos que nele havia; e a morte e o inferno deram os mortos que neles havia; e foram julgados cada um segundo as suas obras.

E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte.E aquele que não foi achado escrito no livro da vida foi lançado no lago de fogo".

Esses versículos nos levam à catástrofe da sexta visão. Como as

outras catástrofes que a precederam, é um ato solene de julgamento, ou melhor, a mesma grande transação judicial apresentada em um novo aspecto. O Vidente agora retoma a narração que foi interrompida pela digressão a respeito dos mil anos, retomando o fio que foi quebrado no final de Ap 20:4. Portanto, somos levados de volta ao mesmo ponto de vista do primeiro e quarto versos (Ap. 20:1, 4). Essa catástrofe natural e necessariamente pertence à "mesma série de eventos que foram representados na visão da cidade prostituta e cai dentro dos limites apocalípticos prescritos, estando entre as coisas "que em breve devem acontecer".

Quanto à própria catástrofe, não há dúvida de que ela representa uma investigação judicial solene na mais ampla escala. É a grande consumação, ou um aspecto dela, para a qual toda a ação do Apocalipse se move e é alcançada, de uma forma ou de outra, no final de cada visão sucessiva. No entanto, existem características especiais em todas as catástrofes que as distinguem das outras, apesar de se referirem ao mesmo grande evento. Uma comparação com as catástrofes anteriores mostrará o quanto a presente tem em comum com elas e o que é peculiar a si mesmo. Na catástrofe da visão dos sete selos, por exemplo, temos a mesma imagem do céu partindo e as montanhas e ilhas sendo removidas de seus lugares. (Ap. 6:14) Na catástrofe da visão das sete taças, a mesma imagem é repetida. (Ap. 16:20) Na catástrofe da sétima trombeta, é declarado que "chegou o tempo dos mortos, para que eles sejam julgados", etc.; (Ap. 11:18) e na catástrofe das sete figuras místicas, vemos "uma nuvem branca, e na nuvem uma sentada como o Filho do homem" (Ap. 14:14), correspondente a "o grande trono branco e aquele que estava assentado sobre ele" na passagem agora diante de nós. Existem algumas características, porém, peculiares a essa catástrofe - os livros de julgamento; o mar, a morte e o inferno, entregando seus mortos; e a morte e o inferno lançados no lago de fogo.

Não há razão para duvidar que a cena do julgamento descrita aqui seja idêntica à descrita por nosso Senhor em Mt. 25:31-46. Temos o

mesmo "trono de glória", a mesma reunião de todas as nações, a mesma discriminação dos julgados de acordo com suas obras, e o mesmo "fogo eterno preparado para o diabo e seus anjos".

Mas se a cena de julgamento descrita nesta passagem for idêntica à de Mt. 25, Segue-se que não é "o fim do mundo" no sentido de ser a dissolução do tecido material do globo e o fim da história humana, mas o que é tão frequentemente previsto como acompanhamento da sunteleia tou aiwnov, - o fim dos tempos, ou o término da dispensação judaica. Essa grande consumação é sempre representada como uma época de julgamento. É o tempo da Parousia, a vinda de Cristo em glória para justificar e recompensar Seus servos fiéis, e para julgar e destruir Seus inimigos. Há uma unidade e consistência notáveis nos ensinamentos das Escrituras sobre esse assunto; e seja nos evangelhos, nas epístolas ou nas visões do Apocalipse, encontramos um esquema harmonioso e concorrente de doutrina, todas as partes se confirmando e sustentando mutuamente - uma prova de sua origem comum na mesma fonte divina de inspiração e verdade.

A SÉTIMA VISÃO

A SANTA CIDADE, OU A NOIVA
(Ap. 21 - Ap. 22:1-5)

Essa visão é a última da série e completa o número místico de sete. É o grande final de todo o drama, a consumação triunfante e o clímax das visões apocalípticas. Está em uma antítese impressionante da visão da cidade prostituta; é a nova Jerusalém em contraste com a antiga; a noiva, a esposa do Cordeiro, em contraste com a adúltera imunda e inchada, cujo julgamento passou diante de nossos olhos.

A estrutura da visão pode nos deter por um momento. É introduzido por um prefácio ou prólogo, que se estende de Ap. 21:1-

8. No nono verso, a visão da noiva se abre da mesma maneira que a visão da prostituta, por "um dos sete anjos, que tinha os sete frascos, cheios das sete últimas pragas', convidando o vidente a vir e contemplar 'a noiva, a esposa do Cordeiro". A visão atinge seu clímax ou catástrofe em Ap. 22: 5. O restante forma a conclusão, ou epílogo, não apenas dessa visão, mas do próprio Apocalipse.

PRÓLOGO À VISÃO

Ap. 21:1-8: "E vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe.

E eu, João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu, adereçada como uma esposa ataviada para o seu marido.

E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus.

E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas.

E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E disse-me: Escreve; porque estas palavras são verdadeiras e fiéis.

E disse-me mais: Está cumprido. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. A quem quer que tiver sede, de graça lhe darei da fonte da água da vida.

Quem vencer, herdará todas as coisas; e eu serei seu Deus, e ele será meu filho.

Mas, quanto aos tímidos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos que se prostituem, e aos feiticeiros, e aos idólatras e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago que arde com fogo e enxofre; o que é a segunda morte".

Embora esta seção possa ser considerada introdutória à visão real descrita a partir do nono verso, ainda é realmente uma parte

integrante da representação e cobre o mesmo fundamento que a descrição subsequente. É como se o Vidente, cheio do objeto glorioso revelado aos seus olhos, começasse a contar suas maravilhas e esplendores antes de começar a explicar as circunstâncias que o levaram a ser favorecido com a manifestação. A passagem agora diante de nós é realmente um resumo ou esboço do que é desenvolvido com mais detalhes na parte subsequente deste e nos cinco primeiros versículos do capítulo seguinte.

Agora nos encontramos cercados por um cenário tão novo e maravilhoso que não surpreende que tenhamos dúvidas sobre onde estamos. É esta terra ou é o céu? Todo marco familiar desapareceu; o velho desapareceu e deu lugar ao novo: é um novo céu acima de nós; é uma nova terra abaixo de nós. Novas condições de vida devem existir, pois "não há mais mar". Claramente, temos aqui uma representação na qual o simbolismo é levado ao seu limite máximo; e quem lida com imagens tão deslumbrantes como com literalidades prosaicas é incapaz de compreendê-las. Mas os símbolos, embora transcendentais, não são irrelevantes. "Eles servem ao exemplo e sombra das coisas celestiais"; e toda a pompa e esplendor da terra são empregados para expor a beleza da excelência moral e espiritual.

É impossível considerar esse quadro como a representação de qualquer condição social a ser realizada na Terra. De fato, existem certas frases que, a princípio, parecem sugerir que a terra é o cenário em que essas glórias se manifestam: diz-se que a cidade santa "desce do céu"; diz-se que o tabernáculo de Deus está "com os homens"; Diz-se que "os reis da terra" trazem sua glória e honra para ela; Mas, por outro lado, toda a concepção e descrição da visão proíbem a suposição de que ela é uma cena terrestre. Em primeiro lugar, pertence às "coisas que devem acontecer em breve"; cai estritamente dentro dos limites apocalípticos. Portanto, não é uma visão do futuro; pertence tanto ao período chamado "fim dos tempos" quanto a destruição de Jerusalém; e devemos conceber essa renovação de todas as coisas - este novo céu e nova terra, como contemporâneos ou em

sucessão imediata ao julgamento da grande prostituta, à qual ela é a contraparte ou antítese.

Em segundo lugar, qual é a figura principal nessa representação visionária? É a cidade santa, nova Jerusalém. Mas a nova Jerusalém é sempre representada nas Escrituras como situada no céu, não na terra. São Paulo fala da Jerusalém que está acima, em contraste com a Jerusalém abaixo. Como pode a Jerusalém que está acima pertencer à terra? Não pode haver uma dúvida razoável de que a cidade que é representada aqui em cores tão brilhantes é idêntica à que é mencionada em Hb. 12:22, 23: "Vós viestes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a uma inumerável companhia de anjos; à assembléia geral e igreja dos primogênitos, que estão escritas no céu, e a Deus, o juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados". Claramente, portanto, a cidade santa é a morada dos glorificados; a herança dos santos na luz; as mansões da casa do Pai, preparadas para o lar dos abençoados.

Mais uma vez, essa conclusão é certificada pela representação de ser a morada do Altíssimo: "O Senhor Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro são o templo dele"; "o trono de Deus e do Cordeiro estará nele"; "os seus servos o servirão, e verão o seu rosto". De fato, esta visão da cidade santa é antecipada na catástrofe da visão dos selos, onde cento e quarenta e quatro mil de todas as tribos dos filhos de Israel e a grande multidão que ninguém poderia contar, são representados como desfrutando da mesma glória e felicidade, no mesmo lugar e circunstâncias, como na visão diante de nós. As duas cenas são idênticas; ou aspectos diferentes de uma e a mesma grande consumação.

Concluímos, portanto, que a visão estabelece a bem-aventurança e a glória do estado celestial, para o qual o caminho foi totalmente aberto no "fim dos tempos", ou sunteleia tou aiwnov, de acordo com a exibição da Epístola aos Hebreus.

A CIDADE SANTA DESCRITA
(Ap. 21:9-27 - Ap. 22:1-5)

Tendo assim chegado à conclusão de que o estado celestial é aqui significado, não seremos culpados da presunção e da tolice de entrar em qualquer explicação detalhada dos próprios símbolos. Há uma aparente confusão das figuras pelas quais a nova Jerusalém é representada, sendo algumas vezes descrita como uma cidade, outras como esposa. A mesma figura dupla é empregada na descrição da prostituta, ou antiga Jerusalém, que às vezes é representada como mulher e outras como cidade. Na sétima visão, a figura da noiva é descartada quase tão logo é apresentada. E toda a descrição restante é ocupada com os detalhes da arquitetura, da riqueza, do esplendor e da glória da cidade. Algumas das características são evidentemente derivadas da cidade visionária contemplada por Ezequiel; mas há essa diferença notável: enquanto o templo e seus detalhes elaborados ocupam a parte principal da visão do Antigo Testamento, nenhum templo é visto na visão apocalíptica - talvez pela razão de que onde tudo é mais sagrado não há lugar que tenha maior santidade do que outro, ou porque onde a presença de Deus se manifesta totalmente, todo o lugar se torna um grande templo.

Há um ponto, no entanto, que merece atenção especial, como servir para identificar a cidade chamada nova Jerusalém. Em Hb. 11:10, encontramos a notável declaração de que o patriarca Abraão peregrinou como um estrangeiro na própria terra que lhe fora prometida como sua própria posse, e que o fez porque tinha fé em um cumprimento maior e mais alto da promessa do que qualquer mera cidade terrena e humana poderia ter concedido. "Ele procurou a cidade que tem as fundações, cujo construtor e criador é Deus". O que é isso senão a própria cidade descrita no Apocalipse - a cidade que tem doze fundamentos, inscrito com os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro; a cidade que não é construída por mãos mortais; "a cidade do Deus vivo", a Jerusalém celestial? Esta é uma

prova decisiva, primeiro, de que o escritor da epístola leu o Apocalipse e, segundo, que reconheceu a visão da nova Jerusalém como uma representação do mundo celestial.

EPÍLOGO

Ap. 22:6-21: "E disse-me: Estas palavras são fiéis e verdadeiras; e o Senhor, o Deus dos santos profetas, enviou o seu anjo, para mostrar aos seus servos as coisas que em breve hão de acontecer.

Eis que presto venho: Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.

E eu, João, sou aquele que vi e ouvi estas coisas. E, havendo-as ouvido e visto, prostrei-me aos pés do anjo que mas mostrava para o adorar.

E disse-me: Olha, não faças tal; porque eu sou conservo teu e de teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus.

E disse-me: Não seles as palavras da profecia deste livro; porque próximo está o tempo.

Quem é injusto, seja injusto ainda; e quem é sujo, seja sujo ainda; e quem é justo, seja justificado ainda; e quem é santo, seja santificado ainda.

E, eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo, para dar a cada um segundo a sua obra.

Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim, o primeiro e o derradeiro.

Bem-aventurados aqueles que guardam os seus mandamentos, para que tenham direito à árvore da vida, e possam entrar na cidade pelas portas.

Mas, ficarão de fora os cães e os feiticeiros, e os que se prostituem, e os homicidas, e os idólatras, e qualquer que ama e comete a mentira.

Eu, Jesus, enviei o meu anjo, para vos testificar estas coisas nas igrejas. Eu sou a raiz e a geração de Davi, a resplandecente estrela da manhã.

E o Espírito e a esposa dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, tome de graça da água da vida.

Porque eu testifico a todo aquele que ouvir as palavras da profecia deste livro que, se alguém lhes acrescentar alguma coisa, Deus fará vir sobre ele as pragas que estão escritas neste livro;

E, se alguém tirar quaisquer palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte do livro da vida, e da cidade santa, e das coisas que estão escritas neste livro.

Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amém. Ora vem, Senhor Jesus.

A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém".

Este epílogo na conclusão do livro corresponde ao prólogo no início e exemplifica a simetria estrutural da composição. Ainda mais notável é a ênfase e a frequência com que o cumprimento próximo do conteúdo da profecia é afirmado e reiterado. Sete vezes, é declarado, de uma forma ou de outra, que tudo está prestes a ser realizado. A afirmação com a qual o livro se abre é repetida neste final: o anjo do Senhor foi comissionado "para mostrar a seus servos coisas que em breve acontecerão". O anúncio de aviso: "Eis que eu venho rapidamente" é três vezes apresentado nesta seção final. O Vidente é ordenado a não selar o livro da profecia, porque "o tempo está próximo". Tão iminente é o fim que se sugere que agora é tarde demais para qualquer alteração no estado ou no caráter dos homens; como são, devem continuar: "Aquele que é injusto, que seja injusto ainda". A invocação dirigida pelas quatro criaturas vivas ao esperado Filho do homem, "Vem!" (Ap. 6:1, 3, 5, 7) é repetido pelo Espírito e pela noiva; enquanto todos os que ouvem são convidados a participar do clamor: e, finalmente, a expressão final de todo o livro é o fervoroso pronunciamento da oração: "Amém! Venha, Senhor Jesus". Todas essas são indicações, que não podem ser mal interpretadas, de que as previsões contidas no Apocalipse não deveriam ser lentamente evoluídas à medida que as eras passam, mas estavam às vésperas de realizações quase instantâneas. Toda a profecia, do primeiro ao último, refere-se ao futuro imediato, com a exceção solitária dos seis

versículos (Ap. 20:5-10). Dezenove-vigésimos do Apocalipse, podemos dizer quase noventa e nove porcento, pertencem, de acordo com sua própria exibição, aos próprios dias [do apóstolo] então presentes, os dias finais da era judaica. A vinda do Senhor é o seu grande tema: com isso ele se abre, com isso se fecha e, do começo ao fim, esse evento é contemplado como prestes a acontecer. O que quer que seja obscuro ou duvidoso, isso pelo menos é claro e certo. O intérprete que não apreende e mantém firme esse princípio norteador é incapaz de entender as palavras desta profecia e infalivelmente se perderá e confundirá os outros em um labirinto de conjecturas e especulações vãs.

Então termina este livro maravilhoso; tão elaborado em sua construção, tão magnífico em sua dicção, tão misterioso em suas imagens, tão glorioso em suas revelações. Mais do que qualquer outro livro da Bíblia, ele foi selado e fechado à apreensão inteligente de seus leitores, e isso principalmente devido à estranha negligência de suas próprias direções inequívocas para seu entendimento correto. Herder, que trouxe seu gênio poético em vez de sua faculdade crítica para a elucidação do Apocalipse, pergunta:

"Uma chave foi enviada com o livro, e essa chave foi perdida? Foi jogada no mar em Patmos ou no Meandro?".

"Não!" Responde um crítico capaz e astuto, Moses Stuart, cujos trabalhos fizeram muito para abrir caminho para uma verdadeira interpretação:

"Nenhuma chave foi enviada e nenhuma foi perdida. Os primeiros leitores - quero dizer, é claro, os homens inteligentes entre eles - podiam entender o livro; e se estivéssemos por um curto período de tempo em seu lugar, poderíamos dispensar todos os comentários

sobre o assunto e os romances teológicos que surgiram a partir dele, que surgiram desde o tempo do exílio de João até os dias atuais".[357]

Mas talvez uma resposta melhor possa ser dada. A chave foi enviada juntamente com o livro, e foi deixada enferrujada e sem uso, enquanto todos os tipos de chaves falsas e picklocks foram experimentados, e foram em vão, até que os homens passaram a encarar o Apocalipse como um enigma ininteligível, destinado apenas a quebra-cabeças e confusão. A chave verdadeira sempre foi visível o suficiente, e a atenção dos homens foi chamada em voz alta em quase todas as páginas do livro. Essa chave é a declaração feita com tanta frequência que tudo está no ponto de cumprimento. Se os leitores originais eram competentes, como Stuart afirma, para entender o Apocalipse sem um intérprete, isso poderia ser apenas porque eles reconheceram sua conexão com os eventos de seu próprio dia. Suponha que eles pudessem entender ou sentir o menor interesse em um livro que tratasse de conselhos papais, reforma protestante, revoluções francesas e eventos distantes em terras estrangeiras e idades longínquas seria uma das fantasias mais loucas que já possuiu um cérebro humano. Do primeiro ao último, o próprio livro presta testemunho decisivo ao cumprimento imediato de suas previsões. Começa com a declaração expressa de que os eventos a que se refere "devem acontecer em breve" e termina com a reiteração da mesma declaração: "O Senhor Deus enviou seu anjo para mostrar a seus servos as coisas que devem em breve acontecerá". "O tempo está próximo".

A única interpretação luminosa da visão do Apocalipse foi dada por críticos que consentiram em usar essa chave autêntica e divina para seus mistérios. No entanto, é notável que muito poucos, se houver, o tenham feito de maneira consistente e constante. É surpreendente e humilhante encontrar um expositor como Moses Stuart, depois de prosseguir com coragem e sucesso de uma certa maneira, de repente

[357] Stuart no Apocalipse, sect. 12.

vacilar, largar a chave que havia prestado um serviço tão bom e depois cambalear cegamente e desamparadamente, tateando e adivinhando através do Névoa egípcia que o rodeia. No entanto, nenhum teólogo de nosso tempo contribuiu tanto para a verdadeira interpretação do Apocalipse. Por seu próprio comentário admirável, ele colocou todos os alunos deste maravilhoso livro sob a mais alta obrigação e conferiu um benefício duradouro a toda a igreja de Cristo. Infelizmente, ao não cumprir seus próprios princípios de maneira consistente até o fim, ele perdeu a honra de conduzir seus seguidores na terra prometida de uma verdadeira exegese.

Quanto à maioria dos intérpretes, dificilmente é possível conceber um desrespeito mais absoluto e imprudente às direções expressas e múltiplas contidas no próprio livro do que aquilo que eles exibiram em suas especulações arbitrárias. De perversidade deliberada, ninguém os acusará; mas parece inexplicável que estudantes eruditos e reverentes da revelação divina ignorem ou deixem de lado as declarações explícitas do próprio livro em relação à sua rápida realização; que, apesar dessas claras afirmações em contrário, estabeleça como axioma que o Apocalipse é um plano de estudos da história civil e eclesiástica até o fim dos tempos; e que, então, desafiando todas as leis gramaticais, procedam à invenção de um método de interpretação não natural, segundo o qual "próximo" fica "distante" e "rapidamente" significa "eras e idades daqui para frente" e "na mão" significa "longe". Tudo isso parece incrível, mas é verdade. A linguagem serve apenas para enganar, as palavras não têm significado e a interpretação não tem leis, se as declarações expressas e repetidas do Apocalipse não ensinam claramente o cumprimento rápido e quase imediato de suas previsões.

Deveria ter ocorrido aos intérpretes do Apocalipse que era uma presunção esmagadora a priori contra o método deles que exigia uma imensa crítica de aparato, vastas reservas de informações históricas, o lapso de muitas eras e "algo como tensão profética", para produzir uma exposição satisfatória até para eles mesmos. De que valor essa

"revelação" poderia ser para os crentes primitivos, que com o coração trêmulo obedeceram à ordem que os enviou à tarefa desconcertante de estudar suas páginas, não é fácil ver. Tampouco é muito mais vantajoso para a massa de leitores modernos, que devem ter uma faculdade crítica alta, para poder discernir a adequação e veracidade da interpretação oferecida e decidir entre interpretações conflitantes. Não é de admirar que, ocupando uma posição tão falsa, os defensores da revelação divina se abrissem aos ataques de céticos como Strauss e "a escola destrutiva da crítica" e, refugiando-se na interpretação não natural, pôs em perigo a própria cidadela da fé. Deve-se reconhecer que uma negligência culposa dos "verdadeiros ditos de Deus" por parte dos expositores cristãos muitas vezes deu um terreno de vantagem aos inimigos da revelação dos quais eles não demoraram a se valer.

Sem presunção indevida, pode-se afirmar que o esquema de interpretação preconizado nestas páginas é marcado por extrema simplicidade, por concordância com fatos históricos e por correspondência exata com os símbolos. Não há violação da escritura, nem perversão ou acomodação da história, nem manipulação de fatos. O único crítico indispensável do aparato é Josefo e a gramática grega. O princípio orientador e de governo é uma deferência implícita e inabalável aos ensinamentos do próprio livro. Os dados apocalípticos foram os únicos pontos de referência considerados e acredita-se que não tenham sido insuficientes. Assumir que nenhum erro foi cometido seria absurdo; mas os viajantes que seguem pela mesma rota em breve corrigirão o que é provado ser errado e confirmarão o que é mostrado como correto.

Foi o objetivo do escritor demonstrar que o Apocalipse é realmente a reprodução e expansão, em imagens simbólicas adaptadas à natureza de uma visão, do discurso profético de nosso Senhor proferido no Monte das Oliveiras. Esse discurso, como mostramos, é uma previsão contínua e homogênea de eventos que ocorreriam em conexão com a Parousia, a vinda em Seu reino do Filho do homem,

um evento que Ele declarou que aconteceria antes da morte de a geração existente, e que alguns dos discípulos viveriam para testemunhar. Da mesma forma, o Apocalipse é uma revelação dos eventos que acompanham a Parousia, mas entrando muito mais em detalhes e exibindo muito mais da glória e felicidade do "reino".

Há dezoito séculos atrás, quando o Vidente contemplava a visão gloriosa da cidade cujas paredes eram de jaspe, seus portões de pérola e suas ruas de ouro puro, ele foi assegurado repetidas vezes que "essas coisas devem acontecer em breve" e que "o tempo estava próximo". Parado à beira da tão esperada Parousia, ouvindo os passos do rei vindouro, sabendo que "o fim dos tempos" deve ser iminente e procurando ansiosamente "o dia do Senhor", como poderia ser de outra maneira que João e os outros discípulos Eles acham que estão prestes a testemunhar o cumprimento de suas esperanças? Como poderia ser de outra maneira, quando o próprio Senhor, dando Seu próprio atestado pessoal para a garantia de Seu advento quase imediato, declarou três vezes, nos termos mais explícitos, "Eis que venho rapidamente"; "Eis que venho rapidamente"; "Sim, eu venho rapidamente"?

Assim, somos levados à conclusão, assim como nos ensinamentos do Apocalipse e do restante das escrituras do Novo Testamento, de que, nos dias de São João, a Parousia era universalmente acreditada por toda a igreja cristã como estando à mão. Foi a promessa de Cristo, a pregação dos apóstolos, a fé da igreja. Também aprendemos o significado desse grande evento. Marcou uma nova época na administração divina. Até que esse evento ocorreu, a plena bênção do estado celestial não estava aberta às almas dos crentes.

A Epístola aos Hebreus ensina que, até a chegada da grande consumação, algo estava faltando para a perfeição total daqueles que "morreram na fé". O mesmo é ensinado no Apocalipse. Até que a "cidade prostituta" fosse julgada e condenada, a "cidade santa" não estava preparada como morada dos santos. Também nos é dado

entender que o fim da dispensação judaica, a revogação da economia legal e a destruição da cidade e do templo de Jerusalém, indicando a dissolução da relação peculiar entre Jeová e a nação de Israel. A nação havia rejeitado seu rei, e o rei havia julgado a nação; e a missão messiânica, por misericórdia e por julgamento, foi então cumprida. Os remanescentes fiéis foram reunidos no reino, ou "a nova Jerusalém", e toda a estrutura e tecido do judaísmo foram destruídos e destruídos para sempre. O reino de Deus agora havia chegado, e Aquele que por tanto tempo conduziu sua administração, seu Mediador e Chefe, agora que ele cantou o edifício, renuncia a Seu caráter oficial e "entrega o reino" nas mãos do Pai. Seu trabalho como Messias é realizado; Ele não é mais "um ministro da circuncisão"; o local e limitado dá lugar ao universal, "para que Deus seja tudo em todos". Isso não significa que a relação entre Cristo e a humanidade cessa, mas que Sua missão como Rei de Israel é cumprido; a nação da aliança não existe mais; não há mais judeus e gentios, circuncidados e incircuncisos; o Israel de Deus é mais amplo e maior que Israel depois da carne; Jerusalém que está acima não é a mãe dos judeus, mas é "a mãe de todos nós".

Foi na visão completa daquele dia glorioso, que estava prestes a "abrir o reino dos céus a todos os crentes", que o discípulo amado respondeu ao anúncio de Seu Senhor sobre Sua vinda rápida: "Amém! Venha, Senhor Jesus!".

RESUMO E CONCLUSÃO

Chegamos agora a um ponto em nossa investigação em que é possível fazer uma pesquisa completa e conectada de todo o campo que percorremos e observar a unidade e consistência do sistema profético desenvolvido no Novo Testamento.

1. Descobrimos que a dispensação do Evangelho não nos sobrevém como um esquema independente e isolado - um novo começo no

governo divino do mundo -, mas implica e assume a relação de Deus com Israel nas eras passadas. Toda a filosofia da história judaica é condensada em uma única frase, "o reino de Deus"; e é esse reino que, primeiro João Batista, como o arauto do rei vindouro, e depois o próprio rei, o Senhor Jesus Cristo, proclamou como estando "à mão".

2. Descobrimos que João Batista adota as advertências da profecia do Antigo Testamento, especialmente do último dos profetas, Malaquias, e prediz que a vinda do reino seria a chegada da ira sobre Israel. Ele declara que "o machado já está colocado na raiz da árvore"; seu grito é: "Fuja da ira vindoura", sugerindo claramente que um tempo de julgamento estava se aproximando rapidamente.

3. Nosso Senhor afirma a mesma rápida vinda de julgamento sobre a terra e o povo de Israel; e Ele conecta ainda mais esse julgamento com a Sua vinda em glória - a Parousia. Este evento se destaca mais proeminentemente no Novo Testamento; para isso todo olho é direcionado, para isso todo mensageiro inspirado aponta. É representado como o núcleo e o centro de um aglomerado de grandes eventos; o fim dos tempos, ou o fim da economia judaica; a destruição da cidade e templo de Jerusalém; o julgamento da nação culpada; a ressurreição dos mortos; a recompensa dos fiéis; a consumação do reino de Deus. Todas essas transações são declaradas coincidentes com a Parousia.

4. É demonstrável pelo testemunho expresso de nosso Senhor, pelo ensino uniforme e concomitante de Seus apóstolos, e pela expectativa universal da igreja da era apostólica, que a Parousia e seus eventos associados foram representados como quase à mão; e não apenas isso, mas prestes a acontecer dentro dos limites de um determinado período; isto é, no tempo dos apóstolos e seus contemporâneos; para que muitos ou a maioria deles esperem testemunhar a grande consumação. Este é o ponto principal de toda a questão e deve ser decidido pela autoridade das próprias Escrituras. Embora a prova deva ser rigorosamente exigida e a evidência minuciosamente

peneirada, ela também deve ser considerada desapaixonadamente, sem recorrer à interpretação não natural, à evasão acrítica e injusta ou à violenta violação do sentido claro das palavras.

5. Sem percorrer o terreno já percorrido, pode ser suficiente recorrer a três declarações distintas e decisivas de nosso Senhor, respeitando o tempo de Sua vinda, cada uma delas acompanhada de uma afirmação solene:

1- "Em verdade vos digo que não passareis sobre as cidades de Israel até que o Filho do homem venha". (Mt. 10:23)

2- "Em verdade vos digo que alguns aqui estão, que não provarão a morte até que vejam o Filho do homem vindo em seu reino'. (Mt. 16:28)

3- "Em verdade vos digo que esta geração não passará até que todas essas coisas sejam cumpridas". (Mt. 24:34)

O significado gramatical claro dessas declarações foi totalmente discutido nessas páginas. Nenhuma violência pode extorquir-lhes outro sentido senão o óbvio e inequívoco, viz. que a segunda vinda de nosso Senhor aconteceria dentro dos limites da geração existente.

6. A doutrina dos apóstolos com respeito à vinda do Senhor está em perfeita harmonia com isso. Nada pode ser mais evidente do que todos eles creram e ensinaram o rápido retorno do Senhor. Desde o primeiro discurso de São Pedro no dia de Pentecostes até a última declaração de São João no Apocalipse, essa convicção é clara e constantemente expressa. Dizer que os apóstolos ignoravam o tempo da volta de seu Senhor e, portanto, não podiam acreditar no assunto - não podiam ensinar o que não sabiam - é contradizer suas próprias afirmações expressas e reiteradas. É verdade que eles não sabiam e não ensinavam "naquele dia e naquela hora"; eles não disseram que Ele viria em um determinado mês de um determinado ano, mas

certamente deram às igrejas que entendessem que Ele estava vindo rapidamente; para que eles esperem em breve vê-Lo; e nunca deixaram de exortá-los a manter a atitude de constante vigilância e preparação.

Não é necessário fazer mais do que anunciar alguns dos principais testemunhos prestados pelos apóstolos à rápida vinda do Senhor:

1- São Paulo dá grande destaque em suas epístolas a essa estimada esperança da igreja cristã:

a. Na Primeira Epístola aos Tessalonicenses, ele implica a possibilidade da vinda do Senhor em sua vida e em sua vida: "Nós que estamos vivos e permanecemos até a vinda do Senhor". Ele também ora para que "seu espírito, alma e corpo sejam preservados sem culpa até a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo".

b. Na Segunda Epístola aos Tessalonicenses (que muitas vezes é erroneamente entendida para ensinar que a vinda de Cristo não estava próxima, mas que ensina precisamente a doutrina contrária), ele conforta os crentes sofredores com a promessa de que eles obteriam descanso de seus sofrimentos atuais "quando o Senhor Jesus foi revelado do céu", etc. (2 Ts 1:7)

c. Na Primeira Epístola aos Coríntios, o apóstolo fala dos crentes como "aguardando a vinda do Senhor Jesus Cristo". Ele os adverte que "o tempo é curto"; que "o fim dos tempos", ou "os últimos dias", vieram sobre eles; que "o Senhor está próximo".

d. Na Segunda Epístola aos Coríntios, São Paulo expressa sua confiança de que, embora ele possa morrer antes da vinda do Senhor, Deus o ressuscitará dos mortos e o apresentará junto com os que sobreviveram àquele período.

e. Na Epístola aos Romanos, São Paulo fala de "a glória a ser

revelada"; de toda a criação esperando a manifestação do Filho de Deus; da salvação estar próxima, "mais próxima do que quando eles creram"; que "agora é hora de acordar do sono"; que "a noite está passando e o dia está próximo"; que "Deus colocará Satanás debaixo dos pés deles em breve".

f. Nas epístolas aos efésios, filipenses e colossenses, o apóstolo fala do "dia de Cristo" como o período de esperança, perfeição e glória para o qual estavam ansiosos, e declara enfaticamente: "O Senhor está próximo".

g. Do mesmo modo, nas Epístolas a Timóteo e Tito, a expectativa da Parousia é notória. Timóteo é exortado a manter o mandamento inviolável "até o aparecimento de nosso Senhor Jesus Cristo". "Ele está prestes a julgar os vivos e os mortos em sua vinda e no seu reino". Os cristãos são exortados a procurar a "bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo".

2- São Tiago representa a vinda do Senhor exatamente como está à mão. "Os últimos dias" chegaram. Os cristãos que sofrem são exortados a "serem pacientes até a vinda do Senhor". Eles têm certeza de que "está chegando"; que o juiz está diante da porta.

3- São Pedro, como São Paulo, dá grande destaque à Parousia e seus eventos relacionados.

a. No dia de Pentecostes, ele declarou que aqueles eram "os últimos dias" previstos pelo profeta Joel, introdutórios ao "grande e terrível dia do Senhor".

b. Em sua Primeira Epístola, ele afirma que era "a última hora"; que Deus estava "pronto para julgar os vivos e os mortos"; "que o fim de todas as coisas estava próximo"; que "chegara a hora em que o julgamento começaria na casa de Deus".

c. Em sua Segunda Epístola, ele exorta os cristãos a "procurarem e apressarem-se até a vinda do dia de Deus"; e descreve a dissolução do "céu e terra" que se aproxima.

4- A Epístola aos Hebreus fala dos "últimos dias" como agora presentes; é "o fim dos tempos"; o dia é visto como "se aproximando"; "Ainda um pouco, e aquele que virá virá e não tardará".

5- São João confirma e completa o testemunho de seus companheiros apóstolos; é "a última hora"; o anticristo chegou; "ele já está no mundo". Os cristãos são exortados a viver para que não se envergonhem diante de Cristo na Sua vinda.

Finalmente, o Apocalipse está cheio de Parousia: "Eis que ele vem com nuvens"; "O tempo está próximo"; "Eis que venho rapidamente".

Esse é um esboço rápido do testemunho apostólico da rápida vinda do Senhor. Teria sido estranho se, com tais garantias e exortações, as igrejas apostólicas não tivessem vivido na expectativa constante e ansiosa da Parousia. Que eles fizeram isso, temos a evidência mais clara no Novo Testamento e podemos conceber a poderosa influência que essa fé e esperança devem ter exercido sobre a vida e o caráter cristão.

Mas, admitindo, o que não se pode negar, que os apóstolos e os primeiros cristãos nutriram essas expectativas, e que sua crença foi fundada nos ensinamentos de nosso Senhor, surge a pergunta: eles não estavam enganados em suas expectativas? Isso é praticamente perguntar: os apóstolos foram autorizados a cometer erros e a levar outros a uma ilusão semelhante, com relação a um fato que eles tinham oportunidades abundantes de conhecer; que frequentemente deve ter sido objeto de conversa e conferência entre si; que eles

nunca deixaram de manter diante da atenção das igrejas e com os quais todos concordaram?

Há críticos que não têm escrúpulos em afirmar que os apóstolos estavam enganados e que o tempo provou a falácia de suas antecipações. Eles nos dizem que ou eles entenderam mal os ensinamentos de seu Mestre, ou que Ele também estava sob uma impressão errônea. É claro que isso anula as reivindicações dos apóstolos de falarem com autoridade como os mensageiros inspirados de Cristo, além de minar os próprios fundamentos da fé cristã.

Há outros, mais reverentes no tratamento das Escrituras, que reconhecem que os apóstolos estavam realmente enganados, mas que esse erro foi, por razões sábias, permitido: que, de fato, o erro foi altamente benéfico em seus resultados: estimulou esperança, fortaleceu a coragem, inspirou a devoção.[358]

"Se os cristãos dos primeiros séculos", diz Hengstenberg, "previram que a segunda vinda de Cristo não ocorreria por mil e quatrocentos anos, quão mais fraca seria uma impressão que essa doutrina lhes causaria do que quando estavam esperando por Ele a cada hora, e

[358] "Por séculos, a esperança do mundo foi o segundo advento. A igreja primitiva esperava isso em seus próprios dias: "Nós, que vivemos, permanecemos até a vinda do Senhor". O próprio Salvador disse: "Esta geração não passará até que todas essas coisas se cumpram". No entanto, o Filho do homem nunca veio ... Nos primeiros séculos, os primeiros cristãos acreditavam que o advento milenar estava próximo; eles ouviram a advertência do apóstolo, breve e contundente: "O tempo é curto". Agora, suponha que em vez disso eles tivessem visto todas as páginas lúgubres da história da igreja desenroladas; suponha que eles soubessem que depois de dois mil anos o mundo mal teria soletrado três letras do significado do Cristianismo, onde teriam estado aqueles esforços gigantescos, aquela vida passada como à beira da eternidade, que caracterizam os dias da igreja primitiva?" - F. W. Robertson, Sermão sobre a Ilusão da Vida.

lhes disseram para vigiar, porque Ele viria como um ladrão durante a noite, a uma hora em que eles não o esperavam!".[359]

Mas essa explicação também não pode ser aceita como satisfatória. Inquestionavelmente, os primeiros cristãos receberam um imenso impulso à sua coragem e zelo por sua firme crença no rápido advento do Senhor; mas isso era uma esperança que afinal os envergonhava? Devemos concluir que a indomável coragem e devoção de São Paulo repousava principalmente em uma ilusão? Os mártires e confessores da era primitiva eram apenas entusiastas equivocados? Confessamos que tal conclusão é revoltante para todas as nossas concepções do cristianismo como uma revelação da verdade divina pela instrumentalidade de homens inspirados. Se os apóstolos entenderam mal ou deturparam o ensino de Cristo em relação a uma questão de fato, respeitando as quais eles tinham as mais amplas oportunidades de informação, que dependência pode ser colocada em seu testemunho quanto a questões de fé, onde a responsabilidade pelo erro é muito maior? Tais explicações são adequadas para perturbar os fundamentos da confiança no ensino apostólico; e não é fácil ver como eles são compatíveis com qualquer crença prática na inspiração.

Há outra teoria, no entanto, pela qual muitos supõem que o crédito dos apóstolos pode ser salvo, e ainda assim deixa espaço para evitar a aceitação de seus aparentes ensinamentos sobre o assunto da vinda de Cristo. Isto é, através da hipótese de um cumprimento primário e parcial de suas previsões em seus próprios dias, que seria seguido e completado por um cumprimento final e completo no final da história humana. De acordo com esse ponto de vista, o que os apóstolos esperavam não estava totalmente errado. Algo realmente aconteceu, algo que poderia ser chamado de "uma vinda do Senhor", "um dia de julgamento". As previsões receberam quase um cumprimento na destruição de Jerusalém e no julgamento da nação culpada. Essa consumação no final da era judaica era o tipo de outra

[359] Hengstenberg, Christology, vol. iv. p. 443

catástrofe, infinitamente maior, quando toda a raça humana é levada ao Tribunal de Cristo e a terra é consumida por uma conflagração geral. Este é provavelmente o ponto de vista mais comumente aceito pela maioria dos expositores e leitores do Novo Testamento atualmente. A primeira objeção a essa hipótese é que ela não tem base nos ensinamentos das Escrituras. Não há um pingo de evidência de que os apóstolos e os primeiros cristãos suspeitassem de uma dupla referência nas predições de Jesus a respeito do fim. Nada é sugerido no sentido de que as palavras de Jesus devem ter tido uma realização primária e parcial naquela geração, e que uma realização completa e exaustiva foi reservada para um período distante e futuro. A verdade é completamente oposta. O que pode ser mais abrangente e conclusivo do que as palavras de nosso Senhor: "Em verdade vos digo que esta geração não passará até que TODAS estas coisas tenham sido realizadas"? Que tortura crítica foi aplicada a essas palavras para extrair delas algum significado além do óbvio e natural! Como genea foi caçado através de toda a sua linhagem e genealogia para descobrir que isso pode não significar as pessoas então vivendo na terra! Mas todos esses esforços são totalmente fúteis. Enquanto as palavras permanecerem no texto, seu significado claro e óbvio prevalecerá sobre todo o ouropel e distorção de críticas inteligentes. A hipótese do duplo cumprimento não é suportada nas Escrituras. Precisamos apenas ler a linguagem com a qual os apóstolos falam da quase consumação, para nos convencer de que eles tinham em mente apenas um grande evento, e apenas um, e que pensavam e falavam disso como muito próximo.

Isso nos leva a outra objeção à hipótese de um cumprimento duplo, ou mesmo múltiplo, das previsões do Novo Testamento, viz. que procede de uma concepção fundamentalmente errônea do real significado e grandeza ou daquela grande crise no governo divino do mundo, marcada pela Parousia. Não há poucos que parecem pensar que, se a profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras, e as predições dos apóstolos da vinda de Cristo em glória, não significassem mais do que a destruição de Jerusalém, e fossem

cumpridas nesse evento, então todos os seus anúncios e expectativas terminaram em um mero fiasco, e a realidade histórica responde de maneira muito fraca e inadequada à magnífica profecia. Há razões para acreditar que o verdadeiro significado e grandeza desse grande evento são muito pouco apreciados por muitos. A destruição de Jerusalém não foi um mero incidente emocionante no drama da história, como o cerco de Tróia ou a queda de Cartago, fechando um capítulo nos anais de um estado ou de um povo. Foi um evento que não tem paralelo na história. Era o sinal externo e visível de uma grande época no governo divino do mundo. Foi o fim de uma dispensação e o início de outra. Marcou a inauguração de uma nova ordem de coisas. A economia mosaica, que havia sido introduzida pelos milagres do Egito, pelos relâmpagos e trovões do Sinai e pelas gloriosas manifestações de Jeová a Israel, depois de subsistir por mais de quinze séculos, foi abolida. A relação peculiar entre o Altíssimo e a nação da aliança foi dissolvida. O reino messiânico, isto é, a administração do governo divino pelo Mediador, até agora, pelo menos, no que dizia respeito a Israel, atingiu seu ponto culminante. O reino há tanto tempo predito, esperado, orado, estava agora totalmente chegado. O ato final do rei foi sentar-se no trono de Sua glória e julgar Seu povo. Ele poderia então "entregar o reino a Deus, ao Pai". Esse é o significado da destruição de Jerusalém, de acordo com a exibição da Palavra de Deus. Não era um fato isolado, uma catástrofe solitária - era o centro de um grupo de eventos relacionados e coincidentes, não apenas no material, mas no mundo espiritual; não apenas na terra, mas no céu e no inferno; alguns deles são cognoscíveis pelos sentidos e capazes de confirmação histórica, e outros não.

Talvez se possa dizer que essa explicação das previsões do Novo Testamento, em vez de aliviar a dificuldade, nos embaraça e nos deixa mais perplexos do que nunca. É possível acreditar no cumprimento de previsões que surtam efeito na ordem visível e externa das coisas, porque temos evidências históricas desse cumprimento; mas como podemos esperar que acreditemos nas realizações que se diz terem

ocorrido na região do espiritual e do invisível quando não temos testemunhas para depor os fatos? Podemos acreditar implicitamente na realização de tudo o que foi previsto, respeitando os horrores do cerco de Jerusalém, a queima do templo e a demolição da cidade, porque temos o testemunho de Josefo aos fatos; mas como podemos crer na vinda do Filho do homem, na ressurreição dos mortos, em um ato de julgamento, quando não temos nada além da palavra de profecia para confiar, e não Josefo para garantir a precisão histórica dos fatos?

Mas a parte que foi confessadamente cumprida e confirmada pela história sem inspiração está inseparavelmente ligada a outra porção que não é tão confirmada. Nada além de uma perturbação violenta pode separar uma parte dessa profecia da outra. É um do começo ao fim - um todo completo. O melhor instrumento não pode traçar uma linha que separa uma parte que se relaciona com essa geração de outra parte que se relaciona com um período diferente e distante. Cada parte dela repousa sobre o mesmo fundamento, e o todo está tão ligado e concatenado que todos devem permanecer juntos ou cair. Somos justificados, portanto, ao sustentar que a realização exata de grande parte da profecia que está dentro do conhecimento dos sentidos, e é capaz de ser atestada pelo testemunho humano, é uma presunção e garantia em favor do cumprimento exato de aquela porção que se encontra dentro da região do invisível e espiritual, e que não pode, na natureza das coisas, ser atestada por evidências humanas. Isso não é credulidade, mas fé razoável, como os homens exercem sem medo em todas as suas transações mundanas.

Concluímos, portanto, que todas as partes da previsão de nosso Senhor se referem ao mesmo período e ao mesmo evento; que toda a profecia é uma e indivisível, repousando sobre o mesmo fundamento da autoridade divina. Além disso, provou-se que tudo o que era cognoscível pelos sentidos humanos foi cumprido e, portanto, não somos apenas garantidos, mas devemos assumir o cumprimento do restante como não apenas credível, mas certo.

Como resultado da investigação, chegamos a este dilema: ou todo o grupo de previsões, compreendendo a destruição de Jerusalém, a vinda do Senhor, a ressurreição dos mortos e a recompensa dos fiéis, ocorreu antes do falecimento daquela geração, como predito por Cristo, ensinado pelos apóstolos, e esperado por toda a igreja; ou, senão, a esperança da igreja era uma ilusão, o ensino dos apóstolos um erro, as previsões de Jesus um sonho.

Não há outra alternativa consistente com a interpretação gramatical justa das palavras das Escrituras. Não podemos separar a profecia de Cristo, e arbitrariamente decidir que isso é passado e que é futuro; isso é cumprido e isso não realizado. Não há pretexto para tal divisão no registro desse discurso; como a túnica sem costura usada por Aquele que a pronunciou, é uma peça inteira, "tecida do alto por toda parte". A estrutura gramatical e a ocasião histórica implicam a unidade de toda a profecia. Também não existe nenhuma "faculdade de verificação" pela qual seja possível distinguir entre uma parte e outra como pertencendo a diferentes períodos e épocas. Toda tentativa de traçar essas linhas de distinção provou ser um fracasso completo. A profecia se recusa a ser tão manipulada, e afirma sua unidade e homogeneidade, apesar de artifícios críticos ou violência. Somos compelidos, portanto, por todas essas considerações e principalmente pela autoridade dEle cuja palavra não pode ser quebrada, a concluir que a Parousia, ou segunda vinda de Cristo, com seus eventos conectados e concomitantes, ocorreu, de acordo com à própria previsão do Salvador, no período em que Jerusalém foi destruída e antes da morte [dos homens] dessa "geração".

Aqui podemos fazer uma pausa, pois a profecia das Escrituras não nos guia mais. Mas o fim do aeon não é o fim do mundo, e o destino de Israel não nos ensina nada a respeito do destino da raça humana. Quer desejemos ou não, não podemos deixar de especular sobre o futuro e prever as fortunas definitivas de um mundo que tem sido palco de demonstrações estupendas de julgamento e misericórdia

divinas. Alguns provavelmente acharão que é uma conclusão indesejável que o Apocalipse não é o plano de estudos da história civil e eclesiástica que uma teoria equivocada da interpretação supunha que fosse. Parecerá a eles que a extinção dessas luzes falsas, que eles levaram como estrelas guia, os deixa na escuridão total sobre o futuro; e eles perguntarão perplexos, Para onde estamos tendendo? Qual deve ser o fim e a consumação da história humana? Esta terra, com seu precioso frete de interesses imortais e eternos, está avançando em direção à luz e verdade, ou se apressando para regiões de trevas e distância de Deus?

Onde nada foi revelado, seria o ápice da presunção prognosticar o futuro. "Não cabe a nós conhecer os tempos e as estações que o Pai colocou em seu próprio poder". Foi dito que "o profeta sem inspiração é um tolo", e muitos casos aprovam o ditado. Ainda assim, pode nos permitir concluir: não há razão para se desesperar com o futuro. Alguns dizem que, como o judaísmo foi um fracasso, o cristianismo também será um fracasso. Não somos convencidos disso; nós o consideramos um impeachment da sabedoria e bondade divinas. O judaísmo nunca foi constituído para ser uma religião universal; era essencialmente limitado e nacional em sua operação; mas o cristianismo é feito para o homem e provou sua adaptação a todas as variedades da família humana. É verdade que o progresso do cristianismo no mundo tem sido lamentavelmente lento; e que, depois de dezoito séculos, não conseguiu banir o mal do mundo, nem mesmo das regiões onde sua influência foi sentida mais poderosamente. No entanto, depois de cada concessão por suas deficiências, ela continua sendo a força moral mais poderosa já criada para purificar e enobrecer o caráter dos homens. É o cristianismo que diferencia o novo mundo do antigo; o moderno da civilização antiga. Esse é o novo fator da sociedade e da história humanas que pode reivindicar a maior participação nas reformas benéficas do passado e para as quais podemos buscar resultados ainda maiores no futuro. O historiador filosófico reconhece no cristianismo um novo poder, que

"desde sua própria origem e ainda mais em seu progresso, renovou completamente a face do mundo".[360]

Também não há nenhum sintoma de decrepitude ou exaustão na religião de Jesus depois de todas as eras e conflitos, e revoluções de opinião pelas quais ela veio. Ele sofreu o peso da perseguição mais maligna e saiu vitorioso. Ele sofreu a provação das críticas mais perspicazes e hostis e saiu ileso do fogo. Ele sobreviveu ao patrocínio mais perigoso de amigos fingidos que a corromperam em uma superstição, a perverteram em uma política ou a degradaram em um comércio. Enquanto os inimigos do Evangelho prevêem sua rápida extinção, ele entra em uma nova carreira de conflito e vitória. Há uma tendência perpétua no cristianismo de renovar sua juventude, de recuperar o ideal de sua pureza primitiva e de se defecar das impurezas e acréscimos estranhos à sua natureza. Nunca, desde a era apostólica, havia maior vitalidade e vigor na religião da cruz do que hoje. Esta é a era das missões cristãs; e enquanto todas as outras religiões do mundo deixaram de proselitizar e, portanto, de crescer, o cristianismo se estende a toda terra e nação, com a Bíblia na mão e a proclamação das boas novas em sua boca: "Creia no Senhor Jesus Cristo e serás salvo".

A verdadeira interpretação da profecia do Novo Testamento, em vez de nos deixar nas trevas, encoraja a esperança. Alivia a escuridão que pairava sobre um mundo que se acreditava estar destinado a perecer. Não há razão para inferir que, porque Jerusalém foi destruída, o mundo deve queimar; ou, porque a nação apóstata foi condenada, a raça humana deve ser consignada à perdição. Toda essa antecipação sinistra repousa sobre uma interpretação errônea das Escrituras; e, com as falácias sendo esclarecidas, a perspectiva se ilumina com uma esperança gloriosa. Podemos confiar no Deus do amor. Ele não abandonou a terra e governa o mundo de acordo com um plano que de fato não nos revelou, mas que podemos ter certeza

[360] Schlegel, Filosofia da História, Lect. x.

de que finalmente evoluirá o bem maior da criatura e a mais brilhante glória do Criador.

Pode, de fato, parecer estranho e irresponsável que agora devamos ficar sem nenhuma dessas manifestações e revelações divinas que em outras épocas Deus teve o prazer de garantir aos homens. Em alguns aspectos, parecemos mais distantes do céu do que aquelas eras quando vozes e visões lembraram os homens da proximidade do Invisível. Podemos dizer, com os judeus do cativeiro: "Não vemos nossos sinais; não há mais profeta; nem há entre nós quem sabe quanto tempo". (Sl. 74:9)

Mil e oitocentos anos se passaram desde que uma voz foi ouvida na terra dizendo: "Assim diz o Senhor". É como se uma porta tivesse sido fechada no céu, e a relação direta de Deus com o homem fosse cortada; e parecemos uma desvantagem em comparação com aqueles que foram favorecidos com "visões e revelações do Senhor". No entanto, mesmo nisso, podemos não julgar corretamente. Sem dúvida, é melhor do que é. A presença do Espírito Santo com os discípulos foi declarada por nosso Senhor como mais do que uma compensação por Sua própria ausência. Que o Espírito habita conosco, e em nós, e é Seu ofício "tomar o que de Cristo e mostrá-lo para nós". Temos também a Palavra de Deus escrita, e nisso desfrutamos de uma superioridade incalculável aos tempos anteriores. Melhor a Palavra escrita do que o profeta vivo. Mas, se for necessário para o bem-estar e a orientação da humanidade que Deus se manifeste novamente, não há presunção contra outras revelações. Por que se deve pensar que Deus falou Sua última palavra aos homens? Mas é para Ele escolher, e não para nós ditarmos. Pode muito bem ser que, mesmo agora, de maneiras não suspeitadas por nós, Ele esteja falando ao homem. "Deus se realiza de muitas maneiras, e a história humana é tão cheia de Deus hoje quanto nas eras de milagres e profecias. Longe de nós está a incredulidade que desespera o cristianismo e o homem. Certamente, não foi em vão que Jesus disse "Eu sou a Luz do Mundo". Deus não enviou seu Filho ao mundo

para condenar o mundo, mas para que o mundo fosse salvo. "Eu, quando for levantado da terra, atrairei todos os homens para mim".

Aquele apóstolo favorecido que, mais do que qualquer outro, parece ter compreendido "a amplitude, comprimento, profundidade e altura do amor de Cristo", sugere-nos ideias da extensão e eficiência da grande redenção que nossa incredulidade latente dificilmente pode receber. Ele não hesita em afirmar que a obra restauradora de Cristo acabará por mais do que reparar a ruína causada pelo pecado. "Como pela desobediência de um homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de Um, muitos serão feitos justos". Não faria sentido nessa comparação se "os muitos" de um lado da equação não tivessem proporção com "os muitos" do outro lado. Mas isso não é tudo: a obra redentora de Cristo faz mais do que corrigir a balança: ela supera, e isso é incomensuravelmente, a contrapartida do mal. "mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo". (Rm. 5:19-21)

Não se enquadra no escopo desta discussão argumentar em bases filosóficas a probabilidade natural de um reino de verdade e retidão na terra; estamos felizes em ter certeza da consumação por motivos mais elevados e mais seguros, até as promessas dAquele que nos ensinou a orar: "Seja feita a sua vontade na terra, como no céu".[361] Pois toda oração ensinada por Deus contém uma profecia e

[361] O mundo em que vivemos há muito tempo é palco de um poderoso conflito entre os poderes antagônicos do bem e do mal disputando a posse da raça humana. Na natureza do caso, é improvável que esse conflito esteja destinado a nunca ser levado a uma questão decisiva. Consequentemente, a história do mundo é considerada um registro de uma lenta mas segura superação do mal pelo bem, e há muitas declarações nas Escrituras que apontam para a consumação de todas as coisas da Terra e para a vitória final do bem sobre o mal. Assim, a oração "Seja feita a tua vontade, como no céu, assim na terra" Mateus 6:10, sendo divinamente ensinada, contém em si uma profecia e uma promessa de seu próprio cumprimento. O Reino Milenar de Cristo em que estamos vivendo agora não durará para sempre (consequentemente, devemos

transmite uma promessa. Este mundo não pertence mais ao diabo, mas a Deus. Cristo a redimiu e a recuperará, e atrairá todos os homens a ele. Caso contrário, é inconcebível que Deus tenha ensinado o Seu povo em todas as épocas a pronunciar com fé e esperar essa sublime oração profética:

"Deus tenha misericórdia de nós e nos abençoe; e faça resplandecer o seu rosto sobre nós (Selá.) Para que se conheça na terra o teu caminho, e entre todas as nações a tua salvação. Louvem-te a ti, ó Deus, os povos; louvem-te os povos todos.

Alegrem-se e regozijem-se as nações, pois julgarás os povos com eqüidade, e governarás as nações sobre a terra. (Selá.) Louvem-te a ti, ó Deus, os povos; louvem-te os povos todos. Então a terra dará o seu fruto; e Deus, o nosso Deus, nos abençoará. Deus nos abençoará, e todas as extremidades da terra o temerão". (Salmo 67)

APÊNDICE DA PARTE III

NOTA A - Reuss sobre o "número da besta" (Ap. 13:18)

Seria uma história muito singular se recontássemos tudo o que foi dito pelos teólogos com referência ao número 666 no Apocalipse. Entretanto, este não é o lugar para fazê-lo, e geralmente é mera perda de tempo refutar erros palpáveis e alucinações absurdas. Nossos textos são tão claros para aqueles que têm olhos para ver e compreender, que a simples afirmação de seu verdadeiro significado deve dissipar de imediato as nuvens reunidas em torno deles por preconceitos dogmáticos, imaginações interessadas e pré-construções políticas.

---

considerar a previsão do castigo final da "velha serpente" e os eventos que se seguem, como ainda futuros). "Para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho dos que estão nos céus, e na terra, e debaixo da terra, E toda a língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai" (Fp. 2:10, 11)

O número da besta, 666, é o número de um homem, ariymov anyrwpou, diz o profeta. É o número de um nome, ele diz novamente, e esse nome está escrito na testa daqueles que são os súditos e adoradores leais da besta. Mas o animal em si é um ser pessoal - o Anticristo, e não representa uma ideia abstrata. Daí resulta que o número 666 não representa um período da história eclesiástica, como é mantido na interpretação dos teólogos protestantes ortodoxos e dos quiliasts pietistas da escola de Bengel. Tampouco significa um nome comum e para caracterizar um poder, um império, como, por exemplo, o paganismo romano, como Irineu procurou mostrar com seu Aateinov, que foi adotada por todos os intérpretes subsequentes que ainda não conseguiram inventar algo mais inadmissível, e que os protestantes usaram ansiosamente no interesse de suas polêmicas antipapais. Os termos "Latium", "Latini" não existiam no primeiro século, mas na poesia e na geografia local da Campagna de Roma e, como o nome de uma língua, era totalmente desconhecido de qualquer forma na esfera apostólica. (Lucas 23:38 João 19:20)

O número 666 deve, então, conter um nome próprio, o nome do personagem político e histórico que deveria desempenhar o papel do Anticristo em todas as grandes revoluções que aguardavam o mundo judaico-cristão. Depois de ler Daniel e a Segunda Epístola aos Tessalonicenses, sabemos qual é o assunto. Nosso autor finalmente começa a nos contar de quem ele fala.

Aqui, então, está a dificuldade (se é que é difícil) que muitas vezes enganou até mesmo aqueles que abordaram o problema com um espírito livre de preconceitos e ilusões. A besta do décimo terceiro capítulo não é um indivíduo, mas o Império Romano, considerado um poder. O próprio escritor nos diz (Ap. 17) que as sete cabeças da besta representam as sete colinas nas quais sua capital é construída; e novamente, sete reis que reinaram, ou ainda reinam, lá. Isso é verdade, mas ele nos diz claramente que esta besta é ao mesmo

tempo uma das sete cabeças, uma combinação aparentemente inconcebível e mais que paradoxal, mas ao mesmo tempo muito natural e até necessária. A ideia de um poder, especialmente de uma influência hostil, sempre tende a assumir uma forma concreta, a personificar-se na mente popular. O monstro ideal se torna um indivíduo; o princípio assume uma forma humana distinta e, sob essa forma pessoal, as idéias se popularizam, até que os indivíduos, por sua vez, sejam representantes permanentes de idéias e influências que sobrevivem a si mesmas. Para a maioria dos homens, um nome próprio transmite mais do que uma definição, e é mais apto a excitar sentimentos quentes e vivos. O poder pagão, idolatria, blasfêmia, perseguição, tudo o que desperta as antipatias legais da igreja, tudo o que a inspira com horror e tira dela o grito de desgraça, seria naturalmente individualizado e concentrado na pessoa daquele que, um poucos anos antes da destruição de Jerusalém, havia preenchido a medida de seus crimes. A besta é, então, ao mesmo tempo o Império e o Imperador, e o nome deste último está nos lábios do leitor atencioso antes de expressá-la. Vamos, no entanto, lançar sobre ela toda a luz da ciência histórica.

Uma leitura atenta de Ap. 11 já nos trouxe a convicção de que este livro foi escrito antes da destruição de Jerusalém. O templo e sua quadra interna, com o grande altar, são medidos - destinados a serem preservados (Zc. 2), enquanto o resto da cidade é entregue aos pagãos e dedicado ao sacrilégio. Essas passagens não poderiam ter sido elaboradas em vista do estado das coisas que existiam após o ano 70. Mas as indicações dadas em Ap. 17 são ainda mais decisivos. Manteremos que Roma é aqui mencionada até que se possa demonstrar que na era dos apóstolos existia outra cidade construída sobre sete colinas, urbem septicollem,no qual o sangue das testemunhas de Cristo foi derramado em torrentes. (Ap. 17:6, 9) Esta cidade, ou este império, tem sete reis. As revelações de Daniel, de Enoque e de Esdras seguem o mesmo plano cronológico, todas contando sucessões de reis para colocar o leitor no rastro das datas. Desses sete reis, cinco já estão mortos (Ap. 17:10) o sexto está

reinando neste exato momento. O sexto imperador de Roma era Galba, um homem velho, com setenta e três anos de idade em sua adesão. A catástrofe final, que destruiria a cidade e o império, aconteceria em três anos e meio, como já foi observado. Por esse simples motivo, a série de imperadores incluirá apenas um após o monarca então reinante, e ele reinará apenas um pouco. O escritor não o conhece, mas ele sabe a duração relativa de seu reinado, porque ele sabe que Roma, em três anos e meio, perecerá finalmente, para nunca mais se levantar.

Virá um oitavo imperador, ele é um dos sete, ele é o animal que foi, mas que, neste momento, não é Isso deve se referir, então, a um dos imperadores anteriores, que deve voltar pela segunda vez, mas como o Anticristo, isto é, investido com todo o poder do diabo, e para o fim especial da luta contra o Senhor. Como se diz que, no momento em que a visão é escrita, ele não é, mas já foi, ele deve ser um dos cinco primeiros imperadores. Ele já foi ferido até a morte (Ap 13:3) para que exista algo milagroso em seu reaparecimento. Portanto, não pode ser Augusto, Tibério ou Cláudio, que nenhum deles chegou a um fim violento, e que estão mais fora de questão pelo fato de que nenhum deles mantinha relações hostis com a igreja. Esse motivo também excluirá Calígula. Resta apenas o Nero; mas tudo concorda em apontá-lo como o personagem assim misteriosamente designado. Enquanto Galba reinou, e mesmo depois disso, o povo não acreditava que Nero estivesse morto; eles supunham que ele estivesse escondido em algum lugar, e pronto para voltar e se vingar de seus inimigos. As idéias messiânicas dos judeus, que se tornaram vagamente difundidas no Ocidente (como aprendemos de Tácito e Suetônio), misturadas com essas noções populares, sugeriam aos crédulos a ideia de que Nero voltaria do Oriente, recuperar seu trono com a ajuda dos partos. Muitos Neros falsos apareceram.[362] Essas fantasias populares também se espalham entre os cristãos. As visões

[362] Suetônio, Nero, 40, 57; Tácito, História, bk. i. 2; bk. ii. 8, 9; Dio Cassius, cap. lxiv, 9; Zonaras, Vita Titus. p. 578; Dio Crisóstomo, Orationes, xx. p. 3717.

eram de ocorrência comum[363] e os Padres da igreja perpetuam a mesma tradição através de vários séculos depois.[364]

Por fim, para que não falte evidência completa, nosso livro nomeia Nero, por assim dizer, em cada letra. O nome Nero está contido no número 666. O mecanismo do problema é baseado em um dos artifícios cabalísticos em uso na hermenêutica judaica, que consistia em calcular o valor numérico das letras que compõem uma palavra. Esse método, chamado gematria, ou geométrico, isto é, matemático e usado pelos judeus na exegese do Antigo Testamento, deu muitos problemas aos nossos homens instruídos e os levou a um labirinto de erros. Todos os alfabetos antigos e modernos foram colocados em contribuição, e todas as combinações imagináveis de figuras e letras foram tentadas por sua vez. Foi feito para produzir quase todos os nomes históricos dos dezoito séculos passados - Titus Vespasian e Simon Gioras, Julian o Apostata e Genseric, Mohomet e Luther, Bento IX e Luís XV, Napoleão I e o Duque de Reichstadt - e não seria difícil para nenhum de nós, usando os mesmos princípios, ler nele os nomes de um ou de outro. Na verdade, o enigma não foi tão difícil, embora só tenha sido resolvido pela exegese em nossos dias. Era tão pouco insolúvel que vários estudiosos contemporâneos encontraram a pista simultaneamente, e sem saber nada do trabalho uns dos outros. A gematria é um ar hebraico. O número deve ser decifrado pelo alfabeto hebraico: rsq nwrn se lê "Nerón César":

n 50 + r 200 + w 6 + n 50 + q 100 + o 60 + r 200 = 666

"O ponto mais curioso é que existe uma leitura muito antiga que dá 616. Esse pode ser o trabalho de um leitor latino do Apocalipse que encontrou a solução, mas que pronunciou Nero como os romanos,

[363] Visio Jesaij Aethiopica. Libri Sibyll, iv. p. 116 e seguintes; cap. v. p. 33; cap. viii.
[364] Sulpicius Severus, cap. ii. p. 367. Agostinho, Civ. Dei, cap. xx. p. 19; Lactant, Mort. Pers. cap. ii. p. 2; Hieron, Ad Dn. 11:28; Ad Esaj. xvii. 13 Crisóstomo, Ad. 2 Ts. 2:7.

enquanto o escritor do Apocalipse pronunciou como os gregos e os orientais. A remoção do N final dá cinquenta a menos.[365]

NOTA B - Dr. J. M. Macdonald's "Vida e Escritos de João"[366]

Este livro estava pronto para a imprensa antes que o autor tivesse a oportunidade de consultar o trabalho detalhado do Dr. Macdonald, "Life and Writings of John". Embora não se possa dizer que o Dr. Macdonald faça por João o que Conybeare e Howson fazem por Paulo, há muito valor em seu trabalho. É especialmente gratificante para esse autor descobrir que, na difícil questão das "duas testemunhas", o Dr. Macdonald chegou a uma conclusão quase idêntica à do autor. Parece, no entanto, que com o Dr. Macdonald isso seria um palpite feliz. Paley diz: "Ele descobre o que prova"; e o Dr. Macdonald não se aprofundou na investigação do problema.

Na questão da data do Apocalipse, o Dr. Macdonald pronuncia sem hesitação a data inicial; e suas observações sobre este assunto são pesadas e poderosas. Ele vê, o que de fato é óbvio o suficiente, que a evidência interna resolve a questão além de toda controvérsia.

Mas o Dr. Macdonald falhou, como muitos expositores falharam, em encontrar a verdadeira chave do Apocalipse. Ele segue Moisés Stuart de perto na interpretação da última parte do Apocalipse, e vê na cidade prostituta:não Jerusalém, mas Roma. Há uma inconsistência em suas declarações a respeito de Babilônia (a cidade no Eufrates) que equivale a autocontradição.

Na página 138, ele representa a Babilônia literal como uma cidade grande e populosa na época de São Pedro, e cita com a aprovação de

[365] História da Teologia Cristã na Era Apostólica. Por Edward Reuss, professor de Teologia, Strasburg.
[366] Vida e Escritos de São João. Pelo Rev. J. M. MacDonald, D. D.

JD Michaelis e DF Bacon para mostrar que havia uma grande população judaica e ofereceu um campo muito desejável para os trabalhos daquele apóstolo. Na página 225, no entanto, ele diz: "A Babilônia literal não existia mais. As profecias a respeito proferidas por Isaías já haviam sido cumpridas há muito tempo". Ambas as declarações não podem estar corretas. Temos a evidência mais clara de que, na era apostólica, Babilônia era uma cidade deserta. Provavelmente a província, Babilônia, foi confundida com a cidade, Babilônia.

Os seguintes extratos são interessantes e valiosos:

Data do Apocalipse

"A evidência externa parece, no geral, ser comparativamente de pouco valor para decidir a verdadeira data do Apocalipse. A confiança principal, é claro, deve estar no argumento da evidência interna. Quando parece que Irineu não diz nada a respeito do momento em que o Livro do Apocalipse foi escrito, e que Eusébio atribui sua autoria a outro João que não o apóstolo, é suficientemente evidente que o testemunho restante da antiguidade, por mais conflituoso que seja, ou aproximadamente equilibrado entre a data anterior e a posterior, é de pouca importância para decidir a questão. E quando abrimos o livro em si, e encontramos inscritas em suas próprias páginas evidências de que, na época em que foi escrito, os inimigos judeus ainda eram arrogantes e ativos na cidade em que nosso Senhor foi crucificado, e que o templo e o altar ainda estavam em pé, não precisamos de data da antiguidade, nem mesmo da mão do próprio autor, para nos informar que ele escreveu antes daquela grande época histórica e profética, a destruição de Jerusalém". - PP. 171, 172.

As duas testemunhas (Ap. 11)

Se tivéssemos uma história cristã existente, pois temos uma história pagã escrita por Tácito e uma história judaica escrita por Josefo, apresentando um relato do que ocorreu naquela cidade devotada durante aquele período terrível de sua história, poderíamos traçar mais distintamente a profecia das duas testemunhas. O grande corpo de cristãos, advertido pelos sinais que lhes foram dados por seu Senhor, segundo o testemunho antigo, parece ter deixado a Palestina invadida pelos romanos. Mas era a vontade de Deus que um número competente de testemunhas de Cristo deveria permanecer para pregar o Evangelho até o último momento para seus compatriotas iludidos e miseráveis. Pode ter sido parte de seu trabalho reiterar as profecias respeitantes à destruição da cidade, do templo e da comunidade. Durante o tempo em que os romanos deviam pisar na Terra Santa e na cidade, deviam profetizar. O fato de serem vestidos de pano de saco sugere o caráter de luto de sua missão. Em sua designação como as duas oliveiras e os dois castiçais ou lâmpadas diante de Deus, há uma alusão a Zacarias 4, onde esses dois símbolos são interpretados como dois ungidos, Josué, o sumo sacerdote, e Zorobabel, o príncipe, fundador do segundo templo. As oliveiras, frescas e vigorosas, mantêm as lâmpadas constantemente abastecidas com óleo. Essas testemunhas, em meio às trevas que se estabeleceram ao redor de Jerusalém, dão uma luz constante e infalível. Eles possuem o poder de realizar milagres tão maravilhosos quanto os realizados por Moisés e Elias. O que é predito aqui deve ter sido cumprido antes do final da era milagrosa ou apostólica. Todos os que encontram aqui uma previsão do estado da igreja durante a ascensão do Papado, ou em qualquer período subsequente à era dos apóstolos, estão obviamente sob a necessidade de explicar toda essa linguagem que atribui poder miraculoso às testemunhas. Por fim, eles foram vítimas da guerra, ou com o mesmo poder que travou a guerra, e seus corpos permaneceriam desenterrados três dias e meio nas ruas da cidade onde Cristo foi crucificado. Sua ressurreição e ascensão ao céu devem ser interpretadas literalmente; embora, como no caso dos milagres que eles realizaram, não haja registro histórico dos próprios eventos. Se esses dois profetas eram os únicos cristãos em Jerusalém, pois

ambos foram mortos, não havia ninguém para registrar ou relatar o caso; e temos aqui, portanto, um exemplo de profecia que contém ao mesmo tempo a única história ou aviso dos eventos pelos quais foi cumprida. A onda de ruína que varreu Jerusalém e os levou ao céu, apagou ou impediu toda lembrança humana de sua obra de fé, paciência de esperança e trabalho de amor. A profecia que os predisse é a única história deles, ou a única história da parte que eles deveriam levar nas cenas finais de Jerusalém. Concluímos, então, que essas testemunhas foram dois daqueles apóstolos que parecem tão estranhamente perdidos para a história, ou dos quais nenhum vestígio autêntico pode ser descoberto após a destruição de Jerusalém. Tiago, o Menor, ou o segundo Tiago (em distinção ao irmão de João), comumente chamado de Bispo de Jerusalém, não foi um deles? Por que ele não deve permanecer fiel em seu cargo até o fim? Segundo Hegesipo, um historiador cristão judeu, que escreveu sobre meados do século II, seu monumento ainda era apontado perto das ruínas do templo. Hegesipo diz que ele foi morto no ano de 69 e representa o apóstolo como testemunha poderosa do Messias de Jesus, e aponta para Sua segunda vinda nas nuvens do céu, até o momento de sua morte. Parece haver uma aptidão peculiar nessas testemunhas de Cristo, homens dotados dos mais altos dons sobrenaturais, permanecendo até o último na cidade abandonada, profetizando sua destruição e lamentando o que antes era tão querido por Deus". - Pp. 161, 162.

NOTA C - Bispo Warburton sobre a "Profecia de Nosso Senhor no Monte das Oliveiras" e o "Reino dos Céus".

As seguintes observações do autor acadêmico de "The Divine Legation" concordam fortemente com as opiniões expressas neste trabalho:

"A profecia de Jesus a respeito da destruição de Jerusalém por Tito que se aproxima é concebida em termos tão elevados e

hiperbólicos, que não apenas os intérpretes modernos, mas também os antigos, supuseram que nosso Senhor entrelaça nela uma previsão direta de Sua segunda vinda a julgamento. Daí surgiu uma opinião atual naqueles tempos que a consumação de todas as coisas estava próxima; que que serviu de base para uma objeção infiel contra eles, insinuando que Jesus, a fim de manter Seus seguidores apegados ao Seu serviço e pacientemente sofrendo, lisonjeava-os com a aproximação iminente daquelas recompensas que completavam todas as suas visões e expectativas. A que os defensores da religião se opuseram a esta resposta: Que a distinção de curta e longa duração, durante a o tempo se perde na eternidade, e que, para o Todo-Poderoso, "mil anos são como ontem" etc.

"Mas o princípio que ambos seguem é falso; e se o que foi dito for devidamente ponderado, parecerá que esta profecia não respeita a segunda vinda de Cristo ao julgamento, mas a Sua primeira; na abolição da política judaica e no estabelecimento do cristianismo - o reino de Cristo que começou com o cessar total da teocracia. Pois, como o reinado de Deus sobre os judeus terminou inteiramente com a abolição do serviço no templo, o reinado de Cristo, "em espírito e em verdade", teve então seu primeiro começo. Este foi o verdadeiro estabelecimento do cristianismo, não o efetuado pela conversão ou doações de Constantino. Até que a lei judaica fosse abolida, sobre a qual o "Pai" presidia como rei, o reinado do "Filho" não poderia ocorrer até quando a lei judaica foi abolida, sobre a qual o "Pai" presidia como rei; pois a soberania de Cristo sobre a humanidade era a mesma soberania transferida e amplamente estendida de Deus sobre os judeus.

"Esta, portanto, sendo uma das eras mais importantes na economia da graça e a mais terrível revolução em todas as dispensações religiosas de Deus, vemos a elegância e a propriedade dos termos em questão para denotar um evento tão grande, juntamente com o destruição de Jerusalém, pela qual foi efetuada; pois em toda a linguagem profética, a mudança e queda de principados e poderes,

sejam espirituais ou civis, são significadas pelo tremor dos céus e da terra, o escurecimento do sol e da lua e a queda das estrelas; assim como a ascensão e o estabelecimento de novos são por procissões nas nuvens do céu, pelo som de trombetas e pela reunião de hostes e congregações".[367]

ROBERT MOREY "SHEOL, HADES E GEHENNA"

Death and the Afterlife
(Capítulo 3, p. 72-93)

Uma das questões mais cruciais que determina nossa compreensão do que a Bíblia ensina sobre a morte e a vida após a morte é a interpretação adequada de termos-chave como Sheol, Hades e Gehenna. Nenhum estudo da morte [e ressurreição] está completo sem uma compreensão completa desses termos.

SHEOL

A palavra hebraica Sheol é encontrada 66 vezes no Antigo Testamento. Enquanto o Antigo Testamento refere-se consistentemente ao corpo como indo para o túmulo, sempre se refere à alma ou espírito do homem como indo para Sheol. A natureza do Sheol e a condição daqueles nele são cruciais para a nossa compreensão do que a Bíblia ensina sobre o que acontece ao homem após a morte.

O Material Lexicográfico

O primeiro passo para entender qualquer palavra antiga ou estrangeira é verificar os léxicos, dicionários,enciclopédias, etc., que tratam dessa linguagem. Brown, Driver e Briggs basearam seu Léxico

[367] Julian, de Warburton, bk. i. cap. i. p. 21.

Hebraico e Inglês do Antigo Testamento na obra de Gesenius, um dos maiores Estudiosos hebreus que já viveram. Eles definem Sheol como: "o submundo... onde o homem descena morte" (p. 982). Eles traçam a origem do Sheol em sha-al, que significa o mundo espiritual para quais médiuns dirigiram suas perguntas ao falecido, ou sha-al, que se refere ao lugar vazio na terra para onde as almas dos homens vão na morte. O Dicionário do Antigo Testamento Hebraico / inglês de Langenscheidt (p. 337) define Sheol como: "mundo dos mortos, reino dos mortos, Hades". The International Standard Bible Encyclopedia Vol. IV, p. 2761, define Sheol como: "o mundo invisível, o estado ou morada dos mortos, e é o equivalente do grego: Hades". Keil e Delitzsch afirmam que "Sheol denota o lugar onde as almas que partiram são reunidas após morte; é uma forma infinitiva de sha-al, aplicado ao lugar que inexoravelmente convoca todos os homens para sua sombra".[368]

A evidência lexicográfica é tão clara que o grande estudioso de Princeton, BB Warfield, afirmou que com os estudiosos hebraicos modernos, não há "hesitação em permitir com toda a sinceridade que Israel desde o início de sua história registrada acalentou a convicção mais firme da persistência da alma na vida após a morte... O corpo é colocado na sepultura e a alma parte para o Sheol".[369] George Eldon Ladd em The New Bible Dictionary (p. 380), comenta: "No Antigo Testamento, o homem não deixa de existir na morte, mas sua alma desce ao Sheol. A erudição moderna entende a palavra Sheol como se referindo ao lugar onde a alma ou espírito do homem morre".[370] Nenhuma literatura lexicográfica define Sheol como referindo-se ao túmulo ou para a inexistência.

---

[368] Keil & Delitzsch, Comentários sobre o Antigo Testamento (Grand Rapids: Wm. B. EerdmansBar. Co., nd), Vol. I, p. 338.

[369] Selected Shorter Writings of Benjamin B. Warfield (ed.). Meeler; Nova camisa: Pres. & Ref.Bar. Co., 1970), pp. 339, 345.

[370] Veja as obras de Charles, Fife, Hough, Motzer, Marcarnty, Tromp, etc., para obter os detalhes.

Estudos Comparativos

Para entender o que uma determinada palavra significava em um idioma antigo, às vezes é útil encontrar palavras paralelas nas outras línguas da época. Assim, estudos comparativos do Sheol foram feitos, o que demonstra que os paralelos do Sheol em outras línguas significavam o lugar onde a alma do homem vai na morte. Nenhuma pesquisa encontrou um lugar onde o paralelo de Sheol significa a sepultura ou inexistência. Por exemplo, The Ugaritic ars e Accadian su alu referem-se claramente ao submundo.[371] Os babilônios, assírios, egípcios e gregos têm um paralelo claro com o Sheol que significava o lugar dos espíritos que partiram.[372] O Si'ol etíope não pode significar outra coisa senão o submundo, o lugar da vida consciente após a morte.[373]

O Contexto Histórico

O que é importante sobre os estudos comparativos é que eles colocam palavras bíblicas em seus contextos. A palavra Sheol deve, portanto, ser entendida em termos do que significava em na língua hebraica e por seu paralelo nas outras línguas da época. Por quê? Quando Deus quis que Israel acreditasse em algo único e contrário ao que culturas vizinhas acreditavam, Ele sempre condenou e proibiu claramente as crenças pagãs e em seguida, enfatizou a singularidade do novo conceito. Por exemplo, a fim de estabelecer o monoteísmo, Deus repetidamente e claramente condenou o conceito pagão de politeísmo e enfatizou o monoteísmo. Embora Deus tenha claramente condenado o politeísmo no Antigo Testamento, em

[371] N. Tromp, Concepções primitivas de morte e o mundo inferior no Antigo Testamento (Roma:Pontifical Biblical Institute, 1969), p. 6.
[372] R. Charles, Uma História Crítica da Doutrina de uma Vida Futura (Londres: Adam & CharlesBlock, 1913), pp. 34f .; L. Bailey, Biblical Perspectives on Death (Philadelphia: Fortress Press,1979), pp. Sf.
[373] M. Fisher, "Some Contributions of Ethiopic Studies" in The Law and the Prophets (Novocamisa: Pres. & Ref. Bar. Co., 1974), p. 81.

nenhum momento Ele condenou crença em uma vida após a morte consciente. Em nenhum momento Deus apresentou o conceito de aniquilação ou a inexistência do destino da alma do homem na morte. Além disso, quando Israel tinha uma crença única e contrária, as sociedades pagãs ao redor de Israel usavam esta crença como base para perseguir os judeus. Assim, os judeus foram perseguidos por rejeitar o politeísmo e acreditar no monoteísmo. Os três amigos de Daniel que foram lançados em uma fornalha são um excelente exemplo de tal perseguição. No entanto, onde na história registrada as religiões ou sociedades pagãs perseguiram os judeus porque eles negaram uma vida após a morte consciente? Pensar que os judeus poderiam ir contra o conceito universalmente aceito de uma vida após a morte consciente e que os pagãos não aproveitariam isso como um pretexto para a perseguição é um absurdo. Uma vez que a universalidade da crença em uma vida após a morte consciente é irrefutável, e não há evidências de que Israel se desviou dessa crença, devemos assumir que o Antigo Testamento ensinou uma vida após a morte consciente no Sheol como o destino da alma ou do espírito do homem.

A Literatura Rabínica

É universalmente reconhecido pelos modernos estudiosos talmúdicos que Sheol nunca quis dizer o túmulo ou inconsciência na literatura rabínica. Ginzburg afirma que nos escritos rabínicos se encontra uma convicção consistente de que "existe depois deste mundo uma condição de felicidade ou infelicidade para um indivíduo".[374] Guttman acrescenta: "O Talmud, como a literatura apócrifa, conhece uma espécie de estado intermediário da alma entre a morte e a ressurreição; a verdadeira retribuição será dispensada somente após a ressurreição do corpo. Mas junto com isso, também encontramos o destino em uma retribuição que vem imediatamente

[374] Essays in Greco-Roman and Related Talmudic Literature (New York: KTAV Pub. House,1977), p. 36.

após a morte e em uma vida de bem-aventurança para a alma no além".[375] A tradição rabínica antes, durante e depois da época de Cristo descreve a alma partindo do corpo e descendo ao Sheol na morte.[376] Os rabinos sempre retrataram os justos e os ímpios conscientes após a morte.[377] A evidência é tão esmagadora que o clássico teólogo de Princeton, Charles Hodge, afirmou: "Que os judeus acreditaram em uma vida consciente após a morte é indiscutível".[378] Os aniquilacionistas nunca descobriram qualquer evidência de que a maioria dos judeus acreditava que a alma foi extinta na morte. Não há conflito na literatura rabínica sobre esta questão.[379]

Sheol e Sepultura

A KJV traduz o Sheol como "inferno" 31 vezes, "sepultura" 31 vezes e "fosso" três vezes. Por causa desta inconsistência de tradução, grupos como adventistas, armstrongites, Testemunhas de Jeová ensinaram que Sheol significa sepultura. Todos os imortalitistas condicionais têm tradicionalmente capitalizado na tradução da KJV de Sheol como o "túmulo". Por exemplo, em "a Fé condicionalista de nossos pais" (Vol. I, pp. 162 e 298), Froom afirmou enfaticamente que tanto Sheol quanto Hades significavam o túmulo. É de lamentar que mesmo algumas versões modernas tenham continuado a tradição de traduzir Sheol como sepultura. Uma vez que os imortalitistas condicionais enfatizam que Sheol significa a sepultura, faremos uma

[375] Ibidem, p. 42.
[376] Midrash: Gen . 96, 908; Bab. Tal. Shah 589; 777-779: Enoch 103: 7, etc.
[377] Midrash: Gen. 409, 516; Num. 733; Ecc. 83.229; Bab. Tal. Shah 777-779; PT Mo'ed Katan111.5.826, Yebamuth XVI.3,15c, Bereshith Rabba c. 7, Vayyekin Rabba XVIII.l; KohelithRabb 1.15, ed., Rom. 6a; Ruth Rabba 111.3,6c, etc.
[378] C. Hodge, Systematic Theology (Londres: James Clarke & Co., Ltd., 1960), Vol. III, pág. 770; veja também: Hough, p. 66; Bailey, pág. 75; Bartlett, p. 143, 168; Strong, p. 994; Schaff, vol. II, pp.566, 606, 607; Charles, pág. 167; Fife, p. 25; Buds, p. 16; Pussey, pág. 49, etc.
[379] Essays in Greco-Roman and Related Talmudic Literature , pp. 43, 44.

pausa neste ponto para demonstrar que Sheol não pode significar o túmulo.

Primeiro, exegeticamente falando, a ocorrência inicial do Sheol no Antigo Testamento não pode significar sepultura. A palavra Sheol é encontrada pela primeira vez em Gênesis 37:35. Depois que os irmãos venderam José para escravidão, eles informaram a seu pai que José havia sido morto e devorado por uma besta selvagem. Enquanto Jacó segurava os restos ensanguentados e esfarrapados do casaco de José em suas mãos, ele declarou: "Uma fera o devorou: José certamente foi feito em pedaços". (v. 33) Como resultado do choque da morte de José, Jacó chorou: "Certamente irei ao Sheol em luto por meu filho". (v. 35) Existem várias coisas sobre esta primeira ocorrência de Sheol que devem ser apontadas.

1. Jacó presumiu que seu filho ainda estava vivo e consciente após a morte e que ele finalmente se reuniu com seu filho após sua própria morte. O comentarista alemão Lange comenta: "Uma coisa é certa: [a morte de José] não era um estado de não-existência... Jacó estaria com o filho dele; ele ainda era seu filho; ainda havia um empate entre ele e seu filho; ele ainda é conhecido como uma personalidade; ele ainda é considerado como tendo um ser de alguma forma e em algum lugar".[380]

2. O que quer que o Sheol possa significar, nesta passagem não pode significar o túmulo de José, pois Jacó acreditava que José havia sido devorado por um animal e não tinha sepultura. Já que José não tinha sepultura, é impossível para Jacó estar se referindo a ser enterrado em uma vala comum com seu filho.[381]

3. De acordo com o contexto, Jacó está falando claramente sobre se reunir com seu filho favorito no submundo, aqui chamado de Sheol.

[380] Comentário de Lang sobre as Sagradas Escrituras , Vol.!., P. 589.
[381] Ibidem, p. 588.

Ele até fala em "descer" para se reunir com seu filho, porque presumia-se que Sheol era o lugar dos espíritos que partiram, provavelmente um lugar vazio no centro da Terra.

A segunda razão para não identificar o Sheol como o túmulo é que quando os autores bíblicos queriam falar da sepultura, eles usaram a palavra kever. Que eles não viam Kever e Sheol como sinônimo fica claro pela maneira como essas palavras são usadas em todo o Antigo Testamento. Para exemplo, em Is. 14:19, o rei é expulso de sua sepultura (kever) a fim de ser lançado no Sheol onde os espíritos que partiram podem repreendê-lo (v. 9, 10). Nesta passagem, Sheol e Kever são opostos, não sinônimos.

Terceiro, na Septuaginta, Sheol nunca é traduzido como mneema , que é a palavra grega para sepultura. É sempre traduzido como Hades, que significa o submundo. Kever é traduzido como mneema 36 vezes e como taphos 45 vezes. Mas kever nunca é traduzido como Hades, assim como Sheol nunca é traduzido como mneema.

Quarto, kever e Sheol nunca são usados no paralelismo poético hebraico como equivalentes. Eles são sempre contrastados e nunca igualados. Kever é o destino do corpo, enquanto Sheol é o destino da alma (Salmos 16:1-11).

Quinto, Sheol está "sob a terra" ou "o submundo", enquanto os túmulos foram construídos como sepulcros acima da terra, ou cavernas, ou buracos na terra. Sheol é chamado de submundo em Is. 14:9. Isto é também chamado de "as partes mais baixas da terra" (KJV) em Sl. 63:9; Is. 44:23; Ez. 26:20; 31:14, 16,18; 32:18, 24. O Sheol é o oposto do céu (Salmos 139:8). É preciso ir "para baixo" para chegar ao Sheol (Gn. 37:35).

Sexto, enquanto os corpos estão inconscientes na sepultura, aqueles que estão no Sheol são vistos como estando conscientes (Is. 14:4-7; 44:23; Ezequiel 31:16; 32:21).

Sétimo, um exame dos usos de kever e Sheol revela que Sheol não pode significar ograve. Os seguintes vinte contrastes entre kever e Sheol demonstram este ponto:

1. Embora o kabar (enterrar) seja usado em conexão com kever, nunca é usado em conexão com Sheol. Podemos enterrar alguém em uma cova, mas não podemos enterrar ninguém no Sheol (Gênesis 23:4, 6, 9, 19, 20; 49:30, 31, etc.).

2. Embora kever seja encontrado em sua forma plural "sepulturas" (Êxodo 14:11), a palavra Sheol nunca é pluralizada.

3. Enquanto uma sepultura está localizada em um local específico (Ex. 14:11), o Sheol nunca é localizado, porque está em todos os lugares acessíveis na morte, não importa onde a morte ocorra. Nenhum túmulo é necessário a fim de ir ao Sheol.

4. Embora possamos comprar ou vender uma sepultura (Gênesis 23:4-20), as Escrituras nunca falam que o Sheol é comprado ou vendido.

5. Embora possamos possuir uma sepultura como propriedade pessoal (Gênesis 23:4-20), em nenhum lugar das Escrituras o Sheol está como propriedade do homem.

6. Embora possamos discriminar entre sepulturas e escolher o "local mais apropriado" (Gênesis 23:6), em lugar nenhum nas Escrituras o lugar no Sheol é "escolhido".

7. Embora possamos jogar um cadáver na sepultura (Gênesis 50:13), ninguém pode jogar ninguém no Sheol.

8. Embora possamos erigir um monumento sobre um túmulo (Gênesis 35:20), nunca se fala de Sheol como tendo monumentos.

9. Embora possamos, com facilidade, abrir ou fechar uma sepultura (2 Reis 23:16), o Sheol nunca é aberto ou fechado pelo homem.

10. Embora possamos tocar uma sepultura (Números 19:18), nunca se diz nas Escrituras que é possível tocar no Sheol.

11. Embora tocar em um túmulo traga contaminação cerimonial (Números 19:16), as Escrituras nunca falam de alguém sendo contaminado pelo Sheol.

12. Embora possamos entrar e sair de uma tumba ou sepultura (2 Reis 23:16), nunca se diz que ninguém entra e então deixe Sheol.

13. Embora possamos escolher o local de nossa própria sepultura (Gênesis 23:4-9), o Sheol nunca é chamado de algo que podemos escolher.

14. Embora possamos remover descobrir os corpos ou ossos de uma sepultura (2 Reis 23:16), as escrituras nunca falam do homem removendo ou descobrindo qualquer coisa no Sheol.

15. Embora possamos embelezar um túmulo com esculturas ou quadros ornamentados (Gênesis 35:20), o Sheol nunca é embelezado pelo homem.

16. Embora os túmulos possam ser roubados ou profanados (Jr 8:1, 2), o Sheol nunca é mencionado como sendo roubado ou contaminado pelo homem.

17. Enquanto uma sepultura pode ser destruída pelo homem Jr. 8:1, 2), em nenhum lugar das Escrituras o homem é considerado capaz de destruir Sheol.

18. Embora uma sepultura possa estar cheia, o Sheol nunca está cheio (Pv. 27:20).

19. Enquanto podemos ver uma sepultura, Sheol é sempre invisível.

20. Embora possamos visitar os túmulos de entes queridos, em nenhum lugar das Escrituras se diz que o homem visita o Sheol.

Sheol e seus habitantes

Dado o princípio da revelação progressiva, não é surpresa que o Antigo Testamento seja vago em sua descrição do Sheol e a condição daqueles que estão nele. Enquanto os profetas do Antigo Testamento declararam muitas coisas sobre o Sheol, eles não expuseram em qualquer medida de profundidade sobre este assunto. Outra razão para esta imprecisão é que uma vida após a morte consciente foi tão universalmente aceita que foi assumido pelos autores bíblicos como sendo a crença de qualquer um que lê as Escrituras. Desde que não é um ponto de conflito, nenhuma grande atenção foi dada a ele. As seguintes coisas são declaradas sobre o Sheol com o cuidado de que a linguagem figurativa foi usada por autores bíblicos em sua descrição do Sheol e as condições daqueles que estão nele. Muito dano é feito literalizando o que se pretendia ser figurativo.

Primeiro, diz-se que o Sheol tem "portas" pelas quais alguém entra e "grades" que guardam a pessoa em Jó 17:16; Is. 38:10. Tal linguagem figurativa transmite a ideia de que Sheol é um reino do qual a fuga não é possível.

Em segundo lugar, o Antigo Testamento descreve o Sheol das seguintes maneiras:

1. O Sheol é um lugar sombrio ou de trevas (Jó 10:21, 22; Salmos 143:3). Evidentemente, é outra dimensão que não está exposta aos raios do sol.

2. É visto como estando "embaixo", "embaixo da terra" ou "nas partes mais baixas da terra" (Jó 11: 8; Is. 44:23; 57:9; Ez. 26:20; Amos 9:2). Essas figuras de linguagem não devem ser literalizadas em uma cosmologia absurda. Eles simplesmente indicam que o Sheol não faz parte deste mundo, mas tem existência própria em outra dimensão.

3. É um lugar onde a pessoa pode se reunir com seus ancestrais, tribo ou povo (Gênesis 15:15; 25:8; 35:29; 37:35; 49:33; Nm. 20:24, 28; 31: 2; Dt. 32:50; 34:5; 2 Sm. 12:23). Isso não pode se referir a uma vala comum onde todos foram enterrados. Nenhuma dessas sepulturas jamais existiu nos registros da história. Sheol é o lugar para onde vão as almas de todos os homens quando morrem. É por isso que Jacó estava ansioso para se reunir com José no Sheol. Enquanto a morte significa separação dos vivos, os profetas do Velho Testamento entenderam claramente que também significava reunião com os que partiram.

4. Parece que o Sheol tem seções diferentes. Existe o contraste entre "a parte mais baixa" e "a parte mais elevada" do Sheol (Dt. 32:22). Esta linguagem figurativa implica que há divisões ou distinções dentro do Sheol. Talvez a distinção enfática do Antigo Testamento entre os justos e os ímpios nesta vida indica que esta distinção continua na vida após a morte. Assim, os ímpios estão na "parte mais baixa", enquanto os justos estão "na parte superior" do Sheol. Embora isso não seja claramente declarado no Antigo Testamento, parece haver algum tipo de distinção dentro do Sheol. Escritores rabínicos posteriores ensinaram claramente que Sheol tinha duas seções. Os justos estavam em felicidade em uma seção, enquanto os iníquos estavam em tormento em outra.

Terceiro, a condição daqueles que estão no Sheol é descrita das seguintes maneiras:

1. Na morte, o homem se torna um rephaim, ou seja, um "fantasma", "sombra" ou "espírito desencarnado", de acordo com Jó 26:5; Sl. 88:10; Pv. 2:18; 9:18; 21:16; Is. 14:9; 26:14, 19. Em vez de descrever o homem como passando para a inexistência, o Antigo Testamento afirma que o homem se torna um espírito desencarnado. O uso da palavra rephaim estabelece irrefutavelmente essa verdade. O Dicionário Hebraico Inglês de Langenscheidt do Antigo Testamento (p. 324) define rephaim como se referindo ao "espíritos dos falecidos, sombras". Brown, Driver e Briggs (p. 952) definem rephaim como "sombras, fantasmas ... nome dos mortos no Sheol". Keil e Delitzsch definem rephaim como se referindo a "aqueles que não têm corpo no estado após a morte". [382] Do significado de rephaim, é claro que quando o corpo morre, o homem entra em um novo tipo de existência e experiência. Ele agora existe como uma criatura espiritual e experimenta o que os anjos e outros espíritos desencarnados experimentam. Assim como os anjos são seres de energia desencarnados compostos apenas da "mente" ou energia mental e são capazes de atividade supradimensional e coisas como pensamento e fala sem a necessidade de um corpo físico, mesmo assim, uma vez que o homem morre, ele também se torna um ser de energia supradimensional desencarnado e é capaz de pensar e falar sem a necessidade de um corpo. É por isso que os mortos são descritos como "espíritos" e "fantasmas" em toda a escritura. Este conceito é levado ao Novo Testamento em lugares como Lucas 24:37-39. Uma crença em "fantasmas" necessariamente implica a crença de que o homem sobrevive à morte do corpo.

2. Aqueles que estão no Sheol são retratados conversando uns com os outros e até mesmo fazendo julgamentos morais sobre o estilo de vida dos recém-chegados (Is. 14:9-20; 44:23; Ezequiel 32:21). Eles estão, portanto, conscientes enquanto estão no Sheol.

[382] Keil & Delitzsch, ibid., Vol. II sobre o trabalho, p. 52.

3. Uma vez no Sheol, todas as experiências relacionadas exclusivamente à vida física não são mais possíveis. Aqueles que estão no Sheol não se casam e procriam filhos porque não têm corpos. Nem planejam e executam transações comerciais. Uma vez no Sheol, eles não podem comparecer ao público adorar no templo e oferecer sacrifícios ou louvor. Não há prazeres corporais como comer ou beber. Aqueles que estão no Sheol não têm nenhuma sabedoria ou conhecimento sobre o que acontece na terra dos vivos. Eles estão separados dos vivos. Eles entraram em uma nova dimensão da realidade com seu próprio tipo de existência (Sl 6:5; Ec 9:10, etc.).

4. O julgamento de Deus sobre os ímpios não cessa quando os ímpios morrem em seus pecados. Assim, alguns dos espíritos no Sheol experimentam o seguinte:

A. A ira de Deus (Deuteronômio 32:22): De acordo com Moisés, os ímpios experimentam o fogo de Deus, raiva na "parte mais baixa do Sheol". Esta passagem não faria sentido se os ímpios fossem inexistente e Sheol fosse o túmulo.

B. Aflição (Salmos 116:3): A palavra hebraica matzar se refere à aflição que é sentida quando se passa por dificuldade. [383] É encontrado neste sentido no Sl. 118:5. Além disso, a palavra chevel, que é o paralelo poético para matzar, significa "cordas de angústia" (2 Sm. 22:6; Sl. 18:6).[384]

C. Se contorcendo de dor (Jó 26:5): A palavra hebraica chool significa torcer e girar em dor como uma mulher dando à luz.[385] É óbvio que a inexistência dificilmente pode experimentar raiva, angústia ou dor. Assim, existem dicas nas passagens acima que nem todos experimentam bem-aventurança na vida após a morte.

[383] Brown, Driver e Briggs , p. 865.
[384] Ibidem, p. 286.
[385] Ibidem, p. 297.

Além dessas três passagens, o Antigo Testamento não fala de tormento no estado intermediário. Embora fale da "eterna humilhação e desprezo" que aguarda o ímpio após a ressurreição (Dn. 12:2), o Antigo Testamento nos fala muito pouco sobre o sofrimento intermediário dos ímpios no Sheol.

5. No Antigo Testamento, tanto os justos quanto os ímpios iam para o Sheol na morte (Gênesis 37:35). Embora isso seja verdade, os santos do Antigo Testamento não tinham uma compreensão clara do que esperar no Sheol. Eles eram constantemente afetados por emoções confusas quando contemplavam seus mortos. Eles não experimentaram a mesma alegria e ousada confiança que os santos do Novo Testamento expressam (Atos 7:59). Enquanto os santos do Novo Testamento pensam na morte como um "ganho" (Fp. 1:21), os santos do Velho Testamento pensaram nisso como "perda".

Dado o princípio da revelação progressiva, os santos do Antigo Testamento simplesmente não tinham todos as informações que eram necessárias para abordar a morte com paz e alegria. Assim como a falta das revelação do novo testamento os impediu de obter uma consciência limpa e plena certeza de fé (Hb. 10:1-4), assim eles não podiam se aproximar da morte com alegria. Que isso seja verdade pode ser estabelecido em várias linhas de raciocínio.

Primeiro, o escritor do livro de Hebreus nos diz que os santos do Antigo Testamento eram escravos do medo da morte e que Satanás usava isso para oprimi-los. "E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que pela morte aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo; E livrasse todos os que, com medo da morte, estavam por toda a vida sujeitos à servidão". (Hb. 2:14, 15) Só depois que o Messias viesse e arrancasse as chaves da morte e do Hades do Maligno, O povo de Deus está livre do medo da morte (Ap. 1:18). A escravidão do medo que se apoderou dos santos do Antigo Testamento se

expressou de maneiras diferentes. Eles tinham medo de serem separados de seus entes queridos vivos. Eles tinham medo de ser separado das alegrias da vida (Salmo 6). Eles imploraram para serem libertos da morte e do Sheol porque eles não esperavam a morte (Salmo 13). É por isso que eles falaram das "dores" (KJV) e "terrores" da morte (Salmos 18:4; 55:4; 116:3) em vez do triunfo na morte que os santos do Novo Testamento expressam (2 Timóteo 4:6-8).

Em segundo lugar, embora o quadro geral da morte fosse um tanto sombrio no Antigo Testamento, ainda assim Deus tinha começado a revelar ao Seu povo que eles seriam introduzidos em Sua alegre presença após morte. Essas eram apenas dicas de glória, mas eram para ter certeza. A ascensão de Enoque e Elias ao céu indicou que os justos poderiam ser levados à presença de Deus (Gênesis 5:24,cf. Hb. 11:5; 2 Reis 2:11). O verbo que descreveu a ascensão de Enoque e Elias (laqach) foi mais tarde usado para descrever a passagem dos justos do Sheol para o céu (Salmos 49:15; cf. 73:24). Asafe expressou a esperança de que ele iria habitar no trono da glória na morte. Mais tarde escritores rabínicos falavam consistentemente sobre os justos irem para o trono da glória na morte. "Todavia estou de contínuo contigo; tu me sustentaste pela minha mão direita. Guiar-me-ás com o teu conselho, e depois me receberás na glória. Quem tenho eu no céu senão a ti? e na terra não há quem eu deseje além de ti". (Salmos 73: 23-25) Os santos do Antigo Testamento ansiavam por se reunir com seus entes queridos que já partiram (Gênesis 37:35). Isso deve ter proporcionado algum conforto a eles. Além disso, os crentes do Antigo Testamento sabiam que o Sheol estava aberto aos olhos de Deus (Jó 26: 6) e que eles ainda estariam na presença e proteção de Deus (Salmos 139:8). Enquanto os patriarcas iam de luto ao Sheol, na época da literatura sapiencial, uma nota otimista estava começando a soar. O progresso de Gênesis 37:35 a Salmos 73:24 indica uma mudança gradual de atitude em relação à morte que a revelação progressiva tornou possível. Embora os santos do Antigo Testamento soubessem que iriam para o Sheol na morte, havia

indícios de que eles podem ser levados para o céu para estarem no trono de Deus após a morte.

HADES

O segundo termo-chave na compreensão bíblica da morte e da vida após a morte é a palavra grega Hades. Esta palavra forma uma ponte linguística que nos leva da visão da morte no Antigo Testamento para a posição do Novo Testamento. A importância de uma interpretação adequada desta palavra não pode ser sobrecarregada. Na Septuaginta, Hades é encontrado 71 vezes. É o equivalente grego do Sheol 64 vezes. Outras sete vezes é encontrado na Septuaginta, é a tradução de outras palavras hebraicas, algumas dos quais lançaram luz significativa sobre o que Hades significava para os tradutores da Septuaginta.

Em Jó 33:22, Hades é a tradução da palavra hebraica memeteim, ou "anjos destruidores [KJV]... os anjos que são comissionados por Deus para matar o homem". [386] Nesse sentido, refere-se a criaturas espirituais desencarnadas.Também é usado em Jó 38:17 como tradução para o hebraico, "o reino dos fantasmas ou sombras" (KJV).[387] É usado para "as sombras do submundo" em Pv. 2:18.[388] Isso se refere aos espíritos estão no Sheol e que são vistos como "os habitantes do Reino dos mortos como em Homero e Virgílio e, como a palavra latina Inferi, representa o reino das almas desencarnadas".[389] Nem uma vez Hades é o equivalente grego da palavra hebraica para sepultura (kever). Nem uma vez faz isso significa inexistência ou inconsciência. As vezes que é usado para outras palavras além do Sheol, tem o claro significado o mundo dos espíritos. Não há, portanto, como escapar à conclusão de que os tradutores da Septuaginta entenderam claramente que Hades se referia ao reino das

[386] Keil e Delitszch, ibid., Job II, p. 228; Lange, ibid., Vol. IV, p. 558.
[387] Lange, ibid., P. 604.
[388] Keil e Delitzsch, ibid., Prov., P. 83.
[389] Lange, ibid., Prov., P. 56.

almaas desencarnadas ou espíritos; e, devemos também enfatizar, que os tradutores da Septuaginta não obtiveram este conceito do pensamento grego platônico, mas do próprio conceito hebraico do Sheol.

A Evidência Lexicográfica

Quando nos voltamos para o material lexicográfico, descobrimos que os autores da Septuaginta foram corretos em seu uso de Hades como o equivalente grego para o hebraico Sheol. Arndt e Gingrich basearam seu "A Greek-English Lexicon of the New Testament" no trabalho de W. Bauer, um dos maiores eruditos gregos que já existiram. Eles definem Hades como "o submundo... o lugar dos mortos"(p. 16). O Léxico Grego-Inglês de Thayer (p. 11) afirma que Hades vem de duas palavras que juntas significam "invisível". Assim se refere ao "receptáculo comum dos espíritos desencarnados". O material lexicográfico é tão unânime em definir Hades como o mundo das almas desencarnadas que o teólogo de Princeton, Hodge, declarou: "Estudiosos modernos do hebraico e do grego... unem-se quase à unanimidade em afirmar que essas palavras (Sheol e Hades) nunca em uma única ocasião na Bíblia significa "inferno" ou "túmulo", mas sempre e apenas o mundo espiritual invisível".[390] Os comentaristas modernos não hesitam em definir Hades como o lugar das almas desencarnadas.[391] É por isso que nenhum estudioso hebraico ou grego define Hades como "o túmulo" ou o "estado de inconsciência ou inexistência". O contexto histórico de Hades e estudos comparativos ou palavras paralelas em outras línguas estabeleceram tão firmemente que o Hades se refere ao lugar das almas desencarnadas que não há controvérsia sobre este ponto entre os estudiosos da Bíblia. Os imortalitistas condicionais, sejam cultos

[390] A. Hodge, Evangelical Theology (Edimburgo: The Banner of Truth Trust, 1976), pp. 372,373.
[391] Veja Lange, Robertson, Alford, etc.

ou neo-ortodoxos, simplesmente ignoram este material linguístico e lexicográfico.

Hades e seus habitantes

A KJV traduziu mal a palavra Hades em todas as ocorrências, assim como fez com a palavra Sheol. Isto é encontrado dez vezes no Novo Testamento grego. O texto grego subjacente à KJV tem uma décima primeira vez em 1 Coríntios 15:55, mas esta é uma leitura corrompida. Talvez a melhor maneira de esclarecer o que o Novo Testamento ensina sobre o Hades é antes de tudo dizer o que Hades não significa. Uma vez que tenhamos eliminado qualquer equívoco desta palavra, então, podemos apresentar seu significado no Novo Testamento.

Primeiro, Hades não significa morte, porque a palavra grega thanatos é a palavra para morte no Novo Testamento. Além disso, Hades e morte aparecem juntos em passagens como Apocalipse 1:18, onde não podem ser vistos como sinônimos.

Em segundo lugar, Hades não é o túmulo, porque a palavra grega mneema é a palavra para túmulo no Novo Testamento. Além disso, todos os argumentos que demonstraram que Sheol não pode significar o túmulo aplicam-se igualmente ao Hades, visto que Hades é o equivalente para a palavra hebraica Sheol. A dependência do Novo Testamento da Septuaginta demonstra esse ponto.

Terceiro, Hades não é o "inferno", ou seja, o lugar da punição final para os ímpios, porque a palavra grega Gehenna é a palavra para "inferno" no Novo Testamento.

Quarto, Hades não é o "céu", ou seja, o lugar para onde a alma do justo vai na morte aguardar a ressurreição, porque a palavra grega ouranos é a palavra para o céu no Novo Testamento.

Quinto, Hades não é o lugar de felicidade eterna para os justos após a ressurreição, porque os novos céus e a nova terra ou o reino eterno referem-se a este lugar (Mt 25:34; Ap. 21:1).

Tendo esclarecido o que Hades não significa, podemos agora declarar o significado do Novo Testamento desta palavra crucial.

Primeiro, devemos mais uma vez enfatizar a importância do princípio da revelação progressiva. Enquanto Hades foi consistentemente usado na versão grega do Antigo Testamento como o grego equivalente para a palavra hebraica Sheol, isso não significa que Hades deva ser limitado ao Significado de Sheol no Velho Testamento. O Novo Testamento começa de onde o Antigo Testamento parou desenvolvendo progressivamente o conceito do que acontece à alma do homem após a morte. Nós devemos esperar que a revelação mais completa de Cristo e dos apóstolos irá esclarecer o que era vago no Antigo Testamento (Hb. 1:1-3). Durante o período intertestamentário, o conceito judaico de Sheol progrediu para o estágio onde se acreditava que o Sheol tinha dois compartimentos ou seções distintas. Uma seção era um lugar de tormento para o qual os ímpios iam enquanto o outro era um lugar de felicidade consciente, muitas vezes chamado de "seio de Abraão" ou "paraíso", para o qual os justos eram carregados pelos anjos.[392] Os rabinos até discutiram quantos anjos foram necessários para levar os justos ao seio de Abraão. A compreensão rabínica do Sheol é a base para a ilustração de Cristo em Lucas 16:19-31. Enquanto apenas o homem rico foi diretamente dito estar "no Hades" (v. 23), a frase "seio de Abraão" para onde os anjos carregaram Lázaro (v. 22, 23) deve ser interpretado como a seção do Hades reservado para os justos. O diálogo entre o rico e Lázaro é eco de múltiplas histórias em que tais

[392] A. Edersheim, The Life and Time of Jesus the Messiah (Grand Rapids: Wm. B. EerdmansBar. Co., 1962), Vol. II, pp. 279-281, 791-796. Para outras fontes na literatura rabínica, consulte: Midrash: Gen. 68; Exo. 48; Lev. 405; 55:80; Ecc. 197. Bab. Tal .: Ber. 173; Xá. 589; ER129.

diálogos foram descritos. Assim, inicialmente, a primeira ocorrência de Hades no Novo Testamento se refere a um conceito de vida após a morte que evoluiu do conceito de Sheol do antigo testamentário e refletia o progresso da compreensão que havia sido realizada durante o período entre Malaquias e Mateus.

Dado o princípio da revelação progressiva, que Hades evoluiria de ser apenas o equivalente de Sheol em uma palavra que significa mais do que Sheol é compreensível e esperado. Que o Hades teria um significado rabínico Intertestamental no início do Novo Testamento e então evoluir para significar mais do que o entendimento rabínico também é esperado. É nesta base que todas as tentativas de limitar o ensino do Novo Testamento sobre a vida após a morte aos materiais do evangelho como Lucas 16 devem ser rejeitados como uma visão defeituosa. Esta visão é construída sobre a suposição de que o que Hades quis dizer nos Evangelhos é o que deve significar nas epístolas. Isto é uma falha em observar o princípio do progresso da doutrina, bem como o princípio da revelação progressiva conforme dada no próprio Novo Testamento. [393] Devemos também salientar que quando afirmamos que os santos do Antigo Testamento e os judeus do período Intertestamental não tinham uma compreensão clara e precisa do que aconteceu após a morte, isso não significa que sua experiência não foi maior do que sua compreensão. Negar que eles compreenderam para onde iam na hora da morte não significa que não tenham chegado lá! Isso também nos leva a evitar o debate desnecessário sobre se a história do homem rico e Lázaro em Lucas 16 deve ser visto como um relato literal ou como uma parábola. Muitos escritores ortodoxos tratam Lucas 16 como um relato literal.[394] Eles negam que seja uma parábola sobre o fundamenta que:

[393] A obra clássica de Bernard, O Progresso da Doutrina no Novo Testamento , apresentada emA Universidade de Oxford desenvolve essa posição de maneira brilhante.

[394] John Calvin, Psychopannychia, p. 431.

1- o mendigo deve ter sido um personagem histórico real porque seu nome era dado;

2- Abraão foi um personagem histórico real; e

3- nas parábolas os nomes não são dados.

Portanto muitos escritores ortodoxos exigem que a história do homem rico e de Lázaro seja vista como uma parábola. Outros escritores costumam tratar Lucas 16:19-31 como uma parábola e acabam negando que ensina qualquer coisa sobre a morte ou a vida após a morte. Eles geralmente dão interpretações que são bastante selvagens e rebuscadas.[395] O problema básico é que ambos os lados assumem que se a história de Cristo é uma parábola, não tem sentido, e senão é, deve ser um relato literal. Ambos falham em reconhecer que o ensino de Cristo foi rabínico na metodologia e que as parábolas rabínicas frequentemente giravam em torno de personagens.

A literatura rabínica antes, durante e depois da época de Cristo está repleta de parábolas que construiu histórias imaginativas em torno de personagens históricos reais.[396] Existem vários exemplos no Talmud e Midrash de parábolas em que Abraão tinha diálogos com pessoas como Nimrod, com quem ele nunca poderia ter falado literalmente.[397] Todos entenderam que essas parábolas e os diálogos não ocorreram literalmente. Ficou claro que os rabinos usavam histórias imaginativas e o diálogo como método de ensino. Foi entendido por todos que esses diálogos nunca foram reais. Portanto, não nos incomoda nem um pouco dizer que Cristo usou uma história rabínica e um diálogo em Lucas 16:19-31 que não era "verdadeiro" ou

[395] Para exemplos de interpretações bizarras, veja: Let God Be True (New York: Watchtower andTract Society, 1946), p. 78f; R. Whitelaw, Hell, the Abode of the Dead (Virginia: GAMPrinters, 1981), pp. 19-28.
[396] Midrash: Lev . 407; Eth. Enoch 22; Kohelith Rabba 1.15, d. Rm. 6a; Ruth Rabba 111, 3, 6c.
[397] Midrash: Gen . 310, 311.

"real" no sentido de ser literal. É óbvio que Lázaro não se sentou literalmente no seio literal de Abraão. O homem rico não tinha lábios literais a qual água literal poderia apagar. O que é importante compreendermos é que Cristo usou as imagens mentais evocadas por nesta parábola rabínica para ensinar que, na vida após a morte, os ímpios experimentarão o tormento e os justos felicidade. Isso fica claro pelas fontes rabínicas das quais ele tirou esta parábola. Já que o diálogo entre o homem rico e Abraão era uma ferramenta de ensino usada pelos rabinos antes de Cristo, é óbvio que Cristo não estava tentando ensinar que falaremos com os ímpios no além. Ele estava apenas usando o método de diálogo para transmitir o conceito de que não há como escapar do tormento, não há uma segunda chance, e devemos acreditar nas Escrituras nesta vida.

Que as epístolas desenvolveriam ainda mais o que acontece com a alma após a morte e iriam além do material dos evangelhos também é esperado. Os apóstolos estavam cientes do fato de que seu entendimento foi obscurecido durante sua estada com Cristo (João 12:16). Foi só depois do Pentecostes e das revelações finais dadas aos apóstolos que eles poderiam, finalmente, falar da morte e da vida após a morte com clareza. Foi só depois que as últimas peças do quebra-cabeça cósmico da revelação foram dadas que eles poderiam ver a imagem inteira. No Novo Testamento, há, portanto, um desenvolvimento de compreensão que ocorreu após a ressurreição de Cristo. Antes de Jesus ressuscitar dos mortos, os apóstolos presumiam que todos foram o para Sheol ou Hades. Este Hades tinha duas seções, uma para os justos e outra para os perversos. Mas a ressurreição de Cristo mudou esse quadro. Assim, Paulo usa a linguagem de transição quando ele fala de Cristo tirando os justos do Hades e trazendo-os para o céu (Ef. 4:8, 9).

Após a ressurreição de Cristo, o Novo Testamento retrata os crentes após a morte entrando no céu para estar com Cristo (Fp. 1:23), o que é muito melhor do que o Hades. Eles estão presentes

com o Senhor (2 Co. 5:6-8), adorando com as hostes angelicais do céu (Hb. 12:22, 23), no altar de Deus (Ap. 6:9-11).

Que Cristo foi para o Hades, ou seja, o mundo além da morte, está claro em Atos 2:31. Pedro retrata Cristo proclamando aos "espíritos em prisão" no Hades em conclusão de Sua expiação (1 Pedro 3:18-22). Considerando que o "paraíso" no relato do evangelho (Lucas 23:43) se refere a seção "mais elevada" do Hades reservada para os justos, na época em que Paulo escreveu 2 Co. 12:2-4, foi presumido que o paraíso havia sido tirado do Hades e agora estava localizado no terceiro céu. De acordo com o ensino pós-ressurreição no Novo Testamento, os santos iam para o paraíso na morte para aguardar a ressurreição vindoura e o estado eterno [na Parousia]. Mas, o que dizer dos ímpios? Os ímpios na morte descem ao Hades, que é um lugar de tormento temporário enquanto aguardam a vindoura ressurreição e seu castigo eterno.

Em primeiro lugar, está claro que as almas dos ímpios estão em tormento durante o estado intermediário no Hades. O apóstolo Pedro afirmou isso em uma linguagem que não poderia ser mais clara: "Vemos, portanto, que o Senhor sabe livrar os piedosos da provação e manter em castigo os ímpios para o dia do juízo". (2 Pe. 2:9 NVI) Primeiro, Pedro diz que os ímpios são "guardados" até o dia do julgamento. Esta palavra está no presente, na forma infinitiva ativa, o que significa que os ímpios estão sendo mantidos cativos continuamente. Se os ímpios simplesmente passam para a inexistência na morte, não haveria mais nada para ser "guardado" até o dia do julgamento. Obviamente, Pedro está gramaticamente retratando os ímpios como sendo guardados como prisioneiros na prisão até o dia do julgamento.

Em segundo lugar, Pedro diz que os ímpios estão "em castigo". Esta palavra está no presente, passivo, forma de particípio e significa que os ímpios estão continuamente sendo castigados como uma atividade. Se Pedro quisesse ensinar que os ímpios recebem sua

punição completa na morte passando para a inexistência, então ele teria usado o tempo aoristo. Em vez disso, ele usa aqueles tempos gregos que eram os únicos disponíveis para ele na língua grega para expressar consciente,tormento contínuo. A gramática do texto estabelece irrefutavelmente que os ímpios estão em castigo ou tormento enquanto aguardam o dia do julgamento. Quando o dia do julgamento chegar, o Hades será esvaziado de seus habitantes, e os ímpios ficam diante de Deus para sua sentença final (Apocalipse 20:11-15). Assim, concluímos que Hades é o estado intermediário temporário entre a morte e a ressurreição, onde os ímpios estão em tormento consciente. O Hades é esvaziado na ressurreição, e então os ímpios serão lançados para o "inferno" (Gehenna).

GEHENNA

O terceiro e último termo crucial é a palavra Gehenna. Esta palavra é encontrada doze vezes no Novo Testamento e é traduzido corretamente cada vez pela KJV como "inferno". É uma palavra que descreve o destino final dos ímpios após a ressurreição e o julgamento. Enquanto o Sheol e o Hades descreve a morada temporária dos mortos até a ressurreição, Gehenna é o lugar de punição futura no estado eterno.

A Evidência Lexicográfica

A palavra Gehenna é o equivalente grego para "o vale de Hinom" Josué 15:8; 18:16; Ne 11:30). Portanto, originalmente se referia ao Vale de Hinom, que ficava nos arredores da cidade de Jerusalém. De acordo com o Léxico Grego-Inglês de Thayer (p. 111), era o lugar onde judeus idólatras faziam sacrifícios humanos a divindades pagãs (2 Reis 23:10; 2 Crônicas 28:3; 33:6).Por causa dessas práticas idólatras horríveis, o Vale de Hinom foi odiado e considerado "impuro" por judeus piedosos. Nos dias de Cristo, esse ódio ao Vale de Hinom transformou esse vale em um lixão da cidade onde todo o

lixo de Jerusalém poderia ser jogado. Cadáveres imundos assim como lixo normal foi jogado nele. Porque o lixo era constantemente jogado no vale, o fogo nunca parava de queimar e as minhocas nunca paravam de comer. Esta imagem de um depósito de lixo sujo onde os incêndios e as minhocas nunca morreram tornou-se para a mente judaica, uma descrição apropriada do destino final de todos os adoradores de ídolos. Gehenna passou a ser entendido como o depósito de lixo eterno e final onde todos os idólatras seriam jogados após a ressurreição. Os ímpios sofreriam na Gehenna para sempre porque os incêndios nunca parariam de queimá-los e os vermes nunca parariam de roê-los. Arndt e Gingrich também apontam que a crença judaica, antes de Cristo, colocava o julgamento final dos ímpios no Vale de Hinom. Eles concluíram que significa "o lugar do julgamento".[398] A International Standard Bible Encyclopedia (Vol. II, p. 1182) afirma que Gehenna se refere a o "lugar de punição eterna dos ímpios". A Enciclopédia de McClintock e Strong de literatura bíblica, teológica e eclesiástica define a Gehenna como "o lugar da eterna punição". Tanto Coon quanto Mills definem Gehenna como referindo-se ao "lugar da eterna punição".[399]

A Literatura Intertestamental

Os ímpios não descem à Gehenna na morte, porque é o local final de punição para os ímpios após a ressurreição.[400] Naquela hora, o Senhor recompensará as nações do mundo com uma grande e incessante retribuição, e os arremessrá na Gehenna, onde serão punidos de geração em geração. (Mid. Gen. 908) A literatura talmúdica afirma que existem duas classes de pessoas que descem para a Gehenna. Os desobedientes entre Israel descem à Gehenna por "doze meses" para serem purificados de seus pecados em seu

[398] Arndt e Gingrich , ibid., p. 152.
[399] Coon, The Doctrine of Future and Endless Punishment Proved (Cincinnati: JF & VPJames, 1850), p. 72; Perspectives on Death (ed. L. Mills; New York: Abingdon Press, 1969), p. 32.
[400] Midrash: Gen . 22N9, 159: T. Shah . XIII.4, 5; etc.

fogo. Eles então ascendem ao trono de glória no paraíso, onde os justos entre Israel já havia ascendido na morte (Bab. Tal. RH64). Idólatras e blasfemadores permanecem na Gehenna "para ser punido por todas as gerações" (Bab. Tal. RH65). A linguagem figurativa utilizada na descrição rabínica da Gehenna, como "fogo" (Mid. Gen. 214), "vermes" (Bab. Tal. Shah 777, 778; A Sabedoria de Sirach VII. 9), "choro" (Bab. Tal.ER129), "escuridão" (Mid. Gen. 257), "julgamento" (Bab. Tal. ER126), etc., são todos transportados para ensino de Cristo e dos apóstolos no próprio Novo Testamento. A linguagem descritiva da literatura apocalíptica judaica, como "fogo e tormento" (4 Macabeus 12:12, 13), "fogo e enxofre" (Enoque LXVII.6), "recessos negros do inferno" (Sibilino IV, p. 83), etc., são claramente utilizados por Pedro, Judas e João em suas descrições do destino final dos ímpios após a ressurreição. Esta evidência intertestamentária é tão forte e consistente que o grande historiador da Igreja, Phillip Schaff afirma: "O castigo eterno dos ímpios foi e sempre será a teoria ortodoxa. Foi realizada pelos judeus na época de Cristo, com exceção dos saduceus, que negaram a ressurreição.[401]

Depois de uma extensa pesquisa da literatura intertestamentária, o maior talmúdico cristão o erudito Alfred Edersheim, um notável cristão hebreu, concluiu que a Gehenna foi entendida no Tempo de Cristo para se referir ao lugar da punição eterna e consciente para os ímpios após a ressurreição.[402]

Cristo e Gehenna

A terrível imagem mental de tormento eterno nos fogos da Gehenna foi conjurada nas mentes dos primeiros discípulos pelo próprio Mestre. Fora de suas doze ocorrências no Novo Testamento,

[401] P. Schaff, História da Igreja Cristã (Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1973), Vol. II, pp.606, 607.
[402] A. Edersheim, The Life and Times of Jesus the Messiah (Wm. B. Eerdmans Pub. Co., 1962),Vol. II, pp. 791-796.

Gehenna é encontrado nada menos que onze vezes nos lábios do próprio Senhor Jesus. Pensar que Cristo era ignorante do que a Gehenna significava para as pessoas comuns de Seus dias ou assumir que Ele se enganou ao usar as descrições rabínicas da Gehenna é fazer grande injustiça para com Aquele que foi o maior professor que já existiu. Na verdade, o mero fato de que Cristo utilizou a linguagem rabínica conectada com a Gehenna, como "fogo inextinguível" e "vermes agonizantes", demonstra sem sombra de dúvida a qualquer pessoa razoável que Ele deliberadamente usou a palavra Gehenna para impressionar Seus ouvintes que o castigo eterno aguarda os ímpios após a ressurreição. Nenhuma outra conclusão é possível. O ensino de Cristo a respeito da Gehenna é o seguinte:

Primeiro, a Gehenna é o lugar de julgamento (Mt. 23:33). Ele até usou a expressão rabínica, "o julgamento da Gehenna" (Bab. Tal. ER126).

Em segundo lugar, a Gehenna é sempre colocada no fim do aeon após a ressurreição (Mt. 5:22; 23:33). Isso é exposto por João em Apocalipse 20:1-15. Esta também era a posição rabínica (Mid.Gen. 159).

Terceiro, a Gehenna é o lugar onde o corpo e a alma são punidos (Mt. 5:22; 10:28; Marcos 9:43-48). Os rabinos viram que a ressurreição dos ímpios era necessária para que eles possam receber sua punição completa no corpo (Mid. Gen. 159; 211n4).

Quarto, a Gehenna era o local de tormento consciente. Quando Cristo usou as frases "fogo inextinguível" e "vermes que nunca morrem" (Marcos 9:47, 48), Ele utilizava imagens bíblicas (Isaías 66:24), apócrifas Judite 16:17) e talmúdicas (Mid. Gen. 214) que significavam sofrimento consciente. Os aniquilacionistas têm um contra-argumento neste ponto. Eles apontam que, literalmente falando, embora os vermes e o fogo em um lixão da cidade possam destruir uma carcaça morta, não se pode dizer que a carcaça morta sente qualquer tormento eterno. Portanto, eles concluem que a

linguagem de Cristo deve ser interpretada como significando que os ímpios serão aniquilados, não atormentados. O problema com esta interpretação é que ela falha em levar em consideração que quando Cristo falou de Gehenna em termos como "vermes e fogo", ele estava claramente usando fraseologia rabínica. Assim, é mais crucial para descobrir como essas palavras foram entendidas na literatura rabínica do que apontar pontando para lixões da cidade moderna. A literatura intertestamentária deixa claro que os judeus acreditavam que os que partiram podiam sentir o que estava acontecendo com seu cadáver. Na verdade, quando os vermes começam a roer o corpo eles sentiriam, pois "os vermes são tão dolorosos para os mortos como uma agulha na carne dos vivos" (Bab. Tal. Shah. 777, 778). Uma vez que os "vermes roedores" claramente significavam tormento consciente no pensamento rabínico, o argumento dos aniquilacionistas é inválido devido à sua ignorância do significado de tal terminologia. Que Judite 16:17 também ensina o tormento consciente é claro.

Quinto, os iníquos são lançados na Geena e permanecerão lá por toda a eternidade (Mt. 5:29, 30). Dentro da Gehenna, os ímpios são "destruídos" (Mt. 10:28). Que a palavra "destruído" (apollumi) não significa "aniquilar" ou "passar para inexistência" fica claro no significado rabínico da palavra, o significado lexicográfico da palavra, e a maneira como a palavra é usada no Novo Testamento. O Lexico grego-inglês de Thayer define apollumi como "entregue à miséria eterna".[403] Uma vez que o próprio Thayer era um unitarista que não acreditava no castigo eterno, sua definição só poderia ser o resultado de seu conhecimento do significado desta palavra grega. Não há nenhuma evidência lexicográfica para a posição do aniquilacionista de que apollumi significa "aniquilar" ou "passar para a não existência". Que esta palavra não pode significar "inexistência" fica claro pela maneira como é consistentemente usada no Novo Testamento (Mt. 9:17; Lucas 15:4, 6, 8, 9; João 6:12, 27; 2 Co. 4:9; etc.). As pessoas

[403] Léxico Grego-Inglês de Thayer do Novo Testamento , p. 64

passam na inexistência quando são mortos por uma espada (Mt. 26:52) ou uma cobra? (1 Co. 10:9). As pessoas se tornam inexistentes quando estão com fome? (Lucas 15:17). Os odres de vinho passam para inexistência quando eles são destruídos pelo estouro? (Mt. 9:17). A comida é aniquilada quando são despojos? (João 6:27). Em todos os casos em que a palavra apollumi é encontrada no Novo Testamento, algo diferente de aniquilação está sendo descrita. Na verdade, não há uma única instância no Novo Testamento onde apollumi significa aniquilação no sentido estrito da palavra.

CONCLUSÃO

Gehenna como um lugar de punição final era um ensino rabínico claro antes que Cristo nascer. O Midrash, os Talmudes da Babilônia e de Jerusalém e a literatura apócrifa referem-se a Gehenna centenas de vezes. O Midrash sozinho se refere à Gehenna mais de setenta e cinco vezes. As imagens vívidas e a fraseologia marcante encontradas na literatura intertestamentária, que descreveu a Gehenna como o lugar final de tormento eterno para os ímpios, foi claramente carregada no próprio Novo Testamento pelo ensino de Cristo e dos apóstolos. Demonstramos neste capítulo que a Gehenna é o destino final de todos os pecadores impenitentes de acordo com a literatura rabínica e do Novo Testamento. O conceito de Universalismo, que não vê ninguém indo para a Gehenna, sendo finalmente esvaziada de todos os pecadores, é um ideal absolutamente estranho literatura Intertestamental e ao Novo Testamento. A ideia de aniquilacionismo, em que os ímpios deixam de existir, pode de fato ser encontrada em parte da literatura intertestamentária, particularmente aquelas obras que foram influenciadas pelos Saduceus ou estóicos. Mas o suficiente foi dado neste capítulo para demonstrar que a opinião comum era de um tormento eterno e consciente dos ímpios na Gehenna.

PÓS-ESCRITO DE RUSSELL

PREFÁCIO À NOVA EDIÇÃO

Este trabalho, publicado a princípio de forma anônima, é novamente submetido à consideração ponderada de estudantes inteligentes e sinceros da Palavra de Deus. O autor deseja expressar seus agradecimentos pela recepção gratificante que seu trabalho encontrou nas mãos de muitos estudiosos capazes e competentes. Embora não tenha comandado um amplo círculo de leitores, ele tem todos os motivos para estar satisfeito com a qualidade daqueles que expressaram sua aprovação. Não era de esperar que visões, que entrassem em conflito com a opinião tradicional e popular, encontrassem pronta concordância; mas o autor deve confessar sua decepção que nenhuma tentativa séria foi feita para refutar qualquer de suas posições.

O trabalho é quase totalmente exegético; e não há tentativa de inventar ou estabelecer uma teoria, mas apenas, pela interpretação honesta e fiel das Escrituras do Novo Testamento, para permitir que eles falem por si mesmos. A única maneira de deixar de lado as conclusões do livro é apontar o texto que é mal interpretado: como é, o autor não viu razão para cancelar uma única frase do que escreveu. A verdade, no entanto, pode dar ao luxo de esperar; e o invariável rebentamento de toda bolha pseudo-profética, que por enquanto atrai a crédula, por fim, pode-se esperar, inclina os homens a um tratamento mais sóbrio e reverente da Palavra de Deus.

É com muita satisfação que o autor se refere à crítica capaz e geralmente favorável que apareceu em dois números consecutivos de The Spectator; também aos avisos apreciáveis de The British Quarterly Review, The Nonconformist e The Leeds Mercury. Ho também está muito satisfeito com as referências a "Parousia" por uma

autoridade tão alta quanto o arquidiácono Farrar em "Os primeiros dias do cristianismo" e nas páginas do The Expositor.

Mas ele está ansioso para ver uma crítica muito mais completa e mais minuciosa de seu trabalho, como a importância do assunto e o estado instável da opinião teológica sobre a escatologia parecem exigir. O autor aproveita esta oportunidade para fazer algumas observações sobre vários pontos que foram notificados desde a primeira publicação deste volume.

Dollinger sobre "O Homem do Pecado"

É com grande satisfação que ele se encontra em concordância substancial com o ilustre historiador e teólogo eclesiástico, Dr. Dollinger, de Munique, em sua interpretação da previsão de São Paulo em 2 Tessalonicenses. 1- O Dr. Dollinger identifica distintamente o 'Homem do Pecado' com Nero, uma conclusão agora tão geralmente aceita pelas mais altas autoridades, que pode ser considerada um ponto estabelecido. 2- Ele distingue claramente entre o "Homem do Pecado" e a "Apostasia", tão freqüentemente confundida pela massa de intérpretes. Dollinger mostra que o primeiro é uma pessoa, o segundo uma heresia. 3- Ele reconhece "a Besta" do Apocalipse como o Imperador e, portanto, idêntico ao "Homem do Pecado". 4- Os milagres feitos pela "Segunda Besta" (a Besta da terra) ele considera uma representação derivada da profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras.

As artes mágicas e teúrgicas são inseparáveis do paganismo

Toda a observação do Dr. Dollinger sobre esse assunto é mais importante, mas, como são longas demais para serem citadas aqui, o leitor é encaminhado para o "First Age of the Church", vol. ii. 79-96. É justo acrescentar que Dollinger parece ter um anticristo pessoal e um cumprimento duplo ou típico da profecia.

A Babilônia do Apocalipse

A crença de que Roma é a Babilônia do Apocalipse é tão firmemente estabelecida na maioria das mentes, que nada além da evidência mais clara do contrário será capaz de desalojá-la. No entanto, alguns dos críticos mais capazes há muito suspeitaram que Babilônia era um pseudônimo da antiga Jerusalém. O ilustre Herder em seu Comentário sobre o livro do Apocalipse afirma:

"Roma não estava no círculo da visão do profeta, nem Roma coincide com os símbolos e metáforas; mas a semelhança com Jerusalém é tão perfeita quanto se pode fornecer" (p. 153).

O conhecido comentarista, John David Michaelis, astutamente conjeturou que Babilônia é idêntica a Jerusalém. Falando do local a partir do qual a Primeira Epístola de Pedro foi escrita, ele diz:

"Se eu pudesse encontrar uma única autoridade para chamar Jerusalém pelo nome de Babilônia, eu preferiria seguir Cappellus e Harduin, que consideram Jerusalém o lugar; que também era, de acordo com Cirilo de Alexandria, significada por Isaías quando ele falava da Babilônia. Pois o conteúdo desta epístola não é tão adequado a nenhum momento quanto ao logo após o Concílio de Jerusalém, enquanto Pedro continuou naquela cidade. Não é impossível que São Pedro chame Jerusalém pelo nome de Babilônia depois que ela começou a perseguir a Igreja; e a expressão da igreja eleita na Babilônia parece implicar um paradoxo que seria removido se Jerusalém tivesse sido nomeada. Portanto, não é improvável que São Pedro, em uma epístola, faça uso desse nome figurativo e ofensivo para significar Jerusalém... Acrescente a isso que São Pedro envia uma saudação a Marcos, e este Marcos, também chamado João, foi devolvido a Jerusalém, pouco antes do referido Conselho. (Atos 13:13) Todas as circunstâncias assim coincidentes, e nunca mais necessário para os gentios se converterem que "permaneçam na

verdadeira graça de Deus", parece-me, enquanto escrevo, provável no mais alto grau, que esta Epístola foi escrita em Jerusalém logo após o Concílio, ie, no ano 49 depois Cristo... Sou menos influenciado pelo testemunho dos antigos, pelo contrário, pois o assunto depende não da questão histórica, se São Pedro esteve em Roma, mas da questão crítica, se ele chama Roma pelo nome de Babilônia?".

Michaelis colocou este título na margem –

"A Primeira Epístola de São Pedro foi escrita em Jerusalém, na época do primeiro concílio" (Ver Introd. Lect., Aos "Sacred Books of the New Testament", de JD Michaelis, seção 148).

Jerusalém, uma cidade de sete colinas

Supunha-se que a descrição da "grande cidade" no Apocalipse, sentada em sete colinas, é uma evidência conclusiva de que Roma é aqui pretendida. O leitor verá como esse ponto é tratado em seu devido lugar. O autor mostrou como Zullig enumera sete colinas ou montanhas em Jerusalém. Herder também observa:

"Dizem que as sete cabeças da besta são sete montanhas; assumindo que a mulher seja uma cidade fundada em sete montanhas. Essa era a situação de Jerusalém" (Comm., P. 156).

Como Herder não diz para provar sua afirmação, pode ser bom complementá-la com evidências de um tipo confirmatório. O Dr. Lange, em sua discussão sobre o local do Gólgota, observa:

"Jeremias prediz (Jr. 31: 36-40) que a cidade futuramente se estenderá além da muralha norte (a segunda muralha) e inclina Gibeat Gareb, ou Leper's Hill, e Gibeat Goath, ou a Colina da Morte (de

rugir, gemer). A posição de Gareb pode corresponder apenas com Under Bezetha, e a posição de Goath somente com Upper Bezetha, onde o Gólgota se elevou. Ambas as elevações foram colocadas por Agripa, como partes da nova cidade, e estavam dentro da terceira muralha. No contexto, aprendemos que Gareb e Goath eram lugares impuros, mas sendo medidos com a cidade santa, tornaram-se santificados. Que a colina de Jeremias, em Goath, seja idêntica à do Gólgota dos evangelistas, é mais do que provável. A muralha de Agripa foi construída em torno de Bezetha por Herodes Agripa, neto de Herodes, o Grande" (Lange em Mt. 27:33).

Um esboço da antiga Jerusalém, mostrando o Monte Gareb e o Monte Goath, é apresentado em "Palestine Explored", pelo Rev. James Neil, MA, ex-titular da Igreja de Cristo, Jerusalém. Mark. Neil enumera as sete colinas sobre as quais a cidade foi construída - o monte Sião, o monte Ofel, o monte Moriah, o monte Bezetha, o monte Acra, o monte Gareb e o monte Goath.

A Questão crucial

Sem dúvida, a maioria dos leitores se encolherá com a exigência feita sobre sua fé, quando lhes for pedido que acreditem que previsões de nosso Senhor em Mateus 24, e a profecia de São Paulo em 1 Tessalonicenses 4, teve uma verdadeira realização no passado. Muitos o consideram uma extravagância que se refuta. Considerem se essa demanda não é feita pelas afirmações mais expressas da escritura inspirada. Essas previsões são delimitadas por certos limites de tempo. O tempo desses eventos são explicitamente declarados para ocorrer dentro do período da geração então existente. Nenhum artifício da lógica, nenhuma violência da interpretação pode escapar ou contornar esse fato inegável. Credível ou incrível, razoável ou irracional, a autoridade das Escrituras está comprometida com essa afirmação. E por que deveria ser considerado incrível? A resposta será: "Porque não há evidência histórica do fato". Isso, no entanto, é

uma suposição. Merece consideração verificar se não temos todas as evidências que a natureza do caso admite. Que evidência, por exemplo, pode ser razoavelmente necessária para que o evento mais aparentemente incrível previsto em Mateus 24:31, e em 1 Tessalonicenses 4:17, comumente denominado "o arrebatamento dos santos", realmente aconteceu? A parte principal, se não a única, que parece estar dentro do conhecimento do sentido humano, é a remoção de uma grande multidão de discípulos de Cristo dessa cena terrena. Podemos esperar, portanto, que haja algum vestígio na história desse súbito desaparecimento de um grupo tão vasto de crentes. Certamente deve ter deixado um espaço em branco na história; uma falha, pelo menos, na continuidade dos registros do cristianismo. Se for admitido que as previsões não exigem uma remoção absoluta e universal de todo o corpo dos fiéis (pois é manifesto que existe uma clara distinção entre vigilante e não-vigilante, pronto e não-pronto, e que muitos podem ser excluídos do reino como aqueles que entraram), ainda assim a linguagem da profecia certamente implica a remoção repentina e simultânea de um número muito grande de fiéis. Existe, então, algum vestígio na história desse espaço em branco? Certamente existe, e apenas uma indicação como poderíamos esperar. Um silêncio que é expressivo. Silêncio onde, um momento antes, tudo era vida e atividade. O historiador eclesiástico lhe dirá que a luz de repente falha com ele. A Igreja Cristã de Jerusalém, da qual um apóstolo poderia dizer: "Vês, irmão, quantas miríades existem entre os judeus que creram", de repente diminui em duas seitas miseráveis de ebionitas e nazarenos. Onde estão as muitas miríades de São Tiago? Onde estão os cento e quarenta e quatro mil que São João viu, com o selo de Deus na testa e em pé com o Cordeiro no monte Sião? Eles pereceram no cerco de Jerusalém? Certamente não; pois é universalmente aceito que, advertidos pelo seu Divino Mestre, eles se retiraram da cidade condenada para um local seguro. No entanto, eles parecem desaparecer e não deixam vestígios para trás. Peça ao historiador eclesiástico que coloque o dedo no local onde os registros do cristianismo primitivo são mais obscuros, e ele indicará sem hesitação

o período em que os Atos dos Apóstolos terminam. Desse período, o célebre Neander diz que "não temos informações, mas a total falta de fontes para esta parte da história da Igreja não deve ser de modo algum surpreendente". E, novamente, ele fala da "era imediatamente seguinte ao Apostólico", de que infelizmente temos tão poucos memoriais autênticos ("Plantio e treinamento", capítulos, v. e x.). Hiudekoper, um teólogo holandês, em seu trabalho intitulado "Descida de Cristo ao mundo subterrâneo", observa que:

"Ao deixar a era apostólica, quase perdemos de vista os cristãos em um abismo histórico de sessenta ou oitenta anos."

O arquidiácono Farrar enfatiza mais enfaticamente o fato e a provável causa desse eclipse inexplicável –

"Embora estejamos tão familiarizados com os pensamentos e sentimentos dos primeiros cristãos, os fatos de sua história corporativa e até os detalhes finais nas biografias de seus maiores professores estão mergulhados em muita incerteza. Quando, com a última palavra nos Atos dos Apóstolos, perdemos a orientação gráfica e fiel de São Lucas, a tocha da história cristã se apaga abruptamente por um tempo. Ficamos, por assim dizer, tateando entre os enrolamentos das catacumbas. Até os trabalhos finais da vida de São Paulo são conhecidos até agora, como podemos inferir vagamente das alusões casuais das epístolas pastorais. Para os detalhes de muitos anos na vida de São Pedro, não temos nada em que confiar, exceto alusões leves e vagas, rumores flutuantes e impressões falsas, criadas pelas ficções deliberadas do romance herético".

"É provável que esse silêncio seja em si o resultado das terríveis cenas em que os apóstolos pereceram. Era indispensável para a segurança de toda a comunidade que os livros dos cristãos, quando abandonados pela infeliz fraqueza dos "tradutores" ou descobertos pela aguda malignidade dos informantes, não devessem conter nenhum assunto comprometedor. Mas como teria sido possível para

São Lucas escrever de outra maneira que não comprometesse, se ele tivesse detalhado os horrores da perseguição neroniana? É uma conjectura razoável que o súbito fechamento dos Atos dos Apóstolos possa ter sido devido à impossibilidade de falar sem indignação e aversão ao Imperador e ao Governo, que, entre 64 e 68 dC, sancionou a inflição a homens e mulheres inocentes, de atrocidades que excitaram a pena dos próprios pagãos. Os judeus e os cristãos que entraram em tais temas só puderam fazê-lo sob o disfarce criptografado, escondendo seu significado de todos, exceto dos poucos iniciados, em símbolos proféticos como os do Apocalipse. Somente nesse livro, somos capazes de ouvir o grito de horror que as crueldades brutais de Nero arrancavam dos corações dos cristãos"(Os Primeiros Dias do Cristianismo, vol. Ii. Pp. 82, 83).

Ainda mais vividamente e à força, se possível, do caso apresentado pelo revisor competente da São Paulo 'nas páginas da The Edinburgh Review, abril de 1870-

"Este volume ["A Vida de São Paulo"] leva-nos ao longo de todo o período do que podemos chamar de ministério do grande apóstolo, abrangendo aqueles quinze ou dezesseis anos importantes (45-61 dC), durante em que suas três viagens missionárias foram realizadas, e a Igreja infantil, com quatro passos ousados, avançou de Jerusalém a Antioquia, de Antioquia a Éfeso, de Éfeso a Corinto e de Corinto a Roma. Chegando lá, uma vez plantada com segurança naquela posição central e dominante, é estranho dizer que a Igreja, com toda sua dramatis persoae, desaparece subitamente de nossa vista. As nuvens mais densas da obscuridade se reúnem imediatamente em volta de sua história, que nossa curiosa e ansiosa tentativa vã não consegue penetrar. Ele se foi, em meio a uma coroa de fumaça, tão completamente quanto quando um trem mergulha em um túnel. Nas palavras de M. Renan - "A chegada de São Paulo a Roma, devido à decisão tomada pelo autor dos "Atos" de encerrar sua narrativa naquele ponto, marca para a história da origem do cristianismo o início de uma noite profunda, iluminada apenas pelo fogo lúgubre das

horríveis festividades de Nero e pelo relâmpago do Apocalipse". As causas deste desaparecimento repentino e confuso ainda não foram investigadas até hoje ... A história da vida de São Paulo e a história da era apostólica terminam abruptamente. Escuridão negra cai sobre a cena; e um silêncio sombrio e pensativo - como o silêncio da tempestade iminente - mantém uma expectativa abafada, do "dia do Senhor", a igreja assombrada e ofegante. Não há mais livros escritos, não há mais mensageiros enviados, a própria voz da tradição ainda é apenas uma voz, no meio do silêncio e do pavor, estridente no ouvido; é o grito de vingança apocalíptico de Patmos: "Babilônia, a grande, caiu, caiu! Regozija-se com ela, céu! E vós, santos apóstolos e profetas! Porque Deus vos vingou: ela será totalmente queimada pelo fogo, porque forte é o Senhor Deus que a julga". (Ap. 18:20)

A verdadeira solução

Resta ao leitor considerar se as causas sugeridas nas citações anteriores fornecem uma explicação adequada desse fenômeno singular; ou se a solução do problema não pode ser encontrada na ocorrência real dos eventos previstos por nosso Senhor e Seus apóstolos. A doutrina de nosso Senhor, como a traçamos nos Evangelhos, não nos garante acreditar que todos esses eventos sublimes ocorreram naquela momentosa crise dos tempos? Ali, no registro escrito inspirado, estão as palavras inefáveis que predizem o rápido retorno do Filho do Homem para julgar a nação culpada e vingar Seus próprios eleitos. Sua vinda foi indissoluvelmente ligada à mesma geração. As circunstâncias que acompanham Sua vinda são estabelecidas com uma precisão acentuada. Tudo aponta para uma catástrofe repentina, rápida e de longo alcance, análoga à que ocorreu "nos dias de Noé, quando o dilúvio chegou e os levou embora", ou nos dias de Ló, quando a tempestade de ira tomou conta de Sodoma e Gomorra. Estas são as mesmas imagens usadas por nosso Senhor para descrever a repentina e rapidez de Sua aparição. Não é à toa que deve haver um "espaço em branco total" na história contemporânea;

onde deveria haver continuidade nos registros da Igreja Cristã; que a pena de São Marcos seja presa no meio de uma sentença inacabada; que São Lucas interrompa abruptamente sua narrativa da vida e do trabalho de São Paulo. Conceda que não há falha nas previsões de Cristo; que Suas palavras tiveram uma verdadeira realização; e tudo está explicado. Existe uma causa adequada para o hiato inexplicável que ocorre na história cristã da época, e para o total obscurecimento da Igreja e todos os seus maiores luminares. Não é razoável pedir que as declarações mais claras do próprio Senhor e de suas testemunhas inspiradas obtenham uma audiência sincera e uma crença cordial de todos os que O possuem como Senhor e Mestre? Certamente que a fé robusta não está totalmente extinta, o que uma vez poderia dizer: "Que Deus seja verdadeiro, e todo homem um mentiroso".

Este pós-escrito pode terminar com a impressionante cautela de um grande crítico e teólogo do século passado, que, embora tenha uma referência especial ao Apocalipse, é igualmente aplicável a toda a parte profética do Novo Testamento.

"Se for contestado que as profecias no Apocalipse ainda não foram cumpridas, que elas não são totalmente compreendidas e, portanto, surge a diferença de opinião em relação ao seu significado, respondo que, se as profecias ainda não forem cumpridas, é totalmente impossível que o apocalipse seja uma obra divina; desde que o autor declara expressamente (Ap. 1:1) que as coisas que ele contém "devem acontecer em breve". Consequentemente, ou grande parte deles, não vou dizer tudo, deve ter sido cumprida, ou a declaração do autor, de que eles devem ser concluídos em breve, não é consistente com os fatos. É verdade que, para o Todo-Poderoso, mil anos são apenas um dia, e um dia, mil anos; mas, se explicarmos o termo "em breve", como denotando um período mais longo do que o decorrido desde que o Apocalipse foi escrito, sacrificamos o amor à verdade em apoio a uma opinião preconcebida. Pois quando a Deidade condescende em comunicar informações à humanidade, é claro que Ele usará a linguagem que seja inteligível para a humanidade; e não citará um

período curto para que todos os homens considerem como longo, ou a comunicação será totalmente inútil. Além disso, em referência à eternidade de Deus, não apenas mil e setecentos, mas dezessete mil anos não são nada. Mas o próprio autor do Apocalipse impediu totalmente essa evasão, explicando (Ap 1:3) o que ele quis dizer com o termo "em breve", pois ali diz: "Bem-aventurado aquele que lê, e os que ouvem as palavras desta profecia, e guardam as coisas que nela estão escritas; pois o tempo está próximo". Portanto, de acordo com a própria declaração do autor, o Apocalipse contém profecias com as quais as mesmas pessoas a quem foi enviado estavam imediatamente preocupadas. Mas se nenhuma dessas profecias tiver sido planejada para ser concluída até muito tempo após a sua morte, essas pessoas não se preocupariam imediatamente com elas, e o autor certamente não teria dito que elas foram abençoadas por ler profecias sobre as quais o tempo estava próximo, se essas profecias não deveriam ser cumpridas até depois do decurso de muitas eras" (JD Michaelis, "Introduction to the New Testament", vol. iv. pp. 503, 504).

FIM

CRÍTICA DE CHARLES AUGUSTUS BRIGGS E RESPOSTA DE RUSSELL (1889)

"O autor deste valioso livro é pastor de uma igreja congregacional, em Londres. Ele publicou a primeira edição de seu trabalho anonimamente, mas agora cedeu ao conselho de seus amigos e adicionou seu nome à página de título da nova edição. Foi um privilégio conhecer o autor e ler sua primeira edição à luz de um conhecimento pessoal. É de minha opinião que ele havia feito o primeiro estudo completo da profecia do Novo Testamento com o uso de princípios corretos de exegese. Eu tenho usado o livro constantemente desde então, e acabei de ler a nova edição, e minhas primeiras impressões foram confirmadas. Nenhum estudante de profecia do Novo Testamento pode se dar ao luxo de ficar sem a riqueza de conhecimentos que este livro lhe dará. Vale a pena comparado a todos os outros que foram escritos sobre o assunto. Eu dou essa opinião, apesar do fato de que não posso aceitar a teoria da Parousia que domina este livro. Não tomarei mais espaço para expor seus méritos, mas dedicarei minha atenção a uma crítica da teoria.

A nova teoria da Parousia é que o segundo advento de nosso Senhor, e todos os eventos relacionados a ela na profecia do Novo Testamento, ocorreram na destruição de Jerusalém. Essa teoria coloca muitas das passagens do Novo Testamento sob uma nova luz: ela leva em consideração as circunstâncias históricas das profecias e sua relação com as cenas finais da grande catástrofe da nação judaica, e torna evidente que muito maior parte da profecia se refere a esses eventos do que os intérpretes normalmente supõem. Mas depois que tudo isso foi concedido, o autor mantém sua teoria fazendo violência em poucas passagens e arrancando a estrutura da profecia do Novo Testamento de suas fundações do Antigo Testamento.

1. Essa é a primeira crítica que fazemos à teoria - que ela está em guerra com a profecia messiânica do Antigo Testamento. É

significativo aqui que o autor se limite à profecia de Malaquias, e busque uma base aqui, porque essa passagem se adequa ao seu propósito em representar João Batista como o arauto do advento do julgamento; ele refere esse julgamento à destruição de Jerusalém e da nação judaica. Se ele tivesse estudado essa cena de julgamento de Malaquias em conexão com toda a profecia do Antigo Testamento, ele poderia ter chegado a uma conclusão diferente. Não podemos aceitar esta profecia isolada como o somatório da profecia do Antigo Testamento, ou uma introdução adequada à profecia do Novo Testamento, tanto mais que ela não contém nenhuma referência aos eventos do primeiro advento de Cristo. Malaquias conecta o arauto com o advento do julgamento, ele não vê o Cristo histórico intervindo. Se essa história mais importante escapasse à sua atenção, certamente a destruição de Jerusalém dificilmente a deteria. Malaquias concorda com todos os profetas, desconsiderando os intervalos de tempo e olhando para o grande fim de toda profecia em relação ao arauto que ele prediz.

2. A segunda falha da teoria é a negligência dos apocalipses judaicos e das idéias messiânicas judaicas dos tempos do Novo Testamento. Estes lançam uma imensa quantidade de luz lateral sobre a profecia do Novo Testamento. Isso teria mostrado a ele que não estava de acordo com as idéias judaicas limitar a profecia tão estritamente aos assuntos judaicos. A interpretação do Sr. Russell da profecia do Novo Testamento é mais estreita que a elaboração de profecia que encontramos nesses Apocalipses.

3. Existe uma extrema literalidade na interpretação do Sr. Russell da palavra "próximo", usada por Jesus, que falha em reconhecer que o termo adquiriu um sentido técnico nos profetas do Antigo Testamento, implicando que os eventos previstos eram iminentes, certos por vir, ainda que incerto quanto ao tempo. A interpretação do Sr. Russell de eggus aplicada ao Novo Testamento tornaria um grande número de profetas do Antigo Testamento falsos profetas. Também nos forçaria, em uma interpretação correta do Novo

Testamento, à opinião de que Jesus e Seus apóstolos estavam enganados. O Sr. Russell oferece um dilema muito perigoso quando pede que aceitemos sua teoria e acreditamos que o segundo advento ocorreu na destruição de Jerusalém, ou que Jesus e seus apóstolos estavam enganados.

4. O Sr. Russell, em sua interpretação da profecia do Novo Testamento, não faz as distinções exigidas por uma cuidadosa exegese. Ele elogia o Dr. Edward Robinson por ter interpretado muito do discurso escatológico de Jesus, referindo-se à destruição de Jerusalém, e o culpa por não ter referido tudo a esse evento. Ele também elogia Moses Stuart por seu literalismo e o culpa por não cumpri-lo até o fim. Em outras palavras, o Sr. Russell se recusa a reconhecer a distinção entre o julgamento de Jerusalém e o julgamento das nações que esses estudiosos, que se destacaram por sua adesão a estrita exegese gramatical e histórica, foram obrigados a fazer. Ao fechar os olhos para a previsão do julgamento das nações, o Sr. Russell é culpado de um grande erro. Concordamos com ele que "esta geração" se refere à geração contemporânea de Jesus, e isso significa a conclusão da era; mas essas admissões não ajudam sua teoria, pois ele não pode provar que Jesus prediz o julgamento das nações em sua própria geração, e ainda resta decidir se a era foi concluída no julgamento dos judeus ou no julgamento das nações. Além disso, devemos protestar contra a aplicação limitada do termo "ge" à terra de Israel e "as nações" aos habitantes da terra. Admitimos que ge é freqüentemente usado no sentido restrito, mas afirmamos que o contexto das passagens em consideração é contrário ao sentido restrito. Admitimos que "nações" é usada em passagens poéticas do Antigo Testamento para as tribos de Israel, e que também é pouco utilizado em outros lugares para a população mista da terra, mas o contexto decide em todos os casos, e o termo é para ser tomado em seu significado mais amplo e mais usual, a menos que o contexto nos force a um significado mais restrito. Afirmamos que em todas essas passagens da profecia do Novo Testamento, os contextos nos forçam a um significado mais amplo. Os apóstolos foram comissionados para

todas as nações do mundo, e não apenas para as tribos de Israel e a população mista da Palestina. Eles pregaram o evangelho às nações para prepará-las para o julgamento das nações.

O Sr. Russell também falha em perceber a diferença entre a vinda do julgamento e a vinda do reino. O último é predito na vida dos ouvintes de Jesus, mas não o primeiro. Estes são dois eventos diferentes. As parábolas do reino nos ensinam que o reino será estabelecido e que crescerá até a maturidade antes do advento do julgamento. Esses são exemplos da negligência do autor em fazer essas distinções, que eram suficientemente evidentes na face das passagens para aqueles que as interpretam sem o prejuízo de uma teoria e que não esperam abrir todas as portas dos mistérios da profecia com uma única chave.

5. Outra falha no livro é a negligência em estimar os diferentes pontos de vista dos autores do Novo Testamento. Os princípios da teologia bíblica foram ignorado. As diferenças dos autores do Novo Testamento geralmente ajudam muito a entender suas previsões. O autor observou a peculiaridade do evangelho de João a esse respeito. Ele observa que nenhuma alusão à Parousia nos Evangelhos Sinópticos é formada no Evangelho de João. Ele também deve ter notado que a visão da Parousia neste evangelho difere em muitos aspectos importantes. Ele falha em fazer a discriminação e procura restringir as previsões de julgamento neste Evangelho para corresponder às cenas do advento dos Sinoptistas. Ele não compreende a profunda concepção espiritual do advento, que é uma característica tão notável deste evangelho.

6. Não temos espaço para enumerar todas as nossas objeções à nova teoria. Mencionaremos apenas mais uma. O leitor ficará impressionado com a singularidade que o autor apresenta na afirmação que muitas realizações ocorreram no mundo invisível para os habitantes da terra. Ele também presume que muitos dos eventos

mais surpreendentes foram realizados aos olhos dos homens, sem deixar vestígios históricos dos fatos.

Se algo é claramente predito quanto ao segundo advento de Cristo, é a sua visibilidade, não a alguns, mas a todos, e que deve estar nas nuvens do céu da mesma maneira em que Ele ascendeu. Russell está lidando com Atos 1:11 em uma única página e com Ap. 1:7 em meia página, dificilmente é creditável a ele. É pedir muito que acreditemos que tudo o que é dito sobre a ressurreição dos mortos ocorreu na destruição de Jerusalém no mundo invisível, que Cristo era realmente visível nas nuvens naquela época e que Pedro e Tiago foram as duas testemunhas de Ap. 11, e que eles ressuscitaram dos mortos e subiram ao céu aos olhos dos habitantes de Jerusalém. Este último transcende a fábula da Ascensão da Virgem Maria, pois o primeiro nos pede que acreditemos que os eventos mais estupendos de toda profecia foram realmente cumpridos sem deixar o menor vestígio na história da humanidade, e isso meramente porque eles foram preditos por Jesus e Seus apóstolos; e nosso autor afirma que eles devem ter sido cumpridos junto com os outros eventos, ou Jesus estava enganado. Dificilmente pode ser que a Igreja Cristã acredite por tantos séculos na vinda de Cristo para julgar o mundo e na ressurreição dos mortos naquele momento, quando esses dois maiores eventos já foram cumpridos.

Não obstante esses grandes defeitos no livro, que são causados pela persistente adesão à nova teoria e pela disposição de montá-la como um hobby por todo o Novo Testamento, a exegese como um todo, especialmente nos Evangelhos e no Apocalipse, é extremamente credível. Afinal, a nova teoria não é pior do que muitas outras propostas. E, em minha opinião, não é mais desagradável do que a teoria pré-milenarista, que fascina tantos homens excelentes e que faz travessuras em todo o sistema da doutrina cristã, para a qual a nova teoria são os antípodas. Nós apreendemos que a Igreja Cristã rejeitará ambos, e aderirá à sua fé no Segundo Advento, conforme estabelecido nas Sagradas Escrituras e nos símbolos da Igreja".

RÉPLICA PELO AUTOR, REV. JS RUSSELL, MA

"Aproveito a permissão cortês do Editor da The Congregational Review, para fazer algumas observações sobre a crítica anterior do meu amigo Dr. Briggs. Agradeço sinceramente a ele por colocar suas objeções em uma forma tangível, e atribui um valor muito alto a seu julgamento para desconsiderar os argumentos fortemente sentidos e expressos, e que merecem, como receberam, minha consideração séria.

1. Devo negar ter qualquer "teoria" para apoiar. Minha única preocupação tem sido descobrir "O que diz as Escrituras?" Nunca forcei conscientemente uma passagem ou evitei uma dificuldade. O que é chamado "a nova teoria" é simplesmente o esquema da verdade divina que evolui da Palavra de Deus fiel e honestamente interpretada.

Não posso admitir que a profecia de Malaquias seja uma base inadequada para a consideração da profecia do Novo Testamento. Parece-me o ponto de partida natural e necessário. De fato, as primeiras palavras da profecia do Novo Testamento nos remetem às últimas palavras do Antigo. A mensagem de João Batista é a retomada da mensagem de Malaquias. O clamor da "ira vindoura" é o eco dos avisos de Malaquias. Ao fazer da profecia de Malaquias o ponto de partida de minha investigação, simplesmente tomo a cadeia de profecias em seu último elo no Antigo Testamento, como era meu desejo; nem posso admitir que a profecia de Malaquias seja "isolada" ou inconsistente com "toda a varredura da profecia do Antigo Testamento". Compare-o, por exemplo, com a terrível cominação de Moisés em Dt. 28. A excursão pelo "reino dos céus" ("The Parousia", Apêndice da Parte II.) É uma resposta suficiente à acusação de negligenciar o escopo da profecia do Antigo Testamento.

2. O Dr. Briggs encontra falhas na minha negligência com os apocalipses judaicos. Prefiro levar crédito por isso. Não nego que alguns deles sejam muito curiosos, mas são pura fábulas e ficções como São Paulo dissuade Timóteo a prestar atenção. Prefiro não chamar essas testemunhas. Briggs desaprova que a palavra eggus seja sempre usada como "próximo". Este é um ponto da maior importância, e apelo à consciência gramatical de todos os estudiosos pelo seu veredicto. A palavra ocorre trinta vezes no Novo Testamento, e em todos os casos, como creio, refere-se ao que está próximo em relação a tempo ou lugar. Mas eggus não é a única palavra usada para expressar a proximidade da Parousia. É afirmado em múltiplas formas e frases. Nosso Senhor diz: "Saiba que está próximo (eggus), mesmo às portas". Muitos intérpretes adotaram a perigosa teoria de que os profetas não têm noção do elemento do tempo; que eles vêem todos os objetos, no mesmo plano, em uma espécie de perspectiva chinesa. É verdade que o profeta freqüentemente fala do futuro como se estivesse presente; mas quando temos afirmações frequentes, distintas e reiteradas de um evento como "próximo", às portas, para ocorrer durante a vida das pessoas presentes, para ser esperadas e observadas por eles, pergunto como é possível desconsidere tais notas expressas e constantes do tempo. Se o Novo Testamento não ensina a ocorrência da "Parousia" como um evento que certamente ocorrerá dentro dos limites da geração então existente, parece que estamos absolutamente calados com o dilema que o Dr. Briggs deprecia.

4. Na quarta objeção, o Dr. Briggs parece negar a continuidade e a unidade da profecia de nosso Senhor no Monte das Oliveiras, pela qual afirmo. Ele supõe que nosso Senhor comece com a destruição de Jerusalém e termine com a destruição do mundo. No entanto, ele admite que genea se refere à "geração contemporânea de Jesus"; isso significa "a conclusão dos tempos"; que muitas vezes é restrita à terra de Israel, e que "todas as nações" é ocasionalmente usada para denotar "todas as tribos de Israel ". Essas são concessões muito importantes, pois são inegavelmente verdadeiras. Se o Dr. Briggs

estudar o uso das palavras etnos e ge em Lucas 21:20-36 e perceber como os termos são delimitados pelos limites expressos de tempo no verso 32, acho que ele se sentirá constrangido em admitir que o discurso escatológico de nosso Senhor é uma profecia contínua e conectada de eventos que deveriam ser cumpridos antes da morte da geração então existente.

5. Na sua quinta objeção, o Dr. Briggs alega que a visão da Parousia no Evangelho de João difere da visão dos Sinoptistas. Ele parece sugerir (se eu o entendi corretamente) que o advento de Cristo segundo João é uma vinda espiritual e subjetiva; e que essa é "uma característica notável do Quarto Evangelho". Não posso admitir isso. A Parousia dos Sinoptistas é a Parousia de São João. Mas quando nosso Senhor diz: "Se um homem me ama, ele guardará as minhas palavras; e meu pai o amará, e nós iremos a ele e faremos nossa morada com ele" (João 14:23) falando da Parousia. Mas quando Ele diz: "Eu vou preparar um lugar para você. E se eu for e preparar um lugar para você, voltarei novamente e o receberei para Mim", etc. Ele está falando da Parousia. Seria uma estranha confusão de pensamento representar a habitação Divina no coração do crente, e o advento de Cristo em glória no final do filho, como uma e a mesma coisa.

6. A última objeção feita pelo Dr. Briggs é uma cuja força nunca ocultei de mim mesmo. A ausência de "verificação histórica" deve parecer para muitas dificuldades sérias, se não intransponíveis. Sei que estou "pedindo muito" quando peço aos homens que acreditem no cumprimento das profecias que ocorreram na região do invisível. Mas, afinal, não sou eu quem faz essa demanda. Atrevo-me a afirmar que é feito pela mais alta de todas as autoridades. Esforcei-me para mostrar que tudo o que era previsto e capaz de verificação histórica foi amplamente verificado pontualmente; mas meu argumento é que uma certa porção da mesma previsão, apoiada na mesma autoridade, não é, na natureza das coisas, capaz de verificação histórica. Penso que não é razoável argumentar que o cumprimento real de nove décimos da profecia é uma garantia para o cumprimento do décimo

que não se enquadra na esfera da observação humana. Eu posso conceber isso, e posso acreditar no terreno que, para o Dr. Briggs, parece tão absurdo - ou seja, "apenas no fato de que essas coisas foram preditas por Jesus e Seus apóstolos". O ilustre Herder diz: "É obviamente razoável que a verdade apurada de uma profecia proferida por nosso Salvador seja fortemente conclusiva da verdade de outra". Há casos em que uma confiança generosa é mais razoável e mais cristã do que uma incredulidade suspeita; casos em que a linguagem de nosso Senhor ao discípulo em dúvida é apropriada - "Bem-aventurados os que não viram e ainda creram". Este, em minha opinião, é preeminentemente um caso em questão; e, depois de todas as críticas e perguntas que a descrença pode sugerir, arrisco-me humildemente, mas com confiança, repetir o ditado que satisfez os escrúpulos dos discípulos hesitantes da antiguidade - Ipse Dixit". (A revisão congregacional, Volume 2, Parte 1, Página 143)

POSFÁCIO R. C. SPROUL

Se Immanuel Kant foi "despertado do sono dogmático" pelo ceticismo empírico de David Hume, meu devaneio teológico nos braços de Morfeu foi brutalmente comovido ao ler The Parousia, de J. Stuart Russell. Poucos livros me forçaram a repensar idéias ou desafiaram minhas suposições tanto quanto este. Fui educado em um ambiente que havia sido capturado por visões mais críticas das Escrituras sagradas. As teorias bultmannianas e pós-bultmannianas dominaram a cena. Essas teorias atribuíram grande parte do Novo Testamento a redatores (editores) que haviam interferido sua "fé pascal" de volta à situação da vida de Jesus de Nazaré. Os milagres de Cristo e de seus apóstolos foram reduzidos a mitos expressos em uma "forma" distintiva, e as profecias futuras foram consideradas exercícios em vaticina ex eventu.

Os críticos mais altos pareciam imaginar que, através das críticas de redação, podiam assistir a grama crescer a uma distância de quase

dois mil anos. Eles atribuíram datas posteriores à redação ou compilação de livros do Novo Testamento, e teorias especulativas, muitas vezes dirigidas por pressupostos hegelianos ou existenciais, foram aceitas como "resultados garantidos", com pouca ou nenhuma verificação empírica. O relato evangélico da vida e obra de Cristo foi arrancado da arena da história e atribuído a uma terra supratemporal, que ocasionalmente cruzava o reino do espaço e do tempo. Os críticos chamavam isso de "momento existencial pontual" que ocorre no hic et nunc, um evento vertical que não pode ser localizado em uma estrutura da história real. Foi-se a ideia do Novo Testamento de "plenitude do tempo" ou o desenrolar progressivo da redenção ao longo de séculos de preparação profética. A redenção foi separada da história, à medida que a história se tornou não apenas distinguida da fé, mas separada dela. Nas várias buscas do "Jesus histórico", o resultado final foi que a descoberta do Jesus "real" não é possível nem desejável.

Da mesma forma, Bultmann e seus seguidores abandonaram a hermenêutica clássica com vingança. Bultmann desafiou a exegese gramatical-histórica por sua doutrina de vorverstandis. Para que as pessoas modernas obtenham qualquer verdade significativa do Novo Testamento, devem abordá-la com um "entendimento prévio" obtido da filosofia do século XX, mais importante ainda da filosofia de Martin Heidegger.

Em tudo isso, a Bíblia não era mais considerada "história", mas história redentora. Deixou para estudiosos como Oscar Cullmann e Herman Ridderbos argumentar que, embora o tema da Bíblia seja redenção e a história bíblica seja redentora, em vez de história secular, a Bíblia é, no entanto, redentora. O caráter histórico do conteúdo bíblico era uma questão dominante já no século XIX. O ataque à integridade da Bíblia já havia começado a sério. Na virada do século XX, Abraham Kuyper lamentou: "A crítica bíblica se tornou vandalismo bíblico".

Central para a crise da integridade bíblica e, portanto, da autoridade bíblica, estava o conteúdo escatológico do Novo Testamento. A dobradiça em que tantas coisas se voltaram foram as declarações proféticas do Novo Testamento a respeito da parousia de Cristo. Perguntas sobre as expectativas do Novo Testamento sobre o retorno de Cristo levaram Schweitzer e outros a desenvolver o conceito de "atraso da parousia". Isso envolveu um adiamento em escritos apostólicos posteriores para acomodar essa "escatologia não realizada" ou a remessa de escatologia a um reino supratemporal, completamente removido da história.

Das muitas passagens do Novo Testamento que tratam da futura vinda de Cristo, nenhuma é mais importante que seu próprio discurso das Oliveiras. Esse discurso é irônico. Por um lado, fornece o exemplo mais claro de profecia preditiva que aconteceu com uma precisão espantosa. Por outro lado, inclui elementos preditivos cujo cumprimento continua sendo um dos aspectos mais enigmáticos e controversos da profecia do Novo Testamento.

Nesse discurso, Jesus prediz a destruição do templo, a destruição de Jerusalém e a dispersão dos judeus, tudo isso ocorrido em 70 dC. A estranha precisão dessas previsões é embaraçosa para os críticos mais elevados, cujo viés anti-sobrenatural alimenta sua propensão. por tratar o cumprimento da profecia como um exemplo de vaticina ex eventu. Argumentar que as profecias de Jesus sobre esses eventos são o resultado de redações feitas depois de 70 d.C. é cometer suicídio intelectual e histórico-crítico.

O conteúdo do discurso do Monte das Oliveiras, no entanto, tem sido o centro, não da aceitação crítica da profecia preditiva, mas de sua rejeição. Nesse mesmo discurso, Jesus fala enfaticamente de sua própria parousia (vinda). Embora os críticos admitam que a profecia de Jesus sobre a destruição de Jerusalém estava correta, eles insistem

que suas previsões ao mesmo tempo, no mesmo contexto e na mesma referência de prazo, de sua parousia, estavam incorretas.

Isso representa um problema maior para aqueles com uma visão elevada das Escrituras e de Jesus. Um erro na previsão de Jesus sobre sua parousia seria fatal para o cristianismo histórico. Estudiosos conservadores têm procurado resolver esse dilema, separando a destruição de Jerusalém da parusia de Jesus. A visão conservadora padrão é que parte do Discurso do Monte das Oliveiras foi cumprida em 70 d.C. e que a outra ainda não foi cumprida. A controvérsia em torno do discurso do Monte das Oliveiras concentra-se em suas referências de prazos. O que Jesus quis dizer quando disse: "Esta geração não passará até que todas essas coisas sejam cumpridas?" Qual é o período de tempo desta "geração" e qual é o conteúdo de "todas essas coisas"? O trabalho de Russell é valioso principalmente por sua análise das referências de tempo da profecia do Novo Testamento e por sua compreensão da principal referência à Parousia. Quais são os "últimos dias" do Novo Testamento? A visão de Russell sobre esses assuntos é chamada de visão preterista, que é que a maior parte da profecia do Novo Testamento já passou. É uma versão da escatologia realizada.

Estou convencido de que, em geral, Russell está essencialmente correto. Não apoio totalmente o trabalho dele porque acho que ele vai longe demais, assim como o "preterismo total". Como o próprio Russell reconhece, resta uma esperança abençoada para o povo de Deus. O livro de Russell me forçou a levar os eventos que cercam a destruição de Jerusalém muito mais a sério do que antes, a abrir meus olhos para o significado radical desse evento na história redentora. Ela justifica a esperança apostólica e a previsão da chegada imediata de nosso Senhor ao julgamento. Meus pontos de vista sobre esses assuntos permanecem em transição, como expliquei nos Últimos Dias, de acordo com Jesus. Mas, para mim, uma coisa é certa: nunca mais posso ler o Novo Testamento da mesma maneira que antes de ler The Parousia. Espero melhores estudiosos do que continuarei

analisando e avaliando o conteúdo do importante trabalho de J. Stuart Russell. (R. C. Sproul Orlando, Flórida)

POSFÁCIO DO TRADUTOR[404]

É muito desejável que estudiosos e teólogos cristãos devam reconsiderar completamente o campo da "Escatologia". As opiniões atuais sobre as "últimas coisas" são artificiais, e marcados por inconsistências evidentes e autocontradições visíveis. Este livro é um humilde apelo a todos os que se preocupam com as Escrituras e estão dispostos a reconsiderar toda a questão da Segunda Vinda do Senhor. É razoável que uma rejeição imediata possa surgir entre cristão e ainda mais estudantes e professores de escatologia que estão tendo o seu primeiro contato com as conclusões que o Russell chegou em relação ao arrebatamento e a ressurreição ter ocorrido em 70 dC; mas é fundamental saber que quatro outros estudiosos dentro de uma geração de Russell também ensinaram a ideia de um arrebatamento literal em 70 dC (Milton S. Terry, E. Hampden-Cook, Richard Weymouth e William S. Urmy). Existem pequenas diferenças na forma como cada um desses homens o descreveu, mas todos concordaram que houve uma remoção de alguns cristãos verdadeiros em conexão com o retorno de Cristo em 70 dC. Defensores modernos de um arrebatamento literal em 70 dC (como Garrett Brown, Walt Hibbard, Arthur Melanson, Ian Harding, Ed Stevens e outros) afirmam que todos os verdadeiros cristãos (e nada mais que os verdadeiros cristãos) vivos na época da destruição de Jerusalém foram "arrebatados" para estar com Cristo no reino espiritual. Russell sugeriu que apenas alguns cristãos foram arrebatados - um "arrebatamento parcial" com os que dormiam enquanto os cristãos desatentos foram deixados na terra. Mas pela forte crítica de Jesus a esse grupo em Mateus 25 (e no livro do Apocalipse) é possível que os "adormecidos" ou "desatentos" não eram verdadeiros cristãos. A tribulação e apostasia eliminaram os insinceros. Na época do

[404] Esse posfácio foi baseado no prefácio de Ed Estevens a The Parousia.

arrebatamento, os únicos vigilantes, despertos e "dignos" eram os verdadeiros cristãos. Haveriam poucos (se houver) "meros cristãos professos". Portanto, em ambos os pontos de vista, o grupo de santos realmente arrebatado é basicamente o mesmo, quer o vejamos apenas como cristãos vigilantes, ou apenas como verdadeiros cristãos.

Os argumentos que todos usamos para estabelecer a necessidade de um arrebatamento literal em 70 dC são exatamente os mesmos. Os argumentos mais fortes são as "declarações de expectativa" bíblicas. A Escritura sozinha é o nosso padrão, não a escritura mais história, tradição ou qualquer outra coisa. O único material autorizado que podemos usar para tomar qualquer decisão final sobre o que aconteceu ou não no ano 70 dC é a Bíblia. Se as escrituras disserem que a Parousia ocorreu em 70 dC, isso deve ser o suficiente. Não devemos ter que ser convencidos pela história ou quaisquer argumentos externos. Se o texto da escritura diz que algo vai ocorrer dentro de um certo período de tempo, então somos obrigados a acreditar, independentemente de podermos encontrar suporte histórico ou tradição externa para isso, e independentemente de nossa credulidade ser esticada ao extremo. O mesmo aconteceu no campo da arqueologia em relação aos hititas e Dario, o medo. A Bíblia era a única evidência que tínhamos da existência dessas pessoas por muito tempo, mas isso não fez os defensores da sola scriptura duvidarem da veracidade da Bíblia.

Portanto, para os crentes sinceros, a questão se resume a isto:

Os escritores do NT acreditaram, ensinaram e esperaram ver, ouvir e experimentar a Parousia? Eles esperavam experimentar a Parousia de alguma forma consciente? Eles esperavam "saber" o que ocorreria com eles na Parousia? Eles esperavam que acontecesse algo no reino invisível, sem estarem conscientes disso de forma alguma? São essas "declarações de expectativa" bíblicas que também precisam ser examinadas, não apenas as "declarações de tempo".

Nós, preteristas, pressionamos os futuristas com as "declarações de tempo", e com razão, porque são argumentos de "sola scriptura". São declarações bíblicas que precisam ser tratadas, da mesma forma deve ser como as "declarações de expectativa". O que as "declarações de tempo" fazem para o preterismo em geral, as "declarações de expectativa" fazem para a visão do arrebatamento em particular. As declarações de tempo determinam o "tempo" da Parousia e seus eventos relacionados, enquanto as declarações de expectativa revelam o conteúdo e a "natureza" desses eventos na experiência da Igreja. As "declarações de tempo" nos forçam a acreditar que isso deve ter ocorrido, independentemente da falta de confirmação histórica. Mesmo que não possamos encontrar provas históricas externas para um arrebatamento literal em 70 dC, isso não invalida a afirmação da Bíblia sobre isso. Nossa preocupação é simplesmente: "O que a Escritura realmente ensina?" Não podemos ser acusados de ensinar um arrebatamento com base somente em "argumentos de silêncio" histórico. Não tão somente! A Escritura é a força motriz. As declarações de expectativa são argumentos bíblicos, assim como as declarações de tempo. As declarações de tempo ajudam a estabelecer o tempo de cumprimento, enquanto as declarações de expectativa ajudam a determinar a natureza do cumprimento. Ao estudar a seguinte lista de passagens bíblicas, encontre as respostas para essas duas perguntas: (1) O que Jesus diz que realmente será visto e experimentado por Seus santos na Parousia? (2) O que os escritores do NT e cristãos pré-70 dC indicam que eles esperavam realmente ver e experimentar na Parousia? (Mt. 16:27-28; 19:28; 24:31; João 14:2-3; 1 Co. 15:51-54; 2 Co. 5:1-4; Fp. 3:20-21; 1 Ts. 4:15-17; 2 Ts. 1:6-10; 2:1; e 1 João 3:2). Esses textos mostram claramente o que a Igreja do primeiro século esperava experimentar na Parousia.

Paulo disse que quando Cristo viesse para lançar Seus inimigos "longe de Sua presença" e reunir Seus santos (2 Ts. 1:6-2:1), os santos "se maravilhariam com Ele" em Sua presença e na presença de todos os que creram, e Cristo seria glorificado por sua presença coletiva com Ele "naquele dia". Isso não soa como uma ocasião muito

silenciosa para mim. Eles falharam em "reconhecer o tempo de Sua visitação" e permaneceram em silêncio (como se não tivesse ocorrido)? Eles deveriam estar celebrando e proclamando o cumprimento de Sua Parousia (se ainda estivessem por aí). Há um silêncio estranho aqui quando eles disseram que estariam maravilhados com Cristo em Sua presença. Seu silêncio não corresponde às suas expectativas, a menos que estivessem fazendo essas coisas no reino celestial (não mais na cena terrestre).

Se todos os cristãos vivos permaneceram na terra depois de 70 dC, por que alguns daqueles que viram esses eventos incríveis em 70 dC não disseram algo sobre isso? Por que o silêncio, se eles ainda estavam por perto? Russell e os outros quatro estudiosos mencionados acima propuseram que um arrebatamento literal explica esse estranho silêncio. O silêncio não é um argumento significativo por si só. Mas, como Sherlock Holmes concordaria no caso do cachorro que não latiu quando um suposto forasteiro entrou, às vezes o silêncio é significativo, especialmente quando as circunstâncias nos forçam a esperar o contrário. As expectativas exigem nossa atenção mesmo no caso de silêncio, se a Bíblia nos ensina claramente a esperar algo diferente do silêncio.

Russell ficou desconfortável com as visões tradicionais do Milênio. Ele também considerou que uma visão de milênio que termine em 70 dC "tão violenta e não natural que não podemos hesitar em rejeitá-la" (o preterismo completo propõe um milênio de 40 anos entre 30-70 dC, que segundo Russell não devemos hesitar em rejeitar). Ele sugeriu então que o milênio começou em 70 dC com a "primeira" ressurreição (apenas para justos) e o julgamento que ainda está em curso na história e se movendo em direção a uma ressurreição final ainda futura e o julgamento do restante dos mortos (os ímpios apenas). Ele conclui que o Milênio foi "introduzido entre parênteses" como uma exceção aos limites de tempo de 70 dC do resto do livro. Russell coloca um flashback de 70 dC no final do Milênio (Apocalipse 20:10), de modo que o julgamento do trono branco em

Apocalipse 20:11-15 ocorre em 70 dC. A interpretação do milênio de Russell merece consideração cuidadosa. Ele reconheceu que seu entendimento pode não ser perfeito e manteve a esperança de que as gerações futuras "em breve corrigirão o que se provou ser errado e confirmarão o que se mostrou correto".

Concluindo, devo repetir o quão impressionado estou com o trabalho exegético de Russell aqui. Muitos milhares de estudantes da Bíblia em todo o mundo foram, e continuarão a ser, abençoados por este livro. Disponibilizamos esta grande obra com forte incentivo para considerar séria e objetivamente tudo o que ele tem a dizer, e "pesquisar as Escrituras diariamente para ver se essas coisas são assim". (Atos 17:11)

LEITURA COMPLEMENTAR ADICIONAL

Gostaríamos, com toda a sinceridade, de assegurar a todos os leitores cujas mentes possam estar preocupados com as doutrinas "das últimas coisas" que, com consideração e calma, eles encontrarão as opiniões aqui apresentadas não apenas mais distintamente escriturístico, mas mais útil para a vida cristã e mais reconfortante em vista da morte e do além. Uma coisa que afirmamos estar além de toda a questão, é que nosso método torna a Bíblia um livro mais luminoso e útil, e muitas passagens que antes pareciam confusas, contraditórias ou mesmo sem sentido, deixam de ser perplexo e tornam-se radiante com um significado satisfatório. Por isso recomendamos "Uma pesquisa do ensino do Novo Testamento sobre a Vinda de Cristo em seu reino, a ressurreição e o julgamento dos vivos e mortos" no blog:
https://arquivopreterista.blogspot.com/2020/09/uma-pesquisa-do-ensino-do-novo.html

Que a bênção divina conduza cada leitor ao conhecimento da verdade.

RELAÇÕES IGREJA-ESTADO NO LIVRO DO APOCALIPSE

As Escrituras devem ter permissão para falar por si mesmas - uma liberdade que muitos não concederão. [405] Por trás de todos os símbolos encontrados no livro do Apocalipse da Bíblia, há uma luta pelo controle entre a Igreja Cristã e o governo civil. O grande inimigo do livro do Apocalipse - MISTÉRIO BABILÔNIA - representa, em particular, esse tipo de opressão espiritual encontrada quando instituições civis e religiosas se unem para exigir autoridade sobre a expressão religiosa.[406] As visões que o apóstolo João registrou em seu livro apocalíptico finalmente mostram que Jesus Cristo e Seu povo são vitoriosos contra esses poderes combinados de igreja apóstata e estado.[407]

---

[405] James Stuart Russell, The Parousia: Uma Investigação Crítica da Doutrina do Novo Testamento da Segunda Vinda de Nosso Senhor (Londres: Daldy, Isbister & Co., 1878) , 172

[406] E veio um dos sete anjos que tinham as sete taças, e falou comigo, dizendo-me: Vem, mostrar-te-ei a condenação da grande prostituta que está assentada sobre muitas águas; Com a qual fornicaram os reis da terra; e os que habitam na terra se embebedaram com o vinho da sua fornicação. E levou-me em espírito a um deserto, e vi uma mulher assentada sobre uma besta de cor de escarlata, que estava cheia de nomes de blasfêmia, e tinha sete cabeças e dez chifres. E a mulher estava vestida de púrpura e de escarlata, e adornada com ouro, e pedras preciosas e pérolas; e tinha na sua mão um cálice de ouro cheio das abominações e da imundícia da sua fornicação; E na sua testa estava escrito o nome: Mistério, a grande babilônia, a mãe das prostituições e abominações da terra. E vi que a mulher estava embriagada do sangue dos santos, e do sangue das testemunhas de Jesus. E, vendo-a eu, maravilhei-me com grande admiração". (Apocalipse 17:1-6)

[407] "E lançaram pó sobre as suas cabeças, e clamaram, chorando, e lamentando, e dizendo: Ai, ai daquela grande cidade! na qual todos os que tinham naus no mar se enriqueceram em razão da sua opulência; porque numa hora foi assolada. Alegra-te sobre ela, ó céu, e vós, santos apóstolos e profetas; porque já Deus julgou a vossa causa quanto a ela". (Apocalipse 18:19, 20)

Existem muitas opiniões diferentes sobre exatamente qual período da história é contemplado pelas visões de João, mas poucos negam o foco do Apocalipse na luta civil e religiosa enfrentada por Jesus Cristo e Sua igreja.

A visão atual do cristianismo sobre o estabelecimento é que as visões apocalípticas de João são descritivas dessa geração - ou que não estão muito distantes no futuro.[408] De fato, essa perspectiva do cumprimento contemporâneo das "últimas coisas" da profecia bíblica é endossada por quase todas as principais organizações de igrejas de hoje - como tem sido as das dez gerações anteriores . Independentemente disso, sempre houve dissidentes nessa visão estabelecida.[409] Ao longo dos séculos, muitos pregadores e autores cristãos capazes esticaram os limites aceitos de crenças a respeito da profecia bíblica. Um desses dissidentes foi James Stuart Russell, da Aliança Evangélica.[410]

---

[408] "Em 1970, Hal Lindsey publicou "The Late, Great Planet Earth", que foi adquirido pela Bantam Books em 1973 e vendeu 7 milhões de cópias até o final da década. Em 1979, Orson Welles emprestou sua voz profunda para narrar a versão cinematográfica do livro. De repente, uma grande audiência foi levada a acreditar que a integração européia, o estabelecimento do Estado de Israel e o conflito no Oriente Médio estavam se desenrolando como cumprimento das profecias do fim dos tempos embutidas na Bíblia. O interesse por temas apocalípticos acelerou na década de 1990 e no início dos anos 2000, quando, ao longo de 12 anos (1995-2007), apareceram os 16 volumes da série "Left Behind", pretendendo contar a história dos últimos dias - de a ascensão do anticristo, através da batalha do armagedom, concluindo no retorno triunfal de Jesus Cristo. Como Bons contadores de histórias, Tim La Haye e Jerry Jenkins, os autores da série, venderam 65 milhões de cópias. Filmes e até videogames foram desmembrados dessa franquia de sucesso. " (Charles J. Reid, "Against Apocalypticism", no The Huffington Post, 10 de janeiro de 2013)

[409] Ver David Brady, (Tübingen Mohr, 1983) A contribuição dos escritores britânicos entre 1560 e 1830 para a Interpretação do Apocalipse 13:16-18 : (o número da besta): um estudo na história da exegese.

[410] Arquivo de estudo de James Stuart Russell, http://www.preteristarchive.com/StudyArchive/r/russell_james-stuart.html

I. RELAÇÕES ENTRE IGREJA E ESTADO NO PRIMEIRO SÉCULO

Enquanto pastoreava uma congregação da Igreja Dissidente durante a Era Vitoriana da Inglaterra, o Rev. JS Russell escreveu um livro altamente controverso que surgiu diante do establishment sobre o assunto da profecia bíblica. Em seu livro The Parousia: A Critical Inquiry in the New Testament Doutrine of Second Lord Coming,[411] O Rev. Russell engajou seu amplo público leitor com novas idéias sobre dificuldades antigas. No processo, ele libertou o Livro do Apocalipse de séculos de tirania eclesiástica e política.[412]

Russell explicou que as imagens do livro do Apocalipse apontam não para os seus dias, mas para batalhas travadas há muito tempo na Palestina durante o primeiro século - em particular, a guerra civil e religiosa entre a primeira geração de cristãos e os poderes combinados de Israel e Roma. Por causa de sua abordagem bem-sucedida, uma grande reforma chegou para o estudo da profecia bíblica. Somente o início de duas guerras mundiais interrompeu o movimento gerado por seu livro.[413]

---

[411] The Parousia foi originalmente publicado em 1878. Uma segunda edição foi publicada em 1887. Desde que Walt Hibbard lançou a republicação de Baker Books de The Parousia em 1983, o livro foi apresentado novamente inúmeras vezes. Cada nova edição foi oferecida para alcançar um novo público com a ideia de Russell.

[412] "Quantas vezes você lutou com a interpretação de certos textos bíblicos relacionados ao tempo do retorno de Jesus, porque eles não se encaixavam em um sistema pré-concebido de escatologia? A Parousia de Russell leva a Bíblia a sério quando nos fala da proximidade do retorno de Cristo. Aqueles que afirmam interpretar a Bíblia literalmente tropeçam no significado óbvio desses textos do tempo, fazendo com que as Escrituras signifiquem o oposto do que ela inequivocamente declara. Ler Russell é uma lufada de ar fresco em uma sala cheia de fumaça e hermenêutica espelhada". (Gary DeMar, The Parousia , Baker Publishing Group, 1999), citado na capa.

[413] "Por uma geração, pouco antes e depois da Segunda Guerra Mundial, era comum ouvir falar de um consenso neo-ortodoxo em teologia, substituindo o consenso liberal que reinava nas vésperas da Primeira Guerra Mundial."

Colocar os elementos-chave do livro do Apocalipse em um contexto do primeiro século tirou uma série de conclusões surpreendentes. Talvez nenhuma dessas conclusões tenha sido tão controversa quanto a "segunda vinda" de Jesus Cristo ter ocorrido nos eventos que cercaram a queda de Jerusalém em 70 dC.[414] Com a derrubada dos regimes opressivos e assassinos em Jerusalém e Roma, Russell ensinou Jesus encontrou plena vindicação diante de seus inimigos. O fato de os cristãos terem sido libertados do holocausto em Jerusalém para a segurança de Pella (localizada na atual Jordânia) serviu para provar ainda mais a conclusão.[415]

Resumindo sua convicção, Russell escreveu:

"Nosso Senhor afirma a mesma rápida vinda de julgamento sobre a terra e o povo de Israel; e Ele ainda conecta esse julgamento com Sua vinda em glória - a Parousia. Este evento se destaca mais proeminentemente no Novo Testamento; para isso todo olho é direcionado, para isso todo mensageiro inspirado aponta. É representado como o núcleo e o centro de um aglomerado de grandes eventos; o fim dos tempos, ou o fim da economia judaica; a destruição da cidade e do templo de Jerusalém; o julgamento da nação culpada; a ressurreição dos mortos; a recompensa dos fiéis; a consumação do reino de Deus. Todas essas transações são declaradas coincidentes com a Parousia".[416]

(Robert M. Price, "Principais Questões Teológicas Antes da Grande Guerra", Mount Olive Review , 1988)

[414] Russell, The Parousia, 165-190

[415] "O tempo do processo judicial solene de Cristo contra os judeus foi o tempo em que Ele Se absolveu com honra a Seus adversários, e o escândalo e a reprovação de Sua morte foram eliminados. A abordagem de Seu julgamento geral encerrou a perseguição; e quando o piedosos foram providenciados em Pella, os incrédulos pereceram pela espada romana." (Russell, The Parousia , citando T. Manton), 294

[416] Russell, The Parousia, 538.539. Existe muito apoio histórico para esse pensamento. Considere Nosso Senhor predisse os eventos futuros aos

Ao apresentar as Escrituras sem restrições, Russell acreditava, as imagens do Livro do Apocalipse previam uma catástrofe maciça para Jerusalém do primeiro século e seu templo - isto é, tanto para o estado quanto para a igreja.

II RELAÇÕES ENTRE IGREJA E ESTADO NO SÉCULO XIX

"É instrutivo rastrear o crescimento e o desenvolvimento progressivo da ideia teocrática na história do povo judeu e observar como, ao perder seu significado político, torna-se cada vez mais moral e espiritual em seu caráter".[417]

O autor James Stuart Russell foi qualificado para comentar assuntos da Igreja. Durante o século 19, ele era o líder espiritual da luta pela liberdade cristã das restrições religiosas opressivas do governo britânico. Sua doutrina da liberdade espiritual insistia na independência completa da influência corrupta da Igreja da Inglaterra. Para atingir seu objetivo, ele enviou sua mensagem de um dos púlpitos mais visíveis no Império Britânico, o da Igreja Congregacional de Great Yarmouth.[418]

Aquela igreja em particular em Yarmouth era um símbolo da liberdade na Inglaterra. Há muito conhecido no reino como a "Mãe da Não Conformidade", os registros de Yarmouth mostram lutas que

---

apóstolos que estavam perguntando sobre a destruição do templo em Jerusalém e sobre o fim dos tempos, tanto quanto puderam receber. Essas coisas já aconteceram, no cerco de Vespasiano e Tito, aos judeus que mataram Cristo, assim como Josefo, o hebreu narra. "Leia também Demar e Gumerlock em A Igreja primitiva e o fim do mundo , American Vision, 2006 André de Cesaréia em Apocalipse 6:14b-17".

[417] Russell, A Parousia, 340

[418] JE Clowes, Crônicas da antiga Igreja Congregacional em Great Yarmouth, 1642 a 1858 (Great Yarmouth, [Inglaterra: J. Buckle, impressora], 1912)

datam do século 17. De fato, foi a partir desse ponto que os Padres Peregrinos partiram de seu continente nativo buscando liberdade de expressão em outro lugar. A liberdade que encontraram finalmente resultou na redação da Constituição dos Estados Unidos (sob a autoridade de "Nós, o Povo") e da Declaração de Direitos, a última das quais protegia a independência espiritual e civil em grande escala, a maior que o mundo já conheceu.[419]

O Rev. Russell viajou amplamente para espalhar a causa da liberdade. Após séculos de tirania, ele sentiu que era hora de absoluta liberdade do controle da doutrina cristã por parte da Igreja. Nesse drama histórico, ele teve um enorme sucesso. O arco do triunfo nessa causa é a Aliança Evangélica.

Em 1846, os cristãos do Império Britânico se reuniram - independentemente de qualquer igreja ou controle denominacional - para fortalecer os laços contra o estabelecimento opressivo da igreja, que rotineiramente prendia e assassinava cristãos dissidentes enquanto negava cidadania àqueles que se destacavam contra autoridade dominante. Em pouco tempo, o Conselho da Organização Britânica da Aliança Evangélica exerceu grande influência na Inglaterra, pressionando com êxito o Parlamento e a Família Real por assistência.

Em retrospecto, a história vê a fundação da Aliança Evangélica como o culminar de uma guerra de mil anos na Inglaterra sobre a questão da independência espiritual.[420] Presente na fundação desta organização, Russell serviu de todo o coração até sua aposentadoria, quarenta anos depois. [421] Durante esse período, os cristãos

[419] "A Constituição", http://www.whitehouse.gov/our-government/the-constitution

[420] James Sieveright, A Aliança Evangélica, a Incorporação do Espírito da Cristandade (p. 55. 130, Edimburgo: M. Macphael, 1847)

[421] JS Russell, "Comentários sobre o 40º aniversário da Aliança Evangélica". (Cristandade Evangélica , Vol. 41, 1887), 314

desfrutaram de uma liberdade de consciência e expressão nunca antes mantida pelos ingleses.

Com a batalha vencida em casa, Russell usou a Aliança Evangélica para levar a reforma às nações exteriores. Ele proporcionou alívio durante a fome irlandesa, estabeleceu igrejas em países como Suíça e Alemanha e foi um dos fundadores do movimento escolar livre. Ele até refez os passos de seus antecessores em Yarmouth, levando pessoalmente a visão de independência da Aliança Evangélica às costas americanas.[422]

Somente quarenta anos depois de vencer a batalha pela liberdade religiosa, Russell se voltou para libertar o estudo da profecia bíblica. Durante o ano em que seu livro The Parousia foi publicado, James foi um dos membros mais ativos da sociedade cristã, servindo como secretário e capelão da Aliança Evangélica, além de encher púlpitos por toda a Inglaterra - pregando até cinco vezes por semana.[423]

Um ano após a publicação de The Parousia , o foco de Russell permaneceu na causa da liberdade:

"O Rev. JS Russell falou da formação e da história da Aliança Evangélica e exortou a importância do grande princípio da Aliança - a manifestação da unicidade da Igreja de Cristo. Ele acreditava que era impossível calcular a quantidade de bem que já havia sido alcançada nos grandes objetos da Aliança. Os esforços da sociedade em favor dos perseguidos por causa da consciência em vários países mostraram o poder da união cristã, representada na Aliança Evangélica".[424]

[422] "A Aliança Evangélica; sua história e obra, a convenção nesta cidade". The New York Times, (2 de outubro de 1873)
[423] "Cristandade Evangélica" (1878), 59, 157, 186, 216, 348, 374
[424] "Cristandade Evangélica" (1879), 95

A questão da liberdade religiosa e do domínio do establishment era tão forte na época em que ele escreveu que ele inicialmente publicou o livro anonimamente, para que sua reputação dissidente dissuadisse a aceitação da realização das profecias no primeiro século pelos membros da Igreja da Inglaterra. Deve-se ler The Parousia sob essa luz.

JUSTIFICATIVA DO APOIO À PAROUSIA APÓS O LANÇAMENTO

Tão controversa quanto a doutrina de The Parousia, houve, de tempos em tempos, escritores de instituições que sugeriam a mesma ideia controversa de realização profética. Afinal, o primeiro comentário preterista moderno conhecido ("realização passada") sobre o Livro do Apocalipse foi escrito por um padre jesuíta em 1614.[425] A aplicação do apocalipse de João no primeiro século, também é encontrada nos escritos de outros famosos teólogos, incluindo alguns compatriotas britânicos de Russell: John Lightfoot, Henry Hammond, Samuel Lee, George Stanhope, Herbert Thorndike, George Wilkins, Frederic William Farrar, Zachary Pearce, Beilby Porteus, Gregory Sharpe, e o bispo William Newcome, o último dos quais escreveu: "A destruição de Jerusalém por Tito é enfaticamente chamada de vinda de Cristo".[426] No entanto, nenhum

[425] Rev. Patris Ludovici ab Alcasar Hispalensis, Vestigatio Arcani Sensus em Apocalypsi (Antuérpia: Joannem Keerbergium, 1614). Tentando combater a teologia protestante que identificou o papa como o anticristo, a Sociedade Teológica Jesuíta espanhola divulgou comentários sobre o Apocalipse sob uma perspectiva preterista ("Alcasar") e uma perspectiva futurista (Ribera). A visão de Ribera de um futuro anticristo obteve supremacia sobre o historicismo protestante.

[426] "A distinção da primeira vinda de Cristo em carne, de sua segunda vinda para derrubar o estado judeu e de sua terceira vinda ao julgamento geral, é uma linguagem conveniente para os divinos: mas isso não ocorre expressamente nas Escrituras. A destruição de Jerusalém por Tito é enfaticamente chamada de vinda de Cristo: o espírito de profecia fala particularmente disso, porque a cidade e o templo foram destruídos e o estado

desses autores foi capaz de escrever sobre o assunto com a simplicidade e força de Russell.

Inúmeros outros sugeriram que João propositadamente escreveu seu livro apocalíptico como a pedra angular da revelação do Novo Testamento. Para muitos, a motivação de João na escrita e transmissão do livro era elevar os espíritos e as esperanças das igrejas perseguidas de seus dias.[427] Para estudantes de documentos antigos, esse método não é incomum. A maioria das cartas é escrita para destinatários contemporâneos. Além disso, esse método é a regra da "literatura apocalíptica" - focando nas lutas contemporâneas à luz da aproximação da vitória. [428] Para o apóstolo João, as maiores dificuldades foram suportadas pelos mensageiros de suas igrejas que estavam sofrendo sob a jurisdição anticristã do poder romano e judaico.

Este ponto demonstra por que a reação inicial dos estudiosos cristãos ao trabalho de Russell é tão importante. Os maiores especialistas em Bíblia do Império Britânico aceitaram a ortodoxia da

---

civil e eclesiástico dos judeus subvertido. Os judeus também sofreram grandes calamidades sob Adriano; mas não tão grandes quanto os de Vespasiano: e a desolação de Adriano não é particularmente predita. Mas acho que qualquer interposição de sinal em nome de sua igreja ou na destruição de seus inimigos pode ser metaforicamente chamada de vinda e parousia de Cristo". (William Newcombe, Observações sobre a conduta de nosso Senhor como instrutor divino, [Oxford: At The University Press, 1853 ed.]), Página 231

[427] Muitos trabalhos relacionados estão disponíveis em “Free Online Books”, http://www.preteristarchive.com/Books

[428] "Nenhum outro gênero da Bíblia foi lido com tanto fervor com resultados deprimentes como o apocaliptico, especialmente os livros de Daniel e Apocalipse. Esse gênero sofreu uma história desastrosa de má interpretação devido a um mal-entendido fundamental de suas formas e estrutura literárias. Devido à sua pretensão de revelar o que está para acontecer em breve, o apocalipse foi visto como um roteiro e um plano do futuro. A falha trágica nessa visão é a suposição de que o quadro de referência do livro é contemporâneo do leitor e não da autora". (A Enciclopédia da Literatura Cristã , 2010), 4

fé cristã de James Stuart Russell sem comentar o contrário. De fato, as reações literárias a The Parousia foram todas tão positivas que o livro recebeu elogios mesmo quando os críticos rejeitaram fortemente suas conclusões doutrinárias. Infelizmente, os críticos do livro hoje em dia não alcançam o nível de domínio dos detentores do século XIX.

Numerosas publicações denominacionais permaneceram na fila para recomendar The Parousia, incluindo The Sword and the Trowel,[429] United Presbyterian Magazine,[430] The British and Foreign Evangelical Review[431] e até o bastião dos relatórios de estado da igreja na Inglaterra, O Espectador:

"É com grande prazer que apresentamos este trabalho ao conhecimento de nossos leitores...Com muitos de seus princípios e sem um número desprezível de críticas, concordamos; de outros, enfaticamente discordamos. Muitas de suas posições são simplesmente surpreendentes... Prevemos que nossos leitores se perguntarão como podemos falar em forte elogio ao trabalho que contém posições tão incríveis. No entanto, nosso elogio é dado com toda sinceridade".[432]

O escritor desta resenha expressou-se em um grau ainda maior, declarando que o caso de Russell para a palavra grega aion ter sido traduzida como "idade", em oposição a "mundo" (como em "o fim do mundo "), era tão é forte que a Versão Revisada (ou a Versão Revisada em Inglês) da Bíblia foi levada a refletir a visão do autor anônimo - o que aconteceu![433]

[429] A Espada e a Espátula , (outubro de 1878), 553
[430] Revista Presbiteriana Unida , (1878), 424
[431] The British and Foreign Evangelical Review , (Volume 28, 1879), 804
[432] The Spectator (editores Joseph Addison; Richard Steele, senhor; Alexander Chalmers, volume 52, 14 de junho de 1879), 760
[433] "Mateus 24:3 - Versões da Bíblia" http://bible.cc/matthew/24-3.htm

De muitas outras maneiras, o trabalho espiritual de Russell surpreendentemente ajudou a relaxar o controle ditatorial do establishment civil-religioso. O renascimento do interesse por seus escritos no século XXI mostra seu impacto contínuo hoje - o que é bom, considerando que a liberdade está perpetuamente sob ataque.

III RELAÇÕES ENTRE IGREJA E ESTADO NO SÉCULO XXI

"De que lugar, então, o perigo deveria ser apreendido por uma liberdade de expressão muito grande?"[434]

De muitas maneiras, The Parousia lança as correntes de dezoito séculos de interpretação bíblica, refletida em mil anos de literatura inglesa. Comentando essa falta de exegese de qualidade (isto é, a interpretação da Bíblia), o autor Milton S. Terry escreveu:

"Durante o período que se estendeu de Gregório Magno até a época de Lutero (600 dC a 1500 dC), dificilmente se podia esperar que o verdadeiro espírito exegético se mantivesse ou produzisse obras de grande mérito. Os mosteiros tornaram-se os principais lugares de aprendizado, e os tesouros da literatura teológica gradualmente chegaram a eles, assim como a muitos asilos. A superstição e a ignorância impediram efetivamente o progresso da investigação crítica".[435]

Russell sentiu que, depois de séculos de opressão das escrituras no campo da profecia bíblica, era hora de absoluta liberdade de expressão. Tão bem-sucedido quanto o Rev. Russell foi no campo da liberdade religiosa no ministério público, ele foi igualmente bem-

[434] Russell, A Parousia , 181
[435] Milton S. Terry, Hermenêutica Bíblica: um Tratado sobre a Interpretação do Antigo e do Novo Testamento , (New York Phillips & Hunt; Cincinnati, Walden & Stowe, 1885.), 661

sucedido no campo da liberdade religiosa impressa. Seu arco de triunfo, neste caso, é The Parousia.[436]

A apresentação livre e clara das Escrituras em suas páginas dá ao Novo Testamento uma vida inteiramente nova. Livre das amarras da Igreja da Inglaterra, Russell aproveitou a oportunidade ao não esconder nada que o establishment religioso ocultara deliberadamente por um milênio.

Como a profecia bíblica tem sido incansavelmente apontada para longe da cultura do primeiro século da qual ela surgiu, muitos leitores se encontram em estados de choque teológico após digerirem sucessivas peças da perspectiva de Russell.

Tão natural como a revelação de acontecimentos contemporâneos pode ter sido para os destinatários originais do Apocalipse de João, tal clareza reuniu-se com uma forte resistência no século 21. Os líderes do establishment da igreja de hoje buscam métodos para se opor e reprimir aqueles que ensinam a relevância do primeiro século. Russell fez seu argumento tão bem, de fato, que aqueles que procuram proteger posições de poder passaram a desprezar tanto o livro The Parousia quanto a liberdade do Rev. Russell ao escrever o livro.

Como The Parousia permite que as páginas da Bíblia falem livre e radicalmente, os teólogos licenciados pelo governo se irritam com seu poder e tentaram impugnar o caráter do autor. Isto não deveria vir como surpresa. Talvez eles sentiram que tinham algo a perder,

[436] Aqui está uma citação representativa: "Eu acredito que o trabalho de Russell é um dos tratamentos mais importantes sobre escatologia bíblica disponíveis hoje para a igreja. As questões levantadas neste volume com relação às referências de tempo do Novo Testamento ao Parousia é de vital importância, não apenas para a escatologia, mas para o futuro debate sobre a credibilidade das Sagradas Escrituras". (Dr. RC Sproul, The Parousia, Baker Publishing Group, 1999), citado na capa.

permitindo que a discussão prosseguisse com total liberdade de expressão.[437] A editora moderna de CH Spurgeon's Works erradicou os comentários extremamente positivos do pregador sobre The Parousia e seu autor, censurando-o de todas as suas reproduções.[438]

Alguns optam por se opor à doutrina de The Parousia desafiando a ortodoxia cristã do autor.[439] Esta é uma "inovação" e está totalmente incorreta. É importante notar que nenhum dos colegas de Russell lançou uma única acusação de "heresia" contra o homem ou a seu livro. Essa acusação só foi implantada apenas recentemente. Embora alguns agora tentem pintar Russell como um pantelist ("todas as coisas cumpridas"), sua acusação é absurda e suprime

[437] "[Os] ensinamentos de Ken Gentry, Gary DeMar e outros preteristas parciais estão abrindo as portas para o hiper preterismo. A maioria das pessoas que foram cativadas pelos escritos de Hal Lindsey e Tim LaHaye passou por uma mudança de paradigma aceitando a estrutura preterista e rejeitando o futurismo dispensacional. Gentry e DeMar precisam explicar por que os dispensacionalistas estão errados ao afirmar que Mateus 24:30 e outras passagens estão falando sobre uma Segunda Vinda futura, mas os credos e confissões estão certos em falar sobre uma futura Segunda Vinda usando esses mesmos textos. O livro de Mathison realmente não faz nada para combater essa inércia profética exegética. Pessoas como Ken Gentry, adotando o preterismo e recomendando o livro de Russell, começaram uma grande bola de neve rolando ladeira abaixo e depois disseram: "Opa! Essa bola de neve não deve rolar mais". A inércia preterista é muito poderosa. É por isso que Mathison e seus colaboradores estão encontrando suas igrejas invadidas por preteristas. O livro de Mathison tenta contrariar esse movimento dizendo pouco mais do que ressaltar que nenhuma bola de neve chegou até o fim da montanha". (Kevin Craig [co-pastor de David Chilton], "Uma revisão de Keith A. Mathison, ed. Quando serão essas coisas? Uma resposta reformada ao hiperpreterismo"

[438] Publicações Peregrino, diretor Bob L. Ross. A versão completa e não editada da resenha de Charles Haddon Spurgeon pode ser encontrada aqui: http://www.preteristarchive.com/Books/russell_parousia_spurgeon.html . Lightfoot também é censurado: Um Comentário do Novo Testamento do Talmud e Hebraica . Daniel Lamont também era.

[439] A acusação de heresia é encontrada nas obras de C. Jonathan Seraiah, Keith Mathison, Gary North e Jim West, que escreveu que o livro de Russell deveria ser incendiado.

deliberadamente sua apresentação. Diz um escritor sobre a ameaça institucional representada por The Parousia:

"Ele inicialmente publicou seu livro anonimamente. Isso indica que ele reconheceu pelo menos alguns dos riscos pessoais ao propor uma tese que nega esse credo. A maioria de seus seguidores não estavam conscientes desses riscos. Eles se comprometeram emocional e intelectualmente a uma bomba-relógio. Russell fez subversão com a maioria de seus discípulos. À medida que a consciência se espalha entre os oficiais da igreja sobre a natureza perigosamente herética de sua teologia, apenas alguns de seus seguidores evitam a acusação de serem subversivos: os kamikazes de ataque frontal que estão dispostos a se tornar públicos em defesa de sua posição. Como leigos sem qualquer base institucional, eles podem ser tratados com bastante facilidade. Os subversivos nas igrejas são a principal ameaça".[440]

Apesar dessa retórica de pânico, James Stuart Russell não é pantelist. Por um lado, seus escritos se referem a blocos imensamente significativos de profecias bíblicas importantes não cumpridas em 70 dC, e uma quantidade ilimitada de profecias que podem ser cumpridas fora do quadro do "limite apocalíptico", que era o foco

[440] Gary North, A Doutrina do Dualismo da Eternidade do Mal: Uma Crítica ao Preterismo Herético" (2001). "Além disso, entendo bem por que ele se recusou a colocar seu nome na primeira edição de seu livro em 1878. Ele queria "testar as águas" antes de se identificar em público. Por que insistiu que seu livro fosse publicado anonimamente, da mesma forma que Karl Marx e Friedrich Engels publicaram O Manifesto do Partido Comunista em 1848. J. Stuart Russell apresentou seu livro com esta afirmação: "O trabalho é quase totalmente exegético; e não há tentativa de inventar ou estabelecer uma teoria, mas apenas pela interpretação honesta e fiel das Escrituras do Novo Testamento, para permitir que eles falem por si mesmas" (p. 1) Concluo com este aviso: sempre que alguém lhe disser que está apenas deixando os fatos falarem por si mesmos e que ele não tem agenda oculta ou teoria subjacente, recomendo fortemente que você mantenha a mão na carteira e as costas contra a parede.

principal de The Parousia.[441] Os eventos proféticos que aguardavam cumprimento após a destruição de Jerusalém incluem a totalidade do milênio, a soltura de Satanás e a consumação final de todas as coisas na "destruição da velha serpente"! Também incluída neste espectro de profecias não cumpridas está a ressurreição final. Exibindo franqueza total no que ainda não foi realizado no primeiro século, ele escreveu:

"É evidente que a previsão do que ocorrerá no final de mil anos não se enquadra no que ousamos chamar de "limites apocalípticos". Esses limites, como somos repetidamente advertidos no próprio livro, estão rigidamente confinados dentro de uma bússola muito estreita; as coisas mostradas são "em breve". Teria sido um abuso de linguagem dizer que os eventos à distância de mil anos aconteceriam em breve; somos, portanto, compelidos a considerar essa previsão como estando fora dos limites apocalípticos. Consequentemente, devemos considerar essa predição da soltura de Satanás e os eventos que se seguem, como ainda futuros e, portanto, não realizados".[442]

Russell também acreditava que o Evangelho estava no meio de um grande movimento evangélico que acabaria por levar à completa renovação da humanidade na Terra:

"Aquele apóstolo favorecido que, mais do que qualquer outro, parece ter compreendido "a amplitude, comprimento, profundidade e altura do amor de Cristo", sugere-nos idéias da extensão e eficiência da grande redenção que nossa incredulidade latente dificilmente pode receber. Ele não hesita em afirmar que a obra restauradora de Cristo acabará por reparar mais do que a ruína causada pelo pecado. "Como pela desobediência de um homem, muitos foram feitos pecadores, assim, pela obediência de Um, muitos serão feitos justos". Não faria

[441] Veja Duncan McKenzie, "A posição de JS Russell no milênio, a terceira via negligenciada de preterismo", http://www.preteristarchive.com/Modern/2006_mckenzie_russell-neglected.html

[442] Russell, A Parousia , 523

sentido nessa comparação se "os muitos" de um lado da equação não tivessem proporção com "os muitos" do outro lado. Onde abundava o pecado, abundava a graça além da medida; que como o pecado reinou na morte, Rm. 5:19-21).

Não se enquadra no escopo desta discussão argumentar sob bases filosóficas a probabilidade natural de um reino de verdade e retidão na terra; estamos felizes em ter certeza da consumação por motivos mais elevados e mais seguros, até as promessas dAquele que nos ensinou a orar: "Seja feita a sua vontade na terra, como no céu". Pois toda oração ensinada por Deus contém uma profecia e transmite uma promessa. Este mundo não pertence mais ao diabo, mas a Deus. Cristo a redimiu e a recuperará, e atrairá todos os homens a ele".[443]

Independentemente de sua opinião seguir os credos de outros, ele nunca foi considerado desprezado ou disciplinado, de acordo com seus credos dominantes na Aliança Evangélica [444] e na Igreja Congregacional.[445] Seus colegas não colocaram uma dessas acusações a seus pés. De fato, o presidente da Aliança Evangélica nos dias de Russell, Philip Schaff, o apoiou - e ele literalmente escreveu um livro sobre os credos.[446] Ele não sentiu necessidade de sugerir a censura ou disciplina de Russell após a publicação de qualquer edição de seu trabalho. De fato, ele incorporou o livro ao seu Dicionário da Bíblia, sob o título "parousia".

A Parousia não era um livro herético após o lançamento; não é um livro herético agora e nunca deve ser considerado assim. Se os teólogos atuais encadearem o conteúdo deste livro, o legado de

[443] Russell, The Parousia , "Sumário e Conclusão".
[444] "A base doutrinária da Aliança Evangélica", http://www.ccel.org/ccel/schaff/creeds3.v.viii.html (1846)
[445] The Savoy Declaration", http://www.reformed.org/documents/Savoy_Declaration (ed. John Owen, 1658)
[446] Philip Schaff, Os Credos da Cristandade, com uma História e Notas Críticas, (Nova York: Harper, 1877)

liberdade religiosa deixado em suas páginas terá sofrido perdas.

Felizmente, devido, em grande parte, à liberdade de expressão oferecido pela Internet no século 20, dissidentes cristãos subiram novamente para as demandas de liberdade espiritual. Se os leitores de The Parousia continuam aceitando seu arriscado desafio de defender a Verdade, então talvez a apresentação de James Stuart Russell de Jesus Cristo como o Salvador de todo o mundo - no sentido militante da igreja - seja verdadeira.

JAMES STUART RUSSELL - CAMPEÃO DA LIBERDADE CRISTÃ

O Rev. JS Russell e o Apóstolo João compartilham algo em comum historicamente: ambos foram apanhados nos mares de guerra entre "Igreja e Estado". Da mesma forma, em todo o mundo de hoje, existem numerosos governos com a intenção de limitar a propagação do Evangelho de Jesus Cristo apenas a fontes licenciadas pelo Estado. Muitas vezes parece que a liberdade de comunicação religiosa está no centro da batalha no século 21:

"aqui mal existe um país do Marrocos ao Paquistão no qual os cristãos são totalmente livres para adorar sem restrições. Muçulmanos que se convertem ao cristianismo ou a outras religiões na maioria dessas sociedades enfrentam severas penalidades. Atualmente, existe um alto risco de que as Igrejas desapareçam de seus corações no Oriente Médio. O sofrimento não é menos agudo em outro lugar".[447]

Instrutivo a esse respeito é o caso das lutas do Rev. Russell pela liberdade religiosa em Berlim, Alemanha. Tendo trabalhado com cristãos alemães durante a ascensão do Império Austríaco, ele finalmente conseguiu entregar a mensagem da Aliança Evangélica da

[447] Rupert Shortt, "Cristãos perseguidos em todo o mundo" (The Telegraph, 29 de outubro de 2012)

unidade cristã à Alemanha em 1857.[448] Por oitenta anos, as alianças forjadas durante esses primeiros dias floresceram, permitindo-lhes a maior liberdade cristã encontrada dentro da Europa internacional. Então, após a Primeira Guerra Mundial, até a ascensão completa do Terceiro Reich na Grande Alemanha, essas liberdades foram corroídas constantemente e foram finalmente cortadas completamente. As forças anticristãs cercaram completamente o campo dos santos daquela nação, e a igreja estatal da Alemanha ficou totalmente comprometida pela Teologia Ariana de seu governo pagão.

Em última análise, em 1 de Julho de 1937, o ditador desse império esmagado toda a dissidência cristã audível, simbolizado pela prisão de Martin Niemö ller e a dissolução da Aliança Evangélica alemã.[449] O domínio do Estado nazista sobre as igrejas continentais da Europa se tornou como o "MISTÉRIO BABILÔNIA" do primeiro século. Qualquer atividade cristã verdadeira desde a data de 1937 até maio de 1945 foi realizada secretamente e com espionagem.

Então, como se a história estivesse seguindo pistas do Apocalipse de João, a chegada de uma libertação divina esmagou a prostituta nazista, espalhando cada pedaço da abominável igreja estatal do Terceiro Reich aos quatro ventos.

---

[448] Edward Steane, A Condição Religiosa da Cristandade, Terceira Parte: Exibido em uma série de papéis preparados na instância do ramo alemão da Aliança Evangélica e lidos na conferência realizada em Berlim em 1857 (Londres: Escritório da Aliança Evangélica, 1859)

[449] O anúncio oficial de sua prisão, declarou: "que por um longo tempo Niem ö ller vinha fazendo declarações provocatórias em púlpito e em endereços públicos; que ele difamava personalidades importantes do estado e de medidas estatais; que ele causou inquietação entre a população. Da mesma forma, ele havia pedido uma rebelião contra as leis e ordenanças estatais. Suas declarações são a tarifa constante das potências estrangeiras hostis". (Ernst Christian Helmreich, As igrejas alemãs sob Hitler: histórico, luta e epílogo , Detroit: Wayne State University Press, 1979.), 346. cf. 1 Coríntios 6:1-7

Aqueles que permitiriam a invasão da liberdade religiosa através da instituição de incorporação da igreja devem considerar o exemplo da deriva gradual da mistura de estado da igreja da Alemanha. A incorporação da igreja foi o Stalingrado do cristianismo alemão.[450] Uma vez que a incorporação da igreja comprometeu a questão da autoridade, as igrejas cristãs da Alemanha travaram uma batalha perdida contra o ataque do inimigo. Mesmo que não tenha sido bem-sucedido inicialmente contra a maré crescente da tirania, devemos lembrar os frutos desse trabalho, como na Alemanha pós-Segunda Guerra Mundial:

"A igreja confessante. . . . havia lutado contra o estado para manter a própria existência da igreja. Sua oposição causou angústia, sofrimento e dor. Mas também trouxe uma aceleração do espírito e uma reavaliação de valores. Os anos de oposição estabeleceram as bases e estabeleceram as diretrizes para a reconstrução da igreja na nova Alemanha".[451]

A mão do rei dos reis, Jesus Cristo, é contra qualquer igreja estatal que procura dominar ilegalmente Seus súditos legítimos.

Aqueles que tentam tomar o controle sobre Seu povo controlando a expressão de Seu Evangelho estão em rebelião ao Poder Superior.[452]

---

[450] Stalingrado foi o ponto de virada militar (Capitão Dennis W. Dingle, "Stalingrado e o ponto de virada da frente soviético-alemã", 1977), http://www.dtic.mil/dtic/tr/fulltext/u2/ a212034.pdf

[451] Helmreich, As igrejas alemãs sob Hitler , 346

[452] Romanos 13:1. Considere o seguinte de Kevin Craig: "Não podemos mais dizer eu acredito porque a Santa Mãe, a Igreja ensina". Já não podemos dizer eu ajo porque o Big Brother the State comanda". Devemos receber nossas ordens de Cristo. (Uma revisão de Keith A. Mathison, ed. Quando essas coisas serão? Uma resposta reformada ao hiperpreterismo). Além disso, as últimas palavras da luterana Sophie Scholl: "Como podemos esperar que a justiça prevaleça quando quase ninguém está disposto a se entregar individualmente

Todas as nações que subvertem o Evangelho, ordenando doutrinas e práticas no âmbito das políticas públicas, são notificadas quanto ao cumprimento declarado. As conseqüências de ignorar a advertência de Deus foram totalmente exibidas para a "geração escolhida" dos contemporâneos de João - mas também por seus escritos para todas as gerações seguintes. E, como foi revelado ao apóstolo João no primeiro século, a James Stuart Russell no século XIX e a Dietrich Bonhoeffer no século XX, todas essas tentativas estão fadadas ao fracasso e garantem a derrota ignominiosa dos perpetradores.

ELOGIO PARA JAMES STUART RUSSELL

Para encerrar, o resumo de 1912 do autor JE Clowes fornece um elogio adequado para um dos mais dedicados amantes cristãos históricos da liberdade - James Stuart Russell:

Em poucos homens, o ideal do ministério cristão foi realizado mais plenamente do que no Dr. Russell. Ele era um pregador impressionante, com um estilo notavelmente simples, claro e direto, e uma feliz escolha de palavras. Nenhuma classe de ouvintes foi negligenciada por ele, e suas mensagens ocasionais para os jovens eram aguardados com o maior interesse. Como pastor, ele era um visitante sistemático e avidamente recebido nas casas de seu povo. Embora não tenha intimidade indevida com alguns, ele procurou conhecer cada membro de seu rebanho, interessar-se e compartilhar suas alegrias e tristezas individuais. Com um jeito feliz de dizer a coisa certa no lugar certo, ele aconselhava, mas de maneira oportuna, reprovava ou encorajava conforme a ocasião exigia. Ele era um homem de tato raro e bom senso, intensamente solidário. Absolutamente livre da vaidade ou de qualquer suposição de

---

a uma causa justa. Que dia lindo e ensolarado, e eu tenho que ir, mas o que importa minha morte, se através de nós milhares de pessoas são despertadas e agitadas?" (citado pelo colega de célula Else Gebel)

superioridade, ele se comportou com uma dignidade simples e foi o último com quem alguém teria liberdade. Em todos os relacionamentos e sob todas as circunstâncias, sua conduta era a do verdadeiro cavalheiro cristão, e não apenas ele desfrutava do amor e da confiança inabalável de seu próprio povo, mas também o respeito, a estima e a amizade dos companheiros de cidade que tinham opiniões muito diferentes. por conta própria. Não era incomum ver membros da Igreja da Inglaterra e outras comunhões, homens de destaque e posição, ouvindo com profundo interesse sua pregação e se juntando reverentemente ao culto simples, mas bonito. A capela estava freqüentemente tão cheia que era impossível encontrar lugares para todos, e às vezes a congregação transbordava para a sacristia.[453]

Rev. Todd D. Dennis [454] Coalizão Americana de Igrejas Não Registradas. Universidade Nazarena de Point Loma. 5 de fevereiro de 2013

[453] JE Clowes, Crônicas da antiga Igreja Congregacional em Great Yarmouth, 1642 a 1858, (Great Yarmouth, [Inglaterra: J. Buckle, impressora], 1912.), 82, 83

[454] O método idealista de interpretação teve uma longa associação com o preterismo. Os exemplos podem ser encontrados em Santo Agostinho, Orígenes Adamantius, Justino Mártir e o autor de Hebreus - sem mencionar o próprio Apocalipse de João. Os estudos recentes não foram menos esclarecedores. Charles Homer Giblin expressa bem essa ideia:

"O destino de Jerusalém é causado por dois fatos principais. Primeiro, o povo é insensível aos termos da paz... Em segundo lugar, os governantes do povo (onde os romanos não são excluídos, mas não considerados como os principais responsáveis) cometeram injustiça e, assim, causaram a ruína do povo. O destino de Jerusalém, no entanto, não é, em última análise, considerado um evento em si - é um sinal para os outros e está expressamente relacionado ao tempo para o julgamento das nações. Tudo isso se mostra relevante, parabolicamente, para os leitores de Lucas, um homem de riqueza e influência, educado, que se espera perceber em "uma história" o que deve ser feito e o que deve ser evitado, para discernir modelos de bem e de mal, com suas consequências para a sociedade como ele a conhece. De fato, a lição de Lucas, a propósito de seu relato da destruição de Jerusalém, deve ser interpretada como uma pergunta feita na mente do leitor

ESCRITOS CONHECIDOS DE JAMES STUART RUSSELL

- 1850: Uma folha do início da história da antiga igreja congregacional em Great Yarmouth. 1642-1670 (impressão privada)
- 1853: É possível restaurar a unidade entre conformistas evangélicos e não conformistas? Uma Palestra do Bicentenário (pub. John Snow, 16 páginas)
- 1854: Não conformidade no século XVII: um discurso histórico, proferido na celebração do bicentenário da Igreja Congregacional, Wattisfield, Suffolk (pub. Fletcher e Alexander, 36 páginas)
- 1870: "A Aliança Evangélica: seus objetos e sua influência na promoção da união cristã e da liberdade religiosa" (não publicado)
- 1878: The Parousia: Uma Investigação Crítica da Doutrina do Novo Testamento sobre a Segunda Vinda de Nosso Senhor (pub. Daldy, Isbister & co., 561 páginas)
- 1887: The Parousia: A Critical Inquiry na doutrina do Novo Testamento da Segunda vinda de nosso Senhor (Pub T. Fisher Unwin, 2 edição com um novo prefácio)
- 1887: "Comentários sobre o 40º aniversário da Aliança Evangélica" (Cristandade Evangélica , Vol. 41, p. 314)
- 1888: "Uma tréplica pelo autor, Rev. JS Russell, MA" (The Congregational Review , Volume 2, Parte 1, fevereiro de 1888, pp. 148-151)

---

datilografado: Se foi o que aconteceu com Jerusalém por causa da maneira como Jesus e os que o representam, seus discípulos, foram tratados, o que acontecerá à minha cidade / nação / sociedade se ele (e seus seguidores, que o representam) forem tratados da mesma forma? O que eu, como homem respeitado e com alguma influência, devo fazer?" (A destruição de Jerusalém segundo o evangelho de Lucas: um moral histórico-tipológico, Biblical Institute Press, 1985, 123 páginas)

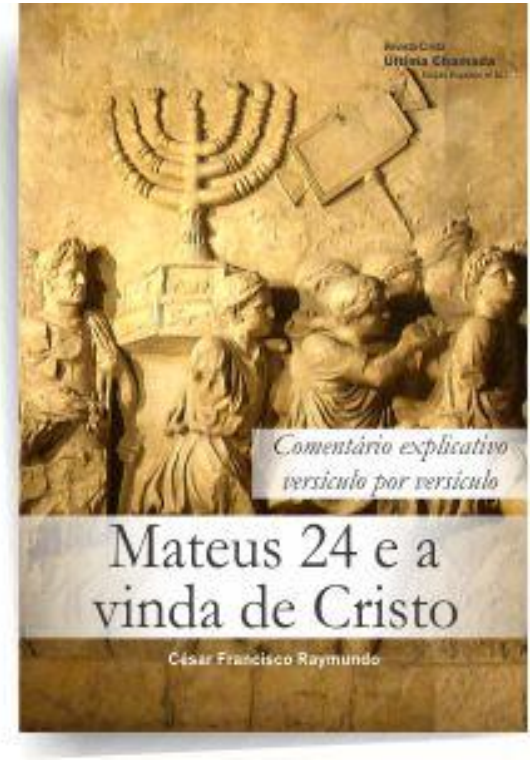
Obras importantes para pesquisa

Imagine um guia simples, prático e objetivo sobre o qual um leigo possa ser iniciado no Preterismo? Esta é a proposta do e-book "Guia para iniciantes do Preterismo" escrito por Gary DeMar.

Neste e-book, o leitor encontrará um texto altamente elucidativo, notas explicativas, ilustrações e um entendimento geral sobre o que é a profecia bíblica e o Apocalipse. Também possui uma lista de grandes obras para consulta para aprofundamento no Preterismo.

Este e-book é altamente recomendado e é leitura obrigatória para aqueles que desejam iniciar seus conhecimentos para entender o Preterismo.

Link:
www.revistacrista.org/literatura_guia_para-iniciantes_do_preterismo.html



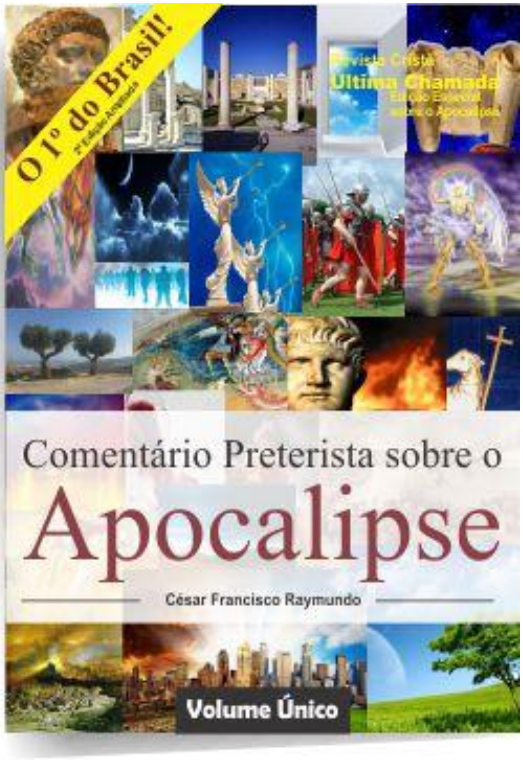
.A maioria de todo o discurso atual sobre o fim do mundo e a vinda de Cristo é retirado de Mateus capítulo 24. É neste capítulo que Cristo falou dos oito sinais de sua "vinda", tais como guerras, rumores de guerras, fomes, pestes, terremotos, evangelho sendo pregado em todas as nações e o amor se esfriando.

O problema é que nem sempre os cristãos acreditaram que Mateus 24 seja uma referência ao fim do mundo e a vinda de Cristo.

Pelo contrário, Mateus 24 fala não sobre o fim do mundo físico, mas sobre o fim da era judaica e a destruição do templo e Jerusalém e sobre a vinda de Jesus em julgamento contra Israel, eventos estes que ocorreram no ano 70 d.C. quando muitos discípulos ainda estavam vivos.

Nesse e-book o leitor terá um estudo detalhado e um comentário versículo por versículo sobre o que Jesus de fato ensinou em Mateus 24.

Link:
www.revistacrista.org/literatura_Revista023.html



É com satisfação que apresentamos o primeiro e mais completo Comentário Preterista sobre o Apocalipse nunca antes publicado no Brasil. Nunca antes na história do país tivemos um comentário completo sobre o Apocalipse do ponto de vista preterista. Nele são comentados todos os 404 versículos do Apocalipse.

Este comentário é composto de Introdução, Evidências Internas e Externas sobre a data do Apocalipse, além de que é comentado minuciosa, exegética, histórica e gramaticalmente cada capítulo do Apocalipse. São mais de 500 páginas com conteúdo espiritualmente enriquecedor.

É um fato inédito que pela primeira vez vamos ter uma literatura que combata o que erronemanente tem sido ensinado sobre o Apocalipse nos últimos dois séculos. Sem ficção, sem fantasia e com muita base firmada em Cristo é que preparamos essa obra.

Link:
www.revistacrista.org/literatura_Comentario_Preterista_sobre_o_Apocalipse_Volume_Unico.html